7 SETEMBRO

1922

Nº 25 ANNO: II



D. Pedro I
Imperador do Brasil

Illustração Brasileira

Orgão Official da Commissão Executiva do Centenario da Independencia

7 DE SETEMBRO

PREVISORA RIO GRANDENSE

COMPANHIA DE SEGUROS VIDA FOGO E TRANSPORTES

CAPITAL 5.000:000$000

FUNDO DE GARANTIA MAIS 17 MIL CONTOS

Pagamentos effectuados de apolices vencidas e sinistradas de 25-XII-1920 até 30 de Setembro de 1921, réis: 2.803:538$876

MATRIZ

RIO DE JANEIRO

AVENIDA RIO BRANCO 22-26

EDIFICIO PROPRIO



BY APPOINTMENT

Premios Sportivos
na Casa
MAPPIN & WEBB
100, OUVIDOR
Rio de Janeiro
Casas em : — São Paulo, Buenos Aires, Paris, Roma, etc., etc.

INVENTARIO -BN
00.173.371-0

MEMORIAL PROFISSIONAL DA Illustração Brasileira GUIA DOS FORASTEIROS

PERFUMARIAS

C. BAZIN & Cia. — Perfumarias finas. Avenida Rio Branco 131 — Rio de Janeiro.

LIVRARIAS

LIVRARIA CASTILHO — Livros nacionaes e estrangeiros — A. J. de Castilho, Editor — Endereço telegraphico: Castilho — Rua da Alfandega 120, 1º andar — Rio de Janeiro.

LIVRARIA ALVES — De Paulo de Azevedo & Cia. — Casa fundada em 1854. Caixa postal 658. Endereço telegraphico: Alvesia. Matriz: Ouvidor 166. Filiaes: São Paulo e Bello Horizonte.

MODAS

CASA SUCENA — As ultimas creações da moda pelos menores preços — Av. R. Branco.

FRUCTAS

CASA CARVALHO — Fructas, queijos, molhados, comestiveis. Machado Carvalho & C. — Av. Rio Branco 163.

AGUAS MINERAES

CAXAMBU — FONTE S. PEDRO

PAPELARIAS

ALMEIDA MARQUES & Cia. — Fundada em 1876 — Rua da Quitanda 58, Rio.

CASA LEUZINGER — Fundada em 1840 — J. D'Almeida Lustosa — Ouvidor 89 — Rio.

MOVEIS

HELMO PINHEIRO & Cia. — Armadores, estofadores, tapeçarias, moveis, decoração para salas, cortinas, oleados, tapetes, capachos — Quitanda 33 — **Casa Boiteux.**

JOÃO VIDAL — Artigos de moveis e tapeçarias, variado sortimento, vendidos a preços baratissimos, para reducção do grande "stock", ultimamente chegado. — Ouvidor 87, Rio.

MAGALHÃES MACHADO & Cia. — Rua dos Andradas 19 e 21, em communicação com a rua Vasco da Gama ns. 22 e 24 — Os maiores armazens de moveis desta capital — Grande Fabrica — Tel. Norte 2037 — **Casa fundada em 1876.**

OFFICINAS

OFFICINA electrica de galvanisador. Pelo systema galvanoplastico — Miguel Pappaterra. — Doura-se, prateia-se, nickela-se, bronzea-se — Alfandega 168.

ELECTRICIDADE

CASA BERTHOLDO — Rodolpho Waehneldt — Material para luz e força. Lustres, "abat-jours", lampadas de mesa, arandellas. — Rua Th. Ottoni 90, proximo á Av. Rio Branco.

COMPANHIA MERCANTIL BRASILEIRA — Rua de São Bento 14 e 16 — Telephone 2998, Norte. Caixa 1666. End. teleg. **Vivaz.**

CASAS IMPORTADORAS

M. ALMEIDA & Cia. Rio, São Paulo e Santos. — Ferragens, machinas e vias ferreas — Assembléa 40, Rio.

DOMINGOS JOAQUIM DA SILVA & Cia. — Madeiras e materiaes — Escriptorio: S. Pedro 54, Rio.

JOHN JURGENS & Co. Importação de productos chimicos e côres de anilina para todas as industrias — Alfandega 120, Rio.

PESTANA DA SILVA & Cia. — Casa fundada em 1848 — Ferragens, tintas, oleos, cimento e outros artigos para construcções — Primeiro de Março 21.

CHAPÉOS

CASA LEIVAS — Ourives 9 — Chapéos finos — Clientes: os homens elegantes — Ourives 9, Rio.

SEGUROS DE VIDA

NEW-YORK LIFE INSURANCE COMPANY — Dividendos annuaes — Agencia: Ed do "J. do Commercio", 2º andar, Rio.

PHARM. E DROGARIAS

MOURA BRASIL — Pharm. F. Moura Brasil — 37, Uruguayana — Teleph. 2433 Central, Rio.

PHARMACIA SOLIMÕES — Rua de São José 112, em frente á Galeria Cruzeiro, ponto dos bondes.

F. GIFFONI — Deposito dos afamados productos F. Giffoni. Rua 1º de Março 17, Rio.

V. WERNECK & C. — Depositarios dos conhecidos preparados Werneck — Rua dos Ourives 5 e 7.

Pedras preciosas brasileiras — Em grande quantidade. Especialidade e lapidação da Joalheria Hugo Brill, Avenida Rio Branco 125.

HOMŒOPATHIA

Grande laboratorio homœopathico J. F. Pinho Filho — Rua da Assembléa 61, Rio.

MURTINHO NOBRE & Cia. — Homœopathia — Alimentos dieteticos — Hygiene. — Casa vantajosamente conhecida em todo o Brasil. Rio de Janeiro — 58, rua Gonçalves Dias, e em S. Paulo na rua Boa Vista n. 10 — **Murtinho Nobre & Cia.**

FABRICAS

SOUZA MACHADO & Cia. — Fabrica de chapéos — Escriptorio: S. Pedro 68. Fundada em 1877, Rio.

FONSECA SEIXAS — A primeira fabrica de malas — Premiada em varias exposições — Completo sortimento. — Rua Gonçalves Dias n. 50 — Tel. 4956, Rio.

COUROS E PELLES

BREISSAN & Cia. — Casa fundada em 1838, pelo Sr. Hilevrat Breissan, e da qual é chefe actualmente o seu neto. — Artigos para sapateiros, selleiros, corrieame, etc. Rua Buenos Aires 98 e 100.



SÉDE: BAHIA

AGENCIA NO RIO DE JANEIRO: — Edificio do "Jornal do Commercio", 1º andar.

LOTERIAS FEDERAES

COMP. DE LOTERIAS FEDERAES — Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, á rua Visconde de Itaborahy 45. Bilhetes á venda na rua 1º de Março 88, Rio.

NAZARETH & Cia. — Pagam-se todos os bilhetes da Loteria Federal — Ouvidor 94 — Caixa 817 — Rio.

CASA CARNEIRO — Armazem de couros e pelles preparados. Guedes Carneiro & Cia. Importação e exportação. — Telephone 2216 Central — Rua Sete de Setembro 73.

FLORES

FLORICULTURA BARBACENA — Ernesto Giesi — Assembléa 113, telephone 1837 Central.



Sociedade Anonyma de Seguros sobre a Vida

Séde: AVENIDA RIO BRANCO, 87

RIO DE JANEIRO

LOTERIAS ES ADUAES

LOTERIA DO ESTADO DO RIO — Systema de urnas e espheras. Fiscalisada pelo Governo do Estado. Vende-se em toda parte. Rua Visconde do Rio Branco 400, Nictheroy.

CASA GAUCHO — Loterias, commissões e descontos. Attende-se a pedidos do interior para todas as loterias. End. tel. **Gaucho.** Caixa postal 481. Teleph. 5470 C. — L. Costa & C. — Rua Chile 3, Rio de Janeiro.

GRANDES ARMAZENS

COELHO, MARTINS & Cia. — Grande emporio de cortiça e rolhas — Importadores de vinhos portuguezes e francezes, cognacs, whiskies, licores, aguas mineraes, conservas, etc. Encarregam-se de engarrafar vinhos em seus armazens e casas particulares. End. tel. "Boasrolhas". Caixa postal n. 1621. Codigo "Ribeiro". Telephone 506 Central — Rua Uruguayana ns. 21 a 25, Rio de Janeiro.

BARBOSA ALBUQUERUE & Cia. — Importadores e exportadores, com armazens de molhados por atacado, café secca, assucar, arroz, bacalhão e mantimentos. Recebem a consignação café, fumo, toucinho, queijo e mais generos do paiz. Commissarios de café. — Rua do Rosario, 01, 102 e 104. — Depositos: 333, Rua da Saude 333 — Rio de Janeiro.

M. CARVALHO MACHADO & Cia. — Importadores dos artigos para colhoeiros. Importação directa de todos os artigos concernentes a colchoria. — Preços resumidos — Telephone 1142, Norte. Rua da Alfandega n. 15, Rio de Janeiro.

CIRURGIA

CASA MORENO — Moreno Borlido & Cia. Ouvidor 142, Rio de Janeiro — Casa completa no seu genero.

BANCOS NACIONAES

BANCO DO BRASIL — Alfandega 17. Agencias e Correspondentes em todas as praças nacionaes. Opera em descontos de letras, notas promissorias, etc., empresta mediante caução de apolices, debentures e acções de Bancos e Companhias. Encarrega-se de cobranças no interior e exterior, da compra e venda de titulos publicos e do recebimento dos respectivos juros e dividendos, bem como da remessa do liquido producto aos committentes. Recebe dinheiro em contas correntes, a prazo fixo e em letras a premio e mantem um serviço de contas limitadas. Saca sobre o exterior em cambiaes e cartas de credito.

PATENTES DE INVENÇÕES

PRIVILEGIOS — Leclerc & Cia., successores de Jules Géraud, Leclerc & Cia. — Rua do Rosario n. 166 (antigo 116) — Obtêm patentes de invenção no Brasil e no Estrangeiro. Encarregam-se de registrar marcas de fabricas e do commercio e obras artisticas e literarias. Ninguem melhor para orientar o publico em assumptos dessa natureza.

COMP. DE VAPORES

THE ROYAL MAIL STEAM PACKET CO. — THE PACIFIC STEAM NAVIGATION CO.

THE ROYAL MAIL STEAM PACKET COMPANY — Mala Real Ingleza — Telephone 6950 Norte — Avenida 51 a 55.

ADVOGADOS

DR. OSWALDO DE SOUZA E SILVA — Acceita causas civeis e commerciaes e adeanta custas — Esc. Rua do Rosario, 151 — Rio.

ESTABELECIMENTOS GRAPHICOS

GRANDE ESTABELECIMENTO GRAPHICO — Fundado em 1845 — Pimenta de Mello & C. — Especialidade em chromolithographia, cartas geographicas, diplomas, acções, lettras de cambio, apolices, retratos, cartazes, rotulos e todos os trabalhos commerciaes typographicos; livros em branco, papel e objectos para escriptorio; qualquer trabalho em alto-relevo typographico ou lithographico e timbragem — Rua Sachet, 34 — Tel. 1828 Central. End. teleg. Pimentamello, Rio — Officinas. Rua Visconde de Itaúna, 419. Tel. 5996. Villa.

CONFEITARIAS

CONFEITARIA COLOMBO — O mais rico e luxuoso salão de chá, onde se reune o que ha de mais distincto na Sociedade Carioca. O melhor serviço para Banquetes, Lunchs e Soirées. Annexo á Confeitaria o melhor armazem de comestiveis finos, bebidas, etc. — França & Cia. — 32 a 36, Rua Gonçalves Dias.

LEILOEIROS

VIRGILIO (Virgilio Lopes Rodrigues) — Leiloeiro — Rua São José 70. Telephone 2276 Central, Rio de Janeiro. Nos seus amplos armazens da rua S. José realisam-se sempre leilões de artes. A preferencia que lhe dispensa o publico deu ao Virgilio o titulo justo do mais popular leiloeiro do Rio.

TERRENOS

VILLA AMERICA — Amarahy — A dinheiro, com 10 % de abatimento, ou a 60 prestações mensaes — Metro quadrado de 15$, 18$ e 2$000 — Informações na rua Barão de Mesquita 826 A — Bonds do Engenho Novo e Uruguay.

LIVROS

ACABA DE APPARECER: Cidade Maravilhosa, poema de Olegario Marianno. Para breve: Alma barbara, contos de Alcides Maya (da Academia Brasileira) — Editores: Pimenta de Mello & C. Rua Sachet, 34. Rio de Janeiro.

REVISTAS ILLUSTRADAS

AS MAIS PROCURADAS: O Malho (semanario popular), **O Tico-Tico** (publicação infantil), **Leitura para Todos** (o lindo magazine mensal), **Para todos...** (revista mundana cinematographica), **Illustração Brasileira** (a mais nobre e mais bella publicação nacional).



Leve uma

Kodak comsigo

Fornecida por todos os distribuidores de Kodaks

Kodak Brasileira, Ltd., Rua Camerino 95, Rio de Janeiro

The Western Telegraph Company, Limited.

As primeiras tentativas para o estabelecimento de communicações telegraphicas entre a Europa e as Americas, datam de 1864.

S. M. o Imperador do Brasil, S. M. o Imperador dos Francezes, S. Ex. o Presidente do Haity, S. M. o Rei da Italia e S. M. o Rei de Portugal e Algarves, querendo facilitar o estabelecimento de uma linha telegraphica internacional entre Europa e America, e desejando assegurar ás correspondencias que fossem trocadas por essa linha as vantagens de um regimen uniforme e de uma tarifa moderada, resolveram celebrar, com este fim, uma convenção especial, e nomearam os seus plenipotenciario.

A Convenção realizou-se a 16 de Maio d'esse anno, e o traçado d'essa linha foi fixado, no seu artigo 3º. Em 1870, o Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, conselheiro Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, tratando do grande problema internacional, informou á Assembléa Geral Legislativa, terem sido acceitas pelo concessionario Pedro Alberto Ballestrini e pelas potencias signatarias da Convenção, as modificações propostas pelo Governo Imperial como condição para adherir-se a ella, e em 31 de Agosto de 1869 foram firmadas as respectivas ratificações, figurando entre as potencias signatarias o Reino da Dinamarca que não entrara nas primitivas negociações.

Por decreto Imperial de 10 de Fevereiro de 1870, foi promulgada a referida Convenção.

Segundo as alludidas modificações, o concessionario obrigava-se, no prazo de 3 annos (em 1872), a trazer o cabo transatlantico ao Cabo de S. Roque, no Rio Grande do Norte .

Ballestrini transferiu seus direitos a terceiros dando origem a uma grande polemica.

Nesse mesmo anno de 1872, reunidos em Paris os representantes dos Estados que firmaram a Convenção pela qual foi concedida a Ballestrini previlegio para a construcção da linha telegraphica entre o Brasil e a Europa, decidiram que caducara esse previlegio, em consequencia de não haver sido construida no prazo marcado a primeira secção da linha contractada.

Assim em liberdade para agir o Governo Imperial, resolveu por Decreto de 16 de Agosto de 1872, conceder autorisação para estabelecer e explorar o cabo telegraphico submarino entre o Brasil e Portugal, ao Barão de Mauá, que embarcou immediatamente para a Europa onde transferiu seu contracto ao syndicato presidido por Sir John Pender que acabava de construir o primeiro cabo submarino dos Estados Unidos, que se achava de posse de concessões authorgadas pelos Governos britannicos e portuguez.

O syndicato de posse do contracto para o Cabo transatlantico e da concessão para cabos costeiros, organisou emprezas, Brasilian Submarine encarregada da linha internacional, e a Western and Brasilian que se encarregou do lançamento e exploração da rêde submarina ao largo do litoral brasileiro. Estas duas companhias fundiram-se em 1899 e constituiram a actual The Western Telegraph Company, Limited.

A 10 de Janeiro de 1874, a linha — o "primeiro telegrapho" interprovincial no Brasil — era aberto ao publico, acontecimento faustoso que encheu de jubilo o paiz inteiro e muito especialmente ao Imperador, o grande D. Pedro II, por cuja realisação se empenhara com ardoroso devotamento.

Em 1890 o cabo transatlantico, cuja concessão não limitava o numero de conductores, foi duplicado, tendo a Western obtido do Marechal Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, devido ao advento da Republica, autorisação para lançar um segundo cabo alternativo daquelle que desde 1874 explorava ao largo da costa do Brasil.

Em 1899, durante o governo do presidente Campos Salles, o Brasil exigio da Western a triplicação da rêde submarina entre Recife e Montevidéo para attender ao serviço crescente não só do sul do paiz como da Argentina, em transito para a Europa.

Coube tambem á Western construir, sem subvenção ou garantia de interesses, como fez em 1874 no Brasil, a linha submarina directa da Argentina á Europa, via Ascencion.

Esta importante empreza, com a construcção de um conductor submarino de 5816 kilometros sem ponto intermediario de aterragem, foi concluido por occasião do Centenario Argentino, tendo sido a respectiva concessão subscripta pelo presidente Figueroa Alcorta.

A Western está construindo rêdes submarinas do Brasil a Barbados, e do Rio de Janeiro a Assumpção, e espera inaugurar essas duas vias telegraphicas directas e rapidissimas, este anno, em commemoração ao Centenario da Independencia do Brasil.

O governo do actual presidente Epitacio Pessôa contractou com a Western, em 1920 a remodelação completa da rêde telegraphica costeira, mediante o augmento dos conductores submarinos, substituição das installações por instrumentos automaticos, e abertura de novas estações telegraphicas.

Dando immediata execução ao contracto, a Western, no corrente anno de 1922, fundou um novo cabo de alta conductibilidade entre S. Luiz do Maranhão e Recife e outro entre Rio e Santos; estendeu a rêde do cabo até Victoria e Maceió, e ligou a cidade de S. Paulo á rêde submarina, abrindo estações ao publico nessas tres cidades.

Deve ainda duplicar os cabos em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul, e continuar a renovação e substituição de diversas secções de seus cabos ao largo do litoral, trabalhos esses que, com os cabos novos, permittirão a triplicação da capacidade transmissora da Western, entre os Estados Unidos, Europa, Brasil, Uruguay e Argentina, sem contar os onze Estados brasileiros actualmente ligados pelos conductores dessa poderosa empreza.

O volume da correspondencia que, ao inaugurar-se o cabo transatlantico em 1874 era, em media, durante os 3 primeiros mezes de 28 telegrammas diarios, e de 46 em 1875, é actualmente de alguns milhares de despachos.

A Western Telegraph é hoje a segunda do mundo quanto á extensão dos conductores telegraphicos submarinos. Seus cabos medem 51.230 kilometros e a extensão total dos cabos das emprezas em trafego mutuo, que constituem o grupo que tem por séde a Electra House, de Londres, é de 223.000 kilometros.

Eis em rapidas notas o valor formidavel da The Western Telegraph Company, Limited, que no continente sul-americano vem se desenvolvendo de uma maneira assombrosa e prestando serviços que são verdadeiramente inestimaveis.

O maximo acervo de serviços prestados á Patria

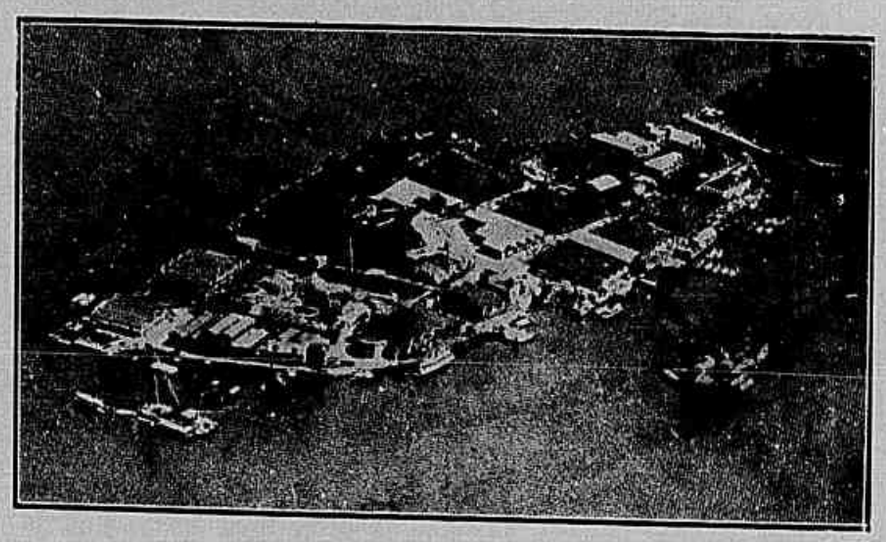
LAGE IRMÃOS

A COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO COSTEIRA

OS GRANDES ESTALEIROS DA ILHA DO VIANNA



Commendador
ANTONIO MARTINS LAGE Jr.
o incorporador da Cia. Nacional de Navegação Costeira e seu primeiro Director-Presidente



Uma bella vista dos Grandes Estaleiros da Ilha do Vianna, tirada em aereoplano



ROBERTO LAGE
Director da Cia. Nacional de Navegação Costeira e seu primeiro Gerente

Datam de 1822 os primeiros alicerces desse magestoso edificio constante do mais bello conjuncto de fortes e inestimaveis elementos impulsionadores do desenvolvimento do nosso commercio, lavoura e industrias, da nossa expansão economica, do nosso progresso, enfim; alicerces esses, lançados naquella epocha, pelos saudosos, honrados commerciantes e armadores: Commendador Antonio Martins Lage—com o estabelecimento e construcção, na antiga e pittoresca ilha das Enxadas, de sua propriedade, de grandes depositos de carvão de pedra para o fornecimento da nossa Marinha de Guerra e de navios mercantes,de Carreiras officinas navaes para a reconstrucção e pequenos reparos de varias embarcações; de indispensavel CAES para carga e descarga daquelle combustivel e fornecimento de agua potavel aos navios ancorados em nossa bella bahia do Guanabara; Commendador Joaquim de Mattos Costa — transferindo de Portugal para o Rio de Janeiro a séde de suas linhas de navegação transatlantica entre aquelle paiz, Indias Inglezas e Costa d'Africa, continuando esse tra-



O Sr. Presidente da Republica, Dr. Wenceslau Braz Ministro da Marinha e comitiva, ladeado pelos irmãos Lage — Antonio, Renaud, Jorge e Henrique — Dr. Carlos Pandiá Braconnot, engenheiro das officinas, e Capitão-Tenente Arthur Rocha chefe da construcção do Caes — em visita aos Grandes Estaleiros da Ilha do Vianna



ANTONIO LAGE
segundo Director-Presidente da Cia. Nacional de Navegação Costeira

fico com a inclusão do Brasil; construindo em terrenos de sua propriedade na Saude e Gambôa além do seu palacete e outras propriedades, as primeiras Carreiras e Diques para a construcção, reconstrucção e pequenos concertos de navios, rebocadores e demais embarcações; estabelecendo-se com o commercio de importação de ferro e aço, da Europa e America do Norte -- de artefactos e varios productos, das Indias Inglezas—como os de exportação de café e outros productos da nossa, então, nascente lavoura e industrias extractivas. Nesses seguros alicerces firmou-se a sua honrada prole, confraternisada, unida, até por laços de familia; d'ahi a origem da legendaria e tradicional **Familia Lage,** cujos descendentes ou componentes das anteriores firmas commerciaes e industriaes — Viuva Lage & Campos, Lage & Filhos, e Lage & Irmãos — foram-se succedendo, sempre na mesma linha recta de honrabilidade, de trabalho intensivo e intelligente, util e producto, sempre riscando o ideal dos seus progenitores—o desenvolvimento da nossa navegação Costeira interestadual—a solução do grande problema, em nosso paiz, da construcção naval -- o que vem de completar a actual, e conceituada firma Lage Irmãos,com a inaugura-



JORGE LAGE
segundo Director-Gerente da Cia. Nacional de Navegação Costeira

LAGE IRMÃOS



HENRIQUE LAGE
terceiro Director da Cia. Nacional de Navegação Costeira e chefe da firma Lage Irmãos



RENAUD LAGE
Engº. Naval e terceiro Director Secretario da Cia. Nacional de Navegação Costeira e socio da firma Lage Irmãos

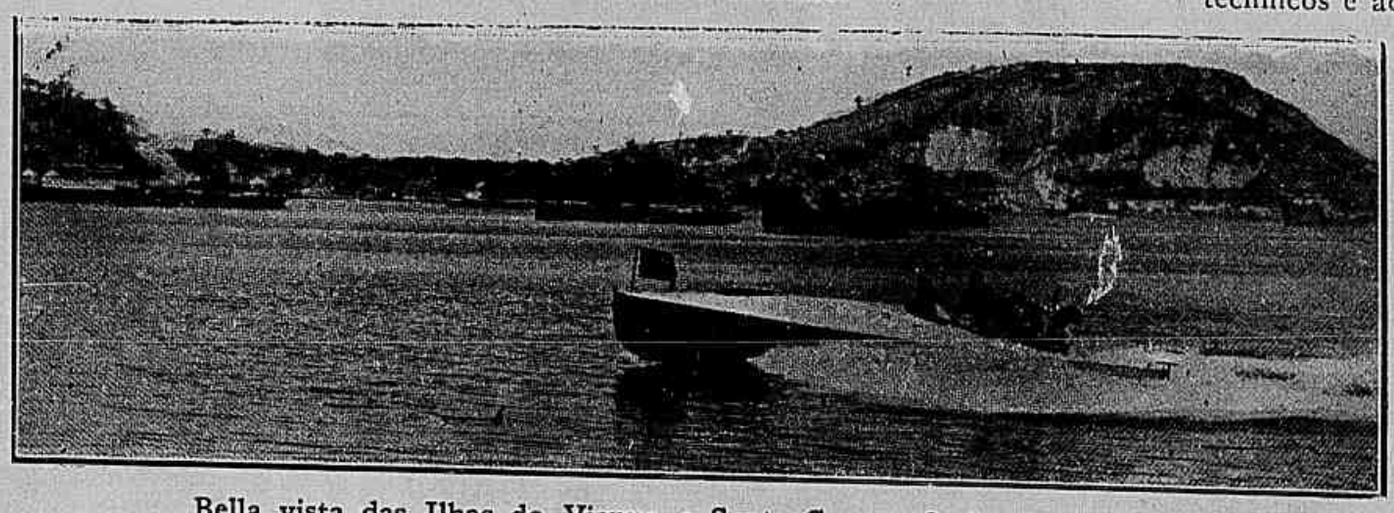


Nova séde dos escriptorios e armazens de Lage Irmãos e da Companhia Nacional de Navegação Costeira, edificio de sua propriedade á Avenida Rodrigues Alves

patriota emerito — Commendador Antonio Martins Lage Junior, incorporador da importante Companhia Nacional de Navegação Costeira, o transformador das Ilhas do Vianna e Santa Cruz em o maior estaleiro da America do Sul; tão inesperadamente ceifado pela morte cruel e traçoeira, privando-nos, a nós, do seu adoravel convivio, como á patria, os seus inestimaveis e utilissimos serviços. Entre os seus distinctos auxiliares, comparticipes das suas victoriosas empreitadas, figuraram os seus queridos irmãos, entre elles, Roberto Lage, alma gentil e generosa, que se tinou no exercicio do cargo de Director Gerente da Companhia N. de Navegação Costeira, que tão justa e acertadamente lhe fôra confiado.

ção desse magestoso e soberbo edificio, que tanto nos honra e felicita que, constitue, pode-se dizer um verdadeiro patrimonio nacional.

Entre os seus dignos e activos proseguidores de tão bellos e felizes emprehendimentos, de tão admiravel conjuncto de verdadeiras maravilhas, tem lugar de grande destaque o heroico batalhador, o seu coração, de gentileza de seu trato, da sua reconhecida intelligencia, da sua extrema actividade, dos seus proprios conhecimentos technicos e administrativos — con-



Bella vista das Ilhas do Vianna e Santa Cruz e da lancha "Manéco" com passageiros em passeio ao redor das mesmas

Ao benemerito Antonio Martins Lage Junior succederam seus estremosos filhos Antonio Renaud Jorge e Henrique, os quaes herdeiros da reconhecida bondade de tinuaram com afinco os seus trabalhos, com o mesmo enthusiasmo, o mesmo amor ao seu torrão natal, á sua gente, completando o sonho adorado do Pae extreme-

LAGE IRMÃOS

O ITAQUATIÁ POR OCCASIÃO DE SER LANÇADO AO MAR



O Sr. Presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessoa, acompanhado do Sr. Renaud Lage, engenheiro que dirigiu a construcção do "Itaquatiá"

cido, honrando a memoria dos seus illustres e saudosos progenitores.

D'ahi vel-os lançando ao mar navios e navios construidos em seus proprios estaleiros; arrancando o ouro negro ao subsólo adquirido; incrementando o commercio interestadoal pelo desenvolvimento das suas linhas de navegação, trabalhando, produzindo, realisando; d'ahi vel-os nesse constante afan de erguer bem alto, no estrangeiro, o nosso nome, já pela propaganda tenaz dos nossos merecimentos, das nossas riquezas, já pela affirmação pratica do que somos, do que poderemos ser como futuros factores do progresso mundial.

E' nesse momento de proseguimento, de desenvolvimento, dos seus importantes centros de actividade, de producção utilissima, que surge de novo a morte impiedosa, por occasião da grippe, cefando a vida preciosa dos seus dois queridos irmãos, Antonio e Jorge, este o disciplinador intransigente, culto e operoso, aquelle, o fino idealisador, o batalhador insigne, ambos cheios de candura, visando sempre a felicidade e conforto alheos.

Mais, embora constrangidos pela auzencia inesperada, dos seus irmãos queridos, os restantes luctadores, Henrique e Renaud, não esmoreceram, ao contrario, esforçaram-se, engrandeceram-se, evitando para as suas emprezas a depressão de tão valorosas perdas.

D'ahi a actividade que se nota nos seus grandes estaleiros, não cingindo-se apenas a reparos de navios, porém, as novas e grandes construcções como a do Itaquatiá, a do Itaguassú, aquelle, já prestando preciosos serviços, este em vespera de ser lançado ao mar; ás construcções e reconstrucções de navios de guerra, nacionaes, e de innumeras embarcações de pequeno callado, como sejam, lanchas, rebocadores, etc., emfim, se preoccupando das construcções de aeroplanos, já iniciadas com o lançamento dos "Rio de Janeiro" e "Independencia".

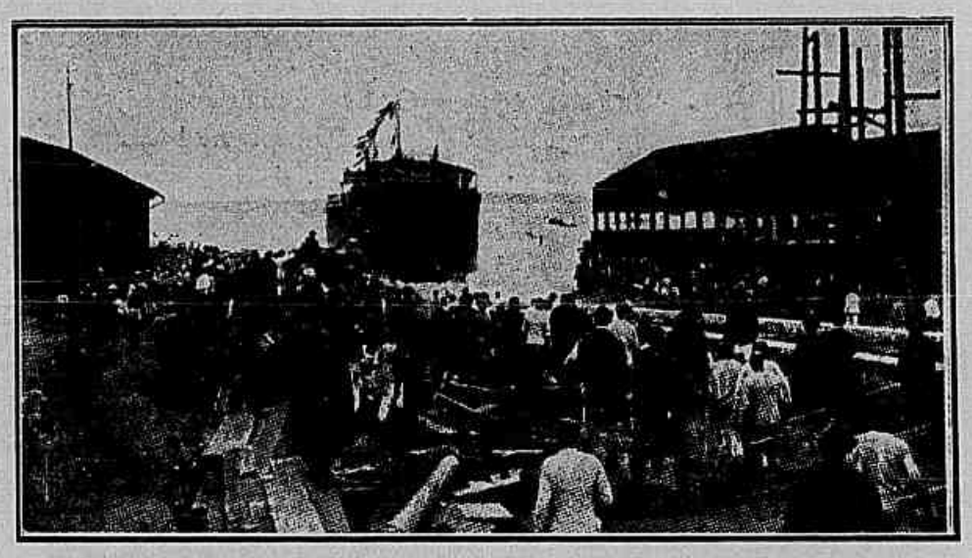
Não bastava, entretanto, á energia dos irmãos Lage, a navegação simplesmente, razão dos seus continuos esforços em pról do desenvolvimento de outros problemas, depois de resolvida por elles, a importante questão — da construcção naval em nosso bello paiz.

Proseguindo, eil-os, agitando-se o problema do carvão nacional, interessando-se pelo assumpto, já explorando as minas de Cresciuma e Lauro Muller; incorporando-se grandes syndicatos interessados na exploração de portos, da pesca, do sal, de oleos combustiveis, de café, mineraes e até de seguros maritimos e terrestres — eil-os, delles comparticipando como maiores accionistas.

E assim, Irmãos Lage, tem vindo conquistando as maiores sympathias, as melhores distincções, desde as classes laboriosas e operarias, a quem proporciona-lhes sempre o trabalho remunerador, até ás classes conservadoras, as quaes, vem prestando constantes e elevados serviços, sobre todos os pontos de vista.



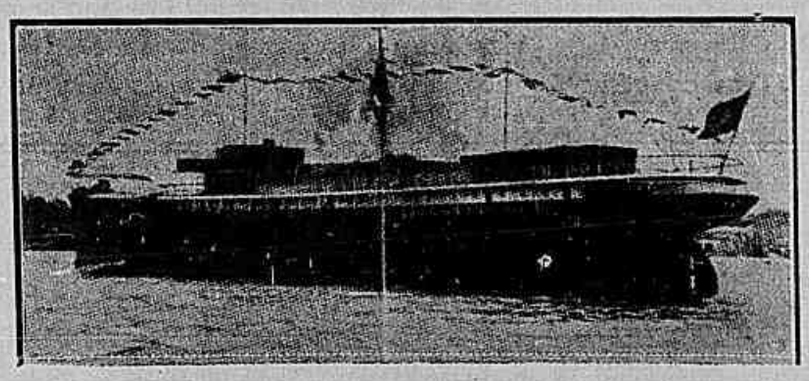
O Sr. Henrique Lage, Director-Presidente da Companhia Nacional de Navegação Costeira, altas autoridades civis e militares



O "Itaquatiá" depois de lançado ao mar



O Revmo. Bispo de Nictheroy benzendo o navio, do qual foi madrinha Mme. E. Pessoa



O "Itaquatiá" fluctuando nas aguas da Guanabara

Entre as melhores provas das justas e merecidas considerações prestadas á conceituada firma "Lage Irmãos", vem muito ao caso salientar, as constantes visitas aos seus importantes centros de actividade industrial nas ilhas do "Vianna" e "Santa Cruz", não sómente por negociantes e banqueiros, nacionaes e estrangeiros, porém pelas altas autoridades do paiz, entre ellas, os illustres — Dr. Wenceslau Braz, quando presidente da Republica, Dr. Raul Veiga, presidente do Estado do Rio, e, Dr. Epitacio Pessôa, actual presidente da Republica, de quem, por occasião da creacção da Caverna-mestre do vapor Itaguassú, uma verdadeira Frota do Trabalho, receberam Lage Irmãos o mais honroso e significativo brinde, que a seguir reproduzimos com o maximo prazer.

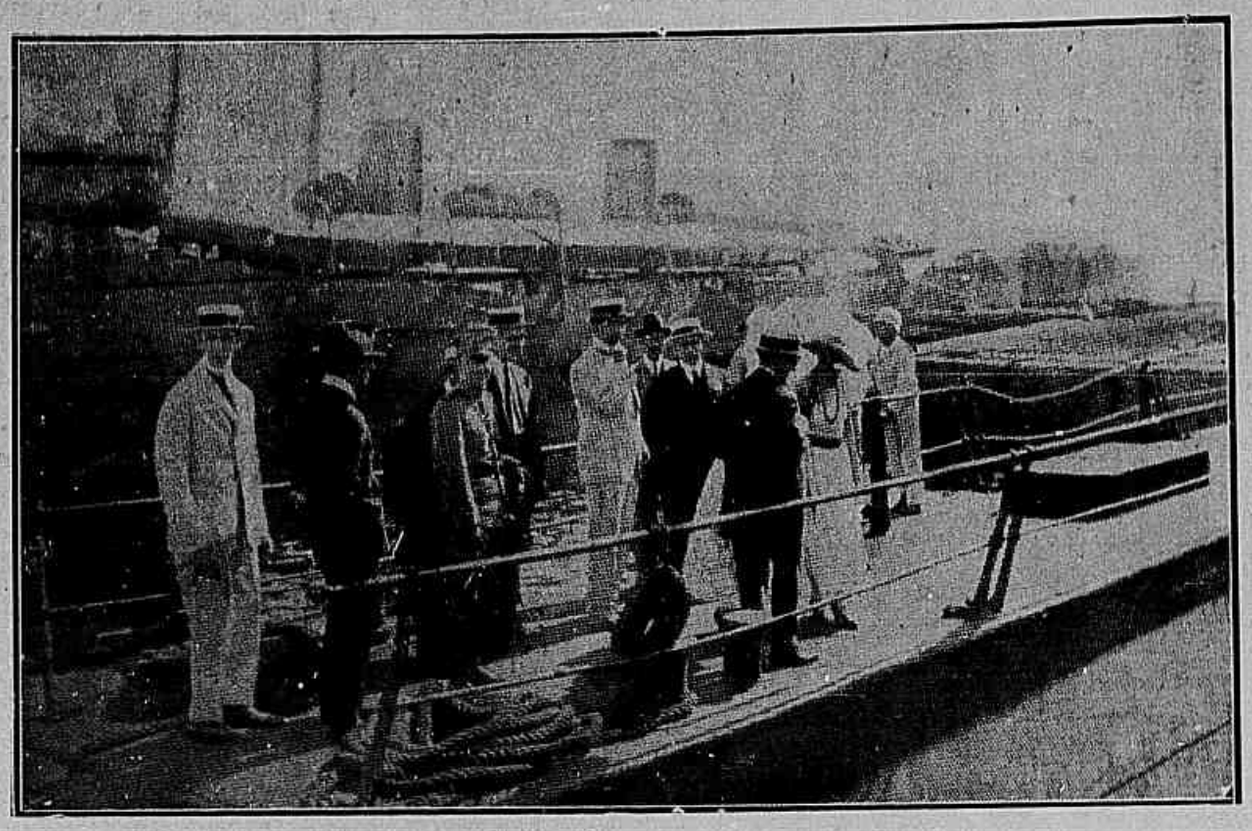
"Meus senhores — A primeira

LAGE IRMÃOS

vez que vim a esta ilha,, para assistir ao lançamento do "Itaquatiá" eu tive apenas ensejo de ver a victoria, as conquistas de esforços que, entretanto, eu desconhecia.

Agora, porém, tive occasião de verificar, com os meus proprios olhos, em plena expansão e actividade, as reservas de força, de intelligencia, de energia e de trabalho com que os srs. Lages continuam a manter as honrosas tradições de sua familia.

Levo desta visita uma impressão de coragem e de confiança que, estou certo, jámais se apagará.

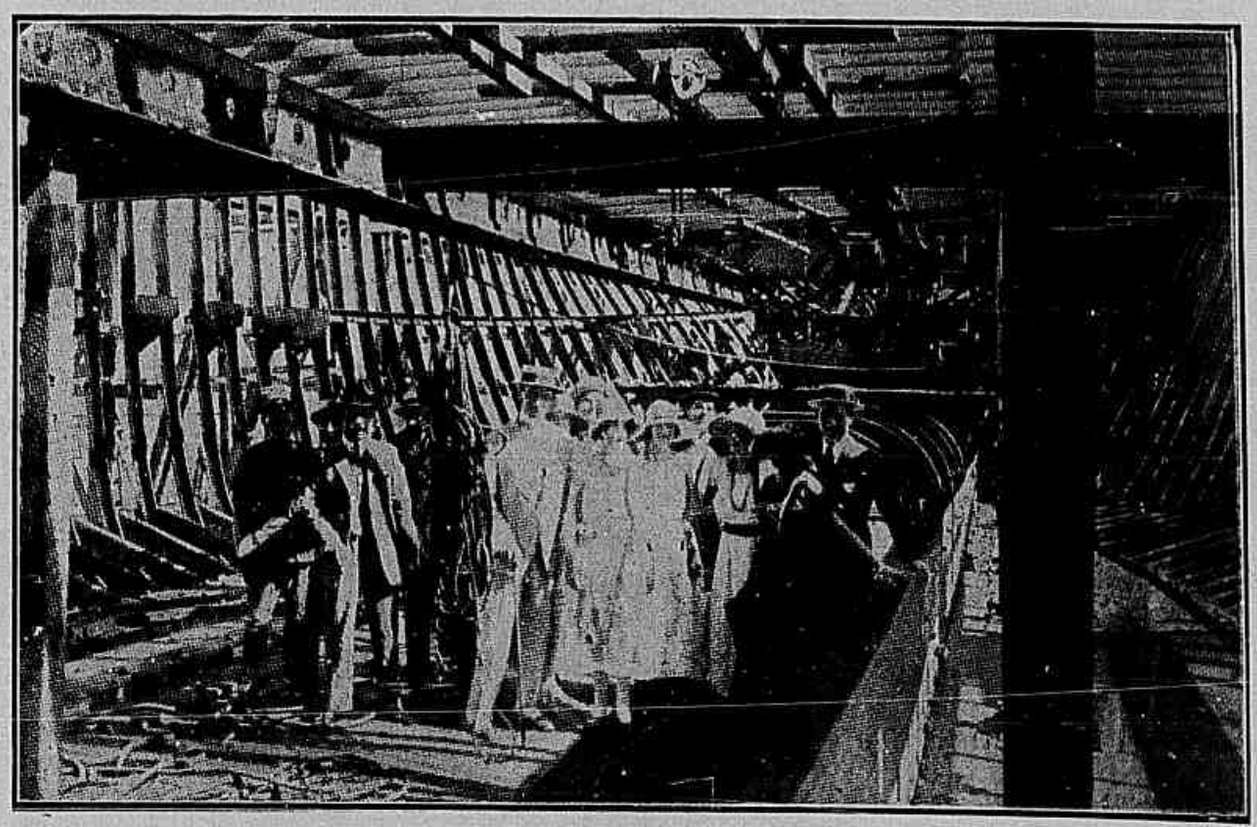


O Sr. Presidente do Estado do Rio, Dr. Raul Veiga, acompanhado do Sr. Renaud Lage, em visita ao Dique, Grande vendo-se ao fundo o scout "Rio Grande do Sul"

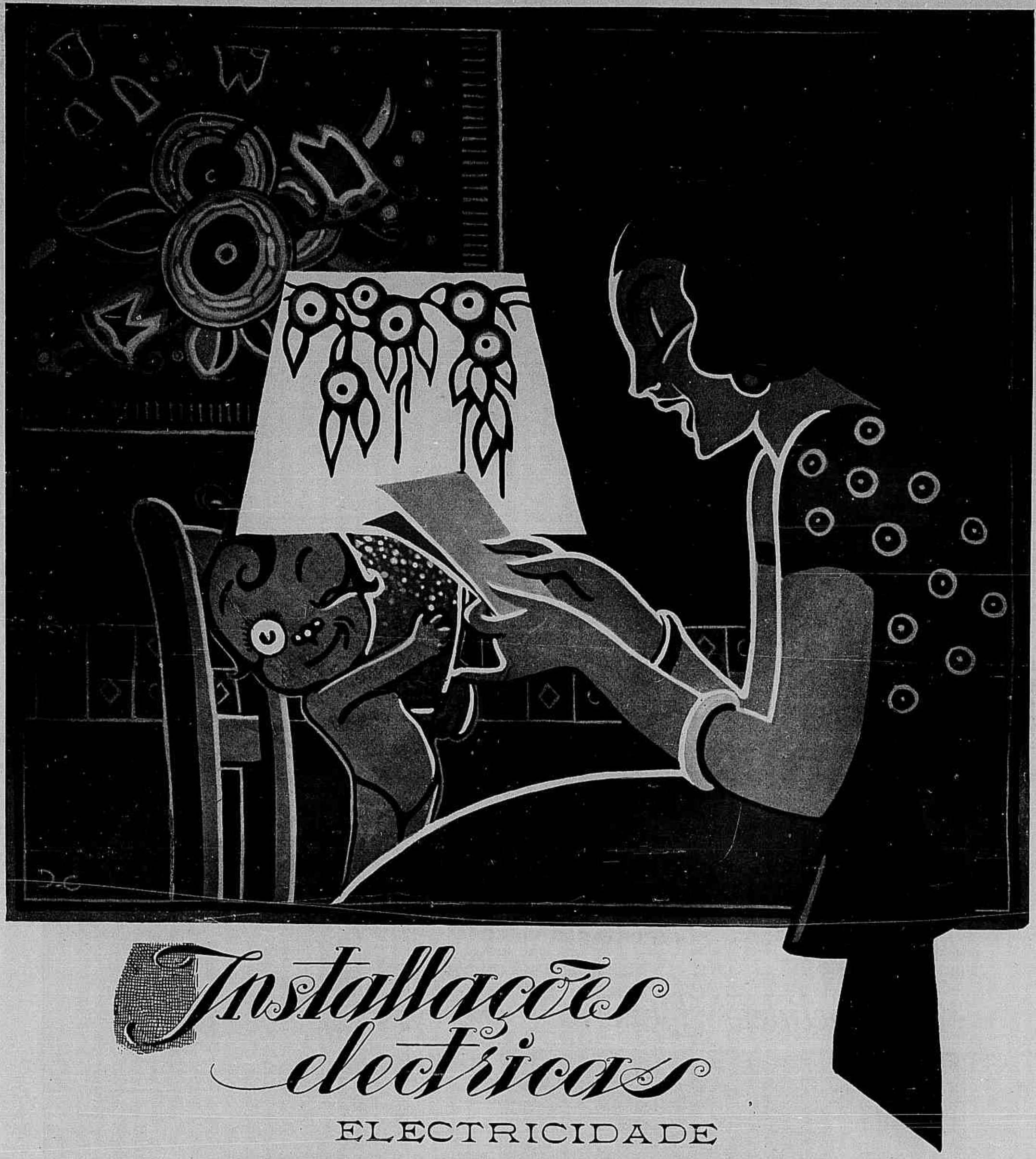
Eu brindo com a maior effusão os irmãos Lage, agradecendo-lhes, em nome do governo e em nome do paiz, a larga contribuição com que têm concorrido para o desenvolvimento' da nossa navegação mercante, quer dizer, para a expansão do nosso progresso, para a grandeza e prosperidade do Brasil.

Aos irmãos Lage".

Em seguida, á discripção acima, relativa á origem da lengendaria e tradicional, Familia Lage, do maximo acervo de serviços prestados á nossa Patria, não podemos deixar de encerral-a com chave de ouro, salientando caber a actual e conceituada firma "Lage Irmãos", representada pelos seus distinctos e estimados socios Henrique Lage e Renaud Lage — a **honra** da demonstração da melhor prova de nossa actividade e amor ao trabalho, persistente e honrado; — a **gloria** do mais bello concurso á bem do maximo explendor do momento historico que atravessamos do primeiro centenario da nossa independencia politica, tão feliz e festivamente commemorada.



O Sr. Presidente do Estado do Rio, Dr. Raul Veiga, acompanhado do Sr. Renaud Lage, visitando o interior do vapor "Itaguassú", em construcção nos Estaleiros da Ilha do Vianna



Installações electricas

ELECTRICIDADE

Material electrico em geral. Installações electro-mechanicas.

TEIXEIRA, PINTO & C.

Engenheiros mechanicos e electricistas

Rua Rodrigo Silva n. 16 - Telephone Central 1019

Grande variedade de lustres, plafonniers, lampadas de mesa e artigos de fantasia proprios para illuminação de villas e bungalows.

Especialistas em effeitos luminosos

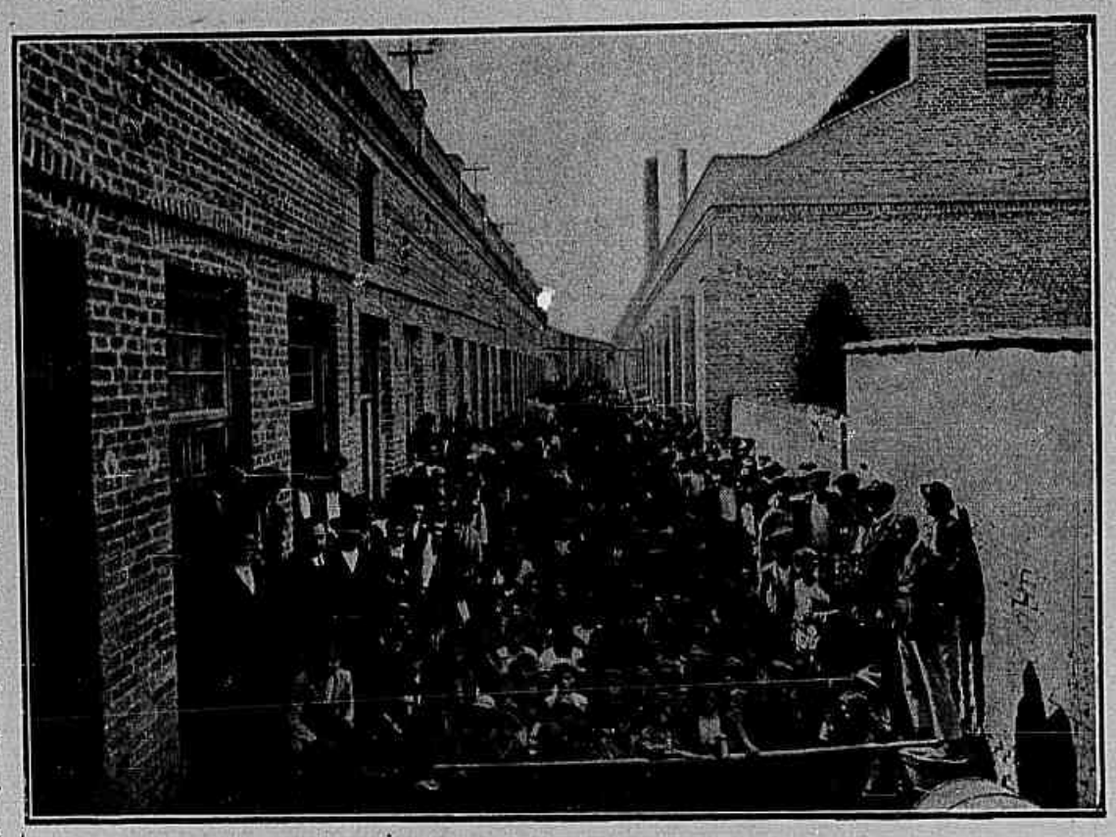
ORÇAMENTOS GRATIS

GRANDE FABRICA DE VIDROS E CHRYSTAES

GARRAFAS E
COPOS PARA
AGUA, VINHO,
CERVEJA E LICOR

Frascos de bocca larga
:: para Confeitarias ::

JARROS PARA
AGUA,
CERVEJA
E LEITE



SAHIDA DA FABRICA

CHAMINÉS
PARA QUAESQUER
LAMPEÕES E GLOBOS
PARA GAZ

Mosqueteiras, Fructeiras, —— Paliteiros, Copos de Prensa, Compoteiras, Sa—leiros, Mantegueiras, Castiçaes. - Especialidades em vidros para pre—— parados chimicos.

Comp. Chrystaleria Barone

(Sociedade Anonyma)
Capital Rs. 1.500:000$000

RUA PASSOS N. 83
:: S. PAULO

TELE { GRAMMAS — ITALIA
PHONE - Braz 346
Codigo - RIBEIRO

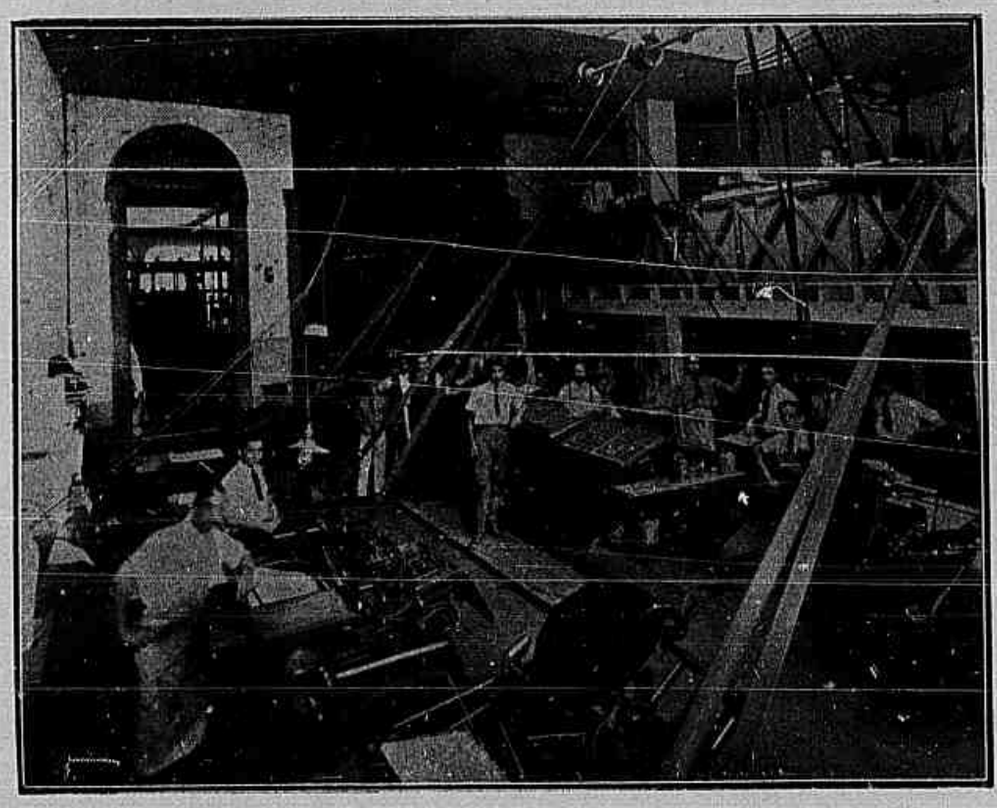
Papelaria e Typographia "Brasil"

FUNDADA EM 1893

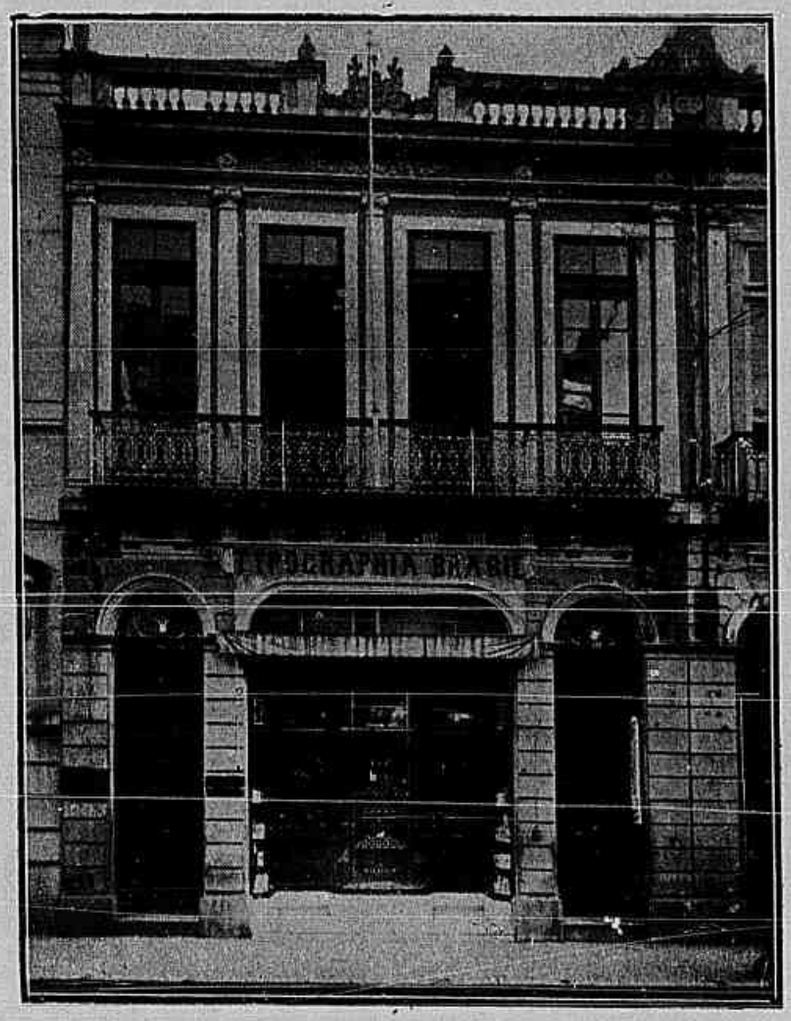
Encadernação, Douração, Pautação, Livros em branco e
: artigos para escriptorio :
Carimbos de borracha

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Deoclides Bezerra



OFFICINAS



FACHADA

Rua 15 de Novembro, 37

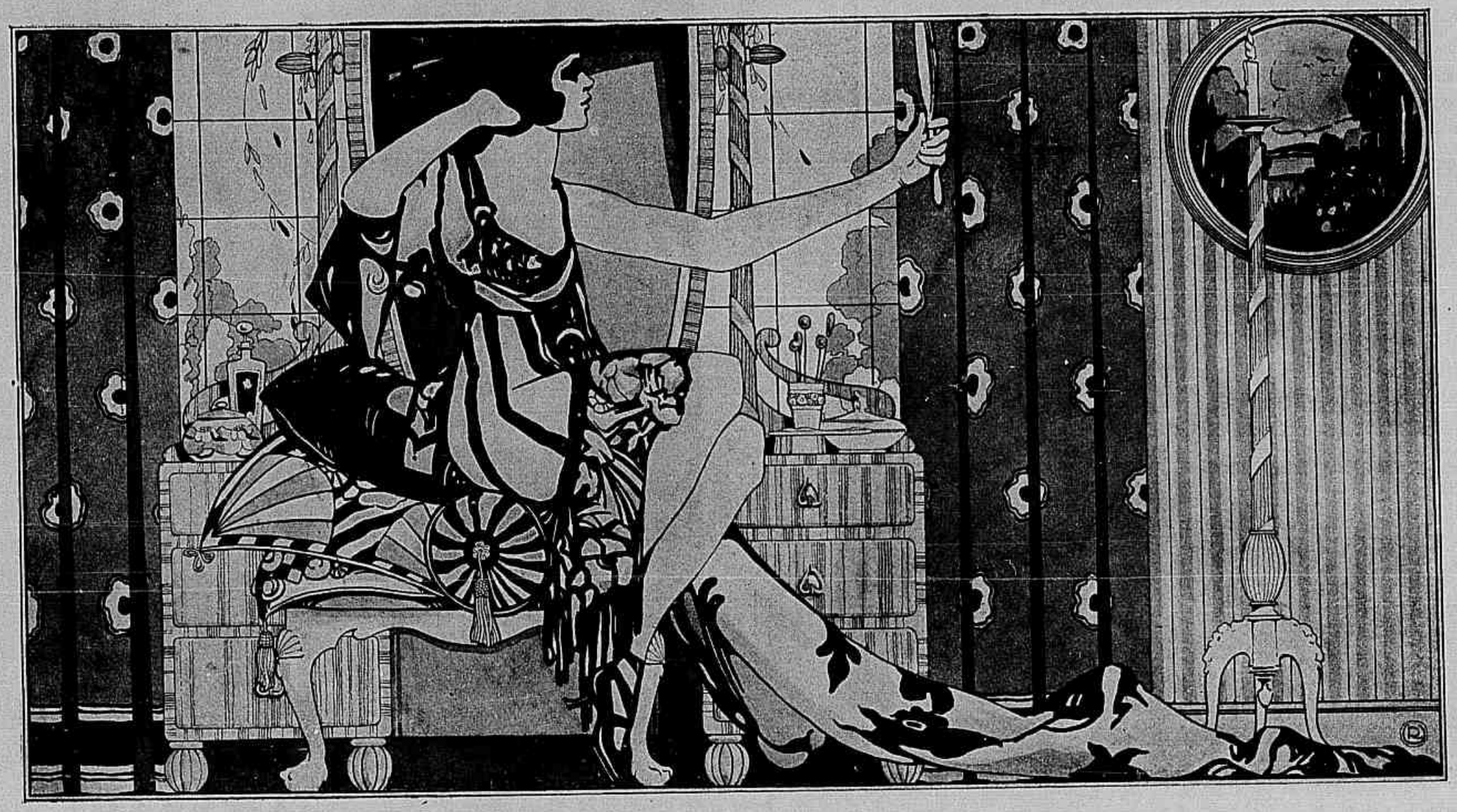
:: TELEPHONE, 330 -- Caixa Postal 37 ::

SANTOS

LONDRES
PARIS

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONYMA INGLEZA

SÃO PAULO
SANTOS



A razão de ser de todo o nosso esforço...

— PODER APRESENTAR Á ADIANTADA SOCIEDADE CARIOCA O QUE HA DE MAIS ARTISTICO E ORIGINAL EM MOBILIARIOS E TAPEÇARIAS;
— TRANSFORMAR OS SEUS LARES EM VERDADEIRAS RESIDENCIAS MODERNAS, DOTANDO-OS DE MOVEIS NÃO SO' DOS MAIS APRECIADOS ESTYLOS ANTIGOS COMO TAMBEM DE OUTROS, DESENHADOS ESPECIALMENTE PELOS NOSSOS HABEIS ESPECIALISTAS CUJA IMAGINAÇÃO CREADORA DESCONHECE COMPETIDORES NESTA CAPITAL!

Á Rua Senador Vergueiro n. 147, encontrareis o nosso palacete mobiliado, onde costumamos expor as mais recentes creações da tapeçaria extrangeira a par dos melhores productos das nossas officinas :: :: :: :: ::

A visita de V. Ex. será motivo de prazer!

MAPPIN STORES (Filial)

Tel. B. Mar 4015

C. LAUBISCH, HIRTH & C.

FABRICA DE MOVEIS

Decoração geral de ineriores artisticos por architectos da casa

IMPORTANTE STOCK DE SEDAS,
TAPEÇARIA FINA
MOVEIS DE COURO E CORTINAS NA
MAIS ALTA PERFEIÇÃO

Rua Riachuelo, 83|87

Telephone C. 4754 — RIO

LICORES BELLARD

os melhores

E. Manograsso & C.

SÃO PAULO

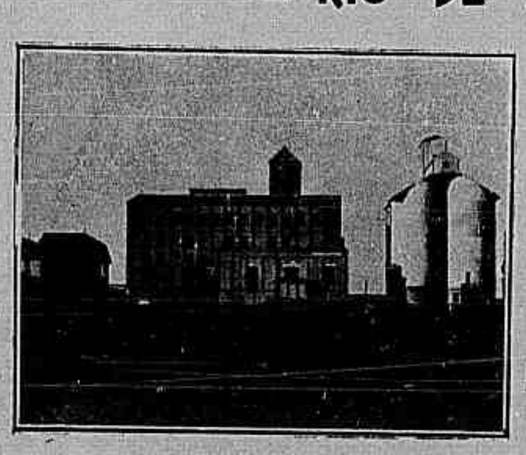
E. Kemnitz & C., Ltda.

ENGENHEIROS E CONSTRUCTORES

Especialistas em obras hydraulicas
e cimento armado

RUA S. PEDRO, 14

RIO DE JANEIRO



FILIAES:

São Paulo e Bahia

CAIXA DO CORREIO, 2114

Telephone 619—Norte

Telegrammas "KEMNITZ"

Importante obra realizada pela firma E. Kemnitz & Cia., em Paranaguá, para a S. A. "Moinho Santista"; os Silos de Trigo, em cimento armado com 35 metros de altura e capacidade para 3.000 toneladas, foram construidos sobre terreno de lama, tendo as fundações 18 metros de profundidade.



JANTAR SEM VINHO
RAMOS PINTO
NÃO SABE BEM
NEM E' DISTINCTO...

A "ALL AMERICA CABLES" E O SR. JOHN MERRILL

NÃO é sem razão que se costuma, quando se quer fazer o elogio da civilisação moderna, citar a facilidade dos transportes de mercadorias, de homens e de idéas. Foi realmente a rapidez da navegação e dos trens de ferro, e do telegrapho, em suas varias modalidades, que trouxe ao mundo uma concepção differente de si proprio e imprimiu novos roteiros á politica dos homens e dos povos. A communhão internacional ainda seria uma palavra vasia de sentido e uma expressão irreal a fraternidade dos povos, se não houvessem attingido esses gráos maravilhosos de aperfeiçoamento, o navio, a locomotiva e os fios telegraphicos, que se espalham, pelo globo, pelos mares e terras como as ramificações de um gigantesco systema nervoso. Imaginae por um instante que todos esses fios se cortem ou despedacem, e tereis a imagem do mundo em paralysia de morte: cada povo ficaria isolado e em todos os portos os navios, carregados de mercadorias, desceriam suas ancoras, sem animo de aventurar a partida; os negocios logo se retrahiriam por falta de elementos de segurança, de calculo e previsão; e ficariam immoveis todas as rodas da administração publica, na ausencia de apparelhos de transmissão, e desorientados todos os espiritos e gabinetes da politica, e toda a diplomacia, que ficaria inactiva na ignorancia absoluta dos phenomenos que se operassem no resto do mundo.

E' que o telegrapho é o orgão vital do systema moderno do commercio e da politica, porque sem elle não se operam as trocas entre os povos, sem as combinações entre os governos, nem o entendimento entre os homens. Certo o navio que hoje parte do Rio e dentro de duas ou tres semanas chegará a seu destino, iria descarregar no porto estrangeiro os productos que leva, independente da existencia do telegrapho. Mas, durante esta demora, um numero infinito de operações e calculos baseados nos valores dos productos que partem, uma porção de negocios e resoluções firmadas com a noticia dos documentos que elle conduz e das ordens que leva, deixariam de se realisar se não fosse a antecedencia do aviso telegraphico, a presteza e multiplicidade das informações que o vão acompanhando quasi que diariamente, e despertam uma actividade especial em cada porto por onde elle passa, dando margem a outras operações e negocios.

Este exemplo tão vulgar do navio que nos deixa, e cujas suggestões procuramos reduzir ao menor numero possivel, dá bem uma idéa do papel que o telegrapho desempenha no mundo commercial.

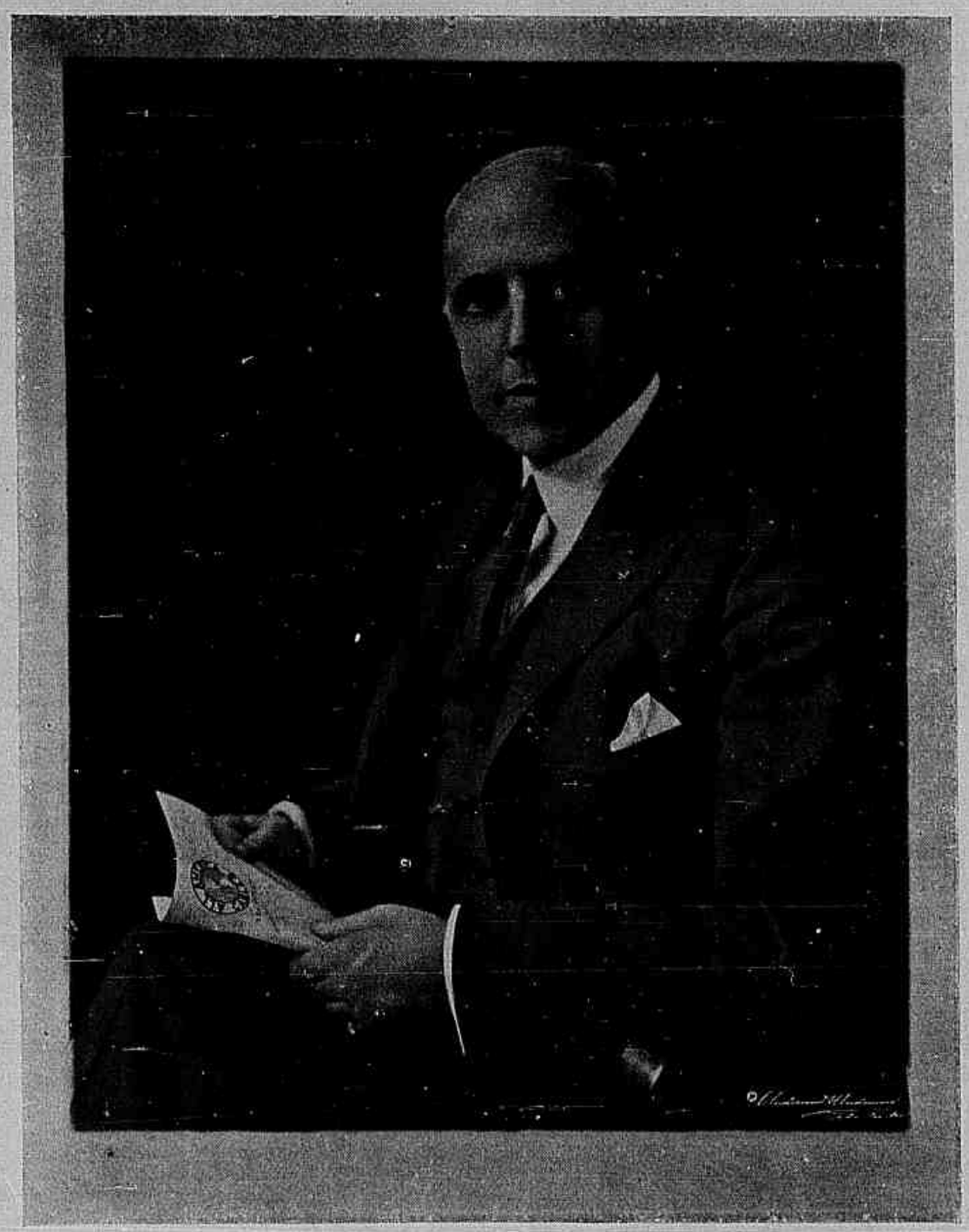
Não virá portanto com cousa fóra de proposito o elogio que o Brasil deve nesses ultimos tempos a uma companhia da natureza da "All America Cables" que nos tem prestado inestimaveis serviços pela rapidez de noticias dos mais variados interesses, que ella, a baixo preço, transmitte entre as nações de todas as tres americas.

Admira sem duvida os effeitos de sua extraordinaria organisação o Sr. John Merrill, que se orgulha de ser o seu director, quando affirmava outro dia, e entre nós, que a estabilidade da industria depende essencialmente da maior facilidade com que se disseminam as noticias. E' que as vantagens do telegrapho só podem ser comparadas ás da navegação, que elle completa.

Mas é preciso que não se limitem essas considerações ao mundo commercial, porquanto é o telegrapho o mais notavel collaborador dos nossos progressos moraes e politicos, levando diariamente ao estrangeiro a noticia dos nossos esforços neste ou naquelle ramo de actividade do espirito, das conquistas na sciencia e das revelações na arte, e transmittindo a este ou aquelle a expressão de nossas tendencias diplomaticas, todos os impulsos da alma nacional nas suas demonstrações de queixa ou sympathia, nos seus enthusiasmos e desconfianças.

São essas transmissões reciprocas de idéas e sentimentos que concorrem para annullar todas as barreiras que parecem separar povos e raças, mercê do conhecimento que trazem dos desejos de cada um e do imprevisto vigor com que apertam os laços de commercio e amizade.

Não tem sido outra a missão da "All America Cables" no seu constante empenho de facilitar cada vez mais a transmissão de noticias entre todos os povos deste Continente, chegando a sua dedicação ao extremo de haver batido o "record" da celebridade, e do preço.



SR. JOHN MERRILL

Da celebridade dos serviços da "All America Cables", se pode ter uma idéa mais completa quando se sabe que as 7.452 milhas que separam Nova York de Buenos Aires, são automaticamente vencidas em alguns minutos, sem auxilio de mão, automaticamente, electricamente. E da baixeza dos preços não se pode dar maior prova do que esta, de se recordar que o serviço que custava sete dollares e meio por transmissão de palavra é hoje obtido mediante cincoenta cents. E' o caso de se lembrar aqui, aquelle, tenente norte-americano, que dava pelo nome de Rowan e que muito se celebrisou durante a guerra de Cuba, devido á facilidade com que dava noticias ao General Garcia, graças ao perfeito conhecimento que possuia da Ilha. E' assim a "All America Cables", levando a cada instante, pelos quinzes paizes deste Continente, as noticias que todos aguardam pela Via Colon, com o mesmo contentamento tranquillo com que o General Garcia recebia as communicação do famoso tenente.

Deve ser particularmente grato, quando assim se assignalam os altos serviços que devemos a "All America Cables", que já existe na opinião brasileira como imagem de sympathia, tantas são as demonstrações diarias de seus esforços por servir ao publico, enaltecer-se a figura de seu notavel director, o Sr. John Merrill, que concentra a estima de todos os funccionarios de mais de cincoenta escriptorios que os possue a poderosa companhia nas tres Americas e tem nessa sua recente viagem ao Brasil e as nações do Prata, aberto um sulco de admirações e affectos, recommendando-se pela originalidade brilhante de seu espirito e pelo seu incomparavel vigor de acção.

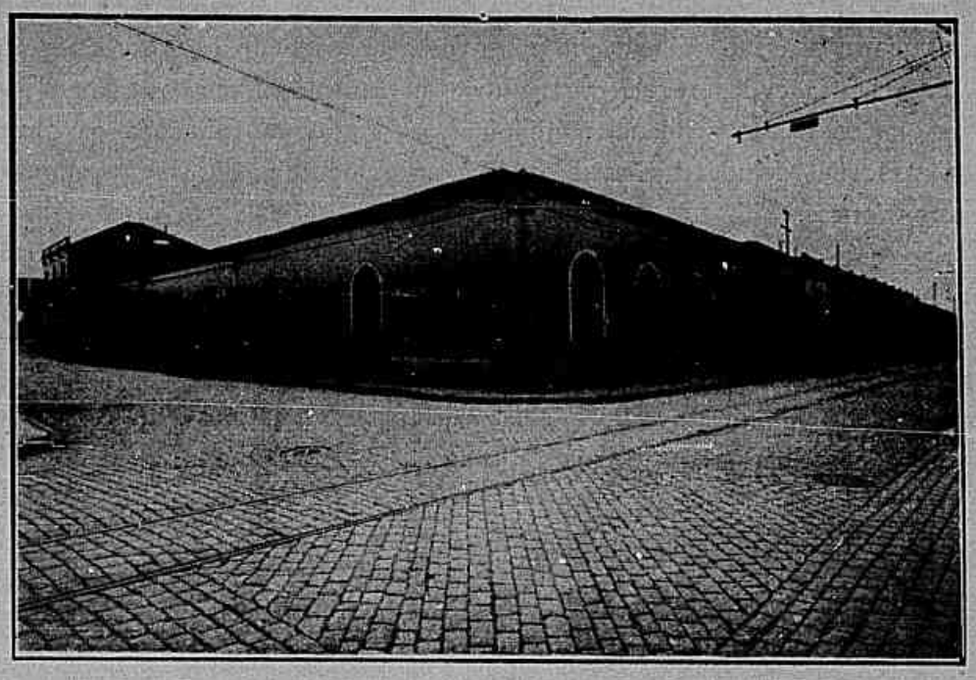
Ao Brasil especialmente deve caber com maior enthusiasmo o dever de exaltar esse americano, já que não ha entre brasileiros um sequer que hoje em dia ignore estar o nome do Sr. John Merrill ligado á Estatua da Amizade, de um modo tão duradouro como esse monumento de arte a ser erguido no Rio pela estima da grande Republica do Norte. E' que devemos ao Sr. John Merrill o exito e a lembrança daquella realisação, que vem symbolisar os sentimentos que nos unem aos Estados Unidos, e para cujo progresso tem sido nesses ultimos tempos o factor mais precioso a actividade da "All America Cables.

Cia. SANTISTA DE ARMAZENS GERAES - Sociedade Anonyma

ERCRIPTORIO :--- **Rua do Commercio N. 100 sob.**

ARMAZENS: — Rua General Camara --- Rua Xavier da Silveira
— Rua João Octavio.
Endereço Telgr. "Santista"

DIRECTORIA
PRESIDENTE: **Mario Cerquinho Malta**
DIRECTOR GERENTE: **H. P. Ascough**
DIRECTOR SECRETARIO: **Octavio Ribeiro de Araujo**
DIRECTORES: **E. A. Hinsberger e H. G. Beardall.**



FACHADA



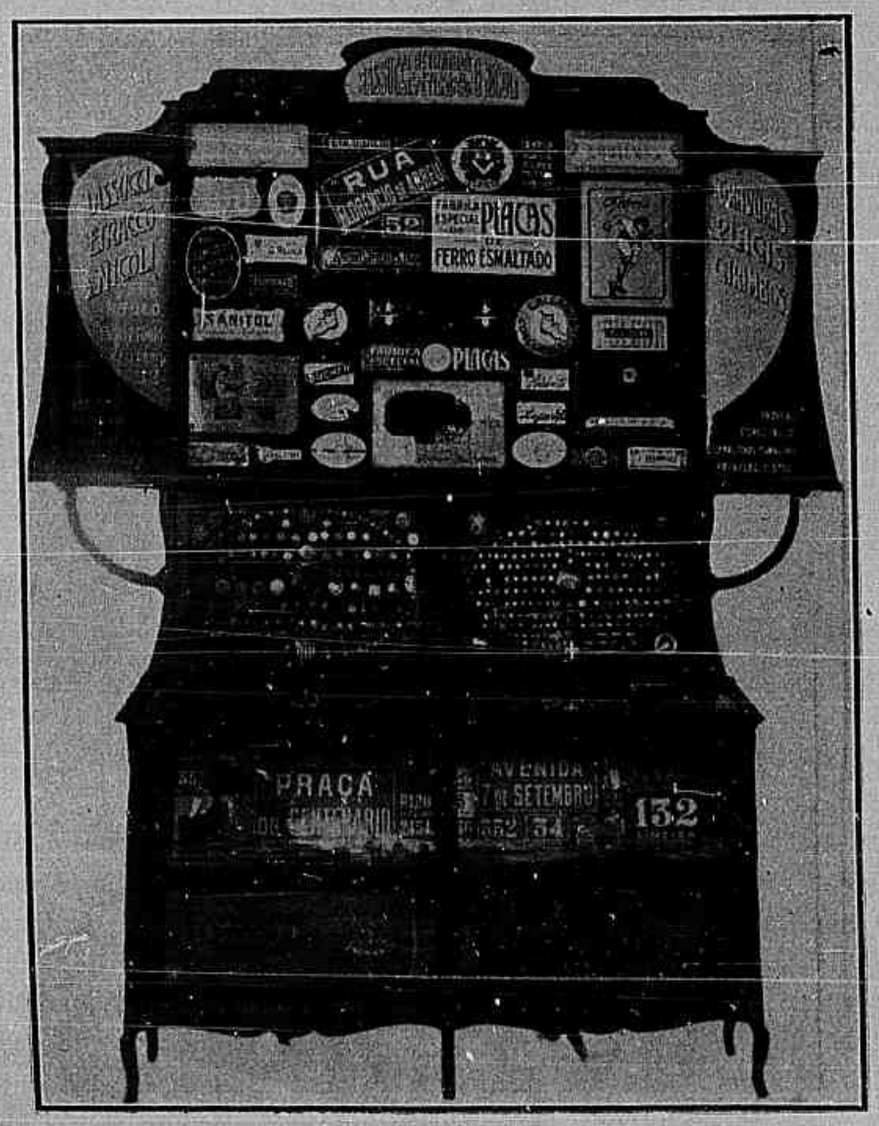
MACHINA DE REBENEFICIO DE CAFE'

DEPOSITOS AMPLOS E ESPAÇOSOS PARA ARMAZENAMENTO DE CAFE' E OUTRAS MERCADORIAS.

MODERNOS E APERFEIÇOADOS MACHINISMOS PARA CAFE' E ARROZ.

Premiada Fabrica de PLACAS

MEDALHA DE OURO — **Esmaltadas e de Metal** — TURIM 1911



Massucci
Petracco
& Nicoli

ESCRIPTORIO:

52, Rua Florencio de Abreu, 52

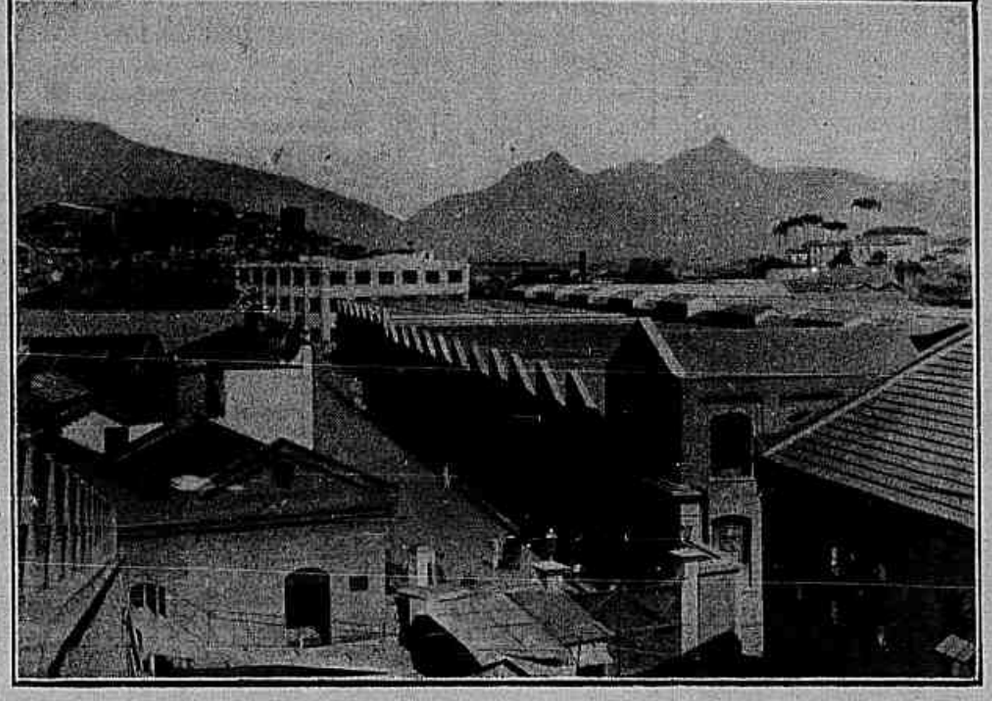
Telephone Central 3641

FABRICA:

Rua dos Alpes, 77 e 79 - Cambucy

São Paulo

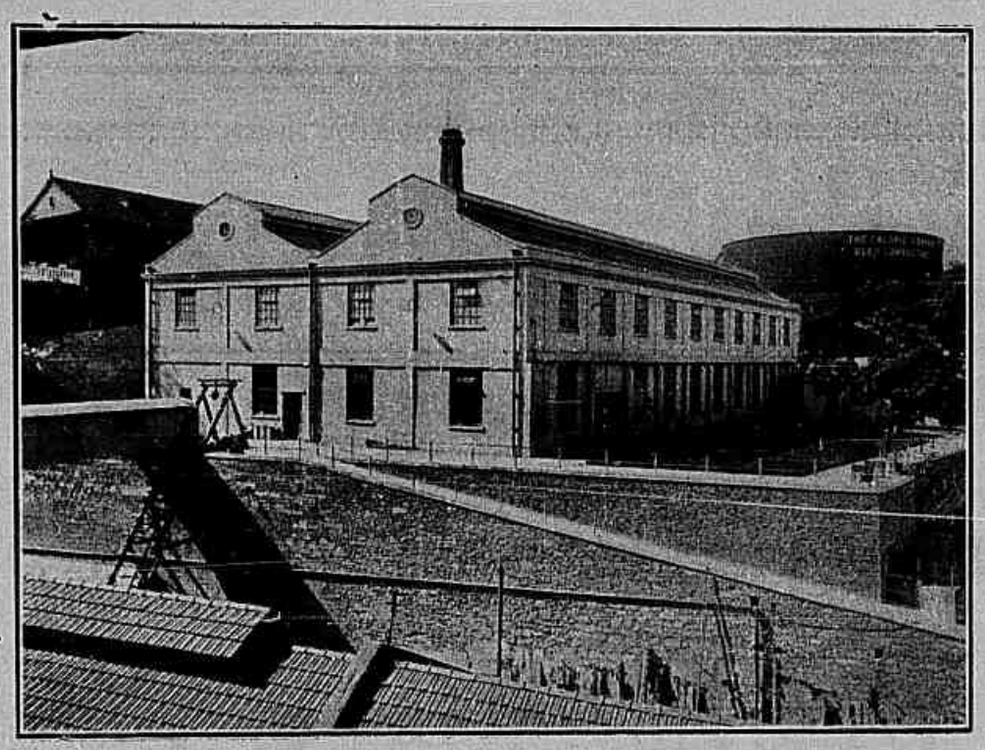
MOINHO INGLEZ

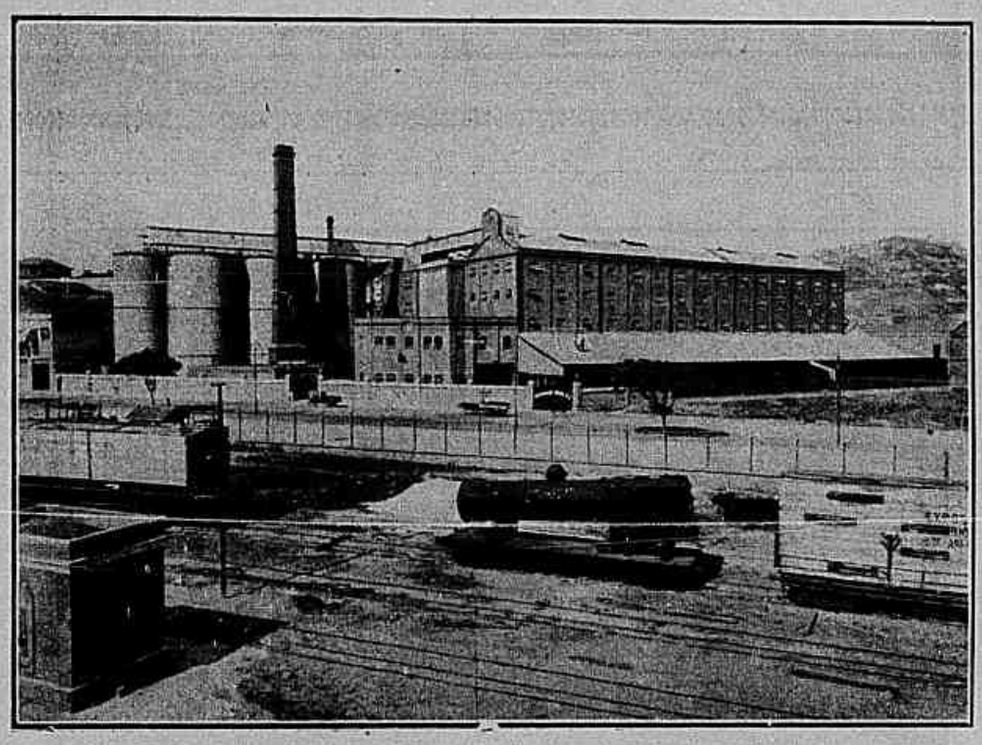


Entre todas as importantes empresas que funccionam no Rio de Janeiro, merece especial registro a **The Rio de Janeiro Flour Mills & Granaries, Limited,** ou **Moinho Inglez,** já assim popularisado, e installado á rua da Gambôa, 1, com escriptorio á rua da Quitanda, 108 — Endereço telegraphico — Epidermis.

Tem capacidade para abastecer de trigo todo o paiz, e nisso repousa a sua grande importancia e o seu valor real. A sua producção diaria é de 15 mil saccos de trigo, sendo muito conhecidas e reputadas as suas marcas — **Buda-Nacional, Nacional, Brasileira** e **Semolina,** premiadas, pela sua superioridade, com medalhas de ouro na Exposição Universal de Paris, 1889, e com os **Grandes Premios** nas Exposições: de S. Luiz, 1904, do Brasil, 1908, de Bruxellas, 1910, e de Turim, 1911.

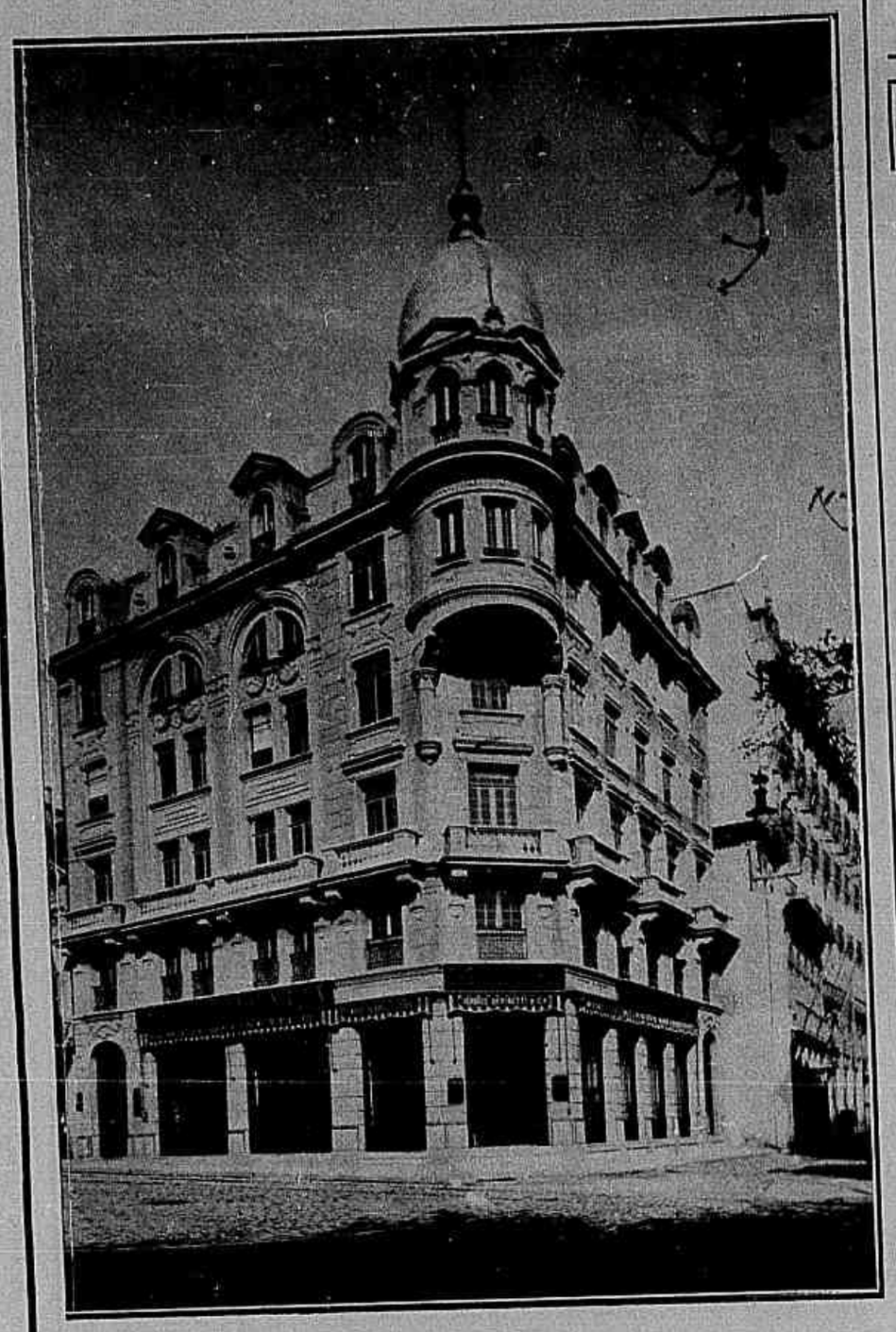
Para darmos uma prova do valor do **Moinho Inglez,** é sufficiente citar o facto, já verificado, de quando sobrevem a ameaça de falta de pão, a poderosa empresa assume a direcção do movimento, garantindo com o seu poderio industrial a materia prima. Além disso, citemos, como resultado do esforço da sua activa administração, a creação de duas importantes secções que, honram a possante empresa, e que são as seguintes: A grande **Fabrica de Tecidos,** á rua da Gambôa, 2, onde se movimentam, diariamente, 1.000 teares, com uma producção de 50.000 metros diarios de tecidos grossos e finos de primeira qualidade, resolvendo, assim, o problema da grande falta de tecidos com que esta empresa lutava, para fazer saccos para acondicionamento da sua producção em grande escala. E a secção de **Biscoitos "Aymoré", Ltda.,** fabricação aperfeiçoada e apresentados em elegantes pequenas latas, servindo para chás, cafés, chocolates, etc.., com typos variados e já introduzidos, com franca acceitação, nas principaes casas commerciaes desta capital e dos Estados.





Actualmente, a marca de biscoitos preferida pelo bom gosto do povo carioca, é a **"Aymoré",** sendo esta empresa a unica e exclusiva agente de tão apreciado producto. A empresa que é bastante conhecida em todo o nosso paiz, tem por elle se ramificado, contando agencias em Pernambuco, Sergipe, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul, etc., e, em S. Paulo, uma succursal á rua Bôa Vista, 13.

Eis, em rapidas linhas, o grande poder da empresa o **Moinho Inglez,** que tanto honra e desvanece o Brasil, constituindo, ao mesmo tempo, um justo orgulho do nosso alto commercio.



CASA LOMBARDA

FUNDADA EM 1887

Irmãos Refinetti & C.

IMPORTADORES DE TECIDOS

Especialidades:

Casimiras, brins, alpacas, aviamentos e accessorios para alfaiates

Coutils, baptiste, elasticos e quarquer artigo para colleteiras.

MORINS, CRETONES, ATOALHADOS,
ZEPHIRES, LINHOS, ETC.

LARGO DO PALACIO Esquina da Rua Anchieta

CAIXA DO CORREIO, 486
TELEPHONE CENT. 1174
END. TELEGRAPHICO "LOMBARDA"

Codigos usados A. B. C. 5.ª Ed. — Gallesi — Particular,

SÃO PAULO

CASA DE COMPRAS EM MILÃO (Italia)

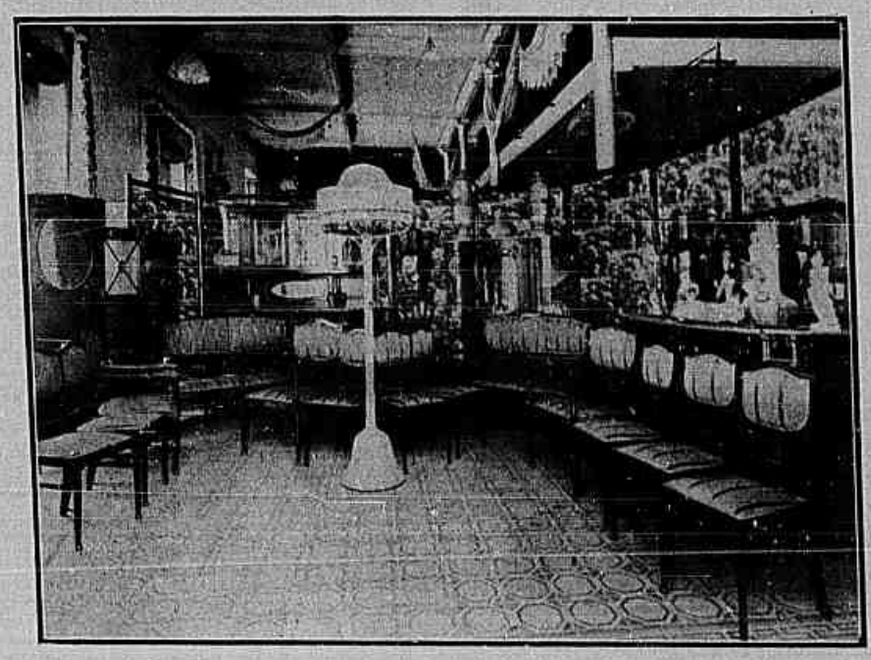


Ao Grande Oriente

Casa Fundada em 1905

TELEPHONE 224 — CAIXA POSTAL 291

REFINETTI & C.IA



Moveis, Tapeçarias e Ornamentações

Deposito:
Rua do Rosario, 127

Officinas:
Rua Itororó, 39 a 47

SANTOS

THE WESTERN TELEGRAPH C.º L.TD

A Western é o resultado da fusão de duas antigas empresas telegraphicas: a que lançou o primeiro cabo telegraphico do Brasil a Europa, em 1873, e a que construiu a rede telegraphica submarina ao longo do littoral, do Pará á fronteira do Uruguay (Chuy), de onde se prolonga até Montevidéo, trocando trafego ali com a "Companñia Telegrafica del Rio de la Plata", proprietaria dos cabos subfluviaes que ligam a Capital dessa Republica visinha á da Argentina.

O systema telegraphico extende-se ainda por meio de cabos aereos e subterraneos pela cordilheira dos Andes até o Chile, de onde, novamente por cabos submarinos, vae até o Perú.

A Western acaba ainda de construir uma nova via telegraphica directa para a Europa, por meio de cabo de alta conductabilidade extendido do Rio de Janeiro a Ascensão, dahi ao Cabo Verde, Fayal e Inglaterra.

Mas, não se contentou com o serviço europeo; tendo em vista o grande desenvolvimento das nossas relações commerciaes com os Estados Unidos, mediante concessão dos Governos Brasileiro e Ingles, construiu outro cabo do Brasil a Barbados e obteve que a "Western Union Telegraph", a grande empresa Norte Americana, que serve todos os Estados da União Americana e o Canadá, viesse da Florida a Barbados com um conductor subaquoso, que se entronca na réde proveniente do Brasil, pondo assim em contacto electrico directo as duas maiores Republicas do nosso Continente.

O Telegrapho directo entre o Brasil e os Estados Unidos era velha aspiração do nosso Governo; já em 1883, Sua Magestade o Imperador autorisava o então Ministro do Commercio e Obras Publicas, Conselheiro Affonso Penna, a contractar esse melhoramento com trez cidadãos norte americanas.

Em 1888, a Princesa Isabel, tendo em vista as representações do Barão de Capanema — o fundador do Telegrapho no Brasil e seu Administrador até a proclamação da Republica, — ordenava ao Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, que elevasse o monopolio do contracto para o Telegrapho Norte-Sul America a 35 annos e autorisasse a transferencia da concessão a "Telegraph and Cable Company", syndicato com séde em Nova York.

Esta tentativa, apesar dos favores concedidos pelo Imperio e do longo privilegio, não logrou exito.

Capanema, não se conformando com a necessidade de enviar a correspondencia na Europa ou daqui a Buenos Aires para ser expedida pelos Andes e pelo Pacifico, obteve do Ministerio a abertura de concurrencia publica para a construcção do cabo directo.

Ainda esta tentativa ficou sem realisação pratica, porque o Governo dos Estados Unidos não consente na aterragem de cabos telegraphicos em seu territorio, quando as empresas que pretendem esse direito gosam de monopolio em paizes que devem ser servidos por essas linhas.

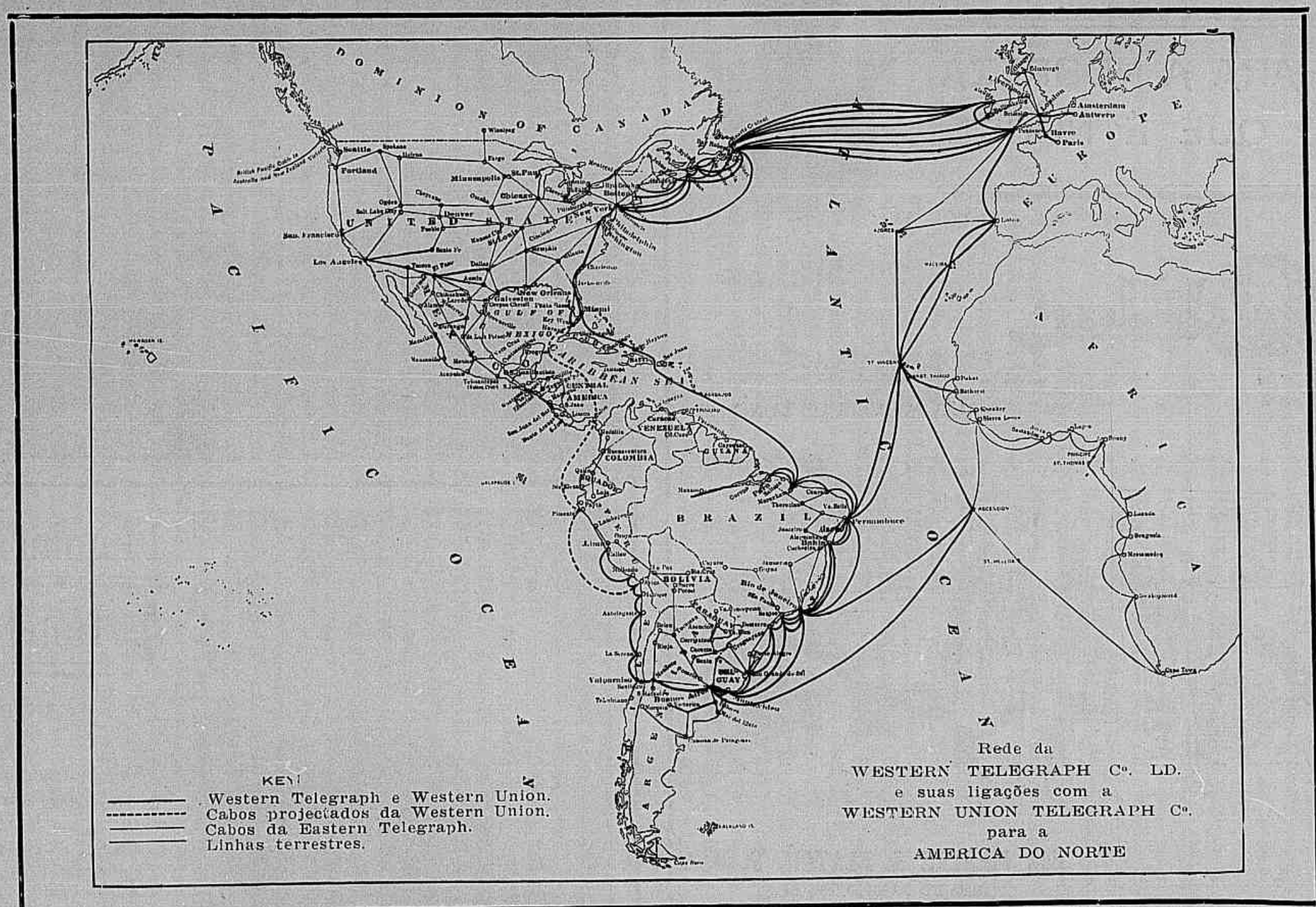
Coube agora á Western, que abriu mão dos seus direitos exclusivos nos paizes Sul Americanos do Atlantico, estabelecer, um trafego mutuo com a Western Union, o Telegrapho directo Brasil-Estados Unidos.

Sua Excellencia o Dr. Epitacio Pessoa, terá portanto, occasião de se communicar directamente com o Presidente Harding, a 7 de Setembro, sem a intervenção da Europa ou de outros paizes Sul Americanos.

O cabo Brasil-Ascensão-Europa tambem será aberto ao publico na data do Centenario da Independencia.

A rêde subaquosa da Western consiste actualmente das seguintes linhas:

Dois cabos do Recife a S. Vicente a dahi a Portugal;



Rede da
WESTERN TELEGRAPH Co. LD.
e suas ligações com a
WESTERN UNION TELEGRAPH Co.
para a
AMERICA DO NORTE

Um cabo de Rio de Janeiro á ilha de Ascensão (Africa) extendendo-se ao Norte, até S. Vicente, Fayal e a Inglaterra;

Outro de B. Aires a Ascensão e Inglaterra;

Outro de S. Luiz do Maranhão a Barbados, onde troca trafego com a Western Union, que dahi se extende aos Estados Unidos e varios cabos ao longo do littoral brasileiro, mantendo as seguintes estações no paiz:

Belem do Pará
S. Luiz do Maranhão
Fortalesa
Recife
Maceió
Bahia
Victoria
Rio de Janeiro
Santos
São Paulo
Florianopolis

Rio Grande do Sul, estações estas que acceitam telegrammas para todos os pontos do Brasil e de todos os paizes do mundo.

A pioneira do Cabo Submarino na America do Sul vem acompanhando de perto as necessidades do continente em materia de telegraphia e no anno do Centenario, não só construiu as grandes linhas a que referimos nesta noticia, como lançou varios cabos novos nas costas do Brasil e montou estações em Maceió, Victoria e S. Paulo.

Datas de Setembro

DIA 1

1783 — Parte de Lisboa o naturalista brasileiro Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, encarregado pela rainha D. Maria I de uma exploração scientifica no Brasil. — Chega ao Pará a 21 de Outubro e dá começo á sua "viagem philosophica" pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Matto Grosso e Cuyabá (1783-1792).

DIA 2

1744 — Não se conhece o dia do nascimento de Thomaz Antonio Gonzaga; este foi o do seu baptismo na cidade do Porto. Nascido accidentalmente na Europa, o poeta de "Marilia" era filho de pae e mãe brasileiros, passou na America a melhor parte de sua vida e figurou nos conciliabulos de 1789 para a independencia do Brasil.

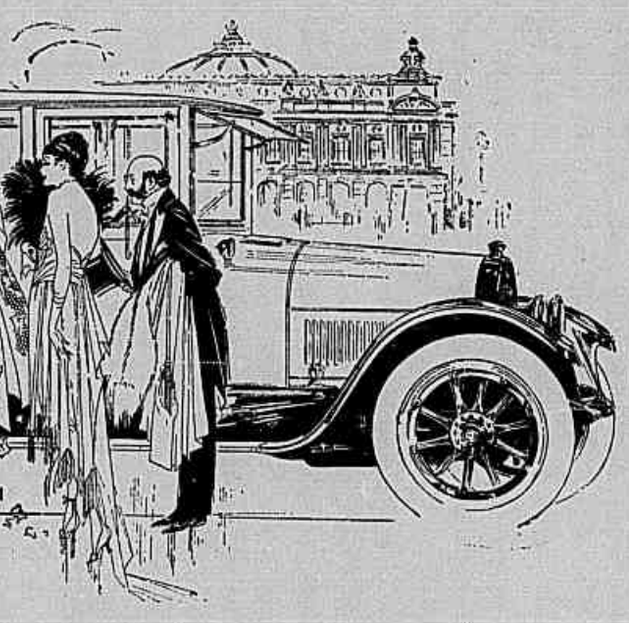
DIA 3

1759 — Alvará de D. José I, declarando rebelde e trahidores os religiosos da Companhia de Jesus e expulsando-os de Portugal e seus dominios. — Em execução deste alvará e da carta régia de 21 de Julho, foram presos e expulsos os jesuitas então existentes no Brasil.

PARA A NOBREZA
O QUE É NOBRE

Cadillac

AUTOMOVEIS DE LUXO



Est. MESTRE & BLATGÉ, S. A.
RUA DO PASSEIO, 48 - 54
RIO DE JANEIRO

DIA 4

1843 — Desembarque da imperatriz D. Thereza Christina, no Rio de Janeiro.

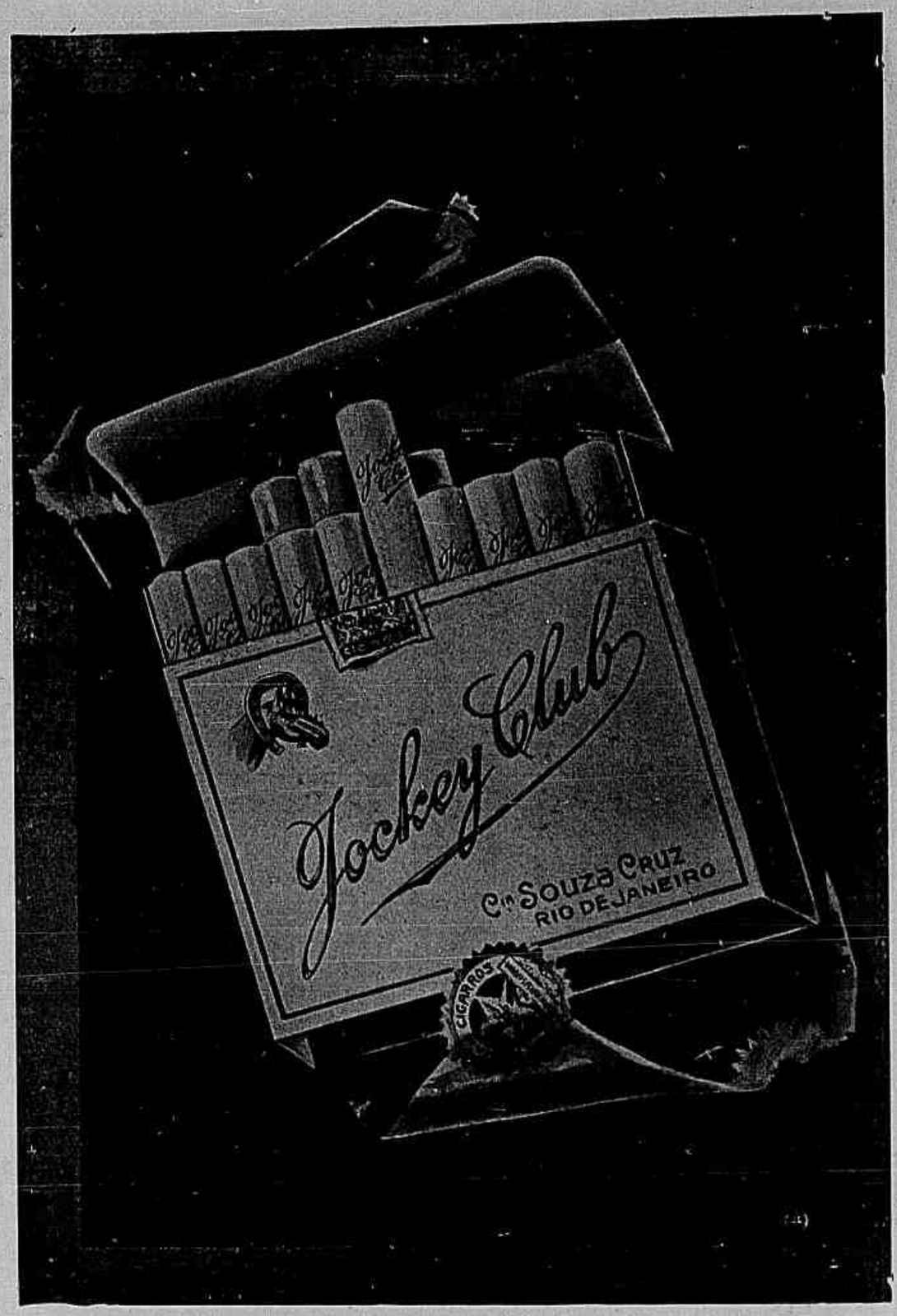
DIA 6

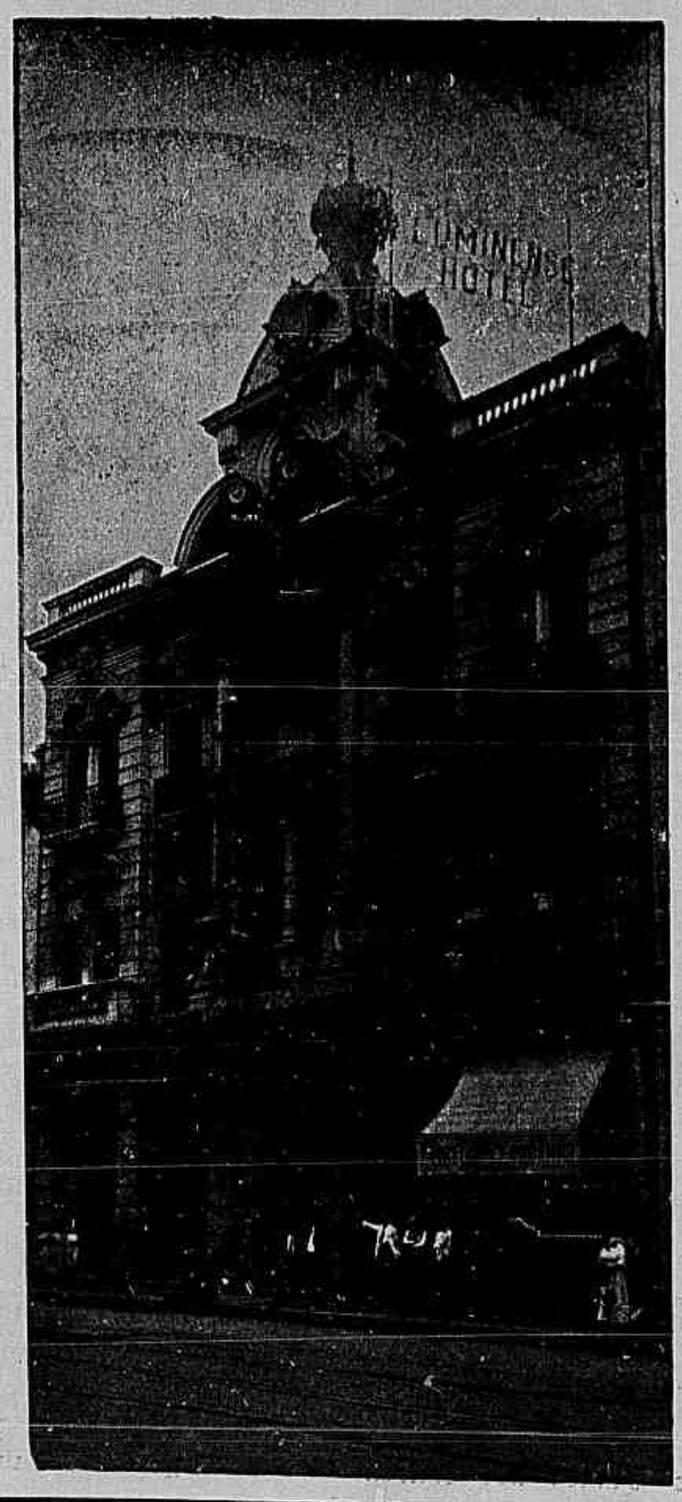
1822 — Canhoneiras e lanxões portuguezes são repellidos, depois de um combate com o forte de Itaparica. Uma canhoneira perdeu um mastro.

DIA 7

1880 — Inauguração do parque da Acclamação no Rio de Janeiro, devido á intelligente iniciativa do conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, quando ministro do Imperio no gabinete de Sete de Março de 1871.

PASTEURISÉ SUISSO
GRANDE APERITIVO
Distillaria Bellard
S. PAULO





Fluminense
Hotel

PRAÇA DA REPUBLICA,
207 e 209

Estabelecimento de primeira ordem, situado em ponto magnifico, ao lado da E. F. Central do Brasil

Agua canalisada nos quartos, elevador - electrico, mesa de ligações -- telephonicas --

Restaurante
irreprehensivel

Aposento com pensão desde 12$000

Aposento sem pensão desde 7$000

End. Telegraphico
- FLUMINENSE -
Rio de Janeiro

O BRASIL
e as festas
do Centenario

AO PUBLICO

Sempre vizando bem servir, alliando o bom gosto e originalidade á mocidade

AVISAMOS

que acabamos de receber de Paris as ultimas creações em Sedas lisas e fantasia, assim como uma deslumbrante collecção de flores, cintos de flores e Rendas em Seda e Metal para toilettes.

Armarinho-Fazendas e modas
Artigos para bordar e Pintar

Especialidade em Calçados finos e Meias de Seda

Barbosa Freitas & C.

AVENIDA RIO BRANCO, 136



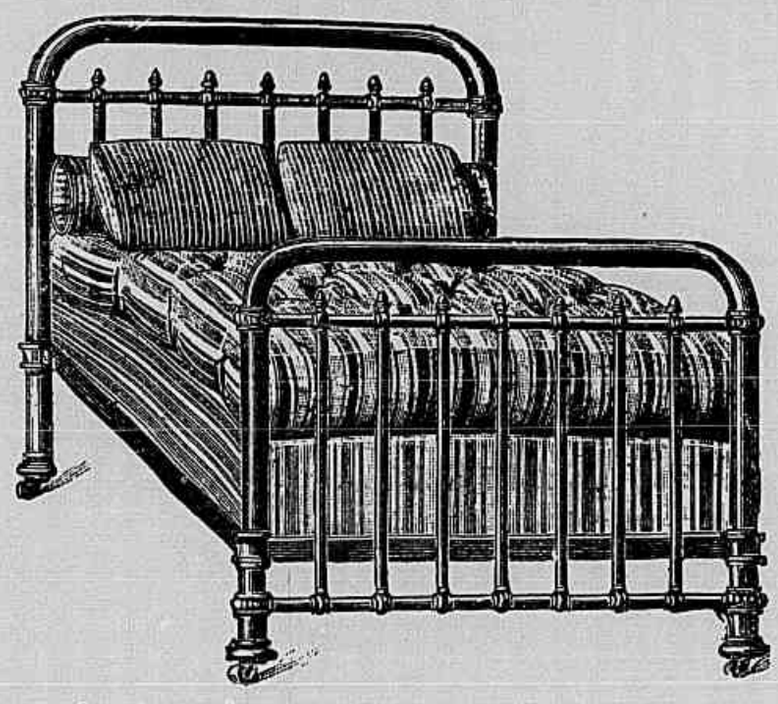
O que distingue particularmente o Odol de todos os outros productos destinados a hygiene da bocca, é a maravilhosa propriedade que tem de revestir o interior da bocca com uma camada microscopicamente fina, porem fortemente antiseptica, que reage por muito tempo ainda depois da lavagem. Esta acção duradoura, que nenhum, outro preparado possue, dá plena convicção a toda a pessoa que faz uso diario do Odol de que a sua bocca está seguramente protegida contra a acção da carie e dos elementos de fermentação que occasionam a destruição dos dentes.

A CAMA ESMALTADA

Grande Fabrica de camas de ferro

e colchões

Paschoal Manzo



Camas pintadas e esmaltadas, cadeiras, cabides, bancos para jardim, lavatorios, mesas para operações, colchões de capim, crina vegetal e animal, algodão e lã, paina de seda e marcella. Almofadas e travesseiros. *Especialidade em camas esmaltadas.* — Deposito de tubos de ferro para camas, ferro redondo e chato, arame para estrados, rodizios, grampos, esmalte, alluminio, algodão, crina, paina, etc.

Escriptorio e Deposito:—RUA FLORENCIO DE ABREU n. 92-A — Telephone Central, 3018.

Fabrica:— RUA MARAJO', 26-28 — RUA URUGUYANA, 138 (Braz) — Telephone, Braz, 4.



KREMENTZ

E' o melhor botão do mundo. Feito de uma só peça, chapeada a ouro, não vae ao fogo, não tem emenda nem solda. Não suja nunca, não se quebra nem se estraga. Não seja logrado com o botão ordinario que suja a camisa e a pelle e fica preto. O barato é sempre caro.

Veja no botão verdadeiro a marca KREMENTZ, a unica que lhe é *garantida para sempre*.

COMPANHIA MERCANTIL PAN-AMERICANA

Representante geral

CAIXA POSTAL, 1623

RIO DE JANEIRO

QUEIROZ FERREIRA, AZEVEDO & C.

COMMISSARIOS

Endereço Telegraphico:
——— "BRIBEIRO"

Caixa 211

RUA AUGUSTO SEVERO N. 19

SANTOS

RAPHAEL SAMPAIO & C.

COMMISSARIOS, EXPORTADORES E FAZENDEIROS

—— CASA FUNDADA EM 1888 ——

Caixa, 105 ——— Telegrammas "RAPHAEL"

Escriptorio — 15 Nov. 41
: Armazem — Travessa Caiuby, 23-25 :

Codigos:
LIEBERS CODE, NEW LEVIATHAU,
A. B. C. 5t.h. EDITION, BEN-
—— TLEY'S CODE ——

SANTOS

LIMA, NOGUEIRA & C.

COMMISSARIOS

Endereço Telegraphico:

——— "TELLES"

SANTOS

FERREIRA DA ROSA & C.

COMMISSARIOS

Rua de São Bento, n.º 25

Caixa Postal, n.º 139 ——

Endereço Telegraphico:
——— "ROSA"

SANTOS

RODRIGUES ALVES & C.

COMMISSARIOS DE CAFE'

CAPITAL RS.: 1.000:000$000

SANTOS — Caixa Postal n.º 383

Rua 15 de Novembro n. 111. End. Tel. "ALBA"

Recebem cafés a consignação, podendo assegurar, que, pelos elementos de que dispõe e as vantagens reaes que offerece o seu systema de negocios, encontram-se habilitados a realizar as vendas a inteiro contento dos seus committentes

As consignações devem ser feitas com o destino:

SANTOS — DOCAS

TOLEDO, ASSUMPÇÃO & C.

—— CASA FUNDADA EM 1897 ——

COMMISSÕES DE CAFE'

Recebe cafés a consignação e proporciona aos seus committentes vantagens especiaes em virtude do systema adoptado em seu negocio

Endereço Telegraphico:
——— "ASSUMPÇÃO Caixa Postal, 72

—— Rua do Commercio, n.º 56 (Sobrado) ——

SANTOS

Os cafés a nossa consignação devem ser —:— despachados com destino: —:—

SANTOS — DOCAS

R. ALVES TOLEDO & C.

EXPORTADORES

RUA 15 DE NOVEMBRO NS. 118 e 120

Endereço Telegraphico:
——— "SALTOGO"

Codigos:
LIEBER'S, A. B. C., 5th. EDITION
—— LEVIATHAN, BENTLEY ——

SANTOS

WHITAKER, BROTERO & C.

EXPORTADORES

—:—:—

Teleg. "BOMFIM"
——— Caixa, 351

—:—:—

——— Rua do Commercio, 56 ———

SANTOS

COMPANHIA PRADO CHAVES

COMMISSARIA E EXPORTADORA

Endereço Telegraphico:
——— "PRACHA"

Caixa do Correio, 86
—— Rua do Commercio, 98 ——

SANTOS

S. A. COMMISSARIA DE SANTOS

COMMISSÕES DE CAFE'

Recebe cafés a consignação mediante condições especiaes que beneficiam amplamente aos —:— seus committentes —:—

Telephone, 506 — Caixa n.º 505
Endereço Telegraphico: "JURÁ"
Rua José Ricardo n.º 41 — SANTOS

Os cafés a nossa consignação devem ser —:— despachados com destino: —:—

SANTOS — DOCAS

COMPANHIA PAULISTA DE EXPORTAÇÃO

—— Rua 15 de Novembro, n.º 64 ——
Caixa Postal E E
Endereço Telegraphico:
——— "COPAULEX"
Codigos:
BENTLEY'S, LEVIANTHAN, LIEBERS
A. B. C. 5.ª ED. MELHORADA

SANTOS

BASANTA COFFEE, LIMITED

EXPORTERS OF COFEE

—:—:—

—— Rua 15 de Novembro n.º 29 ——
P. O. Box 429
Codes:
BENTLEY, LEVIATHAN, PRIVATE

SANTOS

SOCIEDADE ANONYMA CASA MALTA

COMMISSARIA E EXPORTADORA

—:—:—

Rua do Commercio, nº 81 — Telephone nº 850

Endereço Telegraphico:
——— "MALTA"

Caixa do Correio n.º 120

SANTOS

AMERICAN COFFEE CORPORATION

(CORPORAÇÃO AMERICANA DE
—— CAFE' INC. ——
Cable Adresse: ———
——— "FRIELEDORR"
P. O. Box, 416
—— Rua do Commercio, nº 30 ——
Codes:
LIEBER'S FIVE LETTERS, BENTLEYS
—— AND PRIVATE ——

SANTOS — BRAZIL

SOCIEDADE ANONYMA "CASA PICONE"

EXPORTADORES DE CAFE' E OUTROS
—— GENEROS ——
Rua 15 de Novembro, 56 - Caixa, 332 — Santos
Filial:
Rua Alvares Machado, Desvio Picone — Campinas
Codigos:
NEW LEVIATHAN, A. B. C. 5th LIEBERS (FIVE LETTERS), BENTLEYS, RIBEIRO, PARTICULARES

Endereço Telegraphico: "PICONE"

QUEIRÓS, BARROS & C.

COMMISSARIOS

—:—:—

TRAVESSA CAIUBY N. 63

Caixa do Correio, 92

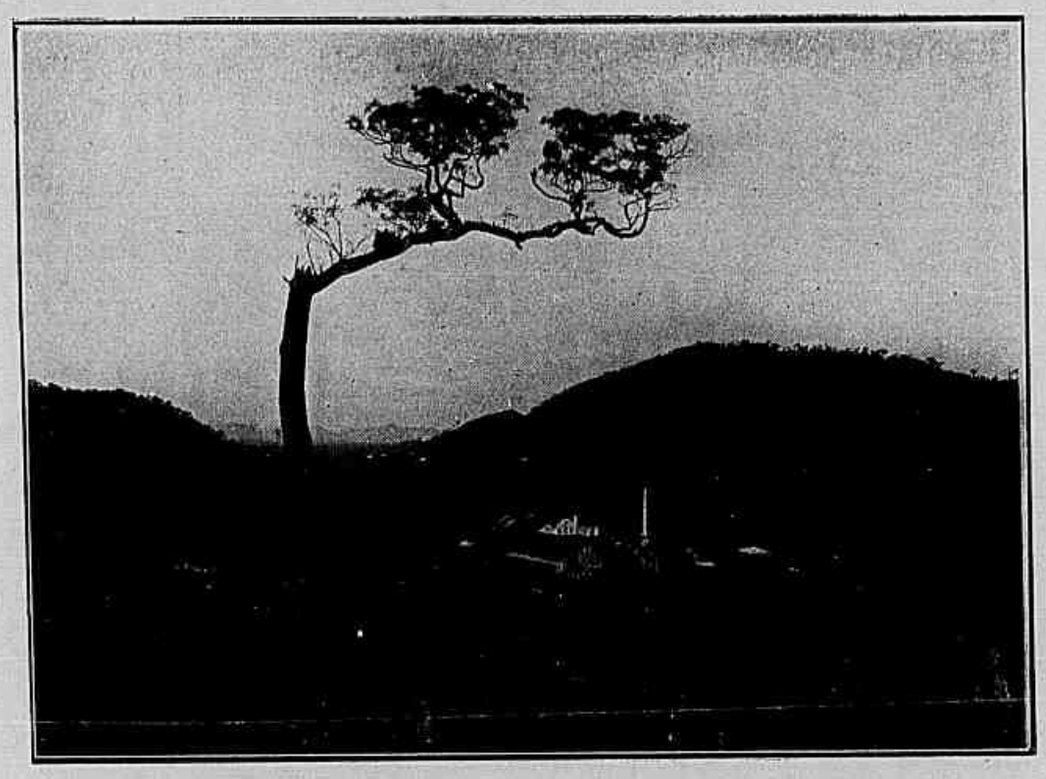
Endereço Telegraphico — BONIFACIO

SANTOS

COMPANHIA FABRIL DO CUBATÃO

Séde em **São Paulo** – Rua Libero Badaró N. 46

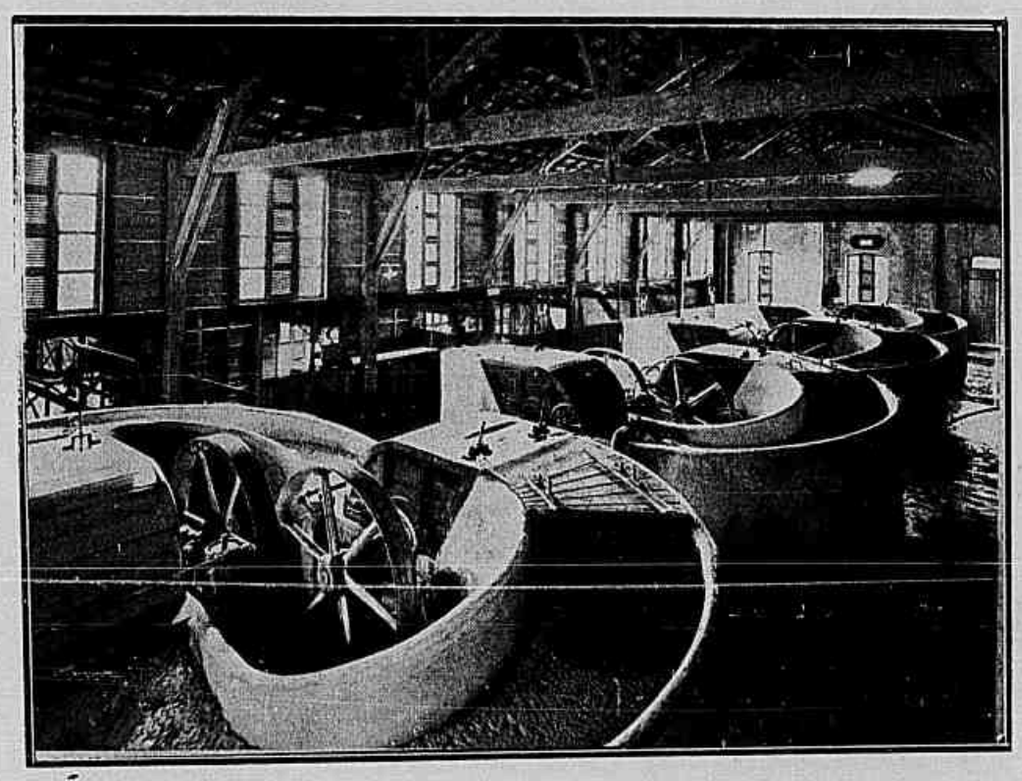
TELEPHONE CENTRAL 59?9 — CAIXA POSTAL 1801

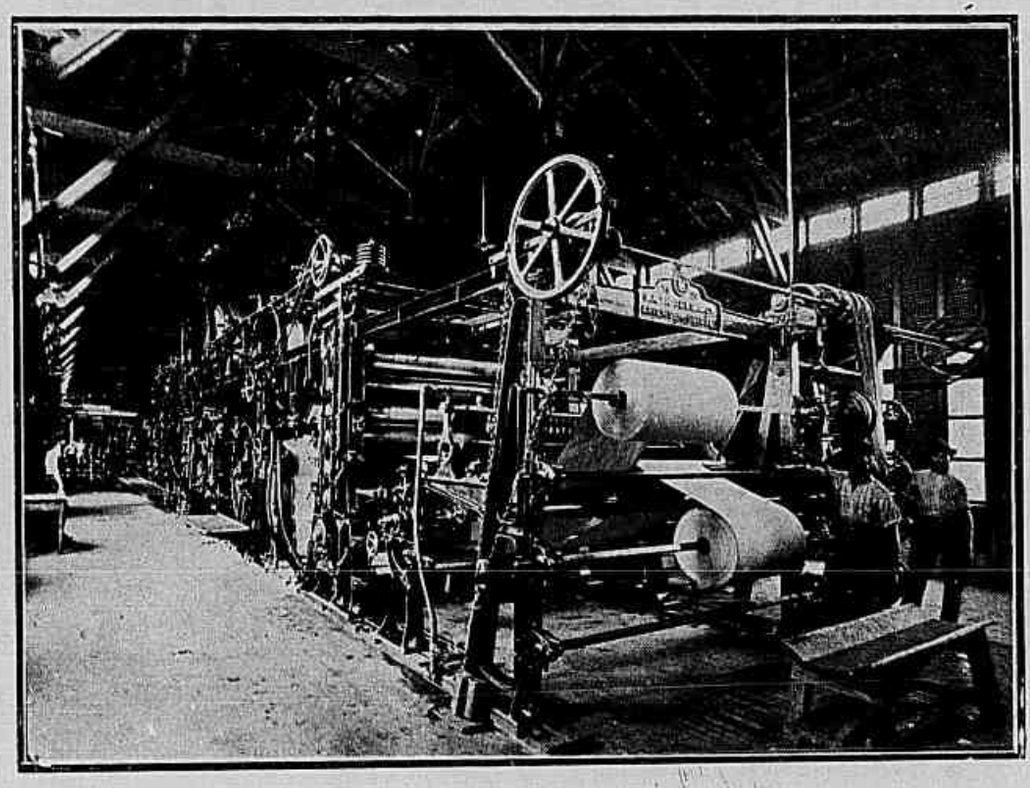


Fundada em 11 de Outubro de 1919, tendo sido seus incorporadores os snrs. Dr. Theodomiro de Mendonça Uchôa, Dr. Lindolpho de Freitas e Dr. Francisco de Paula Vicente de Azevedo, que são os seus directores.

Capital: Rs. 2.400:000$000, dividido em 12.000 acções nominativas de 200$000 cada uma, integralisadas.

Tem fabrica de papel e papelão em Cubatão, municipio de Santos, Estado de São Paulo, tendo uma capacidade diaria de producção de 12 toneladas de papel, de todas as qualidades, e 4 toneladas de papelão.





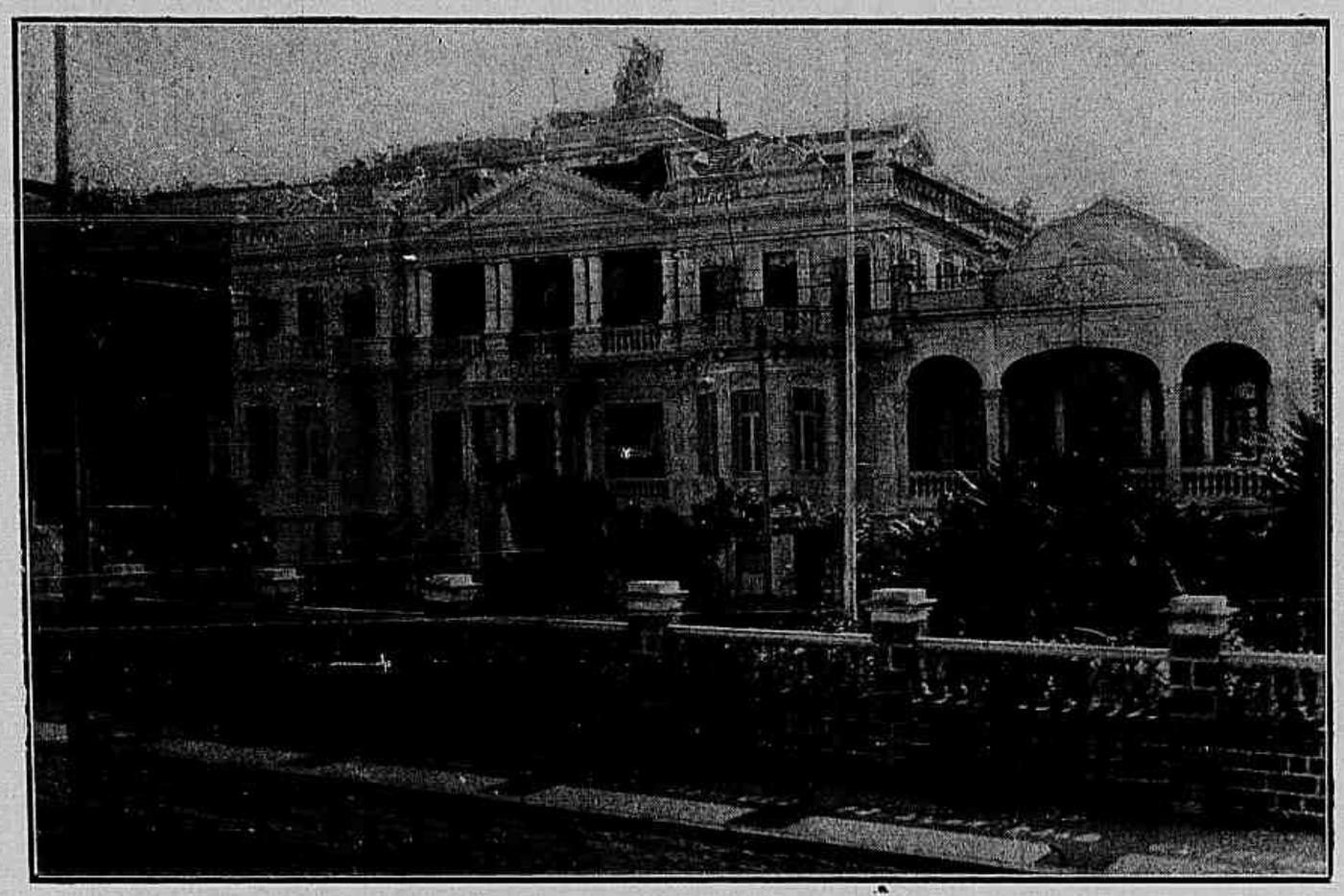
A fabrica é movida por força electrica propria, gerada em uma usina de 850 H. P., aproveitando uma das diversas quédas do rio Cubatão, situadas em suas terras, que comprehendem, uma aréa de 2.500 hectares de matta virgem.

PALACIO HOTEL

DE

Irmãos Cariani

Praia José Menino, 143 ≋ Caixa 83 ≋ Teleph. 1005 e L. D. 10 ≋ SANTOS



O Palacio Hotel está situado no melhor ponto da Praia José Menino, e acha-se provido de grande numero de quartos mobiliados com todo o conforto, assim como possúe vastos salões de refeições com esmerado serviço de Restaurant, salas de palestra e leitura, jardins e mais dependencias exigidas em um estabelecimento modelar. Annexo ao Hotel estão installados, um Cinema ao ar livre, um bem montado Bar e confortavel Casino.

O serviço de Bondes entre o Hotel e a Cidade é feito de 10 em 10 minutos durante o dia e a noite.

CASA ITALIANA

FUNDADA EM 1900

Importação de Fazendas e Armarinho, Camisas, Collarinhos e roupas feitas para homens e senhoras

Grande sortimento de casemiras inglezas e artigos para alfaiates



Unicos agentes e depositarios para todo o Brasil das afamadas Camisas de meia esterelizadas de
L. AGRATI & C. - MILÃO - ITALIA
As mais hygienicas e garantidas que não encolhem



Martini Leonardi & Cia.

Telephone Central 1504 — Caixa Postal 772

RUA GENERAL CARNEIRO, 32 - 34

São Paulo

CUNHA BUENO & C.

COMMISSARIOS

—:—:—

Endereço telegraphico:
——— "CUNHABUENO"
Caixa Postal, 69 ———

—— Rua Augusto Severo nº 23 ——

SANTOS

NIOAC & C.ia LIMITADA

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

Endereço telegraphico:
-:- -:- -:- "MONICA"
Caixa Postal, 186 ———
Codigos:
A. B. C. 5th EDd IMPROVED, BENTLEY'S, LIEBERS, LEVIATHAN
——— E BORGES ———
—— Rua 15 de Novembro, 121 ——

SANTOS

CERQUINHO RINALDI & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

—:—:—

::: Caixa Postal, 292 :::
Endereço telegraphico:
"CERQUINHO"
——— Telephone, 1277 ———
RUA FREI GASPAR, 50

SANTOS

BACCARAT & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

—:—:—

—— Rua 15 de Novembro, 100 ——
Caixa, 57 ———

Endereço telegraphico:
——— "BACCARAT"

SANTOS

CHRISTIANO OSORIO DE OLIVEIRA

COMMISSARIOS

—:—:—

—— Rua do Commercio n.º 147 ——
Endereço telegraphico:
——— "OLIVEIRA"
TELEPHONE, N. 542
Caixa Postal, 293 ———

SANTOS

J. C. MELLO & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

—:—:—

—— Rua 15 de Novembro, 131 ——
Caixa Postal, 421 ——
Endereço Telegraphico—
—— "ALMIRANTE"

SANTOS

MARTINS, WRIGHT & C. L.da

EXPORTADORES

—:—:—

Endereço telegraphico:
——— "SUPIMPA"
Caixa Postal, 275 ———

:-: Rua 15 de Novembro n.º 7 :-:

SANTOS

J. ARON & C.ia LIMITADA

EXPORTERS OF COFEE

:—: Telegraphic address "ARONCO" :—:
P. O. BOX 19
— Rua do Commercio, 58 (SANTOS) —
NEW YORK :———: NEW ORLEANS
SAN FRANCISCO — SANTOS — CHICAGO
LONDON :———: HAMBURG
BUY THE ARON MARK
ARONCO — ROSEBUD — BOURBONA

SANTOS

GRACE & C.

IMPORTERS & EXPORTERS

—— P. O. BOX 403 ——

Telegraphic Address "CRACESANTO"

All Codes used

HEAD OFFICES:

NEW YORK

W. R. GRACE & CO.

LONDON

GRACE BROS & CO., LTD.

—: Correspondents in all parts of the world :—

Rua Tuyuty, 83

SANTOS, BRAZIL

SILVA FERREIRA & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

—— **Rua do Commercio, 26** ——

Endereço Telegraphico:

——— "SILFE"

-::- Caixa, 109 -::-

——— Telephone, 795 ———

SANTOS

JUNQUEIRA NETTO & C.

COMMISSARIOS

Endereço Telegraphico:
"OSORIO"

—— Rua 15 de Novembro n.º 49 ——

:-: Caixa, 159 :-:

——— Telephone, Central 337 ———

SANTOS

LEITE, SANTOS & C.

EXPORTADORES E COMMISSARIOS

—— CODIGOS:
New Leviathan
A B C 5th.
Liebers (five letters)
Bentley's.
Ribeiro.

Rua Cidade de Toledo, 10

Endereço Teleg:. "LEITE"
———— CAIXA, 68
Telephone, 662 ———

SANTOS

ANDRADE JUNQUEIRA & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

—:—:—

—— Rua do Commercio n.º 66 ——

-::- Caixa Postal, 149 -::-

SANTOS

SOCIEDADE ANONYMA LEVY

COMMISSARIA E EXPORTADORA

:-:-: Caixa Postal, 123 :-:-:

Endereço Telegraphico:
——— "LEVI"

Telephone, 405 ———

:-:-: Rua do Commercio n.º 133 :-:-:

SANTOS

ALMEIDA PRADO & C.

COMMISSARIOS

End. Teleg: "ALPRADO"
Caixa Postal N. 241

CODIGOS: A. B. C. 5ª ed. melhorada.
BORGES.
BENTLEY'S.
BRAS. UNIV.

—— **Rua 15 de Novembro, 27** ——
——: Telephone Central 348 :——

SANTOS

F. CONCEIÇÃO & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

Escriptorio:
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 153
——— Telephone: Central 172

Caixa Postal, 205 ——
Endereço Telegraphico
——— "AGUIAR"

Codigos:
RIBEIRO, BRASIL, BORGES, LIEBERS
—— BENTLEY'S e PARTICULAR ——

SANTOS



COMPANHIA SANTISTA DE SEGUROS

SANTOS

ESTADO DE SÃO PAULO

SEGUROS TERRESTRES E MARITIMOS.

FUNDADA EM 17 DE JULHGDE 1919

Capital Social:

1.000:000$000

OPÉRA EM TODO O BRASIL

SEDE;

Rua Santo Antonio, 25

1. ANDAR

SANTOS

ESTADO DE S. PAULO

END TELEGRAPHICO: BRAZCUBAS

FILIAL EM S. PAULO
RUA DIREITA, 8-A 1.º andar
GERENTE ANESIO AZAMBUJA

AGENCIA GERAL;

RIO E ESTADO DO RIO

AVENIDA RIO BRANCO N. 109

3.o Andar - Sala 21

AGENTE JOHN JUNE ROOS

Agencia Geral — RECIFE

Praça Independencia, 25

Corner & Golver Ltd.



COMPANHIA CENTRAL DE ARMAZENS GERAES

FUNDATA EM 1907
Capital realizado Rs. 1.000:000$000
Reservas Rs. . . . 1.173:992$360

Mach nas aperfeiçoadas e recentemente remodeladas para rebeneficio, pezagem e ensaque de café.

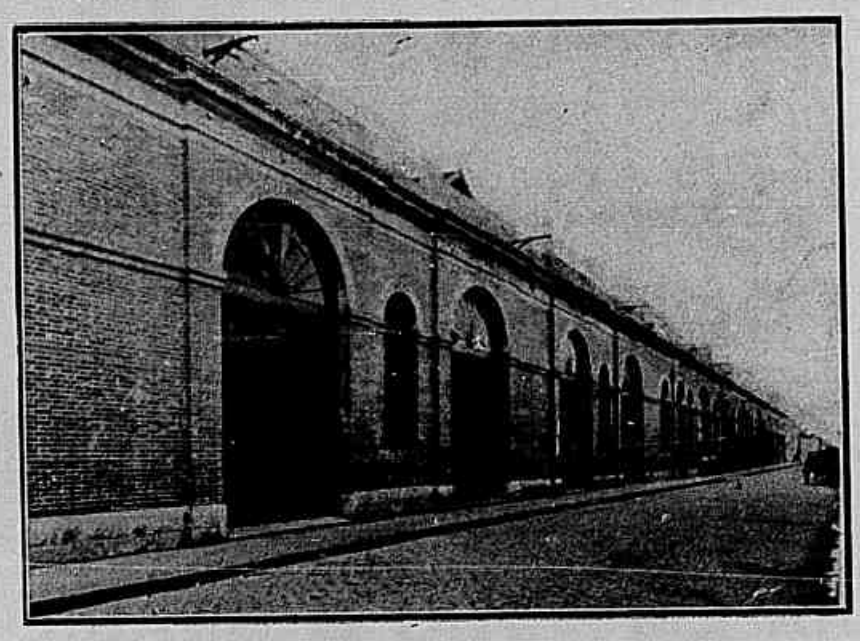
Armazens proprios e com capacidade para 800.000 saccas.

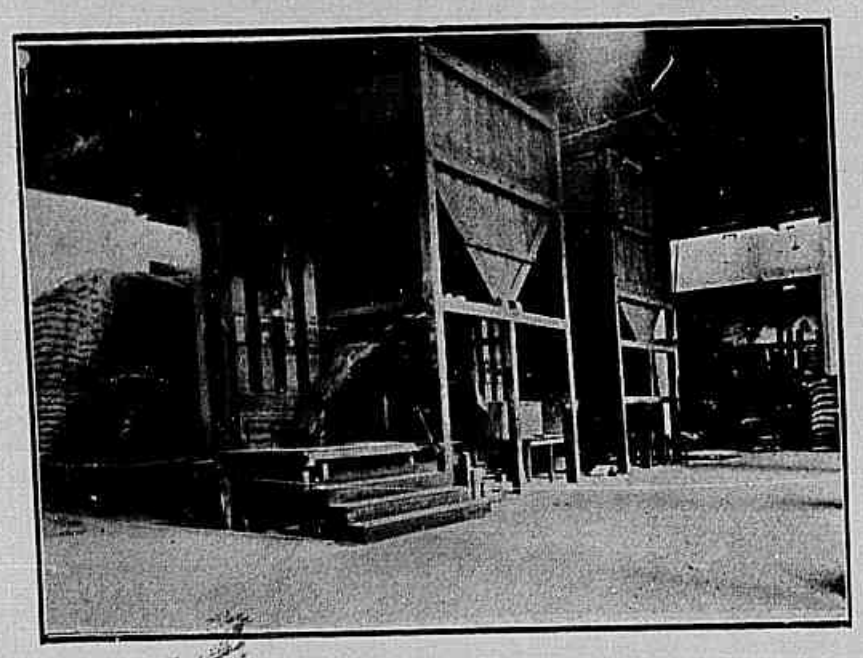
A Companhia, recebe em Santos café dos Snrs. Lavrador s, executando com presteza e perfeição os serv ços a seu cargo.

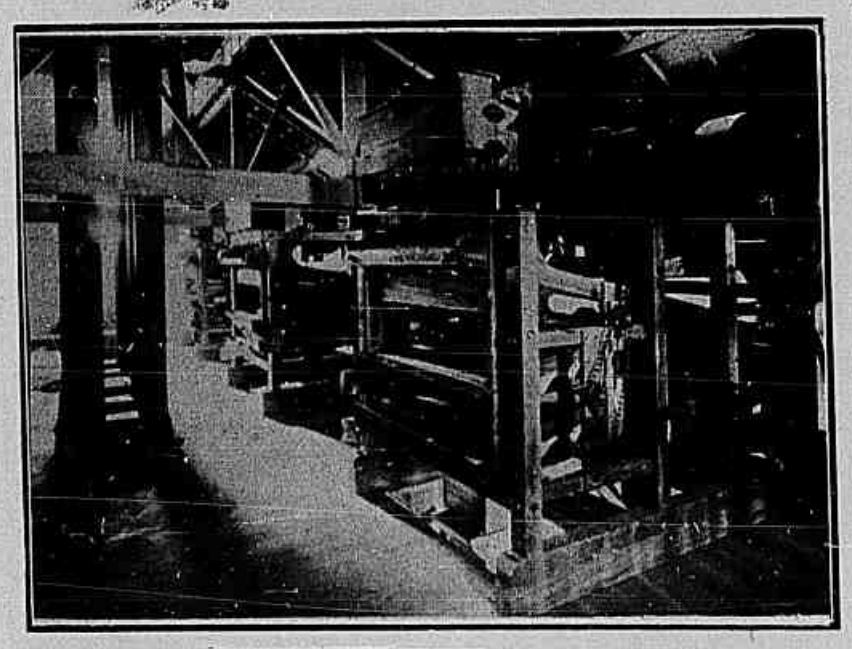
Facturas emittidas directamente ao comprador em nome do Lavrador, que desta maneira sabe, quando, por quanto e a quem foi vendido seu café.

Lucro do sacco totalmente devolvido ao Lavrador.

Enviamos prospectos det lhados e Tarifa de preços aos interessados.







Dirigir pedidos á COMPANHIA CENTRAL DE ARMAZENS GERAES

Rua 15 de Novembro, 188

Caixa Postal N. 225 **Teleg. „CENTRAL“**

SANTOS

CASA GARCIA

Grande Fabrica de Vitraes

Garcia & C.º

.. .. Premiada na grande Exposição Municipal de São Paulo com medalha de ouro.

Importação directa de vidros para vidraças

Telhas nacionaes e extrangeiras

Telephone CENTRAL **2190**

End. Teleg.: **"CASAGARCIA„**



Gravação a acido e areia

Placas de crystal

Fabrica de espelhos e lapidação

Papeis pintados

Tapeçes, Capachos, Estampas

Gravuras e Molduras para quadros

Caixa Postal 1231

Rua Wenceslau Braz N. 9

SÃO PAULO

COMPANHIAS FRANCEZAS DE NAVEGAÇÃO

"SUD-ATLANTIQUE" E "CHARGEURS RÉUNIS"

Entre as mais antigas e acreditadas companhias extrangeiras de navegação que funccionam no Rio de Janeiro são sem duvida alguma, as "Sud-Atlantique" e "Chargeurs Réunis".

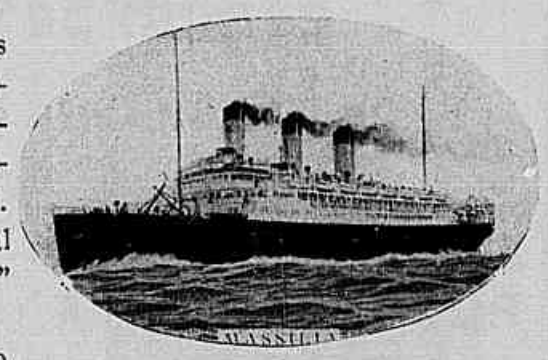
A "Chargeurs" dispõe do capital de 100 milhões, e a "Sud-Atlantique" de 10 milhões de Francos.

Teem agencias em Pernambuco, Bahia, Victoria, Santos, S. Paulo, Rio Grande, Porto Alegre, e representantes em Curityba, Ponta Grossa, B. Horizonte, etc.

Fazem serviços de passageiros por paquetes rapidos — "Lutetia" e "Massilia"; serviços regulares de passageiros e cargas por paquetes mixtos — "Aurigny", "Belle Isle", "Ceylan", "Desirade", Formose", "Mosella", etc.; serviços regulares de cargueiros entre á Europa e America do Sul.

A direcção telegraphica de ambas as companhias, é — Chargeurs" — Rio de Janeiro.

"Lutetia" e o "Massilia", são bellos e luxuosos transatlanticos, dos maiores e mais velozes de quantos visitam o nosso porto. Quem n'elles viaja, o faz com o maximo conforto, goza o mais perfeito tratamento e passa os dias mais agradaveis possiveis, quer pelas innumeras diversões que se encontram á bordo, quer pelo fino trato e proverbial gentileza de sua officialidade.





E assim se explica a preferencia que, a essas companhias, é dispensada pelos passageiros que se destinam á Europa e ao Brasil.

NAUMANN, GEPP & C. LTD.

EXPORTADORES DE CAFE'

LONDON, & SANTOS

Telegraphic Address.:

"ORECTIC"

Rua Quinze de Novembro nº 75

CAIXA 22

SANTOS

NOSSACK & C.

SANTOS E HAMBURGO

—— Telegr.: "NOSSACK" ——

RUA DO COMMERCIO, 59

——— Caixa do Correio, 31

CODES:
NEW LEVIATHAN CABLE CODE, A. B. C.
— FIFTH EDITION, BENTLEY'S CODE, —
——: LIEBER'S CODE (5 LETTER) :——

SANTOS

HARD, RAND & C.

EXPORTADORES DE CAFE'

—:—:—

——— P. O BOX, 100 ———

—— Rua Frei Gaspar n.º 6 ——

SANTOS

A. DIEBOLD & C.

EXPORTADORES DE CAFE'

———

Endereço Telegraphico:

——— "DIBOLCO"

Caixa do Correio, 501

SANTOS

ALMEIDA CARDIA, ABREU & C. LTD.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

(Members of the American Chamber of Commerce of Santos)

Rua do Commercio, 38

CAIXA, 206 —— Telegrs.: "CARDIA"

Codigos:
A. B. C. 5 th. ed (improved), LIEBER'S 5
— LETTER, SIMPLEX, LEVIATHAN, —
— BENTLEY'S, RIBEIRO, PRIVATES, —
—:—:—:— WESTERN UNION —:—:—:—

SANTOS (Brazil)

BARBOZA & C. LTDA.

EXPORTADORES

P. O. BOX 207

— Growers of BARBOZA B|B BOURBONS —

——— Cable address: "BARBO

CODES:
Vollers' 12 Figure, Leviathan, Bentley, Lieber's 5 Letters, Lieber's Standard, ABC 5th. Edition.
——: PRIVATE :——

SANTOS

MARTINHO CAMARGO, COELHO & C.

COFFEE EXPORTERS
(Members of Santos Coffee Exchange)
COMMISSARIOS DE CAFE'

——Caixa Postal, 192
(P. O. BOX)

——— **Rua do Commercio, 2** ———

End. Teleg.: (Cable Address) "MARTINHO"

CODES:
A. B. C., 5 th, Edition, BENTLEY'S, LIEBERS,
———— LEVIATHAN ————

SANTOS

CINTRA, SOUTO & C.

COMMISSARIOS

Endereço Telegraphico:

:-:-: "CINTRA" ———

Caixa Postal, 507

——— Telephone Central, 2615 ———

——— PRAÇA MAUÁ, 26 ———

SANTOS

LARA, TOLEDO & C.

COMMISSARIOS

: : : CASA FUNDADA EM 1888 : : :

Endereço Telegraphico:
:-:-: "LARATOLEDO

——— Rua 15 de Novembro n.º 94 ———

Caixa Postal, 66

——— Teephone, 640 ———

SANTOS

F. CAMARGO & C.

COMMISSARIOS

—:—:—

Endereço telegraphico:

——— "ROCHEDO"

Telephone, 2286 ———

Caixa Postal, 496

——— Rua do Commercio, 124 ———

SANTOS

LARA CAMPOS & C.

COMMISSARIOS

Caixa Postal, 21 ———

Endereço Telegraphico

—— "THEOTONIO"

RUA MARQUEZ DO HERVAL, 51

SANTOS

JOÃO DE SIQUEIRA & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

Endereço Teegraphico:

——— "JOSIQUEIRA"

--:-- Rua do Commercio n.º 30 --:--

——— Caixa 476 ———

S. PAULO

--:-- Rua Protestantes, 15 --:--

Caixa 890

SANTOS

MARQUES VALLE & C.

COMMISSARIOS

—:—:—

:-:-: Rua do Commercio, 74 :-:-:

Caixa Postal, 58

——— Telephone Central, 922 ———

SANTOS

B. BRAGA & C.

COMMISSARIOS

——— Caixa Postal, 504 ———

Telephone, 251

Endereço Telegraphico:

——— "BRAGAVALLE"

——— Rua do Commercio nº 99 ———

SANTOS

F. A. COUTINHO

COMMISSARIO

—:—:—

——— Rua de S. Bento, 50 ———

:-: Caixa do Correio 53 :-:

Codigos : Ribeiro e Brasil

Telephone Central 44

SANTOS

SION & C.

Exportadores de Café e Algodão

—— Rua Frei Gaspar, n.º 20-22 ——

Endereço Telegraphico:

———— "DSION"

CAIXA POSTAL Nº 387

—— Telephone, 2918 ——

SANTOS

A Camara de Commercio Belga



CAMILLE JANSSEN

A Camara de Commercio Belga no Brasil, foi fundada, em 21 de julho de 1917, com o fim de se achar habilitada, logo que terminasse a guerra, a cooperar efficazmente no desenvolvimento das relações commerciaes entre a Belgica e o Brasil. Durante os seus cinco annos de existencia, trabalhou sem desfallecimento para tornar mais conhecidas, na Belgica, a grandeza do Brasil, a amisade e estima de que goza o povo belga no nosso paiz, e as immensas possibilidades que elle pode offerecer á actividade perseverante e ao trabalho tenaz. Alem disso, a Camara prestou sempre aos seus compatriotas que a ella se dirigiam, todo o auxilio ao seu alcance no intuito de facilitar a introducção no Brasil dos productos das manufacturas, muito variadas, em que sepatenteiam a intelligencia, a iniciativa e a perfeição de trabalhos dos excellentes operarios belgas. Esta Camara de Commercio tem assim prestado, até hoje, aos dois paizes amigos, os mais assignalados serviços, mercê da bôa vontade sem limites da sua directoria actual, que está assim constituida: Camille Janssen, presidente; Julien de Baere, 1.º vice-presidente; George Allard, 2.º vice-presidente; Jules Verelst, secretario; Henri Bourseau, thesoureiro; Henri Mallerme e Uric Joncker, membros.

Conselho de Administração, os srs.: Eugéne Jaussens, René Battard, Marcel Lerot, Jean Macyens, Joseph Barbier, Faustin Havelange, Charles Conreur, Prosper Paternot, Ernest de Preter, e Antoine Pieraerts.

Entre os *Presidentes de Honra,* figuram os sr.: Conselheiro Ruy Barboza, dr. João Teixeira Soares e dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Todos os membros da Directoria e do Conselho de Administração, são estabelecidos em nossa praça e como tal, por suas qualidades de operosos e cultos commerciantes, são considerados como elementos valiosos do nosso alto commercio, pelo muito que teem feito em prol do seu progresso.

BAÈRE, DELCROIX & C.



JULIÃO BAÈRE

Os retratos que illustram estas notas, são dos srs. C. P. Julien de Baére e Fernand Delcroix, dois nomes bastante conhecidos e conceituados nos nossos meios commercial, industrial e social, bem como em muitos centros extrangeiros.

Belgas de nascimento, aqui residem e exercem a sua actividade ha cerca de 30 annos, sendo os dois unicos socios componentes da firma Baére, Delcroix & C., muito acreditada e reputada, não só pelos avultados capitaes de que dispõe, como tambem e principalmente, pelo processo de absoluta honradez e de comprovada competencia, de tão activos e operosos commerciantes.

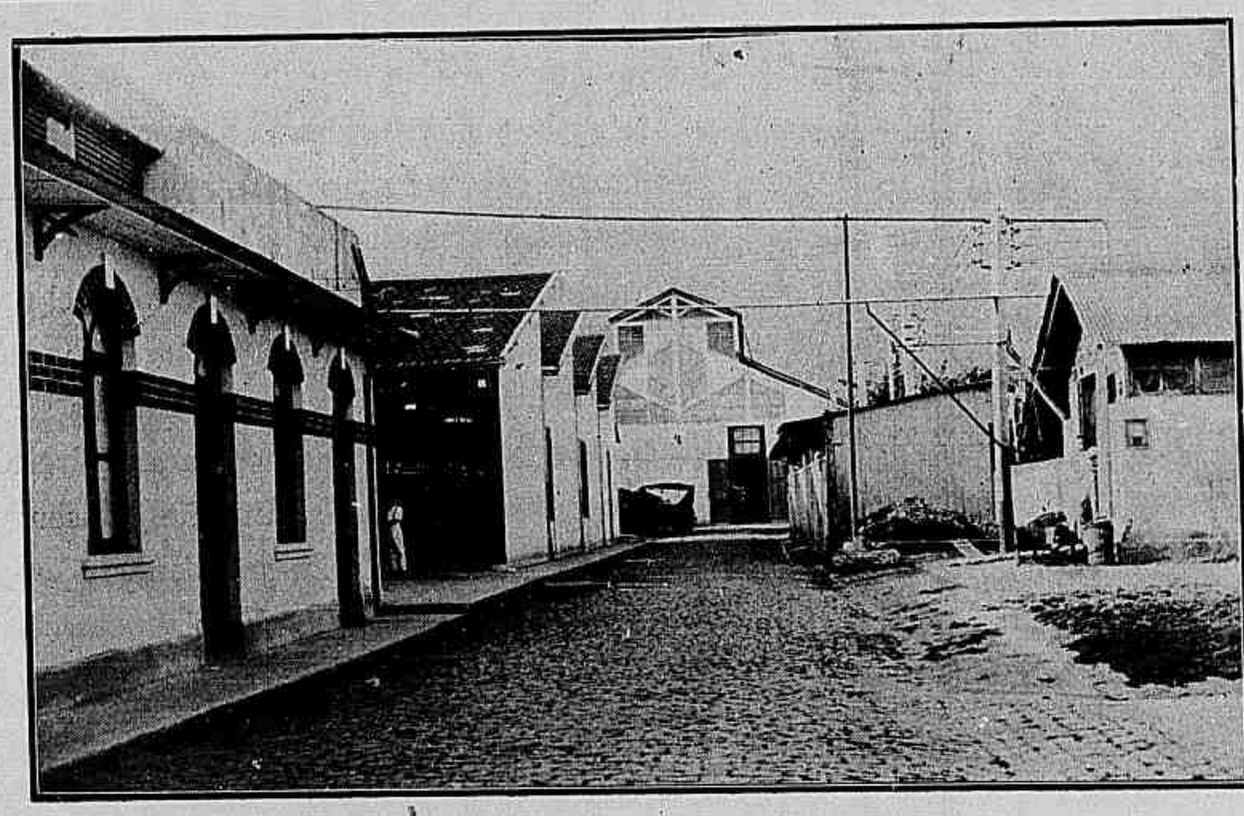
A firma Baére, Delcroix & C. é proprietaria da «Lanificios Minerva» Sociedade Anonyma com o capital de Rs. 3.000:000$000, dividido em 6.000 acções de 500$000 cada uma, das quaes, 5.800 pertencem a firma e 170, em partes iguaes, aos srs. Julien de Baére e Fernand Delcroix.

A «Lanificio Minerva» foi fundada em 1906, tem o capital de Rs. 1.800:000$0000 é uma das mais importantes e conceituadas fabricas de casimiras nacionaes. Está edificada em terrenos de propriedade da firma, medindo mais de 8.000 metros quadrados, comprehendendo diversos edificios, dentre os quaes destacam-se os da Fiação de Cordados, de Tecelagem, de acabamento de tecidos, dos depositos, do escriptorio, etc., estando a Fabrica de Tecelagem situada á rua Garibaldi, 34; a Fabrica de Fiação, á rua Pinto Guedes, 103 e os depositos, e escriptorio á rua General Camara, 93.

A producção de fiação de lã cardada, é de cerca de 7.000 kilos mensaes, isto é, uma producção sufficiente para mais ou menos 14.000 metros de tecidos, mensalmente. Estes artigos, feitos com lã do Rio Grande do Sul, teem largo consumo e representam um producto genuinamente nacional. A «Lanificios Minerva» não produz somente com lã nacional. Por intermedio dos srs. Baére, Delcroix & C., ella importa annualmente perto de dois milhões de francos de fios finos, da Belgica, com os quaes produz artigos de phantasia em varias cores, sarjas, sargelins, cheviotes, etc. Os productos que na Exposição Nacional do Centenario, estão expostos, firmam ainda mais a reputação da «Lanificios Minerva».



FERNAND DELCROIX



FABRIDA BAÈRE, DELCROIX & C.

Durante a grande guerra, a fabrica de tecidos de lã, dos srs. Baére Delcroix & C., a que nos estamos referindo, prestou relevantes e assignalados serviços á nossa população: não havia possibilidade de importar, e não fosse a «Lanificios Minerva» e outras fabricas que possuem fiação, os stocks existentes nesta praça e n'outras do Paiz, teriam sido extraordinariamente valorisados pela lei fatal da falta e da procura. Dignos, portanto, de extrema estima, são os homens trabalhadores que fundaram em nosso paiz industrias como a creada pelos srs. Baére, Delcroix & C. que prestam reaes serviços e que em crises como as causadas pela guerra ferida, obstam que o publico soffra não só pela falta do artigo, como pela carestia do pouco existente.

A firma em questão, occupa-se tambem de importação de diversos artigos textis, brins, palmbreach e artigos para estofadores.

Devido ao esclarecido tino industrial, a competencia, e a força de vontade sem limites, dos seus proprietarios, a fabrica dos srs. Baére Delcroix & C. tinha forçosamente de obter a mais completa victoria, occupando actualmente uma honrosa posição de destaque, recebendo a mais justa recompensa que uma empreza desse genero pode aspirar: o credito illimitado nas praças mais importantes do paiz e do extrangeiro.

A direcção telegraphica é — BAEDEL — Usam os Codigos Ribeiro, A. B. C. e A. Z. e trabalham com o Banco Italo-Belga.

O sr. Fernand Delcroix, é engenheiro industrial de alto descortino, e exerce a direcção technica do estabelecimento fabril, procurando adaptal-o aos progressos que dia a dia vão se realisando, no fabrico de tecidos. O sr. Delcroix foi varias vezes Presidente da Real Sociedade Belga de Beneficencia.

O sr. Baére tem a direcção dos negocios commerciaes, imprimindo com a sua longa pratica e os seus vastos conhecimentos, a mais proveitosa orientação desejavel em estabelecimentos de tal natureza. O sr. Julien Baére foi igualmente presidente d'aquella instituição, assim como da Camara de Commercio Belga da qual é actualmente vice-presidente. E' um dos directores do Centro Industrial do Brasil, e um dos fundadores da Companhia de Seguros «Segurança Industrial» da qual é um prestigioso director.

Foram ambos condecorados pelo Governo do Rei Alberto da Belgica com a ordem de Leopoldo, a condecoração de maior prestigio no pequeno, mas glorioso Reino Amigo. São muito estimados e distinguidos pelo nosso alto commercio, do qual são ornamento e membros dos mais intelligentes e operosos.



UMA DAS SALAS DOS TEARES



PARTE DA SECÇÃO DO ACABAMENTO

H. G. BEARDALL & C.

—:— Rua 15 de Novembro nº 160 —:—

Telegrammas: "BEARDALL"

Codes:
LEVIANTHAN, BENTLEY'S, A. B. C.
——— 5TH. EDITION ———

Caixa Postal (P. O. Box) 497

SANTOS

ZERRENNER, BÜLOW & C.

EXPORTADORES DE CAFE'
Commissarios — Importadores
Agentes do Norddeuhscher Lloyd, Bremen

—:— Rua São Bento,81 —:—

São Paulo

——— Rua do Commercio 53 e 55 ———

SANTOS

FREIRE, BARROS & C. LTDA.

COMMISSARIOS

——— Praça da Republica nº 53 ———

Endereço Telegraphico:
——————— "BARROS"

Caixa Postal, 514 :-:-:

——— Telephone, 1510 ———

SANTOS

LARA, NETTO & C.

COMMISSARIOS

SOCIOS SOLIDARIOS:
Antenor de Lara Campos
Dr. Antonio Teixeira de Assumpção Netto
Luiz Pontes Bueno

——— Rua do Commercio, 76 ———

—::— Caixa, 195 —::—

Endereço Telegraphico: "AMBOLA"

SANTOS

W. F. Mc LAUGHLIN & C.

EXPORTADORES DE CAFE'

——— 610-620 North La salle St. ———
General Cable Address.:
——— "McLAUGHIN"
CHICAGO

———Rua do Conselheiro Saraiva, 28———
P. O. BOX 583
RIO DE JANEIRO

——— Rua do Commercio 70 ———
—:— P. O. Box 214 —:—

SANTOS

JUNQUEIRA, CARVALHO & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

—:—:—

Endereço Telegraphico:
——————— "JUCAR"

Caixa Nº 178

:::— Rua 15 de Novembro n.º 48 —:::

SANTOS

JESSOUROUN, IRMÃO & C.

EXPORTADORES DE CAFE'

——— Rua 15 de Novembro 61 ———

Caixa Postal 761

Telegrammas: "JESSOUROUN"

Codigos:
LEVIATHAN, BENTLEY'S, LIEBER'S.
A. B. C. RIBEIRO e PAR-
——— TICULARES ———

SANTOS

OSORIO JUNQUEIRA & C.

COMMISSARIOS

:-:-: Rua 15 de Novembro, 47 :-:-:

Caixa Postal, TT

Endereço Telegraphico:
——— "OJUNQUE"

SANTOS

A. FERREIRA & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

Endereço Telegraphico: "LULEME"
Caixa Postal, 451

RUA 15 DE NOVEMBRO, 9

Codigos:
BENTLEY'S, LEVIATHAN, LIEBER'S,
A. B. C. 5ª edição

SANTOS

ANDRADE & NETTO

EXPORTADORES DE CAFE'

Endereço Telegraphico:
"DEDRANA"

Telephone, 1554
Caixa, 236

Rua 15 de Novembro n.º 110

SANTOS

BUENO NETTO & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES

Endereço Telegraphico:

"BUENIRMÃO"

Rua do Commercio n.º 46

Caixa n.º 524

SANTOS

ROCHA FARIA & C.

COMMISSARIOS E EXPORTADORES DE CAFE'

MATRIZ: Rio de Janeiro:
RUA THEOPHILO OTTONI, 113

FILIAL: Santos:
RUA DO COMMERCIO, 62

SANTOS

MOURA, ANDRADE & C.

COMMISSARIOS

End. Telegr. "MOURA"
CODIGO RIBEIRO
RUA ANTONIO SIMÕES
Caixa Postal, 12
TAYUVA

RUA VISCONDE VERGUEIRO, 30
Caixa Postal, 97
Telephone-Central, 1955

SANTOS

FRANCO, SOARES & C.

EXPORTADORES

Rua 15 de Novembro, 20

Caixa Postal, 479

Endereço Telegraphico:

"SOARES"

SANTOS

VENANCIO DE FARIA & IRMÃO

COMMISSARIOS

Caixa do Correio 93

Rua Cidade de Toledo n.º 15

Telephone 727

Filial em Rio Preto

SANTOS

CHARLES MEYER & C.

COMMISSARIOS DE CAFE'

REPRESENTAÇÕES

Telephone, 2981

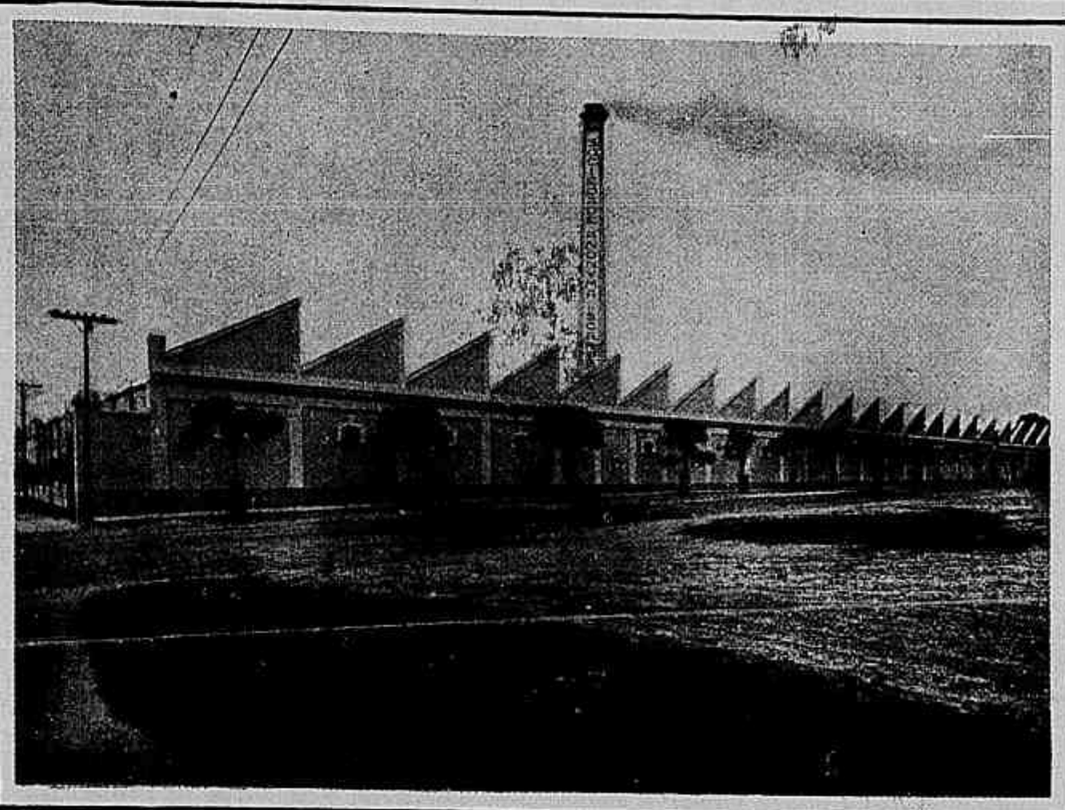
Endereço Telegraphico: MEYER
CAIXA, 488

Rua 15 de Novembro, 48 (2.º andar)

SANTOS

Sociedade Anonyma "Scarpa"

Em 1897 Francisco Scarpa & Filho fundaram em Sorocaba, Estado de São Paulo, uma importante casa commercial, por atacado, de seccos e molhados, com uma secção especial de operações bancarias, transformando-a depois, em 1919, na "Sociedade Anonyma Scarpa", com um capitai realisado de QUATRO MIL CONTOS e um fundo de reserva de mais de QUATRO MIL CONTOS, a cuja testa se acha o operoso industrial Sr. Nicolau Scarpa, um typo verdadeiro de organisador americano.



Um aspecto da fabrica "Scarpa"—em S. Bernardo.

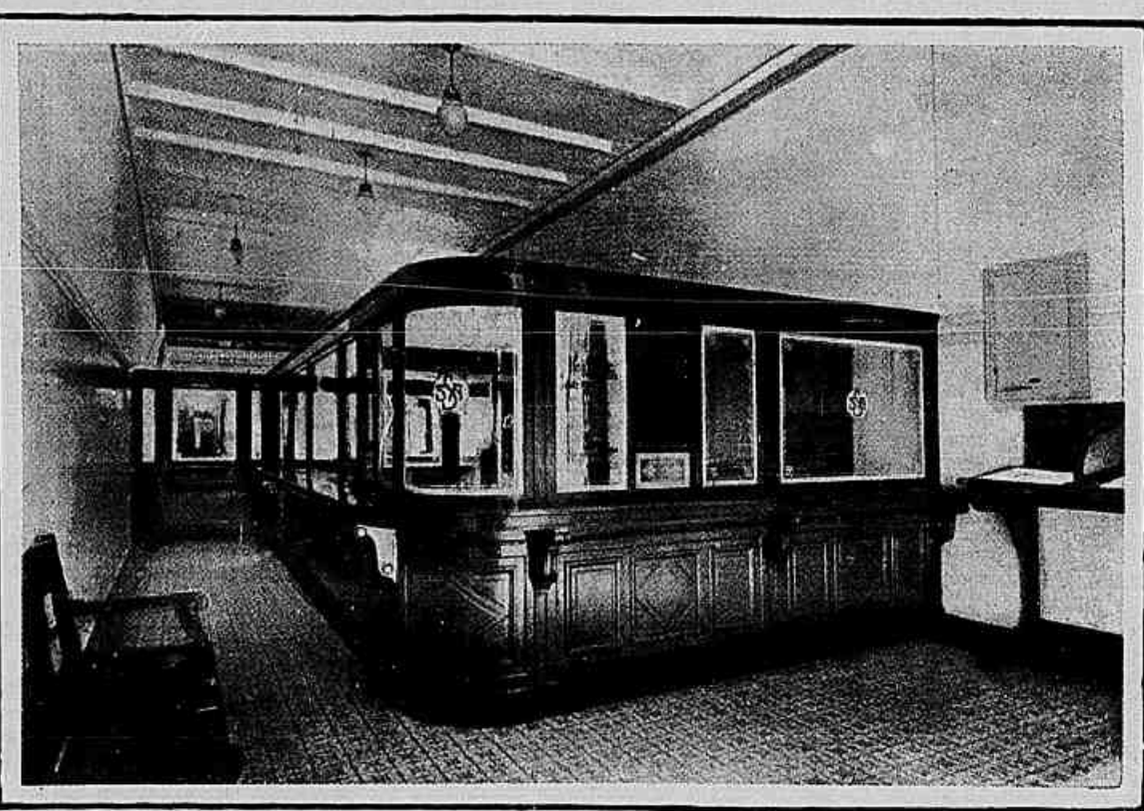
Não satisfazendo aos seus ideaes de industria as fabricas de S. Bernardo, a poderosa companhia adquiriu a grande "Fabrica S. Bernardo", introduzindo-lhe notaveis melhoramentos, de modo a apparelhal-a para attender á sua numerosa e selecta freguezia.

Localisado no bairro do Ypiranguinha, nas proximidades da capital occupa o estabelecimento a area total de 25 mil metros quadrados, abrangendo as secções principaes de fiacção, tinturaria, mercerisação, alvejamento, tecelagem, com meadeiras, retorcedeiras, apparelhos de tingir em rama e em meadas e preparar a tecelagem, afóra o acabamento, calandras e enroladeiras, o encaixotamento, o almoxarifado, as officinas mecanicas e a carpintaria.

Dispõe a fabrica de poderosas *ramenses* e machinas do ultimo modelo *Ratiére* e *Jacquards,* movidas por 750 cavallos vapor com a energia electrica da Light and Power de São Paulo.

Dão bem idéa do seu valor os seus 450 teares, 14.400 fusos e 900 operarios, para os quaes se fizeram lindas e confortaveis villas.

A producção média, mensal, de brins, zephirs, xadrez, atoalhados, pannos para colchões attinige a 350.000 metros. Junto á fabrica ha ainda a *Malharia,* dotada de machinas modernissimas, trabalhando com os proprios fios da Companhia, e especialisada em artigos alvejados e mercerisados com a producção média de 100 duzias de camisas de meia e meias, por dia.

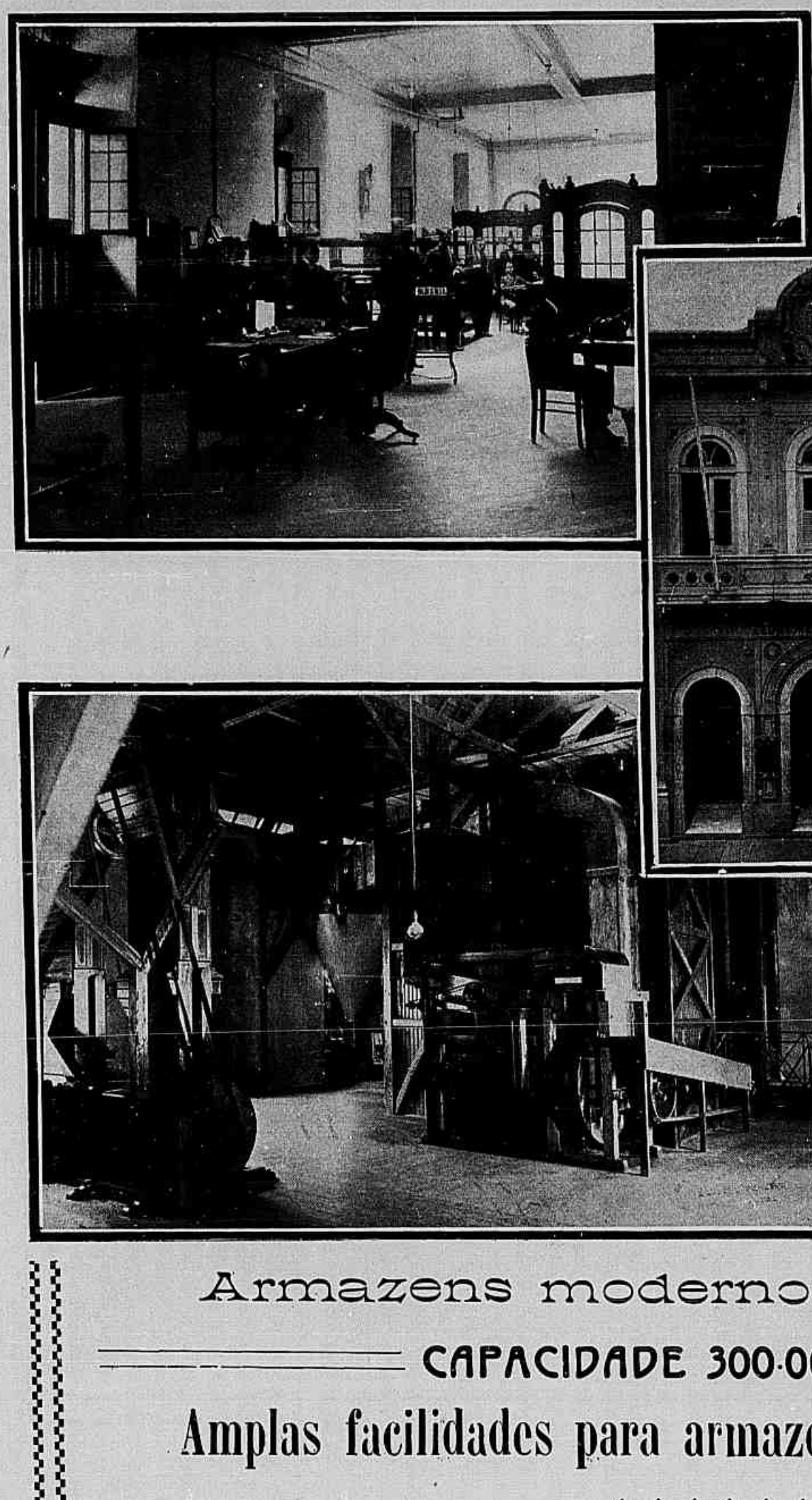


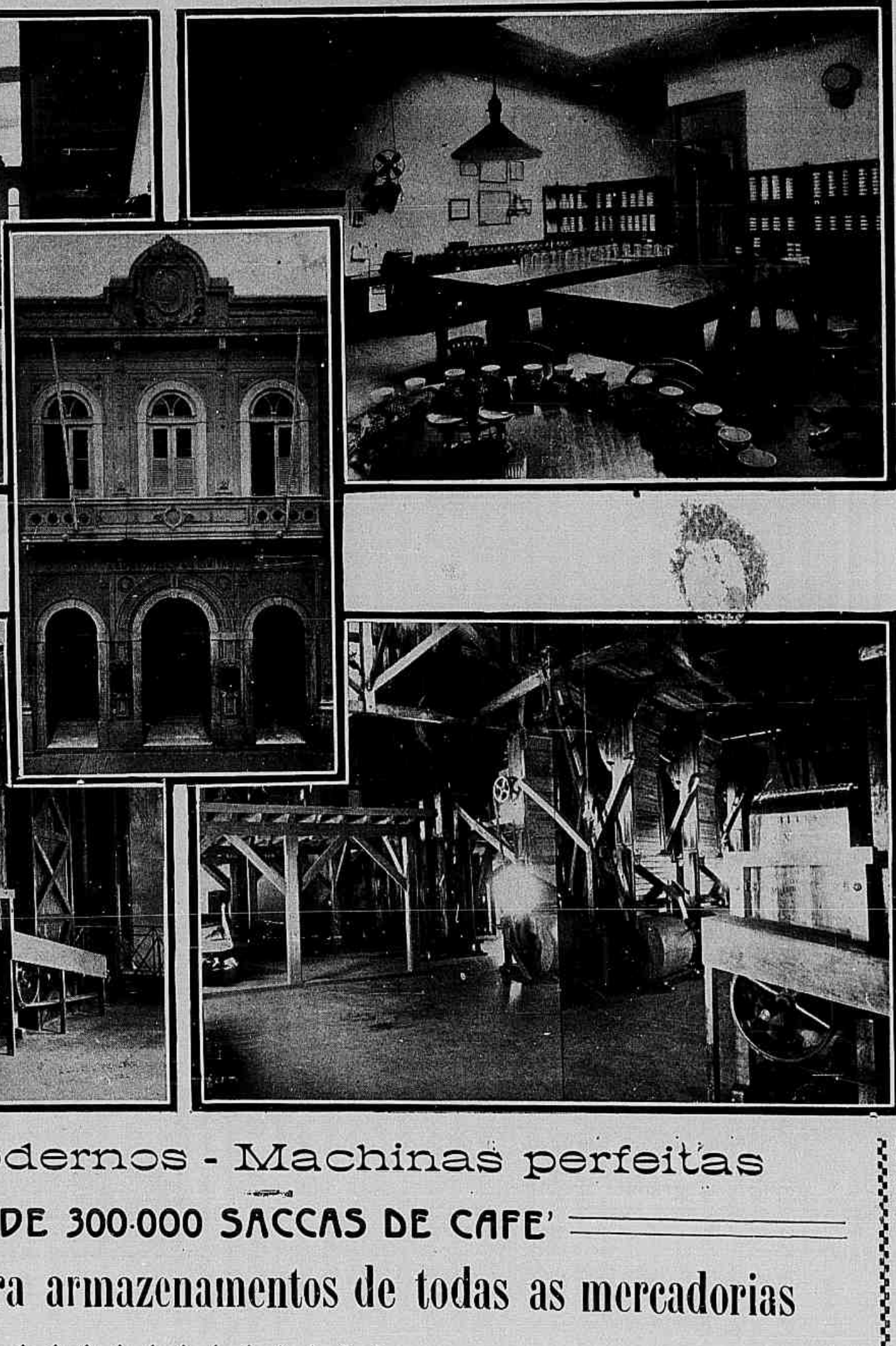
Uma das Repartições do Escriptorio á Rua Alvares Penteado, 29 - A.

Agrupando os seus empregados na escola, no cinema, no sport, provendo-os de todo os soccorros medicos e a melhor assistencia social e material, com as Cooperativas de generos de consumo, a Fabrica de São Bernardo honra a industria brasileira e os seus directores fazem jús ás maiores homenagens.

COMPANHIA AMERICANA DE ARMAZENS GERAES

FUNDADA EM 1916





Armazens modernos - Machinas perfeitas

CAPACIDADE 300.000 SACCAS DE CAFE'

Amplas facilidades para armazenamentos de todas as mercadorias

Os Cafés do Interior são ensaccados com o maximo cuidado, conforme nossa experiencia nos Estados Unidos da America do Norte, onde os melhores preços são pagos para cafés de bôa apparencia. Cafés mal ensaccados, consequentemente são mal vendidos.

- - SANTOS - -

RUA DO COMMERCIO 42 44

TELEPHONE 288 —o— CAIXA POSTAL 450

Endereço Telegraphico: AMWARCO

PINHEIRO DE ANDRADE & C. LTDA.

Commissões, Consignações e Conta Propria

—:—:— Caixa Postal, 30 -:- Codigo Ribeiro

Escriptorio: Rua 15 Novembro, 205 —:—:—

Endereço Telegraphico:

——— "COSTALIMA"

Telephone CENTRAL 2170

SANTOS

ETELVINO PRADO

COMMISSARIO

S. PAULO — Rua S. Bento, 59
Codigos: A B C 5ª. Ed. e RIBEIRO
End. Telegraphico: "VINADO"
Caixa Postal, 1886 :—: Telep.: Central, 466

RUA D. PEDRO II, 13
Codigos: A B C 5ª. Ed. e RIBEIRO
End. Telegraphico: "ODARPE"
Caixa Postal, 518 :—: Telep.: Central, 2172

SANTOS

MORAES, PAULA LEITE & MEIRELLES

COMMISSARIOS

SOCIOS:

Agostinho de Camargo Moraes
Mario de Paula Leite
Joaquim Victor de Souza Meirelles

Endereço Telegraphico:

——— "ACAMOR"

—— Rua Cidade de Toledo, 27 ——

Caixa, 392 — Telephone 1918

SANTOS

B. MATHEUS & C.

COMMISSARIOS DE CAFE'

::—:: Rua do Commercio, n.º 64 :: ::

SANTOS

CASTRO, CARDOSO & C.

NEGOCIANTES DE CAFE'

Endereço Telegraphico:

——— "CASTOR"

Caixa do Correio, 393

—— Telephone, Central 826 ——

—— Rua Cidade de Toledo, 19 ——

SANTOS

E. SILVEIRA

NEGOCIANTE DE CAFE'

(Termo e Disponivel)

Matriz: SANTOS
RUA 15 NOVEMBRO, 65
Telephone 1244 - Central
—— Caixa 341 ——

Filial: SÃO PAULO
RUA ALVARES PENTEADO, 50
Telephone 502 - Central
—:— Caixa 1590 —:—

SANTOS

EVARISTO NEGRÃO

COMMISSARIO

—— Telephone: 5313 Central ——

Rua de São Bento, n.º 24 — São Paulo

:-: Rua do Commercio, n.º 54 :-:

——— Telephone, 1690 ———

SANTOS

M. J. GONÇALVES & FILHO

COMMISSARIOS

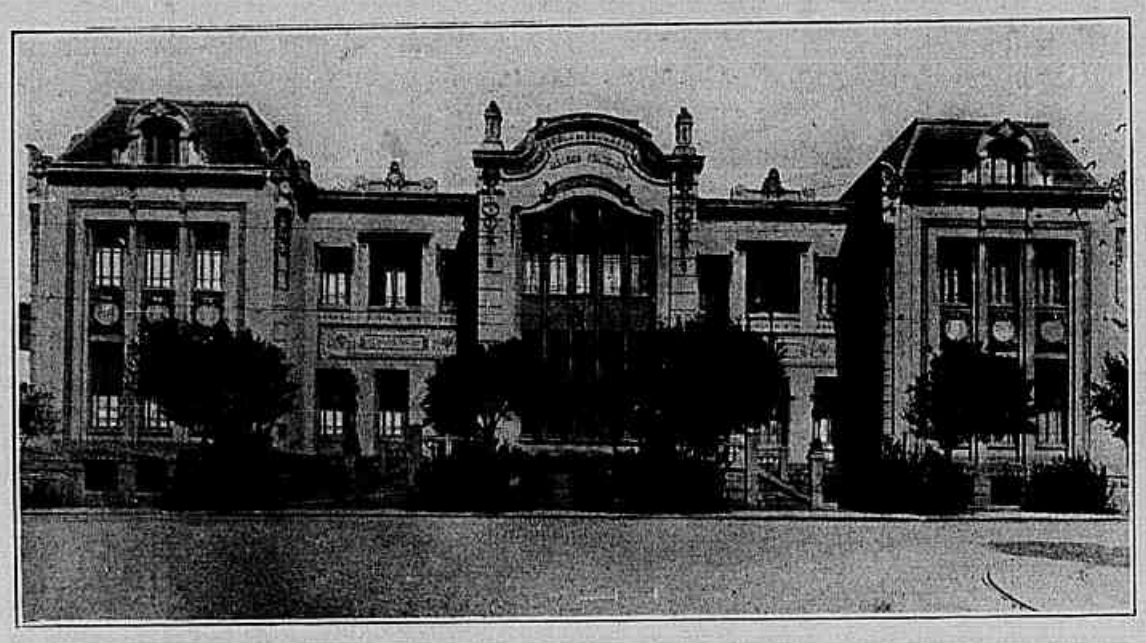
——— Rua Visconde Vergueiro n.º 38 ———

—:— Telephone, 926 —:—

CAIXA DO CORREIO, 182

SANTOS

Escola de Commercio "Alvares Penteado"



A falta do ensino commercial, em nosso paiz, tornou-se muito sensivel, após o advento do regimen republicano.

Em São Paulo, a classe commercial, activa, cohesa, em franca prosperidade, tendo á frente a Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio de São Paulo, comprehendeu lucidamente, em 1902, a necessidade de preencher a grave lacuna, creando o ensino commercial, concretisado na Escola Pratica de Commercio.

A iniciativa particular paulista lançou assim as bases seguras da instrucção technica, sob o ponto de vista profissional, estimulando e desenvolvendo o ensino commercial e industrial.

De facto, pelo esforço intelligente de uma phalange de homens energicos e bem orientados, constituida por Antonio Alvares Leite Penteado, Antonio de Lacerda Franco, Horacio Berlinck, Dr. João Pedro da Veiga Filho, Raymundo Duprat, e outros benemeritos cavalheiros pertencentes ao commercio e á industria, inaugurou-se a primeira escola de commercio paulista, em predio gentilmente cedido pelo illustre Conde de Prates.

Devido á exiguidade das salas do predio em que foram installadas as classes, a mesma Escola obteve autorisação do Governo Federal para funccionar em aposentos desoccupados da Faculdade de Direito de São Paulo.

Pela efficaz e bemfazeja influencia do Senador Lacerda Franco, esforçado propugnador do progresso de São Paulo, com cujo enthusiasmo civico e patriotico a Escola sempre contou para o seu engrandecimento, transforma-se ella em pessoa juridica e organisa-se sob a gestão de uma directoria e da respectiva congregação. Em consequencia, em 9 de Janeiro de 1905, pelo Decreto Federal n.º 1339, é declarada instituição de utilidade publica, sendo reconhecidos, como de caracter official, os diplomas por ella conferidos.

Em virtude da lei estadual n.º 969 de 1.º de Dezembro de 1905, passa a Escola Pratica de Commercio a denominar-se Escola de Commercio de São Paulo.

Em 1907, um dos seus fundadores o benemerito paulista Conde de Alvares Penteado, resolve dotal-a generosamente com um sumptuoso e monumental edificio, formoso templo onde será sempre venerado e em cuja fachada fulgurará o nome de Alvares Penteado.

Essa iniciativa, verdadeira obra de altruismo e abnegação, aureolava assim o nome do saudoso brasileiro de imperecivel gloria.

Com essa alta e clarividente benemerencia, affirmava o Conde de Alvares Penteado não sómente a nitida comprehensão dos deveres civicos, significativo grito da consciencia em pról da educação popular, como o arrojado sentimento de amor ao progresso e desenvolvimento do Estado de São Paulo e do nosso paiz.

A Directoria e a Congregação da Escola de Commercio de São Paulo tomaram conhecimento do valioso acto de patriotismo e philantropia do Conde de Alvares Penteado e resolveram ligar perpetuamente o nome do doador ao instituto, denominando-o Escola de Commercio "Alvares Penteado", que é a sua actual denominação.

A nova Escola produzia os mais esplendidos fructos.

O ensino technico nella ministrado propunha-se formar espiritos bem orientados em todos os assumptos relativos ao commercio, perfeitamente capazes de tirar partido dos conhecimentos adquiridos, no exercicio da sua nobilissima profissão.

Auxiliado pela benemerencia de uns e pelo ardor patriotico de outros, um dos fundadores da futurosa Escola Paulista, o Sr. Horacio Berlinck, publicista e commercialista, que se tem imposto á admiração dos seus contemporaneos pelos seus reconhecidos talentos, pela sua operosidade inexcedivel e nobre conducta, pode orgulhar-se, na sua felicissima permanencia na alta direcção desse grande instituto de ensino commercial, de haver erguido e consolidado a magnifica obra de educação popular, que representa a Escola de Commercio Alvares Penteado, vivo e brilhante attestado da victoria da iniciativa particular no Estado de São Paulo e do seu pujante e crescente desenvolvimento.

Identificando-se inteiramente com a gloriosa realisação social, que veio cuidar com desvelo do aperfeiçoamento do ensino commercial, nobilitando a profissão, que é o factor colossal da prosperidade da nação, o Sr. Horacio Berlinck, com sua poderosa capacidade e notavel cultura, tem imprimido á Escola de Commercio "Alvares Penteado' uma organisação tão perfeita que ella se tornou admiravel factor de real progresso nacional, já creando para novas necessidades novos programmas e novos cursos, de accordo com as lições de uma longa experiencia, já servindo de modelo para a creação de outros institutos congeneres do Brasil, pelo seu magnifico apparelhamento technico e auspiciosa organisação pedagogica, e merecendo bem o justo elogio que se lhe faz em todo o paiz e em varias nações da America do Sul de expoente maximo do nosso ensino commercial.

A Directoria actual da Escola compõe-se do Senador Antonio de Lacerda Franco, Dr. Frederico Vergueiro Steidel e Sr. Horacio Berlinck.

A Escola tem um Presidente Honorario, que é o illustre Conde Sylvio de Alvares Penteado.

Seus cursos têm uma frequencia bastante elevada, attingindo a média de matriculados, nos ultimos tres annos, a novecento e quatorze (914) alumnos, o que attesta que a Escola corresponde perfeitamente ás necessidades e ás exigencais modernas do ensino commercial, que nos mesmos cursos é assás proficuo e pratico.

O corpo docente é composto de especialistas e dos mais reputados professores da Capital do Estado.

A Escola mantem os seguintes cursos, cujos programmas estão elaborados com o escopo de uma educação technico commercial, em todos os seus ramos:

a) CURSO ANNEXO, NOCTURNO (MASCULINO) em um anno, destinado ao preparo dos alumnos que se destinarem á matricula no Curso Geral;

b) CURSO GERAL, NOCTURNO (MASCULINO) em quatro annos, dependente do Curso Annexo, habilitando para o exercicio do commercio e da industria, e para as funções relacionadas com a economia publica e privada;

c) CURSO SUPERIOR, NOCTURNO (MASCULINO) em dois annos, dependente dos Cursos Annexo e Geral;

d) CURSO ESPECIAL FEMININO, DIURNO, em quatro annos (um anno de Curso Annexo e tres annos de Curso Geral), que prepara para os misteres relacionados com a economia commercial.

PROGRAMMA DO CURSO ANNEXO — (MASCULINO)

1.ª Cadeira — Arithmetica e Noções Preliminares de Geometria;
2.ª " — Portuguez;
3.ª " — Francez;
4.ª " — Geographia e Cosmographia.

PROGRAMMA DO CURSO GERAL — (MASCULINO)

1.º Anno

1.ª Cadeira — Mathematica (Arithmetica e Algebra);
2.ª " — Elementos de Contabilidade;
3.ª " — Portuguez;
4.ª " — Francez;
5.ª " — Inglez;
6.ª " — Chorographia do Brasil e Geographia Geral.

2.º Anno

1.ª Cadeira — Mathematica (Arithmetica, Algebra e Geometria Elementar);
2.ª " — Contabilidade Geral;
3.ª " — Portuguez;
4.ª " — Francez;
5.ª " — Inglez;
6.ª " — Italiano;
7.ª " — Stenographia.

3.º Anno

1.ª Cadeira — Contabilidade Industrial e Agricola;
2.ª " — Noções de Physica, Chimica e Historia Natural (Applicações);
3.ª " — Historia do Brasil;
4.ª " — Mathematica financeira;
5.ª " — Noções de Direito Civil e Commercial; pratica juridico commercial, legislação da fazenda e aduaneira;
6.ª " — Stenographia.

4.º Anno

1.ª Cadeira — Economia Politica;
2.ª " — Finanças;
3.ª " — Bancos e Seguros;
4.ª " — Mathematica;
5.ª " — Estatistica;
6.ª " — Historia economica da Europa e da America;
7.ª " — Seminario economico.

PROGRAMMA DO CURSO SUPERIOR — (MASCULINO)

1.ª Cadeira — Mathematica superior;
2.ª " — Contabilidade mercantil comparada e Banco Modelo;
3.ª " — Italiano e Hespanhol;
4.ª " — Noções de Direito commercial e maritimo;
5.ª " — Historia Geral e especialmente do commercio e da industria.

2.º Anno

1.ª Cadeira — Contabilidade do Estado e escripturação consular;
2.ª " — Italiano;
3.ª " — Noções de Economia Politica e sciencia das finanças;
4.ª " — Noções de Direito Internacional, diplomacia, historia dos contractos e correspondencia diplomatica.

PROGRAMMA DO CURSO ESPECIAL FEMININO

Curso Annexo

1.ª Cadeira — Arithmetica;
2.ª " — Portuguez;
3.ª " — Francez;
4.ª " — Geographia.
— Musica

CURSO GERAL

1.º Anno

1.ª Cadeira — Mathematica;
2.ª " — Contabilidade;
3.ª " — Portuguez;
4.ª " — Francez;
5.ª " — Inglez;
6.ª " — Geographia;
7.ª " — Stenographia.
— Musica

2.º Anno

1.ª Cadeira — Mathematica;
2.ª " — Contabilidade;
3.ª " — Portuguez;
4.ª " — Francez;
5.ª " — Inglez;
6.ª " — Stenographia e Dactylographia.
— Musica

3.º Anno

1.ª Cadeira — Mathematica;
2.ª " — Contabilidade;
3.ª " — Portuguez;
4.ª " — Inglez;
5.ª " — Desenho e Calligraphia;
6.ª " — Historia e Educação Civica;
7.ª " — Stenographia e Dactylographia;
— Musica

A Homœpathia no Brasil e seus propugnadores



Casemiro Pereira d'Almeida Cardoso



José Duarte Almeida Cardoso
Director Technico



José d'Almeida Cardoso

Quando o Brasil festeja a data do Centenario de sua Independencia Politica e quando se avulta como nação verdadeiramente progressista, percorrendo a passos gigantescos as amplas veredas do progresso, se torna de indispensavel justiça que se saliente pela imprensa, o concurso que a esse formidavel progresso tanto tem cooperado a iniciativa particular.

A firma Almeida Cardoso & Cia. é dessas que bem merecem o applauso do brasileiro reconhecido, pois, a ella, devemos, incontestavelmente, grande parte do progresso e desenvolvimento da medicina homœpathica no Brasil.

A descoberta do immortal sabio Samuel Hahnemanno, que ha cerca de 90 annos, foi implantada no Brasil, graças a benefica propaganda de seus introductores Drs. João V. Martins e Bento Mure, teve igualmente na firma Almeida Cardoso & Cia., um forte e decisivo propugnador, sendo hoje, entre nós, no genero, um dos estabelecimentos mais importantes e conhecidos.

Montado com todo o esmero e capricho em 1880, esse grande laboratorio homœpathico sob o titulo "Homœopathia Universal", á rua Marechal Floriano n. 11, tem passado, de accôrdo com as exigencias modernas, por sensiveis reformas, sendo hoje ahi encontrados todos os medicamentos que têm sido empregados em homœopathia desde sua descoberta em 1790, em triturações, tinturas-mães, todas as diluições, em globulos grandes e pequenos, emfim, todas as especialidades para uso externo.



Fachada do Estabelecimento



Gabinete de Manipulação

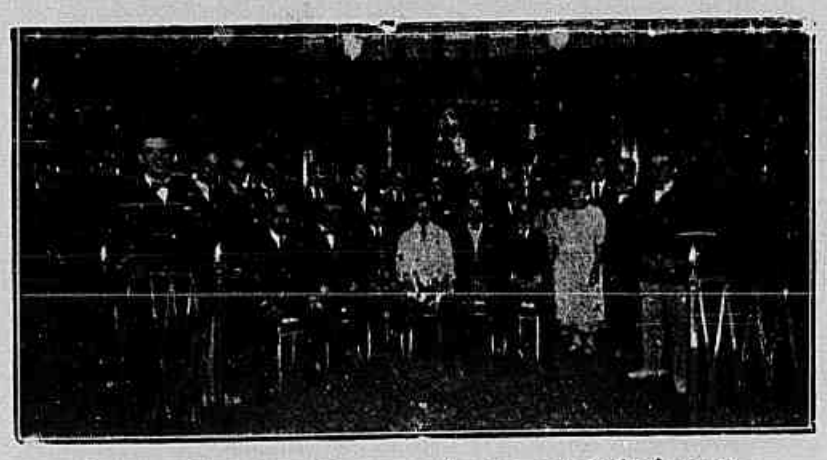
O estabelecimento da firma Almeida Cardoso & Cia. de tal modo soube conquistar a confiança do publico do Brasil que muitas associações beneficientes, entre ellas a Caixa de Soccorros Dom Pedro V, a Beneficente Hespanhola, Sociedade Portugueza de Benificencia e varios hospitaes, e dentre estes a Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro.



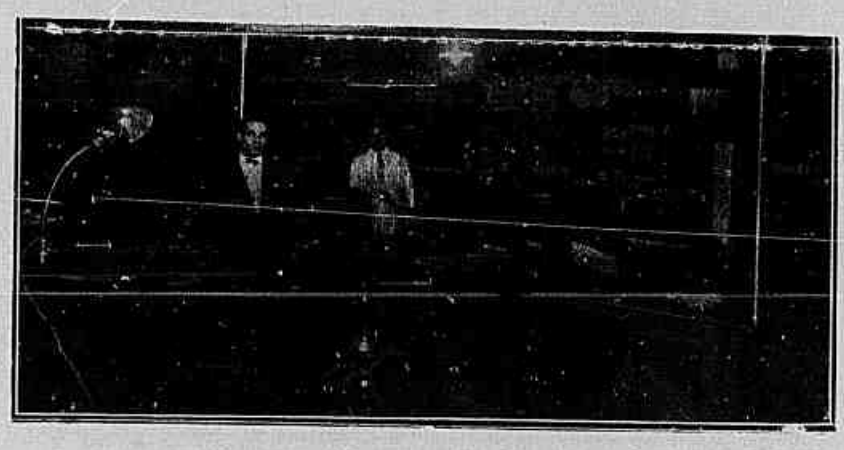
Secção de Varejo



Secção de Exportação



Parte do pessoal occupado no estabelecimento



Escriptorio do Estabelecimento

Ali adquirem os medicamentos homœopathicos de que necessitam. E não fica ahi essa preferencia. Nos hospitaes dos departamentos militares do Paiz, entre elles o Hospital Central do Exercito, são encontrados em grande escala, os productos do grande laboratorio "Homœopathia Universal".

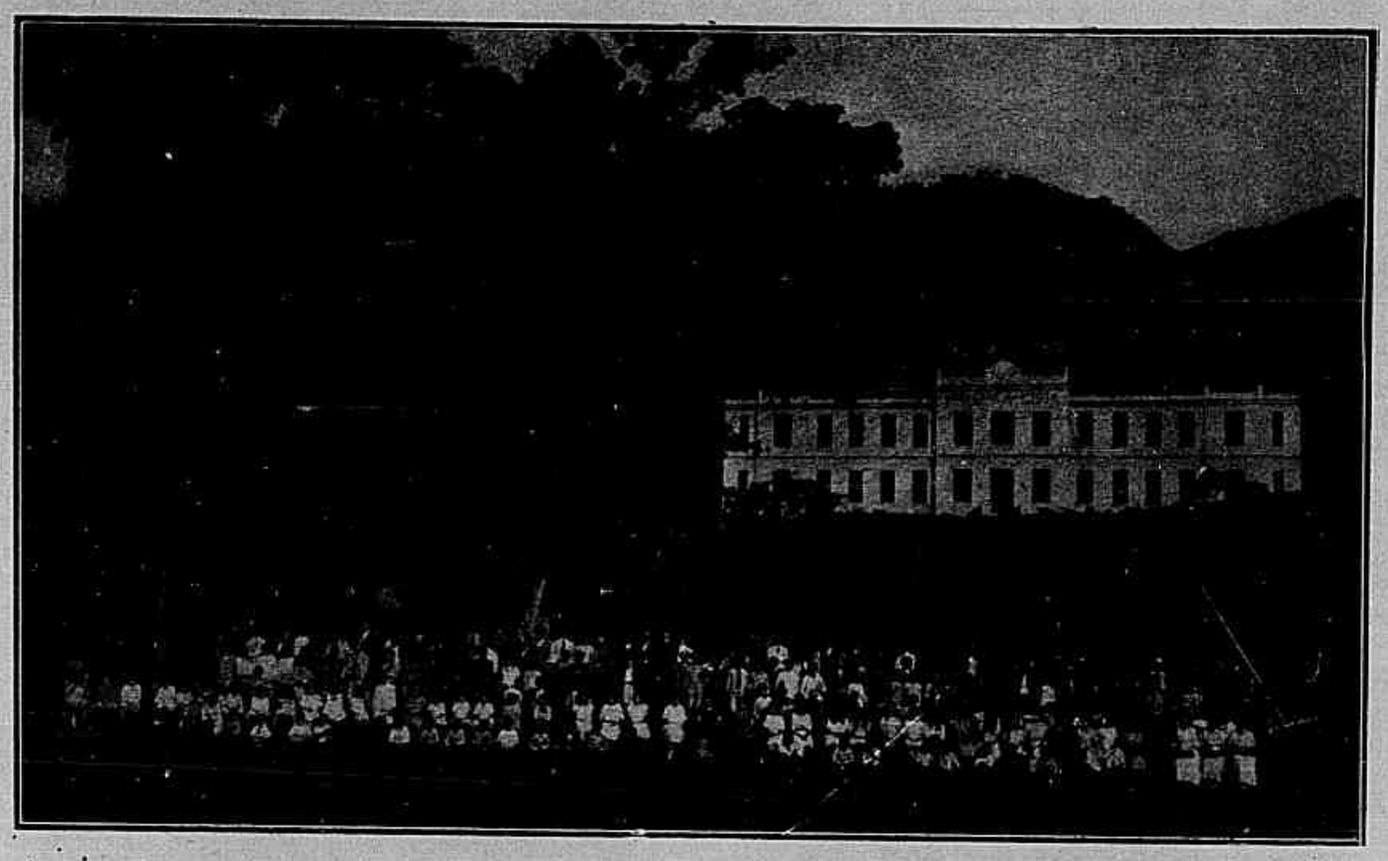
Todo o sortimento desse laboratorio modelar é feito nas principaes casas de Londres, Paris e Estados Unidos e a collecção completa dos medicamentos indigenas, cujas qualidades therapeuticas já são bem conhecidas, foram fornecidas pelo Dr. Travassos, companheiro de estudos do finado Dr. Pedro Ernesto de Albuquerque.

O socio José Duarte de Almeida Cardoso que ha 25 annos está encarregado da manipulação das substancias medicinaes, da direcção e fiscalisação do estabelecimento, apresenta como garantia da perfeição de seus preparados a constancia de 30 annos interrompidos no exercicio da medicina homoepathica e isto só bastaria para justificar a solida situação therapeutica do grande laboratorio homoepathico da firma Almeida Cardoso & Cia.

COLLEGIO BAPTISTA

Americano-Brazileiro

O Collegio Baptista, fundado ha quinze annos, é um dos mais conceituados estabelecimentos de ensino no Rio de Janeiro. A sua situação na encosta da montanha da Tijuca, no meio de abundante vegetação, colloca-o numa situação admiravel. A administração do Collegio teve a felicidade de adquirir a conhecida chacara do Barão de Itacurussá, que satisfaz até as condições exigidas, para installação de um sanatorio. Dispondo de uma area de mais de cento e vinte metros quadrados de terreno esplendidamente adaptado á construcção de uma duzia de edificios, a direcção fez construir cinco, projectados segundo um fim especial, como sejam o internato para o sexo masculino, o departamento exclusivamente destinado para aulas, com tres andares, o para o departamento feminino, bem como os para outros fins.



Um grupo de alumnos com o edificio de dormitorios na distancia



Corpo Docente

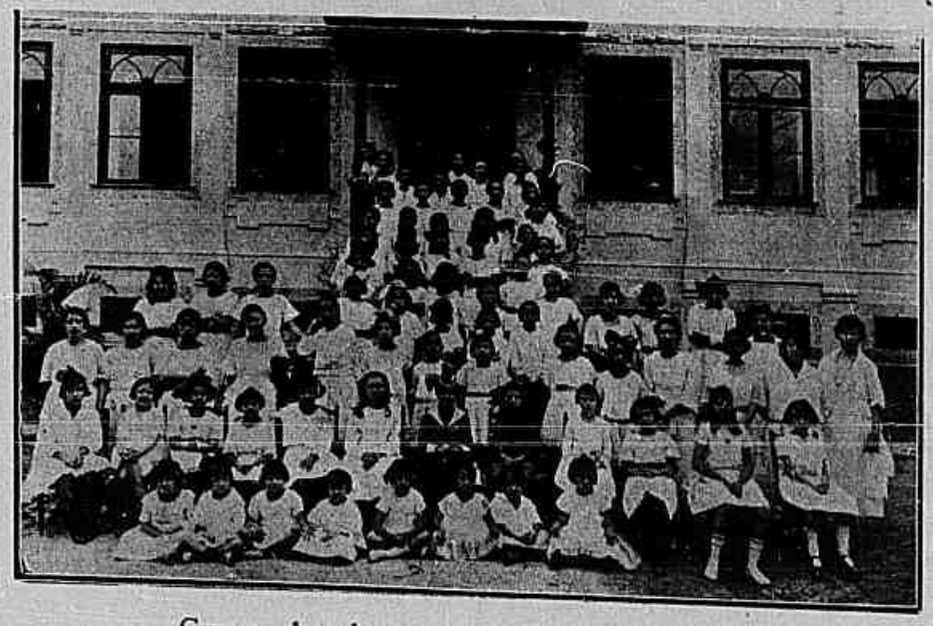
Para a installação do Departamento Feminino os directores do Collegio compraram aprazivel e magnifica chacara á rua Conde de Bomfim, 743 e nella levantaram um bello e espaçoso edificio escolar. Além deste departamento e o departamento masculino, á rua Dr. José Hygino, 350, o Collegio mantem um externato para



Um grupo de alumnas interna no Departamento Feminino, á rua Conde Bomfim 743



Fachada de frente de Ray-Hall, edificio de dormitorios



Grupo de alumnas no Externato Feminino á rua Haddock Lobo, 302

o sexo feminino á rua Haddok Lobo, 302. Para satisfazer as necessidades crescentes da instituição estão projectados mais dois grandes edificios que serão construidos brevemente.

A sériação dos cursos vae do Jardim da Infancia ao Curso Secundario completo, proporcionando todos os preparatorios para os exames officiaes bem como certas materias para o preparo ainda mais liberal do alumno. Foi fundado ha dois annos um Departamento Commercial para o preparo dos alumnos que almejam collocação no commercio.

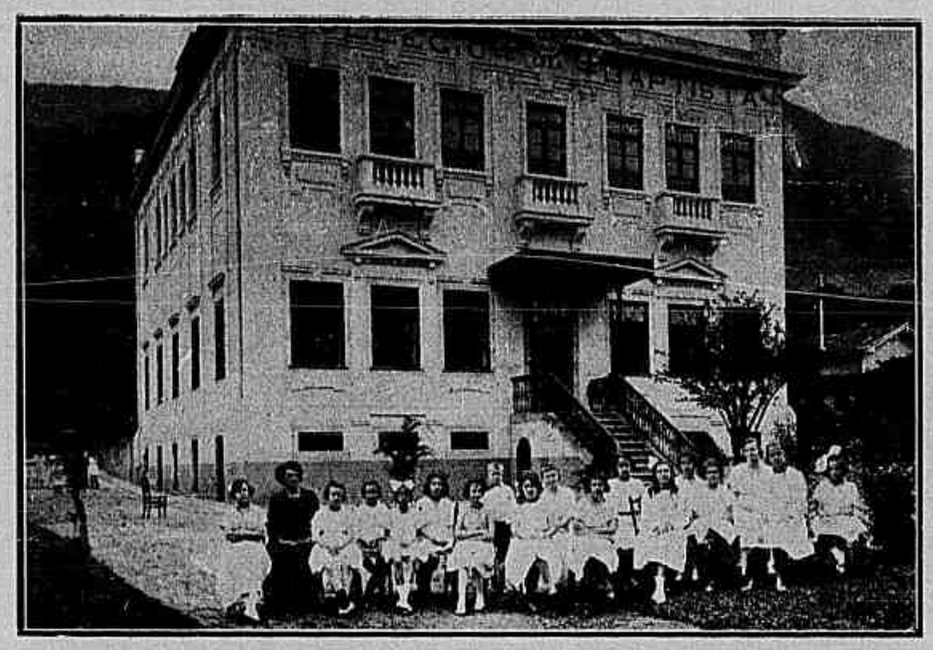
O Corpo Docente é composto de mais de sessenta lentes e professores norte-americanos e brazileiros, especialistas nos seus respectivos ramos de ensino, reconhecidos pela sua competencia e pelos methodos que usam nas suas aulas.

O *fim* que se colloca por cima de tudo no trabalho deste Collegio é a formação de caracter, do mais alto typo, nos seus alumnos.



Em frente ao Palacete Itacurussa, um dos edificios do Collegio

Reconhecemos que a base de uma vida de valor é o caracter moral e collocamos todos os nossos esforços de educadores nesses alicerces solidos.

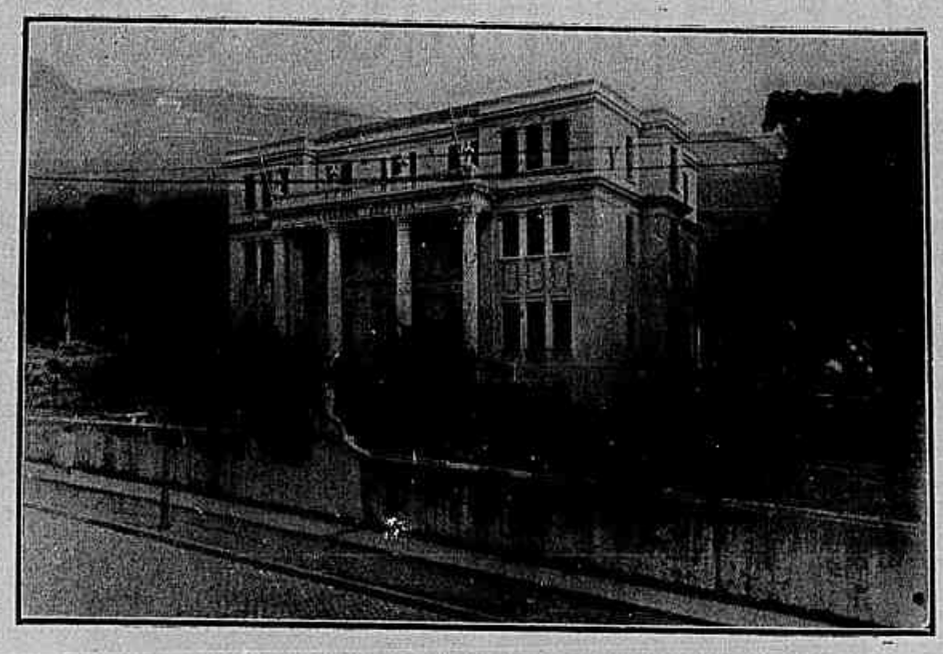


Alumnas de uma aula em frente ao edificio Carver-Hall.

O Collegio matricula um numero de alumnos superior a seiscentos, podendo receber tanto no departamento feminino como no masculino internos, semi-internos e externos.



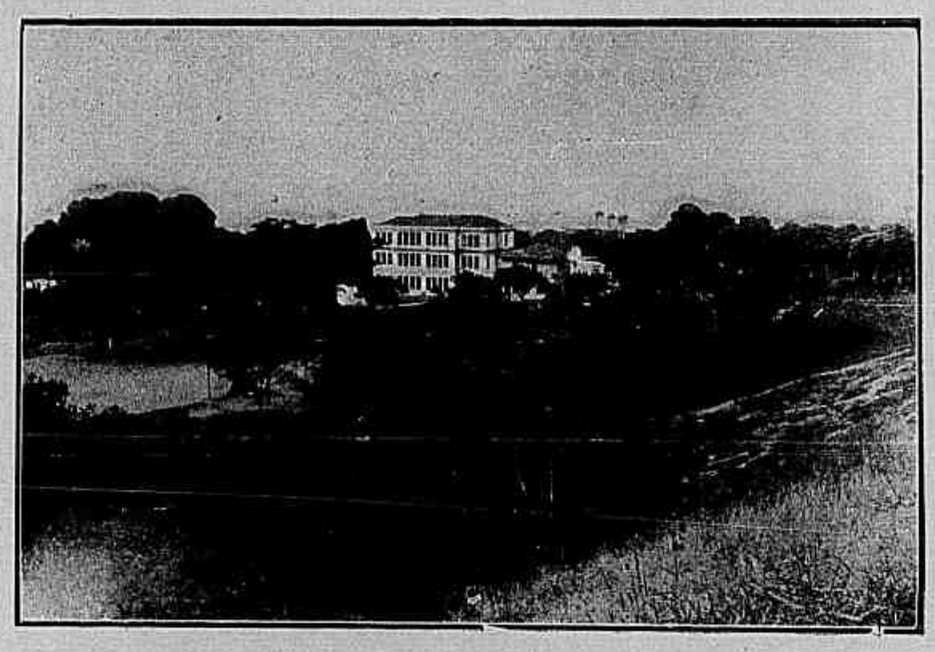
Uma aula de Gymnastica Sueca no Departamen to Feminino



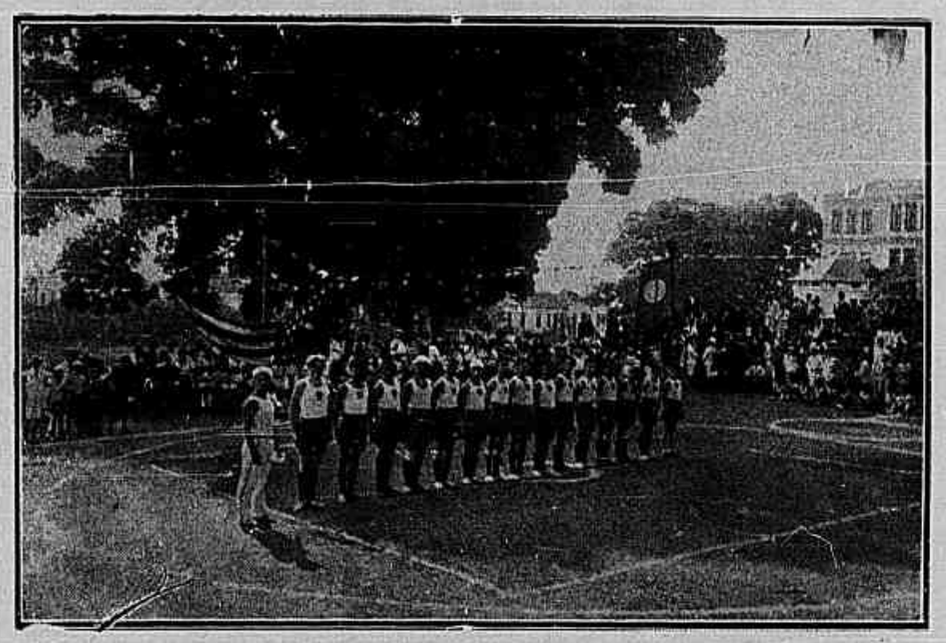
Fachada de frente do edificio Judson-Hall

Peçam informações pela Caixa do Correio 828 ou na Secretaria do estabelecimento á rua Dr. José Hygino, 350. Para o Departamento Feminino á rua Conde de Bomfim, 743.

Director Geral J. W. SHEPARD.



Vista tirada na chacara mostrando o edificio Judson-Hall na distanciaa



Corpo de Monitores treinado pelo Instructor M. R. Santos



Uma festa no salão nobre do Collegio

Companhia Constructora de Santos

A maior Empreza de Construcções Civis do Brazil

Fundada em Santos, a 1º de Abril de 1912 — a Companhia Constructora de Santos — assignalou-se logo em posição de destaque a cidade hoje ostenta, como o Matadouro Frigorifico — o mais que entre as emprezas technicas do Brasil, graças a orientação que lhe foi imprimida desde o seu inicio. Em Santos ainda havia tudo por fazer, em materia de construcções urbanas e serviços municipaes; não existia uma só empreza com caracter technico que pudesse estudar os problemas constructivos da cidade sob uma orientação elevada e acertada.

Installada a Companhia foi eleito seu Director Superintendente o Dr. Simonsen. Os relatorios successivos da Companhia, a partir da sua fundação, assignalam a sua evolução orientada por uma direcção firme.



Monumento dos Andradas
em Santos — (Projecto e construcção da Cia. Constructora de Santos

Incontestavelmente a Companhia Constructora, de Santos tem um papel preponderante no embellezamento de Santos. Executou serviços publicos de grande valor; a maior parte do calçamento novo da cidade; rêdes de drenagem; estradas de rodagem e o abastecimento de agua do Guarujá; os arruamentos do Parque Balneario e da Villa Belmiro, e grande parte das bôas edificações particulares que a cidade hoje ostenta como o Matadouro Frigorifico o mais perfeito e completo Matadouro Municipal do Brasil; a Villa Operaria da Cia. Santista de Habitaçõ es Economicas; as grandes construcções da Economisadora Paulista — no bairro chic do Parque Balneario; o novo Theatro de Santos — um dos mais completos da America do Sul.

Apresentou-se no concurso internacional aberto para a erecção do Monumento aos Irmãos Andradas com um bello projecto em que collaboraram o esculptor Sartorio, o architecto Castel e o Dr. Affonso Taunay, como consultor historico, logrando obter o primeiro premio, por unanimidade de votos, no jury julgador, entre 14 concorrentes.

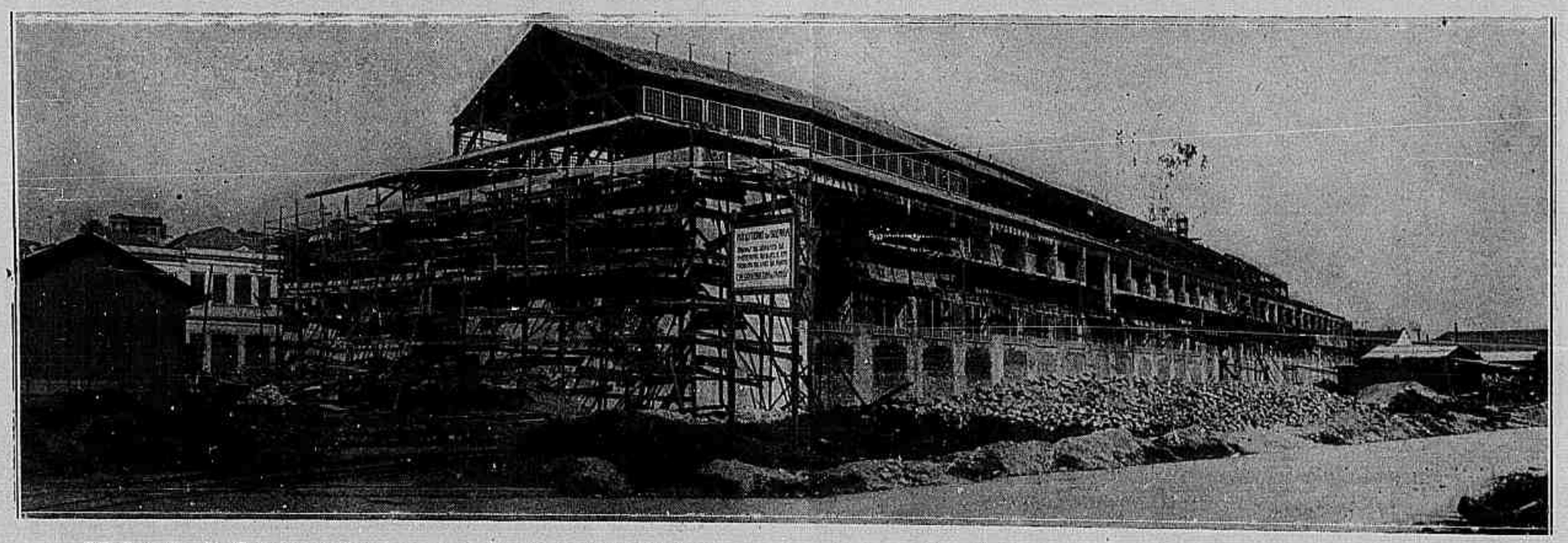
A Companhia extendeu a sua esphera de acção ao Rio de Janeiro e S. Paulo, Estados do Rio, Goyaz, Minas, Matto Grosso, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul e actualmente executa obras em 36 cidades do Brasil!

Já entregou ao Governo Federal grande numero de quarteis e obras militares promptas, tendo recebido, por occasião da inauguração dos quarteis de S. Paulo, em 15 de Agosto ultimo, um expressivo telegramma do Sr. Presidente da Republica — em que elle agradece ao Presidente da Constructora, Dr. Simonsen — "o cuidado e a presteza" com que tinha executado os serviços que o Governo Federal lhe havia confiado.



Pela nova reorganisação por que passou a Companhia em 1920 ficou assim constituida a sua direcção: Director Presidente, Dr. Roberto Simonsen; Director Vice-Presidente, Sr. Haroldo Murray; Director Secretario, Dr. Francisco da Silva Telles.

A cargo do Vice-Presidente da Companhia, Sr. Haroldo Murray ficou tambem o Departamento Commercial de Santos — Matriz da empreza. A cargo do Director Secretario ficou especialmente confiado o departamento technico de Santos.



Ministerio da Guerra—Obras do deposito de material bellico e em transito no Caes do Porto (C.ª Constructora de Santos)

A Companhia tem hoje tres grandes escriptorios: o de Santos, o de S. Paulo e o do Rio de Janeiro; estes dois ultimos possuem tambem departamentos technicos.

Para a construcção de obras fóra de Santos o escriptorio central é o de S. Paulo, funcciona com autonomia e directamente sob a direcção do Presidente da Companhia.

São principaes funccionarios da Companhia: Em Santos — 1º Engenheiro Dr. Mario Freire; Chefe de Escriptorio, Dr. Carlos Sandt. Em São Paulo — Procurador Geral da Cia., Sr. Benjamin G. Sotto Maior; Sub-Gerente, Dr. Manoel Aranha; Engenheiros Inspectores, Drs. Armando Pereira, Persio Mendes, Antonio Rodrigues Azevedo e Ricardo Capote Valente. E' Gerente da Secção do Rio de Janeiro o Dr. Eduardo V. Pederneiras.

A Companhia Constructora de Santos possue hoje cerca de 50 engenheiros e mais de 15000 auxiliares e operarios.

E' a empreza que mais serviços e obras executou no Brasil para a commemoração do Centenario, destacando-se entre ellas as seguintes: Em SANTOS — Palacio da Bolsa do Café; Monumento aos Andradas; melhoramentos e calçamentos na cidade, etc. No RIO DE JANEIRO — Palacio do Automobilismo; Quartel do 1º Regimento de Cavallaria. Em **Matto Grosso, Paraná, Santa Catharina** e **Rio Grande do Sul** casernas e obras militares.

Fabricação de Tintas Chimicas e Mineraes ≈ NUNO SANTOS & C.IA

Endereço Telegraphico PYRAMIDE — Codigos: Ribeiro e Particulares — Caixa do Correio 1864

Rua S. Luiz Gonzaga, 16 e 18 - S. Christovão ≈ RIO DE JANEIRO ≈ Telephone Villa 3964

ANILINA GRANULADA
" U. S. S."
em Bolinhas, Vidrinhos, Pacotes ou Latas
de todas as cores

-:—:-

Fabricado nas seguintes côres: Verde Esmeralda — Rosa — Preto — Marron — Lilaz — Verde Claro — Azul Marinho — Amarello Ouro — Verde Escuro — Vermelho — Roxa — Laranja — Fraise — Rosa Claro — Côr de Palha — Solferino — Cinza — Salmon — Grenat — Azul Celeste — Azul Natier — Toupé — Azeitona — Castanho.

O **"YNK"** Preto, para lucto, é magnifico.

As cores são absolutamente fixas.

-:—:-





SECCANTE
"SOL"

-:—:-

Anil perfumado em Bonecas
"MOÇA"

-:—:-

Fabrica-se mais os seguintes artigos:

Amarello de Chromo — Verdes Compostos — Verdes Londres — Verde Nativo — Verde Paris — Commum e Venenozo — Verdes para cal — Verde para cimento — Preto Marfim — Azues da Prussia — Ultramar e Diversos — Vermelhão Francez — Zarcão — Ocres — Poxosterra — Roxo Rei — Sombras — Gesso Cré — Terra Sena Crua e Queimada — Oxido de Ferro — Pós de Sapato — Alvaiades — Vidro Moido — Anil em Tijolinhos — Talco e Kaolin.

-:—:-

"YNK" TINGE EM CASA TODA A SUA ROUPA
Unico de Côres Firmes
PREÇOS:

Em vidrinhos: DUZIA . . . . . 8$000
Mais de 100 DUZIAS desconto de 10 %
Em Latas ou Pacotes: KILO . . . . . 16$000
Caixa com 100 BOLINHAS . . . . . 2$500
Contra Saque a 90 DIAS de data

Com **"YNK"** qualquer pessoa, em sua propria casa, póde tingir todas as peças do seu vestuario, como sejam: vestidos, blusas, meias, gravatas, luvas, etc. Tinge toda a qualidade de sedas, lãs, crepes da China, georgettes, algodão, artigos mesclados, etc.

Torna os vestidos velhos como se fossem novos, dentro de poucos minutos. Não mancha as mãos nem suja os utensilios. Não prejudica os mais finos tecidos.

YNK" é uma necessidade domestica que tem merecido grande acceitação em todo o Brasil.



MARCA REGISTRADA
100 Annos de Existencia

SABÃO RUSSO

Finamente Perfumado

100 Annos de exito e muitos attestados de medicos notaveis asseguram a sua real efficacia.

Alivia qualquer dor, tira manchas da pelle, caspas, rugas, erupções, cravos, espinhas, amacia e embelleza a cutis, combate assaduras e suores fectidos, é o mais fino dentifricio e o mais hygienico para a bocca.

USAL-O UMA VEZ É USAL-O SEMPRE

LOTERIA DE S. PAULO

GARANTIDA PELO GOVERNO DO ESTADO

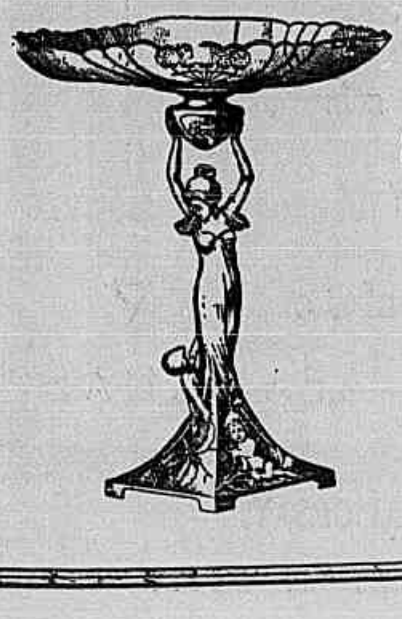
Extracções 2 vezes por semana

Concessionarios: J. AZEVEDO & C.

RUA DO RIACHUELO, 12

SÃO PAULO

BAZAR AMERICA



Finissimos objectos para presentes

Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos, Faqueiros e Talheres de Christofle.

ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38 - 40

Sampaio Moreira Filho, & C.

Fazendas e Armarinho
por atacado

RUA DA QUITANDA N. 3

Caixa Postal 70 — Telephone Central 1155

SÃO PAULO

Irmãos Allard & Heyman

A firma Irmãos Allard & Heyman é composta dos socios Georges Allard, Emile Allard e André Heyman, cavalheiros muito considerados e estimados na Sociedade e no alto commercio do Rio de Janeiro. Constituida em 1912, logo se impôz em nossa praça e sua prosperidade faz honra aos seus fundadores. Funcciona á rua Buenos Ayres, 165 e explora a importação de ferragens, cimento e materiaes em geral, tendo ainda secções de representações e de exportação.

No andar terreo do predio estão os armazens dos artigos importados, em grande e importante stock, e no 1.º andar os escriptorios installados com todo o conforto e commodidade. O capital social realisado é de Rs.: 636:000$000, tendo em gyro anualmente maior quantia. O systema de operações adoptado pela firma, é o de negocios por conta propria, negocios de importação á commissão, negocios de representação, e agentes exclusivos de fabricantes em geral, principalmente da Belgica, onde tem casa em Bruxellas, sob a firma social de Allard Fréres & Heyman, á Avenue Brugman, 163 com correspondentes em Manchester, Liverpool e Glasgow. Os srs. Irmãos Allard & Heyman, surtem-se nas principaes praças da Europa e nas dos Estados Unidos da America do Norte, e vendem em todo o Brasil e nas praças européas. A direcção telegraphica no Rio é — "Odax" — em Bruxellas — "Dralla" — Usam os codigos A. B. C. 5.ª, Lieber's, Bentley's 5 letters, Peterson, e International Bank Code.

Teem por banqueiros, The National City Bank of New-York, Banco Italo-Belga, Banco Allemão Transatlantico, The London and River Plate Bank Limited, Banco Portuguez para o Brasil e The Royal Bank of Canada.

Pelos dados acima é, como se vê, variada e extensa a occupação da firma, que dispõe de vasta clientela, tem desenvolvidas transacções e prospera nos seus negocios, graças ao tino, criterio e pendencia com que são dirigidos.

Dotados de uma grande força de vontade, os srs. Irmãos Allard & Heyman, seguem o caminho recto dos que abraçam a carreira commercial sem usarem da especulação.

Administram a sua casa commercial pelo processo da honradez absoluta, o que lhes tem valido a confiança geral e o credito de que gozam, quer em nossa praça, quer nos da Europa e America do Norte. São homens de negocios, dignos désse nome.

O XAROPE DE REUTER

Robustece em pouco — tempo as — pessoas debeis ou anemicas.

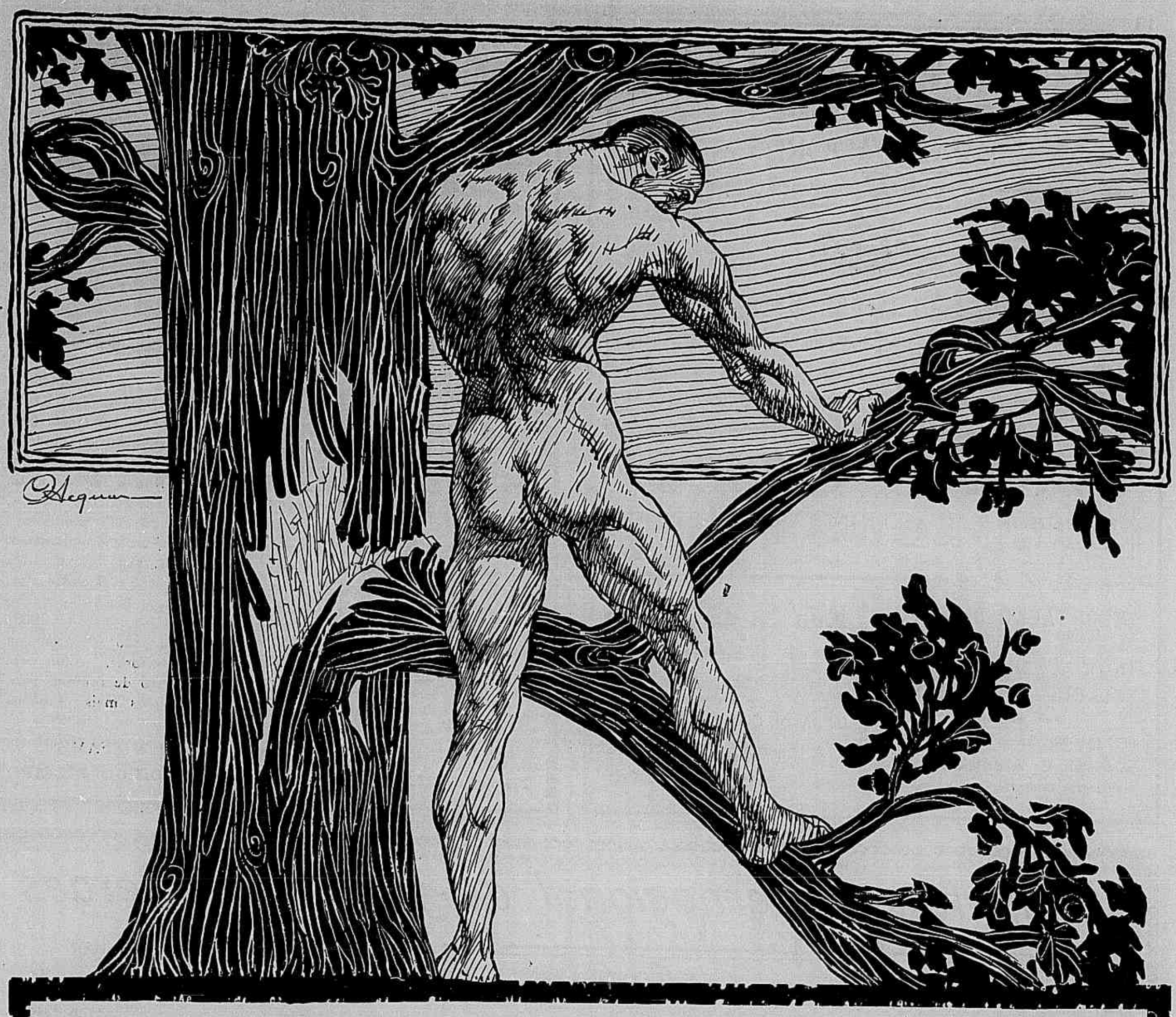




O UNICO REMEDIO SEGURO
PARA A
Diarrhéa, caimbras, paludismo, rheumatismo, entorces, picadas, etc.

Hotel do Louvre
Paris
Place du Théatre Français
Situação unica no centro de PARIS
Todo o conforto moderno --- Grande Restaurante
Salões para Chá - Table d'Hôte.
— BAR —
Salões de barbeiro e cabelleireiro e Menicura.
Endereço Telegraphico: HOTEL LOUVRE DE PARIS

Hotel du Palais d'Orsay
Quai d'Orsay - Paris
Soberba situação; - vistas sobre os Jardins das Tuileries e Museo do Louvre
O mais moderno conforto
COSINHA E ADEGAS AFAMADAS
Endereço Telegraphico: PALAISORSAY.





Só para homens!!!

SENHORAS E CREANÇAS o *DYNAMOGENOL* é aconselhado. AOS HOMENS — fornece energia, virilidade, bem estar. — A's SENHORAS — mocidade, jovialidade, alegria. — A'S CREANÇAS — robustez, crescimento, boas côres.

NÃO CONTE'M ALCOOL O *DYNAMOGENOL*

Sua acção benefica é devida unicamente a sua sublime combinação dos phosphoglyceratos. Estas substancias actuam como elementos restauradores das celulas esgotadas. O vehiculo, que póde dizer-se a mais alta concepção do seu autor, é um caldo em que entram os tres principaes succos digestivos: pepsina, pancreatina e diastese, sendo portanto um digestivo de primeira ordem, e um corpo assimilador sem egual. Citaremos alguns casos em que os distinctos medicos Drs. O. Andrade, C. Esteves, A. Costa, E. Meirelles, Gama, Azevedo, Marinho, etc., o aconselham:

TUBERCULOSE	VERTIGENS	CONVALESCENÇA
ANEMIA	BRONCHITES CHRONICAS	MAGREZA
CHLOROSE-ANEMIA	PALLIDEZ	DORES DE CABEÇA
FLORES BRANCAS	IMPOTENCIA	FALTA DE APPETITE
FADIGA CEREBRAL	INSOMNIA	FRAQUEZA GERAL
HYSTERISMO	PALUDISMO	SUORES NOCTURNOS
NERVOSO	PERDA SEMINAES	MÁ DIGESTÃO, ETC.

DYNAMOGENOL

As parturientes não devem deixar de tomar o DYNAMOGENOL, durante a gestação e após a delivrance, pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphato, graças a esta inegualavel preparação. Um só vidro de DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta, mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo! — Deposito: Rua Sete de Setembro, 186

EDMOND HANAU & Cº

= JOALHEIROS =

IMPORTADORES



Rua de São Bento, 55 - sobr.

SÃO PAULO

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "OBCALLATUS"

CASA FRETIN

End. Telg. FRETIN
Fundada em 1895

LOUIS FRETIN

IMPORTAÇÃO DIRECTA
DE
OPTICA, CIRURGIA, CUTELARIA e ORTHOPEDIA

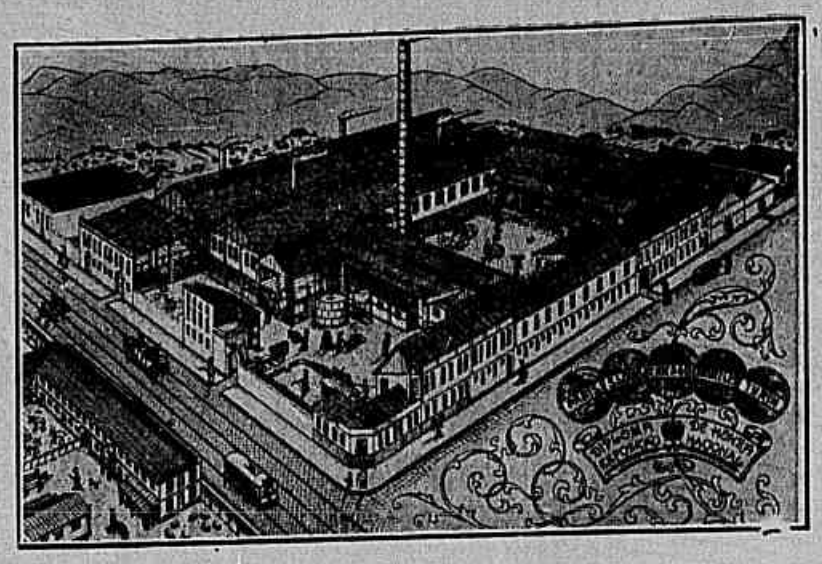
OFFICINA MOVIDA A ELECTRICIDADE
para fabrico e concertos, afiação, nickelagem e prateação :: :: ::

Rua S. Bento, 20

S. PAULO
TELEPH. 1774

CASA DE COMPRAS:
112, Faubourg Poissonniére
PARIS

Companhia Fabrica de Vidros e Chrystaes do Brasil

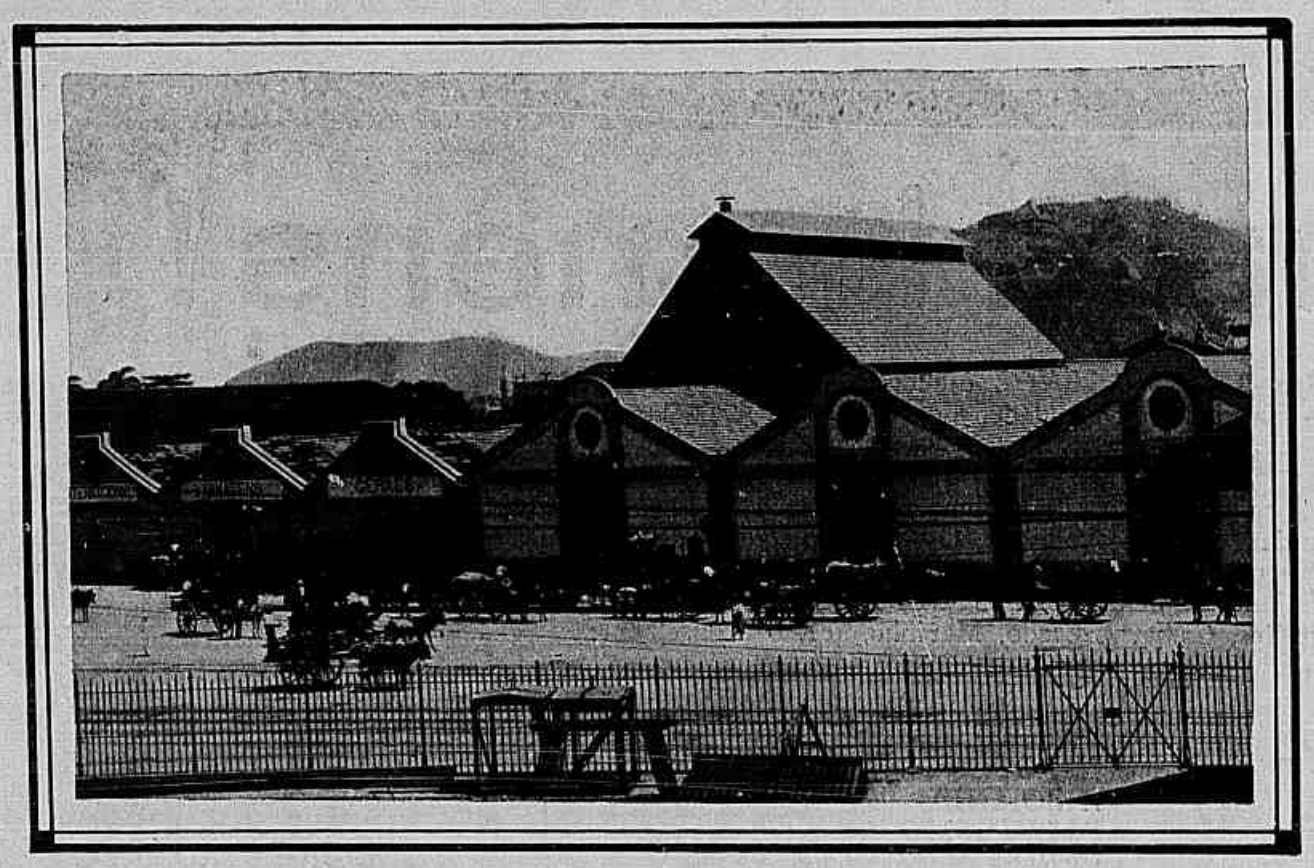


Das emprezas industriaes e existentes no Rio de Janeiro, uma das principaes e das mais importantes é a COMPANHIA FABRICA DE VIDROS E CRYSTAES DO BRASIL, fundada em 1882, pelo sr. F. A. M. Esberard, activo e conceituado industrial que todo o Rio commercial bem conheceu. A Companhia que é constituida por accionistas, tem a sua fabrica á rua General Bruce, 27 e Praia de S. Christovão, 143 installada com todas as exigencias, isto é, com as mais aperfeiçoadas machinas de typos os mais modernos. Os seus productos, garrafas, copos, vidros, objectos de phantasia e toda a sorte de artigos de vidros e de crystal, são reputados de primeira ordem e premiados com medalhas de ouro e Grandes Premios nas Exposições de Paris, S. Luiz, Chicago, Bruxellas e Turim, além de Diploma de Honra na Exposição Nacional de 1908. A situação da fabrica é de franca prosperidade, não só pela bôa orientação e alto criterio dos seus actuaes directores, como pela excellencia da producção que constitue um motivo de orgulho para a industria nacional que nella conta um dos seus mais valiosos elementos de progresso

O SEU ENDEREÇO TELEGRAPHICO E' "FAME"

Telephone VILLA, 619 — E USA O CODIGO RIBEIRO

Companhia Internacional de Armazens Geraes



Armazens — Rua João Octavio n. 19 a 49

FUNDADA NO ANNO DE 1907

Capittal realisado	500:000$000
Fundo de reserva	537:617$490

DIRECTORIA
Director Presidente
Dr. Antonio de Castro Prado

Directores
Cel. Ageo Ferreira de Camargo
Dr. João B. de Castro Prado

Gerente
Edistio Camargo

ESCRIPTORIO:

Rua 15 de Novembro, 115

Telephone n. 510 -:- Caixa Postal n. 266

Endereço Telegraphico: — "INTERNAL"

SANTOS

Armazens amplos com machinas as mais aperfeiçoadas, tanto para rebeneficio dos cafés, como para ensaque e ligas em Pilha.

Emitte Recibos de deposito e Warrants sobre os cafés e outras mercadorias depositadas em seus armazens. Tendo a Companhia Desvio, os despachos devem ser feitos. Companhia Internacional de Armazens Geraes.

SANTOS -:- S. P. R. -:- DOCAS

COMPANHIA HANSEATICA

Sociedade Anonyma



Uma das mais importantes Companhias do Rio de Janeiro, é sem duvida a de que ora nos occupamos. Relativamente nova, pois a sua fundação data de Janeiro de 1910, contando, por conseguinte douze annos apenas de funccionamento, já está victoriosa por serem os seus productos já sobejamente conhecidos e preferidos em todo o Brasil, com especialidade no Rio de Janeiro.

Seu capital é de 3.000:000$000, dividido em acções de 100$000 cada uma. Nos estatutos da Companhia existe ainda uma clausula que permitte o recurso da emissão de debentures, faculdade de que a Sociedade não precisou lançar mão, em vista da prosperidade, cada vez mais accentuada, dos negocios realisados pela Companhia desde a sua fundação. Explorando o fabrico de cervejas e gelo, esta Sociedade realisa suas transacções pelo systema de operações á vista, o qual assegura uma bôa marcha de seus negocios.

A qualidade reconhecidamente superior de seus productos, os preços commodos por que os lança no mercado, factores esses que sempre predominaram, alcançaram para a Companhia a victoria rapida e solidamente mantida pela numerosissima clientela do Rio de Janeiro e das principaes praças do Brasil.

A fabrica que funcciona á rua Dr. Hygino, 115, está installada com os mais modernos machinismos e com todos os requesitos necessarios á perfeita fabricação dos seus producos já bastante reputados, preferencia essa adquirida pelo criterio da Companhia em empregar no fabrico as materias primas de primeira qualidade.

O edificio construido expressamente para esse fim, além de confortavel e artistico, constitue um dos mais bellos ornamentos da cidade.

A Companhia Hanseatica está conquistando novos mercados, continuamente, pois, os seus productos além de gozarem de vasta fama, de facto merecem essa grande expansão commercial.

A Sociedade usa o endereço telegraphico — *Hanseatica* — e adopta o codigo A. B. C. 5ª edição.

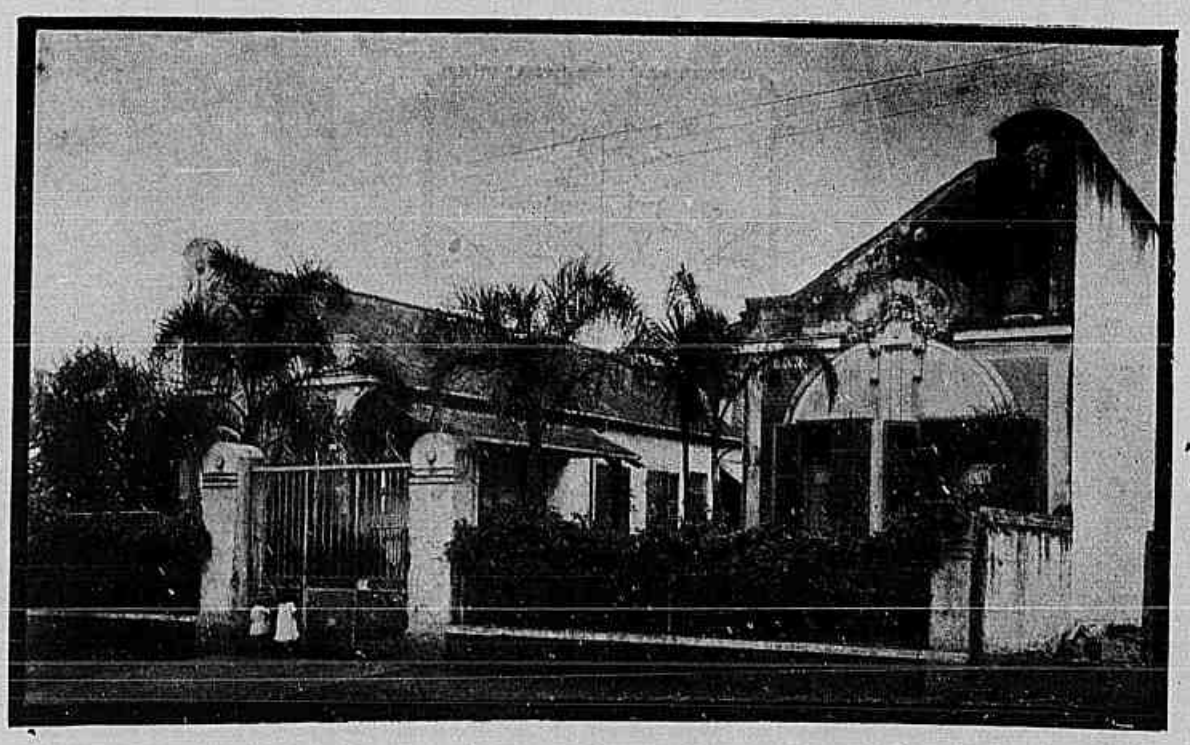
"FABRICA BISCHOFF"

= DE =

Propriedade dos Snrs. F. Galassi & Cia.

Fundada em 1894 pelo Snr. Ernesto Bischoff

Especialidades em artigos finos de conservas, salsicharias, como sejam: Frios, presuntos, salames, carnes em conservas xarques e banhas. Inspeccionada diariamente pela Hygiene Estadoal e Federal. Diplomada pelo Instituto Agricola Brasileiro e classificada como a primeira de São Paulo, jâ pelos seus artigos, já pela sua producção. Posseu 4 camaras frigorificas e mais adaptações para o ramo. Completa montagem de machinarios, etc.



FACHADA PRINCIPAL DA FABRICA

Rua Dr. Pinto Ferrás, 98
VILLA MARIANNA

Telephone: 388 Avenida
SÃO PAULO

SUMMARIO

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA — D. PEDRO I — CANÇÃO DO EXILIO — SAUDAÇÃO DE S. EX. O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA — JOSÉ BONIFACIO — ODE Á PATRIA — DOM JOÃO VI NO BRASIL — LIVRO 1º DAS ACTAS DAS CÔRTES DO IMPERIO DO BRASIL — AOS POVOS — LIBERTAS! — O SCENARIO DE 7 DE SETEMBRO E A SUA TRANSFORMAÇÃO — INDEPENDENCIA OU MORTE! — O CONGRESSO NACIONAL NO ANNO DO CENTENARIO — A CONSTITUIÇÃO REPUBLICANA — SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL — A PRESIDENCIA DO BRASIL — PRAIA DE SANTA LUZIA — NUNCIO APOSTOLICO — A INDEPENDENCIA DO BRASIL — EMBAIXADOR AMERICANO — EMBOABAS — AS ESTRELLAS — EMBAIXADOR ARGENTINO — FRANCISCO GOMES DA SILVA, O CHALAÇA — OS ENGENHOS DE PERNAMBUCO, BERÇO DA IDÉA DE LIBERDADE NO BRASIL — EMBAIXADOR BELGA — 23 DE MAIO DE 1822 — ANOITECER — EMBAIXADOR FRANCEZ — PARA A HISTORIA DA INDEPENDENCIA — EMBAIXADOR INGLEZ — NACIONALISAÇÃO DA ARTE BRASILEIRA — EMBAIXADOR MEXICANO — O RIO DOCE — EMBAIXADOR PORTUGUEZ — ARTHUR DE OLIVEIRA E ANNIBAL THEOPHILO — ENCARREGADO DE NEGOCIOS DA ITALIA — OS FUNDADORES DO THEATRO BRASILEIRO — UM SERMÃO DA INDEPENDENCIA — MINISTRO DA NORUEGA — A MUSICA NO BRASIL — A RAINHA DOS PÉS DE PATO — MINISTRO DA DINAMARCA — OS GRANDES PROBLEMAS DO BRASIL — MINISTRO DO JAPÃO — A MODINHA BRASILEIRA — O DESFECHO — O CANCIONEIRO DE TROVAS DO BRASIL CENTRAL — COMO SE VESTIAM AS AVÓZINHAS — SUAVE CAMINHO — NORDESTE BRASILEIRO — O DESPERTAR DE ICARO — MONUMENTO A OLAVO BILAC — ESTRADAS DE RODAGEM — ESTADO DO MARANHÃO — ESTADO DA PARAHYBA DO NORTE — AS NOSSAS TRICHROMIAS — O ESTADO DO PARANÁ — O MUNICIPIO DE CAMPOS — O ESTADO DO ESPIRITO SANTO — FORTIFICAÇÕES DO RIO DE JANEIRO — E. DE SERGIPE — HISTORICO DO CAFEEIRO — FÓRA DA BARRA — MINISTRO DA SUECIA — FEMINISMO — MINISTRO DA TCHECO-SLOVAQUIA — ULTIMA FLOR DO LATIO — A PINTURA NO BRASIL — CANNING — CARMEM SAECULARE — O CONSELHO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO — O MONUMENTO DA INDEPENDENCIA — A IMPRENSA NO BRASIL — O PRIMEIRO AMOR — UMA CACERIA TRAGICA COMMEMORAÇÕES DO CENTENARIO — ESTADO DE SANTA CATHARINA — FRANCISCO MANOEL E SUAS FILHAS — ESPERANÇA — A FORÇA PUBLICA DE S. PAULO — ESTADO DE MINAS GERAES — ESTADO DO CEARÁ — MANHUASSÚ — VENEZUELA.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

Illustração Brasileira

QUANDO *se proclamou a Republica Brasileira, sessenta e sete annos depois de feita a separação do Reino Unido, Eça de Queiroz, com o pseudonymo de João Gomes, publicou uns commentarios na Revista de Portugal, numero de Dezembro de 1889, e nelles, sem nenhuma sympathia, mostrava o seu ponto de vista sobre as consequencias do novo regimen por estas bandas: «Com o imperio, segundo todas as probabilidades, acaba tambem o Brasil. Este nome de Brasil, que começava a ter grandeza, e para nôs portuguezes representava um tão glorioso esforço, passa a ser um antigo nome da velha Geographia Politica. D'aqui a pouco, o que foi o imperio estará fraccionado em Republicas independentes, de maior ou menor importancia. Impellem a esse resultado a divisão historica das provincias; as rivalidades que entre ellas existem; a diversidade do clima, do caracter e dos interesses; e a força das ambições locaes... Os Deodoros da Fonseca vão-se reproduzir por todas as provincias... A America do Sul ficará toda coberta com os cacos d'um grande Imperio.»*

Escriptor excellente, pessimo propheta... Os Estados Unidos do Brasil festejam hoje o primeiro Centenario de liberdade completa, e a obra da Republica ahi está, luminosa, deante do mundo que, neste instante, poisa os olhos em nós. Progredimos, serenamente, sem violencia, pela bondade da terra, pelo trabalho dos homens. E não esquecemos quanto nos tem ajudado os filhos de outros povos, de outras raças, sentindo e labutando comnosco; comprehendendo a affectuosa, franca hospitalidade que lhes damos; pondo fim, muitas vezes, pela naturalisação, a um pormenor legal que ainda nos differençava...

De Sete de Setembro de 1922, a Illustração Brasileira data a primeira das suas edições especiaes, commemorativas da Independencia. Organisadas com o melhor carinho, estas paginas, apenas pelo aspecto material, contariam bastante do Brasil de agóra. Mas o texto fala do presente e do passado; diz e evóca. Em torno das palavras quizemos que sorrisse a natureza. Fomos buscar á flora e á fauna do Brasil os motivos que, estylisados nas iniciaes e nas vinhetas, dão á revista uma graça de ar livre, tocando-a de sol e de perfume...

Sua Excellencia o Sr. Epitacio Pessoa, Presidente da Republica, honrou a Illustração Brasileira com um autographo precioso, congratulando-se, por intermedio della, «com todos os compatriotas pelas conquistas que o Brasil realisou em todos os ramos do progresso humano, nestes cem annos de independencia politica.»

Devemos ás notas cedidas do archivo de familia pelos Srs. deputados Antonio Carlos e José Bonifacio os estudos sobre os tres Andradas, cuja publicação iniciamos no presente numero.

As outras edições, complementares desta, serão marcadas pelos dias do descobrimento da America, da proclamação da Republica, e do Natal de 1922.

D. Pedro I

AQUELLE homem irrequieto, impulsivo, que ao receber, na collina do Ypiranga, das mãos do sargento-mór de milicias Antonio Ramos Cordeiro e do official da secretaria do Supremo Tribunal Militar Paulo Emilio Bregaro as cartas escriptas pela princeza Dona Leopoldina e pelo ministro José Bonifacio, com os quatro decretos, malcreados e celebres, das côrtes de Lisbôa, arrancou da espada, num gesto largo e num grande grito, cortando a ligação do Reino de Portugal, Brasil e Algarves; aquelle homem de alta estirpe, nascido em Portugal, educado por mestres e exemplos portuguezes, cioso das nobres origens, aristocrata dos que mais o fossem, apparece, entretanto, aos olhos de quem lhe segue os passos durante a vida, como o typo completo, integral, do brasileiro.

Nós somos assim como elle foi, nas suas qualidades e nos seus defeitos. O primeiro imperador fixou o modelo da raça. De uma actividade desenfreada, pouco difficil de transformar-se na mais deliciosa e prolongada inercia; ao mesmo tempo esperto e ingenuo; orgulhoso até á antipathia, e logo simples, humilde quasi; dizendo desafôros pelo prazer de pedir desculpas; dissimulado ás vezes; outras vezes de uma franqueza escandalosamente aberta; procurando parecer máo para mostrar que era forte; e, na verdade, compadecido, enternecido, commovido; amoroso de todas as mulheres e amando uma só; adivinhando pela intelligencia o que os outros sabiam por estudarem; ajuizado e doido, livre e obediente, meio termo de tudo... Ahi está D. Pedro I... Ahi estamos nós...

Eu, por exemplo, nunca pude commetter uma phrase que me não lembrasse delle... Elle tinha, na continua representação em que andou, o gosto, o vicio das phrases... Immortalisou-se a bradar, a murmurar, a escrever palavras rapidas... Quantas!... Tantas!....

A José Clemente Pereira que lhe entregou a representação assignada pelos oito mil patriotas do dia 9 de Janeiro de 1822, respondeu: — Como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.

Depois, a 7 de Setembro, o desafio dramatico, junto "das margens placidas"...

Outras phrases proferiu, desde então, menos notaveis do que as ultimas, emquanto interpretou as scenas finaes do seu papel de imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil. Quando, ás oito horas da noite, de 6 de Abril de 1831, tres juizes de paz, em nome do povo reunido no campo de Sant'Anna, foram a São Christovão rogar a demissão do ministerio da vespéra e a volta do demittido, D. Pedro ouviu-os de máo humor, e retrucou-lhes: "— Tudo farei para o povo; nada pelo povo."

A revolução cresceu. Os batalhões adheriram. A propria artilharia ligeira, chamada para defender o palacio, em seguida ao abandono da guarda permanente, obteve licença para retirar-se.

— Ide, balbuciou o imperador. Não quero sacrificio de pessoa alguma.

O major Frias surgiu aterrado. A multidão só acalmaria se sua majestade consentisse no retorno do ministerio anterior.

— Não! Nunca! E' contra a minha honra e contra a Constituição. Antes abdicar'! Antes a morte!

Comtudo, passados uns instantes, ordenou que procurassem o senador Vergueiro. Emquanto o procuravam, D. Pedro, nervoso, indagou de um creado:

— Não ha mais um soldado no paço?

— Ha poucos, mas fieis e leaes.

— Estes não são como muitos a quem enchi de beneficios e que estão agora no campo a apregoar-se de patriotas!

Não encontraram o senador Vergueiro. Serenou, de repente, o filho de Dona Carlota Joaquina. Dirigiu-se ao gabinete, e de lá veiu com um papel na mão. Deu-o ao major Frias, soluçando:

— Aqui tem a minha abdicação. Estimarei que sejam felizes. Eu me retiro para a Europa. Deixo um paiz que muito amei e amo ainda.

Cahiu o panno. A rentrée foi na Europa...

ALVARO MOREYRA.

CANÇÃO DO EXILIO

Coimbra, Julho de 1843

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorgeião,
Não gorgeião como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas têm mais flôres,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite,
Mais prazer encontro eu là;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar—sósinho, á noite—
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,
Sem que eu volte para là;
Sem que desfructe os primores,
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

GONÇALVES DIAS

ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

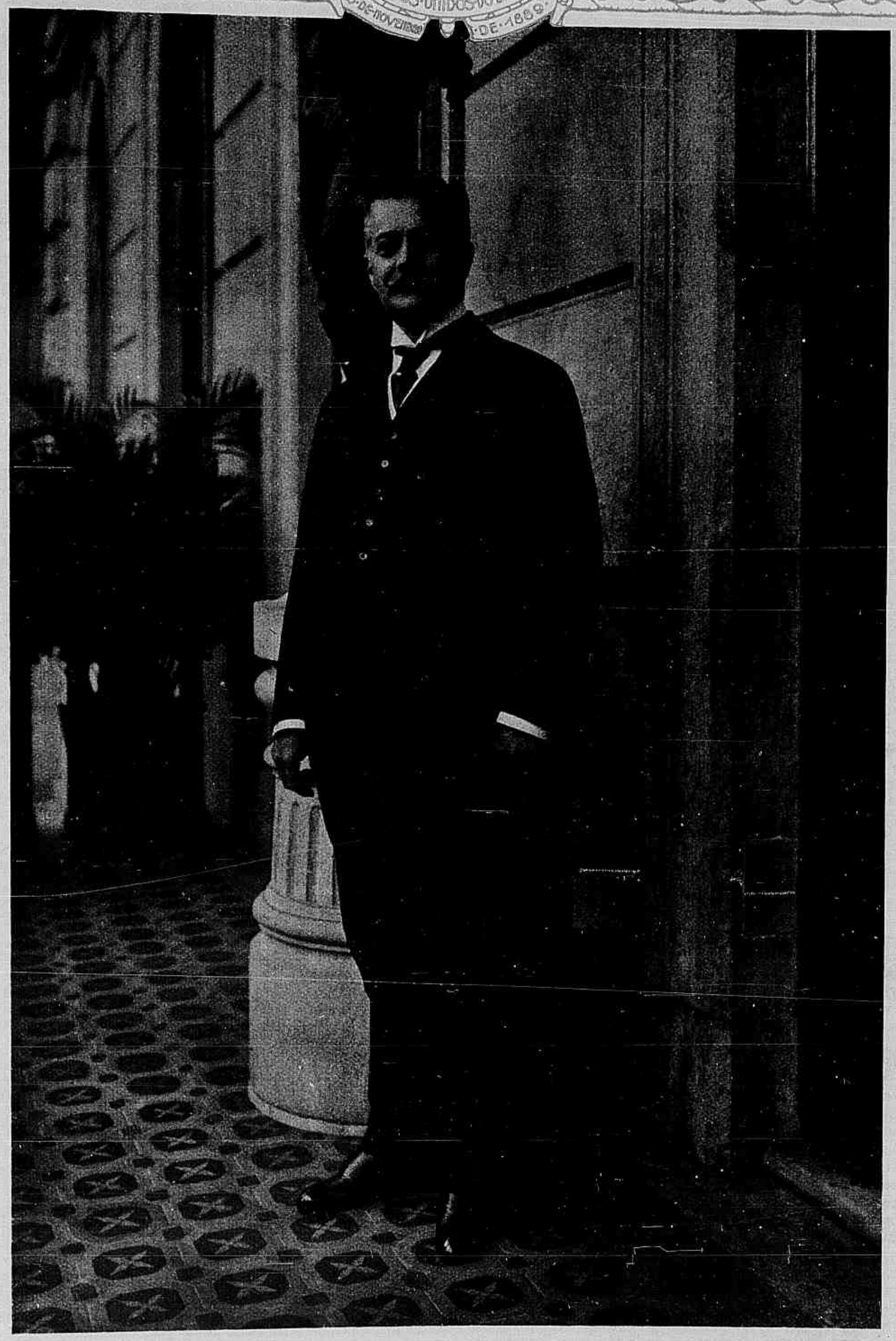
GABINETE DA

PRESIDENCIA DA REPUBLICA

É com vivo desvanecimento que, por intermedio da "Illustração Brasileira", me congratulo com todos os compatriotas pelos conquistas que o Brasil realizou em todos os ramos do progresso humano, nestes cem annos de independencia politica.

Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1922

Epitacio Pessoa.



S.EX.O SNR. DR.

EPITACIO DA SILVA PESSÔA

PRESIDENTE DA

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

JOSÉ BONIFACIO

"QUANDO UM HOMEM ESTA' FADADO PARA SER O PODEROSO INSTRUMENTO DE UMA GRANDE REVOLUÇÃO, PARECE QUE A PROVIDENCIA LHE SEGREDA AS RESOLUÇÕES E LHE ENCAMINHA OS PASSOS DE MANEIRA QUE SE ACHE A PONTO FIXO NA SCENA DOS SEUS MAXIMOS TRIUMPHOS" — LATINO COELHO — "ELOGIO HISTORICO DE JOSE' BONIFACIO".

EM 1819, dentre os cidadãos que aportaram ás plagas brasilicas, havia um que se chamava José Bonifacio de Andrada e Silva. Esse nome, já naquella data, para os que rodeavam o throno de D. João VI e para os que acompanhavam o movimento scientifico do mundo, sobretudo o de Portugal, era de si brilhante e attrahia carinhoso respeito.

Quem era, com effeito, José Bonifacio de Andrada e Silva?

Filho de Bonifacio José de Andrada e D. Maria Barbosa da Silva, nasceu José Bonifacio em Santos, provincia de S. Paulo, aos 13 de Junho de 1763 e, tendo feito sua educação primaria na mesma Villa e a secundaria em S. Paulo, sob as vistas de frei Manoel da Ressurreição, seguiu para a Europa afim de fazer os seus estudos na Universidade de Coimbra, em Portugal.

Effectivamente, matriculando-se nessa Universidade, diplomou-se em jurisprudencia e sciencias naturaes, e, conhecidos os seus talentos, foi logo admittido socio da Academia das Sciencias de Lisboa, sob proposta do duque de Lafões, sendo dentro em pouco seu secretario, tal o merito e zelo que revelára.

Viajou pela Europa em commissão do governo durante dez annos como naturalista e mineralogista, aperfeiçoando em os mais afamados meios intellectuaes, junto dos maiores sabios da Inglaterra, França, Allemanha, Austria, Italia, Suecia, Noruega e Dinamarca, os seus estudos scientificos.

Foi discipulo de Levoisier, Chaptal, Jussieu, Hany em França, e na Allemanha de Werner, Lempe, Kohler, Klotzsch, Freisleben e Lampadius.

A sociedade Philomatica, a dos Naturalistas, em Paris, a Linneana, de Iena, a dos Investigadores da Natureza, de Berlim, a Academia Real de Stockholmo, a de Copenhague e muitos outros institutos o chamaram ao seu seio.

Recusou José Bonifacio, em paizes estrangeiros, cargos como o de inspector das minas da Suecia que lhe foi offerecido pelo rei. Em Portugal foi incumbido de crear a cadeira de mineralogia na Universidade de Coimbra, nomeado intendente geral das minas e metaes do Reino, desembargador da Relação e Casa do Porto, superintendente do Rio Mondego.

No desempenho de todas essas commissões e no exercicio de todos os cargos que foram confiados aos seus talentos, José Bonifacio illustrou seu nome e correspondeu amplamente á confiança depositada em seus meritos. Os trabalhos que publicou demonstram os resultados da sua experiencia e os profundos conhecimentos do mineralogista, do scientista, do literato que á vasta cultura scientifica juntava o uso facil e intelligente de linguas estrangeiras, pois falava seis e comprehendia onze.

As memorias da Academia Real das Sciencias contam notaveis trabalhos sobre minas, veeiros, jazidas metalliferas, viagens mineralogicas e geognosticas que fez em Portugal e outros paizes europeus.

Immensa a sua bibliographia, reveladora do espirito exuberante do sabio a enriquecer a sciencia numa constante e fecunda actividade.

Teve José Bonifacio, em Portugal, serviços de guerra. Commandou o Batalhão Academico contra a invasão franceza de Napoleão e de seu posto não se arredou senão quando deixaram os invasores o sólo da Patria.

Em publicos testemunhos, escreve Latino Coelho, ficou assignalada a galhardia e o primor do grande naturalista como soldado e como chefe. Elle proprio, depois que terminada a campanha contra Soult volvera a proseguir as suas fainas scientificas, ao dirigir-se como secretario á nossa corporação num discurso historico, seguro de que a fama o não desmentiria, exclamava ainda respirando glorias militares:

"Em tão arriscadas circumstancias, mostrei, senhores, que o estudo das letras não desponta as armas, nem embota um momento aquella valentia que sempre circulará as nossas veias, quer nascessemos aquem ou além do Atlantico."

Serviu ainda como intendente da policia do Porto.

Solicitados foram mais de uma vez os seus conselhos em grandes e importantes questões submettidas á Academia das Sciencias. Numa dellas, a adopção do novo systema de pesos e medidas, o scientista opinára:

"Talvez pareça aos espiritos acanhados que a adopção do systema metrodecimal para base de novas medidas offenda de algum modo o pundonor nacional; porém reflictam que o verdadeiro e util não tem patria, pertence a todas as nações, pertence ao Universo inteiro. Seria capricho pueril não adoptar o que ha de bom entre os inimigos, só porque elles dizem que é seu. Que seria da republica das letras, se os odios e guerras das Nações houvessem de invadir os dominios pacificos da verdade e das sciencias uteis?!"

Na Europa já havia José Bonifacio levantado grande nomeada, era respeitado como um sabio, apresentava serviços sufficientes para immortalisar seu nome.

"Professor eminente da Universidade de Coimbra, illustre secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, eximio naturalista que a fama ennobreceu como um dos mais insignes do seu tempo, era festejado como um sabio e acclamado como uma gloria nacional. Tinha as glorias do naturalista, as honras do academico, a toga do magistrado, a laura do cathedratico. A nenhum filho seu nativo, por mimoso que fosse da fortuna, podia Portugal ter conferido mais honrosas distincções do que a esse, que a si proprio se dizia portuguez por adopção."

Eis ahi o recem-chegado de 1819. A Patria o queria em seu seio e elle ahi estava para prestar-lhe serviços na causa gloriosa que o seu espirito já descortinava.

"Que paiz esse, senhores, para uma nova civilisação e para novo assento da sciencia!? *Que terra para um grande e vasto imperio!?*" Eis as admiraveis palavras proferidas perante a Academia das Sciencias.

Chegando ao Brasil, com 56 annos de idade, José Bonifacio recusa a nomeação de sub-ministro que lhe é offerecida por Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal e se recolhe a Santos, onde se entrega á classificação dos seus trabalhos, pondo em ordem a sua collecção mineralogica.

Indo, porém, a S. Paulo, a tropa e o povo, em um só pensamento, resolvidos a depôr o governador da provincia, João Carlos Augusto Oyenhausen, acclamam José Bonifacio seu chefe, e delle reclamam a indicação da junta provisoria.

Dominando, pelo seu prestigio, a multidão reunida na praça, e movido por um alto espirito de moderação propõe para presidente do novo governo ao mesmo governador, e o povo o acclama vice-presidente, assumindo elle desta data a direcção do movimento em S. Paulo, cuja attitude na causa da Independencia foi sempre expressiva, enthusiastica, em acção decisiva e triumphante. José Bonifacio, guia e orientador de todos os passos, representa em 24 de Dezembro de 1821 contra os decretos das côrtes portuguezas e defende a necessidade da permanencia do Principe no Brasil. Vae, em commissão, com outros companheiros illustres, ao Rio de Janeiro e ahi pessoalmente expõe a D. Pedro o pensamento dos paulistas, intransigentes pela causa da emancipação.

A 16 de Janeiro José Bonifacio é nomeado ministro do Reino e dos Estrangeiros, tendo acceitado o cargo diante da insistencia do Principe e solicitações da Princeza D. Leopoldina que a respeito lhe falára em Santa Cruz em sua vinda de S. Paulo.

A' frente do ministerio, passou o grande paulista a dirigir o movimento da Independencia, reuniu todos os elementos de valor, coordenou as correntes em que se dividiam os brasileiros, conquistou plenamente a confiança do Principe, soube orientar as suas tendencias liberaes, foi, sem a menor duvida, o estadista que impulsionou os factos de modo a assegurar o triumpho expressivo e completo dessa salutar-revolução.

José Bonifacio teve para isso immenso trabalho. Foram inauditos seus esforços; mas, habil, de inexcedivel capacidade constructora, de vontade firme e energica, ora agindo com brandura, ora em acção mais resoluta, venceu as difficuldades, dirigiu com ascendencia notavel os patriotas da época, soube aproveitar a actividade de cada um, mantendo-os unidos em redor do pensamento maximo que era a Independencia.

Soffreu de alguns e mais tarde, quando estava vencedora a causa, opposição violenta e tenaz, sabendo triumphar em dado momento com galhardia e proveito para a Patria, e affrontando noutra phase, estoica e serenamente, as injustiças e crueldades, na prisão e no desterro.

O ministro José Bonifacio desenvolveu, em acção vigilante, energica, clarividente, uma actividade prodigiosa. A' santidade e grandeza da causa se deve attribuir a proficuidade dos recursos empregados pelo sabio estadista.

Nas côrtes de Lisboa, quando cahiam em cheio os golpes do ministro brasileiro, trovejavam apodos e baldões os deputados portuguezes.

Borges Carneiro, de uma feita, nesta exclamação, fazia-lhe justiça:

"No Rio de Janeiro, um só homem, José Bonifacio de Andrada e Silva, com a energia do seu caracter, improvisa forças de terra e mar, acha recursos em abundancia e nos põe pela porta afóra com a maior semcerimonia possivel."

Daqui era Jorge Avilez, commandante da divisão expedicionaria, que escrevia ao governo:

"Este naturalista que passou subitamente a politico...

E' este o estadista que dirige agora o governo do Rio de Janeiro e que se reputa o corypheu do partido descontente, cujos passos servirá V. Ex. ver nos papeis publicos daquella capital, na certeza de que a linguagem do Exmo. ministro do Interior é unisona com a dos demagogos de todos os tempos e logares..."

São de José Bonifacio os decretos de 16 de Fevereiro, convocando o Conselho de procuradores geraes das provincias, e de 21 do mesmo mez, ordenando que nenhuma lei fosse observada no Brasil sem o "Cumpra-se" do Principe Regente.

Quando em Março entra no Rio de Janeiro a esquadra commandada por Francisco Maximiliano de Souza, para levar o Principe e sua familia, foi devida a energia de José Bonifacio a resolução de D. Pedro apoderando-se da fragata *Carolina* e conseguindo que ao sahir do porto desta cidade a referida esquadra, aqui ficassem 400 homens que se alistaram ao serviço do Brasil.

A pacificação de Minas e de S. Paulo, consequente ás viagens do Principe segundo o conselho de José Bonifacio, foi de alcance immenso para o ideal da Independencia, ficando prestigiado ainda mais D. Pedro, a quem no seu regresso de Minas foi offerecido o titulo de Defensor Perpetuo do Brasil.

A convocação da Assembléa Constituinte, pedida por Gonçalves Ledo e José Mariano de Azeredo Coutinho, e aconselhada a D. Pedro pelo seu ministro que, grão-mestre da Maçonaria a 28 de Maio, chefiava o movimento no seio daquelle club, é igualmente serviço notavel do Ministerio de 16 de Janeiro que deve ser levado á sua conta.

Em o manisfesto de 6 de Agosto, dirigido ás nações estrangeiras convidando-as a entrar em relações com o Brasil e a enviar-lhe agentes diplomaticos, José Bonifacio, em phrases conceituosas, incisivas, vibrantes, espondo a situação politica, faz D. Pedro revelar desde ahi o seu proposito de proclamar a Independencia.

Tal documento, em que o estadista se confirma pela clarividencia e firmeza, num golpe seguro e certeiro, teve repercursão sympathica, produzindo embora no animo dos adversarios do Brasil a explosão de odios e diatribes.

Na analyse que delle fez, o deputado Gyrão honrou a José Bonifacio com um conjunto de apodos e doestos.

Precipitando-se no mez de Agosto os acontecimentos, opina José Bonifacio pela viagem do Principe a S. Paulo, desejoso que se desse em sua provincia a proclamação effectiva da Independencia, e de facto, depois de ali chegar, quando junto do Ypiranga, D. Pedro recebe cartas da Princeza Leopoldina e de José Bonifacio, profere em meio do mais delirante enthusiasmo o grito de Independencia ou Morte.

Triumphante estava o ideal porque se vinha batendo o sabio americano.

Mas tinha ainda elle de proseguir na fundação do Imperio, de solidificar os alicerces da Nação Brasileira. Feito de animo resoluto, attendendo á situação de Pernambuco, para onde seguiu o general Labatut, da Bahia e outras provincias, para as quaes foi enviado Lord Cockrane, cuja vinda do Chile para o Brasil foi por elle promovida.

Todo seu intuito era expellir de varios pontos do Imperio as forças portuguezas e numa união perfeita e indissoluvel deixar firmada a grandeza da Nação.

Em Outubro, 26, depois da explicação solicitada ao Imperador sobre negocios da Maçonaria, José Bonifacio deixa o Ministerio. Agita-se o povo e vae em busca do grande ministro.

O Imperador o reintegra, vendo em sua pessoa o estadista em que a Nação confia, o chefe illustre do movimento que fez a Independencia, o organisador do Imperio.

Mais tarde é José Bonifacio eleito deputado á Assembléa Constituinte, installada a 3 de Maio de 1823. Em Julho, 17, deixára o cargo de ministro.

Dissolvida a Assembléa, de que era presidente, em Novembro, depois das agitadas sessões em que os Andradas tomaram activa parte, foi José Bonifacio preso e deportado, soffrendo, apezar de seus incomparaveis serviços, os maiores rigores e as mais graves injustiças.

A tudo olhou sempre com soberano desprezo. Acima das paixões humanas e dos embates da vida publica, tinha elle a pureza de seu caracter e a immaculidade da consciencia.

Ao general Moraes, que o deixou preso no Arsenal, disse estas palavras propheticas:

"Diga ao Imperador que eu estou com o coração magoado de dôr não por mim, que estou velho, e morrer hoje fuzilado ou amanhã de qualquer molestia é cousa para mim bem indifferente; que é por seus filhos innocentes que eu choro hoje; que trate de salvar a corôa para elles, porque para si está perdida desde hoje; a sentença o Imperador mesmo a lavrou e já não póde subtrahir-se aos seus effeitos, porque se o castigo da Divindade é tardio, esse nunca falta."

Ausente da Patria, a Bahia o elegeu senador em 1826, e depois deputado em 1828, mas duas vezes, como elle mesmo o diz na sua *Ode aos Bahianos*, foram baldados votos.

Do desterro em França, só em 1829 regressou o estadista brasileiro, o patriarcha da Independencia da Patria, e, em 1831, por occasião da Abdicação, o Imperador D. Pedro, que o deportára, nomea José Bonifacio tutor de D. Pedro II e de suas augustas irmãs. Eis os termos do decreto:

"Tendo maduramente reflectido sobre a posição politica deste Imperio, conhecendo quanto se faz necessaria minha abdicação e não desejando mais nada neste mundo senão a gloria para mim e a felicidade de minha patria, hei por bem, usando do direito que a Constituição me confere no Capitulo V, art. 130, nomear como nomeio, por este meu imperial decreto, tutor de meus filhos ao *muito probo, honrado e patriotico cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo*. Boa Vista, em seis de Abril de mil oitocentos e trinta e um, decimo da Independencia e do Imperio. Pedro, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil."

A José Bonifacio dirigiu ainda o Imperador a carta seguinte:

"*Amicus certus in re incerta cernitur.* — E' chegada a accasião de me dar mais uma prova de amizade, tomando conta da educação do meu muito amado e presado filho, seu Imperador.

Eu delego em tão patriotico cidadão a tutoria de meu querido filho, e espero que, educando-o naquelles sentimentos de honra e de patriotismo com que devem ser educados todos os soberanos para serem dignos de reinar, elle venha um dia fazer a fortuna do Brasil, de que me retiro saudoso.

Eu espero que me faça este obsequio acreditando que, a não m'o fazer, eu viverei sempre atormentado. Seu amigo constante — *Pedro.*"

No exercicio do cargo de tutor, soffreu José Bonifacio injustificadas aggressões, mas nunca se lhe abateu o animo.

Em Dezembro de 1833, quando lhe communicaram haver sido suspenso da tutoria, respondeu em tom energico e altivo ao ministro Chichorro da Gama:

"Tendo de responder ao officio de V. Ex. que acompanhava o decreto da Regencia de 14 do corrente, digo que não reconheço na mesma o direito de susperder-me do exercicio de tutor de S. M. o Imperador e de suas augustas irmãs.

Cederei á força pois que não a tenho, e estou capacitado que nisto obro conforme á lei e á razão; pois que nunca cedi a injustiças e a despotismos, ha longo tempo premeditados, e ultimamente executados para vergonha deste Imperio.

Os juizes de paz fizeram tudo para me convencerem, porém a tudo resisti, e torno a dizer que só cederei á força. Deus guarde a V. Ex. Paço da Boa Vista, 15 de Dezembro de 1833. Illm. Exmo. Sr. Antonio Pinto Chichorro da Gama. — *Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.*

De Portugal, acompanhava D. Pedro os movimentos hostis ao seu antigo e grande ministro e lhe dirigiu em data de 28 de Dezembro de 1832 a seguinte carta:

"Meu amigo. — Com grande magoa e menoscabo de meus paternaes e inalienaveis direitos recebi a noticia da despotica resolução tomada pela Camara dos Deputados por 45 votos contra 31, para se lhe tirar a tutoria do meu querido filho e adoradas filhas.

Triumpha a Intriga, a Inveja e a Ignorancia, da Honra, da Paternidade e do Patriotismo; impera o Despotismo, a Desmoralisação, e a Tyrannia aonde devia imperar a Razão e a Lei, a Boa Fé e a Moral, a Segurança e a Liberdade; postergam-se todos os fóros e direitos ainda os mais sagrados, a despeito de todas as considerações; finalmente querem se entregar os Principes Brasileiros a homens conhecidamente incapazes e que de modo algum poderiam, mesmo querendo, concorrer para dar-lhes uma educação como convém, principalmente ás Princezas, e que tivessem um decidido interesse por suas pessoas. Ah! meu caro amigo, que desgraça é a minha, longe de meus amados filhos, e estes, a estas horas, entregues a pessoas minhas inimigas, incapazes de os educarem.

Não sei se o Senado annuirá pela sua parte; mas é impossivel que existindo nelle invejosos da tutoria, elle não vote conformemente com a Camara dos Deputados.

O partido dominante, que hoje tyrannisa o Brasil, deseja acabrunhar o meu amigo, só porque é meu amigo, *só porque me ajudou na luta da Independencia, em que nenhum dos que hoje atroam os céos e a terra tomou parte activa e muitos contra...*

Peço-lhe que faça os meus cumprimentos a seus manos; e que não se esqueça do que me disse a bordo da Náo:

— Quando a Assembléa não approve a nomeação, esteja certo que como Brasileiro lhe hei de defender seus filhos, e que se quizerem attentar contra elles, lá lh'os levarei.

A sua palavra para mim é sagrada, e conto que ainda que por segunda vez e contra a sua pessoa, prevaleça a Intriga e a Ingratidão, á Honra e ao Patriotismo, o meu amigo olhará por esses desgraçados innocentes. Seu verdadeiro amigo — *D. Pedro.*"

Em 1838, aos 6 de Abril, falleceu, em Nictheroy, José Bonifacio de Andrada e Silva. Nos traços de sua vida gloriosa, que ahi deixamos como uma homenagem á sua memoria, nesta hora do primeiro centenario da nacionalidade que elle fundou, a geração de hoje e a por vir encontrarão exemplos nobilissimos de caracter, de virtudes excelsas, de patriotismo acendrado, que provocam admiração e respeito num culto fervoroso ao grande benemerito da Patria.

Disse-o com eloquencia e justiça o illustre publicista e professor de direito, o Dr. Pinto da Rocha:

"Foi elle o fundador e o organisador da Patria, o artista que systematisou as materias primas, o ouro, a platina, os diamantes, os topasios, as esmeraldas, os rubis, o café, o assucar, o algodão; a Mineralogia, a Agricultura, a Pecuaria, o sabio que methodisou as forças vivas da Nação, o commercio e a industria, as artes e as sciencias, que lhes deu defesa pelas armas brasileiras, com os soldados de Labatut e com os marujos de Cockrane.

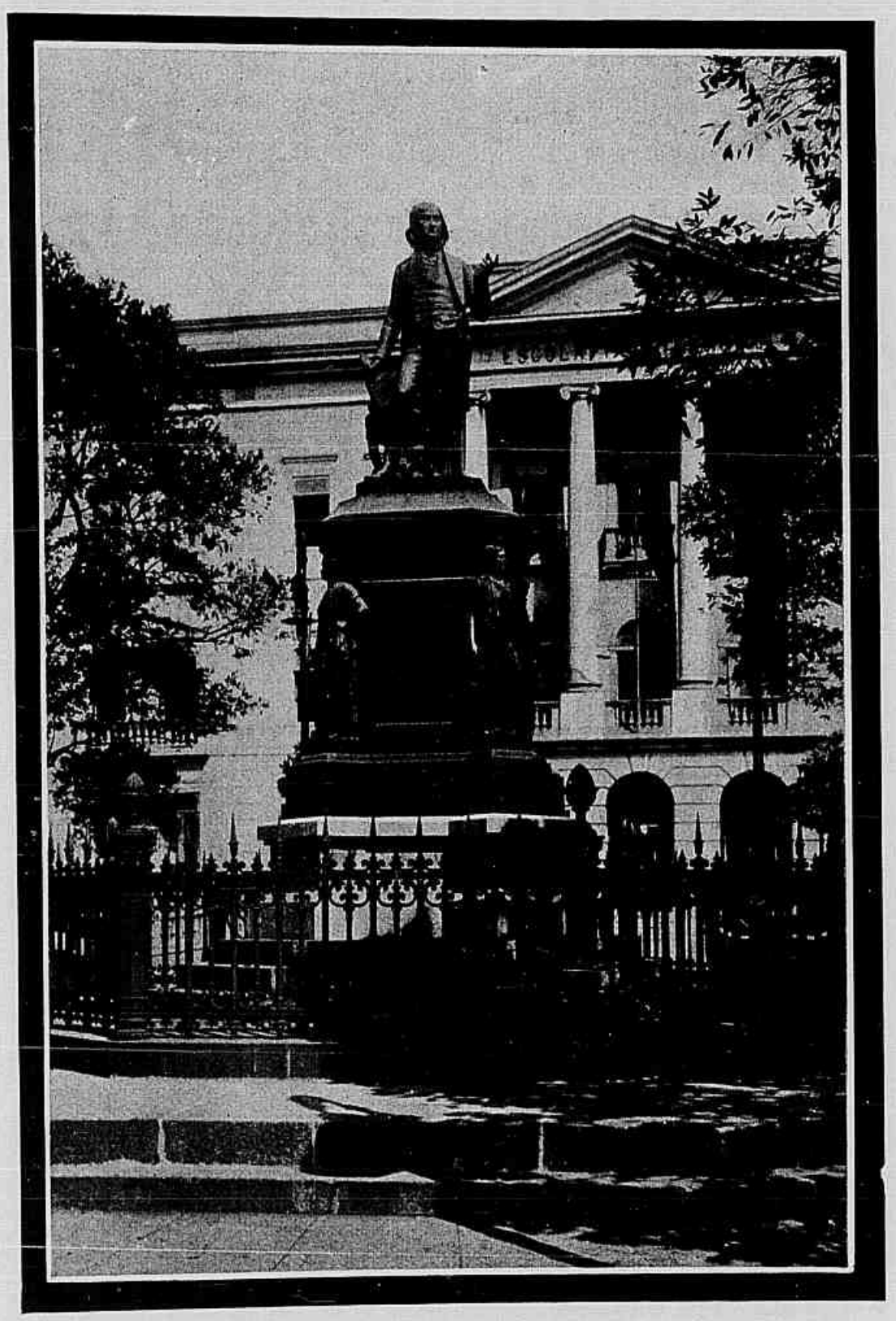
José Bonifacio teve o pulso capaz de impedir o retalhamento da Patria, que os decretos de Lisboa haviam dividido em 18 provincias autonomamente dirigidas por 18 generaes portuguezes; para conservar uno e immenso este robusto organismo de Patria cuja Independencia estava periclitando, entre a união de uma nova monarchia imperial, e o esphacelamento em multiplas republiquetas, nas mãos de outros tantos caudilhos, a exemplo do que já principiára a succeder com a emancipação das colonias hespanholas do Sul e do Centro da America."

"Teve José Bonifacio de Andrada e Silva, na phrase de Latino Coelho, todas as fortunas que lisonjeiam a ambição, todas as contradições com que se fortalece o desengano.

Teve a idolatria das multidões e a perseguição dos inimigos; o favor das corôas e a ingratidão dos potentados: a estatua e o exilio."

Justamente cognominado "Washington Brasileiro", José Bonifacio é para os que estudam serenamente a historia nacional, o patriarcha da Independencia do Brasil.

Esta gloria ha de acompanhal-o sempre. Ninguem póde destruir a historia de um povo.



MONUMENTO A JOSE' BONIFACIO, NO RIO DE JANEIRO
TRABALHO DE LOUIS ROCHET

ODE Á PATRIA

SEI DE UM PAIZ DE LENDA, UM PAIZ ENCANTADO
CUJO ASPECTO RECORDA IMMENSO CORAÇÃO,
BERÇO ANTIGO DE HERÓES E POETAS, EL-DORADO,
COLCHIDA, OPHIR, CHANAAN, TERRA DA PROMISSÃO,
ONDE DESPONTA O SOL DA EXTINCTA PERFEIÇÃO
A QUE OUTR'ORA ATTINGIU O IDEAL DA GRECIA E ROMA,
FLÔR DE OURO QUE REVIVE EM NOVO VIÇO E AROMA
O PERDIDO ESPLENDOR DA CULTURA LATINA
E ARDENTE E TROPICAL AS VARIAS FORMAS TOMA
DO CÉO QUE ELLA ILLUMINA;

HARMONIOSO PAIZ DA VENTURA E DA GRAÇA
QUE TEM POR CULTO O SONHO E A BELLEZA POR NORMA,
E A INSPIRAR-LHE OS IDEAES DA NOBRE E ALTIVA RAÇA
QUE NO REINO DA PAZ E DA LUZ O TRANSFORMA
A RELIGIÃO DO RYTHMO, A RELIGIÃO DA FORMA...
ESSE PAIZ EXISTE! E' A OFFICINA E CELLEIRO
ONDE, Á BENÇAM FRATERNA E AUGUSTA DO CRUZEIRO,
COLHENDO O OURO QUE FLUE COMO FLORESCE A VINHA,
TRABALHAM COMO IRMÃOS POVOS DO MUNDO INTEIRO,
ÉS TÚ, Ó PATRIA MINHA!

VEJO-TE AINDA A EXSURGIR, BELLA E VIRGEM, DAS ONDAS,
QUANDO ÁS PLAGAS NATAES — SEM TEMOR ÁS PROCELLAS,
RUMO AO IGNOTO AZUL DE ENCANTADAS GOLGONDAS,
VINDAS DE EXTRANHOS CÉOS, SOLTAS AO VENTO AS VELLAS,
APORTAM DE UMA EM UMA AS LUSAS CARAVELLAS...
QUANDO A RAÇA DE HERÓES E SANTOS QUE AS CONDUZ
CHORA DE GLORIA E AJOELHA EXTATICA NA LUZ
EM QUE FULGURAS COMO UM IMMENSO THESOURO
AO VER EMFIM ALÇAR-SE O AUREO PENDÃO DA CRUZ
EM TUAS PRAIAS DE OURO.

VEJO-TE APÓS TRIUMPHANDO, AINDA INFANTE, NA LUCTA
A QUE NOVAS NAÇÕES TE ARROJASTAM, PELA GLORIA
DE POSSUIR-TE E PISAR ESTA TERRA IMPOLLUTA
ONDE QUANDO HA CONQUISTA É APENAS TRANSITORIA,
SONHO VÃO QUE SE ESFAZ A GRITOS DE VICTORIA,
PATRIA INVICTA E IMMORTAL. QUE SÓ LIÇÕES TENS DADO
DE DENODO E BRAVURA! ASSIM NO TEU PASSADO
QUANDO Á ALHEA COBIÇA ERGUES ALTIVA O COLLO
E O AMBICIOSO FRANCEZ, MAIS O BATAVO OUSADO
EXPULSAS DO TEU SOLO.

ASSIM DEPOIS, JÁ QUANDO HEROICO E AVENTUREIRO
TEU POVO DESBRAVANDO ERMOS, INVIOS SERTÕES
PARA O CÉO ONDE ESPLENDE A GLORIA DO CRUZEIRO
NOVAS SELVAS CONQUISTA EM LONGINQUAS REGIÕES,
TERRAS DE OURO E ESMERALDA, ENCANTADOS RINCÕES,
CANTANDO NA AVENTURA EPICA DAS BANDEIRAS;
E AINDA A MAIS LONGE EXTENDE AS TERRAS BRASILEIRAS,
DANDO-TE A FORMA ACTUAL DE HARMONIOSA FEIÇÃO
DE HARPA QUE, A ASSIGNALAR-TE AS ETERNAS FRONTEIRAS,
OSTENTAS DESDE ENTÃO.

ASSIM SERÁ TAMBEM NO GRANDIOSO PORVIR
QUE TE AGUARDA. A'S LIÇÕES DE BRAVURA E BONDADE,
DE QUE TEM CHEIA A HISTORIA, HA-DE GRATA SORRIR
A ALMA DAS GERAÇÕES FUTURAS, COM VAIDADE;
QUE AS LUCTAS QUE ENFRENTASTE EM PROL DA LIBERDADE
SÃO EXEMPLOS DE FÉ, DE ALTRUISMO, DE PRUDENCIA
QUE AUREOLARAM DE GLORIA A TUA ADOLESCENCIA
E AINDA HOJE, REVESTINDO UM BRILHO HEROICO E NOVO,
REVIVEM, CELEBRANDO A TUA INDEPENDENCIA,
NO ORGULHO DO TEU POVO!

AMO-TE EM TEU PASSADO E EM TEU PRESENTE, EMTANTO
É AO SOL POR DESPONTAR DO TEU PODER VINDOURO
QUE ME APRAZ CELEBRAR-TE, Ó PATRIA! NO MEU CANTO,
DENTRO DO HALO SOLAR DA TUA EDADE DE OURO
QUANDO, EMFIM, RESPLENDER EM TI TODO O THESOURO

1822
1922

D.C

FABULOSO E IMMORTAL QUE AINDA NO SEIO OCCULTAS
E SURGIR DA AMPLIDÃO DESTAS TERRAS INCULTAS,
MAIS BELLO QUE O EL-DORADO EM FLOR DE ANTIGAMENTE,
PARA GLORIA E ESPLENDOR DAS NAÇÕES EM QUE AVULTAS,
UM BRASIL NOVO E ARDENTE ;

QUANDO, AFINAL, DE TI, COMO DE UM BERÇO ENORME,
RESURGIR, PARA ESPANTO E ORGULHO DO UNIVERSO,
O MUNDO, POR NASCER, QUE AINDA EM TEUS FLANCOS DORME
COMO UM SOL QUE FULGURA ENTRE SOMBRAS IMMERSO,
E INSPIRANDO AO HUMILDE A GLORIA, AO POETA O VERSO,
AO HERÓES TEMPERANDO A ESPADA COM O TEU AÇO,
DE NÁUS ENCHENDO O MAR, DE AEROPLANOS O ESPAÇO,
DE ESTRADAS, TEUS SERTÕES VIRGEM DE SUL AO NORTE,
FORES D'ENTRE AS NAÇÕES, QUE HÃO DE SEGUIR-TE O PASSO,
A MAIS BELLA E A MAIS FORTE;

QUANDO, Ó PATRIA! SORRIR NA ORLA DAS TUAS PRAIAS,
COMO UM VINHO DOIRADO ÁS BORDAS DE UMA TAÇA,
A LUZ DAQUELLE MAR QUE TRAÇOU NOVAS RAIAS
AO MUNDO E DEU OUTR'ORA Á BELLA E ANTIGA RAÇA
DE QUE FOI BERÇO, IDEAL, SONHO, FINURA, GRAÇA ;
QUANDO FORES, EMFIM, SOB A GLORIA DO AZUL
ONDE RESPLENDE A PAZ DO CRUZEIRO DO SUL,
SOBRE O ATLANTICO, SOBRE A HUMANIDADE EM RUINA,
COMO UMA AURORA DOURA AS AGUAS DE UM PAUL,
A ULTIMA FLÔR LATINA.

HA UM SECULO SÓMENTE ALÇAS LIBERTA O DORSO
EM PLENA LUZ E ÉS JÁ D'ENTRE AS NAÇÕES AQUELLA
EM QUE O IDEAL É A LEI QUE, EM TUDO A GUIAR-LHE O ESFORÇO
MAIS QUE AS CONQUISTAS E O OURO A FAZ GRANDIOSA E BELLA,
TEU SEIO ARDENTE E EM FLÔR DE SONHOS SE CONSTELLA
COMO DE ASTROS TEU CÉO NAS NOITES AMOROSAS
CINGE-TE A GLORIA DE HOJE EM ONDAS QUE SÃO ROSAS
A ALMA MEDITERRANEA E ETERNA, E QUASI HUMANO
VE QUEBRAR-SE-LHE A VAGA EM COROAS RADIOSAS
PARA BEIJAR-TE O OCEANO,

O NÃO SULCADO MAR DE OUTR'ORA ONDE ERRA E BRILHA
EM NOVA POMPA, A LUZ QUE AINDA EMBALA O DESTINO
Á RAÇA IDEAL DE QUE ÉS SOBRE O ATLANTICO A FILHA
E A CUJO OLHAR MATERNO EU ME EXALTO E ILLUMINO
AO SONHAL-A TE DAR FULGOR QUASI DIVINO,
AO VEL-A EM TI RAIAR DE NOVO EM SOL ARDENTE,
E ACCENDENDO EM TEU CÉO EM AURORAS O POENTE
LATINS, ESPIRITUAL SOBRE AS AGUAS SCINTILLA
DO OCEANO QUE SE CURVA EM SEOI DOCEMENTE
NO AMOR DE REFLETIL-A...

PATRIA! ACREDITO EM TI! CREIO NO TEU FUTURO
DE GLORIA E DE ESPLENDOR DE FORÇA E DE GRANDEZA,
SINTO QUE É EM TI QUE VIVE, EM TEU CÉO CLARO E PURO,
NO TEU SANGUE, EM TUA ALMA, EM TUA NATUREZA,
AQUELLE ANTIGO IDEAL SUPERIOR DE BELLEZA
QUE OS POVOS VÊM BUSCANDO EM VÃO EDADES FÓRA...
SONHO QUE INUNDARÁ DE LUZ COMO UMA AURORA
A TUA RAÇA ELEITA E O TEU GENIO PROFUNDO,
PATRIA! BERÇO SOLAR DOS ATLANTES DE AGORA,
FÔR DAS NAÇÕES DO MUNDO!

SIM! PORQUE SI EXISTIR SOBRE A TERRA ALGUM DIA
ESSE IMPERIO DA PAZ COM QUE TODOS SONHAMOS,
O AURI-ROSEO PAIZ DO AMOR E DA HARMONIA
SERÁ SOBRE ESTE CHÃO SAGRADO QUE PIZAMOS
QUE HA DE SE ERGUER AOS CÉOS, NA LINGUA QUE FALAMOS,
O CANTO ANNUNCIADOR DA UNIVERSAL VENTURA
E O PRIMEIRO CLARÃO DA CIDADE FUTURA
IRRADIARÁ DAQUI DA TERRA BRASILEIRA,
UNINDO SOB A LUZ DE UMA NOVA CULTURA
A HUMANIDADE INTEIRA!

HOMERO PRATES

D. JOÃO VI NO BRASIL

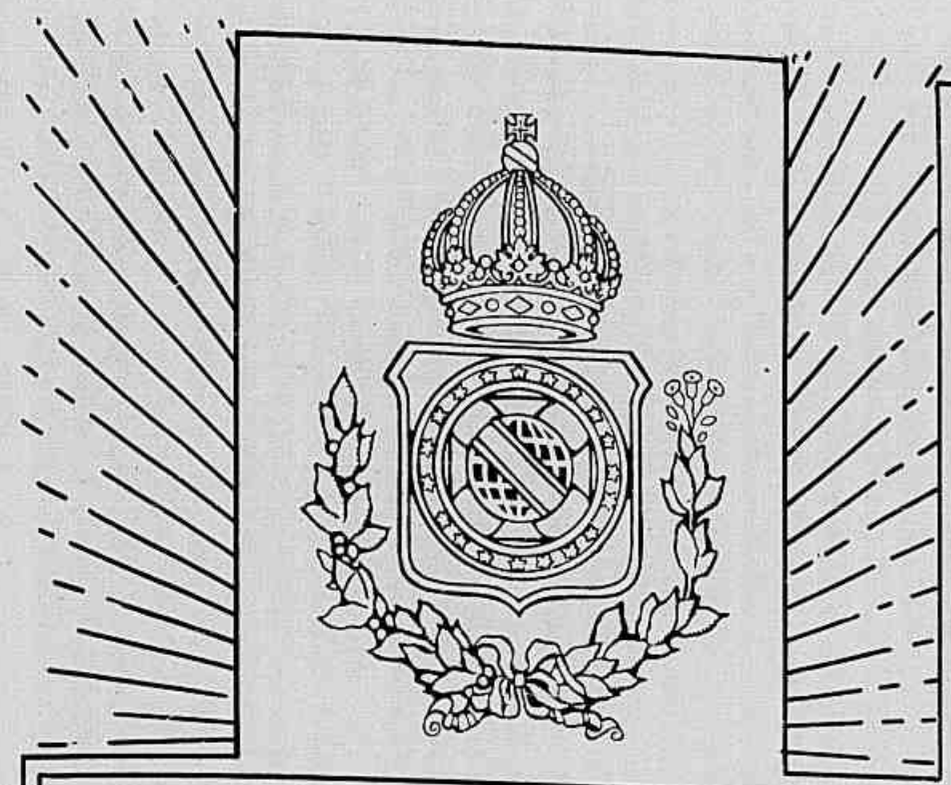
A vinda de D. João VI para o Brasil retardou ou apressou a nossa Independencia? Eis uma pergunta que tem tido respostas bem differentes... Ficamos entre todas... Adiasse ou precipitasse, o melhor é abençoarmos a furia de Napoleão contra os Braganças, amigos da Inglaterra. Se o terrivel general não houvesse mandado tropas aterradoras contra Lisboa, não ganhariamos, como ganhamos, a elegancia de uma Côrte... deixariamos de ser, como fomos, um reino... não possuiriamos, como possuimos, dois imperadores interessantes... A colonia, derramando sangue, ficaria Republica... Muito rapida transformação. Bom foi acontecer tal qual aconteceu. Os fidalgos que acompanharam o filho triste de Dona Maria, esposo infeliz de Dona Carlota Joaquina, trouxeram, apezar do desprezo com que nos olhavam, ou por isso mesmo, um divertimento agradavel á cidade lugubre daquelle tempo... Demais, D. João VI, com a "astucia saloia", de que falava Oliveira Martins, não quiz que a sua estadia aqui parecesse apenas um refugio; as exigencias materiaes e intellectuaes de uma capital régia mereceram delle antecipados cuidados, e cumpriu-os na medida do entendimento dos seus ministros. Uma vida nova sorriu nestas paizagens...



D. JOÃO VI

"As gerações futuras admirarão a sabia e liberal politica, com que Vossa Magestade, franqueando o commercio desta riquissima porção do Novo Mundo a todos os povos civilisados, abriu para os seus habitantes a fonte mais caudal de riqueza e prosperidade; a justiça com que, igualando em tudo e por tudo, a sorte de seus vassallos, nas quatro partes do globo que habitamos, e elevando o Brasil á dignidade de um reino, poz termo á funesta rivalidade que existia entre os portuguezes americanos e os portuguezes europeus; a prudencia com que cerrou a entrada do novo e ainda mal povoado reino a uma antiga instituição, que a piedade de um dos seus augustos predecessores havia admittido nos seus dominios da Europa e da Asia; mas que sendo olhada com horror pela maior parte dos governos, e dos homens alumiados, seria um gravissimo obstaculo ao augmento da população e aos progressos das luzes e da industria no Brasil. Ellas admirarão não menos a bem entendida e generosa liberalidade, com que Vossa Magestade tem pretendido attrahir para este vastissimo continente agricultores e artistas de todas as partes do mundo; a prudencia e o vigor com que, afugentando de nossas fronteiras vizinhos turbulentos e agitadores, animados de principios incompativeis com a tranquillidade interna, procura encerrar os seus dominios americanos em barreiras naturaes, que juntamente facilitem a sua defesa, e segurem aos seus vassallos a fruição socegada dos bens que a natureza liberalisou a estes fertilissimos paizes; a humanidade e a circumspecção com que, pela gradual e progressiva abolição do commercio da escravatura, vae suavemente substituindo a servos destituidos de todo o estimulo de emulação e brio, homens que, reconhecendo a vantagem que deve resultar-lhes do aperfeiçoamento de seus talentos e do augmento de sua pericia nas artes e mesteres que exercitam, se esforcem por melhorar a sua condição, por meio da applicação e assiduidade ao trabalho, e concorram assim efficazmente para a publica felicidade."

Nessas palavras do academico Garção Stockler, está o resumo do que D. João VI forneceu de bom e util ao Brasil. Amemos esse homem do passado que amou a nossa terra e a nossa gente com o possivel amor do seu coração espavorido e do seu espirito um pouco sem claridade...



Livro 1º
das
Actas das Cortes
do
Imperio do Brazil

(Primeira Sessão Preparatoria 182

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Chris
to e mil oitocentos e vinte dous, aos desoito dias do
mez de Abril, sendo Cidade do Rio de Janeiro, na Sal
lá destinada aos trabalhos da Assembléa Geral
Constituinte e Legislativa deste Imperio do Bra-
zil, se reuniram as nove horas da manhã os Senho-
res Deputados nomeados pelas Provincias do mesmo
Imperio, e em conformidade das Instrucções de desenove
de Junho de mil oitocentos e vinte e dous, tendo precedi-
do para isso um officio competente para a Secre-
taria de Estado dos Negocios do Imperio, e não-
do os seguintes:

Pela Provincia de S. Pedro
O Senhor Francisco das Chagas Santos.
O Senhor Joaquim Bonifacio de Lima Valente
O Senhor Antonio Martins Bastos

Pela Provincia de Santa Cath.
O Senhor Diogo Duarte Silva.

Pela Provincia de São Paulo
O Senhor José Bonifacio de Andrada e Silva.
O Senhor Antonio Rodrigues Velloso
O Senhor Manuel Martins do Couto Reis.
O Senhor Martim Francisco Ribeiro de Andrada
O Senhor José Ricardo da Costa Aguiar.
O Senhor Francisco de Paula Souza e Mello.
O Senhor Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Pela Provincia de Matto Grosso
O Senhor Antonio Navarro de Abreu.

Pela

Immediatamente se retirarão os Senhores De-
putados, membros das ditas Commissões a fazerem
os seus officios.

Dadas tres horas da tarde quando voltarão á
Assembléa. O Senhor Antonio, em nome da pri-
meira Commissão pedio adiamento á sua Informa-
ção; por isso lhe pedido tomar o exame de todos os
Diplomas, que haviam sido confirmados mais
do especial com as Instrucções Actas das Nomeações
dos Senhores Deputados: e o Senhor José Ricardo em
nome da segunda Commissão deu conta de que
achava em tudo legaes os Diplomas sugeitos ao seu
exame.

Deferio-se ao requerido pela 1ª Com-
missão; e adiou-se o parecer da 2ª

Levantou-se a Sessão as quatro horas da tarde,
designando-se a determinação dos Senhores Deputados pa-
ra a manhã de dia subsequente ás nove horas.

Bispo Capellão mór. Presidente.

Manoel José de Souza França.
Secretº

1ª Sessão das Ass. 1823.
sembléa Geraes de Sanctissima
em 3 de Maio.

Reunidos os Srs Deputados, ac-
tuaes, ás horas de costume, se esperou
pelo Imperador; para se abrir a Ses-
são; e pela meia hora depois do mei
dia, foi annunciado que o Impe-
rador se aproximava á Porta do
Paço da Assembléa.

O Sr Presidente immediatamen-
te fez sahir a Deputação que a devia
esperar, a Porta do Edificio. Esta
tres quartas de hora tornando os

Entrada de
S. M. o Impe
á Assembléa

Deputados:

Pós duas horas quando o Im-
perador se retirou acompanha-
do do mesmo Corteja, e despe-
dido pela Assembléa com o mesmo
Ceremonial com que foi recebido.

O Sr Presidente immediata-
mente levantou a Sessão. Eu Manoel
José de Souza França Deputado Secretario a es-
crevi, e fiz escrever.

Bispo Capellão mór. Presidente.

Manoel José de Souza França
Secretº



Die *Illustração Brasileira* begrüsset das deutsche Volk und seine Regierung.

The *Illustração Brasileira* greets the People and Government of the United States of America.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de la Republica Argentina.

L'*Illustração Brasileira* salue le Peuple et le Gouvernement de Belgique.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Bolivia.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Chile.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Colombia.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Cuba.

Illustração Brasileira hilser det Danske Folk og dets Regjering.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno del Equador.

L'*Illustração Brasileira* salue le Peuple et le Gouvernement de France.

The *Illustração Brasileira* greets the People and the Government of Great Britain.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Guatemala.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de España.

Ἡ *Illustração Brasileira* χαιρετίζει τὸν λαὸν καὶ τὴν Κυβέρνηδιν τῆς Ἑλλάδος

L'*Illustração Brasileira* saluta il Popolo ed il Governo d'Italia.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Mexico.

Illustração Brasileira hilser det Norske Folk og dets Regjering.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Panamá.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Paraguay.

中國政府人民祝華盛頓西報畫

De *Illustração Brasileira* begroet het Nederlandsche Volk en zijne Regeering.

La *Illustração Brasileira* saluta al Pueblo y al Gobierno de Perú.

A *Illustração Brasileira* saúda o Povo e o Governo de Portugal.

Illustração Brasileira pozdrawia Naród i Rzad Rzeczypospolitej Polskiej.

Illustração Brasileira salutem dicit mundo catholico ac Summo Pontifici Ecclesiae Catholicae apostolicae Romanae.

Illustração Brasileira halsar det Svenska Folket och dess Regéring.

伯剌西兒繪入雜誌社
遙に日本政府及び國民に
深厚なる敬意と友情を
表す
一千九百二十二年七月

L'*Illustração Brasileira* salue le Peuple et le Gouvernement de la Suisse.

Illustração Brasileira zdraví lid a viadú Ceskoslovenské Republiky.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno del Uruguay.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Venezuela.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Costa Rica.

L'*Illustração Brasileira* salue le Peuple et le Gouvernement de Haiti.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Honduras.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Salvador.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de S. Domingos.

La *Illustração Brasileira* saluda al Pueblo y al Gobierno de Nicaragua.

Illustração Brasileira tervehtii Suomen kansaa ja sen hallitusta.

L'*Illustração Brasileira* salue le Peuple et le Gouvernement de Luxembourg.

Illustração Brasileira salutã Poporul si Guvernul Romaniei.

Illustração Brasileira privietstvuiet russkiy narod i russkoie pravitielstvo.

Tijdnevnik *Illustração Brasileira* vitaie ukrainskiy Rad i Narod.

The *Illustração Brasileira* greets the People and Government of Liberia.

L'*Illustração Brasileira* salue le Peuple et le Gouvernement de Albanie, Andorra, Autriche, Bulgarie, Dantzig, Egypto, Hongrie; Lettonie, Lithuanie, Monaco, Persia, S. Marino, Turquie et Yugo-Slavia.

La *Illustração Brasileira* kore salutas tutmonden Experantistaron.


LIBERDADE
1922

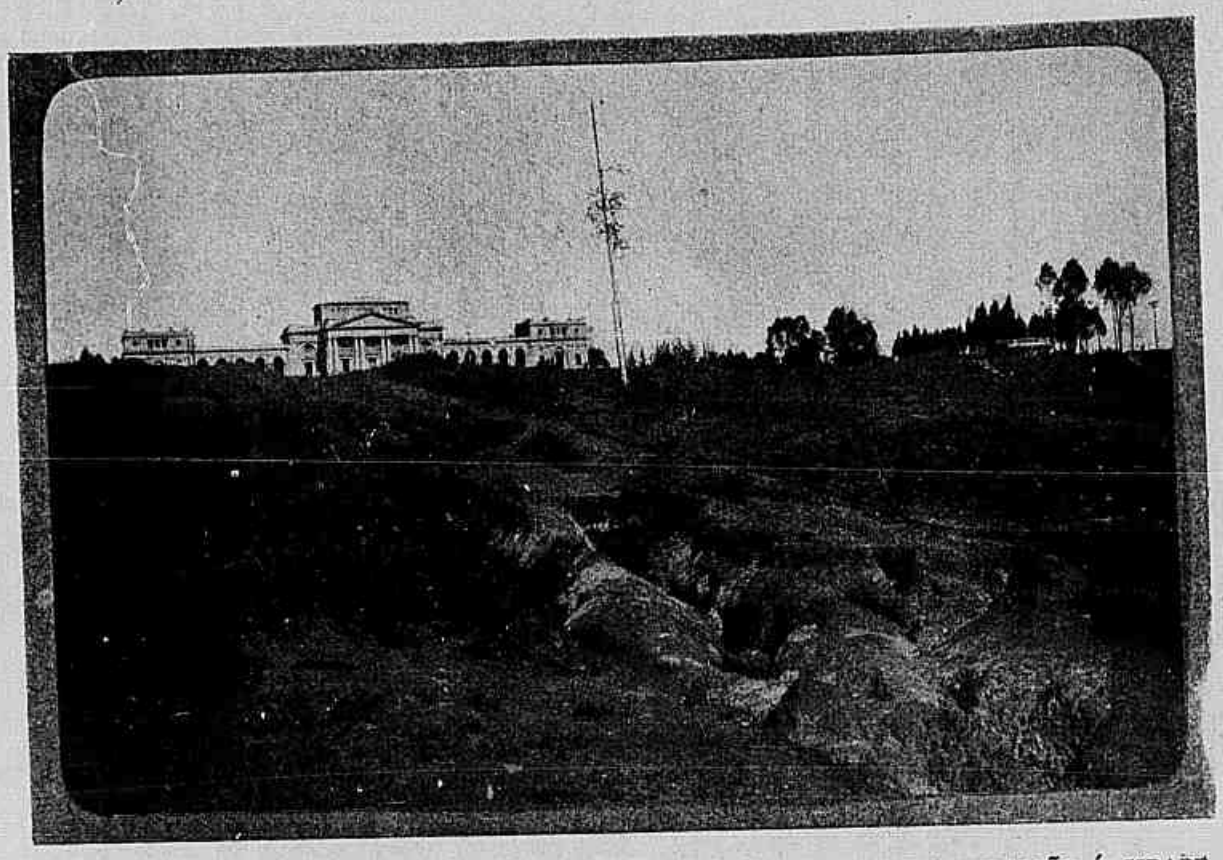
O scenario de 7 de Setembro e a sua transformação

— por Affonso d'E. Taunay —

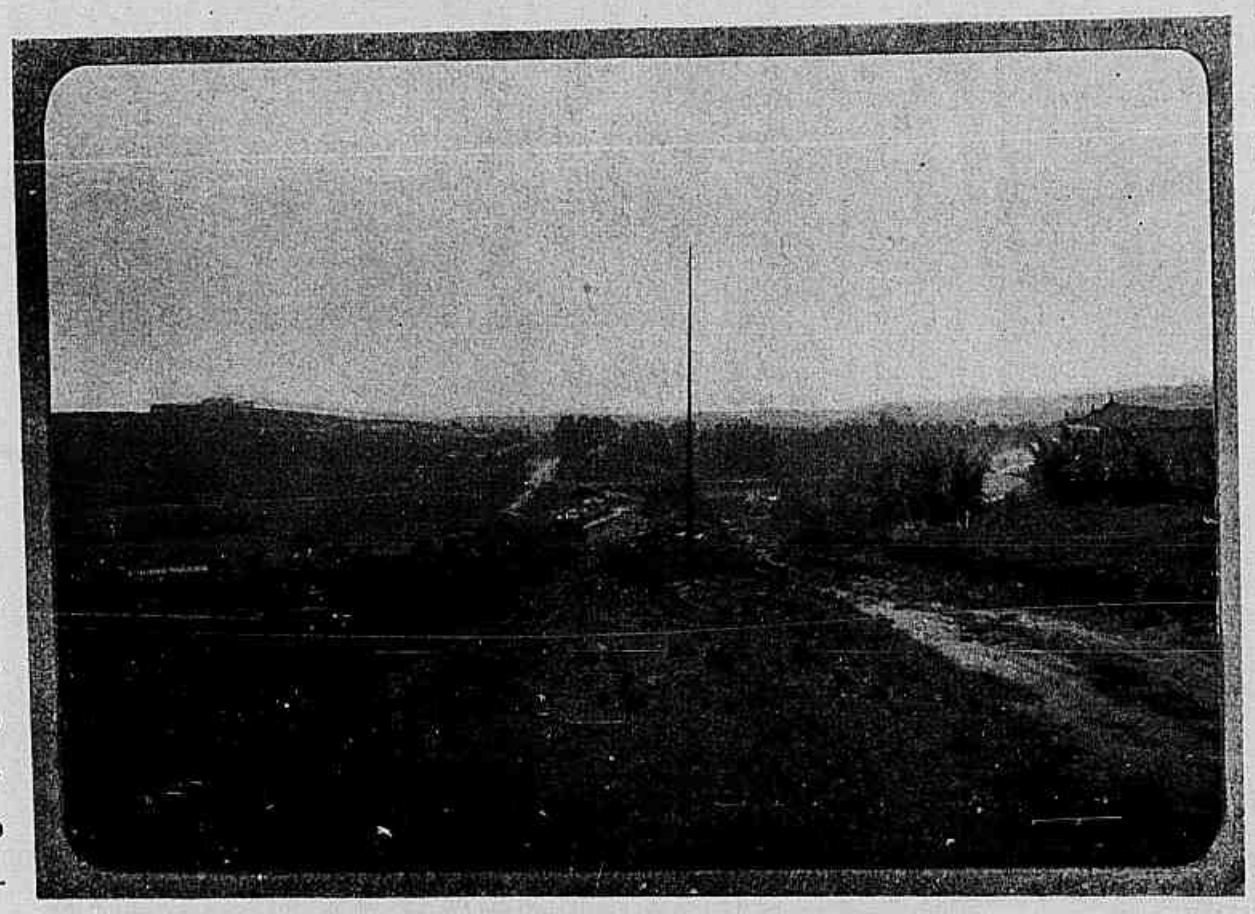
ATE' 1919 conservou-se o scenario do episodio de Sete de Setembro quasi como era em 1822, sobretudo nas vizinhanças do local onde devia achar-se Pedro I no momento de soltar o seu brado reivindicador das aspirações brasileiras.

Sahindo do Museu e havendo percorrido os cento e muitos metros da rua central do bello jardim lenotriano, desenhado pelo habil architecto paizagista Arsenio Puttemans, na antiga praça da Independencia chegava o visitante da collina do Ypiranga á rua do Monumento, por onde então passava a linha de bondes da Light and Power.

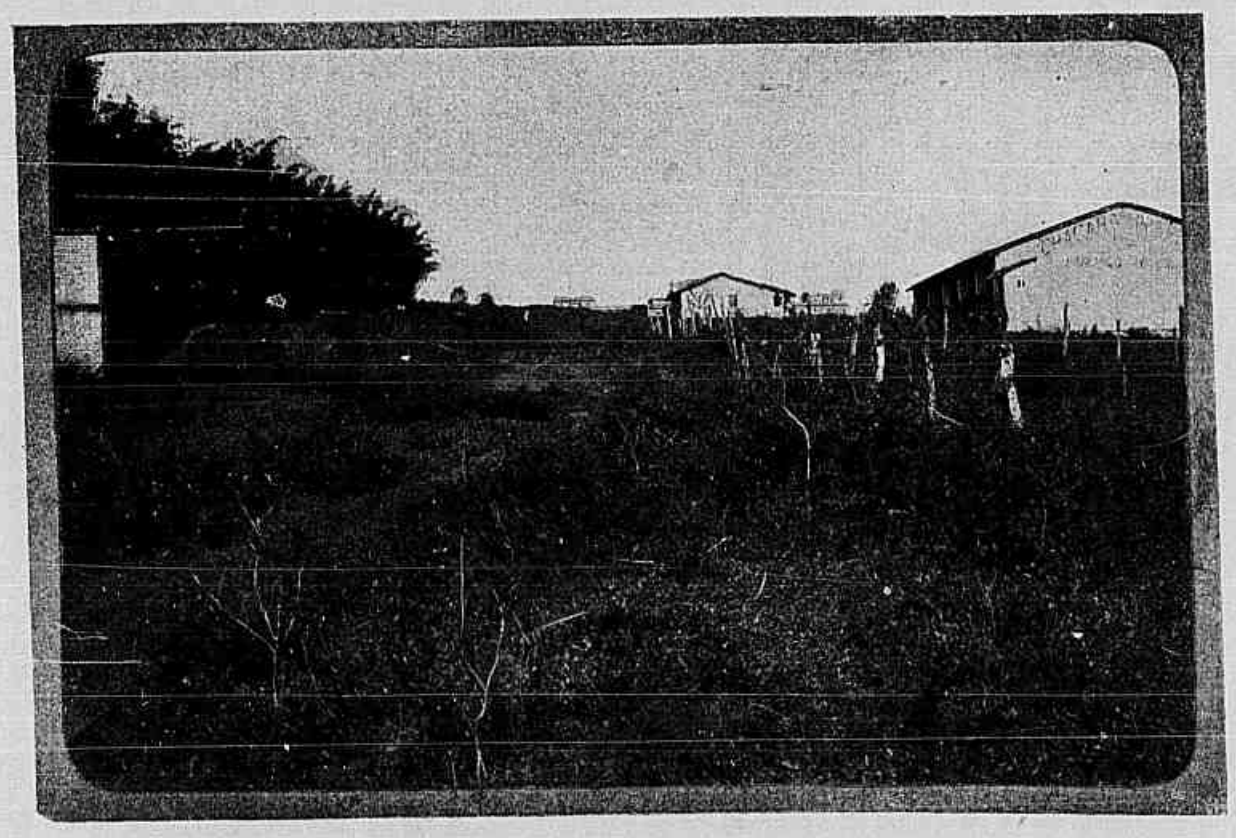
Era esta um simples caminho largo, de terra mais ou menos nivelada, separada do jardim do Museu por tosca cerca de arame e bellas sebes vivas. Do modesto portão central tinha-se excellente vista de conjunto do jardim versaillesco de Puttemans, symetrico em todas as suas disposições, dispondo de duas largas ruas lateraes, parallelas á principal, e duas depressões com caminhos transversaes parallelogrammicas. Emmoldurado soberbamente por grandes massiços de arvores, vistosa cercadura para as ruas amplas e as extensas pelouses, as escadarias, os grupos floraes e os terraços, apresentava o jardim um conjunto summamente agradavel de se contemplar. Além da rua do Monumento, abria-se o campo em descida suave, deserto, maninho, coberto de vegetação rasteira, verdadeiro rapadouro frequentado pelo gado dos estabulos proximos e os grandes bandos dos negros e esquipaticos anús barulhentos.



A COLLINA DO YPIRANGA, LOGO Á SAHIDA DO JARDIM DO MUSEU, EM DIRECÇÃO Á CIDADE. NO FUNDO, O EDIFICIO DO MUSEU PAULISTA, MASTRO ASSIGNALANDO O LOCAL PROVAVEL ONDE D. PEDRO I SOLTOU O BRADO: INDEPENDENCIA OU MORTE.



A COLLINA DO YPIRANGA, Á MEIA ENCOSTA, EM DIRECÇÃO Á CIDADE. Á DIREITA, O EDIFICIO DO ASYLO DO BOM PASTOR.



A ESTRADA VELHA DE SÃO PAULO A SANTOS, NA COLLINA DO YPIRANGA, A MEIA DISTANCIA ENTRE O RIACHO E O MUSEU.

Tomando-se um pouco á direita, entrava-se na antiga estrada de São Paulo a Santos, o Caminho do Mar, no trecho exactamente perlustrado pelo Principe Regente e a sua comitiva na tarde de Sete de Setembro. Terra toda aquella muito vermelha, soccada e dura, cheia de depressões causadas pela erosão pluvial.

Assim se venciam uns cem ou cento e cincoenta metros numa paizagem tristonha e arida, apenas embellecida pela grandiosa perspectiva do fundo longinquo do quadro, a serra além da grande planura.

Cruzava o passeante o local onde ha alguns annos se collocou um marco de pedra e um mastro conjecturaes, fixando, com alguma approximação, o local do Grito para depois passar pela frente das casinhas humilimas da chacara de um portuguez vaqueiro, Francisco Tavares de Oliveira. Havia, um pouco mais abaixo, nova casa velha, de aspecto pittoresco, ensombrada por lindas arvores e dahi em deante o caminho ficava mais ameno até a margem do regato onde á paizagem desfiguravam horrendos casebres, sobretudo o barracão de uma fabrica de um Sr. Wainberg.

Reduzido a pequeno filete d'agua, depois que a montante e para o abastecimento da cidade, lhe tomaram consideravel volume,

não tinha ali o Ypiranga, na estiagem sequer uns vinte centimetros de profundidade. Perdera toda a já relativa magestade o pobre regato de 7 de Setembro, com a formidavel sangria soffrida ; e ao seu aspecto de corrego sujo não conseguia de todo aureolar a associação do nome altisonante á rememoração da scena gloriosa que o celebrisou.

— E' este o Ypiranga? diziam os que pela primeira vez o viam, entre espantados e cheios de decepção funda! Este corregozinho tão feio e tão maltratado!

Vieram as commemorações centenarias engalanar o riacho setembrino, agora encerrado num bello canal de desemboque no Tamanduatehy, represado em frente ao monumento Ximenez, tratado emfim com homenagens reparadoras, embora tardias, do longo descaso em que viveu, não obstante andar-lhe o nome celebrado continuamente pelas vozes de dezenas, senão centenas de milhares de creanças, enaltecedores da "placidez de suas margens" modestissimas.

Em que ponto da collina estava Pedro I no momento da sua proclamação da Independencia ou Morte? Não é facil fixal-o agora, precisamente, com quanto não seja tão difficil collocal-o dentro de um certo perimetro, dadas as indicações havidas dos primeiros annos do Imperio e das testemunhas da grande scena.

Dadas as difficuldades de tal locação, quem a nosso ver melhor interpretou os elementos dos antigos papeis foi Antonio de Toledo Piza, cuja memoria analysamos em artigos publicados pela *Revista Nacional* de São Paulo. Desse seu estudo resultou a implantação de um marco hypothetico a meia encosta da collina, cujo aspecto, assignalado pela presença de um mastro, aqui reproduzimos de uma photographia de 1917. De 1918 para cá, foi a collina do Ypiranga muito modificada pelas enormes obras de embellezamento determinadas pelo Governo do Estado de São Paulo.



CASINHA SITUADA A PEQUENA DISTANCIA DO RIACHO DO YPIRANGA E Á ESQUERDA DA ESTRADA VELHA DE S. PAULO A SANTOS. É A CASA DE CABOCLOS TRANSPORTADA POR PEDRO AMERICO PARA O SEU QUADRO DO GRITO DO YPIRANGA; MAIS TARDE MELHORADA E HOJE DESAPPARECIDA.



O RIACHO DO YPIRANGA NO LOCAL ONDE A ANTIGA ESTRADA DE S. PAULO A SANTOS O CORTAVA. NO FUNDO, ALTO DA COLLINA, O EDIFICIO DO MUSEU PAULISTA. Á EXTREMA ESQUERDA, NO PRIMEIRO PLANO, VESTIGIOS DA PONTE QUE OUTR'ORA CORTAVA O RIBEIRÃO. A ARVORE GRANDE Á DIREITA É A DA GRAVURA ACIMA.

Pena foi que a confecção do projecto não partisse de um ponto que parecia como de forçada indicação: executaram-se os complementos do formoso projecto do architecto Bezzi, as duas alas lateraes do edificio do Museu paulista. Recuou o Governo ante esta despeza a effectuar; até 1893 custara o corpo central do palacio 1.750 contos de réis; haveria agora uns 3.000 talvez, a gastar com a conclusão do edificio, pois o volume a fazer-se era igual ao que estava feito e o preço geral da construcção encarecera muito.

Sob o ponto de vista da conveniencia do Museu Paulista tudo recommendava semelhante obra. Está o actual edificio abarrotado de material; não ha como lhe augmentar a superficie de exposição á visita publica. A premente necessidade de se installarem novas exposições, dada a approximação da festa centenaria, levou a Directoria do estabelecimento a reduzir a área outr'ora reservada ás collecções em serie, não expostas.

Porque sob o ponto de vista da botanica e sobretudo da zoologia o material armazenado no Museu Paulista é enorme, é riquissimo, muito embora apenas nelle se colleccione só o que diz respeito á nossa zona neotropica. Ainda no presente anno recolheu-se avultadissimo material de diversas regiões do Brasil, sobretudo da Amazonia, angariado pelos collectores e caçadores do Instituto.

Nem os recursos da dotação do estabelecimento permittiriam fugir-se a este criterio do regionalismo, aliás perfeitamente explicavel.

Ora, nos grandes Museus modernos a superficie reservada ás exposições publicas é no maximo a metade da que se consagra ao serviço dos laboratorios, gabinetes, depositos, bibliothecas, etc.

Assim não se dá no Museu Paulista, onde a área destinada a receber a visita publica é maior do que a que fica reservada ao serviço interno do estabelecimento.

Seja como fôr, actualmente não ha dentro do Museu logar para a classica *cabeça de alfinete* e é indispensavel que dentro em pouco se construa um edificio onde se recolham pelo menos as collecções em serie. A entrega do predio, aliás pequeno, outr'ora residencia do Dr. Bhering e actualmente occupado pela Commissão da Avenida da Independencia, permittirá alguma folga, tendo essa casa accommodações sufficientes para alojar as collecções conservadas em alcool e a officina de taxidermia, pelo menos.

Perdoe-nos o leitor a digressão, mas está o Museu Paulista tão estreitamente ligado ao local da proclamação da Independencia que é de justiça lembral-o ao tratar das novas obras do Ypiranga. Assim, pois, sob o ponto de vista dos progressos do Museu tudo se teria a ganhar com a conclusão do magestoso projecto

Bezzi. Sob outro aspecto cremos que tambem houvera sido de toda a conveniencia um sacrificio que fosse em prol de tal empreza.

A massa architectonica do Museu Paulista, apezar de ser toda em fachada, com pequeno fundo, vae parecer quiçá delgada, quer-nos parecer, quando avistada, na sua integra, com o grande recuo agora trazido pela rampagem da collina do Ypiranga.

Muito embora já haja o Dr. Mario Whately, o dedicado e competente engenheiro chefe das obras da Avenida da Independencia, ordenado a super-elevação do plintho do Museu, medida excellente, destinada a dar grande realce ao edificio, receamos se note a ausencia das massas architectonicas das alas de Bezzi no conjunto geral a descortinar-se, depois de findos os trabalhos, porque o pedestal, a collina do Ypiranga, é enorme e o coroamento, o edificio do Museu, relativamente pouco vultuoso.

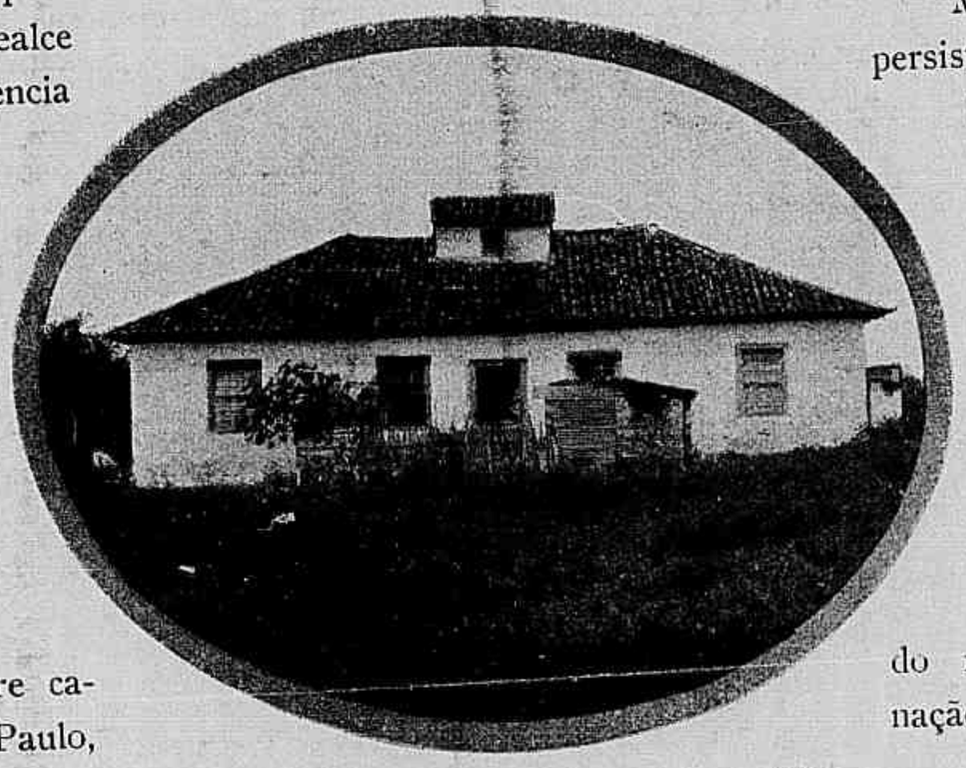
Em 1822, era o Ypiranga semideserto: de longe em longe, ao longo do Caminho do Mar, apparecia alguma casinha de morador — pobre casebre de caboclo; tão perto de São Paulo, estava-se comtudo em pleno campo.

A's margens do riacho, tão celebre hoje, havia pequena chacara, a mais notavel construcção do bairro, a unica talvez de certo vulto, pertencente ao coronel João de Castro do Canto e Mello, personagem para quem a roda da fortuna ia desandar logo, no bom sentido. Dentro em pouco Visconde de Castro, estribeiro-mór do Imperio, tudo isto devia ao simples facto de ser o progenitor de uma bellissima creatura — a futura Viscondessa e Marqueza de Santos.

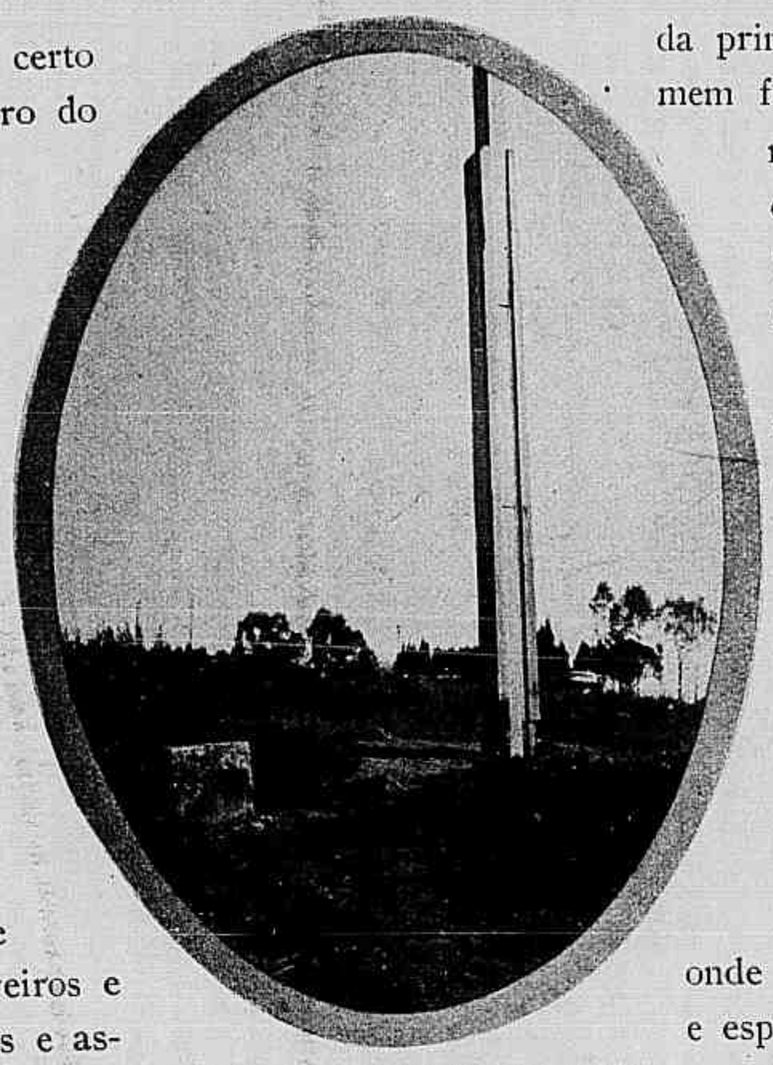
Parcamente vivendo do soldo escasso de official de linha, nem sempre pontualmente pago, pae de enorme familia, cuja educação affectuosamente o preoccupava, empregara o Coronel João de Castro as economias na industria do transporte da cargas entre o planalto e o littoral.

Possuia umas bestas, ou dezenas de bestas, uma meia duzia de escravos recoveiros e acceitava cargas de Santos ou para Santos e assim, com os proventos desta industria, procurava equilibrar a vida. Para pasto de sua tropa, adquirira a pequena chacara, a que nos referimos, onde fizera, ou achara, a casa ainda agora existente. Não é, hoje, totalmente inhabitavel, apezar da vetustez e tem mesmo um aspecto muito sympathico, em sua singeleza absoluta, com o sotãozinho que a corôa; para o tempo, legitimo signal da abastança do proprietario numa época em que raras construcções tinham mais de um piso, mesmo no coração das cidades.

Ainda está de pé a antiga chacara do Visconde de Castro e a lenda, que tudo quer envolver, pretende dar-lhe attributos historicos de suspeita authenticidade. Assim se diz e affirma, no bairro, correntemente, que, naquelles commodos toscos da casinha de campo, passou o Principe Regente deliciosos momentos, em companhia da beldade por quem fulminantemente se apaixonara, em fins de Agosto de 1822. Não nos parece acceitavel esta versão, dado o incommodo logar — tão distante — para uma lua de mel. E assim pensa Alberto Rangel, o arbitro supremo em assumptos relativos á chronica amorosa de D. Pedro I, quando nos relata a extrema surpresa de um official da guarda, á porta do palacio de S. Paulo, vendo, á noitinha, entrar, embuçada e esquiva, no saguão do antigo casarão jesuitico, confiscado por Pombal, a linda filha do Coronel João de Castro.



CASA AINDA EXISTENTE NO YPIRANGA E OUTR'ORA DE PROPRIEDADE DO VISCONDE DE CASTRO, PAE DA MARQUEZA DE SANTOS.



O MARCO E O MASTRO, VISTOS DE PERTO.

Mas, no Ypiranga, persiste a lenda, e persistirá, que transformou em ninho dos imperiaes amores, a secular casinha branca, hoje tão maltratada, tão enegrecida pelos annos.

Até mais parece a morada de um lobishomem do que a modestissima quinta, onde a unica favorita americana passou descuidosos dias de infancia, futura Ignez, cheia de sorte, a colher as hervinhas da collina, onde o seu amado attestaria, á face do mundo, a existencia de uma nova nação.

Não deixa, em todo o caso, de ser pittoresca e elegante esta versão popular, collocando no theatro do famoso grito a casa da primeira, e talvez unica dominadora do homem forte, que foi o nosso primeiro Pedro. E' nova modalidade, local, do conceito, velho como o humanidade, de que faz o amor tudo submetter ao seu dominio, até a morte.

De um momento para outro adquiriu aquelle modestissimo e feio trecho de chacara o mais extraordinario prestigio desde que, pelas 4 1|2 da tarde de 7 Setembro de 1822, clamou o Principe Regente, á face dos povos, que o Brasil se desligava de Portugal

Para identifical-o era preciso recorrer a um padrão natural e este só poderia ser um: o riacho do Ypiranga, correndo a uns trezentos e cincoenta metros do logar onde o Principe soltara o seu brado de revolta e esperança.

E desde ahi associou-se sempre a idéa da scena da proclamação da Independencia ao da existencia do riacho affluente do Tamanduatehy e, portanto, confluente do Tieté.

Já muito servira a agua do rio de 7 de Setembro para avolumar o caudal, que sustivera as quilhas das monções; graças a ella se auxiliara a penetração para oeste, desse Brasil mutilado pelos tratados e dilatado pelas bandeiras á custa dos castelhanos... Humilde componente do grande systema do velho rio das entradas, tomou-lhe o nome, de um momento para outro, a mais prestigiosa reputação, tornando-se familiar e venerando a todos os filhos da terra brasileira.



O Congresso Nacional no Anno do Centenario

BRASIL, ao commemorar o primeiro centenario de sua emancipação politica (1822-1922) possue o seu Congresso Nacional estabelecido nas bases que lhe traçou a Constituição Federal da Republica, de 24 de Fevereiro de 1891. Regem-lhe a existencia os artigos de Ns. 16 a 40 e respectivos paragraphos de nossa Magna Carta. Diz o artigo 16:

"O Poder Legislativo é exercido pelo Congresso Nacional, com a sancção do presidente da Republica.

Paragrapho 1º — O Congresso Nacional compõe-se de dois ramos: a Camara dos Deputados e o Senado.

Paragrapho 2º — A eleição para senadores e deputados far-se-á simultaneamente em todo o paiz.

Paragrapho 3º — Ninguem póde ser, ao mesmo tempo, deputado e senador".

A legislatura nacional, pois, de que nos temos de occupar, é a 11ª da Republica victoriosa em 15 de Novembro de 1889, e foi iniciada pelo pleito federal de 20 de Fevereiro de 1921, para a renovação total da Camara e do terço do Senado.

Essas casas legislativas soffreram já, daquella época até hoje, algumas modificações na respectiva representação, por morte de alguns de seus membros, e pela renuncia de outros. A *Illustração Brasileira,* no emtanto, organisando a sua "Galeria dos Congressistas", deliberou registrar apenas as effigies e os dados biographicos dos legisladores brasileiros que assistiram á commemoração civica do 7 de Setembro de 1922.

E' o que principia a fazer no presente numero, tendo á vista, para a publicação sem preferencias das *bancadas* federaes do Congresso, o recente recenseamento das populações do paiz. Seguiremos assim, invariavelmente, a ordem dos Estados e do Districto Federal, segundo a sua collocação na lista numerica dos habitantes de nossa terra, que é a seguinte:

1	Minas Geraes	5.888.174
2	São Paulo	4.592.188
3	Bahia	3.334.465
4	Rio Grande do Sul	2.182.713
5	Pernambuco	2.154.835
6	Rio de Janeiro	1.559.371
7	Ceará	1.319.228
8	Districto Federal	1.157.873
9	Pará	983.507
10	Alagôas	978.748
11	Parahyba	961.106
12	Maranhão	874.337
13	Paraná	685.711
14	Santa Catharina	668.743
15	Piauhy	609.003
16	Rio Grande do Norte	537.135
17	Goyaz	511.910
18	Sergipe	477.064
19	Espirito Santo	457.328
20	Amazonas	363.166
21	Matto Grosso	246.612

Cumpre-nos, pois, no presente numero, tratar dos representantes, no Congresso Nacional, dos Estados de Minas Geraes e de São Paulo, ambos, como todos os demais, com o mesmo numero de senadores (3), mas o primeiro com 37 deputados, e o segundo com 22.

Precedendo essas *bancadas,* não poderiamos, tambem deixar de render as nossas primeiras homenagens á *mesa* do Senado Federal e á *mesa* da Camara dos Deputados, eleitas para o corrente anno de 1922, sob manifestas sympathias do povo brasileiro e muita honra para os seus pares.

Inseriremos mais opportunamente, á medida que formos traçando as biographias dos Srs. congressistas, Estado por Estado, os apontamentos que colhemos sobre cada qual das individualidades que as compõem.

Desde já, não obstante, e de um modo geral, podemos esseverar que os Srs. senadores e deputados componentes das *mesas* de nossas casas legislativas são, todos, legitimos ornamentos dellas, figuras de representação politica e social de subido relevo.

O Sr. Bueno de Paiva, vice-presidente da Republica e presidente do Senado Federal; o Sr. Antonio Azeredo, presidente do Congresso Nacional e vice-presidente do Senado; e o Sr. Arnolfo Azevedo, presidente da Camara dos Deputados, são nomes de que o paiz justamente se orgulha e aos quaes o regimen vigente e a nação, devem os mais assignalados serviços.

Os Srs. Cunha Pedroza e Abdias Neves, 1º e 2º secretarios do Senado, são dois nomes que honram os filhos do Norte da nossa patria. Assim, tambem, o Sr. Mendonça Martins, o mais joven dos senadores brasileiros, eleito a essa casa legislativa, pelo Estado de Alagôas, mal havia completado a idade legal.

Do Sr. Hermenegildo de Moraes, repre[illegible]ntante de Goyaz,

o elogio está feito nos *annaes* do Congresso, onde a sua acção em favor dos interesses de seu Estado marca paginas muitas de reaes serviços.

O Sr. Affonso Camargo, 1° vice-presidente da Camara, é o estadista moço que ha bem pouco, na presidencia do Paraná, soergueu as energias do Estado com a sua fecunda administração; e o Sr. Dionysio Bentes, 2° vice-presidente, representa bem e personifica o typo do politico nortista, leal, disciplinado, de uma coragem civica incommum. Tem honrado sobremodo a *lea-derança* da bancada paraense.

A' instrucção publica nacional, pediriamos acertadamente que dissesse quem é o Dr. José Augusto, 1° secretario dessa mesma casa legislativa, publicista de escól, estudioso apaixonado dos grandes problemas para a desanalphabetisação do Brasil e para a educação profissional da sua mocidade.

O Sr. Costa Rego, 2° secretario, é o jornalista brilhante que se fez sózinho neste vasto mundo, subindo a golpes de talento da sua pequenina sala de *reportagem* de policia á culminancia do Congresso e da direcção de um dos mais importantes orgãos da imprensa brasileira.

Não menos illustres, por certo, são ainda os Srs. Raul Barroso e Ascendino Cunha, 3° e 4° secretarios, aquelle, a maior força eleitoral do 2° Districto da capital da Republica, parlamentar experimentado, que, após um ostracismo de cerca de quinze annos, surgiu novamente aos olhos do paiz coberto de prestigio; e este, o Sr. Ascendino Cunha, uma das mais peregrinas intelligencias da Camara actual, moço e já advogado erudito, novo na legislatura, e não obstante já um dos seus mais formosos ornamentos.

Mais opportunamente, como diziamos acima, traçaremos os perfis biographicos de todos esses eminentes congressistas

De entre elles, só os Srs. Bueno de Paiva e Arnolpho Azevedo, naturaes, respectivamente, de Minas e de São Paulo, estão *biographados* no presente numero.

De nenhum dos dois, é certo, dizemos tudo o que merecem. A natureza deste trabalho, não obstante, não impede que as nossas homenagens aos presidentes do Senado e da Camara sejam as mais sinceras na grande data que hoje commemoramos, e cujo brilho em parte immensa sobre elles se reflecte, pois que um e outro são expoentes maximos da representação nacional eleita, directamente, pelas urnas populares.

COMMISSÃO DE POLICIA DO SENADO — *Presidente,* Buenos de Paiva ;*Vice-presidente,* Antonio Azeredo ; 1° *Secretario,* Cunha Pedroza ; 2° *Secretario,* Abdias Neves ; 3° *Secretario,* Hermenegildo de Moraes ; 4° *Secretario,* Mendonça Martins.

COMMISSÃO DE POLICIA DA CAMARA *Presidente,* Arnolfo Azevedo ; 1° *Vice-presidente,* Affonso Camargo ; 2° *Vice-presidente,* Dionysio Bentes ; 1° *Secretario,* José Augusto ; 2° *Secretario,* Costa Rego ; 3° *Secretario,* Raul Barroso; 4° *Secretario,* Ascendino Cunha, representantes de duas gerações politicas.

BANCADA FEDERAL DE MINAS GERAES — *Senadores*: Raul Soares, Bernardo Monteiro e Francisco Sálles. *Deputados* : Vianna do Castello, Mario Brant, Joaquim Salles, José Alves, José Gonçalves e Carvalho Britto, pelo 1° *Districto;* Antonio Carlos, Vaz de Mello, Francisco Peixoto, José Bonifacio, Landulpho Magalhães e Olintho Magalhães, pelo 2° *Districto;* Augusto Gloria, Emilio Jardim, Francisco Valladares, Baeta Neves e Ribeiro Junqueira, pelo 3° *Districto;* Anthero Botelho, Augusto de Lima, Odilon Andrade, Raul Sá e Zoroastro Alvarenga, pelo 4° *Districto;* Bueno Brandão, Moreira Brandão, Josino Araujo, Raul Faria e Theodomiro Santiago, pelo 5° *Districto;* Alaor Prata, Fidelis Reis, Francisco Campos, Garibaldi Mello e Valdomiro Magalhães, pelo 6° *Districto;* Mello Franco, Camillo Prates, Honorato Alves, Manoel Fulgencio e Nelson Senna, pelo 7° *Districto.*

BANCADA FEDERAL DE SÃO PAULO — *Senadores*: Alfredo Ellis, Adolpho Gordo e Alvaro de Carvalho. *Deputados*: Raul Cardoso, Ferreira Braga, Cincinato Braga, Carlos Garcia, Salles Junior e José Roberto, pelo 1° *Districto;* Amaral Carvalho, Alberto Sarmento, Eloy Chaves, Barros Penteado, Marcolino Barreto e Prudente de Moraes Filho, pelo 2° *Districto;* Palmeira Ripper, João de Faria, José Lobo, Sampaio Vidal e Altino Arantes, pelo 3° *Districto;* Arnolfo Azevedo, Carlos de Campos, Rodrigues Alves Filho, Manoel Villaboim e Pedro Costa, pelo 4° *Districto.*

NOTA CURIOSA — A *Illustração Brasileira* pretendia publicar em um só numero toda a sua "Galeria dos Congressistas". Não nos foi possivel a satisfação desse desejo, devido á demora com que grande numero de senadores e deputados estão respondendo ao nosso *questionario,* para organisação dos respectivos dados biographicos.

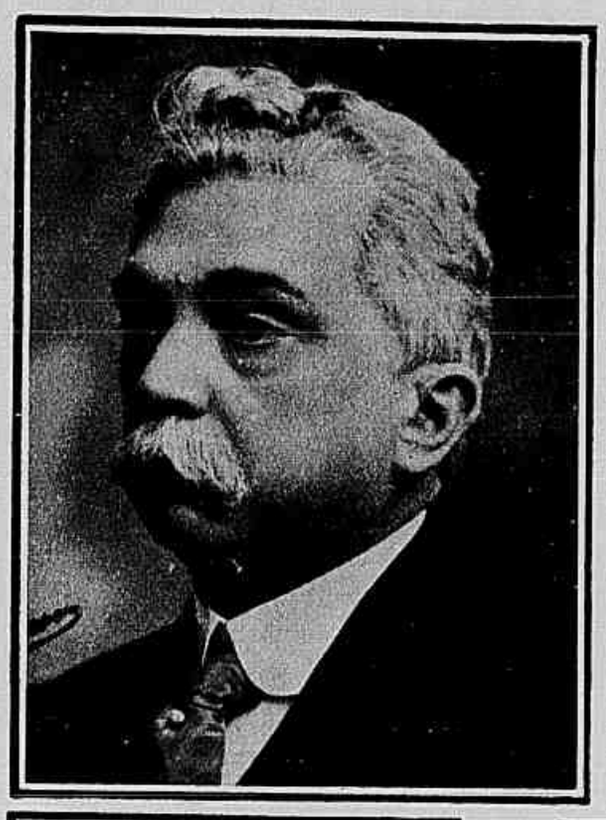
Adoptamos, então, a providencia de inserir a *Galeria* por partes, e independentemente das respostas que esperavamos. Mesmo para isso, porém, procurámos adoptar um criterio que nos puzesse a coberto do desagrado de preferencias que não corresponderiam ao nosso intuito. Do criterio adoptado e ao qual já nos referimos, resultou que neste numero de Sete de Setembro fossem divulgadas apenas as *bancadas* de Minas Geraes e de São Paulo.

E parece que fomos felizes : — entre os representantes de Minas figuram dois netos dos Andradas da Independencia, os Srs. deputados Antonio Carlos e José Bonifacio ; e São Paulo é o Estado em que existe o rio Ypiranga, a cujas margens Pedro I deu o grito de *Independencia ou Morte,* cujo primeiro centenario nesta data, cheios de jubilo, commemoramos . . .

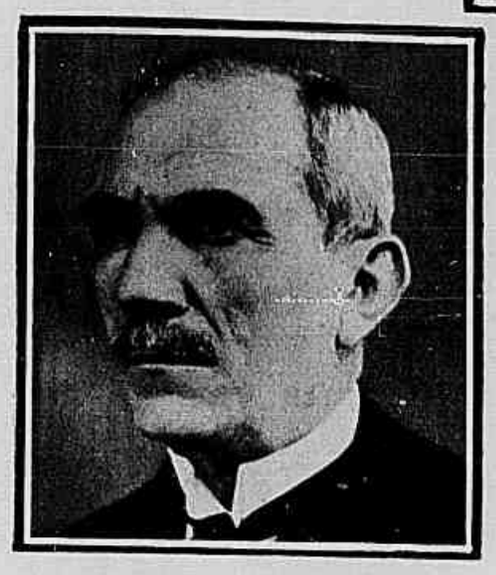
O CONGRESSO NACIONAL NO ANNO DO CENTENARIO



BUENO DE PAIVA



ANTONIO AZEREDO



CUNHA PEDROZA



ABDIAS NEVES



HERMENEGILDO DE MORAES



MENDONÇA MARTINS



AFFONSO CAMARGO



ARNOLFO AZEVEDO



DIONYSIO BENTES



JOSE' AUGUSTO



COSTA REGO



RAUL BARROZO



ASCENDINO CUNHA

BUENO DE PAIVA

Francisco Alvaro Bueno de Paiva — Nasceu no dia 17 de Setembro de 1861, na villa de Caracól, comarca de Caldas, em Minas. Feitos os estudos preparatorios em seu Estado natal, formou-se, em 1882, na Faculdade de Direito de São Paulo. Foi promotor publico de S. José do Paraizo, em 1885 e depois seu juiz municipal até 1889. Proclamada a Republica, foi eleito deputado á Constituinte Federal e á 1ª legislatura, resignando o mandato em 7 de Março de 1892, por haver acceito a nomeação de Juiz de Direito da cidade em que iniciou a sua carreira de magistrado. De 1898 a 1900 foi presidente da Camara Municipal da sua comarca, cabendo-lhe, então, a iniciativa do Primeiro Congresso das Municipalidades de Minas. Eleito senador ao Congresso Mineiro, resignou o mandato para vir tomar parte na 4ª legislatura da Camara dos Deputados (1900-1902), sendo reeleito para as 5ª, 6ª e 7ª legislaturas. Nesta ultima foi eleito tambem senador federal, mas optou pela sua cadeira na Camara a que já pertencia. Mais tarde, quando o Dr. Francisco Salles foi nomeado Ministro da Fazenda (1910) foi eleito na sua vaga para o Senado da Republica, tomando ahi assento em Maio de 1911. Morto o Dr. Delfim Moreira, foi eleito Vice-Presidente da Republica na sua vaga, assumindo, em 1920, a presidencia do Senado Federal.

RAUL SOARES

Raul Soares de Moura — Filho do coronel Camillo Soares de Moura e D. Amelia Peixoto Soares, nasceu no dia 7 de Agosto de 1876 na cidade de Ubá, Minas. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio do Caráça, concluindo-os em Ouro Preto. Matriculado na Faculdade de Direito de seu Estado, frequentou-a até o 3º anno, quando se transferiu para a de São Paulo, formando-se em 1900. Foi o orador de sua turma. Deixando os bancos academicos, foi nomeado promotor publico de Carangola, cargo que logo apóz deixou para dedicar-se á advocacia. Em 1902 foi exercer a sua profissão em Campinas, obtendo ahi, por concurso, uma cadeira no Gymnasio dessa cidade paulista, e logo depois sendo convidado a fazer parte da Academia Paulista de Letras. Regressando a Minas em 1910, fixou-se em Rio Branco, e chefiou ahi o partido situacionista, sendo eleito presidente da respectiva Camara Municipal. Eleito deputado ao Congresso Mineiro na legislatura de 1910-1914, foi convidado pela congregação da Faculdade de Direito de Minas a reger a cadeira de Direito Publico e Constitucional. Foi, no governo Delfim Moreira chamado a exercer o cargo de Secretario da Agricultura, em Minas, sendo, ao deixar esse cargo, eleito deputado federal. Subindo ao governo, o Sr. Arthur Bernardes convidou-o para a Secretaria do Interior, e ahi o foi buscar o Sr. Epitacio Pessôa para ser o primeiro civil que na Republica occupou a pasta do Ministerio da Marinha. Deixando, a seu pedido, esse alto encargo, foi eleito senador federal em 1921, e a 1º de Março deste anno presidente de seu Estado natal, devendo tomar posse precisamente no dia em que o Brasil faz o primeiro centenario de sua emancipação politica.

FRANCISCO SALLES

Francisco Antonio de Salles — Filho de Firmino Antonio de Salles e D. Anna Candida de Salles, nasceu em Lavras, Minas, no dia 20 de Setembro de 1865. Fez os seus estudos preparatorios no Seminario de Marianna, concluindo-os em Ouro Preto. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1886. Ainda estudante, fundou, com outros, o Club Republicano Mineiro, de que foi vice-presidente. Assentando banca de advogado em sua cidade natal, dedicou-se logo á politica. Em 1889 foi nomeado juiz municipal de Lima Duarte, indo logo apóz, como deputado, tomar parte na Constituinte Mineira. Occupou no governo Bias Fortes o cargo de secretario da Fazenda e depois da Agricultura. Eleito senador estadual, não tomou posse dessa cadeira para ir exercer o cargo de prefeito de Bello Horizonte. Deputado federal em 1899, foi *leader* de sua bancada na Camara. Em 1902 subiu á presidencia do Estado. Succedeu, em seguida, ao Dr. João Pinheiro no Senado Federal. Foi Ministro da Fazenda no governo do Sr. marechal Hermes da Fonseca. Voltou ao Senado Federal, na vaga do saudoso Dr. Feliciano Penna, sendo eleito até 1924 exclusive. Foi presidente do Partido Republicano Mineiro, do qual se desligou em 1921.

BERNARDO MONTEIRO

Bernardo Pinto Monteiro — Filho do coronel José Marianno Pinto Monteiro e de D. Carolina Duarte Pinto Monteiro, nasceu no dia 11 de Novembro de 1858, na cidade de Ubá, em Minas. Fez os seus estudos preparatorios no Seminario de Marianna, no Collegio Progresso de Juiz de Fóra e no Externato Aquino desta Capital. Formou-se em Direito, pela Faculdade de São Paulo, em 1885. Voltando ao seu Estado natal, abriu banca de advocacia em Ouro Preto, e ahi, depois da quéda do Partido Liberal, a 20 de Agosto daquelle anno, foi eleito secretario do Partido Liberal em Minas, e escolhido para director e redactor do *Liberal Mineiro*, orgão da sua aggremiação partidaria. Propagandista fervoroso da Abolição, deu tal impulso á campanha contra a escravatura que tornou Ouro Preto livre desse cancro social e centro para onde affluiam todos os escravos fugidos. Em 1889, 30 de Agosto, foi eleito, quasi por unanimidade, deputado geral pelo 16º districto. Convidado pelo Dr. Cesario Alvim, não quiz fazer parte da Constituinte Mineira. Foi, não obstante, a instancias do povo de Ouro Preto, occupar a vice-presidencia da primeira Camara Municipal republicana. Prefeito de Bello Horizonte, conservou-se nesse cargo de 1899 a 1902. Eleito deputado federal em 1903, foi reeleito até 1909. Nesse anno passou-se para o Senado Federal, na vaga do Sr. Bueno Brandão, sendo reeleito até 1927. Foi presidente do Partido Republicano Mineiro.

VIANNA DO CASTELLO

Augusto Vianna do Castello — Nasceu em Curvello, Minas Geraes, no dia 8 de Outubro de 1874. Foram seus paes o Sr. Felicissimo de Souza Vianna e D. Maria Sergia Vianna. Estudou preparatorios em Ouro Preto e formou-se em Direito, pela Faculdade de São Paulo, no anno de 1903. Foi promotor publico de sua cidade natal nos annos de 1904 a 1908. Eleito deputado federal em 1906, foi eleito á 7ª e á 8ª legislaturas, e bem assim á 11ª. Impulsionou na Camara diversas questões, entre as quaes, como relator da Commissão de Tomadas de Contas, o projecto de Tomadas de Contas ao Poder Executivo.

MARIO BRANT

Augusto Mario Caldeira Brant — Nascido em 1877, em Diamantina, Minas, da antiga familia de contractadores de diamantes, ali estabelecida desde o começo do seculo XVIII. Estudou humanidades no Rio e em Barbacena, matriculando-se na Faculdade de Direito de Ouro Preto, em 1895. Dahi passou-se para a de São Paulo, onde recebeu o gráu em Dezembro de 1898. Voltando á terra natal, como promotor publico, casou-se, passando depois a exercer a advocacia até 1906, quando transferiu residencia para o Rio. Desde São Paulo iniciára-se na imprensa, escrevendo no *Commercio de São Paulo* a secção *Através da Imprensa*. No Rio collaborou em diversos jornaes e revistas : *Gazeta de Noticias, A Noite, Kosmos, Careta* e pertenceu, desde o começo, á redacção do *O Imparcial*, onde chegou á culminancia de redactor-chefe. Convidado para a vida publica, pela actual situação mineira, tornou ao seu Estado em 1919. Fundou, então, o *Estado de Minas*. Foi eleito deputado estadual em 1920 e federal em 1921. Foi o autor da reforma da Instrucção Publica vigente em Minas. Possúe uma extensa obra literaria de feição humoristica. Acompanhando Ruy Barbosa na embaixada a Buenos Ayres, escreveu o livro *Viagem a Buenos Ayres*. E' autor de um *Catecismo Civico* adoptado em Minas.

JOAQUIM SALLES

Joaquim Ferreira Salles — Nasceu aos 12 de Julho de 1879, no Serro, Estado de Minas Geraes. Filho do Sr. João Ferreira de Salles e D. Julieta Ferreira de Salles. Fez seus estudos preparatorios, a principio, no Collegio Caráça, e depois em Petropolis e em França. Formou-se pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1908. Jornalista desde estudante, estreou na *Cidade do Rio*, de Patrocinio, em 1902. Tendo feito estudos ecclesiasticos no Seminario do Rio Comprido, foi professor de latim e mathematica em diversos estabelecimentos de ensino, entre os quaes o Collegio Diocesano. Foi redactor do *Seculo* durante cinco annos. Fundou com Cattaruzza o *Diario do Commercio*, depois de ter sido o co-fundador da *União*. Foi redactor do *O Paiz*, da *Gazeta de Noticias* e do *Diario de Noticias*, todos desta Capital. E', actualmente, chefe da redacção dos debates da Camara dos Deputados, para a qual foi eleito, pela primeira vez, em 1915, renunciando o mandato em 1917. Reeleito em 1921, ambas as vezes pelo Partido Republicano Mineiro. E' o actual director da *A Noticia* desta cidade.

JOSE' ALVES

José Alves Ferreira de Mello — Filho do coronel João Alves Ferreira da Silva e de D. Maria Custodia Ferreira e Mello, nasceu no dia 15 de Agosto de 1866, no arraial de Congonhas de Sabará, hoje Villa Nova de Lima, em Minas. Em 1870, acompanhou seus paes de mudança para o municipio de Pará de Minas, onde elles se estabeleceram com grande fazenda de assucar e criação. Iniciou os seus estudos preparatorios no Collegio de Sabará, então dirigido (1878) pelo afamado professor Septimo de Paula Rocha, concluindo-os, depois, em Ouro Preto. Matriculando-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, ahi se formou em 1889, dois dias antes da Proclamação da Republica, tendo como companheiros de turma Carlos Peixoto Filho, Mendes Pimentel, Edmundo Lino e outros. Nomeado juiz municipal do seu municipio de residencia (Pará de Minas) conservou-se na magistratura até 1898, quando o Partido Republicano Mineiro o indicou em sua chapa de deputados ao Congresso Mineiro, para reforma da Camara. Foi eleito tambem para as quatro seguintes legislaturas, e fez parte de diversas commissões parlamentares ,entre as quaes a de Legislação e Justiça de que chegou a ser presidente. Transferindo em 1903 a sua residencia para Bello Horizonte, os seus collegas da Camara o indicaram para membro do Tribunal Especial que em Minas julga os senadores, os deputados e os dezembargadores. Foi 1º secretaria da Camara dos Deputados de Minas, e desse cargo sahiu para a Camara Federal em 1915, sendo reeleito até agora. Collaborou em diversos jornaes do interior e foi vereador á Camara Municipal do Pará de Minas.

O CONGRESSO NACIONAL NO ANNO DO CENTENARIO



RAUL SOARES



FRANCISCO SALLES



BERNARDO MONTEIRO



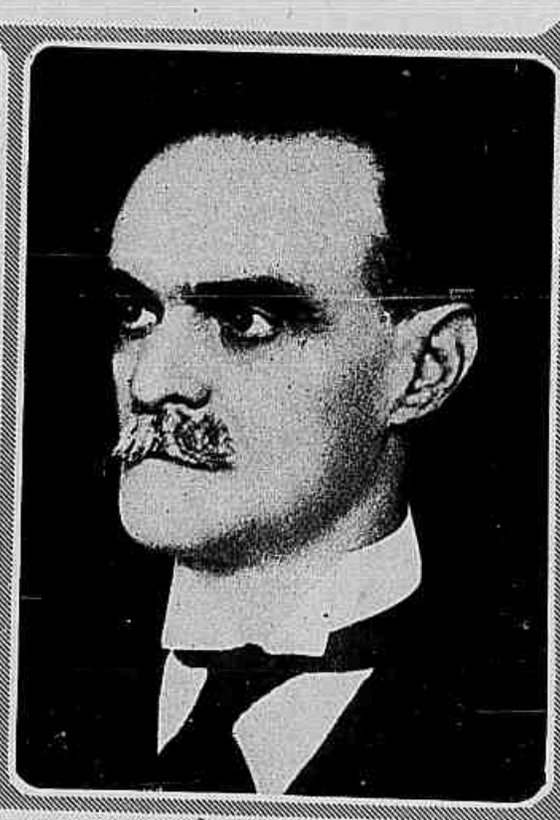
VIANNA DO CASTELLO



MARIO BRANT



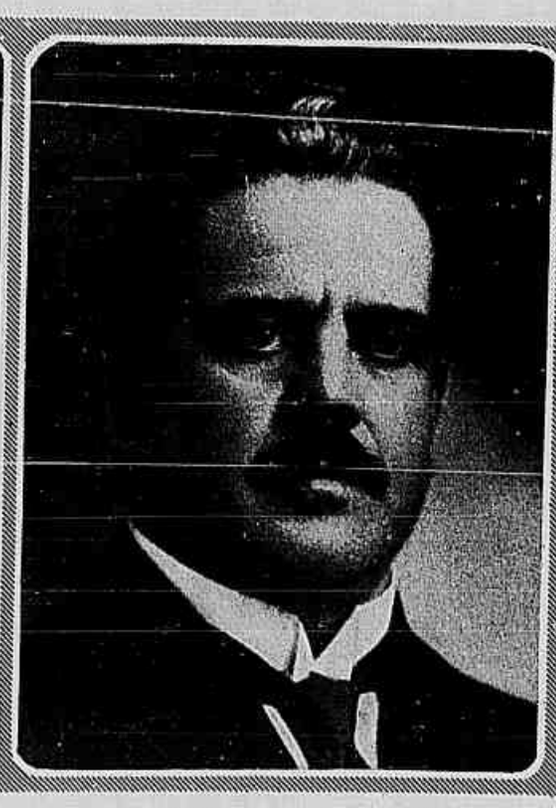
JOAQUIM SALLES



JOSE' ALVES



JOSE' GONÇALVES



CARVALHO BRITTO



ANTONIO CARLOS

ESTADO DE MINAS GERAES

JOSE' GONÇALVES

José Gonçalves de Souza — Nasceu no dia 9 de Setembro de 1863, na cidade de Itaúna em Minas. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio do Caraça e em Ouro Preto, formando-se em Direito, pela Faculdade de São Paulo, em 1886. Foi promotor publico em Entre Rios, e juiz municipal e de direito na comarca de Pitanguy. Declarado *avulso* em 1896, a seu pedido, esteve dirigindo diversas companhias industriaes e institutos decredito. Foi vereador e presidente da Camara Municipal de Pitanguy, deputado e senador ao Congresso Mineiro. No governo Bueno Brandão, occupou a pasta de Secretario da Agricultura do Estado. Veio para a Camara Federal, filiado ao Partido Republicano Mineiro, em 1915, e tem sido reeleito até hoje.

CARVALHO BRITTO

Manoel Thomaz de Carvalho Britto — Filho do coronel Fabriciano Felisberto de Britto e de D. Anna Angelica de Carvalho Britto, nasceu a 17 de Janeiro de 1872, na actual Villa Antonio Dias, desmembrada do municipio de Itabira do Matto Dentro, Estado de Minas Geraes. Fez seus estudos de preparatorios na cidade de Itabira do Matto Dentro e em Ouro Preto, antiga Capital do Estado de Minas Geraes, tendo-se formado em 1894 na Faculdade de Direito de São Paulo. Promotor de Justiça, da Camara de Santa Barbara (1894-1896), advogado nessa Comarca e perante a Relação do Estado de Minas (1897-1903), deputado ao Congresso Mineiro (1898-1902), deputado federal (1903-1906), renunciou este cargo para occupar o de Secretario do Interior do Estado de Minas (7 de Setembro de 1906—25 de Outubro de 1908). Exerceu ao mesmo tempo, interinamente, o cargo de Secretario das Finanças do Estado de Minas (1907-1908). Deixando a vida forense e a politica, tomou parte na campanha civilista, de que foi chefe Ruy Barbosa (1909-1910), finda a qual dedicou-se á agricultura e á industria, nos municipios de Bello Horizinte (Estação do Marzagão) e de Santa Barbara. Remodelou os serviços de electricidade de Bello Horizonte (1913-1918), como director da companhia respectiva. Fez parte da Commissão do Centro Industrial do Brasil na Exposição de Tecidos realizada em Buenos Aires e Montevidéo (1918) e da delegação brasileira que, á convite da Federation of British Industries, visitou os estabelecimentos industriaes da Escocia e da Inglaterra (1920). Voltando á politica, foi eleito senador ao Congresso Estadoal de Minas (1919-1920), renunciando o mandato por ter sido eleito deputado federal pelo 1º districto do Estado de Minas para a actual legislatura.

ANTONIO CARLOS

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada — E' neto dos Andradas, da Independencia. Nasceu no dia 5 de Setembro de 1870, na cidade de Barbacena, da então provincia de Minas Geraes, onde seu pae, de igual nome, era advogado. Fez os seus estudos de preparatorios em o Collegio Abilio, dirigido pelo Barão de Macahubas, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1888, havendo recebido o gráo de bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes em 1891. Collaborou no jornalismo d'aquella cidade e fez parte de varias sociedades literarias e politicas, dentre estas o Club Republicano Academico, que prestou serviços á propaganda republicana. Sua primeira investidura foi a de promotor publico na comarca de Ubá, em Minas, de onde passou para a comarca da Palma, como Juiz Municipal. Em 1894 installou-se em Juiz de Fóra, como advogado, ao mesmo tempo que professava a cadeira de Historia Geral e de Economia Politica na Escola Normal e na Academia de Commercio d'aquella cidade. Em 1896 fez-se director do *Jornal do Commercio*, que ainda hoje ali se edicta e que dirigiu durante varios annos. Como advogado attrahiu as mais importantes causas civeis e criminaes, da comarca, ao seu escriptorio ; como jornalista debateu questões sociaes, politicas, economicas e financeiras, sobretudo as que diziam respeito aos interesses do Estado de Minas. A evidenria que seu nome adquiriu determinou lhe fosse confiado, em 1902, o cargo de Secretario das Finanças do Estado, sendo Presidente o Dr. Francisco Antonio de Salles. Exerceu essa funcção durante quatro annos. Conjunctamente com esse cargo exerceu, em 1905 e 1906, o de Prefeito de Bello Horizonte. Em 1907 foi eleito senador ao Congresso Mineiro, e, no Senado, fez sempre parte da Commissão de Finanças havendo sido continuamente relator do orçamento do Estado. Ao mesmo tempo que senador foi Presidente da Camara Municipal e chefe Executivo do Municipio de Juiz de Fóra. Em 1911, eleito deputado ao Congresso Nacional, e, apenas empossado, foi eleito para a Commissão de Finanças, sendo designado relator do orçamento da Fazenda. Nessa funcção elaborou os pareceres justificativos desse orçamento em 1912, 1913 e 1914. Em fins deste anno foi eleito presidente da Commissão de Finanças, passando a relatar o orçamento da receita. Nessa mesma epoca a maioria da Camara dos Deputados o elegeu para a importante funcção de seu *leader*. Como presidente da Commissão de Finanças e *leader* da Camara esteve até 1917. Servindo á orientação do Presidente Wenceslâu Braz, de quem foi amigo devotado, influiu decisivamente para que as lutas politicas daquella época cessassem e a ellas succedesse o ambiente de paz e de concordia que áquelle Presidente assegurou a tranquillidade durante todo o quatriennio. Naquelle anno foi nomeado Ministro da Fazenda, precisamente quando grandes eram as difficuldades decorrentes da guerra européa, da qual, nesse mesmo anno, teve o Brasil de participar. Em 1918 deixou a pasta da Fazenda, voltando á Camara, eleito de novo deputado por Minas, em 1919. Dessa data até agora tem sido relator do orçamento da receita e a sua acção se tem feito sentir, em pról do fortalecimento da Receita Publica. Sua bibliographia é constituida pelos relatorios de Secretario de Finanças do Estado de Minas Geraes, de 1903, 1904, 1905 e 1906; de pareceres e discursos no Senado Mineiro ; de pareceres e discursos na Camara dos Deputados, de relatorios como ministro da Fazenda, em 1917 e 1918, além de artigos esparsos em revistas e jornaes, especialmente no *Jornal do Commercio* desta Capital, que, não ha muito, publicou, de sua penna, uma serie de importantes artigos sobre os *Bancos de emissão no Brasil*. Além desses trabalhos publicou ha pouco, em livro, um trabalho historico sob o titulo *O Ministro da Fazenda da Independencia, da Maioridade*. E' cathedratico de finanças na Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro e Membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

VAZ DE MELLO

Cornelio Vaz de Mello — Nasceu no dia 10 de Janeiro de 1855, em Uberaba, Estado de Minas. Fez os seus estudos preparatorios no antigo externato Aquino desta Capital, formando se ao depois em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1884. Foi professor de tachygraphia e de mathematicas no externato Hewitt e no Collegio Saturnino. Fez clinica medico-cirurgica em Ouro Preto e Bello Horizonte, e nesta cidade praticou, com exito, as primeiras laparotomias levadas a effeito no Estado de Minas. Entrou para a politica ainda no imperio, filiado ao Partido Liberal. Em 1886 foi classificado em primeiro logar no concurso de Botanica da Escola de Pharmacia de Ouro Preto, onde, em 1892 professou a cathedra de Anatomia Descriptiva e Historia Natural Medica. Em 1900 foi eleito vereador especial pela freguezia de Ouro Preto, e em 1902 senador estadoal, sendo reeleito em 1904. Foi Prefeito de Bello Horizonte no governo Delfim Moreira. A 10 de Março de 1919 foi eleito pela primeira vez para a Camara Federal, onde se encontra até hoje. Teve, em seu Estado natal, numerosas commissões officiaes scientificas e literarias. E' filho do Dr. Fernado Vaz de Mello e de D. Sophia Adelaide Alves de Andrade Mello.

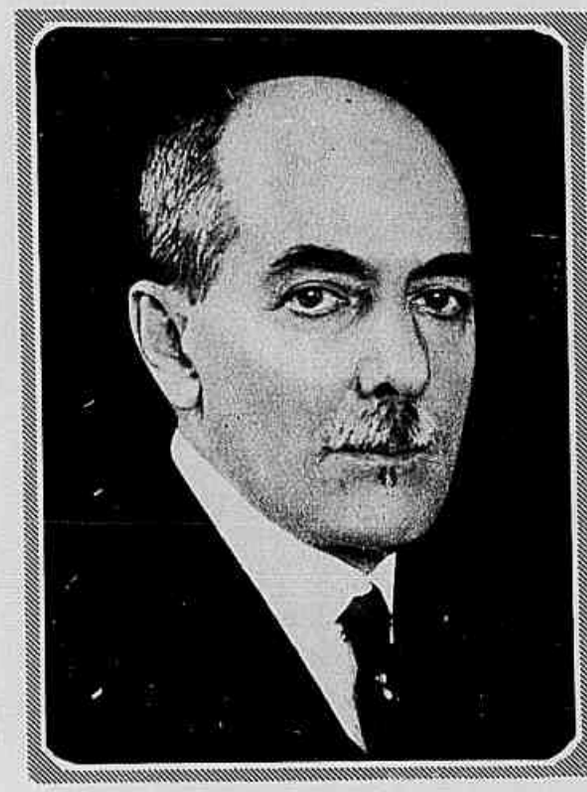
FRANCISCO PEIXOTO

Francisco Soares Peixoto de Moura — Nasceu na cidade de Ubá, Estado de Minas Geraes, no dia 22 de Outubro d e1862. Filho de Camillo Soares de Moura e D. Amelia Peixoto Soares. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio do Caráça, concluindo-os em Ouro Preto. Formou se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1885. Foi promotor publico e deputado provincial no ultimo biennio da monarchia ; e juiz e agente executivo do Municipio do Pomba. Deputado estadual, exerceu ainda os cargos de sub-procurador geral do Estado de Minas, director do Archivo Publico Mineiro. Veiu para a Camara Federal na legislatura iniciada em 1921, eleito pelo Partido Republicano Mineiro. Redigiu diversos jornaes dos Municipios do Pomba e foi director da *Revista do Archivo Publico Mineiro*. Exerce actualmente a advocacia.

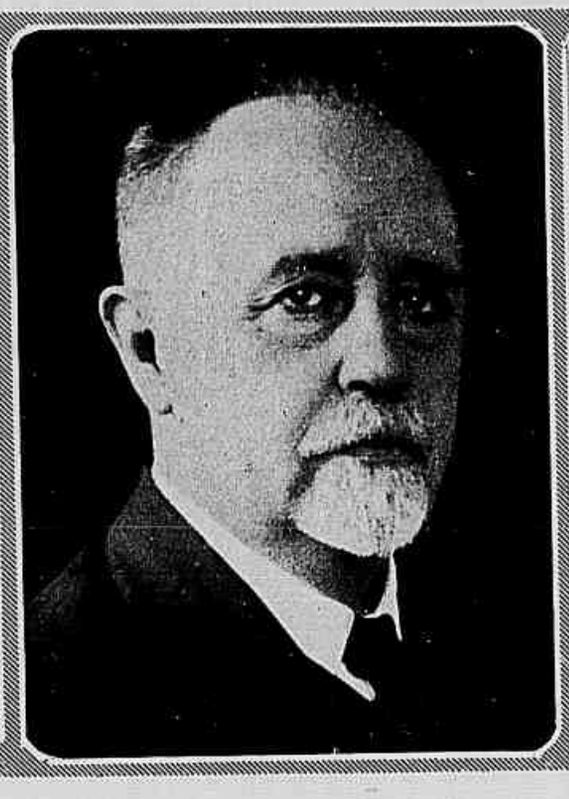
JOSE' BONIFACIO

José Bonfacio de Andrada e Silva — Irmão do Sr. Antonio Carlos, é, como elle, filho do Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e D. Adelaide Duarte de Andrada. Neto, pelo lado paterno, de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, o primeiro, irmão de José Bonifacio, o Patriarcha da Independencia, e de D. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrada, filha do mesmo ; e pelo lado materno do commendador Feliciano de Lima Duarte e de Dona Constança Emygdia Duarte Lima, que foram os paes do conselheiro José Rodrigues de Lima Duarte, que foi senador do imperio pela provincia de Minas Geraes. Nasceu em Barbacena, Estado de Minas Geraes, aos 29 de Setembro de 1871. Fez os seus estudos preparatorios sob a direcção do Barão de Macahubas, no collegio Abilio, e matriculando-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1889, nella se bacharelou em Maio de 1892. Advogado em Barbacena, lente do gymnasio official do Estado de Minas, foi professor da Escola Normal e director do Lyceu de Barbacena. Vereador á Camara Municipal da mesma cidade, iniciando sua carreira politica, fundou o Partido da Liga da Lavoura e Industria, com programma definido, sendo eleito em 6 de Fevereiro de 1899 deputado ao Congresso Nacional. Teve sempre renovado seu mandato pelo Partido Republicano Mineiro, a que pertence. Fez durante alguns annos, parte da Commissão de Instrucção Publica, sendo mais de uma vez seu presidente. Serviu tambem na Commissão de Finanças, em 1918, sendo relator do orçamento da Fazenda. Da Commissão de Justiça fez parte em 1919, 1920 e 1921. Como delegado official do Estado de Minas Geraes compareceu ao Congresso de Historia reunido no Rio de Janeiro, em 1918, e além de escrever: *A memoria na secção de Historia Parlamentar, A Liga, Situação progressista e suas affinidades liberaes, A guerra do Paraguay e a nomeação de Caxias, Revivescencia do espirito conservador* e *Mi-*

O CONGRESSO NACIONAL NO ANNO DO CENTENARIO



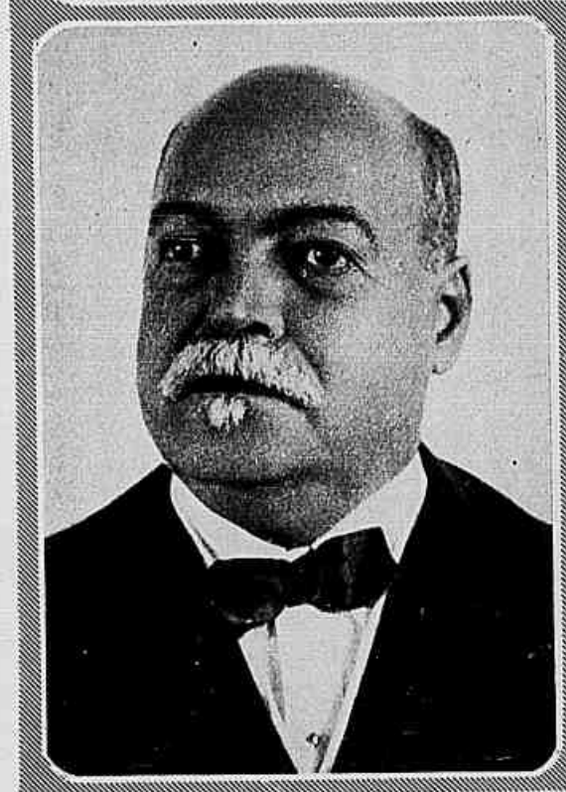
VAZ DE MELLO



FRANCISCO PEIXOTO



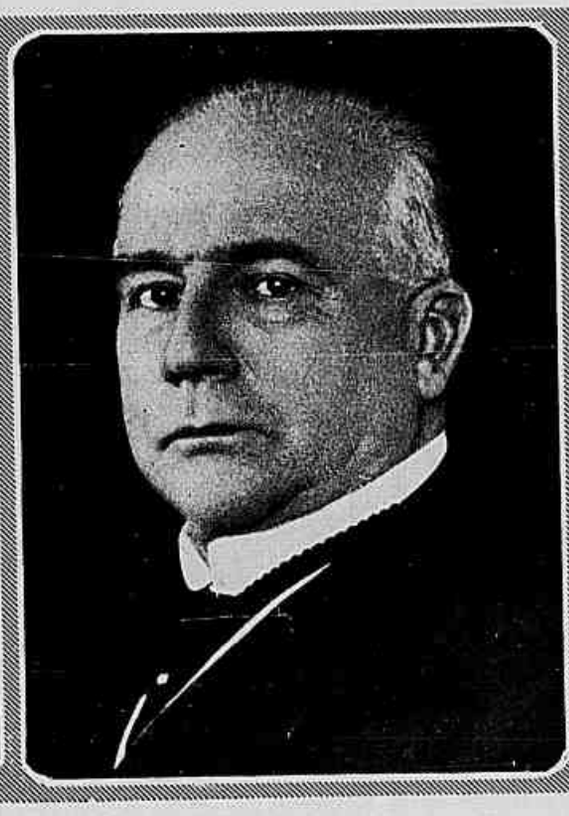
JOSE' BONIFACIO



LANDULPHO MAGALHÃES



OLYNTHO MAGALHÃES



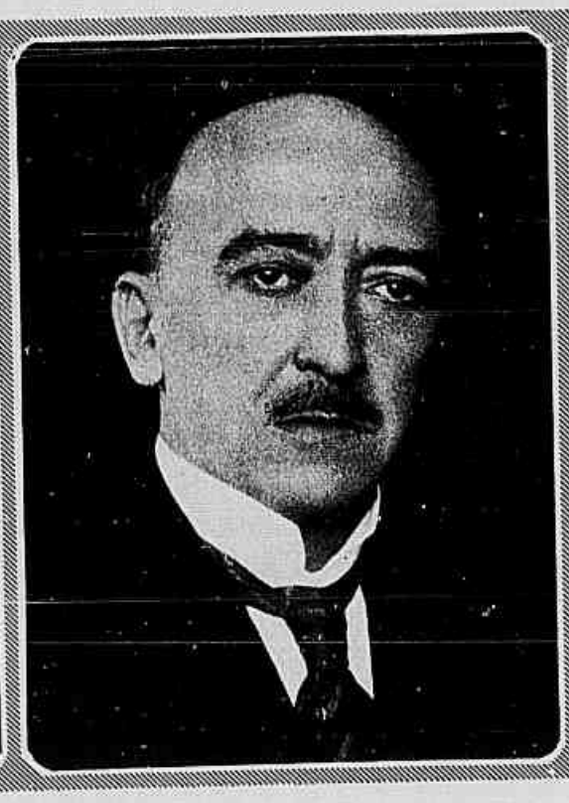
AUGUSTO GLORIA



EMILIO JARDIM



FRANCISCO VALLADARES



BAÉTA NEVES



RIBEIRO JUNQUEIRA

ESTADO DE MINAS GERAES

nisterio Itaborahy, justificou patriotica proposta relativa ao ensino primario e unidade nacional, a qual, em virtude do convite do presidente do Congresso, o Sr. Dr. Ramiz Galvão, foi votada de pé e sob vivas acclamações. Foi igualmente representante do Esttado de Minas Geraes por delegação especial de seu governo ao Congresso de Geographia, reunido em 1916 na capital da Bahia e nelle, além de ser o presidente da 4ª commissão, apresentou varias propostas que foram acceitas pelo Congresso em reunião plena. Submetteu á sua commissão e ao Congresso o trabalho *Geographia Economica do Estado de Minas Geraes*, e realizou nessa occasião, no Instituto Historico da Bahia, em homenagem ao seu povo e á referida Instituição, a conferencia *A Bahia e alguns de seus grandes filhos, parlamentares e politicos*. São da sua autoria os seguintes trabalhos: *A fazenda da Borda do Campo, O Inconfidente José Ayres Gomes, Genealogia da familia Andrada, A Liga, Situação progressista e suas affinidades liberaes, A guerra do Paraguay e a nomeação de Caxias, Reviviscencias do espirito conservador, Ministerio Itaborahy, Geographia Economica do Estado de Minas Geraes, A Bahia e alguns de seus grandes filhos — parlamentares e politicos, Annotações e adaptação do Codigo Civil ao Direito de Familia, de Lafayette, Tribunaes Regionaes e Conselho de Estado, Ministerio do segundo reinado*: 16 *de Julho de* 1868 (*Itaborahy*; 29 *de Setembro de* 1870 (*Marquez de S. Vicente*); *de* 5 *de Janeiro de* 1878 (*Sinimbú*); 24 *de Maio de* 1883 (*Lafayette*); 20 *de Agosto de* 1885 (*Barão de Cotegipe, Adaptação do Codigo Civil do Direito das Cousas, de Lafayette, Trabalhos parlamentares* (*discursos e pareceres*), *Reorganisação dos Serviços de Hygiene, Reforma Judiciaria, Instrucção Publica, A questão agricola, Ensino commercial, Reforma do ensino, Orçamento do Interior, Collegios Militares, Assumptos do Ministerio da Agricultura, O problema dos indios, A defesa da borracha, Assistencia Publica* e *Orçamento da Fazenda para* 1919. Foi redactor e director do *Jornal da Tarde*, em Barbacena e collaborador da *A Lavoura* e *Sericicultura*, da mesma cidade.

LANDULPHO MAGALHÃES

Landulpho Machado de Magalhães — Filho de Francisco Machado de Magalhães e D. Antonia Felicia Rosa de Magalhães, nasceu no dia 15 de Janeiro de 1861, em Ponte Nova, Minas. Fez os seus estudos preparatorios no Seminario de Marianna e formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1889. Nesse Estado foi fundador do celebre Club Republicano Federal, cuja presidencia occupou. Regressando á cidade natal, exerceu a clinica medica, em que adquiriu fama em todo o Estado de Minas, notadamente em Anta e em Viçosa, onde residiu longos annos. Eleito deputado federal em 1894, o Partido Republicano de Minas Geraes enviou-o, como seu representante, á convenção do Partido Republicano Federal. Jornalista, foi redactor-chefe do jornal *A Republica Federal*, da Bahia. Entregando-se, mais tarde, á lavoura, foi reinviado á Camara Federal, em 1918, pelo Partido Republicano Mineiro, sendo reeleito até hoje.

OLINTHO MAGALHÃES

Olintho Maximo de Magalhães — Nasceu em Barbacena, Minas, no dia 11 de Janeiro de 1867. Foram seus paes José Maximo Magalhães e D. Porphyria Heliodora Marques Magalhães. Fez os seus estudos preparatorios no collegio Paixão, de Petropolis. Formou-se em Medicina, no anno de 1887, pela Faculdade do Rio de Janeiro, partindo logo para a Europa, afim de aperfeiçoar os seus estudos. Regressando em 1890, foi eleito deputado á Constituinte Mineira. Em 1891, o Marechal Floriano Peixoto nomeou-o 2º Secretario da Legação do Brasil em Vienna. Promovido logo depois a 1º Secretario, fez parte da embaixada incumbida de tratar da questão das Missões. Presidiu, nos Estados Unidos da America do Norte, em 1905, o Congresso de Americanistas ali reunido. Transferido para Paris, foi, ao depois, enviado, como nosso ministro plenipotenciario, á Russia. Convidado pelo Dr. Manoel Victorino, declinou do convite que recebêra para Ministro do Interior de seu governo. Representava o nosso paiz na Suissa, quando Campos Salles o chamou para Ministro do Exterior, o que foi, de 1898 a 1902. Deixando o ministerio, voltou á carreira diplomatica, em que tornou a occupar as mais altas commissões do governo brasileiro na Europa, recusando-se, porém, a acceitar as embaixadas de Roma, de Lisbôa e dos Estados Unidos da America do Norte. Apresentado nessa carreira, o Partido Republicano Mineiro elegeu-o deputado federal em 1921.

AUGUSTO GLORIA

Augusto Gloria Ferreira Alves — Nasceu na freguezia de N. S. da Gloria de Pacobahyba, Municipio da Estrella, em Minas, no dia 15 de Agosto de 1865. Foram seus paes o Coronel Manoel Luiz Alves e D. Izabel Alves. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio Abilio do Rio de Janeiro, e no Collegio Paixão, em Petropolis. Formou-se em Medicina, pela Faculdade da Bahia, em 1888. Foi Agente Executivo do Municipio de S. João Nepomuceno, presidente da respectiva Camara Municipal e Senador ao Congresso Mineiro, nos annos de 1902 a 1915. Filiado ao Partido Republicano Mineiro, foi eleito Deputado Federal á legislatura de 1921—1923. Exerce a profissão medica.

EMILIO JARDIM

Emilio Jardim de Rezende — Filho de Emilio Jardim, nasceu na cidade de Paracatú, Minas, no dia 22 de Janeiro de 1874. Iniciou os seus estudos preparatorios na Escola Normal de seu torreão natal, por onde se diplomou, indo depois para Ouro Preto terminar aquelles estudos, dos quaes prestou exames no Gymnasio Mineiro e no antigo Gymnasio Nacional, em 1892 e 1894. Matriculou-se, em seguida, na Faculdade de Direito de Minas, tendo interrompido o curso para exercer o magisterio primario em Viçosa. Em 1897 obteve, em concurso, provisão de advogado, e em 1915 veiu completar o seu curso juridico na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes desta Capital, onde se formou em 1919. Teve ingresso na politica como vereador á Camara Municipal de Viçosa, em 1907, filiado ao partido então chefiado pelo Dr. Arthur Bernardes, a quem succedeu na presidencia da referida edilidade. Em 1911 foi eleito Deputado ao Congresso Mineiro e reeleito para o quatriennio de 1915—1918. Veiu para a Camara Federal em 1919, eleito na vaga do Dr. Arthur Bernardes, chamado á presidencia do Estado, sendo reeleito para a actual legislatura. Collaborou na *Cidade de Viçosa* e desde Setembro de 1910 passou a dirigil-a, como seu redactor politico.

FRANCISCO VALLADARES

Francisco Campos Valladares — Filho do Dr. Benedicto dos Campos Valladares, antigo Deputado Geral do Imperio, e de D. Maria Luiza Valladares. Nasceu no dia 24 de Abril de 1879, na cidade de Parahyba do Sul, Estado do Rio de Janeiro. Fez os seus estudos preparatorios no antigo Collegio D. Pedro II, nesta Capital, e formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo. Antes de vir para a Camara Federal, foi Promotor Publico e Deputado Estadoal em Minas Geraes, e Chefe de Policia no Districto Federal. Teve ingresso na politica, filiado ao Partido Republicano Mineiro. Tem exercido o jornalismo, possuindo dois diarios em Minas, o *Pharol* e o *Jornal do Commercio* de Juiz de Fóra. Veiu para a Camara dos Deputados, onde ainda se encontra, em 1918. Exerce a advocacia e o jornalismo.

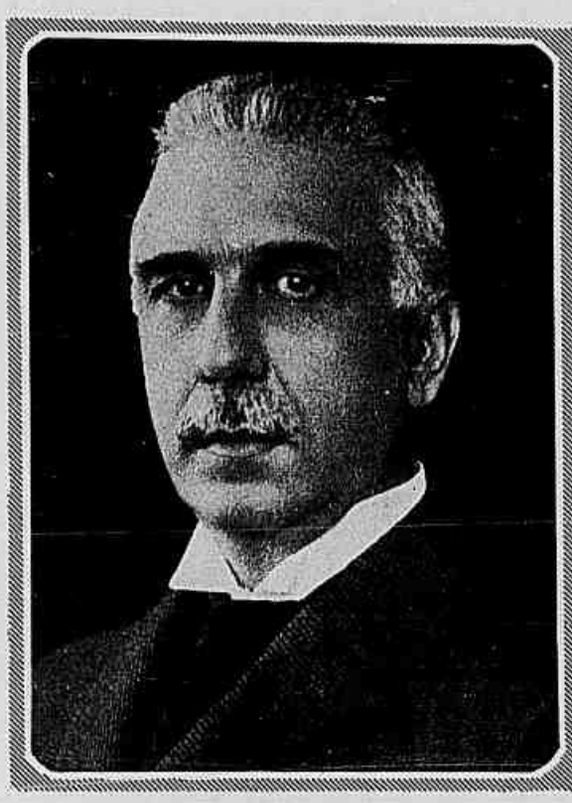
BAETA NEVES

João Baeta Neves — Nasceu em Santa Luzia de Carangola, Estado de Minas Geraes, no dia 26 de Dezembro de 1872, sendo seus paes o coronel Caetano Baeta Neves e D. Maria Sabina Baeta Neves. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio de Congonhas do Campo e em Ouro Preto, em cuja Faculdade de Direito iniciou os seus estudos superiores, em Março de 1894. Formou-se em 1900, na Faculdade de Direito de Bello Horizonte. Foi nomeado, em 1901, Promotor Publico de Sabará e depois em Alvinopolis. Deixando a magistradura, esteve advogando de 1904 a 1906, quando novamente foi nomeado Promotor de Carangola, por quatro annos. Em Março de 1915 foi eleito deputado ao Congresso Mineiro, e reeleito em 1918, onde sempre fez parte da Commissão de Justiça. Veiu para a Camara Federal em 1921, indicado pelo Partido Republicano Mineiro, de cujo directorio, em Carangola, ha muitos annos é presidente. Exerce a advocacia.

RIBEIRO JUNQUEIRA

José Monteiro Ribeiro Junqueira — Filho de José Ribeiro Junqueira e de D. Antonia Augusta Lobato Monteiro, nasceu em Santa Izabel, Municipio de Leopoldina, Minas, no dia 27 de Agosto de 1871. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio Abilio e formou-se em Direito, pela Faculdade de São Paulo, em 1893. Ainda academico, foi vice-presidente do Centro Republicano Mineiro, presidente da Sociedade Mineira de Beneficencia. Promotor Publico, interino, de sua terra natal, foi eleito Deputado Estadoal em 1895, e reeleito pela opposição para a legislatura seguinte de 1899. Foi, durante longos annos, presidente do Conselho Districtal e de deputação estadoal; veiu para a Camara dos Deputados em 1903, tendo occupado a *leaderança* da bancada mineira em 1911 e 1912, annos em que occupou, tambem, a presidencia da Commissão de Finanças, dessa casa legislativa, onde relatou o orçamento da Viação. De 1912 até 1921 foi sempre reeleito pelo seu districto eleitoral. Presidiu a Commissão de Reformas Tributarias da Camara que, em 1920, enviou ao Senado Federal o melhor projecto

O CONGRESSO NACIONAL NO ANNO DO CENTENARIO



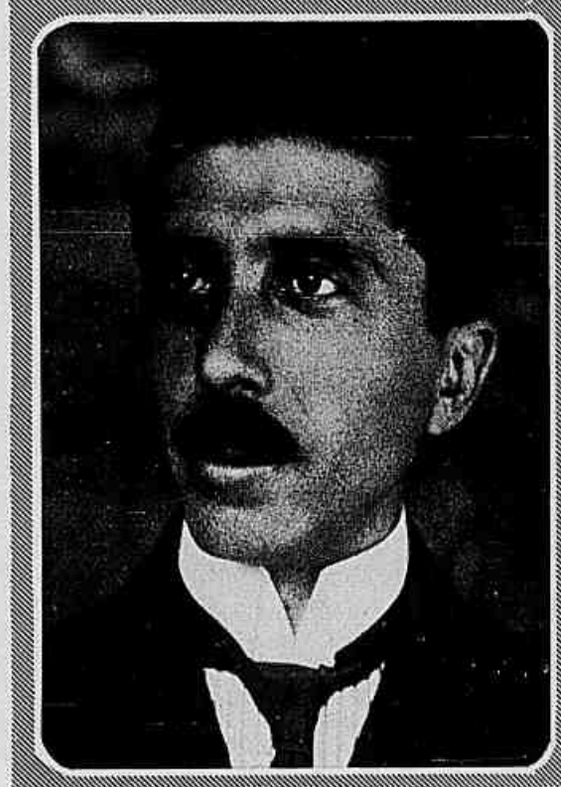
ANTHERO BOTELHO



AUGUSTO DE LIMA



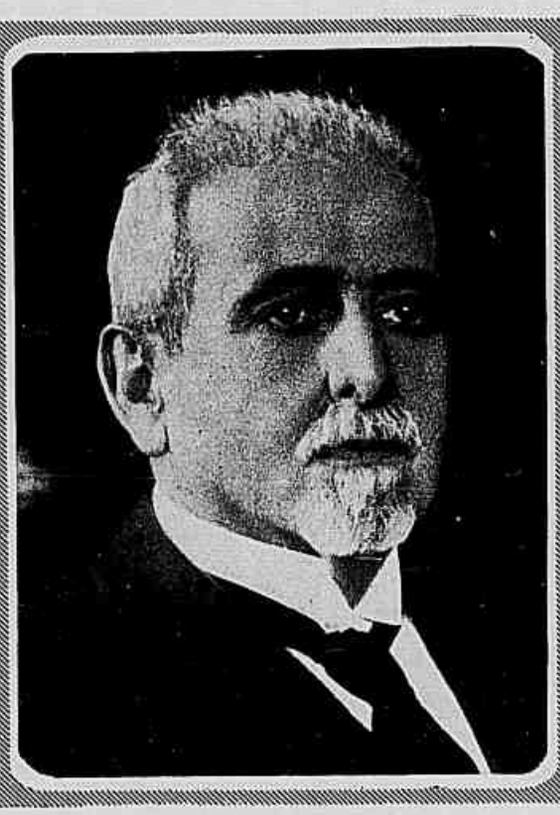
ODILON ANDRADE



RAUL SA'



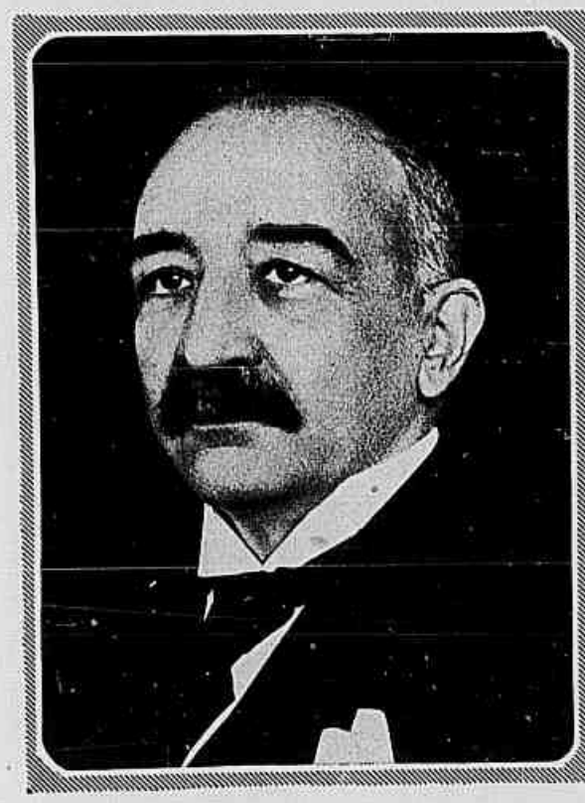
ZOROASTRO ALVARENGA



BUENO BRANDÃO



MOREIRA BRANDÃO



JOSINO ARAUJO



RAUL FARIA



THEODOMIRO SANTIAGO

ESTADO DE MINAS GERAES

de reforma das tarifas aduaneiras até agora conhecido no paiz. Fundou em 1895 e dirigiu até hoje a *Gazeta de Leopoldina*.

ANTHERO BOTELHO

Anthero de Andrade Botelho — Nasceu na cidade de Lavras, Minas, no dia 22 de Abril de 1873. Bacharelando-se em Direito, em 1893, na capital de seu Estado, exerceu a advocacia em Bello Horizonte. Foi Juiz Federal de Minas Geraes no periodo de 1894 a 1896. Em 1897, eleito deputado federal, esteve na Camara até 1899. Voltou a occupar a sua cadeira, nessa casa legislativa, em 1903, e até hoje tem sido reeleito. E', ha longos annos, presidente da Commissão de Instrucção Publica.

AUGUSTO DE LIMA

Antonio Augusto de Lima — Nasceu no dia 5 de Abril de 1860, na cidade de Lima, Minas. E' formado em Direito. Foi promotor e juiz municipal na cidade de Leopoldina, em seu Estado natal; Juiz de Direito da comarca de Conceição da Serra, no Espirito Santo; chefe de Policia de Ouro Preto; governador do Estado de Minas Geraes em 1891; Juiz de Direito da Comarca de Ouro Preto; director do Archivo Mineiro e professor da Faculdade de Bello Horizonte. Eleito deputado federal, pela primeira vez, em 1910, tem sido reeleito até agora. E' um dos grandes poetas brasileiros de fama mundial, possuindo numerosas poesias que foram traduzidas em diversas linguas. A sua bagagem literaria é immensa e preciosa e conquistou-lhe um lugar de muito destaque na Academia Brasileira de Letras. Jornalista emerito, conhece tambem, profundamente, a arte de Wagner. E' ha longos annos vice-presidente da Commissão de Diplomacia e Tratados da Camara.

ODILON DE ANDRADE

Odilon Barrot Martins de Andrade — Filho do Dr. André Martins de Andrade, magistrado em Minas Geraes, e de D. Maria M. Ferreira de Andrade. Nasceu na cidade de Turvo, Minas Geraes, a 11 de Março de 1876. Fez seus estudos de humanidades no Collegio S. Luiz, em Itú, e no Collegio Ivahy, na capital de São Paulo. Matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1890 e formou-se na Faculdade de Direito de Minas Geraes, em Ouro Preto, em 1891. Exerceu a promotoria publica em Alfenas em 1895, e de 1896 a 1908 foi promotor e juiz municipal em S. João d'El-Rey. Tendo-se exonerado neste anno, abriu escriptorio de advocacia, profissão que exerce até hoje. Em 1911 foi eleito deputado ao Congresso Mineiro, mandato que desempenhou até 1919, occupando nos annos de 1915, 1916 e 1917 o cargo de presidente da Camara dos Deputados. Em 1918 foi eleito deputado federal pelo quarto districto de Minas. Em 1921, não tendo sido incluido na lista official dos candidatos do Partido Republicano Mineiro, disputou a eleição extra-chapa, sendo eleito. Exerce desde 1912 o cargo de presidente da Camara Municipal de S. João d'El-Rey.

RAUL SA'

Raul Noronha Sá — Filho de Evaristo Augusto Nogueira de Sá e de D. Amalia Noronha Nogueira de Sá. Nasceu em Baependy, Minas, no dia 22 de dezembro de 1877. Fez os seus estudos preparatorios no Gymnasio Baependyano e formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1903. Foi membro do Conselho Deliberativo do municipio de Caxambú; sub Procurador dos Feitos da Saude Publica; Prefeito Municipal de Cambuquira e de Lambary; Consultor do governo mineiro nas Estancias Hydrotherapicas do Estado; e official de gabinete do presidente da Republica Sr. Dr. Wenceslão Braz. Nomeado em 1918, 1º promotor dos Feitos da Fazenda Municipal, exonerou-se desse cargo, sendo nomeado tabellião nesta capital. Teve ingresso na politica, filiado ao partido do Dr. Sylviano Brandão e foi eleito deputado federal, pela primeira vez, em 1919, pelo Partido Republicano Mineiro.

ZOROASTRO ALVARENGA

Zoroastro Rodrigues Alvarenga — Filho de José Rodrigues de Alcarenga e de D. Mathilde de Rezende Alvarenga. Nasceu em 15 de Janeiro de 1878, na Villa de Perdões, então districto do municipio de Lavras, E. de Minas Geraes. Formou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em Janeiro de 1903, indo exercer a sua profissão na terra natal. Foi vereador e presidente da Camara Municipal de Lavras, e professor, nessa cidade, da respectiva Escola Normal. Eleito deputado ao Congresso Mineiro em 1907, foi escolhido seu segundo e depois primeiro secretario. Convidado pelo então presidente Dr. Wenceslão Braz, para organizar e dirigir o serviço sanitario do Estado, resignou o mandato, tendo-se mantido por mais de sete annos no cargo de director de Hygiene. Em 1918 foi eleito deputado federal pelo 4º districto de Minas Geraes, e reeleito para a actual legislatura. Foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte, da qual é cathedratico de Hygiene.

BUENO BRANDÃO

Julio Bueno Brandão — Nasceu em Ouro Fino, Minas Geraes, no dia 11 de Julho de 1858. Advogou durante longos annos em seu municipio natal, entrando muito cedo para a politica. Foi durante longo tempo presidente da Camara Municipal de Ouro Fino. Eleito deputado estadual em duas legislaturas, renunciou o mandato em 1899, para vir occupar, no Senado Federal, a cadeira do Dr. Fernando Lobo. Em 1906 foi eleito vice-presidente de seu Estado, assumiu o governo em 1908, por ter fallecido o Dr. João Pinheiro. Tornou a occupar a presidencia de Minas no quadriennio terminado em 1914. No anno seguinte, vindo para a Camara dos Deputados, tem sido sempre reeleito. Occupou durante varios annos a *leaderança* de sua bancada e da casa legislativa a que pertence. Foi tambem, varias vezes, seu presidente. Actualmente é o *leader* da maioria e o presidente da Commsisão de Finanças. Occupa, no momento, a presidencia do Partido Republicano Mineiro.

MOREIRA BRANDÃO

José Moreira Brandão Castello Branco — Filho do Dr. Moreira Brandão, deputado geral no Imperio, e de D. Anna Joaquina Moreira Brandão, nasceu no dia 17 de Fevereiro de 1860, na cidade de Natal, Estado do Rio Grande do Norte. Fez os seus estudos preparatorios na sua terra natal, formando-se em Direito, pela Faculdade de Recife, em 1883. Foi promotor publico de Natal; Juiz Municipal e depois Juiz de Direito de Jaguary, em Minas. Em 1911 deixou a magistratura para iniciar a sua carreira politica como deputado federal, na vaga do saudoso Dr. Delfim Moreira, então nomeado secretario do governo de Minas. Tem sido reeleito até hoje.

JOSINO ARAUJO

Josino de Alcantara Araujo — Nasceu na cidade de Pouso Alegre, Minas, no dia 20 de Fevereiro de 1866, sendo seus paes Ezequiel Manoel de Araujo e D. Maria José de Vilhena Alcantara Araujo. Formou-se em direito pela Faculdade de S. Paulo em 1886. Abrindo banca de advocacia em sua cidade natal, foi eleito deputado provincial em 1887, para o biennio de 1888-1889. Proclamada a Republica, veiu para o Rio de Janeiro, onde esteve advogando, sendo em 1892 nomeado Juiz de Direito de Baependy, e em 1896 de Juiz de Fóra. Foi presidente do Instituto Juridico Mineiro, Declarado, a pedido, juiz *avulso*, foi nomeado fiscal do Banco de Credito Real de Minas Geraes. No governo do Dr. João Pinheiro, serviu como Chefe de Policia (1906). Em 1907, vaga, na Camara dos Deputados, a cadeira do Dr. Adalberto Ferraz, foi para ella eleito, sendo reeleito, em seguida, pela opposição, para as 8ª, 9ª e 10ª legislaturas, e depois, pelo Partido Republicano Mineiro, para a 11ª, que é a actual. Tem feito parte das commissões de Diplomacia e Tratados, de Constituição e Justiça e de Finanças da Camara a que pertence. Exerce a advocacia.

RAUL FARIA

Raul Faria — Nasceu na cidade de Alfenas, em Minas Geraes, no dia 26 de Maio de 1885, sendo seus paes o coronel Fernando Antonio de Faria e D. Maria Victoria Pereira de Faria. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio Anchieta, em Nova Friburgo, formando-se em direito pela Faculdade de Bello Horizonte. Foi deputado estadual e secretario da Prefeitura Municipal de Bello Horizonte. No jornalismo, occupou a direcção do *Diario da Tarde* e do *Estado*. Inspector escolar no Districto Federal, foi elevado a director da Instrucção Publica desta capital, na administração Paulo de Frontin. O Partido Republicano Mineiro elegeu-o deputado federal á legislatura de 1921-1923. Exerce actualmente a advocacia.

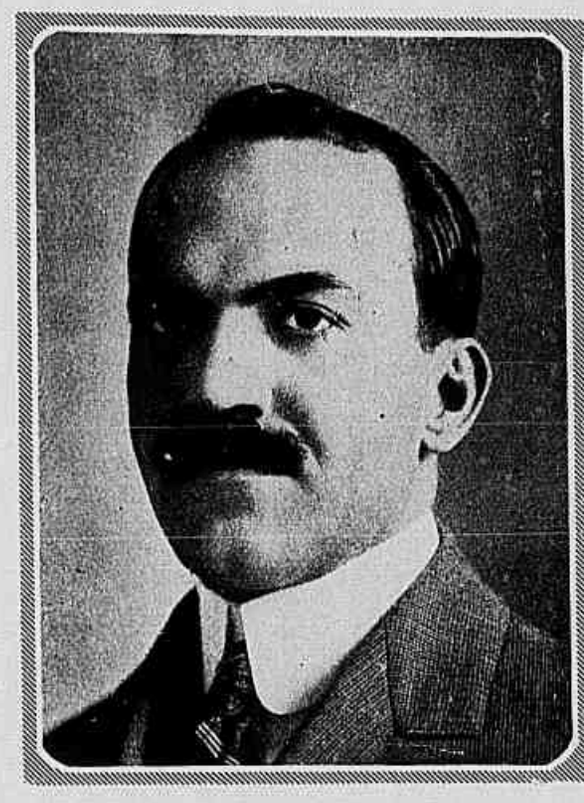
THEODOMIRO SANTIAGO

Theodomiro Carneiro Santiago — Filho de João Carneiro Santiago Junior e D. Lucinda Pereira Santiago, nasceu em Itajubá, Minas Geraes, no dia 30 de Novembro de 1883. Fez os seus estudos preparatorios em Barbacena e em Bello Horizonte. Formou-se, em 1906, na Faculdade de Direito de São Paulo. Foi fundador e primeiro director do Instituto Electrotechnico de Itajubá. Tem dedicado grande parte de sua actividade á industria nacional. No governo do Dr. Delfim Moreira, em Minas Geraes, occupou a pasta da Secretaria das Finanças. Foi presidente da Camara Municipal de sua terra. Eleito pelo Partido Republicano Mineiro, veiu para a Camara Federal em 1921.

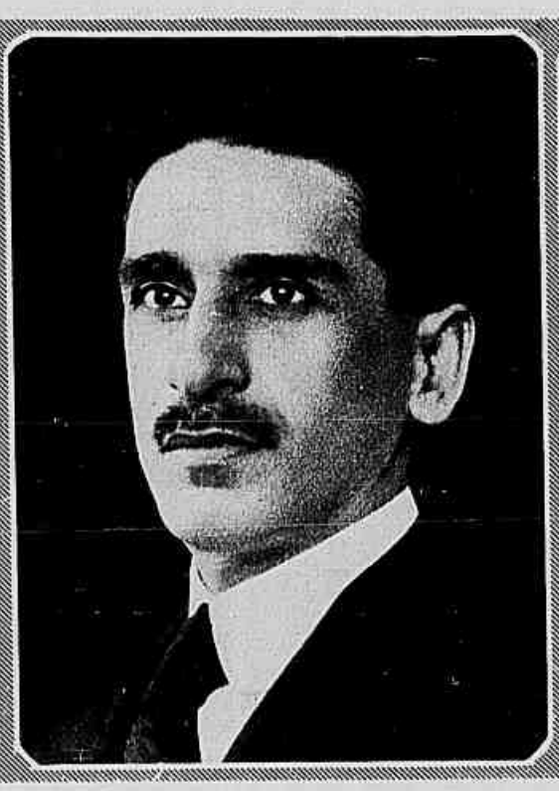
ALAÔR PRATA

Alaôr Prata Soares — Nasceu em Uberaba, Minas Geraes, no dia 17 de Junho de 1882, sendo seus paes Melanio Soares e D. Mathilde Prata Soares. Formou-se na Escola Polytechnica de São Paulo em 1906 e, alumno laureado, obteve como premio a sua nomeação de engenheiro da Compa-

O CONGRESSO NACIONAL NO ANNO DO CENTENARIO



ALAÔR PRATA



FIDELIS REIS



FRANCISCO CAMPOS



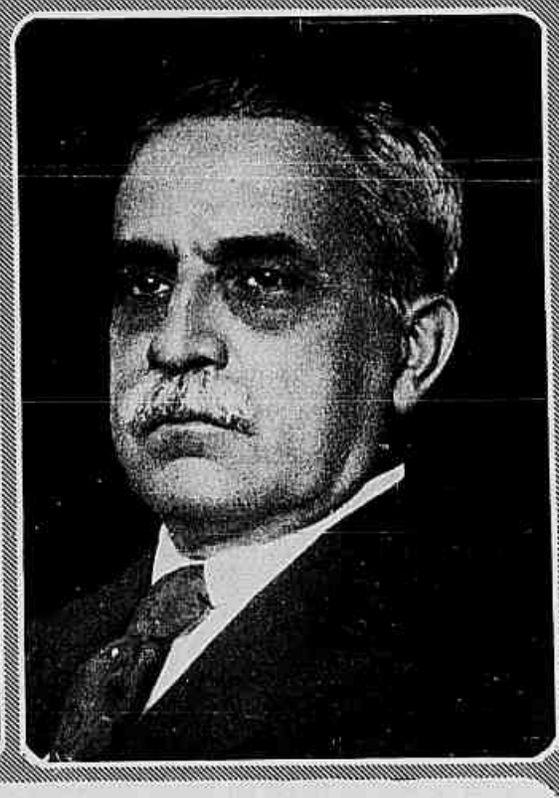
GARIBALDI MELLO



VALDOMIRO MAGALHÃES



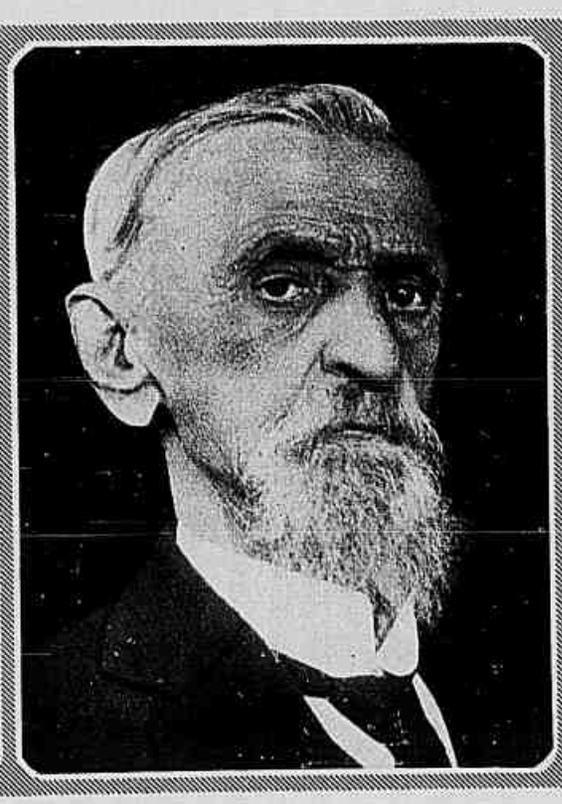
MELLO FRANCO



CAMILLO PRATES



HONORATO ALVES



MANOEL FULGENCIO



NELSON DE SENNA

ESTADO DE MINAS GERAES

nhia Mogyana. Foi vereador á Camara Municipal de sua terra. Eleito deputado federal em 1909, pelo Partido Republicano Mineiro, tem sido reeleito até hoje. E' o actual presidente da Commissão de Ibras Publicas da Camara e foi o relator, no anno passado, do projecto creando as *zonas francas* no Brasil.

FIDELIS REIS

Fidelis Reis — Nasceu no dia 4 de Janeiro de 1880, na cidade de Uberaba, Minas Geraes, filho do commerciante Fidelis Gonçalves dos Reis e de D. Escolastica Guilhermina dos Reis. Fez os seus estudos preparatorios em sua cidade natal, completando-os depois na Europa, onde foi discipulo do professor Von Thieghen, e acompanhou o curso do professor Gaston Bournier, na Sorbonne. Engenheiro agronomo, desempenhou diversas commissões technicas em São Paulo, no Espirito Santo e em seu Estado. Foi, com Azevedo Junior, um dos redactores da *Gazeta de Uberaba*. No governo Affonso Penna foi honrado com a nomeação de inspector do Serviço de Povoamento. Commissionado pelo ministro Miguel Calmon, esteve na Republica Argentina estudando a organização dos serviços de colonisação e immigração, apresentando sobre esses estudos em relatorio muito apreciado e sobre o qual *O Paiz* e o *Jornal do Commercio* desta capital inseriram numerosos artigos. Com a creação do Ministerio da Agricultura, dirigiu os departamentos agricolas do mesmo no Estado de Minas, sendo, logo apóz, commissionado pelo governo do Dr. Wencesláu Braz para ir a Europa estudar a organisação do nosso ensino technico-profissional. Foi um dos fundadores da Escola de Engenharia de Bello Horizonte, onde obteve as cathedras de Historia Natural e depois de Chimica. Publicou os livros *A Politica da Gleba* e *Politica Economica*. E' o actual presidente da Sociedade Mineira de Agricultura. Foi eleito deputado federal em 1921.

FRANCISCO CAMPOS

Francisco Luiz da Silva Campos — Filho do Dr. Jacintho Alvares da Silva Campos, e de D. Azepulia Alves de Souza e Silva, nasceu no dia 18 de Novembro de 1891. Fez os seus estudos preparatorios no Instituto de Sciencias e Letras de São Paulo e no Gymnasio de Ouro Preto, nesta cidade. Formou-se pela Faculdade de Direito de Minas Geraes, em Bello Horizonte, na turma de 1914. Logo no anno seguinte, entrou em concurso para professor substituto da secção que comprehende, naquella escola, Economia Politica, Direito Administrativo e Sciencia das Finanças, não sendo nomeado muito embora fosse classificado em egualdade de condições com o candidato preferido. Em 1917, fez novo concurso para a secção de Direito Romano e Philosophia do Direito, sendo nomeado e chamado logo a reger a cadeira de Direito Publico e Constitucional, o que fez durante dois annos lectivo. Advogado e professor, começou a sua carreira politica como deputado estadual, eleito pelo Partido Republicano Mineiro, sendo, antes de terminado esse mandato, eleito deputado federal á presene legislatura (1921-1923). Publicou os seguintes trabalhos: *A doutrina da População, Natureza Juridica da Funcção Publica, O imposto progressivo, O Animus na Posse, Introducção Critica á Philosophia do Direito*. Exerce a advocacia.

GARIBALDI MELLO

Garibaldi de Castro Mello — Filho de Manoel da Costa Mello e D. Francisca Candida de Castro. Nasceu na cidade do Prata, Estado de Minas Geraes, no dia 4 de Junho de 1882. Fez os seus estudos preparatorios em São Paulo e em Bello Horizonte, abraçando depois a agricultura. E' fazendeiro no seu municipio natal, onde mantem, ha 16 annos, sob a sua direcção e propriedade o jornal *Cidade do Prata*, um dos mais importantes do Sul de Minas. Foi eleito deputado estadual, pela primeira vez, no governo do Dr. João Pinheiro, em 1906, sendo depois reeleito até o Partido Republicano Mineiro deliberar envial-o á Camara Federal, na presente legislatura. Foi devido á sua iniciativa no Congresso Mineiro que se realizou em Uberaba, durante o governo Bueno Brandão, a primeira Exposição Agro-Pecuaria do Triangulo Mineiro. Exerceu os cargos de presidente e agente executivo da Camara Municipal do Prata, voltando agora a occupal-os. E' actualmente o presidente do directorio de seu partido nessa cidade, onde não existem opposicionistas.

VALDOMIRO MAGALHAES

Valdomiro de Barros Magalhães — Nasceu em Passos, Minas Geraes, no dia 19 de Abril de 1883, filho do coronel Lucas Tobias de Magalhães e de D. Maria Candida de Barros Magalhães. Fez os seus estudos preparatorios em Monte Santo e depois em São Paulo, em cuja Faculdade de Direito se formou em 1906, sendo o orador da turma. Regressando á sua terra natal, abriu banca de advogado, tornando-se, como tal, conhecidissimo e muito considerado. Desde tenra idade abraçou a carreira politica, filiado ao Partido Republicano Mineiro, ao lado de seu pae, republicano da propaganda. Foi eleito deputado estadual, pela primeira vez, em 1907, e reeleito varias vezes. Em 1915, o seu partido enviou-o á Camara Federal, reelegendo-o até hoje. Em sua terra natal foi vereador, presidente da Camara Municipal e Agente Executivo. Desde academico dedicou-se ao jornalismo. Collaborou em varios jornaes de São Paulo e de Minas Geraes e foi redactor, durante longos annos do *Commercio e Lavoura* de Monte Santo. E' um dos chefes politicos de mais prestigio do seu Estado natal. Publicou, em volume, os seus trabalhos no Congresso Mineiro.

MELLO FRANCO

Afranio de Mello Franco — Natural do Estado de Minas Geraes, filho do senador estadual Dr. Virgilio de Mello Franco e D. Anna Leopoldina de Mello Franco, nascido a 25 de Fevereiro de 1870. Estudou humanidades em São João d'El-Rey e no Collegio Abilio, de Barbacena, e fez o curso de direito na Faculdade de S. Paulo, onde recebeu o gráo em 1891. Foi promotor de justiça nas comarcas de Queluz, Ouro Preto e Juiz de Fóra, no seu Estado natal, passando á magistratura federal, em 1894, como Procurador da Republica no mesmo Estado, e servindo então como secretario da Faculdade de Direito de Minas Geraes, de que foi um dos fundadores. Em 1896 foi nomeado secretario da Legação do Brasil em Montevidéo, onde exerceu cumulativamente, por algum tempo, o cargo de consul geral. Removido, em 1897, para Bruxellas, serviu nessa Legação até o anno seguinte, em que deixou a diplomacia para regressar ao Brasil. Em 1902 foi eleito deputado estadual ; mas, antes de terminar o seu mandato, foi eleito deputado federal pelo sexto districto de Minas, sendo reeleito em 1909, 1912, 1915 e 1918. Neste ultimo anno, em 7 de Setembro, assumiu as funcções do cargo de secretario de Estado dos Negocios das Finanças de Minas Geraes, tendo renunciado o mandato de deputado federal, e a 15 de Novembro do dito anno deixou o cargo de secretario de Estado, em Minas, para exercer o de Ministro da Viação e Obras Publicas no governo federal, com o vice-presidente Delfim Moreira e segundo quadriennio Rodrigues Alves. Eleito o Dr. Epitacio Pessôa para completar o quadriennio, pelo fallecimento do conselheiro Rodrigues Alves, deixou o Sr. Afranio de Mello Franco o cargo de ministro da Viação e Obras Publicas, em 29 de Julho de 1919, sendo nomeado, em Outubro do mesmo anno, para representar o Brasil na primeira Conferencia Internacional do Trabalho, reunida em Washington. Em sua ausencia nos Estados Unidos, foi o Sr. Mello Franco eleito, em Novembro de 1919, deputado federal pelo Estado de Minas, na vaga do Sr. Pandiá Calogeras, que fôra nomeado ministro da Guerra do Presidente Epitacio Pessoa. Em 1921, foi eleito, pela setima vez, deputado federal pelo seu Estado natal, sendo duas vezes na mesma legislatura de 1918-1920. Em 1917, no governo do Dr. Wenceslão Braz, foi nomeado Embaixador do Brasil na Republica da Bolivia, para a transmissão do mando ao Presidente Gutierrez Guerra, e, nesse caracter, foi recebido pelos governos do Uruguay, Argentina e Chile, tendo feito no Instituto dos Advogados de Buenos Aires uma conferencia sobre o Codigo Civil Brasileiro, de que foi relator geral, na ultima phase de sua elaboração legislativa. E' lente cathedratico de Direito Internacional Publico, na Faculdade de Direito de Bello Horizonte, e lente de psychologia e logica no Externato do Gymnasio Official de Minas Geraes e membro da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e outras associações, e professor da Academia de Altos Estudos, do Rio de Janeiro.

CAMILLO PRATES

Camillo Felinto Prates — Nasceu na cidade de Grão Mogol, Minas, no dia 29 de Dezembro de 1859. Foi professor de Mathematicas e Sciencias Physicas e Naturaes, na Escola Normal da cidade de Montes Claros, em 1880 ; deputado provincial de 1883 a 1889; presidente da Intendencia Municipal de Monte Claros em 1890. Fez parte da Constituinte Mineira, sendo ainda, durante annos, deputado e senador estadual. Deputado federal de 1904 a 1905, foi eleito novamente em 1909, e reeleito até esta data. E' um grande propagandista do "nacionalismo".

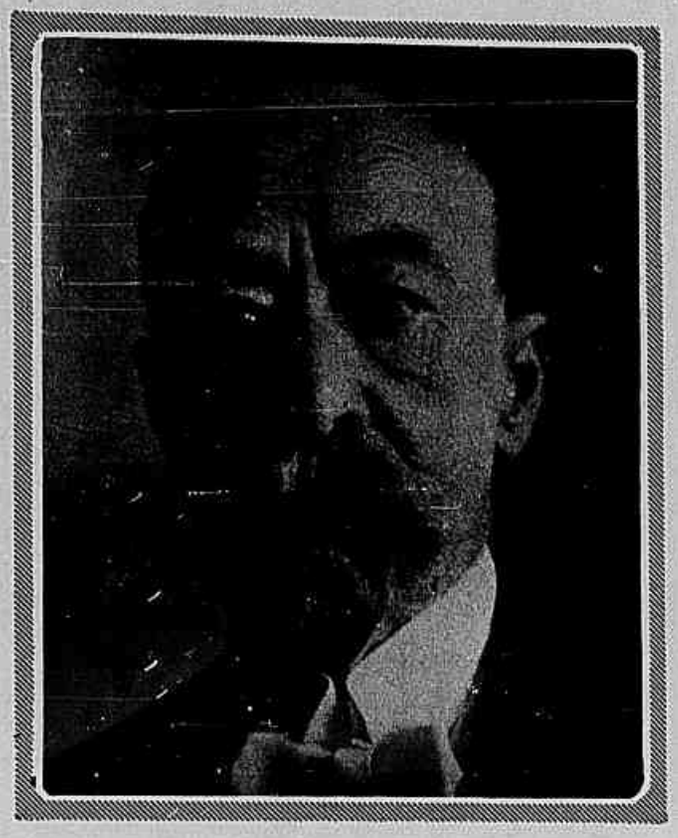
HONORATO ALVES

Honorato José Alves — Filho do coronel Marciano Alves e de D. Antonia Josephina Alves, nasceu no dia 10 de Novembro de 1869, em Diamantina, Estado de Minas. Fez os seus estudos preparatorios em Ouro Preto, formando-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1891. Clinicou em Monte Claros, onde foi presidente da Camara Municipal. Deputado estadual em 1902, veiu para a Camara Federal em 1906, sendo reeleito até hoje. Fez parte da Commissão de Constituição e Justiça da casa legislativa a que pertence.

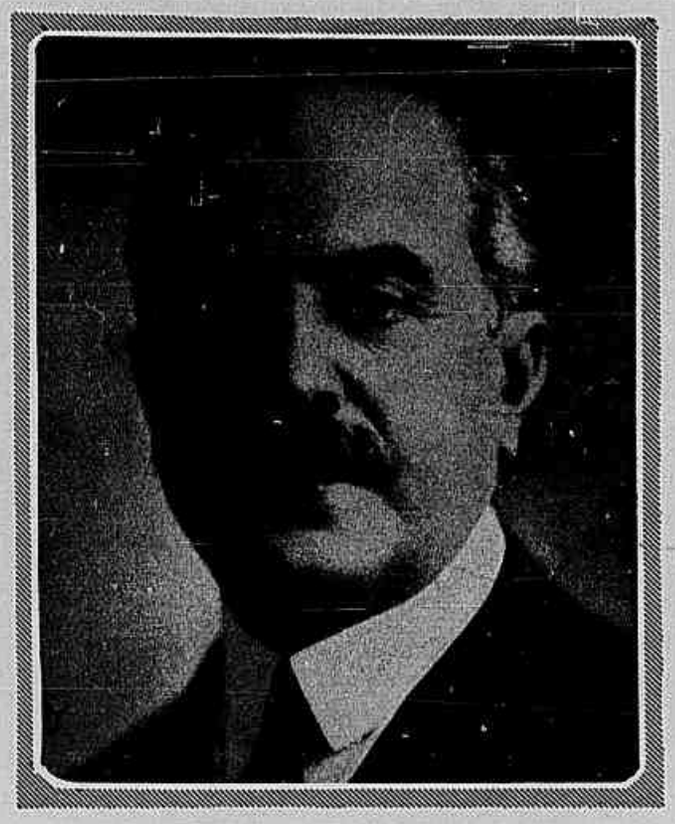
MANOEL FULGENCIO

Manoel Fulgencia Alves Pereira — E' o decano do Congresso Nacional, para o qual entrou em 1870. Filho do coronel Francisco Fulgencio e de D. Anna Pedra, nasceu no dia 13 de Junho de 1841. Orphão aos onze annos de edade, e sem recursos para cursar as escolas de ensino secundario e superior, dedicou-se apenas ao estudo do Latim e do Francez, de que se tornou professor. Começou a lutar pela vida como solicitador, chegando a obter, mediante provas de sufficiencia, a provisão de advogado vitalicio. Filiado ao Partido Conservador, e indicado pelo collegio eleitoral do municipio do Rio Pardo, foi eleito deputado provincial em 1870 e reeleito durante oito legislaturas consecutivas, em

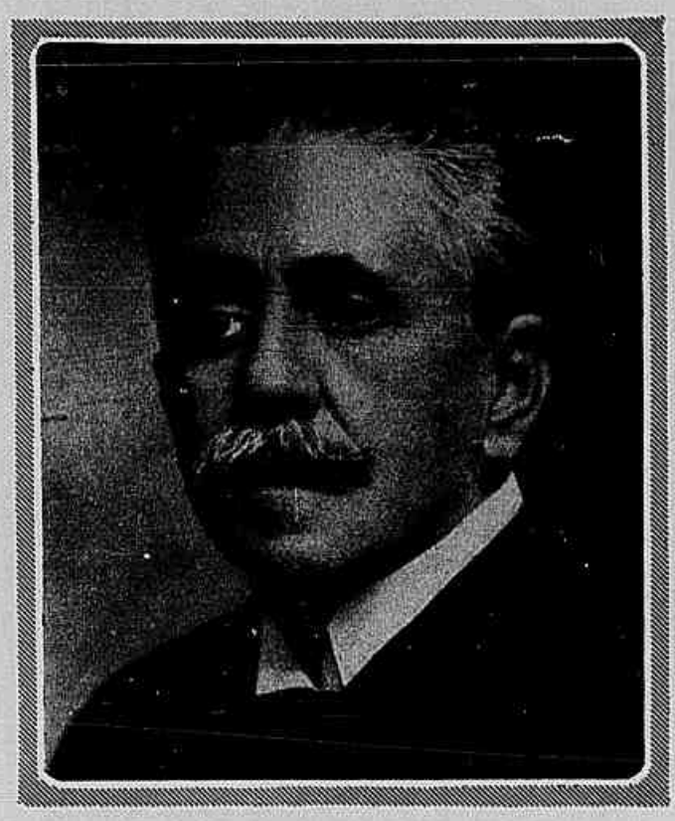
O CONGRESSO NACIONAL NO ANNO DO CENTENARIO



ALFREDO ELLIS



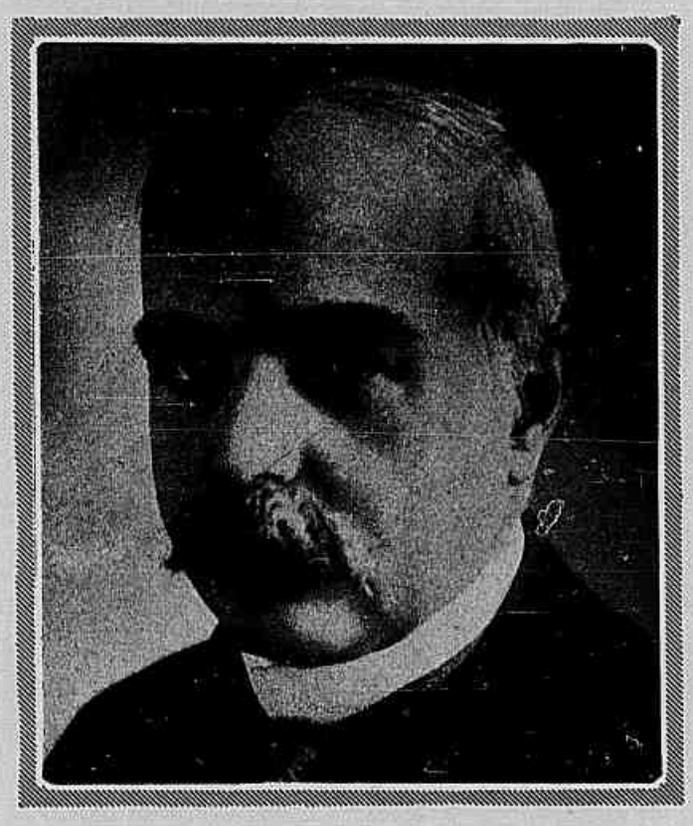
ALVARO DE CARVALHO



ADOLPHO GORDO



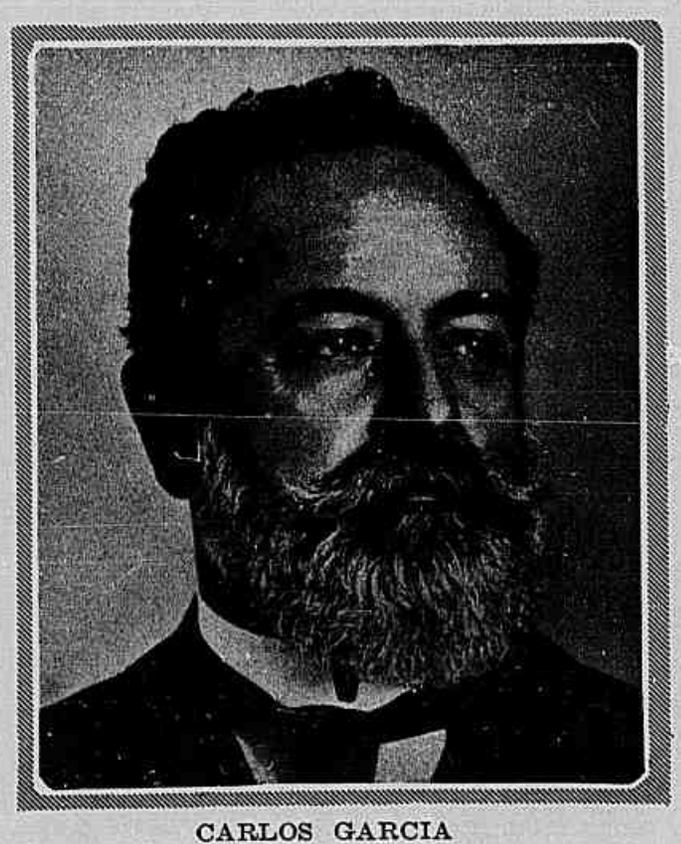
RAUL CARDOZO



FERREIRA BRAGA



CINCINATO BRAGA



CARLOS GARCIA



SALLES JUNIOR

ESTADO DE SÃO PAULO

uma das quaes como unico representante do seu partido. Proclamada a Republica, foi eleito deputado á Constituínte, e successivamente reeleito até agora, sem jámais soffrer qualquer contestação aos seus diplomas. Foi presidente da Camara Municipal de Arassuahy. E' actualmente fazendeiro e ainda exerce a advocacia.

NELSON SENNA

Nelson Coelho de Senna — Filho do Coronel Candido José de Senna e de D. Brasilina Coelho de Senna, nasceu no dia 11 de Outubro de 1876, na cidade do Serro, em Minas. Diplomado pela Escola Normal de Diamantina, completou , ao depois,, os seus estudos preparatorios no Rio, em São Paulo e em Ouro Preto, sendo, em Dezembro de 1894, nomeado, por concurso, amanuense da Secretaria de Policia. Matriculando-se na Faculdade de Direito de Minas Geraes, ahi se formou em 1897, em sciencias juridicas e sociaes. Antes disso, porém, em 1896, obteve, por concurso, a cadeira de Historia Universal e do Brasil, no Gymnasio Mineiro. Escriptor e jornalista, escreveu numerosas obras, fundou e redigiu diversos jornaes e revistas em Minas, e collaborou longos annos nos mais autorizados orgãos da imprensa carioca, entre os quaes o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Noticias*. Em 1906, prestigiado pelo saudoso Dr. João Pinheiro, foi eleito deputado pela 6ª circumscripção mineira, e reeleito em 1910. Exerceu numerosas delegações em congressos scientificos effectuados no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Bello Horizonte. Foi eleito á actual legislatura na vaga, por morte, do Dr. Francisco Badaró. Actualmente advoga e exerce o jornalismo, sendo tambem professor do Gymnasio Official e da Escola de Engenharia de seu Estado natal.

ALFREDO ELLIS

Alfredo Ellis — Nasceu em São Paulo, no dia 19 de Março de 1850. Muito moço ainda, partiu para os Estados Unidos da America do Norte, formando-se lá, em Medicina, pela Universidade da Pensylvania, no dia 13 de Março de 1869. Voltando ao seu Estado natal, dedicou-se á clinica e á cultura de café numa importante fazenda de São Carlos do Pinhal. Proclamada a Republica, foi eleito deputado á Constituinte Federal, e subscreveu a Magna Carta de 24 de Fevereiro de 1891, sendo, depois, reeleito ás primeira, segunda, terceira e quarta legislaturas da Camara dos Deputados. Em 1902, fallecendo o Dr. Moraes e Barros, foi eleito na sua vaga, para o Senado Federal, sendo reeleito para essa casa legislativa até hoje. E' o actual presidente da sua Commissão de Finanças.

ALVARO DE CARVALHO

Alvaro Augusto da Costa Carvalho — Nasceu em Piracicaba, Estado de São Paulo, no dia 23 de Setembro de 1865. Fez os seus estudos preparatorios no antigo Collegio Pedro II e depois no Collegio Moretzsohn, em seu Estado Natal, formando-se tambem ahi, na Faculdade de Direito, em 1886. Foi promotor publico da cidade do Rio Claro e secretario do Tribunal da Relação de São Paulo. Filiado ao Partido Conservador, foi exonerado desse cargo pela situação liberal, com o protesto de todos os desembargadores, que, aliás, em maioria, eram liberaes. Voltando á actividade politica, por occasião do golpe de Estado de 3 de Novembro, fez parte da Commissão Municipal do Partido Republicano na capital paulista, e foi eleito vereador e intendente de finanças. Eleito, pouco depois, deputado federal, renunciou a este mandato para ficar trabalhando na Camara Estadual a que já pertencia. Secretario do governo estadual do Dr. Campos Salles, exonerou-se desse cargo para acompanhar o general Francisco Glycerio na scisão do Partido Republicano Federal. Foi tambem secretario do Dr. Antonio Prado, prefeito de S. Paulo. Foi, depois disso, deputado federal ás 2ª, 5ª, 6ª, 7ª, 8ª e 9ª legislaturas, e *leader* da sua bancada. Entrou no Senado Federal, em 1919, na vaga do Conselheiro Rodrigues Alves. Foi tambem Curador de Orphãos nesta capital.

ADOLPHO GORDO

Adolpho Affonso da Silva Gordo — Nasceu em Piracicaba, S. Paulo, no dia 12 de Agosto de 1858. Fez os seus estudos preparatorios no Instituto Santista, e formou-se em Direito pela Faculdade de seu Estado natal em 1879. Abriu banca de advocacia em Capivary, e ao lado de Cesario Motta Junior consagrou-se desde logo á organização do Partido Republicano naquella zona. Mudando-se para São Paulo em 1886, foi eleito membro do directorio do Partido Republicano Paulista em 1888. Candidato de seu partido a uma cadeira na Camara, em 1889 (antes da Proclamação), perdeu a eleição, por cinco votos, no segundo escrutinio, não sendo, pois, reconhecido. Tomou parte activa na revolução de 15 de Novembro, e, victoriosa a Republica, foi nomeado presidente do Rio Grande do Norte, pelo governo provisorio. Quatro mezes após, tornando a São Paulo, fez parte da Commissão Directora de seu partido, até que este o enviou, como deputado, á Constituinte Federal. Fez sempre parte da Camara dos Deputados, excepto no periodo decorrente de 1903 a 1905. Foi *leader* da bancada paulista nessa casa legislativa. Em 1906 foi escolhido novamente para a Commissão Directora do P. R. P., e fallecendo o Dr. Campos Salles, em 1913, foi eleito para a sua vaga no Senado Federal, onde ainda se encontra. Fez parte da *dissidencia paulista,* nascida da scisão do seu partido, em face da candidatura do Dr. Altino Arantes á presidencia do Estado.

RAUL CARDOSO

Raul Renato Cardoso de Mello — Nasceu na capital do Estado de S. Paulo, no dia 25 de Fevereiro de 1876. Formando-se em Direito pela Faculdade de seu Estado natal, foi promotor publico de Pirajú (1896 a 1898). Lente cathedratico de Direito Commercial, foi eleito deputado federal á 8ª legislatura republicana, tendo o mandato renovado em 1915. Exerce a advocacia em S. Paulo.

FERREIRA BRAGA

Francisco Ferreira Braga — Filho de José Ferreira Braga e de D. Izabel Prestes Braga, nasceu no dia 25 de Fevereiro de 1867, em Sorocaba, Estado de São Paulo. Fez os seus estudos preparatorios nesta capital, formando-se pela nossa Escola Polytechnica, onde conquistou o premio *Morsing*. Em 1889 foi nomeado professor adjunto da secção de Mathematicas do curso preparatorio da Escola Militar do Rio de Janeiro, passando, no anno seguinte, a professor de Algebra no mesmo instituto. Em 1895 conquistou tambem a cadeira de lente substituto da Escola Naval, onde leccionou Mecanica Raconal, Calculo Differencial, Topographia, Balistica, Astronomia, etc. Em 1896 foi nomeado lente substituto interino da 1a secção do curso fundamental da Escola Polytechnica logar esse em que depois se tornou effectivo, por concurso a que se submetteu em 1898. Em 1911 foi nomeado lente cathedratico de Geometria Descriptiva e Topographia da Escola Naval, e em 1912 lente cathedratico da cadeira de Geometria Asalytica e Calculo Differencial e Integral da Escola Polytechnica. Foi engenheiro da Carta Cadastral do Rio de Janeiro e da Commissão Constructora de Bello Horizonte. Eleito deputado federal em 1906, tem sido reeleito até hoje.

CINCINATO BRAGA

Cincinato Cesar da Silva Braga — Nasceu em Piracicaba, São Paulo, no dia 7 de Julho de 1864. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo (1886) e logo em seguida foi nomeado promotor publico de S. Carlos do Pinhal, onde tambem desde cedo começou a advogar. E' membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e foi um dos fundadores do de São Paulo. Proclamada a Republica, foi eleito deputado federal á primeira legislatura (27 de Abril de 1892), na vaga de Luiz Pereira Barreto, e até a actual tem sido sempre reeleito, excepto para a de 1903 a 1905 (5ª). Foi um dos chefes da campanha civilista de 1910, que fez ao lado do Conselheiro Ruy Barbosa. Filiado á Dissidencia Paulista desde 1898, deixou em 1916 o posto de *leader* da sua bancada, em consequencia da candidatura do Sr. Altino Arantes á presidencia de São Paulo. Na Camara tem feito sempre parte da Commissão de Finanças, onde os seus pareceres sobre os negocios do Ministerio da Agricultura adquiriram fama até fóra do paiz. Em 1921, cosjuntamente com o Sr. Raul Fernandes, representou o Brasil no Conselho Executivo da Liga das Nações, reunido em Genebra, na Suissa.

CARLOS GARCIA

Carlos Augusto Garcia Ferreira — Filho de Francisco Garcia Ferreira e de D. Cesaria A. Garcia, nasceu na capital do Estado de São Paulo no dia 13 de Agosto de 1861. Fez os seus estudos preparatorios em São Paulo mesmo, e formou-se em sua Faculdade de Direito em 1882. Teve ingresso na politica na propaganda republicana, e foi o primeiro intendente da capital de seu Estado, nomeado pela Junta Republicana victoriosa em 15 de Novembro de 1889. Eleito deputado federal á Constituinte de 1890, foi ainda, em 1893, nomeado coronel honorario do Exercito pelo glorioso marechal Floriano Peixoto, após haver commandado a praça de guerra de Tatuhy. Foi vereador á Camara Municipal de S. Paulo (1905) e exerceu o mandato de deputado tambem ás 1ª, 2ª, 6ª, e 7ª legislaturas republicanas (1892-1894-1909-1911). Em 1916 voltou á Camara Federal, eleito na vaga do Dr. Cardoso de Almeida, e até hoje tem sido reeleito. Exerce a advocacia.

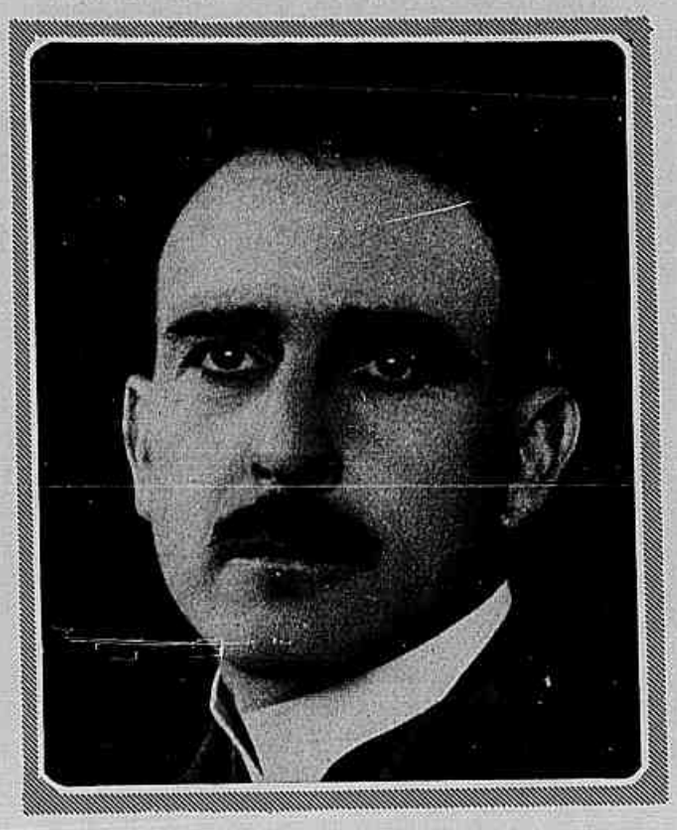
SALLES JUNIOR

Antonio Carlos de Salles Junior — Filho de Antonio Carlos de Salles e D. Anna Coutinho Salles, nasceu no dia 22 de Janeiro de 1884, na cidade de Campinas, Estado de São Paulo. Feitos os estudos preparatorios, formou-se pela Faculdade de Direito de seu Estado, onde foi laureado em 1905. Foi redactor das folhas academicas *A E'poca* e a *Justiça*. Ainda estudante, redigiu tambem o manifesto de apresentação da candidatora de Campos Salles á presidencia da Republica. Foi eleito deputado ao Congresso Legislativo de São Paulo em 1910, sendo reelecto em 1913 e 1916, anno em que veiu para a Camara Federal, na vaga do Dr. Candido Motta, e ahi ainda hoje se encontra. Nesta casa legislativa tem feito sempre parte das commissões permanntes mais importantes, e foi membro da Commisão Especial de Reformas Tributarias que elaborou a melhor reforma das tarifas aduaneiras até agora conhecidas no paiz. Exerce a advocacia.

O CONGRESSO NACIONAL NO ANNO DO CENTENARIO



JOSE' ROBERTO



AMARAL CARVALHO



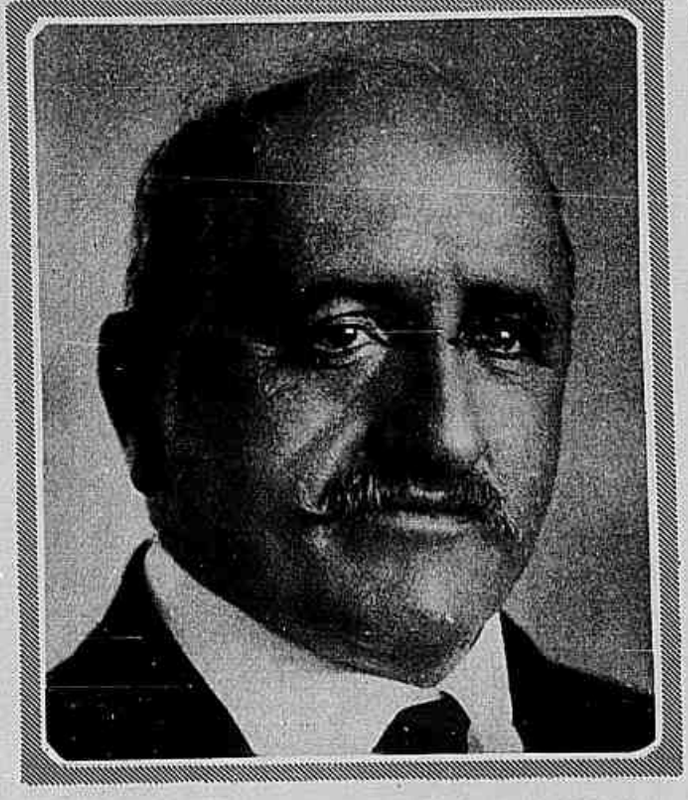
ALBERTO SARMENTO



ELOY CHAVES



BARROS PENTEADO



MARCOLINO BARRETO



PRUDENTE DE MORAES FILHO



PALMEIRA RIPPER



JOÃO DE FARIA

ESTADO DE SÃO PAULO

JOSE' ROBERTO

José Roberto Leite Penteado — Nasceu em São Paulo, Capital de seu Estado, no dia 27 de Março de 1858. Ahi fez os seus estudos preparatorios, formando-se na Faculdade de Direito em 1882. Foi Promotor Publico de Atibaia e de Tatuhy, e depois Juiz substituto da comarca especial de Mogy das Cruzes. Foi professor cathedratico de Francez na Escola Normal de São Paulo. Em 1892 exerceu pela primeira vez o cargo de Delegado de policia da Capital do Estado, e na qualidade de Major ajudante de ordens da Guarda Nacional prestou serviços á legalidade, na revolta de 1893. Eleito vereador á Camara Municipal Paulista, foi Intendente de Hygiene e Policia. Em 1901 voltou a occupar o cargo de Delegado de Policia, e posteriormente de 1º Delegado Auxiliar do Estado. Occupou tambem, interinamente do chefe effectivo Dr. Antonio de Gody. Eleito deputado ao Congresso do Estado em 1907, foi reeleito successivamente até 1918. Nesse, anno veiu para a Camara Federal onde ainda se encontra.

AMARAL CARVALHO

Antonio Pereira do Amaral Carvalho — Filho de Domingos Pereira de Carvalho e D. Anna Marcellino de Carvalho, nasceu no dia 9 de Agosto de 1876, em Jabú, Estado de São Paulo. Fez os seus estudos preparatorios no Seminario Episcopal e no Collegio Ivahy, em seu Estado natal. Formou-se em Pharmacia e depois em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Vereador á Camara Municipal de Jahú, teve ingresso na politica como candidato independente, em 1921, á Camara Federal. Em 1909 representou o Brasil no Congresso de Medicina e Cirurgia de Budapesth. E' lavrador e clinico, e foi commissario de café em Santos. Ex-director do Hospital de Misericordia de Jahú, ex-cirurgião da Beneficencia Portugueza do Ro de Janeiro; cirurgião do Hospital da Santa Casa de Bocaína; director clinico da Maternidade de Jahú. Foi eleito deputado federal, pela primeira vez, á actual legislatura.

ALBERTO SARMENTO

Alberto Sarmento — Nasceu a 10 de Abril de 1864, na Cidade de Mogy-Mirim, Estdao de São Paulo. Filho de José Joaquim de Moraes Sarmento e D. Anna Thereza Duarte Sarmento. De 1875 a 1881 foi empregado no Commercio; de 1882 a 1889 fez a propaganda Republicana na Imprensa e na tribuna. Em 1887, publicou os *Crimes Ceebres*. Fez parte da Redacção do *Diario de Campinas*, collaborou em jornaes de São Paulo e Rio, exerceu o magisterio; em 1889, fundou a *Protectora dos Pobres*, por occasião da grande epidemia da febre amarella em Campinas e fez parte da grande Commissão de soccorros publicos na mesma occasião. Foi um dos fundadores do Asylo de Orphãos, do Asylo de Invalidos e da Liga Operaria da mesma cidade. Em 1889, Promotor Publico interino; em 1890, publicou trabalhos sob os titulos: *Nova Patria;* Separação da Igreja do Estado; Organisação Municipal; Os partidos politicos. Em 1890, convidado para 2º Secretario de Legação, não acceitou. Começou a advocacia em 1892. Em 1893 seguiu com as forças expedicionarias, como Capitão do 32º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, para a fronteira do E. de São Paulo e para o E. do Paraná, por occasião da Revolta da Armada. Em 1894, promovido a Major Honorario do Exercito. Em 1897, foi eleito Deputado Estadoal. Em 1903 foi convidado para o cargo de Chefe de Policia de São Paulo, não acceitou. Em 1904, Vereador da Camara Municipal de Campinas; eleito Prefeito da mesma Cidade, em 1904, não acceitou. A 3 de Maio de 1906, foi eleito Deputado Federal por São Paulo; fez parte das Commissões do Codigo Florestal. Codigo de Aguas, Explorações de minas. Foi durante a "Grande Guerra" presidente da Commssão de Diplomacia e Tratados, logar que ainda exerce actualmente. Publicou as seguintes monographias *Caixa de Conversão, Trafico de Brancas, A questão Florestal, Discursos, O Brasil na Guerra, Os navios Allemães, A Black-List, O Tratado da Paz, A posse dos Navios Allemães, A Guerra Européa, O Armisticio,* etc. Foi convidado para ministro das Relações Exteriores no governo do Dr. Epitacio Pessoa, em 1919, convite a que não poude attender. Foi condecorado, pelo Governo Francez, com as insignias de Commendador da Legião de Honra; por sua Majestade o Rei dos Belgas, Alberto I, com as insignias de Grande Official da Ordem de Leopoldo II; por sua Majestade o Rei da Italia, com as insignias de Commendador da Ordem da Corôa. E' socio correspondente da Associação de Jornalistas do Porto; socio benemerito da Real Sociedade de Beneficencia Portugueza de Campinas, do Circolo Italiani Uniti e do Asylo de Invalidos, da mesma cidade. E' deputado federal de 1906, até agora.

ELOY CHAVES

Eloy de Miranda Chaves — Filho do Coronel José Guilherme de Miranda Chaves e de D. Candida Macondes Chaves, nasceu no dia 27 de Dezembro de 1876, na cidade de Pindamonhangaba, E. de São Paulo. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio Menezes Vieira e no Internato Pedro II, formando-se, em 1895, na Faculdade de Direito de São Paulo. Teve ingresso na politica, aos 22 annos de idade, chefiando a opposição em Jundiahy Vencida a campanha, foi eleito vereador e vice-presidente da Camara dessa Municipalidade, onde, até agora, e ininterruptamente, occupa a sua antiga cadeira. Deputado federal em 1903, representou successivamente o 2º districto de São Paulo até 1913, anno em que renunciou o seu mandato para occupar o logar de Secretario da Justiça e Segurança Publica em São Paulo, na administração do Conselheiro Rodrigues Alves, e depois na do Dr. Altino Arantes. Exerceu, interinamente, tambes as pastas das Secretarias do Interior e da Agricultura de seu Estado. E' grande industrial, fazendeiro e criador. Acompanhou sempre, no Estado, a bandeira politica dos Srs. Conselheiro Rodrigues Alves e Lacerda Franco. Voltou á Camara Federal na passada legislatura.

BARROS PENTEADO

Joaquim Augusto de Barros Penteado — Filho de Manoel de Toledo Barros e D. Maria Augusta Penteado de Barros, nasceu no dia 3 de Agosto de 1872, em Limeira. E. de São Paulo. Formou-se pela Faculdade de Direito de seu Estado natal, em 1894. Antes de formar-se, em 93, prestou serviços á legalidade, alistando-se no Batalhão Academico. Advogado desde essa data, foi vereador á Camara Municipal de Limeira, seu agente executivo, e deputado estadoal em 1904. Veiu para á Camara Federal, eleito á 6ª legislatura (1906—1908) sendo reeleito até hoje. Exerce a advocacia e o jornalismo, tendo redigido, em sua terra, o *Limeirense*. E' o actual vice-presidente da Commissão de Instrucção Publica da Camara a que pertence.

MARCOLINO BARRETO

Marcolino Lopes Barreto — Filho de Manoel Barreto Pedroso e D. Rita Maria Conceição Barreto, nasceu em Mogy-Mirim, E. de São Paulo, no dia 12 de Abril de 1862. Feitos os seus estudos preparatorios, e ainda muito joven, iniciou a sua carreira politica, alistando-se nas fileiras do Partido Republicano de 1880. O Governo Povisorio da Republica nomeou-o logo, no dia 16 de Novembro de 1889, delegado de policia e a seguir intendente de S. Carlos do Pinhal. Militando sempre nas hostes do Partido Republicano Paulista, foi vereador, presidente da Camara e prefeito de S. Carlos. Em 1912, veiu para a Camara Federal onde se encontra até hoje. Em 1893 commandou o 86º Batalhão da Guarda Nacional em defesa da legalidade. No começo de sua vida foi commerciante e comprador de café. E', actualmente, proprietario e fazendeiro importante.

PRUDENTE DE MORAES

Prudente de Moraes Filho — E' filho do saudoso e illustre Dr. Prudente de Moraes, primeiro presidente da Republica Brasileira eleito directamente pelo suffragio popular, e que foi tambem o presidente do Congresso Constituinte Republicano. Nasceu no dia 29 de Dezembro de 1874, em Piracicaba, E. de São Paulo, em cuja Faculdade de Direito iniciou o seu curso, formando-se depois, pela Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro. Concluido o seu curso pelo qual obteve o premio "Dr. Manoel Portella", foi nomeado official de gabinete da Presidencia da Republica de seu pae. Dahi sahiu para praticar a advocacia no escriptorio do Dr. Inglez de Souza. Não acceitou o cargo de procurador da Republica para que foi nomeado em 1899. Membro effectivo do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, faz parte tambem da Sociedade Brasileira de Direito Internacional e é socio correspondente do Instituto de Direito Comparado de Bruxellas. Cathedratico da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, hoje incorporada a Universidade do Rio de Janeiro, foi eleito deputado federal á 8ª legislatura, e successivamente até agora. Foi membro conspicuo da Commissão Especial do Codigo Civil em vigor e de outras commissões importantes da Camara. Foi arbitro e advogado de diversos Estados nas suas questões de limites, Minas e Espirito Santo, Goyaz e Matto Grosso, além de outros. Exerce a advocacia.

PALMEIRA RIPPER

Arthur Palmeira Ripper — Nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro no dia 26 de Fevereiro de 187., aqui estudou e se formou em nossa Faculdade de Medicina. Indo clinicar em São Paulo, ahi constituiu familia. Inspector sanitario da Capital Paulista e após exercer outras commissões technicas, foi, em 1904, nomeado ajudante do Instituto Bactereologico. Em 1905, dimittiu-se desse cargo para ser eleito deputado federal, e o foi á 6ª legislatura (1906—1908) sendo ao depois sempre reeleito. Na Camara Federal fez parte, entre outras commissões, da de Saude Publica que elaborou o projecto de lei, depois victorioso, creando o actual Departamento Nacional daquelle nome, e da de Reformas Tributarias que organizou o melhor projecto de reforma das tarifas aduaneiras até hoje conhecido no paiz. Exerceu a clinica medica.

JOÃO DE FARIA

João de Faria — Filho de José Francisco de Faria e D. Francisca Flausina de Faria, nasceu

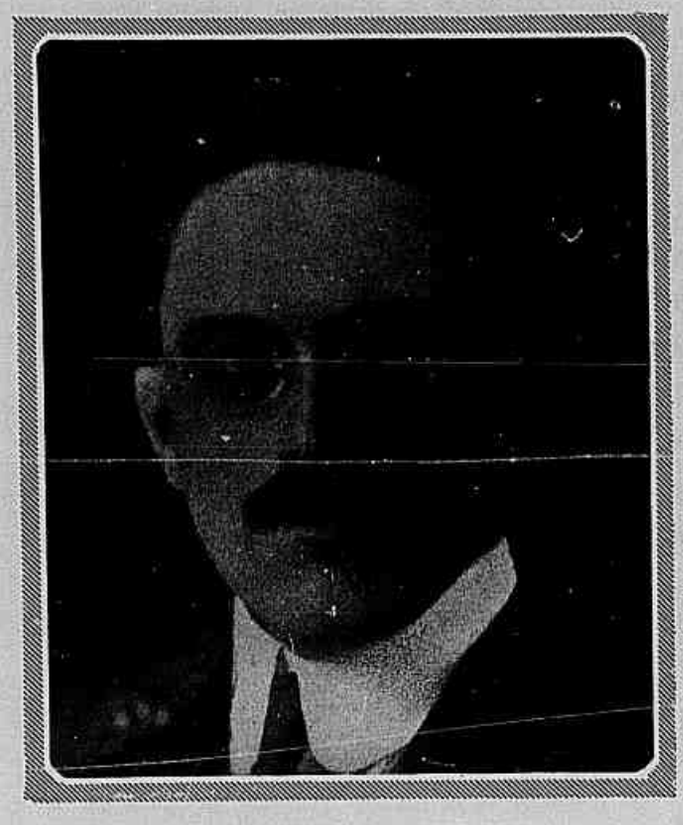
O CONGRESSO NACIONAL NO ANNO DO CENTENARIO



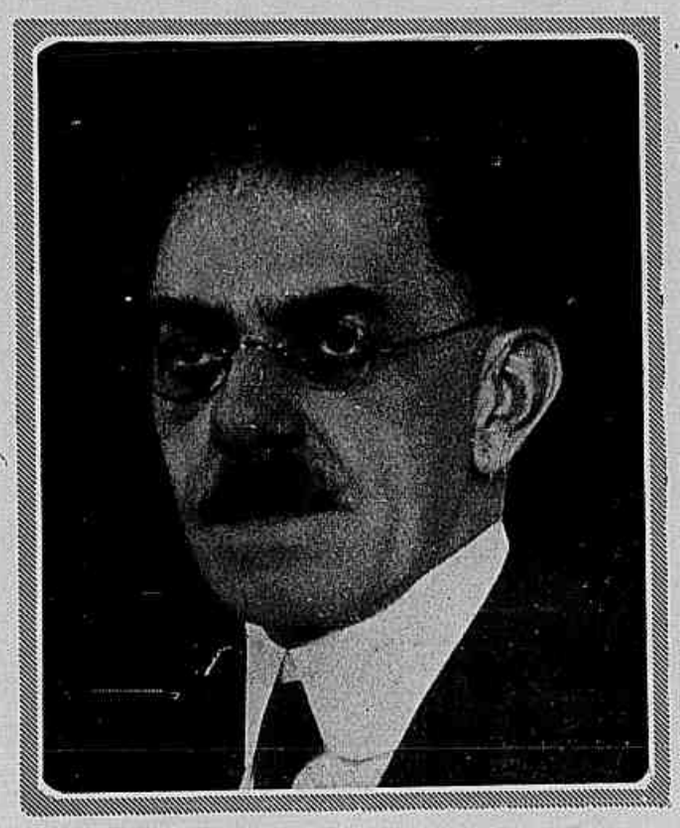
JOSE' LOBO



SAMPAIO VIDAL



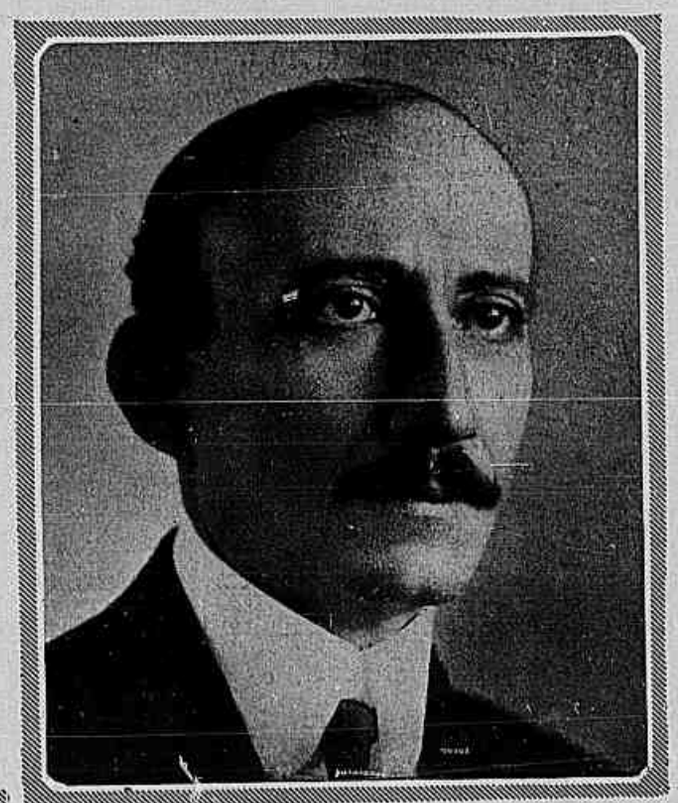
ALTINO ARANTES



ARNOLFO AZEVEDO



CARLOS CAMPOS



RODRIGUES ALVES FILHO



MANOEL VILLABOIM



PEDRO COSTA

ESTADO DE S. PAULO

em Itajubá, E. de Minas Geraes, no dia 18 de Novembro de 1862. Fez os seus estudos preparatorios no Rio e em São Paulo, e formou-se em Direito na Faculdade deste Estado em 1886. Advogado e lavrador em França, São Paulo, foi eleito deputado á Camara do Estado em 1892, e á Federal em 1894, filiado sempre ao Partido Republicano Paulista. Foi presidente da Camara Municipal de França, durante oito annos. Foi redactor e proprietario do *Nono Districto*, desde a propaganda republicana, de 1887 a 1889 até 1895; e redactor do *Diario de França*, tendo como companheiros o Dr. Julio Cardoso e Alvaro Abranches Lopes (Leão d'Alva) ambos já fallecidos. E' actualmente lavrador em Sertãozinho, São Paulo. Renunciou o seu mandato á Camara Federal no dia 19 de Dezembro de 1894. Voltou a essa casa legislativa em 1915, e até agora tem sido reelei'to.

JOSE' LOBO

José Manoel Lobo — Filho do maestro Elias Alvares Lobo e D. Eliza Alvares Lobo, nasceu em Itú, Estado de São Paulo, no dia 1º de Outubro de 1864. Formou-se em Direito (1886) pela Faculdade de seu Estado natal, e foi exercer a sua profissão em Campinas, onde occupou o cargo de Juiz de Paz e Casamentos. Eleito deputado federal em 1903, tem sido reeleito até agora. Na Camara tem feito parte de diversas commissões importantes, e é ainda o presidente da de Tomadas de Contas e da Commissão Especial de Legislação Social que organizou as primeiras theses sobre essa materia no Brasil republicano. Exerce a advocacia.

SAMPAIO VIDAL

Raphael de Abreu Sampaio Vidal — Natural de Campinas, Estado de São Paulo. Formou-se, em 1891, pela Faculdade de Direito desse Estado, dedicando-se á advocacia e tambem á cultura de café e á criação. Em 1910, eleito deputado ao Congresso Estadual, ahi esteve dois annos, sahindo, a convite do saudoso conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, para a pasta da Secretaria da Justiça. Nesse mesmo governo estadual foi ainda Secretario da Fazenda, até que no fim do quadriennio se afastou desse alto cargo, por divergencias politicas. Organisou a Bolsa Official de Café e a Caixa de Liquidação, fazendo ainda outras importantes reformas no apparelho economico de São Paulo. Os primeiros Armazens Geraes do Brasil que praticaram a *warrantagem* de mercadorias foram fundados na sua administração. Foi eleito deputado federal, pela primeira vez, em 1917, e até hoje tem sido reeleito. Em 1918 defendeu na Camara um seu projecto de lei creando o Banco de Emissão e Redesconto, e em 1920 estabeleceu bases para a defesa do café, que foram consagradas pela mensagem presidencial de Outubro de 1921, e das quaes resultou o Instituto de Defesa Permanente do Café. E' director de algumas emprezas importantes em São Paulo.

ALTINO ARANTES

Altino Arantes Marques — Filho do coronel Francisco Arantes Marques e D. Maria Carolina Arantes, nasceu em Batataes, Estado de São Paulo, no dia 29 de Setembro de 1876. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio de S. Luiz, de Itú, e aos dezeseis annos de idade matriculou-se na Faculdade de Direito de seu Estado, onde se formou em 1895. Abrindo banca de advocacia em sua cidade natal, dentro em breve encontrou constituintes em todo o Estado, sendo, então, attrahido á politica. Eleito deputado federal á 6ª legislatura, foi reeleito tambem para a seguinte (1909 a 1911). Neste ultimo anno deixou a Camara para ir occupar a pasta da Secretaria do Interior em São Paulo (1912 a 1916). Quando se tratou da escolha do governo do quadriennio seguinte, o seu nome foi escolhido para companheiro de chapa do saudoso Dr. Rubião Junior, como candidato á Vice-Presidencia. Fallecendo durante a propaganda eleitoral o referido candidato á presidencia, foi escolhido para succedel-o e assim tornar-se o successor do conselheiro Rodrigues Alves no governo paulista. Eleito pelo Partido Republicano do Estado, tomou posse da presidencia no dia 1º de Maio de 1916. Em 1920, concluido o seu periodo governamental, foi, na primeira vaga, reenviado á Camara Federal, onde se encontra.

ARNOLFO AZEVEDO

Arnolfo Rodrigues de Azevedo — Filho dos Barões de Santo Eulalio, nasceu no dia 11 de Novembro de 1868, na cidade de Lorena São Paulo. Fez os seus estudos preparatorios nos collegios Moretzsohn, de seu Estado natal, e Menezes Vieira, do Rio. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1890. Advoga em Lorena desde Setembro de 1892, e ahi foi tambem promotor publico de 30 de Março a 30 de Julho de 1892. Eleito deputado ao Congresso Estadual (1895-1899), occupou tambem a presidencia da Camara Municipal de sua cidade (1892 a 1910), onde ainda serviu á legalidade como coronel commandante superior da Guarda Nacional, de 18 de Julho de 1893 a 3 de Outubro de 1904, e desde esse dia e anno foi o commandante da 145ª Brigada de Infantaria até 1908. Eleito deputado federal á 5ª legislatura (1903) tem sido reeleito até hoje. Occupou na Camara o cargo de 1º Vice-Presidente, ao qual renunciou em 1909, por motivo da luta politica das candidaturas ao quadriennio de 1910-1914. Desde então fez sempre parte da Commissão de Constituição e Justiça, onde se distinguiu invulgarmente pelos pareceres que elaborou sobre importantes e diversos assumptos. Occupou a presidencia da Camara, por unanime indicação de seus pares, em 1921, sendo reeleito nesse alto cargo para o corrente anno. Foi Vice-Presidente da Convenção Nacional de 1921.

CARLOS DE CAMPOS

Carlos de Campos — E' filho do saudoso republicano historico Dr. Bernardino de Campos. Nasceu em São Paulo no dia 6 de Agosto de 1866. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio Amor á Sciencia, de Amparo, no Collegio Internacional, de Campinas, e no Collegio Morton, de sua cidade natal em cuja Faculdade de Direito se formou em 1887. Nesse mesmo anno seguiu para o Amparo, onde assentou banca de advocacia e foi, em 1889, intendente municipal. Foi eleito deputado ao Congresso Paulista, pela primeira vez, em 1895. No governo Campos Salles, em 1897, occupou a pasta da Secretaria da Justiça do Estado. Voltando a fazer parte da Camara Estadual em 1902, foi eleito seu vice-presidente, e em 1907 presidente em substituição ao Dr. Rubião Junior. Nesse alto posto esteve até 1915, anno em que, a 20 de Fevereiro, foi eleito senador estadual, exactamente para a cadeira de seu illustre pae, a quem ainda substituiu como membro da Commissão Directora do Partido Republicano Paulista. Veiu para a Camara Federal em 1918, e ahi tem sido, por vezes, *leader* da sua bancada e da maioria dessa casa legislativa, e ainda presidente da Commissão de Finanças. Exerce o jornalismo e ha 15 annos é o director do *Correio Paulistano*. E' tambem membro da Academia Paulista de Letras e foi director do Conservatorio Dramatico e Musical de São Paulo. Ainda advoga.

RODRIGUES ALVES

Francisco de Paula Rodrigues Alves — E' filho do benemerito estadista Conselheiro Rodrigues Alves, que foi o primeiro presidente da Republica reeleito no Brasil. Nasceu em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, no dia 3 de Outubro de 1879. Fez os seus estudos preparatorios no Collegio São Luiz Gonzaga, de Petropolis, e no Externato Aquino, desta capital. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1901, obtendo o premio, pelo seu curso distincto, de "Viagem á Europa", e ainda o do retrato, no Pantheon da Escola. Exerceu desde logo a advocacia e o jornalismo em sua terra natal, fazendo parte do *Correio Paulistano*. Em Novembro de 1902 foi nomeado secretario da Presidencia da Republica, no governo de seu pae, cargo que exerceu até 1905, quando o deixou afim de se desincompatibilisar para as eleições federaes. Veiu para a Camara, pela primeira vez, em 1906, e tem sido reeleito até hoje. E' membro da Commissão de Finanças, onde relata o Orçamento da Agricultura, e já o foi, tambem, da Commissão de Constituição e Justiça, além de outras.

MANOEL VILLABOIM

Manoel Pedro Villaboim — Nasceu na Bahia, municipio de Cachoeira, no dia 16 de Julho de 1867, filho do Conselheiro Manuel Pedro Alvares Moreira Villaboim e de D. Umbelina de Oliveira Passos Villaboim. Obtendo permissão, por lei, para inscrever-se sem a edade exigida pelo regulamento então em vigor, matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife, em 1882, formando-se ahi em 1885. Nesse anno foi nomeado promotor publico da capital da provincia do Espirito Santo, até que em 1889 obteve a nomeação, nesse mesmo Estado, de Juiz Municipal de Cachoeiro do Itapemirim, e em 1890 a de Juiz de Direito da comarca de Itabapoana. Em 1891 obteve a nomeação de lente substituto da cadeira de Theoria e Pratica do Processo, na Faculdade de Direito de São Paulo, e em 1892, após brilhante concurso, passou a cathedratico de Direito Administrativo e Sciencia da Administração na mesma Faculdade. Advogando desde 1891 em São Paulo, começou a fazer politica, e em 1897, por occasião da scisão do Partido Republicano Federal, collocou-se ao lado do saudoso general Francisco Glycerio. Fazendo politica, mais tarde, sob a orientação do fallecido senador Pinheiro Machado, foi, em opposição, eleito deputado estadual (1910 a 1913) e depois federal (1915), conservando-se na Camara até hoje, já filiado ao Partido Republicano Paulista. Foi director do jornal *A Nação* e exerce a advocacia.

PEDRO COSTA

Pedro Luiz de Oliveira Costa — Nasceu em Taubaté, Estado de São Paulo, no dia 29 de Junho de 1877. Formou-se na Faculdade de Direito de seu Estado, em Sciencias Sociaes, em 1895, e em Sciencias Juridicas, em 1896. Advogou em Taubaté, onde, desde 1905, fez politica. Em 1906 conseguiu vencer o partido dominante local, e em 1907 foi eleito deputado estadual, e reeleito, successivamente, ás quatro posteriores legislaturas. Prefeito de Taubaté em 1915, exerceu esse cargo até 1916, voltando depois, novamente, ao Congresso Estadual. Foi eleito deputado federal, pela primeira vez, em 1918 (1º de Março) na vaga do Dr. Costa Junior, que fôra o seu candidato no pleito em que batera o governo em 1906. E' actualmente membro da Commissão de Poderes. Exerce a advocacia.

A CONSTITUIÇÃO REPUBLICANA

ANTIGA colonia de Portugal, de que se emancipou a 7 de Setembro de 1822, o Brasil conservou, por occasião da Independencia, a legislação da Metropole que tinha a sua origem no Direito Romano e nos velhos costumes da peninsula iberica. Só a 25 de Março de 1824 é que foi promulgada a Constituição politica do Imperio, inspirada, em muitos pontos, nas doutrinas do escriptor francez Benjamin Constant e no liberalismo então em moda em quasi todas as nações da Europa.

Como fórma de governo adoptou-se a monarchia constitucional representativa, sob o regimen do governo parlamentar.

O Poder Legislativo era exercido por uma Camara de Deputados, eleita por quatro annos, e por um Senado vitalicio; o Executivo pelo Imperador, sob a responsabilidade dos Ministros; o Judiciario, por magistrados vitalicios. Havia ainda, além desses tres Poderes, o poder Moderador, exercido directamente pelo Imperador.

A religião do Estado era a catholica, sendo toleradas, porém, todas as outras, que podiam exercer o seu culto livremente.

As Provincias eram administradas por presidentes nomeados pelo governo imperial, os quaes nellas exerciam o Poder Executivo, ficando o Legislativo a cargo das Assembléas provinciaes, que tinham competencia para legislar sobre tudo que dissesse respeito á administração da provincia.

Sob este regimen viveu o Brasil até 15 de Novembro de 1889, data em que foi proclamada a Republica. Constituido o Governo Provisorio, foi convocada uma Constituinte e a 24 de Fevereiro de 1891 era promulgada a Constituição Federal da Republica dos Estados Unidos do Brasil. E' a que nos rege desde então, e, apezar dos esforços empregados pelos adeptos da sua reforma, tal qual entrou em vigor em 81, como Lei basica do regimen por ella adoptado — a fórma republicana federativa.

Vejamos, ainda que de relance, os seus principios fundamentaes:

As antigas provincias passaram a ser Estados federados, constituindo a cidade do Rio de Janeiro, capital do Imperio, Districto Federal, administrado pelo governo da União e pelas autoridades municipaes.

Separou-se, no planalto central do Brasil, uma zona de 14.000 kilometros quadrados para ser nella construida a futura cidade que deverá ser a capital da Republica. A estructura geral da Federação, as relações entre os Estados e a União, bem como a organização e distribuição dos poderes publicos, têm por base, em suas linhas geraes, o systema da Constituição dos Estados Unidos da America do Norte, que serviu de modelo, com poucas alterações, ao nosso regimen constitucional.

Os Estados federados têm a faculdade de legislar sobre os assumptos que não forem expressamente reservados para a União, cabendo-lhes prover, a expensas proprias, ás necessidades da sua administração e governo, da sua organização politica; podendo promulgar a sua Constituição, que não deve ir de encontro aos preceitos da Constituição Federal. São autonomos, sendo vedado á União o intervir em seus negocios internos, a não ser, excepcionalmente, nos casos previstos expressamente para: *a*) Repulsa de invasão estrangeira ou de um Estado federado em outro; *b*) Manutenção da fórma republicana federativa; *c*) Restabelecimento da ordem nos Estados, á requisição dos respectivos governos; *d*) Execução das leis e sentenças emanadas dos poderes federaes.

E' objecto de disposições especiaes da Constituição Federal a discriminação das rendas entre os Estados e a União; a esta pertencem, privativamente: 1) Os impostos de importação sobre mercadoria de procedencia estrangeira; 2) Os direitos de entradas e sahidas de navios; 3) Taxa de sellos para os serviços de natureza federal; 4) Taxa de Correios e Telegraphos.

Aos Estados compete crear impostos: 1) Sobre a exportação de mercadorias de sua propria procedencia; 2) Sobre a propriedade immovel, rural e urbana; 3) Sobre a transmissão de propriedade; 4) Sobre as industrias e profissões.

Cabe ainda privativamente á União legislar sobre o peso, o valor, a inscripção, o typo e a denominação da moeda, sobre bancos de emissão, fixar o padrão dos pesos e medidas que têm de ser adoptados em toda a Republica; regular o commercio internacional, bem como o dos Estados entre si e com o Districto Federal, Alfandegas, portos e crear ou supprimir entrepostos.

Pertencem aos Estados as minas e as terras devolutas dos seus respectivos territorios, cabendo á União apenas a porção de terra que for indispensavel ou necessaria á sua defesa, para fortificações, construcções militares e estradas de ferro.

E' dentro destas linhas geraes que a Constituição estabelece a separação da competencia entre os Estados e a União, observadas naturalmente as regras que ella prescreve para o caso de conflicto entre os poderes federaes e estaduaes, prevalecendo o principio de que a competencia dos Estados é a regra e a da União a excepção. E' a theoria dos *non-enumerated powers*, do direito constitucional Americano. Pertence á União legislar sobre o direito substantivo, isto é, o direito civil, o commercial e o penal em todo o territorio da Republica, cabendo aos Estados o direito adjectivo, o processo civil e criminal sem nenhuma intervenção do Governo Federal. Esta dualidade de legislação reflecte-se na organisação judiciaria. Cabe ainda á União legislar sobre o processo no Districto Federal.

O Poder Judiciario é exercido pela Justiça Federal, a cargo da União, e pelas justiças dos Estados.

São da competencia da Justiça Federal as causas fundadas em disposições da Constituição Federal; aquellas em que fôr parte o governo da União; os litigios entre um Estado e cidadãos de outro ou entre cidadãos de Estados diversos, quando divergem as leis destes; as causas entre Estados estrangeiros e cidadãos brasileiros; as acções movidas por estrangeiros que se basearem em contractos com o governo da União ou em tratados com outras Nações; as questões de direito maritimo e navegação; as de direito civil e criminal internacional; os crimes politicos.

A Justiça Federal é exercida por um Supremo Tribunal Federal composto de quinze juizes nomeados pelo Presidente da Republica, entre cidadãos de "notorio saber e competencia", com a approvação do Senado e pelos juizes de primeira instancia, tantos quantos o Congresso crear.

Estes são nomeados pelo chefe do Executivo dentre uma lista de tres nomes, apresentada pelo Supremo Tribunal Federal. Uns e outros são vitalicios e só perderão o cargo por sentença judicial.

Além das suas attribuições, como Tribunal de segunda instancia, tem o Supremo Tribunal Federal competencia privativa para julgar originariamente os processos criminaes do Presidente da Republica, dos ministros de Estado e dos Ministros diplomaticos; as causas entre a União e os Estados e as destes entre si; os litigios e as reclamações entre as nações estrangeiras e a União ou os Estados; os conflictos dos juizes dos tribunaes federaes entre si; ou entre estes e os dos estados, bem como os dos juizes e tribunaes de um Estado e os tribunaes de outro Estado.

Outras leis posteriores á Constituição attribuiram novas competencias originarias ao Supremo Tribunal, como as de conceder homologação a sentenças dos tribunaes estrangeiros e de resolver sobre pedidos de extradicção.

Ao lado da Justiça Federal funcciona nos Estados a Justiça local, livremente organisada pelos seus respectivos governos, sem a minima intervenção dos poderes federaes. Incumbe-lhe o julgamento de todas as causas de direito commum não reservadas para a competencia privativa da justiça federal acima enumeradas, sendo observado o processo que fôr adoptado pela legislação de cada Estado.

Ha, porém, recurso ás suas decisões para o Supremo Tribunal Federal, quando estiver em jogo a validade e a applicação de um dispositivo constitucio-

nal ou de actos ou leis estaduaes em face da Constituição ou das leis federaes; quando se tratar da revisão de qualquer processo criminal, em beneficio dos condemnados; em caso de *habeas-corpus;* quando se tratar de espolio de estrangeiro e a especie não estiver prevista em convenção ou tratado.

O Poder Legislativo é exercido pelo Senado e pela Camara dos Deputados. O Senado compõe-se de tres senadores por Estado, durando o mandato nove annos e renovando-se, pelo terço, triennualmente. São elegiveis todos os cidadãos no goso dos seus direitos politicos, de mais de trinta e cinco annos e que tenham mais de seis annos de cidadão brasileiro.

Pódem ser deputados todos os brasileiros alistaveis como eleitores e tendo mais de quatro annos de cidadão. O numero dos deputados, actualmente, é fixado em lei ordinaria em proporção que não exceda o de 1 por 70.000 habitantes, nunca devendo ser inferior a quatro por Estado.

Compete á Camara a iniciativa do adiamento da sessão legislativa; de todas as leis de impostos; das leis de fixação de forças de terra e mar; de discussão dos projectos apresentados pelo Poder Executivo e do inicio do processo contra o Presidente da Republica e os ministros.

Cabe ao Senado, além das suas funcções de segunda Camara, as de se converter em alta côrte de justiça para julgar o Presidente da Republica e os altos funccionarios federaes; de approvar as nomeações para juizes do Supremo Tribunal Federal, dos ministros diplomaticos e do Prefeito do Districto Federal, e resolver sobre o voto opposto pelo Prefeito ás resoluções do Conselho Municipal do Districto Federal.

O Poder Executivo é exercido pelo Presidente da Republica, eleito pelo suffragio directo da Nação, pelo prazo de quatro annos, não podendo ser reeleito para o periodo presidencial immediato. Para ser eleito é necessario que seja brasileiro nato, seja maior de 35 annos e esteja no exercicio dos direitos politicos.

Com o Presidente é eleito, pelo mesmo tempo, o vice-presidente que o substitue nos seus impedimentos e lhe succede na falta, por morte ou incapacidade, depois de dois annos do periodo presidencial. Cabe ao vice-presidente ainda presidir o Senado Federal.

O regimen presidencial brasileiro é tal qual o dos Estados Unidos da America do Norte. Os ministros são auxiliares da immediata confiança do Presidente; presidem os departamentos em que se divide a administração federal; não tem assento no Congresso nem perante elle respondem, nem são responsaveis pelos conselhos que derem ao Presidente, sómente o sendo pelos actos que praticarem directamente no exercicio das suas funcções.

A administração brasileira está actualmente repartida pelos seguintes sete ministerios: Relações Exteriores; Justiça e Negocios Interiores; Fazenda; Viação e Obras Publicas; Agricultura; Industria e Commercio; Marinha; Guerra.

São cidadãos brasileiros: os nascidos no Brasil ainda que de paes estrangeiros, não residindo estes em serviço da sua nação; os filhos de pae brasileiro ou illegitimos de mãe brasileira nascidos em paizes estrangeiros, que vierem estabelecer domicilio no Brasil; os filhos de pae brasileiro que estiver noutro paiz a serviço do Brasil, embora aqui não se venha domiciliar; os estrangeiros que estavam no Brasil a 15 de Novembro de 1889, por occasião de se proclamar a Republica e não declararam, seis mezes depois de promulgada a Constituição, o animo de conservar a sua nacionalidade de origem; os estrangeiros que possuirem bens immoveis no Brasil e forem casados com brasileira ou tiverem filhos brasileiros, comtanto que aqui residam, salvo se manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade; os estrangeiros que se naturalizarem por outro qualquer modo.

As eleições são feitas por voto directo, por suffragio universal em que tomam parte todos os cidadãos maiores de 21 annos de edade que se alistarem na fórma da lei, com excepção dos mendigos analphabetos, praças de *pret,* dos religiosos de ordens monasticas e em geral de communidades sujeitas a votos de obediencia. Fazem-se por escrutinio secreto, sendo, porém, facultativo o voto a descoberto e tem por base o liberalismo, principio da representação das minorias.

A Constituição a todos indistinctamente, brasileiros e estrangeiros residentes no paiz, assegura a inviolabilidade dos direitos attinentes á liberdade, á segurança individual e á propriedade.

Naturalmente privados dos direitos politicos, os estrangeiros são inteiramente equiparados aos nacionaes, no tocante ao exercicio dos direitos civis, ponto este em que a nossa Constituição é justamente considerada uma das mais liberaes do mundo.

Pouquissimas são as restricções de direito privado impostas aos estrangeiros e se resumem na prohibição da navegação de cabotagem, reservada aos navios nacionaes, e na incompatibilidade para o exercicio de certas profissões, como leiloeiro ou corretor de fundos publicos. Reserva-se o governo o direito, regulado por uma lei, de expulsar os estrangeiros que por qualquer motivo grave comprometterem a segurança nacional ou a tranquillidade publica.

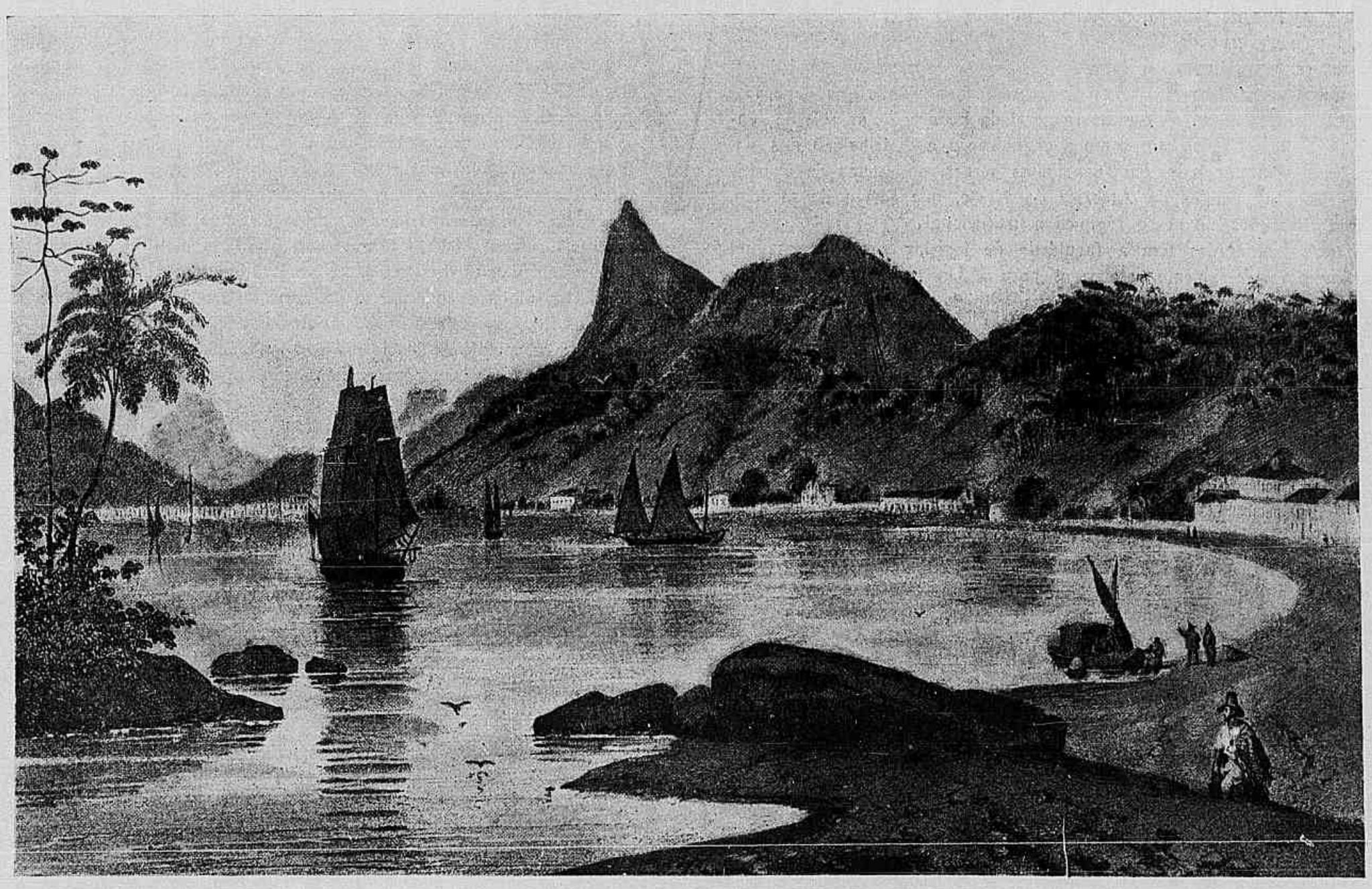
Os direitos individuaes de todos os que residem no Brasil são amplamente assegurados pela Constituição e pelas leis federaes. Assim, todos são eguaes perante a lei.

São garantidos os direitos de associação, de representação aos poderes publicos, de locomoção (sem exigencia de passaporte, quer para sahir, quer para entrar no territorio nacional), salvo as restricções indispensaveis em caso de guerra; de inviolabilidade do domicilio; de liberdade de imprensa e de tribuna, independente de censura prévia: da mais completa liberdade espiritual e demais garantias estabelecidas nas Constituições dos povos cultos.

Todas as religiões são permittidas em seu culto publico ou privado, e é expressamente vedado ao Estado ter relações de dependencia ou auxiliar officialmente esta ou aquella religião, comquanto seja catholica a maioria da nação brasileira.

Por motivo de crença ou de funcção religiosa, ninguem póde eximir-se ao cumprimento de um dever civico nem tão pouco ser privado dos seus direitos civis ou politicos.

Estes são os principios fundamentaes da Constituição Republicana de 24 de Fevereiro de 1891, justamente considerada pelas autoridades em direito constitucional em todos os paizes como uma das mais liberaes que existem.



A ENSEADA DE BOTAFOGO EM 1822 — DESENHO DE RUGENDAS

Supremo Tribunal Federal

ACTA DE INSTALLAÇÃO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, NO EDIFICIO EM QUE FUNCCIONÁRA O EXTINCTO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

SESSÃO EXTRAORDINARIA DE 28 DE FEVEREIRO DE 1891 — PRESIDENCIA INTERINA DO MINISTRO VISCONDE DE SABARA'.

A 1 hora da tarde, reunidos os Juizes Visconde Sabará, João Antonio de Araujo Freitas Henriques, Tristão de Alencar Araripe, João José de Andrade Pinto, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Joaquim Francisco e Faria, Ignacio José de Mendonça Uchôa, Luiz Corrêa de Queiroz Barros, Antonio de Souza Mendes, Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, Joaquim da Costa Barradas, Barão de Pereira Franco, Barão de Lucena, Barão de Sobral, ausente apenas o Ministro Firuza (?), o presidente declarou que inaugurava o Supremo Tribunal Federal, extincto o de Justiça, em virtude do decreto de 26 do corrente que o designou para este fim e em seguida dar posse aos Ministros, tanto os que se conservarão como os novamente nomeados.

Lidos os referidos decretos pela ordem de suas antiguidades e os achados legaes os Juizes prometterão e jurarão cumprir fielmente os deveres dos seus cargos, manter a Constituição da Republica e as leis dos Estados, e successivamente forão occupando suas respectivas cadeiras.

Lavrados em acto continuo num livro especial os termos de promessa legal, juramento e posses dos ditos Juizes, cada um de per si forão assignados pelo Presidente, pelos empossados, pelos Ministros presentes e por mim Secretario.

Antes de se proceder a eleição de futuro Presidente e Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal, os Ministros Tristão de Alencar Araripe e Barão de Lucena despedirão-se por não poderem actualmente entrar em exercicio no Tribunal, tendo o primeiro em sua allocução expressiva declarado que, com prazer, logo que findassem os seus trabalhos em ardua commissão fóra da Magistratura judicial, voltaria para o seio deste Tribunal, que no conceito do Presidente que respondeu em seu nome e no do mesmo Tribunal era elle uma das mais reconhecidas illustrações.

O Presidente interino, em observancia do supra citado Decreto o qual determinou que corressem as eleições por escrutinio secreto, mandou recolher numa urna as cedulas, primeiramente para a votação e escolha do Presidente. Feito o que, deu esta eleição o seguinte resultado: o Sr. Ministro João Antonio de Araujo Freitas Henriques 8 votos; Visconde de Sabará, 1 voto; Mendonça Uchôa e Faria, do mesmo modo, um voto cada um.

Ficou desta fórma proclamado Presidente do Supremo Tribunal Federal o Ministro João Antonio de Araujo Freitas Henriques.

Effectuou-se em seguida o processo eleitoral para o cargo de Vice-Presidente deste Tribunal, obtendo da vez primeira os Ministros Olegario Herculano de Aquino e Castro, 3 votos; Ignacio José de Mendonça Uchôa, 2 votos; Joaquim Francisco de Faria igual numero; Barão de Pereira Franco, idem; João José de Andrade Pinto, 1 voto e bem assim Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro.

E como não apparecesse maioria absoluta de votos em qualquer dos Ministros votados, o Presidente interino mandou proceder a novo escrutinio com o mesmo resultado negativo, dentro os 4 mais votados, desde que os 3 ultimos obtiveram igual numero de votos.

Apuradas as cedulas contou-se ao Ministro Aquino e Castro 4 votos, 3 a cada um dos Ministros Uchôa e Joaquim Francisco de Faria e 1 voto ao Barão de Pereira Franco.

No terceiro escrutinio afinal foi proclamado como Vice-Presidente o Ministro Olegario Herculano de Aquino e Castro, por ter reunido em si, maioria absoluta de votos, divididos por 4 votos restantes em igualdade entre os Ministros Mendonça Uchôa e Faria, inutilisada uma cedula em branco.

Antes do Presidente encerrar a sessão o Ministro Freitas Henriques, nomeado Presidente do Supremo Tribunal Federal, pedindo a palavra, em phrases alevantadas e mui expressivas proprias do acto, agradeceu commovido a honrosa confiança que em si depositarão os seus collegas, declarando que se esforçaria o mais possivel para corresponder sempre a tamanha prova de consideração, mas que sabia quanto precisava para o bom desempenho da sua alta judicatura, do seu auxilio efficaz, dos seus amigos e bons collegas; o que solicitava.

Satisfeito assim o duplo fim desta sessão extraordinaria de inauguração do Supremo Tribunal o Presidente interino declarou que a fechava.

Visconde de Sabará — O Secretario, *João Pedreira do Couto Ferraz.*

RELAÇÃO DOS MINISTROS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL DESDE A DATA DE SUA INSTALLAÇÃO:

Visconde de Sabará, João Antonio de Araujo Freitas Henriques, Tristão de Alencar Araripe, João José de Andrade Pinto, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Joaquim Francisco de Faria, Ignacio José de Mendonça Uchôa, Luiz Correia de Queiroz Barros, Antonio de Souza Mendes, Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, Joaquim da Costa Barradas, Barão Pereira Franco, Barão de Lucena, Barão de Sobral, Joaquim de Toledo Pisa e Almeida (Decr. de 12 de Novembro de 1890) — Esperidião Eloy de Barros Pimentel, Antonio Joaquim de Macedo Soares (Decr. de 25 de Janeiro de 1892) — Amphilophio Botelho Pires de Carvalho (Decr. de 1 de Fevereiro de 1892) — Francisco de Faria Lemos, Bento Luiz de Oliveira Lisbôa, José Hygino Duarte Pereira, Francisco de Paula Ferreira de Rezende (Decr. de 25 de Maio de 1892) — Candido Barata Ribeiro (Decr. de 23 de Outubro de 1892) — Eduardo Pindahiba de Mattos, Antonio de Souza Martins, Bernardino Ferreira da Silva, Herminio Francisco do Espirito Santo (Decr. de 19 de Setembro de 1894) — Americo Brasiliense de Almeida Mello, Fernando Luiz Osorio, Americo Lobo Leite Pereira (Decr. de 15 de Outubro de 1894) — Ubaldino do Amaral Fontoura (Decr. de 5 de Outubro de 1894) — Lucio de Mendonça (Decr. de 25 de Março de 1895 — Joaquim Antunes de Figueiredo Junior (Decr. de 14 de Novembro de 1895) — Antonio Augusto Ribeiro de Almeida (Decr. de 17 de Junho de 1896 — João Barbalho Uchôa Cavalcanti, João Pedro Belfort Vieira, Manoel José Murtinho (Decr. de 18 de Janeiro de 1897) — André Cavalcanti de Albuquerque (Decr. de 7 de Junho de 1897 — Adolpho Augusto Olyntho (Decr. de 23 de Agosto de 1897) — Antonio Gonçalves de Carvalho (Decr. de 23 de Agosto de 1898) — Alberto de Seixas Martins Torres (Decr. de 30 de Abril de 1911) — Epitacio da Silva Pessôa (Decr. de 25 de Janeiro de 1902) — Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro (Decr. de 5 de Outubro de 1903 Joaquim Xavier Guimarães Natal (Decr. de 11 de Setembro de 1905 — Antonio Augusto Cardoso de Castro (Decr. de 28 de Outubro de 1905) — Amaro Cavalcanti — (Dec. de 11 de Maio de 1906) — Manoel José Espinola (Decr. de 7 de Setembro de 1906) Pedro Augusto Carneiro Lessa (Decr. de 26 de Outubro de 1907) — Canuto José Saraiva (Decr. de 7 de Maio de 1908) — Godofredo Xavier da Cunha (Decr. de 18 de Setembro de 1909) — Carolino de Leoni Ramos (Decr. de 11 de Novembro de 1910 — Edmundo Muniz Barreto (Decr. de 27 de Dezembro de 1910) — Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo (Decr. de 6 de Novembro de 1911) — Enéas Galvão (Decr. de 17 de Agosto de 1912) — Pedro Affonso Mibielli (Decr. de 16 de Outubro de 1912) — Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda (Dec. de 5 de Novembro de 1912) — José Luiz Coelho e Campos (Decr. de 30 de Setembro de 1913) — Augusto Olympio Viveiros de Castro (Decr. de 27 de Janeiro 1915) — João Mendes de Almeida Junior (Decr. de 11 de Dezembro de 1916) — Antonio Joaquim Pires de Carvalho Albuquerque (Decr. de 16 de Maio de 1917)—Edmundo Pereira Lins (Decr. de 22 de Agosto de 1917) — Hermenegildo Rodrigues de Barros (Decr. de 23 de Junho de 1919) — Pedro Joaquim dos Santos (Decr. de 29 de Outubro de 1919) — Alfredo Pinto Vieira de Mello (Decr. de 23 de Agosto de 1921).



DR. GABRIEL MARTINS DOS SANTOS VIANNA
,SECRETARIO



DR. EDMUNDO DA VEIGA, SUB-SECRETARIO

PRESIDENTES DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.

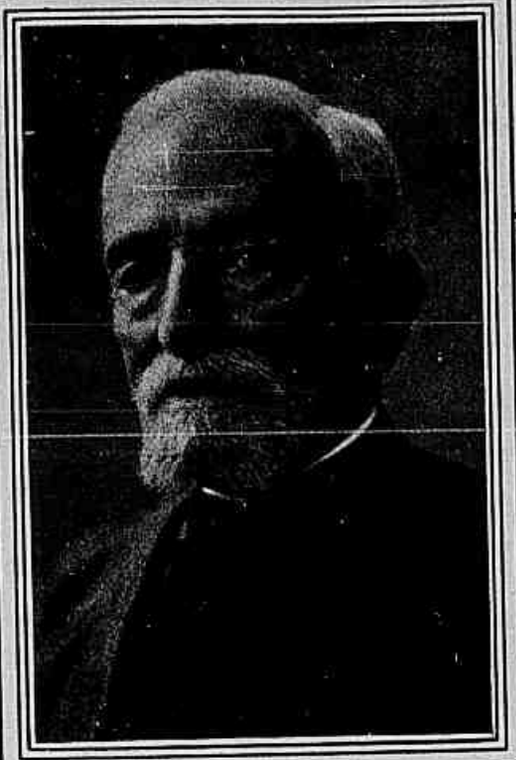
Installado o Supremo Tribunal Federal no dia 28 de Fevereiro de 1891, sob a presidencia do Ministro Visconde de Sabará, para isso designado por decreto de 26 do mesmo mez (nos termos de posse dos Ministros se diz que o decreto é de 2 de Fevereiro, ao passo que na acta da sessão de installação se dá aquella data, que é a certa), e prestada a promessa legal pelos Ministros presentes, e pelos mesmos assumido o respectivo exercicio, procedeu-se a eleição para o cargo de Presidente e foi eleito o Ministro João Antonio de Araujo Freitas Henriques, que nesse mesmo dia prestou compromisso perante o Presidente da Republica ou Ministro da Justiça (Uma noticia do *Jornal do Commercio* do dia seguinte, reproduzida no *Direito, vol.* 51, *pag.* 474, diz que, em seguida á eleição, o Sr. Ministro Freitas Henriques se dirigiu para o palacio do Presidente da Republica, perante o qual fez promessa legal — Da acta de installação nada consta a tal respeito). Exerceu o cargo até Fevereiro de 1894.

Olegario Herculano de Aquino e Castro, eleito Presidente em 14 de Fevereiro de 1894, exerceu o cargo até Agosto de 1906 — Joaquim de Toledo Piza e Almeida, 10 de Agosto de 1906 a Abril de 1908 — Eduardo Pindahiba de Mattos, 29 de Abril de 1908 a Janeiro de 1911 — Herminio Francisco do Espirito Santo, 4 de Janeiro de 1911.

PROCURADORES DA REPUBLICA

Têm exercido o cargo de Procurador Geral da Republica os seguintes Ministros: Barão de Sobral (3 de Março de 1891-1894) — Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro (18 de Setembro de 1894 - 20 de Outubro de 1894) — Antonio de Souza Martins (20 de Outubro de 1894 - 1897) — Lucio de Mendonça (8 de Janeiro de 1897 - 2 de Agosto de 1897) Joaquim Antunes de Figueiredo Junior (2 de Agosto de 1897 - 24 de Agosto de 1897) — João Pedro Belfort Vieira (24 de Agosto de 1897 - 3 de Setembro de 1898) — Antonio Augusto Ribeiro de Almeida (3 de Setembro de 1898 - Março de 1901 — Lucio de Mendonça (6 de Março de 1901 - 25 de Novembro de 1902) — Epitacio Pessôa (25 de Janeiro de 1902 - 21 de Outubro de 1905) — Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro (21 de Outubro de 1905 - 6 de Dezembro de 1909) — Joaquim Xavier Guimarães Natal (6 de Dezembro de 1909 - 25 de Novembro de 1910) — Antonio Augusto Cardoso de Castro (25 de Novembro de 1910 - 4 de Setembro de 1911) — Edmundo Muniz Barreto (4 de Setembro de 1911 - 30 de Janeiro de 1919) — Antonio J. Pires de Carvalho e Albuquerque (30 de Junho de 1919).

O SVPREMO TRIBVNAL FEDERAL

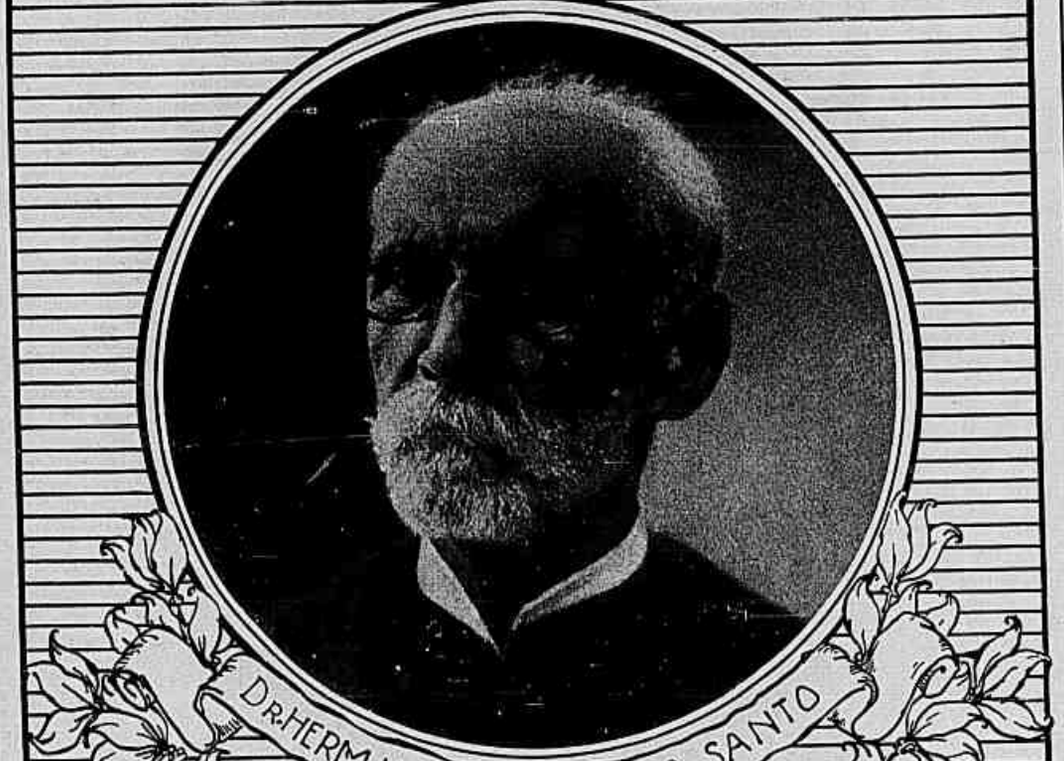


DR. ANDRÉ CAVALCANTI
VICE-PRESIDENTE



DR PIRES DE ALBUQUERQUE
PROCURADOR GERAL

NO ANNO DO CENTENARIO DA INDEPENDÊNCIA



DR. HERMINIO DO ESPIRITO SANTO
PRESIDENTE



DR. GUIMARAES NATAL



DR GODOFREDO CUNHA



DR. LEONI RAMOS



DR. MUNIZ BARRETO

MDCCCXXII

MCMXXII


ORDEM E PROGRESSO
O SVPREMO TRIBVNAL FEDERAL
NO ANNO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA
DR. PEDRO MIBIELLI
DR. SEBASTIÃO DE LACERDA
DR. VIVEIROS DE CASTRO
DR. JOÃO MENDES
DR. EDMUNDO LINS
DR. HERMENEGILDO DE BARROS
DR. PEDRO DOS SANTOS
DR. ALFREDO PINTO
MDCCCXXII
MCMXXII

A PRESIDENCIA DO BRASIL NO ANNO DO CENTENARIO

DESTACA-SE mui justamente o Brasil de possuir á frente dos seus destinos, no glorioso momento em que festejamos o primeiro centenario de nossa emancipação politica, um homem da envergadura moral e intellectual do Sr. Dr. Epitacio Pessôa, digno, por muitos titulos, de honrar a chefia do governo de qualquer dos mais cultos paizes do mundo.

O elogio de S. Ex., se outro não fosse o intuito destas paginas, estaria condensado nas palavras que se seguem: Epitacio Pessôa nasceu no Brasil, aqui estudou e formou a sua bella cultura e integro caracter; aos vinte annos de edade, apenas, foi eleito deputado federal a Constituinte Republicana (consequente da revolução de 15 de Novembro de 1889), e de então até hoje, já na administração, já no Parlamento Nacional, já como ministro do Supremo Tribunal Federal e em representações no estrangeiro, tem-se imposto á admiração de seus compatriotas, ao respeito e estima dos grandes homens de sciencia e de governo do universo, em cujo contacto e intimidade esteve ha bem pouco, como chefe da embaixada brasileira á Conferencia de Versailles, reunida na Europa em 1919.

No Brasil, a mais recente das demonstrações de apreço que os seus concidadãos lhe tributaram vale a S. Ex. como talvez a maior consagração dos seus altissimos meritos. Foi a sua escolha, pela maioria dos Estados da Federação, e durante a sua ausencia no estrangeiro, para candidato á presidencia da Republica, em concorrencia com o maior dos brasileiros, o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa, gloria maxima da latinidade, classificado unanimemente entre os sete sabios mais notaveis que compareceram á Conferencia de Haya em 1904.

A posteridade, que ha de um dia meditar acerca destas affirmações, julgando sem paixão a obra do preclaro estadista que preside aos destinos do seu paiz em 7 de Setembro de 1922 dirá se exaggeramos no que affirmamos.

A "Illustração Brasileira" apenas visa, agora, reunir em suas paginas alguns documentos que comprovam desde já esses assertos e que a um tempo servem ás homenagens que deseja render, neste historico momento, ao Chefe da Nação, e ás pesquizas do futuro em torno da sua fórte e benemerita individualidade, sem duvida alguma representativa, mais fulgurante ainda, da energia incommum que insculpiu; immorredoiramente, nos annaes da patria, os nomes aureolados de Diogo Feijó, Floriano Peixoto e Prudente de Moraes.

NASCIMENTO E VIDA DO SR. EPITACIO PESSÔA ATE' A SUA ASCENSÃO AO GOVERNO DA REPUBLICA

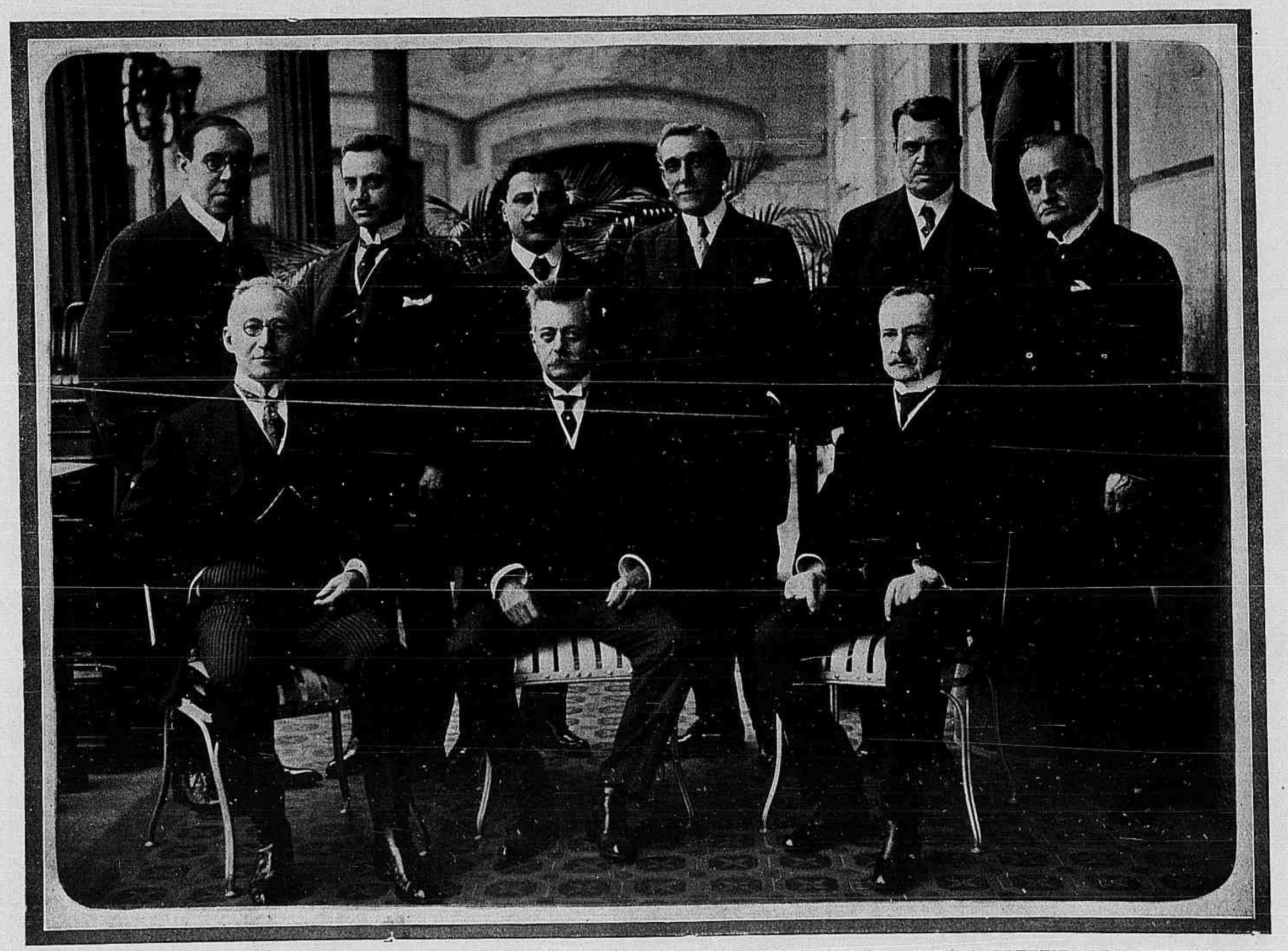
São do notavel poeta e escriptor parahybano Carlos D. Fernandes as mais completas notas biographicas do Sr. Epitacio Pessôa, que lográmos compulsar.

Decalcar sobre ellas outras linhas seria obra desleal, tentar desenvolvel-as com mais brilho e acerto, talvez fosse, a nós, impossivel.

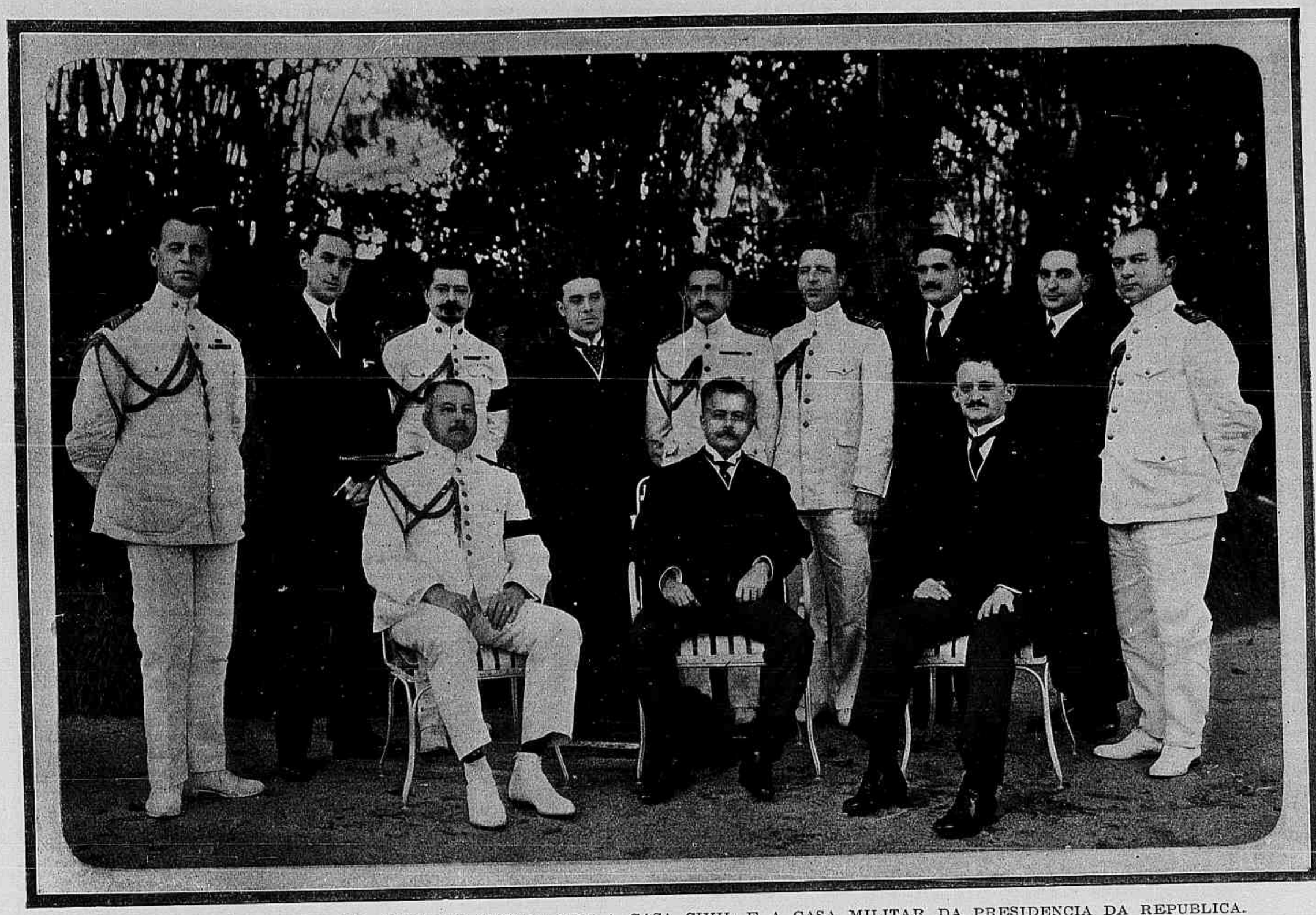
Preferimos, assim, transcrevel-as, "ipsis literis", do magnifico livro "Politicos do Norte", volume III, pag. 293 e seguintes. E nessa deliberação visamos, a um tempo; homenagear o eminente homem de letras e tornar ainda mais divulgados os bellos ensinamentos que tal biographia do actual Sr. Presidente da Republica encerra para a mocidade nacional.

Eil-as:

EPITACIO PESSÔA — Nasceu Epitacio da Silva Pessoa em Umbuzeiro a 23 de Maio de 1865, filho do tenente-coronel José da Silva Pessôa e D. Henriqueta Barbosa de Lucena Pessôa. Aos oito annos de edade, em 1873, perdeu pae e mãe. Nessa época a Provincia de Pernambuco mantinha, á custa do Thesouro provincial, vinte orphãos no Gymnasio Pernambucano, que era então o primeiro estabelecimento de ensino secundario no Recife. Em Agosto de 1874 e a esforços de seu tio,



SUA EXCELLENCIA O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA COM OS EXMOS. SRS. MINISTROS DE ESTADO, PREFEITO DO DISTRICTO FEDERAL E CHEFE DE POLICIA.



SUA EXCELLENCIA O SR. DR. EPITACIO PESSÔA COM A CASA CIVIL E A CASA MILITAR DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA.

o Barão de Lucena, então Presidente de Pernambuco, foi Epitacio admittido no Gymnasio como um dos pensionistas da Provincia.

Dois ou tres annos depois, a Assembléa pernambucana, para acudir as difficuldades financeirs em que se achava a Provincia, viu-se forçada a supprimir do orçamento a verba destinada á educação dos pensionistas do Gymnasio. Tiveram todos que deixar o estabelecimento. Taes, porém, eram os progressos feitos por Epitacio, a capacidade e intelligencia de que deu provas, que o então Presidente da Provincia, Dr. Francisco Sodré, attendendo á proposta calorosa e insistente do director do Gymnasio, Monsenhor Eduardo Pereira, mandou que o joven estudante proseguisse gratuitamente nos seus estudos. Concluindo de modo brilhante o seu curso secundario, matriculou-se Epitacio na Faculdade de Direito do Recife, em 1822. O que foi sua passagem por essa Faculdade, sabem-n'o todos os contemporaneos, mesmo os estranhos ao ensino juridico, a cujos ouvidos, entretanto, chegavam os écos dos triumphos do laureado estudante.

Ainda hoje perdura na Faculdade de Direito do Recife a tradição de talento, cultura e eloquencia do digno parahybano. Ainda hoje as suas dissertações juridicas, escriptas para os collegas de annos inferiores, para os quaes mantinha um curso particular, são disputadas naquelle estabelecimento de ensino como syntheses modelares em certas materias.

As suas interpellações aos professores assim como os seus exames eram verdadeiros acontecimentos, que attrahiam não só os alumnos de todos os outros annos como um sem numero de pessoas estranhas. Tavares Belfort, affectado da garganta, incumbia-o de dissertar durante a hora da lição para lhe poupar o sacrificio da prelecção. Tobias Barreto, José Hygino, Silveira de Souza, Pinto Pessoa, Tarquinio e tantos outros teciam-lhe os maiores elogios nos bancos de exame. Foi approvado com distincção em todos os annos. No quarto anno foi o unico estudante distincto. Era, então, examinador o Conselheiro Tarquinio, que vinha de ser deputado geral, o terror dos estudantes pela sua extrema severidade. Elle negava systematicamente a nota de distincção a todo examinando. No exame oral de Epitacio, cuja prova escripta elle classificou de "prova de mestre", não se pôde conter, dirigiu-lhe palavras do mais caloroso applauso, e no julgamento foi o primeiro a propor para elle a approvação com distincção. Terminado o julgamento, abriu-se a porta da sala e em vez do bedel que costuma lêr a lista das notas, foi o Conselheiro Tarquinio em pessoa quem appareceu. Relanceou a vista por sobre a multidão de alumnos que aguardavam o resultado dos exames e, descobrindo Epitacio, chamou-o abraçou-o com palavras do mais affectuoso carinho e annunciou-lhe a sua approvação distincta.

Como estudante, Epitacio já exercia o magisterio, ensinando aos collegas mais atrazados as disciplinas dos annos inferiores. Depois do exame do 2º anno foi promotor publico interino do Ingá, assumindo as funcções no dia mesmo em que começava a sessão do jury.

Nos dias subsequentes a sala do tribunal se enchia de pessoas, que queriam ouvir o "promotor menino".

Do terceiro anno em deante começou a advogar. Uma das suas primeiras victorias no jury foi a defesa dos irmãos Barbosa da Silva, do termo de Bom Jardim. Membros de uma das mais importantes familias da localidade, eram accusados de haverem assassinado um cunhado e outras pessoas por questões de terra e de familia.

Foi um facto que causou sensação na Provincia pelas circumstancias que o revestiram, e pela qualidade e posição social e politica das pessoas nelle envolvidas, submettidas a julgamento quatro vezes e quatro vezes unanimemente absolvidas.

O academico Epitacio foi o defensor nos dois primeiros julgamentos e a lembrança dessa defesa memoravel ainda perdura na comarca.

Formando-se a 13 de Novembro de 1886, foi logo em seguida nomeado promotor interino de Bom Jardim, em Pernambuco, e a 18 de Fevereiro de 1887 se empossou do cargo de promotor effectivo da comarca do Cabo, na mesma Provincia, cargo que desempenhou durante mais de dois annos, com o maior brilho e realce, e onde prestou os mais assignalados serviços á causa da abolição, de que foi um dos mais fervorosos adeptos. Tendo entrado em divergencia com o juiz de direito da comarca, depois de varias questões em que o Tribunal da Relação deu sempre razão ao promotor publico, manteve com aquelle provecto magistrado, pela imprensa, uma brilhante polemica juridica, em que a opinião dos competentes se poz sem hesitação ao lado do joven parahybano. Durante a sua permanencia na comarca do Cabo e devido ás suas divergencias com o juiz de direito, occorreu um facto que não podemos nos furtar ao prazer de relatar. No termo annexo de Ipojuca fôra incendiado um cannavial. Acreditando num crime, as autoridades procederam ás diligencias para a descoberta do responsavel. O Dr. Epitacio chegou mesmo a transportar-se para ali, afim de assistir ás diligencias. Tudo, porém, foi baldado. Não se chegou a resultado algum, e o promotor viu-se forçado a requerer o archivamento do inquerito. Sabedor disto, o juiz de direito que, não se sabe porque, desconfiava de um individuo de quem tinha queixas particulares, officiou em reservado ao presidente da Provincia, que era então o Desembargador Oliveira Andrade, communicando-lhe que se haviam colhido provas completas da responsabilidade daquelle individuo e não obstante o promotor pedira o archivamento dos papeis. O presidente immediatamente officiou ao promotor ordenando-lhe que apresentasse a denuncia contra a pessoa a quem se referia o juiz de direito. O Dr. Epitacio respondeu recusando-se a obedecer a ordem, fazendo sentir que o promotor publico era o unico juiz no assumpto, embora sujeito á penalidades estatuidas na lei. O Desembargador Oliveira Andrade telegraphou, então, chamando-o com urgencia á Capital. Houve uma scena um tanto viva entre o presidente e o promotor, e quando este se suppunha já destituido do cargo, viu com surpresa o presidente mudar de tom e dirigir-lhe palavras de elogio pela sua altivez e firmeza, aconselhando-o, todavia, a "pôr mais diplomacia" na defesa das suas prerogativas.

Dez annos mais tarde o Dr. Epitacio Pessôa era Ministro da Justiça, recebia uma tarde, com agradavel surpresa, a visita do Desembargador Oliveira de Andrade, e tinha ensejo de lhe prestar assignalado favor. Em Junho de 1889 foi exonerado da promotoria do Cabo, por exigencias do juiz de direito junto á nova situação politica, e depois de haver recusado as comarcas de Páu d'Alho e Olinda. Seguiu, então, para o Rio de Janeiro, onde se achava quando foi proclamada a Republica. Convidado para secretario do governo do Dr. Venancio Neiva, assumiu o cargo a 31 de Dezem-

bro de 1889, e foi com a maior intelligencia, actividade e tacto que o exerceu.

Neste posto augmentou extraordinariamente o circulo de suas relações no Estado e contribuiu, do modo mais efficaz, para o congraçamento dos melhores elementos politicos em torno do novo governo, e para o aproveitamento dos mais aptos dos nossos conterraneos. Dahi a formação desse partido vigoroso e dessa pleiade de moços de talento, que apoiaram o governo do venerando Dr. Venancio Neiva. Apezar dos seus deveres officiaes, o Dr. Epitacio Pessôa não descurava os seus estudos predilectos, os das sciencias juridicas. Quando promotor da comarca do Cabo, e a conselho de muitos dos seus antigos mestres, preparou-se solidamente para um concurso na Faculdade do Recife, concurso que foi adiado até que sobreveiu a Republica e lhe deu uma cadeira naquella escola. Como secretario do governo do Estado da Parahyba, illustrou frequentemente a imprensa da Capital com artigos de direito e publicou um projecto de constituição muito apreciado pelos entendidos.

Quando se organisou a chapa de deputado á Constituinte Nacional, depois de assentados os nomes de quatro candidatos, o governador communicou-lhe que, por accordo dos directores da politica, elle seria o quinto. O Dr. Epitacio nobremente recusou, allegando a sua juventude, o seu pouco tempo de serviço e a conveniencia de confiar posto de tanto destaque e responsabilidade



O PALACIO DO CATTETE.

a algum politico influente, cujos elementos pudessem vir fortalecer ainda mais o governo republicano.

O Dr. Venancio Neiva calou-se, como que aceitando a excusa. mas dois mezes depois divulgou a chapa combinada, na qual figurava o nome do seu joven e talentoso secretario, com grande surpresa deste. Mais votado do que todos os outros candidatso á Constituinte, mais mesmo do que o velho e bravo marechal Almeida Barreto, foi o Dr. Epitacio Pessôa eleito deputado em Setembro de 1890, com 25 annos de edade. Em Fevereiro de 1891, em attenção ao seu curso brilhantissimo e á cultura já revelada em publicações varias foi nomeado cathedratico da Faculdade do Recife.

A sua passagem pelo Congresso Nacional foi um traço de luz. Jámais a Camara dos Deputados testemunhou tamanhos triumphos. Discutindo com admiravel maestria que a sua juventude fazia realçar, os mais importantes pontos de direito constitucional, foi sobretudo no governo do marechal Floriano Peixoto que o Dr. Epitacio Pessôa se revelou o tribuno intrepido e eloquentissimo, que o Brasil inteiro admirou.

Tendo-se manifestado ao proprio marechal Manoel Deodoro da Fonseca como contrario ao golpe de Estado de 3 de Novembro de 1891, segundo declarou no discurso que proferiu em Junho de 1892, em defesa dos desterrados de 10 de Abril, rompeu, todavia em opposição ao marechal Floriano Peixoto logo que começaram as deposições dos governos locaes, no seu entender, outros tantos golpes de Estado tão criminosos como o primeiro. Ao iniciar-se a sessão legislativa de 1892. logo após os acontecimentos de 10 de Abril, a situação no Rio de Janeiro era de verdadeiro terror. Na Camara, a opposição, embora numerosa, mantinha-se silenciosa, timida e vacillante. O governo fazia declarar por seus amigos que não apresentaria ao Congresso os documentos justificativos do sitio, e essa grave declaração provocou apenas, da parte da opposição, umas considerações pallidas e indecisas. Nesse momento chega do Norte o Dr. Epitacio Pessôa. Vae á Camara, inscreve-se e profere o vehemente discurso de 21 de Maio, levantando a opinião e forçando o governo a enviar todas as provas em que se fundára para as medidas de excepção, que havia adoptado. A voz vibrante e impetuosa do eloquente e já notavel deputado parahybano, resoando cheia de energia e audacia na atmosphera morna da Camara, provocou no começo uma verdadeira tempestade.

Quando logo ás primeiras palavras e no meio do assombro geral, elle se referiu ao "governo que ia arrastando o paiz numa enxurrada de lama e de sangue" a maioria levantou-se indignada, no meio dos gritos e protestos vehementes, e um dos seus membros, mais impetuoso, atirou-se de sua bancada para aggredir physicamente o orador. Este levou a mão ao bolso do sobretudo que vestia, dizendo em tom severo: "venha coronel, eu quero lhe mostrar que isto aqui não é caserna". A aggressão não se effectuou. O presidente suspendeu a sessão. Ao reabrir-se esta, o Dr. Epitacio Pessoa continuou o seu discurso, repetindo as suas primeiras phrases, já sem provocar a assuada anterior, e depois de demonstrar, com o maior brilhantismo, a obrigação em que estava o governo de apresentar as provas do sitio e as disposições em que estava a opposição de não renunciar ao seu direito de examinar essas provas, concluiu, no meio de applausos delirantes no recinto e nas galerias, apostrophando o Vice-Presidente da Republica que, "na ponta de sua espada e por todos os angulos do paiz passeava a Constituição, rôta, esfarrapada, coberta de pó e ensopada de sangue".

Enviados á Camara os documentos justificativos do sitio, foi o Dr. Epitacio Pessoa escolhido por seus companheiros de opposição para ser o orgão das opiniões desta em relação ao grave assumpto, e em Junho de 1892, o joven orador, em dois discursos successivos e sensacionaes, duas peças magistraes de sciencia constitucional e eloquencia parlamentar, que os seus collegas mais tarde mandaram imprimir em folhetos, arrebatou a Camara e a multidão que enchia litteralmente as galerias, as tribunas e o recinto. Ao levantar-se a sessão, a immensa massa popular que aguardava em frente á Camara a sahida do Dr. Epitacio, fez-lhe uma extraordinaria ovação e carregou-o em triumpho até á rua do Ouvidor, acompanhando-o depois, no meio de acclamações delirantes, até ao carro que o conduziu á sua residencia. Era, então, incontestavelmente, o primeiro vulto da Camara. Todos voltavam as suas vistas para elle.

Todos queriam tel-o ao seu lado. Os jornaes publicavam o seu retrato, a sua biographia, as suas opiniões sobre varios assumptos da actualidade.

O marechal Floriano, que já o conhecia da Constituinte e tinha na devida conta o seu valor, pensou então em attrahil-o ás suas fileiras, e neste sentido fez, nesse anno, duas tentativas que convém ser aqui consignadas.

A Parahyba, sob a administração provisoria do Dr. Alvaro Machado, preparava a sua organização definitiva com a votação da Constituição e a eleição do governador.

O marechal Floriano mandou, por intermedio do seu intimo amigo deputado Azeredo, então 1º secretario da Camara, offerecer ao Dr. Epitacio Pessôa a direcção politica da Parahyba, e obter delle a indicação do novo governador, pedindo-lhe apenas que essa indicação não recahisse no governador que havia sido deposto.

Em troca disto esperava que a bancada parahybana se alistasse entre os amigos do governo. O Dr. Epitacio respondeu que pessoalmente não entraria em transacção alguma, pois a sua questão não era de pessoas, mas de principios, entretanto, como não era chefe do partido na Parahyba e não tinha o direito de sobrepor aos interesses deste o seu ponto de vista individual, ia transmittir a proposta á direcção do partido no Estado. Notava, todavia, desde já, que, estando imminente o voto do Congresso do Estado sobre a eleição do governador, era preciso sustal-o para dar tempo ás negociações, se os seus amigos quizessem entrar em accordo. O melhor meio para isto ponderou o deputado Azeredo, será induzir o Congresso a adoptar a eleição popular, como fez a Constituinte Nacional, desta sorte, a eleição do governador não será feita já, mas só daqui a mezes, e asim haverá tempo para as negociações.

Dois ou tres dias depois, o marechal Floriano mandava mostrar ao Dr. Epitacio Pessôa um telegramma do governador da Parahyba, comunicando que as sua ordens iam ser cumpridas e, de facto, logo em seguida adoptou o Congresso o processo do voto popular para a eleição do governador.

E eis a verdadeira razão por que na Parahyba o presidente do Estado não é eleito pela Assembléa. No emtanto, o Dr. Epitacio Pessoa escrevia ao Dr. Venancio Neiva, dando-lhe conta das propostas do marechal Floriano e declarando-lhe que, para facilitar qualquer combinação, renunciava ao seu logar de deputado. O Dr. Venancio Neiva telegraphou-lhe immediatamente, recusando em termos os mais peremptorios qualquer transacção.

Da outra tentativa de approximação do marechal Floriano Peixoto foi intermediario o seu particular amigo coronel Valladão, deputado por Sergipe, encarregado de offerecer ao Dr. Epitacio Pessoa a pasta das Relações Exteriores, então vaga. Era uma forte seducção para um moço de 27 annos. Mas o nosso joven patricio recusou-a. Em 1893 o marechal Floriano tentou ainda uma vez attrahir a si o Dr. Epitacio Pessoa, mandando, pelo seu medico Dr. Daniel Lima, offerecer-lhe a reeleição de deputado. Mas o digno e talentoso representante parahybano recusou qualquer accordo com o governo.

Entre os maiores triumphos parlamentares do Dr. Epitacio Pessoa conta-se o discurso proferido em 1893, sobre a pacificação do Rio Grande do Sul.

A Camara estava repleta: nas galerias e nas tribunas não havia um logar vago; havia pessoas nas columnas, agarradas ás balaustradas, equilibradas nos vãos das janellas.

As tribunas da imprensa, a dos diplomatas e o recinto inteiramente invadidos por uma sociedade escolhida e fina.

Toda essa multidão selecta tinha sido attrahida pela noticia de que, naquelle dia, o deputado Seabra apresentaria uma denuncia contra o vice-presidente da Republica.

E assim foi. Mas, ao contrario do que se esperava, a denuncia não provocou um debate immediato e, inesperadamente, entrou em discussão o projecto da pacificação do Rio Grande do Sul.

Teve a palavra o deputado Epitacio Pessôa. Fez-se um grande movimento no recinto, nas tribunas, nas galerias, seguido, logo depois, de um silencio profundo, absoluto. E o moço parahybano proferiu essa oração estupenda que corre por ahi impressa, com o seu retrato, em folhetos que os seus admiradores mandaram imprimir e que, dando apenas uma idéa pallida e incompleta das suas palavras, não lhe reproduz além disto o gesto, as entonações da voz, o brilho do olhar e todo esse poder de seducção, a que não podem fugir

quantos têm a ventura de ouvir o notavel orador.

O discurso era a cada passo interrompido por applausos enthusiasticos. A's ultimas palavras, estrugiu em toda a sala uma acclamação extraordinaria. José do Patrocinio, o genial jornalista de saudosissima memoria, saltava da tribuna e abraçava e beijava em delirio o eloquentissimo orador, Gonçalves Chaves, emocionado até ás lagrimas, estreitava-o nos braços com o maior ardor, Costa Junior, deputado por São Paulo e governista extremado, de pé, no meio do recinto, batia palmas e erguia bravos freneticos, as senhoras que se achavam nas tribunas jogavam flores, o recinto foi invadido tumultuariamente pelo povo, aos gritos de "não se ouve mais ninguem". Embalde o presidente tentou restabelecer a ordem. Como um rio que transborda, a multidão immensa e desordenada encheu o recinto e as bancadas, forçando por esse modo o levantamento da sessão sem annuncio prévio, sem ordem do dia, sem nada, e levou em triumpho o joven orador parahybano no meio de uma ovação como jámais vira a Camara dos Deputados. Em Setembro de 1893 rebentou a chamada revolta da Armada. Declarou-se o estado de sitio. As paixões politicas extremaram-se até ao ultimo gráo. Era um perigo dissentir do governo.

Os representantes da opposição viviam sob a angustiosa pressão de uma atmosphera pesada de suspeitas e de odios. Foi nesse momento melindroso e terrivel que se revelou toda a coragem do Dr. Epitacio Pessôa.

A 16 de Setembro proferiu elle o seu mais formidavel discurso de opposição, enumerando e commentando, no meio do estupor da Camara e dos assistentes, todos os erros e faltas do governo, desde a ascensão do marechal Floriano Peixoto. Esse discurso causou uma sensação enorme. Dias depois era publicado pelo "Diario Official" e transcripto no "Jornal do Brasil", que esgotou duas edições successivas. Os amigos receavam então pela vida do eminente deputado parahybano, tal a exaltação dos partidarios do marechal Floriano, e pasmavam ao encontral-o cruzando calmamente as ruas mais publicas da cidade. Quinze dias mais tarde embarcou o Dr. Epitacio Pessôa para o Estado da Parahyba, afim de pleitear a sua reeleição. Embarcou publicamente no paquete "Tamar", tendo préviamente ido tirar o seu passaporte na Repartição Central da Policia. Os amigos e admiradores do marechal Floriano Peixoto tentaram todos os meios para leval-o a impedir o embarque e prender o joven deputado, mas esbarraram ante uma resistencia invencivel por parte do valoroso soldado, em cujo conceito homens daquella edade, daquella intelligencia e daquella coragem deviam ser poupados.

Na Bahia, um amigo particular e antigo collega veiu prevenir o Dr. Epitacio de que havia ordem de prisão contra elle e, portanto, não devia desembarcar. O destemido representante da Parahyba, porém, não cedeu ao conselho.

Em Pernambuco, onde vigorava o sitio, a familia, assustada, veiu a bordo aconselhal-o a proseguir a viagem para a Europa. Recusou e desembarcou.

Nesse dia foram presos José Mariano, Vicente do Espirito Santo e Martinho Rodrigues.

Dias depois seguia o Dr. Epitacio Pessoa para a Parahyba, onde os seus amigos e admiradores o receberam com carinhosa manifestação de estima e gratidão ao conterraneo, que tanto soubera elevar o seu berço natal no parlamento nacional.

Uma vez no Estado, deu maior impulso e vigor á opposição que o orgão do seu partido — o Estado da Parahyba — movia ao Governo Federal.

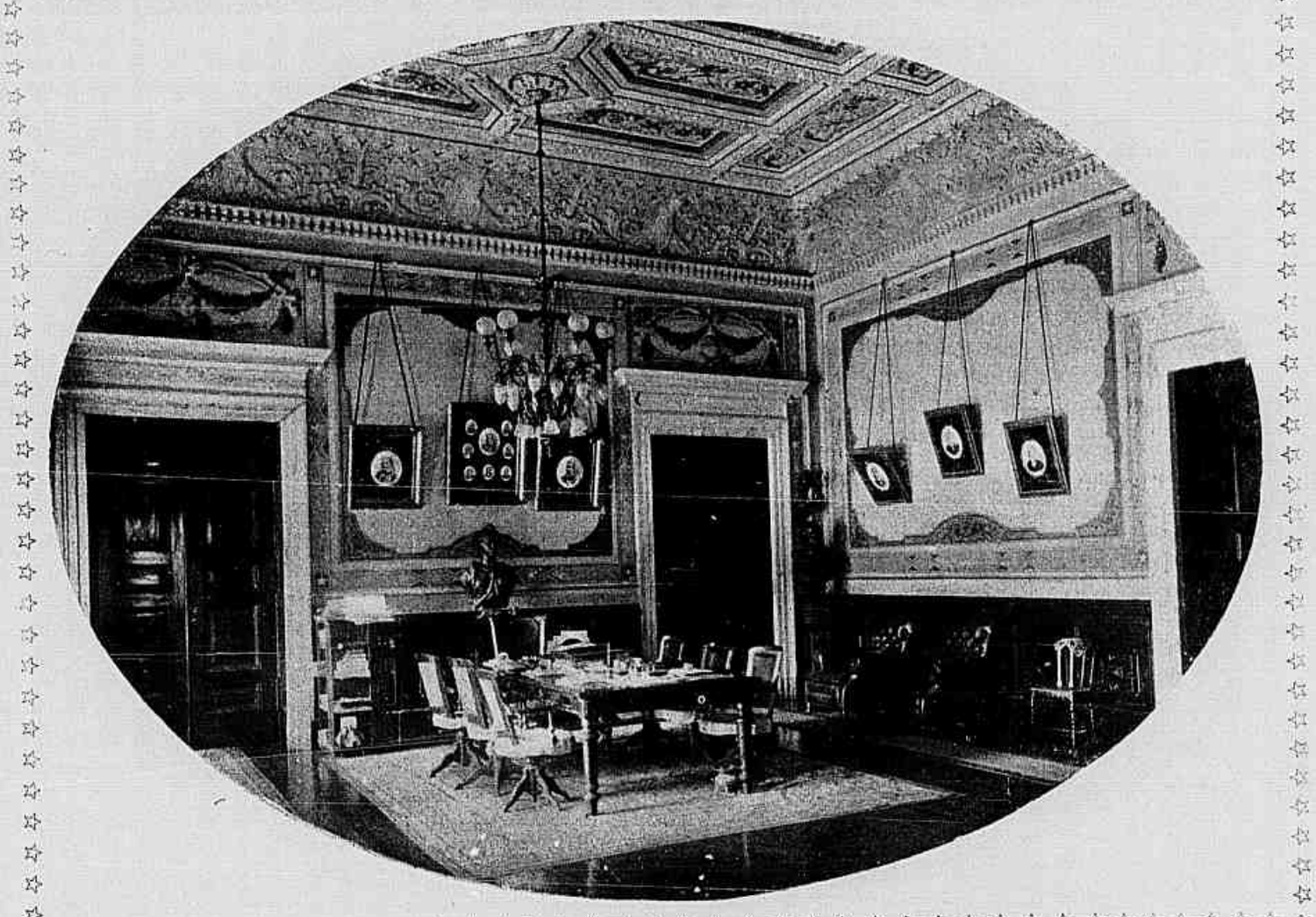
Em artigos vehementes continuou a atacar o governo, com o mesmo ardor com que o combatera na Camara.

Informado disto pelo commandante do districto militar, o marechal Floriano decretou o sitio para a Parahyba, afim de que fosse ahi suspensa a liberdade de imprensa. Ou por omissão involuntaria ou mesmo intencionalmente a folha official do Estado deu noticia do decreto de sitio como se elle fosse geral e não restricto á liberdade de imprensa. O Dr. Epitacio Pessôa, não obstante conservou-se na capital, apezar de parecer ás pessoas intimas do governo que, sem duvida por não conhecerem ainda a tempera do altivo representante parahybano, o aconselhavam a occultar-se. No dia 1º de Março de 1894 realizou-se a eleição de deputados e senadores federaes. Considerando-se eleito, não obstante a decisão da junta apuradora que lhe negára o diploma, o Dr. Epitacio Pessôa seguiu para o Rio de Janeiro, afim de pleitear o seu reconhecimento. Tendo partido da Parahyba, porém, já meio adoentado, ao chegar ao Recife não pôde continuar a viagem.

Ali ficou de cama cerca de um mez. Seguindo afinal para o Sul, chegou ao Rio no dia mesmo em que o voto da Camara o depurava: a Commissão de Poderes lhe recusou 48 horas que por telegramma lhe pediu. Dois ou tres mezes depois partiu para a Europa, onde permaneceu durante um anno, viajando e estudando. Em 1897 emprehendeu nova viagem ao velho continente, percorrendo então todos os paizes da Europa. Em 1898 foi nomeado ministro da Justiça e Negocios Interiores do Governo do Dr. Campos Salles. Nesse posto secundou efficazmente a acção do benemerito patricio, a quem o Brasil deve a restauração das suas finanças.

Dotado de rara energia, conseguiu, com pulso firme e emquanto se conservou no Ministerio, manter a ordem publica, sériamente ameaçada por gréves, motins e duas vezes por extensas conspirações monarchistas. Reformou e organizou quasi todos os serviços de sua pasta, dando-lhes uma orientação mais simples, pratica e economica. Entre essas reformas sobreleva a do ensino superior e secundario que, pondo cobro a abusos inveterados de professores e alumnos, provocou a maior opposição por parte de uns e de outros.

(Reforma altamente moralisadora e intelligentemente orientada, teria sem duvida trazido os maiores beneficios ao ensino se houvesse sido regularmente posta em execução. A sahida do Dr. Epitacio Pessoa do Ministerio, porém, e a condescendencia e timidez dos seus successores não permittiram que assim acontecesse. Tendo deixado o governo em Agosto de 1901, foi em Janeiro de 1902 nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal. Esta nomeação foi recebida com uma certa desconfiança. Pensava-se geralmente que o Dr. Epitacio Pessôa ficaria deslocado na alta corporação judiciaria.



SALÃO DE DESPACHOS.

Entretanto poucos, bem poucos juizes como elle, terá abrigado no seu seio a Suprema Côrte Judiciaria.

Talento, illustração, admiravel senso juridico, integridade absoluta, clareza inexcedivel de exposição e extraordinaria actividade — tudo reunia o Dr. Epitacio Pessôa no exercicio da sua nobre missão.

Todas as prevenções dissiparam-se. Mesmo aquelles que haviam recebido mal a sua nomeação alistaram-se entre os seus admiradores. As suas sentenças são verdadeiros modelos, na fórma como no fundo.

Durante mais de dez annos em que foi ministro do Supremo Tribunal, nunca o seu voto deixou de ser acceito pela maioria nas causas em que foi relator.

A' Procuradoria Geral da Republica, logar que serviu por mais de tres annos com assombrosa actividade, deu um realce e um fulgor que nunca tivera.

Contam-se por dezenas e dezenas de milhares de contos as sommas que, nesse caracter, poupou á Fazenda Nacional, em questões já por esta perdidas em primeira instancia e até no proprio Tribunal.

Como Procurador da Republica reivindicou para o patrimonio nacional a propriedade dos terrenos de marinha, riqueza incalculavel, escrevendo sobre o assumpto uma monographia que é reputada pelos competentes o melhor trabalho existente sobre a materia.

Os seus accordãos como juiz e os seus pareceres como procurador são repositorios juridicos de subido valor. Como juiz, inspirava a todos illimitada confiança, era muitas vezes a ultima esperança dos que tinham sêde de justiça, como advogado da União, era o terror dos que com esta contendiam. A estima e prestigio de que gosava entre os collegas ainda não foi excedida no Tribunal.

No Supremo Tribunal foi procural-o o barão do Rio Branco para representar o Brasil na 3ª Conferencia Pan-Americana, logar que recusou, e para a 4ª, a que não compareceu por doente. Do Supremo Tribunal tirou-o o mesmo inolvidavel Chanceller para escrever esse formoso Codigo de Direito Internacional Publico, apresentado com orgulho pelo Brasil á Commissão Internacional de Jurisconsultos, já adoptado em parte por esta e acceito unanimemente para base de estudos pela União Pan-Americana de Washington. Quando se reuniu essa commissão no Rio de Janeiro foi o Dr. Epitacio Pessôa acclamado presidente pelo voto unanime de todas as Republicas do Continente.

O tacto, a fidalguia, a intelligencia e o brilho com que o eminente jurisconsulto brasileiro presidiu a esse congresso lhe conquistaram a admiração e as sympathias geraes.

Dividida a Commissão Internacional em seis sub-commissões, foi escolhido presidente da que se devia reunir no Rio de Janeiro, e a esta apresentou logo um projecto da parte da codificação que lhe fôra distribuida, adeantando-se assim a todas as commissões e delegados.

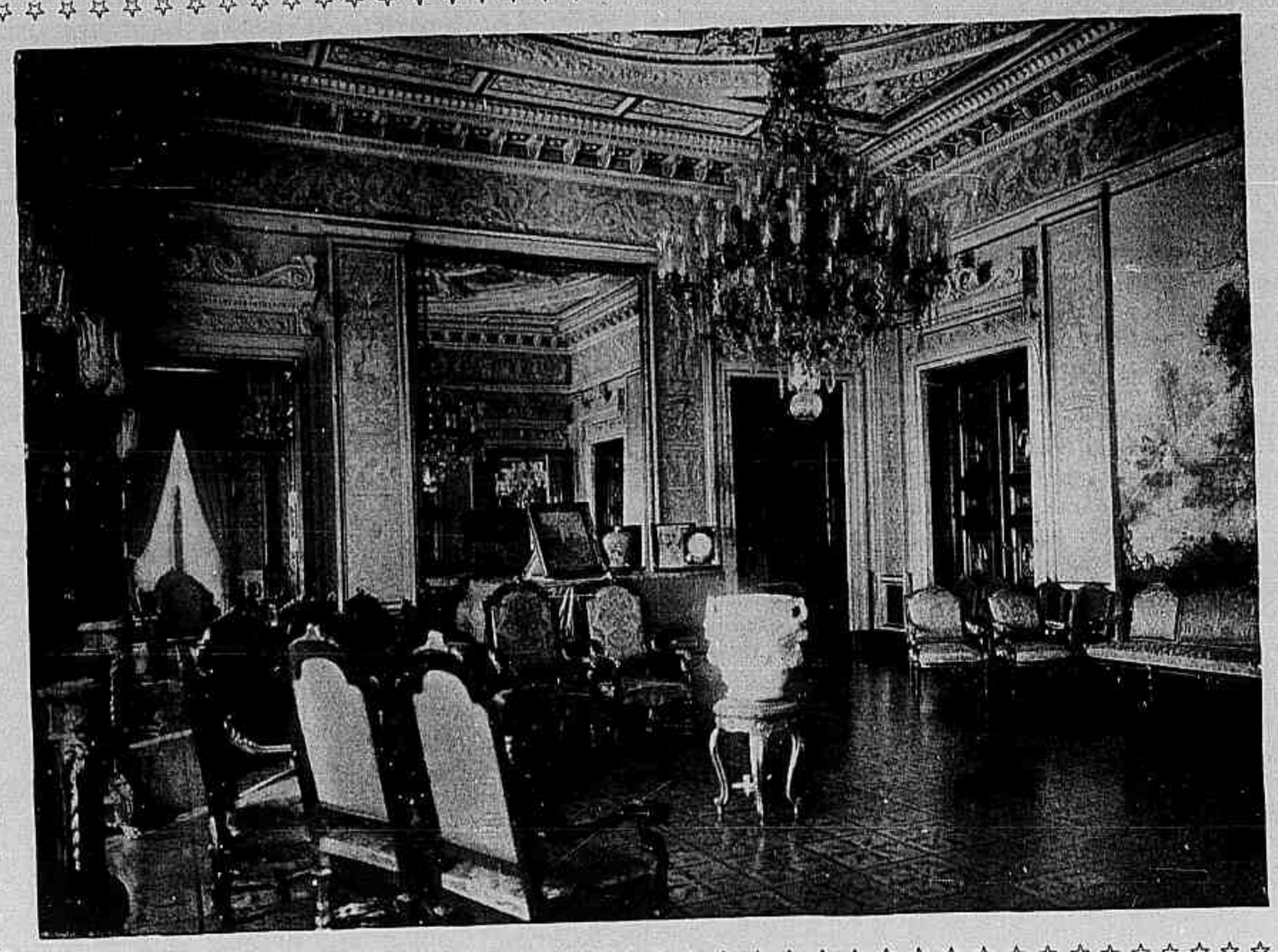
Sentindo-se combalido em sua saude, cujo estado se aggravava com a vida sedentaria de juiz; tendo já por mais de uma vez corrido imminente perigo de vida, requereu a sua aposentadoria. A sua retirada do Tribunal foi vivamente sentida.

Os seus conterraneos, porém, entenderam que era muito cedo ainda para o Dr. Epitacio Pessoa recolher-se á vida privada e, fazendo um appello ao seu patriotismo, elegeram-n'o senador.

Nesse cargo de representante federal da Parahyba do Norte e chefe da sua politica dominante vieram surprehendel-o a sua escolha para chefe da Delegação Brasileira á Conferencia da Paz e ulteriormente a sua eleição para presidente da Republica."

DE COMO SURGIU O NOME DO DR. EPITACIO PESSÔA PARA PRESIDENTE DA REPUBLICA

Achava-se o Dr. Epitacio Pessôa na chefia da embaixada brasileira á Conferencia da Paz; reunida na Europa em 1919, quando lhe chegou ás mãos, em Paris, o appello de seus compatriotas para que acceitasse a sua candidatura á presidencia da Republica, vaga pela morte do saudoso Conselheiro Rodrigues Alves.



SALÃO AMARELLO DO PALACIO DO CATTETE.

O nome ureolado de Ruy Barbosa havia, já então, provocado no paiz um forte movimento de opinião, oriundo, sobretudo, da sua popularidade e prestigio nacionaes exacerbados com a discussão de outras candidaturas menos brilhantes.

Estavam divididos os politicos brasileiros. As combinações surgiam diariamente, sem que satisfizessem o desejo da maioria.

Afinal, após muitas marchas e contra-marchas inuteis ao fim collimado, os Srs. Presidentes de Minas Geraes, S. Paulo e Rio Grande do Sul, assentaram que o candidato á presidencia não sahiria de nenhum desses Estados. E destarte, o "eixo" politico da situação deslocou-se para o Norte, onde a candidatura do Sr. Conselheiro Ruy Barbosa ganhava terreno dia a dia.

Foi, então, que o nome insigne do Dr. Epitacio Pessôa appareceu como o unico a ser opposto, sem desprimor, ao da Aguia de Haya.

Acceito rapidamente com geraes sympathias, trataram logo os proceres da situação de congregar em seu derredor todas as correntes politicas ainda não compromettidas. Por iniciativa do preclaro Dr. Arthur Bernardes, presidente de Minas, a idéa de uma Convenção Nacional tomou vulto, e dentro em breve os "leaders" federaes assentavam o criterio para a sua composição, marcando os dias 23 e 25 de Fevereiro para as respectivas sessões preparatoria e plena.

A' 1 hora da tarde dessa ultima data citada reuniu-se, pois, no edificio do Senado Federal, solemnemente, a Convenção Nacional de 1919, sob a presidencia do Sr. Antonio Azeredo, vice-presidente daquella casa legislativa, e por não ter podido o Sr. Arthur Bernardes vir assumil-a, devido ao estado de saude de sua veneranda progenitora.

São de hontem as occorrencias dessa memoravel assembléa politica, descripta admiravelmente, em todas as suas particularidades e minucias, nos numeros do "Jornal do Commercio" desta capital, de 10 a 26 de Fevereiro de 1919. A ella compareceram os partidarios do Sr. Epitacio Pessôa e do Sr. Ruy Barbosa. Os debates foram animados e muito honram a educação politica da nossa gente.

Eis o seu resultado, em votação nominal, Estado por Estado, e candidato por candidato:

Votaram no Sr. Dr. Epitacio Pessoa:

Amazonas—Lopes Gonçalves, Monteiro de Souza, Antonio Nogueira, Ephygenio de Salles, Nery da Fonseca e Dorval Porto.

Pará — Indio do Brasil, Chermont de Miranda e Flores da Cunha.

Maranhão — José Euzebio, Fernando Mendes, Cunha Machado, Collares Moreira, Costa Rodrigues, Aggripino Azevedo e João Pedro Vieira.

Piauhy — João Cabral e Pires Rabello.

Ceará — Benjamin Barroso, Thomaz Cavalcanti, Frederico Borges, Vicente Saboia, Ildefonso Albano, Osorio de Paiva, Eduardo Studart, Costa Souza, Carvalho Motta, Virgilio Brigido e Belisario Tavora.

Rio Grande do Norte — Eloy de Souza, Horacio de Paiva Cavalcanti e Fabio Rino.

Parahyba — Venancio Neiva, Octacilio de Albuquerque, Antonio Pessôa Filho, Osorio Soares, Simeão Leal e João Lopes Machado.

Pernambuco — Arthur Castro Barreto, Antonio Vicente, Eduardo Tavares, Lourenço de Sá, Andrade Bezerra, Turiano Campello e Luiz C. Lacerda de Almeida.

Alagoas — Raymundo de Miranda, Mendonça Martins, Luiz Silveira, Euzebio de Andrade, Araujo Góes e Pio Jardim.

Sergipe — Deodato Maia, Manoel Nobre e Decio Guaraná de Barros.

Bahia — J. J. Seabra, Muniz Sodré, Mário Hermes, Arlindo Fragoso, José Maria Tourinho, Seabra Filho, Arlindo Leoni, Elpidio Mesquita e Angelo Dourado.

Espirito Santo — Ubaldo Ramalhete, Manoel Monjardim, Heitor de Souza, Nelson Goulart Monteiro, Paulo de Mello e João Borges de Aguiar.

Districto Federal — Metello Junior, Mendes Tavares, Mario Moitinho dos Reis, Nicanor do Nascimento, Flavio da Silveira e Americo de Medeiros.

Rio de Janeiro — Miguel de Carvalho, Oliveira Botelho, Felix de Miranda, Joaquim Moreira, Norival de Freitas e Faria Souto.

S. Paulo — Alvaro de Carvalho, Alfredo Ellis, Fernando Prestes, Palmeira Ripper, Carlos de Campos, Galeão Carvalhal, Rodrigues Alves Filho, José Lobo, Ferreira Braga, Mario Tavares, Carlos Botelho e José Piedade.

Paraná — Generoso Marques, João Perneta, Luiz Bartholomeu e Ottoni Maciel.

Santa Catharina — Lauro Müller, Pereira de Oliveira, Celso Bayma, Abdon Baptista e Raulino Horn.

Rio Grande do Sul — Victorino Monteiro, Rivadavia Corrêa, Soares dos Santos, Vespucio de Abreu, Evaristo do Amaral, Gumercindo Ribas, Alcides Maia, Barbosa Gonçalves, Marçal Escobar, e Alvaro Baptista.

Minas Geraes — Francisco Salles, Moreira Brandão, Bernardo Monteiro, Bueno Brandão, Anthero Botelho, Francisco Bressane, Ribeiro Junqueira, Lammounier Godofredo, José Gonçalves de Souza, José Alves, José Bonifacio, Jayme Gomes, Camillo Prates, Honorato Alves, Fausto Ferraz, Souza Figueiredo, Astolpho Dutra, Randolpho Chagas, Luiz Antonio da Costa Carvalho e Albertino Drummond.

Goyaz — Olegario Pinto e Gonzaga Jayme.

Matto Grosso — Joaquim de Aquino Corrêa, Antonio Azeredo, Annibal de Toledo, Severiano Marques e Pereira Leite.

Votaram no Sr. Conselheiro Ruy Barbosa:

Pará — Justo Chermont, Firmo Braga, Souza Castro, Justiniano de Serpa e Dionisio Bentes.

Piauhy — José Luiz Baptista e Abdias Neves.

Ceará — Francisco Sá.

Pernambuco — Rosa e Silva e Estacio Coimbra.

Sergipe — João Menezes, José Calazans e Alcebiades Leite.

Bahia — Pedro Lago, Medeiros Netto, João Mangabeira e Pires de Carvalho.

Districto Federal — Vicente Piragibe, Octacilio Camará, Azurem Furtado, Aristides Caire, Rocha Miranda e Pedro Moitinho dos Reis.

Rio de Janeiro — Sebastião Viveiros de Vasconcellos, Cicero Costa, Modesto Leal, João Guimarães; Azevedo Sodré, Mauricio de Lacerda, Macedo Soares, Ranulpho Cunha, José de Moraes; Raul Rego e Laurindo Lemgruber.

S. Paulo — Julio Mesquita e Sampaio Vidal.

Paraná — Alencar Guimarães.

Rio Grande do Sul — Wenceslão Escobar, Pedro Moacyr e Raphael Cabeda.

Goyaz — Leopoldo de Bulhões e Theodoro Gomes.

Após essa votação, o Sr. Antonio Azeredo convidou os convencionaes a se levantarem e proclamou o Sr. Epitacio Pessôa candidato da Convenção Nacional de 1919 á presidencia da Republica no pleito de 13 de Abril, por 181 votos, contra 42 obtidos pelo Sr. Ruy Barbosa.

Ouviu-se, no recinto, uma prolongada salva de palmas.

Logo a seguir, o Sr. Faria Souto, convencional fluminense, erguendo-se, fez a seguinte proposta, approvada unanimemente:

"Proponho que na communicação que haja de ser feita ao eminente candidato á Presidencia da Republica, dando-lhe sciencia da escolha de seu nome, se consigne o justo orgulho da Nação pelo modo altamente honroso e pelo fulgurante brilho com que tem representado o Brasil na Conferencia da Paz, alinhando o seu nome entre os de maior destaque no seio daquella assembléa de nações. (Muito bem; muito bem).

Submettida a votos, a proposta é unanimemente approvada.

Falou, depois, o Sr. Astolpho Dutra, então "leader" da bancada mineira na Camara dos Deputados, que pronunciou estas breves palavras:

"Sr. Presidente, pedi a palavra tão sómente para propor á Convenção, por intermedio de v. ex., que a mesa fique autorizada a redigir o manifesto que ha de ser submettido á assignatura dos Srs. convencionaes que acceitaram a candidatura victoriosa no seio da Convenção."

(Submettida a proposta a votos, foi a mesma approvada por unanimidade).

O Sr. presidente: — A mesa se incumbirá da redacção do "Manifesto"; que ficará á disposição dos Srs. Convencionaes, para as respectivas assignaturas, na Camara dos Deputados.

O MANIFESTO DE APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA DO SR. EPITACIO PESSÔA A' PRESIDENCIA

"A' Nação Brasileira: — Em consequencia da morte do eminente Estadista Sr. Conselheiro Rodrigues Alves, Presidente eleito da Republica e cuja funda e sensivel falta a Nação tanto tem deplorado, de novo se abriu a successão presidencial para o quadriennio corrente.

Foi; por isso, fixada com inevitavel premencia de tempo, nos estrictos termos constitucionaes, a data para preenchimento eleitoral da alta investidura, pelo que necessario, senão mesmo urgente se tornou a immediata consagração dos elementos politicos organizados do paiz, aos quaes di, rectamente incumbia solucionar o problema, ponderando, com segurança e civismo; os grandes interesses e responsabilidades que formam o actual momento historico, interno e externo, do Brasil.

Para tanto se aggremiaram, em notavel maioria, por especiaes e autorisados representantes, nesta capital, essas forças que normalmente constituem as situações politicas e administrativas dos Estados e do Districto Federal, unidos e cohesos no pensamento commum de, após maduras, francas e leaes confabulações e consultas, por completo isentas de quaesquer preconcebidas preoccupações de pessoas, classes ou regiões, accordaram na escolha de um candidato que pudesse consagrar as legitimas expectativas nacionaes.

Havendo já o egregio Presidente do Estado de Minas Geraes, em nobre iniciativa, encaminhado taes factores politicos, a bem de uma collectiva e regular declaração dos seus propositos, firmando para isso, e de accordo com salutares antecedentes, a idéa de uma Convenção Nacional, em que se expandissem todas as conhecidas e apreciaveis correntes da opinião brasileira, foi essa assembléa effectivamente organizada, convocada e reunida sob os melhores auspicios.

Era a base mais ampla e complexa para uma prompta auscultação da vontade do paiz.

Essa convenção se realisou a 25 do corrente mez, tendo a ella comparecido elevado numero de

representantes dos Estados e do Districto Federal, quer por suas maiorias situacionistas, quer por suas minorias de opposição e quer por suas correntes avulsas, demonstradas nas eleições federaes de 1 de Março do anno passado. E de como foram feitas essas representações dil-o, de modo irretorquivel, a significativa circumstancia de, a tal respeito, terem sido plenamente attendidas todas e quaesquer suggestões ou reclamações que, dentro do criterio basico preestabelecido e que tão seguros resultados produziu, se apresentaram.

De tal forma, certa e consciente dessa sua capacidade representativa, unanimemente reconhecida, aquella Convenção permittiu que, no seu seio, pela palavra e pelo voto, na mais livre expansão de conceitos e indicações de nomes, todos os matizes politicos, sem exclusão de um só, entre os conhecidos nas urnas referidas por suffragios em numero, embora diminuto, mas razoavelmente computaveis, em comicio de tal natureza, se manifestassem acerca do momentoso assumpto.

E o resultado dessa livre, ponderada, competente e egual manifestação, foi a escolha de um nome, por todos os titulos illustre e acatado — o do Senador Epitacio da Silva Pessôa, que reuniu mais de tres quartos dos votos nominaes dos srs. representantes presentes áquella Convenção. Póde-se dizer acertadamente, portanto, que essa escolha constitue, numa assembléa heterogenea, pelas varias correntes politicas que congregou, harmonisadas, entretanto, quanto ao seu alevantado objectivo commum, a expressão mais approximada possivel de um congraçamento de espiritos e vontades, para a solução do magno problema.

De outro lado, o nome escolhido é, pelo seu merecimento, que o paiz inteiro reconhece e proclama, e pelas condições especiaes da escolha, ainda uma confirmação desses intuitos de paz e harmonia, que tão patrioticamente animaram a Convenção Nacional effectuada.

Brilhante parlamentar, o Sr. Dr. Epitacio Pessôa tem deixado, ha já largo tempo, traços inesqueciveis da sua lucida intelligencia e profunda cultura, nos debates da Camara dos Deputados e do Senado Federal, onde ainda exerce o seu honroso mandato, administrador activo e fecundo; a sua passagem pelo Ministerio do Interior e da Justiça, no periodo presidencial da Republica, de 1898 a 1902, assignalou-se por actos que se integram no glorioso patrimonio dessa notavel phase do actual regimen; magistrado, S. Ex. foi sempre uma figura de inconfundivel relevo no Supremo Tribunal Federal.

Recentemente ainda, tendo o Brasil de compor, de maneira condigna e efficiente, a sua representação no Congresso das Nações, ora reunido em Paris, o nome do preclaro Brasileiro foi logo suggerido e acolhido para a chefia de tão importante missão diplomatica, em relação á qual se reclamavam comprovados predicados de saber, de prudencia, de descortino, de acção e de patriotismo. Accresce, finalmente, que, afastado do paiz, precisamente no instante em que se agita a successão presidencial, alheio, assim, a quaesquer embates de opinião sobre o caso, filho e representante de um Estado ao qual não se pode attribuir leiva alguma de predominio nessa questão de candidaturas, o nome nacional de S. Ex., amparado por incontestavel capacidade e relevantes serviços, só póde symbolisar, como realmente symbolisa, um expoente de fraternidade e concordia, em torno das necessidades e aspirações do povo brasileiro, na ordem material e moral, e entre as quaes avulta, na difficilima hora internacional que atravessa, a solução pacifica e democratica dos problemas sociaes, creando orgãos para que a Nação possa assegurar aos que trabalham, os meios de organisação e de defesa que o hodierno direito aconselha e que o futuro Governo poderá realizar, dentro das franquias do systema presidencial. A Convenção Nacional, tendo, por todos esses fundados motivos, adoptado a candidatura do Sr. Dr. Epitacio Pessôa á Presidencia da Republica, na vaga existente ao quadriennio a findar em 1922, vem, pelos seus representantes abaixo-assignados, apresental-a e recommendal-a aos suffragios do paiz, na eleição a realizar-se a 13 de Abril proximo vindouro. (Assignados). Rio de Janeiro 25 de Fevereiro de 1919.

Amazonas — Senador Lopes Gonçalves; deputados Monteiro de Souza, Antonio Nogueira, Ephigenio de Salles, Leopoldo Nery Fonseca, Dorval Porto.

Pará — Deputados Flores da Cunha, Chermont de Miranda; senador Indio do Brasil.

Maranhão — Senadores Fernando Mendes de Almeida, José Euzebio, Costa Rodrigues; Deputados, Cunha Machado, Collares Moreira, Agrippino Azevedo, Dr. João Pedro de Carvalho Vieira.

Piauhy — Deputados Felix Pacheco; João Cabral, Pires Rabello.

Ceará — Senador Benjamin Barroso, Deputados Thomaz Cavalcanti, Vicente Saboya, Frederico Borges, Eduardo Studart, Ildefonso Albano, Osorio de Paiva, coronel Joaquim Costa de Souza, Antonio Frederico de Carvalho Motta, Virgilio Brigido, Belisario Tavora.

Rio Grande do Norte — Senadores Eloy de Souza, Horacio Barreto de Paiva Cavalcanti, Fabio Rino, João Lyra; Deputado Antonio Maranhão.

Parahyba: — Senador Venancio Neiva; Deputados Octacilio de Albuquerque, Antonio Pessôa Filho, Assis Soares, Simeão Leal, João Lopes Machado.

Pernambuco — Deputados Andrade Bezerra, Eduardo Tavares, Lourenço de Sá, Antonio Vicente, Turiano Campello, Luiz Cacalvanti Lacerda de Almeida, Adolpho Castro Barreto, Antonio José da Costa Ribeiro.

Alagôas — Senadores Raymundo de Miranda, Araujo Góes, Euzebio de Andrade, Pio Jardim; Deputados Mendonça Martins e Luiz Silveira.

Sergipe — Deputados João Menezes, Manoel Nobre, Deodato Maia, Decio Guaraná de Barros.

Bahia — Senador J. J. Seabra; Deputados Moniz Sodré, Mario Hermes, Arlindo Fragoso, José Maria Tourinho, J. J. Seabra Filho, Arlindo Leoni, Elpidio de Mesquita e Angelo Autran Dourado.

Espirito Santo — Deputados Ubaldo Ramalhete, Manoel Monjardim, Heitor de Sousa, Nelson Goulart Martino, João Doukla Borges Aguiar e Paulo Julio de Mello.

Districto Federal — Deputados Metello Junior, Mendes Tavares, Mario Moitinho dos Reis, Nicanor do Nascimento, Flavio da Silveira e Americo de Medeiros.

Rio de Janeiro — Senadores Miguel de Carvalho, Francisco Chaves de Oliveira Botelho, Felix de Miranda, Joaquim Moreira; Deputados Norival de Freitas e Carlos de Faria Souto.

São Paulo — Senadores Alvaro de Carvalho, Alfredo Ellis, Fernando Prestes; Deputados Carlos Campos, Galeão Carvalhal, Rodrigues Alves Filho, José Lobo, Ferreira Braga, Mario Tavares; Palmeira Ripper, José Piedade e Carlos Botelho.

Paraná — Senador Generoso Marques; Deputados João Pernetta, Luiz Bartholomeu e Ottoni Maciel.

Santa Catharina — Senador Lauro Müller; Deputados Abdon Baptista, Celso Bayma, Pereira de Oliveira e Raulino Julio Adolpho Horn.

Rio Grande do Sul—Senadores Victorino Monteiro, Rivadavia Corrêa e Soares dos Santos; Deputados Vespucio de Abreu, Evaristo do Amaral, Gumercindo Ribas, Carlos Pennafiel, Alcides Maya, Barbosa Gonçalves, Marçal Escobar e Alvaro Baptista.

Minas — Senadores Francisco Salles, Bernardo Monteiro; Deputados Bueno Brandão, Antheiro Botelho, Francisco Bressane, Ribeiro Junqueira, Lammounier Godofredo, José Gonçalves, José Bonifacio, Jayme Gomes, Camillo Prates, Honorato Alves, Fausto Ferraz, José Alves, Senna Figueiredo, Astolpho Dutra, Randolpho Chagas, Luiz Antonio da Costa Carvalho e Albertino Drummond.

Goyaz — Deputado Olegario Pinto e Senador Gonzaga Jayme.

Matto Grosso — Senador Antonio Azeredo; Deputados Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Annibal Toledo, Pereira Leite e Severiano Marques.

O DR. EPITACIO PESSÔA CONSENTE NA SUA INDICAÇÃO E DIZ COMO AGIRA', SE FOR ELEITO

Recebendo da mesa da Convenção Nacional a communicação da escolha de seu nome para successor do Sr. Conselheiro Rodrigues Alves, o Sr. Dr. Epitacio Pessôa, ainda na Europa, dirigiu em resposta, o seguinte telegramma ao Sr. Senador Antonio Azeredo, presidente daquella grande assembléa politica:

"PARIS; 27 — 2 — 919 — Sciente pelo vosso telegramma de hontem, hoje recebido, de haver a Convenção Nacional, reunida no Senado, e constituida de representantes de todos os Estados, resolvido em sua grande maioria indicar o meu nome aos suffragios da Nação para preencher o quadriennio presidencial que termina em 1922, é profundamente commovido que venho apresentar á respeitavel assembléa os protestos do meu reconhecimento por essa honra tão insigne quanto inesperada.

A expontaneidade da designação, feita em minha ausencia, sem nenhuma suggestão directa ou indirecta de minha parte e sem a exigencia previa de compromissos de qualquer natureza; a significação e valor das forças politicas que a apoiaram; as manifestações de solidariedade que nestes dias tenho recebido de todos os pontos e dos nomes mais conspicuos do Brasil; tudo me convence de que é a propria Republica, pelos seus orgãos mais autorisados, quem reclama de novo os meus serviços; desta vez no posto supremo do seu governo.

Tanto basta para que me não sinta com o direito de fugir a esse appello. Acceito, pois, a candidatura que me offereceis e se for eleito não duvidarei um só instante de que a minha unica preoccupação no governo será justificar a confiança da Nação.

Ha pouco mais de um anno, no banquete de 23 de Outubro de 1917, tive ensejo de expor, como orgão dos mais notaveis representantes da politica nacional, os problemas que, a meu vêr se impunham de modo mais premente ao exame do governo brasileiro e as medidas que me pareciam mais urgentemente reclamadas para a solução desses problemas. De então para cá, os aspectos fundamentaes da situação não se modificaram.

Na impossibilidade em que me encontro, pela raridade, incerteza e demora das relações postaes, de me communicar mais longamente e a tempo com os meus compatriotas, têm estes naquelle discurso, que corre impresso, o meu modo de encarar



SALÃO DE HONRA DO PALACIO DO CATTETE.

as necessidades actuaes. Ponhamos em pratica essas medidas; tenhamos em vista, principalmente, os problemas financeiros e economicos que mais do que nunca se apresentam complicados; difficeis; demoremos a nossa attenção por egual na questão do trabalho, que neste momento preoccupa o mundo inteiro e é preciso resolver por via de providencias pacificas, opportunas e adequadas; exerça o governo sempre a sua acção dentro dos moldes da carta politica de 24 de Fevereiro e com o concurso, que não será regateado, dos Estados, plenamente garantidos na sua autonomia constitucional, e acredito se abrirá para o paiz uma época de segurança, de paz e de prosperidade.

A urgencia desta resposta não me permitte maiores explicações. Tenho já um longo passado de vida publica, em que presumo ter sempre procedido com patriotismo, inteireza e dignidade; elle será a garantia da minha acção no alto posto para que me indicaes, se a Nação houver por bem homologar a vossa generosa escolha.

Neste caso pode ficar certo o Brasil de que tudo farei por lhe assegurar, com decisão a energia que tenho por norma imprimir aos meus actos, um governo de ordem, de liberdade e justiça. Saudações cordiaes."

PROGRAMMA DE GOVERNO — O discurso a que acima fez referencia o Sr. Epitacio Pessôa, no telegramma em que deu assentimento á sua candidatura á presidencia da Republica, foi pronunciado no banquete de 28 de Outubro de 1917, ao Sr. Conselheiro Rodrigues Alves, escolhido para successor do Dr. Wenceslão Braz.

Eil-o, na integra:

"Meus senhores. — Quiz a nimia generosidade dos convivas deste banquete, representantes os mais autorisados da politica nacional, que fosse eu o interprete de suas idéas e sentimentos junto aos dois eminentes brasileiros, que a Convenção de 7 de Junho indicou á nação para os postos de Presidente e Vice-Presidente da Republica, no proximo periodo de governo.

Quando intimado dessa temerosa deliberação, confesso que de recusa foi o meu primeiro movimento, não tanto pelo temor quasi invencivel que hoje me infunde a tribuna quanto pela consciencia de minha propria desvalia; tão honrosa incumbencia, por sua propria natureza, devia caber a alguem de mais alta significação na politica do paiz.

A calorosa sympathia, porém, com que eu proprio contribui para a escolha da Convenção, a alta prova de confiança que para mim traduzia esse tão melindroso quão espontaneo mandato, facilitaram sobremodo a tarefa dos meus dignos committentes.

Eis-me, pois, aqui, para trazer aos illustres Srs. Rodrigues Alves e Delphim Moerira, as saudações dos seus amigos e os votos e esperanças com que todos aguardamos o futuro governo.

Senhores — A escolha dos dois candidatos á magistratura suprema da Republica coincide, desta vez, com um momento de graves inquietações na vida nacional, tanto mais angustioso quanto todos sentem que ás difficuldades de agora muitas outras ainda, talvez mais presentes, se virão juntar, oriundas do tremendo cataclysmo que ha mais de tres annos saccode, convulsiona e devasta a Europa inteira, ceifando-lhe, na mocidade e na intelligencia, os elementos da sua vitalidade e os factores de sua cultura, estancando-lhe, nas industrias, no commercio e na navegação, as fontes productoras de sua riqueza, crestando-lhe na vida politica as energias fecundas da civilisação.

Por isto mesmo o caminho a seguir estava de antemão traçado á Convenção de 7 de Junho. O mais desavisado sentimento de patriotismo exigia que os representantes do povo brasileiro, esquecendo pequenas divergencias accidentaes, se unissem em torno de nomes que, prestigiados por essa acclamação nacional e fortes pela sua propria capacidade, nos dessem a segurança de que o Brasil venceria com serena dignidade os embaraços que as circumstancias do momento espalham no seu caminho.

Precisavamos de brasileiros que se impuzessem, sem contraste, á confiança de toda a nação, e em toda a nação pudessem incutir a certeza de que os seus destinos, assim no interior como nas relações internacionaes, iriam ser entregues ás mãos experimentadas dos mais capazes e dos mais dignos.

O candidato á Presidencia da Republica estava naturalmente indicado.

O Sr. Rodrigues Alves é um homem a quem se póde saudar sem temor de parecer lisonjeiro. Toda a nação lhe reconhece os serviços. Formado em uma escola de moderação, de amor á ordem, de respeito á lei, de esclarecido patriotismo, attingiu as mais culminantes posições sem nunca as procurar, sempre indicado, como o mais proprio para ellas, pelos mais capazes de escolher.

A sua presidencia, de 1902 a 1906, assignalou-se, entre outros titulos, como o primeiro periodo de calma relativa que tivemos depois da proclamação da Republica. Nella foi possivel consolidar o trabalho feito pelos seus antecessores em bem do restabelecimento da ordem civil, profundamente abalada com as lutas consecutivas á implantação do novo regimen, lutas que tanto dividiram os homens e arruinaram as finanças do Brasil. Elle soube aproveitar o legado, dirigindo desde logo com visão superior a sua previdente actividade, para o que antes de tudo convinha fazer, como preparo e inicio de uma era de progresso material, moral e economico, isto é, para a rehabilitação sanitaria do Brasil, desacreditado no estrangeiro por mais de meio seculo de epidemias crueis.

O saneamento e as obras de embellezamento desta capital, como sabeis, senhores, não tiveram sómente por effeito immediato poupar-nos ao vexame que nos affligia deante do mundo civilisado, desafogar-nos o coração do pesadelo com que o atormentava a ameaça sempre suspensa sobre a existencia dos entes queridos, mas economisaram tambem para o paiz milhares de vidas, factores inestimaveis do nosso progresso e abriram de par em par as nossas portas á entrada confiante e tranquilla do estrangeiro.

Só então, banqueiros, politicos, jornalistas, literatos de renome puderam visitar-nos sem receio, attrahindo para a Nação a confiança dos centros financeiros, de onde nos podiam vir os capitaes necessarios ao aproveitamento de nossas riquezas.

O Brasil, peza-me dizel-o, parece não ter jámais apprehendido bem o alcance desse immenso beneficio, por si só bastante para fazer a gloria de um governo e penhorar a gratidão de um povo.

Não seja isto, entretanto, senhores, razão sufficiente para que se não complete agora a obra meritoria, extinguindo, por acção directa do Governo Federal ou por meio de auxilios á iniciativa dos Estados, as endemias que assolam o interior do paiz, dizimando-lhe as populações, matando-lhe as energias, reduzindo-lhe a capacidade de producção. Não é sómente um sentimento de humanidade que dita esse dever, é o interesse da nossa prosperidade economica, da nossa força, da nossa vitalidade como nação.

— O melhoramento dos nossos principaes ancoradouros; o consideravel desenvolvimento da nossa rêde de caminhos de ferro, eis ahi duas outras séries de grandes serviços prestados á Republica pelo Sr. Rodrigues Alves.

— Tudo isto (o facto merece ser assignalado) o seu governo levou a bom termo, sem abalo do nosso credito, e antes elevando-o e fortalecendo-o. Até á expiração do mandato, com effeito, as finanças se mantiveram prosperas, e constante foi a preoccupação do Presidente em preparar o terreno para o resgate do papel-moeda e o advento, um dia, da circulação metallica, objectivo em cuja realisação é preciso não perder a fé.

A recordação desse governo exemplar não podia deixar de inspirar a Convenção de 7 de Junho. Esta acredita haver, com a sua escolha, consultado bem os interesses e interpretado com felicidade os sentimentos da Nação Brasileira, e espera que a unanimidade do seu voto se repetirá no voto unanime do povo.

Terá assim o Sr. Rodrigues Alves a fortuna de ascender á presidencia da Republica, não pelos suffragios de um partido, mas sobre os hombros de toda a nação.

Será isto uma condição de exito na situação extraordinariamente grave em que se vae encontrar o seu governo, obrigado, na phase nova que durante elle se ha de abrir á historia do mundo, a conquistar para o Brasil a posição que lhe deve caber nos novos destinos da humanidade.

Feliz carreira politica a do homem a quem as circumstancias reservaram tão gloriosa missão.

Todos estamos vendo, senhores, que não é sómente sob o ponto de vista, propriamente militar, da estrategia, da tactica, dos engenhos de destruição; não é só pelo furor inaudito com que os povos mais civilisados do mundo se atirem uns contra os outros em massas dantes nunca vistas, e se laceram, e se estracinham, e se exterminam em choques desvairados; não é só pela barbaridade dos processos de luta ou pela furia allucinada com que a vesania da força sacrifica os mais sumptuosos thesouros da intelligencia e do sentimento artistico da humanidade, que a guerra a que assistimos se distancia das guerras de outr'ora, quando o mundo não estava ainda ligado pelos variados e valiosissimos interesses que o vapor, o telegrapho e as maravilhas da industria crearam, e que tornaram o commercio e as finanças o laço mais forte entre as nações; mas tambem a causa mais real de approximações e de conflictos. E' principalmente pela influencia perturbadora que está exercendo na vida interna dos povos, no seu consumo, nas suas industrias, no seu commercio, no transporte da sua producção, que essa guerra se apresenta como uma revolução social sem precedente na historia.

Senhores; ninguem póde ainda ver claro através das nuvens de fumo e de pó que se levantam dessa pavorosa convulsão. O que é certo é que de dia em dia a situação do mundo se aggrava. Foi por isso talvez que todos nós nos lembrámos do Sr. Rodrigues Alves, como o homem que pela sua experiencia no trato da administração publica desde o tempo do Imperio; pela sua energia moral temperada por um largo espirito de tolerancia e de concordia; pela sua coragem civica, comprovada, em momento de grave perigo, na defesa da ordem constitucional; pela ponderação dos seus designios, pela firmeza das suas resoluções, pela sua respeitabilidade pessoal; em uma palavra pelo prestigio e renome que estes predicados lhe grangearam em todo o paiz, era o mais capaz para presidir a esse momento, que se approxima, cheio de incertezas e de perigos.

Não é que possamos ter duvidas a respeito



PARQUE DO PALACIO DO CATTETE.

da attitude a assumir deante do conflicto propriamente dito ou nos seus desdobramentos futuros. Não; neste terreno a posição do Brasil está claramente definida. A nossa sorte depende da sorte daquelles a quem nos ligou a offensa irrogada á nossa soberania; e são os que sempre inspiraram a formação da nossa cultura, os que sempre se associaram á elaboração da nossa riqueza e do nosso progresso material, e os que sempre nos attrahiram pela generosa aspiração da fraternidade continental.

Não; sobre este ponto não pode haver illusões. A nossa cooperação não será abundante, porque os nossos recursos não são vastos, mas deve ser firme e opportuna.

Outras são as preoccupações da hora presente.

As devastações produzidas na Europa collocam o Brasil numa situação até agora desconhecida. Desde os primeiros tempos da sua vida de independencia contou elle sempre com a abundancia do dinheiro europeu e com o concurso da immigração. O dinheiro vae faltar, terminado o conflicto; as nações que nelle se empenham estarão completamente exhauridas. Quanto á immigração, não poderá manter-se depois das hecatombes da guerra. Teremos assim por longo tempo que contar unicamente com os nossos proprios recursos.

Dahi muitos problemas hão de surgir.

Nestes tres annos de luta, já alguns, como os do combustivel e dos transportes, se definiram de modo alarmante para a nossa economia; outros, como a producção dos cereaes e generos alimenticios, terão de apparecer em futuro não mui remoto.

Do cuidado e interesse que nos deve merecer a questão do combustivel dá-nos bem uma idéa a dolorosa experiencia destes ultimos tempos. A escasseez do carvão, vendido a preços inconcebiveis, enche de apprehensões o futuro do nosso trafego maritimo e terrestre, e nos está impellindo, entre outros males; a essa louca imprevidencia; que é a devastação das nossas florestas.

A crise de transporte perdura e, pela sua expressão, ha de subsistir mesmo depois da utilisação effectiva dos navios allemães; um verdadeiro clamor levanta-se de todos os Estados, pedindo a exportação dos seus pr ductos, que as necessidades e solicitações da Europa multiplicaram, mas que a falta de navios immobilisou e accumulou nos portos.

Pelo que toca á producção de cereaes e outros generos de alimentação é de prever que por algum tempo a penuria da Europa será, como está sendo agora, incentivo de trabalho aqui. A guerra, se é verdade que reduziu a proporções lamentaveis a principal fonte de receita da União, tem tido, todavia, uma influencia benefica em certos aspectos da nossa vida enconomica. O espirito de iniciativa vae-se apurando em variadas actividades; novas industrias têm apparecido, a producção desenvolve-se e augmenta de valor. Cumpre, porém, não esquceer que a alteração das condições economicas do mundo após a guerra virá modificar as nossas vantagens actuaes de fornecedores, não só de generos alimenticios, mas até de materias primas. O que se está desenhando para depois da guerra é um conjunto de combinações e de medidas a respeito do commercio internacional, de sorte que é a defesa dos nossos productos, a collaboração do Brasil nessas remodelações da politica economica que temos desde já de preparar e mais tarde de obter de accordo com os nossos amigos e alliados.

Precisamos desenvolver a nossa producção industrial, agricola e pecuaria; facilitar-lhe a sahida pelo melhoramento dos portos, pela multiplicação dos meios de transporte terrestre, maritimo e fluvial, mas precisamos tambem e antes de tudo assegurar-lhe o consumo pela conquista e conservação dos materiaes.

Nos cuidados que deve merecer a situação interna da Republica, um dos problemas cuja solução se impõe, porque augmentará grandemente a nossa capacidade economica, é o da extincção das seccas no nordeste brasileiro, phenomeno desolador que periodicamente nos rouba vidas preciosas, nos estanca fontes abundantes de renda, e não abona a previdencia dos governos do Brasil.

Salvo algumas obras emprehendidas em administrações passadas e sobretudo no periodo vigente, o que se tem feito até aqui, sem plano, sem continuidade, desordenado e desconnexo, pouco tem contribuido para melhorar as tristes condições daquella região.



PARQUE DO PALACIO DO CATTETE.

Fala-se com desconfiança ou decepção nos dinheiros gastos com as seccas. Não é o "quantum" das despezas que deve merecer reparo; mas a desorientação com que têm sido feitas. Mais, muito mais do que isso, se tem despendido no resguardo de interesses menos vitaes de outros pontos do territorio; mais; infinitamente mais, valiam para a prosperidade nacional, as vidas e os patrimonios que desappareceram na fornalha abrazadora do horrido flagello.

Não ha, senhores, uma alma de brasileiro que não repilla com a mais indignada revolta a idéa de desmembramento de nossa bella patria. Ninguem, que não seja inteiramente destituido de senso politico, poderá pensar um só instante em crear prevenções e antagonismos entre as duas grandes zonas geographicas da Republica. Mas aos governos incumbe, por uma distribuição mais equitativa de sua acção previdente, afastar os motivos de reclamações e de queixas.

Ora, basta lançar os olhos, de um lado, sobre os quadros comparativos da viação ferrea, das linhas telegraphicas, do serviço postal, da immigração, dos favores á agricultura nas duas regiões, e, de outro, sobre a extensão territorial, a população e a contribuição com que ellas participam das despesas publicas, para reconhecer que da parte dos poderes federaes não tem havido aquelle espirito de equidade e de justiça a que se julgam com egual direito as unidades componentes de uma mesma Federação.

Será honroso para o governo de um filho do sul mostrar, por medidas inequivocas, que essa desegualdade não resulta de causas internacionaes.

— Se a defesa economica, tudo o indica, é nas circumstancias presentes o aspecto preponderante da defesa nacional, não quer isto dizer que devamos excluir das nossas preoccupações as necessidades da defesa militar. Pelo contrario, a mais elementar prudencia nos aconselha a prover o Brasil dos elementos de força necessarios á defesa de sua soberania, de sua dignidade e de seus interesses; a apparelhar as classes armadas com todos os recursos indispensaveis para o desempenho cabal de sua nobre missão. Deixar o paiz desapercebido para as emergencias que possam surgir do sombrio ambiente que nos envolve seria acto de criminosa imprevidencia. A Nação mesma já o comprehendeu nesse fremito patriotico que a agita, nesse movimento transbordante de enthusiasmo que a empolga, que de norte a sul a identifica e confunde com o seu proprio exercito, e a sustenta e a encoraja, impavida e vibrante, para a defesa, se necessaria, da sua integridade e dos seus brios.

Nem se invoquem como obstaculo a esta politica os encargos pesadissimos que ella reclama.

Em primeiro logar, tudo leva a crer que esta situação não se prolongará por muito tempo. A guerra actual não será talvez a ultima guerra no mundo, mas precederá sem duvida a um largo periodo de paz. Não é possivel que de tamanhos sacrificios não resulte ao menos esse bem para a humanidade. Poderemos assim em breve volver ao nivel normal das despesas militares e attender, com as disponibilidades dahi resultantes, a outros compromissos e necessidades pacificas da Republica.

Depois, ainda que outra fosse a perspectiva, não temos o direito de pensar de modo differente. não ha sacrificios incomportaveis para uma nação, quando possam estar em jogo a sua segurança e a sua honra.

A mais minuciosa reducção dos encargos do Thesouro; a mais persistente economia no dispendio dos dinheiros publicos, a mais vigilante fiscalização na arrecadação das rendas federaes, tres elementos que, postos em acção com decisão e coragem, por si sós operarão o restabelecimento do nosso equilibrio financeiro, sem necessidade de exigir do povo maiores sacrificios, eis ainda outra ordem de providencias que temos direito de esperar do governo do Sr. Rodrigues Alves.

Sua ex. emittiu uma vez o conceito de que "nos paizes victimados por uma aguda crise financeira, é sobretudo na continuidade dos esforços dos governos que se succedem, que repousa a confiança nas soluções definitivas". Ora, honra seja feita ao actual Presidente da Republica, simples, sem artificio, compenetrado dos seus deveres de patriota, e de chefe de Estado, com uma sinceridade, uma convicção e ao mesmo tempo uma modestia e uma naturalidade que se impõem a todos que delle se approximam, o Sr. Wenceslão Braz, com um esforço discreto, quasi silencioso, mas tenaz e infatigavel, tem posto o melhor das suas energias em reparar a nossa situação financeira, defender o nosso credito e sustentar a honra do Brasil.

A continuação desta politica bem inspirada e patriotica será um penhor de melhores dias no futuro.

— Outros problemas, esses de politica interna mas egualmente de interesse vital para as instituições, se offerecem á attenção e labor dos governos da Republica.

Somos um povo bom, senhores, mas sem instrucção e que sempre foi dirigido por uma pequena minoria illustrada. Esta minoria está minguando porque o ensino se tem aviltado. Cumpre reerguel-o e aperfeiçoal-o, por isto mesmo que a instrucção do povo é uma garantia das instituições nos regimens democraticos, e a primeira condição para a pratica real do systema representativo.

A ultima reforma do ensino superior e secundario vae se acreditando felizmente por frutos bem sazonados. Importa defendel-a contra as conspirações do interesse particular, e melhoral-a cada dia de accordo com as suggestões da experiencia.

Importa tambem desde já organisar convenientemente o ensino profissional, de caracter technico, de feição pratica, como o estão reclamando o desenvolvimento das nossas industrias, a exploração das nossas riquezas, as variadas culturas a que se presta o nosso sólo abençoado; os thesouros sem par que elle occulta em seu seio.

Esta necessidade já vae sendo comprehendida pela União e tambem por alguns Estados, mas o que se tem feito até agora, não passa ainda de um ensaio deficiente e incompleto.

E' pela falta do ensino profissional que os mais habeis se têm encaminhado para as carrei-

ras liberaes, abandonando as actividades que levam á independencia pessoal e á riqueza. Convém reagir contra o desvio das aptidões e abrir a estas novos horizontes.

Digno, sem duvida de encorajamento e de auxilio é, como já ponderei, esse enthusiasmo que irrompe de todos os pontos da Republica pela constituição de um Brasil forte; mas a força devemos formal-a para defender a riqueza creada por nós mesmos, e para isto o primeiro passo a dar é animar as gerações novas a voltarem-se para a industria e para o commercio, até agora monopolisados nas mãos dos estrangeiros, justamente por causa do abandono em que os temos deixado. Quanto mais os brasileiros se forem interessando por essas profissões, tanto mais se irão afastando do campo esteril da politica, onde todos esperam colher a flor mirrada do emprego publico.

— Um dos nossos grandes males, senhores, é o dispendio de enormes energias em lutas pequeninas, ao redor do orçamento. A luta politica é benefica e gloriosa, quando tem por objectivo os grandes ideaes, as medidas essenciaes ao bem estar geral, quaes foram as lutas dos ultimos vinte annos do segundo reinado em pról da eleição directa como instrumento da verdade eleitoral, em favor da libertação dos escravos e pela implantação do regimen republicano. A abolição já produziu os seus fructos — o desenvolvimento do trabalho livre, a formação dessa riqueza estavel, forte, crescente dos cafezaes paulistas, que succederam á lavoura transitoria do valle do Parahyba. A Republica ainda não nos deu tudo quanto podia dar, e a razão principal disto é que o povo não tem collaborado realmente no maneio dos negocios publicos.

Precisamos de eleições sérias, senhores, com a responsabilidade effectiva dos que tentarem fraudal-as; sérias na qualificação dos eleitores; sérias na emissão e apuração do voto; sérias no reconhecimento de poderes. Até hoje as eleições, em geral, e com ellas o systema representativo, não lograram ser entre nós uma realidade; falseam-nas os artificios do alistamento eleitoral; mystificam-nas os abusos das autoridades locaes; deturpam-nas as combinações das camaras verificadoras e a intervenção indebita dos governos.

O desvirtuamento do voto, que é a essencia mesma das construcções democraticas, está compromettendo lamentavelmente o regimen. Urge remediar a esse estado de coisas. Os homens de governo, bem orientados, servem-se do poder e legislam para quando forem opposição. Só no terreno das eleições livres podem as aspirações politicas ter força moral para se imporem. A ultima reforma eleitoral foi de certo um bello esforço neste sentido; mas não basta adoptar uma boa lei: é mister ainda que todos a quem toque a sua execução se esforcem lealmente por bem cumpril-a.

A verdade eleitoral será ainda o primeiro passo para se avaliar da opportunidade de reformas mais profundas e prover até que ponto ellas traduzem realmente a vontade da nação.

— Eis ahi, senhores, apenas esboçadas algumas das mais urgentes aspirações nacionaes. Mas dos variados aspectos deste vasto programma é sobretudo o problema economico internacional que se vae impor de modo inelutavel ao quadriennio futuro, destinado a assistir á liquidação da guerra e ao lançamento das bases de um mundo novo. em que será preciso assegurar ao Brasil o futuro de sua situação economica e conservar á nação as tradições gloriosas de sua historia.

Vê-se por ahi como tem de ser posta em prova a capacidade dos homens de Estado. Todos os paizes estão nos ensinando que principalmente nesses momentos excepcionaes as pequenas lutas politicas do interior perdem de importancia. Todos reconhecem a necessidade dos governos de concentração nacional pela reunião das aptidões notorias. E' de esperar que o Sr. Rodrigues Alves se inspire nesses exemplos, e bem assim que todos os brasileiros capazes se disponham patrioticamente a auxilial-o. O momento não é de politica partidaria, senhores, mas de politica nacional. O futuro do paiz vale bem o sacrificio de divergencias secundarias para a constituição de uma força unica, de uma união nacional, de um Brasil compacto, que saiba defender o seu logar no convivio da nova sociedade das nações.

Nunca a tolerancia foi tão necessaria. E' indispensavel que todos os homens de valor se possam fazer ouvir. A maior virtude de quem governa é saber aproveitar a boa critica, que esclarece e ajuda. Está entendido que a boa critica é calma como o raciocinio e respeitosa como a propria civilidade; a violencia perturba o espirito dos governantes, a aggressão predispõe ao capricho e á represalia.

Não se póde negar, senhores, que o nivel intellectual tem baixado em varias espheras da nossa actividade. Ha mister de levantal-o, e o processo mais adequado á realisação desse ideal é terem os dirigentes a capacidade necessaria para admirar e elevar os capazes.

Senhores, em tres décadas de governo republicano é o Sr. Rodrigues Alves o primeiro que volta á suprema magistratura da Nação. Isto o habilita a coroar a sua carreira com um bello exemplo aos mais moços, uma grande lição do que seja o papel de um chefe de Estado num paiz novo.

— Senhores, saudemos os nossos dois preclaros concidadãos. As manifestações de todo o paiz já corroboraram o acerto da escolha dos dois candidatos. Elles hão de collocar-se, não duvidemos, á altura das aspirações da nossa grande, da nossa nobre e gloriosa patria.

Temos nós brasileiros o máo veso de descrer do nosso futuro; de deprimir o que nos pertence; amesquinhar as nossas instituições; desacreditar os nossos serviços; diffamar os nossos homens. Nem percebemos que um paiz, onde a desordem e a corrupção attingissem a extensão e a intensidade que nos comprazemos em proclamar, não seria digno da consideração dos outros povos, nem sequer do respeito dos seus proprios filhos. Nem reflectimos que um povo, cujo espirito publico estivesse aviltado até a degradação que essa maledicencia systematica se deleita em descrever, não teria realizado, no ainda curto periodo de sua existencia como nação, as reformas liberaes e os feitos grandiosos que enchem de lustre e gloria os fastos do seu passado.

Empenhemo-nos todos, senhores, com a maior energia, em corrigir esse habito deploravel, tão sorprehendente numa nação nova e viril. Tenhamos todos no seu justo valor e merecido apreço o nosso patrimonio moral; constituido de leis e instituições que attestam a mais adeantada cultura; de homens publicos que nada têm que invejar aos de outras terras em intelligencia; em operosidade e em caracter.



SR. DR. AGENOR DE ROURE, SECRETARIO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA.

E confiemos na capacidade e no patriotismo do futuro governo; que ha de conduzir os nossos destinos com pulso firme e alevantado sentimento civico; mantendo bem alto; além das fronteiras; o nome e a dignidade do nosso amado Brasil e; no interior; fazendo a Republica — amada; por uma politica de tolerancia e de paz — grande; pela união indissoluvel dos Estados — forte e respeitada; pelo culto incessante da justiça e da liberdade."

A ELEIÇÃO DO DR. EPITACIO PESSÔA

Foi no dia 13 de Abril de 1919 que se realisou em todo o paiz a eleição para escolha, nas urnas, do successor do Sr. Conselheiro Rodrigues Alves.

Achava-se, então, na presidencia da Republica, o saudoso Dr. Delfim Moreira, vice-presidente em exercicio.

Ao pleito, que foi dos mais renhidos que se hão travado no actual regimen, concorreram apenas os Srs. Conselheiro Ruy Barbosa e Senador Epitacio Pessôa, ambos prestigiados por poderosas correntes politicas e populares.

A campanha desenvolvida pelos dois partidos em que se dividiu a Nação, foi intensa de parte a parte, registrando-se mesmo algumas manifestações militares favoraveis á candidatura do Sr. Ruy Barbosa, cujos amigos, não raro, accusavam os adversarios de estarem lançando mão de violencias e de suborno para poderem conseguir a almejada victoria.

O vulto dessas accusações tornou-se tão grande que ellas chegaram aos ouvidos do illustre S. Epitacio Pessôa em Paris, levando S. Ex. a expedir para esta capital o seguinte telegramma, que dá bem uma idéa dos melindres civicos do actual chefe do Executivo Federal:

"Presidente da Convenção Nacional. — Rio de Janeiro. — Estou convencido de que os chefes politicos que apoiam a minha candidatura terão o maior empenho na regularidade da eleição.

Não poderia ter interesse em fraudar o pleito quem conta evidentemente ao seu lado com a immensa maioria das forças politicas da Nação.

Em todo caso, se me é licito manifestar um desejo neste assumpto, é que se esforce cada um na sua esphera de influencia politica para que a eleição corra com a maxima liberdade, de modo a traduzir verdadeiramente a vontade nacional.

Será uma homenagem prestada preliminarmente á Republica, que tira do suffragio livre a sua força e prestigio, depois ao meu illustre competidor, grande brasileiro, a quem devemos trinta annos de propaganda de todas as liberdades; emfim, permittam-me dizel-o, a mim tambem, que, modesto embora, tenho no Estado, cuja direcção me confiou a generosidade de meus conterraneos, feito da verdade eleitoral o ponto capital de meu programma politico. Saudações. (a.) — Epitacio Pessôa."

Era natural, porém, que a campanha de inveja e despeito movida por alguns elementos exaltados contra o honrado embaixador do Brasil em Versailles não amortecesse até ao dia da eleição.

Homem publico de grande destaque no seu paiz, o eminente Sr. Epitacio Pessôa não poderia escapar á regra geral...

Afastado da sua patria, entrou S. Ex. então a soffrer toda a sorte de ataques pessoaes, não sendo poupado nem mesmo na sua impeccavel probidade.

A 2 de Março, o Sr. Epitacio Pessôa, scientificado do trabalho insano de seus inimigos, endereçou o seguinte telgramma ao hoje fallecido senador rio-grandense Dr. Victorino Monteiro:

"Acabo de saber a parte saliente que você e Vespucio tiveram na acceitação de minha candidatura. Nunca aspirei a tal posição e, por isso mesmo, mais grato me confesso ao querido amigo por tão espontanea iniciativa. Peço transmittir ao Vespucio os mesmos sentimentos.

Estou informado de que invocaram contra mim: 1º — a minha aposentadoria; 2º — ser advogado de muitas causas vultuosas contra a Fazenda; e 3º — a advocacia administrativa.

No discurso que proferi no Senado, a 24 de Agosto de 1916, examinei todos os aspectos do caso da minha aposentadoria. Não mantive o proposito de conservar-me definitivamente afastado da vida publica, devido aos appellos insistentes dos meus conterraneos, de que possuo documentos; e acceitei a vaga superveniente no Senado, cuja cadeira, entretanto, só pude occupar realmente dezoito mezes depois da eleição.

Quanto á segunda razão exposta, todos ahi sabem que não sou advogado militante, não tenho sequer escriptorio e escrevo raramente em autos, sempre por solicitação de collegas e amigos. Desde minha aposentadoria até hoje, só figurei em duas causas contra a Fazenda; uma reclamando os vencimentos de alguns funccionarios e a outra, cuja appellação arrazoei, pedindo a restituição de oitenta contos depositados no Thesouro, provenientes de multas do imposto de consumo.

Além destas duas questões sou advogado apenas de mais tres, nenhuma das quaes contra a União.

Eis todo o meu encarniçamento contra a Fazenda e todo o meu opulento acervo de causas.

Finalmente quanto á advocacia administrativa, isto é positivamente uma infamia.

Em cerca de trinta e cinco annos de vida publica nunca, absolutamente nunca, fiz aos presidentes, ministros, governadores, prefeitos ou quem quer que fosse, pedido algum, do qual me pudesse advir directa ou indirectamente qualquer vantagem material. Todos os meus amigos e todos os pretendentes conhecem o meu rigor intransigente na materia e sabem que me recuso sempre a amparar toda pretenção que acarrete compromissos ou pagamentos do Thesouro.

Provoco formalmente, já não digo provas, mas simples indicações autorisadas em contrario. Abraços. — Epitacio Pessôa."

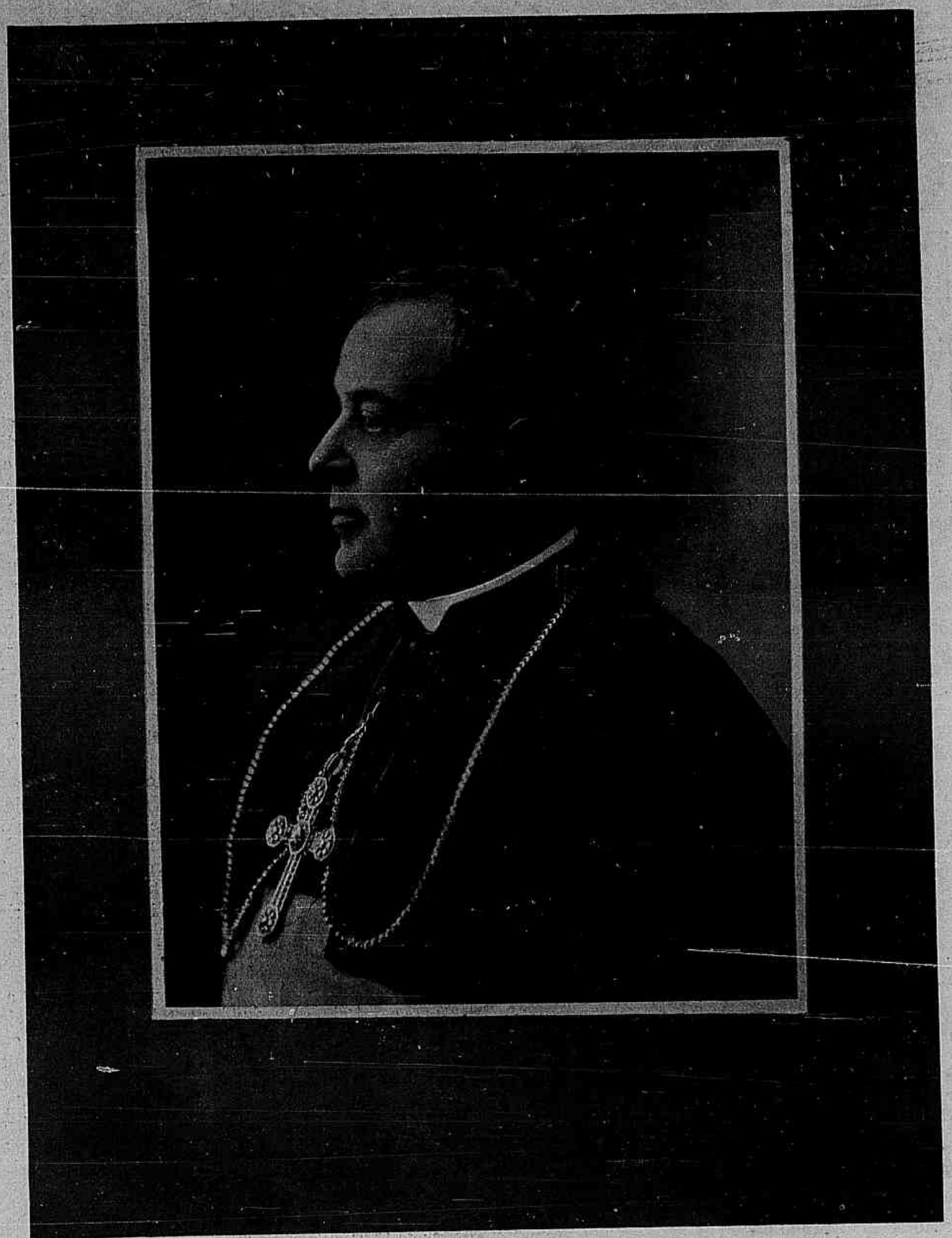
(*Continúa na edição de Outubro*)



S. Exa. Revma.

Monsenhor Henrique Gasparri

Arcebispo de Sebaste e Nuncio Apostolico da Santa Sé



Tendo eu a honra de ser, durante o Centenario da Independencia do Brasil, o élo da serie de Representantes Pontificios que, sem interrupção de especie alguma, foram aqui testemunhas sympathicas de um seculo da vida nacional, é-me grato consignar os votos de amizade e admiração por esse grande paiz, cuja historia brilhante e as affirmações da civilização presente são o penhor seguro dos magnificos destinos que lhe reserva a Divina Providencia, não só pela extensão, riqueza e encantos do seu solo vastissimo e pelo talento e patriotismo dos seus filhos, como principalmente, pela exuberancia incomparavel das idealidades e forças moraes, que nascem de suas firmissimas e gloriosas tradições de fé religiosa. Que Deus proteja a terra de Santa Cruz!

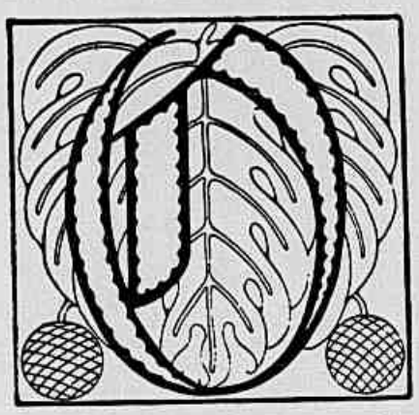
Rio Janeiro 10 de Junho 1922

† Henrique Gasparri
Arcebispo de Sebaste
Nuncio Apostolico

A INDEPENDENCIA DO BRASIL

DE REIS CARVALHO

(7 DE SETEMBRO DE 1822)



sistema colonial, instituido desde os fins da idade-média, mantido e desenvolvido durante as duas primeiras fases da Revolução Moderna, após as descobertas marítimas da América e da India, tornára-se francamente retrógrado e opressivo, quando os principios de liberdade politica e religiosa, propagados pela Refórma, foram prematuramente aplicados na Revolução Ingleza, dirígida por Cromwell, quasi no mesmo tempo em que a ditadura de Luiz XIV iníciava em França a sua fase retrógrada, a qual devia convergir, com os progressos paralelos da emancipação filósofica, ao momento crítico e decisivo da Revolução Franceza.

As colônias americanas resentiam-se especialmente do regimen atrazado e tiranico. A Inglaterra, a Espanha e Portugal arrancavam das suas possessões columbianas o máximo de riqueza, oprimindo-as com as vexações do imposto e asfixiando-lhes todas as aspirações liberaes.

Com uma existência cerca de duas vezes secular, amando o solo em que nasceram e se desenvolveram, os inglezes, espanhoes e portuguezes da América começaram a sentir com justa magua, mesclada de ímpetos rebeldes, a tirania das metrópoles.

O Brasil, colônia de Portugal, era uma das mais oprimidas. Toda sua riqueza escoava-se para o reino.

O branco brasileiro, o negro e o índio eram instrumentos de lucro para os colonizadores, que não cessavam de exhaurir-lhes o máximo de trabalho na cultura dos campos, na exploração das minas, e vexal-os com os mais pezados tríbutos.

Desta situação resultou uma animosidade profunda entre brasileiros e portuguezes, que explodiu, pela primeira vez, no Maranhão em 1684, com a revolta de Bequimão conta a Companhia do Estanco.

Foi este o primeiro movimento de emancipação brasileira na sua fase preliminar — a emancipação comercial, que só dous séculos mais tarde foi obtida pela abertura dos portos do Brasil ás nações amigas.

Bequimão subiu ao cadafalso em 2 de Novembro de 1685, assinalando com o seu martirio a primeira rebelião patriótica contra o jugo portuguez na sua fórma mais imediata — a tirania industrial.

A' revolução maranhense seguiram-se, em principios do seculo XVIII, a guerra dos *Emboabas,* em Minas e a dos *Mascates* em Pernambuco, ambas caraterizadas pelo ódio entre os portuguezes e os naturaes do paiz, que pugnavam pela emancipação industrial.

Emquanto estas lutas revelavam os sentimentos cívicos dos portuguezes americanos, o solo brasileiro era explorado e conhecido.

E' a época legendária das *Bandeiras.*

Fernão Paes Leme, Rodrigo Castello Branco, Felisberto Caldeira, Bartholomeu Bueno, penetram os sertões, exploram Minas, S. Paulo, Goyaz e Matto-Grosso, buscando nas minas tesouros fabulosos de esmeralda e ouro, e, numa alucinação de cubiça e vaidade, talando campos, devastando matas, sacrificando o selvicola, traçam o ciclo épico da nossa história.

Foram estas célebres expedições pelo interior do paiz, em busca dos metaes e das pedras preciosas, que, de um lado, contribuiram para o conhecimento da terra, para a fundação de vilas e povoações, e, do outro, acentuaram mais a rivalidade dos brazileiros e portuguezes, gerando conspirações e revoltas, assassinatos e guerras.

Era então a segunda metade do século XVIII. Pombal é o verdadeiro chefe da monarquia portugueza.

Os índios libertos, as capitanias sumetidas á Corôa, o comércio desenvolvido, escolas públicas fundadas, tudo concorre para tornar o Brasil uma nação nova em futuro não remoto. O grande ministro eleva-o á categoria de Vice-Reino, em 27 de Janeiro de 1763.

Entretanto, o despotismo continúa ; a indústria ainda é tiranizada. O próprio Pombal concede privilégios odiosos á Companhia do Comércio, castigando despóticamente aos que representaram conctra ele, e paraliza o desenvolvimento da agricultura e da indústria fabril, proibindo a cultura da cana no Maranhão e o fabrico de objetos de ouro, tecidos de seda e algodão.

Todas essas medidas vexatorias se agravaram ainda nos anos seguintes, e a ancia de liberdade, a aspiração por uma vida melhor se acentúam cada vez mais.

E' então que surge a idéa de emancipação politica.

Para obter-se definitivamente a liberdade industrial sonha-se com a liberdade politica.

A independencia dos Estados Unidos, em 1783, consequencia da Revolução Ingleza de Cromwell e prelúdio da Revolução Franceza de Danton, inspira e anima os corações generosos dos patriotas mineiros, guiados pelo imortal Silva Xavier. Mas a *Inconfidência* malogra-se, e, no mesmo ano em que o Ocidente eliminava definitivamente a realeza, com a execução de Luiz XVI, o governo portuguez sacrificava a liberdade assassinando Tiradentes.

Até o martírio do maior dos Inconfidentes, as rebeliões contra a Metrópole limitavam-se a exigir a eliminação da tirania industrial. Sufocados militarmente e quasi nunca atendidos, os recalcitrantes ou rebeldes eram, na aparencia, derrotados. O germen da revolta, porém, conservava-se latente para expandir-se depois mais violento e forte, reclamando agora tudo e mais do que reclamára antes.

Em 1684 Bequimão revolta-se contra o privilégio odioso de uma Companhia de Comércio, mas se conserva fiel ao governo metropolitano. Aspira simplesmente a liberdade comercial.

Em 1789, Tiradentes é o chefe de um movimento revolucionario completo, que luta pela liberdade comercial tambem, pela emancipação total da indústria brasileira, mas obtida pela transformação da colônia em pátria independente sob o regimen republicano. Aspira á liberdade politica.

E' que, entre Bequimão e Tiradentes, o Brasil viveu um século.

Entre o mártir maranhense e o mártir mineiro, o paiz passou da infancia á adolescencia e preparou-se lenta e espontaneamente á sua feitura e completa emancipação.

Notavel materialmente pelas suas fabulosas minas ; notavel ainda pela riqueza e explendor das suas vastissimas flora e fauna ; umas e outras fonte copiosa de rendas para o reino opressor ; rival da Metrópole pelo valor intelectual que já se havia revelado nos espiritos superiores de Gregorio de Matos, Antonio José, Fr. Vicente de Salvador, Alexandre e Bartholomeu de Gusmão, Basilio da Gama, Santa Rita Durão ; administrativamente collocado em posição imediata á mãi-pátria como Vice-Reino, o Brasil atingira, de fato, á maioridade nos fins do seculo XVIII, e o sonho de Tiradentes se teria transformado em realidade se a traição de uns e a pusilanimidade de outros, não tivessem anulado, no momento preciso, os esforços libertadores do primeiro paladino da nossa emancipação politica.

A independencia com a república foi sacrificada ; mas a aspiração fundamental continuou mais fervorosa e intensa. O sangue do mártir tornou ainda mais viva a causa santa pela qual foi derramado.

Em cada coração de patriota, o patíbulo do heróe transformou-se em altar da liberdade.

O insuccesso politico da Revolução Franceza, dando lugar á tirania de Bonaparte, refletiu indiretamente na evolução brasileira.

Ameaçado pelo soldado aventureiro que se tornára o flagelo do Occidente, o rei de Portugal emigra mara o Brasil e faz da colônia a séde da monarquia portugueza.

Era em 1808.

O povo do Rio de Janeiro recebeu D. João VI com vivas ao *Imperador do Brasil* ; festas foram celebradas em honra do aclamado e novas e promissoras esperanças se descortinaram no futuro politico do paiz, que então se tornava a verdadeira metrópole.

Durante mais de dez annos, D. João VI preparou, sem querer, uma situação favoravel á separação da colônia.

A Agricultura não teve mais peias em seu desenvolvimento. O Comercio tornou-se livre. Livres foram tambem todas as industrias fabris e manufactureiras. O ramo mais transcendente da Indústria, o Banco, foi tambem introduzido no paiz, embora não se cogitasse então da liberdade bancária, a qual até hoje, depois da transformação republicana, é ainda um problema a resolver.

Quanto aos meios de desenvolver a cultura intelectual, ministrada pelo Estado e destinada ás profissões liberaes notam-se algumas fundações : a Escola Medico-Cirurgica, a Escola de Marinha, a Bibliotheca Nacional, o Jardim Botanico, a Academia de Siências fisicas e naturaes. Infelizmente a instrucão primária não inspirou a mesma solicitude. Já se tratava de fazer doutores militares e civis, emquanto a grande massa social ficava, como ainda hoje, quasi totalmente analfabeta.

A organização administrativa modificou-se aperfeiçoando-se. Instituiram-se as Secretarias de Estado, o Supremo Conselho Militar, a Imprensa Regia e varias outras repartições públicas. Crearam-se novos tribunaes e elevou-se a categoria dos antigos.

Povoações e freguezias foram transformadas em vilas e cidades. Em menos de uma década, o Brasil progrediu mais do que em cincoenta anos.

Foi então que D. João VI elevou-o a categoria de reino, pela carta regia de 16 de Dezembro de 1815, formando com Portugal e Algarves o *Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves,* sendo seu filho D. Pedro aclamado *Principe Real* do novo reino, em 9 de Janeiro de 1817.

O Brasil se adiantára tanto, a sua existên-

cia como nação se fazia tão urgente, que Tomaz Jefferson, um dos grandes republicanos dos Estados Unidos da América do Norte, escreveu em 1817 esta apreciação caraterística, numa carta ao célebre constitucionalista da Revolução Franceza, o general Lafayette : " O Brasil é mais populoso, mais rico, mais forte e tão instruido como a mãe-pátria.. (1)

No mesmo ano em que eram escritas estas palavras, os pernambucanos, retomando as tradições dos inconfidentes mineiros, rebelam-se contra a Metrópole, instituem um governo republicano e lutam pela independência do Brasil. Mas o movimento é malogrado. Os patriotas são vencidos pelos soldados de D. João VI. Abrem-se as prisões ; ergue-se o cadafalso ; e a vingança régia é ainda mais tremenda em 1817 do que eu 1789. O Padre Roma, Fr. Miguelinho, Domingos José Martins, Domingos Theotonio Jorge, José de Barros Lima soffrem o martirio de Tiradentes, emquanto Antonio Carlos, irmão do futuro Patriarca da Independência, e muitos outros são encerrados nos calabouços.

Apezar de tantas prisões e tantas mortes, os verdadeiros patriotas imaginam sempre novos meios para realisarem a independência da pátria.

E' por esse tempo, em 1819, que aparece, ainda em Portugal, a magestosa figura politica do maior dos brasileiros da época José Bonifacio de Andrada e Silva.

, Sábio e poeta, dotado de uma cultura enciclopédica rara, que lhe dera um prestígio mundial ; e dominado pelos ideaes regeneradores do tempo, embora desiludido da Revolução Franceza, de que, na falta de uma siência social, não creada ainda, só distinguia os efeitos negativos, sem lhe comprehender o caráter organico, o venerando brasileiro sentia, na Metrópole, amor pela pátria distante e aparelhava-se para libertá-la.

estatura inteletual e moral de José Bonifácio, cujo gênio se patenteia na célebre fórmula com que ele empiricamente resumiu mais tarde o programa sientifico da politica moderna : *A verdadeira politica é filha da Razão e da Moral.*" (3)

Foi um ano depois da célebre oração acadêmica, que um novo acontecimento veiu contribuir ainda para acelerar o movimento da independência nacional.

Em 24 de Agosto de 1820 rebentou a revolução liberal do Porto, cujos efeitos se refletiram imediatamente no Brasil.

A monarquia portugueza transforma-se de absoluta em constitucional. D. João VI deixa o Brasil em 26 de Abril de 1821, depois de haver nomeado a D. Pedro, Principe Regente, e firmado, para o paiz que deixava e o acolhera fugitivo, as concessões que a revolução portugueza lhe arancára.

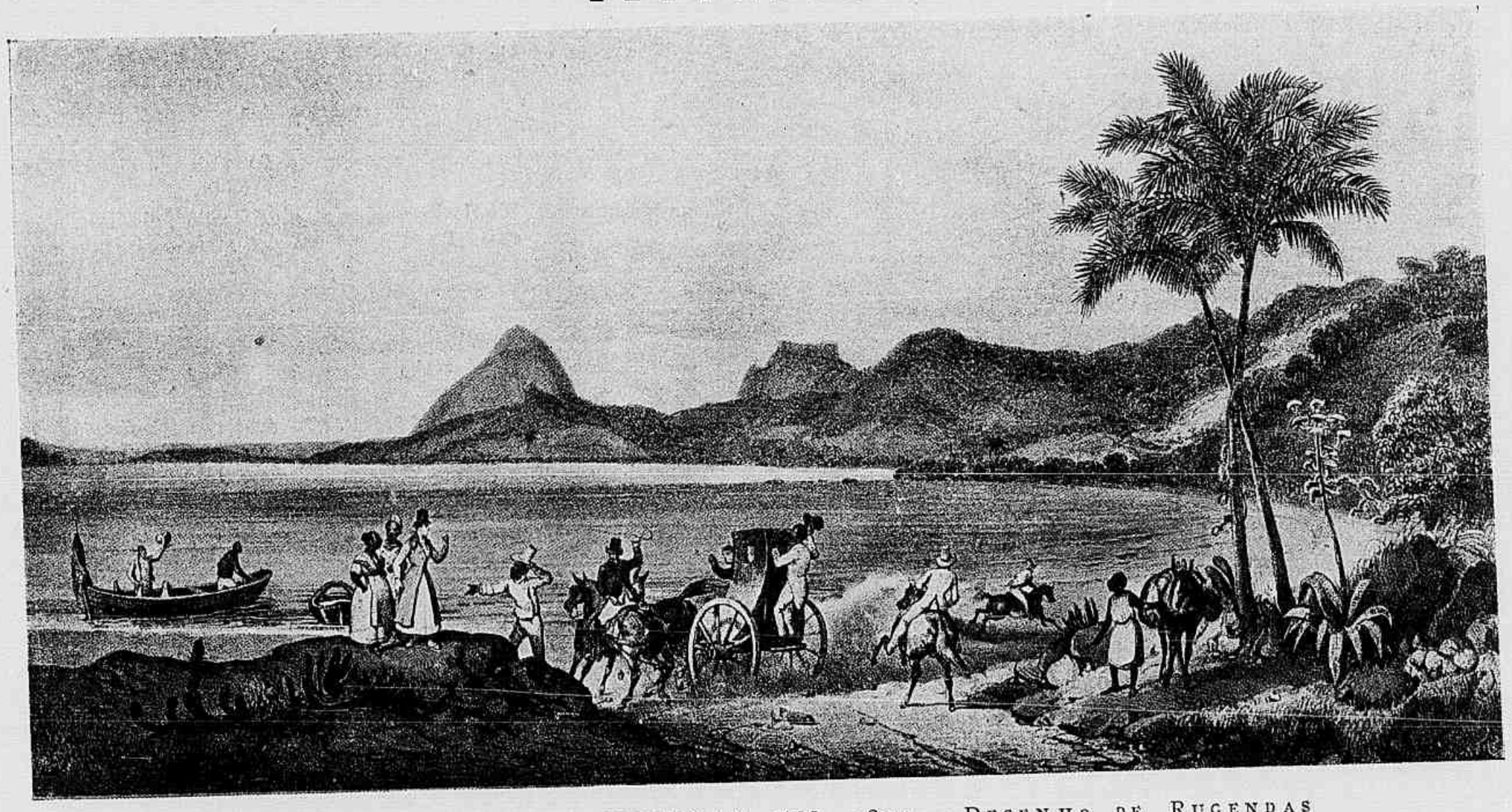
Em toda a nação agitava-se, mais forte do que nunca, a idéa de independência.

Nos jornaes ,nos clubes, nas sociedades secretas, tramava-se contra a situação dominante.

O momento era dos mais graves. O paiz ameaçava fragmentar-se precocemente com a fundação de governos mais ou menos independentes, tanto da Metrópole como da Regência. ,

Os democratas sonhavam com a eliminação da monarquia. Os portuguezes trabalhavam pela recolonisação. Os independentes aspiravam por um novo estado livre, separado ou unido a Portugal.

Além disso, as Côrtes portuguezas, apezar dos triumfos oratórios de Antonio Carlos e outros representantes brasileiros no parlamento luso,



LAGOA RODRIGO DE FREITAS EM 1822 — DESENHO DE RUGENDAS

No seu último discurso, na Academia de Siências de Lisbôa, em 24 de Junho de 1819, o imortal patricio, bem ao contrário do que propalam os seus detratores, já manifestava o seu pensamento, já consagrava os seus enthusiasmos em prol da independencia do Brasil.

" Consola-me, dizia elle então, ao despedir-se dos seus pares e da terra portugueza, consola-me igualmente a lembrança de que da vossa parte pagueis a obrigação em que está todo o Portugal com a sua filha emancipada, que precisa de pôr casa, repartindo com ella de vossas luzes, conselhos e instruções...

" E que paiz esse, senhores, exclamava o sábio e poeta, para uma nova civilisação e para novo assento da siência ! Que terra para um grande e vasto império !... Seu assento central quasi no meio do globo ; defronte e a porta com a Africa, que deve senhorear, com a Asia a direita, e com a Europa a esquerda, qual outra nação se lhe póde igualar ? Riquissimo nos três reinos da natureza, com o andar dos tempos nenhum outro paiz poderá correr parelhas com a nova Lusitania." (2)

Estas palavras, pronunciadas pouco depois da revolução de 1817, e todo este discurso final, contêm o germen desenvolvido dos ideaes politicos do estadista, taes como os aplicou depois, com a firmeza do seu vigoroso caráter, as luzes da sua vasta inteligência e o entusiasmo do seu devotamento cívico.

Não era um agitador que pretendia subverter a ordem politica com principios vagos e anárquicos, no meio de declarações demagógicas. Tinha a calma do sábio e o ardor do patriota. Para o egregio estadista, a independência do Brasil eda o problema a resolver sem ódios nem rancores, sem perseguições e carnificina. Devia ter uma solução normal e tê-la-ia, de fato, se a nação portugueza possuisse, no momento, um político, da se insurgiam cada vez mais contra o Brasil, pretendendo recolonisá-lo. Era o partido portuguez que, a todo transe, queria apoderar-se do mando e fazer que um paiz realmente livre, voltasse á servidão antiga de colônia e não instituisse sua emancipação legal, armonizando asim os costumes com as leis.

Era-lhes o programa um absurdo e uma iniquidade ; mas não triumfou, que as leis da historia, sem que o presentisse ou imaginase o retrogrado partido, lhes contrariavam os designios.

No meio desta crise decisiva foi que José Bonifácio revelou o seu gênio de estadista e realisou, aperfeiçôando, o seu ideal politico, esboçado com intrepidez e desassombro na memoravel sessão acadêmica de 1819.

Depois da atitude das Côrtes portuguezas, não mais se podia cogitar da união de dos Estados livres, mas da separação definitiva delles.

O que era urgente, inadiavel era a independência completa do Brasil.

Todos os verdadeiros patriotas estavam em tal ponto de inteiro acordo, mas divergiam quanto aos meios a empregar.

Os democratas, especialmente em Pernambuco batiam-se pelo ideal republicano. Era a utopia de Tiradentes e dos mártires de 1817. José Bonifacio, porém, que não era nem democrata nem monarquista, mas um tipo antecipado de sociocrata, empiricamente formado, pensava com justeza e sabedoria, que se não podia estabelecer a república mantendo a escravidão : " não compreendo uma república com escravos ", dizia ele. Ora, a Abolição não se podia realizar imediatamente ; logo, com a fórma republicana, se não podia fazer a independencia.

Que restava então ?

Fazê-la com os recursos que a situação social permitia.

Foi essa a grande obra de José Bonifacio.

Com a siência incompleta dos Enciclopedistas, de que era um dos iluminados, sem conhecer ainda as leis que regem os fenômenos políticos, só descobertas por Augusto Comte, no mesmo anno da nossa emancipação, e animado por um grande ardor patriotico, o preclaro homem de Estado resolveu, com admiravel lucidez, com inquebrantavel energia, o problema politico, cuja solução o momento histórico impunha aos ricos de coração e de espirito como ele o era.

Havia um principe de que a nação podia dispôr, aproveitando-lhe as ambições e o entusiasmo de moço. Era D. Pedro.

Membro da familia real que governava a Metrópole ; exercendo normalmente o governo do Brasil desde a retirada de D. João VI ; deixando-se arrastar pelas aspirações populares que queriam a independência e pelas sugestões do próprio orgulho ; D. Pedro estava fatalmente destinado a ser o instrumento executor dos planos políticos de José Bonifacio. A situação racional indicou-o ao Estadista para ser o chefe da nova pátria, o ditador monárquico, o Imperador do Brasil.

Assim foi.

Cheio de sabedoria e patriotismo, o Apostolo da Independência desde 1819, tornou-se em 1822 o seu verdadeiro Patriarca. Fez as jornadas de 9 de Janeiro e 7 de Setembro ; o dia do *Fico* e o do *Ypiranga*.

A representação de 24 de Dezembro de 1821 (4) e a correspondência de Setembro de 1822 ; (5) a primeira, quando era apenas membro do governo de S. Paulo, e a segunda, quando já ministro de D. Pedro, são documentos irefragáveis da sua influência direta e imediata naquelas duas jornadas decisivas.

Era o sonho de 24 de Junho de 1819 que se realisava em 7 de Setembro de 1822.

Investido de uma ditadura necessária para manter a ordem abalada e ao mesmo tempo preocupado com as necessidades do progresso, o gênio político do Estadista da Independência teve de reagir não, contra as idéas liberaes, como o calunniaram letrados da época, mas contra a anarquia que ameaçava a causa da independência nacional.

Restabeleceu a ordem subvertida em todo o paiz. Fez aguerra da independência, expulsando os últimos defensores do domínio portuguez. Bateu asim demagogos e realistas.

Mantida a ordem, tratou de desenvolvê-la, cuidando do progresso.

A Constituição politica dos brasileiros, a civilisação do índio pelos métodos que a siência indicava, a abolição da escravatura, foram questões que lhe absorveram a atividade inteletual e moral, e onde se mostrou superior aos homens do seu tempo.

Uma delas ainda hoje não teve solução e a última só foi resolvida definitivamente mais de sessenta anos depois dos trabalhos do eminente homem de Estado.

A obra de José Bonifacio, assistido pelo devotamento de muitos patriotas e pela gloriosa ambição de um principe, não significa apenas a ruptura forçada, feita cem lagrimas e sangue, do laço politico que unia o Brasil a Portugal. Assim considerada é uma memoria odiosa e deshumana indigna de ser recordada numa época em que tudo nos anuncia a concórdia universal.

O que a Independência do Brasil simbolisa, perante a verdadeira filosofia da história e fóra do criterio estreito de um patriotismo acanhado, é a realidade de duas leis positivas da evolução humana :

1ª — A tendencia para a formação das pequenas pátrias pela dissolução dos grandes estados ;

2ª — A persistencia dos laços religiosos depois da ruptura das ligações politicas.

Em resumo : significa que a sociedade tende para uma situação definitiva em que a independência politica das pequenas patrias concorre com a união religiosa de todas. O poder material restringe-se especialmente para cada pequeno agrupamento politico, emquanto a atividade moral, representada pela siencia, pela arte, pelos costumes, pelas crenças, congraça universalmente a todos.

O Brasil, separando-se politicamente de Portugal, nada mais exprime que a fragmentação da Patria Portugueza em duas porções, divididas pelo Atlantico.

Rompeu-se o laço politico, mas permaneceu fatalmente a ligação espiritual, a união moral, devida aos usos, costumes, crenças e, sobretudo, á lingua, tesouro inexgotavel das nossas lembranças comuns.

Como 7 de Setembro, a raça portugueza bipartiu-se em portuguezes da Europa e portuguezes da América ; dous povos politicamente distintos, mas moralmente unidos. Progredindo mais, cada um deles se dividíra e sub-dividirá até se reduzirem, como todos os grandes povos do Mundo, aos habitantes de uma cidade com seus suburbios — termo final das reduções politicas. Então, centenas de pátrias, politicamente livres dentro do Planeta, como as familias em cada casa, numa mesma cidade, se acharão moralmente unidas pelas mesmas nrenças, pelo mesmo culto, pelos mesmos hábitos, realizando emfim a utopia sonhada por todos os espiritos generosos do Passado e do Presente : a Fraternidade Universal.

Para esse porvir longinquo, verdadeiro céo imaginado pelos nossos antepassados atravez das quimeras teológicas, concorreu o génio de José Bonifacio, tornando effetiva a tentativa dos seus precursores de 89 e 17, resumidos na figura gloriosa de Tiradentes.

O 7 de Setembro, sendo um dia de festa da Pátria, o é tambem de festa da Humanidade.

E o Patriarca da Independência, glorificado pela Pátria, ainda o é pela Humanidade, de que se tornou um dos mais eminentes orgãos, contribuindo para preparar, sem o presentir, talvez, esse futuro sem termo que a Terra anciosamente espera.

---

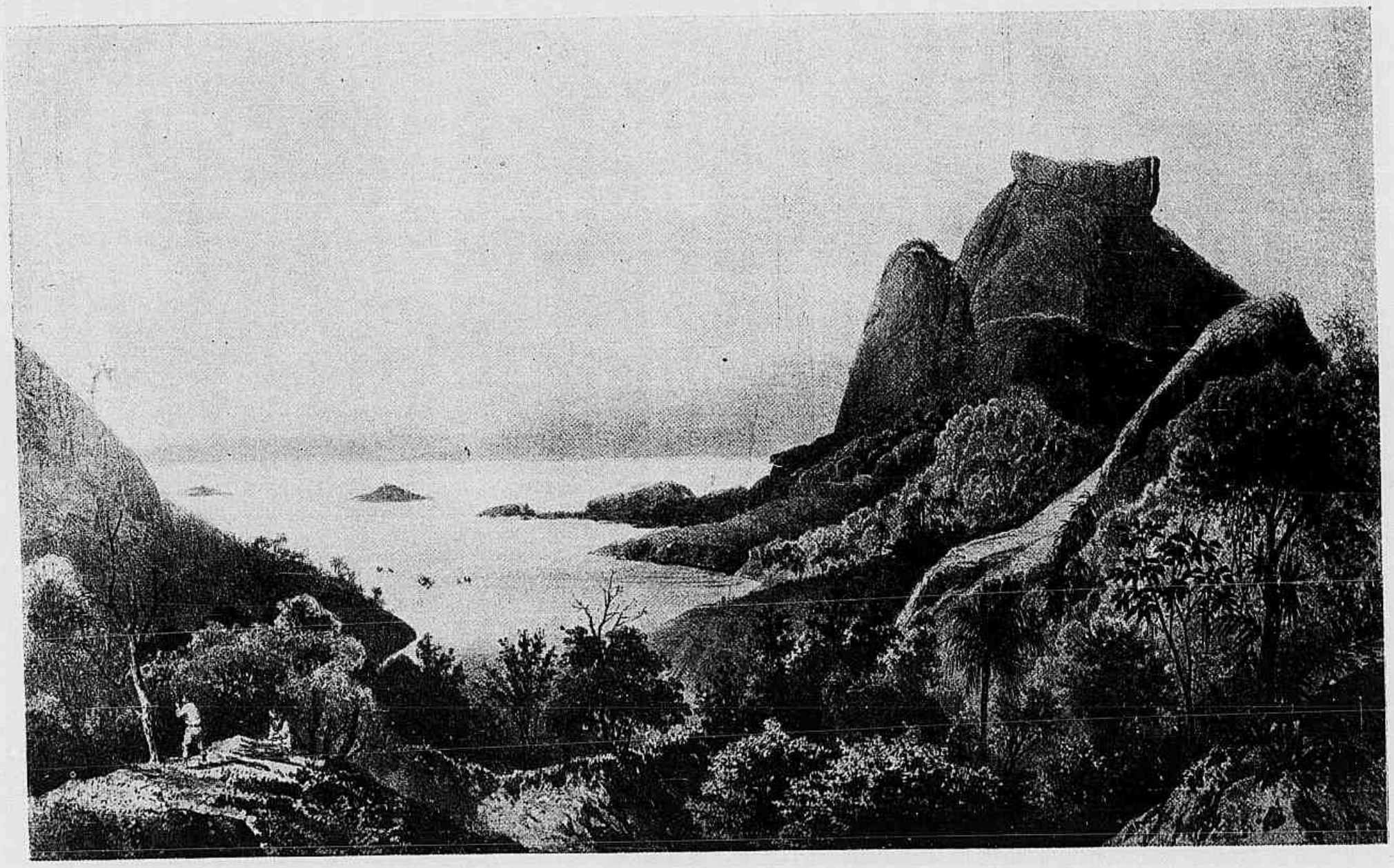
(1) MATTOSO MAIA — *Lições de Historia do Brasil*, 5ª ed., pag. 231.

(2) LATINO COELHO — *Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, pag. 27.

(3) JOSÉ BONIFACIO — *Representação á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil, sobre a escravatura*, 2ª ed., pag. 35.

(4) HOMEM DE MELLO — *Esboços biographicos*, I ,pag. 21.

(5) DRUMMOND — *Annotações á sua biographia*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XIII, pag. 40.



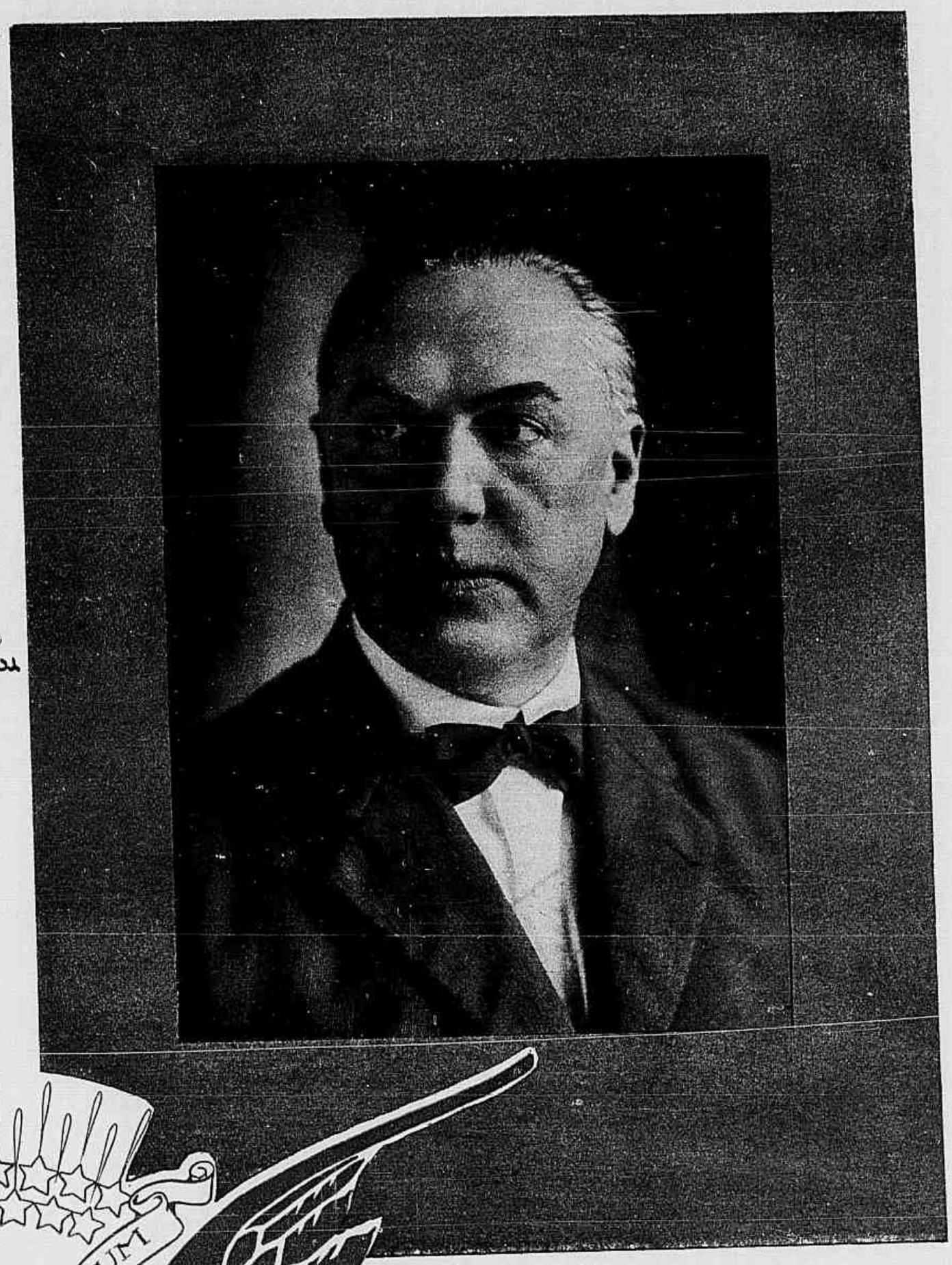
PAIZAGEM DA GAVEA NO ANNO DA INDEPENDENCIA — DESENHO DE RUGENDAS

The commemoration of the Centennial of Brazil's political independence has awakened great interest in the United States and will serve as an opportunity, not only for an expression of good-will toward Brazil on the part of the American people, but as a means of strengthening the intellectual and personal relations between those of American blood.

Edwin V. Morgan

Ambassador

American Embassy,
August 2, 1922.



S. Exa. o Snr.
Edwin Morgan
Embaixador
dos
ESTADOS
UNIDOS
DA AMERICA DO NORTE

Emboabas

por Mario Behring.

I

MANOEL NUNES VIANNA nasceu em Portugal, Vianna do Minho. Cedo deixou a casa de seus paes, vindo para a Bahia, onde se empregou no commercio. Ahi adquiriu pelo seu trato ameno grandes amizades entre os patricios e os naturaes do paiz.

Muito moço ainda, quando se espalharam as novas das descobertas do ouro em Minas, acompanhou as levas que de todo o Norte se dirigiram para o territorio que os Paulistas haviam desbravado primeiro, e cujas lavras riquissimas desafiavam já as ambições de gente de toda a casta, que as invadia, sequiosa do aureo metal.

Como os forasteiros só cuidassem da exploração das catas, poucos se empregando em outros misteres, os generos subiam a um preço fabuloso; gente pratica percorria os arraiaes mineiros, mascateando objectos necessarios que adquiriam nas populosas cidades do Rio e Bahia, trocando-os pelo ouro em pó, que era a moeda corrente.

Nunes Vianna, que tinha a bossa de commerciante, deixou a Bahia, reduzindo todos os seus haveres a generos, que foi commerciar nas Minas. Facil e prompto lhe foi o lucro, pois dentro em breve o vemos proprietario de varias explorações auriferas nos terrenos onde hoje se ostenta risonha a cidade do Caethé, e outras além, em Catas Altas.

Mas o seu espirito emprehendedor não se contentou com isso. Adquiriu ainda vastos latifundios nas margens do S. Francisco, onde pastavam milhares de cabeças de gado vaccum que fornecia aos mercados das cidades mineiras.

Impondo-se á confiança de D. Isabel Maria Guedes de Brito, viuva do Capitão Antonio da Silva Pimentel, della houve procuração para administrar as suas vastissimas propriedades, cento e sessenta legoas de terras no valle do S. Francisco, nos sertões de Minas, Bahia e Pernambuco.

Ligado estreitamente a Paschoal da Silva Guimarães, o maior potentado das Minas, em virtude de suas extraordinarias riquezas, havendo sido entretanto mascate como Vianna, tornaram-se os dois naturalmente os chefes da gente do Reino que habitava o territorio invadido. Em torno desses dois vultos moviam-se outros que só ganharam importancia com o desenrolar dos acontecimentos, motivados pelo despeito dos paulistas, os descobridores do territorio, que iam sendo supplantados pelos novatos, mais expertos, que pondo em pratica processos mais racionaes, exploravam as catas abandonadas pelos primeiros descobridores como esgotadas, dellas tirando fabulosos lucros.

Nunes Vianna e Paschoal Guimarães differiam muito entre si.

Aquelle era o robusto typo do homem da natureza, rustico e franco, corajoso e ardido, prompto a affrontar todos os perigos de fronte alevantada, com as armas na mão. Impellido pelas circumstancias fez-se chefe e militar, marchou á frente dos seus e deu batalhas, dellas trazendo honrosas cicatrizes, attestados de sua temeridade.

O outro não. Typo de politico astuto, nunca se ostentou naquelle longo periodo de lutas, conservando-se em discreta penumbra. Entretanto, era o seu dinheiro que sustentava as tropas, era a sua numerosa escravatura e comparsaria de aggregados que formavam a primeira linha dos batalhadores emboabas.

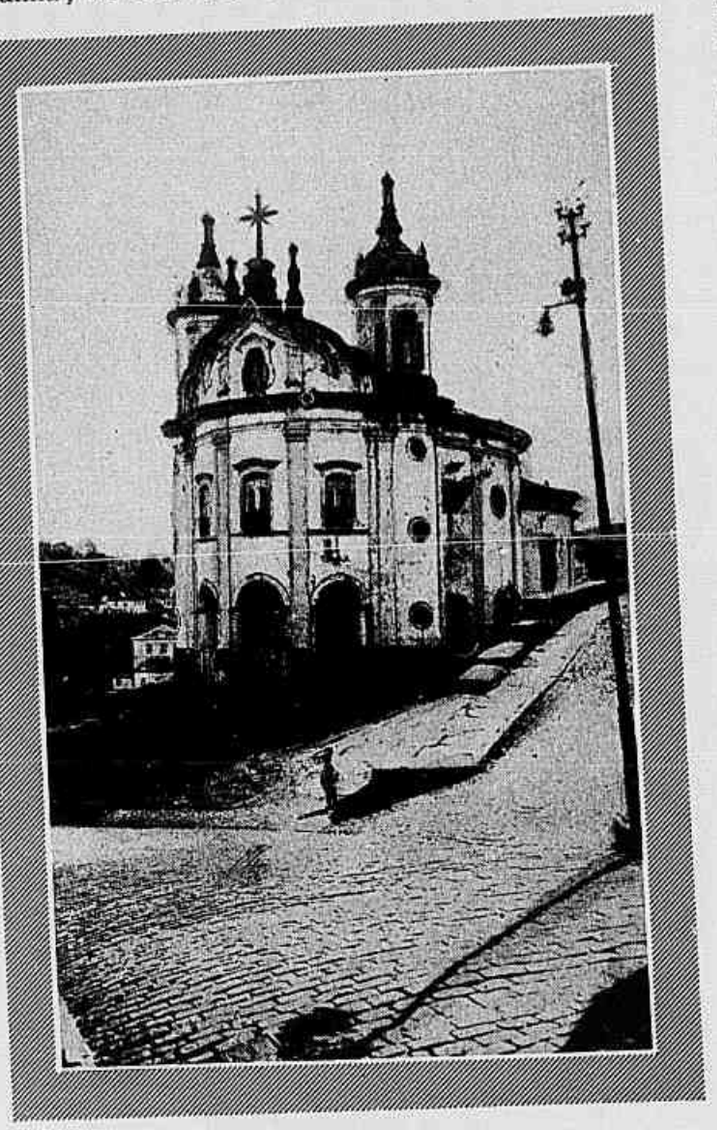
Elle, de sua residencia no Ouro Preto, emprestava aos lutadores o prestigio de suas posses, aconselhando-os e instigando-os em todos os seus movimentos, sem que todavia na longa série de annos lutuosos se compromettesse de modo a ser passivel de punição.

Delle traça o Conde de Assumar o seguinte retrato: "officioso e malevolo, modesto e refolhado, brando, e vingativo, disfarçando affrontas, mas hypocritamente fazendo o mal" que nos parece, attendendo ao procedimento sempre machiavelico de Paschoal, extremamente fidedigno.

Estes os dois grandes vultos dos emboabas, nome que davam os paulistas a todos os forasteiros, não sómente os vindo d'além mar, mas ainda aos filhos do norte do Brasil que tratavam tambem de bahianos As lutas entre paulistas e emboabas enchem um grande periodo da historia das Minas, desde o seu descobrimento, com as successivas expedições que trilhavam os invios sertões só pelas hordas selvagens atravessados. E' uma pagina lutuosa afogada em sangue derramado pela "sagrada fome do ouro", no dizer do poeta.

Gentes despidas de escrupulos, acostumadas á lei da natureza, longe das vistas das autoridades d'El Rey, a lei era sempre a do mais forte. E os portuguezes e nortistas, unidos pelo odio ao bandeirante paulista que para si queria todo o territorio descoberto, com as suas immensas riquezas formaram nucleos de resistencia em pontos diversos das Minas, escolhendo seus chefes que por sua vez obedeciam ao supremo commando de Manoel Nunes Vianna, indicado naturalmente para este posto por seus vastos cabedaes, que lhe permittiam empenhar na luta elevado numero de apaniguados seus.

Em Sabará, predominava o elemento portuguez e era seu chefe Manoel da Silva Rios, primo de Vianna; no Rio das Velhas era a maioria de Per-



IGREJA DO ROSARIO EM OURO PRETO

nambucanos commandados por Agostinho Monteiro de Azeredo; no Caethé avultavam os bahianos capitaneados por Luiz do Couto.

As hostilidades começaram com o contrato dos açougues dado por Arthur de Sá e Menezes em 1710 a Francisco do Amaral Gurgel Coutinho, negociante do Rio de Janeiro, da celebre familia dos Gurgeis, temiveis facinoras que viviam em guerra aberta com a sociedade; deste Amaral tinha sido caixeiro Paschoal da Silva Guimarães, no Rio de Janeiro.

Fugido para Minas, por causa de umas mortes commettidas na Igreja do Campo Grande, acolheu-se á sombra do seu ex-empregado, de envolvendo grande actividade nos negocios a que se entregou. Associou-se-lhe no contracto dos açougues o celebre frade Trino Fr. Francisco de Menezes, que annos depois dava mostras do seu caracter bellicoso manejando uma peça de artilharia no Rio de Janeiro contra os francezes de Duclero.

Vianna, como grande proprietario de fazendas de gado ás quaes se iam surtir os contractantes, era interessado na empreza, o mesmo acontecendo ao bahiano Sebastião Pereira de Aguilar, proprietario da fazenda das Aboboras, em cujo ambito estava encravado o arrayal da Contagem, posto fiscal onde se apartava o dizimo da Corôa.

Em 1706, quando terminava o contracto dos açougues, requereu Amaral a sua renovação.

Oppuzeram-se a isso os Paulistas, tendo á sua frente Bartholomeu Bueno da Silva — o Feio ou o *Anhanguera* — nome famoso entre os maiores sertanistas que vararam os mysteriosos sertões de Minas, Goyaz e Matto Grosso, té defrontarem o Amazonas, primeiro á caça do escravo indio, farejando depois as riquezas do solo maravilhosamente recamado de gemmas e pepitas auriferas que o selvicola contemplava indifferente, ignorando o valor que lhes dava a raça dos seus encarniçados perseguidores Allegavam os paulistas as vexações dos povos com o monopolio dos açougues e em junta realisada no Rio das Velhas fizeram ao governador D. Fernando de Mascarenhas uma representação requerendo a liberdade do commercio.

Tendo em mãos os dois requerimentos, amparados ambos por fortes argumentos o indeciso governador não quiz de prompto resolver o negocio, embaraçado com as insistencias de parte a parte, com os empenhos dos interessados.

Partiu para o Rio Fr. Francisco de Menezes, levando fortes sommas de ouro dadas pelos interessados no contracto, afim de vencer a relutancia do governador.

Sabedores disso fintaram-se tambem os principaes paulistas, delegando poderes a D. Francisco Matheus Rendon e Julio Cesar Moreira para defenderem o direito da liberdade do commercio no Rio, e si preciso fosse até em Lisboa.

Chegando ao Rio a delegação paulista, tão habeis argumentos empregou, de tal sorte soube fazer valer os nomes dos fidalgos que reclamavam contra o monopolio, que D. Fernando não querendo que fosse a questão levada ao juizo da Corôa attendeu-a, despachando favoravelmente o seu requerimento.

Foi esse golpe de morte dado á especulação dos generos de primeira necessidade aos povos das Minas que acirrou os odios entre os grupos adversos, fazendo-os empenhar a lucta que só deveria terminar com a intervenção de Antonio de Albuquerque e de que é ainda o derradeiro effeito o celebre motim de Villa Rica em 1720, causador do martyrio de Felippe dos Santos.

Fr. Francisco de Menezes derrotado no Rio pela commissão paulista, perdidos os dinheiros empenhados no prolongamento do monopolio, e mais os lucros futuros com que contavam os interessados no contracto, tornou-se o mais figadal inimigo dos paulistas E' então no inicio das hostilidades que se evidencia esse singular typo de frade, brigão e faustoso, ambicioso e destemido que foi o mais dedicado e fiel auxiliar de Nunes Vianna, o verdadeiro fautor do grande prestigio que elle obteve, quando, no campo ainda ensopado do sangue dos combates, ungiu-o como a uma pessoa real, investindo-o do poder supremo nas Minas. Esses foram os prodromos da luta.

◇

Os paulistas, de natural orgulhoso, jactavam-se de possuir o melhor e mais fidalgo sangue da colonia, seus chefes descendendo das melhores familias, já do Reino, já da Hespanha ou da Flandres. Olhavam com desdenhosa superioridade para os invasores reinóes ou bahianos, que chegavam ás Minas trazendo uma saude robusta e muitos desejos de enriquecer, o que facilmente conseguiam, amealhando o ouro que arrancavam ás entranhas da terra bruta, sem estadearem como os descobridores o luzimento, a pompa, o luxo que nas recemnadas povoações apparecia, principalmente nos festejos religiosos, unicos divertimentos daquelles arredados centros de povoação.

Os ditos affrontosos dos maioraes eram levados á populaça e repetidos pelos apaniguados dos paulistas E com esses, menos pacientes os novatos, bastas vezes lutas se travavam, proemio das que por mui largos annos ensanguentaram as terras que iam povoando rapidamente de uma riqueza alluci-nante que a ambição desbravára.

Na ponta do Morro, na venda de um reinol havia pouco chegado, entraram para beber camaradas de um potentado paulista. E escarninhamente começaram a atirar chufas ao dono da casa e aos emboabas em geral.

Repelliu o novato os insultos, retaliando, e á mingua de argumentos ou em desaggravo a uma resposta mais pesada, os paulistas o extenderam morto, evadindo-se em seguida, caminho de São Paulo

Tempos depois, no Caethé a violencia de Jeronymo Pedroso de Barros, querendo arrancar das mãos de um reinol uma espingarda que trazia á bandoleira, no que foi impedido por Manoel Nunes Vianna em pessoa, quasi inicia a sanguinaria luta. Anaziguaram-se os animos ainda desta vez, sahindo mal ferido o orgulho dos paulistas e augmentando o prestigio do apotestado reinol.

Passados dias, no mesmo arraial do Caethé houve um conflicto entre um reinol e uns mestiços filhos do negociante José Pardo, terminado pelo assassinato daquelle. Os bastardos do paulista cor-

reram para a casa do pae e evadiram-se pelos fundos, fugindo á imminente perseguição. Alvorotou-se a povoação, correndo os emboabas amotinados a dar cerco á casa de José Pardo, deste exigindo a entrega dos filhos criminosos.

Sahiu á rua o dono da casa buscando innocental-os e no mesmo momento tombou fulminado por um tiro partido do meio da multidão.

Foi esse o rastilho da explosão. O enterro dos dois corpos deu ensejo a demonstrações precursoras de graves acontecimentos por parte dos dois grupos.

Os paulistas, gente acostumada ás lutas, inspiravam aos emboabas respeito não pequeno. E, pois, procuravam estes se aggremiar para o commum fortalecimento.

Ahi pelos fins de 1707 correu por todos os pontos onde se encontravam emboabas um aterrador boato.

Os paulistas, após successivas reuniões, haviam deliberado reproduzir em Minas e nas pessoas dos forasteiros a acção tragica do Saint Barthélemy; no dia 10 de Janeiro, em todos os povoados, quando os sinos dos campanarios soassem alegremente, chamando os fieis á missa, os paulistas bem armados ruiriam sobre os seus adversarios, consummando o tremendo massacre.

Aterrados, uniram-se os forasteiros, marchando para o Caethé incorporados.

Ahi, nesse pequeno arraial, hoje centro não mais de mineração mas de outras pacificas industrias que deve ao genio emprehendedor e ao clarividente espirito de João Pinheiro, se concentraram os portuguezes ao mando de Manoel da Silva Rios; os bahianos capitaneados por Luiz do Couto e os pernambucanos tendo á frente Agostinho Monteiro de Azevedo. E por uma tarde do mez de Dezembro em que o sol arrancava das armas que brandia toda aquella multidão reflexos sinistros, por entre o vozear de milhares de boccas foi Manoel Nunes Vianna acclamado Governador das Minas.

◇

Unidos em face de um perigo commum — o odio paulista — não eram cordeaes comtudo os sentimentos existentes entre os portuguezes de um lado e os filhos do norte do Brasil. Isso se evidencia mesmo da escolha dos logares que elegiam para o trabalho da mineração. Foi de Luiz do Couto a voz que proclamou Governador das Minas a Nunes Vianna. E parece-se bem que, sendo este o mais poderoso elemento de resistencia por suas largas riquezas, pelo numero de seus escravos e aggregados, sendo ainda maior o numero dos reinoes do que dos colonos nacionaes, fosse elle o escolhido para acaudilhar o movimento de resistencia aos ataques paulistas O acerto da escolha se evidenciou na parte administrativa. Os proprios historiadores não podem negar, embora parciaes, sympathicos aos paulistas, as qualidades reveladas no Governo pelo mercador portuguez. (*)

Nomeou Vianna Frei Simão de Santa Thereza, padre Carmelita da Bahia, secretario Geral do Governo; para commandante das Armas escolheu o reinol Antonio Francisco da Silva, antigo soldado da Colonia do Sacramento, dando-lhe o posto de Mestre de Campo, organisando o seu exercito com todos os homens validos que se promptificaram ao serviço — adquirindo armas e munições á custa do seu proprio bolsinho.

Por seu lado os paulistas sabedores dos acontecimentos do Caethé, concentraram-se em Sabará, fortificando o arraial, de que expulsaram todos os forasteiros. Era esse arraial ponto estrategico de primeira ordem, dotado de largos recursos para uma resistencia tenaz. Nunes Vianna, deixando Luiz do Couto no Caethé, marchou á frente dos seus reinóes a conquistal-o. Cahiu de surpresa sobre o arraial, tomando as posições eminentes de modo que á noite poude impunemente fazer das casas do arraial alvo para os seus sagittarios, por meio de flechas cujas pontas levavam estopa inflammada, incendiando-as, de sorte a tornar inutil a resistencia dos adversarios.

Desampararam o campo os paulistas, que não foram perseguidos. Manoel Nunes Vianna queria evitar derramamento de sangue. Atravessaram os fugitivos o Rio das Velhas e marcharam a juntar-se aos patricios do Pitanguy, por todo o sertão e pelo campo alvoroçados todos com as noticias que lhes chegavam da luta que se travava. Depois do combate fez Vianna dar liberdade aos prisioneiros, o que causou grande descontentamento entre os seus.

Já lavrava então o ciume entre os reinóes e os filhos do paiz.

Com a entrega dos primeiros postos no exercito emboaba a filhos do reino, os nacionaes recusaram obediencia a estes e isoladamente continuaram a viver, desinteressando-se da luta. Dahi em deante, pode-se dizer, só ficaram em campo paulistas e reinóes.

Marchou Vianna á conquista do arraial da Cachoeira, fortificado pelos paulistas com mais arte, e defendido não só pelos moradores paulistas como ainda pelos fugitivos de Sabará e contingentes dos proximos povoados. Foi rude a batalha desta vez, encarniçada a defesa como resoluto o ataque — Manoel Nunes Vianna duas vezes ferido mandou por fim tocar a retirada Um novo contingente de emboabas vindo de Villa Rica atacou o arraial pela retaguarda nesse momento; acudindo os paulistas, enfraqueceram a linha de defesa e as hostes de Vianna invadiram o arraial. Accurralados, os paulistas se defenderam com heroismo tal que conseguiram, fazendo horrenda carnagem, atirar para além das trincheiras os inimigos Manoel Nunes ferido, passou o commando a Frei Francisco de Menezes. O frade aproveitando-se das sombras da noite e do cansaço dos paulistas atacou-os inopinadamente, meia noite dada, derrotando-os e conquistando o arraial.

Depois da victoria, conforme precedentemente já praticára, fez Manoel Nunes libertar os prisioneiros, delles exigindo o juramento de que não mais tomariam armas contra os emboabas, retirando-se para S. Paulo.

Esse generoso procedimento trouxe novas desavenças ao seio do seu exercito, muitos dos capitães emboabas exigindo o exterminio dos prisioneiros.

Abalou-se com isso o prestigio do novo Governador, e para restabelecel-o Frei Francisco de Menezes, convocando o povo e o exercito logo no dia seguinte, para agradecerem a Deus a victoria, no meio da missa sagrou e ungiu Manoel Nunes Vianna, entregando-lhe as insignias do Governo e delle exigindo o juramento sagrado de exercitar o poder de conformidade com as leis, defendendo e distribuindo com imparcialidade a justiça Em seguida prestaram todos juramento de fidelidade ao Governador.

Assim se assegurou novamente o prestigio de Nunes Vianna. — E por ahi se vê a importancia do papel de empenhado pelo astuto frade Trino nas lutas dos Emboabas.

Desse ponto seguiu o exercito para Ouro Preto onde dominava Paschoal da Silva Guimarães, emulo em riquezas do Governador. Determinou este, de lá, a partida de duas expedições, uma para o Ribeirão do Carmo e outra para mais além, para Guarapiranga.

A do Carmo foi derrotada pelos paulistas sob o commando de Pedro Frazão de Britto.

A do Guarapiranga não teve melhor sorte. Os paulistas sob a chefia do Coronel Raphael da Silva e Souza armaram uma emboscada aos emboabas, de que poucos conseguiram escapar.

Ao tempo, o arraial da Ponta do Morro estava cercado por um grande troço de paulistas sob o commando de Valentim Pedroso de Barros e Pedro Paes de Barros.

Ambrosio Caldeira Brant que commandava a resistencia mandou pedir soccorros ao Governador. Despachou este mil homens ás ordens do famoso caudilho Bento do Amaral Gurgel Coutinho, morto depois no Rio de Janeiro, quando da invasão de Duguay Trouin, homem de ruins instinctos, que do Rio de Janeiro se passára ás Minas, por via de umas mortes praticadas na Igreja do Campo Grande.

Sabendo os paulistas da vinda de Amaral Coutinho á frente daquelle exercito, desampararam o cerco, retirando-se para S. Paulo. Quando chegaram os emboabas já estava livre o arraial.

Dos paulistas, uns 300 homens ao mando de Gabriel de Góes se haviam atrazado na marcha, sendo alcançados pelas tropas que Amaral Coutinho destacara em sua persguição, sob o commando do Capitão Gonçalo Corço. Embrenharam-se os paulistas num capão que havia no meio de vasto descampado, dispondo-se á resistencia. Não ousou atacal-os o Capitão Corço, mandando aviso a Bento do Amaral. Marchou este á frente do seu exercito e investiu contra os paulistas que recolhidos entre as arvores do capão offereceram tenaz e mortifera resistencia. Fatigados e enfraquecidos com as perdas os Emboabas, Amaral resolveu destacar sua tropa m diversos corpos, estabelecendo rigoroso cerco ao capão.

No fim de dois dias, sem agua nem mantimentos, enviaram os paulistas um parlamentario propondo a rendição. Acceitou Amaral a proposta e jurou pela Santissima Trindade que todos teriam a vida salva.

Acreditando no solemne juramento, e confiados além disso nos generosos precedentes de Vianna, entregaram-se os paulistas. Mal porém teve-os desarmados em seu poder, Bento do Amaral Coutinho incontinente fel-os degollar a todos, acto de felonia e ferocidade que espantou os seus proprios soldados e mergulhou Nunes Vianna no mais profundo desespero.

O logar assignalado por essa hecatombe, (Fevereiro, 1708) ainda hoje é conhecido por Capão da Traição.

(*) Neste calamitoso tempo não havia em Minas quem administrasse justiça aos povos, porque os governadores do Rio não tinham as forças necessarias para fazer executar as leis do Soberano. Animado dessa desordem, o dito Manoel Nunes Vianna arrogou a si o governo e a administração da real fazenda, em que não houve descaminho, o que é bem glorioso ao mesmo Vianna, do qual não consta que commettesse, nem por si nem por seus confidentes, alguma acção prejudicial. Elle regia com igualdade os povos: elle os soccorria com os seus cabedaes e elle, finalmente, apaziguava suas contendas. Esta confissão fazem os paulistas e se deve acreditar, porque é de uns homens offendidos."

J. J. Teixeira Coelho — "Instrucções para o Governo da Capitania de Minas Geraes."



PALACIO DO CONDE DE ASSUMAR, EM MARIANNA

(*Continúa na edição de Outubro desta revista.*)

AS ESTRELLAS

DESENROLA-SE A SOMBRA NO REGAÇO
DA MORNA TARDE, NO ESMAIADO ANIL:
DORME, NO OFFEGO DO CALOR FEBRIL,
A NATUREZA, MOLLE DE CANSAÇO.

VAGAROSAS ESTRELLAS! PASSO A PASSO,
O APRISCO DESERTANDO, A'S MIL E A'S MIL,
VINDES DO IGNOTO SEIO DO REDIL
NUM COMPACTO REBANHO, E ENCHEIS O ESPAÇO..

E, EMQUANTO, LENTAS SOBRE A LUZ TERRENA.
VOS TRESMALHAES TREMULAMENTE A FLUX.
— UMA DIVINA MUSICA SERENA

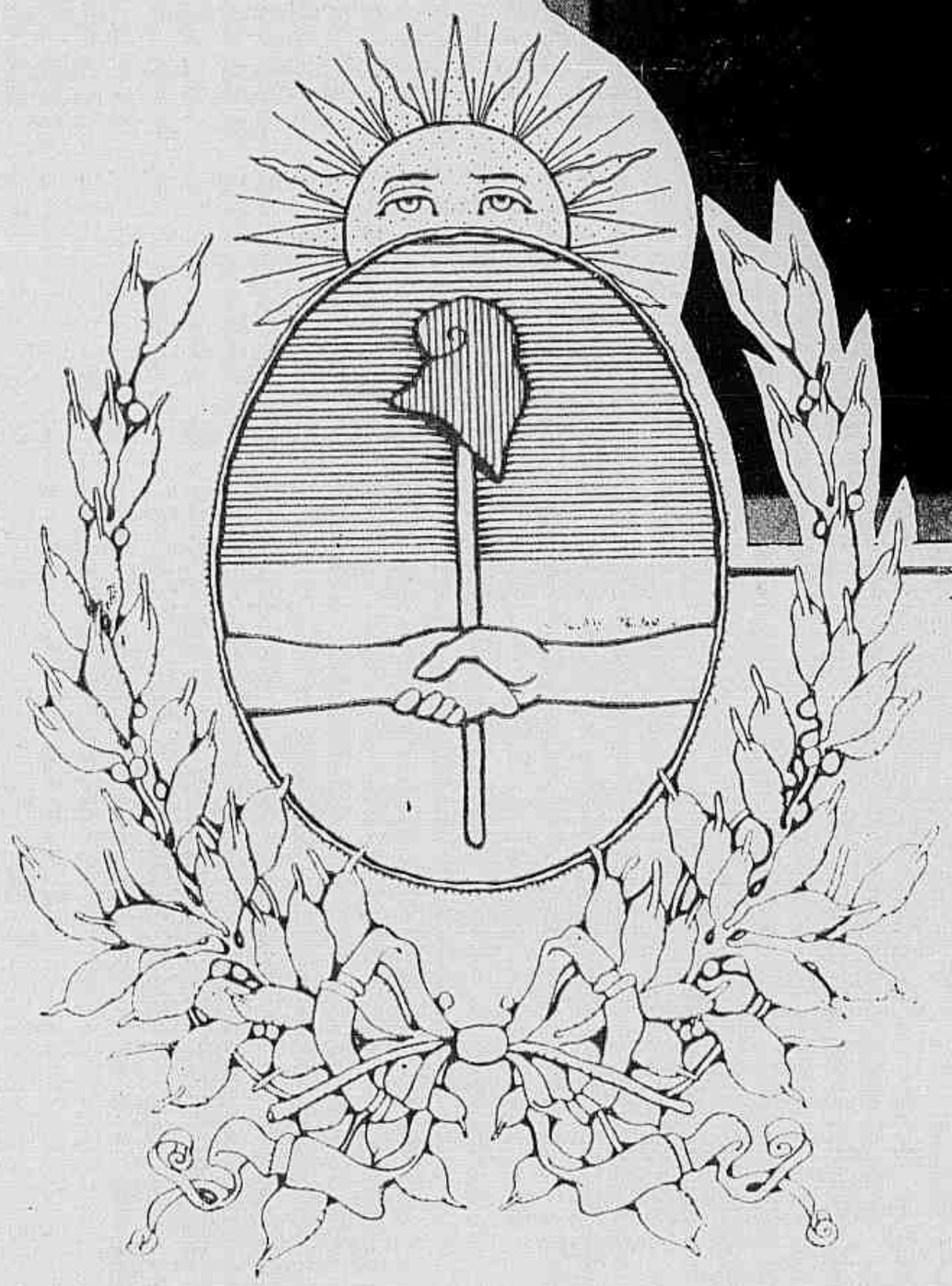
DESCE ROLANDO PELA VOSSA LUZ:
CUIDA-SE OUVIR, OVELHAS DE OURO! A AVENA
DO INVISIVEL PASTOR QUE VOS CONDUZ...

OLAVO BILAC



S. EX.O SNR. DR.
A. MORA
I. ARAUJO
EMBAIXADOR DA REPUBLICA ARGENTINA





Brasil y Argentina con una antigua amistad sellada en el pasado con la sangre de sus hijos en memorables acciones guerreras en defensa del derecho y la justicia i afirmada despues por el sentimiento uniforme de ambos pueblos, estan llamados a influir eficazmente y de modo decisivo, por la comunidad de sus grandes ideales pacificos, en el progreso y civilização de Sud America

Luiz Murat

Francisco Gomes da Silva
o Chalaça

por

R. Mendes Ribeiro

EMIUÇANDO as paginas historicas desde a Independencia até quasi o fim do primeiro imperio, para conhecermos os feitos e costumes de alguns typos quasi ignorados dessa época, vimos que, muito prestigio teve Francisco Gomes da Silva, homem de modesta instrucção, vulgarmente tratado por *Chalaça*, pelo bom humor esbanjado na vida, trazendo sempre á bocca uma pilheria, em nada consentanea com a sua privança no Paço. (1)

Tinha ainda o appellido de *O Bom Conhecido*, affirma numa chronica Vieira Fazenda. (2)

Filho do ourives do principe regente, Antonio Gomes da Silva, nasceu o *Chalaça* em Lisboa a 22 de Setembro de 1791.

Estudava no Seminario do Santarém, quando seu pae veiu para o Brasil em 1807, fazendo parte do sequito bragantino.

Abandonando os estudos seguiu tambem a numerosa comitiva de S. M. Fidelissima.

Em 1810, vimol-o servindo no Real Paço, como criado honorario; logo depois reposteiro de numero; em 1812 agraciado com o habito de Christo; e em 1816, juiz da balança da Casa da Moeda.

Com o desenrolar dos acontecimentos, dadas as circumstancias que o cercavam, desde que começára a privar com D. Pedro, chegou a ser figura de relevo e um dos *validos* do principe herdeiro.

D. João prestigiava-o muito; tudo advinha da amizade e absoluta confiança que lhe era dispensada pelo joven principe seu filho, em pouco mais de um decennio sagrado e coroado Imperador, em face das manifestações politicas, dentro e fóra do paiz.

Depois a morte da rainha D. Maria I, a subida de D. João VI ao throno, o consequente titulo de herdeiro presumptivo da coroa, outorgado a D. Pedro, desvendaram a Francisco Gomes da Silva novos horizontes.

A sua situação soffreu, porém, um revez em 1821 com a partida do Rei; coube a D. Pedro a escolha dos creados para seu serviço: o *Chalaça* foi contemplado. Pouco depois, entretanto, "querendo o mesmo senhor reduzir a sua casa a menores despezas, não foi considerado effectivo, e só sim honorario e sem ordenado".

Em Agosto de 1822, o principe resolveu visitar S. Paulo. Acompanhou-o nessa viagem com varios outros, homens inexperientes, e muito o agradou em tudo pela habil presteza, zelo e actividade.

N'um livro que escreveu (3) diz-nos *Chalaça*, que foi elle o primeiro a quem D. Pedro, — fazendo-o seu confidente — fallou em Independencia. Mais adeante assegura que recebeu a idéa com enthusiasmo, prestando-lhe *ostensivamente* alguns serviços.

A esse respeito inseriu Drummond, nesse mesmo livro, a seguinte nota: — "A começar pela placa do Cruzeiro, que veiu a trazer no peito, assim deve ser."

Realmente a Ordem Imperial do Cruzeiro foi lembrança e creação de José Bonifacio, para galardoar áquelles que houvessem pugnado pela causa da Independencia, apresentando-se o Imperador no dia da sagração e coroação, com a insignia do Grão-Mestre.

Era vontade sua conferir a José Bonifacio a Gran-Cruz; este porém a recusou, no que foi imitado por seu irmão Martim Francisco, por serem ambos ministros.

Persistindo no intento de que ficasse esta distincção em um membro da familia Andrada, recahiu ella em Antonio Carlos.

Chalaça era um dos que mais direito tinham; a sua influencia foi sensivel.

Recompensou-o o Imperador, fazendo-lhe mercê do titulo de Cavalheiro, e a nomeação aos 19 de Abril de 1826; mais tarde, considerando ainda os seus relevantes serviços, fez-lhe mercê de o nomear Dignatario Honorario, pelo decreto seguinte:

"Dom Pedro, por Graça de Deus e unanime acclamação dos Povos, Imperador Constitucional, o Defensor Perpetuo do Brasil. Como Grão-Mestre da Ordem Imperial do Cruzeiro. Faço saber aos que esta minha Carta virem, que, tomando em consideração os relevantes serviços feitos por Francisco Gomes da Silva, do meu Conselho: Hei por bem fazer-lhe mercê de o nomear Dignitario Honorario da Ordem Imperial do Cruzeiro. Pelo que mando passar a presente Carta, a qual depois de prestado o juramento nas mãos do Chanceller da dita Ordem, será sellada com o sello della. Dou de joia a quantia de cincoenta mil réis que foram carregados ao Thesoureiro da mesma Ordem, a folhas duzentas e setenta e uma no livro primeiro de sua receita e despeza, como constou de um conhecimento em forma por elle assignado. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em sete de Setembro de mil oito centos e trinta, nono da Independencia e do Imperio. IMPERADOR *com guarda.*

Carta pela qual Vossa Magestade Imperial ha por bem fazer mercê a Francisco Gomes da Silva, de seu Conselho, de o nomear Dignatario Honorario da Orlem Imperial do Cruzeiro, na forma acima declarada.

João Baptista de Carvalho — a fez."

E' este o titulo do Conselho de que fala o decreto acima:

"Dom Pedro, pela graça de Deus e unanime acclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil: Faço saber aos que esta minha Carta virem: Que attendendo ao merecimento e serviços de Official Maior Graduado da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio, Francisco Gomes da Silva; e por confiar d'elle que em tudo de que o encarregar me servirá muito á minha satisfação e contentamento: Hei por bem como me apraz fazer-lhe mercê do titulo Meu Conselho, com o qual haverá e gosará de todas as honras, prerogativas, authoridades, isempções, e franqueza que hão e tem os do meu Conselho, e como tal lhe competem. E jurará na minha Chancellaria que me dará conselho fiel, e tal como deve quando eu lhe mandar. E por firmeza de tudo o que dito é, lhe mandei dar esta Carta por mim assignada e sellada com o sello pendente das minhas armas. Pagou de novos direitos cinco mil e seiscentos réis, que foram carregados ao Thezoureiro d'elles, no livro segundo da sua receita, a folhas cincoenta e cinco *verso*, como constou por um conhecimento em forma por elle e pelo Escrivão do seu cargo, que foi registrado a folhas cento e quarenta e sete *verso*, do livro quarto do registro geral dos mesmos novos direitos. Dada no Palacio do Rio de Janeiro, aos 8 de Abril, anno de nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte e seis, quinto da Independencia e do Imperio.

"IMPERADOR"

D. Pedro, conforme eram conhecidas as occorrencias, tomava as medidas necessarias. Uma destas foi a creação, ou antes a lembrança da Imperial Guarda de Honra, de voluntarios a cavallo e composta de "tres esquadrões", de cada uma das tres provincias, Rio, S. Paulo e Minas" (4).

O *valido* foi o primeiro a assentar praça de soldado, e o seu exemplo foi seguido. Organisou-se assim por decreto de primeiro de Dezembro, recebendo forma legal e definitiva, por outro de Abril de mil oitocentos e vinte e tres.

N'esse mesmo anno em Março, *Chalaça* abarcou o logar de creado particular, embora militar, obtendo depois duas promoções: a de tenente em 24 de Abril e a de ajudante em 4 de Setembro.

No anno seguinte (7 de Setembro) era promovido a capitão e a coronel commandante em 10 de Outubro. Estava terminada a sua carreira militar.

O Imperador, dispensando sempre as maiores attenções ao seu favorito, nomeou-o a 1 de Dezembro de 1823 official da secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Outra nomeação (4 de Abril de 1825) elevou-o a official maior, "e nessa qualidade é que inseriu na Carta Constitucional o *Francisco Gomes da Silva, fez*, que ali se lê e que é mais uma das incongruencias desse Codigo, que foi tanto á pressa elaborado". (5)

Como premio desse serviço recebeu a Commenda Honoraria da Torre e Espada, (6) (1º de Maio de 1826) Ordem portugueza, reformada por Dom João, logo depois de chegar ao Brasil. (7)

Dia a dia augmentava a affeição de D. Pedro. *Chalaça* o ajudara tanto na conquista de D. Domitilla; adivinhava os seus pensamentos, era incansavel.

Mister era retribuir estes trabalhos; não importava que fosse portuguez; que gritasse a onda furiosa de politicos, fóra e dentro do Palacio.

Como *valido*, ou como amigo particular, era o seu confidente, e bom e leal conselheiro: sempre nessa attitude a mão amiga (que muitos julgavam traiçoeira) sobre o seu hombro imperial pesado de responsabilidades.

Mister era retribuir a sua affeição fraternal.

Não era máo incumbil-o da sua correspondencia particular e do arranjo de papeis pertencentes a sua casa.

E assim creou um gabinete particular, chamado pelos inimigos politicos, *Gabinete secreto, Camarilha, Conseil Secret*, e até *uma inquisição*.

Surdo aos ataques D. Pedro, incumbiu-o tambem de escrever os seus "pensamentos e muitos paragraphos e artigos da Constituição."

A sua influencia era tanta quanta a de D. Domitilla de Castro, influencia hoje muito conhecida.

Dizia-se naquelles tempos que ambos se immiscuiam em negocios politicos.

De volta do *Grito do Ypiranga*, e da conquista da favorita de S. Paulo, o Imperador fez a viagem á toda brida, arrebentando cavallos, a exemplo da recommendação de José Bonifacio ao mensageiro (8) dos papeis que motivaram o Grito de Independencia; (9) o *Chalaça* gabou-se muito de o ter se-

---

(1) De sua vida de aventuras amorosas, — nada dizem as chronicas — sabemos que, fóra certa vez surprehendido por D. João, em idyllio com certa dama conhecida, sendo, por isso, expulso do Paço.

(2) "A Noticia", 12 de Setembro de 1909.

(3) Chalaça é considerado autor, porque como tal figura o seu nome na folha do rosto do volume. Entretanto não nos furtamos a divulgar uma nota que encontrámos no exemplar do Instituto Historico. (que é rarissimo; ha apenas outro na B. Nacional) e que é a seguinte:

Este livro foi escripto pelo Garrett, recebendo do Chalaça 30 libras esterlinas, conforme me disse o Conselheiro Drummond. — Dr. Mello Moraes.

E logo abaixo lemos a rectificação de Capistrano de Abreu:

— Não podia ter dito isto porque nas notas do Drummond, feitas a lapis, está escripto mais de uma vez que o autor foi Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Dahi se conclue que, se Mello Moraes não deu credito ás notas de Drummond, foi talvez porque tivessem sido escriptas já no fim da vida. — o que se pode crer pela letra de mão cançada — preferindo por isso o que ouvira dizer e não o que escreveu, pois nessa época muitas vezes lhe falhava a memoria.

(4) A idéa da "Guarda de Honra" começara antes de 13 de Maio, e seguira em S. Paulo com a visita lá do Imperador etc.

Varnhagen — Historia da Independencia.

(5) Pinheiro Chagas — Diccionario Popular.

(6) O decreto tem a Rubrica de D. Pedro, como Rei de Portugal.

(7) Lemos nas Memorias do Reino do Brasil: — S. A. Real o Principe Regente Nosso Senhor, querendo assignalar a memoravel época da sua gloriosa vinda para o Brasil, determinou, por Decreto do faustissimo dia 13 de Maio de 1808, renovar a antiga Ordem da Torre e Espada creada pelo Senhor Rei D. Affonso V, a qual estava em desuso.

N. do A. — Nesse sentido foi expedido um alvará com força de Lei a 29 de Novembro de 1808.

(8) Paulo Bregaro, Official do Supremo Tribunal Militar.

(9) "Nessa occasião, D. Pedro montava um cavallo baio e trajava pequeno uniforme: — farda azul botas de verniz justas e altas, chapéo armado com o tope azul e branco.

Acompanhavam-n'o nesse momento Joaquim Maria da Gama Berquó, João Carlota, João de Carvalho e Francisco Gomes da Silva".

Os restantes que compunham a Guarda de Honra estacionavam em sitio mais distante.

Encaminhando-se para elles, D. Pedro, depois de ler a correspondencia que recebera do Rio visivelmente contrariado, resolveu, seguindo os ensinamentos da princeza Leopoldina e de José Bonifacio nella contidos, dar o grito de "Independencia ou Morte". Separando, destarte, o Brasil de Portugal, arrojou para longe as côres que adornavam o seu chapéo, substituindo-as pelas verde e amarella, symbolos, disse elle mais tarde, da natureza e do sol do Brasil.

Este gesto seu foi imitado por todos.



O LARGO DO PAÇO NO TEMPO DO SR. D. JOÃO VI

guido de perto, ficando em longo atrazo o restante da comitiva.

Viajeiro, foi elle á Bahia (Fevereiro e Março de 1826) e a S. Pedro do Sul em 1827, tendo assistido á *scena* de seu amigo e amo, ao saber da morte da virtuosa D. Maria Leopoldina.

As intrigas fervilhavam visando unicamente Francisco Gomes da Silva, entre outros motivos por ser elle portuguez, e portanto um elemento absolutista, que envenenava poderosamente o animo do Imperador.

A alma damnada de tudo era Barbacena. E não parecia.

O regresso inesperado de D. Pedro fez com que Barbacena ficasse dirigindo o Exercito Imperial.

Depois do fracasso da luta e de outras incumbencias mal satisfeitas ou mallogradas, ainda foi elle escolhido para ir a Europa, contractar o casamento do joven viuvo, — já farto dos amores de D. Domitilla, — e resolver outros negocios dependentes da Corôa de Portugal.

Barbarena esrravisava Francisco Gomes da Silva, como bom amigo, ao mesmo tempo que desferia á sombra da sua ignorancia a arma aviltante da traição.

Chalaça, illudido, não presentia os golpes no seu destino; respondia-lhe as cartas, officiaes ou particulares, protestando-lhe amizade.

Resolvido o casamento na casa de Austria, depois de delongas, pois era muito conhecida na Europa a conducta irregular do Imperador (10) e porque era máo diplomata o marquez, lembrou-se este de fazer da futura imperial consorte a sua arma contra o *Chalaça* para o ultimo golpe.

Assim foi. Ultimados os negocios diplomaticos, e ceremonias outras, chegou D. Amelia de Leuchtemberg sabedora de tudo, pelas insinuações de Barbacena.

Uma das suas primeiras manifestações foi exigir do Imperador o desterro da *camarilha*. Dom Pedro quiz resistir á intimanão da joven esposa, argumentando com a Constituição, que lhe não dava poder para expatriar brasileiros. Estando no ministerio, fazia-lhe Barbacena a mesma exigencia.

D. Pedro acabou cedendo. Ficou combinado que os apontados (11) fossem mandados á Europa, comtanto que os vissem afastados do Paço.

Entre elles estava o *Chalaça*, o principal.

Ministro e Imperatriz concordaram com a sua nomeação de Ministro Plenipotenciario do Brasil em Napoles, apresentada por D. Pedro. Talvez por faltarem-lhe aptidões, recusou, mas partiu, rumo á Inglaterra, "conservando, porém, todos os vencimentos e as honras dos postos que exercia no Brasil, para onde nunca mais voltou". (12)

Partiu cercado dos carinhos de seu velho amigo D. Pedro, que muito se preoccupou com seu embarque, realizado em 25 de Abril de 1830, (13) proporcionando-lhe todas as vantagens, inclusive uma pensão do seu bolso, de vinte e cinco mil francos.

Na Europa foi, talvez, que Francisco Gomes da Silva chegou a conhecer profundamente, toda a perfidia de Barbacena, embora continuasse a receber delle cartas amistosas.

O seu livro, já citado, *Memorias offerecidas á Nação Brasileira*, impresso em Londres em 1831, é uma *catilinaria* contra esse desastrado General, comquanto se não possa dar veracidade a tudo que nelle se contém.

Ainda outra escreveu *Chalaça* — "*A Exposição do Marquez de Barbacena, commentada, etc. — Por um Brasileiro nato.*" — Neste discute a conducta do Marquez nos negocios da Europa. Antes disso já havia rompido no Brasil forte campanha contra Barbacena, chegando ao ponto de ser demittido do ministerio. "Devia este dar conta dos dinheiros na já referida missão á Europa. Defendeu-se e provou a leviandade do chefe da Nação."

Em 1833, *Chalaça* regressou a Lisboa, "onde já tremulava a bandeira constitucional, sendo então nomeado pelo duque de Bragança, o regente do Reino, secretario da casa de Bragança".

Depois da morte de D. Pedro acompanhou D. Amelia a Munich, regressando mais tarde a Portugal, onde continuou a servir de secretario, e no desempenho desse cargo morreu a 30 de Dezemoro de 1852, deixando apenas no Brasil, um filho e o seu nome ligado á sua historia.

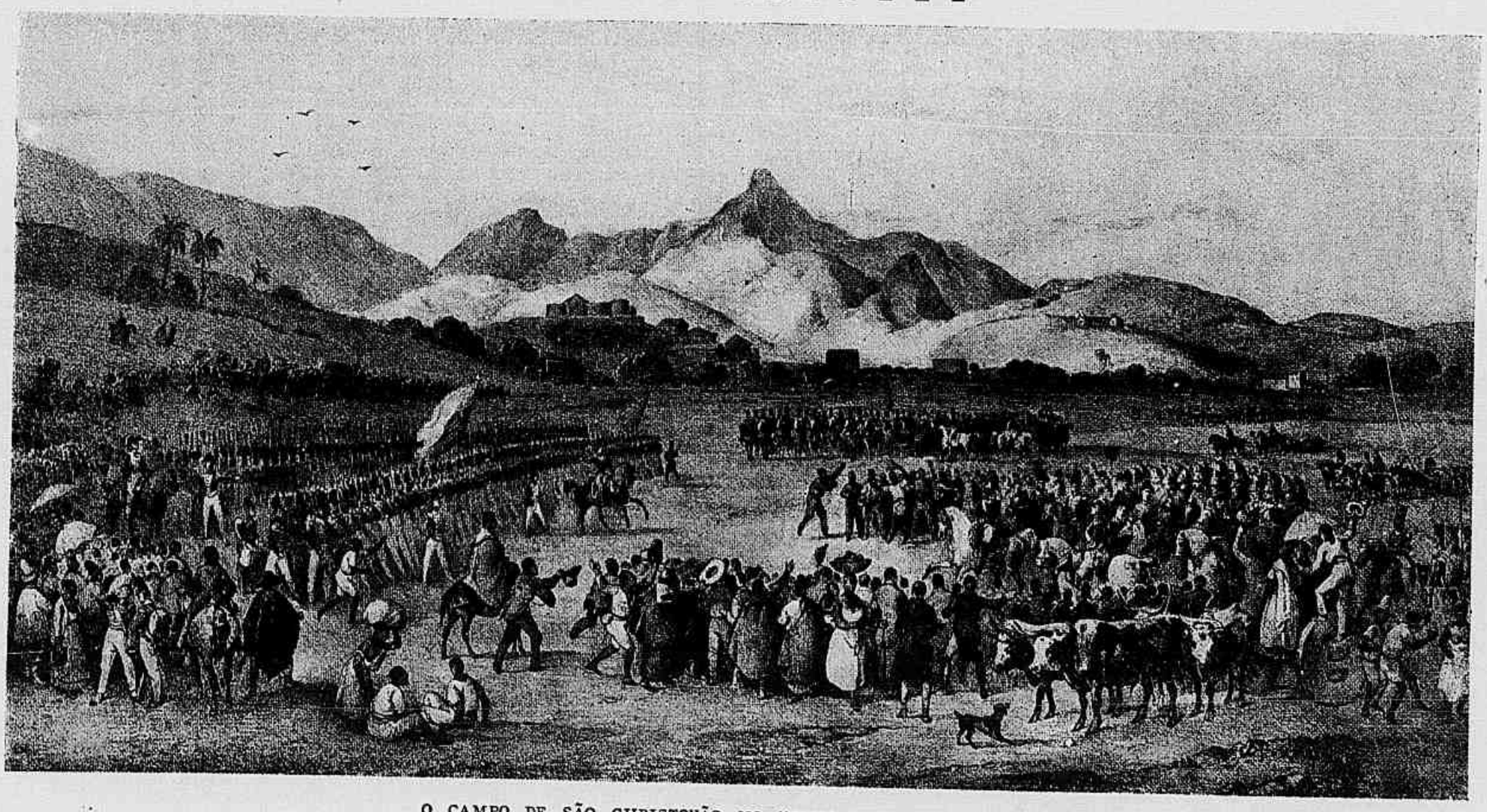
Julho de 1922.

(10) Chalaça attribuiu tambem a Barbacena esta delação.

(11) João da Rocha Pinto e Chalaça, conforme se declara.

(12) Pinheiro Chagas — Dicc. Popular.

(13) Francisco Gomes da Silva — Memorias, etc., já citadas.



O CAMPO DE SÃO CHRISTOVÃO NO TEMPO DO SR. D. PEDRO I

Os Engenhos de Pernambuco

BERÇO DA IDÉA DE LIBERDADE NO BRASIL

POR

MARIO SETTE



QUANDO o nobre capitão lusitano Duarte Coelho Pereira, em tréguas das pelejas no Oriente armado da carta regia e do foral, amarrou as suas caravellas na fóz do Iguarassú, plantando a "muito leal villa de santos Cosme e Damião", sobre os traços da feitoria de Christovão Jacques, trazidas da Madeira pelo antecedente occupante, as canas já se apendoavam, valendo-se os indígenas de processos rudimentares de constricção das gramineas para o fabrico de assucar, mão grado o apoucado apparamento de summo.

Logo depois, na venusta Olinda, engastada faceiramente nas collinas risonhas da beira-mar, permeio ás palmeiras de fustes esbeltos e aos laranjaes de tunicas perfumosas, Jeronymo de Albuquerque, captando as aguas correntias e diaphanas do beberibe, punha a moer o seu engenho Nossa Senhora da Ajuda, incipiente surto industrial no rincão pernambucano.

Não demoraram demasiado os cannaviaes, em toda a sua florente belbeza, a se estenderem em quarteis verdejantes, rampando oiteiros, prolongando-se nas varzeas, orlando engenhos novos, perfurando o interior, para gaudio das zonas cultivadas, onde as "casas grandes" senhoris, vistosas, alvejavam nos cumoros, num promissor signal de vida e labor.

Póde affirmar-se terem sido genese de quasi todas as povoações littoraneas ou da matta, quiçá dos arrabaldes, engenhos de assucar que lhes legaram os nomes ainda hoje ostentados: Jaboatão, Varzea, Torre Monteiro, Casa Forte, Dois Irmãos, Morenos, Giquiá, Apipucos... tantas outras designações a lembrarem primitivos nucleos agricolas, a maior parte associada a feitos notaveis da historia.

Os primitivos engenhos, consoante rezam as chronicas, eram todos de rodas d'agua. As represas serviam para accionar as moendas, batendo as calhas dos volantes. A carencia da fundação de outras propriedades ruraes em regiões desavizinhadas de rios ou padecentes de estiagem, fez se recorresse á tracção animal, atrelando-se bois ou cavallos a almanjarras. O vapor, sómente o seculo XIX poderia trazel-o á dynamica dos engenhos, isto mesmo como prenda de raros, dados os gastos que se faziam mistér.

Dos engenhos surdia, economica e socialmente o evolver de Pernambuco. Foram-lhe alma os cannaviaes. Rios abaixo, em barcaças ou canôas, descendo estradas em tardos e ringidores carros de bois, as caixas de assucar, sahidas das estufas de seccamento, vinham até o varadouro de Olinda, onde as transbordavam para o bojo dos patachos, rumo da Europa.

A vida agricola era de placidez, de proficuo lidar, de monotono produzir. Apenas, nas "casas grandes", os banquetes entre senhores de engenhos e o dia solemne da "botada" quebravam a acalmia ambiente.

A "botada" fazia rumorejar de actividade maxima a estancia. Semanas antes, os aprestos, a limpeza, os convites e, apontada a data festiva, tudo rebrilhava, o cercado engalanava-se, partiam manhãzinha os carros para o córte... Vinham convidados de longe, em viaturas, em palanquins, a cavallo. Mostravam-se os vestidos caros e as joias antigas. A' moagem precedia a missa na capellinha ao alto, enquadrada de bandeirolas e fôlhagens de bambús. Depois, na "casa de fabrico", o sacerdote, ainda revestido, rezava, benzia e a canna enfeitada deposta no taboleiro era esmagada pelos cylindros, derivando o caldo turvo, espumante, para um largo tanque de cimento — o "parol".

Proseguia a moagem. As cannas, os carros despejavam-nas no picadeiro. As tachas apuravam o mel, escoimado das impurezas fluctuantes pelas longas pás dos trabalhadores. Outros baldeavam o melaço em ponto para as batedeiras, de onde, quasi frio, vazavam-no nas fôrmas de crystallisação e purgamento.

Na "casa grande", plena de convivas, serviam-se em redobradas mesas as refeições. Homens, nos terraços avarandados, jogavam. Senhoras palestravam calmamente e as graciosas senhorinhas passeavam pelos caminhos relvados, namoradas de longe pelos mancebos romanticos e timidos.

Sociava-se. Os engenhos foram os salões da época. Ali, formavam-se amizades, ajustavam-se casamentos, entremesclavam-se familias, apparentavam-se lavradores, tecendo robustamente com o sentimento do lar e da patria, numa gemminação instinctiva.

Ao fluir dos annos, consolidada a restauração, por força do sangue pernambucano, espadanado a rojo nas collinas de Guararapes, a vida nos engenhos já se abrasileirava de todo, no recato dos costumes, na simplicidade do trato, na discreta ostentação da riqueza, temperados com a sociabilidade, a hospitalidade, o preconceito cégo da honra. A "senhora do engenho" firmára o seu typo tradicional: coração largo, maneiras calmas, austéra em moral e religião, caritativa, mãos abertas. Frequentemente um baronato titulava-lhe o nome e a "baroneza" andava ligada aos beneficios chovidos sobre os tectos humildes dos moradores. Nesse feitio, de dignidade e de doçura, criava os filhos e as filhas, enrijando os caracteres dos primeiros e fortalecendo o pudor das outras.

Nos corações de todos fructeava o amor á morada solarenga. A terra, sabe-se querel-a melhor quando della se vêem brotar as sementeiras plantadas. E a casa, aprende-se a amal-a mais fortemente, se nella pervagam as sombras avoengas e resoam os risos das descendencias.

Na alma ciosa dos senhores de engenhos radicava-se o ciume pela propriedade, o estimulo pela grandeza das suas terras, o pundonor regionalista. As sébes nativas dos seus cercados e os marcos tôscos das suas divisas emprestavam aos engenhos caracter de inviolabilidade que, se a lei fraquejava em assegurar, os arcabuzes dos moradores tornavam vigorante.

De uma estancia para outra, sem embargo das relações amistosas cultivadas, trazia-se immarcessivel, intangivel o brasão de hombridade, de prestigio, de acatamento. As fronteiras de cada fazenda eram vigiadas com extremos de perspicacia, de atilamento. Uma incursão indebita, um golpe mais avançado nas mattas divisorias, uma cerca abatida, um plantio em vertente alheia, impelliam sem demora, protesto e consequentes represalias, se entendimento não viera. O engenho esboçava a nação. Ninguem mais zeloso de direitos que o "senhor". Em regra, a propriedade representava herança avoenga, scenario de tradições, relicario de affectos. As "casas grandes" lembravam vultos queridos que já dormiam nos cemiterios dos povoados. Os moveis eram ainda os mesmos leitos de jacarandá, de respaldos altos e burilados, recordando beijos nupciaes, vagidos de recem-nados, extremos anceios de moribundos... Toda a solida cadeia das gerações, todos os sensiveis melindres da familia.

E esse amor proprio, dobrado de affecto, dilatava-se até aos moradores, aos captivos. A escravidão, diga-se de passagem, sempre fôra menos cruel nos engenhos do norte que nas fazendas de café do Sul. Dahi, a solidariedade, paradoxal que o pareça, entre os senhores e os escravos, no amor e na defensa da terra. Remanescente dessa época, ainda hoje é commum ouvir o entono dum trabalhador de engenho, fazendo-se valer:

— Eu sou de Matto Verde! Eu sou de Cachoeira! Eu sou de Morenos!

Neste feitio de apresentação, mixto de vaidade e de arrogancia, vae a firmeza de crença no apoio que o agricultor lhe dará, se elle for desfeiteado ou deprimido. Por sua vez, o morador sabe "punir pelo seu coronel", se acaso alguem, na sua presença, o procura menoscabar ou insultar.

Assim, cimentada por essa affeição á terra, por esse viçar de autonomia, por esse instincto de solidariedade, ia germinando a aspiração nativista, o sentimento da nacionalidade.

◇

A idéa da emancipação nacional amanhecera no socegado e suggestivo ambiente dos engenhos de Pernambuco.

Verdade fundamental, moeda corrente na historia patria, é a primacialidade da capitania de Duarte Coelho nos movimentos de rebeldia á metropole, desde a guerra dos Mascates, assignalada por anceio republicano, precedendo ao de Tiradentes, até á revolução do Equador, de feitio seccionista, sem annuviar as porfiadas campanhas contra os batavos, já sopro de liberdade, objectivadas sem ajuda de Portugal, antes contrariando-lhe as cartas régias de passividade.

Na luta de repulsa á Hollanda, os engenhos tiveram o seu baptismo de sangue. Nelles se reuniam os patriotas, entendiam-se os conspiradores, mobilisavam-se os homens, adextravam-se os combatentes. Em São João da Varzea, Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros e Camarão davam-se entrefalas, gizando os planos das guerrilhas e da reacção. Em Casa Forte, chocavam-se os dois exercitos num combate memoravel. Em Cordeiro, Dois Irmãos, Apipucos, tantos outros, os agricultores pernambucanos reagiam valorosamente aos flamengos intrusos e oppressores. A furia com que, em quasi todos esses engenhos, foram devastados os cannaviaes e destruidas as casas de vivenda e capellas, mostra de sobejo o odio dos invasores aos que tão denodadamente lhes resistiram.

A guerra dos mascates caracterisa a aspiração autonomista dos senhores de engenhos pernambucanos. Elles eram, de facto, os "nobres" a se altearem contra os mascates do Recife, portuguezes que pleiteavam subtrahir a Olinda o secular florão doado pela primogenitura. Nesse movimento desmascarou-se positivamente a animosidade dos naturaes á metropole. E com esse amargor na bocca, os nobres, esquecendo as lavouras, marcharam, entraram no Recife, derrubando o pelourinho da nova villa.

Como bem pondera o eminente Sr. Oliveira Lima, o embate dos brasileiros com os mascates, longe de ter sómente por "pomo de discordia" uma questão de "supremacia geographica", desembuçava aspirações de independencia, aclaradas desassombradamente no brado de Bernardo Vieira de Mello, deante do Senado de Olinda, alvitrando a fórma republicana para o governo de Pernambuco.

Sem embargo das revoluções de 1817 a 1824 terem merecido todo o apoio dos proprietarios ruraes, nenhum outro gesto autonomista reveste caracteres tão evidentes da tendencia emancipadora dos senhores de engenhos do que a chamada rebellião goyannense.

Mal estancadas as lagrimas das viuvas e orphãos das victimas da repressão realenga, mal suspensas as execuções summarias dos denunciados, por força da amnistia votada pelas côrtes portuguezas, Luiz do Rego, o feroz governador de Pernambuco, protelava o juramento da Constituição e o eleger de uma commissão governativa.

Nessa atmosphera de terror, vívido ainda o exemplo de 17, os senhores de engenhos em Goyanna, mãos dadas a sacerdotes e a militares, de parceria com o povo, sem se temerem de consequencias, reunem-se naquella briosa cidade pernambucana, elegem uma junta de governo e impõem-n'a a Luiz do Rego.

Não de todo attendidos, conscios do valimento e da pobreza da causa, os senhores de engenhos, já apoiados por outros circumvizinhos, chamam homens ás armas, estipendiam generosamente exercitos, agglutinam mantimentos e munições, e, fortes, decididos, atacam Olinda e Recife, sitiam-n'as, esperando a capitulação do governador.

A 5 de Outubro de 1821, Luiz do Rego assignava em Beberibe, onde acampára o governo provisorio de Goyanna, a Convenção que tomou o nome daquelle arrabalde. E a 26 do mesmo mez, sob o tecto tres vezes secular e sagrado da Sé de Olinda, os pernambucanos elegiam o seu governo nacional — a sua independencia politica.

Pernambuco, mercê do alto civismo dos seus filhos, tornára-se livre, antes mesmo do grito do Ypiranga.

Finda a revolução, triumphantes, os agricultores volveram ás suas estancias risonhas, anciosos da quietude dos seus terraços alpendrados, das suas séstas placidas, á hora do entardecer, quando o gado vem descendo as montanhas ensombradas, para dormir deante da "casa grande". Recusaram honrarias, recompensas, titulos. Bastava-lhes a consciencia de poder plantar e colher em terras suas, em terras pernambucanas.

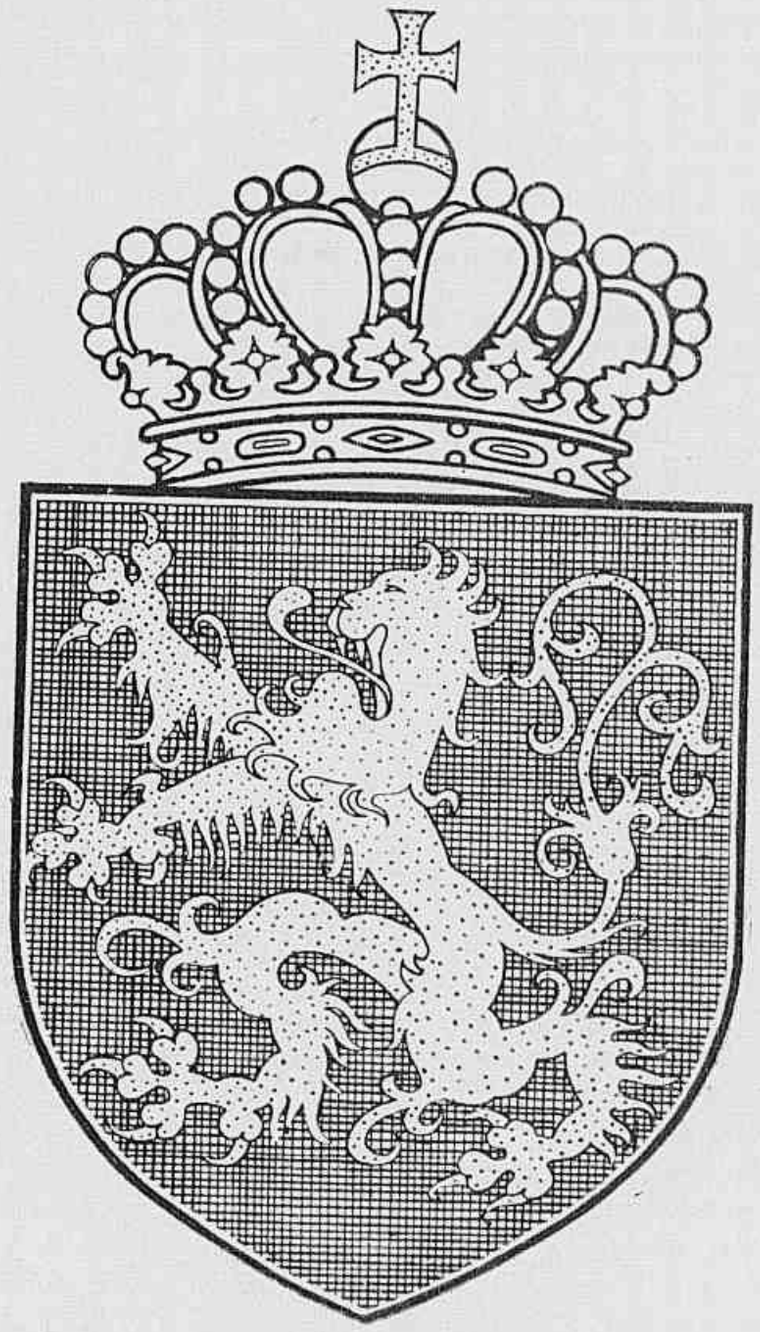
A autonomia brasileira, semente vingada com sangue de martyres e lagrimas de orphandade, brotára, impetuosa, senhoril, vernal, como os cannaviaes aos valles verdes dos engenhos...

OLINDA.



S. Ex. o Snr. BARÃO ALBERIC FALLON

EMBAIXADOR DA BELGICA





ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

23 de Maio de 1822

por Agenor de Roure.

(CONFERENCIA REALISADA NA SESSÃO ESPECIAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, COMMEMORATIVA DESSA DATA).

OS acontecimentos historicos de 1822, commemorados por este Instituto nas datas de 9 e 16 de Janeiro, 9 de Fevereiro, 9 e 25 de Março e 13 de Maio, como aos posteriores. até o de 20 de Agosto, poder-se-ha emprestar a mesma significação que tem aquelle que hoje recordamos: cada um delles vale pela declaração da independencia do Brasil, sem proclamal-a. O "fico"; a formação de um ministerio brasileiro; a expulsão de Avilez e sua gente; a submissão da esquadra vinda de Portugal; a acceitação, por D. Pedro, do titulo de "defensor perpetuo do Brasil"; a convocação de uma constituinte; o manifesto ás nações amigas; e a declaração de guerra ás forças portuguezas que tentassem desembarcar ao longo do nosso immenso littoral, são elos arrebentados da corrente que prendia o gigante sul-americano á heroica Patria dos navegadores do seculo do Descobrimento.

Com o "fico" quebrou-se a cadeia de ferro que nos jungia ao tronco portuguez. Partido o primeiro, os restantes elos dessa cadeia, que ainda tolhiam os movimentos da Liberdade, nós os destruimos como se fossem simples vincilhos, no correr do anno famoso, até ser ouvido o ribombo do brado celebre que permittiu ao Brasil caminhar desembaraçadamente para um futuro grandioso que a geração do primeiro centenario prevê, se já não goza das primicias!

Na data de hoje, ha cem annos, surgiu a idéa da convocação de uma Constituinte. A rebeldia dessa attitude é caracteristica da desobediencia ás Côrtes e reveladora do desejo de completa autonomia ou independencia.

Desde Janeiro do anno anterior (1821), quando conhecidos no Brasil os successos da "Regeneração Politica" de Portugal, pensára D. João VI *adaptar ao Brasil* a constituição que estava fazendo em Lisboa, "*por não poder ella ser conveniente, em todos os seus artigos e pontos essenciaes, á povoação, localidade e mais circumstancias tão ponderosas como attendiveis deste Reino do Brasil.*"

O decreto de 18 de Fevereiro de 1821 determinava a ida de D. Pedro a Portugal para agir de accôrdo com as Côrtes, receber dellas a Constituição e remettel-a ao Rio *para a real sancção*, convocados, porém, "os procuradores que as camaras das cidades e villas principaes elegessem sem demora, para o trabalho *de adaptação.*"

Para accelerar os trabalhos e preparar as materias de que os procuradores se deveriam occupar, creou D. João VI, desde logo, uma commissão, composta de pessoas residentes na Côrte e por elle nomeadas.

Assim, o primeiro movimento de D. João VI foi o de permanecer no Brasil, mandar o filho a Portugal e *adaptar* ao nosso paiz a constituição que as Côrtes votassem e que elle tornava, por decreto, dependente de sancção. Antes mesmo de conhecidos em Lisboa esses propositos liberaes, contra elles se manifestaram os portuguezes do Rio e a tropa. O Rei insistiu e a 23 de Fevereiro nomeou a commissão presidida pelo Marquez de Alegrete *e encarregada de preparar as leis constitucionaes;* não as queria acceitar como viessem das Côrtes; queria *adaptal-as* ao Brasil A hostilidade da tropa, augmentou e no dia seguinte, 24, D. João VI, disfarçando ainda a imposição armada, decretou a *approvação da constituição que se estava fazendo em Lisboa,* "por ter chegado ao seu conhecimento que esse era o maior bem que podia fazer aos seus povos".

O que havia chegado ao seu conhecimento era o motim militar exigindo o juramento *á futura constituição portugueza,* mesmo sem saber o que ella seria e o que daria ao Brasil O *disfarce* consistiu na declaração de que, *dadas as providencias para a adaptação,* a futura constituição portugueza podia ser approvada. A verdade, porém, é a que consta do decreto de 7 de Março de 1821: o Rei soube "*por pessoas doutas e zelosas do serviço de Deus e delle,* que os animos dos vassalos fluctuavam em um penoso estado de incerteza"; e houve então por bem "declarar de maneira solemne a sua expressa, absoluta e decisiva approvação daquella constituição, para ser geralmente cumprida e executada *sem alteração nem differença*". Em vez de um conselho de procuradores destinado a *adaptar* a futura constituição portugueza ao Brasil, convocado a 18 de Fevereiro, tivemos, a 7 de Março, a ordem para a eleição dos deputados brasileiros que deviam ser esmagados pela maioria em Lisboa.

Em vez de uma constituição dependente da real sancção e das edificações necessarias ás "circumstancias tão ponderosas como attendiveis ao Reino do Brasil", vieram a approvação prévia e o juramento antecipado de uma constituição que não se podia imaginar ainda o que seria.

Toda essa mudança fôra motivada por conselho de *pessoas doutas e zelosas do serviço de Deus e* do Rei — euphemismo delicioso, que encobria o movimento armado da tropa portugueza destacada no Rio. O decreto de 7 de Março prova que o juramento de 26 de Fevereiro e o decreto de 24 não haviam sido sufficientes aos soldados armados e indignados, que a elegancia do estylo real denominara "pessoas doutas e zelosas".

Resumindo: em 18 de Fevereiro de 1821, D. João VI mandava o filho a Lisboa, para receber das Côrtes a constituição que ficaria dependente de sua sancção no Rio e que ainda seria submettida a uma revisão para ter applicação no Brasil. A 24 de Fevereiro a tropa impoz a approvação da constituição que se estava fazendo e D. João VI, que queria ter o direito de sancção da lei constitucional quando votada, approvou-a por antecipação, embora com uma vaga referencia ainda á *adaptação* promettida. A 26 jurou executal-a *tal qual fosse votada.* Não foi bastante: as *pessoas doutas e zelosas,* isto é, *armadas e dispostas,* exigiram ainda o decreto de 7 de Março, no qual o decreto de 24 e o juramento de 26 de Fevereiro foram substituidos pelo compromisso de executar a constituição, ainda desconhecida, *sem alteração nem differença,* indo D. João VI para Portugal, em vez de mandar o filho, isto é, fazendo voltar a séde da Monarchia para Lisboa e substituindo a eleição da Junta dos Procuradores pela dos deputados ás Côrtes.

O povo brasileiro comprehendeu logo a significação destes ultimos actos e tentou obter de D. João VI o "fico" que mais tarde arrancaria a D. Pedro. O Senado da Camara representou nesse sentido e não foi attendido. Mandava a tropa da reacção portugueza! A reacção popular brasileira só explodiu a 21 de Abril, quando, reunidos na Praça do Commercio, os eleitores escolhiam os seus deputados ás Côrtes, de accôrdo com as instrucções de 7 de Março, orientadas pelo processo eleitoral da constituição hespanhola. Amotinados, os fluminenses entenderam que o Brasil devia "ser regido pela constituição hespanhola interinamente e emquanto não chegasse a que se estava fazendo em Lisboa". E D. João VI, no decreto desse mesmo dia 21 de Abril, confessava que, havendo esses eleitores, "a instancias e *declaração unanime* do povo, jurado a constituição hespanhola. era servido ordenar que esta constituição fosse observada stricta e litteralmente". Vencia o povo! No dia seguinte, 22 de Abril, as "pessoas doutas e zelosas" — doutas, porque versadas em armas; e zelosas do dominio portuguez — influiram de novo no animo do Rei, que revogou a constituição hespanhola, jurada não mais *a instancias do povo unanime,* mas por *homens mal intencionados e anarchistas,* revigorando o decreto de 7 de Março e o juramento de 25 de Fevereiro. Vencia de novo a tropa. que, pela madrugada, invadira a Praça do Commercio, esbordoando e ferindo a todos quantos não se mostravam bastantes *zelosos e doutos* para acceitarem uma constituição que ninguem sabia ainda o que seria para Portugal e muito menos para o Brasil!

Estas são as origens do acto de convocação da constituinte em 1822. D. João VI, partindo em 1821, sabia bem que estava agindo em obediencia á tropa e em opposição ao sentimento nacionalista brasileiro. Espontaneamente, com espirito de justiça, o seu primeiro impulso fôra o de tornar a constituição que se estava fazendo em Lisboa dependente da sancção real, para a revisão pela junta de procuradores brasileiros. Coagido, mudou de rumo e jurou executar essa mesma constituição sem alteração alguma. Partindo, não desconhecia o estado d'alma do povo brasileiro, tanto que recommendou ao filho, guardar para si a Corôa, antes que qualquer aventureiro della se apossasse...

E D. Pedro, sonhando bem o sentimento nacional. fez a proclamação de 27 de Abril, na qual declarou que lhe seria "altamente agradavel antecipar todos os beneficios da constituição *que pudessem ser conjugaveis com a obediencia nas nossas leis.*" Era uma restricção ao decreto de 7 de Março e ao juramento de 26 de Fevereiro, por elle mesmo presidido em nome do Pae. Em outra proclamação, a 5 de Outubro de 1821. D. Pedro appellava para esse juramento, ao qual mezes antes puzera uma restricção bem brasileira, criticando, já então, "as tendencias do povo á independencia do Brasil" e ameaçando-o de "guerra desapiedada e crudelissima". Apoiava-se *na tropa e nos verdadeiros constitucionaes que o sustentavam. As pessoas doutas e zelosas* do tempo de D. João VI passaram a denominar-se mais legitimamente de "*tropa e verdadeiros constitucionaes*", porque era só a tropa que queria a constituição tal qual se estava fazendo em Lisboa exigindo de D. Pedro o juramento da futura constituição, a 26 de Fevereiro. Vacillante, como o Pae. começára por desejar os beneficios da constituição *que fossem conjugaveis com o interesse brasileiro,* agradando ao povo e ao nascente nacionalismo. Cedeu depois á tropa e, em nome della, fez a ameaça de 5 de Outubro, "*prompto a morrer ainda que estivesse só, quanto mais tendo tropa a seu lado.*"

As Côrtes exultaram e descobriram então o plano de fazer voltar o Brasil á situação anterior de 1808. O silencio das *Bases* em relação ao Brasil havia sido proposital, para que as leis ordinarias fizessem a obra do nosso regresso ao regimen colonial. Mesmo assim, ainda depois do "Fico, na proclamação de 12 de Janeiro de 1822. D. Pedro dizia *que era uma questão de honra a defesa da constituição jurada.* Joguete dos acontecimentos, como fôra seu pae ao decretar duas constituições em dois dias, D. Pedro acabou por mandar vir soldados mineiros e paulistas, armou-os e expulsou a tropa portugueza, promettendo-lhe, para a viagem, "os refrescos e mantimentos de que pudesse carecer". (Aviso de 17 de Fevereiro de 1822). Com a tropa portugueza, foi expulsa do Brasil a constituição jurada. José Bonifacio convocou o Conselho dos Procuradores das Provincias, como D. João VI havia convocado a Junta dos Procuradores, "*para julgar das leis que se fizessem em Portugal, onde, por desgraça, sobejas vezes se entendia que, sem distincção, podia servir ao Brasil a legislação accommodada do terreno de Portugal.*" As leis das Côrtes ficaram dependendo do "*cumpra-se*" do Principe.

José Bonifacio agia cautelosamente, deixando que D. Pedro se dissesse "constitucional" nos proprios actos julgados inconstitucionaes pelas Côrtes e em que eram combatidas as demasias dos constituintes portuguezes. Muito "constitucionalmente" era posta de lado a constituição jurada antes de elaborada. *Chassez le naturel, il revient au galop!* O natural, em toda essa historia, era que o Brasil Reino, o Brasil séde da Monarchia desde 1808, fosse tratado pelas Côrtes como D. João VI e D. Pedro quizeram, emquanto agiram sem coacção, isto é, que a constituição fosse *adaptada "á povoação, localidade e mais circumstancias do Reino".* Por não concordarem as Côrtes com essa politica e por exigirem as tropas portuguezas o juramento a uma constituição que era um ponto de interrogação e ás *bases* que nada promettiam, o brio dos brasileiros revoltou-se, a altivez dos habitantes de nossa terra chocou-se e o sentimento nacionalista, despertado,

agitou-se, provocando a reacção que produziu o "fico", que deu origem ao ministerio José Bonifacio, que occasionou a expulsão de Avilez e sua gente, que reuniu os procuradores das provincias e que produziu a convocação da Constituinte.

Os deputados brasileiros ás Côrtes de Lisboa haviam levado instrucções que contrariavam as deliberações já tomadas. Os debates tornaram-se ali violentos, cabendo aos 22 deputados portuguezes, denominados "Regimento 22", a iniciativa dos ataques ao Brasil, que levaram alguns dos nossos representantes a ausentarem-se de Lisboa, perseguidos e sem garantias. No Rio, cinco partidos dividiam as energias brasileiras, separando uns dos outros os monarchistas puros, os constitucionaes, os democratas, os republicanos e os que defendiam a Metropole. José Bonifacio teve immenso trabalho em oriental-os, concentrando, para o mesmo objectivo, as forças dispersas e contrarias. Entre os exaltados, aos quaes o Barão de Mareschal, em cartas a Metternich, chamava "anarchistas", estava Joaquim Gonçalves Ledo, autor principal do pedido feito a D. Pedro para a convocação da Constituinte — pedido que José Bonifacio reforçou e prestigiou com a sua assignatura, dentro do programma de agir em pról da independencia e do regimen monarchico, simulando, em cada étapa, uma nova concessão do Principe e do seu Ministerio.

D. Pedro estava preparado para receber o pedido. José Bonifacio disso se encarregára e com isso fizera obra de muito maior vulto que a da maçonaria em propor e a de Ledo em redigir a representação. O Principe, desde muito antes trabalhado pela idéa nacionalista e já revoltado com as constantes imposições das tropas, deixava-se guiar pelo patriotismo de José Bonifacio, que o levára a sondar a alma brasileira e a identificar-se com os seus desejos. D. Pedro já havia comprehendido que os brasileiros, *aos quaes a policia prohibia que andassem armados*, não deviam ter sua opinião suffocada exactamente *por aquelles aos quaes a Nação confiára as suas armas!* Por occasião do juramento das Bases, no momento mesmo em que cedia a um pronunciamento das tropas portuguezas, D. Pedro percebia já o sentimento nacional. Indo em pessoa ao Rocio, onde Avilez acampára sua tropa, indagou o que elle queria e prometteu jurar as *bases depois de saber se essa era tambem a vontade do povo*. Ao Padre que pedira a palavra *em nome da tropa*, elle respondeu: — *"Bem, ouvil-o-hei da parte dos officiaes e da tropa. Mas, devo-lhes advertir que a tropa não é a Nacão: pertence á Nação, mas, como tropa, nem é admittida a votar nas eleições. Aqui temos a Camara, que é uma autoridade e poderá com mais direito usar da palavra em nome da Nação e aqui estão os eleitores por mim convocados, que poderão falar em nome do povo."*

José Bonifacio aproveitára bem essas tendencias liberaes do Principe em favor da opinião nacional brasileira, reveladas mesmo no momento difficil de uma revolta militar a que elle cedera. E assim foi que a Maçonaria, orientada certamente pelo proprio José Bonifacio, que fingia *concordar* apenas, encontrou Dom Pedro prompto a acceitar a idéa de uma constituinte, antes mesmo de reunidos em conselho os procuradores das provincias e quando só funccionavam os do Rio de Janeiro. O Principe não estava satisfeito com os papeis que o obrigavam a fazer, vencendo n'um dia a corrente nacionalista n'outro a tropa. Escrevera ao Pae pedindo, "por tudo que havia de mais sagrado", que o "dispensasse do emprego de Regente", mas *ficou*. Os nacionalistas, divididos em quatro grupos, com orientações diversas, creavam uma situação de duvidas e de incertezas. José Bonifacio captou o que poude dessas correntes e com ellas formou a catadupa que precipitou a independencia. Media, póde se dizer, o enthusiasmo popular, para não deixal-o extravasar. O trabalho de Joaquim Gonçalves Ledo e do Padre Januario da Cunha Barbosa, no Club Maçonico *Reverbero*, foi, a principio, o de obter a autonomia ou não co-autonomia creada por D. João VI e não a independencia ou a Republica. Ha documentos dessa orientação da Maçonaria. O n. 2 do *Reverbero* falava "no eterno vinculo que nos ligaria sempre á Metropole". O que determinou a mudança da linguagem do jornal e a rapida evolução da idéa da independencia foi a attitude irreflectida e precipitada das Côrtes em relação ao governo do Brasil, cassando a nossa autonomia, procurando fazer-nos voltar á condição de colonia... sem o Principe, que recebera ordem de partida. Dahi o *"Fico"* e a convocação do Conselho dos Procuradores, não tardando a substituição desse conselho por uma constituinte.

D. Pedro, que, desde o regresso de Minas, se *naturalizára brasileiro*, na feliz expressão de Varnhagen, tinha ainda o espirito vacillante; defendia a causa do Brasil, sem querer romper com Portugal. Escrevia a Antonio Carlos, *"a quem conhecia como o mais digno deputado americano"*, convidando-o a regressar ao Brasil, *em logar de se cansar* com os debates em Lisboa; mas, ao convocar a Constituinte, falava em *assembléa luso-brasiliense*. Jurára as *Bases* votadas pelas Côrtes, mas achava que a Constituinte convocada, devia ser investida "daquella porção de soberania que essencialmente residia no povo de te grande e riquissimo continente", para garantia da "*independencia* que a natureza marcára e de que já estava de posse — *independencia* coexistindo com "a união a todas as mais partes integrantes da grande familia portugueza."

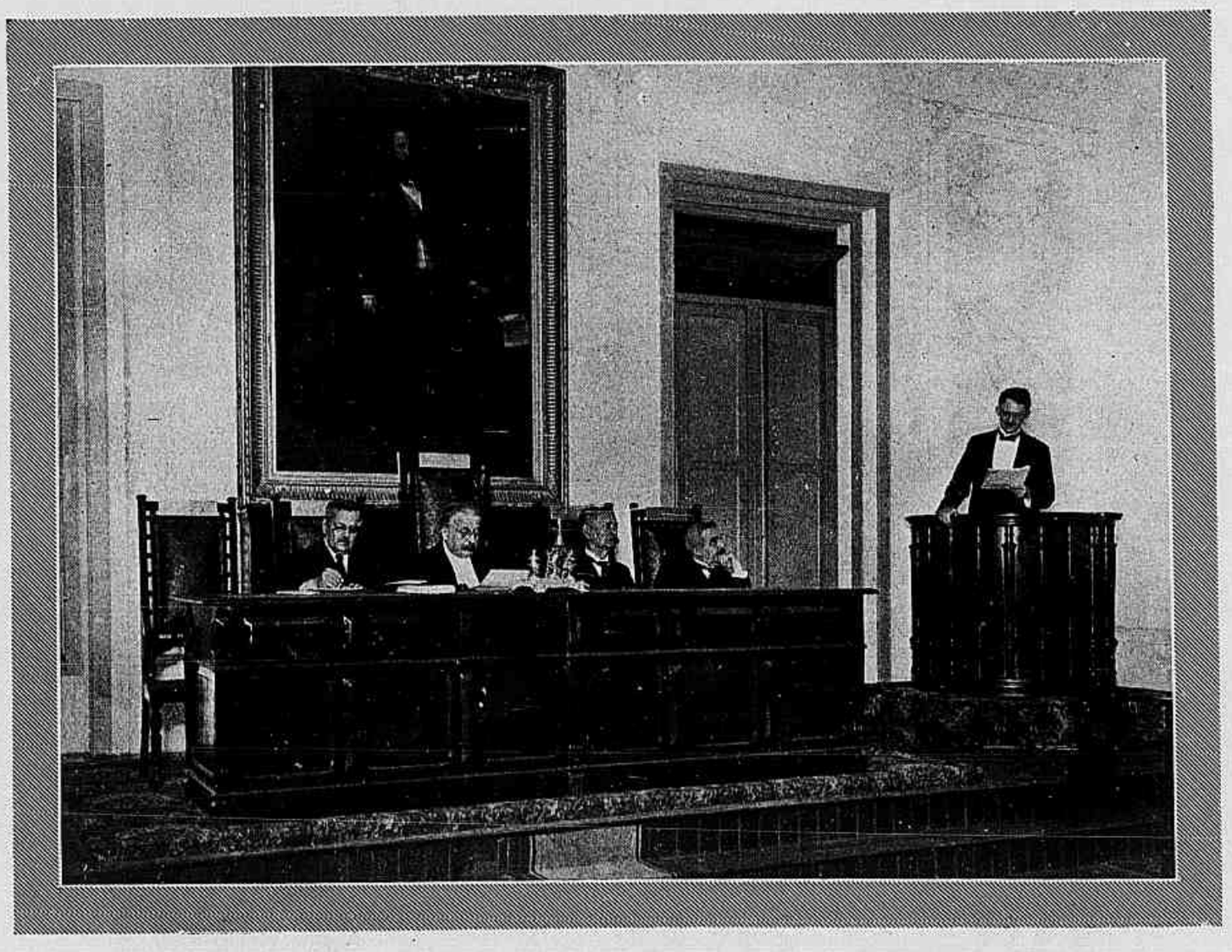
Tudo revela a situação de duvidas e incertezas creadas pelos acontecimentos. D. Pedro, joguete das circumstancias, arrastado pelas correntes politicas desencontradas, teria deixado sossobrar a causa da independencia se não tivesse a guial-o, desde 16 de Janeiro, o espirito resoluto e a energia calma de José Bonifacio, o coordenador das aspirações dos brasileiros, por elle medidas, pesadas e canalisadas convenientemente. José Bonifacio, que referendou o decreto de 3 de Junho, não era homem para assignar apenas o que outros escrevessem, sendo elle o Ministro e o chefe da politica nacionalista no momento. Rio Branco, em nota apposta á obra de Varnhagem, affirma que Ledo foi quem redigiu o decreto, constando esta revelação de um artigo publicado no *Correio Official* de 28 de Dezembro de 1833. De José Bonifacio ou de Ledo, o decreto de 3 de Junho revela a preoccupação do momento — levar D. Pedro a abraçar a causa da independencia, praticando actos em contradição com as palavras: a exposição de motivos do decreto fala em *assembléa luso-brasiliense*, mas o decreto só fala em *assembléa geral constituinte e legislativa, composta de deputados das provincias do Brasil.*

Não nos têm faltado historiadores que procuram tirar a José Bonifacio a gloria das iniciativas do anno da independencia, para attribuil-as mais a Ledo. A verdade, porém, é que a Assembléa Geral do novo "Grande Oriente Maçonico", do qual Ledo era 1º vigilante e o padre Januario orador, elegeu-o *grão mestre* em 28 de Maio. Este alto posto, que a Maçonaria deu a José Bonifacio, em 28 de Maio, valia o bastão do commando na campanha da Independencia. Se o ministro não tivesse provocado ou, pelo menos, annuido á iniciativa de 23, para convocação da Constituinte, como explicar o procedimento da Maçonaria, a 28, dando-lhe a direcção do Club? Dos commentarios e documentos que tenho lido sobre as jornadas de 1822 resalta a convicção muito sincera de que José Bonifacio foi a alma da agitação que produziu a independencia e que Ledo, Januario e outros, obedeciam á sua orientação e o reconheciam como chefe. As desavenças entre elles são posteriores a esses acontecimentos, porque começaram em Agosto (Varnhagem), e só se accentuaram em Outubro, quando, feita já a independencia, se cogitou da acclamação de Pedro I como imperador. Até então, trabalharam unidos, com o mesmo objectivo principal, embora divergindo nos detalhes da futura organisação politica do Brasil Independente. Estou convencido de que José Bonifacio deixava, se não determinava, que os outros tivessem a iniciativa, para melhor cumprir junto do principe, a tarefa de conselheiro e assim obter, aos poucos, por étapas, a adhesão completa á causa do povo brasileiro. O actual Presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessoa, que é tambem presidente honorario deste Instituto, em discurso feito por occasião do lançamento da pedra fundamental do monumento aos Andradas, em Santos, disse, com brilho e acerto, que "a José Bonifacio coubera a missão de canalisar as energias do povo em favor da independencia" e que "espirito adeantado, em cujo programma politico já se inscreviam idéas como a liberdade absoluta do commercio, o trabalho livre e a pratica dos desportos, como meio de fortalecer a mocidade e melhorar a raça, a sua collaboração na obra da nossa emancipação politica, máo grado a animosidade de alguns historiadores, foi serena, segura e decisiva."

Varnhagem, que não lhe era sympathico, confessou haver José Bonifacio chegado ao auge do seu prestigio exactamente na época da convocação da Constituinte. O seu papel não era o de preparar ostensivamente a independencia, sendo Ministro de um Principe que não pensava ainda em romper com Portugal. Dahi, o surgirem as iniciativas com a responsabilidade daquelles que não lhe eram adversos, pois que o elegiam, nesse momento, exactamente, para chefe da Maçonaria. Para a fundação do *Apostolado* (Nobre Ordem dos Cavalheiros de Santa Cruz), que alguns historiadores dizem ter resultado do desaccordo entre os partidos de Ledo e José Bonifacio na logica maçonica preexistente, concorreu tambem Ledo. De ambas as sociedades faziam parte José Bonifacio e Ledo. Nada podia annunciar ainda que em Agosto se daria o *estremecimento* e que em Outubro romptriam as hostilidades.

Assim sendo, os actos de Ledo e da Maçonaria, para a convocação da Constituinte, não podiam deixar de obedecer á orientação de José Bonifacio, eleito grão-mestre a 28, depois de lançada a idéa a 23. O Patriarcha não podia e não devia agir ostensivamente e sim encaminhar os acontecimentos, de modo a deixar ao Principe a convicção de que não era arrastado a ceder. Em artigo recente de *O Jornal*, de 15 de Fevereiro o Dr. Assis Cintra transcreve trecho de um escripto attribuido ao Principe, no qual ha este brado de justo orgulho: *"Falaes em Maçonaria? Mas ella conspirou até 1822 sem poder fazer nada; e, se quiz alguma cousa foi preciso recorrer a D. Pedro, e sem elle nada se faria. Quem fez a Assembléa Constituinte: Foi o imperador D. Pedro. Contra a vontade dos seus proprios ministros e do seu proprio Pae. Nem a Maçonaria, nem o Ledo, nem o Clemente, nem o Andrada, nem ninguem seria capaz de fazer o que o Imperador, que é brasileiro de coração, sinceramente quiz fazer A Maçonaria sem Dom Pedro era o Nada"*

Quer me parecer que foi para isso mesmo que trabalhou José Bonifacio. Querendo a Independencia, mas preferindo dar ao Brasil o



O SR. AGENOR DE ROURE LENDO A SUA CONFERENCIA, NO INSTITUTO. Á MESA, ESTÃO OS SRS. CONDE DE AFFONSO CELSO E BARÃO DE RAMIZ GALVÃO, LADEADOS PELOS SRS. MAX FLEIUSS E TAVARES DE LYRA.

(Continúa na edição de Outubro d'esta revista)

ANOITECER

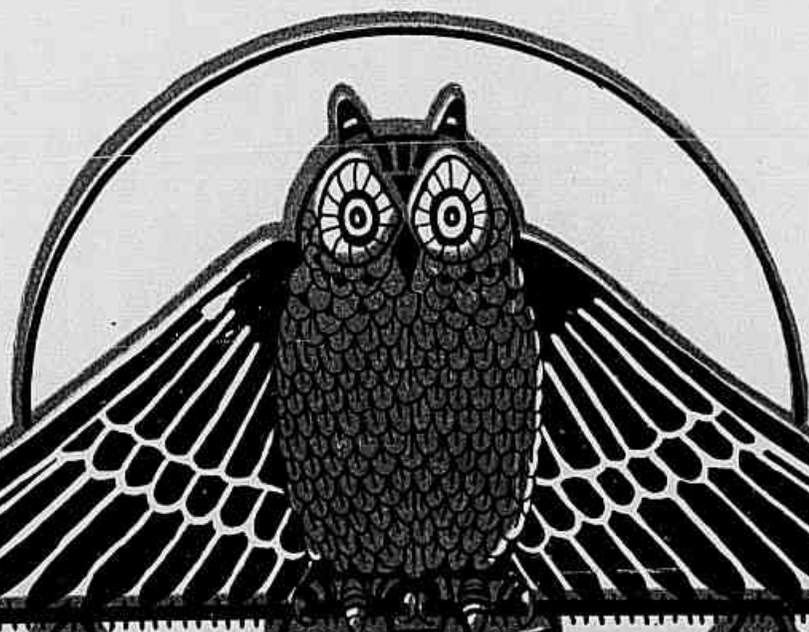
ESBRASEIA O OCCIDENTE NA AGONIA.
O SOL... AVES, EM BANDOS DESTACADOS.
POR CÉOS DE OURO E DE PURPURA RAIADOS.
FOGEM... FECHA-SE A PALPEBRA DO DIA...

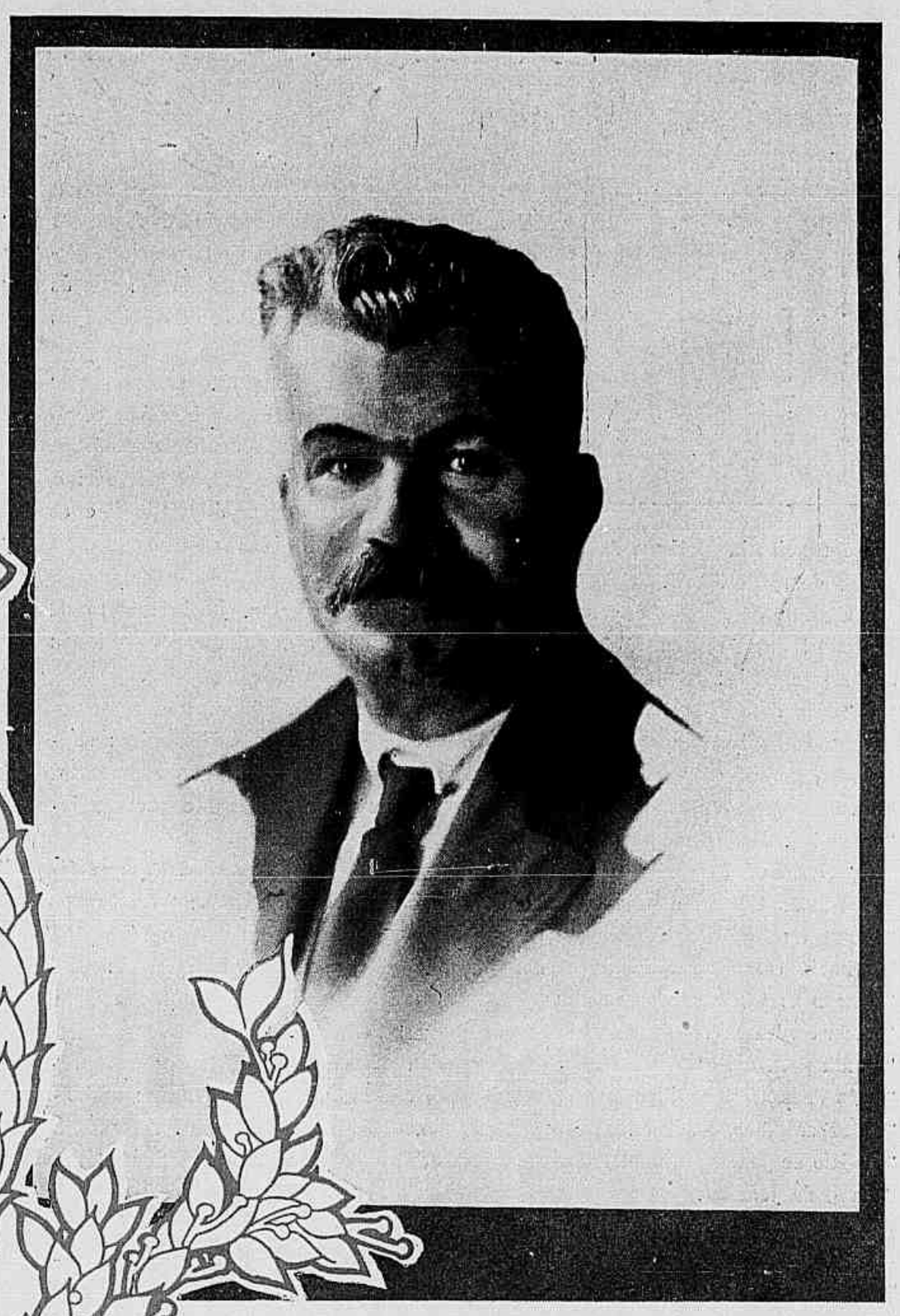
DELINEAM-SE, ALÉM, DA SERRANIA.
OS VERTICES DE CHAMMA AUREOLADOS.
E EM TUDO, EM TORNO, ESBATEM, DERRAMADOS.
UNS TONS SUAVES DE MELANCOLIA...

UM MUNDO DE VAPORES NO AR FLUCTUA...
COMO UMA INFORME NODOA, AVULTA E CRESCE
A SOMBRA, Á PROPORÇÃO QUE A LUZ RECÚA...

A NATUREZA APATHICA ESMAECE...
POUCO A POUCO, ENTRE AS ARVORES, A LUA
SURGE TRÉMULA, TRÉMULA... ANOITECE.

RAYMUNDO CORRÊA.





S. EX. O SNR.

ALEXANDRE ROBERT CONTY

EMBAIXADOR DA FRANÇA

Les richesses les plus précieuses deviennent inutilisables quand font défaut les éléments de population indispensables à leur mise en valeur ou les moyens de transport nécessaires pour les déplacer commercialement c'est à dire dans des conditions qui ne les grèvent pas de frais généraux trop lourds. Semplez, et tracez des routes! Telle est la parole d'un ami

A R Conty

Para a Historia da Independencia

por Djalma Forjaz

PARA a Historia da Independencia, é digno de ser reproduzido o artigo abaixo transcripto, publicado ha cem annos, pelo deputado paulista ás Côrtes de Lisbôa, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro.

Convém notar que Vergueiro escreveu este artigo a 18 de Abril de 1822, sob a impressão da grande effervescencia produzida em Lisboa pelas noticias mandadas em Janeiro por Avilez a respeito dos acontecimentos do "Fico" e as consequencias immediatas deste, noticias que écoaram no Soberano Congresso na sessão de 15 de Abril.

Cumpre-me aqui deixar os meus agradecimentos ao Dr. José Roberto de Macedo Soares, secretario da nossa embaixada em Lisboa, que me proporcionou a presente cópia:

"Não me proponho impugnar opiniões politicas, que pódem estar sanccio-
"nadas como irrevogaveis em algum Concilio, ainda que não ecumenico: sup-
"pondo, porém, muito boas intenções no Sr. redactor do CAMPEÃO PORTUGUEZ,
"e vendo que abre sua nova carreira com manifestos erros de facto, quero in-
"formal-o. Refiro-me ao n. 2°, pag. 29 e seg."

"O Brasil (diz elle), é incoherente, porque jurou a Constituição, que fi-
"zessem as Côrtes, e hoje desobedece ás Côrtes." Confrontemos: "As Côrtes
"declararam que não legislavam para o Brasil, e que a Constituição só se lhe
"tornaria commum quando fosse approvada pelos seus Representantes: em-
"quanto as Côrtes obraram nesta conformidade o Brasil esteve concorde, e só
"lutou contra os restos do Despotismo que por lá havia. Mas as Côrtes legis-
"laram para o Brasil, mandando Tropas, e Governadores das Armas; e, sobre-
"tudo descentralizando o Brasil, e até os Governos de cada Provincia: o Bra-
"sil espantou-se, e encolerizou-se; mas, não se desprendeu da União. A Camara
"do Rio de Janeiro, annuncia as intenções do Povo, dizendo ao Principe Real no
"dia 9 de Janeiro:"

O chamado dia do Fico.

"Demorae-vos, Senhor, entre nós, até dar tempo que o Soberano Congres-
"so seja informado do ultimo estado das cousas neste Reino, e da opinião, que
"nelle reina... Dae tempo, e esperamos que os Paes da Patria hão de agazalhar
"os votos dos seus Filhos do Brasil."

Do discurso que Clemente Pereira, em nome do povo pronunciou na presença do principe:

"Meu Deus! Seria isto prohibido no tempo do antigo Despotismo? Não;
"não era prohibido: diga Avilez o que quizer."

"Lê-se no CAMPEÃO (depois de inculcada reticente moderação), attribuida a
"nova expressão a ALGUNS AMBICIOSOS, COMO FRUTO VENENOSO
"DE INDISCRETAS OU DEPRAVADISSIMAS PAIXOES. E' sobre este
"tremendo erro de facto, que principalmente quero esclarecer o Sr. redactor.

"Falemos claro: desde que os Estados Unidos declararam sua independen-
"cia, houve Brasiliensis, que desejaram fazer o mesmo. Este Partido cresceu
"progressivamente: a mudança da Côrte para o Brasil fel-o retrogradar, porque
"cessaram com ella parte dos motivos. O desgoverno da nova Côrte despertou
"aquella tendencia amortecida, de que resultou o precipitado rompimento de
"1817, (*Revolução Pernambucana*), sem que enfraquecesse com este mallogra-
"mento. Os acontecimentos principiados em 24 de Agosto paralisaram, e redu-
"ziram quasi a nada aquelle partido, abrindo um caminho mais seguro para a
"liberdade, a que todos os homens, e povos aspiram."

"Desta marcha, e contramarcha do Partido da Independencia do Brasil, e
"do sentimento do coração humano, que lhe tem regulado, e ha de continuar a
"regular a força, e a extensão conforme as circumstancias, se deduz muito cla-
"ramente que o Brasil ha de ficar unido a Portugal, se Portugal, consideran-
"do-se como seu egual, nada tentar contra sua liberdade, nem contra suas com-
"modidades; e pelo contrario *se Portugal o tiver em menos conta, o tentar so-*
"*bre elle algum acto de dominação, o Brasil ha de separar-se, declarando a sua*
"*independencia, apezar dos Negros, que não teme, e apezar do horroroso qua-*
"*dro da guerra civil, que lhe póde sobrevir, ao qual nunca attenderam os Po-*
"*vos que querem ser livres.*" (O grypho é nosso).

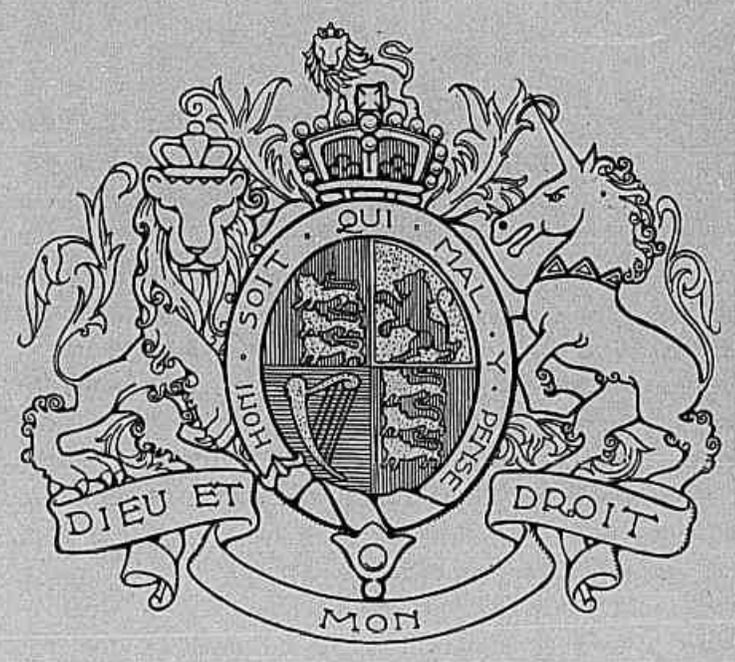
"Hé bem sabido que no Brasil INDEPENDENCIA E CONSTITUIÇÃO
"DOS ESTADOS UNIDOS, tem sido idéas sempre ligadas; nem os Partidis-
"tas da independencia têm imaginado que haja no mundo outra Constituição tão
"accommodada ás suas localidades. E póde consentir a razão ou o senso com-
"mum, attribuir-se ao Partido da independencia a retenção do Principe no
"Rio de Janeiro? Não é muito sabido que este Partido, fraco desde 24 de
"Agosto, olhava com prazer os Decretos das Côrtes, falas, e impressos, que
"desgostavam o Brasil? Não é egualmente sabido que este Partido ganhando
"força com o descontentamento do Povo, esperava anciosamente o momento
"da sahida do Principe para levantar o estandarte democratico, que talvez ainda
"o Principe visse tremular á sahida do porto? Estes factos, e suas necessarias
"consequencias não podiam escapar ao mais fraco observador. E que deveriam
"fazer os amigos da união, que os não encarassem estupidamente, ou com cul-
"pavel egoismo? Seria deixarem o campo livre ao Partido da independencia;
"e lançar mão de medidas extraordinarias, que á maneira dos acontecimentos
"de 1908," (*Transmigração da familia real para o Brasil*) "e de 24 de Agos-
"to, (*Revolução liberal em Portugal, em virtude da qual foi proclamado o re-*
"*gimen constitucional*), desconcertassem os seus projectos, que estavam a pon-
"to de se realizarem? Não chamarei sabios para decidir esta questão, bastam-
"me homens desprevenidos, e amantes da gloria do nome Portuguez."

"Eis aqui, porque a minha razão se revolta, lendo no CAMPEÃO, os verdadei-
"ros patriotas, que desviaram o golpe eminente da separação, tratados por am-
"biciosos, e attribuindo-se-lhes PAIXÕES INDISCRETAS OU DEPRAVA-
"DISSIMAS."

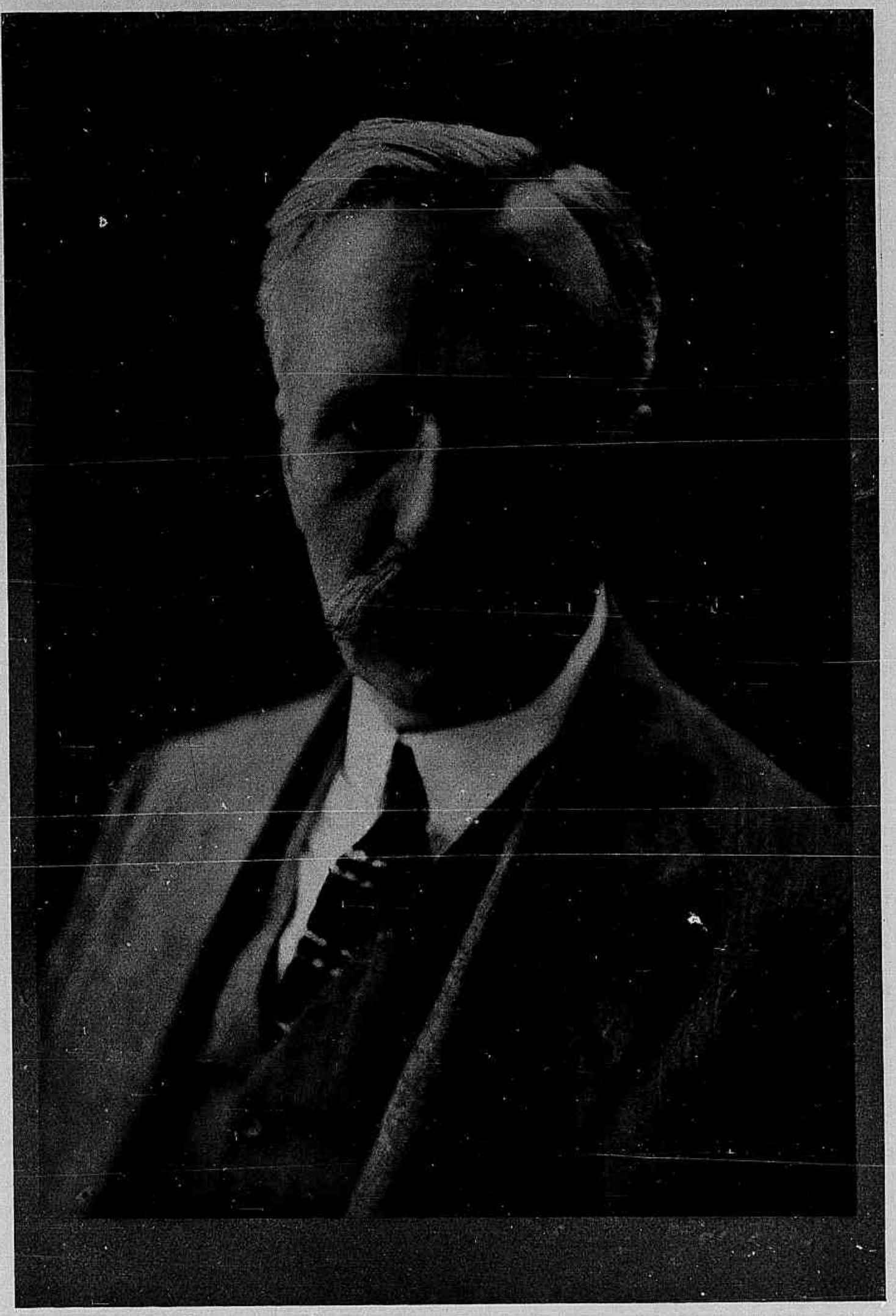
"E' por esta mesma razão que estremeci quando no salão da Soberania Na-
"cional os ouvi chamar AULICOS E LADROES pelo illustre Deputado Sr.
"B. C." (*Deputado portuguez Brigas Carneiro*).

"Não posso passar por este incidente sem mostrar outro erro de facto
"muito palpavel. Não é sobre o bello dito LADRÕES; porque seria risivel de-
"fender pessoas tão acreditadas, sem haver factos, nem provas, nem indicios,
"a que responder; é sobre os Aulicos. Entendo por esta palavra, segundo o
"nosso uso actual, os que gosam do favor do Rei, e no Brasil do Principe;
"entre os quaes ha de haver uns bons e outros máus. Não sei a que classe per-
"tence o General Avilez, porque o não conheço; mas, conforme a opinião pu-
"blica geral, e uniforme no Rio de Janeiro, era contado entre os maiores Au-
"licos até o dia 9 de Janeiro, em que perdeu este attributo, assim como todos os
"outros Aulicos mais conhecidos: sendo talvez este o motivo porque, sem
"ter emprego, nem mandado, pretendeu com força armada violentar o Herdeiro
"do Throno, e Delegado do Rei a cumprir um Decreto, recusando-lhe a demora
"necessaria para representar sobre os inconvenientes, que resultariam de sua
"execução, como lhe rogavam e instavam quatro Provincias. Como, pois, se
"póde affirmar que os acontecimentos de 9 de Janeiro fossem dirigidos por
"uma facção de Aulicos? Seria composta de Aulicos a multidão do Povo, que
"expontaneamente acompanhou o Principe Real, do Theatro á Quinta da Bôa
"Vista, escoltando-o para defendel-o de instantes ameaças? Seriam Aulicos os
"muitos milhares de Cidadãos de todas as Classes, que expontaneamente se re-
"uniram para apresentarem seus corpos ás baionetas de Avilez? Como era
"possivel que os Aciulos influissem na multidão, se o maior dos Aulicos tinha
"desembainhada a espada contra o Principe Real, e contra o Povo? Reflicta-
"se; nenhum dos Aulicos foi empregado depois de 9 de Janeiro; e todos elles
"tratam de retirar-se, ou a este Reino, ou a um canto."

"Demorei-me a esclarecer factos que só a prevenção, ou o espirito de par-
"tido póde sombrear, persuadido, que, tomados no errado sentido, em que cor-
"rem por muitas boccas, induzirão a erro nas medidas que se adoptarem para a
"reconciliação do Brasil. Se esta reconciliação é util, tambem o podem ser as
"minhas observações; se o não é, não se faça caso do que digo. Lisbôa, 18 de
"Abril de 1822." — NICOLAU PEREIRA DE CAMPOS VERGUEIRO. —
"(*Diario do Governo*, de 4 de Maio de 1822)."



S. Ex.o S.r
JOHN TILLEY
EMBAIXADOR
DA
GRAN-BRETANHA



The British Empire, itself a young
an American Power, has watched
with the warmest sympathy and
admiration, ever since the days
of Canning a hundred years
ago, the ordered progress of
Brazil, first to independence
and then to the first rank
among the nations of the

The Centenary marks the
beginning of a new era in which
the moral and material power
of Brazil is certain to increase
even more rapidly. During this
era the British Empire as in the
past will rely on the cordial
friendship of the great Republic
of the South whether in times of
danger or in times, as we all
pray, of peace and prosperity.
John Tilley

Nacionalisação da arte brasileira

por Theodoro Braga

PASSOU a rajada sanguinolenta que retrogradou a Europa civilisada, envolvendo o mundo inteiro no luto e na dôr. Passou. Voltámos á paz novamente como victoriosos, daquella dolorosa luta. Cumpre agora que victorias, muito mais importantes e vitaes para nós, não sejam permittidas a extranhos, dentro do nosso paiz. Entre os innumeros campos de acção, ainda pouco cuidados entre nós e para o qual deveremos, a todo transe, aproveitar esse abençoado delirio patriotico que tão rapidamente nos sacudiu e despertou, existe um onde com os magnificos collaboradores que possuimos, poderiamos obter incessantes victorias pacificas e nobilissimas — na ARTE BRASILEIRA.

Para nacionalisal-a, como se faz mister quanto antes, preciso é, primeiramente, educar e instruir o nosso operariado, desde o inicio de seu aprendizado. Nenhum outro paiz possue, como o nosso, dois grandes e poderosos elementos com os quaes poderemos alcançar a victoria almejada: a intelligencia ductil do operario brasileiro e a riqueza inaudita e inesgotavel dos motivos sobre os quaes deve ser expandida essa intelligencia.

Para a consecução deste ambicionado *desideratum* — produzir arte nacional por artistas nacionaes — basta que se orientem os institutos profissionaes, de que o paiz está cheio, no rumo unico e por cujo motivo foram elles creados. Devem elles, antes de tudo, ser encarados e regulamentados como uma escola superior de ensino artistico-technico.

Para esse alto fim, de facil resultado, mas de energico e incessante trabalho ascencional, diario e intenso, é preciso pôr-se de parte a anemia moral que infelizmente cérca a vontade de quem trabalha, vencendo-a mesmo, ás vezes. A vida actual pertence aos fortes de espirito. O indeciso, quer pela ignorancia, quer pelo atavismo, tem de ser, forçosamente, posto á margem, afim de não demorar a marcha dos que querem vencer. A escola profissional não é nem um manicomio, nem uma correcção. Para educar o espirito no exercicio nobre de uma profissão liberal faz-se mistér abstrahir de todo o pieguismo e do afilhadismo. O Estado deve procurar, escrupulisando, entre os que querem, aquelles que são fortes de corpo e instruidos de espirito. A primeira condição para poder matricular-se na pleiade desses novos operarios que formarão amanhã a independencia das nossas obras artistico-profissionaes é ter o diploma de estudos primarios; em seguida, ter a edade de 11 annos, gosando boa saude. Nestas condições a despeza feita pelo Estado será fatalmente e largamente recompensada pelo rsultado obtido, formando um operario digno desse nome.

E justificam-se estas condições basicas e indispensaveis. Com effeito, uma escola profissional não é um jardim de infancia em que se acceitem creanças analphabetas e tenras; perde-se não só o tempo em ensinar o que elles deviam saber ao entrar, como lhes faltam força, vigor e iniciativa para ajudar ao mestre no momento da aprendizagem do officio escolhido. Como ensinar-se o officio de typographo a educandos analphabetos?

O Instituto Profissional é um curso superior de artes applicadas. Para que essas condições basicas sejam inatacaveis faz-se necessaria muita energia, afim de impedir, cathegoricamente, que a classica compaixão entibie o animo de quem o dirige.

Já é tempo de cuidar-se do operario nacional; educal-o afim de que um dia a sua intelligencia esteja dentro de sua obra e que esta represente alguma cousa de sua patria; que elle execute o que o seu espirito inventou e que a habilidade de suas mãos responda á delicadeza desse espirito creador. O Instituto será uma escola de vida intensa de luta, de trabalho e de preoccupação espiritual, unica forja onde se temperam a alma, o cerebro e o corpo.

Em cada officina deverá haver uma escola de desenho especialisado para cada officio, impondo-se portanto como base fundamental das mesmas officinas o desenho applicado. Nessa idade (11 annos) e guiado pelo mestre technico, não com essa maneira fria, e quasi inconsciente de quem é obrigado a cumprir um dever de funccionario vitalicio, mas com o interesse de ver o seu pupilo produzir, o educando não tardará em querer trabalhar, querer fazer aquillo que o seu espirito viu e que, embora titubeante, graphou no papel, em suas proporções e detalhes. E' preciso que dessa immensa e rumorosa colmeia sáia, cada operario, senhor de seu officio, levando no seu cerebro um mundo infinito de cousas a produzir e umas mãos doceis e ageis a desenhar e a formar as mil cousas desse mundo espiritual. Viciados e escravisados pela sua propria ignorancia, os operarios, em sua maioria, nada produzem porque se lhes não ensinaram nem a LER e nem a pensar, dando assim o melhor logar ao estrangeiro; dahi a vida nulla do grilheta acorrentado ao cerebro deste a que elles chamam: — CATALOGO, — e por onde vivem a vida artificial da copia de modelos que reproduzem sem espirito, sem intelligencia e, por isso mesmo, sem o minimo valor de arte. E, entretanto, já era tempo de tel-a nossa, muito nossa, a arte brasilica, inspirada na nossa flora esplendidamente bella e luxuriante e na nossa fauna exctica e desconhecida, typica e extravagante, sem precisar ir buscar, no infinito campo das combinações geometricas, novidades inesgotaveis e originaes.

O director de uma escola profissional tem que ser um technico, um conhecedor do desenho que, estudando o caracter dos educandos, possa guial-os nas officinas, explicando suas duvidas. A elle compete ensinar, dirigindo os principiantes, aperfeiçoando os adiantados, não permittindo senão a originalidade de concepção nos esboços das obras a executar, apurando o gosto de cada um, aproveitando as idyosincrasias pessoaes; só assim, expurgada a invasão do terrivel mal que nos tem atrophiado o cerebro até agora — as copias de ruins catalogos estrangeiros — só assim poderemos iniciar a procura do nosso estylo nacional que os nossos selvicolas descobriram e que nós civilisados desconhecemos. Compete ao director guiar os educandos na execução dos seus trabalhos, ao lado dos mestres, executar com elles, indicar como se deve VER uma obra acabada, sentil-a e discutil-a em conjuncto.

Não deixar essa idade de juventude se amollecer no ocio, sentada horas e horas, a cochichar, a dormir, a enganar, emquanto o precioso tempo das officinas passa rapido e insubstituivel. Quando conseguirmos fazer do proprio trabalho o recreio dos educandos, teremos então chegado ao começo do fim intellectual a que devem dedicar-se os institutos.

Outra magna questão, não menos capital e de difficil consecução, junta-se ao aprendizado — o commercio. A generalidade entende, erradissimamente, que o Instituto Profissional deve ser uma fonte de renda, julgando-se do seu merecimento, progresso e direcção pela renda que dá, desviando-se assim do seu nobre destino, essencial e intellectual, acoroçoando a sua lenta transformação num mero ajuntamento de officinas diversas, visando sómente o lucro; disso resulta que não será nem uma escola nem um estabelecimento commercial - industrial. Que se faça em cada anno, antes da época dos exames, executados em concurso ou premiados, uma exposição de todos esses trabalhos, producto intellectual dos novos operarios, separando os melhores, que farão parte do museu escolar. O restante, então, poderá ser posto á venda, cuja importancia, retiradas as despezas, será opportunamente distribuida entre os alumnos que os executarem. Nada pois de encommendas que mercantilisem o espirito, que o prende, embotando-o para as delicadezas e caracteristicas da Arte.

Um ou dois annos antes de terminar o seu curso, o mestre do ensino technico, que será o director, deverá illustrar o espirito dos educandos, quasi homens, com tudo que se relacione com a historia da arte. Esta terá como corollario obrigatorio a composição decorativa. Conhecer os estylos não basta para se ter um estylo. Para se chegar a este estado de perfeição, ao qual temos o direito e o dever de aspirar, faz-se preciso sacudir desde já o pó das épocas atrazadas; é necessario que cada um seja SI PROPRIO.

A grande Arte Nacional está entregue á Mocidade Brasileira, que tem sabido e saberá eleval-a ao apogeu da Verdade, do Sentimento e da Originalidade. Falta-nos, porém, a nossa Arte Applicada; aos nossos operarios compete nacionalisal-a.

S. Ex.o Snr. Dr.
ALVARO TORRE DIAZ
EMBAIXADOR DO MEXICO





Mexico toma parte em todas grandes festejos commemorativos da sua Independencia do Brazil com a alegria e satisfacção que produz o triumpho de um irmão predilecto que por seus intuitos e intelligencia ha conquistado o respeito, a admiração e a simpatia universaes.

Alvaro Torre Diaz

O Rio Dôce

Por Ezequiel Ubatuba

A Alberto de Oliveira.



ENHO de longe, de terras encantadas!

Regresso ao seio da civilisação, fóra de mim, atordoado pelas mais fortes e duradouras emoções!

O rio Doce!...

Parece-me, ás vezes, haver entrado, de chofre, os olhos desmesuradamente abertos, em uma camara escura, de infinitas proporções, para o Mundo feita naquellas florestas, de selvageria esplendente!

Outras vezes creio haver de subito saído do fundo da Tréva para o esplendor magnificente da Luz, nas azas dos nossos grandes dias tropicaes!

Outras ainda penso ter andado, como pluma, de um para outro lado, horas sem conta e sem fim, das selvas brutas aos carrascaes, das aguas tranquillas dos remansos ás correntes bulhosas e felinas das cachoeiras, dos desertos ameaçadores ás povoações enganosas e frias!

E jamais percebo como me leva a vida, e para onde me atira ella...

Ouço o inferno branco das espumas de mil cataractas, rolando, roncando, nas rochas graniticas, gargantas hiantes, como féras reclusas, no desafio solemne ás onças, que ao lado lhes assistem a eterna dor e agonia, indifferentes!

Diviso a varzea infinda, varrida pelos ventos, e a montanha núa de ferro, de arqueado dorso, para as caricias do azul, que as encima!

Recordo as noites enluaradas, a medo passeando pela umbria das florestas e penetrando a ramagem das arvores millenares. Recordo os sóes ardentes do meio dia, prepotentes, por toda parte, convidando á sesta, debaixo dos jacarandás!

Lembro depois o sertão solitario e vazio, ensinando a amar e a cantar!

De tumulto em tumulto, vivo e crente, mais inerte e temeroso, saio cá fóra para despertar no amago da cidade, como de um grande somno!

A brutalidade da natureza, no enganoso verde azul da matta, vista á distancia, de beira rio, a ostentar vaidosa, como cortinas nobres, as frondes das perobas seculares, dos cedros magestosos, dos vinhaticos altaneiros, dos jequitibás potentes, por entre as quaes se emmaranham, plebéas e servis, a inoiba, o roxim, a braúna, o guarabú, a parajura e o pequiá, enfeitadas todas pelas mais lindas e caprichosas orchidéas multicores, faz o homem tão pequeno, tão insignificante, que os sentidos adormecem, a pouco e pouco, até a instinctiva e afadigante percepção de que a intelligencia nos escapa.

O canto das arapongas, o silvo das serpentes, o urro das féras, o pipillo dos passaros, o lamento dos ramos, o marulho das cascatas, tudo que vive e vibra, na floresta, se confunde num ruido unico, de pavor, que nasce, cresce e echôa na mesma razão em que o homem sente, ama e contempla.

Os mutuns e as araras, de rica plumagem, no cimo dos galhos, os baguarys e as garças, muito brancas e finas, esvoaçando por sobre as corredeiras e cataractas, tudo quanto a vista alcança e percebe de maravilha, invade a imaginação, tortura-a no mysterio, sacode-a no pavor, para rumal-a a um mundo ideal, de fantasia e de sonho!

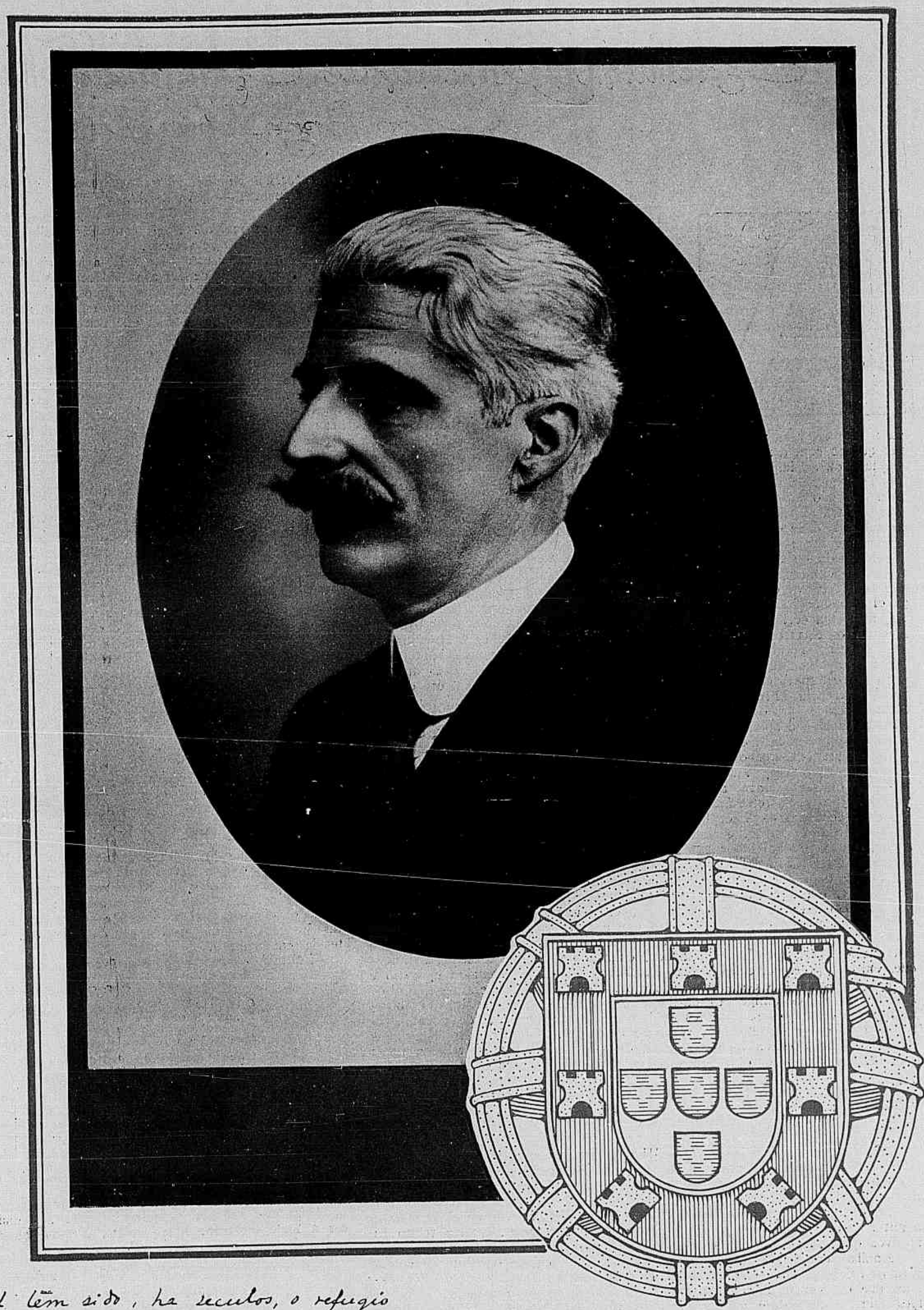
Abre-se a alma para os extases profundos do pantheismo, glorificando a Terra!

As extensas praias de areias douradas, as ilhas cobertas de imbaúbas, as serras, ao fundo, esbatendo no céu, dão ao rio Doce o aspecto de nobreza régia.

E, quando se liberta a gente do poder extranho da mattaria, a respirar livremente, sem o querer, tem para ella os olhos voltados, lembrando scenas e quadros que lhe pertencem, exclusivos, de espanto em espanto, desde a verde planicie, até as montanhas solitarias; desde o Resplendor, o immenso espelho das arvores enamoradas, até a serra do Souza, a grandiosa porteira escancarada para o mar; desde a cachoeira do Raio, enganadora e cruel, até o pico dos Aymorés, o garboso marco de formação geologica da rica terra brasileira, que o rio Doce guarda, avaro e ciumento!

Saudades então, mixto de alegria e de magua, invadem-nos, tumultuarias.

E' a realidade, que resurge, gritando o orgulho de possuir o Brasil a unica região do mundo, que perpetuou o Paraiso.



O Brasil têm sido, ha seculos, o refugio dos portuguezes, e tão consolador que para muito perde inteiramente o travor do exilio e é prodigo em confortos, apenas attenuados pela saudade.

Duarte Leite

S. EX.O SNR. DR.
DUARTE LEITE,
EMBAIXADOR
DE
PORTUGAL

Arthur de Oliveira e Annibal Theophilo.

por Jorge Jobim.

Les gens qui se dépensent trop dans la passion ou dans le tressautement d'une existence nerveuse, ne feront pas d'oeuvres et auront épuisé leur vie á vivre — Goncourt — JOURNAL.

ARTHUR DE OLIVEIRA, nascido no Rio Grande do Sul, foi conhecido e admirado nas rodas intellectuaes de seu tempo; mas, é um nome quasi obscuro no paiz, pela simples razão de que este artista muito pouco escreveu, não nos havendo legado livro algum. Explica-se. Sua imaginação em catadupa, onde as idéas se succediam em tropel, não permittia que as palavras se fixassem pela escripta. Era-lhe a mão por demais vagarosa para acompanhar o pensamento apressado. Possuidor de pujante talento e esplendida cultura, servido por um raro bom gosto, sem ser poeta, no sentido restricto da palavra, comprehendia e amava a arte do verso; conhecia perfeitamente a musica e esloçava a critica de um quadro com a mesma facilidade com que corrigia os defeitos de uma esculptura ou as imperfeições de um acter no theatro.

Pelo testemunho de amigos seus chega-se a crêr que tivesse passado a vida beirando a loucura. Era um excessivo. Deixando-se arrastar pelos impulsos e trabalhado pela fantasia mais ardente e desordenada, nelle o excesso de subjectividade o teria talvez levado á demencia, se uma terrivel doença intercorrente lhe não partisse o fio dos sonhos delirantes.

Machado de Assis appellidou-o de — *Sacco de Espantos* — e fez delle a personagem de um de seus contos, aquelle Xavier do *Annel de Polycrates*, que bebia perolas diluidas em nectar, comia linguas de rouxinol, e não usava papel mata-borrão por achal-o vulgar e mercantil, empregando areia nas cartas, mas uma certa areia de pó de diamante; aquelle mesmo Xavier que para accender os cigarros trazia comsigo uma caixinha de raios de sol; cujas colchas da cama eram nuvens purpureas; que para presentear uma senhora por quem se apaixonára loucamente, lhe enviou de mimo tres estrellas do Cruzeiro e que tomava café de manhã feito pela propria Aurora. Tal era elle.

Viajou pela Europa; estando em Paris, resolveu falar a Victor Hugo. Encaminhou-se para o palacio onde este morava; o porteiro, por qualquer motivo, recusou-se a annuncial-o. Travou-se forte discussão e Arthur, em altos brados, argumentava que viéra de tão longe, de um recanto da America, unicamente para conhecer o Mestre e que se não iria embora sem vel-o. Attrahido pela altercação, Victor Hugo assomou a uma das janellas, e, informado do que se passava, mandou que o deixassem subir. Quando appareceu no salão, já o poeta retomára o seu logar habitual, cercado de amigos, entre os quaes se achavam — Theophile Gautier, Catulle Mendés, Leconte de Lisle, Gustave Doré e outros. Arthur, sem se perturbar com essa augusta assistencia, lançou-se de joelhos aos pés do grande velho e começou a declamar versos das CONTEMPLAÇÕES.

Fez-se dahi por deante frequentador da casa de Victor Hugo e amigo de Gautier, que lhe chamava de — PAE DO RAIO.

Era, como disse, um impulsivo. Em certa occasião, assistindo a um concerto, e percebendo que uma senhora que executava ao piano um trecho de Beethoven, salteára uma passagem, ergueu-se de impeto e descarregou sobre o instrumento, uma formidavel punhada, clamando que não consentiria jámais que, em sua presença, estropiassem Beethoven. A dama desmaiou e, como é facil de prever, estabeleceu-se na sala enorme confusão. Quizeram expulsal-o. A interferencia de amigos evitou-lhe esse vexame. O arrependimento sobreveiu pouco depois, os sentimentos de boa educação fluctuaram de novo. Procurou a infeliz interprete para pedir-lhe desculpas. Esta, já um pouco mais serenada, lh'as acceitou logo e Arthur, despedindo-se, ao apertar-lhe a mão: — Obrigado, mil vezes obrigado pela sua generosidade, mas escute, não toque nunca mais Beethoven, sim?

Foi, na verdade, o SACCO DE ESPANTOS de que falava o autor de DOM CASMURRO.

◇

ANNIBAL THEOPHILO DA SILVA, tão conhecido pelo soneto A CEGONHA, e tão barbaramente sacrificado numa tragedia sem brilho, deixou-nos excellentes versos, enfeixados em volume, a que intitulou com extremada modestia RIMAS.

Só, entretanto, a alguns dos seus amigos foi dado compulsar o livro onde o autor vasára o melhor do seu talento e do seu coração. Valem relato os motivos que impediram que essa obra fosse posta á venda.

Annibal, em viagem pela Europa, achava-se na cidade do Porto e entregára os originaes de suas poesias aos cuidados de um livreiro-editor. Eis, porém, que os jornaes annunciam que Vedrinos, o arrojado aviador, faria na Hespanha, numa cidade proxima, alguns vôos de sensação. O poeta amava os lances arrojados, os espectaculos de commoção, todos os surtos para o ideal, tudo quanto, embora por momentos, faz esquecer as vulgaridades terrenas. Lá se passou a terras hespanholas; elle mesmo, mais tarde, narrou em lindos versos os enthusiasmos experimentados nessa tarde esplendida na qual, sob o céu esfogueado da ardente Hespanha, se realisava o sonho de Leonardo da Vinci.

Quando o apparelho, como um passaro fabuloso, mergulhava no ouro-cinza do crepusculo e o fremito dos applausos e o delirio das acclamações estrugiam nos ares, Annibal viu casualmente, parados a fital-o, dois grandes olhos, humidos e negros... A dona de olhos taes deixava pouco depois errar um vago sorriso na bocca lasciva e o resultado foi que o poeta só poude deixar o reino de Affonso XIII dois mezes depois, quando a andaluza lhe esgotára as ultimas reservas metallicas...

De volta ao Porto, já terminado encontrou seu livro, mas, impresso longe de suas vistas, sem os cuidados de revisão que requer tão delicada materia, vinha eivado de erros e senões. Desgostoso, Annibal não consentiu jámais que apparecesse em livrarias e, com os poucos exemplares que corrigiu, presentecu os amigos. E eis como uma bella mulher prejudicou a impressão de um lindo livro de versos...

Mas, que é esse livro? E' a historia de uma grande e desgraçada affeição que encheu de fel a mocidade robusta de Annibal Theophilo. Em vida sua, nenhum de nós, seus intimos, tinha o direito de trazer a publico as maguas que se lhe depararam na vida attribulada; mas, hoje, elle morto, é mister que os que com elle conviveram e guardaram as confissões de sua alma afflicta, forneçam dados seguros para em juizo definitivo aquilatar-lhe da nobreza do caracter e do valor da obra.

Annibal Theophilo da Silva, nasceu na fortaleza de Humaytá, no Paraguay. Era filho de um official brasileiro que ali se achava em serviço da patria. Descendia, pelo tronco materno, de antigos fidalgos hespanhóes. Delles herdára o cavalheirismo heroico, o culto pelas attitudes dignas, o espirito de combatividade, o desprezo superior pelos pusilanimes. Foi, talvez, por possuir esse conjurto admiravel de qualidades, que o Rio Grande foi sempre a sua patria de eleição; não disfarçava nunca o prazer que sentia em dizer-se rio-grandense.

Adolescente ainda, os fermentos de sua indole buliçosa levedaram num grande affecto. Era tempo. Esse avatar do Cid Campeador não se comprehenderia sem uma Chimena. Mas, ai delle! Se tivesse como o fidalgo hespanhol de combater ao sol das batalhas ou como D. Quixote, de lança em riste, desfazer aggravos e libertar donzellas opprimidas, seria, certamente, vencedor. Imaginae, porém, durante um momento D. Rodrigo de Bivar em peleja contra mesquinhos interesses colligados, pequenas intrigas de familia, subalternas razões de fortuna, e vereis como sua gloria empallidece e se apaga, como tudo isso está em desaccordo com a nobreza do coração e a virilidade do caracter. Figurae-vos um instante o desbaratador dos mouros resurrecto nos dias de agora e vereis que não poderia ter subsistido á mingua de ambiente. Assim aconteceu com Annibal. Correspondido na affeição, o cavalleiro deu logar ao poeta e este cantou em quadras commovidas os encantos de sua eleita. Foi feliz durante alguns annos; a ventura acompanhou-o muito mais tempo do que a um certo kalifa que dizia ter sido feliz apenas quatorze dias em toda a vida. Mas quando os paes de sua preferida perceberam que se não tratava de uma inclinação passageira, entraram a hostilizar com desusada tenacidade o já arraigado amor, por elles festejado e animado no inicio. Foram invocados vexatorios argumentos de haveres e posição social. Theophilo retrahiu-se com amargura. Entrementes, a familia da moça com ella instava e quebrava lanças para fazel-a casar com um joven primo, rico e portador de um titulo. Annibal, com grande abnegação, nobremente digno, conciteu-a a que obedecesse á vontade paterna, talvez para pôr em prova o gráo de affeição que ella lhe tinha. Mas essas experimentações são perigosas com as Chimenas de hoje; esta, vacillante, sem energia, deixou que outros resolves em do seu destino e, por satisfazer ás exigencias paternas, acabou por acceitar o noivo que lhe impunham, levando para o casamento muito amor ainda por Theophilo e nenhum pelo marido. Esse acto leviano decidiu da sorte do poeta. Casou elle tambem pouco depois, não direi por despeito — era bastante forte para se preservar dessas fraquezas — mas talvez por desesperação. Sepultou-se assim numa existencia sem brilho...

Foi mais ou menos por essa época que escreveu este soneto:

CÉGO E SURDO

Que especie de homem de vontade escura
E' esse a que vos forçam que baixeis.
Que sabe que o acceitaes com amargura,
Que sabe que vos quero e me quereis?

Que pretende do estado que procura?
Não vê, no sacrificio que fazeis,
Que nenhuma será sua ventura,
Quando perde, o que perco e o que perdeis?

Força é que seja cégo e surdo viva...
Surdo — ás tormentas a que se conduz,
Cégo — ao brilho do bem de que nos priva.

Ou seja um máo, ou um louco, alma sem luz,
Que persistindo em vos tornar captiva,
Toma uma cruz peor que a nossa cruz.

Entretanto, a mulher que amára e amava ainda, não o esquecia. Antes o affagava e animava a approximar-se. Foi quando Annibal teve que vencer a forte tentação. Mas venceu. Nesse momento compoz um dos sonetos que mais traduzem a sua grandeza moral:

CONSELHO

Não torneis a dizer que não é crime
Sonhar satisfazer paixão tamanha,
Ao m'o disserdes, quanto vos extranha
Meu coração, e que pezar o opprime!

Quer o dever a que hoje me acompanha,
Vosso respeito, e que eu a preze e estime.
E se um tal sacrificio nos redime,
Subamos sempre essa aspera montanha.

Levae commigo a sorte que nos veio...
Sacrifiquemo-nos, porque isto implica
A nossa gloria e o beneficio alheio.

Soffrermos puros, mais nos dignifica,
E mais cresce e mais fulge o amôr no seio
De quem pelo dever se sacrifica.

Tal foi Annibal Theophilo, o glorioso poeta que, numa tarde radiosa, consagrada ás coisas do espirito, em plena pujança do vigor e do talento, foi violentamente precipitado para a morte.

E acodem-me á lembrança os dois versos de Vigny:

"Heureux celui qui meurt et qui ferme les yeux
Tout ébloui encor de rêves glorieux."

S. A. O PRINCIPE
ALLIATA DI MONTEREALE DI VILLAFRANCA
CONS. DA EMB. DE ITALIA
E ENCARREGADO DE NEGOCIOS



L'Italia, diventata una, libera ed indipendente per virtù et volere concorde di popolo e di Re, saluta con vivo giubilo il Centenario dell'emancipazione politica della grande e nobile Nazione amica: il Brasile.

Alliata

OS FUNDADORES DO THEATRO BRASILEIRO

NOTICIAS e EXCERPTOS

NOS tempos anteriores á Independencia, não houve no Brasil o que se possa chamar theatro seu.

Os *autos* dos jesuitas, ao serviço da catechese dos indios e da moralização da colonia; mais tarde, uma ou outra tragedia ou comedia de autor nascido entre nós (SALVADOR DE MESQUITA, JOSÉ BORGES DE BARROS, MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA, ALEXANDRE DE GUSMÃO, CLAUDIO MANOEL DA COSTA, IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO, DOMINGOS CALDAS BARBOSA, ETC.); as proprias *operas* de ANTONIO JOSÉ DA SILVA (1705-1739), natural do Rio de Janeiro, que foram as delicias do publico, no Bairro Alto de Lisbôa, tendo sido aqui representadas algumas — não pódem constituir o que se chame, com verdade, theatro brasileiro.

Este só começou a accentuar-se depois do primeiro quartel do seculo XIX, ou mais precisamente, de 1838 em deante.

Data desse anno a primeira representação da comedia *O juiz de paz da roça*, com que LUIZ CARLOS MARTINS PENNA iniciou a fundação do theatro nacional; succedendo a essa comedia outras peças do autor, sempre representadas com exito.

A PENNA vieram juntar-se, palmilhando o mesmo caminho e com caracteristicas definidas, JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR, FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES, AGRARIO DE SOUZA MENEZES E JOAQUIM JOSÉ DA FRANÇA JUNIOR.

São, no sentir de quem escreve estas linhas, os fundadores do theatro brasileiro.

Entretanto, devem ser lembrados, pelo contingente que trouxeram aos mesmos intuitos, mencionando-se apenas uma peça de cada um — Araujo Porto Alegre (1806—1879), com *A estatua amazonica;* Gonçalves de Magalhães (1811—1882), com *Antonio José* ou *O poeta e a Inquisição;* Carlos Antonio Cordeiro (1812—1866), com *O escravo fiel;* Joaquim Norberto (1820—1891), com *Amador Bueno* ou *A fidelidade paulistana;* Antonio Gonçalves Dias (1823—1864), com *Leonor de Mendonça;* Paulo Antonio do Valle (1824—1886) com *Caetaninho* ou *O tempo colonial;* Constantino Gomes de Souza (1827—1877), com *A filha do salineiro;* Antonio de Castro Lopes (1827—1901), com *A emancipação das mulheres;* Amaral Tavares (1828—1889), com *Os tempos da Independencia;* Sabbas da Costa (1829—1874), com *Bequimão;* Justino de Figueiredo Novaes (1829—1877), com *As surpresas do Sr. José da Piedade*, revista do anno de 1858, a primeira representada no Rio de Janeiro (Gymnasio Dramatico, Janeiro de 1859); Alvares de Araujo (1829—1879), com *De ladrão a barão;* Rodrigues da Costa (1830—1870), com *Pedro I;* D. Maria Ribeiro, (1831—1880), com *Cancros sociaes;* Cunha Valle (1832—1869), com *Fr. Cecilio* ou *O segredo da confissão;* José Tito, (1832—1879), com *Os filhos da fortuna;* Augusto de Castro (1833—1896), com *A ninhada do meu sogro;* Clemente Falcão (1834—1887), com *O mendigo de S. Paulo;* Achiles Varejão (1834—1900), com *O captiveiro moral;* Cincinato Pinto, (1835—1912), com *Os homens de cêra;* Bernardo Taveira Junior (1836—1892), com *O jogador;* Quintino Bocayuva (1836—1912), com *Omphalia;* Joaquim Serra (1838—1888), com *Cousas da moda;* Filgueiras Sobrinho (1842—1878), com *A legenda de um pária;* Araujo Pinheiro (1842—1881), com *A beata de mantilha;* Franklin Tavora (1842—1888), com *Um mysterio de familia;* Sizenando Nabuco (1842—1892), com *O cynico;* Pires de Almeida (1842—1913), com *Retratos a bico de penna.* (Ainda outros nomes, firmando peças apparecidas de 1838 a 1870, encontram-se no trabalho do autor, *Através do theatro brasileiro* (Re enha de autores já fallecidos e das peças que escreveram). *Escorços literarios* — Garnier, 1909.



JOAQUIM MANUEL DE MACEDO



JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR



FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES

I

LUIZ CARLOS MARTINS PENNA

(1815 — 1848)

Nasceu no Rio de Janeiro. Estudou na Aula de Commercio e na Academia de Bellas Artes (Rio de Janeiro), cultivando ao mesmo tempo a musica e a literatura, ajudado, quanto a esta, pelo conhecimento que fôra adquirindo das linguas franceza, ingleza e italiana.

Em 1838 foi nomeado amanuense da Mesa do Consulado (Rio de Janeiro), tendo em 1843 removido para identico logar na Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

Em 1847 foi nomeado addido de 1ª classe á legação brasileira em Londres. Em fins de 1848, sentindo-se gravemente doente, partiu de Londres para Lisbôa, com destino ao Brasil.

Na capital portugueza, tendo-se-lhe aggravado a molestia, falleceu aos 7 de Dezembro daquelle anno.

Deixou as seguintes obras dramaticas:

COMEDIAS: — *O juiz de paz da roça* (1 acto); *A familia e a festa da roça* (1 acto); *O judas em sabbado de Alleluia* (1 acto); *Os irmãos das almas* (1 acto); *Os dois, ou o inglez machinista* (1 acto); *Os namorados ou a noite de S. João* (1 acto); *Os tres medicos* (1 acto); *O caixeiro da taverna* (1 acto); *Os meirinhos* (1 acto); *Os ciumes de um pedestre* (1 acto); *As desgraças de uma criancinha* (1 acto); *O terrivel capitão do matto* (1 acto); *Um sertanejo na côrte* (1 acto); *O jogo de prendas* (1 acto); *O noviço* (3 actos); *Bolyngbrok & Companhia, ou as casadas solteiras* (3 actos); *A barriga de meu tio* (3 actos); *O usurario* (3 actos). — DRAMAS: — *Witiza ou o Nero de Hespanha* (em verso), (5 actos e prologo); *D. Leonor Telles* (5 actos e 6 quadros); *Fernando, ou o Santo accusador* (4 actos); *Itaminda ou o guerreiro de Tupan* (3 actos); *D. João de Lyra* (3 actos); *O segredo de Estado* (1 acto); *O cigano* (1 acto).

Deixou mais: a tragi-farça *O dilettante* e o proverbio: *Quem casa quer casa*.

De suas comedias, quasi todas representadas em tempo, apenas se imprimiram nove, que foram, ha alguns annos, reunidas pela casa Garnier, em um volume. (Rio, s. d.). Seus dramas não são hoje conhecidos; sendo, entretanto, representados com exito (segundo um jornal da época), os intitulados *Witiza* ou o *Nero de Hespanha*, extrahido da "Historia de Portugal", de M. de la Cléde; *O segredo de Estado* e o *Cigano*. Como comediographo é que Martins Penna se recommenda á nossa historia literaria. E' que elle, como disse Sylvio Romero, "esterectypa o seu tempo, cujos vicios e esgares comicos, apprehendeu completamente". As comedias impressas, acima referidas, são as seguintes: *O juiz de paz da roça*, comedia em um acto (farça, de accordo com o primitivo annuncio theatral), representada pela primeira vez, no theatro S. Pedro (Rio de Janeiro) a 4 de outubro de 1838.

A familia e a festa da roça, comedia em 1 acto, representada pela primeira vez no theatro S. Pedro, a 1 de Setembro de 1840.

O Judas em sabbado de Alleluia, comedia em 1 acto, representada pela primeira vez, no theatro S. Pedro, a 17 de Setembro de 1844.

Os irmãos das almas, comedia em 1 acto, representada pela primeira vez, no theatro São Pedro, a 19 de Novembro de 1844.

Os dois, ou o inglez machinista, comedia em 1 acto, representada pela primeira vez no theatro S. Pedro, a 28 de Janeiro de 1845.

O dilettante, tragi-farça, em 1 acto, representada, pela primeira vez, no theatro São Pedro, a 25 de Fevereiro de 1845.

O noviço, comedia em 3 actos, representada, pela primeira vez, no theatro São Pedro, a 10 de Agosto de 1845.

O caixeiro da taverna, comedia em 1 acto, representada pela primeira vez, no theatro São Pedro, a 18 de Novembro de 1845.

Quem casa quer casa, proverbio em 1 acto, representado pela primeira vez no theatro São Pedro, a 15 de Dezembro de 1845.

Sob o titulo *Luiz Carlos Martins Penna, o creador da comedia nacional*, veja-se a memoria biographica lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga, o provecto autor do "Primeiro reinado", em sessão de 23 de Novembro de 1877 e publicado no vol. 40, 2ª parte, da Revista do mesmo Instituto.

A secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro possue dramas e comedias de PENNA em original e por copia.

II

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

(1820 — 1882)

Nasceu em Itaborahy, na então provincia do Rio de Janeiro.

Na Escola de Medicina da capital do Imperio formou-se em 1844, anno em que estréou na literatura, com o romance *A moreninha*.

Professor de historia e chorographia do Brasil do Collegio Pedro II, socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, desde 1845, occupando nelle, entre outros cargos, o de orador (de 1857 a 1881), foi deputado á Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, em varias legislaturas e, em duas, deputado geral (1864-68 e 1878-81).

Sua bibliographia é das mais vastas; a theatral é a seguinte:

COMEDIAS:—*Luxo e vaidade* (5 actos); *Remissão de peccados* (5 actos); *Cincinato quebra-louça* (5 actos); *Romance de uma velha* (5 actos); *Uma pupilla rica* (5 actos) (inedita); *O fantasma branco* (3 actos), publicada em 1856 (Typographia de Paula Brito, com a designação de opera); *A torre em concurso*, tambem em tres actos; *O primo da California*, (2 actos); *Novo Othelo* (1 acto).

DRAMAS: — *O cego* (5 actos em verso); *Cobé* (5 actos em verso); *Lusbella* (4 actos e prologo); *O sacrificio de Isaac* (1 acto em verso; *Amor e patria* (1 acto).

Ha ainda a accrescentar a burleta em quatro actos *Antonica da Silva*, representada em 1880, e nesse mesmo anno impressa por Serafim José Alves (Rio).

De 1849 a 1880 fez MACEDO imprimir e representar peças suas, tendo merecido algumas ruidosa repercussão.

E' o caso de *Luxo e vaidade, O fantasma branco, A torre em concurso*.

A *sinh'Anninha* desta comedia burlesca, o *capitão Tiberio*, do *Fantasmo branco*, popularisaram-se intensamente.

Em Macedo, o dramaturgo é sobrepujado pelo comediographo.

Examinando-se os dramas do autor fluminense, é forçoso concordar com Clovis Bevilaqua, que pensa "serem as melhores tintas de Macedo, as comicas".

Macedo foi o continuador immediato de Martins Penna.

III

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

(1829 — 1877)

Nasceu em Mecejana (Sitio do Alagadiço Novo), no Ceará.

Estudados os preparatorios no Rio de Janeiro, cursou as Faculdades de

Direito de São Paulo e Recife, graduando-se na de São Paulo, em 1850.

Jurista, foi professor de Direito Mercantil no Instituto Commercial do Rio de Janeiro, consultor do Ministerio da Justiça e advogado.

Literato, foi jornalista, critico, romancista, poeta, dramaturgo e comediographo.

Politico, foi orador parlamentar e ministro de Estado. (De Julho de 1868 a Janeiro de 1870).

Deixou as seguintes obras de theatro:

DRAMAS: — *Mãe*, (quatro actos); *O jesuita*, (quatro actos.

COMEDIAS: — *O credito* (5 actos); *O demonio familiar* (4 actos); *As azas de um anjo*, (prologo, 4 actos e epilogo); *A expiação* (4 actos); *Flor agreste* (4 actos) (inedita); *Verso e reverso* (2 actos).

Deixou mais: *A noite de São João*, comedia lyrica em dois actos, impressa em 1860, musica do maestro paulista Elias Alvares Lobo, e os dramas não concluidos *Gabriella* e *O abbade*.

As peças *Verso e reverso*, *O demonio familiar*, *As azas de um anjo*, *Mãe* e *O jesuita*, representadas e impressas de 1857 a 1875, receberam applausos da critica e das platéas, com restricções quanto á comedia *As azas de um anjo* (rehabilitação de uma transviada) e ao drama *O jesuita*, aliás, de grande alcance historico e moral.

O demonio familiar e *Mãe*, peças profundamente brasileiras e de uma technica perfeita, são duas joias inestimaveis do theatro nacional.

Não foram representadas:

A expiação, segunda parte d'*As azas de um anjo*, impressa em 1868, pelo editor Cruz Coutinho (Rio).

O credito, que sahiu nos tomos 4° e 5° da "Revista Brasileira" (3ª phase), 1895-96.

Flôr agreste, cujo titulo primitivo era *O que é o casamento*.

IV

FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES

(1832 — 1877)

Nasceu no Rio de Janeiro, em cuja Faculdade de Medicina se graduou em 1834 e a cujo corpo docente pertenceu, subindo a cathedratico em 1871, anno immediato do de sua volta da campanha contra o dictador do Paraguay, Solano Lopez, campanha iniciada por nosso governo em fins de 1864; tendo seguido para o theatro da guerra, commandando um corpo de voluntarios.

Foi deputado á Assembléa da provincia do Rio e tambem deputado geral.

Literato, deixou PINHEIRO GUIMARÃES as seguintes obras de theatro:

Historia de uma moça rica, drama em quatro actos; *Punição*, drama em prologo e tres actos; *Quem casa quer casa*, proverbio em um acto, cujo manuscripto se extraviou.

Reveladores de notavel vocação dramatica, os dramas indicados obtiveram em scena ruidosos applausos no Rio de Janeiro e nas antigas provincias do Imperio.

Prefaciando a *Historia de uma moça rica*, impressa em 1861 (Typ. do *Diario do Rio de Janeiro*), disse Henrique C. Muzzio, dirigindo-se ao autor:

"Caber-te-á a gloria de ter sido um dos primeiros que responderam ao appello dos que abriram a senda por onde vae caminhar o nosso theatro."

Com o bello e intenso drama *Punição*, impresso em 1864 (Rio), ainda melhor respondeu PINHEIRO GUIMARÃES ao appello a que se referiu Henrique Muzzio.

V

AGRARIO DE SOUZA MENEZES

(1834 — 1863)



AGRARIO DE SOUZA MENEZES

Nasceu na capital da Bahia, graduando-se na Faculdade de Direito do Recife, em 1854. Foi, na terra natal, advogado, deputado, presidente do Conservatorio Dramatico, por elle fundado em 1857, socio do Instituto Historico e de outras associações, e administrador do theatro official São João, onde falleceu repentinamente, em uma noite de espectaculo.

Sua actividade jornalistica foi das mais fecundas.

Dotou o theatro nacional com as seguintes peças:

O dia da Independencia, drama em seis actos; *Mathilde*, drama em cinco actos (em verso); *Calabar*, drama em cinco actos (em verso); *Os miseraveis*, drama em cinco actos; *Bartholomeu de Gusmão*, drama em tres actos; *O retrato do rei*, comedia, em dois actos.

Deixou mais: o drama sacro *São Thomé*, não concluido e as comedias que se reputam perdidas: *Os contribuintes*, *O principe do Brasil*, *Uma festa no Bomfim*.

As peças *Mathilde* (Recife, 1854); *Calabar* (Bahia, 1858), *Os miseraveis* (Bahia, 1863), e *Bartholomeu de Gusmão* (Bahia, 1865) estão impressas.

O dia da Independencia (o 2 de Julho na Bahia) e *O retrato do rei* (D. João VI), acham-se na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

O drama *Os miseraveis*, subiu á scena em theatros do Rio de Janeiro, com seguro exito.

Entre as peças de AGRARIO que não foram representadas, nem mesmo na Bahia, está o *Calabrar*, de accentuado vigor dramatico.

Notou um critico nesta tragedia (drama em verso chamou-lhe o autor) "desvios escusados da historia".

O mesmo se póde notar na peça *Bartholomeu de Gusmão*, onde Alexandre, irmão do protagonista, é apresentado, logo no primeiro acto, que decorre em 1709, com toda a gravidade de um cavalheiro perfeito, tendo apenas, naquelle anno, quatorze annos de edade.

Taes desvios são communs no theatro historico dos nossos romanticos.

O elogio de AGRARIO vem no primeiro volume de suas *Obras ineditas*, mandadas publicar pela sociedade academica "Recreio Dramatico". (Bahia, 1865).

Este primeiro volume (unico publicado), contém o elogio escripto pelo Dr. Antonio Alvares da Silva e o drama *Bartholomeu de Gusmão*.

VI

JOAQUIM JOSÉ DA FRANÇA JUNIOR

(1838 — 1890)

Nasceu no Rio de Janeiro. Bacharel pelo Collegio Pedro II, graduou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1862.

Foi secretario do governo na Bahia, adjunto de promotor e curador da 2ª Vara de Orphãos, no Rio de Janeiro.

Em 1873, representou o Brasil na Exposição de Vienna d'Austria, publicando um relatorio (1874).

Era grande amador de pintura.

Dotado da *vis comica* de PENNA e MACEDO, consta das seguintes comedias o seu interessante repertorio:

Meia hora de cynismo (1 acto); *Republica modelo* (1 acto); *O defeito de familia*, (1 acto); *Bemdito chapeu* (1 acto); *O Carnaval no Rio de Janeiro* (1 acto); *Amôr com amôr se paga* (1 acto); *Maldita parentella* (1 acto); *O typo brasileiro* (1 acto); *Em Petropolis* (1 acto); *O bota-fóra* (1 acto); *Entrei para o Club Jacome* (1 acto); *A lotação dos bondes* (1 acto); *Tres candidatos* (1 acto); *Dois proveitos em um sacco* (1 acto); *Inglezes na costa* (2 actos); *Trunfo ás avessas* (2 actos); *Typos da actualidade* (3 actos); *Como se fazia um deputado* (3 actos); *Cahiu o ministerio* (3 actos); *De Petropolis a Paris* (3 actos); *Portuguezes ás direitas* (3 actos); *O beijo de Judas* (4 actos); *Direito por linhas tortas* (4 actos); *As doutoras* (4 actos); *Duas pragas familiares* (5 actos).

Estreando com as comedias de costumes academicos *Meia hora de cynismo* e *Republica modelo* (1861), teve FRANÇA JUNIOR a satisfação de ver sempre as suas comedias applaudidas, mantendo as platéas em constante hilaridade.

Publicadas em grande parte, está no numero das que o não foram, talvez a melhor dellas — *As doutoras*, peça que, pela urdidura e pelo assumpto, parece escripta hoje.

Foi traduzida para o italiano e representada no Rio de Janeiro em 188? (Companhia Adelaide Tessero) a comedia *Tres candidatos*.



JOAQUIM JOSÉ DA FRANÇA JUNIOR

EXCERPTOS — PENNA

O NOVIÇO

Acto I — Sala ricamente adornada — Scenas VII e VIII

Scena VII

CARLOS, *com habito de noviço, entra assustado e fecha a porta* — CARLOS E EMILIA:

EMILIA (*assustando-se*) — Ah! Quem é? Carlos!...

CARLOS — Cala-te...

EMILIA — Meu Deus! Que é que tens? Porque estás tão assustado... que foi?

CARLOS — Onde estão minha tia e teu padrasto?

EMILIA — Lá em cima; mas que tens?

CARLOS — Fugi do convento... e ahi vêm elles atraz de mim.

EMILIA — Fugiste? Porque motivo?

CARLOS — Porque motivo? Pois faltam motivos para se fugir de um convento! O ultimo foi o jejum em que vivo ha sete dias... vê como tenho esta barriga... vae a fumir-se! Desde sexta-feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena.

EMILIA — Coitado!

CARLOS — Hoje, já não podendo questionei com o D. abbade... Palavras puxam palavras, dize tu, direi eu... e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada, que o atirei por esses ares.

EMILIA — Que fizeste, louco?

CARLOS — Que culpa tenho eu se tenho a cabeça esquentada? Para que querem violentar minhas inclinações? Não nasci para frade, não tenho geito nenhum para estar horas inteiras no côro a rezar com os braços encruzados... não me vae o gosto para ahi... não posso jejuar... tenho, pelo menos, tres vezes ao dia, uma fome de todos os diabos; militar é o que eu quizera ser, para ahi chama-me a inclinação: bordoadas, espaldeiradas, rusgas é que me regalam... esse é o meu genio... gosto de theatro... e de lá ninguem vae ao theatro, á excepção de frei Mauricio, que frequenta a platéa de casaca e cabelleira, para esconder a corôa.

EMILIA — Pobre Carlos! Como terás passado estes seis mezes de noviciado...

CARLOS — Seis mezes de martyrio... não que a vida de frade seja má... bôa é ella para quem a sabe gosar e para ella nasceu; mas eu, prima, eu que tenho para tal vidinha negação completa, não posso!

EMILIA — E os nossos parentes quando nos obrigam a seguir uma carreira para a qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo nos ha de acostumar.

CARLOS — O tempo acostumar!... eis ahi porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates!

Este tem geito para sapateiro, pois vá estudar medicina... excellente medico... aquelle tem inclinação para comico, pois não senhor, será politico. Ora, ainda isso vá. Est'outro só tem geito para caiador ou borrador; nada, é officio que não presta... seja diplomata que borra tudo quanto faz. Aquell'outro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz: seja thesoureiro de repartição fiscal e lá se vão os cofres da nação á garra... Ess'outro tem uma grande carga de preguiça e indolencia e só serviria para leigo de convento, no emtanto, vemos o bom do mandrião empregado publico, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

EMILIA — Tens muita razão, assim é...

CARLOS — Este nasceu para poeta ou escriptor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes cousas, mas não póde seguir a sua inclinação porque poetas e escriptores morrem de miseria no Brasil!... e assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição publica e a copiar cinco horas por dia os mais somniferos papeis.

(*Continúa na edição de Outubro desta revista*)

A.C. CHICHORRO DA GAMA

Um sermão da Independencia

por Assis Cintra

O padre Belchior Pinheiro de Oliveira, um dos mais eruditos filhos das Alterosas, mineiro da estirpe nobre dos bandeirantes, era, na época da Independencia, uma das mais notaveis figuras do scenario politico.

Confidente e confessor do Principe Dom Pedro, este nada fazia sem primeiramente ouvil-o. Acompanhava-o em quasi todas as suas viagens e na memoravel jornada de 7 de Setembro de 1822, foi elle quem recebeu das mãos de Paulo Bregaro a correspondencia do Principe, lendo-a em voz alta, para o seu real senhor e amigo ouvir. Tambem foi elle quem, ás 4 1|2 horas da tarde de 7 de Setembro, interpellado com a phrase de D. Pedro — "E agora, padre Belchior ?" — respondeu promptamente que ao Regente se abriam duas estradas: *ou proclamar a Independencia completa do Brasil, ou submetter-se e seguir para Lisbôa, onde seria prisioneiro das Côrtes. Preferivel, aconselhavel, dizia, era já e já a proclamação da Independencia.*

E dahi o grito do Ypiranga.

Mas o padre Belchior já se revelára revolucionario no memoravel sermão de Natal de 24 de Dezembro de 1821, em que o sacerdote mineiro, dissertando sobre "Jesus, o rei dos reis", falou do Estado do Brasil, do seu Principe e da Independencia.

Essa peça francamente revolucionaria, proferida no proprio dia em que José Bonifacio assignava o Manifesto dos Paulistas, merece ser divulgada neste anno do Centenario.

Extrahimos a parte principal, reproduzida mezes depois, já em 1822, um interessante folheto. Eil-a:

Discurso em defesa do Estado do Brasil e da sua Independencia, proferido em 1821, pelo padre Belchior, e reproduzido, em 1822, no pamphleto *Imperio*, pag. 49:

DEFEZA DO ESTADO

"Certo na Heroicidade e Honra Brazileira, submetto ao Publico algumas observações, que pódem contribuir a sustentar o Espirito Patriotico para a defeza do Estado; apresentando-lhe sempre triumphante o Genio d'America contra o Despotismo das respectivas Metropoles, quando se mostrarão iniquas e inexoraveis em manter, á força d'armas, a sua tyrannica Supremazia. O erro commum he crer os Americanos ainda no mesmo estado em que se acharão ha tres seculos os indigenas do Novo Mundo.

Montesquieu não viu a guerra dos Estados Unidos contra Inglaterra, nem dos Estados Columbianos contra a Hespanha, e comtudo assim disse na obra do Espirito das Leis — Liv. XXI. Cap. XXI:

"A America destroida, e repovoada pelas Nações da Europa e d'Africa, não pode hoje mostrar o seu proprio genio — As pequenas tribus dos Indios Bravos são mais difficeis de se subjugarem que os Grandes Imperios do Mexico e do Peru."

"A extrema distancia das nossas Colonias não he hum inconveniente para a sua segurança; porque, se a Metropole está remota para as defender, as Nações rivaes da Metropole não são menos afastadas para conquistallas."

Adam Smith assim caracterizou os Brazileiros na sua obra da Riqueza das Nações. Liv. IV Cap. VII:

"Depois dos Estabelecimentos dos Hespanhoes, o dos Portuguezes no Brasil he o mais antigo de qualquer outra Nação da Europa. Por se não terem no principio achado minas de oiro, e porisso darem pouco ou nenhum redito á Coroa, foi por muito tempo grandemente desprezado; e durante esse estado de incuria, cresceo á grande e poderosa Colonia. Quando Portugal cahio na dominação de Hespanha, e o Brasil foi attacado em sette Provincias pelos Hollandezes, sendo restaurada a Independencia de Portugal pela elevação da Familia de Bragança ao Throno, sendo os Brazileiros opprimidos pelos invasores, em lugar de se divertirem com queixas, tomarão armas contra os novos senhores, e, pelo seu proprio valor, e resolução, os expellirão, do Brazil."

A Inglaterra com tantas Expedições poderosas nada tem feito, e sahio humilhada nas duas invasões á que se arrojou contra as suas Colonias do Continente Americano depois de organisarém o seu Governo Constitucional, que principalmente oppoz as Milicias do Paiz á regulares Tropas Britannicas e Allemãas. He notorio o Triumpho de Buenos-Ayres contra o formidavel desembarque de mais de 12 mil Inglezes, que intentarão apoderar-se do sul d'America, expedindo huma Força Naval que parecia igualar á da Esquadra Invencivel, comque Philippe II, de Hespanha phantasiou Conquistar a Gram-Bretanha. Nada acharão senão deshonra e morte os quarenta mil Francezes que Bonaparte expedio com o General Leclerk contra a revoltada Ilha de S. Domingos. — Hespanhoes egual sorte. Depois do Brasil proclamar a sua Independencia de Portugal, as difficuldades do Congresso de Lisboa se pódem commensurar pelas que experimentou o Parlamento de Londres, e que se achão bem expendidas na celebrada Falla de hum dos seus mais illustres Membros Edmund Burke, quando (ainda que em vão), fez a Proposta de reconhecer o Governo da Metropole a Independencia dos Estados Unidos; com eloquencia de fogo, demonstrando a loucura, e impossibilidade, de pretender taxar por força a America, dizendo ser a tentativa igual á de tosquiar o lobo. William Wraxal nas suas Memorias Historicas, traduzidas na França por Mr.. Durdent, assim diz no tomo II, pag. CVI e seg. edição do Pariz de 1817:

"A sabedoria e a politica da guerra d'America forão duvidosas. A tentativa de impor tributos, e depois reduzir por força á obediencia hum vasto Continente, separado da Gram-Bretanha por hum Oceano immenso, habitado por povos ardentes pela sua Emancipação, e assás unanimes na sua resistencia á Metropole para poderem conduzir aos combates quasi todos os homens em estado de tomarem armas; ainda só considerando-se especulativamente, teria sem duvida sido olhada por todo o Estadista sabio como arriscada em si mesma, e de hum resultado mui incerto."

No caso de que se trata, todos esses obstaculos adquirem maior força pelo concurso de outras circunstancias. Na mesma Inglaterra huma grande parte da Nação olhava para a Revolta Americana com favoraveis olhos, e, em segredo, desejava-lhe bom successo; porque temia, que a Constituição Ingleza não podesse sobreviver longo tempo ao crescimento do poder e influxo que a Coroa necessariamente alcançaria das Colonias transatlanticas."

"A Gram-Bretanha não podia expedir huma Força sufficientemente numerosa para subjugar tantas provincias, que se extendião desde o Canadá até a vizinhança das Floridas. Por isso o Governo foi obrigado a procurar augmento de forças, estipendiando a muitos milhares de soldados de Potencias d'Allemanha — Duvidava-se que os commandantes, posto que habeis na sua profissão, tivessem ardor na causa que servião."

"As mesmas Tropas Britannicas, sendo empenhadas em huma especie de guerra civil, não manifestavão o enthusiasmo e gosto que tinhão em combaterem inimigos estrangeiros. O serviço de Campanha viva, pela natureza do Paiz, se mostrava duro e penoso. Lagos, pantanaes, matarias quasi impenetraveis, se apresentavão á cada passo; e ainda os mais bravos soldados não triumphão facilmente destes obstaculos."

"O resultado foi a total desfeita do Exercito Britannico, cuja nova causou tal estupor no Governo, que hum dos Ministros do Gabinete, sendo perguntado por hum amigo, como havia recebido a noticia, respondeo — como quem recebeo bala ao peito. Assim a Gram-Bretanha por obstinação do Ministerio vio para sempre cortar-se o que se dizia ser o seu — Braço Direito.

Sabe-se no Brazil a Historia de Portugal, que devia ser modesto depois de ter sido conquistado pelos Romanos, Carthaginezes, Sarracenos; Castelhanos, Francezes. O fatal dia de Alcacer, á dous palmos d'agoa do Algarve, que aniquilou o Exercito Portuguez ás mãos de Mouros, deve impor silencio aos que se assoberbão com suas antigualhas, que certamente só mostrão, que os Lusitanos forão parelha aos vizinhos, quando a Hespanha era dividida em pequenos reinos; e de terror na India, quando estava sob o jugo de seus Regulos, e não appareceo no Oriente quem lhes disputasse o Maritimo d'Asia. Logo que ahi os Hollandezes surgirão, quasi perdeo tudo Portugal, até a honra, pela sua insupportavel soberba-tyrannia, e superstição, ficando-lhe ainda por fim a infamia que Camões lamentou nas Lusiadas, Canto X. E. CLII:

— Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Allemães, Gallos, Italos, Inglezes,
Possão dizer, que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.

Sabe-se tambem no Brazil, que a Independencia Politica de Portugal, apenas se sustenta pelo Interesse Europeo do Equilibrio das Potencias; e ora as Testas Coroadas da Primeira Ordem, tendo feito Diplomatica declaração circular nos Congressos de Tropau e Layback, que não reconhecem mudança de Governo feita por Militar Revolta, não tem admittido Ministros de Legação Portugueza; e o raio está imminente ás cabeças dos authores de tanta Desordem politica.

Os Dictadores de Portugal, tendo pavoneado em seu Diario das Côrtes, com tanta emphase, na ostentação das suas Forças Militares, que dizem poderem expedir para subjugar o Brazil, parecem absolutamente desprezar a Lição da Historia, calculando com os espiritos fracos, e ferrenhos partidistas, que, estando na terra da Promissão, só se recordão das Cebolas do Egypto. Com a sua Lista dos nomeados Governadores das Armas phantasião já ver os Brazileiros com o joelho em terra ante os seus Janissaros alçando ao ceo as mãos em supplica de vida com sacrificio da honra. Enganão-se: cada Filho da terra, como os antêos da Mythologia, póde dizer — venha todo o Portugal. Elles estão firmes na regra: he maldade summa preferir viver escravo ao morrer livre.

Hoje em toda a America sabe-se em que consista a Dynamica das Nações. O Brazil tem a sua especial tactica contra a qual até não valeria a Sciencia Militar do Duque da Victoria. Digão os Peninsulares, que tem visto as guerrilhas Patrias nas fronteiras de Monte-vidéo. De que servirá aos Ulysseos arranharem aos nossas praias, e derribarem algumas chaminés, quando mancharem o solo do Imperio Constitucional ?

Não podendo receber continuos reforços da Europa, nem viverem do ar, bastão os nossos Pedrestes e Cavalleiros em osso, para os pórem á razão, ainda melhor que os Cossácos, e Camulcos, que até já forão duas vezes dar a Lei em Paris."

Como se vê, era esse notavel sermão, um libello contra a Metropole Portugueza, um aviso contra os oppressores, e um grito francamente revolucionario em favor da Independencia e da Liberdade do Brasil, então ameaçadas pelas Côrtes Portuguezas.

E' mister que agora os patriotas relembrem e glorifiquem esse grande mineiro que soube tão bem trabalhar pela causa santa da emancipação politica do seu paiz.

S.E.X.
O SIR.
F. HER.
MAN:
GADE
ENVIADO EXTRAORDINARIO E M. PLENIPOTENCIARIO DA NORUEGA





Efter at ha tilbragt over fire aar i Brasilien, hvor jeg blev utnævnt til Norges förste minister, föler jeg mig i en ganske forbausende grad hjemme her. Grunden herfil er vel væsentlig den at landet har saa meget tilfælles med mit eget — dets storslagne natur har en slægtskabelighet med vore berömte fjorde, og dets gjæstfrihet later intet tilbake for Norges bedste traditioner i saa henseende beskrevet i vor ældste historie og saga. Jeg skal prise mig lykkelig saalænge min bestilling vil la mig forbli i dette vidunderlige land og hos dette gjæstfrie folk, og jeg frykter for, at jeg engang, nødt det maaske, vil ha megen vanskelig for at löskrive mig herfra, da jeg sikkerlig ogsaa vil faa föle den fulde betydning av det brasilianske ord Saudade.

F. Hetman Gade
Ministro da Noruega

A MUSICA NO BRASIL

OS jesuitas, missionarios, que estavam em serviço de suas missões no Brasil, notaram que varias tribus de selvagens tinham disposições para a musica. Trataram, pois, de attrahir os indigenas para a catechese, organizando aulas, onde lhes ensinaram a Arte, juntamente com os seminaristas e noviços, preparando, assim, musicos executantes para o serviço musical da Egreja e tambem para proporcionar diversão ao povo. A musica dos indigenas foi modificada pelos portuguezes.

Della sahiram o "Rabicho da Geralda", o "Sapo do Cariry", o "Tatú" e "Boi espacio"...

Os indigenas tinham tambem as suas dansas caracteristicas, pelos descobridores chamadas "miquirão", "chulafado", "catêretês" e "jangos".

A modinha e o lundú tiveram origem, nas cantigas dos selvagens.

Foram, portanto, os jesuitas, com os seus discipulos, nas festas religiosas, que começaram a dar impulso á arte musical no Brasil.

Até 1830, a musica foi cultivada, por varias classes da sociedade, podendo citar-se os seguintes, entre os artistas que mais se destacaram: Gregorio de Mattos Guerra (1633-1696); Domingos Caldas Barbosa, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, fallecido em 1814, a familia Leal, Lucas José de Alvarenga, Januario da Silva Asvellos, padre Telles e Damião Barbosa. A musica sacra foi tambem muito cultivada nessa época, sendo os mais distinctos cultores de se genero o Padre Marcel da Silva Rosa, que, chronologicamente fallando, é o primeiro musico brasileiro; padre João Lopes Ferreira, fr. Manoel de Santa Catharina, fr. Antonio de Santo Elias, fr. Francisco de Santa Eulalia e fr. João de Santa Clara Pinto. O maior de todos, porém, o que conseguiu celebridade, foi o padre José Mauricio Nunes Garcia, nascido no Rio de Janeiro em 1767 e fallecido em 1830. A sua bibliotheca musical era considerada a mais importante do Brasil; foi elle o primeiro compositor da Real Capella. O seu Te-Deum, executado pela primeira vez, no Rio de Janeiro, em 1791, deu-lhe rapida celebridade.

Com a chegada de D. João VI ao Brasil, a arte musical começou a tomar maior incremento. O rei admirava o talento de José Mauricio, e ajudou-o a desenvolver a actividade artistica.

A Academia de Musica foi organizada no tempo de D. Pedro I e era formada com a tribu de escravos da fazenda de Santa Cruz; idéara a creação dessa Academia, D. João VI.

Damos, em seguida, os traços biographicos de diversos musicos brasileiros, desde as mais remotas épocas, até a actualidade, pelos quaes se podem ver as diversas phases musicaes por que tem passado o nosso paiz:

A

ALVARENGA (*Lucas José de*) — Compositor e poeta. Escreveu varias obras, para canto, intituladas: "Minha alma", "Crime de Fez", "Queixa", "Seus olhos", etc.

ALVARENGA (*Manoel Ignacio da Silva*) (1749-1814) — Violinista, flautista e poeta.

ARAUJO (*Damião Barboza de*) — Nasceu em Itaparica em 1778. Violinista. Chegando D. João VI ao Brasil, Damião Barboza incorporou-se na banda real, que acompanhava o monarcha, e veiu para o Rio; dedicou-se á composição de obras sacras. Estudou com o padre José Mauricio e o maestro portuguez Marcos Portugal.

ARAUJO (*João Gomes de*) — Estudou no Conservatorio de Milão. Escreveu a opera "Carmosina", que foi levada á scena no theatro Dal Verme, naquella cidade.

ASVELLOS (*Januario da Silva*) — Compositor de modinhas.

AZEVEDO (*José Alves de*) — Fundador, em 1854, da escola de musica do Instituto dos meninos cégos, sendo elle tambem cégo.

B

BARBOSA (*Domingos Caldas*) — Falleceu em 18co. Afamado cantor e compositor de modinhas e canções (lundús).

BARRETO (*Francisco Muniz*) — Violinista.

BAFFETO (*Homero*) — Autor da opera "Jaty", intermezzo, etc.

BRAGA (*Francisco*) — Estudou no Conservatorio de Berlim. Regente de orchestra. Tem escripto composições de varios generos: operas, symphonias, musica para piano e para canto. Professor de composição no Instituto Nacional de Musica.

BUSSMEYER (*Hugo*) — Mestre de Capella da Capella Imperial, professor de piano, autor de diversas composições de varios generos, entre outras: uma missa, escripta por encommenda do rei de Portugal, D. Luiz e o oratorio S. Petrus, que foi executado no Rio de Janeiro, em 1879.

C

CARDOSO (*Miguel*) — Professor de composição, critico musical, regente de orchestra, compoz a partitura da opereta, em tres actos, "Ramo de Ouro".

CARVALHO (*Delgado de*) (1872-1921) — Autor da opera "Moema".

CARVALHO (*Francisco Gomes de*) (Chico Carvalho) — Violinista e director de orchestra de companhias de operetas. Escreveu musicas para diversas obras desse genero.

CATHARINA (*Frei Manoel de Santa*) — Monge da Ordem dos Carmelitas. Escreveu a "Suave harmonia, sobre as cinco vozes, que são as cinco vozes que falou Nossa Senhora".

CERQUEIRA (*José Pinto de*) — Professor cégo. Leccionou harmonia e composição, no "Instituto dos Meninos Cegos".

COLÁS (*Francisco Libanio*) — Nasceu no Estado do Maranhão; falleceu no Recife em 1885 em plena mocidade. Violinista e compositor. Escreveu missas, novenas, "Te-Deum", requiem, obras symphonicas, etc. Para o theatro, escreveu as operetas: "Vespera de reis", "Sete passos", "Viveiro de Frei Anselmo", "Meus olhos, meu nariz, minha bocca".



PADRE JOSÉ MAURICIO N. GARCIA

CUNHA (*Itiberê da*) — Composições para piano (Sertaneja — Poéme d'Amour).

D

DENGREMONT (*Eugenio Mauricio*) — Violinista, nasceu no Rio de Janeiro. Primeiro premio do Conservatorio de Paris. Falleceu em 1895, em Rosario (Republica Argentina).

E

ELIAS (*Frei Antonio de Santo*) — Compositor sacro. Pertencia ao convento de Santo Antonio.

EULALIA (*Frei Francisco de Santa*) — Compositor de musica sacra. Pertencia ao convento de Santo Antonio.

ELIAS (*Padre e Santo*) — Organista.

F

FERREIRA (*Padre João Lopes*) — Mestre de capella da Cathedral e Sé do Rio.

FLEMING (*José Lino*) — Natural do Estado de Minas Geraes. Estudou no Conservatorio de Milão com o maestro Dominicetti. Autor do Hymno Mineiro. No genero sacro escreveu: "Ave Regina" e "Litanie". Escreveu uma opera italiana inedita, varias obras para orchestra, concerto e salão e uma collecção de doze peças para piano. Falleceu a bordo do paquete "Bourgogne", no dia 7 de Abril de 1888, em viagem de regresso ao Brasil.

FONSECA (*Frei João Seixas da*) — Pianista, autor das sonatas para cravo, (1732), dedicadas ao infante D. Antonio.

FRÓES (*Sylvio Deolindo*) — Nasceu em 28 de Outubro de 1865. E' o director do Conservatorio da Bahia. Estudou harmonia no Rio com o maestro Miguel Cardoso. Em 1888 seguiu para a Europa e, em Paris, estudou harmonia, contraponto e composição com Charles Maria Widor, professor de orgão e composição do Conservatorio e celebre organista de S. Sulpicio. Estudou tambem com os maestros Witt, em Leipzig e Felix Matte, mestre de capella de Karlsruhe. Entre as suas composições, citaremos: "Sonata", para piano; "Sonata", para piano e violino; fantasias e trechos diversos para piano, violino e orchestra, arranjos para quartettos, quintettos, harmonia ou orchestra, de romances de Schubert, Schumann e Grieg, poemas symphonicos para orchestra, romances para canto, com accompanhamento de piano ou de orchestra.

FURTADO (*Murillo*) — Nasceu em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, no dia 16 de Fevereiro de 1873. Estudou violino com o professor Simões Junior, continuando depois com os professores João Panisi e F. Costa. Fez os estudos de harmonia e composição com o maestro Thomaz Legori, começando, em seguida, a escrever composições em varios generos, distinguindo-se pela delicadeza da inspiração e simplicidade de composição, dentro das regras estabelecidas, sempre recebidas com muito agrado. Escreveu a opereta "Seliska", em tres actos, libreto italiano do barytono Arthur Evangelisti. Compoz, depois, a opera "Sandro", em dois actos, libreto de Arthur Evangelisti, e que foi levada á scena, no theatro S. Pedro, em Porto Alegre, na noite de 24 de Setembro de 1902, regendo elle proprio a orchestra.

G

GAMBÔA (*Candido M.*) — Autor de musica sacra.

GARCIA (*Padre José Mauricio Nunes*) — Nasceu o padre José Mauricio no dia 22 de Setembro de 1767, e morreu em Abril de 1830. O seu pae chamava-se Apollinario Nunes Garcia, natural da Ilha do Governador, freguezia de Nossa Senhora d'Ajuda; sua mãe, Victoria da Cruz, era uma crioula, filha de uma preta da Guiné. José Mauricio contava apenas 6 annos de edade quando o pae morreu, ficando elle então com a mãe e uma tia. José Mauricio entrou para a escola do mestre Salvador José, começando a cursar as aulas de theoria e de musica ao violão, sendo esse o instrumento mais cultivado, nessa época, no Brasil. O Cravo e a Espinheta eram instrumentos só das classes abastadas da sociedade. Tendo feito grandes progressos, nos seus estudos musicaes, procurou um professor, de aula publica, de nome Elias, estudando com esse mestre as linguas portugueza e latina. Com a idade de vinte e cinco annos era já perito musico. Ordenou-se padre. Quando José Mauricio residiu na rua das Marrecas, antiga das Bellas Noites, manteve uma aula de musica, onde ensinava gratuitamente o povo. Manteve por muitos annos essa escola, tendo sahido della alguns musicos de valor que se dedicaram á composição. Francisco Mancel da Silva, o autor do Hymno Nacional, ali estudou. Com a chegada de D. João VI ao Brasil foi José Mauricio nomeado mestre de capella da Cathedral, com o ordenado de seiscentos mil réis annuaes. Parece, á primeira vista, um ordenado irrisorio; mas, naquella época, adquiria-se uma libra de assucar com dois vintens e um bello e gordo frango obtinha-se por quatro vintens. José Mauricio começou a desenvolver uma assombrosa actividade, como compositor, tendo escripto em vinte dias a celebre missa "A Degolação de São João Baptista", e em curto periodo de tempo, tambem compoz a opera "Le due gemelle". Os seus autores predilectos eram Mozart, Haydn e Beethoven. D. João VI ouvia com prazer e com admiração as execuções, ao piano, de José Mauricio. Uma noite de festa no Paço, quando os salões estavam repletos de fidalgos, depois de José Mauricio ter executado uma peça ao piano, D. João VI ficou de tal fórma enthusiasmado que, levantando-se, tirou do peito de um fidalgo, o visconde de Villa da Rainha, a commenda de Christo, pregando-a no peito do musico. O rei mandou contratar na Europa alguns artistas, afim de ser fundada a Escola de Bellas Artes. Entre os artistas, chegados na colonia dirigida por Lebreton, veiu o maestro Segismundo Neukom, o qual, depois de ter ouvido o padre José Mauricio, disse:

"Na minha opinião, este musico é o maior repentista do mundo".

A mesma opinião teve Marcos Portugal.

Na praça de São Jorge, o povo se reunia para ouvir os "12 divertimentos", de José Mauricio, executados pela banda da fragata em que viera a

primeira imperatriz. A praça de São Jorge é hoje a Praça Tiradentes. Com a volta de D. Jcão VI para a Europa começou para Jo é Mauricio uma época de desanimo. A musica de José Mauricio não agradava a D. Pedro I.

D. Pedro I estudou a arte musical com o maestro allemão Sigismundo Neukom e escreveu o Hymno da Independencia, uma symphonia para grande orchestra e uma opera com libreto em lingua portugueza.

A protophonia dessa opera foi executada no Theatro Italiano, de Paris por occasião de um concerto, em Novembro de 1832. O dia do fallecimento da mãe de José Mauricio coincidiu com o dia da morte da rainha louca, Dona Maria I. José Mauricio escreveu a "Missa de Requiem", para os funeraes da rainha. Este "Requiem" é considerado como a sua obra mais rica de bellezas e inspiração, talvez porque José Mauricio compoz este trabalho, estando com a alma alanceada pela dor do recente fallecimento de sua mãe. Alfredo de Musset disse:

"Les chants desésperés sont les chants les plus beaux
Et j'en sais d'immortels qui sont des purs sanglots."

GOMES (*Antonio Carlos*) — Nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, no dia 11 de Julho de 1839, e falleceu em 16 de Setembro de 1896, em Belem do Pará. O "Hymno Academico" e as operas (em portuguez) "Noite no Castello" e "Joanna de Flandres" foram os seus primeiros trabalhos. Essas duas operas conseguiram grande successo, quando representadas no Rio de Janeiro, na época em que foi fundado o Theatro Lyrico Brasileiro. D. Pedro II, sempre prompto para auxiliar os talentos, vendo a aptidão do compositor brasileiro, tomou a resolução de mandal-o estudar na Italia, pois esse era tambem o desejo de Carlos Gomes. Durante a sua permanencia na Italia occupou-se tambem em escrever operas buffas. Matriculou-se no Conservatorio de Milão, estudando tres annos e concluindo o curso. Emprehendeu, então, a composição da opera "O Guarany", que foi estréada no theatro Scala, de Milão, em 19 de Março de 1870.

Carlos Gomes dedicou essa opera a S. M. D. Pedro II, e foi ella que celebrisou o autor, sendo tambem das suas obras, a em que se encontra o ambiente brasileiro mais fielmente reproduzido. O libreto dessa opera foi extrahido do celebre romance de José de Alencar. Depois do "Guarany", Carlos Gomes compoz as operas "Fosca", "Salvador Rosa" "Maria Tudor", "Schiavo", "Condor" e "Colombo". A opera "Fosca", era o trabalho pelo qual manifestava mais predilecção. Carlos Gomes é tambem o autor do "Hymno do Centenario dos Estados Unidos da America" e do "Hymno da Exposição Regional" realizada em Campinas, em 1885.

A opera "Fosca" representa uma evolução no autor, pois essa composição é influenciada pela Escola Allemã. Por occasião de ser representado o "Guarany" em 1870, a imprensa affirmou que Verdi, assistindo a representação da opera, dissera: "Questo giovane comincia de dove finisco io".

A primeira representação da opera "Guarany", no theatro Lyrico, realizou-se na noite de 2 de Dezembro de 1870, alcançando um exito extraordinario; o palco ficou cheio de flores, chapeus, lenços, leques, "bouquets", coroas, flores desfolhadas. O imperador assistiu ao espectaculo, dando mostras de estar muito satisfeito com o triumpho alcançado pelo compositor brasileiro. Carlos Gomes foi ao camarote imperial, sendo condecorado pelo imperador, que depois o abraçou perante o publico, e os applausos surgiram de todos os lados do theatro. Carlos Gomes foi um brasileiro muito amigo da sua patria e, para prova disso, veja-se a forma por que elle assignou o seu testamento: "Antonio Carlos Gomes, brasileiro e patriota".

Por varias vezes Carlos Gomes visitou a sua patria. Sendo nomeado director do Conservatorio do Pará, chegou ao Brasil em 1896, e falleceu em 16 de Setembro desse anno. O cadaver do glorioso maestro foi embalsamado e conduzido para São Paulo, em um dos nossos vasos de guerra, tendo essa unidade da Marinha tomado o nome do maestro. De São Paulo foi o cadaver conduzido para Campinas e collocado na crypta do monumento que a sua cidade natal lhe erigiu.



FRANCISCO MANUEL

GOMES (*José Pedro de Sant'Anna*) — Violinista, irmão de Carlos Gomes. Compoz musica para piano e instrumentos de corda.

GONÇALVES (*João Octaviano*) — Pianista e compositor. Autor da opera "Iracema", e de musica de carrera, piano e canto.

GONZAGA (*Francisca*) — Autora de varias composições para piano e canto; escreveu tambem musica para diversas obras dos nossos comediographos.

GURJÃO (*Henrique Lulalio*) — Fez os seus estudos na Italia. Durante a sua permanencia nesse paiz compoz a opera "Idalia". Voltando ao Brasil, fez representar essa opera em Pelem do Pará. Deixou outros trabalhos musicaes. Falleceu em Belem, no dia 28 de Julho de 1885.

GOYANO (*Joaquim G.*) — Violinista. Um dos fundadores da opera nacional.

I

IRACEMA (*Amalia*) — Cantora; nasceu em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1891 seguiu para a Allemanha, matriculando-se no Conservatorio de Frankfort; durante cinco annos estudou o canto. Concluidos os seus estudos, estréou em Aix la Chapelle, no papel de "Selika", da opera "Africana", de Meyerbeer. Nessa estação cantou mais as operas "Oberon", de Weber; "Carmen", de Bizet; "Cavalleria Rusticana", e "Amico Fritz", de Mascagni; "Mignon", de Thomas, e "Fausto", de Gounod. Cantou mais tarde, na Suissa, Colonia, Baden, Wiesbaden, Manrhein. Em 1898, Amalia Iracema chegou ao Rio de Janeiro, contratada pelo empresario Sanzone, muito applaudida todas as vezes que cantava. No mesmo anno de 1898 chegou á sua cidade natal. A imprensa local offereceu-lhe um festival artistico em 31 de Janeiro de 1899. Nesse mesmo anno cantou na companhia Bermini, que fazia temporada em Porto Alegre. Em 1900 cantou em Buenos Aires. Em 1902 seguiu para a Europa, regressando depois a Porto Alegre.

J

JUNIOR (*Costa*) — Autor da partitura da "Borboleta de Ouro".

L

LEVY (*Alexandre*) — Nasceu em São Paulo, em 10 de Novembro de 1864. Começou os seus estudos musicaes aos sete annos de edade, estudando piano, solfejo e theoria musical com o professor L. Maurice, e mais tarde com Gabriel Girandon. Estudou harmonia com G. von Madweiss, e depois com G. Westheimer. Em 1887 seguiu para Paris, concluindo nessa capital o curso de composição com Emile Durand e Vincenzo Ferroni. Escreveu: "Symphonia" em mi; "Poema symphonico "Comala"; "Suite Bresilienne", em quatro partes sobre motivos populares nacionaes.

O poema symphonico "Werther", para orchestra e coros, que elle não concluiu; Trio em si bemol para piano, violino e violoncello; Allegro appassionato, quartetto em la menor; Hymno 14 de Julho, para orchestra e fanfarra; "Reverie para arcos", cantata para piano; "Symphonia", premiada na Exposição da Columbia (1892); Variações sobre um thema brasileiro; "Vem cá bitu", para piano; "Suite Schumanniana"; Samba; Tango Brasileiro, para piano. Alexandre Levy, falleceu em São Paulo em 17 de Fevereiro de 1892.

LEAL (*João*) — Tenor e autor de bellas melodias. Toda a sua familia tinha talento musical e formava uma verdadeira orchestra...

LEVY (*Luiz*) — 1862 — Musica para piano. ("Rhapsoda Brasileira" etc.)

LOBO (*Elias Alvares*) — Autor da opera "A louca" e composições do genero sacro.

M

MACHADO (*Raphael Coelho*) — Maestro portuguez, nasceu em 1814 em Angra do Heroismo (Açores). Estudou no Conservatorio de Lisboa, residindo nessa cidade até 1835. Em 1838 chegou ao Brasil, dedicando-se ao professorado. Em 1862 fez uma reducção para piano, da opera "A noite no Castello", de Carlos Gomes. Compoz missas, "Te-Deum", quatorze cantos religiosos, poeticas e inspiradas melodias vocaes, peças instrumentaes, obras didacticas e theoricas. Foi agraciado com a commenda de cavalleiro da Ordem da Rosa; falleceu no Rio de Janeiro em 1887.

MAGALHÃES (*Tobias de*) — Pianista, natural de Sergipe; fez os seus estudos na Italia. Concluidos estes, voltou para o Brasil, fixando sua residencia na Bahia; dedicou-se a leccionar piano e canto. Escreveu composições em varios generos, entre ellas a operetta "O grumete", que foi levada á scena, no theatro São João, na Bahia. Tobias de Magalhães falleceu na Bahia, em 17 de Outubro de 1886.

MARIA (*Joaquim*) — Autor de musica sacra.

MENDANHA (*Joaquim José de*) — Mendanha serviu como mestre de banda de musica na guerra civil de 1835 a 1845 no Rio Grande do Sul. Terminada a luta, fixou sua residencia em Porto Alegre, capital do Estado, dedicando-se então ao professorado e dirigindo bandas de musica e orchestras organizadas por elle, com os seus discipulos. Dirigia tambem a parte musical em algumas festividades religiosas. Falleceu em Porto Alegre em 1 de Setembro de 1885.

MENEZES (*Dr. Antonio Frederico Cardoso de*) — Nasceu em Taubaté, S. Paulo, no dia 11 de Julho de 1849. Pianista e autor da musica de diversas operetas. Quando a escravatura foi abolida no Brasil, o Dr. Cardoso de Menezes escreveu a "Marselheza dos escravos", para orchestra e banda.

MESQUITA (*Carlos de*) — Conquistou o primeiro premio no Conservatorio de Paris, em 1885. Autor da opera "Esmeralda". Para orchestra, escreveu: uma "Suite" e um "Preludio". Fundador dos Concertos Populares.

MESQUITA (*Henrique Alves de*) — Autor de operetas e director de orchestra de companhias desse genero.

MIGUEZ (*Leopoldo*) (1850-1902) — Foi o primeiro director do Instituto Nacional de Musica, depois da reorganização desse estabelecimento. Autor do "Hymno da Proclamação da Republica" e das operas "Pelo amor" e "Saldunes", poemas symphonicos, peças para piano e córos. Um dos maiores musicos brasileiros.

MILANEZ (*Dr. Abdon*) — Nasceu em 1858, no Estado de Parahyba. Autor da opera "Primizie", e da musica de diversas operetas. E' actualmente o director do Instituto Nacional de Musica.

MILANO (*Nicolino*) — Nasceu em 25 de Julho de 1875 em Lorena, São Paulo. Cursou as aulas de composição e violino da Academia do "Club Beethoven", do Rio de Janeiro, obtendo duas medalhas de ouro e uma de prata. Escreveu a musica para o "Conselheiro", de Valentim Magalhães, e "Mil contos" e "Capital Federal", de Arthur Azevedo. Autor da musica de diversas operetas.

MILLER (*Antonieta Rudge*) — Pianista notavel, filha do Estado de São Paulo.

MOREIRA (*Luiz*) — Regente de orchestra de companhias de operetas e autor da musica de muitas peças desse genero. Falleceu nesta capital, o anno passado.

N

NAPOLEÃO (*Arthur*) (1843) — Grande pianista; escreveu a musica para o drama fantastico "Remorso vivo". Autor de delicadas composições para piano.

NEPOMUCENO (*Alberto*) — Nasceu em Fortaleza, capital do Ceará, a 6 de Julho de 1864 e falleceu nesta capital, no dia 16 de Outubro de 1920. Seu pae foi o maestro Victor Nepomuceno. Muito moço, Nepomuceno mudou a sua residencia para Pernambuco e foi considerado como o introductor, ali, da musica classica. Estudou a Arte com seu progenitor e, aos 18 annos de edade, foi nomeado diretor de concertos do "Club Carlos Gomes". Nessa época falleceu o seu pae. Voltando para o Ceará, dedicou-se ao professorado, vindo depois para o Rio de Janeiro. Aqui exhibiu-se em concertos juntamente com Arthur Napoleão, pianista, e J. White, violinista. Quando foi proclamada a Republica, estava Nepomuceno em Roma, e sendo convidado para tomar parte no concurso do Hymno da Proclamação escreveu um, que não foi o escolhido, sendo, apezar disso, a sua composição elogiada. Nessa occasião conseguiu Nepomuceno uma pensão dada pelo Governo Provisorio, para aperfeiçoar-se na Europa. Começou a estudar em Roma com o maestro Tersiani, professor da Academia de Santa Cecilia, ex-director da orchestra do Theatro Scala, de Milão. Quando a opera "Guarany", de Carlos Gomes, foi representada pela primeira vez, naquelle theatro, a orchestra foi regida pelo maestro Tersiani. Depois do fallecimento desse maestro, Nepomuceno continuou os seus estudos com o maestro De Sanctis, professor de harmonia da Academia de Santa Cecilia.



(*Continúa na edição de Outubro desta revista*)

A Rainha dos Pés de Pato

por João da Norte.

LENDO as impagaveis aventuras de Gargantua e de Pantagruel, avistei pela primeira vez o mysterioso nome da rainha Pedauque. Rabelais falava della como de personagem muito conhecida no seu tempo. Mais tarde, veiu-me ás mãos "La rotisserie de la reine Pedauque", de Anatole France. O livro não explica o que quer dizer o nome dado á casa de pasto, onde tantas scenas maravilhosas se desenrolaram aos olhos espantados de Jacques Tournebroche e de Bertha, "la sage et brave femme". A acção da obra não é muito posterior aos heróes rabelaiseanos e a escolha do titulo demonstra á saciedade a popularidade dessa rainha desconhecida, porque sómente se davam a albergues, estalagens, hospedarias e casas de vender comidas nomes muito populares.

Meus ligeiros encontros com a Pedauque, de Rabelais e a Pedauque, de Anatole, despertaram na minha alma de folk-lorista impenitente o desejo de decifral-a. Nada mais difficil. Após grande indagação, um commentador das obras do cura de Meudon ensinou-me que, no fim da idade-media, quando era moda saber latim, os clerigos lhe chamavam Regina Pedauca, que sua figura era popularissima nos arredores de Tolosa e constava existir seu tumulo na igreja de Notre Dame de la Daurade. E Victor Hugo, numa das assombrosas cartas do Rheno, em que os ensinamentos pullulam, a ella ligeiramente se refere, affirmando haver sua estatua na pequena cidade de Villenaxe, na Champagne.

Rastreei pacientemente a lenda e, se não cheguei a resultados definitivos, consegui pelo menos saber alguma cousa dessa figura bizarra, cuja interpretação verdadeira creio ainda não ter sido conseguida.

O nome Pedauque vem da antiga lingua d'Oc, da França meridional, opposta á lingua d'Oil, da septentrional, como os troveiros se oppunham aos trovadores. Pedauco, de Pede d'Oca, significa "pied-d'oie", pé de ganso. E' a rainha dos pés de ganso, a rainha dos pés de pato. Dão-lhe todas as imagens rosto formoso e suave sob a corôa real de ricos florões de aipo, vestes longas, um tanto remangadas, de maneira a mostrar as patas grossas, fortemente palmadas. Assim, póde ser vista na gothica entrada solemne do priorado de Saint Pourçain, entre os columnêlos da ogiva principal da abbadia de S. Benigno de Dijon e nos porticos das cathedraes de S. Pedro de Nevers e de Santa Maria de Nesles.

Quanto á sua symbolica, as opiniões divergem. Querem uns que represente a filha de Marcello, soberano antigo de Tolosa, mulher de Eurico, rei dos visigodos, que amava descompassadamente os banhos e vivia a nadar pelas lagôas, em companhia de suas damas, como uma marreca. Dahi sua popularidade no paiz tolosano, onde havia até o habito campesino e villão de jurar por seu nome. Outros acham que é Santa Clotilde, a que converteu os francos ao christianismo e foi symbolo de vigilancia e de prudencia. Estas duas altas virtudes estão indicadas nos pés de ganso, porque os gansos prudentes e vigilantes do Capitolio salvaram Roma. Para outros, ainda, não passa da rainha Bertha, afamada por sua bondade, mulher de Pepino, o Breve, e mãe de Carlos Magno, perpetuada numa phrase popular em todo o occidente europeu e de lá emigrada para o Brasil. Schuré, no "Les grandes legendes de France", cita-a: "au temps oú la reine Berthe filait", que é o nosso dito — "no tempo em que Bertha fiava" para exprimir uma cousa muito antiga. A mãe do Imperador "á la barbe fleurie" tinha com razão a alcunha de Bertha-dos-pés-grandes, sendo a lembrança desses pés exaggerados o que a ingenua esculptura medieval quiz conservar.

O padre Leboeuf escreveu um trabalho sobre o assumpto, refutando todas essas opiniões e assegurando a verdade da sua. Julgava fosse a rainha de Sabá, cujos pés muito feios, em desaccordo com a belleza das formas e do rosto, repetiam numa mulher o defeito do pavão e que Salomão criticára, chamando-lhes pés de ganso. O Koran fala desse ponto fraco daquella formosura tentadora, afim de mostrar que nas mais completas seducções existe sempre um lado vulneravel. Mardrus, no seu exotico, perfumado livro acerca da rainha de Sabá, conta que Salomão receou ter ella os pés de cabra e pernas cabelludas, como geralmente os tinham as mulheres sabeanas. Então, mandou forrar de espelhos o chão do atrio em que a recebeu. Por elles viu o que desejava ver e exclamou: "...ce qui doit être duveté est duveté; et ce qui doit être petale de rose est petale de rose. Et chaque chose est comme l'a faite l'Ordonnateur de la Beauté. La benédiction ! La benédiction !"

Em maior numero, porém, ha tradicionalistas que acreditam tratar-se de Bertha de Borgonha, linda prima e infeliz mulher de Roberto I, o Piedoso, rei de França, cujo casamento a politica fez a igreja julgar incestuoso. Ao principio, o soberano a conservou junto de si. Mais tarde, voltando ao gremio do catholicismo, abandonou-a sob o peso das maldições papaes. Com effeito, sabe-se pelo curioso e profundo livro de U. Robert "Les signes d'infamie au moyen-age" que os pés de ganso eram nesse tempo o emblema symbolico da excommunhão. Tanto assim que, emquanto os leprosos tinham uma caveira ou um coração no peito, os judeus uma rodela ou uma estrella e as prostitutas uma dadivosa mão aberta — signaes publicos de infamia, os "cagots" bearnezes traziam no panno dos tabardos, dos mantós e das simarras o signo dos excommungados — o pé de ganso.

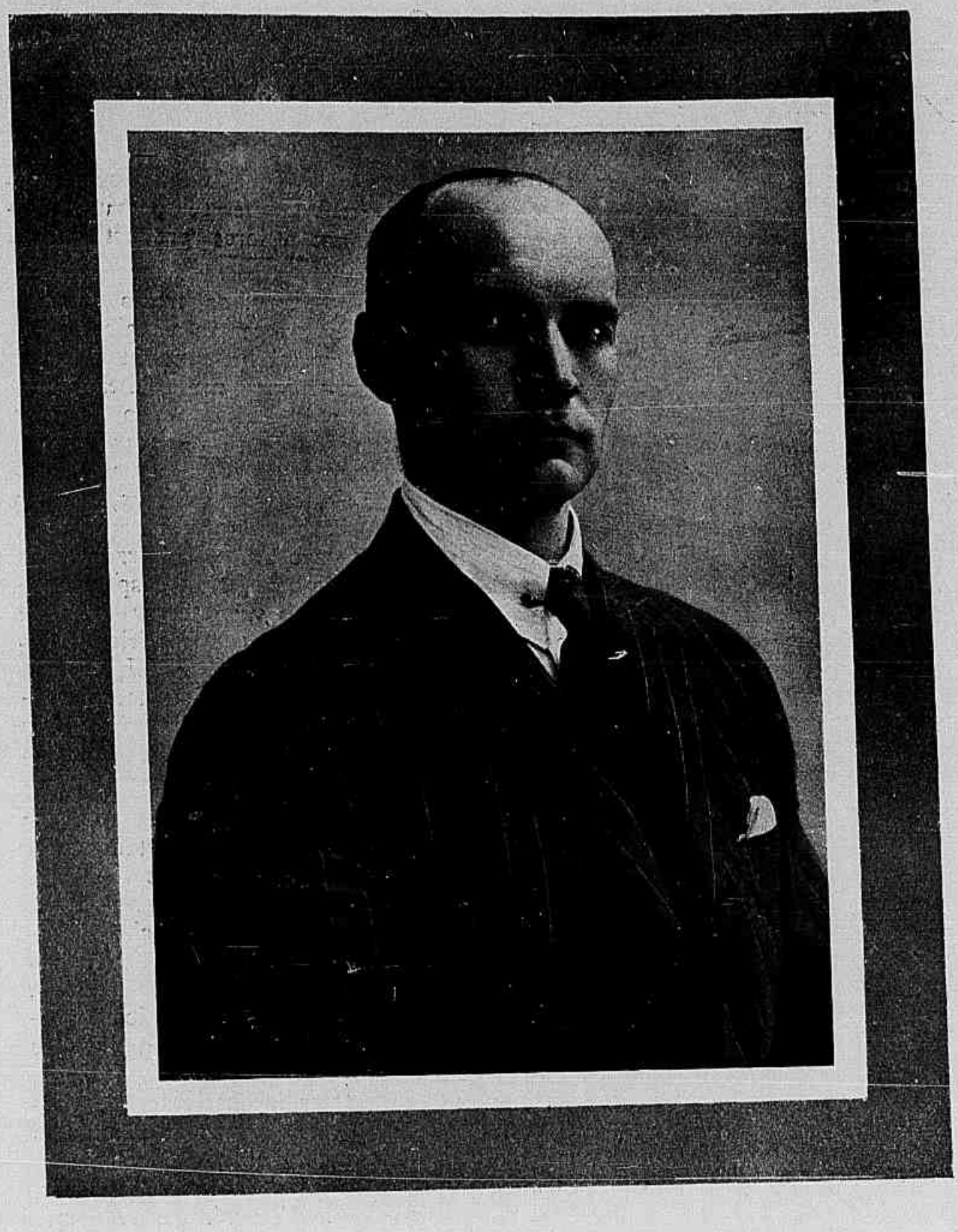
O cardeal Pedro Damiano garante, no emtanto, que a allusão não é propriamente feita á excommunhão de Bertha, o que seria pouco; mas á sua damnação de alma e corpo, que fez com que lhe nascesse um filho com os pés de pato, felizmente morto ao ver a luz santa do dia, elle que vinha das trevas, pois não podia ser filho do pobre rei embruxado, sim do proprio Satanaz, com quem ella certamente partilhava o leito conjugal.

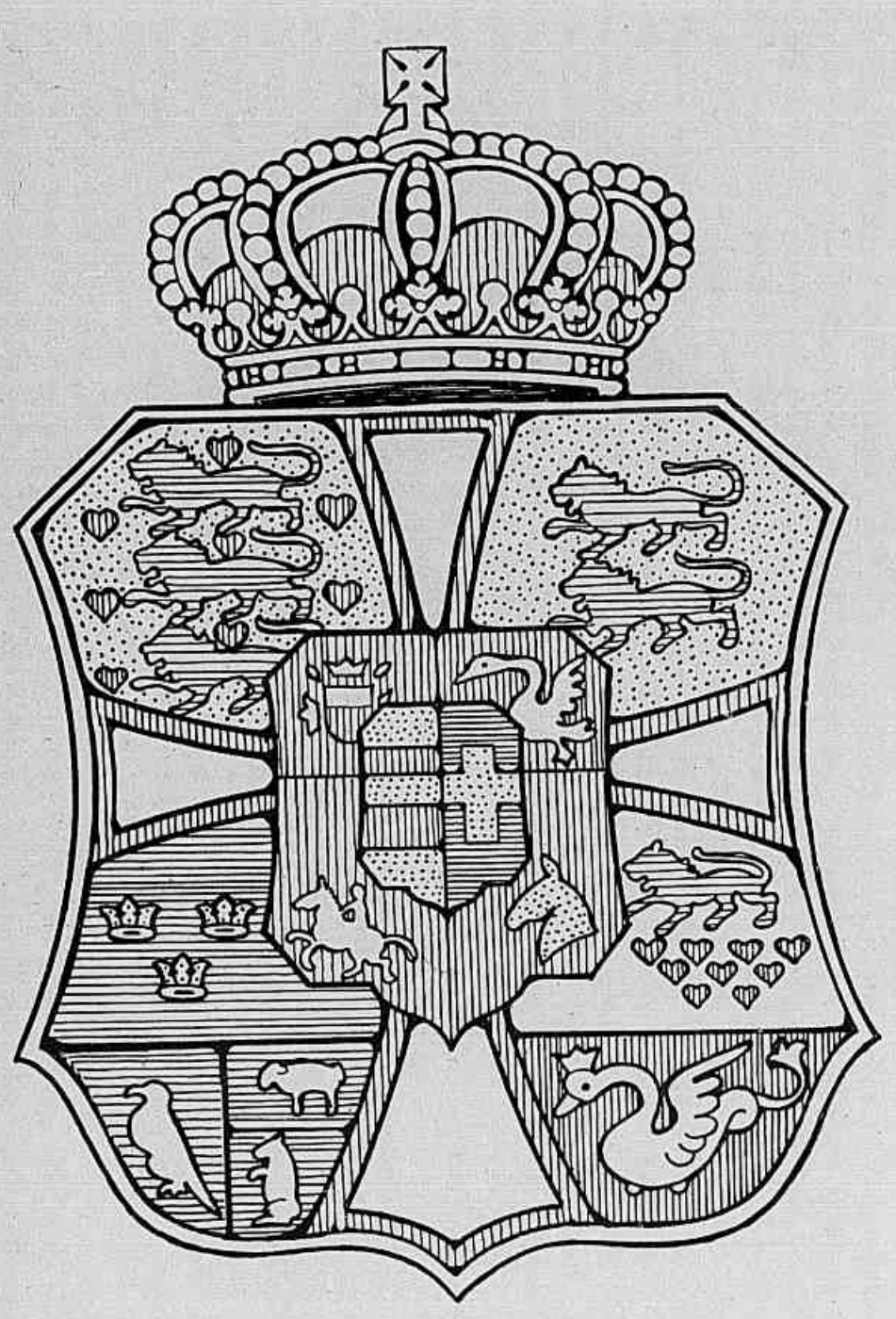
Eis uma das grandes injustiças que enchem a alma de desesperança. A desgraçada Bertha de Borgonha, que tanto amou o rei Roberto, foi tão pouco amada e soffreu tudo por causa desse grande amor em que poz toda a sua vida, tudo desde a excommunhão do papa ao cruel abandono daquelle que adorava, não teve ao menos, em memoria de sua belleza e de sua dôr, a lenda sympathicamente infernal de Francesca de Rimini e Paolo Malatesta ou a enluarada historia tragica de Romeu e Julieta, mas o symbolismo mysteriosamente perverso e o nome popularisado da Reine Pedauque, da Rainha dos Pés de Pato ! Extranho destino o de quem tanto quiz e soffreu, quiz com fidelidade e soffreu com resignação, tornar-se o symbolo dos delictos da carne e ter enfeiadas as extremidades que as chronicas coévas asseguram ser tão lindas quanto o resto do corpo carinhosamente modelado pelo Ordenador da Belleza ! ! Se é essa a exacta significação da lendaria figura, ficou a pobre Bertha exposta durante seculos á risota vulgar da gentalha, nas entradas ogivaes das casas de oração, rosto lindo e pés disformes, mostrando como, sob os atavios deliciosos da carne, se escondem os pés de pato do demonio da luxuria ! !

Para o descanso da infeliz rainha, preferimos crer que esse symbolismo é exacto, não o concretisando em nenhuma mulher, e que a sua personificação nesta ou naquella princeza medieval veiu de não poder a arraia miuda comprehendel-o de maneira abstracta.

A verdade é que o pé de ganso ou de pato sempre significou cousa infernal. Todas as velhas crendices da humanidade occidental fazem o diabo palmipede. Por isso, o signo da excommunhão, significando sobre a pessoa a marca do seu pé, o seu rasto naquelle corpo e naquella alma. Heine conta que os kobolds, pequenos demonios da mythologia do Septentrião, tinham pés dessa natureza e o nosso povo, para fazer o capêta dar ás de Villa Diogo, não tem mais que gritar: — "Figa, pé de pato !"

Rio de Janeiro, mez de Setembro, em 1922.





S. EX.O SNR.

OTTO CARL MOHR

ENVIADO EXTRAORDINARIO E MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DA

DINAMARCA

Som et Led i den Kæde, der drages for at knytte venskabelige Nationer nærmere til hinanden vil Danmark ved Brasiliens Hundredeaars udstilling ogsaa være repræsenteret. Udstillingens Maal er kommercielt og intellektuelt Til nærmelse er ogsaa dens Maal, og gennem dets fælles Maal og dets fælles Arbejde vil man lære at kende og skatte alle den brasilianske Nations og dens Folkes fremragende Egenskaber.

O. Mohr.
Kgl. Dansk Gesandt.
" Brasilien

Os grandes problemas do Brasil

por Angyone Costa.

INSISTO em tratar de assumptos dos quaes, por mais de uma vez, nesta mesma revista me tenho preoccupado.

Resolvido o problema de adaptação do estrangeiro ao nosso sólo, deve interessar a mentalidade brasileira uma outra questão tão importante quanto esta, que é o aproveitamento da grande massa anonyma dos nossos trabalhadores ruraes, actualmente relegados a uma situação de quasi total abandono.

Tem sido esta a causa determinante da diminuta percentagem que representa o esforço do proletariado brasileiro na economia nacional. Desprotegido, desvalorisado, não lhe é possivel supportar um confronto vantajoso com o concorrente europeu, bem alimentado e bem vestido, a quem os interessados fornecem, além das machinas agrarias, lições de agricultura pratica nas terras que vão trabalhar.

Emquanto ao trabalhador estrangeiro se deparam todas as facilidades, o lote discriminado, a casa, a ferramenta, as sementes e a alimentação asseguradas, o proletariado nacional, que se dedica ao amanho da terra, vive a lutar com as epidemias que o dessoram com a absoluta falta de conforto na barraca onde os dias lhe decorrem, quando muito construida de adobe, com cobertura de palha, não podendo, desta maneira, tornar-se uma força efficiente no acervo dos bens da Nação.

Inteiramente abandonado á propria iniciativa, que no caso não póde ser nenhuma, cachetico, atrophiado pelo bocio de Chagas, adenoideano e trachomatoso, o pobre brasileiro dos sertões, ou mesmo das nossas terras ribeirinhas da Amazonia, sente que o esplendor da natureza que o cerca, em vez de o convidar a viver, como que o esmaga na opulencia de sua vegetação tropical. Desta maneira, a sua vida se arrasta, indecisa, sem vontade, improductiva. Incapaz de conceber uma idéa ou de planejar a execução de qualquer cousa que demande esforço consciente, não tem alma para se aperceber de que em torno delle se agita, palpita e freme, todo um mundo a construir

Não pensem os que me lerem que estou a esboçar um quadro imaginado sob a influencia de leituras muito em voga. Quem escreve estas linhas, conhecendo grande parte do interior do paiz, sobretudo da Amazonia, cujas regiões mais exploradas tem percorrido, já por diversas vezes teve a sua attenção reclamada pela maneira de viver do que se concordou chamar o lavrador brasileiro, seja o paraense ou o cearense, pasmo de que tanta pobreza se exhiba numa terra em que a fartura se apoja no seu seio esplendente e virgem, não exigindo, para enriquecer, a quem a cultive, mais do que parcimonioso labor.

Entretanto, até hoje têm sido inuteis todas as côres com que se descrevem o abandono do sertanejo, todos os tons em que se affirma o seu aviltamento innominavel. Quando muito, este assumpto logra de tempos em tempos commover a impressionavel alma brasileira, sensibilisando as pessoas timoratas, que entre a fartura e o socego em que vivem se condoem das desgraças alheias.. O que, em outro paiz, constituiria um problema economico, inadiavel a resolver, no nosso se perde na insignificancia de um motivo sentimental.

Os governos mantêm-se indifferentes ou julgam-se impotentes para o solucionar, não vendo que, sem a valorisação do homem, nós nunca alcançaremos um logar entre as nações dirigentes.

Deploravelmente, o que se diga em relação a este assumpto ha de ficar sempre em meias tintas, mal esboçado quando muito, porque a nossa raça ainda não produziu o genio capaz de perpetuar essa amargura, pela téla ou pelo livro. E' necessario tel-a visto tangivel, na face hiante do matuto, amarello, apathico, desengonçado e feio, andrajoso e piolhento, faminto e desesperançado, sem illusões nem vontade, para que bem se comprehenda a incuria criminosa dos responsaveis, e melhor se aquilate dos prejuizos colossaes que dahi têm advindo ao Brasil.

Isto não quer dizer, entretanto, que o conjunto da população sertaneja se compõe deste typo malsão, que não corresponde, por felicidade nossa, nem a um quinto do total do nosso povo. Serve, porém, para confirmar a existencia tormentosa de brasileiros que soffrem e para lembrar aos responsaveis que cumpre sahir em seu auxilio, chamal-os á realidade da vida, levar-lhes estimulo e conforto, vestil-os, agasalhal-os, alimental-os, afim de que se transformem em forças conscientes de trabalho e se possam integralisar como parcellas economicas nos valores productivos da Nação.

Em condições muito inferiores ás nossas, as trezes colonias inglezas da America se constituiram em pouco tempo a maior nacionalidade moderna. Inferiores, porque lhes faltava unidade ethnica; inferiores, porque o seu territorio representava muito menos que um terço do actual; inferiores, porque os elementos do regimen colonial nunca se quizeram fundir num typo unico de raça; inferiores, ainda, porque não possuiam a variedade do nosso clima, a opulencia das nossas terras, que se adaptam a todas as culturas, a todos os productos da vida agraria e pastoril. Entretanto, estas razões, bastantes talvez para prejudicar a um povo fraco, serviram como que de estimulo á actividade asombrosa do americano, despertando-lhe energias e levando-o a se desvencilhar do vago terror com que aportaram á America os seus remotos ancestraes, aquelles frios, fanaticos batavos e saxões, que, pelo alvorecer do seculo XVII, a furia desencadeada pelo fervor religioso na Europa arrojou como avalanche para as praias do novo mundo, trazendo apenas como bens materiaes, além dos haveres escassos da familia, a Biblia e a convicção inabalavel do papel que eram chamados a representar no maior drama da historia.

Conhecendo difficuldades que só poderiam ser afastadas pelo esforço e perseverança dos governos; com grandes areas improductivas a cultivar; estereis outras pela abundancia accumulada de saes nos mares interiores, transformados em tristes planicies amargas; causticados tambem, como nós, pelo phenomeno climaterico das seccas; possuindo regiões de neves constantes, onde o frio maltrata e impelle o homem a procurar agasalho, os Estados Unidos lograram solucionar o seu problema por meio de medidas intelligentes e energicas. tomadas sempre com acerto e no momento opportuno, porque os seus estadistas, em vez de forças inconscientes de partidarismo politico, no mau sentido em que esta expressão é tomada, primaram sempre por se impor ao sentimento da nação como elementos efficientes de trabalho, promptos para executar e prever, antes que remediar, como se faz no Brasil. E', porém, conveniente lembrar que lá o povo é forte, civilisado, culto, ao passo que parte do nosso se estiola, definha e morre nas margens paludosas dos rios, sem lhes comprehender a belleza que os literatos das cidades decantam, através de autores que, por sua vez, nunca embeberam os seus olhos na paizagem brasileira, onde, ao lado do portento da obra da natureza, permanece anniquilada uma população que quer viver, representante mais directa do desbravador dos sertões, daquelle audaz bandeirante que com Paes Leme e tantos outros immortalisou a ousadia incipiente do paulista, o primeiro a escrever os accordes da epopéa tormentosa da Raça.

Pondo de lado o rigor do proselytismo do brado de Miguel Pereira, devemos, cada vez mais, nos convencer de que o Brasil, malgrado o logar commum. ainda é um grande hospital. E, sendo assim, só por uma reacção consciente de todas as forças do paiz, a que se associem, sob a egide do Estado, todas as fracções componentes da nossa Federação, poder-se-á chegar a uma solução satisfactoria dentro de poucos annos, se começarem desde já os trabalhos necessarios que, para serem efficientes, precisam de se firmar sob orientação scientifica, para não se banalisarem no regimen burocratico, que nivela e inutilisa quasi sempre as boas iniciativas nesta terra.

Sim, porque á idéa de um serviço novo occorre sempre ao brasileiro a lembrança do emprego publico, um pouco por defeito de educação, e bastante pela justa ambição de melhorar, visto que as portas das profissões mais rendosas lhe estão de ha muito trancadas, pelo exclusivo interesse do estrangeiro, que vae sendo aqui o maior detentor da fortuna particular e, como tal, imprime a todos os negocios a feição que mais lhe convém

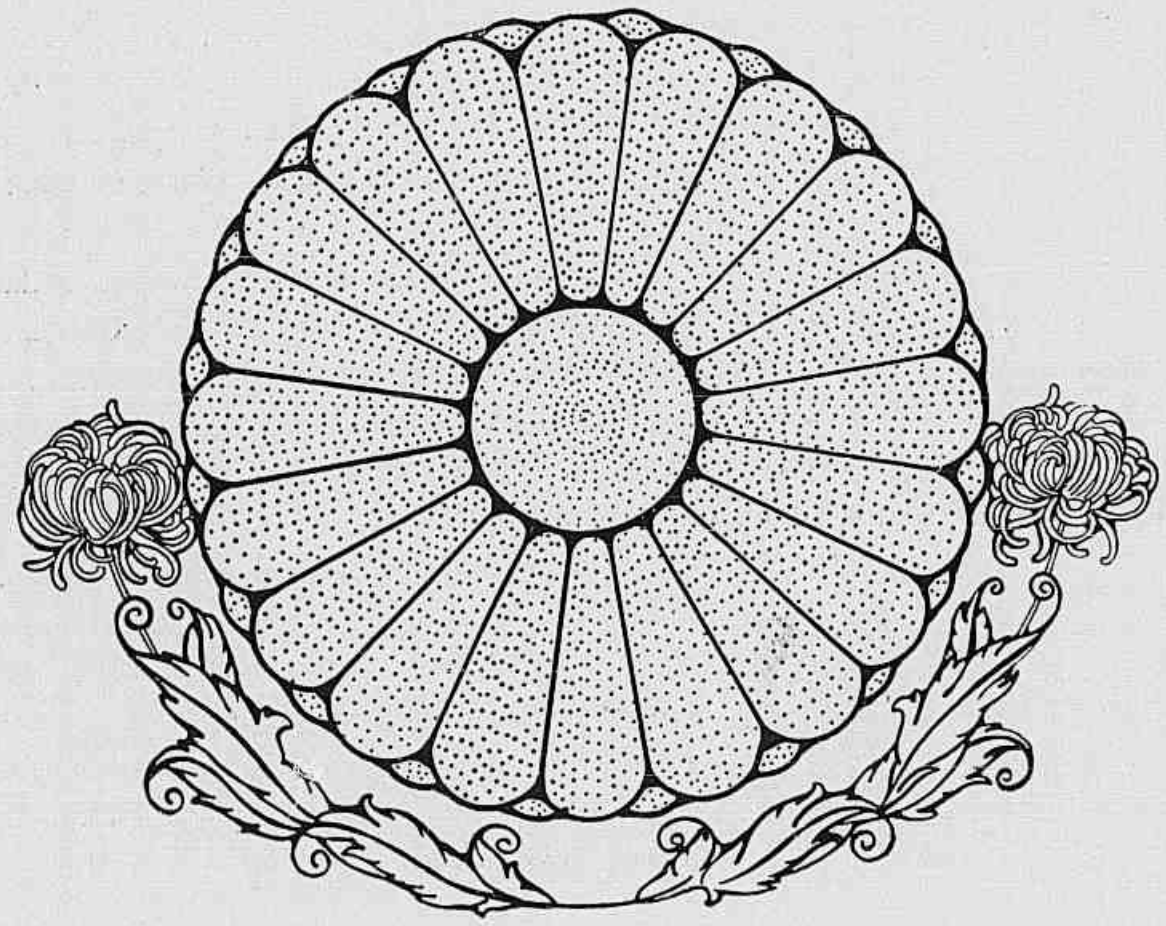
De todos estes erros, deslises mesmo, não se culpe, porém, ao povo. O povo é bom, intelligente, emprehendedor, precisando apenas de chefes que o saibam conduzir, de estadistas que o governem não sómente com honestidade, o que mesmo algumas vezes tem faltado, mas, sobretudo, com intelligencia, com boa vontade, com tacto. Necessitamos de conductores de homens, que nos levem aos grandes destinos a que o Brasil é chamado, mas conductores de homens cultos, não de caudilhos retardatarios que representem no Continente Americano uma mentalidade que passou.

S. Ex.a Snr.

Koumaichi Horigoutchi

Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Japão





獨立以来百年間ニ於ケル
長足ノ進歩ハ徴ニテ將
来伯国ノ益々敏系繁栄ヲ
達ノ大ニ且速ナルヲ知ル
茲ニ伯国政府及国民ニ
向テ誠実ナル祝意ヲ表ス
伯国獨立百年祭ノ歳
一九二二年リオニ於テ

日本皇帝使　堀口九萬一

A modinha brasileira

CRITICO e sociologo, semeando lutas e agitando idéas, Sylvio Roméro deixou um pouco de sua curiosidade e do seu barulho em todas as provincias do saber.

O velho hercules sergipano era uma rajada ao serviço de um enthusiasmo, que em todos os seus gestos e attitudes, de louvor ou de ataque, baralhando ou esclarecendo, havia um permanente calor de mocidade desinsoffrida, por assim dizer, incompativel com a austeridade do philosopho e historiador...

Mas cada um é o que é. Ora, a vida amolda os homens, ora, os homens temperam a vida. Sylvio preferiu fazer a "fazer-se".

Elle fez poesias, e não foi um poeta. Fez philosophia e não foi propriamente um philosopho. Fez critica, e não foi, afinal, um critico. A sua feição propria, encontrou-a, ou melhor, fixou-a, definiu-a já um pouco tarde: era um sociologo. Sociologo, não em sentido amplo, sociologo humanista á Spencer, mas de uma sociologia polarisada a um mundo particular — o seu mundo de acrysolado patriota — o mundo brasileiro.

Applicando á nossa ethica ainda instavel os admiraveis processos de Le Play, o nosso voluvel avanguardeiro das idéas começou a penitenciar-se da propria volubilidade e entrou a dar o melhor combate de quantos travou, subordinando as ultimas preoccupações do seu espirito á necessidade de nos traçar uma finalidade social e um destino economico, dentro dos nossos proprios rythmos nacionaes. O illustre mestre revolucionario se fizera campeão do que hoje chamariamos "brasileirismo" — um brasileirismo que absolutamente não é o *chauvinisme* francez, porque emana de sentimentos equilibrados e medidos á observação local dos nossos factos e das nossas necessidades. Não é um brasileirismo "impositivo" senão apenas "limitativo", uma especie de *nosce te ipsum* nacional, feito de estudo, compenetração, consciencia, dignidade.

Effectivamente não teria Le Play encontrado melhor propagandista e renovador do que esse antigo matamouros do Pensamento e da Cultura, serenado, com a velhice, em pensador defensivo, insulando-se em si mesmo para meditar nos destinos da sua terra e nas miserias do seu povo.

Para que a evolução daquella alma illustre attingisse a esse estadio de fixação, teria havido a mediação de varios annos e o milagre de grandes lutas intimas retemperadoras, differentes daquellas outras em que os desafios gritantes e o estrondejar do choque inutil mal deixam trophéos ou resôos.

O antigo catavento revolucionario, debulhador de idéas novas e ephemeras tornára-se um filtrador tranquillo de convicções meditadas. Mas o "brasileirismo" desse Le Pay tropical já se havia assignalado em outros fragmentarios trabalhos de Hercules.

O historiador das Letras revelara-se em algumas paginas um psychista da Historia. Foi dos primeiros a distinguir, na confusãi das primeiras lutas entre a ambição dos fundadores e a dos aventureiros, o nascente espirito nativista, o dynamo occulto das pequenas revoluções que se haviam de integrar nos pronunciamentos civicos de 9 de Janeiro e 7 de Abril... O historiador foi, tambem, folklorista. Andou joeirando — hirsuto Pérrault sertanico—os contos e racontos da imaginação anonyma, lendas amaveis e historias arripiantes, sacys, caiporas, corta-mortalhas, mulas-de-padres, todos os horrores ingenuos, semeados á credulidade plebéa por uma invizivel Sheherezzade sertaneja, ao mesmo tempo macabra e mirifica, que desencanta Yaras e mães d'agua e alaparda canhôtos e lobis-homens.

E colleccionou simultaneamente, reuniu, selegindo, os "Cantos populares do Brasil" — as trovas, lundús, reisados, "xácaras" e cateretês da nossa lyra tradicional e selvagem, arqueada em pau d'arco e jequitibás, tecida em cordoveias e suspiros.

O sociologo tambem cultivou a modinha... A modinha brasileira não é só a flor das ruas. E' tambem a flor das almas. E ainda mais: tem, ás vezes, desabrochado em almas verdadeiramente aristocraticas. Dizem que Arinos a amava com enlevo. Cito Arinos por estar em moda. Mas prefiro citar Alcindo Guanabara que, ouvindo as nossas canções mais puras, se commovia até as lagrimas.

A modinha brasileira tem feitiços particulares. A' sua toada plangente deixaram-se arrastar vozes illustres e ficaram mais bellos e mais ungidos muitos versos aureolados.

Casimiro e Varella, Castro Alves e Tobias, encordoaram com alguns cabellos de semideusas a teorba agreste de vaquejantes e seresteiros. Ja é tempo de historiar a nossa modinha, que não é mais a "endeixa" dos desterrados nem o "desafio" dos cantadores. Nem é "canção das ruas" nem gorgeio dos bosques.

Os cantores e fadistas modernos desarestaram as asperezas do velho rythmo. A modinha brasileira se apurou, conservando-se. A voz das serenatas entrou a ser tambem o gemido velado dos salões.

Já ha grandes musas, nostalgicas ou ironicas, enlaçadas ás pautas do violão, ou sorrindo debruçadas ás notas do claviario alvinegro. As valsas-canto e os tangos-fado já constituem "numero" de concertos officiaes. E' a modinha evoluindo e penetrando.

Ao lado desses triumphos, suaves e lentos, ha contravenções inevitaveis. Já cá estão os "Oito batutas", de volta de Paris, onde estragaram o sentimento brasileiro e a verdadeira poesia dos sertões.

A poesia sertaneja não deve ser aferida por alguns numeros sporadicos de "vaquejada verbal" — cantos de impostura e bravataria, em que se acomparsalham as *Nha nêga* "treme-ancas" e os *Zé-Dungas*, "trinca--espinhas". A poesia dos sertões brasileiros é feita de um pudor todo antigo e de uma saudade quasi immemorial.

A saudade é palavra portugueza, já conhecida de Camões. Mas o sentimento que a essencializa é originariamente brasileiro, só conhecido dos nossos poetas e dos nossos trovadores.

A saudade portugueza é menos que sentimento; é queixa de almas e guitarras. A nossa não é um só sentimento, é um feixe delles, entrelaçando-se e indefinindo-se em paixão — paixão que definha e não se acaba e estende a sua reticencia dolorosa através dos thalamos e dos tumulos.

E dizer-se que em nossa modinha, gemido dos campos e das cidades, já anda esse alto sentimento, vivido em almas rudes, cantado em lyras analphabetas! Terra messianica, a terra do Brasil.

Razão tinha o velho historiador. Não basta ser brasileiros, uma vez que o somos á revelia nossa. Sejamos "brasileiristas". Uns, agindo, outros pensando, outros cantando

E, emquanto não vem o grande canto, a modinha é o canto lyrico da raça, feito do aboio dos nossos vaqueiros, da tristeza dos retirantes, da alegria das moagens, da confiança dos que chegam, da saudade dos que partem. Cantar é soffrer. Saber soffrer é saber affirmar-se.

Hermes Fontes

O DESFECHO

PROMETHEU SACUDIU OS BRAÇOS MANIETADOS
E SUPPLICE PEDIU A ETERNA COMPAIXÃO,
AO VER O DESFILAR DOS SECULOS QUE VÃO
PAUSADAMENTE, COMO UM DOBRE DE FINADOS.

MAIS DEZ, MAIS CEM, MAIS MIL E MAIS UM BILLIÃO,
UNS CINGIDOS DE LUZ, OUTROS ENSANGUENTADOS...
SUBITO, SACUDINDO AS AZAS DE TUFÃO,
FITA-LHE A AGUIA EM CIMA OS OLHOS ESPANTADOS.

PELA PRIMEIRA VEZ A VISCERA DO HEROE,
QUE A IMMENSA AVE DO CEU PERFEITAMENTE ROE,
DEIXOU DE RENASCER ÁS RAIVAS QUE A CONSOMEM

UMA INVISIVEL MÃO AS CADEIAS DILUE;
FRIO, INERTE, AO ABYSMO UM CORPO INERTE RUE;
ACABÁRA O SUPPLICIO E ACABÁRA O HOMEM.

MACHADO DE ASSIS.

O Cancioneiro de Trova do Brasil Central

por Americano do Brasil



CARTA — Sabio mestre Dr. João Ribeiro. — Um dia, já lá vão quasi oito annos decorridos, ouvindo a palavra clara e expressiva do eminente amigo, na Bibliotheca Nacional, ao pronunciar uma das luminosas conferencias sobre o sentimento folk-loristico brasileiro, senti o primeiro desejo de, se me fosse propicia uma opportunidade, reunir em volume as producções da rima popular do sertão natal, cujos entonos me encantaram tanto nos passos descuidosos da meninice.

Emquanto os fios ardentes de ouro, cahindo dos labios do mestre, crystallisavam em meu pensamento os prenuncios deste modesto livro, as caimas recordações me arrastavam para bem longe, para as regiões da lenda mysteriosa em que a filha da Cobra Grande, rompendo o fruto da taramã, separou a noite do dia, em que o monstruoso Arurá, cortando as aguas tranquillas do caudoloso Araguaia, conduzia no escuro dorso, em dia de Natal, sob os reflexos de um sol de ouro, o Menino Encantado desapparecido...

Depois foram os saudosos contos, referidos em dias de fogueiras, na linguagem melancolica dos meigos velhinhos de comas prateadas, que afloraram ao espirito, guardando o sabor do cortejo de sacys e lobishomens, de mulas sem cabeça e de caaporas, perseguidores dos que vagam desoccupados pela matta virgem. Finalmente toda a risonha expressão do sentimento popular do doce rincão natal crescia, do cerebro para o coração, da reflexão para a imaginativa, acordando em meus tympanos as modulações da saudade, a cadencia dolorida das cantigas sertanejas...

Era o *desafio* espirituoso do repentista, a *decima* de um versejador afamado, o *recorte* do critico dos costumes e das cousas, o *baile* ou a *moda* do dansador inveterado, a relação interessante dos *Alucês* de minha terra, tudo temperado pelos lamentos da viola saudosa de meu sertão e que eu via, em épocas ainda não fallidas pelo esquecimento, as imagens evocativas despertas pelo condão magico dos conceitos do soberbo orador.

Era agora o sertão inteiro a povoar a mente com suas imprevistas peripecias, formadas pelo heroismo dos espectaculos da natureza, a scena mirifica do rumorejar da vegetação, das aguas frescas e claras a espadanar de salto em salto nos leitos correntios, as paizagens tentadoras dos picos verdes ou ennegrecidos, ou dos sendaes interminaveis de agreste e arbustos floridos, na feliz ecclosão de suave primavera.

E nesse outro jardim de mil e uma noites de encanto, poesia e sentimento, empolgado por tantas peculiaridades suggestivas, tecia theoricamente, nos fugaces quarenta minutos de vida literaria, todo este modesto volume desprotegido de nuanças de valor e que na pratica encheu os dias de dois longos annos, pela difficuldade da colheta de dados, no convivio com as gentes rusticas do formoso araxá goyano. Inspirado no brilhante estudo de meu sabio mestre, esta desvalorisada achega para a apprehensão do valor e do desenvolvimento da poesia popular de Goyaz, pertence-lhe de facto e eu lh'a dedico, como vivo tributo de respeito e admiração.

◈ ◈ ◈

Sem receio de contestação, póde-se affirmar que o manancial da poesia popular de Goyaz é dos mais vastos e attrahentes quando o comparamos com o de outras regiões brasileiras.

A amostra collocada ao exame da critica é por demais reduzida e insignificante para o espirito atilado e paciente de quem tiver conhecimento pessoal de quanto póde o trovador sertanejo na dilatada area e nos *habitat* tão variados da terra goyana, desde os valles do Paranahyba e do Corumbá até o azul indefinido do mortifero Paraná, por certo uma das zonas mais prosperas do folk-lore do Brasil Central. Em duas ou tres reduzidas circumscripções municipaes apenas, em um tempo mais ou menos longo, já pelas intermittencias inevitaveis, já pela difficuldade resultante do esquivamento do rimador popular á presença de profanos da cidade, colligi a pequena messe, lapis em punho para evitar mystificações e aproveitar o sabor da materia inedita.

Não tenho a pretenção de sustentar o caracter original da presente collectanea; iria nisto patente absurdo, dado que entre o povo é veso repetir as quadrinhas de annuarios e de versaletes de folhinhas. Já tem acontecido, aliás, a muitos collecionadores incluirem estas joias, no afan de disfarçar a monotonia das producções populares...

Tambem nesta collecção devem existir passagens conhecidas em estudos realisados em outras localidades do Brasil: para isto ha a lei sociologica da identidade do pensamento entre povos os mais afastados e os continuos deslocamentos de habitabilidade, determinada pela inclemencia de factores naturaes ou sociaes.

Um exemplo está no *Rabicho da Geralda,* já annotado no folk-lore do Ceará e de que encontrei uma variante em Goyaz, á margem do Rio Vermelho.

Entrou para a collecção com o nome de *Decima do Rabicho.* As peripecias das duas versões se ajustam perfeitamente: a goyana tem, a meu ver, mais emphase, o que é natural, tratando-se de uma região essencialmente pastoril e onde o arrojo dos vaqueiros cresce na imaginação popular.

Tão extenso é na poesia dos sertões, corrente na bocca do povo, o thema obrigatorio da celebração, em rimas, das proezas do avalentoado boi sertanejo, famoso na astucia, na resistencia organica e na carreira expedita, que este insignificante ensaio lhe dedica um capitulo inteiro, editando interessantes actos heroicos em que se glorificam vaqueiros famanazes, cabutingos e capellões.

Em reducto armentoso de pecuaria, não é de extranhar que o boi, melancolico ou vivaz, tanto preoccupasse a imaginação popular, formando no estylo da *decima* um exemplar de força, a zombar, sobranceiro, dos estratagemas e das arrogancias dos vaqueiros do Brasil Central.

◈ ◈ ◈

Bem sei que o preclaro mestre e amigo tem a completa visão e conhecimento de todos os generos do versejar dos sertanejos; mas a mim me parece que ajuntar algumas considerações restrictivas ou de ampliação sobre os mesmos não vae mal ao tenue programma deste trabalho de annotação.

Os especimens contemporaneos da poesia popular dos sertões significam arremedos ou transformações do mestiço, emprestando aos habitos sociaes, ás tradições, á poesia das gentes primitivas que sangraram suas *guapiaras,* o cunho fertil de outras normas bebidas ou inspiradas no patrimonio novo do cruzamento das raças, nos torsos eugenicos das tres Gumphas geradoras do Brasil, com todas as copulativas da descendencia e as modificações da soalheira dos tropicos. Certo a pujança do Cruzeiro incutiu outras tendencias, novos carmes de amor e de vida na alma dos individuos, filhos do appetite calido da natureza virgem, ou então as saudades triplices dos elementos ethnicos gerarani a inspiração variada, quer aos accentos épicos do mar, quer ao entono da ventania infrene a abalar as arcadas florestaes, rebojando nas quebradas ingremes das serras aprumadas,

quer as harmonias estrepitosas das cachoeiras, ou a monotonia das correntes adormecidas, tudo e tudo combalindo a alma gentilica e favorecendo os caprichosos tons em que se multiplicaram os generos do estro popular.

Assim, recente ou remota, a transformação dos habitos e dos generos pelo mestiço está plenamente edificada na literatura do povo: a *monda,* a *sacha* resultaram no *motirão* do Brasil Central, este mais attrahente pelos torneios das cantigas; a *xacara* deu a *decima* com menos fantasias e muita naturalidade; o *fado* formou a *moda* genuinamente sertaneja, muito differente da *modinha* aristocrata; o batuque de Angola trouxe o *recortado* e foi passo seguro para o *lundú* e o *côco;* a *quadrilha* deu o *saruê;* modernamente os *lanceiros* geraram a *curraleira,* uma das mais interessantes dansas que assisti em Formosa de Goyaz e o *cateretê* indigena desdobrou-se no *catira* tão preconisado entre as populações ruraes do Brasil.

Das peculiaridades da poesia do povo, entre nós, resalta emocionante o thema denominado *desafio* e que pelo interesse que desperta e pela emulação que faz nascer entre os contendores, desafiando um ao outro, de viola em punho, é o mais querido dos apreciadores da rima vadia dos sertões.

Entre os rimadores goyanos e disso dou completo conhecimento adiante, ha tres modalidades de desafio: a simples amostra da fecundidade dos violeiros em rimar, mostrando resistencia, pois, não raro atravessam a noite no curioso torneio; a formula classica do *desafio,* consistente em receber um dos campeões a deixa do ultimo verso do adversario e finalmente a composição da quadra ou sextilha pelo mutuo concurso de ambos, pertencendo metade a cada rimador. Parece-me o ultimo especimen o mais difficil e cheio de imprevistos.

Em sua viagem pelo Interior do Brasil, o Dr. Arthur Neiva, autor de notavel memoria scientifica, inserta no volume VIII do Instituto Oswaldo Cruz, surprehende a conclusão apressada de que o falado *desafio* se resume em uma serie de trovas aprendidas de cór pelos cantadores rusticos e recitadas a proposito...

Não contesto totalmente o eximio bacteriologista: tambem em sciencia, em simples literatura muita gente espirituosa repete os mestres, ou recita a cartilha de cór... Póde acontecer que mediocres poetas populares copiem os maiores, porém, que existem verdadeiros inspirados e improvisadores entre o povo, é cousa inconteste.

Os *desafiadores,* na extensão do vocabulo, não formam cohorte extensa: ás vezes em 30 ou 40 leguas de raio a fama de primeiro cantador pertence a determinado violeiro, figura obrigatoria em todas as reuniões da gente simples dos sertões. Por um qualquer estro de terceira agua não se póde avaliar o resto, sob pena de incindir nas falhas das generalisações faceis.

Seja como fôr, o desafio continua a occupar o logar que lhe compete na literatura inedita do povo.

Um genero pouco definido, ou antes annotado, com as roupagens e significados que lhe dá o povo do alto sertão, é o chamado *recorte,* cantado nos ligeiros passos da dansa popular — o *recortado.*

O *recorte,* especie de epigramma, revela o humorismo do sertanejo; é a satyra da poesia civilisada. Muito relativo é o sabor, o chiste dessas rimas: o sarcasmo fica ás vezes limitado ao *habitat* do poeta rustico. Vae um exemplo:

Certa vez em um pouso de folia, no meu sertão,
destacava-se, na dansa da Piranha, uma senhora já adiantada em primaveras. Cerrada a roda, quando o lenço de alcobaça percorria todos os circumstantes, formou-se logo uma *oréla* para a execução de um *recortado.*

Mirando de esguelha a trintona, o violeiro, na cadencia peculiar do genero, cantou:

Topei com a velha
No corredor...
A velha me viu
E refugou,
Pulou com a cangalha
E não tirou.

O que se seguiu foi o riso incontido dos presentes e a retirada brusca da serigaita offendida. Nem por ser de muita relatividade o chiste dos *recortes* sertanejos, deixam de merecer observação e entrada para o grupo dos generos poeticos de nosso bom povo. Adiante vae uma lista para melhor se ajuizar de seu completo alcance e do gráo incipiente do humorismo popular.

São ainda communs, entre os generos poeticos do sertão — a *moda* e o *baile*: este é cantado nas dansas e versa sobre um acontecimento desenrolado em época recente ou remota e aquelle, que tambem póde ser applicado em certas dansas, é mais das vezes cantado aos sons de repinicados da viola em noites de luar, á beira das fogueiras.

Restam a *decima* e o *Alucê,* os melhores exemplares para a completa apprehensão da visualidade do rimador dos sertões.

A *decima* sertaneja, como o illustre amigo sabe, é uma serie longa de quadras, relatando ou celebrando um acontecimento notavel. Da farta colheita, apenas destaco alguns modelos que me pareceram dignos de menção; os restantes, por muito deturpados, ficam sem nenhum valor. A *decima* tende a desapparecer completamente, é um genero muito antigo nos sertões e hoje quasi que unicamente conhecido dos velhos mestres de viola: só estes sabem dizer a *decima.*

Segundo calculo, a *decima da matteira* é a mais antiga do genero; pela primeira vez foi conhecida atravez d'*A Caça no Brasil Central,* de Henrique Silva, trabalho publicado em fins do seculo passado.

E' um padrenosso classico entre os caçadores goyanos, resumindo a relação das proezas da arisca matteira, da valentia de possantes veadeiros e da morte do fogoso quadrupede, em dia aziago, vindo o dito a fallecer com testamento feito *in extremis.*

A *decima* encerra quasi sempre um fundo moral: a do *Homem Rico* celebra o prestigio de Nossa Senhora junto do Divino Filho, salvando uma alma condemnada ao inferno.

E sentencia o poeta:

Ande-se por onde andar
No mundo manda a mulher
E até lá pelo céo
Só se faz o que ella quer.

São interessantes dois exemplares do genero: a *decima-desafio* do Urubú e da Onça, a se insultarem longamente e do *Rio Grande,* um boi valente que relata sua historia.

◈ ◈ ◈

Sabio mestre, ahi está uma ligeira noticia dos pequenos rotulos para o estudo do folk-lore brasileiro, concernentes ás terras altas do araxá sertanejo, região social de alluvião, depositaria fiel das energias tradicionaes, onde se edificam diariamente paginas e paginas do velho Portugal. Que um dia o cyclone da civilisação varrerá os priscos habitos da antiga raça, mestiçados com o clima, é thema sem discussão e que é definido por uma determinante sociologica; porém, por muitos seculos ainda a lembrança desse passado acarretará, na alma dos vindou-



(Continúa na edição de Outubro desta revista.)

Como se vestiam as avózinhas

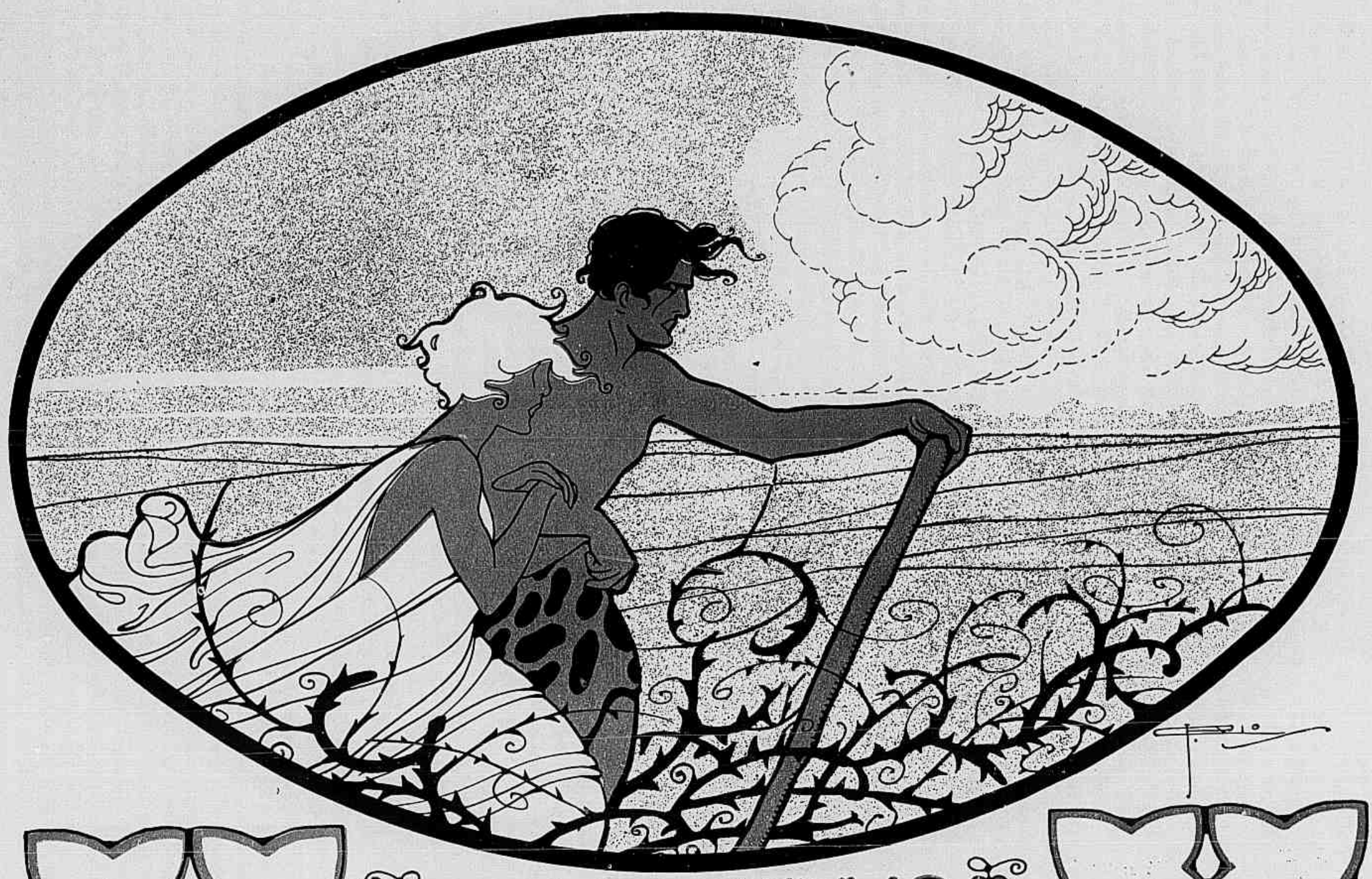
DEIXAE que vos desperte, um instante, avózinhas... Não como fostes, na despedida, de cabellos todos brancos, olhos fechados, com o cansaço do mundo na pelle amarellecida, a sorrir o sorriso dos mortos que a gente não sabe se é de desdem pelo que abandonam ou de encanto pelo que vão ter... Deixae que vos desperte vivas, bem vivas, no tempo da juventude, quando havia procissões... Naquellas festas religiosas, sob o sol, estava a vossa grande alegria... Tal qual, hoje, nos dias de programma novo, as netas que vos recordam, sem saber que exististes, vêm á Avenida, acompanhar os enredos de Norma Talmadge, Harold Lloyd, Constance Binney, Mary Miller Minter, Carlito, William Farnum, Florence Reed, Thomás Meighan, Gloria Swanson, Bebé Daniels, Mae Murray, Wallace Reid e mais tres ou quatro mil estrellas, femininas e masculinas, do chamado firmamento cinematographico, vós ieis, estreando vestidos, acompanhar os prestitos de São Sebastião, que era Commendador; de Santo Antonio, que era sargento, e do Senhor dos Passos, do Corpo de Deus, do Triumpho... E as bandas de musica, os hymnos sagrados, os foguetes delirantes punham no ar um alvoroço de felicidade... Vejo-vos, lá longe, avózinhas, nas velhas horas, meninas e moças, garridas, nos trajos á imitação dos que trouxera da sua Côrte a senhora Archiduqueza Carolina Josepha Leopoldina, feita Princeza Real, mais tarde a primeira imperatriz do Brasil... "Fluminenses tafufas", chamou-vos um chronista. Assim vos espreito do presente, — bairro elegante... Assim vos encontro nos suburbios do passado... Tinha havido, antes do vosso nascimento, o conto de fadas do seculo XVIII, em França... Napoleão dera-vos um rei... Paris já era a capital da moda... Vagamente até os vossos ouvidos chegavam as novidades interessantes da Europa... roupas, dansas... Alguns salões se abriam, além dos de S. Christovão. Contam que o barão de Santo Amaro dava bailes magnificos... Realisavam-se famosos espectaculos...



A CARIOCA NO TEMPO EM QUE ERA A SINHASINHA...
DE UM DESENHO DE MASSARD

São as attitudes amaveis da civilisação que apparecem... Não só os fidalgos e os privilegiados põem movimento á tristeza das ruas, ao silencio das casas. Começa a vida de sociedade. Os vapores, aportados da Europa, de quando em quando, revelam coisas preciosas... Trocam-se visitas demoradas. Emquanto as palestras dos edosos commentam casos da politica, mortes de pessoas conhecidas, e, invariavelmente, descompõem a senhora Marqueza de Santos — as raparigas e os rapazes, na melancolia da noite, amam... O amor ajuda a moda. As avózinhas aprendem a vestir-se com graça, amando com paixão...

SAMUEL TRISTÃO.



SUAVE CAMINHO

ASSIM... AMBOS ASSIM, NO MESMO PASSO,
IREMOS PERCORRENDO A MESMA ESTRADA;
TU — NO MEU BRAÇO TREMULO AMPARADA,
EU — AMPARADO NO TEU LINDO BRAÇO.

LIGADOS NESTE ARRIMO, EMBORA ESCASSO,
VENCEREMOS AS URZES DA JORNADA...
E TU — TE SENTIRÁS MENOS CANSADA
E EU — MENOS SENTIREI O MEU CANSAÇO.

E ASSIM, LIGADOS PELOS BENS SUPREMOS,
QUE PARA MIM O TEU CARINHO TROUXE;
PLACIDAMENTE PELA VIDA IREMOS,

CALCANDO MAGUAS, AFASTANDO ESPINHOS,
COMO SE A ESCARPA DESTA VIDA FOSSE
O MAIS SUAVE DE TODOS OS CAMINHOS.

MARIO PEDERNEIRAS.

Historico do Café'eiro

O Café'eiro no Brasil

por Paschoal de Moraes

Por muito tempo suppoz-se que o café — essa baga — drupacea preciosa que fórma a base da riqueza do Brasil, fosse oriunda da Arabia propriamente dita: até que o grande Linneu, seguindo a falsa corrente da opinião geral em sua época, o denominou *Coffea arabica* — nome scientifico por que o caféeiro é conhecido e que equivale na "especie" á denominação da origem nativa desse vegetal.

O CAFE' ARABICO E' ORIGINARIO DA ABYSSINIA

Ha cousa de seculo e meio um viajante allemão Mr. Niebuhr, estando no Yemen, na Arabia Feliz, pesquizou minuciosamente da origem desta venturosa planta e soube verdadeiramente pelas indagações mais sisudas e antigas, que esse vegetal era oriundo, não da Arabia, porém de um paiz vizinho, no continente africano — a Abyssinia, região tambem fertil e encantadora, cheia de alterosas montanhas, graciosamente pittorescas, um resumido especimen das terras roxas ubertosas dessa prodigiosa região caféeira, orlada sempre de magnificiencias eternas.

Este descobrimento foi pouco depois confirmado por um viajante inglez Mister Bruce, que em 1770 esteve na Suissa Africana ou terra do Nilo Azul e que residiu em Gondar, a Metropole religiosa ancestral da Ethyopia.

Bruce refere que apesar de não ter mesmo visto o caféeiro neste paiz, informa que pessoas sérias lhe affirmaram que elle nascia espontanea e abundantemente nas provincias de Enaria e da Kaffa, que constituiam a parte meridional da vetusta Ethyopia.

Ainda depois disto em 1833 e em 1843 Mr. Reiffel, o Dr. Roth e posteriormente, outros muitos viajantes scientistas corroboraram esse feito.

Elles encontraram na Abyssinia o caféeiro nascendo naturalmente em toda a parte do paiz e sobretudo naquellas duas provincias austraes, que deixamos citadas.

Dahi, a região em que prospera a planta estende-se por toda a Africa equatorial até o Senegal e o golfo Guinéa.

Na Arabia nunca se viu crescendo espontaneamente; todavia, não é de todo impossivel que algum dia se encontre o caféeiro no Yemen, pois o seu clima e sólo são muito identicos ao da Abyssinia.

Segundo a opinião do Abbade Raynald, o caféeiro é originario da Alta Ethyopia, de onde, transportado para a Arabia, no fim do seculo XV, entretanto no começo do mesmo seculo, uns manuscriptos arabes de Shehabeldin-Ben,, o dão como alli sendo usado desde épocas remotas.

Em 1596, no Egypto, já se bebia o *Cavé*, tanto que nessa data o botanico L'Ecluse ali obteve sementes, e Prospero-Alpino ahi o conheceu com o nome de *Bon*, sendo só a bebida *Cavé*, que, segundo certos historiadores, originou o Café.

Outros, porém, affirmam que o nome primitivo do café, era kaffa, proveniente da provincia de Kaffa, na Ethyopia, de onde, como referimos, esse vegetal era oriundo.

Na época de Mahomet, essa beberagem era certamente desconhecida na Arabia, porque se o propheta tivesse conhecido, não teria deixado de fazer mais uma das attracções do seu celebre Paraiso.

E foi sómente, talvez seiscentos annos mais tarde, que o uso desta bebida, veiu reparar os crentes da abstinencia dos licores alcoolicos, e foi provavelmente dahi que se originou com certeza maior, a ethymologia da palavra Café, porque os arabes designavam primitivamente os licores alcoolicos sob o nome de *Kahouch* (que os turcos pronunciam *Kahóch*), e elles deram a applicação ao café, o nome das bebidas de que permittiam privar-se.

Pietro dela Valle, porém, tem avançado que o café não é outro senão o *Nepeuthe*, bebido por Helena, dama egypcia e que Homero preconisa como proprio a acalmar o espirito no estado violento da colera, da afflicção e da desgraça.

Paschius, no seu tratado de *Novis inventis*, impresso em Leipzig em 1700, pretende que o café é designado entre os presentes que fez Abigail a David, afim de o abonançar e segundo reza o primeiro Livro dos Reis, no capitulo XXV, verso 18.

Foi, porém, sómente ha perto de 302 annos que se introduziu o uso da infusão de café na Europa; fazia-se ella do café que se exportava do porto de Moka, no mar Vermelho, e que dahi seguia pelo Canal de Suez a Alexandria, de onde se ia distribuindo por Veneza, Genova e Marselha, e, finalmente, por toda a parte da Europa.

Em 1710 os francezes formaram a celebre Companhia de São Marco, que ganhou depois muito dinheiro, trazendo o café por via do Cabo da Boa Esperança, livrando-se, assim, das enormes exacções da outra linha.

CULTURA DO CAFE' NAS COLONIAS EUROPÉAS

Os hollandezes foram os primeiros que introduziram a cultura do caféeiro nas colonias européas. Por todo o seculo XVII traficaram muito em café com a Arabia Feliz e no fim do seculo XVIII, por ordem do director da Memoravel Companhia das Indias, que tinha o monopolio deste trafico, director que era tambem o burgo-mestre de Amsterdam e que se chamava Nicolas Wetsin, fez-se um ensaio de cultura do caféeiro na sua ilha de Java.

Foi tal o exito desta tentativa que em 1710 já se recebia em Amsterdam um carregamento completo de café de primeira qualidade e em 1743, cincoenta annos mais tarde, depois da primeira experiencia, a Hollanda exportava da sua colonia tres milhões de libras (110.000 arrobas) de café, ao passo que de Moka só se importava cerca de 12.500 libras.

De Java, os hollandezes transplantaram o café para o Ceylão, que então possuiam e que hoje produz quasi todo o café consumido na Inglaterra. Os inglezes, logo no principio do seculo retrazado, introduziram o caféeiro em Madras com outras partes da India, mas não foram tão bem succedido como os hollandezes.

Por esse mesmo tempo tambem se introduziu essa cultura nas ilhas de Sandwich, na Rumania e nalgumas antilhas francezas.

O professor Jussieu, de Paris, tendo recebido da Hollanda algumas mudas para o "Jardim das Plantas", tratou-as com todo o cuidado.

O governo francez nessa época, querendo propagar o caféeiro nas possessões das Antilhas e tendo sido informado de que a ilha da Reunião offerecia todas as condições favoraveis a tal cultura, encarregou ao commandante Desclieux, official da marinha franceza, de levar taes mudas desta planta, que tinham sido obtidas no "Jardim das Plantas".

Tendo sido tempestuosa a viagem e muito demorada, morreram dois pés, escapando apenas um, graças á dedicação e cuidado quasi incriveis que empregou Desclieux, a ponto de regal-o com parte da ração de agua que recebia diariamente, e que se tornara escassa a bordo.

Chegando salvo aquelle pé á ilha e encontrando ali condições vantajosas para o seu desenvolvimento, prosperou e fructificou immenso.

Desta unica muda que felizmente vingou sahiram todas as ricas plantações da infortunada Martinica, de São Domingos, da Guadalupe e das outras ilhas francezas, porém foi sómente em São Domingos e no Haity, que o caféeiro floresceu melhor; já em 1790 exportava-se d'ahi, de 36 a 40 milhões de kilos, ao passo que da Martinica e Guadalupe sahiram sómente de sete a oito milhões.

Vendo esse resultado tão feliz, os hespanhóes e os inglezes trataram de imitar os francezes e começaram a plantar o caféeiro nas suas Antilhas, em Cuba, Porto Rico e na Jamaica, de onde pouco a pouco se propagou ao Equador, á Venezuela e á America Central.

Da Goyana Hollandeza o caféeiro passou secretamente para a Goyana franceza em 1725, quando já desde 1720 na Martinica era cultivado.

Um brasileiro, chamado Palhita, conseguiu em 1723, com muita esperteza e trabalho trazer para Belém, da Goyana, algumas sementes do precioso vegetal, que depois foram levadas para o Maranhão em 1732.

O CAFÉEIRO NO BRASIL

A cultura do caféeiro no Pará em 1748 já attingia a 1.700 pés, pelo que foi espalhada tambem pelo Rio Negro no Amazonas em 1756.

Só em 1762, vindo do Maranhão para o Rio de Janeiro o desembargador J. Alberto Castello Branco, da Relação de São Luiz, trouxe as primeiras sementes de caféeiro.

Nessa época, era governador do Brasil o Sr. Gomes Faria de Andrade, Conde de Bobadella.

Essas fecundas sementes foram plantadas no Rio de Janeiro, na horta do Hospicio dos Capuchinhos Italianos e onde hoje é o Quartel dos Barbonos, na rua Evaristo da Veiga, e algumas outras perto do Recolhimento de Santa Thereza, pelo religioso e sabio Frei Velloso.

Na sua interessante Memoria sobre o Café, o sabio professor Felix Allemão, assim se refere: Monsenhor Pizarro, em suas Memorias do Rio de Janeiro, para as quaes levou muitos annos em ajuntar documentos e tradicções, os mais circumstanciados a esse respeito, bem que ainda não de todo satisfatorio, elle diz: "pouco a pouco se foi introduzindo a planta do café pelo Pará e Maranhão, onde tem prosperado notavelmente, depois que o decreto de 4 de Maio de 1761, isentou dos direitos nas conquistas portuguezas.

Não excede muitos annos de 1770 o principio desta cultura neste paiz (Rio de Janeiro), devido ao zelo e diligencia de João Alberto Castello Branco, chanceller que era da Relação dessa cidade, mandando vir do Maranhão ou do Pará, onde nascera ou havia sido magistrado, as plantas primeiras que se dispuzeram na cerca do Hospicio dos Padres Barbadinhos Italianos e na quinta de João Hopman, além do arraial de Mata Porcos. (Vide tomo 7).

A primeira plantação, refere Freire Allemão (Revista do Instituto Historico 1898, pag. 569), fez-se na cerca do Hospicio dos Barbonos, situado na actual rua do mesmo nome".

Ainda em 1782 o Conego Januario ali viu dois pés de café, dos primeiros que nasceram nesta cidade. Da fazenda do Capão sahiram as plantas para a do padre João Lopes, em São Gonçalo, da qual se propagou o café pelos logares circumvizinhos e para a do Medanha, em Campo Grande (Districto Federal), onde eu pude alcançar; essa cultura começou pouco antes de 1780.

Em Maio de 1856, ainda o Dr. Freire Allemão escrevia na sua Memoria, que dos primeiros cafesaes vivia ainda uma preta, que contando naquella éra mais de 90 annos e conservando illesas as lembranças de sua mocidade, refere que fazia parte dos escravos que se occuparam no primeiro plantio de café que fez o padre Coicó."

Certos historiadores mencionam que na mesma data da cultura do padre Coito, plantava café em seu sitio, em Inhaúma, o bispo D. José Joaquim Justiniano, foi naturalmente começada de legitimas sementes do Hospicio dos Barbadinhos, pois a mãe desse bispo residiu por muitos annos na rua dos Barbonos, nas proximidades do largo que lhe deu o nome e que ainda até pouco tempo existia essa casa.

Da fazenda do padre Coito, e da do hollandez Hopman, naturalmente sahiram as mudas para Rezende, Areias, Arrozal e todos os caféeiros de serra acima do Estado do Rio.

Segundo Corrêa de Mello, o apparecimento dos primeiros pés de caféeiro em São Paulo foi em Jundiahy, e coincidem com a chegada do governador da Capitania, capitão general Castro Mendonça, em 1797.

Porém, segundo se vê na Revista do Instituto Historico e Geographico de

São Paulo (vol. V, pag. 123), muito antes dessa época, já se colhia café na fazenda da Casa Verde, da familia Aroche.

Em Fevereiro de 1794, o tenente general J. Aroche de F. Rondon escrevia a seu irmão Diogo, que se achava na Europa, nestes termos. "Nesse mesmo navio vae um caixote de café da casa Verde", e por onde se conclue que muito antes de 1794, já se colhia café em São Paulo, e, provavelmente, essa entrada só podia ter dado pouco antes de 1790.

A "ESCOLA DOS SABIOS", PRIMEIRO ESTABELECIMENTO DE CAFÉ NA EUROPA

No anno de 1544 (962 da Hegira Turca) sob o reinado de Solimão II, o Grande, se começou a tomar café na Grecia e sobretudo em Constantinopla. Dois estrangeiros abriram cada um, um café; esses estabelecimentos eram sobretudo frequentados pelos sabios e juizes, os professores e os derviches mussumanos, e por isso designavam essa casa com o nome pomposo de *Escola dos Sabios*. Este foi o primeiro estabelecimento de café na Europa.

Em 1652, um mercador de nome Eduardo, de sua volta ao Levante, trouxe para a Inglaterra um grego que sabia preparar o café e o que fez adoptar o seu uso em Londres.

Sob o reinado de Carlos II, o café experimentou na Inglaterra as mesmas perseguições que tinha encontrado na Turquia, mas as prohibições successivas não fizeram senão avivar o gosto dos inglezes por esta bebida, que foi, entretanto, esquecida depois.

Ainda hoje, por falta de propaganda intelligente, o uso do café na Inglaterra é muito restricto, pois que o consumo por habitante por anno não attinge mesmo a uma libra.

Desde 1645 se tinha começado a tomar café na Italia e em 1644, um veneziano, chamado Pietro della Valle, tinha trazido o café para Marselha.

Thevenot, ao qual se attribue geralmente o merito dessa introducção, não volveu de sua primeira viagem, senão em 1751, isto é, muito mais tarde.

Em 1660, diversos negociantes de Marselha, dos que se tinham demorado nos paizes do Oriente e que tinham contrahido o habito do café, fizeram vir algumas saccas do Egypto.

Dali o uso espalhou-se em Florença e Lyão, porém foi sómente um pouco mais tarde que se o conheceu em Paris. Trevoux affirma no seu *Diccionario*, que no reinado de Louis XIII se vendia numa loja proxima ao *Petit Chatelet* uma bebida denominada *Cahouet*, que não era mais do que a decocção de café. E' certo que desde o anno de 1614, alguem enviou á Côrte de França o café de Moka e o deu a beber a Louis XIV, que o achou saboroso.

O CAFÉ EM PARIS ERA A BEBIDA INTELLECTUAL

Mas, só vinte annos mais tarde, o uso do café se vulgarisou em Paris. A moda foi ahi imposta por Solimão Aga, embaixador da Turquia, no sultanato de Mahomet IV, em 1669, junto á Côrte de Louis XIV.

Este personagem e a gente de seu sequito trouxeram comsigo uma grande provisão de café.

Durante os dez mezes da sua demora em Paris, por seu trato fino e espirito galanteiro, attrahiu a embaixada toda á sociedade distincta da capital, a qual elle, fiel ao uso do seu paiz, offerecia o café em chicaras de finissima porcellana, sobre guardanapos com franjas douradas e servido por escravos, ricamente trajados.

Além do aspecto estrangeiro, dos trajes e moveis que guarneciam os aposentos, tinha este serviço um certo ar de elegancia e asseio, e a originalidade de estarem os convidados sentados em almofadas, conversando com o embaixador por intermedio de um interprete.

Estes usos sublimados, juntos á amabilidade do ministro turco, agradaram sensivelmente as francezas, que preconisavam por toda a parte o café que ali se tomava, e com tal enthusiasmo o faziam, que pouco a pouco induziram as pessoas ricas a imitar o uso turco e a introduzil-o com luxo em seus banquetes e festins. Assim, pouco durou para que se familiarisassem com o habito dessa bebida, por todas as classes abastadas da capital.

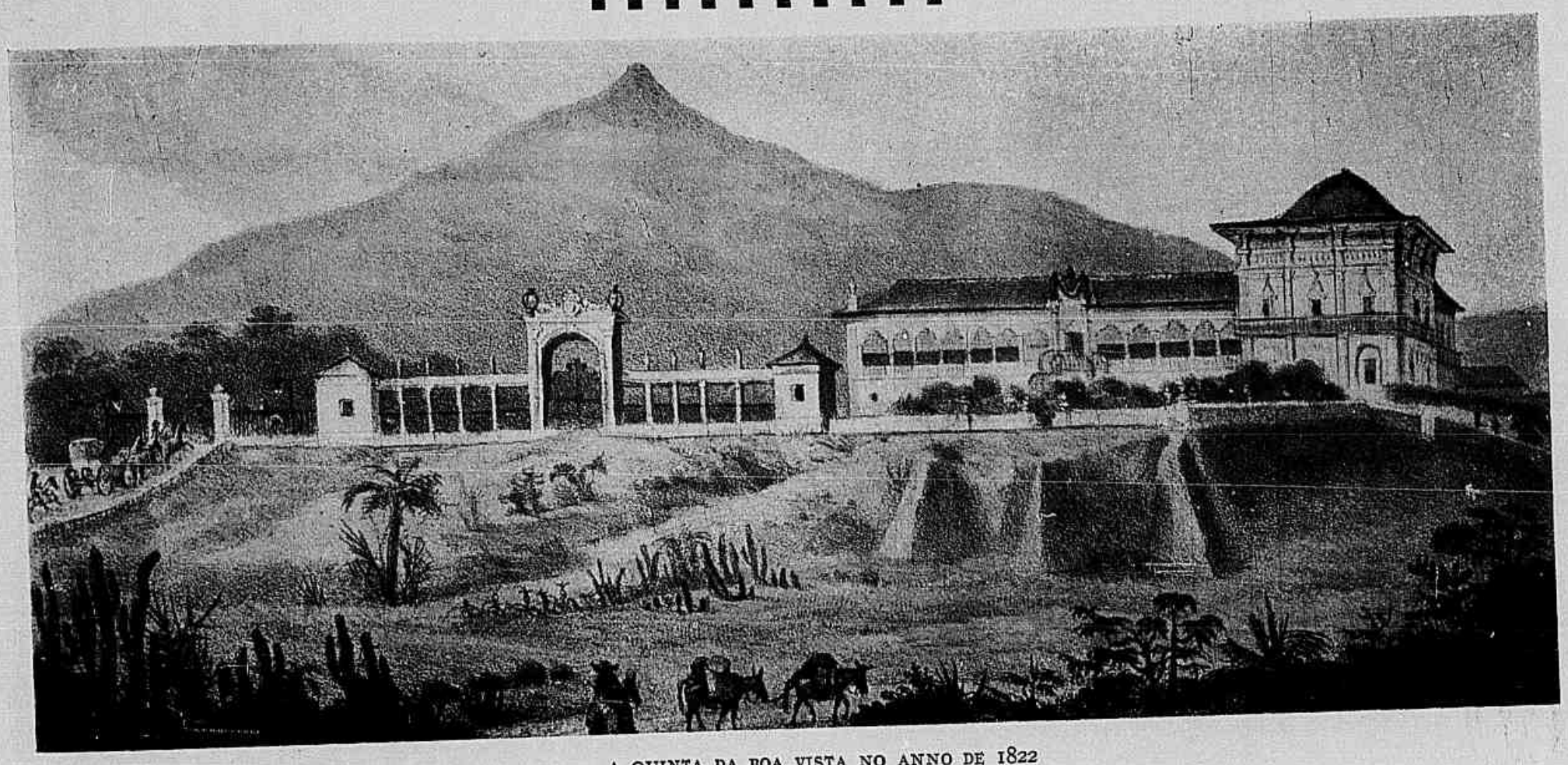
De precioso que era ainda então, o grão, começou a ser procurado, apezar de ser mercadoria desconhecida no commercio local, encontrando-se só em Marselha, e ahi mesmo em pequena quantidade, tanto assim que Labat affirma que vendia-se uma libra por quarenta escudos (um escudo era egual a cinco francos e reis a oito soldos, mais ou menos).

O armenio Pascal abriu na feira de Saint Germain, em 1762, um pequeno negocio de café, que attrahiu a multidão. Um siciliano, chamado Procopio Cultelli, imitou esse exemplo na rua des Fosses Saint Germain (actualmente rue de la Ancienne Comedie), em frente á Comedie Française: e essa foi a origem do Procope — o famoso café literario, que existiu até poucos annos.

Ahi, no reinado de Louis XV, esse celebre café da Regencia fez a sua época memoravel e brilhantissima. Eram *habitués* constantes do opulento *hall*, o grande Voltaire, que escreveu "*que não sabia o que era ambrosia, mas estava propenso a crer que era o café*"; e mais Richelieu, o duque, Marmontel, Rousseaux e Diderot, que nelle escreveu parte da sua encyclopedia, e o grande Bonaparte, que ali ia jogar o xadrez.

A *bebida intellectual* — como então a chamavam — irradiou-se e tornou-se entre todas as classes a bebida civilisadora por excellencia, a ponto do grande Michelet acreditar com fundamento, que ao primoroso licor sedicioso e civico, se deve a fraternidade e democracia humanas, pela Revolução franceza, e as grandes obras de liberdade do seculo XVIII. E não deixa de ser uma grande verdade a obra humana e civilisadora do café e do succesco despertando nas sociedades energias patrioticas e ardor civico, e desenvolvendo no povo o gosto pela instituição e pelas cousas intellectuaes.

E tanto é um facto maravilhoso, que o grande Franklin — o inventor do para-raios e de quem se disse e escreveu sobre o tumulo o "Rapuit fulmina ex li sceptinique tyrannum" — dizia que elle só conhecia duas cousas capazes de dar grande energia ás faculdades intellectuaes: a commoção electrica e o café — e Delile nos seus louvores ao café já cantava: "C'est toi, divin café, dont' laimabbe liqueur. Sans atterer lá tête e faunit le exur".



A QUINTA DA BOA VISTA NO ANNO DE 1822

AS PRIMEIRAS CASAS DE CAFÉ NO BRASIL

Não se sabe, ao certo, onde e em que era no paiz, foi aberta ao publico a primeira casa de café, e servido em chavenas.

O Dr. Vieira Fazenda, illustre autoridade nesses assumptos de historia, baseando-se em documentos valiosos de Vasconcellos de Drumond, diz que em 1822 existia na rua de São José, no Rio de Janeiro, em frente á egreja de Nossa Senhora do Parto, uma casa de café — pois della sahiu Drumond, quando fugia rua acima, para o caes, temendo as perseguições de Pedro I, por ser amigo dos Andradas.

Porém, confessa, que no Almanack do tenente de bombeiros, de Antonio Duarte Nunes, escripto para o anno de 1799, na lista das casas de negocios existentes no Rio de Janeiro, encontra-se ali já funccionando dezesete casas de café e que provavelmente haviam de ser botequins, para vendel-o em chicaras.

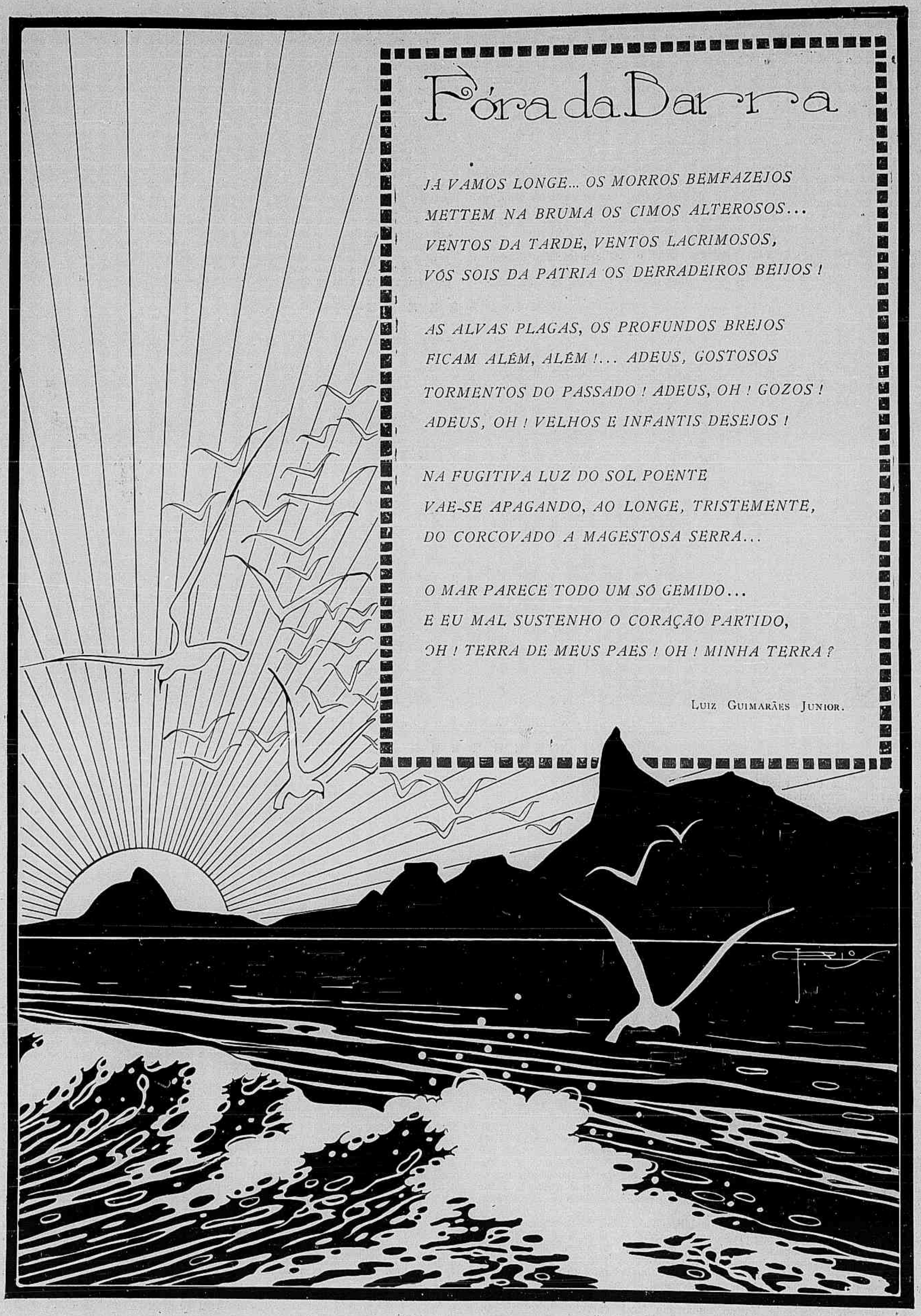
Quer isso dizer que muito antes de 1799, já funccionavam no Rio, casas de servir-se café ao publico. Em 1825, foram muito notaveis no Rio de Janeiro o *Café Braguinha*, no largo do Rocio e o do *Estrella*, na rua do Ouvidor, esquina da rua dos Ourives, e que fizeram a sua época brilhante.

A ORIGEM DO NOSSO CAFÉ

Conta a lenda, que Mollat-Chadelli, venerando entre os bons crentes, um dia em suas meditações nocturnas, sentindo somno, invocára Mahomet. O propheta, condoido de seus males o enviou a um pastor de cabras, que o conduziu a um logar em que havia um caféeiro, que tinha a propriedade de fazer saltitar constantemente e berrar de alegria aquelles animaes, durante a noite, quando haviam durante o dia comido as folhas do caféeiro. Então o homem tomou a infusão das folhas e dos frutos da planta e passou a noite acordado e alegre.

Narram outros que um pastor de cabras, no Yemen, tinha dois rebanhos, dos quaes um que pastava em certa localidade, estava gordo em pouco tempo e o outro não; e reconheceu, afinal, que a planta que engordava, era o caféeiro, por cujo motivo, tambem começou a fazer uso, a principio das folhas, depois dos frutos, depois secccu-os e guardou-os, e como se tornassem muito duras as sementes, torrou-as com manteiga — e o resultado foi admiravel tambem para o homem.

No Oriente usam ainda hoje do café em pó, sobre o qual derramam agua a ferver e tomam-n'o sem assucar, em fórma de papas ou mingáos — e esse é o verdadeiro café turco.



Fóra da Barra

JÁ VAMOS LONGE... OS MORROS BEMFAZEJOS
METTEM NA BRUMA OS CIMOS ALTEROSOS...
VENTOS DA TARDE, VENTOS LACRIMOSOS,
VÓS SOIS DA PATRIA OS DERRADEIROS BEIJOS!

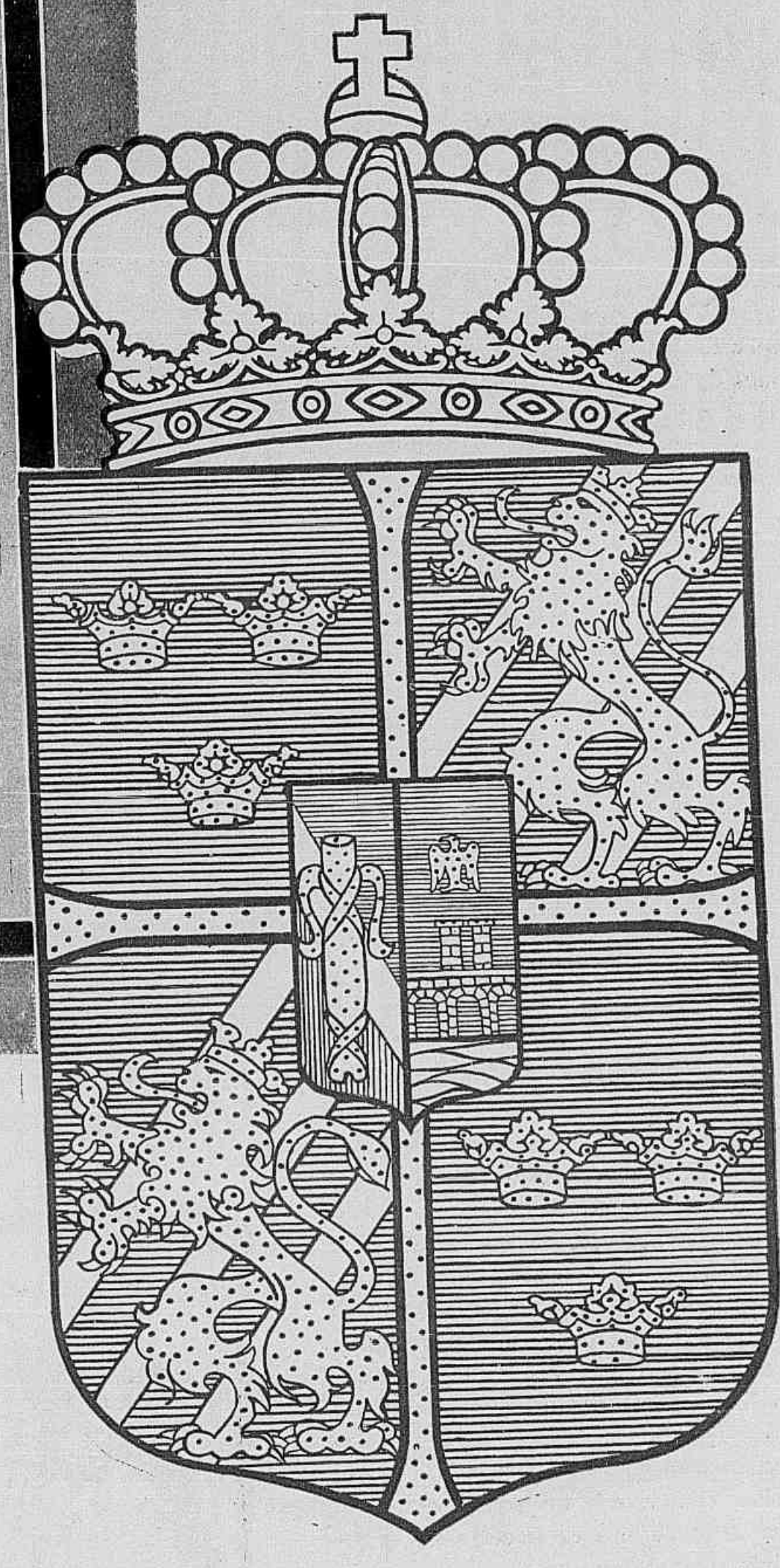
AS ALVAS PLAGAS, OS PROFUNDOS BREJOS
FICAM ALÉM, ALÉM!... ADEUS, GOSTOSOS
TORMENTOS DO PASSADO! ADEUS, OH! GOZOS!
ADEUS, OH! VELHOS E INFANTIS DESEJOS!

NA FUGITIVA LUZ DO SOL POENTE
VAE-SE APAGANDO, AO LONGE, TRISTEMENTE,
DO CORCOVADO A MAGESTOSA SERRA...

O MAR PARECE TODO UM SÓ GEMIDO...
E EU MAL SUSTENHO O CORAÇÃO PARTIDO,
OH! TERRA DE MEUS PAES! OH! MINHA TERRA?

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.





S. Ex. o Sr.

Johan Theodor Paues

Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Suecia

Johan Theodor Paues

Feminismo

por Sarah de Monteiro

Houve um professor, excellente mathematico, máo escriptor e pessimo marido, que me falava, admirado e respeitoso, de um philosopho, creador da religião positivista, a unica, no desenvolver dos seculos, consagrada ao bem humano, sob a egide soberba da mulher.

Aprendi-lhe alguma cousa e por este mesmo motivo cheguei a conhecer muitos cidadãos contistas, como elle, escrevendo mal o idioma patrio, enganando por habito as esposas,soubessem comtudo alguns theoremas complicados e discutissem casos transcendentaes de sociologia, de moral, e de politica.

Em regra, são todos pela mulher, a mulher — amor puro, delicadeza pura, adoração pura — mal podendo comprehender que se discuta o trabalho feminino, o direito feminino, afóra do estreito caminho dos impulsos e dos movimentos de coração e de affecto.

Nessa corrente de opinião alista-se muita gente do sexo forte — esse mesmo que brada contra possivel concorrencia feminina e teme explosões de sentimentalismo — como se, com aquella supremacia orgulhosa do homem, pudesse chocar-se a fragilidade intangivel da mulher.

Existe tambem uma aggremiação, menos falsa, de cidadãos orientados por theorias assás egualitarias, nesse sempiterno absurdo de egualdades humanas, quando as proprias cousas não as têm, que admitte caber á mulher, como ao homem, o emprego de suas actividades em qualquer ramo de vida.

Discordo dos positivistas, discordo dos feministas; da mesma maneira que preexiste um ridiculo incalculavel do homem fazer rendas, usar carmim nas faces, ha o ridiculo grotesco da mulher vestir calças ou amanhar terras.

E' que, scientifica como moralmente, se a cada funcção corresponde um orgam, cada orgam tem a sua funcção, sem que, entretanto, não haja muitos orgams que possam ter funcções identicas.

Canalisando agua salgada para mover uma usina, ella viverá tal como vive com as aguas doces de uma cataracta e são, comtudo, dois orgãos, com funcções muito variadas, mas que num dado momento têm a mesma utilidade.

Ponhamos, porém, uma tinta rosada numa téla, onde só póde ir o encarnado e veremos que, embora, no conjuncto, isto possa ser tolerado e até contentamento esthetico cause, em verdade artistica é um erro e como tal inacceitavel, para os que sentirem ou puderem interpretar a pintura.

Assim, se o homem, com a intelligencia da sua força, póde desbravar mattas e conquistar mundos e com a força da sua intelligencia melhorar as machinas e progredir nas sciencias, nada impede que á mulher se permittam o desejo e a vontade de aproveitar uma e outra, força e intelligencia, na conquista dos ideaes humanoes, em contrario, salvo se se pensar que a potencia intellectual feminina não esteja no mesmo nivel da do homem.

Como não haja sciencia capaz de demonstrar que, imposta á mulher a obrigação do exercicio da intelligencia, tal como o homem a tem tido desde o principio do mundo, espontaneamente, não se percebe que o phenomeno de atrophia subsista pela simples razão de uma estatica physica; tudo quanto, intellectualmente, o homem faz, póde a mulher fazel-o e quiçá, em alguns casos pelo menos, muito melhor em efficiencia e pormenorisação applicaveis.

Se a mulher continuar a ser o que tem sido — simples dona de casa, com a capacidade estricta de fazer as contas do seu lar e produzir filhos, sem a menor gymnastica de intellectualidade — certo não poderá pretender descobrir o succedaneo do radium e menos dotar a civilisação universal de obras duradouras.

Mas, amanhã, penetrando os arcanos da mathematica, da physica, da chimica, da biologia, da sociologia, da arte, ella nos dará monumentos de toda ordem, em pleno parallelo com os que tem o homem produzido.

Argumentam em geral que a mulher futura, lapidando um verso, gravando um bronze ou amontoando algarismos para fazer reacções chimicas, perde o seu encanto de esposa e de mãe; não acredito — porque quer parecer-me que, por sentir justamente desdobrar-se em dois seres, um só, ha motivo sobrante para maior esforço e dedicação, e logicamente razão para esperar da mulher intellectual um concurso proveitoso á vida da humanidade.



E, em sendo este o aspecto principal da questão feminista, não é possivel deixar de lado um outro, que fala pela bocca eterna dos factos.

Se ao homem, força maior material, cabe assistir a mulher, força maxima sentimental, que fará esta, quando aquelle lhe falte ?

A razão moral de se premunir a mulher dos males oriundos das lutas materiaes não basta para condemnal-a á perda do seu proprio senso e da sua capacidade.

E' deshumano e contraproducente.

A mulher não deve limitar-se á belleza moral de ser companheira do homem; mas devemos pedir que ella seja a sua melhor auxiliar em tudo, maxime porque ella vê por olhos que nunca os homens possuirão, exactamente porque nunca poderão sentir o que ella sente.

A arte da belleza e o encanto do amor não estão na belleza e no encanto do agrado, mas no conjuncto de qualidades e de funcções de cada orgão, harmoniosamente voltados para um só fim.

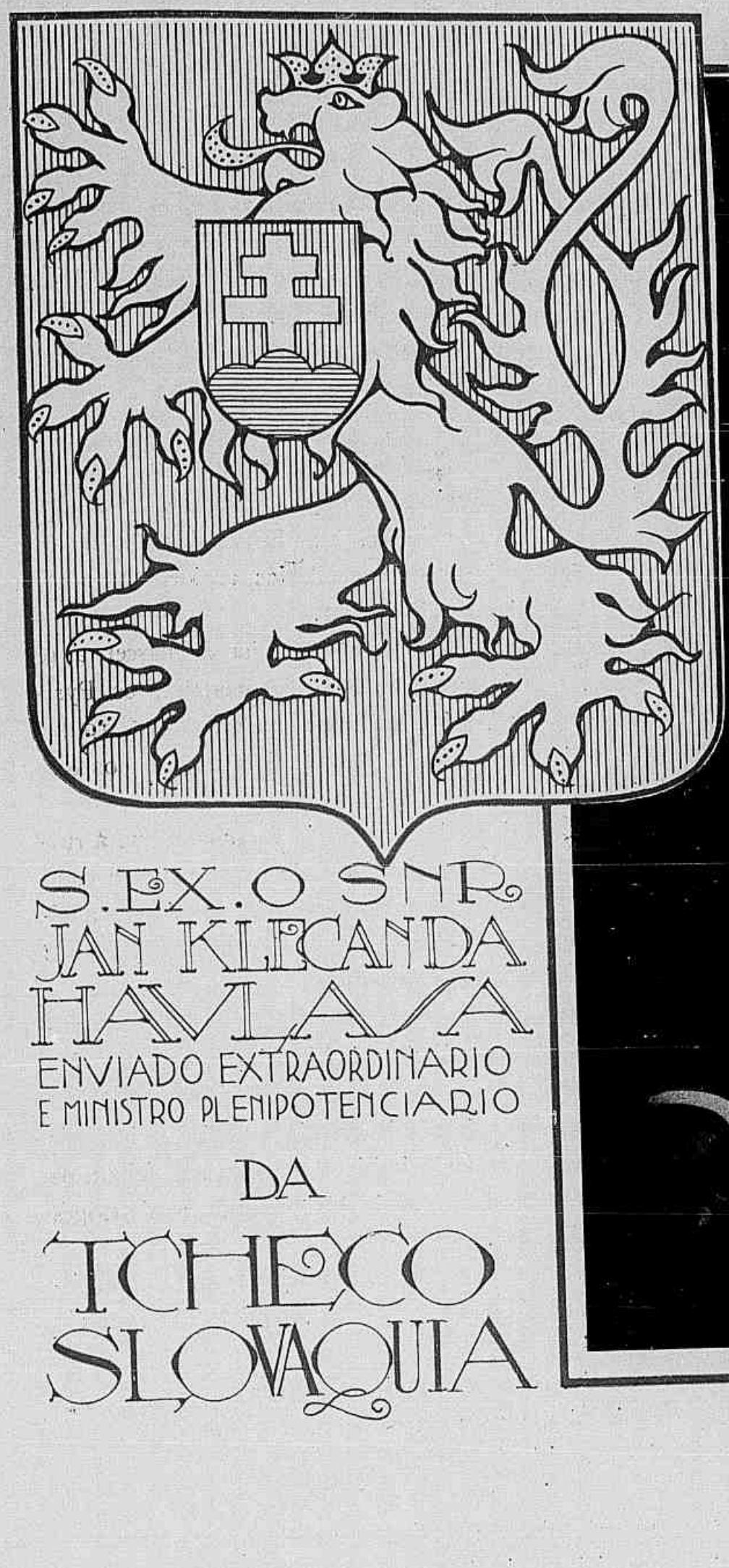
A mulher não sonha; a sua perspicacia descobre, sem esforço, desde logo, o final das cousas verosimeis e realisaveis e sabe onde começa o idealismo.

A inferioridade feminina creou-a o homem e só elle tem interesse em perpetual-a, distribuindo todos os seus pendores para esse polvo incommensuravel, que é a moda exagerada.

Desse excesso vêm, a meu juizo, todos os males, que collocam a mulher na posição injusta e quasi degradante de não pensar.

Sem remontar a passado longinquo, haverá quem acredite na possivel intellectualidade de um ser, que se mette numa enorme saia balão, que se esconde sob um chapéo monstruoso de fórma e tamanho, que anda pedietada num vestido entravado, e que se expõe, impudicamente, em roupas collantes?

O bom senso diz não! A victoria da mulher soará no dia em que ella perceber a grande verdade de que do seu vestir depende a sua intelligencia, muito mais do que ao bom estomago do homem ,correspondem bôas idéas, dentro do *mens sana in corpore sano*.



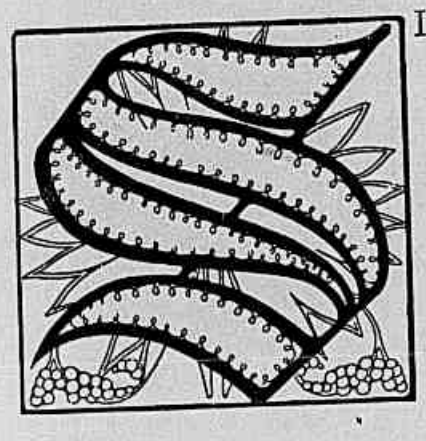
S. EX.O SNR.
JAN KLECANDA
HAVLASA
ENVIADO EXTRAORDINARIO
E MINISTRO PLENIPOTENCIARIO
DA
TCHECO
SLOVAQUIA



Jan Havlasa

Ultima flôr do Latio

Synthese das origens por Oswaldo Orico



IMPLES e rustica, debruçada ás margens silenciosas do Ebro, ignorada ainda no seu destino, terra de aventureiros e conquistadores, a Iberia não despertara do somno primitivo e ainda estava adormecida, numa inconsciente tranquillidade. O *Iberus* embalava-a docemente na suave cantiga de suas aguas, suave como deviam ser as primeiras ondas reveladoras, timidas, infantis. Trabalhando na gleba, escravos da missão inicial, os habitantes tinham as retinas apagadas para o resto do mundo.

Lembrar-se-iam, quando muito, de sua origem, perdida, talvez, num pouco de areia escaldante do solo da Africa, origem triste, por certo, como as que chegavam da parte maldita e tortu rada do continente antigo. Expandindo-se devagar, encontraram numa faixa mais longe, os vasconços, sobre os quaes se inclinou mais tarde, um ramo dessa maravilhosa arvore aryana, " cuja fertilisante sombra projectou-se da vizinhança do Hymalaia".

Sobre as costas da Peninsula sopraram os ventos da civilisação do tempo.

E eram os phenicios, millenios antes da era christã; eram depois os gregos, depois os carthaginezes, os persas e outros povos egualmente destemidos, que vinham depositar sobre a faixa de terra dos *celtiberos* os marcos de sua passagem pelo Mediterraneo.

Já constituida, povoada pelo amalgama de *iberos, bascos* e *celtas,* a Peninsula pareceu uma admiravel conquista á cobiça dos dominadores da epoca.

O duello punico favoreceu opportunidade para que os ambiciosos de Carthago, tentados pelo esplendor dos primeiros triumphos de sua Cidade, já chegada ao apogeu das grandes lutas que lhe trariam o formoso e epico declinio, lançassem os longos olhos pela superficie do Mediterraneo, emquanto, precavida, Roma tratava de oppôr á furia conquistadora de sua rival os generaes de seu exercito Pneu e Publio, na grei heroica dos Scipião.

A morte dos primeiros encorajou o Africano a firmar resolutamente no territorio iberico o valor de sua Cidade subjugadora, entre os protestos da longa e tenaz resistencia opposta pelos Hespanhóes.

O espirito combativo e audaz de Viriato, produzindo, com seu destemor, alternativas constantes no campo de batalha, não conseguiu, todavia, deter o runimol das avançadas romanas, que se precipitavam victoriosamente.

E victoriosamente percorreu o latim todo o territorio submettido, facilitado pela fraternidade do idioma existente e pela ascendencia de seus costumes sobre a inferioridade da civilisação peninsular.

O idioma das casernas conseguiu dominar ; era a linguagem plebéa que conquistava para a sua expansão um importante terreno.

Essa, a que os Romanos impuzeram e que foi gerando todos os idiomas modernos da França, Italia, Hespanha e Portugal.

Já então pesava sobre os conquistadores a ameaça violenta das hordas germanicas, constituidas pelas estirpes dos *suevos,* dos *vandalos* e dos *alanos,* cuja tradição de combatividade punha em serio perigo a dominação dos conquistadores.

Como todas as invasões do tempo, a invasão dos Barbaros, ao lado de uma grande sêde de victoria, trazia uma grande sêde de sangue.

O espectaculo que nos offerece o descerrar do velario nas paginas dos historiadores classicos, de Oliveira Martins e Alexandre Herculano, faz emotivas pelo terror as hostes dos que transplantaram o terreno da luta das legendarias regiões do norte da Europa para as bandas do Meio-Dia.

Da desorientação provinda do terror tinha de nascer a fé constructora, que Attaulfo tentou mais tarde, passando os Pyrineus, com as fileiras dos Wisigodos, para expellir o barbaro tumultuoso que se alojara, e obrigal-o ao refugio em condados distantes e silenciosos.

Era o trabalho natural do destino que ia fazer com que a rusticidade quasi indomavel daquelles "feros de olhos azues e estatura elevada", que se conservavam no territorio, acceitasse a civilisação superior que Roma costumava enviar aos subjugados, nos lampejos de seu idioma fulgurante.

Por vario motivo a invasão do seculo VIII, tentada pelos soldados do Tarik, legou apenas dimitua influencia na corrente dos acontecimentos.

Já apparecia o *romanço,* botão da grande rosa que se ia abrir no seculo XII, e de cujas petalas primitivas tão bem nos fallam os documentos poeticos de Guilhado, os de Airas Nunes, os de Lopes d'Ulhôa, Ferrian Troian, etc.

Nos primeiros versos que appareceram, já ha um romantismo suave, já existe aquella saudade — flor exquisita da raça :

" Seg eu fromosa, com mui gran pesar
" o mui coitada no meu coraçon,
" é choro muit'o faço gran razon,
" par Deos, mia madre, de muito choras
" por meu amigo e meu lum e meu bem,
" que se foi daqui, ai madr'e non ven.

" E, pois Deos, quer que eu moira por en,
" sabian que moiro, querendo-lhi bem."

PEDRO D'ARMEA (2ª *metade do seculo XIII*)

Constituada era, pois, a ultima flor do Latio inculta e bella, de que nos falla o Poeta querido, e que haveria de ser, mais tarde, " tuba de alta clangor, lyra singela ", pela qual a garganta dos trovadores tinha de modular as suas canções, e em cujas cordas de oiro se fere, em nossos dias, com suavidade e doçura, a delicadeza do sentimento amavel dos rhapsodos deste seculo, tão amorosos como os precursores, que já em si não sabiam de tanto amor...

A PINTURA NO BRASIL

POR ADALBERTO MATTO

ATTENDENDO ao bem commum, que provém aos meus fieis vassallos de se estabelecer no Brasil, huma Escola Real de Sciencias, Artes e Officios, em que se promova, e diffunda a instrucção e conhecimentos indispensaveis aos homens não só aos Empregos Publicos da Administração do Estado, mas tambem ao progresso da Agricultura, Mineralogia, Industria e Commercio, de que resulta a subsistencia, commodidade e civilisação dos povos, maiormente neste continente, cuja extensão, não tendo o devido e correspondente de braços indispensaveis ao amanho e aproveitamento do terreno, precisa de grandes soccorros da pratica para aproveitar os productos, cujo valor, e preciosidade podem vir a formar do Brasil o mais rico e opulento dos Reinos conhecidos, fazendo-se, portanto, necessario aos habitantes o estudo das Bellas Artes com applicação e referencia aos officios mecanicos, cuja pratica, perfeição, e utilidade depende dos conhecimentos theoricos daquellas artes, e diffusivas luzes das sciencias naturaes, physicas e exactas; e querendo para tão uteis fins aproveitar desde já a capacidade, habilidade e sciencia de alguns dos estrangeiros benemeritos, que têm buscado a Minha Real e Graciosa protecção, para serem empregados no ensino da instrucção publica daquellas artes: Hei por bem, e mesmo emquanto as aulas daquellas artes e officios não formão a parte integrante da dita Escola Real das Sciencias, Artes e Officios que Eu Houver de Mandar estabelecer, se pague annualmente por quarteis a cada huma das pessoas declaradas na relação inserta neste Meu Real Decreto, e assignado pelo Meu Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, a somma de oito contos e trinta e dois mil réis, em que importarão as pensões, de que por hum effeito da Minha Real Munificencia e Paternal zelo pelo bem publico deste Reino, lhes faço mercê para a sua subsistencia, pagos pelo Real Erario, cumprindo desde logo cada hum dos ditos pensionarios com as obrigações, encargos, estipulações que devem fazer base do contracto ao menos pelo tempo de seis annos hão de assignar obrigando-se a cumprir quanto for tendente ao fim da proposta Instrucção Nacional das Bellas Artes, applicadas á industria, melhoramento e progresso das outras artes e officios mecanicos. O Marquez de Aguiar, etc. Palacio do Rio de Janeiro, em 12 de Agosto de 1816. Com a rubrica de El-Rei Nosso Senhor. Cumpra-se e registre-se. Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1816. Com a rubrica do Exmo. Presidente do Real Erario. Relação das pessoas a quem por decreto desta data manda Sua Magestade por hum effeito da Real Munificencia, dar as pensões annuaes abaixo declaradas:

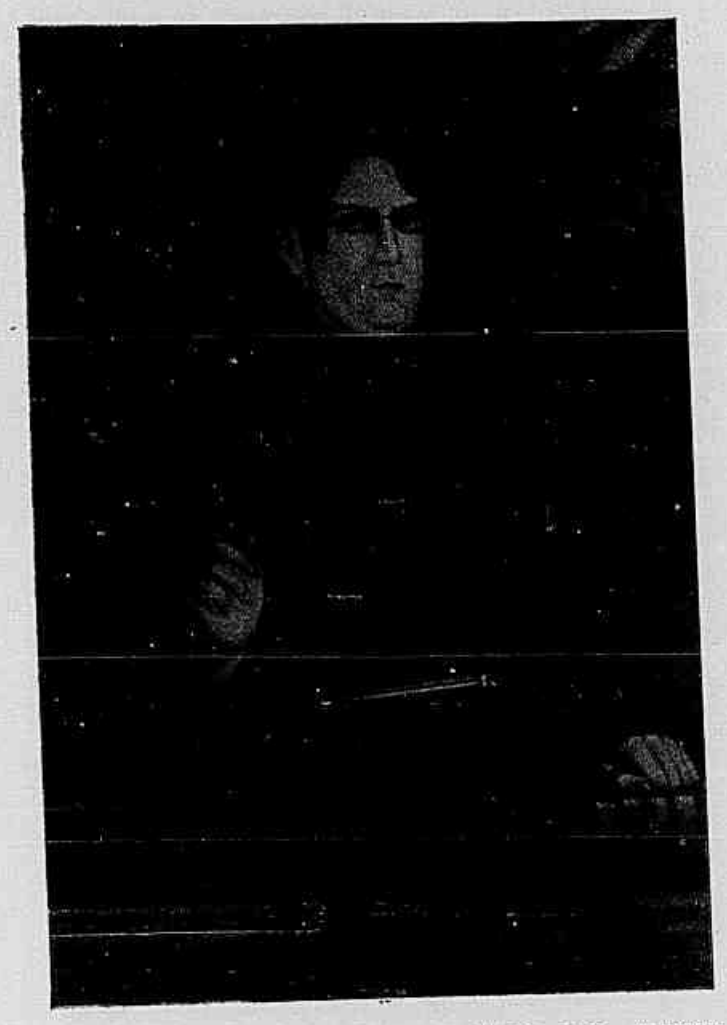
Ao Cavalheiro Joaquim Le Breton, 1:600$; Pedro Dillou, 800$; João Baptista de Bret, pintor de historia, 800$; Nicoláu Antonio Taunay, pintor, 800$; Augusto Taunay, esculptor, 800$; Augusto Henrique Victorio Grandjean, architecto, 800$; Simão Pradier, gravador, 800$; Francisco Ovide, professor de mecanica, 800$; Carlos Henrique Levasseur, 320$; Luiz Simphoriano Meunié, 320$; Francisco Bonrepos, 192$. — Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1816. — *Marquez de Aguiar.*

Esse decreto firmado pelo Marquez de Aguiar, representa o primeiro passo para a formação methodisada do ensino artistico no Brasil. Os acontecimentos politicos da época, impediram, porém, que a pratica viesse ao encontro da idéa. Emquanto melhores dias eram esperados, sobrevieram as mortes do conde da Barca, que era um verdadeiro amigo dos artistas e de Joaquim Le Breton, chefe da colonia.

O Visconde de S. Lourenço, possuidor de um espirito equilibrado, emprehendeu, porém, o proseguimento da obra iniciada, tornando-se em breve espaço de tempo em amigo incondicional das Artes e dos artistas. Pelo seu prestigio junto ás autoridades, conseguiu a promulgação do decreto publicado a 12 de Outubro de 1820, que creava uma Real Academia, onde os iniciados da Arte encontrassem campo para desenvolver os conhecimentos de desenho, pintura, esculptura e architectura. Tal Academia não logrou existencia; sendo, a 23 de Novembro do mesmo anno, publicado um terceiro decreto do seguinte têor:

"Fallecendo Le Breton, em 1819, no anno seguinte chegou a esta Côrte o Sr. Henrique José da Silva, pintor assás conhecido por seu talento e producções na cidade de Lisbôa, a solicitar um despacho para seu filho; e chegando ao conhecimento do Exmo. Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal o quanto era abalisado em pintura e desenho esse artista, convidou-o a ficar nesta Côrte, offerecendo-lhe o logar que escolhesse na Academia, e a Directoria das aulas, vaga por fallecimento de Le Breton. Como não se achasse nomeado o lente de desenho, escolheu elle esta cadeira, e então lavrou-se o decreto de 23 de Novembro de 1820, no qual ordenava Sua Magestade que, sendo conveniente entrar em effectivo exercicio algumas das classes dos estatutos da Academia e Escola Real de Bellas Artes, os mandava entrar em effectividade, observando-se os estatutos, que baixarão assignados pelo dito Exmo. Secretario de Estado dos Negocios do Reino; eis a relação das pessoas, de que faz menção o dito decreto:

Lente de Desenho, Henrique José da Silva, 800$, e como Director das aulas, 200$; Secretario da Academia, Luiz Rafael Loyé, 480$; Lente de Pintura Historica,



RETRATO DE FREI SAMPAIO, PINTADO POR TIRONE, EXISTENTE NO CONVENTO DE SANTO ANTONIO, ONDE FOI INAUGURADO NO DIA 13 DE JUNHO DE 1860



EFFEITO DE SOL, QUADRO DE D. GEORGINA DE ALBUQUERQUE, NATURAL DE S. PAULO, PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NO SALÃO DE BELLAS ARTES — RIO.

João Baptista de Bret, 800$; Dito de Paizagem, Nicoláo Antonio Taunay, 800$; dito de Esculptura, Augusto Taunay, 800$; dito de Architectura, Augusto Victorio Grandjean de Montigny, 800$; dito de Mecanica, Francisco Ovide, 800$; Pensionario de Desenho e Pintura; Simplicio Rodrigues de Sá, 300$; José de Christo Moreira, 300$; Francisco Pedro do Amaral, 300$; dito de Esculptura, Marcos Ferrez, 300$; dito de Gravura, Zeferino Ferrez, 300$000.

Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1820. — *Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal.*"

A nomeação de Henrique José da Silva veiu Quebrar a Harmonia existente entre os artistas, causando profundos desgostos, principalmente a Nicolau Taunay, que deliberou voltar á patria. Diz o illustre historiador Dr. Laudelino Freire, na sua obra "Um Seculo de Pintura", a respeito da situação creada com a referida nomeação: "Intelligente, arguto, prevalecendo-se, por outro lado, da protecção que lhe era dispensada, não foi difficil ao pintor portuguez assumir posição de real preponderancia, de modo a tolher a liberdade de acção dos seus collegas francezes, com os quaes entrou num regimen de absoluta desintelligencia. Dahi a quebra da imprescindivel communhão de esforços em proveito da obra que se iniciava e a perda consideravel de Nicoláo Taunay, figura proeminente, que, desgostoso e desilludido, resolvera regressar á patria.

De posse do seu cargo, tentou Henrique Silva installar o estabelecimento, para cujo fim obtivera fossem preparadas as casas de propriedade do então Nuncio Apostolico; os seus desejos, porém, não se realisaram por força dos acontecimentos politicos de 26 de Fevereiro de 1821 e seguintes.

Ficára dest'arte tambem sem realidade a Academia de que trata esse terceiro decreto, que apenas da primitiva colonia aproveitara cinco dos seus nomes para membros do corpo academico — De Bret, Nicolau Taunay, Augusto Taunay, Montigny e Francisco Ovide, cujo numero ainda se reduzira com a retirada de Nicolau Taunay e o fallecimento do Taunay esculptor."

Os acontecimentos politicos e as desintelligencias, fizeram com que o tempo decorrido entre a assignatura do primeiro decreto e o anno de 1821 fosse completamente perdido; sómente depois desse periodo agitado para as Bellas Artes é que Grandjean de Montigny e De Bret, auxiliados com efficiencia por Felix Emilio Taunay, começaram praticamente a missão de educadores. Em relativo tempo conseguiram os mestres preparar um nucleo de discipulos capazes, sendo que alguns foram aproveitados como professores; esse nucleo de artistas representa tacitamente os verdadeiros "alumnos-fundadores da escola de pintura" e os que possuem a prioridade orientada na pintura brasileira. O nucleo era composto dos pintores: Simplicio de Sá, José de Christo Moreira, portuguezes; Affonso Falcor, francez e Manoel de Araujo Porto Alegre, Francisco Pedro do Amaral, Francisco de Souza Lobo, José Carvalho dos Reis, José da Silva Arruda, brasileiros.



CONDE DA BARCA, MINISTRO DA MARINHA, GUERRA E ESTRANGEIROS, A VERDADEIRA ALMA DA "MISSÃO ARTISTICA DE 1816"

Antes, porém, do periodo-organico da pintura no Brasil, outras manifestações pictoricas existiram, bem merecedoras de commentarios, embora de caracteristicos ingenuos e primitivos; manifestações viventes em ambientes tacanhos, acanhados e influenciados pelo espirito religioso do meio de então. Taes condições, entre nós, cohibiam tacitamente, a creação de modelos estheticos que aos posteros servissem de exemplo.

Fruto integral desse ambiente foi o monge benedictino Ricardo do Pilar, natural de Flandres, vindo para o Brasil em 1695. Espirito meigo e palavra doce, sabia dar allivio aos soffredores, dividindo com os pobres, antes da Ave-Maria os parcos alimentos que recebia para a sua manutenção.

Duque, estribado na sua autoridade, escreve que Ricardo do Pilar: "Era um allucinado religioso: magro, alto, pallido, concentrado; não trazia outras vestes além do habito, e alimentava-se sómente de legumes."

Esse typo curioso de frade, foi o precursor da pintura no Brasil.

Segundo chronicas de arte, Ricardo do Pilar muito produziu; porém, a unica obra por onde ainda ha alguns annos se podia julgar do seu valor é a que está no altar-mór da Sacristia do Mosteiro de São Bento, e representa o Salvador.

O desenho é fraco, sem vigor; entretanto, ha uma dóse de habilidade na execução da figura, percebendo-se ainda mais fortemente o espirito de exaltação religiosa que pautava os seus gestos.

Em seguida a Frei Ricardo do Pilar apparece-nos a figura de José de Oliveira.

A sua obra capital está na Egreja da Penitencia, situada no morro de Santo Antonio.

De José de Oliveira são as pinturas existentes no tecto, na capella-mór e outros paineis que revestem o templo. A decoração do tecto é a mais efficiente prova do valor do grande artista que foi José de Oliveira, e representa a Apotheose de São Francisco de Assis.

José de Oliveira era natural desta cidade, e no dizer de chronicas e biographias da época foi "o primeiro pintor nacional que se tornou notavel no Rio de Janeiro."

Porto Alegre, referindo-se á obra de José de Oliveira, teve palavras encomiasticas, bastantes para engrandecer o merito do pintor: "A sciencia da perspectiva, a valentia do claro-escuro, e uma riqueza de imaginação poetica, formam o apanagio daquella grande Obra."

Realmente, a obra do artista reune sem favor todas as qualidades observadas por Porto Alegre, o que foi confirmado pelo illustre pintor José Malhôa, quando aqui esteve ha uma duzia de annos.

Da autoria de José de Oliveira eram tambem as decorações da sala d'armas da antiga fortaleza da Conceição e da Capella-mór da Antiga Egreja dos Carmelitas.

O pintor deve ter nascido em 1710, approximadamente, era natural desta cidade e a origem dos seus estudos é completamente desconhecida. Deixou dois discipulos: o scenographo Muzzi e João de Souza.

Que Francisco Muzzi tenha sido um artista mediocre não resta duvida alguma; as razões em que nos baseamos para tal affirmação encontramol-as em Gonzaga Duque, á pagina 37 da sua Arte Brasileira; não se dando o mesmo com João de Souza, que, se não foi um grande artista, pelo menos era um consciencioso, e tem a gloria de ter deixado um discipulo de valor. Esse discipulo chamava-se Manoel da Cunha, era mulato, filho de uma escrava do Conego Januario da Cunha Barbosa.

Foi por piedade acolhido pela familia do illustre prelado, pois seu pae o abandonou; os seus protectores, vendo no pequeno mulato grande inclinação para a arte, fizeram com que elle entrasse para a officina de João de Souza, enviando-o mais tarde para Lisbôa. Approximadamente em 1757, regressou, sendo encarregado de pintar o tecto da capella do Senhor dos Passos, na Egreja dos Carmelitas, executando o Descimento da Cruz (cópia do original de Daniel Volterra).

Com o fito de arranjar dinheiro para comprar a sua liberdade, começou a trabalhar por conta propria.

Conquistando a carta de alforria com o auxilio de dinheiro tomado por emprestimo, começou uma vida nova; laborioso, dentro de pouco tempo conquistou amizades que esqueceram a mancha do seu passado de escravisado.

A technica de Manoel da Cunha era segura, possuindo individualidade.

Decorou a Capella da Virgem da Victoria, na Egreja de São Francisco de Paula, executou o tecto da Egreja do Castello, assim como o Santo André Avelino, para o mesmo templo; pintou ainda o retrato do Conde de Bobadella, para o Senado da Camara e retratou varias personalidades para a Santa Casa da Misericordia.

O pintor veiu a morrer entre os seus, em 1809, deixando um nome respeitado e um passado artistico honesto.

Temos em seguida, o pintor fluminense Leandro Joaquim; sobre o seu nascimento e morte existem duvidas; Duque cita as datas: 1768-1815, porém sob uma interrogação.

Moreira de Azevedo confessa ignorar o nascimento e morte do pintor, e estudando a sua individualidade, diz:

"Outrora, e ainda hoje, erão os artistas desprezados no Brazil, vivião na obscuridade, trabalhavão, apresentavão as suas obras, mas não ouvião um elogio; e a sociedade que delles se esquecera em vida, não ia indagar para onde ião seus cadaveres.

O berço e o tumulo do artista, era um segredo para a patria; ninguem indagava onde nascera, ninguem ia gastar uma flor no chão de seu sepulchro; vivia o misero esquecido e morria desprezado.

Leandro Joaquim tinha um pincel ameno; para a egreja do Parto pintou uma Santa Cecilia e um São João, que desappareceram; tendo a mesma sorte um quadro de Nossa Senhora das Mercês, e outro de Santo Eloy, trabalho seu.

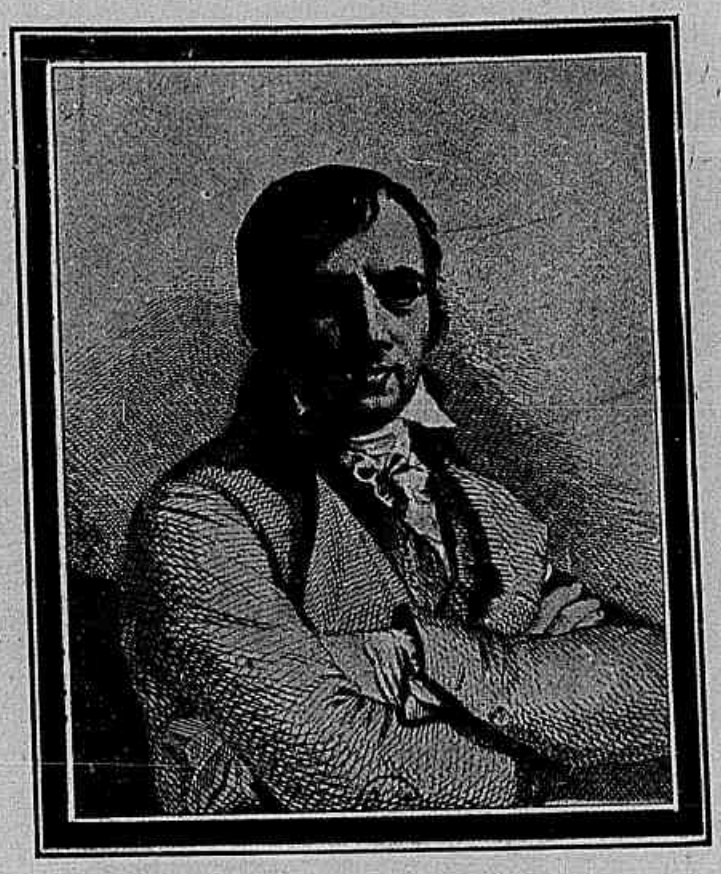
Já dissemos que são delle os quadros arredondados que se guardão na sacristia daquella egreja, os quaes relatão o incendio e a reconstrucção do recolhimento do Parto, e o retrato que ali se vê do vice-rei Vasconcellos.

Pintou diversos paineis para a egreja de S. Sebastião, do Castello, dos quaes já desapparecerão alguns.

Era Leandro Joaquim quem dourava melhor as fitas, que como medidas dos santos, distribuião-se nas festividades."

Foi discipulo de João de Souza. O seu desenho, não primava pela correcção, mas o seu colorido era fino e sympathico.

Da época de Leandro Joaquim são os pintores Frei Francisco Solano e Raymundo da Costa e Silva, ambos fluminenses como Leandro Joaquim.



CAVALHEIRO LE BRETON, CHEFE DA "MISSÃO ARTISTICA", DE 1816

Francisco Solano foi um notavel pintor decorador; executava com raro talento as porcelanas e as alfaias. Gonzaga Duque affirma ter visto uma admiravel imitação de damasco, em 1893, no convento de Santo Antonio.

A decoração do tecto da sacristia do Convento é trabalho seu; é uma obra que merece relevo pela technica e composição. Raymundo da Costa e Silva é outro temperamento; os seus trabalhos são ricos de côr

Na mesma época surgiram outros pintores de real valor; entre elles estavam Manoel Dias de Oliveira Brasiliense, conhecido pelo apellido de Romano, Domiciano Pereira Barreto, José Vidal, Antonio Alves e Leandro de Carvalho, que se destacava do grupo pelo talento e individualidade definida.

Obra notavel executada por Leandro é o retrato de D. João VI, existente no convento de Santo Antonio; D. João está retratado com rara felicidade e grande psychologia. Com o artista passou-se um episodio digno de ser repetido com as suas verdadeiras côres. José Leandro de Carvalho havia executado um painel retratando a familia Imperial e que se achava na Capella do Carmo. O trabalho representava a melhor obra do artista e á sua confecção Leandro havia dedicado todo o seu talento e amor. Vamos dar a palavra ao mestre da critica de arte — Gonzaga Duque — elle melhor do que ninguem sabe dizer o que foi o memoravel acontecimento que encheu de dor a alma de um verdadeiro artista. Eis a narrativa do mestre:

"Mas o exaltamento dos animos em 7 de Abril, de 81, não consentia vestigios dos *estrangeiros* na terra brasileira. Uma multidão de patriotas desvairados pelo enthusiasmo pedia aos brados, á porta da Capella, que apagassem o painel, descessem-n'o do altar, senão invadiria o templo. Foram chamados, incontinenti, diversos artistas para apagarem a obra.

De Bret foi o primeiro, e o primeiro que se negou a praticar o vandalismo.

Os patriotas não cediam. Em grupos, pelas ruas, vibrando cacetes, exaltados, ostentando no tope do chapéu, posto á banda, fitas distinctivas com as côres do pavilhão nacional, pediam o devastamento do painel. Afinal José Leandro appareceu. Era um homem alto, cheio de corpo, obeso, olhar tristonho, a physionomia grave. Entrou na Capella. Diversas vozes partiram da multidão:—Lá vai elle... Lá vai elle! E um brado de enthusiasmo trovejou por entre palmas, gestos desordenados e esgrimas de cacete — Viva o Brasil!

O artista entrou pallido, a cabeça baixa, os olhos fixos no chão. Atraz delle vinha um aprendiz trazendo uma caçarola e uma brocha. As portas do templo estavam fechadas, no recinto; no côro, alguns rapazolas empregados em acolytar os sacerdotes nos officios, espiavam para a rua através das vidraças. Puzeram do lado do altar mór uma escada, o artista subiu por ella e, lá do alto comçeou a brochar o painel. A mão tremia-lhe, copioso suor de febre inundava-lhe o rosto; mas, energico e resignado, ia lentamente passando e repassando a brocha untada de cola. O berreiro da multidão ecoava longe, como um som abafado de trovão que vae rolando pelo infinito.

Os sacristãos desceram do côro e vieram collocar-se defronte do logar em que estava o mestre, mudos e cheios de curiosidade; ao lado da escada, o aprendiz seguia com os olhos admirados a total devastação daquelle trabalho. Grande parte da pintura tinha desapparecido e, nos pontos em que o colorido ainda brilhava, grossas lagrimas de colla corriam apressadamente, vertiginosamente, terminando em pequeninos globulos escuros. Fóra, no céu sereno e azul, a luz sorria. Era uma manhã tranquilla e fresca.

Estava concluido o sacrificio: daquella composição que tanto cuidado lhe dera, que tantas esperanças lhe alimentára, restava unicamente o panno e um pouco de colla. Mudo e pallido ainda, desceu da escada, entregou a brocha ao aprendiz e murmurou apenas: — Está consummado...

Nesse momento volveu o olhar para as paredes lateraes da egreja, como se procurasse alguma cousa. Lá estavam os bustos dos doze apostolos. Tambem eram obra sua... Quem sabe se mais tarde não teriam a mesma sorte que teve o painel do altar-mór? Seus olhos encheram-se de lagrimas, que desciam pelas suas faces entristecidas, como se brotassem do coração essas lagrimas pesadas, essas gottas de uma chaga incuravel.

Estes foram os precursores da pintura brasileira, a pedra angular do grandioso monumento em nossa terra; vejamos agora os pintores que contribuiram para a formação da sua historia:

— *João Baptista Debret* era filho de um escrivão do Parlamento de Paris e nasceu a 18 de Abril de 1768; desde a mais tenra idade manifestou inclinação para a arte. Em 1785, quando voltou de uma viagem que fizera a Roma em companhia de David, seu parente, iniciou os seus estudos na Academia de Bellas Artes. Quando acabava de conquistar o segundo premio, em pintura, foi obrigado a abandonar a pintura, em virtude de acontecimentos da Revolução, passando, por ordem do ministro do Interior, a frequentar o curso de engenharia civil da Escola de Pontes e Calçadas, de onde foi transferido para a Escola Polytechnica, da qual, annos depois foi professor de desenho em substituição a Fr. Gerard.

Cinco annos mais tarde, voltou o pintor á sua profissão, executando o quadro: *O general messenio Aristomeno liberto por uma moça;* com este trabalho obteve um segundo premio no *Salon* de Paris de 1798; tão auspicioso retorno valeu-lhe uma notoriedade invejavel e innumeros chamados para trabalhar nas decorações dos edificios de Fontaine e Percier.



JOÃO BAPTISTA DEBRET, FRANCEZ, NASCIDO EM FRANÇA EM 1768 E FALLECIDO EM 1848

Novamente, em 1804, enviou ao *Salon* uma grande tela intitulada: *O medico Eristrato descobrindo a causa da molestia do joven Antiocto.* Em 1806 expoz o quadro: *Napoleão prestando homenagens á bravura infeliz,* que foi premiado com menção honrosa do Instituto de França. Em 1810 foi a grande tela adquirida pelo Estado e acha-se hoje no Museu de Versailles. A vida de Debret depois desse quadro foi trabalhosissima, tendo constantemente encommendas do Estado; varios são os trabalhos executados em tão brilhante epoca, quadros de assumpto historico girando em torno da figura e feitos de Napoleão: os seus louros foram no emtanto estremecidos, nessa occasião, soffrendo dois golpes profundos, que muito o abateram e alteraram a sua vida de artista fecundo: a quéda do Imperio e a morte do unico filho que possuia. Entre outros convites para ir ao estrangeiro acceitou o de Le Breton, que se achava commissionado pelo marquez de Marialva para organisar uma missão de arte para o Brasil.

Em consequencia desse convite veiu para nossa terra fazendo parte da *Missão artistica* de 1816. Aqui chegando entrou logo a pro-

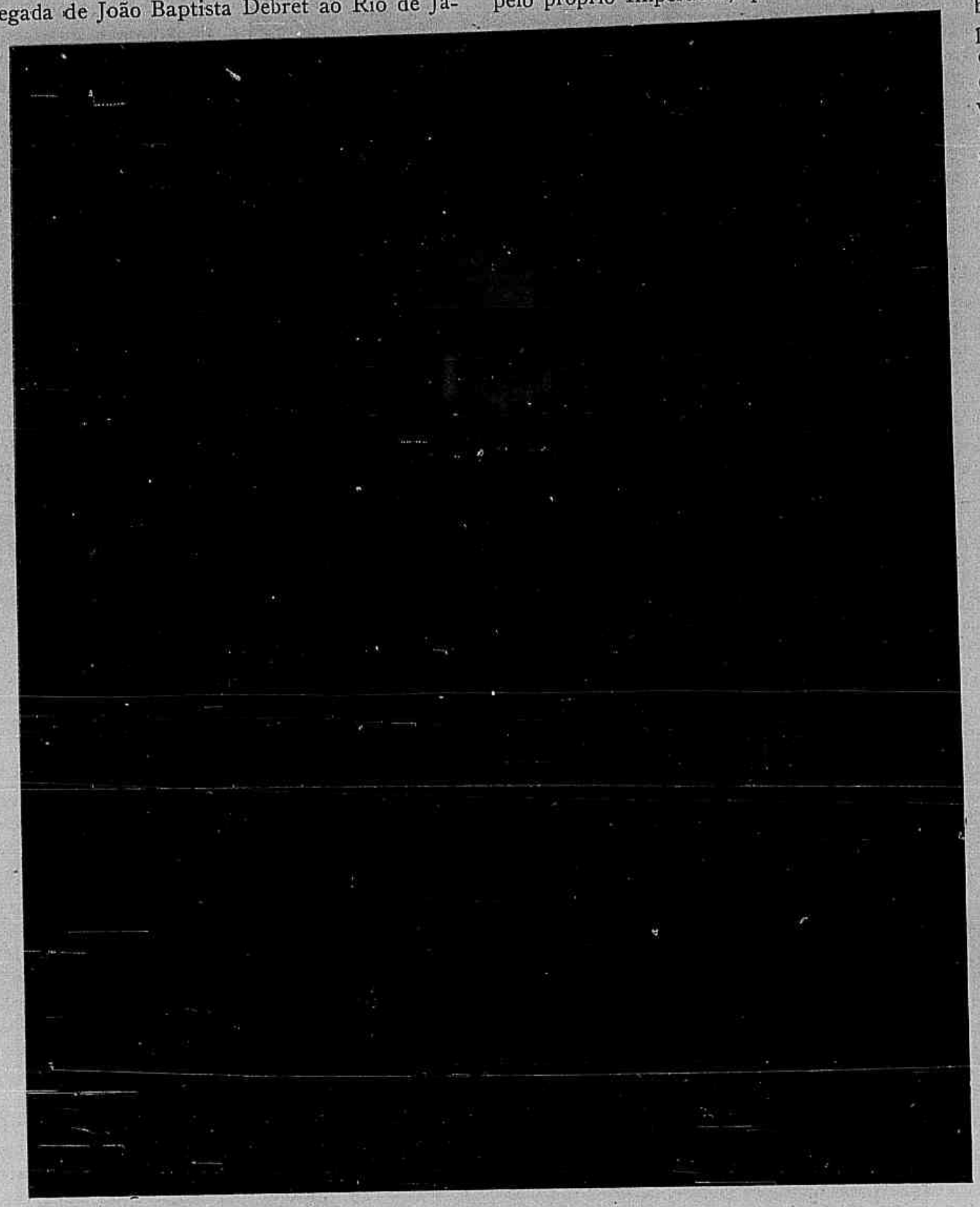
duzir, executando obras de merecimento. O illustre historiador Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, em sua obra *A Missão Artistica de* 1816, referindo-se á chegada de João Baptista Debret ao Rio de Janeiro, escreve:

" A 26 de Março de 1816, como se sabe, chegava a colonia artistica ao Rio de Janeiro, no *Calpe*. A Debret attribuiu o decreto de doze de Agosto de 1816 os mesmos vencimentos que aos dois Taunay, Pradier e Grandjean, oitocentos mil réis annuaes ou sejam cinco mil francos, pelo cambio da epoca. Havendo os artistas francezes reclamado contra a modicidade destes vencimentos, sobretudo por quanto importava a commissão numa expatriação de seis annos, foi lhes dito que as pensões, reversiveis para as viuvas, continuariam, provavelmente, a ser pagas, mesmo após o regresso dos artistas á Europa e que, pensando o Governo em fundar um Instituto de Sciencias e Artes, receberiam os membros da missão vencimentos, como membros da Academia e do Instituto.

Eram taes promessas fallazes, mas, provavelmente, feitas com inteira boa fé. Não morresse o Conde da Barca e talvez se realisassem, em grande parte pelo menos.

Apenas chegado ao Brasil, começou Debret, homem sobremaneira trabalhador, a occupar-se com afinco; fez o retrato de D. João VI, de tamanho natural e em trajos majestaticos e os de diversas pessoas da familia real, pintando, em grande tela, o desembarque da Archiduqueza Leopoldina, princeza real, no Rio de Janeiro, a 12 de Novembro de 1817; nomearam-n'o logo scenographo do real theatro S. João, cargo que durante sete annos exerceu, e deram-lhe, assim como a Augusto Taunay e Grandjean de Montigny, a incumbencia de dirigir os trabalhos de ornamentação da cidade do Rio de Janeiro, para as festas da acclamação de D. João VI, como rei de Portugal, Brazil e Algarves, festas estas que se realisaram a 6 de Fevereiro de 1818."

João Baptista Debret foi discipulo do grande mestre David. A sua chegada ao Rio de Janeiro veiu resolver o periodo empyrico em que se encontrava a pintura historica entre nós, sendo fóra de duvidas o seu fundador no Brasil. Como professor, foi verdadeiramente notavel, sendo isso constatado pelo proprio Imperador, quando em 1824, acompanhado do seu gabinete, visitou a exposição de obras executadas pelos seus discipulos. Dessa visita resultou a installação da Academia de Bellas Artes. Manteve séria polemica com Henrique José da Silva, considerado por todos os artistas de então, como verdadeira negação para as artes e para o magisterio artistico, o que, aliás, a nosso vêr, representa uma séria injustiça; que o pintor fosse um máu administrador, é certo, dados os factos comprobatorios, mas que tenha sido um máo artista é que não nos é possivel acceitar; para tal dizer, estribamo-nos em documentos e obras existentes em poder de collecionadores, testemunhos que tivemos deante dos olhos. Quando, mais adeante, tratarmos da individualidade do pintor, provaremos que á sua memoria, como artista, é devida uma reparação, o que gostosamente faremos.



"CABEÇA DE ESTUDO", (PERTENCENTE Á GALERIA DA ESCOLA DE BELLAS ARTES), POR AGOSTINHO JOSÉ DA MOTTA, BRASILEIRO, NASCIDO EM 18 DE JULHO DE 1824 E FALLECIDO EM 21 DE AGOSTO DE 1878

Nos quadros de J. Baptista Debret percebe-se um conhecedor da technica e da composição; essas qualidades são evidentes em todos os seus quadros existentes na Galeria Nacional, na Escola de Bellas Artes.

João Baptista Debret viveu no Brasil durante quinze annos, produzindo com grande amor; a 25 de Julho de 1831, retirou-se para a França no goso de licença; seis annos mais tarde demittiu-se de professor da Academia; e, pelos serviços reaes prestados ao Brasil, obteve uma pensão.

Em Paris publicou em francez uma bella e interessante obra illustrada, intitulada: "Viagem Pittoresca ao Brasil", que é um soberbo repositorio de costumes da sua época.

Entre os quadros executados no Brasil pelo pintor, figuram: *A Acclamação de D. Pedro*, *Desembarque da Imperatriz*, e a *Sagração de D. Pedro I*, que, segundo o testemunho de chronicas da época, representava uma das boas obras do pintor. O estudo desse grande quadro, uma telazinha de 45 x 70, e que está na Ga-



"EFFEITO DE SOL", QUADRO DE MARIO NAVARRO DA COSTA, NATURAL DO RIO DE JANEIRO, PREMIADO COM A MEDALHA DE OURO, NO SALÃO DE BELLAS ARTES.—RIO.

leria Official, na Escola de Bellas Artes (n: 237), é fóra de qualquer duvida a melhor coisa que Debret executou no Brasil.

O ambiente do quadro representa o interior da Capella Imperial e possue uma bella perspectiva e uma côr local admiravel: Alguns defeitos são encontrados no quadro, porém são perfeitamente desculpaveis, dado não ter o trabalho um caracter definitivo. Apezar de ser um estudo, percebe-se no trabalho um cunho especial, a rigidez historica sem artificios, a indumentaria de uma época, o ambiente politico emanando em um templo religioso, o orgulho imperial que irradia entre os cortezãos agaloados, bandeiras e ciriaes que tremeluzem em contraste com as purpuras e architectura da nave.

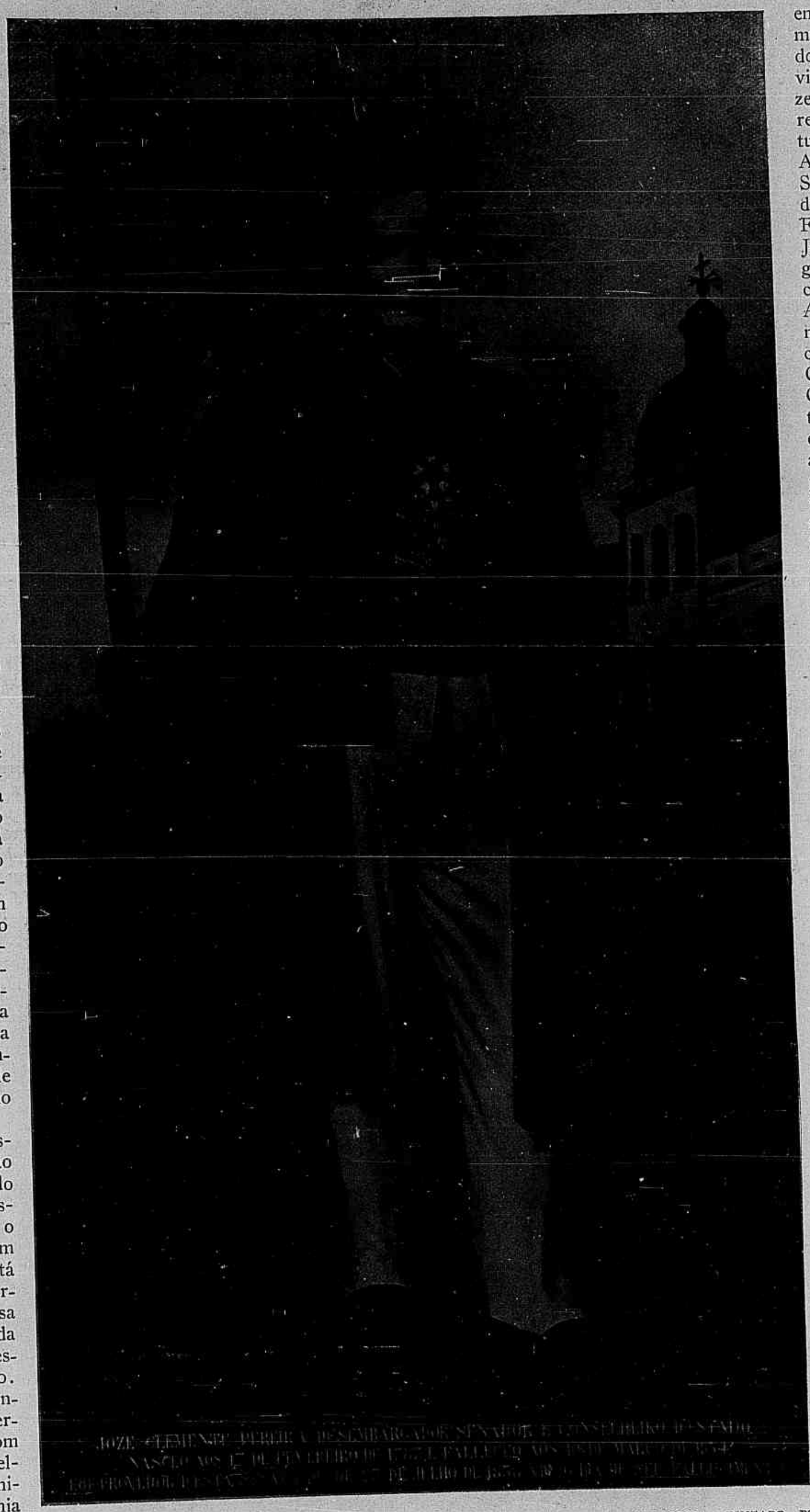
João Baptista Debret, pintou tambem um retrato de D. João VI, o mesmo citado pelo Dr. Affonso Taunay. Gonzaga Duque, referindo-se a esse trabalho, tem palavras verdadeiramente enthusiastas:

"Ahi, nessa pequena tela, tudo está magistralmente pintado: o throno, a larga cortina de velludo côr de vinho do docel que toma quasi todo o fundo, deixando ver a metade de duas columnas e um arco de porta, o velludo da almofada da corôa, e a vestimenta régia do principe, tudo ahi está feito com um cuidado incontesatvel e com sentimento notavel. Dom João está de pé, no meio do quadro, sobre o estrado do throno. O manto encarnado com as armas do reino bordadas a ouro, forrado de seda branca, cae de seus hombros, numa opulencia de curvas e debruça-se no chão garbosamente.

Elle tem o braço esquerdo curvado, a mão descansada nos copos do espadim; o direito estendido, segurando o pequeno sceptro, em cuja extremidade está um globo ôco. Esta parte assenta sobre a mesa da corôa, toda forrada de velludo vermelho escuro, franjado de ouro. E' uma obra bem concluida, porém sem verdade. O typo de Dom João VI não era aquelle, cujo olhar é dominante, cuja physionomia é altiva."

Ainda sobre a individualidade de Debret, o Dr. Affonso Taunay escreve:

"Muito mais brilhante foi, com effeito, a exposição do anno seguinte de 1830. Durou oito dias e attrahiu immensa concorrencia: As salas eram pequenas para conter tantos visitantes, assignalando a admiração publica diversos trabalhos de generos variados. Expoz Debret quatro quadros seus e o professor substituto, Simplicio Sodrigues de Sá a ella concorreu com differentes retratos, bustos em tamanho natural:



RETRATO DE JOSÉ CLEMENTE PEREIRA, PERTENCENTE Á SANTA CASA DE MISERICORDIA, PINTADO POR SOUSA LOBO, NATURAL DE CAMPOS, NASCIDO A 26 DE FEVEREIRO DE 1840

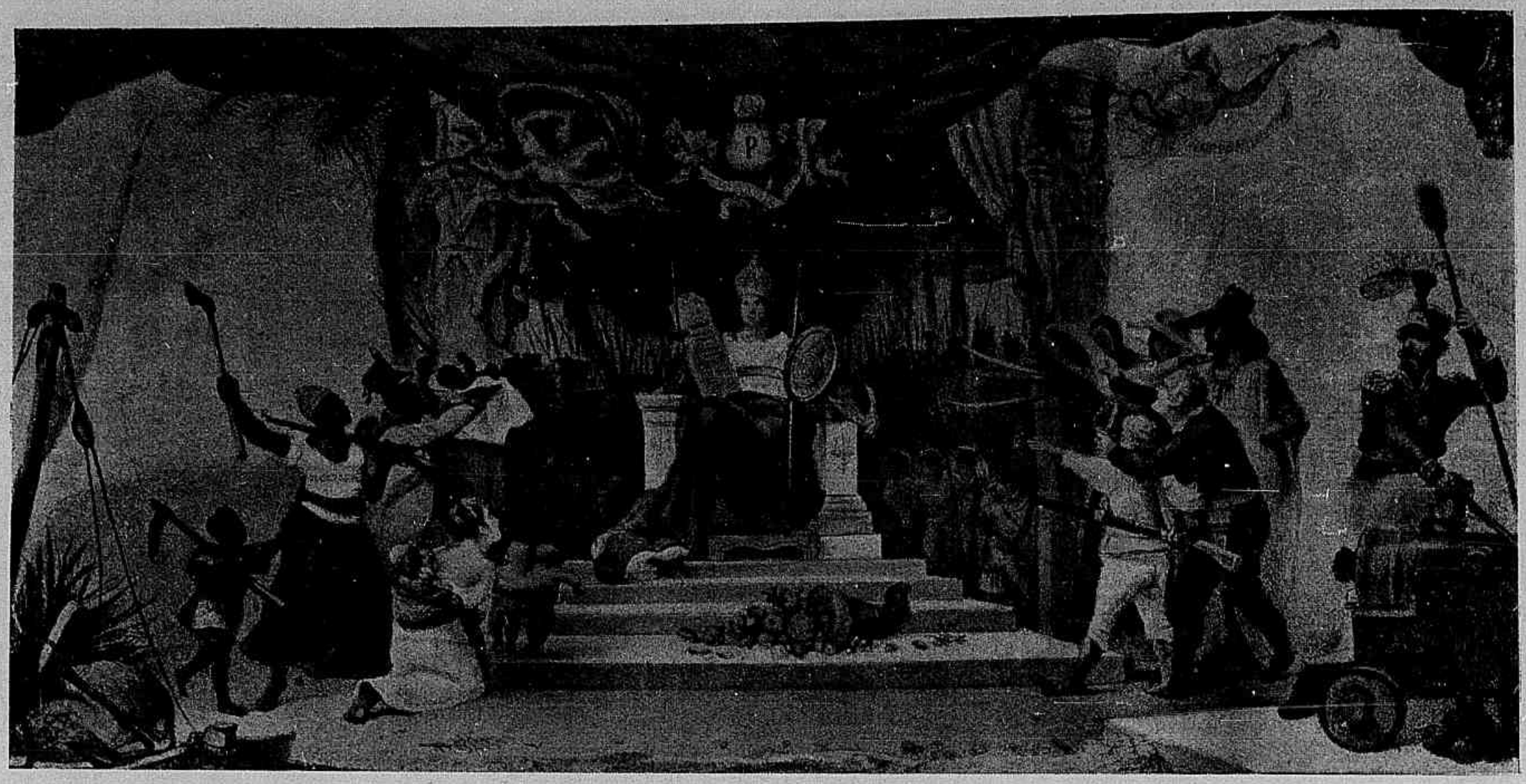
Entre os alumnos a emulação produzira os mais beneficos resultados. Porto Alegre enviou nada menos de treze quadros de historia, retratos, estudos da natureza; José da Silva Arruda, cinco telas; Souza Lobo, tres quadros e alguns esboços; Falcoz, oito; Domingos José Gonçalves de Magalhães, mais tarde o tão celebre Visconde de Araguaya, Antonio Pinheiro de Aguiar, Marcos José Pereira, José Corrêa de Lima, José Climaco, desenhos, pinturas, copias, esboços, estudos de anatomia: A aula de paisagem pela primeira vez fez-se notada pelos seus alumnos: Frederico Guilherme Briggs, Job Justino de Alcantara e Joaquim Lopes de Barros, que apresentaram doze estudos, copiados de quadros do profesor Felix Emilio Taunay; este por sua vez concorrera com diversos esboços e estudos pintados.

A classe de esculptura, aberta em Outubro de 1830, e dirigida por João Joaquim Allão, discipulo e successor de Augusto Taunay, pôde offerecer trabalhos de cinco alumnos, entre os quaes Porto Alegre. Os irmãos Ferrez, adjuntos do professor, expuzeram então os baixos relevos e os ornamentos da fachada do edificio da Escola, que Grandjean de Montigny ultimava. O curso de architectura deste artista illustre ficou tambem em real evidencia, graças á solida contribuição devida aos trabalhos de oito discipulos.

A exposição de 1830 foi o golpe de misericordia nos planos de Henrique José da Silva; em 1831, apenas conseguiu matricular na sua decantada aula de desenho um pacovio.

Fôra-lhe o ultimo baluarte a denegação de premios aos alumnos laureados nas exposições annuaes, sob o pretexto de que não estavam matriculados na Escola e fazendo o curso regular; vira completamente derrocadas estas pretenções.

Corriam tormentosos os annos; a guerra cisplatina, o desas-



PANNO DE BOCCA PINTADO POR J. B. DEBRET, PARA O ESPECTACULO DE GALA, NO IMPERIAL THEATRO S. PEDRO DE ALCANTARA, NO RIO DE JANEIRO, POR OCCASIÃO DOS FESTEJOS DA COROAÇÃO DE D. PEDRO I, EM 1822.

tre de nossos armas no Sul, a impopularidade de Dom Pedro I, as violencias partidarias preoccupavam por demais os espiritos para que a opinião publica se interessasse pelas coisas da Arte, num meio a ella muito refractario e mesmo hostil. Em todo caso, em fins de 1830, pôde a Academia occupar, embora ligeiramente, a attenção do Parlamento; foi o director intimado a apresentar um relatorio acerca das reclamações de cada um dos professores da Escola, que, cavilosamente, retinha em sua pasta, em vez de as remetter ao ministro. Logo depois, porém, surgia novo incidente desesperador para os valentes artistas que, com tanto denodo, resistiam a todas as tentativas de anniquilamento e, com a fé do carvoeiro, esperavam que o seu Instituto se convertesse numa realidade: ordenara o governo que se cedesse metade do edificio da Escola á Typographia Nacional, *provisoriamente*, dizia o aviso ministerial. Sabiam, porém, todos, o que valia este *provisorio*, bem lhe conheciam a latitude.

Esta transferencia foi o golpe de misericordia desfechado á paciencia e á tenacidade de Debret. Que ficava elle fazendo em tão inhospito e rude paiz para as coisas da Arte ? Decidiu pois, retirar-se do Brasil, definitivamente, tanto mais quanto a grave tormenta de 7 de Abril de 1831 ainda viera adiar o effeito da salutar medida tomada contra o director. Com effeito, só em 1832, é que se ia dar a reforma da Escola no sentido das suas reclamações, e as dos collegas.

Já porém, o pintor se não achava mais no Brasil. Em meados de 1831, sentindo-se cansado de tantas lutas, adoentado e enfraquecido, farto de pelejar tão ingloriamente, aliás satisfeito de haver subjugado o mesquinho e indecoroso adversario, e conscio de que prestára ao Brasil os mais relevantes serviços, pelo apostolado artistico exercido no Rio de Janeiro, durante quinze annos, regressa á patria, embarcando, a 25 de Julho, num navio de guerra francez *La Durance,* que a bordo trazia o almirante Grivel. Sentia-se saudoso, quanto possivel, da familia, sobretudo do unico irmão, architecto de nomeada, Francisco Debret, membro do Instituto de França, a quem Luiz XVIII dera a incumbencia de restaurar a basilica de S. Diniz, devastada pelo furor revolucionario que ali profanara as sepulturas reaes.

Em 1830, reconhecendo os serviços prestados á Arte e á França por João Baptista Debret, nomeara-o a Academia das Bellas Artes do Instituto de França seu membro correspondente. Muito o commoveu o carinhoso acolhimento que todos lhe fizeram e ao discipulo predilceto que trouxera do Brasil, Manoel de Araujo Porto Alegre, o futuro Barão de Santo Angelo, a quem dedicava paternal affecto e a quem matriculou entre os discipulos de Gros.

. . . . . .

A producção de João Baptista Debret, durante a sua estadia no Rio de Janeiro, foi numerosa; na obra do Dr. Affonso Taunay vamos encontrar a prova evidente:

"Deixára J. B. Debret, no Brasil grande numero de telas historicas: *A grande revista da Praia Grande em presença da Côrte, Embarque de tropas para Montevidéu,* quadros de cavallete, pertencentes a D. Pedro I; *O desembarque da Archiduqueza Leopoldina no Rio de Janeiro, A acclamação de D. Pedro I, A ceremonia do casamento de D. Pedro I com a Princeza Amelia de Leuchtenberg, A acclamação de D. João VI,* os retratos em tamanho natural de D. João VI, em trajos majestaticos, e de D. Pedro, principe real; da Rainha D. Carlota Joaquina e da Imperatriz D. Leopoldina, um ex-voto allegorico, representando o restabelecimento da Ordem da Conceição, sob o patrocinio de Nossa Senhora, pelo Rei D. João VI; como pinturas muraes o tecto da sala da Congregação da Academia de Bellas Artes, uma parte das frisas de uma galeria situada no Thesouro Real, obra abandonada por motivo do regresso da Côrte a Lisboa.

Ainda executara, no Brasil, uma allegoria relativa ao segundo casamento do Imperador D. Pedro I, outra sobre a *Flora Fluminensis,* de Fr José da Conceição Velloso e uma terceira commemorativa da fundação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Fôra tambem quem imaginára e desenhára a bandeira nacional e as insignias da Ordem do Cruzeiro. Além disso, scenographo do Real Theatro São João, durante sete annos, como atraz dissemos, pintára numerosos scenarios e um grande panno de bocca, feito para a representação de gala dada por occasião do casamento de Dom Pedro I, e consumido no incendio do theatro, a 25 de Março de 1824.

Levára para a França o material, tão avultado quanto precioso, que o habilitou a escrever a sua famosa e monumental obra



SAGRAÇÃO DE D. PEDRO I, DESENHO DE DEBRET

Voyage pittoresque et historique au Brésil ou *Sejour d'un artiste français au Brésil*, dedicada á Academia das Bellas Artes do Instituto de França, *in folio*, com tres volumes, 508 paginas de texto e 156 estampas, muitas das quaes gravadas por Pradier e todas lithographadas no estabelecimento de Thierry Fréres, successores de Engelman, o inventor da lithographia.

Não ha quem desconheça o grande valor desta obra, repertorio inegualavel, quadro fiel, quanto possivel, dos costumes nacionaes do periodo obscuro dos primeiros annos do Brasil imperio, tão mal documentado, quanto á imaginaria. Em numerosas pranchas teve Debret como collaboradora a Viscondessa de Portes, habil desenhista. O primeiro volume publicado em 1834, refere-se exclusivamente aos aborigenes brasileiros, acerca dos quaes fez o autor trinta e seis estampas em que lhes representa os costumes, armas, utensilios, ornatos, etc.; o segundo tomo, datando de 1835, é a pintura e descripção da sociedade brasileira, quarenta e oito estampas preciosissimas, graças ás quaes podemos reconstituir perfeitamente o meio fluminense tão pittoresco, de principios do seculo XIX, abrangendo todas as manifestações da vida domestica e social. No terceiro volume, vindo á luz, em 1839, consagrado á historia politica e religiosa e ao estudo das Bellas Artes, ha ainda numerosas estampas referentes a particularidades de costumes fluminenses; a estas ajuntou Debret a reproducção dos seus quadros, desenhos de diversas ceremonias e acontecimentos notaveis, retratos da familia imperial, e de diversos personagens illustres, a representação de trajos de gala, insignias majestaticas e honorificas, vistas tomadas de differentes pontos do Rio de Janeiro, imagens de frutas e flores brasileiras, plantas architectonicas, etc., etc.

O texto é sempre interessante, embora contenha diversos deslises sérios e, frequentemente, falsas apreciações acerca de factos e acontecimentos.

Quer parecer-nos que Debret, escrevendo em época já afastada dos successos que relatara, recorreu muitas vezes — e unicamente — á memoria.

Revela-lhe o desataviado tom, o espirito recto e bondoso que lhe dictava a verdade pura e simples, a narração singela dos factos, como os apreciara ou conhecera por intermedio de pessoas em quem depositava confiança inteira.



DESEMBARQUE DA IMPERATRIZ D. LEOPOLDINA, QUADRO PERTENCENTE Á GALERIA DA ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES, PINTADO POR DEBRET

Não ha obra que se compare ao *Voyage pittoresque et historique au Brésil* para o estudo da região fluminense, ao começar o seculo 19, recheada de documentos humanos da maxima valia. A posteridade lembrará eternamente João Baptista Debret como um benemerito do Brasil.

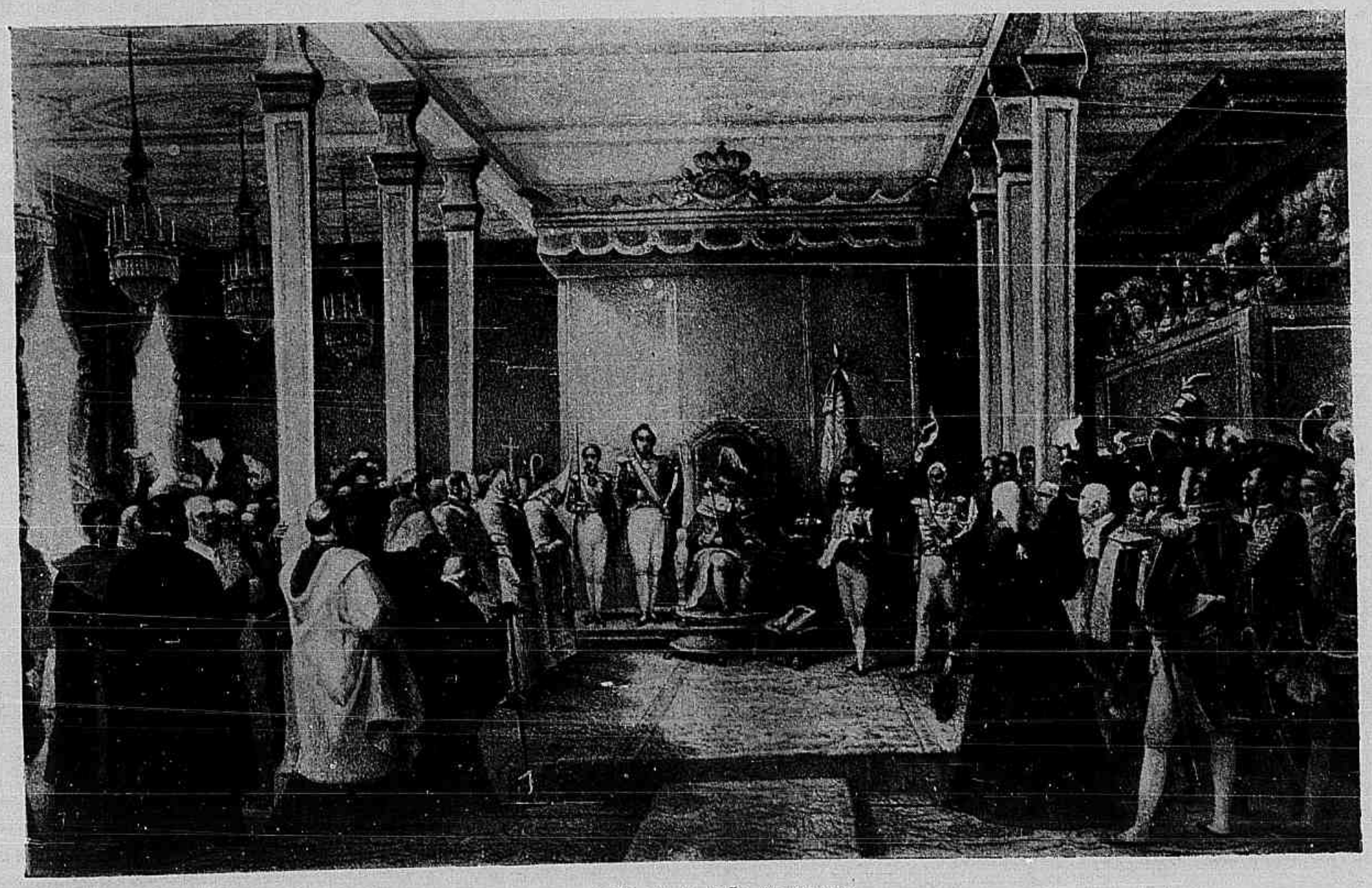
Além desta grande obra ainda escreveu elle, sob o titulo de *Cartas do Brasil*, notas muito pormenorisadas acerca dos acontecimentos que presenciára durante a estada no Rio e que julgamos nunca haverem sido reunidas em volume.

Ainda como écos da sua obstinada campanha contra Silva, chegaram a Debret, já em Paris, a noticia da nomeação de Felix Emilio Taunay, para o cargo de secretario da Academia de Bellas Artes, imposta ao Director em fins de 1831 e a reorganização dos cursos, pela lei de 30 de Dezembro de 1831. O padre Soyé, o dedicado auxiliar na campanha de odio e diffamação contra os artistas francezes, o parasitario e mediocre poeta cortezão, que vivia, eterno bohemio, a mendigar a hospedagem dos grandes, desde algum tempo estava paralytico, delle tratando um negro, sua companhia unica. Abandonando-o este escravo, morreu o misero de fome. A 12 de Novembro, acharam-lhe o cadaver, já putefracto, num immundo pardieiro, rodeado de gallinhas e guardado á vista por esqueletico cavallo, relata-nos Debret.

João Baptista Debret era membro correspondente do Instituto de França, pelos serviços prestados ás artes. Era tambem membro do Instituto Geographico Brasileiro; falleceu a 28 de Julho de 1848, aos oitenta annos de deade.

Pelo seu valor merece a veneração de quantos amam verdadeiramente as coisas de arte.

Mandava a lei de 30 de Dezembro que vigorassem "in totum" o programma elaborado pelos mestres francezes, em 1827. Era o golpe de morte nas inacreditaveis pretenções de Silva; infelizmente doze annos se haviam escoado em vão, nessa guerra ingloria.



ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO VI NO RIO.



"TARDE", QUADRO DE ARGEMIRO CUNHA (AUGUSTO PEREIRA DA) PERTENCENTE Á GALERIA SERGIO SILVA, PREMIADO COM A GRANDE MEDALHA DE PRATA, NO SALÃO DE BELLAS ARTES — RIO DE JANEIRO.

Nas edições de Outubro, Novembro e Dezembro, desta revista, continuaremos a publicação da historia da pintura no Brasil. Os quadros que illustram o texto não seguem ordem de data, sendo escolhidos, em cada numero, os que mais favorecerem a paginação, entre antigos e modernos. Nisto, aliás, entra o acaso, com a sua risonha sabedoria...

As telas de épocas differentes dão ao nosso trabalho um interesse maior. Emquanto as palavras contam dos velhos dias, dos artistas idos, dos primeiros ensaios dos pintores, no Rio de Janeiro, as trichromias demonstram os progressos attingidos, em cem annos... Os pintores mudaram... Entretanto, a grande transformação, foi a do publico... Ha um seculo, quem se interessava por obras de pintura, aqui, além de alguns entes menos agrestes da Côrte? Hoje, as exposições preoccupam uma parte numerosa da população carioca. As mostras annuaes, da Escola N. de Bellas Artes, sempre revelam novos talentos. E é até a pintura a unica arte que se pode ufanar de possuir no Brasil caracteristicos proprios, apezar dos multiplos reflexos fataes em tudo que se tenta, materialmente ou intellectualmente, nos paizes ainda em plena juventude...



"CREPUSCULO", QUADRO DE EDGARD PARREIRAS, NATURAL DO ESTADO DO RIO, PREMIADO COM A GRANDE MEDALHA DE PRATA, NO SALÃO DE BELLAS ARTES — RIO

CANNING

POR

M. PAULO FILHO

O povo brasileiro póde orgulhar-se de ter sido, no continente americano, o primeiro a pensar e agir por amor de sua Independencia politica. Colonisado por processos economicos que jámais honraram a sabedoria, o tino e as excellencias da Metropole, — que do Brasil se havia apossado e o explorava como se fosse uma immensa e verdadeira fazenda, — o opulento territorio demarcado pela Santa Igreja Romana tivera perto de tres seculos os seus portos fechados ao commercio do mundo.

Basta citar-se este exemplo, para se ter uma idéa, sem pretenções a affirmar dogmaticamente, do que foi essa colonisação sob o ponto de vista utilitario. A dynastia portugueza tinha medo da concorrencia estrangeira e como com ella não era capaz de medir-se, trancara a capacidade productora do povo dominado ao intercambio da Europa e do resto da propria America. Demais, a ambição, a cubiça e o egoismo dos reis de Bragança, que eram tanto mais interesseiros quanto pusillanimes, não lhes permittiam ver até que ponto a Corôa beneficiaria os seus subditos de cá, dando-lhes reformas que os engrandecessem mesmo sem a autonomia politica, consequencia logica das castas fortes e poderosas.

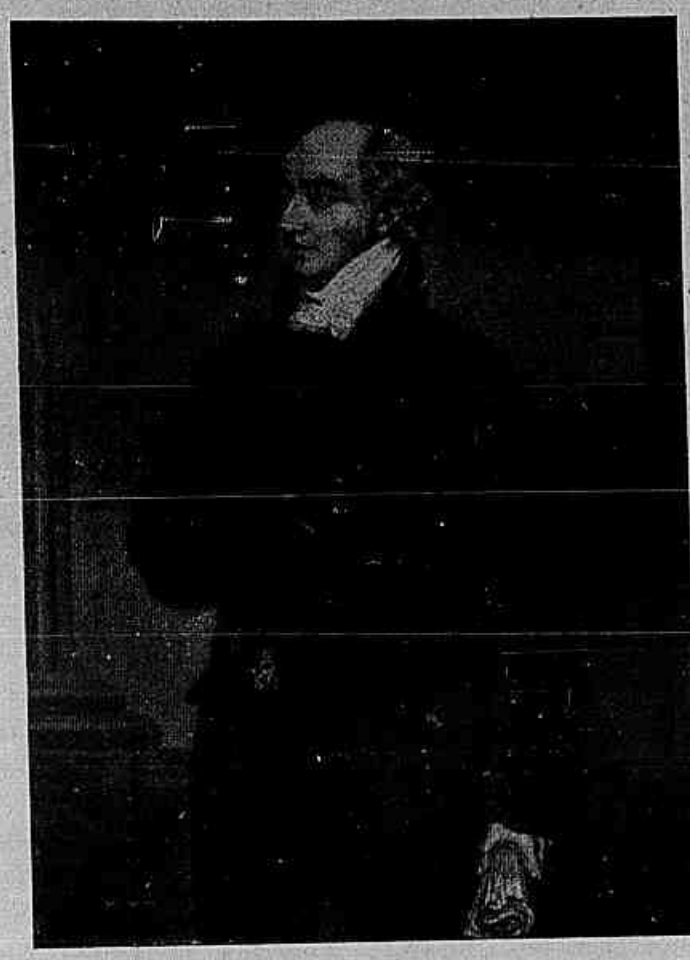
A prioridade do Brasil na idéa emancipação, em toda a America, eu tenho que foi devida, senão em todo, ao menos em parte muito consideravel, a esse estado de cousas. A situação differia sensivelmente dos norte americanos, cuja questão se resumiu, afinal, num controvertido problema de ordem tributaria, embora revestindo o aspecto de denegação de um velho direito, que os filhos e netos dos aristocratas expulsos da Irlanda consideravam já um complemento da propria liberdade, qual o de não pagar impostos quem os não houvesse votado, e cuja violação determinou o movimento libertador. A nossa Independencia obedeceu a outros methodos Ella teve o seu caracter proprio. Podemos achar-lhe os rastos ou apanhal-a em flagrante no Maranhão, com Bequimão, ahi pelo limiar de 1684: com os Pernambucanos, duas vezes, em 1710 e, mais tarde, com Bernardo Vieira de Mello, em 1817; com a Inconfidencia Mineira, que é, aliás, uma das paginas mais lamentaveis do liberatismo da época, em 1789, quando Villa Rica se sujeitou ao triste papel de ser theatro de uma derrocada de caracteres, e até com os Paulistas mais remotos, em 1641, se Amador Bueno fôr examinado fóra das lendas creadas em torno desse nome.

Assim, vindo a formar-se gradativamente, a nossa emancipação teve, nos ultimos cincoenta annos do ambiente morno em que apodreceu a influencia colonial, o proprio concurso do governo bragantino.

A principio, o regimen oppressor da politica lusitana não fazia mais do que accumular odios, que um dia explodiriam. A punição de todo aquelle que ousava sonhar a maioridade nacional, verificando-se pelos systemas mais ferozes e infamantes, — degredo perpetuo na Africa, confisco, forca e esquartejamento na praça publica, — contribuia para cimentar na alma das gerações, que succediam ás posteriores, sempre mais cultas e mais avançadas do que as anteriores, a convicção de que era preciso sacudir a tutella de Lisboa. Depois, já no fim, quando tinhamos a Independencia de facto pelo saneamento intellectual das massas curadas de suas superstições, a transferencia da Côrte de D. João VI, corrido da Metropole pelas bayonetas francezas, e a installação, primeiro na Bahia, depois aqui, do supremo governo de Portugal, foi que se preparou o advento da Independencia de direito.

Quasi que não houve luta para o estabelecimento definitivo da separação entre o Brasil e as antigas côrtes de além-mar. Luta houve, sim, mas diplomatica, nos gabinetes do Rio, de Bemposta, de Londres, de Madrid, de Vienna, de Paris, de Washington e de São Petersburgo. Foi essa a verdadeira guerra com que tivemos de solidificar a conquista da nossa liberdade proclamada com tamanha emphase, ás margens do Ypiranga, pelo então Principe Regente D. Pedro, mais tarde Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil. Essa luta durou tres annos, de 1822 a 1825, e parecendo interminavel pelo espaço de tempo que ella tomou, foi, no emtanto, rapida se a compararmos ás que tiveram de sustentar os Estados Unidos, batalhando oito annos para arrancar os seus destinos á soberania britannica, o Mexico, demandando doze e a Nova Granada, que se redimindo em 1819, só em 1845 logrou o seu reconhecimento pela Hespanha.

Ha dois factores notaveis na collaboração do reconhecimento da Independencia do Brasil: o enfraquecimento da Santa Alliança, que começa justamente a perder do seu primitivo prestigio nessa occasião e a volta ao poder de George Canning, o grande Secretario de Estado dos Negocios da Inglaterra no reinado de Jorge IV, cuja politica liberal teve a gloriosa virtude de arrancar a sua patria ao conchavo reaccionario de um grupo de principes absolutos e de estadistas ultramontanos congregados sob a presidencia honoraria de Alexandre I, czar da Russia, mas dirigido effectivamente por Metternich, o terrivel chanceller austriaco. Canning tinha nas suas tradições a advocacia officiosa da causa latino-americana. Elle mesmo se definira, não sem uma certa vaidade, nos seus maravilhosos discursos, que tanto persuadiam a Lord Liverpool, Primeiro do Gabinete ao qual servia, mas com uma absoluta segurança da verdade, *que, para corrigir as desigualdades da Europa, puzera as suas vistas na America, e chamara um novo mundo á existencia para estabelecer o contrapeso ao antigo.*



GEORGE CANNING, DE UMA TÉLA DE STEWARDSON

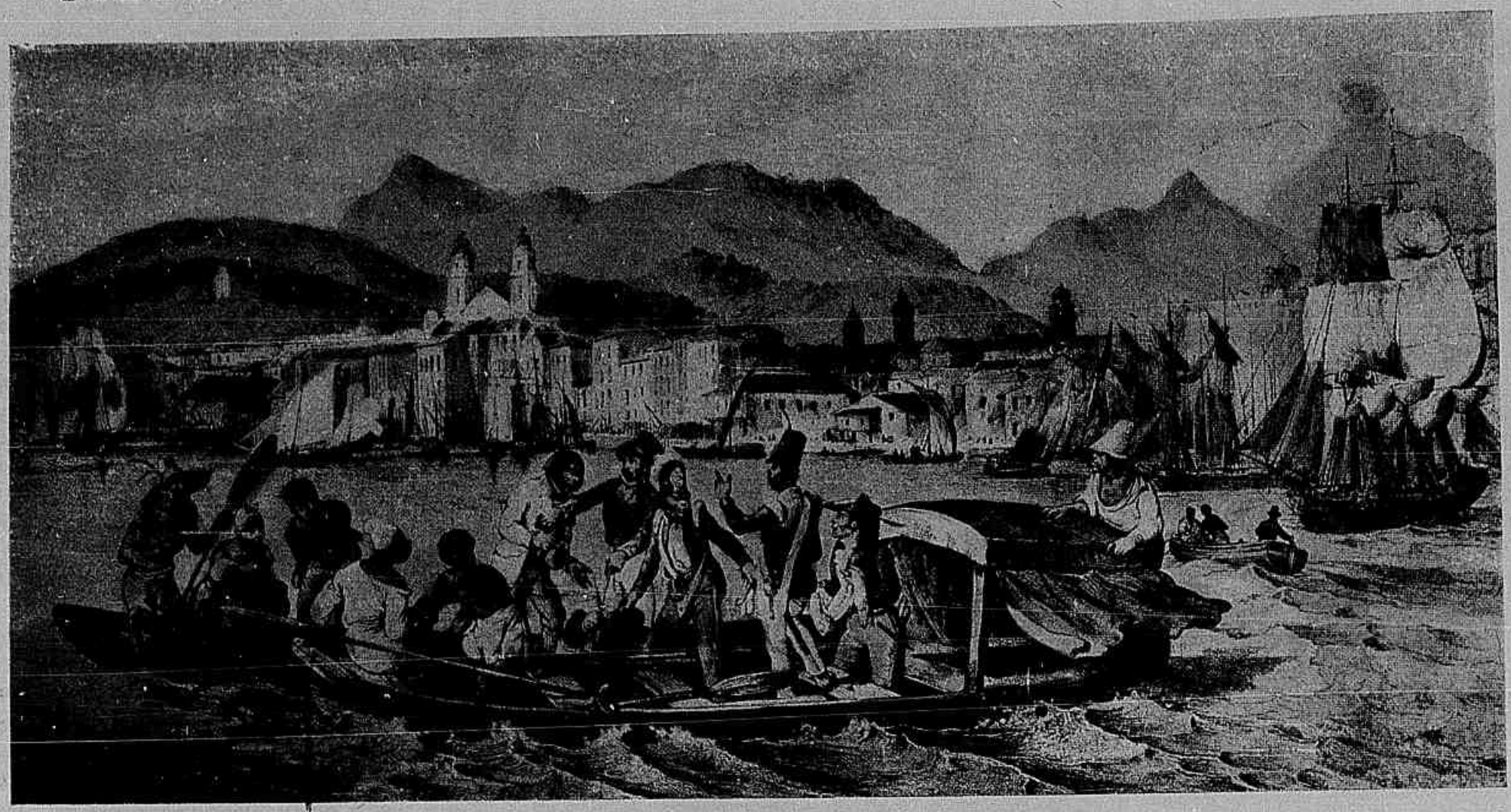
Eu não examino os moveis intimos que dictaram a directriz da politica desse grande e nobre estadista. Eu não procuro saber se elle se utilisava do Brasil e de Portugal, humilhando o segundo com as suas accentuadas sympathias pelo outro, para desfeitear a Santa Alliança e abater a influencia de Vienna, que deslocava para Londres, terçando armas com as demais chancellarias, nem indago se o que elle sonhou e realisou foi mesmo firmar nos mercados latino-americanos, — e se os nossos sobrepujam quaesquer outros, a supremacia ingleza, já a esse tempo inquieta para se refazer commercialmente dos enormes prejuizos que lhe havia imposto o flagello napoleonico. Fossem quaes fossem as suas intenções occultas, tenho para mim que Canning representou, na historia nacional, de 1822 a 1825, o mais alto e glorioso papel que um estrangeiro poderia desempenhar em tão attribulada phase do nosso passado.

Dotado de uma incomparavel intelligencia, que elle sabia alliar a uma indefectivel tenacidade, senhor de uma cultura rara entre os seus contemporaneos, esse Inglez benemerito era, no fundo, um romantico, um idealista, um puro homem de letras absorvido tambem pelas torturas da perfeição da Forma. No decorrer das longas conversações, em Saint James, que elle teve de assistir ou presidir, deante de Gameiro Pessôa e Felisberto Caldeira Brant, delegados brasileiros, de Villa Real, ministro portuguez, do barão de Neumann, embaixador austriaco, e do principe Esterhazy, o seu perfil não se modifica. O embaixador Lieven, da Russia, chegara a fgar-se com Wellington, Eldon, Westmorland e outros inimigos do estadista liberal, para fazel-o cahir das boas graças do Rei, e houve mesmo um momento em que Jorge IV formulou, por escripto, aos seus conselheiros e confidentes, a pergunta: se a Grã-Bretanha havia revogado a politica a que adherira no Congresso de Vienna, isto é, a politica conservadora de Lord Castlereagh, antecessor de Canning no Foreingh Office?

O Secretario de Estado, porém, não era homem que recusasse. Consciente do seu papel e do seu valor, ameaça o Gabinete com a sua demissão, e como este não quizesse ou não pudesse prescindir dos seus serviços, responde, com a annuencia do proprio Rei, ás potencias que, no seu entender "as medidas em andamento com relação á America Hespanhola não eram por forma alguma inconsistentes com os compromissos tomados por Sua Magestade com os seus alliados, já sendo irrevogaveis taes medidas, e achando-se empenhadas, em todas suas necessarias consequencias, a fé e a honra da Nação."

O reconhecimento da America Latina começou a ser assim uma realidade trabalhosa. E' verdade que Canning teve momentos de vacillações quanto ao Brasil, mas isto, em vez de marear o brilho da sua immorredoura obra aos nossos olhos, mais ainda lhe agiganta o vulto de homem sincero e coherente comsigo mesmo, apegado ás suas convicções e aos seus principios, como o sacerdote hindú ao seu feticha budha. Canning, na solicitude e no fervor com que encaminhava as negociações para o reconhecimento da Independencia, apresentando, até, o projecto de Tratado a este respeito, não se esquecia, entretanto, a fidelidade que a Inglaterra devia manter com Portugal, seu velho associado de varios seculos e que, annos antes, tão estupenda prova de solidariedade e de sacrificio dera, repellindo o Bloqueio Continental de Bonaparte, decretado em Berlim, para ficar ao lado da sua amiga do outro lado da Mancha. Tambem não podia transigir com um povo que queria emancipar-se, manchando o advento da sua liberdade com a continuação do trafico africano á sombra de leis protectoras. E impunha condições, que desconcertaram Gameiro e Caldeira Brant.

Encarando com uma resolução, que lhe vinha do proprio instincto, esse problema sombrio, o notavel politico fôra até o extremo de assegurar que reconheceria sem demora o Imperio Brasileiro e afiançaria a sua integri-



CAES DOS MINEIROS EM 1822

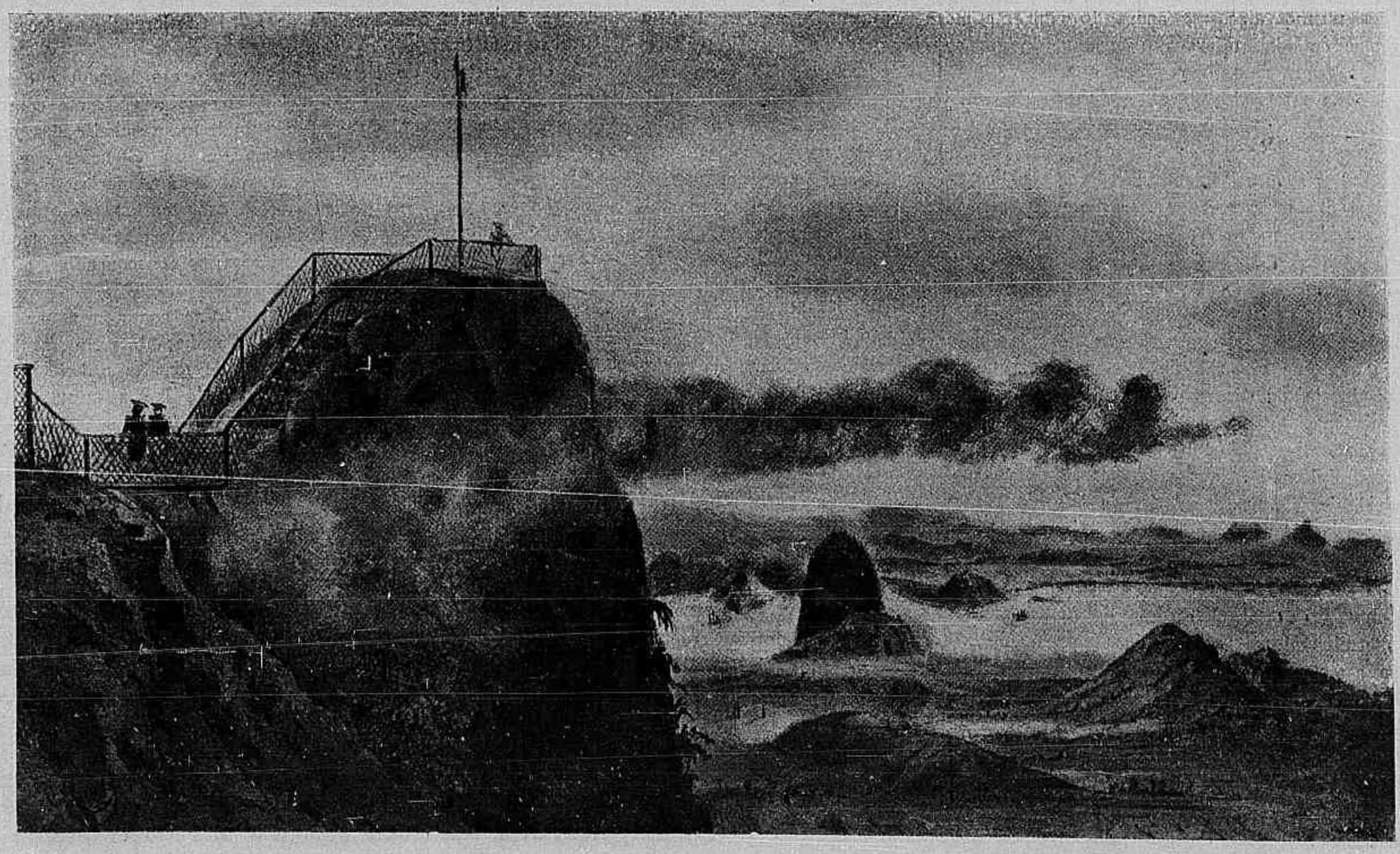
DESENHO DO NATURAL, DE RUGENDAS.

dade, se a escravidão fosse completamente abolida. A Lord Amberst, em missão de governador geral para a India, tocando no Rio de Janeiro, em Fevereiro de 1823, Canning incumbiu de dizer a D. Pedro I e aos Andradas *que uma Nação independente não poderia decentemente preservar uma instituição que só era toleravel numa colonia, campo de cultivo e commercio, sem a dignidade de uma potencia soberana, nem as responsabilidades da defesa da sua integridade territorial.*

O estadista inglez considerava que o Brasil, insistindo na vergonha que lhe legára a praxe colonial, permaneceria isolado, *como uma vasta mancha negra,* no resto do continente latino. Repugnava á amizade britannica e elle impunha o pesado sacrificio. José Bonifacio, cujas tendencias abolicionistas eram manifestas, receou, entretanto, collimar tão nobre iniciativa. O chamado Patriarcha recuou ante o espectro de uma grave perturbação na vida economica do paiz, que, talvez, criasse raizes e viesse a pôr em perigo a propria existencia do regimen inaugurado. Mas, a obcessão de Canning, a sua vocação de sentinella da liberdade, fosse lá em que situação fosse, achou um geito de obrigar o Ministerio do Rio de Janeiro á uma diminuição gradual e progressiva do numero de escravos trazidos das plagas africanas, com o que D. Pedro o distrahiu, acenando-lhe com a possibilidade de assim extinguir-se o borrão nefando.

Collocados rosto a rosto, não sei como se deu á José Bonifacio o exclusivismo de ter sido elle o unico Patriarcha da Independencia Brasileira. Prefiro George Canning, com a sua sinceridade e o seu desassombro, com as suas immensas responsabilidades de um dos *leaders* da Europa, dando a mão ao Brasil, á meio lendaria figura de quem, como o mais illustre dos Andradas, primeiro, foi abertamente antipathico á causa da libertação e, depois, despeitado com o Imperador, tornou-se o chefe ostensivo da restauração. Canning, pelo contrario, segue uma só linha de conducta, pontilhada, é verdade, de subtilezas diplomaticas. Elle é o genio bemfazejo a serviço do povo joven que reclama a sua maioridade. Elle é o agente dissolvente da Santa Alliança dos Reis contra os Povos, o reagente decidido que levanta na sua chancellaria a flammula de combate ás corôas absolutas. A sua privilegiada intellectualidade tinha facetas luminosas e brilhava como um diamante raro: amava á justiça, por amor da justiça; servia á liberdade, por amor da liberdade.

Morrendo aos 57 annos de idade, sem ter a fortuna de attingir ao fim da mais gloriosa carreira politica que a um homem o destino póde reservar, esse extraordinario diplomata de acção foi como uma força viva do Cosmos, qualquer cousa de sobrenatural enviado pela Providencia Divina. O seu nome está eternamente ligado á nossa Historia e é no cumprimento do mais sagrado de todos os deveres, o dever da gratidão, que, na hora que passa, o seu nome seja invocado como um dos mais illustres e dos mais dignos de emmoldurar o quadro deslumbrante do Centenario que commemoramos, sob o testemunho do mundo civilisado.



VISTA TOMADA DO ALTO DO CORCOVADO

DE UMA LITOGRAPHIA FEITA EM 1822, POR E. B. DE LA TOUANNE.

Carmen saeculare

BRASILIÆ ALMÆ ET MAGNÆ AD CENTESIMUM LIBERTATIS ANNUM FERE PERDUCTÆ — AUCTORE LUDOVICO MENDESIO DE AQUILARIIS, IN GYMNASIO PETRI II PROFESSORE, NECNON ARCADUM ACADEMIÆ APUD ROMANOS PASTORE.

I

Alma Regina, ó Genitrix Tonantis,
Cœlitum pignus columenque mundi,
BRASILI genti pia quæ precamur
Annue vota !...

II

O dies felix celebranda nobis,
Qua, Petri voces IPIRANGA sumpsit;
Fluminis ripæ repetunt ad auras
BRASILIENSES !...

III

Quæque LIBERTAS Petrus inquit AUT MORS,
Verba adhuc clamat IPIRANGA flumen;
Sintque venturis memoranda grato
Pectore sæc'lis.

IV

Virgines lectæ juvenesque puri,
Luce bis Libræ superante nonas,
Sæculo carmen celebrent peracto
Juris adepti.

V

Nil mori dignum sinis, alma tellus,
Namque nil clarum pateris perire;
Posteris servas monumenta Regis
Condita fastis.

VI

Provehas, Mater, sobolem; Deique
Ne Patrum leges sacra jura turbent.
Quæ Dei Deus; teneatque jura
Quæ sua Cæsar.

VII

Jura nuptris super æqua cerne,
Audeat ne quis temerare partus;
Barbaros mores sobolis vetandæ
Rejice ab oris!...

VIII

Virgines serva puerosque castos;
Matribus pestem remove pudicis,
Ne toros sacra violent remissa
Lege marita!...

IX

Moribus noster populusque avitis,
Cæteris spretis, fere glorietur;
Posteris tradat memor exoriri
Gente Latina;

X

Qua, Cato sanctos tenuisse mores,
Quaque Lucretiæ manus ulta probrum,
Virgines quaque eripuisse vinc'lis
Clælia fertur;

XI

Qua, sua en Auctor rapit, ut pudori
Consulat natæ, sibi cariorem,
— Liberæ si esset licitum ac pudicæ
Vivere — vitam;

XII

Dona, qua, Eois quasi parta ab Indis,
Mater ostendit pretiosa Gracchos;
Qua, Fides, Virtus, Pudor Urbi et Orbi
Jussa dedêre.

XIII

Qua Fides leges colimus sacratas,
Excidat nusquam; cohibe labores
Impiæ gentis; pede sub pudico
Contere monstra!...

XIV

Si quid at nostris minimeque juvit
Usibus cœlum, remove benigna;
Grata centenos celebrare possint
Corda per annos!

XV

Dives armentum segetumque tellus
Te piis votis cumulet Patronam;
Sintque fontani latices salubres
Mitis et aura.

XVI

Indolem rectam docili Juventæ
Conferes, lassis senibus quietem,
BRASILI genti sobolemque opesque
Nomen et amplum!...

XVII

Alma CRUX, fulgens decue inter astra,
Quam vides terra nihil, Orbe, majus
Cuncta per totum valeant Olympum
Signa videre!...

XVIII

Aer et discat, animique nostri
Qui tulit sensus, geminare laudes;
Semper occurrant BRASILI decoro
Carmina vatum!...

XIX

Nunc per excelsos properans triumphos,
BRASILIS fronti diadema ponit;
En salutatum veniuntque gentes
Finibus Orbis!...

Flumini Januarii, VIIc idus Septembris, A. D. MCMXXI.

LUIZ MENDES DE AGUIAR.

(*Agesandro Termidéu* entre os Pastores da Arcadia Romana).

CARME SECULAR

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA

I

Alma Rainha, ó Genitriz do Eterno,
Penhor dos céus e sustentac'lo ao mundo,
Feitos em pról da BRASILEIRA GENTE,
Annúe aos votos!...

II

Dia feliz, que celebrar devemos,
Em que o YPIRANGA a vóz de Pedro ouviu;
Do Rio as margens eis repetem écos
A's auras patrias!...

III

Inda murmuram do Ypiranga as aguas
De Pedro o brado INDEPENDENCIA ou MORTE;
De animo grato o rememorem sempre
Sec'los futuros.

IV

Virgens eleitas, puritanos jovens,
Da Libra um biduo superando as nonas,
Carmes entôem, evolvido o seculo
Da Liberdade.

V

Ao digno salvas, ó fecundo céspede,
E ao que é preclaro perecer não soffres;
Para os vindouros o clamor do Principe
Guardas na Historia.

VI

O' Mãe, resguarda a geração; direitos
A Deus não tolham do Congresso as leis.
O que é de Deus a Deus se dê: e a Cesar
O que é de Cesar.

VII

Leis que consagrem os consorcios firma,
Que ninguem ouse desfazer os partos;
Barbaros meios de evitar a prole
Da Patria exila!...

VIII

Guarda as donzellas em pureza e os moços;
Das mães pudicas a ruina afasta;
Que os tóros honrem respeitando os dogmas
Do matrimonio!...

IX

E o nosso povo se glorie em largo,
Longe as demais, das tradições avoengas;
Mostre aos futuros que provém da nobre
Raça Latina;

X

Onde Catão é da virtude o exemplo,
Onde á Lucrecia vinga o braço a affronta,
Onde as donzellas arrancara aos ferros
Clelia, a heroina;

XI

Onde um pae mata, por mantêl-a pura,
A propria filha, cuja vida lhe era
Melhor que a sua, si viver lograsse
Livre e pudica;

XII

Onde dos Gracchos, como si das Indias,
A mãe os mostra preciosas joias;
Onde o Valor, o Brio, e a Fé leis deram
A Roma e ao mundo.

XIII

Jámais se apague a nossa Fé sagrada
Da impia gente oh! amortalha os estos.
Cuidosa pisa com as pudicas plantas
Tamanhos monstros!

XIV

De usanças nossas não prazendo alguma
A's leis do céu vem remover benigna;
Que peitos gratos te celebrem sempre
Nos centenarios!

XV

Rico em rebanhos, de ceifados pingue,
Queira o BRASIL a Padroeira alçar-te;
Sejam-lhe sempre os mananciaes salubres
E os ares puros.

XVI

Indole recta á Juventude outorga,
Aos debeis velhos um lazer tranquillo,
E aos BRASILEIROS geração, riquezas
E amplo renome!

XVII

Almo CRUZEIRO, gloria entre os mais astros,
Que em todo o Olympo os accendidos lumes
Terra não possam ver maior no orbe
Que a que illuminas!...

XVIII

E o Ar que anima do viver os turnos
Comnosco applauda coirmanando as lôas;
Ah! cantem sempre esse BRASIL tão bello
Os seus poetas!...

XIX

E hoje que excelsos a alcançar triumphos
Um diadema se lhe appõe á fronte,
Eis que ao BRASIL vêm applaudir os povos
Dos fins da Terra!...

Padre *DR. FELICIO MAGALDI.*
Parocho de Campo Grande.

CARMEN SECULAR

TRADUCÇÃO CASTELHANA

Alma reina, loh Madre del Eterno!
Prenda del cielo y gran sostén del mundo;
Con tu favor recibe votos hechos
Por el Brasil.

Día feliz, que celebrar debemos,
En que Pedro cerca del Ipiranga
El grito alzó que luego recorrió
Todo el país.

Murmura aún del Ipiranga el agua
De Pedro el grito !Independencia o Muerte!;
Que gratamente siempre lo acuerden
Siglos futuros.

Jóvenes puros, vírgenes selectas,
En el séptimo día de Septiembre,
Cármenes canten, acabado el siglo
De Libertad.

Al digno salvas, loh fecundo césped!,
Y al que es preclaro perecer no sufres;
En tus anales del heroico rey
Guarda los hechos.

Madre, resguarda tu prole; derechos
A Dios no quiten del Congreso leyes;
Lo que es de Dios a Dios se dé y a César
Lo que es de César.

Leyes decreta que el consorcio honren;
Que nadie ose deshacer los partos;
Bárbaros medios de evitar la prole
De aquí aleja.

Guarda en pureza jóvenes y niños;
De las madres pudicas sé la guarda.
Honren ellas los tálamos y el dogma
Del matrimonio.

Y nuestro pueblo tenga siempre en gloria
Sus tradiciones sin tomar ajenas,
Muestre al futuro venir de la noble
Raza latina;

Donde Catón ejemplo es de virtud,
Donde Lucrecia venga sus afrentas,
Donde doncellas a hierros arranca
La brava Clelia;

Donde un padre, por mantenerla pura,
Mata la hija cuya vida le era
Preciosa mucho, si vivir pudiera
Libre y pudica;

Donde la madre de los Gracos muestra
Los hijos como joyas preciosas;
Donde Fé, Valor, Brío dieron leyes
A Roma y al Mundo.

Jamás se extinga nuestra Fé sagrada;
Amortaja el ardor de los impíos.
Cuidosa pisa con pudicas plantas
Tamaños monstruos.

S' al cielo usanza nuestra no placiere,
Benigna ven de pronto a removerla;
Los corazones gratos te celebren
De siglo en siglo.

Rico en rebaños y de mieses lleno,
Quiera el Brasil tomarte por patrona.
Sean siempre sus fuentes saludables
Y su aire puro.

Ir dole recta da a la Juventud;
A la vejez da plácido reposo;
A nuestro pueblo descendencia, bienes
Y alto renombre.

Almo Crucero, gloria entre los astros,
Que en todo el cielo tus claras estrellas
Tierra mayor no vean en el orbe
Que la que alumbras.

Y el aire, que nuestro vivir anima,
Añada sus loores a los nuestros;
¡Ah! canten siempre este Brasil tan bello
Sus grandes vates.

Y hoy que en medio de excelsos triunfos
Un diadema se pone a la frente,
¡Ea! vienen las gentes al Brasil
A saludarlo!

ANTENOR NASCENTES.

CARME SECOLARE

(TRADUCÇÃO ITALIANA)

Madre di Dio, dai Regni almi ridenti,
Pegno del Cielo, che il mondo sostieni,
Per Te ricevan del Brasil le genti
Dei nostri voti i beni.

Felice dí, di nostre lodi degno,
Quando Ipiranga gridar Pietro udio!
All'aure del Brasil quel chiaro pegno
Lieto ripete Rio.

Del Rege il grido: "Indipendenza o Morte"
Il glorioso Ipiranga ancor fá udire:
Grato ricordo quel sia dato in sorte
Ai secoli avvenire.

Vergini scelti, olenti d'innocenza,
Dalle None di Libra il dí secondo,
Cantino al Secol dell'Indipendenza
Grato carme e giocondo.

Alma Terra che nulla fai perire
Delle grandezze, ond'hai le tempia ornate,
Manda le Regie gesta agli avvenire,
Nei Fasti registrate.

Le proli aumenta e della Fede i pregi,
Madre, non turbin Senatorii Editti;
A Dio quel ch'é di Dio sia dato, ai Regi
Sian dati i lor Diritti.

Per quelle donne che vanno a marito,
Sian sacri i dritti e sian pregiati i parti;
Ostar la prole sia da noi sbandito
Con le sue barbare arti.

Serba la gioventute in castitate,
E casti sieno i talami nuziali;
S'osi giammai violarli, rallentate
Le leggi maritali.

Degli aviti costumi (e ogni altro spregi)
Il popol mio si glorj solamente;
Di discendere memore si pregi
Dalla Latina gente.

In cui Caton fú di costumi austeri,
E Lucrezia in se stessa il ferro volse,
E Clelia, é detto, che dai ceppi fieri
L'altre vergini sciolse;

In cui la vita (della sua piú cara
Libera e casta in sen di sua Famiglia)
Il proprio padre dell'Onor sull'ara
Immola di sua Figlia!

E Cornelia i suoi nati ebbe in onore
Dir suoi giojelli d'Eói lidi ardenti;
Onde e Fede e Virtute, onde il Pudore
Detter leggi alle genti.

La Fé sia salda e le sue leggi sante
Che veneriam; dell'infernal coorte
Gli sforzi affrena e tue pudiche piante
Ai mostri diano morte.

Se nei nostri usi ha cosa al Ciel spiacente,
Tosto a rimuoverla da noi T'appreste;
Perché Ti lodin con cor puro e ardente
Le centenarie Feste.

Di greggi e messi nostra Terra abbonde,
E Te di voti cumuli a man piene;
Sian delle fonti salutari l'onde,
L'aure miti e serene.

Piega a virtú l'etate giovanile,
L'etá senil tranquillitá console;
Degnati a piene man dare al Brasile
Gloria, Ricchezza e Prole.

Alma CROCE, del Ciel bell'ornamento,
Delle plaghe che ved', l'altre stelle
Nell'orbe veder mai dal Firmamento
Possan piú grandi e belle.

L'aer, dei nostri sentimenti pregno,
Le lodi tue a risonare apprenda;
Ad onor tuo, Brasil, non manchi ingegno
Che le tue glorie stenda.

Or nei trionfi celeri, ad ornarte
Sulla tua fronte posano gli allori;
Vengon d'amiche genti d'ogni parte.
A salutarti i cuori.

Rio, 12 di Dicembre, 1921.

P. NINO MINELLA.

CHANT DU SIÉCLE

(TRADUCÇÃO FRANCEZA)

I

Auguste Reine, en qui s'inçarna l'Eternel,
Gage du Paradis et colonne du monde,
Pour le Brésil, entends vers toi monter nos vœux
Et montre t'y propice.

II

Heureux jour, que l'on doit dignement célébrer:
Ypiranga frémit aux paroles de Pierre,
Lorsque la renommée en emporta l'écho
Vers toutes les provinces.

III

Les murmurantes eaux du fleuve, de nos jours,
Répétent le refrain du héros, et les mots:
"L'Indépendance ou bien la mort", retentiront
Dans les siécles futurs.

IV

Vierges d'élection, éphébes au cœur pur,
En ce mois de septembre, oú renait le printemps,
Célébrez par vos chants le retour de ce jour
Oú le droit fut conquis.

V

Tu sauves de l'oubli, ô féconde colline,
Ce quit ne doit jamais s'éclipser ni périr,
Vivante archive du passé, toi qui te dresses
Comme un royal trophée.

VI

Mére, sois tutélaire á notre temps, que l'ordre
De l'Eternel concorde avec l'humaine loi,
Qu'on rende á Dieu ce qui est á Dieu, á César
Ce qui est á César.

VII

Rends fermes les contrats sacrés du mariage;
Que nul n'ose jamais, dans les flancs maternels,
Faire avorter cruellement l'être en son germe,
Sur le seuil de la vie.

VIII

Défends la pureté des vierges, des enfants,
Et la noble pudeur des méres vénérées,
Gardiennes des vertus du foyer, sous les dogmes
Respectés de l'Hymen.

IX

O peuple du Brésil, glorifie á jamais
L'héritage transmis des siécles révolus,
Et montre á l'avenir que tu es un rameau
Du grand arbre latin.

X

O race en qui brilla la vertu de Caton,
Qui rappelles Lucréce et sa chasteté fiére,
Et Clélie arrachant a la honte des fers
Les vierges ses compagnes.

XI

Pour maintenir intact l'honneur de sa famille,
Un pére, de son bras, immole, au tribunal,
Le fruit de ses amours, chair de sa chair, sa fille
Sauve du deshonneur.

XII

Bijoux plus précieux que les perles de l'Inde,
Les Gracques font briller la beauté maternelle,
Car la valeur, l'honneur, et la foi sublimérent
Le grand peuple romain.

XIII

Que jamais notre foi ne s'éteigne ou vascille;
Fais rouler au néant les projets des impies;
De ton talon vainquer, ô Vierge écrase encore
Les monstres de l'enfer.

XIV

Fais que d'accord avec les volontés célestes,
Nos coutumes, nos lois s'épurent chaque jour;
Qu'á chaque centenaire, un hymne, á ta louange,
Monte des cœurs pieux.

XV

Fais prospérer les champs et verdir les campagnes
De ce terroir, fécond en graines en troupeaux;
Maintiens la pureté des sources sous la roche
Et de l'air dans l'azur.

XVI

Donne un cœur généreux et fier aux jeunes hommes,
La douceur du repos au vieillard fatigué,
Au peuple brésilien, l'abondance et le nombre
Des générations.

XVII

Et toi, astre brillant, croix de notre hémisphére,
Qui passes en splendeur l'Olympe des clartés,
Baigne de tes rayons la plus noble des terres
Qui peuplent l'infini.

XVIII

Que dans l'air, oú se meut tout le cycle des êtres
Résonne un long écho d'hymnes et de louanges;
Que l'inspiration anime les poétes
Qui chantent le Brésil.

XIX

En ce jour de splendeur, de sublimes triomphes,
Oú le Brésil se dresse un diadéme au front.
Il tend des bras amis vers les peuples qui viennent
Fêter le jour heureux.

ADRIEN DELPECH.

O CONSELHO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO NO ANNO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA



SILVA BRANDÃO



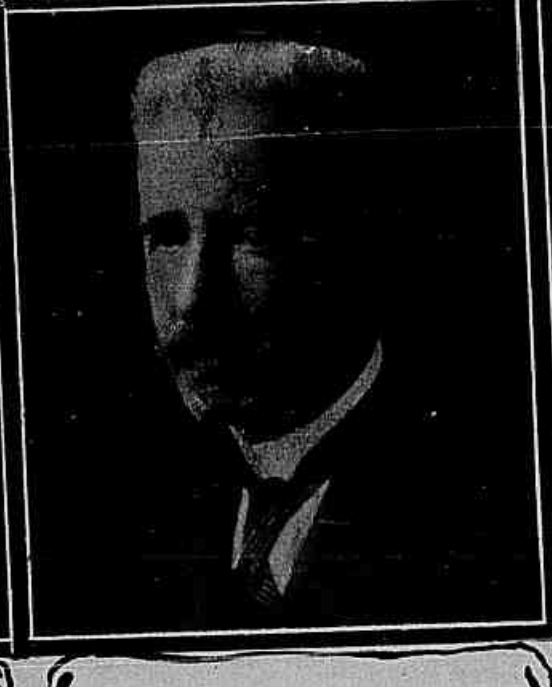
EDUARDO XAVIER



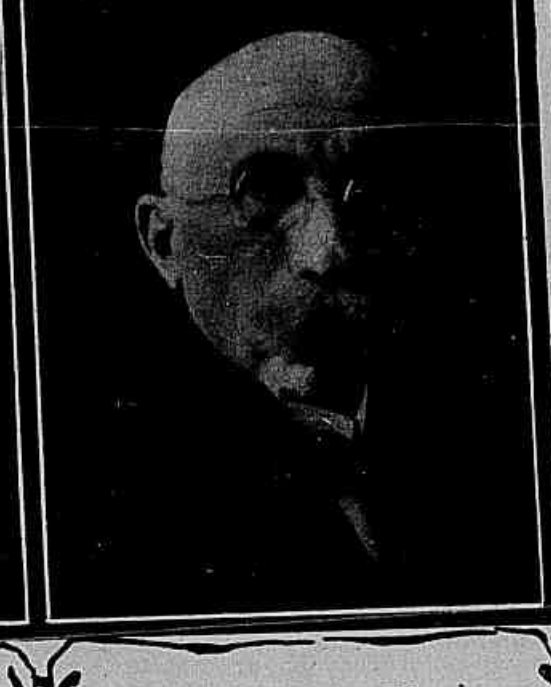
PIO DUTRA



JACINTHO ROCHA



HENRIQUE LAGDEN



FELISDORO GAYA



ERNESTO GARCEZ



ANTONIO JOSE' TEIXEIRA

A ORGANISAÇÃO MUNICIPAL DO DISTRICTO FEDERAL

APENAS Estacio de Sá, capitão-mór, incumbido de correr a costa do Brasil e passar o Rio de Janeiro, começou a delinear (1) os fundamentos da fortaleza e cidade, já os moradores se congregavam e, em seu nome e no dos futuros habitantes, requeriam que se lhes dessem terras para o rocio do Concelho.

Constituida a Camara, Diogo de Oliveira, seu primeiro escrivão, registrava nos respectivos livros as provisões com que aquelle capitão-mór e depois o governador Mem de Sá galardoavam os que haviam ajudado a fundar a cidade.

Mais tarde Mem de Sá mudou a séde da cidade para o morro de S. Januario (2) e lhe deu nova organisação.

Aos livros da Camara foram lançadas, então, quer as provisões dos cargos, que della dependiam, quer as referentes aos officios da Fazenda e da Justiça.

Quando teve Mem de Sá de regressar a S. Salvador, resolveu, em Conselho, a pedido do povo, encarregar a Salvador Correia de Sá do governo da Capitania e mandou que a sua provisão fosse registrada nos livros da Camara.

Deste modo se foram, pouco a pouco, formando os fundamentos do Archivo da Camara, pelo registro de todos os seus actos e dos emanados, quer da Côrte, quer dos governadores geraes ou dos da Capitania. O Archivo do Districto Federal é, portanto, quanto á sua existencia, coetaneo com a fundação da propria cidade. A historia do seu passado se acha consignada nas obras de Pizarro, Balthazar Lisbôa, Dr. Mello Moraes e outros chronistas e historiadores.

Foi só em 1638 que o Archivo começou a ter organisação mais methodica, cabendo o inicio da reforma ao ouvidor Diogo de Sá da Rocha.

Decorreram longos annos de indifferença, e só foram tomadas novas providencias em 1679 pelo desembargador João da Rocha Pitta.

A casa da Camara, situada, ao principio, no monte, foi transferida para a varzea e o novo edificio, que servia tambem de cadeia, se ia erguendo difficilmente, á custa das escassas rendas do Conselho. O alvará de 27 de Setembro de 1644 autorisou a Camara a nomear governador interino, quando acontecesse fallecer o governador e não "houvesse vias que declarassem" a successão.

O decreto de 6 de Junho de 1647 concedeu o titulo de — leal — á cidade do Rio de Janeiro e permittiu á Camara, por ausencia de governador ou de alcaide-mór da praça, fazer o officio de capitão-mór e tomar as chaves da cidade.

A provisão de 11 de Março de 1748 fez mercê á Camara de se denominar Senado, declarando, ao mesmo tempo, as formalidades dos seus despachos.

O anno de 1771, assignalado pela segunda invasão dos francezes, foi de triste recordação para o Rio de Janeiro. Entregue esta cidade á discreção do inimigo, pelo governador da Capitania, Francisco de Castro Moraes, o saque se tornou geral, não escapando a Camara, que teve os seus cofres revolvidos e o seu Archivo devastado.

O despacho de 6 de Fevereiro de 1818 deu á Camara tratamento de Senhoria e o juiz de fóra e vereadores de então foram nomeados fidalgos cavalleiros, e o procurador e escrivão commendadores da Ordem de Christo.

Estas e outras honras e privilegios davam grande importancia e prestigio á Municipalidade, cujas regalias eram immensas, extensa sua alçada e grande sua preponderancia. Semelhantes privilegios e garantias haviam sido concedidas em troca de bons serviços.

Compunha-se o antigo Senado da Camara de tres vereadores e um procurador. Tinha um escrivão, diversos officiaes e dois juizes almotaceis, que serviam durante tres mezes. O presidente do Senado era o juiz de fóra, cargo este que, mais tarde, foi extincto.

Os "juizes de fóra" eram nomeados pelo rei e não podiam sahir do logar onde funccionavam nem receber remuneração das partes. Exigia-se para o cargo que o pretendente ou nomeado fosse letrado.

Os "juizes de fóra" obrigavam o "alcaide" a servir e guardar a cidade de dia e de noite com os officiaes indicados pela Camara e a fazer o serviço de policia e segurança; e os "almotaceis" a cumprirem os deveres de seus officios.

Os "vereadores" eram incumbidos de todo o regimento da terra e dos bens do Concelho. O cargo era reputado "munus" obrigatorio, e só por justa causa podia ser recusado. Deviam ir duas vezes na semana á vereação; tomavam conta aos procuradores e thesoureiros do Conselho, e com os juizes despachavam, sem appellação, os feitos das injurias verbaes e dos factos pequenos.

Administravam os bens do Concelho; taxavam os officiaes mecanicos, jornaleiros, mancebos e moças de soldada, louças e as mais cousas que se compravam e vendiam, excepto o pão, vinho e azeite; pagavam os vencimentos dos physicos, cirurgiões e boticarios e as despezas com os presos e degredados.

As obras só podiam ser feitas por meio de pregão e as fintas sómente eram lançadas com licença do corregedor, regedor ou governador.

Os "vereadores" serviam por um anno. De tres em tres annos reuniam-se conjuntamente com os que já tinham sido vereadores e, presididos pelo ouvidor da comarca, formavam uma lista dos cidadãos aptos para exercerem o cargo. Desta relação tiravam-se doze, com os quaes se formavam tres listas de quatro nomes. Chamava-se a este processo "limpar a pauta". Estas tres listas, designando cada uma tres vereadores e um procurador, depois de lacradas, eram enviadas á Camara no mez de Dezembro. Ahi ficavam depositadas em uma urna, donde um menino tirava á sorte quaes os vereadores que deviam servir no anno seguinte. A isso chamava-se "fazer pelouro". Conhecidos os novos vereadores, a Camara os convidava a tomar posse, no dia 7 de Janeiro. Ao segundo anno praticava-se o mesmo processo, e no terceiro não era necessario mais tirar a sorte, porque só havia uma lista que indicava os vereadores para esse anno.

Classificavam-se os "vereadores" pela idade. O mais velho era o primeiro e substituia o "juiz de fóra" em seus impedimentos. Quando ficava vago algum logar de "vereador", era chamado para occupal-o qualquer cidadão, que já houvesse exercido semelhante cargo, e dava-se o nome de "vereador de barrete" a este substituto.

Os "almotaceis" se faziam no começo do anno. No primeiro mez serviam os juizes do anno findo; no segundo dois vereadores mais antigos; no terceiro um vereador e o procurador; mas, se no logar houvesse quatro vereadores, serviam no terceiro mez os outros dois e no quarto o procurador e uma pessoa eleita.

Competia aos "almotaceis", entre outras attribuições, julgar as coimas do Concelho, inquirir se eram cumpridas as posturas, despachar os feitos, sem fazerem grandes processos nem escripturas, podendo de seus despachos a parte appellar ou aggravar. Examinavam os açougues, aferiam os pesos e medidas, embargavam qualquer obra ou edificio até se determinar a causa por direito, inqueriam sobre os rendeiros e jurados que tinham terminado o tempo e a respeito dos que estavam servindo e cuidavam das servidões e da limpeza da cidade.

Os juizes "almotaceis" tinham tambem jurisdicção contenciosa em causas de pequenos valores, nos embragos de obras novas e nas condemnações por infracção de posturas. Sahiam em correição com o arrematante das rendas da Camara; fiscalisavam a matança do gado e tinham, como propina, certa quantidade de linguas de rezes, que se matavam aos sabbados.

Os vereadores e almotaceis usavam de calção preto, meias e collete da mesma côr, de capa e volta; trazendo os primeiros vara branca e os segundos vara vermelha. Nos grandes actos publicos usavam os vereadores collete branco, meias da mesma côr e chapéo meio abado, com plumas brancas. Mais tarde, no segundo imperio, tiveram outro uniforme especial.



DR. HORTA BARBOSA, DIRECTOR DA SECRETARIA DO CONSELHO MUNICIPAL

O uniforme estabelecido pelo decreto de 26 de Agosto de 1857 constava de farda verde com oito botões, bordada na gola, no peito, punhos e nas costas, junto aos botões, collete branco com botões amarellos, cinto de velludo verde bordado e borlas de ouro, calça de casemira branca com galão, espadim e chapéo com plumas brancas.

Quando se tinha de annunciar algum festejo real ou acontecimento de publico regosijo, sahiam em "bando" os officiaes e almotaceis; percorriam as ruas a cavallo e procediam, nos logares publicos, á leitura do edital que annunciava a festividade. Se a Camara sahia incorporada para ir ao Paço, em dias de cortejo, era o procurador quem levava o estandarte.

Os "alcaides", escolhidos pelos juizes e vereadores, e confirmados por carta régia, serviam por tres annos. Antes de entrarem em exercicio prestavam fiança; não podiam advogar nem ser procuradores de pessoa alguma no logar onde serviam. Guardavam a cidade e quando sahiam á rua, de noite eram acompanhados por um tabellião designado pelo juiz. Por ordem dos juizes faziam prisões, excepto em caso de flagrante delicto ou se encontravam alguma pessoa suspeita, com armas prohibidas ou sem ellas, depois do sino de recolher; mas não podiam leival-a á cadeia antes de a apresentar ao juiz.

Os "thesoureiros dos Concelhos", eleitos annualmente, assim como os procuradores, arrecadavam as rendas, faziam as despezas ordenadas pelos vereadores e por estes subscriptas.

Os "procuradores dos Concelhos" requeriam todos os concertos e adubios de que careciam as casas, fontes, pontes, chafarizes, calçadas, etc., e, quando conheciam o seu officio, expunham aos vereadores o estado dos negocios dos Concelhos.

Os "escrivães das Camaras" tinham a seu cargo os livros de receita e despeza; serviam nos feitos de injurias verbaes, escreviam cartas testemunhaveis, liam e publicavam aos officiaes da Camara e aos almotaceis os seus regimentos.

Os "escrivães da almotaceria" escreviam todos os achados de gados e os assentos dos cardeiros, padeiros e de quaesquer outras pessoas que cahiam em coima. Lançavam todas as multas em que incorriam os almotaceis, por não cumprirem o seu regimento, sob pena de pagarem em dobro, para o Concelho, as que deixavam de ser mencionadas, dando conta disso, no fim do mez, aos juizes.

Não obstante o cuidado que em geral manifestavam os corregedores pelos interesses da Camara, muito lenta e difficilmente seguia ella o caminho do progresso e aperfeiçoamento. Os seus officiaes, preoccupados em promover o bem commum, tiveram de sustentar renhidas lutas, já contra os governadores, que prtendiam restringir os privilegios dos cidadãos, já contra os que difficultavam continuamente ao Concelho a posse de suas terras.

No principio do seculo XIX foi o Senado da Camara perdendo, pouco a pouco, a sua autonomia administrativa, já muito restricta durante o governo do vice-rei Conde de Resende, no inicio do qual occorreu o incendio do edificio do mesmo Senado.

A vinda da Côrte Portugueza para o Brasil ainda mais o entorpeceu e só elle reapparece a intervir com efficacia nos negocios publicos, por occasião dos acontecimentos politicos, que de resto precederam á proclamação do Imperio.

Depois de ser promulgada a Constituição monarchica tornou-se urgente a reforma da antiquissima instituição das Camaras Municipaes, cujo poder executivo, incarnado nos almotaceis, constituia verdadeiro anachronismo, repugnante com as idéas liberaes, que já começavam então a predominar no parlamento e na imprensa.

A reforma apresentada e discutida no Parlamento, na sessão de 1827 e, definitivamente, approvada e sanccionada no anno seguinte, deu origem á promulgação da Carta de Lei de 1º de Outubro de 1828, pela qual se organisaram as novas Camaras Municipaes e foram definidas suas attribuições. Por decreto de 1º de Dezembro, tambem de 1828, foram dadas instrucções para as eleições das Camaras Municipaes.

Foi em Janeiro de 1830 que funccionou nesta capital a primeira Camara, successora do antigo Senado da Camara.

Por longos annos regeu as Municipalidades a lei de 1º de Outubro de 1828, mais ou menos enxertada, em épocas posteriores, de avisos e decretos elucidativos, que eram emanados do governo, em cuja esphera de acção se centralisavam quasi todos os poderes. Os projectos de reforma dessa lei, apresentados por notaveis estadistas, ficaram jazendo no pó dos archivos da secretaria da Camara dos Deputados. Citaremos, entre outros, os de Paulino de Souza e Bezerra de Menezes.

Em virtude do decreto n. 50 A, de 7 de Dezembro de 1889, foi dissolvida a Illustrissima Camara Municipal do Municipio Neutro e creado um "Conselho da Intendencia Municipal", composto de sete membros, da nomeação do Governo Provisorio, e ao qual se conferiam attribuições definidas no mesmo decreto, entre outras a de julgamento das contravenções das posturas. Ficou por este decreto do Governo Provisorio derogado o paragrapho 1º do artigo 2º da lei n. 2.033, de 20 de Setembro de 1871 e foram alteradas, em relação ao Municipio Neutro, desta capital, algumas disposições da lei de 1º de Outubro de 1828.

O primeiro Conselho da Intendencia Municipal do actual regimen foi empossado em 12 de Dezembro de 1889, lavrando-se o seguinte termo da respectiva posse:

"Aos doze dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos e oitenta e nove compareceu no Paço Municipal o Conselho da Intendencia Municipal composto dos cidadãos abaixo assignados, sob a presidencia do cidadão Dr. Francisco Antonio Pessôa de Barros, sendo por este cidadão declarado que em virtude do decreto n. 50 A, de 7 do corrente vinha com seus collegas do Conselho receber e tomar conta da gestão dos negocios municipaes da Capital Federal, que estavam a cargo da Illustrissima Camara Municipal, dissolvida pelo supradito decreto. — E em acto seguido o Dr. José Ferreira Nobre declarou que em obediencia ao decreto do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil, transmittida a communicação em Portaria do Ministro dos Negocios do Interior, de hoje datada, fazia entrega ao Conselho ou Intendencia Municipal da gestão de todos os negocios da extincta Camara Municipal. — Em firmeza de que assignam o presente termo de posse os cidadãos membros do Conselho de Intendencia Municipal, os vereadores da extincta Illustrissima Camara Municipal e os demais cidadãos presentes, que o quizerem. Eu, bacharel José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho, secretario, o subscrevi e assigno — Francisco Antonio Pessôa de Barros — Dr. Domingos de Almeida Martins Costa — José B. Uchôa Cavalcanti — Zeferino Gonçalves de Campos — Jayme Benevolo — Matheus Alves de Souza — Benjamin de Salles Pinheiro — J. Ferreira Nobre, presidente da Illustrissima Camara Municipal — Thomaz da Costa Rabello, vereador — José Francisco Gonçalves, idem — Alexandre Cardoso Fonte, idem — José Firmo de Moura, idem — Dr. Sergio de Oliveira — Francisco Vieira Machado da Cunha — Ernesto Mattoso Maia Forte — Jacintho José Avêna — Bemvindo Gurgel do Amaral — João de Salles Pinheiro — Bacharel Antonio Navarro de Andrade — José Mario Gomes, fiscal interino do E. Novo — Arnaldo Pinheiro Werneck — João Damasceno Vieira Junior — Eugenio Cunha — Alvaro Corrêa de Mattos — Luiz Antonio Vieira de Barros Vasconcellos — José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho, secretario."

O decreto n. 218, de 25 de Fevereiro de 1890, declarou quaes os actos do Conselho da Intendencia Municipal dependentes da autorisação ou approvação do governo e regulou os recursos das deliberações dessa corporação.

Pelo decreto n. 198, de 6 de Fevereiro de 1890, foi regulado o modo pelo qual o Conselho se faria representar em juizo.

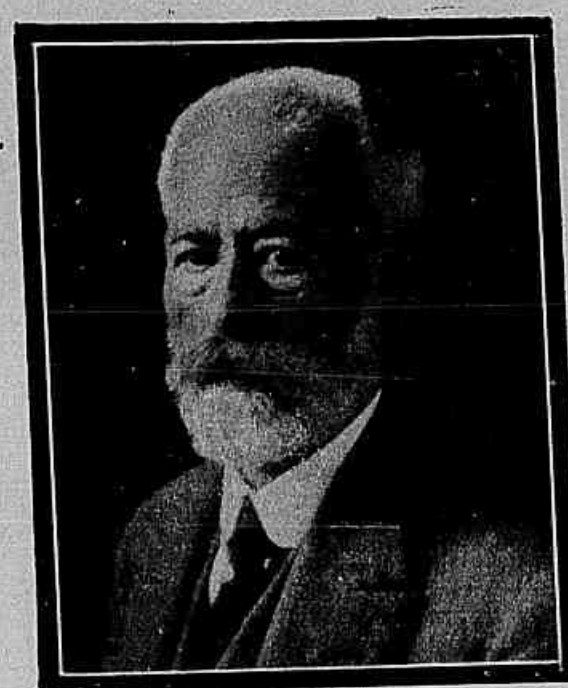
A lei n, 85, de 20 de Setembro de 1892, veiu estabelecer a organisação municipal do Districto Federal, encarregando a gerencia dos negocios

---

(1) Entre o Pão de Assucar e o morro "Cara de Cão".

(2) Chamado, depois — do Castello.

O CONSELHO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO NO ANNO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA



MANOEL MACHADO



CESARIO DE MELLO



J. DE AZUREM FURTADO



FRANCISCO V. DE MOURA



NESTOR ARÊAS



ALBERICO DE MORAES



MARIO FIRAGIBE



ALBERTO BEAUMONT

deste Districto a um Conselho deliberativo e a um Prefeito, sendo as funcções legislativas exercidas pos esse Conselho.

O Conselho Municipal foi então composto de tantos membros (intendentes) quantos eram os districtos municipaes (um por districto) e de mais tantos, que eram os mais votados em todos os districtos, quantos correspondessem a um por quatro districtos.

Para esse fim, cada uma das 21 parochias, em que, então, se dividia o Districto Federal, foi considerada um districto municipal. Além dos respectivos intendentes, fizeram parte do Conselho Municipal os seis cidadãos mais votados em todos os districtos, perfazendo o numero real de intendentes — 27.

Preceituando o n. 79 da lei n. 85 que, quando estivessem reconhecidos dois terços dos intendentes eleitos, a Intendencia Municipal, que geria os negocios do municipio lhes desse posse, foi o primeiro Conselho Municipal empossado em 3 de Dezembro de 1892.

A duração do mandato era de tres annos, terminando o primeiro triennio em 7 de Janeiro de 1895.

O Conselho funccionaria em duas sessões annuaes, não excedente de 60 dias, cada uma dellas, para o fim de deliberar sobre os negocios municipaes. Fóra dessas sessões poderia o Conselho reunir-se extraordinariamente, por convocação de seu presidente, ou do Prefeito ou a requerimento escripto da maioria dos respectivos membros.

Cada membro do Conselho Municipal percebia o vencimento de seis contos de réis annuaes, e o presidente do mesmo Conselho o de oito contos de réis, sendo a terça parte do vencimento considerada gratificação "pro labore".

A lei n. 248, de 15 de Dezembro de 1894, alterou a disposição do artigo 7º da lei n. 85, de 1892, reduzindo a quinze o numero de intendentes e a tres o de districtos eleitoraes desta capital. Essa mesma fixou em 1:000$000 o subsidio mensal dos intendentes e regulou o processo das eleições municipaes, por isso que, em virtude do artigo 83 da referida lei n. 85, as eleições subsequentes á primeira realisada para composição do Conselho Municipal serão feitas por lei especial, decretada pelo Congresso Nacional.

Instrucções provisorias foram dadas ainda, para as eleições municipaes, pelos decretos n. 1.910, de 18 de Dezembro de 1895 e n. 3.183, de 30 de Dezembro de 1898.

Pelo artigo 1º da lei n. 939, de 29 de Dezembro de 1902, o numero de intendentes passou a ser de dez ou cinco por cada um dos dois districtos eleitoraes. O artigo 5º da mesma lei marcou o subsidio de 40$000 diarios aos intendentes, durante as sessões ordinarias do Conselho.

A lei n. 939, de 1902, autorisou tambem o presidente da Republica a mandar consolidar em um só decreto, que deveria vigorar como Lei Organica do Districto Federal, as disposições da mesma lei, da de n. 85, de 1892 e as demais relativas á organisação municipal deste Districto, sendo incumbido desse trabalho o Sr. Dr. José Candido de Albuquerque Mello Mattos, e approvada a referida consolidação pelo decreto n, 5.160, de 8 de Março de 1904.

A lei n. 1.619 A, de 31 de Dezembro de 1906 (artigo 1º paragrapho 9º) elevou de dez a dezesseis o numero de intendentes, sendo eleitos 8 em cada um dos dois districtos, constituidos de accordo com a lei n. 1.425, de 27 de Novembro de 1905. O subsidio dos intendentes continuou a ser de 40$ diarios nas sessões ordinarias, sendo de tres a duração do respectivo mandato. A lei n. 1.978, de 15 de Outubro de 1908, determinou, porém, o abono desse subsidio nas sessões extraordinarias.

Finalmente, pela lei n. 3.206, de 20 de Dezembro de 1916, passou a ter o Conselho Municipal a sua constituição actual — de 24 intendentes, sendo 12 por districto.

Por essa occasião foi fixado, para cada intendente, o subsidio diario de 30$000, além da gratificação mensal de 600$000.

A lei n. 3.637, de 31 de Dezembro de 1908, concedeu aos membros do Conselho Municipal, a titulo de subsidio, a quantia de 18:000$000 annual, pagos em prestações mensaes de 1:500$000, além de 500$000, tambem mensaes, de representação.

O mandato legislativo municipal termina, em virtude do disposto no artigo 5º da lei federal n. 939, de 1902, em 15 de Novembro do terceiro anno da eleição, que o artigo 46 dessa mesma lei manda realisar no ultimo domingo de Outubro do anno em que findar o mandato.

O artigo 4º da supradita lei n. 939 determinava que o Conselho realisasse duas sessões ordinarias por anno, uma de 2 de Abril a 31 de Maio e outra de 1 de Setembro a 31 de Outubro, ambas improrogaveis, podendo ser, entretanto, convocado extraordinariamente pelo Prefeito ou pelo presidente do mesmo Conselho, mas, neste ultimo caso, mediante requerimento escripto e fundamentado por seis dos seus membros.

Essa disposição foi modificada pelo artigo 2º da lei n. 3.206, de 20 de Dezembro de 1916, por força da qual o Conselho realisará uma sessão ordinaria, que será iniciada no dia 1º de Junho e finalisará em 31 de Outubro, podendo ser prorogada, dentro do anno, se assim determinar a sua maioria. Não, póde, comtudo, o Conselho reunir-se extraordinariamente, salvo por convocação motivada do Prefeito.

Até 1895, o Conselho Municipal funccionou no Paço Municipal, onde, desde 1816, haviam funccionado o Senado da Camara e a Camara Municipal, occupando o mesmo Conselho o salão de honra, em que essa Camara realisára tambem suas sessões.

Dahi se transferiu o Conselho Municipal para o edificio especialmente construido em 1877, para a Escola Municipal de S. José, no antigo largo da Mãe do Bispo, mais tarde praça Ferreira Vianna e, já agora, praça Floriano Peixoto. O terreno da Escola de S. José fôra desmembrado da chacara do Convento das Religiosas de N. S. da Ajula e, para o fim especificado, sendo o predio da Escola construido por conta de donativos particulares angariados por iniciativa do Conselheiro Dr. Antonio Ferreira Vianna, então presidente da Camara Municipal (Annuario da Estatistica Municipal, vol. II pag. 187).

Resolvida, em Abril de 1896, a installação do Conselho Municipal nesse predio, foi a respectiva desapropriação decretada pelo decreto leg. n. 460, de 3 de Novembro de 1897 e autorisada a abertura de um credito de 70:000$000, para esse fim.

Pelo decreto executivo n. 171, de 6 de Outubro de 1899, foi aberto o referido credito, sendo a respectiva quantia paga, em cinco prestações mensaes, de 14:000$000, conforme o accordo feito pela Prefeitura com o representante das Freiras da Ajuda. Além da indemnisação paga, de 70:000$, ficou o Convento da Ajuda isento do imposto predial, tudo nos recursos do citado decreto leg. n. 460, de 1897 e da escriptura de acquisição, lavrada em 5 de Dezembro de 1900.

Verificada a necessidade da construcção, nesse terreno, de um outro edificio que melhor attendesse ás exigencias dos serviços do Conselho Municipal e decretada essa construcção, foi ella iniciada em 1918, estando actualmente em ultimação.

CORONEL ANTONIO JOSÉ DA SILVA BRANDÃO

(Presidente do Conselho Municipal)

Preside, actualmente, o Conselho Municipal, o Sr. Coronel Antonio José da Silva Brandão, chefe politico do districto de S. José. O seu prestigio eleitoral é devido ao seu grande conceito commercial, como chefe da importante casa Brandão, Alves & Cia. O Sr. Coronel Silva Brandão recommenda-se tambem ao eleitorado por uma larga e continua série de servicos prestados á causa publica. Devotado desde tenra idade á carreira militar não logrou, por falta de idade, legal, incorporar-se aos voluntarios que, partiam para a guerra com o Paraguay. Fez, porém, o tirocinio das armas no Regimento Policial do Estado do Rio de Janeiro, occupando, um a um, todos os postos e exercendo todas as commissões de Estado Maior dessa milicia, em que culminou as maiores posições, chegando a coronel-commandante do 3º batalhão, posto em que se reformou. Já major do alludido Regimento Policial do Estado do Rio de Janeiro, e commandando um esquadrão de cavallaria, formou, a 15 de Novembro de 1889, com as forças do marechal Deodoro, valendo-lhe a cooperação, que assim, prestou á proclamação da Republica, as honras de official do Exercito, que lhe foram conferidas pelo Governo Provisorio. Foi nomeado coronel-commandante do 3º batalhão de infanteria da Guarda Nacional desta capital e, posteriormente, commandante de brigada, posto em que obteve aggregação em 1911, quando eleito, pela primeira vez, intendente municipal. A' Policia desta capital tem igualmente prestado assignalados serviços, occupando por mais de dez annos, o cargo de supplente de delegado do districto da Candelaria e, como tal, exercendo varias vezes funcções de delegado, cargo, que tambem bem desempenhou, em commissão, no districto do Engenho Velho, em periodo de não pequena responsabilidade, por occasião dos acontecimentos populares de Novembro de 1904. Mas, ainda assim, os seus serviços mereceram elogiosas referencias do chefe de policia, Dr Eneas Galvão. Tendo, embora, levado victoriosamente as urnas a candidatura de não poucos correligionarios politicos, só mais tarde consentiu na sua eleição a intendencia municipal pelo 1º districto, concorrendo ao pleito, realisado em 26 de Março de 1911, para composição do Conselho Municipal. Eleito para esse Conselho foi, pelo voto dos demais intendentes, distinguido com um dos logares de membro da Commissão de Obras, Viação, Hygiene, Assistencia e Segurança Publica. Nessa legislatura municipal foi autor do projecto n. 24, de 1911, de que se originou a lei, ainda vigorante, que regula o funccionamento dos estabelecimentos commerciaes e reduziu o trabalho dos respectivos empregados. Novamente vencedor na eleição de intendentes, realisada em 26 de Maio de 1917, foi, por eleição dos membros do Conselho Municipal, elevado á presidencia do mesmo Conselho, cargo que occupou por quatro annos seguidos, pela renovação dos votos de seus pares, até 1º de Junho de 1920, quando eleito, pela terceira vez, intendente municipal. A 1º de Junho de 1921 tornou a ser eleito presidente do Conselho Municipal, cargo, que, ainda agora, desempenha e em que foi mantido pelos actuaes intendentes, em eleição procedida a 1º de Junho do corrente anno.

EDUARDO XAVIER

Nasceu em 20 de Julho de 1865, na Parahyba do Sul, Estado do Rio de Janeiro, vindo poucos mezes depois para esta capital. Fez seus estudos preparatorios no Internato Aquino, matriculando-se em seguida na Faculdade de Medicina, terminando seu curso medico em 1892, exercendo desde então sua profissão de medico. Apresentou-se candidato a intendente em 1913, sendo eleito e reconhecido, mandato que exerceu até hoje, já tendo sido reeleito duas vezes. E' filiado á Alliança Republicana.

PIO DUTRA

Nasceu em 11 de Julho de 1876 nesta capital. Fez seus estudos no Collegio D. Pedro II, tendo sido por longo tempo funccionario publico. Teve ingresso na politica pelos serviços prestados á ilha do Governador, tendo pertencido ao Partido Republicano Conservador. E' terceiro secretario da mesa do Conselho Municipal.

JACINTHO ALVES DA ROCHA

Nasceu em 9 de Abril de 1882, na Capital Federal. Com 11 annos de idade entrou para a Casa da Moeda como operario aprendiz, donde sahiu mais tarde para se estabelecer. Prestou serviços de guerra durante o governo do marechal Floriano Peixoto, servindo ás ordens do Dr. Ennes de Souza e de Frandisco Gustavo Lessa. Amigo dedicado do Dr. Tertuliano Coelho, foi por este indicado para o cargo de intendente municipal, como representante do Partido Republicano Autonomista. O Conselho Municipal distinguiu-o com a eleição de 2º secretario da mesa, cuja funcção exerce até hoje.

HENRIQUE TAVARES LAGDEN

Nasceu em 29 de Dezembro de 1859, na Capital Federal. Fez seus estudos preparatorios no Collegio D. Pedro II. E' formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo collado gráo em 1884. Foi empregado da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1877 e 1878. Teve ingresso na politica em 1886, filiando-se ao Partido Liberal, chefiado então pelo Dr. Bezerra de Menezes. Foi deputado federal na legislatura de 1900 a 1902, e eleito intendente em 1896, para o biennio de 1897-1898; em 1907, para o triennio 1907-1909; novamente em 1907, mandato que exerce até hoje, tendo sido reeleito em 1919. Exerce a profissão medica, o que nunca abandonou depois de formado.

FELISDORO GAYA

Nasceu em 23 de Abril de 1864, na Villa de Sant'Anna do Ipanema, Estado de Alagôos. Fez os seus primeiros estudos em Maceió, capital do Estado, onde foi por alguns annos empregado no commercio. Veiu para o Rio de Janeiro em 1889, continuando a labutar no commercio até a proclamação da Republica, quando teve ingresso na politica. Prestou serviços ao governo, por occasião da guerra civil de 1893, razão por que lhe são prestadas as honras militares. E' actualmente negociante matriculado, estabelecido no Rio de Janeiro.

ERNESTO GARCEZ CALDAS BARRETO

Nasceu em 15 de Março de 1874, na cidade de Laranjeiras, no Estado de Pernambuco. Fez seus estudos preparatorios em Recife, bacharelando-se em direito na Faculdade de Sciencias daquella cidade em 1898, anno em que foi eleito deputado estadoal em Pernambuco. Terminada a legislatura, veiu para esta capital, sendo então nomeado delegado de policia da ilha do Governador, e depois, delegado auxiliar na administração Cardoso de Castro. Foi depois eleito intendente municipal pelo 1º districto, representando a parochia da Candelaria, que até hoje tem renovado este mandato. Fez parte do Directorio do Partido Democrata, membro do Partido Republicano do Districto Federal, e dpeois incorporou-se á Alliança Republicana, fazendo parte actualmente de seu Conselho Deliberativo. Quando estudante, no Recife, foi redactor da revista "Congresso Juridico Academico" e "Revista Illustrada de S. Paulo", em 1899. Foi condecorado pelo Rei Alberto com o officialato da Corôa e é Conselheiro Municipal Honorario de Buenos Aires. Exerce a advocacia nesta capital.

ANTONIO JOSE' TEIXEIRA

Nasceu no Districto Federal, Campo Grande, em 18 de Outubro de 1872. Filho de paes pobres fez somente o curso da escola primaria, de onde sahiu para empregar-se no commercio, tendo sido, mais tarde, negociante. Foi instructor seccional e depois commissario de policia. Em 1919 foi eleito intendente municipal, tendo, depois, feito parte da Commissão de Recenseamento do Districto de Campo Grande. Foi 2º secretario do Conselho Municipal.

MANOEL LUIZ MACHADO

Nasceu em Irajá, Districto Federal, em 7 de Outubro de 1855. Dedicou-se sempre á lavoura, naquella freguezia. Iniciou sua carreira politica na campanha abolicionista, tendo conseguido de sua progenitora, muito antes da lei do ventre livre, a liberdade de todos os seus escravos. Mereceu bem, por esse gesto, do grande José do Patrocinio, os mais enthusiasticos applausos, que elle lhe dedicou, em artigo fulgurante no seu jornal, "Cidade do Rio", sob a epigraphe "Irajá livre". Sustentou, nessa época, a candidatura daquelle extraordinario jornalista a vereador municipal, vencendo nesse pleito, em Irajá. Proclamada a Republica, filiou-se ao Partido Republicano Federal, chefiado pelo Dr. Augusto de Vasconcellos. Candidato a intendente municipal para o biennio de 1905-1906, foi eleito e reconhecido. Retirou-se depois, desgostoso da politica, a ella voltando em 1909; por motivos imperiosos apresentou-se de novo candidato a intendente municipal para o triennio de 1910-1912, sendo eleito. Foi eleito intendente municipal ainda, para os triennios de 1917-1919 e de 1920-1922, a expirar-se a 15 de Novembro proximo, tendo, nessas duas legislaturas, como nas duas outras acima referidas, sido membro das C. C. de Orçamento, Justiça, Policia (como 2º secretario do Conselho), Instrucção e de Obras.

DR. JULIO CESARIO DE MELLO

Nasceu em 6 de Setembro de 1876, no Estado de Pernambuco. Fez seus estudos no curso annexo á Faculdade de Direito de Recife, formando-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em Janeiro de 1905. Pharmaceutico pela mesma Faculdade, assumiu a responsabilidade technica desse estabelecimento durante quatro annos, tendo desempenhado as funcções de interno dos hospitaes da Brigada Policial e Misericordia, emquanto academico de Medicina. Formado, exerce até hoje sua profissão de medico. Teve ingresso na politica, encaminhado pelo fallecido senador Octacilio Camará, sendo membro da Alliança Republicana, actualmente.

J. DE AZUREM FURTADO

Nasceu no Estado de S. Paulo, em Santos, em 24 de Fevereiro de 1887. Vindo para o Rio em 1889, aqui fixou ersidencia. Matriculando-se na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, recebeu o grão de bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes a 30 de Dezembro de 1910. Serviu por tres annos e meio o cargo de Promotor Publico. Com o advento da nova lei eleitoral em 1917, começou a cogitar dos problemas politicos locaes, tendo então apresentado sua candidatura á eleição do cargo de intendente municipal, a 20 de Maio de 1917, e conseguido ser eleito pelo 1º

O CONSELHO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO NO ANNO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA



ARTHUR MENEZES



ADOLPHO BERGAMINI



BRENNO DOS SANTOS



HENRIQUE GUIMARÃES



FRANÇA LEITE



M. RODRIGUES ALVES



BAPTISTA PEREIRA



JERONYMO BERETTA

districto desta capital. Em 1919, renovado o Conselho, foi reeleito. No Conselho Municipal gosa da maior estima e consideração, tanto assim que por tres vezes foi honrado e distinguido pelos seus pares com a investidura de seu presidente.

FRANCISCO VIEIRA DE MOURA

Nasceu no dia 14 de Dezembro de 1886, na cidade de Guaratinguetá, no Estado de S. Paulo. Iniciou seus estudos no collegio de S. Luiz, de Itu', terminados mais tarde no Gymnasio Nacional, desta capital. E' bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, desde 1916, labutando ha longo tempo no jornalismo carioca. Teve ingresso na politica por seus meritos pessoaes, tendo pertencido ao Partido Republicano do Districto Federal, fazendo actualmente parte da Alliança Republicana. Fez parte da embaixada especial que visitou ultimamente Buenos Aires.

NESTOR ANTENOR DE PAULA AREAS

Nasceu no Districto Federal, em 8 de Setembro de 1883. E' funccionario da Estrada de Ferro Central do Brasil, para onde entrou aos 16 annos de idade. Começou a militar na politica em 1903, ao lado do então chefe do Engenho Novo, Americo de Albuquerque. Mais tarde superintendeu o serviço eleitoral do Dr. Aristides Caire, em cuja companhia auxiliou a fundação da Alliança Republicana, partido que o elegeu para o Conselho Municipal em 1917, sendo reeleito novamente em 1919. No Conselho, faz parte de varias Commissões, notadamente das de Justiça e Orçamento. Varias leis municipaes são de sua autoria, inclusive a que reformou o montepio dos Empregados Municipaes.

ALBERICO DE MORAES

Nasceu no Estado do Rio de Janeiro, fazendo o seu curso completo de preparatorios no Mosteiro de S. Bento. Aos 21 annos foi convidado pela Congregação Benedictina para reger as cadeiras de inglez e francez do mesmo Mosteiro, exercendo esse magisterio durante 10 annos. Abandonou o Mosteiro, por ter tomado parte, na imprensa e em "meetings", na campanha contra os frades estrangeiros, na celebre questão das ordens religiosas brasileiras e os seus patrimonios. Foi eleito intendente municipal em 1910, tem sido reeleito em tres escrutinios consecutivos e já foi secretario da mesa. Defensor acerrimo da Autonomia do Districto Federal, nos termos da Constituição de 24 de Fevereiro, por ella se tem batido, com denodo, querendo que as autoridades municipaes sejam todas electivas.

DR. MARIO PIRAGIBE

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1883. Fez o curso de preparatorios no Collegio D. Pedro II. E' formado em pharmacia e medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo terminado o curso de pharmacia em 1903 e o curso de medico em 1907. Foi interno dos hospitaes da Directoria Geral de Saude Publica, tendo servido no Hospital S. Sebastião durante a epidemia da variola em 1904. Em 1905 foi nomeado auxiliar do Serviço de Prophylaxia da Febre Amarella, tendo exercido as funcções desse cargo até terminar seu curso medico, juntamente com as funcções de funccionario da Bibliotheca Nacional e interno do Hospital da Misericordia. Foi medico-auxiliar da Policia Sanitaria do Porto do Rio de Janeiro. Em 1912 foi chamado a fazer parte da Commissão Sanitaria Federal, encarregada de sanear as cidades de Campina Grande, no Estado da Parahyba do Norte, e de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, então invadidas pela peste bubonica. Tem collaborado em diversos jornaes e revistas, publicando tambem um trabalho sobre medicina. Teve ingresso na politica por iniciativa de alguns amigos seus, entre os quaes seu irmão, o deputado federal Vicente Piragibe, estando actualmente filiado á Alliança Republicana do Districto Federal. Além das funcções de seu mandato, exerce profissão de medico e faz parte do corpo clinico da Liga Brasileira contra a Tuberculose.

ALBERTO BEAUMONT DE ABREU

Nasceu em 14 de Abril de 1878, no Estado do Rio de Janeiro. Fez seus primeiros estudos no Internato Aquino, de Petropolis, collegio Brasileiro-Allemão, nas Laranjeiras matriculando-se em seguida na Escola Militar desta capital, donde se retirou transferido para a Escola Militar do Ceará. Voltando para esta capital, matriculou-se na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, onde se bacharelou em Direito, em 1916. Antes de matricular-se na Faculdade de Sciencias Juridicas serviu no Exercito, estando na revolução de Canudos, no sertão da Bahia. Trabalhou tambem na Estrada de Ferro Central do Brasil. Solicitador durante o curso de Direito. Teve ingresso na politica, obedecendo ao seu ideal, não pertencendo a nenhuma corrente politica. Foi supplente em exercicio no cargo de delegado de policia no governo Rodrigues Alves, tendo, por serviços de guerra, honras de coronel da 2ª linha do Exercito. Publicou assumptos judiciarios, tendo sido director da "Folha da Noite". Exerce a advocacia.

ADOLPHO BERGAMINI

Nasceu em 11 de Outubro de 1886, na cidade de Cataguazes, Estado de Minas Geraes. Fez seus estudos nessa cidade, continuando mais tarde no Gymnasio de Bello Horizonte. Veiu para a capital em 1º de Maio de 1900, continuando seus estudos na Escola Barão do Rio Doce, Externato Gomes de Souza, Lyceu de Artes e Officios, Escola Alliance Française e Mosteiro de S. Bento respectivamente, donde sahiu em 1903 para empregar-se na Policia Civil, como escrevente. Em 1907 inscreveu-se num concurso para escrivão de policia, sendo classificado em 1º logar, e nomeado para tal cargo. Conservou-se em actividade funccional até 1917, quando passou a servir em commissão no Ministerio da Guerra, no alistamento militar. Trabalhou na "Gazeta de Noticias", "Seculo", "Folha do Dia" e "Jornal do Commercio", do qual foi chronista forense de 1913 a 1919. Retirando-se desse, passou para o "Jornal", onde trabalha desde seu numero inicial até hoje. Matriculou-se na Faculdade de Direito em 1915, bacharelando-se em 1919, tendo feito seu curso anno por anno. Bacharel, dedicou-se á advocacia. Teve ingresso na politica, conduzido pelo seu temperamento combativo. Filiou-se á corrente partidaria da Alliança Republicana, cujos candidatos á representação federal prestigiou nas urnas em 1918, no 2º districto eleitoral. Candidato a intendente em 26 de Outubro de 1919, não logrou ser eleito por uma pequena differença de votos. Aberta a vaga do Dr. Azevedo Lima, eleito deputado em 20 de Fevereiro de 1921, foi eleito intendente nessa vaga, como candidato da Alliança Republicana em 17 de Junho e reconhecido em 19 de Agosto desse anno. Commissionado, representou, com outros collegas, o Conselho Municipal na Republica Argentina e no Uruguay. Em Buenos Aires foi honrado com as medalhas de socio "del Circulo de la Prensa" e de "Consejal" da communa da capital platina. Tem varios trabalhos publicados.

HENRIQUE JOSE' TEIXEIRA GUIMARÃES

Nasceu em 14 de Abril de 1869, nesta capital, onde fez seus primeiros estudos, dedicando-se ao jornalismo, onde trabalhou durante muitos annos. Teve ingresso na politica filiando-se ao grupo chefiado em Sant'Anna por Benedicto Hippolyto, em 1892. Foi Inspector Geral das Guardas Nocturnas, de 1905 a 1917, e varias vezes director da Associação Brasileira de Imprensa. E' alferes honorario do Exercito, por serviços prestados durante a revolta de 1893 e coronel commandante de brigada da Guarda Nacional. Eleito intendente em 1917, conserva até hoje seu mandato.

MANOEL RODRIGUES ALVES

Nasceu em 9 de Janeiro de 1858, no Districto Federal. Iniciou seus estudos no Instituto Pharmaceutico, diplomando-se em pharmacia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1883. Foi estabelecido com pharmacia, tendo sido tambem agente da Prefeitura e pharmaceutico da Escola 15 de Novembro. Alistou-se na politica, sem ter, na occasião, nenhuma ligação partidaria. E' intendente desde 1895.

JOÃO BAPTISTA PEREIRA

Nasceu em Imbetiba, Macahé, Estado do Rio de Janeiro, em 25 de Outubro de 1881. Fez ali os seus estudos de primeiras letras, com o professor Caetano Dias. Posteriormente, internou-se no Collegio Salesiano de Santa Rosa (Nictheroy) e, a seguir, no Instituto João Alfredo, nesta capital, nos quaes, regularmente, procedeu aos seus estudos preparatorios. Com 14 annos de idade e sem recursos teve de frequentar as aulas do Lyceu Literario Portuguez e do Club Brasileiro Commercial. Desde cedo se prpeoccupou em obter um officio. Assim, aprendeu o de fundidor, que lhe deu entrada na Fundição Artistica da Casa da Moeda. Deparando-se-lhe opportunidade de entrar para o funccionalismo publico, fel-o em fins de 1903, na antiga Commissão Fiscal e Administrativa das Obras do Porto do Rio de Janeiro, hoje Inspectoria Federal de Portos, Rios e Canaes, onde tem o cargo de 1º escripturario. No decorrer de sua vida funccional tem varias commissões, nos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Amazonas, todas referentes a inqueritos, serviços e interesses de sua Repartição. Teve collaboração esporadica no "O Paiz" e na "Gazeta da Tarde", onde publicou varias chronicas. Em 26 de Outubro de 1919 foi eleito intendente municipal, tomando posse em 15 de Novembro do mesmo anno.

JERONYMO BERETTA

Nasceu em 25 de Janeiro de 1871, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Fez seus primeiros estudos no Collegio Osorio, nessa cidade, vindo para a capital da Republica, onde se dedicou ao commercio como guarda-livros. Teve ingresso na politica, militando na parochia de Santa Anna, desde 1890, chefiada então por Benedicto Hippolyto. Foi fiscal de inflammaveis, tendo collaborado em diversos jornaes desta capital. E' coronel commandante de brigada da Guarda Nacional, tendo desempenhado varios cargos na directoria da Guarda Nocturna da parochia de Santa Anna. Foi supplente de intendente nas legislaturas de 1903-1904 e 1911-1913, sendo eleito intendente municipal em 1917, conservando seu mandato até hoje.

JULIO BUENO HORTA BARBOSA

O illustre director do Conselho Municipal é fluminense, da cidade de Campos, onde nasceu a 21 de Outubro de 1876. Revelou, desde menino, grande actividade e amor ao trabalho, pelo que, iniciando a vida publica num cargo modesto, o de amanuense do Conselho Municipal, em 1897, chegou á culminancia actual, com grande merecimento e reaes serviços á causa da nossa grande metropole, depois de havel-os prestado, honrosamente, á Republica. De facto, sahindo do curso de humanidades do Collegio Abilio, foi para a Escola Militar da Praia Vermelha, onde se matriculou em 1892. Com a revolta formou ao lado das forças constitucionaes e prestou relevantes serviços de guerra no antigo Arsenal, na bateria do morro do Castello e nos holophotes de S. João e da Gloria. Neste posto, ao sahir a barra o "Aquidaban", foi gravemente ferido, portando-se com tal denodo que o marechal Floriano Peixoto mandou elogial-o nominalmente, em boletim do Exercito. Suffocado o movimento subversivo, foi distinguido, com outros alumnos, com a incumbencia de, no posto de guarda-marinha, embarcar no cruzador "Benjamin Constant", em Toulon. O almirante Justino Proença, então commandante da divisão naval brasileira, na Europa, elogiou-o, nominalmente, pelos serviços prestados a bordo. De volta ao Brasil matriculou-se na Escola Polytechnica. Funccionario criterioso e dedicado, publicou, como contribuição elevadissima aos interesses do Rio de Janeiro, diversas obras, entre as quaes e principalmente: "Collecção de leis municipaes e vetos" de 1902 até hoje. "Novo manual do intendente", "Indice chronologico da legislação municipal desde 1892 até os nossos dias" (2 editaes,. Horta Barbosa esteve, em 1921, na vizinha metropole argentina, secretariando a Delegação do Conselho Municipal que visitou Buenos Aires. Entre os grandes serviços por elle prestados não seria justo esquecer a sua cooperação e notavel tenacidade em pról da construcção do novo e sumptuoso edificio do Conselho Municipal, para que os artistas nacionaes, como Amoedo, Visconti, Oswaldo, Decio Villares, Lucilio, Chambelland, irmãos Timotheo, Roberto Mendes, Correia Lima e outros tivessem opportunidade de dar arrhas ao seu engenho e arte, decorando com motivos brasileiros as luxuosas e elegantes salas do futuro Conselho. Só isto lhe dá um titulo de benemerencia.

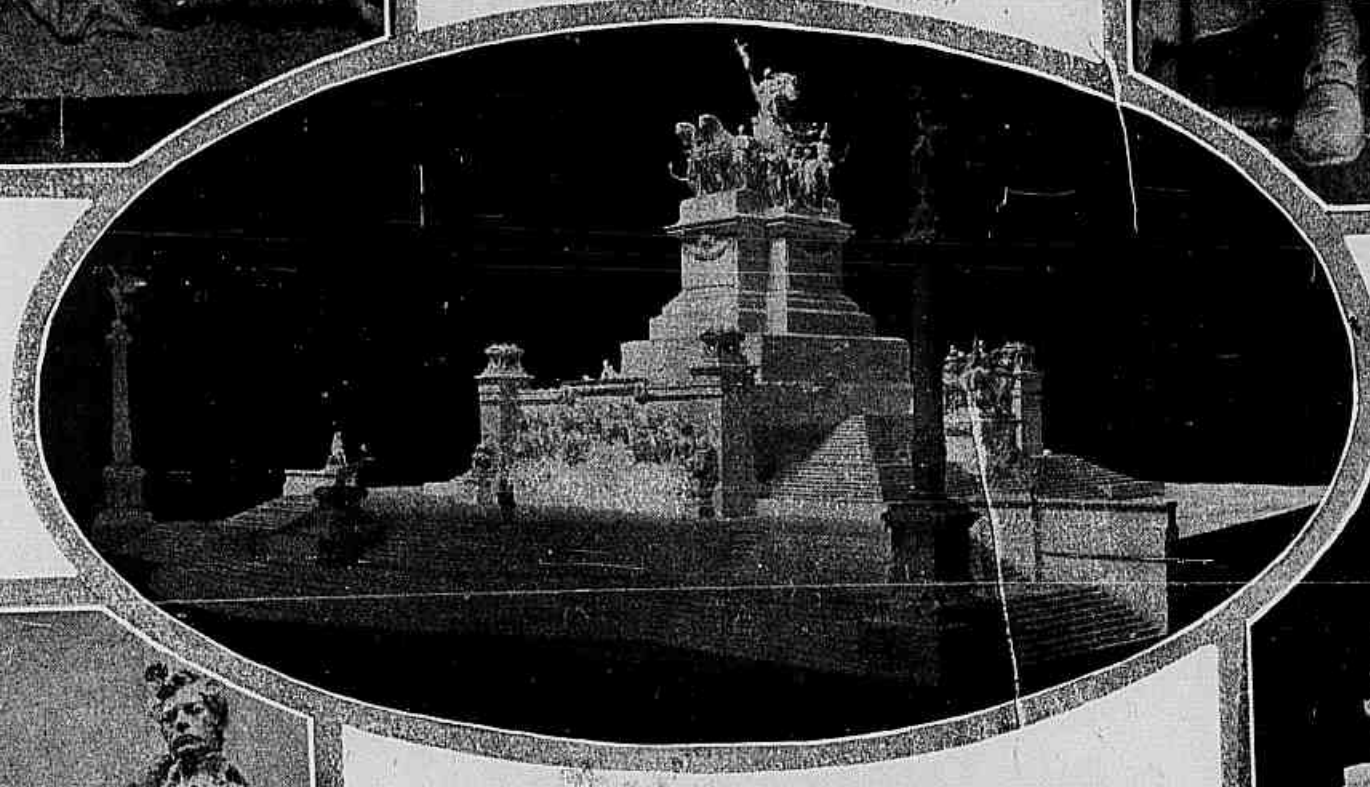


O CORCOVADO VISTO DO APPARELHO N 9, DA ESCOLA DE AVIAÇÃO, PILOTADO PELO TENENTE DJALMA PETIT, A 2.400 PÉS DE ALTURA

O MONUMENTO DA INDEPENDENCIA







Aspecto geral e "detalhes" do monumento que está sendo erigido, na esplanada do Ypiranga, trabalho do esculptor Ettore Ximenes.

O ponto culminante de sua inspiração foi o grito de Independencia, em 7 de Setembro de 1822, por D. Pedro I. Esse episodio é descripto no monumento em um alto relevo. Ladeando o pilar em que está este alto relevo estão as figuras que personificam a idéa e a acção do povo brasileiro para o cumprimento desse ideal: José Bonifacio, Diogo Feijó e Tiradentes.

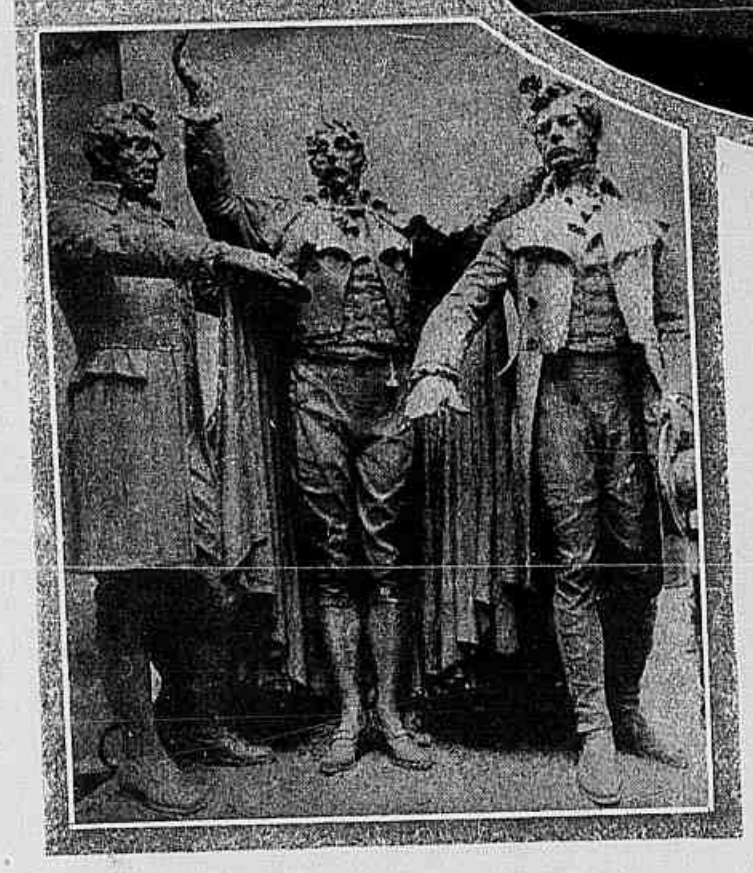
No centro da escada lateral, dois grupos symbolicos á esquerda, representando a escravidão e o jugo da metropole portugueza sobre o nosso paiz e á direita, a liberdade, a libertação do jugo estrangeiro.

Sobre a esplanada do centro, erguese o grupo triumphal; elle é constituido de uma enorme columna retangular, em cujo cimo se eleva o grupo dominante.

"O triumpho da Independencia", erige-se magestoso e sereno guiando uma quadriga. Na mão direita traz o symbolo do povo livre, na esquerda uma espada embainhada, representando o ideal realisado e cumprido. Acompanhando o carro triumphal, um athleta que representa o trabalho sereno e fecundo de nosso povo agricultor, cooperando para a grande obra do engrandecimento do paiz; um indio que representa o fundo de nossa raça, a que fecundou com o seu sangue a luta da redempção.

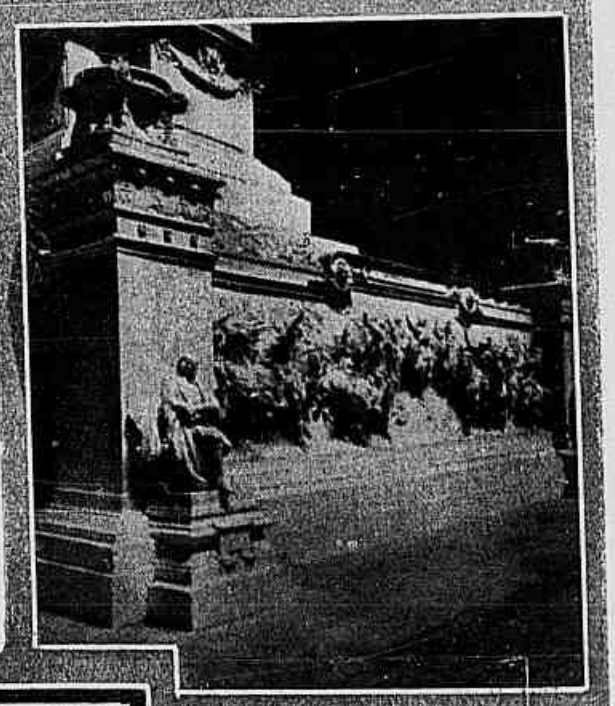
Logo abaixo desse grupo rodeia uma grande escada, onde se ergue direito e augusto o altar da patria, ao lado da qual se encrespa o alto relevo representando o grito do Ypiranga.

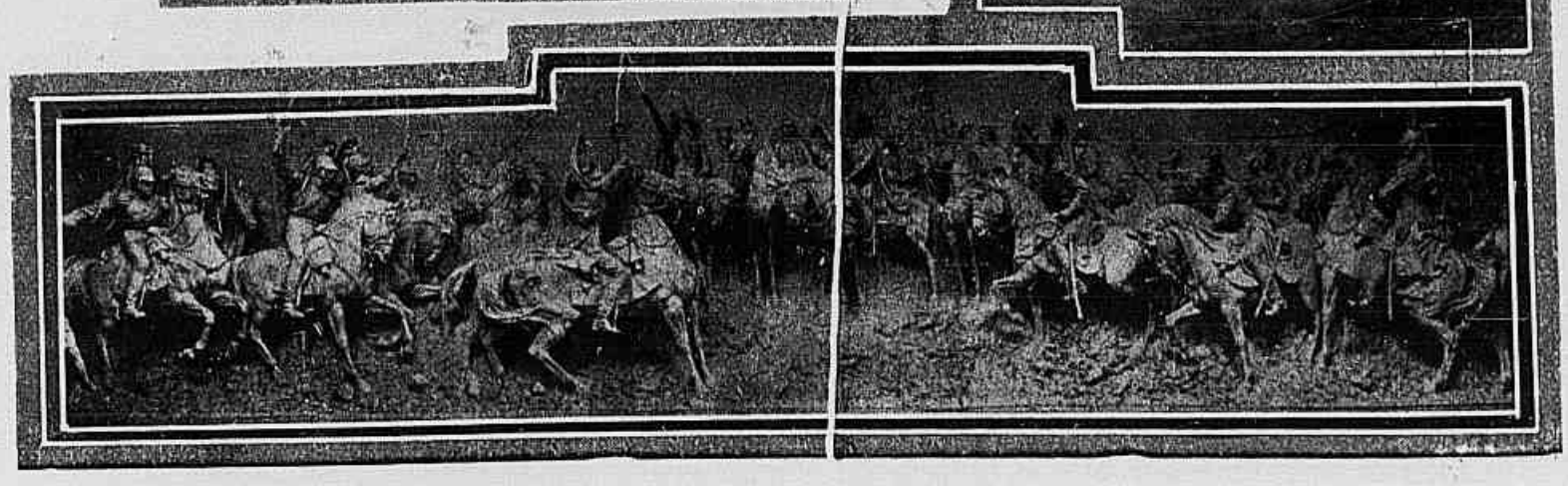
Na praça retangular erguem-se duas fontes que representam o Amazonas e o Paraná.











A IMPRENSA NO BRASIL

Da Independencia do Brasil apenas dois nomes conseguiram a grande gloria; nas são conhecidos de toda a dro I, que gritou as celebres ranga, e José Bonifacio, denominado o Patriarcha. Outros têm, ás vezes, o consolo de alguma citação mais erudita. Mas, só ganharam estatua o principe regente, feito imperador, e o ministro, depois decahido das graças poderosas. Ninguem, entre a maioria formadora da posteridade, a turba numerosa que, de geração a geração, vae immortalisando feitos e heróes, ninguem se lembra de Hippolyto da Costa; poucos sabem da existencia de Gonçalves Ledo; e Evaristo da Veiga a quem se deve a abdicação do filho de Dom João VI, gesto que, emfim, completou a liberdade nacional, Evaristo da Veiga... dois nomes apegente: D. Pepalavras do Ypi-



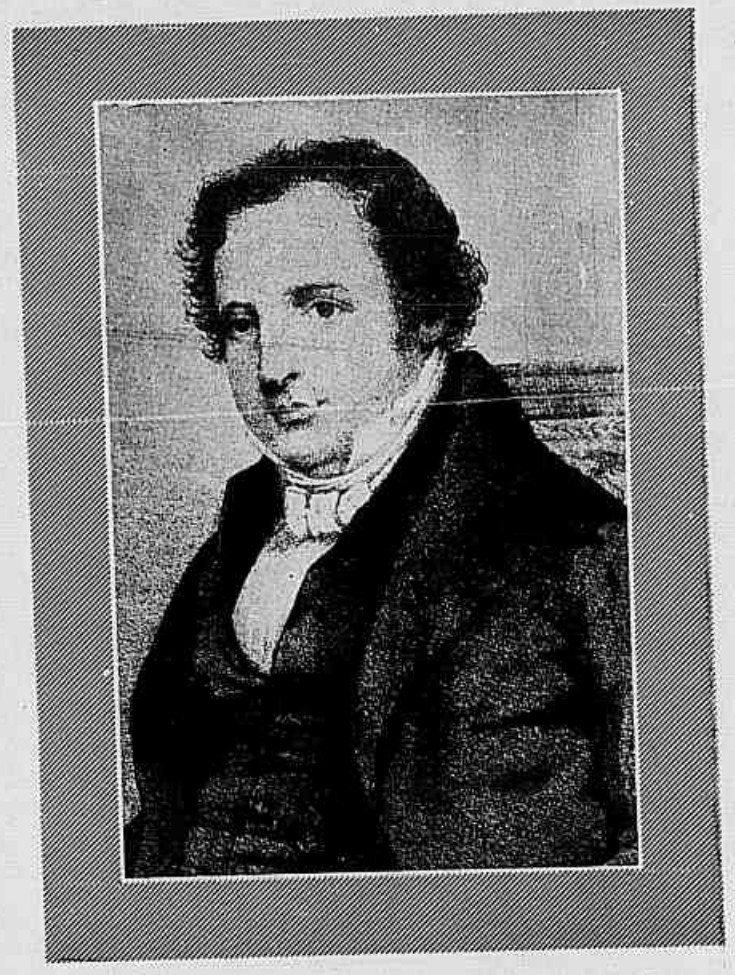
HIPPOLYTO DA COSTA

é uma rua da cidade do Rio de Janeiro... A multidão ignora tudo... Ouve dizer... Esquece depressa...

Esses tres antepassados representam corajosamente a imprensa brasileira. Um, pregando a boa verdade, da terra do exilio, onde se acolhera, fugido de um auto-da-fé probabilissimo... Outro, já em tempos menos obtusos, lutando aqui, no seu jornal, accendendo as intelligencias, derruindo preconceitos, pondo fogo ás inercias pessimis guida á separa ficialmente respon rer desprezar os interesses do povo que o acclamára, Evaristo da Veiga, das paginas da "Aurora Fluminense" despertou a alma ainda infantil desse povo, e conduziu a mão nervosa do primeiro imperador ao papel sobre o qual elle deixou a sua phrase derradeira no Brasil... Ao lado de Frei Sampaio e de Januario da Cunha Barbosa, Hippolyto da Costa, Gonçalves Ledo e o incitador do 7 de Abril são os verdadeiros ancestraes da imprensa patricia, a nobre impren s a, nascida para combater os melhores combates, para guiar e instruir,



GONÇALVES LEDO



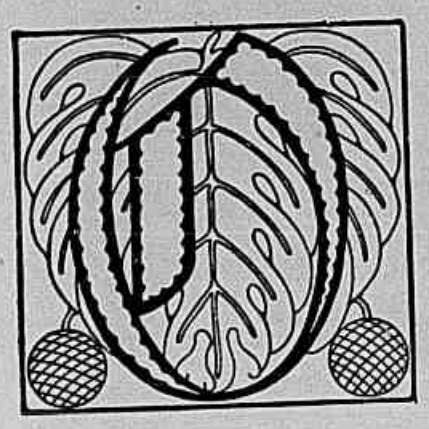
EVARISTO DA VEIGA

a imprensa que espalha as boas novas, que discute com elegancia, que revela a belleza e ensina a graça de bem pensar... a imprensa que prescinde de leis cohibitivas, por ser ella propria a grande lei natural, verdadeira.

A todos os jornaes e revistas do Rio de Janeiro e dos Estados, a *Illustração Brasileira* envia daqui, hoje, 7 de Setembro de 1922, as mais affectuosas congratulações.

O primeiro amôr.

por Peregrino Junior.



senhor nem imagina. Ella me fez soffrer tanto! Não lhe quero mal. Não. Isso não. Ah! mas se eu lhe contasse tudo, tudo o que ella me fez soffrer, a Luiza!... O senhor não acreditava. Deus do céo, um horror! Nem gosto de me lembrar. Não é que ella fosse má, nem quizesse fazer-me soffrer. Mas ás vezes acontece isto: a gente, sem proposito, faz soffrer aos amigos, e até aos indifferentes. Não é verdade? E' inconscientemente que nós espalhamos os maiores males no mundo. Acredite, é inconscientemente. Pobre Luiza! Ainda me lembro della. E tenho saudades. Para que negar? E' exacto. Tenho saudades della. Ella era tão bonita! E me fez tanto mal! Esquecer as pessoas que nos fazem bem, é facil, é humano... Agora, o que é impossivel é esquecer quem nos faz um grande mal na vida. Sobretudo, os homens nunca se esquecem das mulheres que os fazem chorar. Foi ella, a Luiza, quem levou a primeira alegria ao meu coração. E, como era natural, levou tambem a primeira tristeza. Antes della, confesso, eu não era triste, mas tambem não era alegre. Era um bom rapaz, apenas. Um rapaz como os outros, honesto e banal. Morava num pobre quarto de uma "Pensão para cavalheiros e familias", ali no Cattete. Estudava medicina, e tinha duas paixões na vida — o *football* e Theda Bara. Quando havia fita da Theda Bara eu ia ao cinema, á sessão de 1 1|2... e ia ao *football* todos os domingos. E isso era tudo para mim, creia. Era o resumo da felicidade. Mas um dia — foi o diabo! — appareceu-me Luiza... Nunca lhe aconteceu encontrar uma Luiza na vida? Pois é uma desgraça. Maior de que a desgraça de encontrar uma Luiza, só a desgraça de não encontrar nenhuma. Porém, como ia lhe dizendo... Ella veiu e espalhou muita illusão na minha vida. Illusão e desventura. Basta lhe dizer que foi a primeira mulher que amei. Juro-lhe: a primeira e a unica. A gente só ama uma mulher — é aquella que nos revela o sentido da dôr. Não é exacto? Foi o que me aconteceu. Luiza ateou um incendio louco no calor dos meus dezoito annos. Como eu a conheci? Foi assim... Como lhe disse, eu morava numa pensão, no Cattete. Morava no quarto n. 6, quando entrou para o quarto n. 8 um casal. Boa gente, simples e tranquilla. Elle e ella viviam em paz, não faziam barulho, não incommodavam os vizinhos. Elle — um allemão gordo, vermelho, risonho; ella — uma brasileirinha pequena, ardente e risonha tambem. Viviam muito bem, muito quietos, como quem vive longe do amor — e, portanto, perto da felicidade. Um dia, elle sahiu e deixou-a sozinha. Encontrei-a no corredor. Ella ia para o banheiro, muito á vontade, com os seios duros brotando, provocantes, de um vestido leve, e os cabellos soltos, muito negros, e uma toalha nos hombros, muito branca, e um sorriso nos labios, muito amavel. Fiquei embaraçado com o imprevisto encontro, e o sangue subiu-me para a cabeça, em fogo. Eu devia estar vermelho e confuso, porque ella achou graça.

— O senhor mora aqui? perguntou-me com bondade, indulgente.

— Moro, sim, senhora.

E não pude dizer mais nada. Corri para o quarto, afflicto, perturbado, e levei uma porção de dias a sonhar, delirante, com aquelle sorriso, aquella toalha, aquelles cabellos e aquelles seios. Oh! aquelles seios!... Uma rajada furiosa de concupiscencia soprou nos meus nervos, abalou-me a alma e o corpo. Fiquei pallido, emmagreci. E todas as noites, descalço, nas pontas dos pés, eu me pregava no buraco da fechadura, para vel-a. Era tão bonita, a Luiza! Uma manhã, eu estva lendo, no meu quarto; lendo, mas pensando nella. De repente, a porta se abriu, e ella botou a cabeça, com um sorriso na bocca:

— Faz favor de dizer as horas?

Fiquei desapontado. Eu não tinha relogio! Porém ella nem se importou com isso. Que desculpasse... E entrou. Entrou, sentou-se junto de mim, na cama, e disse-me que se chamava Luiza, que era casada com aquelle allemão gordo, que não gostava delle, que me achava muito sympathico... Não ouvi mais nada. Sei só uma cousa: que esse foi o dia mais feliz da minha vida. Luiza revelou-me os doces mysterios do amor e do peccado. Revelou-me a belleza da vida. Perdi a cabeça. Vivi nessa illusão uma semana, ou talvez menos. As boas illusões duram tão pouco! Quando o allemão sahia, eu ia para o quarto della, e beijava-a muito, e dizia-lhe palavras muito ternas. Era uma loucura. Mas fiquei outro, acredite. Contente, alegre, eu sentia o orgulho de viver. Não estudava mais. Cantava de manhã á noite. A minha alegria era alarmantemente lyrica... Eu trauteava arias da *Tosca*, no banheiro, assobiava a *Carabôo*, cantava cançonetas hespanholas... Um horror! A vizinhança só faltava correr doida. Mas eu era perfeitamente feliz. Luiza era tão bonita! E tinha uma cousa que me matava: os olhos. Eram os olhos da Theda Bara. E que seios! E que cabellos! Mas a illusão viveu pouco. Veiu logo o desencanto. Uma manhã — sete ou oito dias depois — ella me entrou no quarto, soluçando. Fiquei commovidissimo. Eu não posso ver uma mulher chorar... Chorei tambem. Que ridiculo, meu Deus! Depois de muitas lagrimas inuteis, pedi esclarecimentos.

— Que era que tinha?

E Luiza me explicou, convulsamente, soluçando:

— Fo... fo... foi o... Fritz!...

O brutamontes do allemão que a maltratara, que soubera de tudo, que promettera deixal-a...

— Bandido! rugi eu com uma ferocidade heroicamente platonica. E, resoluto, epico, tragico, levantei-me imprevistamente, disposto a matar o allemão. Mas Luiza não consentiu. Cobriu-me de lagrimas e de beijos, pediu-me que eu não fizesse isso... que era uma desgraça... e ella me amava... amava somente a mim... Entretanto, que se havia de fazer? Elle era o seu marido!... Não podiam separar-se assim... E, com uma ternura commovente, supplicou-me entre beijos:

— Francisquinho, se você tivesse 50$000 que me pudesse emprestar...

Eu não tinha. Mas prometti que lh'os daria de tarde. E fui arranjal-os. Procurei varios amigos. Fiz varias tentativas de emprestimos. Mas foi tudo inutilmente. Como não achei quem m'os emprestasse, resolvi roubal-os. Mas fui preso em flagrante. Um azar! Veiu a policia, fui á Delegacia. O commissario chamou-me — ladrão e pirata! Entretanto, creia, naquelle tempo eu ainda era um homem rigorosamente honesto. Mas ouvi tudo calado. Não dei explicações, não disse nada a ninguem. Fui condemnado, e estou aqui, como vê, na cadeia! Tudo só por causa da Luiza! Mas o melhor é que ha poucos dias chegou aqui — avalie quem! — o allemão. Fritz chamava-se Blücher, e era *Caften!* Está ali naquelle quarto. E a Luiza de vez em quando vem visital-o. Mas nem me reconhece. Tambem, coitada! ella me viu tão poucas vezes!... Ah! se eu lhe contasse como ainda soffro por causa della. Foi ella que me revelou o desencanto da vida, enchendo o meu espirito de illusão e desventura. Pobre Luiza! Tão bonita!...

UNA CACERIA TRAGICA

POR

JOSÉ DE VASCONCELLOS

ERAMOS cuatro compañeros y nos distinguíamos con el nombre de nuestras respectivas nacionalidades: el Colombiano, el Peruano, el Español; y al cuarto, nativo del Ecuador, por brevedad le llamábamos: Quito. El azar nos habia juntado pocos años antes en una gran finca azucarera de la costa peruana. De dia trabajábamos en diversos quehaceres; por la noche nos reuníamos en la hora del descanso, y no siendo ingleses, no jugábamos cartas, pero en cambio nuestras perpetuas discusiones nos acercaban siempre a la disputa. Lo cual no obstaba para que nos buscásemos con positivo afán, la noche siguiente, unas veces para continuar la dicusión interrumpida, reforzándola con nuevos argumentos; otras, para asegurarnos recíprocamente, con el apretón de manos y la mirada, que las frases ásperas de la anterior entrevista no significaban mengua de nuestro afecto. Los domingos salíamos de cacería; nos internábamos por las cañadas feraces, acechando generalmente con poco éxito las presas de las regiones cálidas, cercanas a la costa, o nos entretenímos matando en su vuelo las aves que resbalan bajo el sol, a la hora de la siesta.

Llegamos a ser incansables andarines y excelentes tiradores. Cuando en alguna ascensión divisábamos hacía el fondo la masa imponente de la cordillera, sentíamos su atractivo y ansiábamos escalarla; pero lo que mas nos seducía era pensar en la región trasandina, en las fértiles pampas vírgenes que se extienden del otro lado de los Andes, en dirección del Atlántico, por encima del inmenso Brasil. Parecía que la naturaleza primitiva nos llamaba a su seno, y que el ambiente de los bosques feraces y vírgenes prometía rejuvenecer nuestras voluntades, lo mismo que los árboles, que cada año aumentam su poder y su espesor. Varias veces concertamos descabellados proyectos (y cual sucede con todas las cosas que se piensan mucho, que generalmente se cumplen porque al fin y al cabo la naturaleza y los sucesos son en gran parte lo que de ellos va haciendo la imaginación) los fuimos pensando y realizando. Unas vacaciones hábilmente concertadas, algunas economías reunidas, buenos rifles, abundante parque, botas a prueba de fuego y fango, cuatro hamacas, algunas provisiones, mulas pacientes y media docena de indios fieles, tal fué la caravana que a fines del año de mil novecientos dieciseis bajaba cuestas andinas.

Habíamos dejado atras la región de las nieves. El lomo mas alto de las cumbres apenas se percibía; lo trepamos y lo bajamos sin contratiempo. Inútil resultó la precaución de llevar la hierba que los indios mascan para curar el "soroche" — el mal de la montaña —, ninguno de nosotros experimentó malestar, debido sin duda a que nuestra ascención fué gradual, al paso de nuestras mulas. En cambio, el "soroche" castiga a los que en ferrocarril ascienden rápidamente estas alturas. Y es que la máquina humana se aclimata a todo, pero con lentitud, porque es obra de la naturaleza; en tanto que el ferrocarril, como obra de la inteligencia, excede la adaptabilidad del cuerpo y le impone un esfuerzo al cual no sabe responder, porque el cuerpo está hecho para el animal, y solo con dificultad alcanza la audacia de la mente.

Los indios conocían el terreno al palmo; nos bajaban por veredas inesperadamente cortas; el mar de los montes, que desde lo alto de la sierra nos parecía limitado, a tal punto que nos causaba angustia, ahora se ensanchaba, y las cadenas de montañas se erguían menos apretadas. A veces, al trasponer un abra, una de las aberturas altísimas que dan acceso a nuevas regiones, (puertos, como se les llama en México), se ofrecía a nuestra vista, ya no el soberbio espectáculo de la serranía, intrincado y potente, sino la mas suave visión de llanuras limitadas en el fondo por sierras azuladas, sensiblemente menos altas que las que habíamos venido atravesando. Soltábamos las riendas de nuestras cabalgaduras para correr gozosos por el llano, saboreando el descenso, absorbiendo con alegría animal el aire espeso de las tierras bajas.

Descendiendo por innúmeras mecetas y por pasos todavía difíciles, continuamos en dirección de las tierras amazónicas. En los últimos días de jornada en la sierra, el aspecto del paisaje cambió radicalmente; en vez de lomos, minerales immensos, áridos y bruñidos por el sol, las montañas aparecian cubiertas de pinos y encinos olorosos y magníficos; en seguida, a medida que se efectuaba el descenso y el calor arreciaba, la vegetación se volvía tupida y exhúbera, a la vez que el caudal de los arroyos se hinchaba en corrientes estrepitosas.

Por último ya no hubo pendientes; avanzábamos por el borde de los ríos, disputando el paso a los densos follajes. Uma mañana notamos con sorpresa que de los montes ya sólamente quedaba una silueta de recortados picos, grandiosa y distante. Por el campo, los zumbidos de los insectos nos ensordecían; la atmosfera pletórica nos deprimía; y nos oprimió, mas aún que el encarecimiento del aire sobre los Andes, el sopor ecuatorial, que adormece la voluntad, pero exalta la imaginación.



EXMO. SR. DR JOSÉ VASCONCELLOS, MINISTRO DA INSTRUCÇÃO PUBLICA DO MEXICO, EMBAIXADOR ESPECIAL DA GRANDE NAÇÃO ÁS FESTAS DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA BRASILEIRA.

Cada mañana era una fiesta magnífica; resplandecían los cielos y la exhuberante, la colosal vegetación, se poblaba de rumores y vuelos de pájaros... Por la tarde, los crepúsculos asombraban como enormes incendios, concluían rápidos y se venía encima una noche de oscuridad densa que hacía resaltar el ardor fosforescente de las estrellas.

Por todas las veredas nos inundaba la selva, nos absorbía, a la vez que nos cobijaba de los rayos solares. Cuando los accidentes de la ruta nos llevaban por alguna leve eminencia, desde donde era posible abarcar horizontes, la extensa espesura se nos presentaba como un mar, tupida y ondulada, como montes y colinas de verdura; una serranía vegetal.

Con razón los sudamericanos llaman "la montaña" a la región amazónica, pues montañas forman los bosques.

Después de largas jornadas inolvidables por estas selvas solemnes donde la vida parece estar todavía en sus comienzos, llegamos a una aldea, en las riberas del Marañon, y cambiamos nuestro tren de viaje. En la región que ibamos a penetrar ya no había caminos; todo era selva inexplorada: en ella nos internaríamos, a traves del río, en canoa. Así llegaríamos a la zona donde debiamos cumplir el propósito ostensible de nuestra peregrinación: la cacería de los chanchos salvajes. (Báquiras o pequeños jabalíes).

Nos habían informado que caminan en manadas de varios miles; ocupan una región, consumen la hierba y se van todos juntos, ordenados como un ejército en busca de nuevos pastos. Es muy fácil destrozarlos si se les ataca cuando se hallan dispersos, satisfaciendo su apetito, lo mismo que ejércitos entregados a las delicias de la conquista; pero cuando marchan hambrientos, suelen ser feroces. En busca de ellos nos deslizábamos río abajo, en nuestra amplia canoa, por entre bosques inmensos, jámáis hollados por el hombre, con nuestras provisiones y la compañía fiel de los indios.

Cierta mañana hicimos alto en unas chozas, a la orilla del río. Por los informes que allí nos dieron, decidimos desembarcar un poco mas lejos, río abajo, y pasar la noche en tierra, a fin de buscar los chanchos por el bosque.

Al abrigo de un remanso desembarcamos y después de breve exploración encontramos un claro donde resolvimos instalarnos; bajamos las provisiones, los rifles, atamos sólidamente el bote y con ayuda de los indios quedó reinstalado nuestro campamento, a medio kilómetro de la ribera. Cuidamos de marcar el camino desde el desembarcadero, para evitar extraviarnos en la altísima maleza; los indios se retiraron a las chozas, comprometiéndose a regresar dos días después; nosotros al día siguiente excursionaríamos en busca de la presa.

Apenas anocheció, no obstante el fuerte calor, nos reunimos junto al fuego, para mirarnos las caras y por instinto de buscar su protección. Conversamos un poco, fumamos, y después de confesar que nos hallabamos realmente cansados decidimos echarnos a dormir. Nuestras cuatro hamacas habían sido amarradas por uno de sus extremos a un sólo arbol, firme, aunque no muy grueso, y a partir de este eje, en direción divergente, se sostenían por la otra extremidad en diversos troncos. Subió cada quien su rifle, sus cartuchos y una parte de las provisiones que no podían quedar expuestas en el suelo. La vista de las armas nos hizo pensar en el sitio en que nos hallábamos, rodeados de lo desconocido, y una leve emoción de terror nos hizo reír, toser y hablar; pero nos vencía la fatiga; esa fatiga máxima que obliga al soldado a aventar el rifle, despreciando el peligro, echándose a dormir, así lo persiga el mas encarnizado enemigo. Apenas notamos la serena grandeza de aquella noche remota y tropical.

◇

No sé si por efecto del alba, ya bien clara y magnífica porque se oían ruidos extraños, yo desperté, y entado sobre la hamaca exploré cuidadosamente a mi alrededor; mas no ví sino el soberbio despertar de aquella vida que por la noche parecía aletargada en el bosque. Llamé a mis perezosos compañeros, y ya todos alerta, sentados en nuestros lechos colgantes, nos vestíamos disponiéndonos a brincar en tierra, cuando notamos claramente, aunque algo lejano, un ruido súbito como de ramas bruscamente apartadas. Pero como no persistiera, descendimos confiadamente, nos refrescamos el rostro con el agua de nuestros frascos de campaña, y lentamente preparamos y gustamos el almuerzo. Serían las once de la mañana, cuando ya armados y resueltos nos disponíamos a abrir brecha para internarnos un poco mas en el bosque, pero la persistencia y la proximidad de los ruidos, en la espesura, nos hicieron cambiar de decisión; un instinto nos llevó a buscar refugio en las hamacas; metódicamente volvimos a subir el parque y los rifles, y sin consultarnos, coincidiendo en la idea de poner a salvo las provisiones, las subimos también. Por último, trepamos nosotros acostados boca abajo y cómodamente suspendidos con el fusil dispuesto. No tuvimos que aguardar largo tiempo; de pronto aparecieron negros y ágiles por todos los senderos los deseados chanchos. Los recibimos con gritos de alborozo y certeras descargas; varios cayeron immediatamente, lanzando cómicos ronquidos; pero otros más salían del bosque; tirábamos de nuevo descargando todos los casquillos del cargador y suspendíamos para volver a cargar; procedíamos con pausa, nos hallábamos seguros a la altura de nuestras hamacas. Por docenas contábamos la presa; con la mirada hacíamos cálculos rápidos sobre la magnitud del destrozo; pero los chanchos





VERSO E REVERSO DA MEDALHA MANDADA CUNHAR PELO GOVERNO DO MEXICO EM HOMENAGEM AO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA BRASILEIRA E QUE SERÁ DISTRIBUIDA NO DIA DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CUAUHTEMOC. O VERSO MOSTRA A EFIGIE DO GLORIOSO EMPERADOR AZTECA_ NO REVERSO ESTÁ O SYMBOLO DE CUAUHTEMOC, UMA AGUIA QUE CAHE COM AS AZAS ABERTAS. VÊEM-SE AHI AS DATAS 1822 - 1922, E A PLANTA DE UM PÉ, SIGNAL QUE OS AZTECAS USAVAM PARA INDICAR A DIRECÇÃO, COMO HOJE SE USA A FLECHA.

continuaban saliendo de la selva en número incontable y en vez de proseguir su camino, o de huír, parecían desorientados, y todos acudían a la zona mas fácil para nuestros tiros. Periodicamente tedisparar calentaba el cañón de las armas, y mieníamos que suspender el fuego porque el continuo tras se enfriaba, fumábamos y nos poníamos a bromear celebrando nuestra fortuna. Nos divertía la cólera impotente de los chanchos que alzaban en dirección nuestra sus trompas inutilmente amenazantes. Reíamos de sus ronquidos; tranquilamente apuntábamos a los que estaban mas próximos, y Zas! a chancho muerto por tiro; estudiábamos mañosamente el ángulo de las paletas para que la bala atravesase el corazón. La carnicería duró varias horas. Como a las cuatro de la tarde, notamos de prontouna alarmante escasez de parque. No obstante que íbamos provistos, habíamos tirado sin medida, y si bien la matanza correspondía al gasto de municiones, aquellos chanchos debían ser como nos habían advertido, varios miles, porque su número no disminuía, por el contrario, cada vez en grupos mas apretados, se acerban hasta debajo de nuestras camas colgantes y asestaban mordiscos furiosos contra el tronco del arbol que sostenía las cuatro hamacas. Sobre la dura corteza quedaba el araño de los colmillos. No sin cierto pavor los mirábamos estrecharse tenaces en compactas masas contra el tronco resistente; pues imaginábamos lo que podrían hacer con un hombre, que cayese a su alcance. Nuestros disparos eran ahora periódicos. bien apuntados, avaramente aprovechados, pero no ahuyentaban a las agresivas bestias, más bien redoblaban su furor. Alguno de nosotros observó irónicamente, que de agresores nos habíamos convertido en defensores, pero no pudimos reír muy largamente la broma; comenzábamos a sentirnos inquietos; ya casi no disparábamos por la necesidad de economizar cartuchos. La tarde declinó, entramos al crepúsculo; después de consultarnos resolvimos comer sobre nuestras posiciones aereas; celebramos nuestra previsión al subir las carnes, el pan y las botellas de agua; estirándonos sobre la hamaca nos pasábamos uno a otro lo que a cada quien faltaba; los chanchos nos ensordecían con sus ronquidos coléricos.

Después de comer nos volvimos a sentir tranquilos, encendimos los cigarros; seguramente los chanchos iban de paso; su número era crecido, pero acabarían por desfilar en paz. Sin embargo, al decir esto, mirábamos con ojos codiciosos los pocos cartuchos que nos quedaban sin uso. Como enormes hormigas rabiosas se revolbían abajo nuestros enemigos, envalentonados por la cesación del fuego. Cautelosamente apuntábamos de cuando en cuando, y matábamos uno o dos, alejando al numeroso grupo, ensañado impotentemente contra el tronco del arbol central.

La noche nos envolvió casi sin que notáramos la transición del crepúsculo; nos sentíamos redidos y preocupados; cuando se fueron los malditos chanchos ya había bastantes de ellos muertos, para servir de trofeo a varias docenas de cazadores de chanchos del mundo! nuestra hazaña sería célebre; era necesario mostrarnos dignos de tal fama; había que dormir, puesto que no quedaba otra cosa que hacer! Con la obscuridad nocturna, aún poseyendo mas parque, era imposible continuar la lucha; se nos ocurría provocar algún incendio local con algunas ramas para ahuyentar con el fuego a las bestias; pero aparte de que no podíamos dejar el sitio en que estábamos suspendidos en el aire, no había por el lozano bosque ramasones secas; finalmente, nos dormimos.

Despertamos poco después de la media noche; la obscuridad era profunda y el rumor ya bien conocido nos hizo saber que allí estaban aún los chanchos; pero pensábamos: deben ser ya los últimos que van de retirada; si un buen ejército necesita varias horas para levantar el campo y desfilar; ! qué se puede esperar de un vil ejército de chanchos, sino desorden y lentitud ? A la mañana siguiente foguearíamos a los rezagados; pero también nos inquietaba esta reflexión penosa: allí estaban los brutos en gran número y aparentemente activos. ? Qué hacían ? ? Por qué no se iban ? Así pasamos horas agitadas y largas; llegó por fin la aurora, espléndida en todo el cielo, rumurosa en la selva, todavía envuelta, por dentro, en las sombras. Con ansiedad aguardábamos a que la luz penetrase por entre el follaje, para examinar el aspecto del campo de batalla del dia anterior.

Lo que al fin miramos nos ahogó la voz, nos aterrorizó. Los chanchos seguían laboriosos la obra en que habían empleado toda la noche. Guiados por un extraordinario instinto, con las trompas cavaban la tierra debajo del arbol que sostenía las hamacas; mordían las raíces y seguían minando como roedores enormes y presurosos; bien pronto caería el arbol, y, con él nosotros entre nuestros enemigos. Desde aquel instante ya no pensamos ni hablamos; com deseperación consumimos nuestros últimos tiros; matamos mas animales feroces; pero los otros, renovando su actividad, parecían dotados de inteligencia; no cesaban su lucha contra el arbol, no obstante que sobre ellos concentrábamos el fuego. En un instante se acabaron los tiros de rifle, descargamos también las pistolas y después ya sólo se oyó en el silencio, el roer de las trompas bajo la tierra blanda y húmeda y noblemente aromática. De vez en cuando los chanchos se estrechaban contra el arbol, empujándolo y haciéndolo crujir, ansiosos de derribarlo cuanto antes. Nosotros mirábamos como hipnotizados, la obra diábolica; era imposible huír porque todo el espacio a la vista estaba invadido por los pardos monstruos. Nos pareció que guiados por un súbito vislumbre, se disponían a vengar en nosotros, la artera disposición del hombre, destructor impune de las especies animales, desde el principio de las edades. Nuestra imaginación, enloquecida por el pavor, nos representaba nuestra suerte como una expiación por el crimen implícito en las luchas de la selección biológica. Pasó por mis ojos la visión de la India sagrada, donde el creyente se exime de comer carne para evitar la matanza sistemática de las bestias, y para purificar de esa manera el sér humano de su tradición turbia de luchas sanguinarias y desleales, como la que nosotros acabábamos de librar por mera afición viciosa. Sentí que la multitud de los chanchos elevaba contra mí su voz acusadora; comprendí la infamia del cazador; mas, ? qué valía aquel arrepentimiento, si yo iba a morir irremediablemente, devorado con mis compañeros por aquella horda de brutos con ojos de demonio...? Entonces, estimulado por el terror, sin darme bien cuenta de mis actos, colgándome del extremo alto de la humaca, me balancé en el aire y con salto extraordinario logré asirme de una rama del arbol contrario al que los chanchos cavaban; de allí pasé a otras ramas y a otras, reviviendo en mi organismo habilidades que ya la especie ha olvidado. Poco después, un grito pavoroso y gritos inolvidables, me anunciaron la caída del arbol y el triste fin de mis compañeros. Abrazado a un tronco permanecí mucho tiempo temblando, oyendo el castañeteo de mis quijadas. Mas tarde, el deseo de huír me devolvió las fuerzas; empinado sobre el arbol exploré buscando un sendero y vi los chanchos a distancia, en marcha, en filas apretadas e insolentes. Comprendí que ahora sí iban de retirada, me apee del arbol y aunque sentía horror por acercarme al sitio de nuestro campamento, el sentimiento del deber me llevó hacía allá. Quizá alguno de mis compañeros había logrado salvarse. Me acerqué vacilante. Cada cuerpo de chancho muerto me hacía extremecer de horror. Pero lo que ví después es tan espantoso, que no pudo fijarse bien en mi mente: restos de ropas y calzado. ! No cabía duda, los chanchos los devoraron! Entonces corrí hací a el río siguiendo las huellas que dos días antes plantáramos. Avancé a gran prisa con los miembros tiesos de pavor. Corriendo a zancadas llegué al bote; con esfuerzo logré bogar hasta las chozas, y allí caí en cama con alta fiebre que me duró muchos días...

Ya no asistiré a cacerías. Contribuiré, si es necesario, al exterminio de las bestias dañinas; pero no mataré por gusto; no gozaré con el innoble placer de la caza.

Commemorações do Centenario



programma official das festas commemorativas do centenario ficou definivamente organizado da seguinte fórma:

DIA 6

A's 2 horas — O presidente da Republica receberá no Cattete os embaixadores em missão especial, das nações estrangeiras, para a apresentação das respectivas credenciaes.

A's 3,30 — O presidente da Republica receberá os enviados extraordinarios e ministros plenipotenciarios, os delegados e os representantes em missão especial para apresentação das credenciaes.

A's 6 horas da tarde — A senhora do presidente da Republica receberá no Cattete as senhoras dos representantes das missões especiaes e permanentes, assim como os chefes dessas missões.

A's 10 da noite — Baile no Jockey-Club.

DIA 7

A's 8 horas — O presidente da Republica passará em revista as forças do Exercito, (1ª e 2ª linhas), Marinha, Policia Militar, contingentes das forças policiaes dos Estados e contingentes militares e navaes estrangeiros, no campo de São Christovão. Após a revista, as forças desfilarão em continencia ao presidente, que se achará acompanhado das missões especiaes e corpo diplomatico, ministros de Estado, prefeito do Districto Federal, commissarios geraes e outras pessoas gradas.

A's 12 horas — Juramento á bandeira, pelos alumnos das escolas publicas, no palacio da



SR. DR. JOAQUIM FERREIRA CHAVES, MINISTRO DE ESTADO DA JUSTIÇA E INTERIOR, PRESIDENTE DA COMMISSÃO EXECUTIVA.



SR. DR. JOSÉ PIRES DO RIO, MINISTRO DE ESTADO DA VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS, INTERINO DA AGRICULTURA E COMMERCIO, MEMBRO DA COMMISSÃO EXECUTIVA.



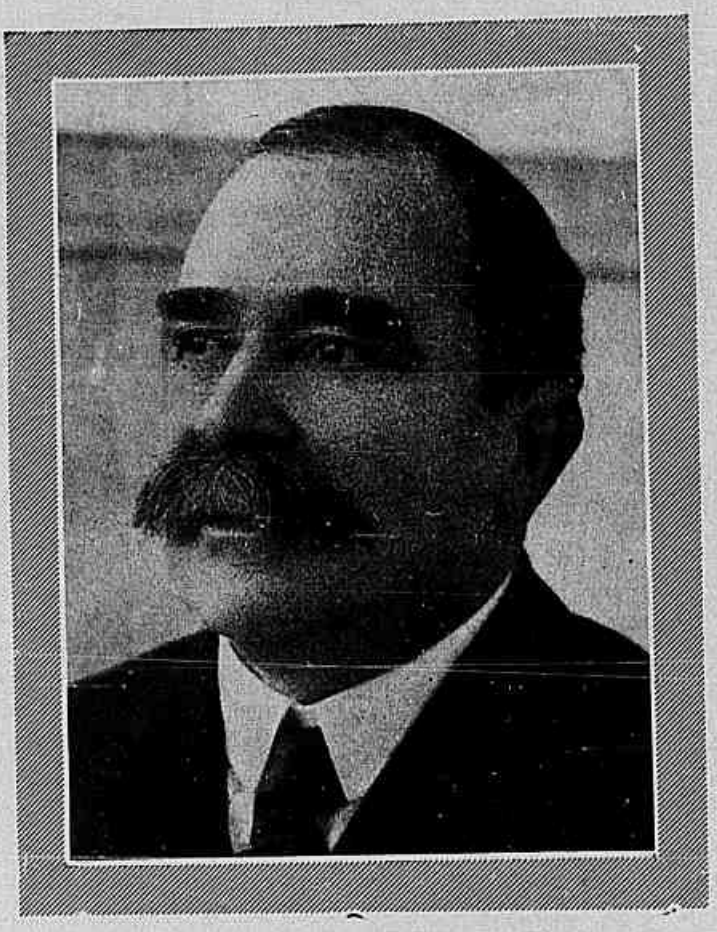
SR. DR. CARLOS CESAR DE OLIVEIRA SAMPAIO, PREFEITO DO DISTRICTO FEDERAL E COMMISSARIO GERAL DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO.

Municipalidade, com a presença do presidente da Republica, ministros da Justiça, prefeito do Districto Federal e autoridades escolares.

A' mesma hora cerimonia identica realizar-se-á em todas as escolas primarias do Brasil.

A's 2 horas — O presidente da Republica receberá, no Cattete, os cumprimentos das embaixadas estrangeiras em missão especial, do corpo diplomatico, commissarios geraes, membros do Parlamento, officiaes de terra e mar e outras pessoas gradas.

A's 4 horas — O presidente da Republica inaugurará officialmente a Exposição Commemorativa do Centenario da Independencia e presidirá a sessão solemne inaugural no salão nobre do pavilhão de Festas.



DR. FERREIRA RAMOS, DELEGADO GERAL DA EXPOSIÇÃO.

A sessão solemne constará do seguinte:

I — Abertura da sessão e declaração official da inauguração da Exposição Internacional pelo presidente da Republica.

II — Discurso do ministro da Justiça, em saudação ás missões estrangeiras.

III — Discurso do embaixador extraordinario da França, na qualidade do decano das delegações estrangeiras junto á exposição.

IV — Encerramento da sessão solemne pelo presidente da Republica.

Após a sessão solemne, o presidente presidirá a inauguração dos pavilhões de honra que estiverem concluidos, na Secção Internacional da Exposição e os pavilhões nacionaes do Districto Federal, Palacio das Festas, Hygiene, Estatistica, Pequenas Industrias, Caça e Pesca e Varias Industrias.

A's 9 horas da noite — Espectaculo de gala no Municipal, com a presença do presidente da Republica.

Representação da opera *Guarany*, do compositor brasileiro Carlos Gomes.

A's 3 1|2 da tarde — Grandes corridas no prado do Derby-Club para a disputa do pareo "Sete de Setembro".

A's 8 horas da noite — Em homenagem aos proceres da Independencia desfilará pelas ruas centraes da cidade o Grande Cortejo Civico Luminoso — As estatuas de Pedro I e José Bonifacio serão ornamentadas.

Itinerario do cortejo: Praça Mauá, Avenida Rio Branco até o Pavilhão Monroe, Largo da Carioca, ruas da Cario-



PAVILHÕES DA ESTATISTICA E DE CAÇA E PESCA.

PAVILHÃO DAS PEQUENAS INDUSTRIAS.

ca, Praça Tiradentes, rua Sete de Setembro e Avenida Rio Branco.

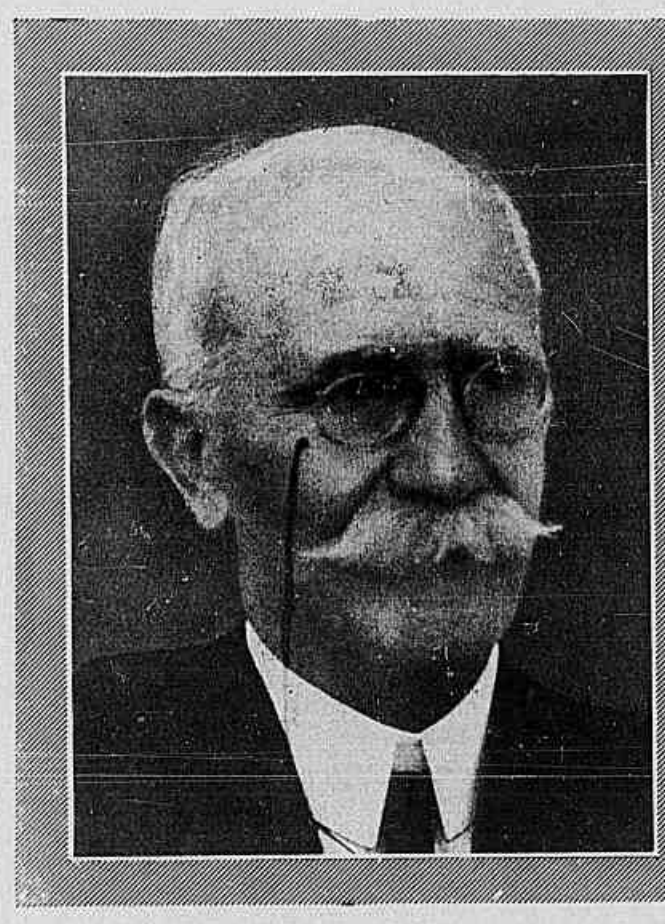
A's 10 horas — Grandes fogos de artificio no Campo de São Christovão.

Nesse dia realizam-se no interior as seguintes solemnidades :

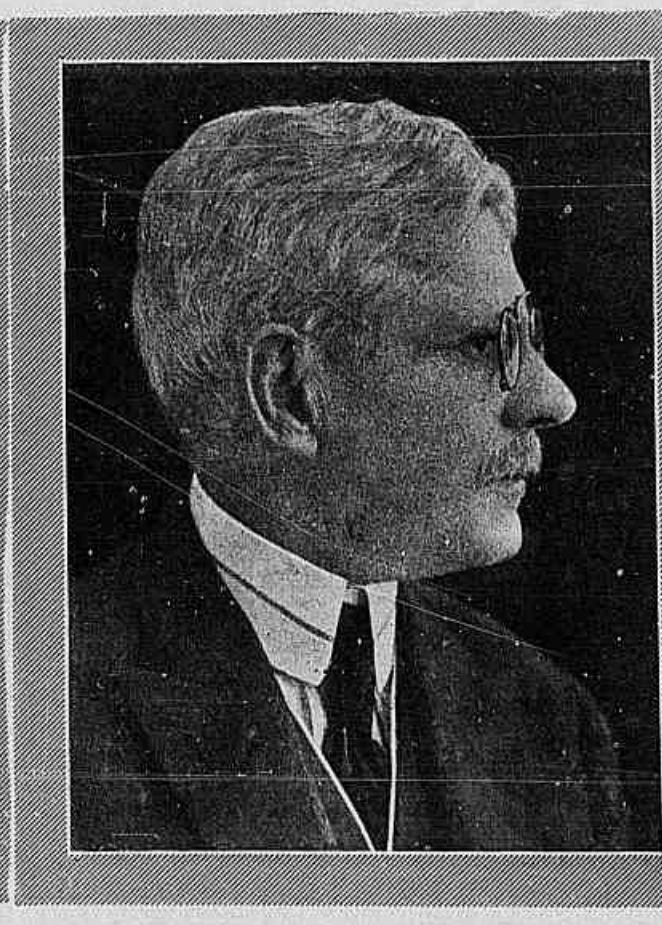
São Paulo — Inauguração da grande avenida da Independencia, ligando o centro da cidade ao local historico do Ypiranga.

Santos — Inauguração do monumento dos Andradas, em homenagem ao patriarcha da Independencia do Brasil, José Bonifacio e a seus irmãos Antonio. Carlos e Martim Francisco.

Inauguração do monumento em homenagem a Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o inventor do aerostato.



DR. ANTONIO OLINTO, 1° VICE-PRESIDENTE DA COMMISSÃO ORGANISADORA DA EXPOSIÇÃO.



DR. PADUA REZENDE, 2° VICE-PRESIDENTE DA COMMISSÃO ORGANISADORA DA EXPOSIÇÃO.

Ouro Preto — Peregrinação civica ao local onde existiu a casa de Tiradentes, o proto-martyr da Independencia, e inauguração da lapide mandada erigir pelos governos da União e do Estado de Minas.

Bahia — Inauguração do palacio do Instituto Historico e Geographico da Bahia. Peregrinação civica ao Campo da Polvora, em homenagem a Domingos José Martins, José Luiz Mendonça, Padre Miguelinho e outros martyres da Independencia.

DIA 8

A's 2 horas — No salão nobre do Syllogeu Brasileiro effectuar-se-á a sessão solemne da abertura do Congresso Internacional de Historia da America, convocado pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sob a presidencia de honra do presidente da Republica.

A's 4 horas —

Desfile escolar na Avenida Rio Branco, no qual tomarão parte os alumnos de todos os institutos officiaes e particulares de ensino secundario no Rio de Janeiro.

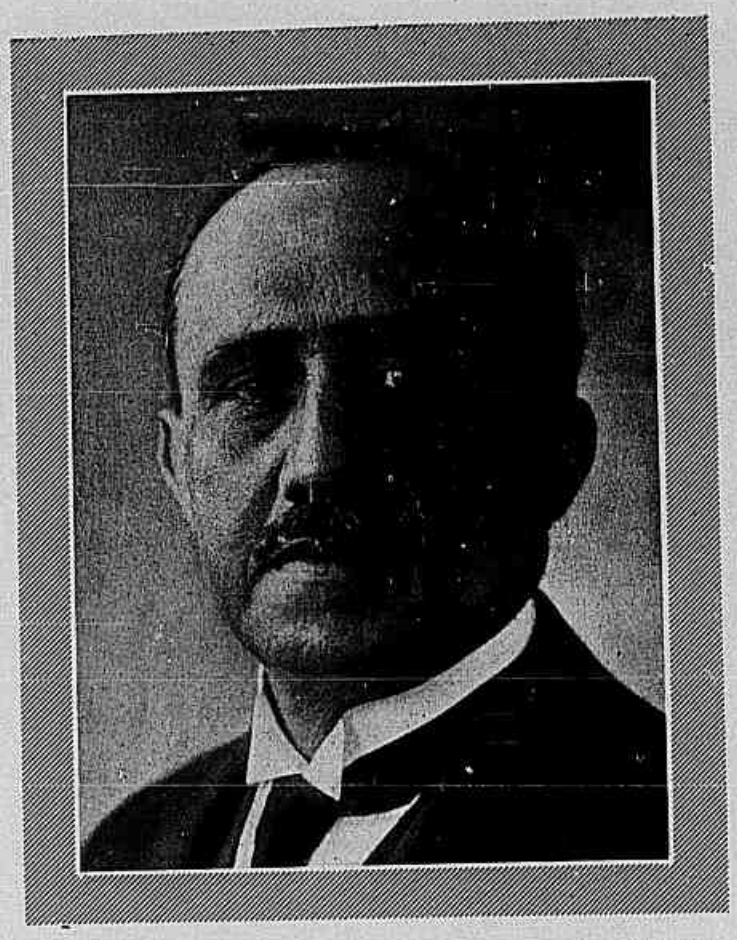
A's 8 horas da noite — Jantar offerecido pelo Sr. Kuma Horiguchi, ministro do Japão, ás altas autoridades brasileiras, embaixadas especiaes e corpo diplomatico.

A's 10 horas — Grandes fogos de artificio na cidade.

Nesse dia serão realizados os campeonatos latino-americanos de esgrima e florete, no Club Fluminense, ás 5 horas.

Espectaculos populares nos theatros da cidade.

Concerto de banda de musica, no recinto da Exposição Internacional.



DR. ALFREDO NIEMEYER, DIRECTOR DA SECÇÃO ESTRANGEIRA DA EXPOSIÇÃO.

DIA 9

A's 10 horas da manhã — O presidente da Republica passará em revista as esquadras e vasos de guerra nacionaes e estrangeiros surtos na bahia de Guanabara.

A's 5 horas — Grande recepção da embaixada norte-americana, offerecida ás altas autoridades, membros do corpo diplomatico, delegações estrangeiras e á sociedade brasileira.

A's 8 horas da noite — Banquete official no palacio do Cattete, offerecido pelo presidente da Republica aos chefes das missões especiaes, seguido de recepção.

— Match de box, no stadium do Fluminense Football Club, ás 4 horas e 30 minutos.

Bailes populares nos jardins publicos da cidade.

DIA 10

A's 12 horas — Almoço no Jockey-Club, offerecido pela Marinha Brasileira á officialidade dos navios de guerra estrangeiros, surtos na bahia de Guanabara.

A' 1 hora — O ministro da Justiça presidirá a sessão solemne de abertura do Congresso de Ensino Superior e Secundario, no salão de festas da Exposição Internacional.

A's 3 1|2 — Grandes corridas no prado do Jockey-Club, para a disputa do premio José Bonifacio.

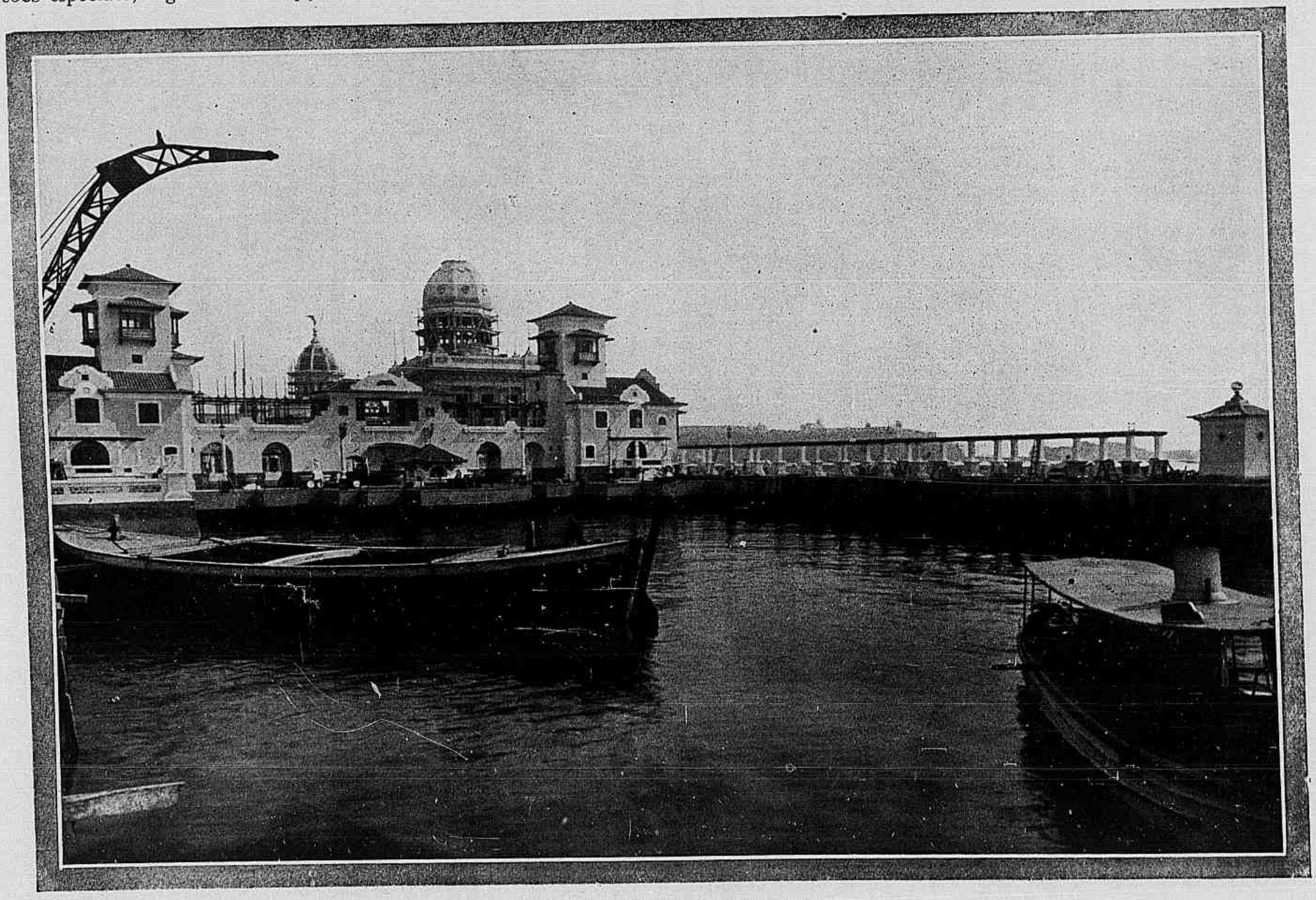
A's 10 horas da noite — Recepção e baile na séde da embaixada ingleza.

— Campeonato de Football, Chile versus Brasil, no Stadium do Fluminense Football Club, ás 4 horas.

Hippismo — Steeple-chase, no Derby-Club, entre concorrentes latino-americanos.

DIA 11

A' 1 hora — Almoço a bordo do "Maryland", offerecido pela delegação norte-americana ás altas autoridades brasileiras, embaixadas especiaes e corpo diplomatico.



PAVILHÃO DE CAÇA E PESCA, VISTO DO MAR.



PAVILHÃO DA ADMINISTRAÇÃO.

A's 8 horas da noite -- Recepção e baile offerecidos ao governo e á Sociedade Brasileira pelo Sr. Adolpho Max, embaixador extraordinario da Belgica.

— Concurso de tiro de revólver de guerra, entre concorrentes latino-americanos, no Stadium do Exercito, ás 9 horas.

Water-polo nas piscina do Club Fluminense, ás 8 horas da noite.

Nesse dia será permittido o ingresso gratuito, na Exposição Internacional, ás creanças pobres, ás quaes serão distribuidos brinquedos.

DIA 12

A's 3 horas — Peregrinação civica no local onde existe o marco da fundação da cidade do Rio de Janeiro, morro Cara de Cão.

DIA 13

A's 9 horas da noite — Sessão solemne promovida pela Liga de Defesa Nacional, a realizar-se no Salão de Festas da Exposição.

Fará uma conferencia o escriptor Goulart de Andrade.

— Athletismo militar latino-americano, entre o 1° e o 2° grupos militares, no Stadium do Exercito, ás 8 horas.



DR. J. B. DE MELLO E SOUZA, SECRETARIO GERAL DA COMMISSÃO EXECUTIVA.

— Campeonato de Football entre Argentinos e Paraguayos, no Stadium do Fluminense Football Club.

— Festa veneziana na enseada de Botafogo, ás 9 horas da noite.

DIA 14

A's 4 1|2 da tarde — Grande festival mexicano, constante de concerto de musicas nacionaes mexicanas, seguidas de dansas nacionaes do Mexico.

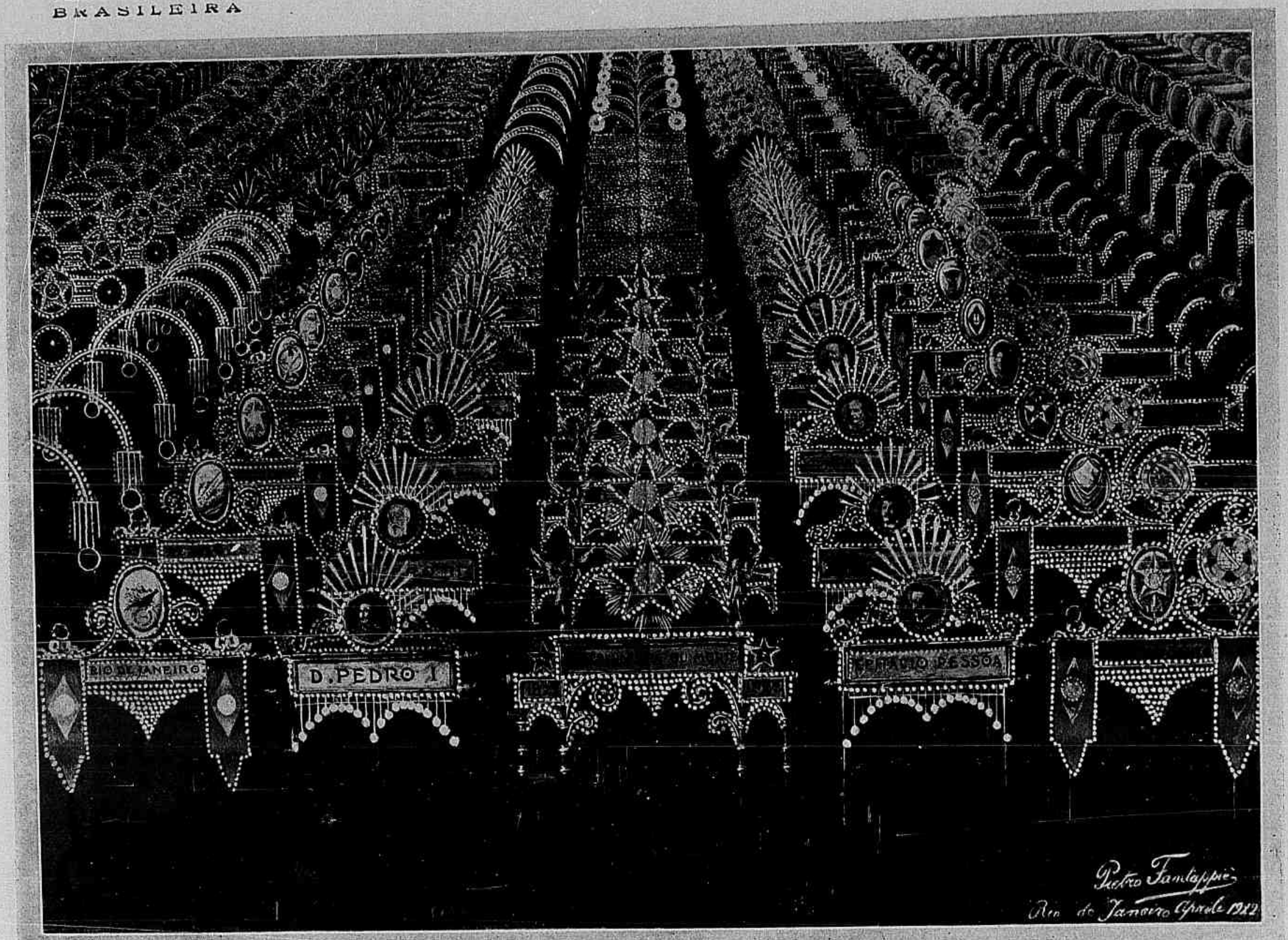
A's 10 horas da noite — Baile offerecido pelo ministro das Relações Exteriores ás missões especiaes e ao corpo diplomatico, no Itamaraty.

— Athletismo militar latino-americano entre o 3° e o 4° grupos, no Stadium do Exercito, ás 8 horas.

DIA 15

A's 2 horas — Excursão ao Corcovado, offerecida ás delegações estrangeiras pela Commissão Executiva do Centenario, seguindo-se um chá na esplanada das Paineiras.

A's 4 horas — Solemnidade do encerramento do Congresso Internacional de Historia da America, no salão nobre do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.



O GRANDE CORTEJO CIVICO LUMINOSO EM HOMENAGEM AOS PROCERES DA INDEPENDENCIA.

Campeonato de Fottball entre Chilenos e Uruguayos, no Stadium do Fluminense Football Club, ás 3 horas.

Sessão solemne, no Syllogeu Brasileiro, promovida pela Academia Brasileira de Letras.

DIA 16

A's 11 horas — Inauguração do monumento de Chauhtemoc, offerecido ao Brasil pelo governo da Republica dos Estados Unidos Mexicanos.



DR. OCTAVIO MOREIRA PENNA, ENGENHEIRO CHEFE DAS OBRAS DA EXPOSIÇÃO.

Assistirão á cerimonia o presidente da Republica, os embaixadores do Mexico, as missões especiaes e o corpo diplomatico estrangeiro, os commissarios geraes, ministros de Estado e outras pessoas gradas.

Das 4 da tarde ás 8 da noite — Recepção offerecida ás altas autoridades brasileiras, ás missões especiaes, membros do corpo diplomatico, delegações estrangeiras e á sociedade brasileira pela embaixada do Mexico.

— Regatas entre concorrentes latino-americanos.

Corridas a pé, cross-country militar, entre concorrentes latino-americanos, na Quinta da Boa Vista, ás 8 horas.

Jantar ao presidente da Republica Portugueza.

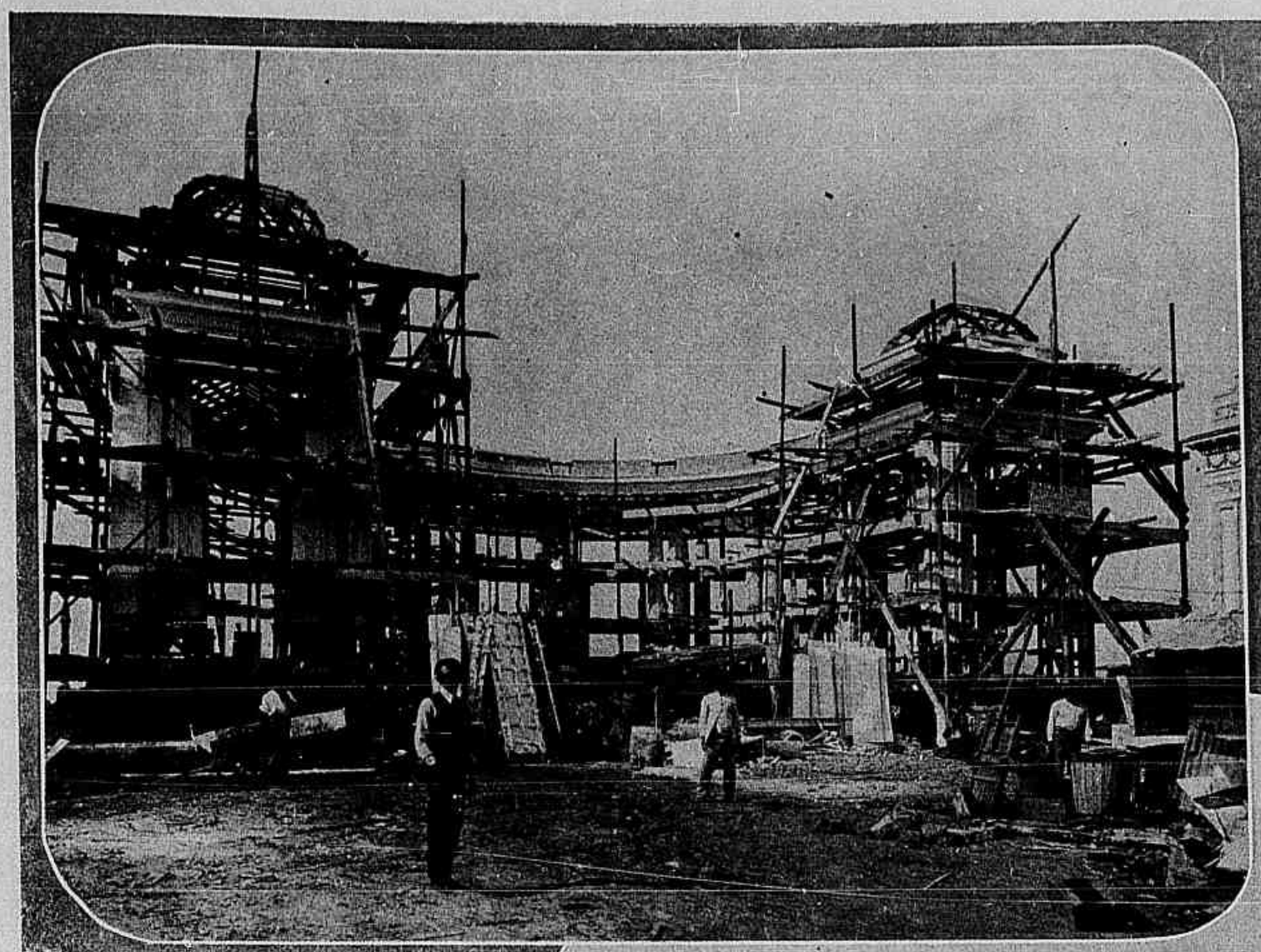
Em honra ao chefe de Estado portuguez, será offerecido um jantar, no Cattete, pelo presidente da Republica, em dia que será previamente communicado.



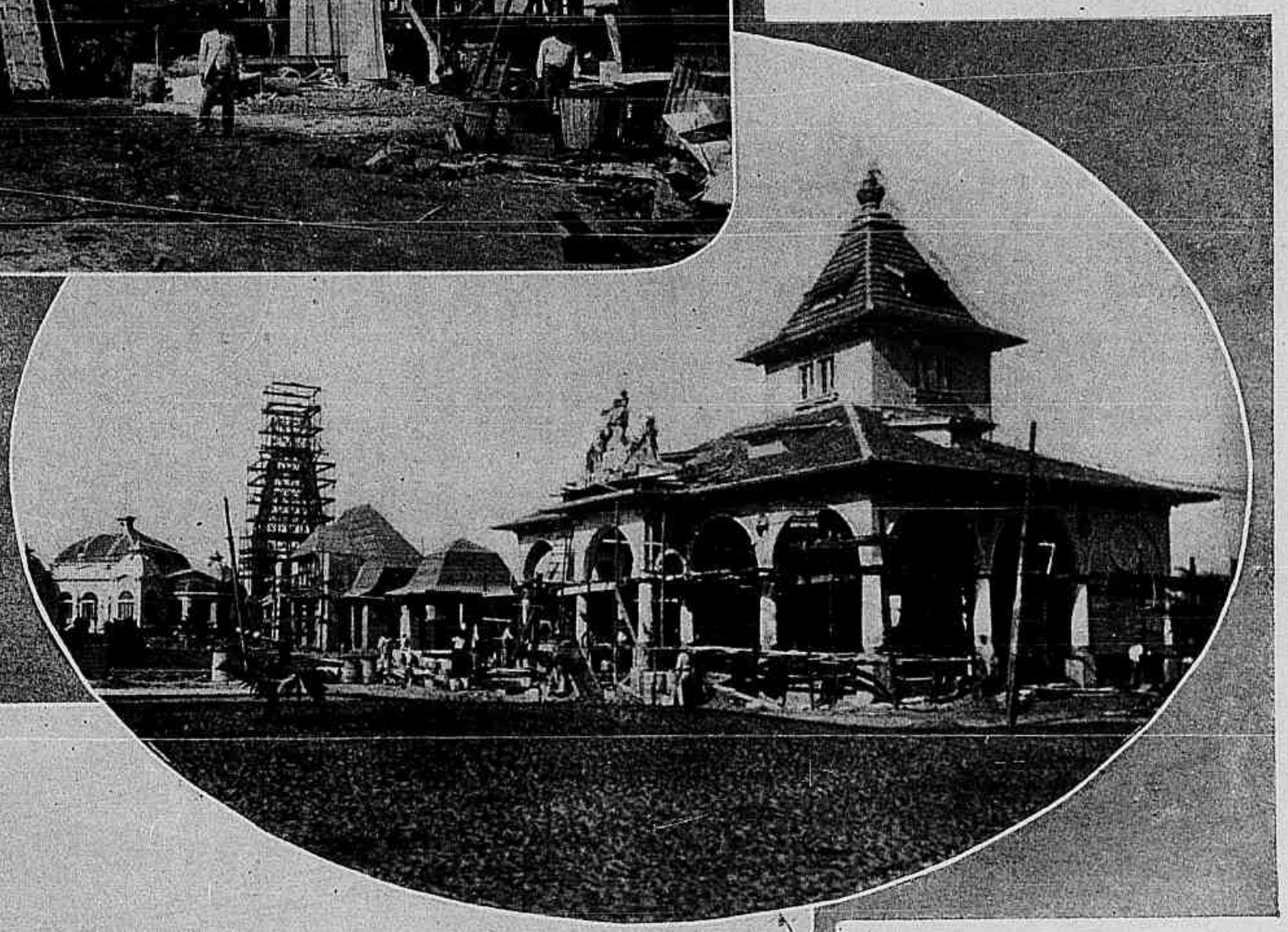
DR. BENJAMIN DA ROCHA FARIA, ENGENHEIRO DAS OBRAS DA EXPOSIÇÃO.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO

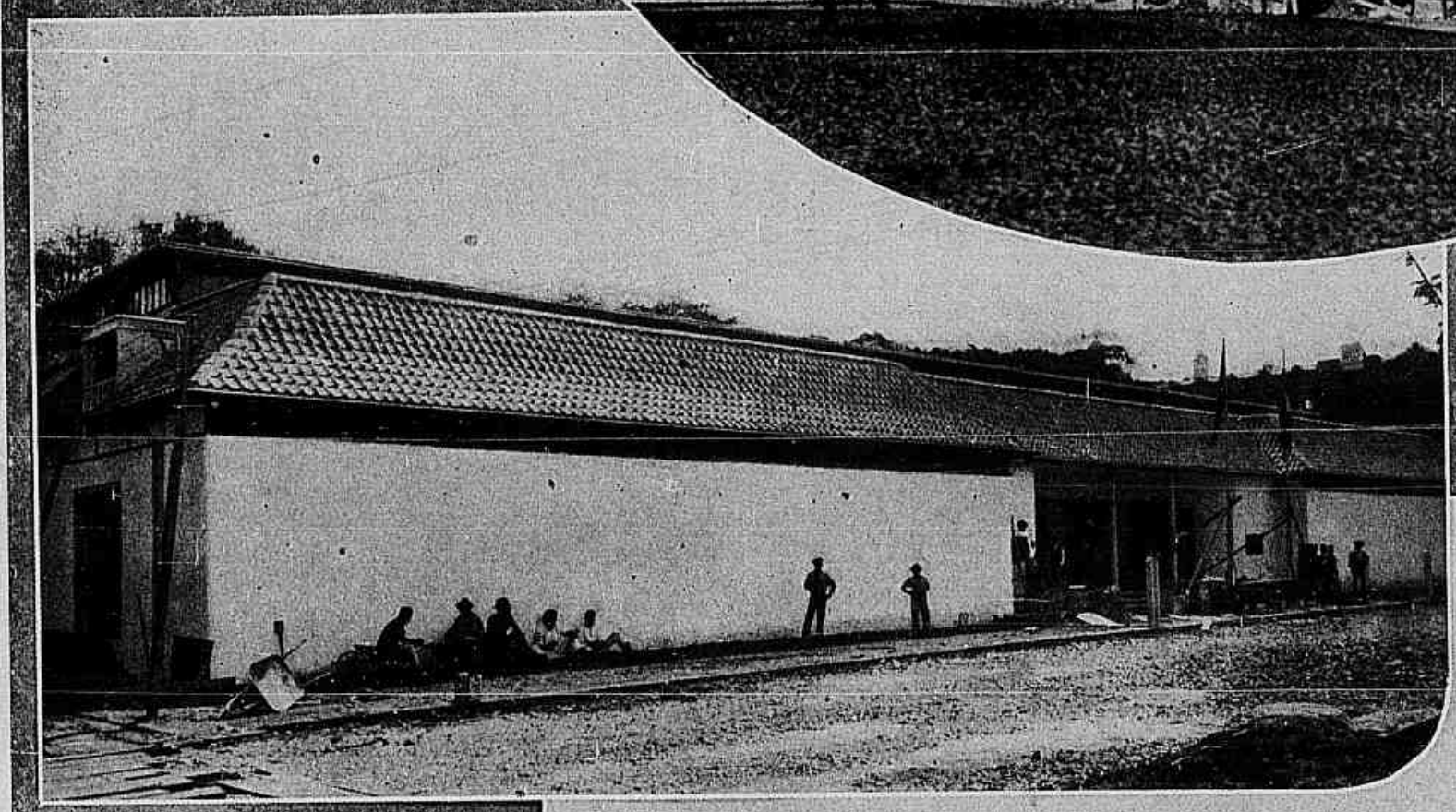
AS OBRAS NOS ULTIMOS DIAS DE AGOSTO

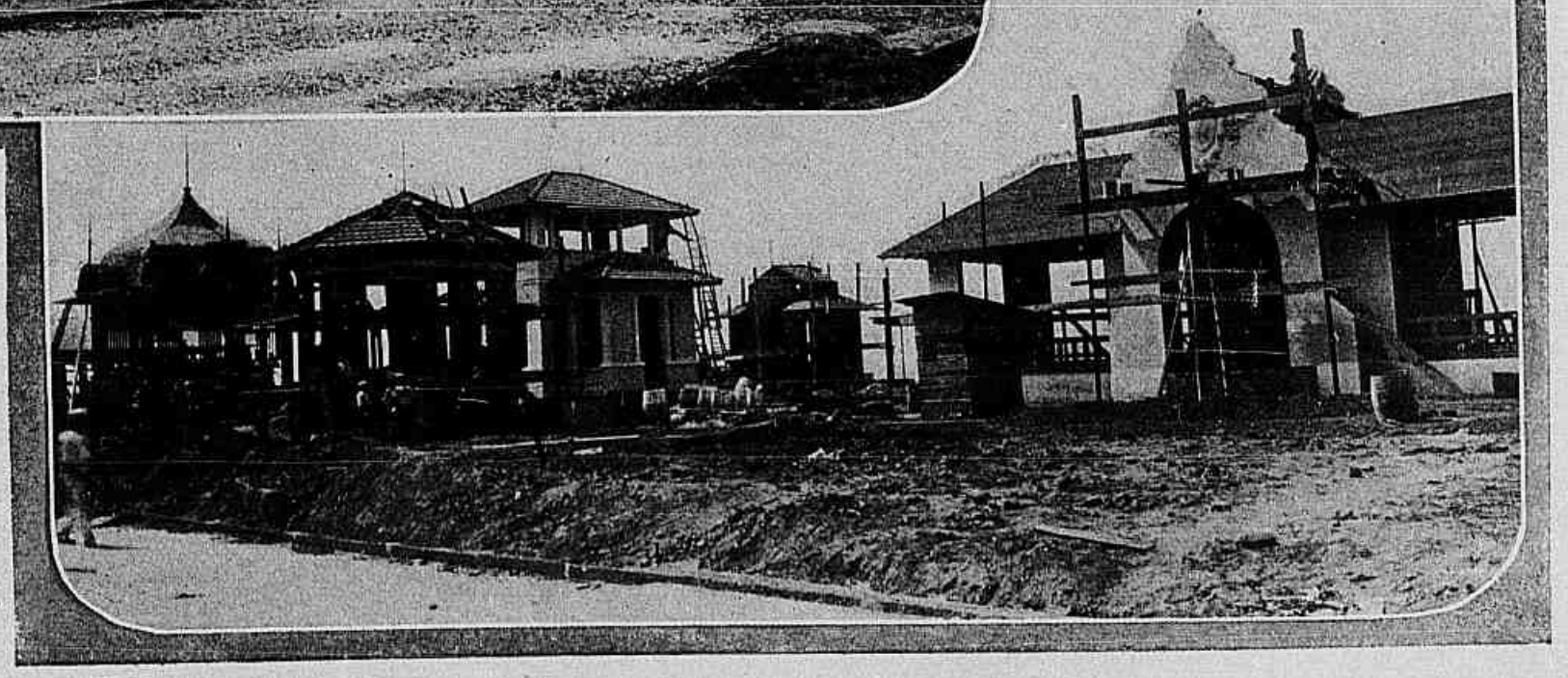


PAVILHÃO DA MUSICA.



PEQUENOS PAVILHÕES



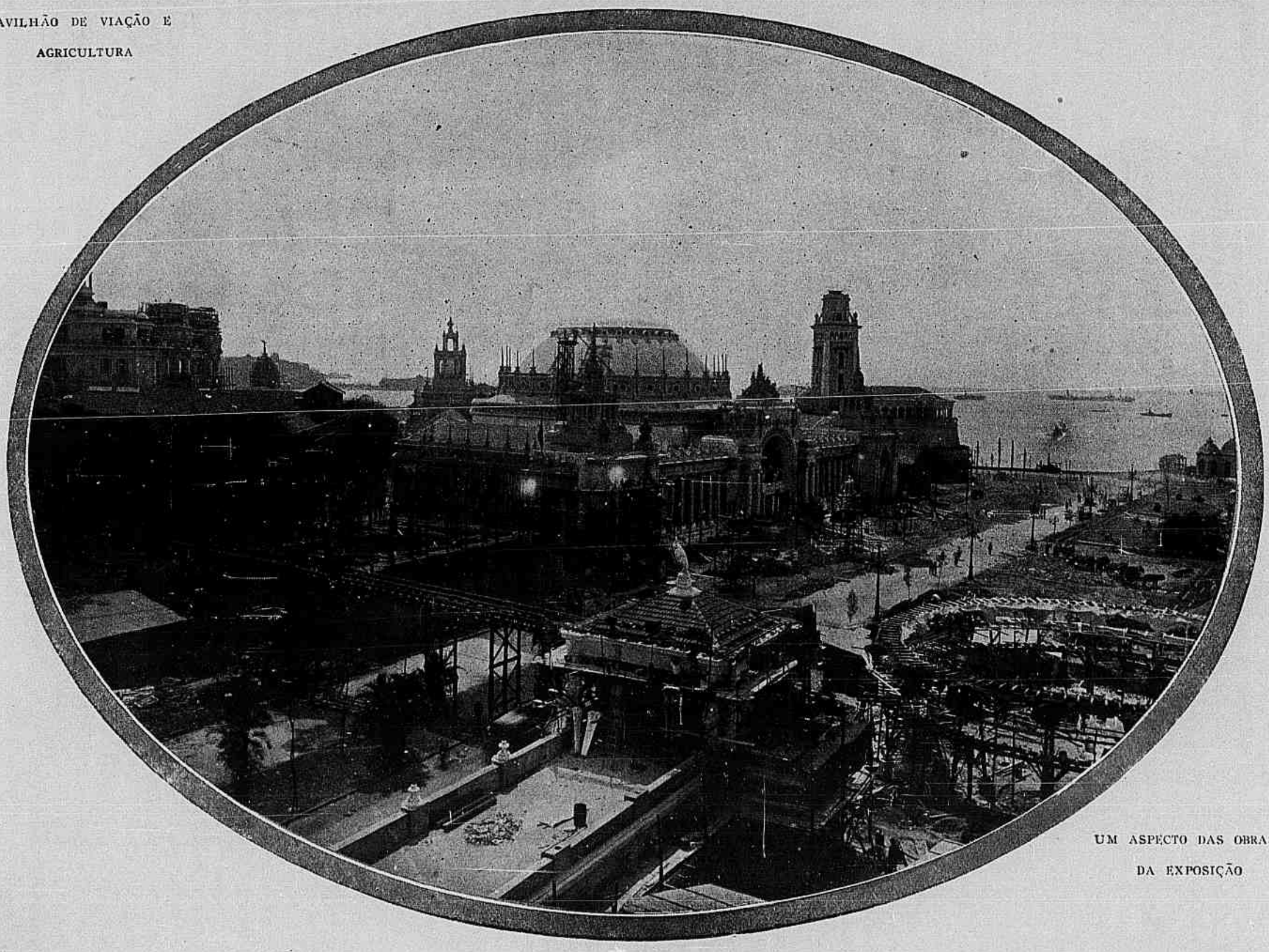


PAVILHÃO DA DINAMARCA

PEQUENOS PAVILHÕES



PAVILHÃO DE VIAÇÃO E AGRICULTURA

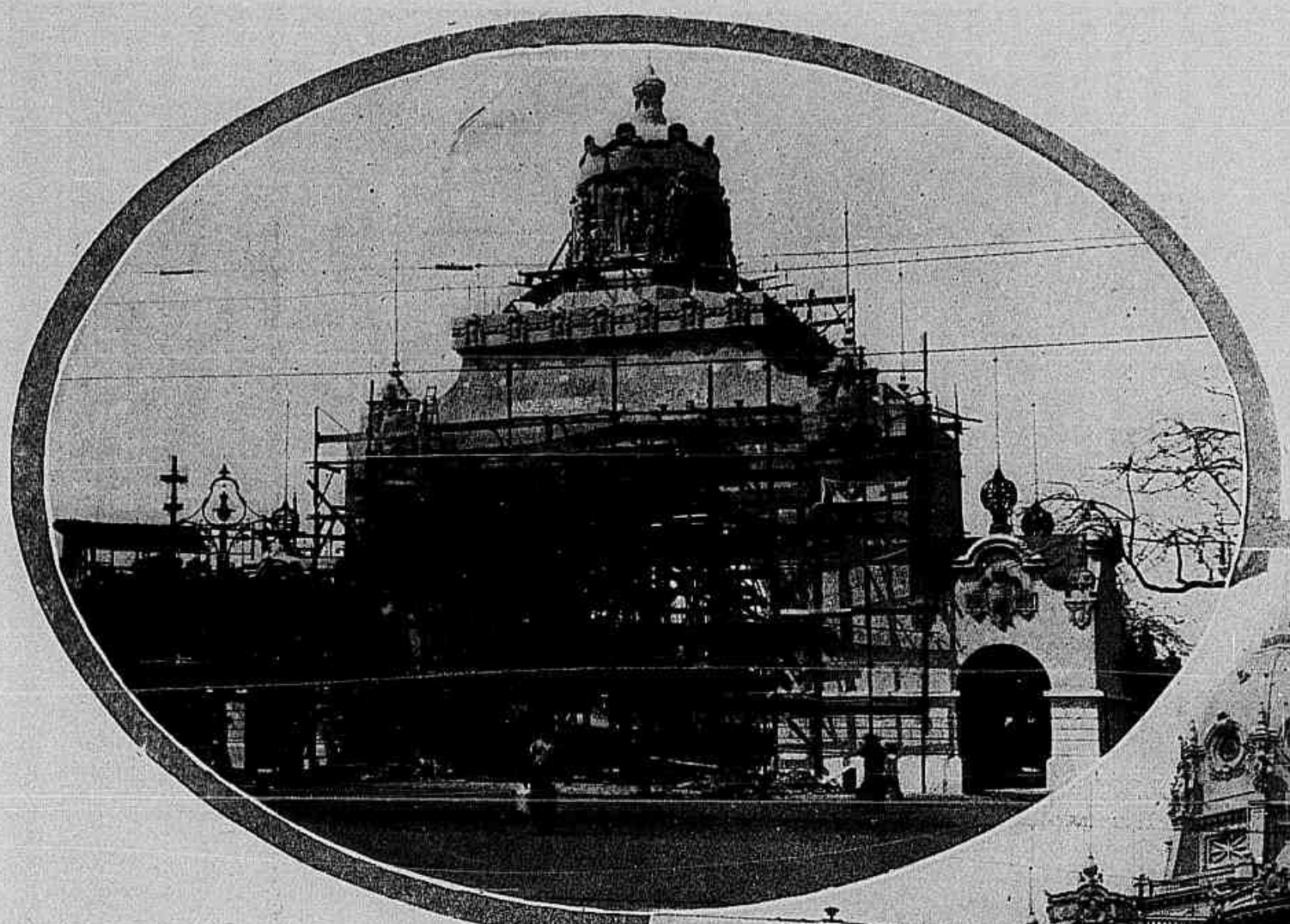


UM ASPECTO DAS OBRAS DA EXPOSIÇÃO

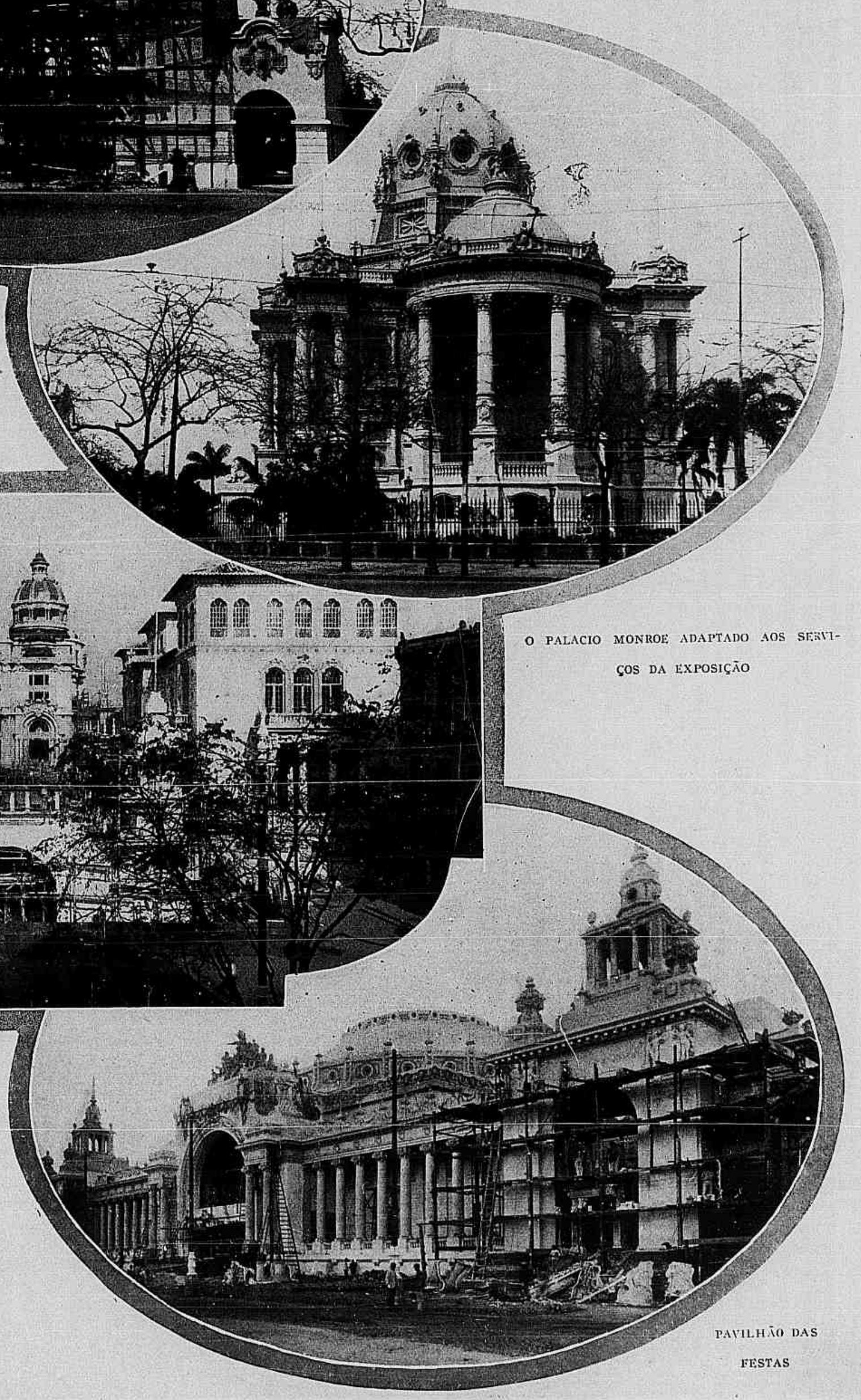
PHOTOGRAPHIAS DA EXPOSIÇÃO

UMA SEMANA

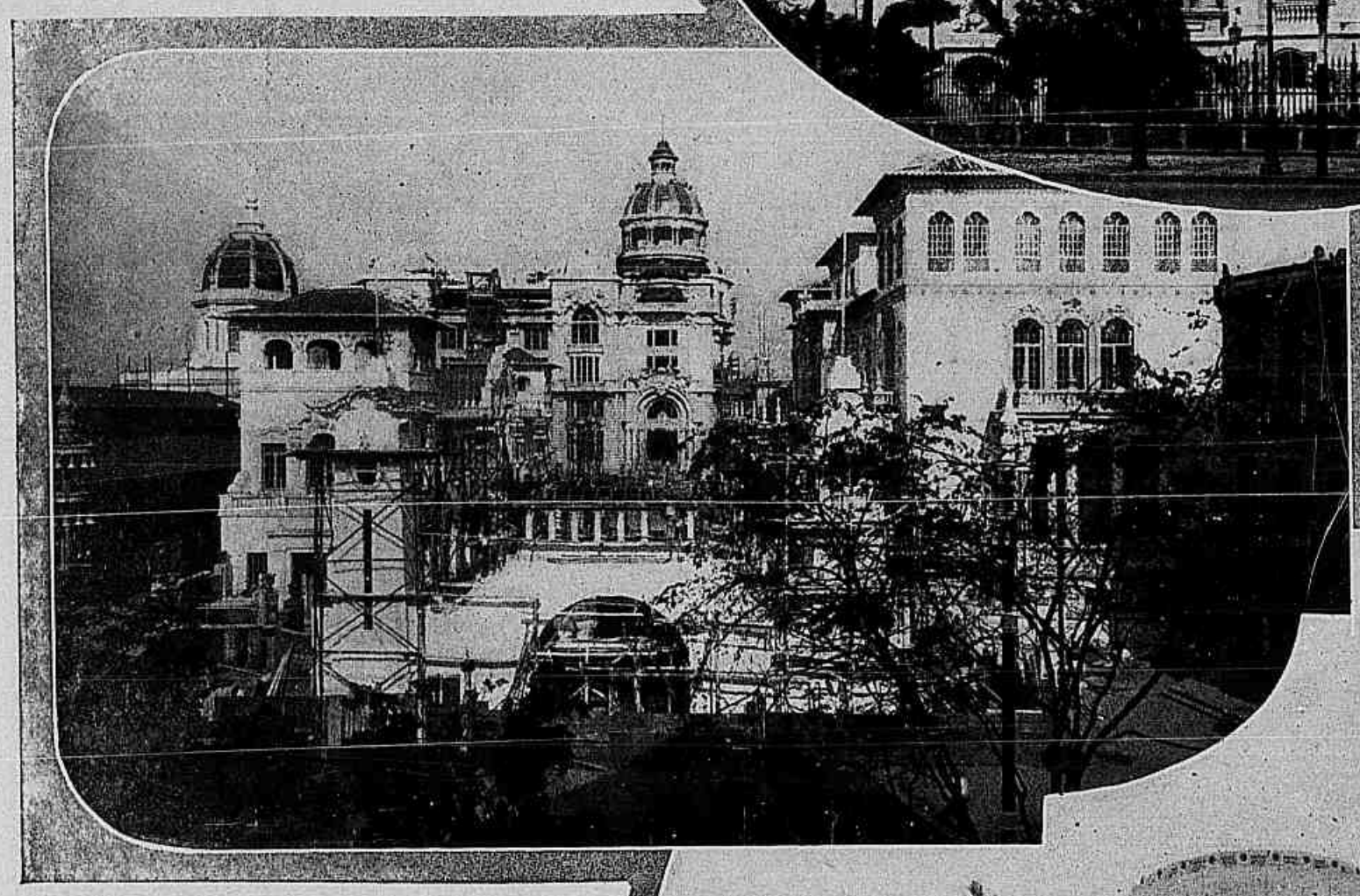
ANTES DE INAUGURADA



PORTA PRINCIPAL, QUE DÁ FRENTE PARA A AVENIDA RIO BRANCO



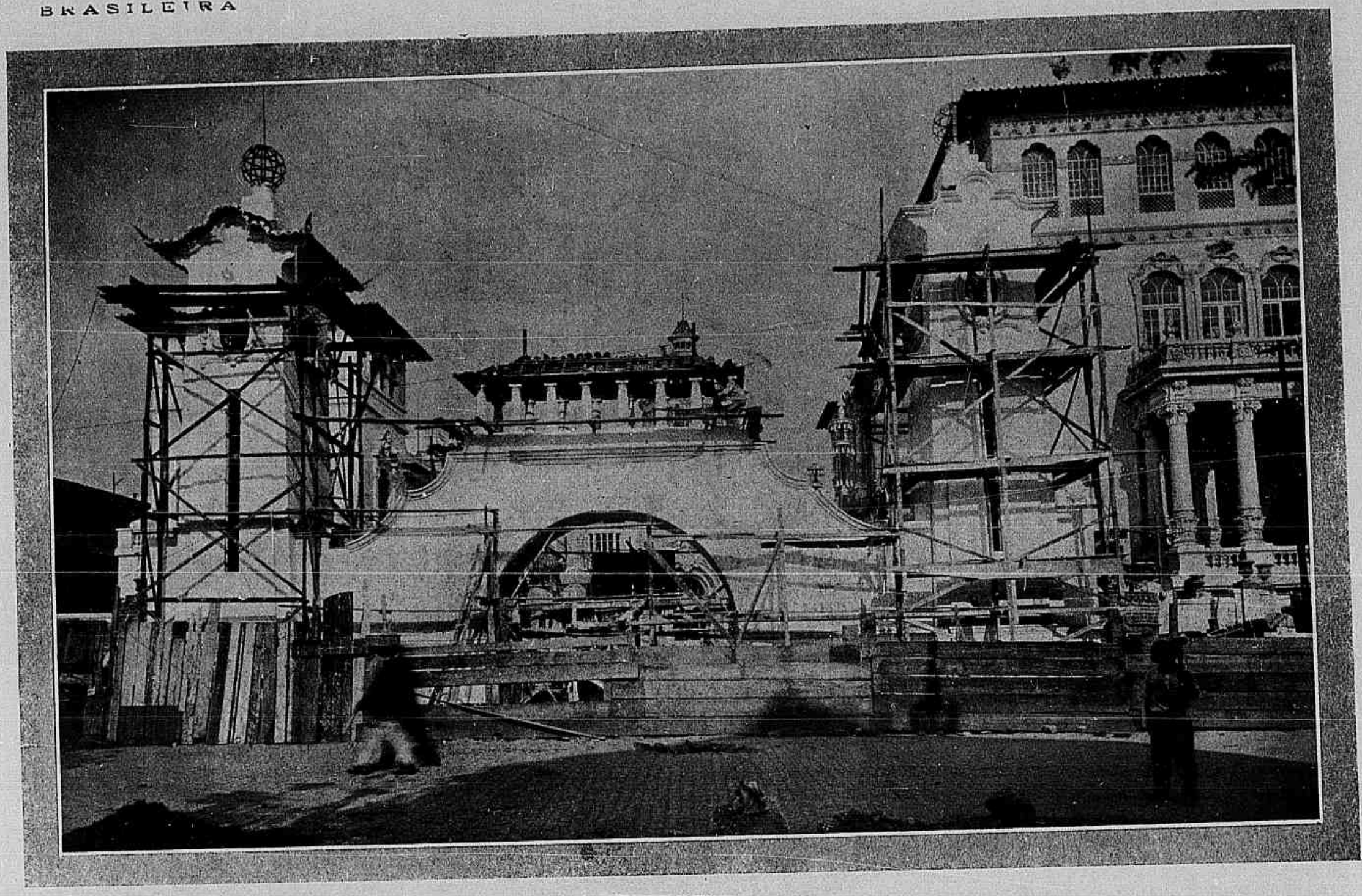
O PALACIO MONROE ADAPTADO AOS SERVIÇOS DA EXPOSIÇÃO



UM ASPECTO DAS OBRAS

Em sete dias, como num milagre, os trabalhos adiantaram-se pasmosamente.

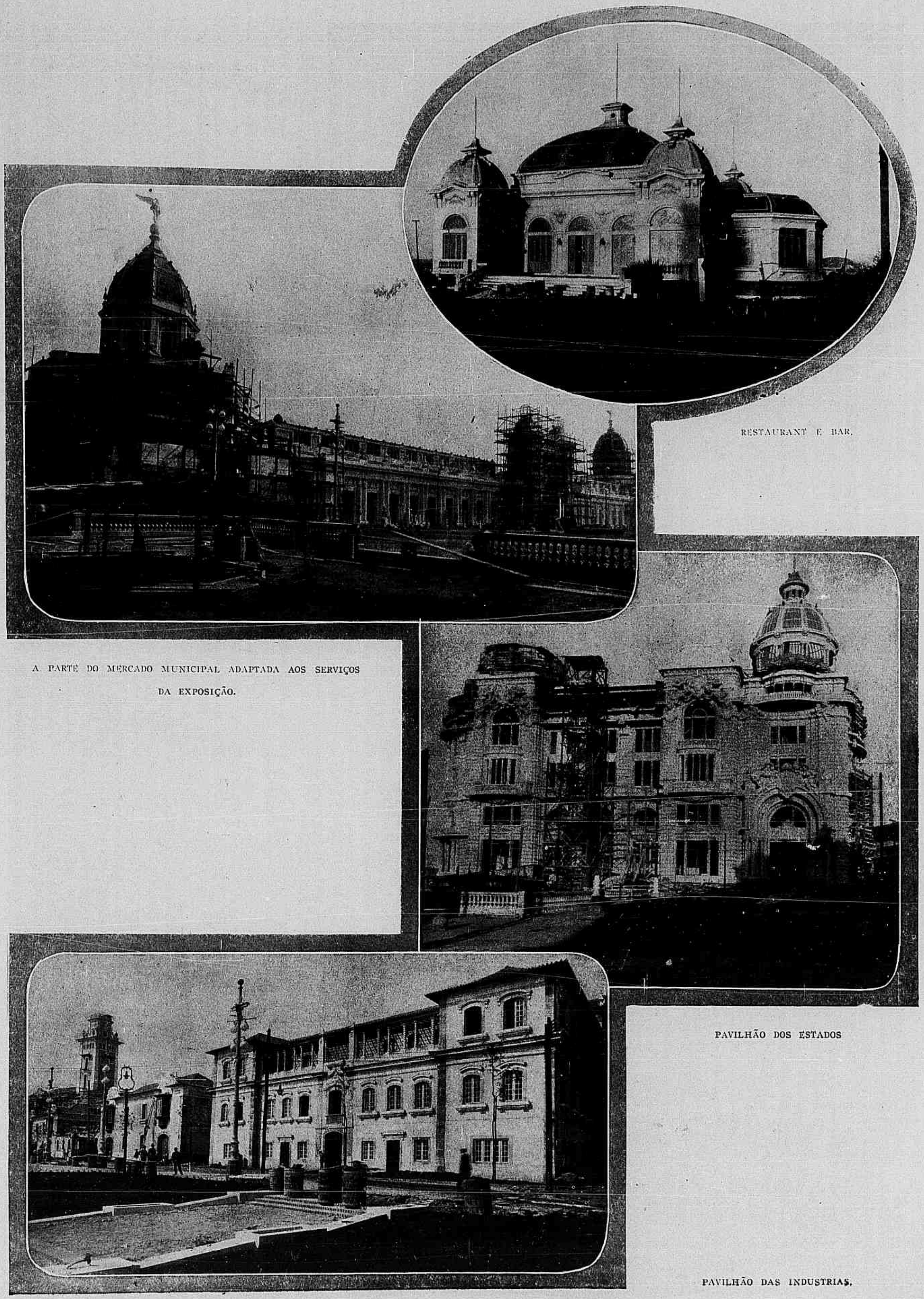
PAVILHÃO DAS FESTAS



PORTÃO DO NORTE.



INTERIOR DO PALACIO DAS INDUSTRIAS.

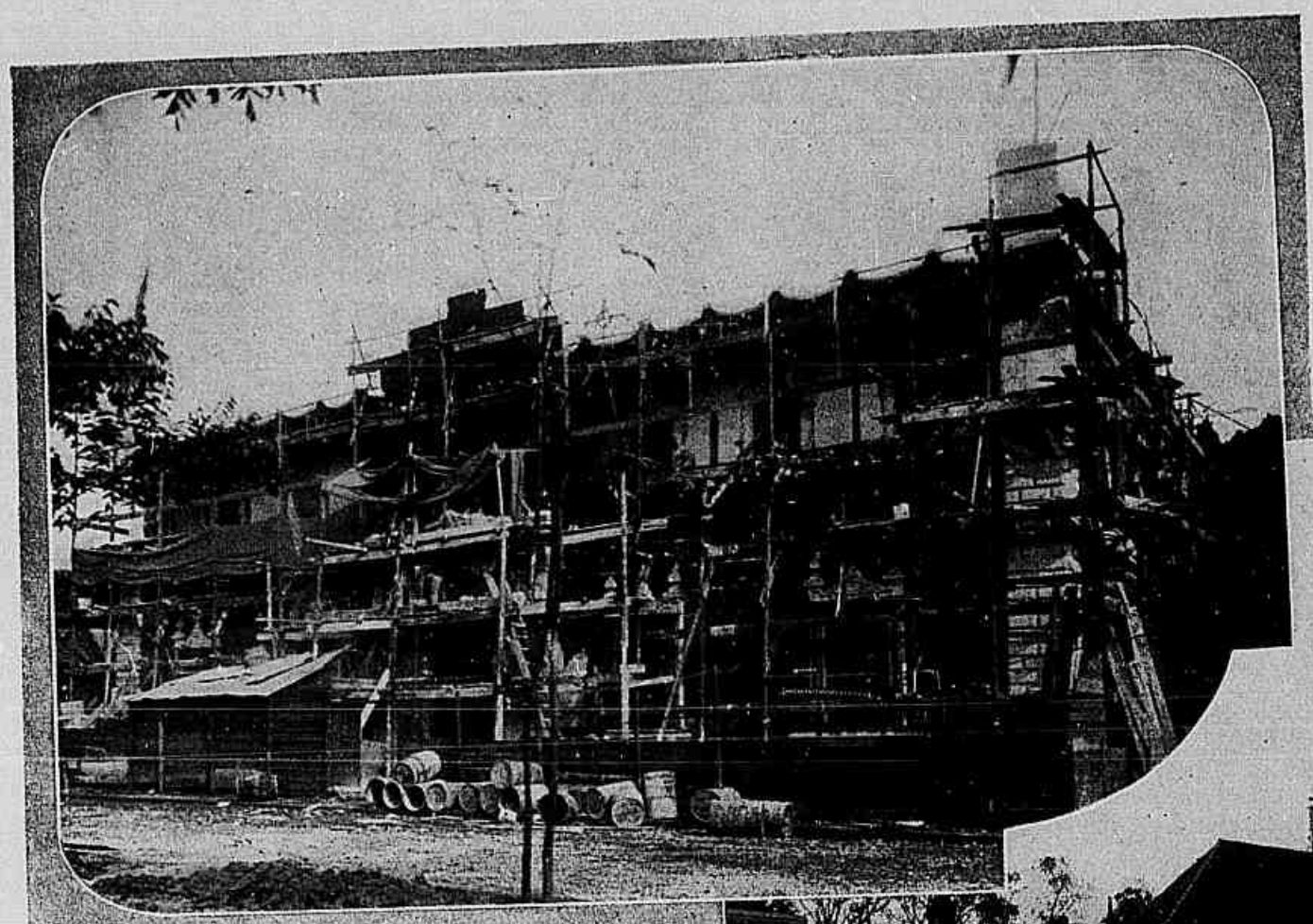


RESTAURANT E BAR.

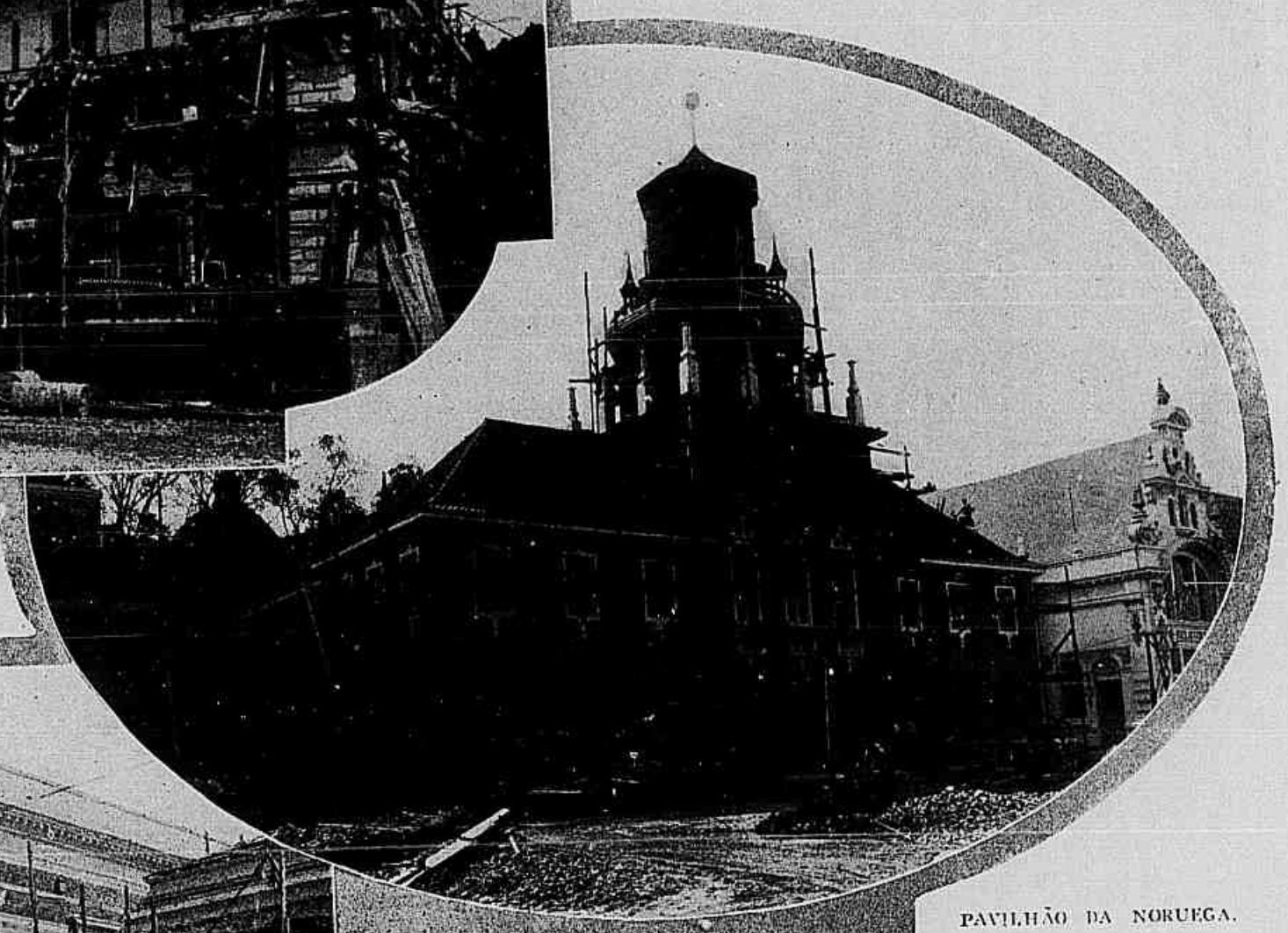
A PARTE DO MERCADO MUNICIPAL ADAPTADA AOS SERVIÇOS DA EXPOSIÇÃO.

PAVILHÃO DOS ESTADOS

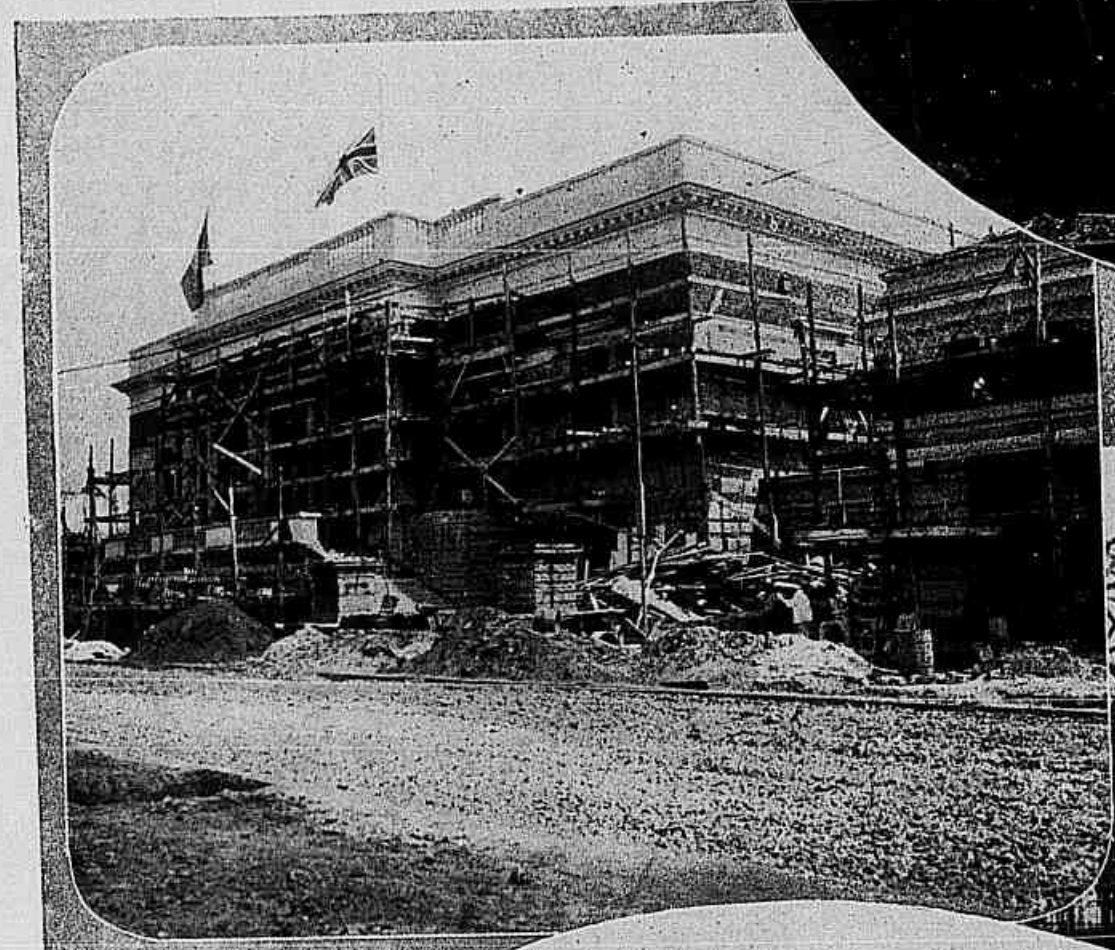
PAVILHÃO DAS INDUSTRIAS.



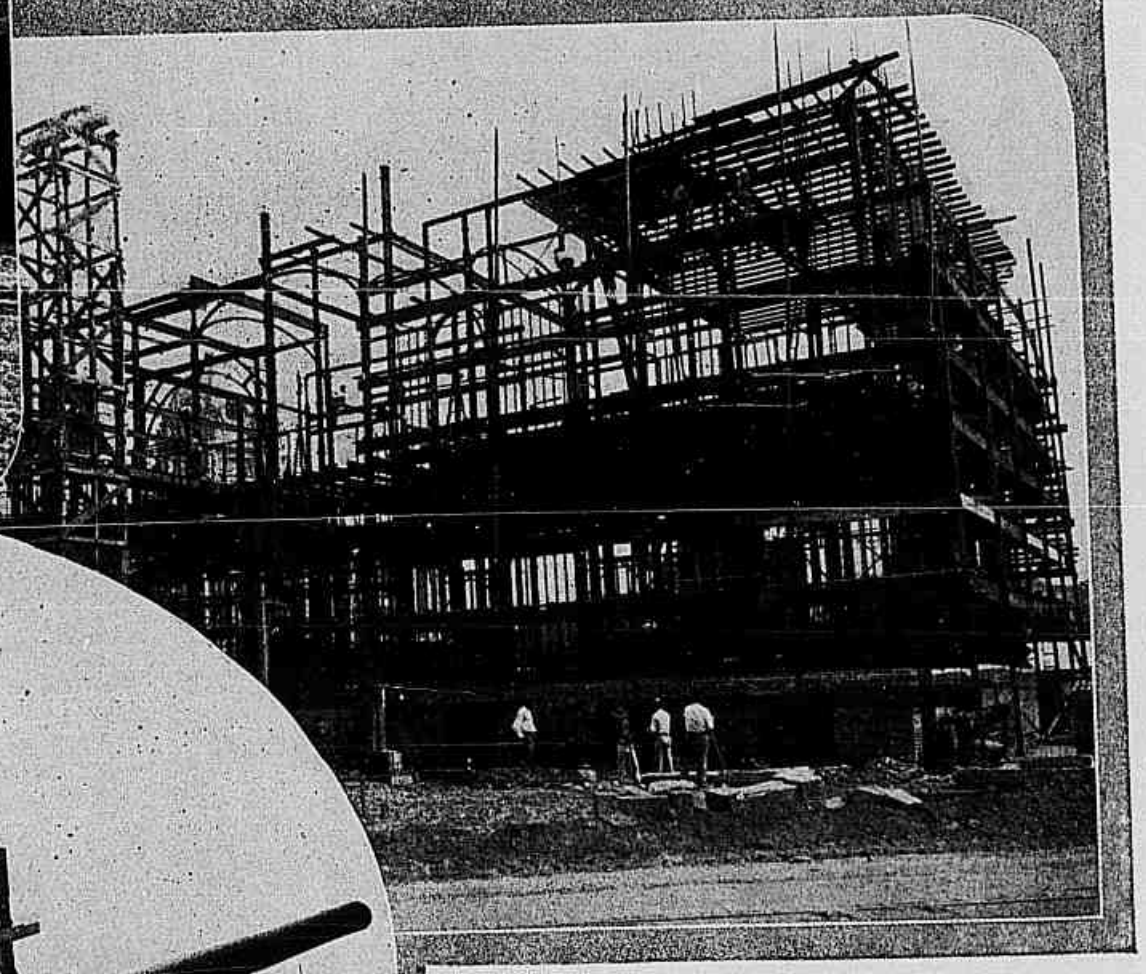
PAVILHÃO DO MEXICO.

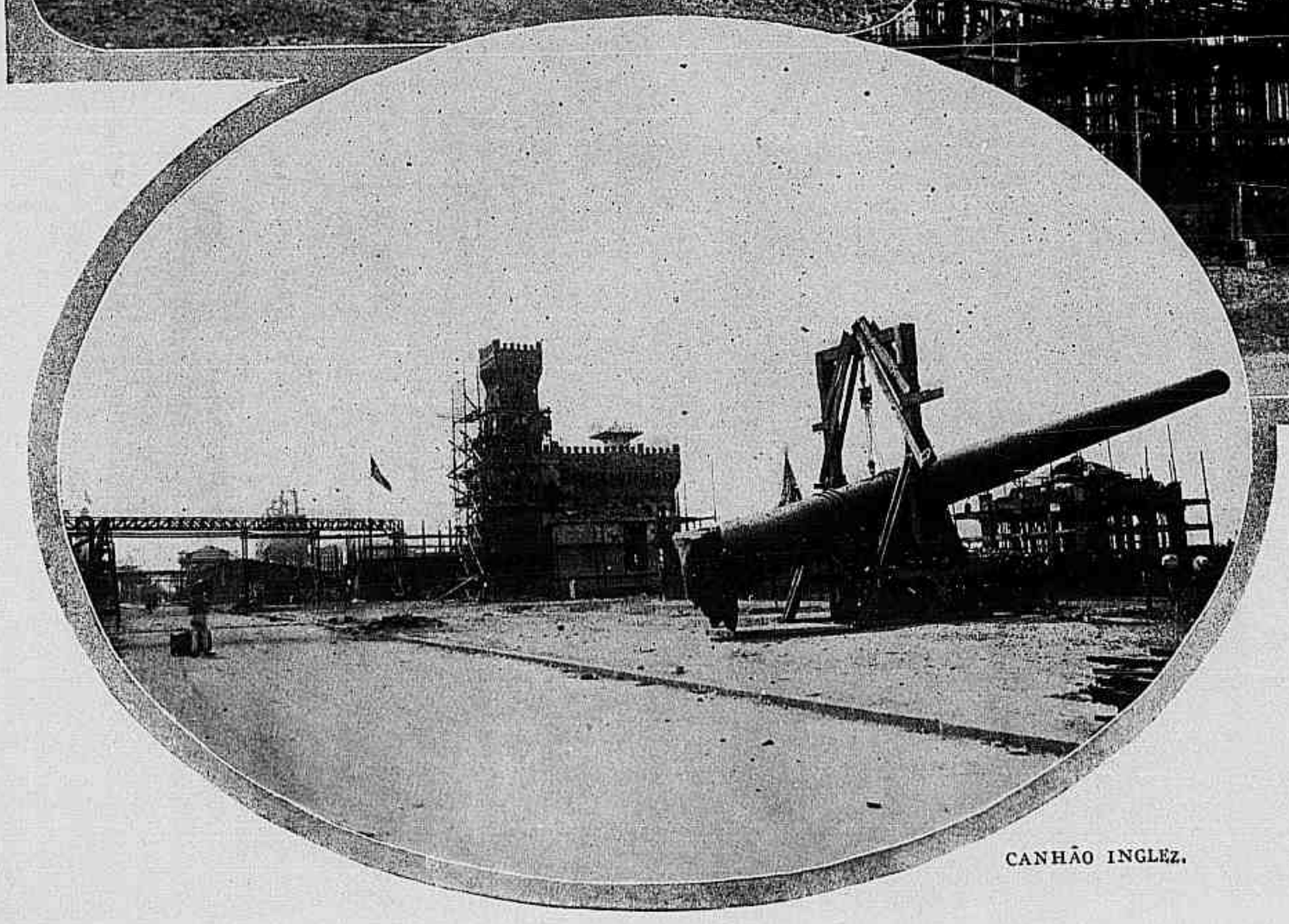


PAVILHÃO DA INGLATERRA.



PAVILHÃO DA NORUEGA.

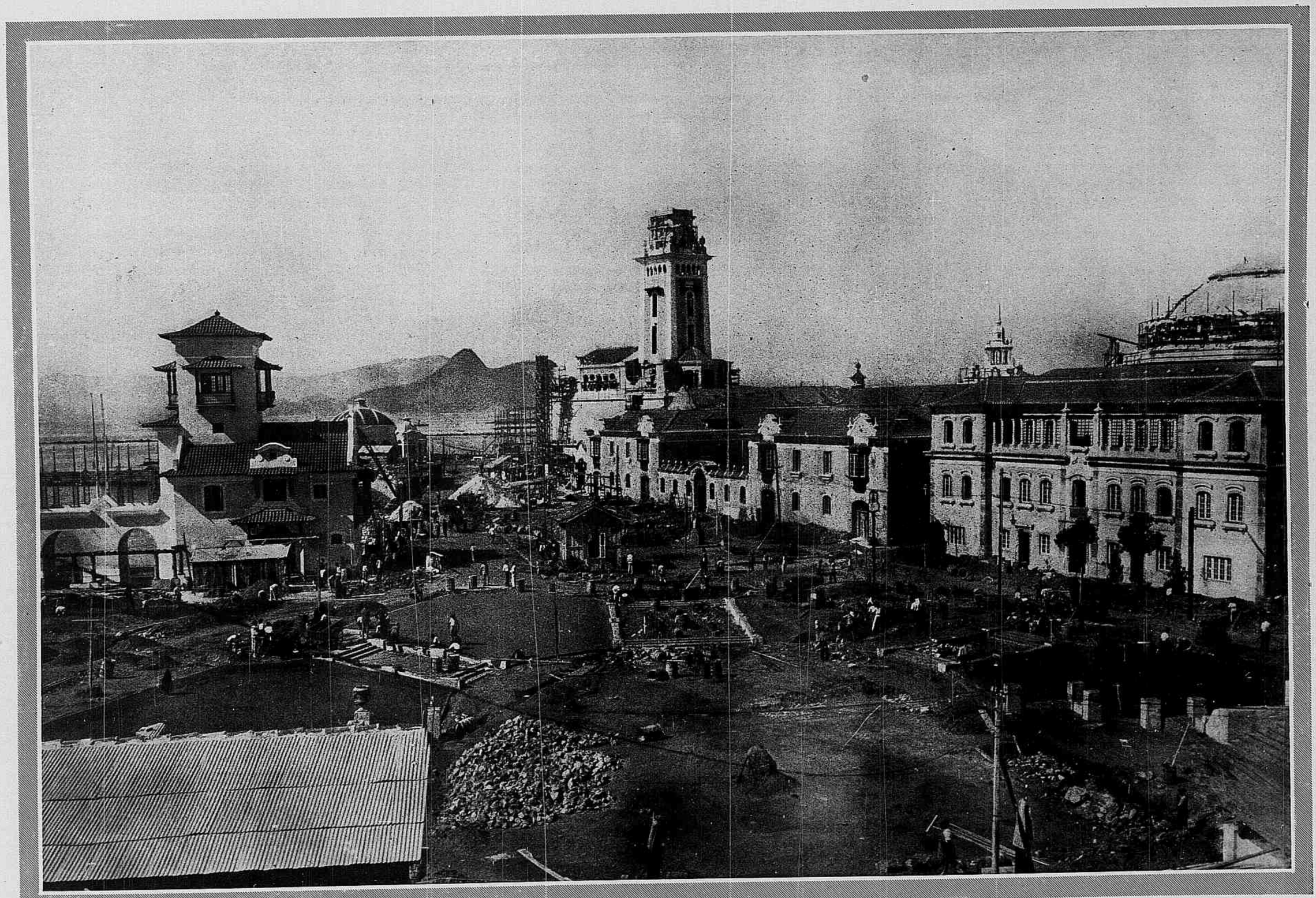




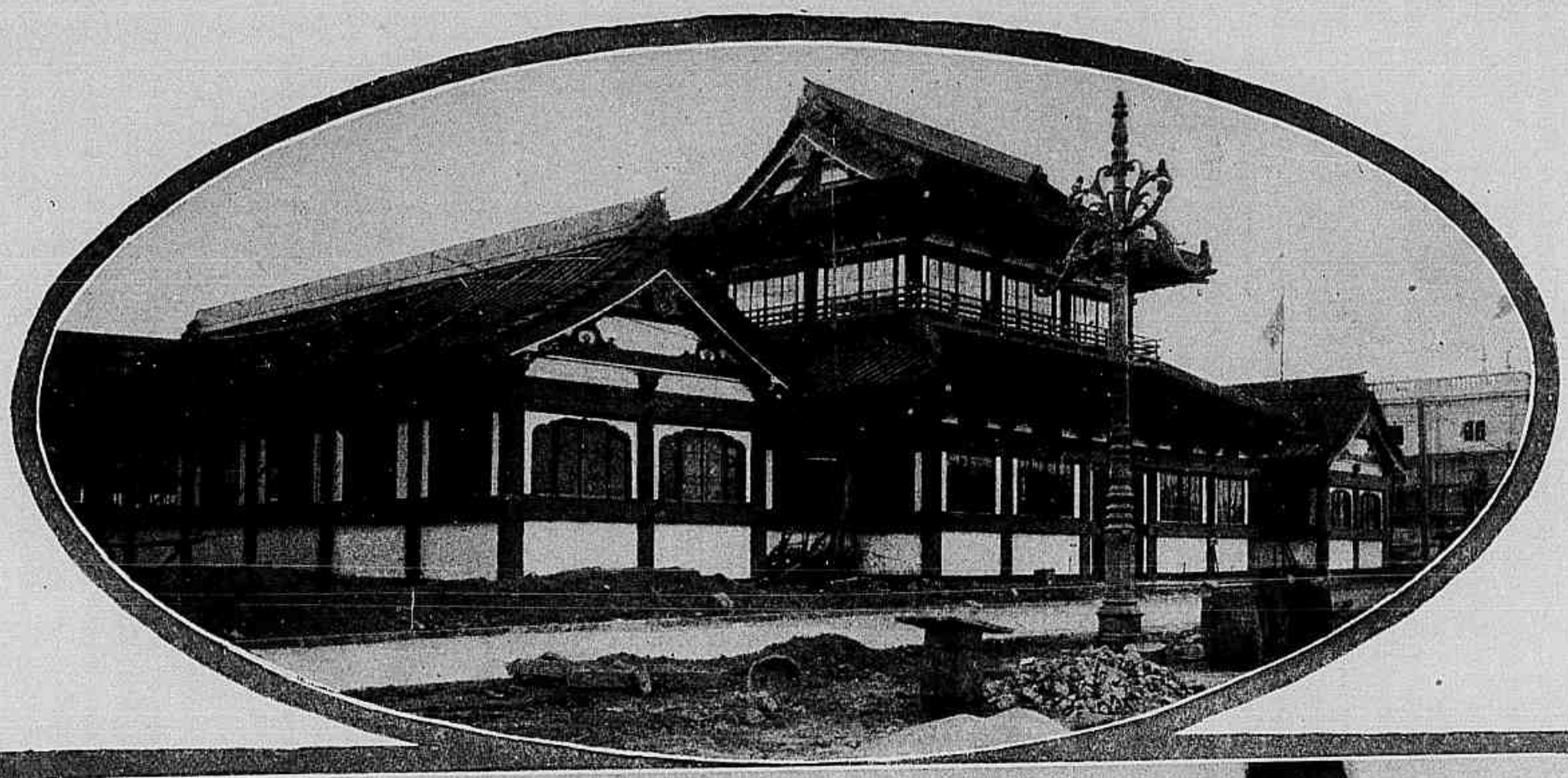
CANHÃO INGLEZ.

PAVILHÃO DA ARGENTINA.

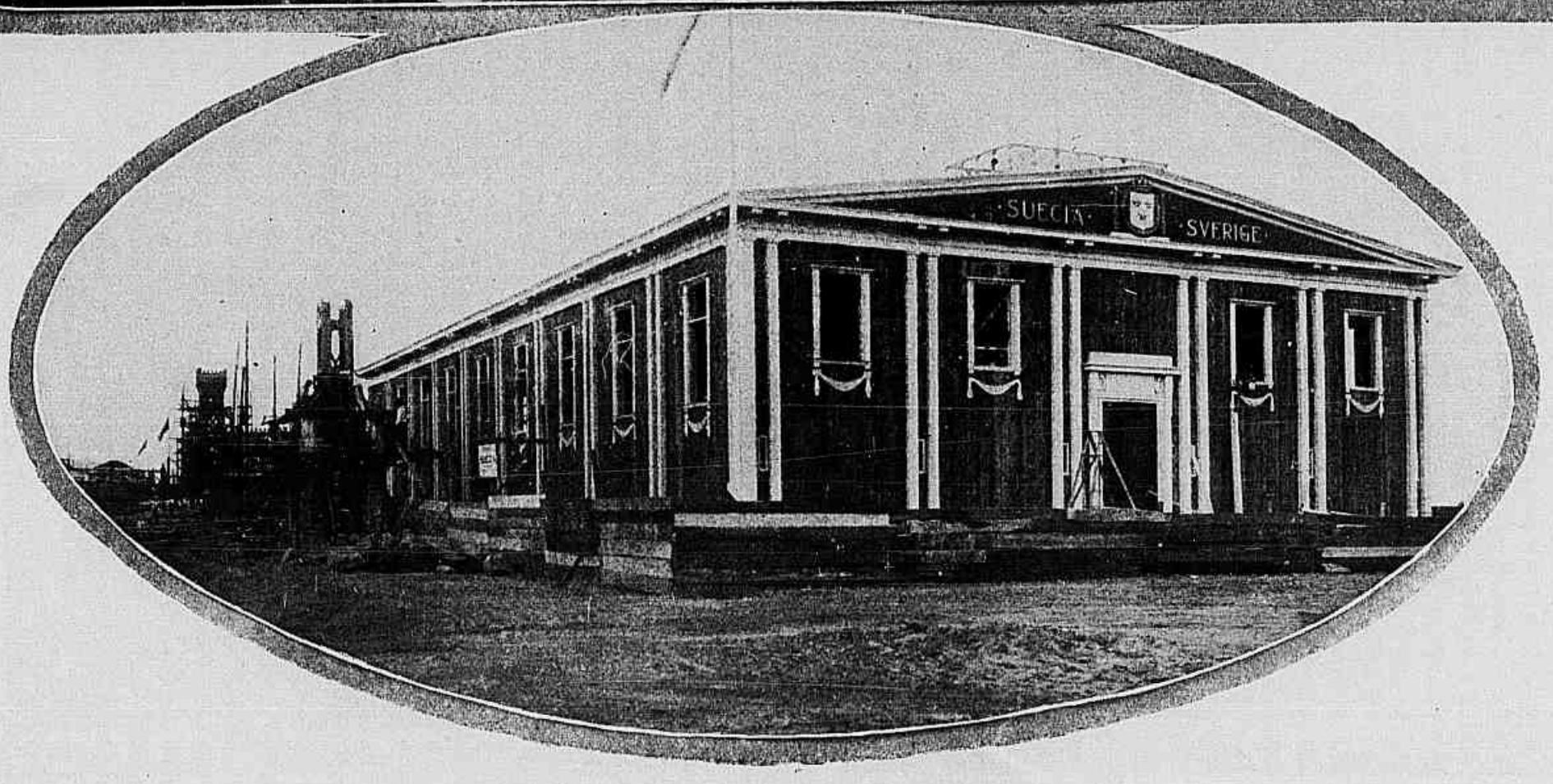
Estado das obras em 1 de Setembro.



OBRAS DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO — PALACIO DAS INDUSTRIAS E JARDIM, EM JULHO







PAVILHÃO JAPONEZ — PAVILHÃO DA BELGICA — PAVILHÃO SUECO — EM COMEÇO DE SETEMBRO

O Estado de Santa Catharina

NÃO se limita, felizmente, aos chamados grandes Estados, de população densa e ponderaveis recursos economicos e financeiros, o notavel surto por que passa o nosso paiz.

Santa Catharina, com ser das menores unidades federativas, tem feito, nestes ultimos annos, admiraveis conquistas em todas as manifestações da intelligencia, da cultura e do progresso commercial e industrial.

A instrucção publica primaria, por cujo desenvolvimento tanto se batem os nossos maiores estadistas, mereceu do pequeno Estado, a par dos institutos de ensino secundario e superior, as melhores e mais efficientes attenções, a ponto de attrahir as vistas nacionaes para a sua reforma, tantos e tão seguros foram os resultados, desde logo obtidos, com a implantação do regimen moderno da pedagogia.

As vias de communicação, notadamente as estradas de rodagem, projectadas e construidas sob os sabios preceitos de bem entendida economia publica, alcançaram surprehendentes beneficios, satisfazendo todas as aspirações governamentaes e permittindo, de modo inconfundivel, a real approximação das populações urbanas e ruraes, entre si, e estreitando os laços de solidariedade nacional necessarios á vida dos que lutam e trabalham, para produzir, no interior, com os que se encarregam, no litoral, de fazer a circulação das riquezas e proclamar o engrandecimento do paiz.

A hygiene publica, no combate systematico ás doenças, que diminuem a capacidade productora dos nossos patricios, tornou-se realidade palpavel, levando recursos medicos a todos os recantos e instituindo a hospitalisação, como meio efficaz e immediato ás pesquizas da verdadeira sciencia.

As caixas economicas de precisão e as instituições bancarias tomaram bastante incremento, facilitando a exploração das diversas riquezas do Estado e concorrendo para o sensivel augmento das exportações, com o credito aberto ao commercio e á industria.



SR. DR. HERCILIO LUZ, GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATHARINA

Como consequencia logica de uma tal situação, relativamente rica, ou, pelo menos, folgada e desassombrada, pois que sómente a pobreza crea máos instinctos e alimenta dissenções, os proprios costumes politicos soffreram radical modificação, facil de observar e commentar ante todos os successos, de que a Nação tem sido, ultimamente, espectadora, consciente e elevada.

Fôra preciso, entretanto, para isso alcançar, a existencia de governos honestos, cheios de vontade fecunda e energias constructoras.

Teve-o, em muito boa hora, o glorioso Estado de Santa Catharina na pessoa do Sr. Dr. Hercilio Luz.

Homem de vasta cultura, educado nos melhores principios da politica republicana, conhecedor profundo das exigencias economicas do seu Estado, com longo tirocinio das coisas publicas, S. Ex. não regateou ao seu torrão natal nenhum esforço, nenhum sacrificio, e a golpes de tenacidade orientada, de infatigavel trabalho, de efficiente moderação, sem baixar jámais ás mesquinharias da politicagem, conseguiu administrar Santa Catharina com uma inesquecivel elevação de vistas, procurando, ao lado do desenvolvimento economico, que exigiam as forças productoras locaes, congregar as correntes e opiniões politico-partidarias de responsabilidade, em torno de um ideal unico, que pudesse implantar as normas duradouras de um regimen de concordia e de labor em prol dos mais altos interesses nacionaes.

Não pode haver melhor demonstração de que S. Ex. correspondeu á expectativa catharinense, do que essa, de ainda hontem, á sociedade, em que obteve, novamente, para o cargo de governador do Estado, a brilhante votação de mais de tres quartas partes do eleitorado, sem o menor incidente e sob os applausos unanimes de todas as classes sociaes.

S. Ex. o Sr. Dr. Hercilio Luz, que subirá ao poder, no proximo dia 28 de Setembro, para o quadriennio 1922—1926, tem um largo e importante programma a executar e a completar e para isto encontra o Estado de Santa Catharina em tranquillisadora situação economica, financeira, politica e social, como altamente o demonstra a mensagem, o mez passado, remettida á Assembléa Legislativa do Estado pelo seu actual governador, o Exmo. Sr. coronel Raulino Horn, cujas tradições republicanas, vindo como vêm da propaganda, tanto o recommendam á fraternidade e á consideração nacional.

Santa Catharina, que é um viveiro de trabalhadores, honra o Brasil e nesta data rendemos-lhe as nossas mais justas e sinceras homenagens.

Os tres ultimos exercicios financeiros de Santa Catharina deram as seguintes rendas:

1919, 7.155:580$684 — 1920, 7.698:863$727 e 1921, 8.060:978$255, por cujos algarismos bem se pode avaliar dos progressos feitos.

Uma vez obtida a liquidação do celebre emprestimo com a casa Imbrie & Comp., cuja evidente má fé tanto perturbou a vida do Estado, Santa Catharina terá outros recursos, de modo a augmentar a sua capacidade financeira.

De facto, as negociações para o novo emprestimo estão quasi terminadas nas seguintes condições, com a casa Halsey Stuart & Comp., de Nova York e Chicago:

1° — Emissão de cinco milhões de dollars em titulos ouro americano ao juro de 8 °|° ao anno, prazo de vinte e cinco annos;

2° — provisão annual de um fundo de amortização de $ 100.000 (cem mil dollars) para resgate de titulos até a completa extincção dentro do prazo de vinte e cinco annos;

3° — provisão annual de $ 400.000 (quatrocentos mil dollars) para attender aos serviços de juros;

4° — garantia dos mesmos impostos dados em garantia do emprestimo de 1919, contratado com Imbrie & Co.;

5° — se, em qualquer occasião, esses impostos não representarem 125 °|° do encargo annual de $ 500.000, o Estado indicará outras rendas para reforço da garantia especializada.

Para "trustee" do emprestimo e Agente Fiscal do Estado em Nova York foi escolhida a Central Union Trust Company.

As dividas do Estado são: externa: lbs. 157.020, de 1909, lbs. 93.094, de 1911 e lbs. 63.926, do mesmo anno; interna, consolidada e fluctuante, réis . . . . . 8.411:035$565, sendo que o patrimonio estadual sóbe de trinta mil contos.

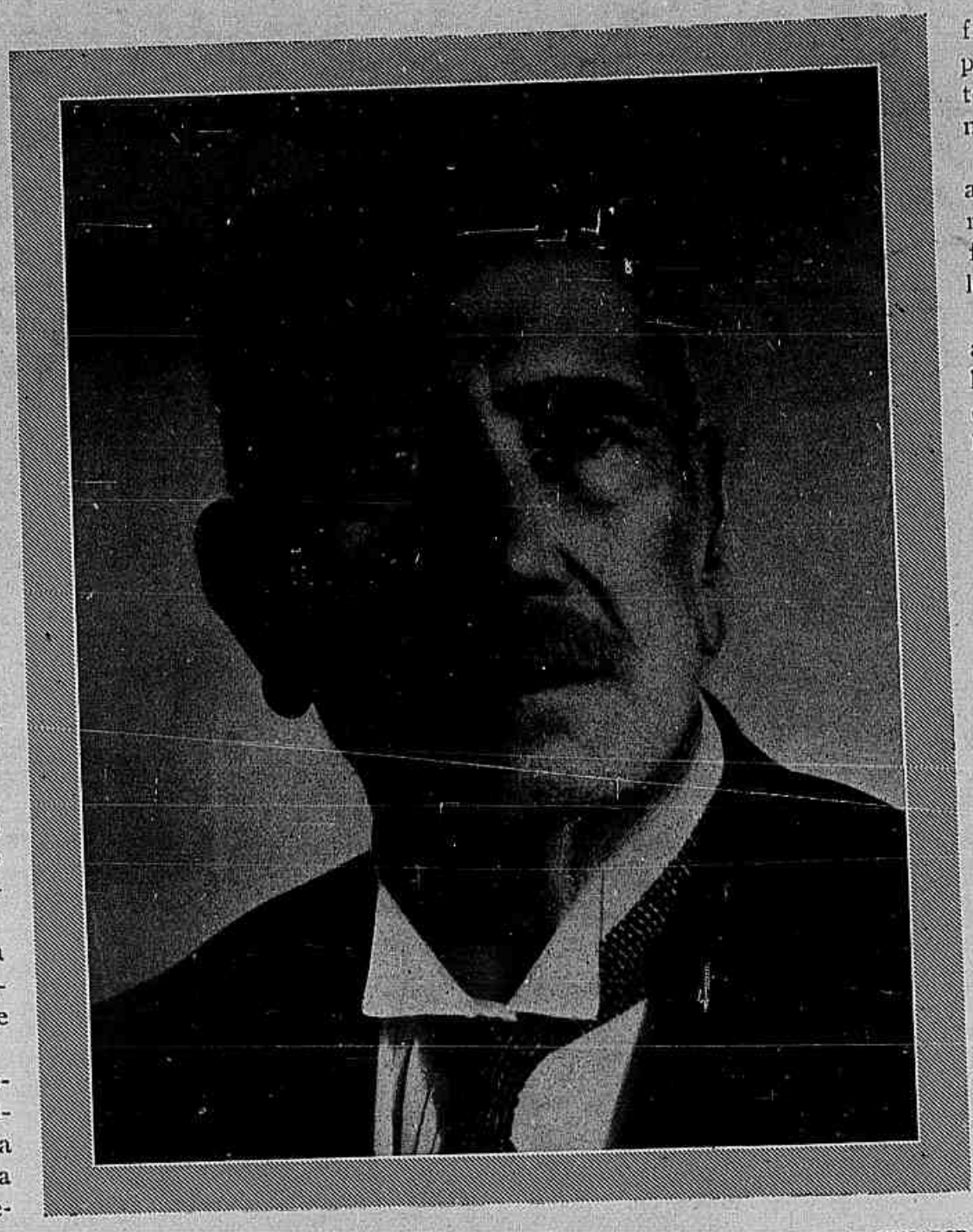
As exportações de Santa Catharina, que montaram em 1908 a réis 10.354:328$334, chegaram em 1921 a réis 31.011:507$800, dependendo o seu maior volume futuro dos serviços de colonisação e principalmente das vias de transporte.

Havia um preconceito lamentavel, um terrivel ponto de vista na alta administração brasileira.

Dizia-se que a gente nova precisava de praticar primeiro para depois exercer qualquer funcção de responsabilidade.

O resultado desses erros era a velha politica que tudo abocanhava no paiz, num desvario de toleima sem pausa...

Os ultimos presidentes e governadores de Estado, alguns delles moços egualmente, ou pela cultura, foram escolher entre a juventude os seus auxiliares melhores. Fez assim o Sr. Dr. Hercilio Luz em Santa Catharina, e eis o que explica a vida diferente daquella unidade da Republica, o surto que tomou em todas as suas expressões, quer materiaes, quer espirituaes.



CORONEL RAULINO HORN, VICE-GOVERNADOR DO ESTADO EM EXERCICIO, EX-SENADOR DA CONSTITUINTE REPUBLICANA

Nunca é demasiado o louvor aos homens que não seguem a rotina, que procuram pensar e fazer como os outros, antes delles, não pensaram e não fizeram.

O Sr. Dr. Hercilio Luz, admirado por sua nobre intelligencia, pela altivez da sua conducta, pertence ao numero desses homens.

Os maiores elogios que se lhe dêem sempre ficarão áquem dos que elle merece.

Com uma situação geographica maravilhosa, tendo, além das mais bellas paizagens do continente, a riqueza do mar e a opulencia da terra, o Estado de Santa Catharina, bem orientado, bem conduzido, occupa logar de destaque ao lado dos seus irmãos do paiz, progredindo, honrando no presente as tradições exemplares do passado.

Os seus portos abertos para o commercio do mundo dão-lhe facilidades magnificas, ajudados que são pelos caminhos de ferro e pelas estradas de rodagem. Se, olhando os destinos da grande patria, podemos dizer que Deus é brasileiro, assistindo ao desenvolvimento de Santa Catharina, havemos de confessar que, na verdade, Deus é brasileiro... e catharinense...



SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SANTA CATHARINA — PRESIDENTE, DESEMBARGADOR JOÃO DA SILVA MEDEIROS FILHO; VICE-PRESIDENTE, DESEMBARGADOR AYRES DE ALBUQUERQUE GAMA; DESEMBARGADORES: FRANCISCO TAVARES SOBRINHO, JOÃO PEDRO DA SILVA, ANTONIO GOMES RAMAGEM, HERACLITO CARNEIRO RIBEIRO; PROCURADOR GERAL, DR. AMERICO DA SILVEIRA NUNES; ESCRIVÃO, FERNANDO CALDEIRA.



FRANCISCO MANOEL E SUA FILHA

ESCOLA · NACIONAL · DE · BELLAS · ARTES · · CORRÊA · LIMA · (JOSÉ) ·

Esperança

Poema brasileiro, commemorativo do Centenario da Independencia

por Lindolpho Xavier

Desde cedo, a affagar uma illusão intensa,
Entre as febres e o ardor dos grandes ideaes,
Eu sempre acalentei no intimo da crença
O sonho de cantar estas plagas nataes.

Ao ver este paiz tão grande e ainda creança,
Jazendo no verdor de infindavel deserto,
Eu sentia no peito uma viva esperança
De vel-o erguer-se em breve e as glorias virem perto.

Comtudo, experimentava, a bolir-me no peito
Uma tristeza atroz e uma pungente dor,
Ao ver tão vil o nome, e tão baixo o conceito,
Desse povo tão nobre, e dessa terra em flor.

E disse : — Hei-de cantar-te, ó patria extremecida!
Hei-de erguer-te um poema e o teu nome exalçar
E entrar-te o virgem seio, entre as fontes da vida
Qual vae o adolescente a noiva acariciar.

Quero as tranças beijar de tuas selvas umbrosas,
Perfumes aspirar de tuas veigas em flor.
E beijar-te a bocca, entre as fontes ruidosas,
E em teu collo dormir, cheio de immenso amor.

Eram sonhos gentis, feitos de suavidade,
Qual um pintor febril sonhando a sua tela ;
Põe-lhe côr, dá-lhe vida, enche-a de claridade,
E desenha-lhe ao centro um perfil de donzella.

Hei-de correr, disse eu, terras, provincias, campos,
Descer valles, sulcar montanhas de oiro e anil,
Mattas virgens transpôr, ir por vergeis escampos,
Ver aves, rios, flor, rezes no seu redil.

E ahi nesse ermo exul, entre as veigas e os montes,
Hei de ver esse povo, essa raça de heróis,
Que cresce á grande luz, nos amplos horizontes,
Entre a terra febril e o ardor dos grandes sóis.

E como em denso mar, entre a flora profunda,
O audaz mergulhador desce, investiga e torna,
Trazendo a concha rara e a perola jocunda,
Que os collos virginaes fulgindo feita e adorna !

Assim hei de eu voltar dessa longa romagem
Ao reino da poesia, ás terras da bonança,
Trazendo a loira palma auroral da coragem,
Levado pelas mãos da risonha Esperança.

E sahi a vagar por caminhos incertos,
Como o Agliere a errar entre a selva da vida ;
E em meio ás solidões de inhospitos desertos,
Vi-me sósinho e triste, a alma errante e perdida.

Assim vaguei sem rumo, o coração vasio,
Sem affecto e sem lar, como uma pluma errante,
Sem Virgilio a guiar-me o passo ermo e erradio,
Sem ter uma Beatriz, como a que teve o Dante.

As serras, a amplidão, as veigas e as cascatas
Abriam-se ante mim quaes ridentes paineis ;
Brizas beijando a selva, aves a entoar sonatas
E entre os verdes senfins, flores mil em doceis.

No céo, alto e jocundo, estende-se festiva
A grandiosa amplidão infinita e azul ;
E em torno a Natureza, orgulhosa e lasciva,
Qual odalisca a anceiar por um sultão taful.

Tudo era crença e riso, e ardor borborinho,
Rumores, madrigaes, glorias da natureza,
E eu, nesse mundo em flor, era errante e sósinho
E o peito tinha immerso em ancias e tristeza !

Qual sereno Aristheu, colhendo o mel e as frutas,
Entre os bandos da abelha e a passarêdo a vôar,
Eu folgava a esquecer a vida e as tredas lutas,
Nos corymbos, no azul, nos prados a sonhar.

Pensando ia em segredo, em romances da vida,
E no peito e no olhar tinha o anceio de amor.
Sonhava uma visão, uma imagem querida,
Capaz de me innundar de poesia e dulçor.

E tudo era tão ermo, e tudo tão sósinho !
Onde encontrar um seio amigo ou doce lar ?
E' o mesmo que querer, nas rochas de um caminho,
Ver brotar fresca lympha e a flor desabrochar.

Gritei pelo deserto, entre os ermos do valle !
— Laura, Beatriz, Nathercia, ó vôs, por onde andaes?
Onde estaes, ó Lindoya, ó Moema, ó meiga Omphale
Que do triste cantor a voz não escutaes ?

Ponho-me então nos asperos caminhos,
A' busca dessa estrella rutilante,
Que atravez dos inhospitos desertos,
Ha de guiar-me á poetica jornada.
Seu nome, não sei, nem o conheço.
Quem é ? Por onde vae ? Como se chama ?

Silencio ! E' tudo calmo ! E' tudo morto !
E' a hora tropical das ardentias,
Em que os raios do céo cahindo a prumo
Sorvem as plantas e incendeiam o ermo.
Tudo dorme. O rochedo ao sol scintilla.
Com a preguiça de immenso pachiderme.
As criações pastando no ermo estacam,
E cochilam, tomadas de torpor.
O dia vae a pino. O sol no espaço
Arde e branqueja, como immensa lampada.
E' a hora em que o homem, extasiado,
Diante da natureza que o circumda,
Descáe a fronte e sente-se vencido.
Erro em vão, pelas selvas ensoladas.
Tudo em torno cochila e deita calma.
Os cavallos, tangidos pelas chammas,
Mergulham na lagôa. No alto espaço
Dir-se-ia um Leviathan que sob os pulsos
Segura um candelabro incandescente.
Como o Arabe perdido no deserto,
Vagueio sem destino. E' tudo morto !
Tudo dorme. O caboclo da Amazonia
Balança-se na rêde. E o fogo immenso
Queima o Nordeste, comburindo os prados.
Qual gigantesca massa avermelhada,
O planalto central lateja em fogo.

— Que terra é esta assim votada ás chammas ?
De algum crime o castigo está cumprindo ?
Ninguem responde. E' tudo ermo e silente...
Caminho em vão pela deveza inhospita.
Tudo em torno dormita acabrunhado.
Cintada pelos tropicos, a America
Dorme esmagada como a loba cupida,
Que o collo entrega ao sol procreador.
Do Equador ao longinquo Capricornio,
A terra do Brasil arde e fulgura
Sob o brazeiro immenso dos espaços.
Qual novo Visvamitra, os passos erro,
Buscando pelo bosque a Sakountala,
Decifrando os capitulos dos Veddas.

Eis chego agora ás sombras voluptuosas
De exquisito docel, que em flores se abre.
Argentea lympha pelas veigas corre,
Sussurrando entre os seixos de crystal.
Dos troncos rudes, como altos pingentes
As liames se despencam em corynthos,
Por onde, dos balsêdos intricados
Pendem os ninhos em sedosa usnea.
A brisa passa, balançando as folhas,
Ligeira e leve, como alado silfo.
Erram perfumes de candentes fluidos,
Correm, revôam, pulam mil insectos.
Abro os olhos attonitos. Um vulto
De candura sem par, que a mente embriaga,
Está dansando á sombra das palmeiras.
Esta é morena e calida e formosa,
Como os jambos da selva. O seu olhar
Tem tanta chamma e fulge tão intenso
Que se diria um lago incandescente.
As formas tem de um jaspe roseo e fresco,
Talhado por Apollo ou Aryman.
Está sentada num docel de folhas
E banha os pés na murmura corrente.
Sua voz é tão limpida e amorosa
Como o brando escoar de uma cascata.
E ao fulgir de seus olhos se afigura
Passar um luar de prata pelo bosque.
— Quem és tu, meiga Dryade dos ermos,
Que assim fascinas os sertões e as flores ?

Transporta-me comtigo aos verdes paramos
Desta terra que é tua e que idolatro !
Quero a teu lado percorrer os sitios
Do Brasil esquecido, onde os Atlantes
Estão construindo a fulgida morada.
Quero em sonhos vôar por densos limbos,
Perder-me na amplidão dos teus olhares
E na noite sem fim dos teus cabellos.
Tu és a musa casta destes bosques,
Que presides com a graça de teus risos.
Quero comtigo alar-me pelas nuvens,
Ver do Brasil as terras redolentes,
Onde habita a nação no virgem cerne.
Pelo espaço, sorvendo os teus effluvios,
Deixa que eu vá, nas azas do teu genio,
Embalado, sorrindo, etherizado,
Como o sol, que sedento sorve a nuvem,
Como o agil colibri, que beija as flores.

E a deusa, reclinada sobre os ramos,
Pensativa e enlevada,
Ouvindo os bemtevis e os gaturamos,
Falou em voz de fada :
— Tu és a flor corrupta das cidades,
Filho da multidão ;
Eu sou irmã das timidas deidades,
Virgem flor do sertão.

Tens a fronte queimada e irriquieta
Das festas, das orgias,
Nessa vida de pallido poeta,
Em que gastas os dias.
Vem gozar estes ares das campinas,
Em longas excursões,
Vagar por entre abelhas e boninas,
Pelos verdes rincões.
Vem ver o povo bom, o povo rude,
O camponez viril,
Cheio de seiva e força e de saúde,
Orgulho do Brasil.
Vem ver o menestrel tanger a viola,
Pelas noites de luar,
E gozar a poesia que se evola,
Pelo verde palmar.
Das lagôas paradas das devezas
Vem ver a immensa paz,
Com as aguas de beryllos e turquezas,
Onde canta a torcaz.
Dos bosques frios vem gozar a calma,
Sob o immenso verdor,
Vendo tremer a sussurrante palma
Do coqueiral em flor.

Da Esperança, que sou, dar-te-ei um ramo,
Verde e primaveril,
Que lembre o sabiá e o gaturamo,
Das selvas do Brasil.
Pelos reinos do sol e da bonança,
Em sonhos te erguerei,
Levado pelas azas da Esperança,
Como um ditoso rei.

O POETA :

— Tu és a joven timida morena,
Aquella Gáude lubrica do Ganges,
Que de Málava em torno as horas erra,
Dedilhasdo o viná, com mãos frementes,
Ou a divina Tôdi és, encantada,
De camphora e açafrão tingida a pelle,
Ebria de encanto e de prazer selvagem?
Os passaros, os veados das campinas,
A escutar essa musica dolente,
Quêdam nos ermos, esquecendo os prados
E as frutas dulçurosas.
Eia! Informa me:
Quem és ? Para onde vaes ? Como te chamas ?

A MUSA :

Não nasceu nesta terra a triste Gonda
Que as lagrimas destilla pelos ermos,
O cabello revolto, o olhar tristonho,
Pendida a fronte— pelos troncos d'arvore,
Suspirosa, a carpir do noivo a ausencia.

O POETA :

Ha na India uma deusa ou nympha ou Rágine,
Nem Susthávate se chama e as abas verdes
Do Hymalaia desfruta. Em ledos canticos,
As horas passa percorrendo os bosques,
Dansando o raga em honra de Mahdeva.
O prazer é o seu deus e a liberdade
A sua gloria. Errando pelas selvas
Adornada de flores e de frutos,
Passa a vida cantando e nunca morre.
Esta é a tua imagem, ó Esperança !
Lembra me ainda a candida Bhairavi
Sentada sobre o dorso do rochedo,
Com as comas do cabello em desalinho,
Descendo aos joelhos como uma cascata.
Traz na cabeça uma corôa de heras
E um collar de jasmins sobre o pescoço,
Com as mãos rosadas tange os leves cimbalos,
Que os compassos de um raga vae marcando,
Ao som da sua voz maviosa e limpida.
Ouço os deuses no bosque em lindos gestos,
Applaudindo a mimosa e esbelta Rágine,
Dispersos nos coxins de invias alfombras.
Ou és a Bengali: cheia de saudade,
Com a fronte rescendente de alvo almiscar,
Nas mãos trazendo o branquejante lódão,
Embriagada de seivas e de summos ?
Quem és ? Por onde vaes ? Como te chamas ?

Com o semblante risonho, responde a mysteriosa Musa, volteando em torno ás arvores :

— Eu sou a fada mimosa
Que habita o vasto Brasil,
Vivo de essencia e de Rosa
E da esperança gentil.
Sou nova, altiva e formosa
E sou filha do Brasil.

Eu sou a meiga Esperasça,
Filha da luz e do céo.
Sou virgem e sempre criança,
Nos bosques vagando ao léo.
Sou gentil como a esperança,
Pura como a luz do céo.

Vivo velando estes lares,
Vagando nestes confins,
Por entre os densos palmares,
Nossos perennes jardins.
Vivo gozasdo estes ares,
Perdida nestes confins.

Ninguem por lá me conhece,
Todos pensam que morri,
E entretanto parece
Que ainda apenas nasci.
Ninguem por lá me conhece,
Não sabem que moro aqui.

Banho me nestes vallados,
Nas correntes crystalinas
E bebo o nectar dos prados,
Entre cactos e boninas,
Dos passaros namorados
Ouvindo aureas cavatinas.

Todos me chamam Esperança,
Nascida neste Brasil ;
Sou ainda bem criança,
E todos me acham gentil ;
Tenho por nome Esperança,
Tenho por patria o Brasil.

O POETA (*responde extasiado, em voz commovida*)

— Esperança das terras e dos montes,
Mensageira dos rios e das aguas,
Tu vens illuminar-me os horizontes.
Sonhadora dos cumes e das fraguas,
Fazer a estrada placida e gentil,
Espancar a tristeza, o odio e a magua
Prazenteira e gazil.

Esperança dos ermos e dos lagos,
Dos rios côr de anil,
Visão celestial das virgens mattas,
Dos longos cerros limpidos e vagos,
Onde carta o mysterio do Brasil,
Na voz do gaturamo e das cascatas
Numa visão primaveril.

Tudo fala de riso e de bonança,
A selva, a encosta, o tamboril
Cantando a força, o impeto, a esperança,
A gloria do Brasil.

No escuro olhar das tumidas tricanas,
Lestas como as juritys,
Na voz rude dos camponios,
No uivar dos taquaris,
Na galopada dos favonios
Nas vastas terras americanas,
Tudo — esperança ! — diz.

A Musa continúa, em voz de crystal, dansando na relva :

— Eu sou filha de todos os quadrantes,
Mas, agora, com gáudio só habito
Este aureo continente dos Atlantes,
Osde, no templo verde do infinito,
Pelas selvas gentis e sussurrantes,
As azas me prendera o amor bemdito
De principes selvaticos e amantes.

Não quero o rumoroso e verde Ganges ,
O farto e fertil Nilo,
Onde dos Pharaós ao regio aceno
O Ibis vôa e rilha o crocodilo ;
Nem quero o pomposo Rheno,
Rodeado de Hunos e de alfanges,
Nem tu, ó Tejo ameno,
Das Tágides povoado, almo e tranquillo.

Deixei as patrias todas deste mundo,
Pela ditosa patria universal,
Onde entre os sangues todos me confundo,
Na belleza do sonho fraternal.

Nota—O 1º canto deste poema sahiu na *Revista Americana*, o 10º canto na *Epoca*, o 20º canto na *Folha* e os 2º, 15º e 19º na *Illustração Brasileira*. O poema inteiro será editado em breve.

A FORÇA PUBLICA DE S. PAULO

A Força Publica de São Paulo é uma corporação já sobejamente conhecida no Brasil pela sua disciplina, perfeita organisação e real efficiencia.

Ainda agora, na recente sublevação das tropas do Exercito destacadas em Matto Grosso, mostrou ella que possue da arte militar não apenas noções vagas e rudimentares.

Constituindo uma parte do corpo expedicionario que seguiu ao encontro dos revoltosos, estacados nas divisas de São Paulo, junto ás barrancas do Rio Paraná, deu cabal desempenho á difficil missão de que fôra incumbida.

Quem a poz no pé de aperfeiçoamento, em que se acha, foi a Missão Franceza, sua instructora desde 1906.

Por essa época, sendo presidente do Estado o Dr. Jorge Tibiriçá, o Dr. Washington Luis, então secretario da Justiça, contratou com o governo da França, a vinda da primeira missão instructora, que veiu chefiada pelo coronel Paul Balagny.

Terminado o contrato foi este renovado e actualmente se acha a missão franceza sob a competente chefia do distincto general Nérel.

O Dr. Cardoso Ribeiro, actual secretario da Justiça, e um dos mais esforçados auxiliares do Dr. Washington Luis, tem dedicado especial attenção a essa corporação militar, que constitue um dos principaes orgulhos do povo paulista.

Sob a energica e criteriosa direcção do coronel Quirino Ferreira, muito tem aproveitado a Força Publica.

E' muito opportuna aqui a transcripção dos principaes topicos do Relatorio apresentado ao Governo pelo Dr. Cardoso Ribeiro:

NUMERARIO

A lei n. 1.675 A, de 9 de Dezembro de 1919, fixou a Força Publica para o exercicio de 1920 em 8.627 homens.

TRABALHO DOS INSTRUCTORES FRANCEZES

O contrato firmado com o Governo Francez em 28 de Fevereiro de 1918, para a vinda do commandante Luis Jousselin, ficou extincto a 31 de Maio de 1920, tendo sido pontualmente liquidadas as obrigações do Estado com aquelle official, que se declarou satisfeito e deu quitação.

Desde logo, a Secretaria, acceitando o offerecimento de serviços que ao Governo do Estado havia feito o Sr. general Antonio Francisco Nerél, com elle entrou em combinações, sendo trocados cartas e despachos telegraphicos, e afinal autorisado o embarque na França, de uma commissão de officiaes para continuar aqui o trabalho de instrucção militar iniciado em 1906 com a missão cedida pelo Governo da França, a qual, sob a chefia do Sr. coronel Paulo Balagny, chegou a São Paulo em fins de Março daquelle anno, na administração do Sr. Dr. Jorge Tibiriçá.

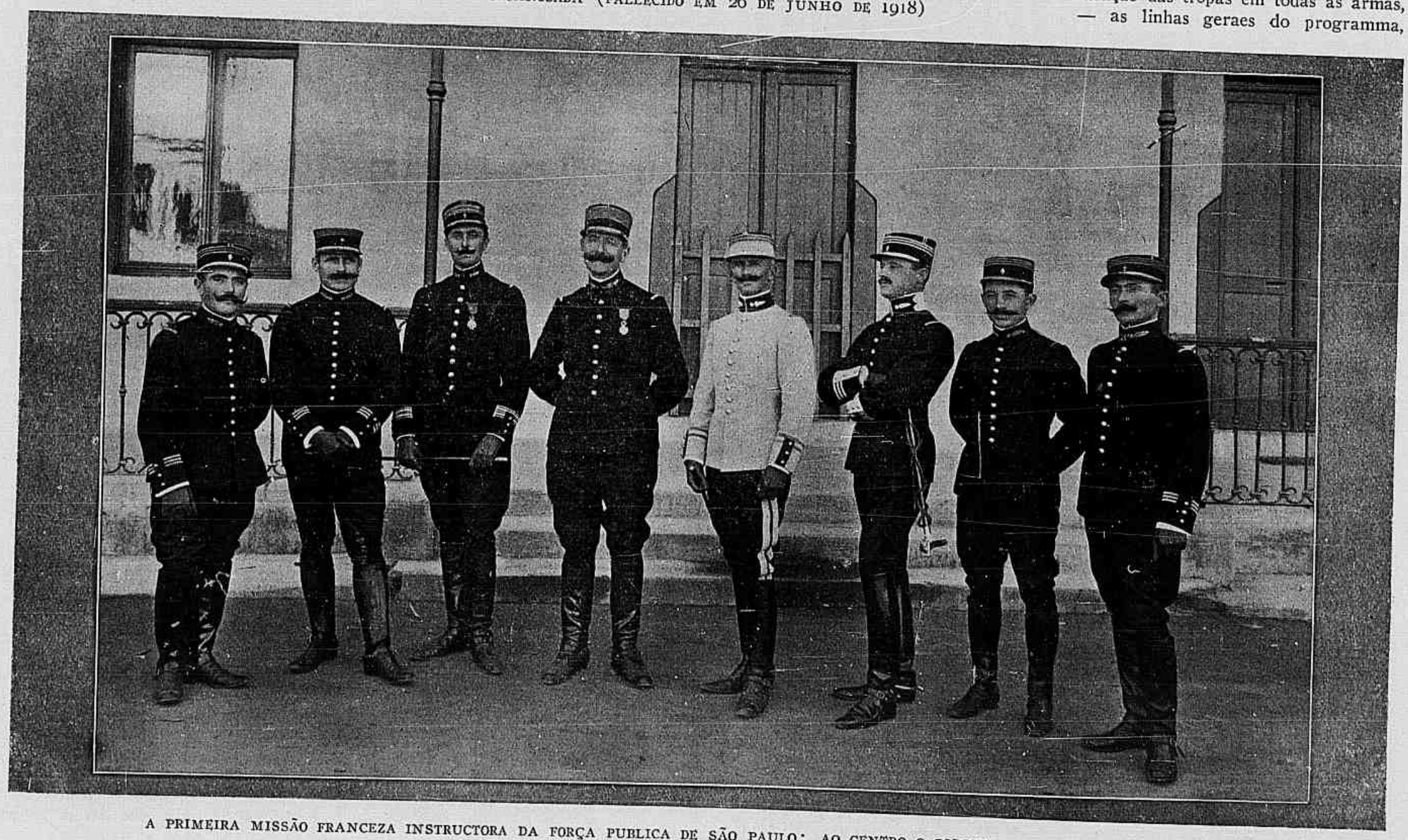
O Sr. general Nerél, o tenente-coronel Pedro Cahuzac e o capitão André Decamps embarcaram em Bordeaux a 9 de Outubro, desembarcaram em Santos a 3 de Novembro, chegaram a São Paulo no dia immediato e foram apresentados ao Sr. Presidente do Estado, entrando immediatamente em funcções. Dias adeante chegou o capitão João Terrade, sendo assignado por todos, a 1º de Dezembro, o respectivo contrato, cujo prazo de dois annos ficará decorrido em 9 de Outubro de 1922.

Foi admittido tambem á Commissão Instructora, com eguaes vantagens da sua patente, o capitão Frederico Statt Muller que, tendo feito parte da missão anterior, volvera a esta Capital, empós a prestação de serviços na guerra. Aliás, todos os membros da actual commissão estiveram na linha de batalha, e o seu chefe Sr. general Nerél, nella desempenhou conhecido e salientissimo papel, que lhe deu a elevada patente e as condecorações que lhe ornam o peito de official de grande bravura, intrepidez e coragem e de entranhado amor patriotico, a par de notavel competencia profissional.

As linhas geraes do programma da instrucção iniciada, tendo-se em consideração os aperfeiçoamentos que a guerra introduziu no armamento e as profundas modificações produzidas nos processos de combate e na organisação das tropas em todas as armas, — as linhas geraes do programma,



CORONEL BAPTISTA DA LUZ, 1º COMMANDANTE DA FORÇA PUBLICA, DEPOIS DE REORGANISADA (FALLECIDO EM 26 DE JUNHO DE 1918)



A PRIMEIRA MISSÃO FRANCEZA INSTRUCTORA DA FORÇA PUBLICA DE SÃO PAULO; AO CENTRO O CORONEL PAUL BALAGNY, ENTÃO CHEFE

repito, visam directamente os seguintes pontos :

a) conhecimento e utilisação das armas novas, tão numerosas, como se sabe;

b emprego em vasta e desenvolvida escala das armas automaticas de diversos typos;

c) organisação e disposição do terreno de operações, assumpto de tão maior interesse quanto, em todos os exercitos, a pá e a enxada têm hoje a mesma importancia da espingarda;

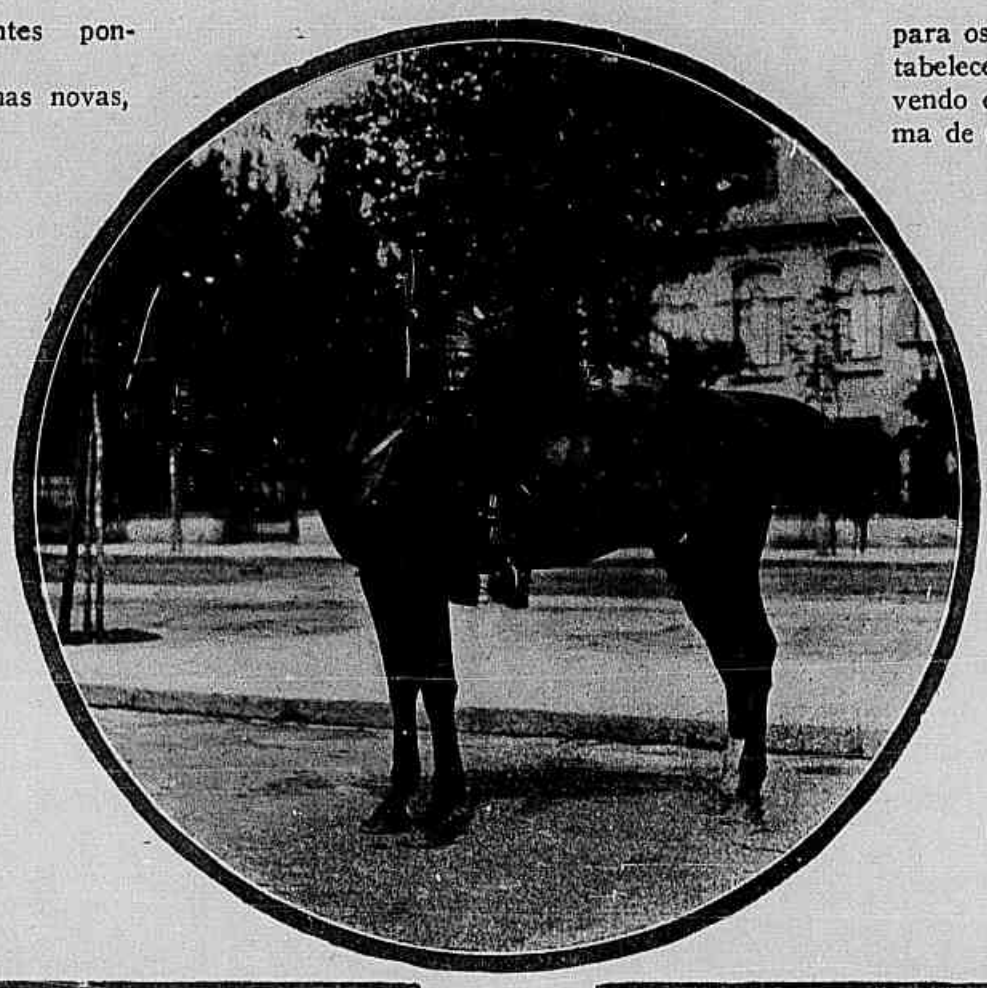
d) ensino dos methodos de ligação e de signalação, indispensaveis ao confiante e seguro exercicio do commando;

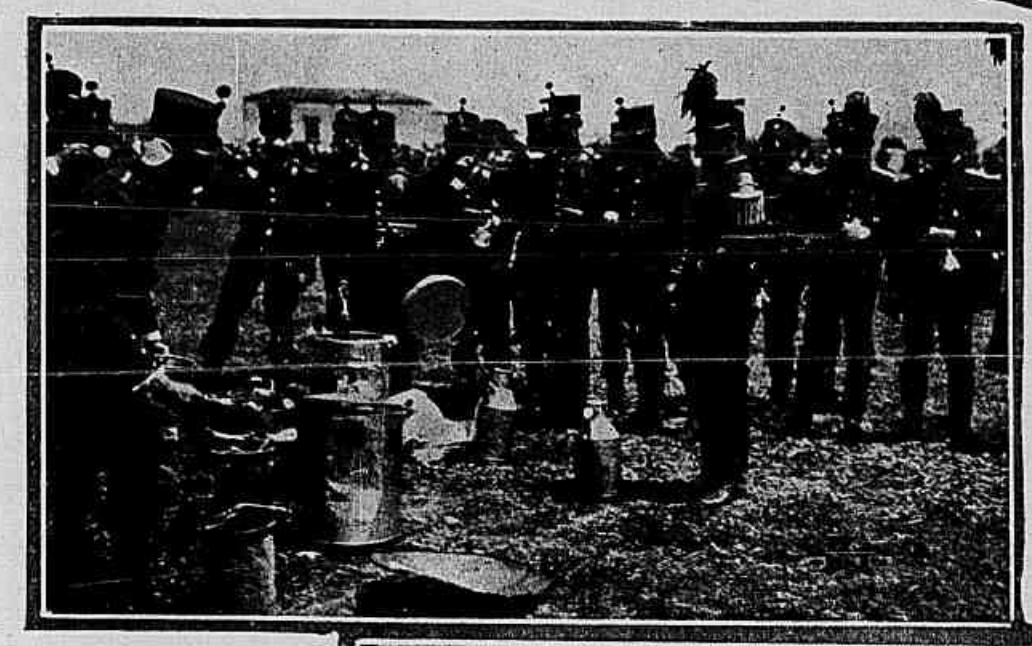
e) solução do problema, sempre difficil, do abastecimento das forças combatentes;

f) direcção da *actualidade* do combate em todas as circumstancias da guerra;

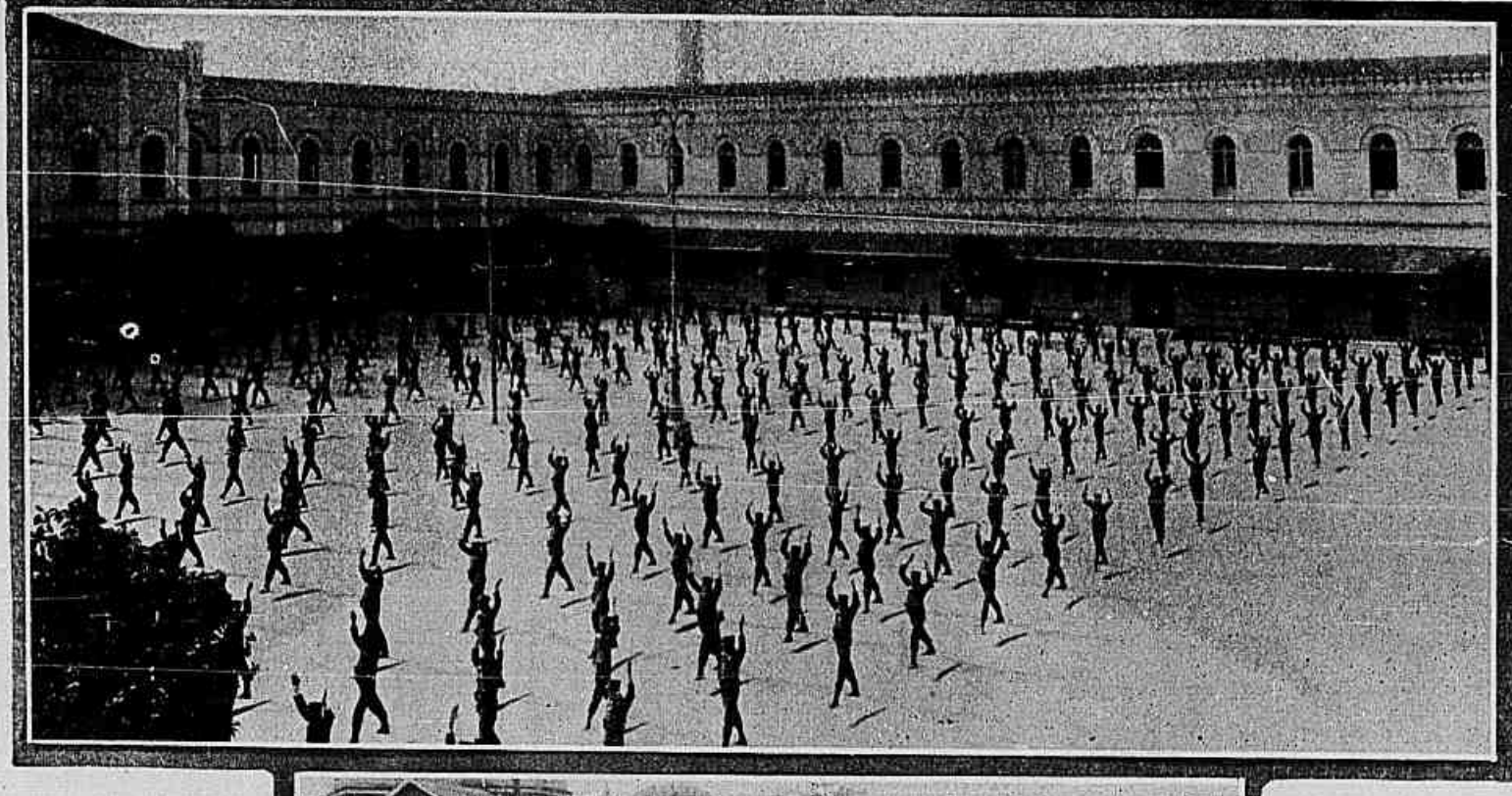
g) conhecimento pratico da topographia;

h) ensino da physiologia, base essencial da gymnastica moderna, e conhecimento da verdadeira gymnastica militar, formadora de soldados realmente vigorosos e destros, capazes de resistencia a longas jornadas e penosas fadigas.









Esse vasto e interessante programma está iniciado em todas as suas particularidades, tendo o Sr. general Nerél tomado á sua propria conta a instrucção dos officiaes.

As suas conferencias e demonstrações praticas são muito concorridas, como pessoalmente hei verificado.

Aos sabbados, pela manhã, no campo do Canindé, continúa-se no exercicio geral das tropas, terminado habitualmente pelo grande desfile.

CURSOS E ESCOLAS

A Força Publica conta presentemente os seguintes institutos de preparo intellectual e technico:

a) *Curso de Instrucção Geral*, creação do artigo 4° da lei n. 1.244, de 27 de Dezembro de 1910, regulamentada pelo decreto n. 2.350, de 14 de Fevereiro de 1913, que lhe deu a denominação geral de curso literario e scientifico, partido, porém, em tres ramos — Curso Preliminar para os inferiores; Curso Geral para os inferiores; Curso Complementar para os officiaes, obrigatorio para os alferes e tenentes e facultativo para os demais postos. Para qualquer dos cursos estabeleceu o regulamento um professor especial, devendo o professor do curso complementar ter diploma de escola superior.

O decreto n. 2.622, de 20 de Dezembro de 1915, introduziu algumas modificações, embora conservasse as mesmas denominações e egual periodo de desenvolvimento. Os professores passaram a ter os postos de major-inspector e de capitão.

b) Corpo Escola, creado pela lei n. 1.244, de 27 de Dezembro de 1910, com a denominação primitiva de Companhia Escola e incumbencia da instrucção militar dos recrutas e dos candidatos a cabo na arma de infantaria.

O regulamento n. 2.349, de 14 de Fevereiro de 1913, referindo-se no art. 1° á lei n. 1.343, de 17 de Dezembro de 1912, estabeleceu que as differentes classes de instrucção seriam denominadas: Escolas de Recrutas, escolas de alumnos cabos, curso especial militar dos officiaes inferiores, educação physica (secção de esgrima e gymnastcia). O art. 5° desse regulamento dividiu o Corpo Escola em duas companhias: á primeira, deu a instrucção de recrutas; á segunda, a instrucção dos alumnos cabos, dos inferiores candidatos a officiaes e a secção de esgrima e gymnastica.

No actual momento vigoram, em relação ao Corpo Escola, as disposições regulamentares que baixaram com o decreto n. 2.623, de 29 de Dezembro de 1915.

c) *Curso Especial Militar*. O art. 5° da lei numero 1.244, de 27 de Dezembro de 1910, creou um Curso Especial de Instrucção Militar, tornando obrigatoria a sua frequencia, para os inferiores que frequentassem o Curso de Instrucção Geral.

Foi, porém, em 1913, que a lei numero 1.395 A, de 17 de Dezembro, estabeleceu o seguinte:

"Art. 14 — Ficam creados na Força Publica do Estado um Curso Especial Militar e uma Escola de Aviação.

Parag. 1° — O Curso Especial Militar será destinado a ministrar á Força Publica do Estado a instrucção que esta actualmente recebe da missão instructora.

. . . . . .

"Art. 15 — O Governo fará organisar os planos do Curso Especial Militar e da Escola de Aviação, com a indicação das materias que devem ser ensi-



CORONEL PAUL BALAGNY, CHEFE DA 1ª MISSÃO INSTRUCTORA DA FORÇA PUBLICA. —DISTRIBUIÇÃO DE CAFÉ, EM DIA DE PARADA. — Á VONTADE. — GYMNASTICA SUECA PELA INFANTARIA. — DESFILE PELA AVENIDA PAULISTA.

nadas, do pessoal e material necessarios e dos orçamentos das despesas com a sua installação e manutenção, submettendo tudo á apreciação do Congresso."

Em cumprimento á disposição referente ao Curso Especial Militar, foi expedido o decreto n. 2.490-A, de 25 de Maio de 1914, o qual soffreu alterações limitadas a exigencias para matricula, no decreto n. 3.040-A, de 27 de Março de 1919. Pelas normas deste decreto, o limite de 25 annos para a matricula foi elevado ao maximo de 30, e, no 1º anno do Curso sómente se permittiria a entrada aos inferiores ou soldados da Força Publica que contassem mais de quatro annos de praça e tivessem noções elementares de portuguez, arithmetica e geographia de S. Paulo. Sobretudo este segundo ponto, por isso que importou em profunda modificação no que então se praticava, não deu bom resultado, e o Curso Especial Militar viu-se privado de elementos bons, que não contavam ou não queriam esperar tão grande tempo na fileira.

De outra parte, as exigencias para o exame de admissão baixaram sobremodo, permittindo-se a matricula de alumnos que, pela insufficiencia de preparo, não poderiam aproveitar convenientemente as vantagens do ensino.

Bastará que se reflicta que a disposição revogada mandava incluuir no primeiro anno "*os soldados alistados com destino ao curso e que exhibissem titulos de estudos feitos nas escolas publicas do paiz, equivalentes, pelo menos, ao terceiro anno completo das escolas normaes primarias do Estado.*"

Disto, para as noções elementares a que já me referi, a distancia é assignalada.

Essa situação fez com que bem depressa se cuidasse de reformar as disposições em vigor, tendo-se organizado um projecto de regulamento que deverá em tempo opportuno ser submettido á approvação do Congresso, nos termos da lei citada.

O projecto permitte a matricula do candidato em qualquer dos dois annos do curso, uma vez feito o exame de admissão respectiva. Para a matricula no 1º anno, poderão se inscrever as praças que tiverem sido approvadas na Escola de Cabo da Força e contarem mais de 18 e menos de 26 annos de edade, com aptidão physica, verificada pelo Corpo de Saude, e bom comportamento civil e militar, provado convenientemente.

Assim, a exigencia do estagio na fileira não será grande, porque o Curso de Cabo pode ser feito em oito mezes, incluidos os tres de recruta, e os bons elementos estranhos á Força, que visarem a frequencia do Curso Especial Militar, serão attrahidos.

A matricula no 2º anno, será permittida aos cabos graduados ha mais de dois annos e aos officiaes inferiores.

O exame de admissão, na parte literaria e scientifica, versará sobre as seguintes materias: portuguez, mathematica (arithmetica, algebra e geometria), geographia geral e especialmente do Brasil, Historia Geral e especialmente do Brasil, Physica e Chimica.

Na parte militar, para os candidatos ao 1º anno, o exame constará dos conhecimentos da escola de soldado, a pé e a cavallo; para os candidatos ao 2º anno, da escola de secção isolada e na companhia. A gymnastica militar será exigida para todos os candidatos.

O quadro dos alumnos comprehenderá duas secções, uma de infantaria e outra de cavallaria, recebendo cada qual a instrucção militar respectiva e estudando em conjuncto as materias de ordem geral ás duas armas.

O ensino, ministrado em dois annos, como já disse, comprehenderá a instrucção militar propriamente dicta, as disciplinas militares e o conhecimento do idioma francez.

As disciplinas militares constituirão objecto de sete cadeiras, assim organizadas: 1ª cadeira (infantaria) — Instrucção de infantaria constante dos regulamentos adoptados na Força. 2ª cadeira (cavallaria) — Noções de hippologia, equitação e instrucção de cavallaria constantes dos regulamentos existentes. 3ª cadeira — topographia. 4ª cadeira — Tactica e trabalhos de campanha. 5ª cadeira — Armamento e tiro. 6ª cadeira — Legislação e administração da Força, organisação policial do Estado,



VISITA DO SR. MINISTRO DA TCHECO-SLOVAQUIA. S. EX. ESTÁ COM SUA SENHORA, ENTRE O GENERAL NERÉL, ACTUAL CHEFE DA MISSÃO FRANCEZA, O CORONEL QUIRINO FERREIRA, COMMANDANTE GERAL DA FORÇA PUBLICA E A OFFICIALIDADE.



OFFICIAES DA FORÇA PUBLICA EXERCITANDO-SE NO TIRO AO ALVO A REVÓLVER



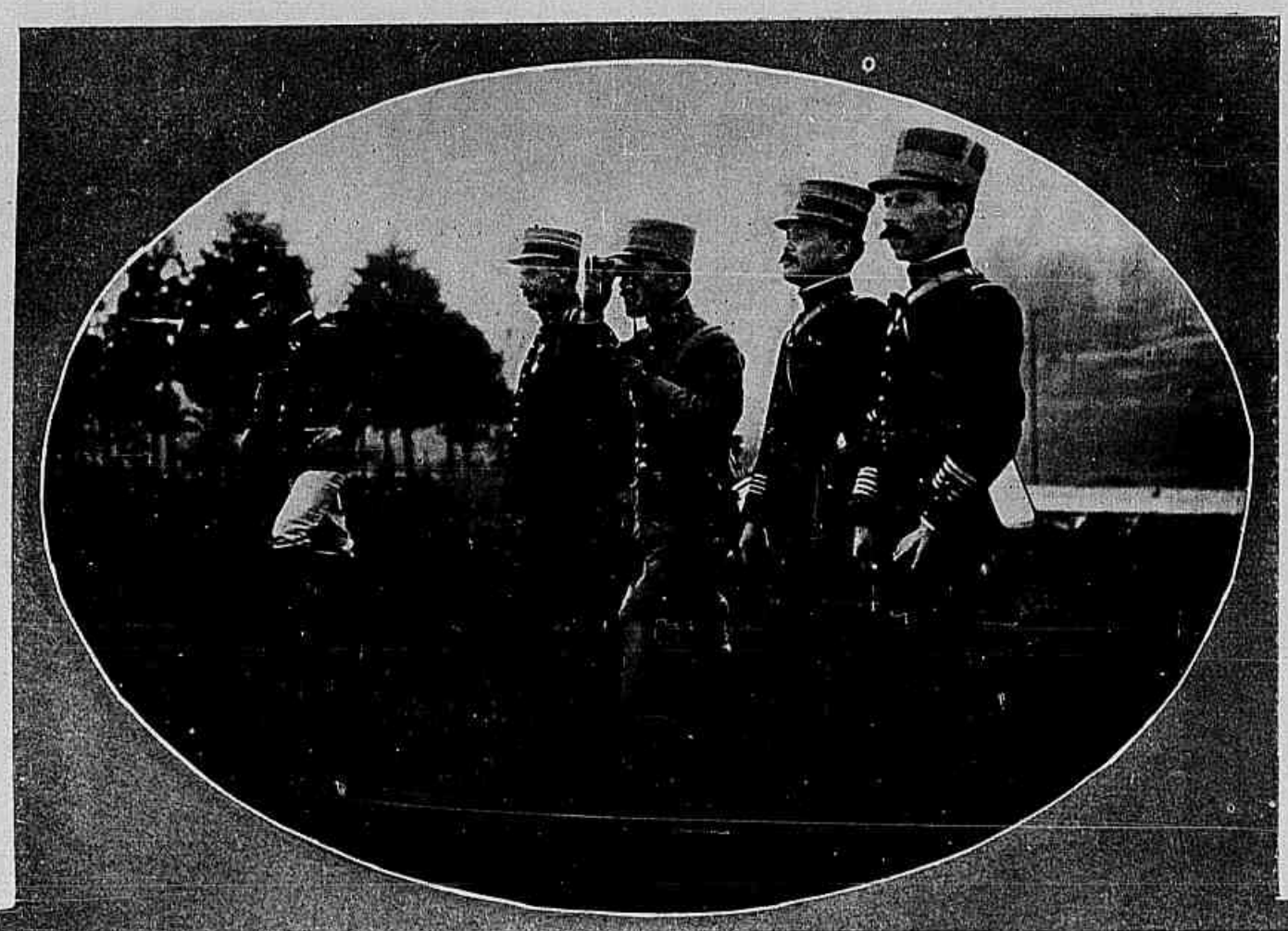
O DR. ALTINO ARANTES, QUANDO PRESIDENTE, ASSISTINDO O EXERCICIO DE TIRO AO ALVO. — INFANTARIA NA VARZEA DO CARMO

funcções das diversas autoridades. 7ª cadeira — Francez.

Em todas as cadeiras o ensino será theorico e pratico.

A esgrima, a gymnastica e a natação serão praticadas na Escola de Educação Physica, e ensinadas pelos profissionaes respectivos.

A Hygiene Militar e as Noções de Physiologia não constituirão cadeira especial; serão objecto de palestras mensaes por um dos membros do Corpo de



COMMANDO EM DIA DE MANOBRAS — UM BATALHÃO DE INFANTARIA ACAMPADO NA VARZEA DO CARMO PARA EXERCICIOS

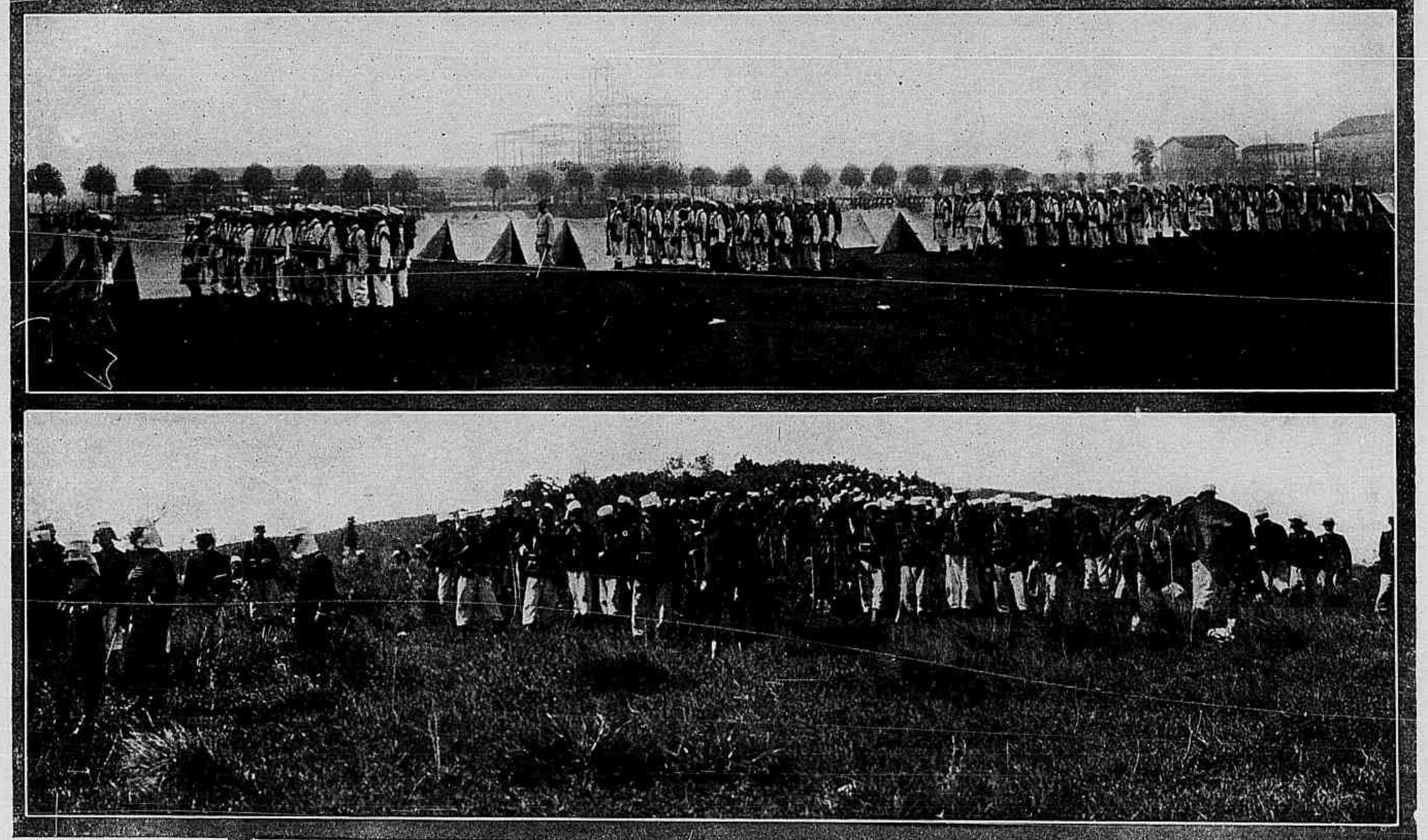
em Janeiro de 1920, sob o commando interino do Tenente-coronel Chrysantho Guimarães, que já commandava o regimento de cavallaria.

Serviu como instructor technico, até o dia 20 de Agosto, o tenente Horton Hoover, aviador norte-americano, para esse fim contratado.

A inauguração official da Escola teve logar a 26 de Abril, com a presença das altas autoridades do Estado.

Foram desde logo ma-

UM BATALHÃO DE INFANTARIA EM MARCHA, FAZ UM ALTO

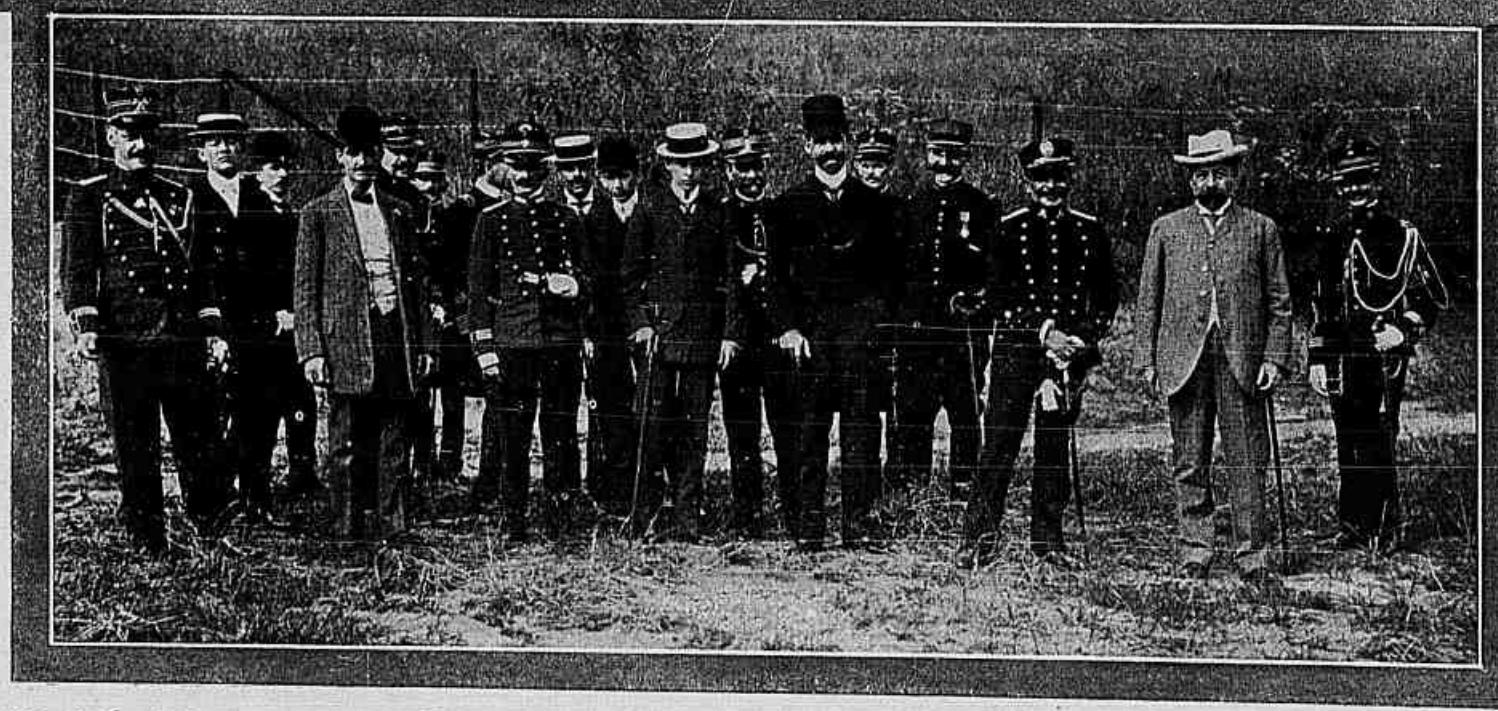


Saude da Força, designado annualmente pelo Commando Geral.

O projecto estabelece, tambem, as regras para os exames parciaes, finaes e promoção, marca o quadro do pessoal, forma o corpo docente fixa o uniforme para os officiaes, praças e alumnos do Curso.

ESCOLA DE AVIAÇÃO

Em observancia ás instrucções que baixaram com o acto de 31 de Dezembro de 1919, começou a Escola de Aviação a funccionar



EM 1906 O DR. JORGE TIBIRIÇÁ, PRESIDENTE DO ESTADO, EM COMPANHIA DO MARECHAL HERMES DA FONSECA, MINISTRO DA GUERRA E DO DR. WASHINGTON LUIS, SECRETARIO DA JUSTIÇA, ASSISTINDO MANOBRAS DA FORÇA PUBLICA.

triculados dezeseis alumnos, sendo tambem admittido, o official da Força Militar do Estado do Paraná, capitão João Busse.

Em data de 25 de Junho, o tenente-coronel Chrysantho foi substituido no commando da Escola pelo major Afro Marcondes de Rezende, que exerceu o commando até o dia 2 de Setembro, quando pediu exoneração. Coube então o commando interino da Escola ao capitão Etualpe de Oliveira Neves.

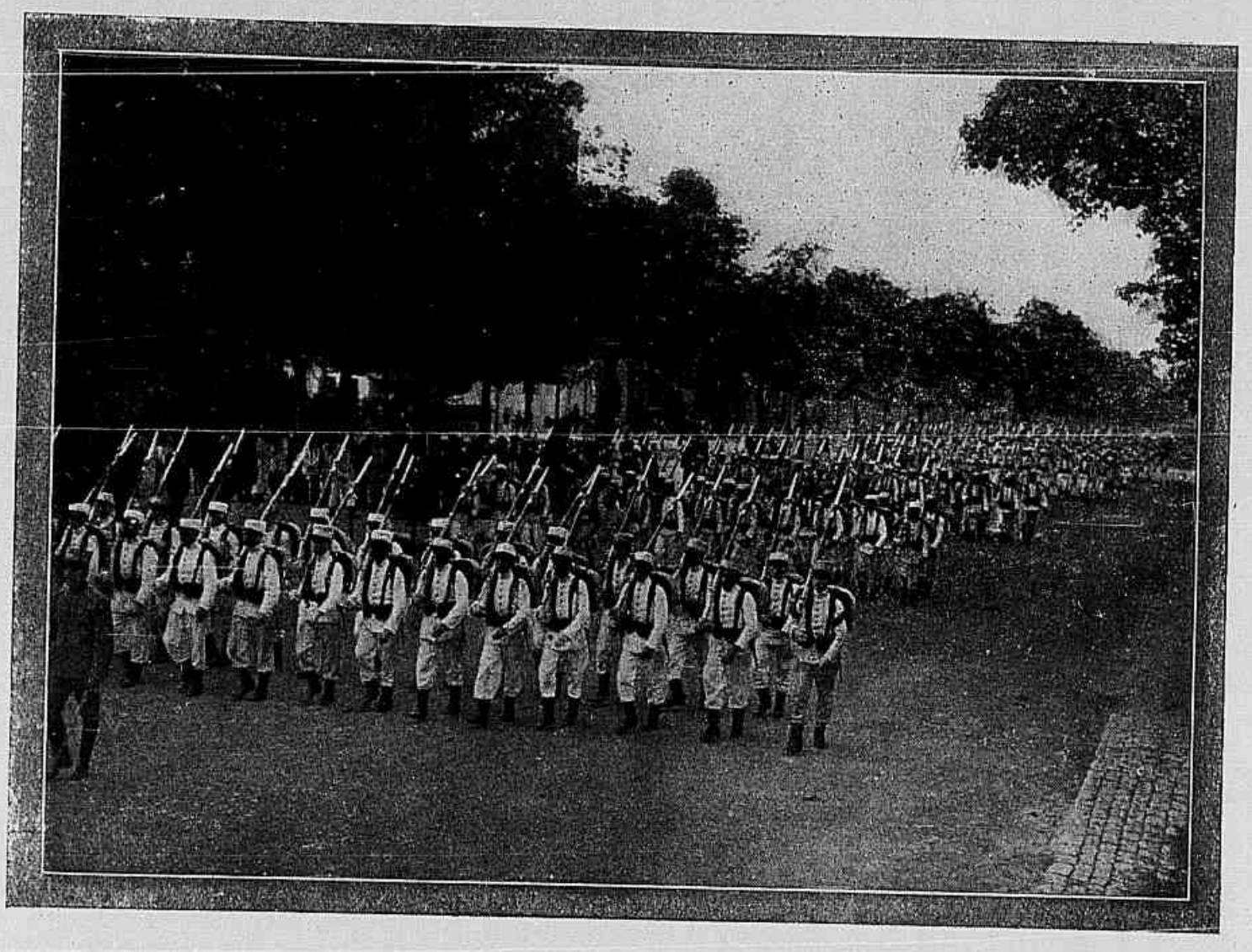
Rescindido o contrato com o tenente



INFANTARIA EM MANOBRAS

Hoover, o Governo entendeu mais conveniente aguardar opportunidade para a escolha de um novo instructor, em condições de poder dar á Escola o desenvolvimento que ella deve ter.

Possue a mesma Escola dez apparelhos, sendo sete do typo J. N.; quatro D. 2, e tres do typo Oriole, todos marcados com as iniciaes A. S. P. (Aviação de São Paulo), tendo os sete primeiros tambem os numeros 101 a 107, e os tres ultimos, os numeros 201 a 203.



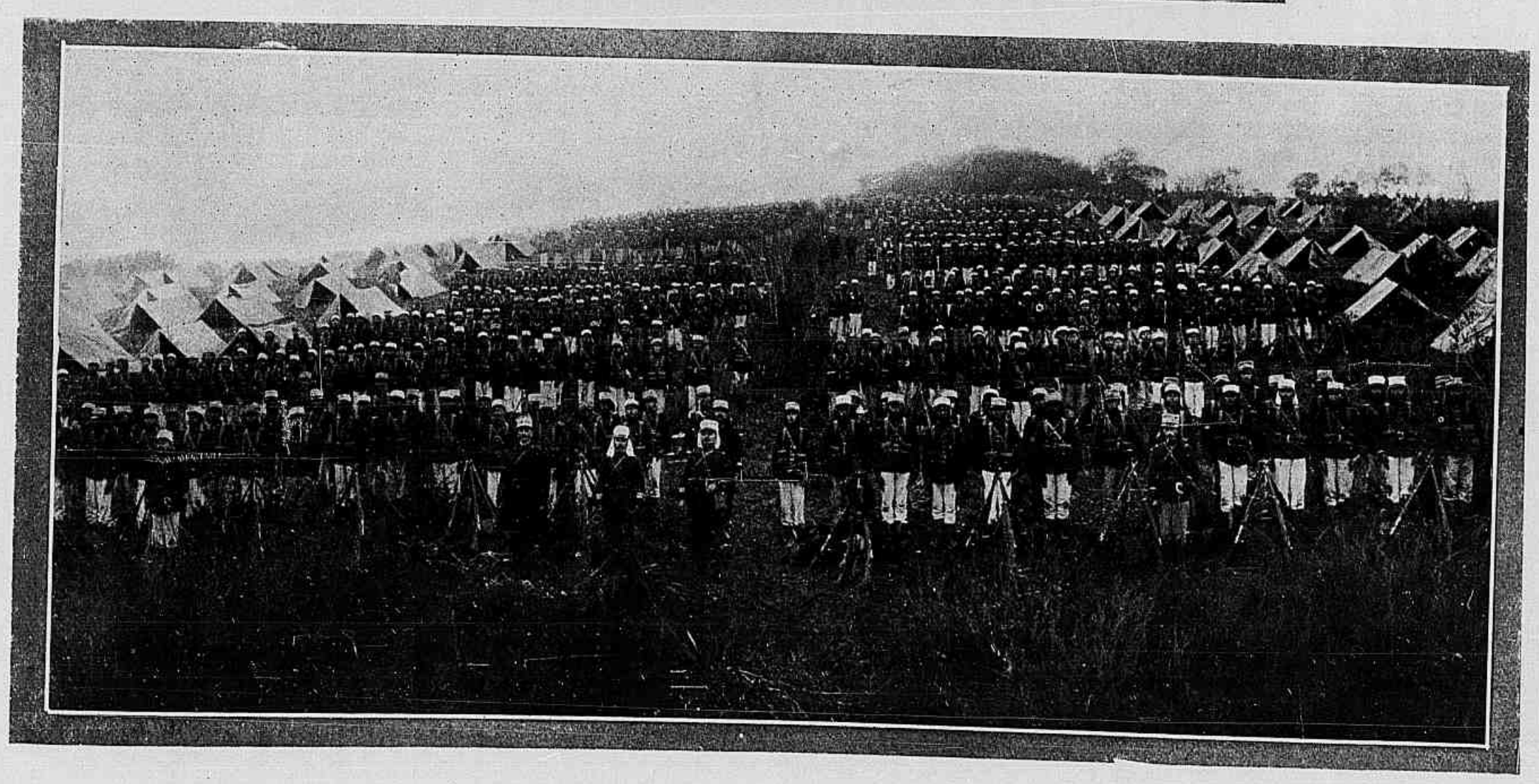
DESFILE DA INFANTARIA

INFANTARIA ENTRINCHEIRADA

COMMANDOS SUPERIORES

Continuou exercendo em commissão o cargo de commandante geral da Força o coronel Manoel Soares Neiva, do Corpo de Bombeiros. Interinamente, de 11 a 24 de Dezembro, exerceu o commando o tenente-coronel Domingos Quirino Ferreira, do 2º Batalhão, (hoje commandante geral da Força).

Com a transferencia do tenente-coronel Pedro Francisco Ribeiro para o Estado Maior da Força, no logar de assis-

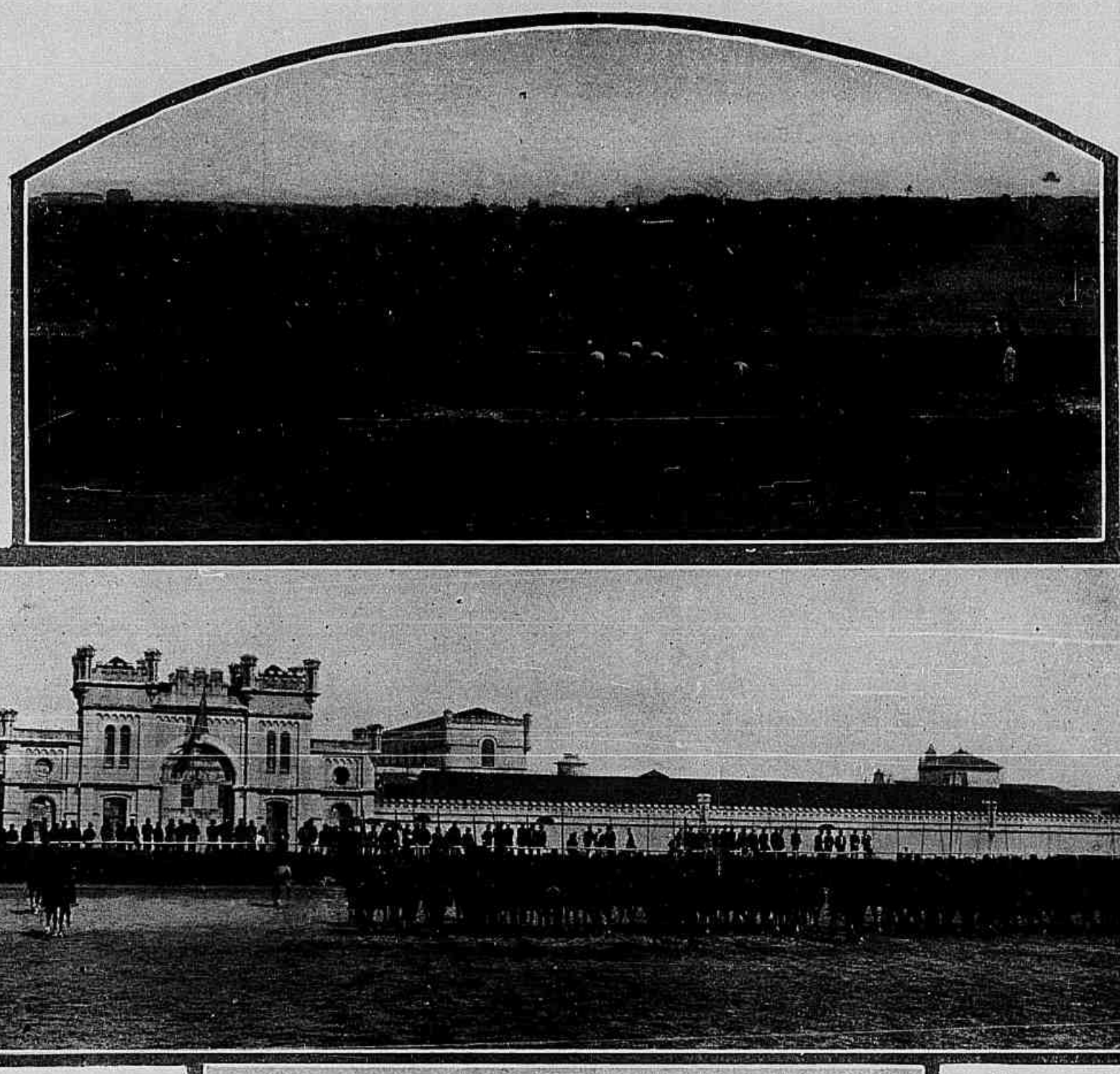


TROPA FORMADA NO ACAMPAMENTO

tente, passou o 1° batalhão a ser commandado, desde 12 de Novembro, pelo tenente-coronel Joviniano Brandão de Oliveira.

Para substituir a esse ulitmo, no 1° corpo da Guarda Civica, foi designagnado, no mesmo dia 12 de Novembro, o tenente-coronel Alexandre Gama, que desempenhava o cargo de assistente.

Serviram tambem interinamente nos commandos, do



2° batalhão, de 14 a 24 de Dezembro, o major fiscal Luiz da Silveira Leme; no 4° batalhão, por dez dias, no mez de Outubro, o major fiscal Antonio Rodrigues Tavares Teixeira Freire; no regimento de cavallaria, de 1° de Agosto a 3 de Outubro, e de 3 de Novembro a 3 de Dezembro, o major fiscal Elias Antonio Nunes; no Corpo Escola, por oito dias em Outubro, o major fiscal Coriolano de Almeida; no Curso Especial Militar, de 27 de Novembro a 3 de Dezembro, o capitão José Antonio Sampaio; no Corpo de Saude, cargo de chefe do serviço sanitario, de 3 a 24 de Julho, o major Dr. Manoel Gonçalves Theodoro.

QUARTEIS

Os quarteis que accommodam razoavelmente as unidades que nelles se abrigam, são: o da Luz, á avenida Tiradentes, 60, para o primeiro batalhão e regimento de cavallaria; o de Santo Agostinho, á rua Jorge de Miranda, n. 1, para o 2° batalhão; o do Vergueiro, á rua desse nome, n. 74, na Liberdade, para o 5° batalhão; o da Tabatinguéra, á rua Frederico Alvarenga, onde foi o Hospicio de Alienados e mais tarde se installaram as repartições administrativas dos dois corpos da Guarda Ciciva, ao lado do Almoxarifado.

Nos dois primeiros foram introduzidos alguns melhoramentos, ao tempo da visita dos Reis dos Belgas.

No do Vergueiro foi feita, no mez de Junho, uma reparação, para impedir que o alojamento das praças continuasse a ser alagado, por occasião das chuvas.

Em terrenos desse quartel, embora entregue ao 1° Corpo da Guarda Civica, acha-se o canil policial,

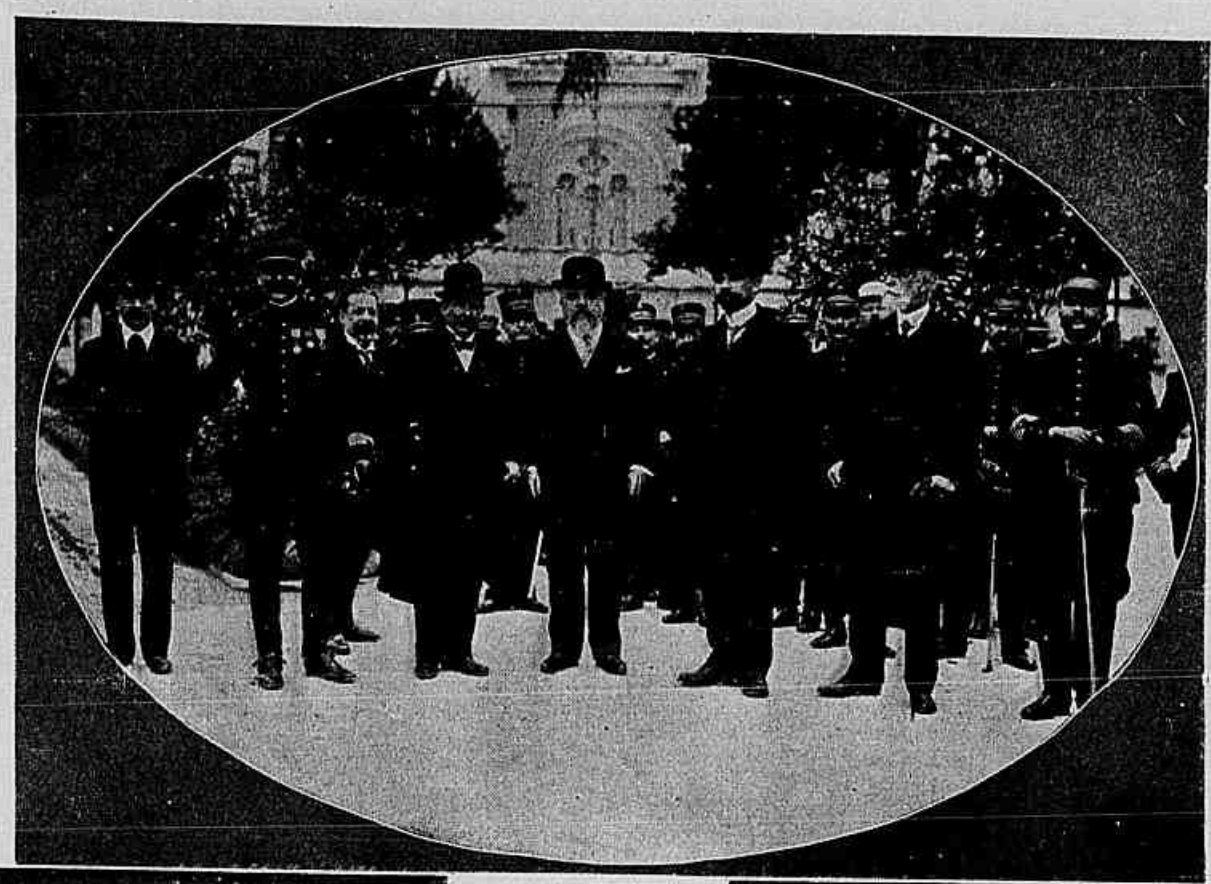


CAVALLARIA: O "CAROUSSEL" POR QUATRO PELOTÕES. — EXERCICIOS NO PICADEIRO DO REGIMENTO. — A GUARDA DA BANDEIRA. — Á HORA DO CAFÉ, EM DIA DE PARADA. — Á HORA DA REFEIÇÃO.

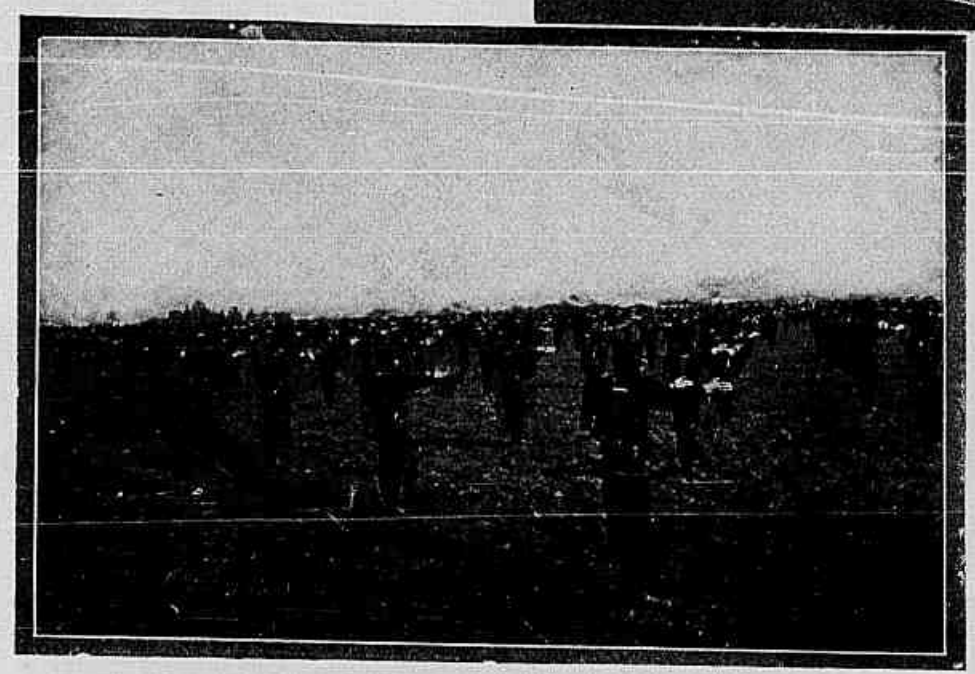
onde são necessarias algumas modificações, para que augmentem os resultados dessa fórma auxiliar de policiamento, por emquanto praticada apenas na circumscripção da 4ª delegacia, no districto da Consolação.

O quartel da Tabatinguéra reclama tambem urgentes cuidados, achando-se o telhado muito compromettido, e sendo certo que o seu aspecto externo se tornará logo algo desagradavel, deante das obras de aformoseamento, que se fazem nos terrenos circumvizinhos, como preparativos ás festas do centenario da Independencia.

O Corpo Escola continuou durante o anno dividido entre uma pequena ala do quartel da Luz, em predio arrendado, improprio e antihygienico, da rua Ribeiro de Lima n. 21, e o predio tambem arrendado da avenida Tiradentes n. 15. Essa dispersão, muitissimo prejudicial ao regular preparo dos recrutas, desapparecerá em breve, quando aproveitadas algumas dependencias da velha Penitenciaria, dependencias situadas nas proximidades da antiga casa do director, e que serão convenientemente adaptadas. Nessa residencia antiga do director da Penitenciaria passou a funccionar, desde o mez de Agosto o Curso Especial Militar, que estava deploravelmente installado no edificio arrendado, da praça Visconde de Congonhas do Campo n. 1.



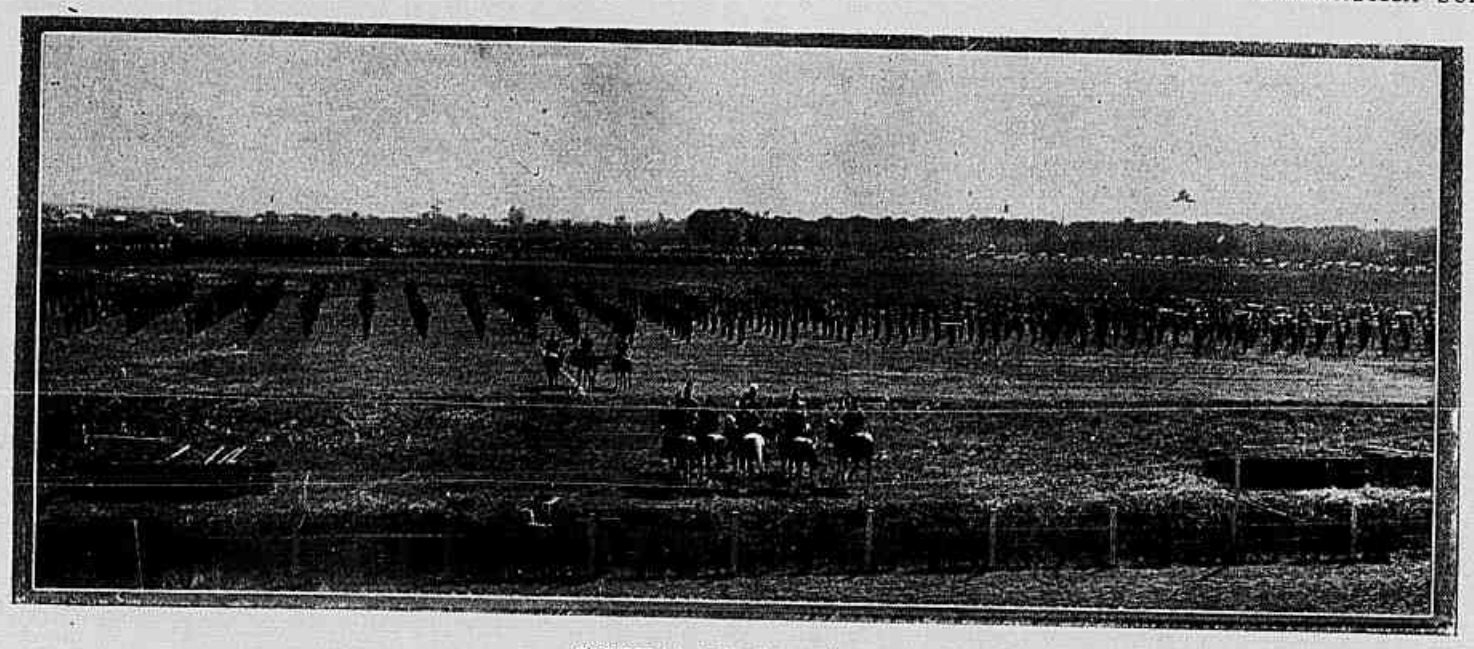
EM 1906. — O DR. WASHINGTON LUIS, EM COMPANHIA DO CONSUL FRANCEZ, M. DUPAS, VISITA O QUARTEL DA FORÇA PUBLICA.



DIA DE PARADA



GYMNASTICA SUECA



ESGRIMA DE BAIONETA

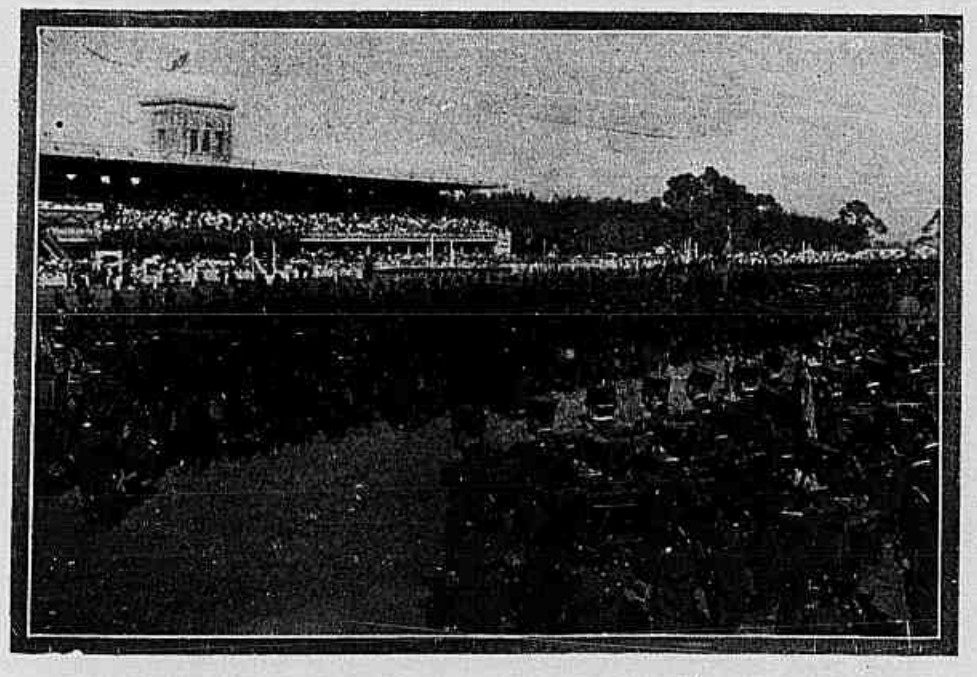
Uma vez ultimadas as obras de adaptação a que acima me referi, será transferido o Curso Especial Militar para o predio arrendado, da Avenida Tiradentes n. 15, podendo, então, ficar alojado todo o Corpo Escola nas indicadas dependencias e casa do director da antiga Penitenciaria. Será um excellente melhoramento para essa unidade, emquanto o Estado não emprehender a construcção de novos quarteis.

O Corpo de Bombeiros tem esperado, desde alguns annos, o proseguimento das obras do seu quartel, iniciadas em 24 de Abril de 1912, na presidencia do Sr. Dr. Albuquerque Lins.

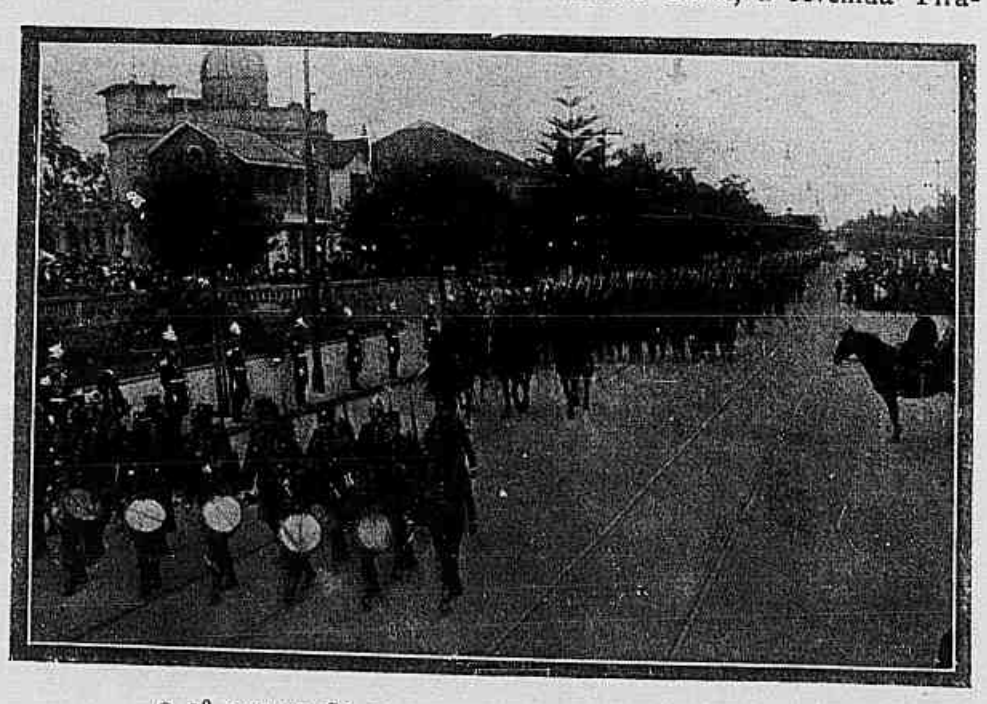
A lei n. 1.261 A, de 11 de Outubro de 1911, abriu o credito de 600:000$000 para essa construcção, porém, as obras não passaram da primeira ala, onde já se alojam, no pavimento superior, as praças de folga e a escola regimental, e, no pavimento terreo, as officinas de mecanica e pintura, e os depositos de carros e automoveis.

A estação de Bombeiros de Oeste, localisada á alameda Barão de Piracicaba, em predio de propriedade do Estado, tem necessidade de alguns melhoramentos, em parte já iniciados.

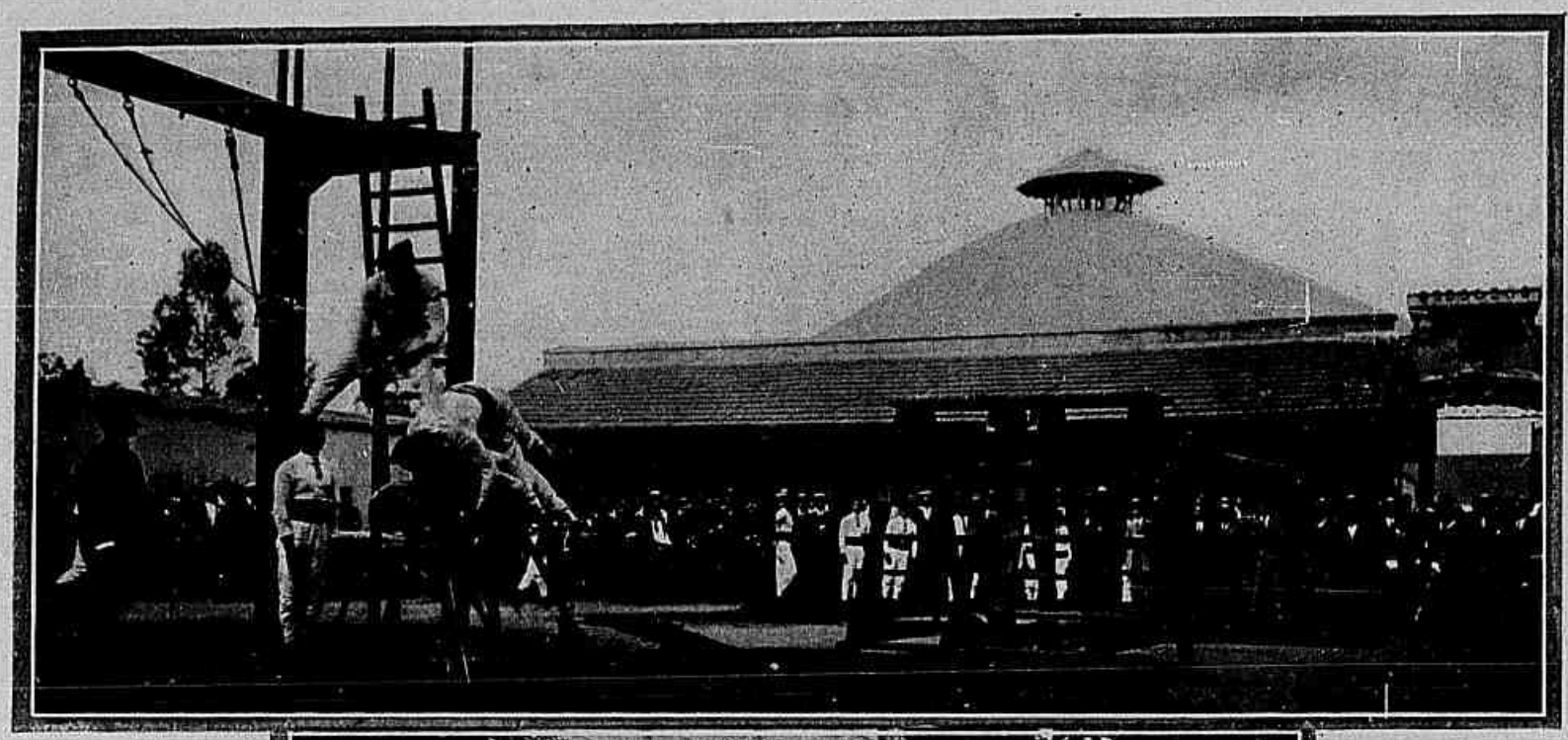
A estação de Bombeiros do Norte continúa nos predios 70 e 72 da rua Brigadeiro Machado, os quaes, por muito acanhados, não satisfazem as exigencias do serviço. O mesmo se dá com a séde do Commando Geral, á Avenida Tira-



INFANTARIA FORMADA NO PRADO DA MOÓCA



O 1º BATALHÃO DE INFANTARIA EM DIA DE GALA



EDUCAÇÃO PHYSICA: EXERCICIOS DE SALTOS. — ESCALANDO TRINCHEIRAS

DEPARTAMENTOS DO 3º ESQUADRÃO DE CAVALLARIA. — SALA DE ESGRIMA: Á ESQUERDA, O MAJOR GAMOEDA, DIRECTOR DA ESCOLA DE CULTURA PHYSICA DA FORÇA PUBLICA

dentes, 88; com o 4º batalhão, á mesma avenida n. 74, onde não existe espaço para abrigar siquer o pequeno numero de praças, cuja vinda á capital, as contingencias do serviço têm reclamado por varias vezes; o 3º batalhão tambem se acha installado em predio inadequado, sem as primeiras commodidades e localisado no bairro do Cambucy, á rua Major José Bento n. 133, distancia consideravel das estações de embarque, sempre procuradas pelas tropas em serviço no interior do Estado.

Resulta do exposto a urgencia de se determinar o andamento das obras do quartel dos Bombeiros e de se cuidar da construcção dos que ainda faltam, para o conveniente agasalho da Força Publica.

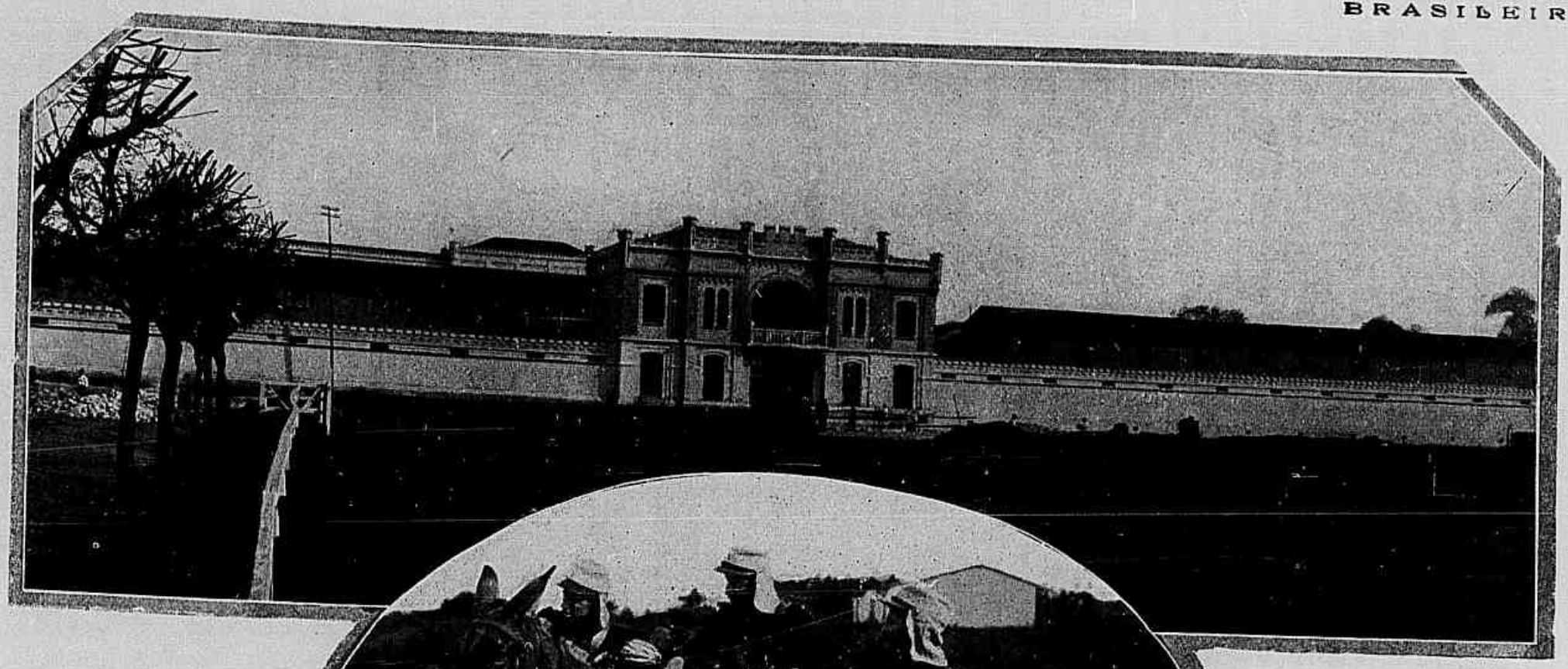
O Estado tem sido forçado a contratos onerosos e estará na dependencia dos proprietarios, sem proporcionar a commodidade a mais elementar aos seus servidores na ordem militar, emquanto não conseguir ver toda a sua milicia funccionando em estabelecimentos construidos especialmente aos fins que a ella incumbe desempenhar.

ESTADO SANITARIO

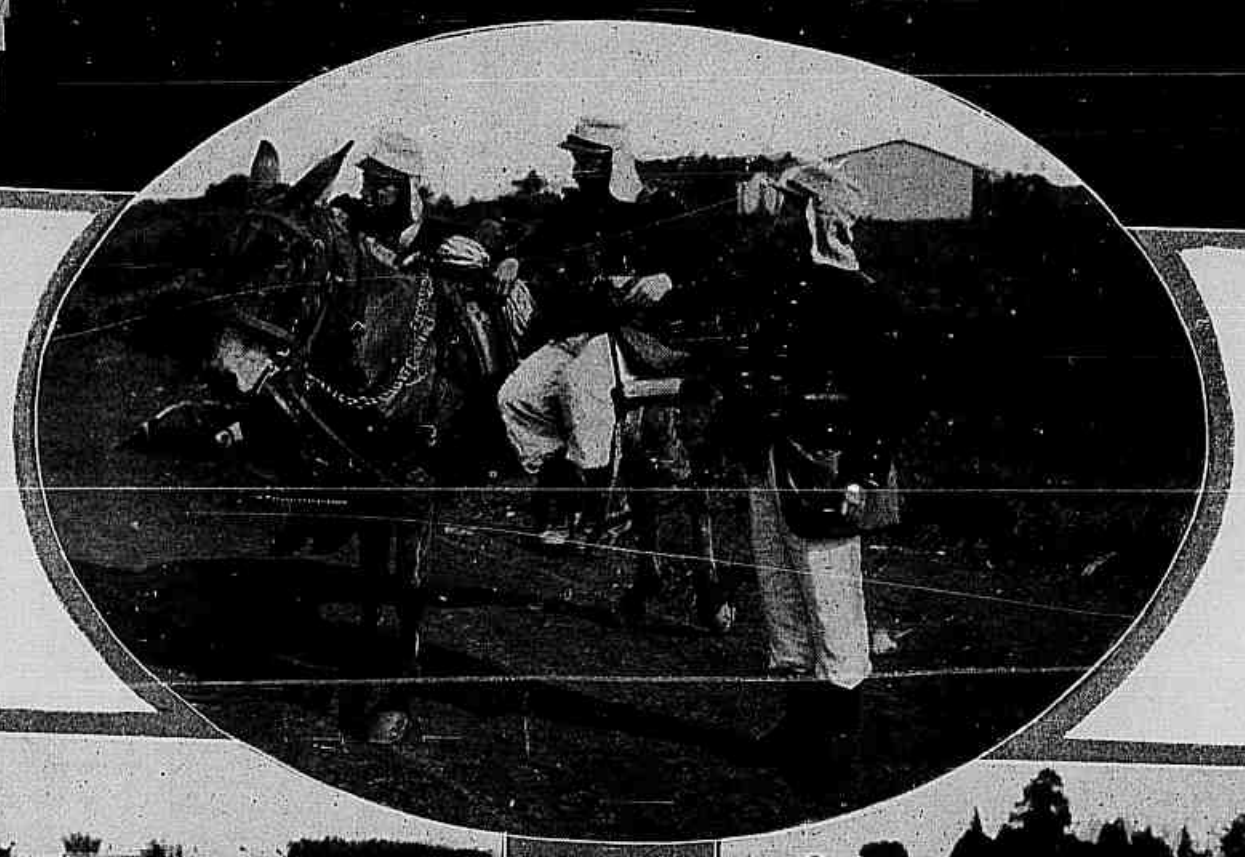
Varios casos de meningite cerebro-espinhal, em maior numero no Corpo Escola, constituiram a unica excepção á normalidade das condições sanitarias da Força. As providencias tomadas conseguiram, felizmente, debellar o mal, antes que elle pudesse produzir maiores inconvenientes.

LINHA DE TIRO

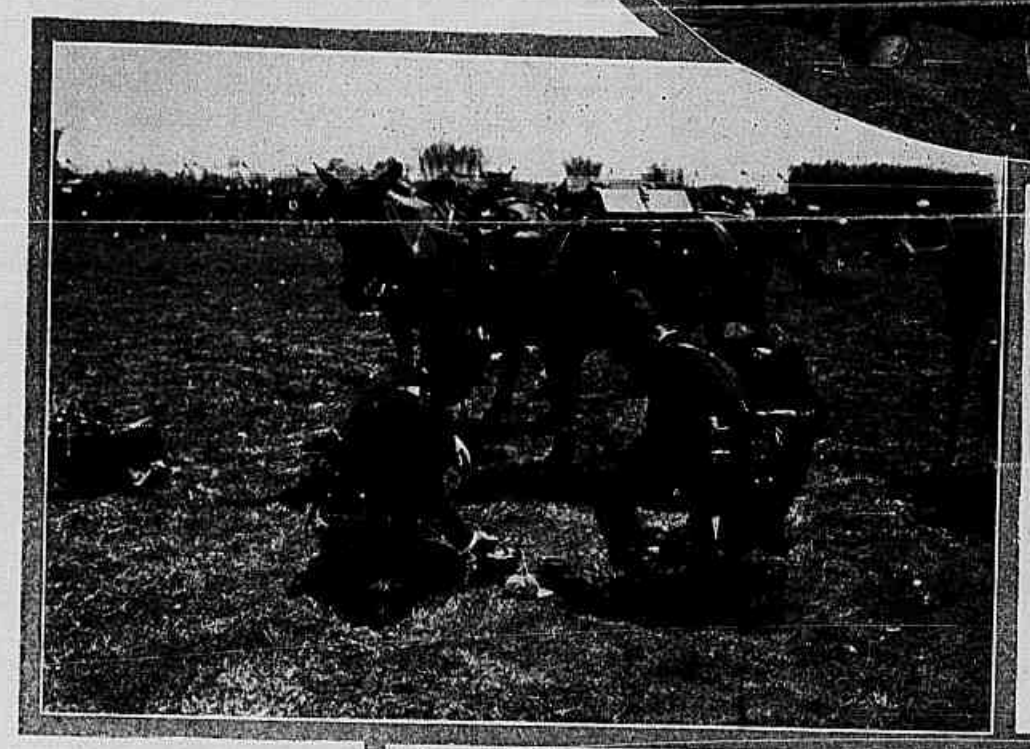
Em data de 26 de Maio deu-se um desastre na linha de tiro situada

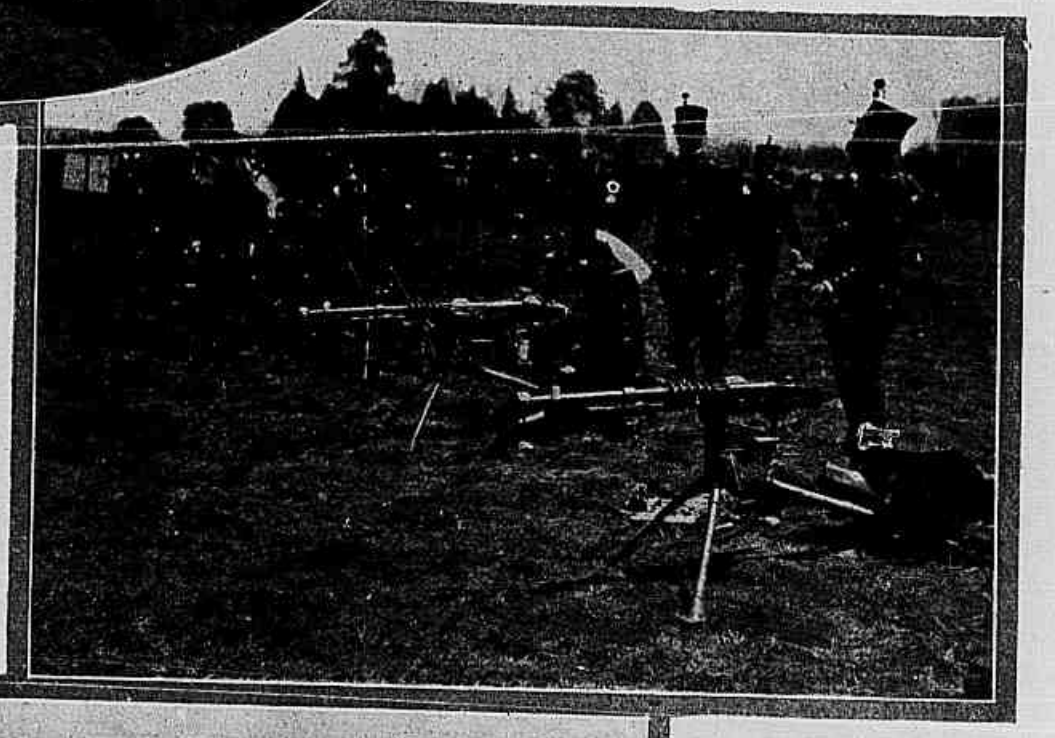


VISTA DO PICADEIRO DO QUARTEL DO REGIMENTO DA FORÇA



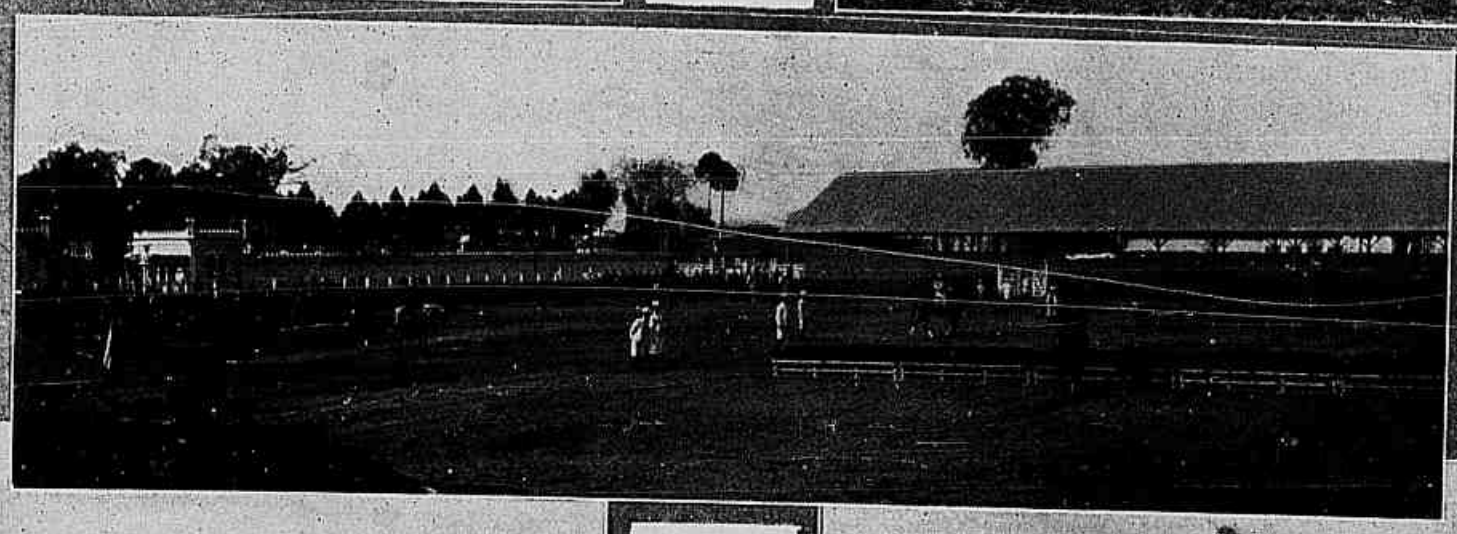
GUARNIÇÃO COMPLETA DE UMA METRALHADORA





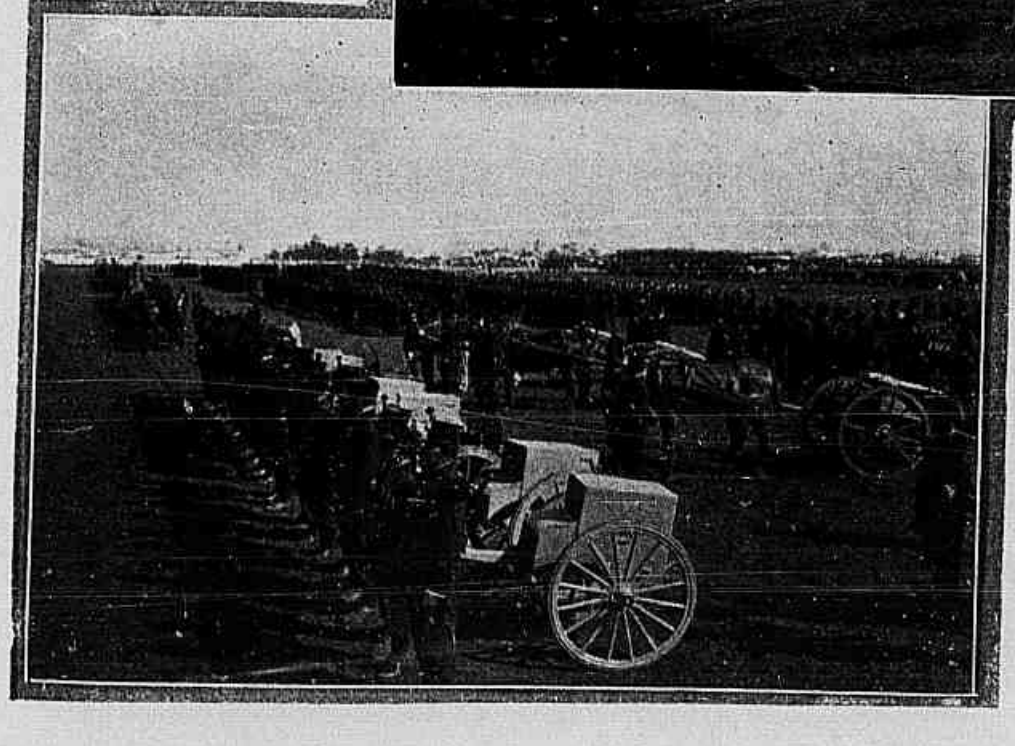
A HORA DO RANCHO

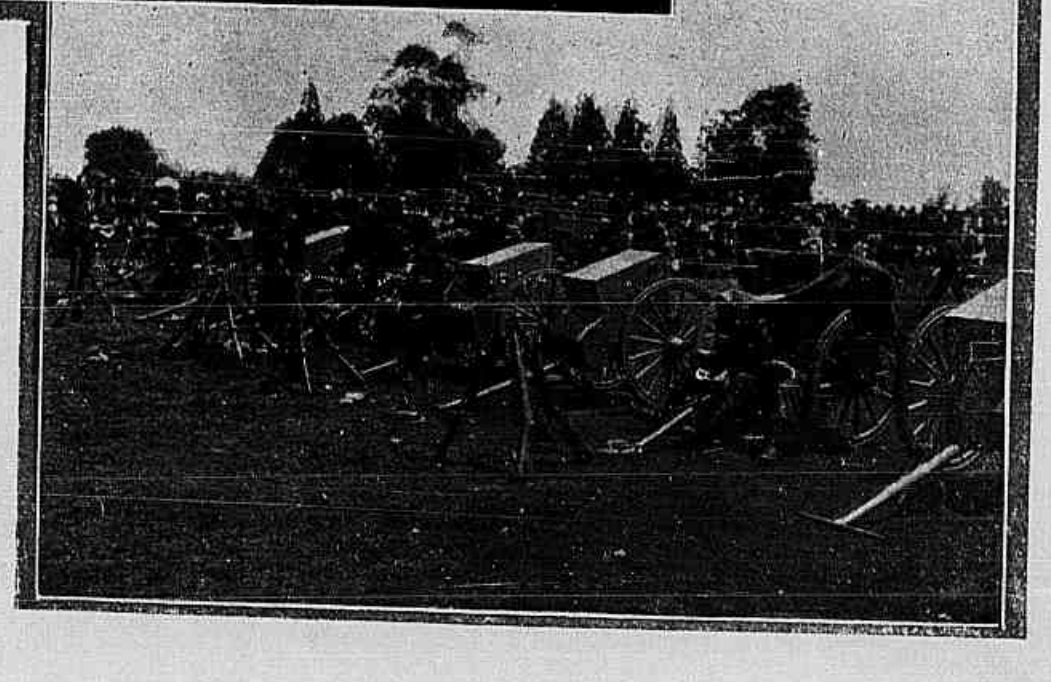
EXERCICIOS DE EQUITAÇÃO



METRALHADORAS EM POSIÇÃO

SECÇÃO DE METRALHADORAS





no Barro Branco. Tomadas as providencias para evitar-se a reproducção do lamentavel facto, verificou-se a conveniencia de uma transformação radical na mesma linha de tiro.

BANDA DE MUSICA

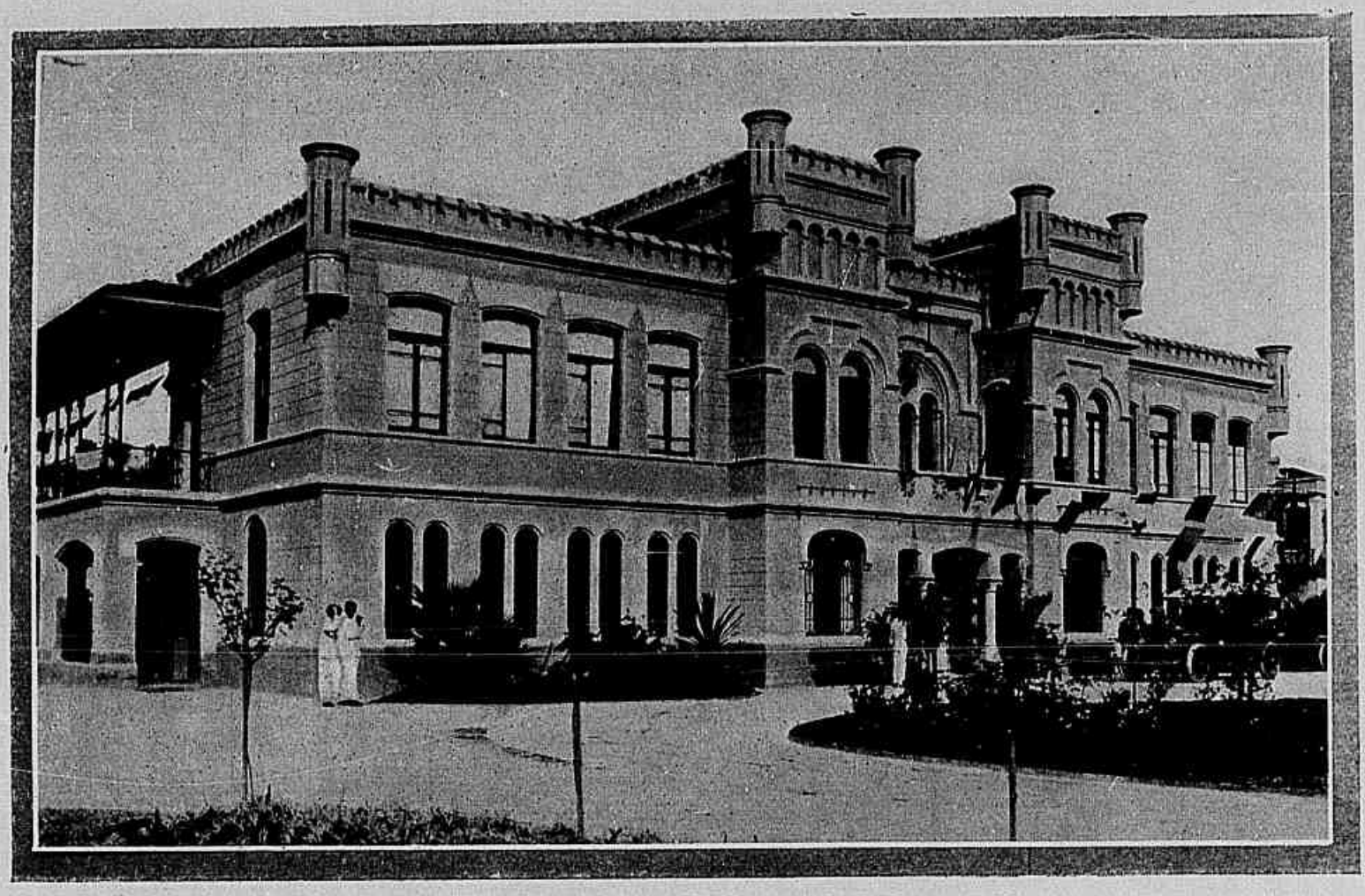
Alojada no quartel da Luz, sob a administração e disciplina do 1º batalhão, teve a banda de musica uma receita annual de 45:334$168, para a despesa de 34:560$418, recolhido o saldo de 10:773$750 á Caixa Beneficente da Força.

O instrumental da banda precisará de substituição, no proximo anno, tendo a Secretaria tomado as providencias necessarias á organização do orçamento respectivo.

A lei de fixação da Força para o exercicio de 1922 deverá consignar verba para essa despeza, nunca inferior a 50:000$000.

POMBAES

A manutenção dos pombaes continúa a cargo do 1º batalhão. São elles em numero de sete, localisados na Capital, Santos, Campinas, Taubaté, Amparo, Baurú, Rio Preto, com o total de 1.143 pombos, treinados com excellentes resultados.



FRENTE DO HOSPITAL DA FORÇA PUBLICA DE SÃO PAULO

ALMOXARIFADO

Os serviços affectos ao Almoxarifado foram feitos com toda a regularidade, não obstante o augmento havido nos diversos fornecimentos, notadamente em fardamentos sob medida, para officiaes da Força Publica, motoristas, continuos e serventes das quatro Secretarias de Estado e de algumas repartições subordinadas.

Além dos fornecimentos á Força Publica, cadeias do interior e da Capital, Penitenciaria, Instituto Disciplinar, Recolhimento das Perdizes, Instituto Correccional, Delegacias e Postos Policiaes, ainda o Almoxarifado attendeu a fornecimentos de moveis e demais artigos para os Tribunaes do Jury, e creolina para repartições dependentes da Secretaria da Justiça e da Segurança Publica.

Crescendo como vae o encargo da repartição, já se está fazendo sentir a necessidade de uma remodelação no sentido de serem introduzidas modificações no regulamento actual, que data de 1910.

O almoxarifado se compõe presentemente das cinco seguintes secções: de escripta; armazens; officina de fardamento; officina de kepis; e officina de fardamento sob medida.



DIA DE PARADA: POSTO DE SOCCORRO DO CORPO DE SAUDE

GABINETE DE MUNIÇÕES

Funccionando no mesmo pavilhão construido para esse fim, em 1918, nas proximidades do quartel da Tabatinguera, e sob a direcção tecnhica do 1º tenente Nathaniel Prado, do Curso Especial Militar, vae o Gabinete de Munições prestando relevantes serviços á Força, aproveitando e reconstituindo em cartuchos de festim, os elementos de cartuchame postos em disponibilidade, nos exercicios de tiro dos diversos corpos.

O custeio do Gabinete é feito com a pequena verba de 50$000 adeantada todos os mezes.

INVERNADAS

Foram mantidos os serviços nas duas invernadas que a Força possue, no Barro Branco, para o regimento de cavallaria, e no Caguassú, para o Corpo de Bombeiros, uma e outra em terrenos proprios do Estado, onde, além da pastagem para os animaes da Força, faz-se o cultivo de uma boa parte da forragem necessaria, capim e canna taquara. A invernada do Corpo de Bombeiros produziu durante o anno forragem sufficiente á manutenção dos seus animaes.



VISTA GERAL DO HOSPITAL DA FORÇA PUBLICA

Seis mil conto e quarenta e cinco kilometros pelo Nordeste Brasileiro

As obras contra as seccas vistas por um leigo

A saltar em Natal, depois do longo percurso pelos trilhos da Western, desde Recife, em demanda das regiões em que se fazia o trabalho de valorisação da terra brasileira, corrigindo a mão humana e o humano engenho as falhas que a Natureza ingrata deixou naquelle solo abençoado, certo, devo confessal-o agora, jámais imaginara que essas tão faladas, tão discutidas, tão criticadas obras do Nordeste fossem a coisa maravilhosa que meus olhos testemunharam e com meus olhos a objectiva photographica impassivel e mecanicamente foi registrando numa documentação pelo cliché, que, mais do que minhas palavras, poderá dizer de sua grandiosidade.

O transeunte da Avenida Rio Branco, o filho das grandes cidades, habituado ao conforto das terras civilisadas, com o horizonte das suas cogitações limitado pelo seu raio visual, tendo a antecipada certeza de que nos pontos em que vive jámais lhe faltará com que satisfazer, já não direi suas necessidades, mas até seus menores caprichos, jámais poderá ter siquer a menor idéa do que representam os trabalhos emprehendidos pela fecunda visão patriotica do actual presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessôa, filho de um desses Estados periodicamente assolados pelas seccas, para as populações laboriosas do nordeste brasileiro, que em um anno de calamidade perdem o fruto dos esforços, as economias accumuladas em periodos prosperos, de fartas colheitas que a terra, mal rociada pela mais ligeira humidade, offerece como opima recompensa ás labutas agricolas.

Natal é séde do 2º Districto da Inspectoria das Obras Contra as Seccas, dirigida pelo competente profissional Dr. Rodrigues Ferreira, que allia ás qualidades de provecto scientista os mais finos dotes de distincto cavalheiro.

Estive de 27 de Abril a 3 de Maio nessa cidade, seguindo na ultima data, de automovel para Santa Cruz, a 120 kilometros, terra a dentro.



SUA EXCELLENCIA, O SR. DR. EPITACIO DA SILVA PESSÔA, PRESIDENTE DA REPUBLICA, A QUEM FICA O BRASIL DEVENDO AS GRANDES E EFFICIENTES OBRAS CONTRA AS SECCAS.

O que mais me admirou em todo o percurso que fiz por essas regiões outrora tão atrazadas, foi a transformação do systema de transportes permittida agora pela contrucção desse sem numero de estradas carroçaveis necessarias ao transporte do volumoso e abundante material que das ribas do oceano tinha de ser levado para o alto sertão.

A's tropas de lerdos muares, aos pesados carros de tracção animal, substituiu agora o rapido auto das mais conhecidas marcas, que conduz o viajante confortavelmente a pontos a que parecia, um anno atraz, só daqui a muitas decadas poderiam chegar esses arautos do progresso e da civilisação. Rapidos, resfolegantes, os auto-caminhões levam para o seu destino os materiaes de que carece a industria humana para a transformação destes vastos tractos de terrenos desolados pelas intemperies nos ferteis campos que a agricultura e a pecuaria enriquecerão em um decennio, talvez, resgatando com o seu producto o custo das obras realisadas para tornal-os productivos.

Lembrei-me, ao vel-os, devassando estes sertões, devorando distancias ante o olhar já familiarisado do sertanejo, do plano do mallogrado estadista João Pinheiro, quando eleito presidente de Minas Geraes: "cortar o paiz de estradas de ferro, sendo estas linhas-tronco sómente, formando os ramaes simples estradas de rodagem trafegaveis por automoveis."

Razões economicas que pesam sempre na solução dos nossos mais prementes problemas aconselham a orientação administrativa desse grande brasileiro, tão cedo roubado á nossa terra, justamente quando mais podia ella esperar do seu claro espirito e da visão pratica das coisas de que já havia dado tão inequivocas provas.

Até Santa Cruz, a estrada se desenvolve francamente e seu trafego já accusa singular intensidade. Os auto-caminhões vão da capital em demanda do interior, transportando o material, e volvem ao littoral trazendo os productos da lavoura, algodão especialmente, em intelligente aproveitamento do combustivel dispendido. Algumas obras de arte, pontes e pontilhões, lançados sobre exiguos cursos d'agua, que ás vezes a invernada transforma em rumorosos rios de ephemero curso, aqui e além, e iamos deixando passar perdidos os nossos olhares nos extensos prainos das varzeas norte rio-grandenses. O dia 4 de Maio, passei-o em Santa Cruz, hospedado pela gentileza do Dr. Omar Ogrady, engenheiro da Inspectoria de Obras Contra as Seccas, que requintou sua amabilidade, fornecendo-nos a conducção no dia seguinte para Curraes Novos e Acary, sempre por estradas construidas pela Commissão para as suas grandes obras.

Só no Rio Grande do Norte, segundo districto da Inspectoria das Obras Contra as Seccas, foram já construidas as seguintes: de Natal a Parelhas, com os seguintes trechos e ramaes: Natal - Macahyba, 23 kilometros; Macahyba - Santa Cruz, 100 kilometros; Santa Cruz - Parelhas, 145 kilometros;



EXMO. SR. DR. J. PIRES DO RIO, MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS, CONVIDADO PELO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA PARA ESSE ALTO CARGO EM VISTA DO INTEGRAL CONHECIMENTO QUE TINHA DAS NECESSIDADES DA ZONA FLAGELLADA NO NORDESTE BRASILEIRO



EXMO. SR. DR. HOMERO BAPTISTA, MINISTRO DA FAZENDA, QUE CONJUNCTAMENTE COM O SR. MINISTRO DA VIAÇÃO, REFERENDOU O DECRETO N. 14.102, QUE APPROVA O REGULAMENTO PARA A CAIXA ESPECIAL DAS OBRAS DE IRRIGAÇÃO DE TERRAS CULTIVAVEIS NO NORDESTE BRASILEIRO.

Jardim do Seridó-Caicó, 48 kilometros (em construcção adeantada); Parelhas-Entroncamento, 36 kilometros; Ramal de Curraes Novos-Flores, 51 kilometros (estudados e projectados); Acary-Cruzeta, 20 kilometros; Serra do Doutor-Campo Redondo, 3 kilometros; Estrada de Assú-Lages, 105 kilometros construidos e 30 em construcção; Assú-Logradouro, 33 kilometros.

Ao chegar em Acary, mais 75 kilometros percorridos em automovel, comecei então a avaliar da formidavel grandeza da obra emprehendida pelo largo descortino e sadio patriotismo do actual presidente da Republica, por intermedio dos provectos profissionaes da Inspectoria de Obras Contra as Seccas. Acompanhado pelo Dr. Mendes da Rocha, um carioca tresmalhado nessas longinquas paragens do sertão, sempre gentil, cortez, alegre e cavalheiroso, fui ver as obras dos açudes da Gargalheira e Cruzeta; aquelle é dos grandes, com capacidade para 190 milhões de metros cubicos de agua, a cargo da firma C. H. Walker Ltd., em andamento: a barragem tem um desenvolvimento de 41 metros. Com o açude da Gargalheira, ficará o municipio de Acary servido e o regimen de aguas modificará profundamente a sua riqueza agricola, que se baseia principalmente no celebre algodão de fibra longa, que provocou bem recentemente ainda os enthusiasmos da missão Pearson.

O açude de Cruzeta é do typo médio, com capacidade para 22 milhões e 250 mil metros cubicos de agua. As obras já estão bem adeantadas. Serve tambem o municipio de Acary. Cruzeta é já uma povoação surgida do solo como que por encanto, germen quiçá de uma grande cidade.

Quer me parecer que dessas grandes obras do Nordeste, pelo que meus olhos puderam observar, hão de decorrer, com factores outros, os mesmos beneficios que o prolongamento das ferro-vias no Sul vem prestando aos Estados por ellas servidos. Quem viu Baurú brotar como por encanto do seio da selva, em ponto no qual mezes antes os desbravadores das mattas virgens trabalhavam sob a perenne ameaça da flecha do selvagem, interrompido muita vez o avanço por ataques dos selvicolas, e contempla hoje essa grande cidade paulista, centro de attracção do commercio de Goyaz e Matto Grosso, não se espantará por certo um dia, quando nas proximidades dos grandes reservatorios que a industria humana está creando nestas até aqui desoladas regiões do Nordeste, se der a eclosão de grandes centros urbanos a transformar inteiramente a face deste vasto trecho do solo brasileiro, fadado a dias de opulencia, tal a espantosa riqueza do seu solo, taes as propriedades inegualaveis da sua terra para a lavoura, desde que haja o que até aqui lhe tem faltado e não lhe prodigalisou a Natureza — a agua.

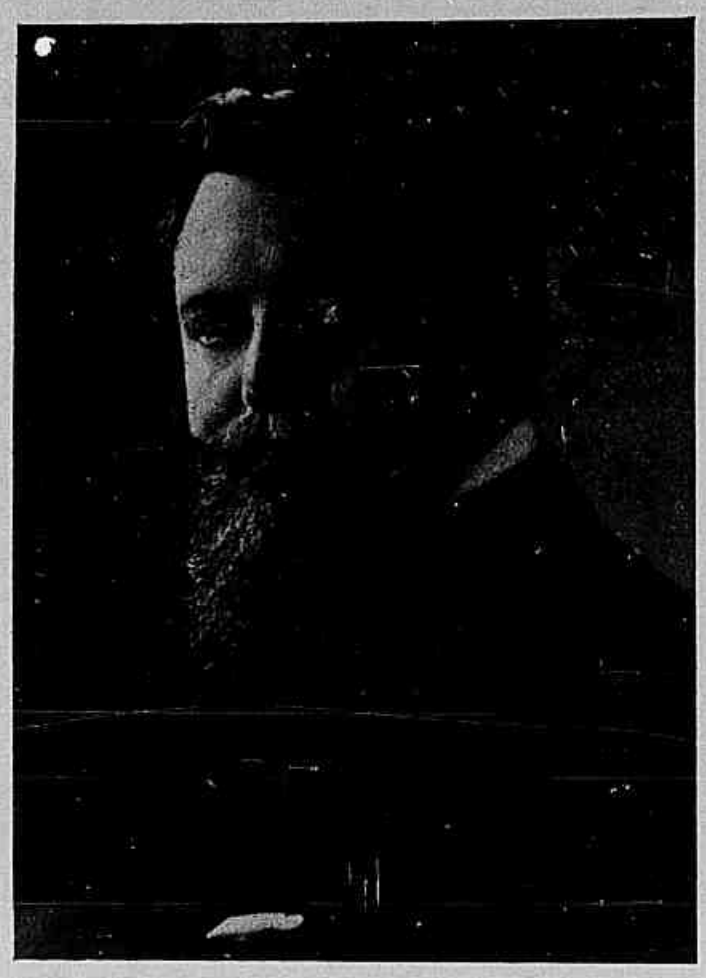
Fui em companhia ainda do Dr. Mendes da Rocha visitar outro grande açude do districto do Rio Grande do Norte, cuja construcção corre á conta ainda da casa Walker — o de Parelhas, no municipio de Parelhas, cuja capacidade é avaliada em 170 milhões de metros cubicos. A barragem para este açude é de 26 metros. As installações para as obras já se acham em franco progresso, quasi terminadas.

No municipio de Serra Negra, ficará situado o terceiro grande açude da terra de Frei Miguelinho, o de Serra Negra, com capacidade calculada para 400 milhões de metros cubicos. Por emquanto apenas estão sendo feitos os estudos dessa obra gigantesca, com todo o empenho por parte dos engenheiros do districto.

Entre os açudes do typo médio do Estado, devemos citar ainda o de Malhada Vermelha, no municipio de Apody, quasi concluido, com capacidade para oito milhões de metros cubicos, e o do Morcego, no municipio de Augusto Severo, em construcção, com a mesma capacidade. Em estudos, ha a citar ainda: Lucrecia, no municipio de Martins, com capacidade de 27 milhões de metros cubicos; Beldroegas, no municipio de Augusto Severo, com capacidade de nove milhões; Quixaba, municipio de Nova Cruz, capacidade ainda não calculada; Gaspar Lopes, municipio de Angicos, idem: Tupy, municipio de Taipú, com capacidade de 4 milhões e 300 mil metros; Canto da Lagoa, municipio de Mossoró, com capacidade para 224 milhões e 383 mil metros; Canto do Junco, mesmo municipio, capacidade ainda não calculada. Projectados estão os de Inhará, municipio de Santa Cruz, com capacidade de 26 milhões de metros cubicos e Itans, municipio de Caicó, capacidade de 80 milhões.

Em estudos: Lagôa de Piató, municipio de Assú, com capacidade para cerca de 400 milhões; Lagôa da Ponta Grande, no mesmo municipio, com capacidade ainda não calculada e Ilha do Sacramento (irrigação por meio de bombas).

Entre o açudes particulares estudados, projectados e em construcção, contam-se nos diversos municipios norte-rio-grandenses, nada menos de trinta e sete.



EXMO. SR. DR. MIGUEL ARROJADO RIBEIRO LISBOA, INSPECTOR FEDERAL DAS OBRAS CONTRA AS SECCAS, CUJA INTELLIGENCIA, ALLIADA A FORTE VONTADE REALISADORA, ESTÁ TODA ENTREGUE NESTE INSTANTE Á RESOLUÇÃO DE UM DOS MAIORES PROBLEMAS NACIONAES.

De Acary, parti para a fronteira do Rio Grande do Norte e Parahyba, penetrando neste ultimo Estado e pernoitando em Santa Luzia, de onde fui por Joazeiro e Soledade até Campina Grande.

Parahyba, já é séde de outro districto da Inspectoria de Obras Contra as Seccas. Em Campina Grande encontrei um amigo na pessoa do Dr. Samuel Machado.

Desci pela estrada de ferro até a capital do Estado, ahi tendo o prazer de travar relações com o Dr. André Verissimo Rebouças, profissional que honra as tradições do seu nome glorioso na engenharia brasileira, ao seu saber unindo o encanto de uma cultura literaria que deleita a quantos com elle convivem.

Percorri varios trechos do Estado da Parahyba, indo a Alagoa Grande, onde me receberam com toda a gentileza os Drs. Abdias Borges e Moreira Reis. Juntos fizemos a perigrinação a Areia, onde vimos carinhosamente conservada a casa onde nasceram Pedro Americo e Aurelio de Figueiredo, os dois grandes artistas de que tão justamente se orgulha a Parahyba de haver sido berço. Segui depois, para Guarabira e Borborema, visitando em dias consecutivos, ora de automovel, ora de trolly, todas as obras emprehendidas nesse vasto trecho do sertão. A estrada de ferro Ceará-Parahyba deverá estar concluida talvez em meados de 1923, tal a febril actividade empregada em suas obras. Entre Borborema e Bananeiras, activam-se os trabalhos da Estrada de Ferro Picuhy, só faltando rasgar um tunnel junto á ultima cidade para o seu complemento.

As estradas de rodagem construidas pela Inspectoria, no Estado da Parahyba, já se desenvolvem por centenas de kilometros, convindo entre ellas citar as de Borborema a Serraria, com 7.957 metros; de Pirpirituba a Belem, 13.069 metros; ramal de Pilões, 9.640 metros; ramal de Antonio Bento, 387 metros; estrada de Bananeiras a Moreno, 3.600 metros, de Moreno a Araruna, 45 kilometros, de Moreno a Arara, 17.700 metros; de Bananeiras ao Patronato Agricola Vidal de Negreiros, 1.800 metros; de Alagoa Grande a Areia, 18.740 metros; de Alagoinha a Alagoa Grande, 14.700 metros; de Alagoinha a Pirpirituba, 32 kilometros; de Mulungú ao Sapé, 30 kilometros; de Sapé a Mamanguape, 40 kilometros; de Parahyba a Itabayana, 55 kilometros; de Itabayana ao Pilar, 15 kilometros; de Itabayana á Barra do Natuba, 54 kilometros; de Itabayana a Campina Grande, 74 kilometros; de Campina Grande a Arceira, 64 kilometros; de Campina Grande a Boa Vista, 49 kilometros; de Boa Vista a S. João do Cariry, 60.123 metros; de Campina Grande a Cabaceiras e Alagoa do Monteiro, 186 kilometros; de Taperoá a Teixeira, 70 kilometros; de Taperoá a Cochichola, 70 kilometros; de Alagoa Grande a Areia, 32 kilometros; de Soledade a Patos, 111 kilometros; ramal de Santa Luzia, 46 kilometros; estrada de Patos a Souza, 129 kilometros; de Cajazeiras a Taperoá, 20 kilometros; de Piancó a Patos, 90 kilometros; de Princeza a Teixeira, 180 kilometros; de Princeza a Pombal, 198 kilometros; de Souza a Commissario, 22 kilometros; de Souza a Caes, 19.570 metros; de Limoeiro a Umbuzeiro, 60 kilometros; de Umbuzeiro a Barra do Natuba, 20 kilometros; de Princeza a Alagoa do Monteiro, 120 kilometros; de Alagoa do Monteiro a São João do Cariry, 81 kilometros; de Cajazeiras a Souza, 47.050 metros; de Esperança a Pocinhos, 19 kilometros; de Caiçára a Great Western, de Umbuzeiro a Lagoinha, 14 mil oitocentos e quarenta metros.

Todas essas grandes obras, movimento de terra, preparo de alvenaria, construcção de obras d'arte, são feitos pelo braço nacional, aproveitado o elemento encontrado nos proprios logares em que ellas se executam.

E' o nosso sertanejo sempre tão mal visto e tão mal julgado, que contribue com o seu esforço, a sua intelligencia e a sua dedicação, para o complemento das obras de transformação do seu patrio solo.

Essa febre de actividade que lavra agora por todo o Nordeste, parece haver se communicado a todas aquellas simples e rudes gentes que no seu fatalismo esperavam sempre que o sol inclemente, calcinando as suas terras,



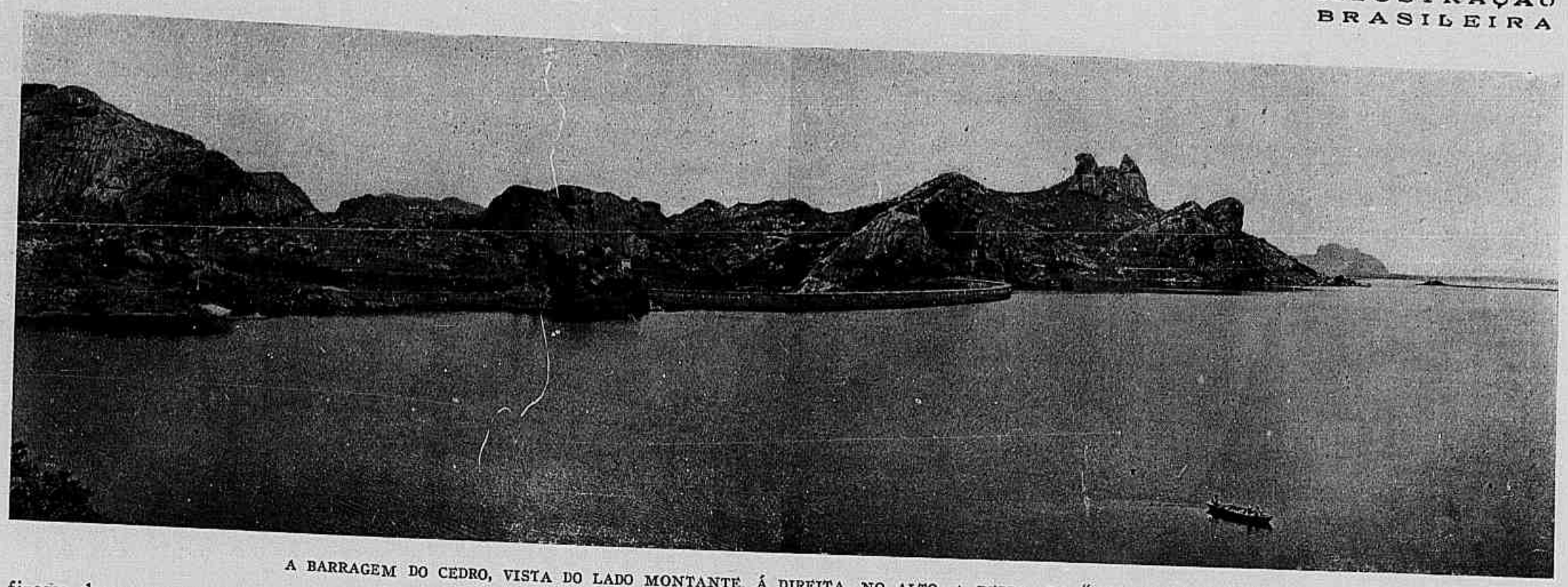
SR. DR. HENRIQUE DE NOVAES, ENGENHEIRO-CHEFE DO 1° DISTRICTO DA INSPECTORIA FEDERAL DAS OBRAS CONTRA AS SECCAS



SR. DR. ANDRÉ VERISSIMO REBOUÇAS, ENGENHEIRO-CHEFE DO 4° DISTRICTO, TAMBEM ENGENHEIRO-CHEFE DA E. F. CEARÁ-PARAHYBA.



SR. DR. RODRIGUES FERREIRA, ENGENHEIRO-CHEFE DO 2° DISTRICTO DA INSPECTORIA FEDERAL DE OBRAS CONTRA AS SECCAS.



A BARRAGEM DO CEDRO, VISTA DO LADO MONTANTE. Á DIREITA, NO ALTO, A PEDRA DA "GALLINHA CHOCA".

fizesse desapparecer em mezes o fructo de um labor de annos a fio e agora comprehendendo que todas essas obras, algumas em via de conclusão, adeantadas outras e varias apenas esboçadas, hão de ser a defesa de sua operosidade, a ellas prestam o melhor do seu esforço e boa vontade.

Quem de uma volta da estrada que se atira por entre os vargedos desses Estados do Nordeste Brasileiro, lançar uma vista de olhos sobre o terreno que se lhe estende em frente, de rachitica e torcida vegetação, zonas extensas em que mal brotam as gramineas de um solo duro e calcinado por entre os pedrouços esparsos, recebendo no rosto afogueado a reverberação dessa terra, ao parecer maninha, mal poderá comprehender o milagre que a agua realiza ao regal-a de leve siquer. Essa é a terra abençoada do ouro branco. A sua riqueza, a sua fertilidade, escondem-se sob esses aspectos desoladores. Mal, porém, a agua abençoada sobre ella se espalha, não ha mister de adubos o lavrador, como os que cultivam as cansadas terras do valle do Nilo, ou os desolados terrenos seccos dos Estados Unidos.

Essa reflexão me fazia um illustre profissional estrangeiro, com o qual me fui encontrar dias depois no Estado do Ceará, maravilhado da uberdade do nosso solo, para elle incomparavel.

Em seu excellente trabalho sobre o problema do Nordeste, discurso proferido em 1918, na Camara dos Deputados, o operoso representante cearense, Ildefonso Albano, assim descreve a situação do seu Estado:

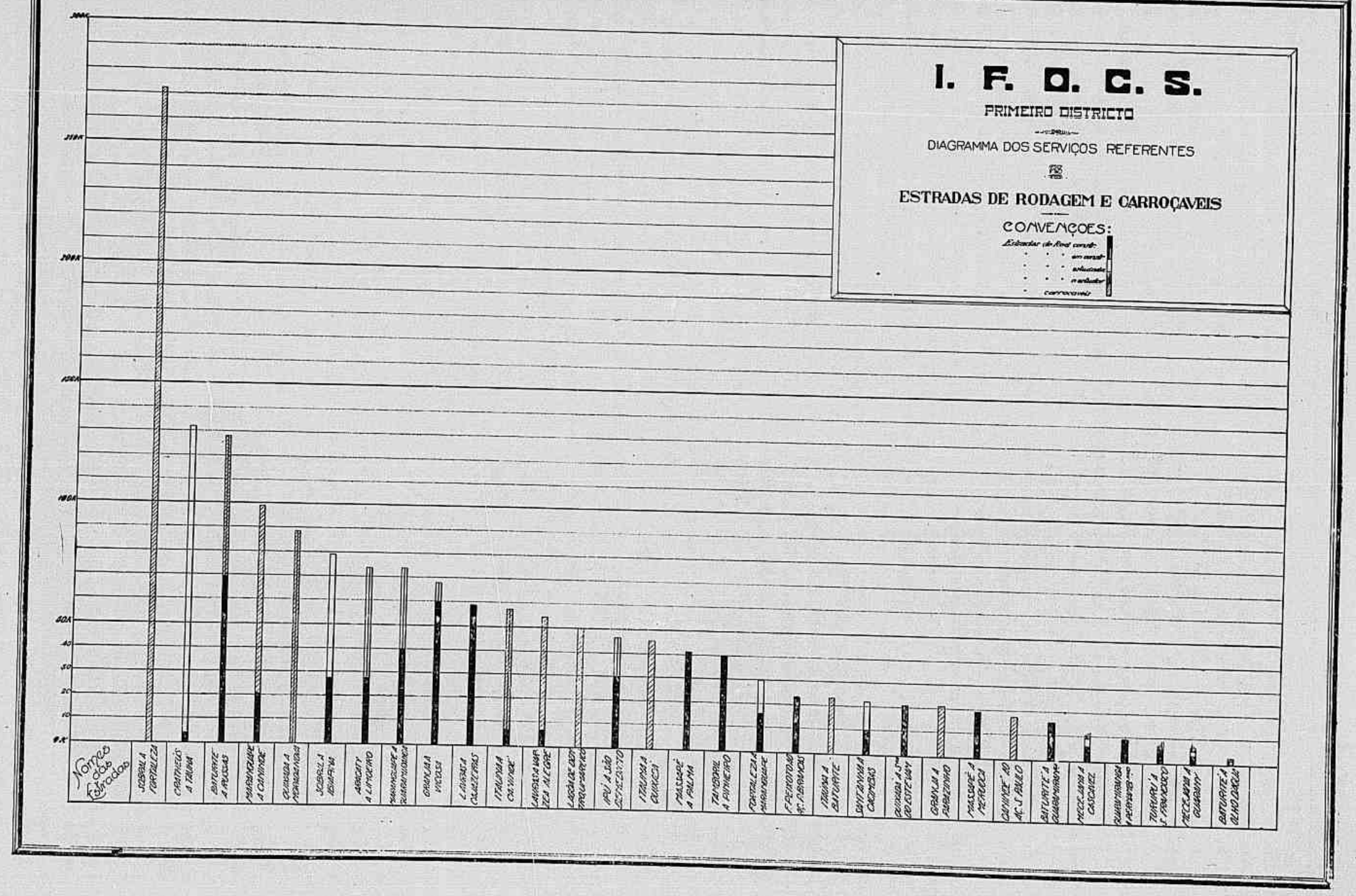
"Durante o estio de seis mezes, Julho a Dezembro, está suspensa a vegetação; a semente em lethargia profunda, jaz no seio da terra; a alimentação escasseia e o agricultor se vê obrigado a recorrer ao credito:

O gado faminto procura com voracidade o capim resequido, que aqui e ali ainda cobre a terra combusta.

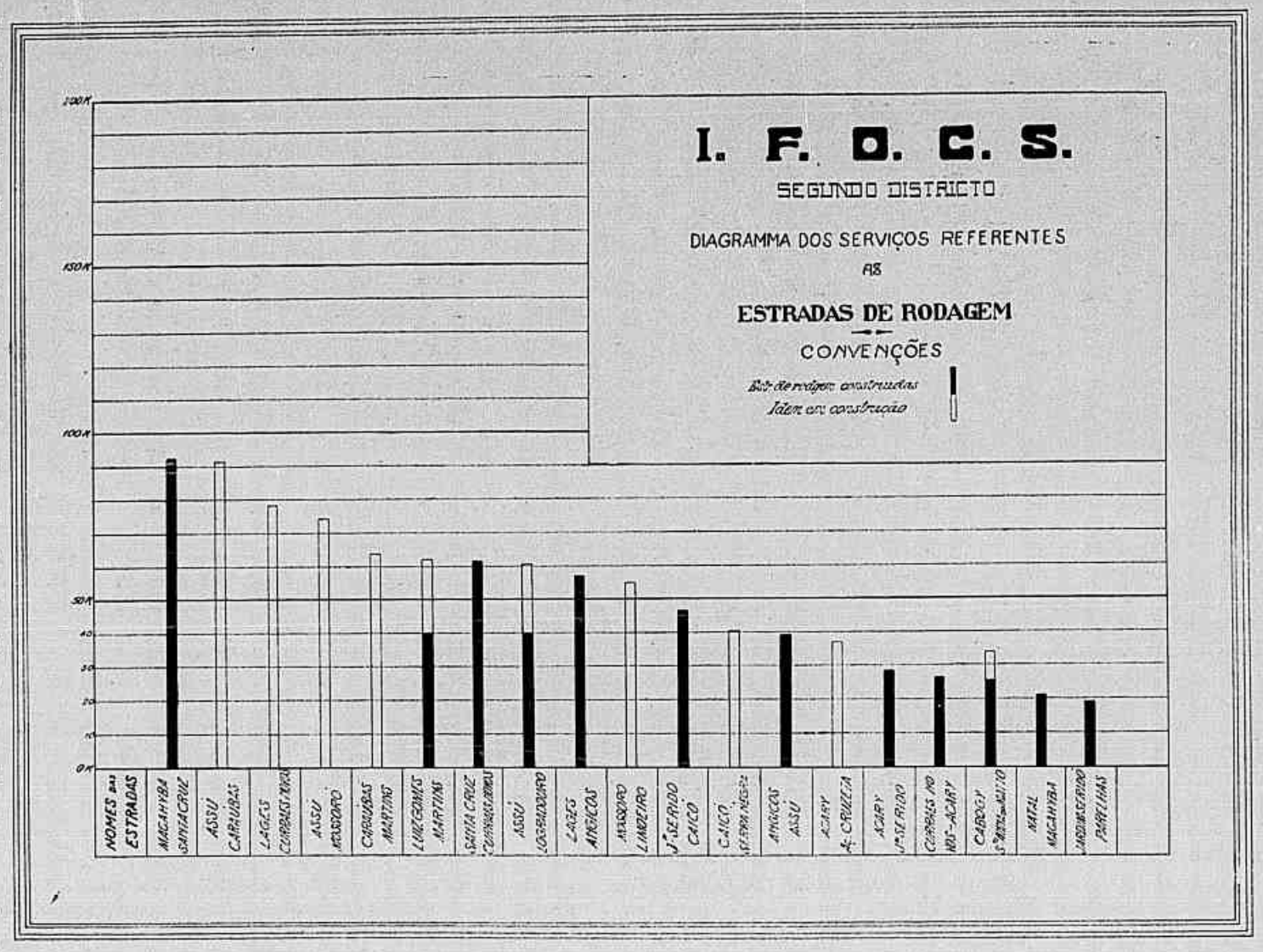
Em Janeiro, quando deve começar o inverno, é curioso ver-se a soffreguidão com que o sertanejo fita a abobada celeste, a lobrigar se vem chuva; é caracteristico o cuidado com que somma os millimetros de chuva cahida. Tudo denota a anciedade com que é esperada a agua, da qual depende a vida e felicidade dos cearenses.

Com as primeiras pancadas de agua, as arvores se revestem de novas folhas, a rama brota por toda a parte, cobrindo o sertão de ricas pastagens de panasco, mimoso e milhã; o gado devora com avidez a verde forragem e em breve se reanima e recupera a gordura e as forças. O lavrador lança á terra as sementes de algodão, milho, feijão e mandioca. Na terra e nos ares ha vida e animação. Renasce a natureza... Dahi a mezes, o sertanejo faz a colheita, paga satisfeito suas dividas e com sua familia gosa os frutos do seu labor. Após annos de trabalho insano consegue o pobre cearense adquirir uma nesga de terra e levantar sua modesta choupana de taipa, coberta de palha; nella estabelece o seu lar, abençoado com viçosos rebentos. Em redor vicejam muitas arvores fructiferas, plantadas nos annos de fartura por suas mãos calosas. O gallinheiro é uma das preoccupações da esposa querida; um pequeno curral com meia duzia de cabeças de gado representa a sua economia de annos. Assim, entre o inverno e o estio, entre a fartura e a escassez vive o sertanejo até que uma secca venha transtornar a paz e a prosperidade do seu lar. O mez de Dezembro foi secco, em Janeiro cahiram chuviscos, Fevereiro nenhuma esperança trouxe; mas o sertanejo inquieto, olhos fitos no horizonte e direcção do Piauhy, ainda não desanimou...

Uma nuvem siquer não quebra a monotonia azul do firmamento; nenhum relampago, precursor da chuva bemfazeja illumina o quadrante sul. As lavouras não medraram, o gado tristonho e magro busca ancioso o que comer. Vem Março. O mesmo sol abrazador deita seus raios dardejantes sobre a natureza morta. No dia 19, festa de S. José, não chove. *Alea jacta est.* Está



declarada a secca. E toda esta zona, outr'ora exuberante de vida e fartura, se transforma em um scenario vasto de miserias indescriptiveis. O cearense vae atravessar os mesmos dias de provações e dores tantas vezes vividos por seus antepassados. Começa a luta entre o homem e a natureza, luta terrivel e desegual, em que os mais firmes baqueam e os mais fortes são vencidos. A natureza, impiedosa e insaciavel, sempre triumphante, implanta a desgraça onde existia a abastança, trazendo o desespero e a morte... o joazeiro, a unica arvore que se conserva verde durante a secca e desposado de seus galhos para a salvação dos animaes. Ao som do facão correm as rezes tropegas e famintas...

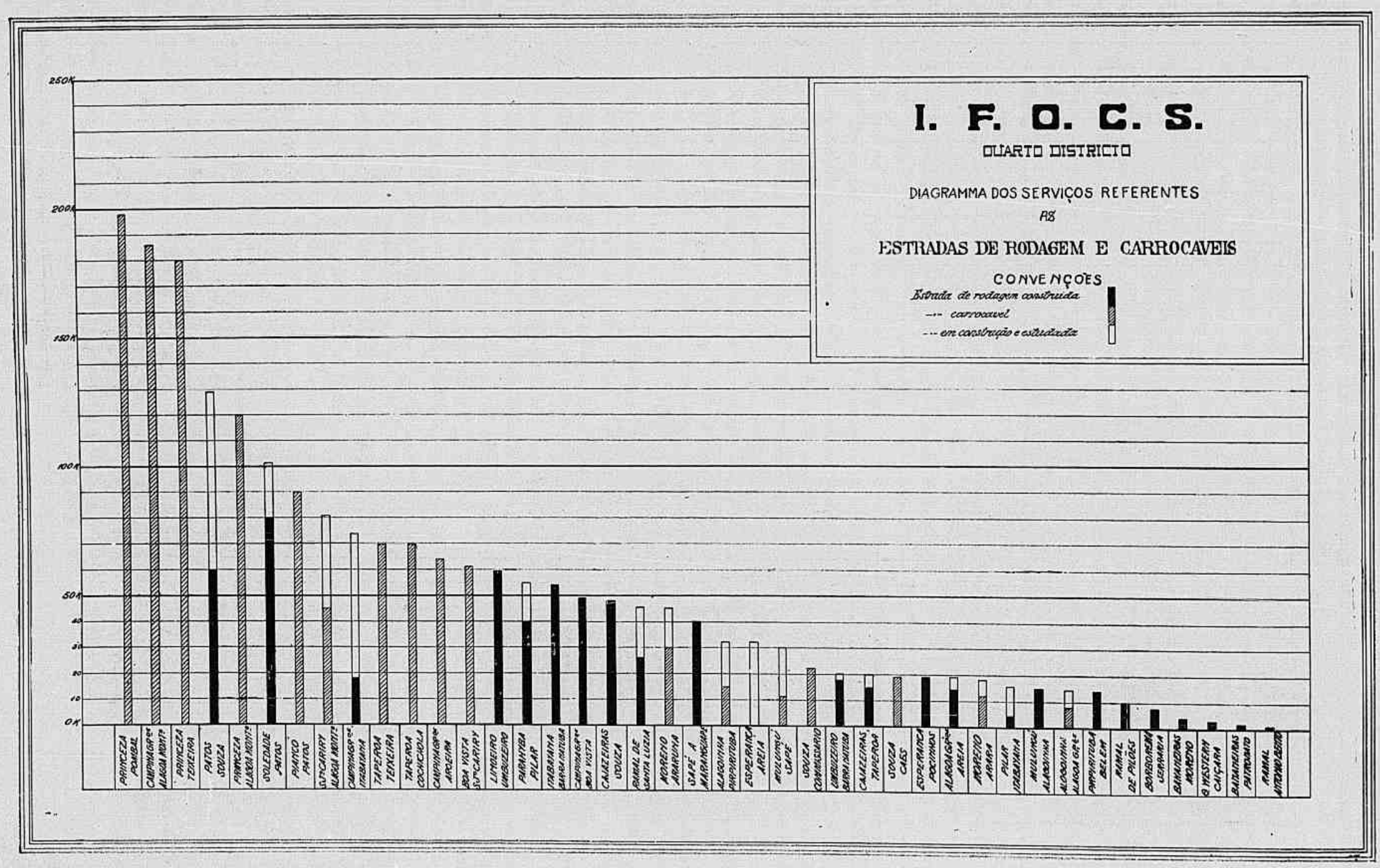


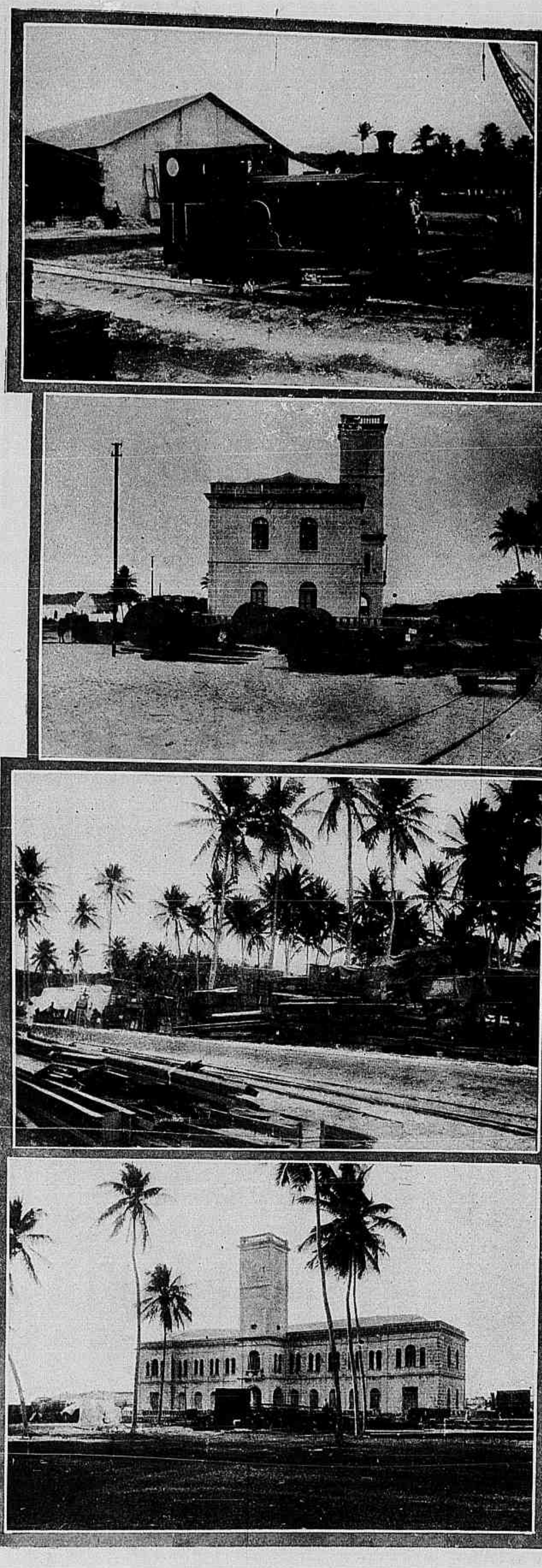
Desapparecem assim, fazendas inteiras... e o fazendeiro, outr'ora abastado e independente, é obrigado a "bater a porteira" e emigrar."

A agua de que carece o solo parahybano, ao qual *mutatis mutandis*, se pode applicar o que a respeito do Ceará disse Ildefonso Albano, será fornecida á lavoura no Estado da Parahyba pelos açudes restaurados uns, construidos outros, em via de conclusão muitos e varios iniciados, ou simplesmente projectados, entre elles os de Piranhas, São Gonçalo e Pilões, de cujos dados technicos mais adeante falaremos, quando tratarmos dos serviços a cargo do 1º Districto da Inspectoria (Ceará); Ibiapina, com capacidade de seis milhões de litros; Cedro, 800 mil metros cubicos; Taperoá, com 266.870.000 litros; Soledade, Maria de Mello, 514.560 metros cubicos; Piá, 6.593.000 litros; Lagedo Preto, . . 63.620.000 litros; Tatajuba, 45.780 litros; Urucury, 15.000.000 de litros; Fragoso, 300.000.000 de litros; Açude do Governo 650.000 metros cubicos; Pendencia, . . . 680.000 metros cubicos; Poço do Juá, 24.000.000 de litros; Poções, São José, com 13.687.700 metros cubicos; Boqueirão de Campos, 150.000 metros cubicos; Santa Luzia, 21.000.000 de metros cubicos; Santa Rosa,. . . 4.000.000 de metros cubicos; Bonito, 8.000.000 de metros cubicos; Macapá, 2.928.240 metros cubicos; Gravatá, 8.500 metros cubicos; Catingueira, 38.000.000 de metros cubicos; Serragem, Capoeiras, 8.500.000 metros cubicos.

Dezeseis açudes particulares foram ainda estudados pelo 4º Districto da Inspectoria e uma grande quantidade de poços publicos perfurados para serviço de povoações ou estabelecimentos agricolas.

◇



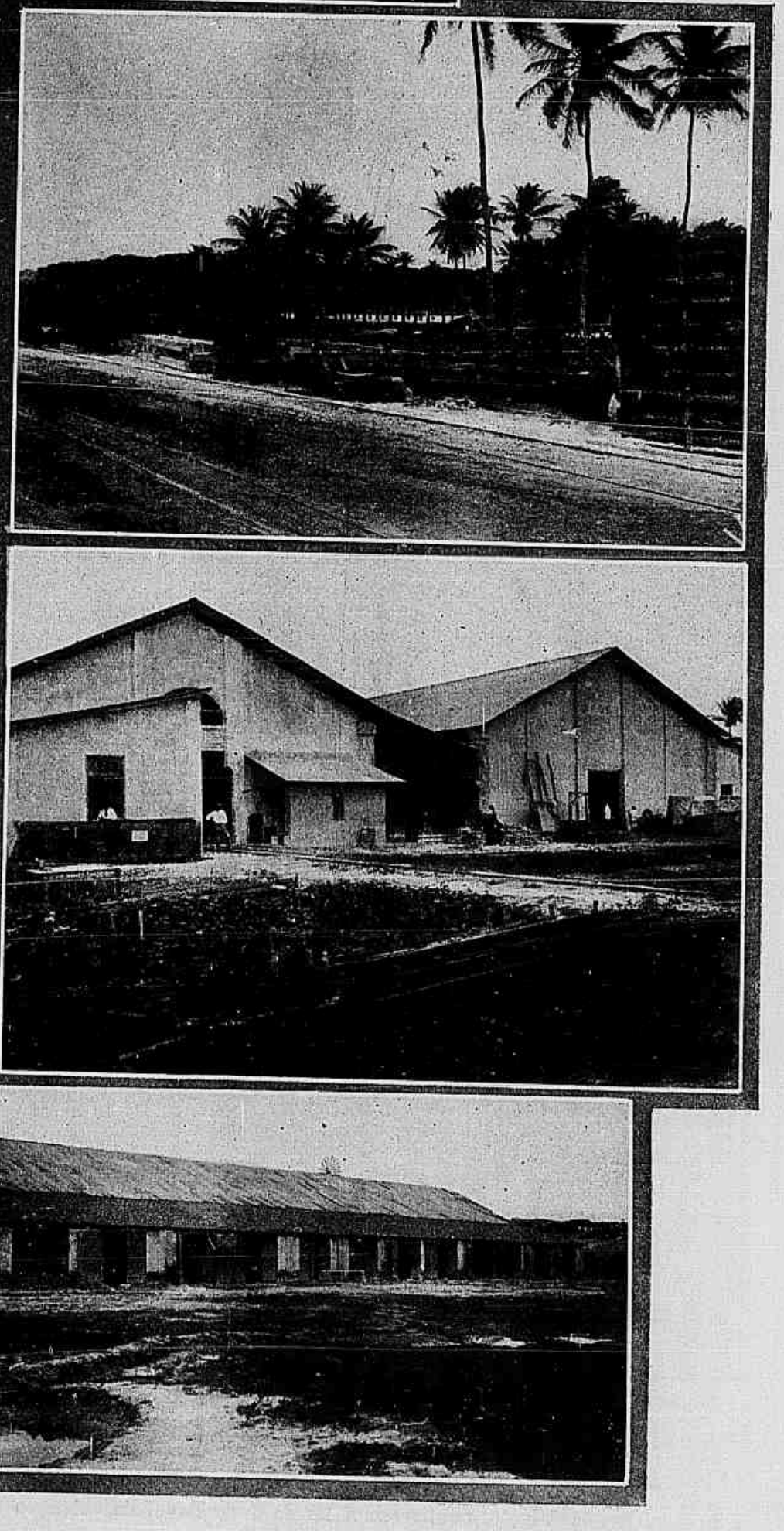


Locomotiva utilisada no transporte do material para as obras de açudagem.



Typos de guindastes utilisados na construcção dos açudes Parelhas e Gargalheiras.

Britadores de pedra para as obras, em deposito.

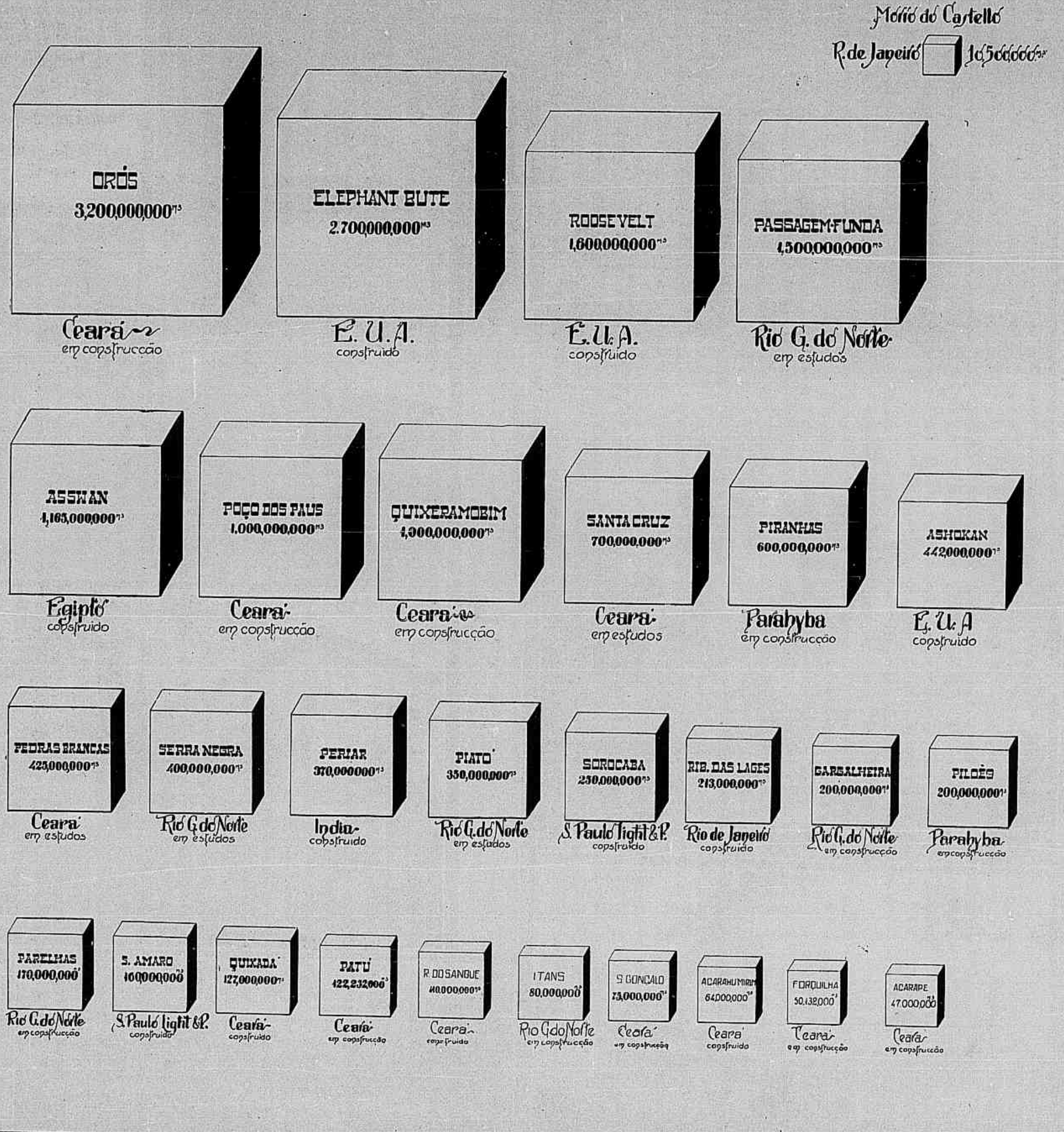


DEPOSITO EM NATAL — Material para o açude Gargalheiras, aguardando transporte. Material para o açude Parelhas e armazens de deposito de material da I. F. O. C. S. — Séde do 2º Districto da Inspectoria Federal de Obras Contra as Seccas, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte — Garage e officinas de concerto dos autos e caminhões de serviço.

I. F. O. C. S.

PRIMEIRO DISTRICTO

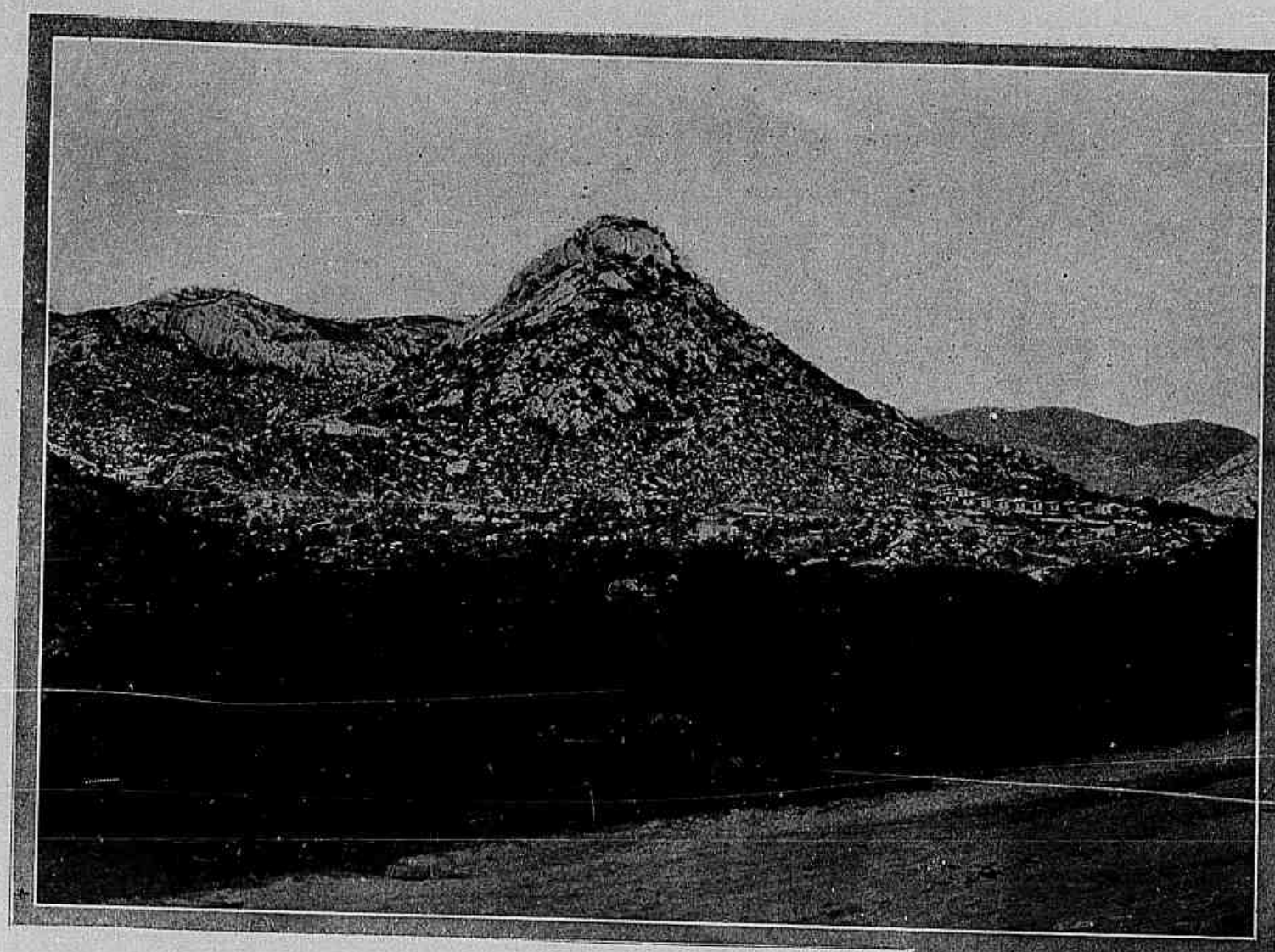
Graphico comparativo da capacidade dos grandes
ACUDES construidos e em construcção no Nordeste.

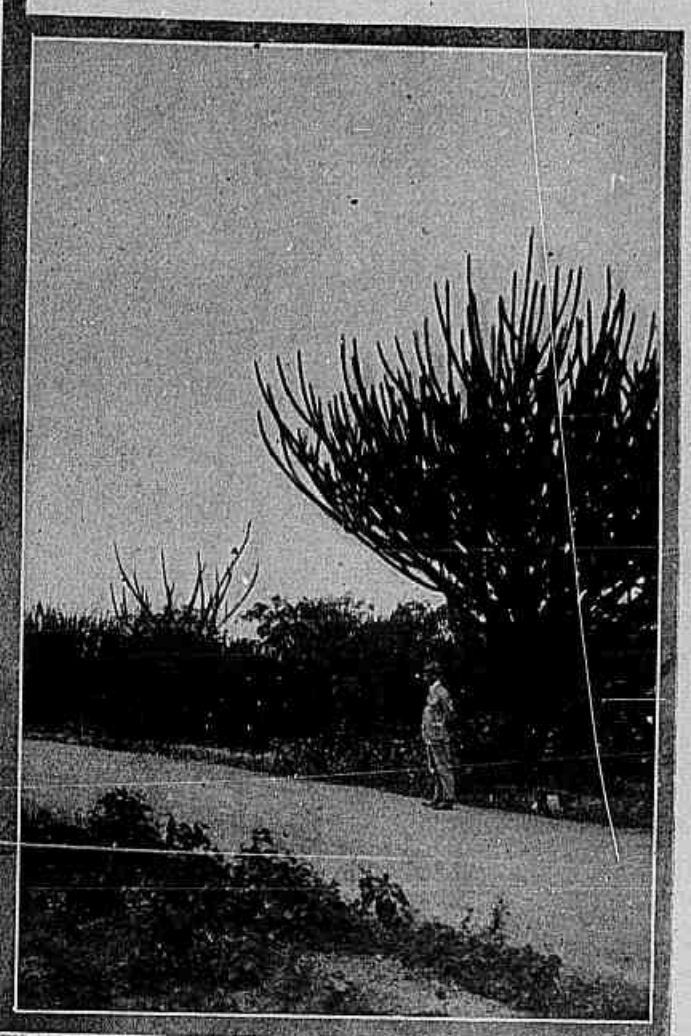


Sobre os serviços até aqui realizados pela Inspectoria de Obras Contra as Seccas, sob a competente direcção do distincto profissional Dr. Arrojado Lisboa, a quem os Drs. Epitacio Pessoa, presidente da Republica e Pires do Rio, ministro da Viação, confiaram a tarefa formidavel da salvação do Nordeste, melhor que as nossas palavras falarão os graphicos que adeante publicamos, tres mostrando o desenvolvimento das estradas de rodagem a que já fizemos referencia e outro o volume d'agua armazenada nos grandes açudes agora feitos, ou em construcção, com os seus similares de outros paizes e com o volume de terras do morro do Castello, comprovando a magnitude da obra realizada.

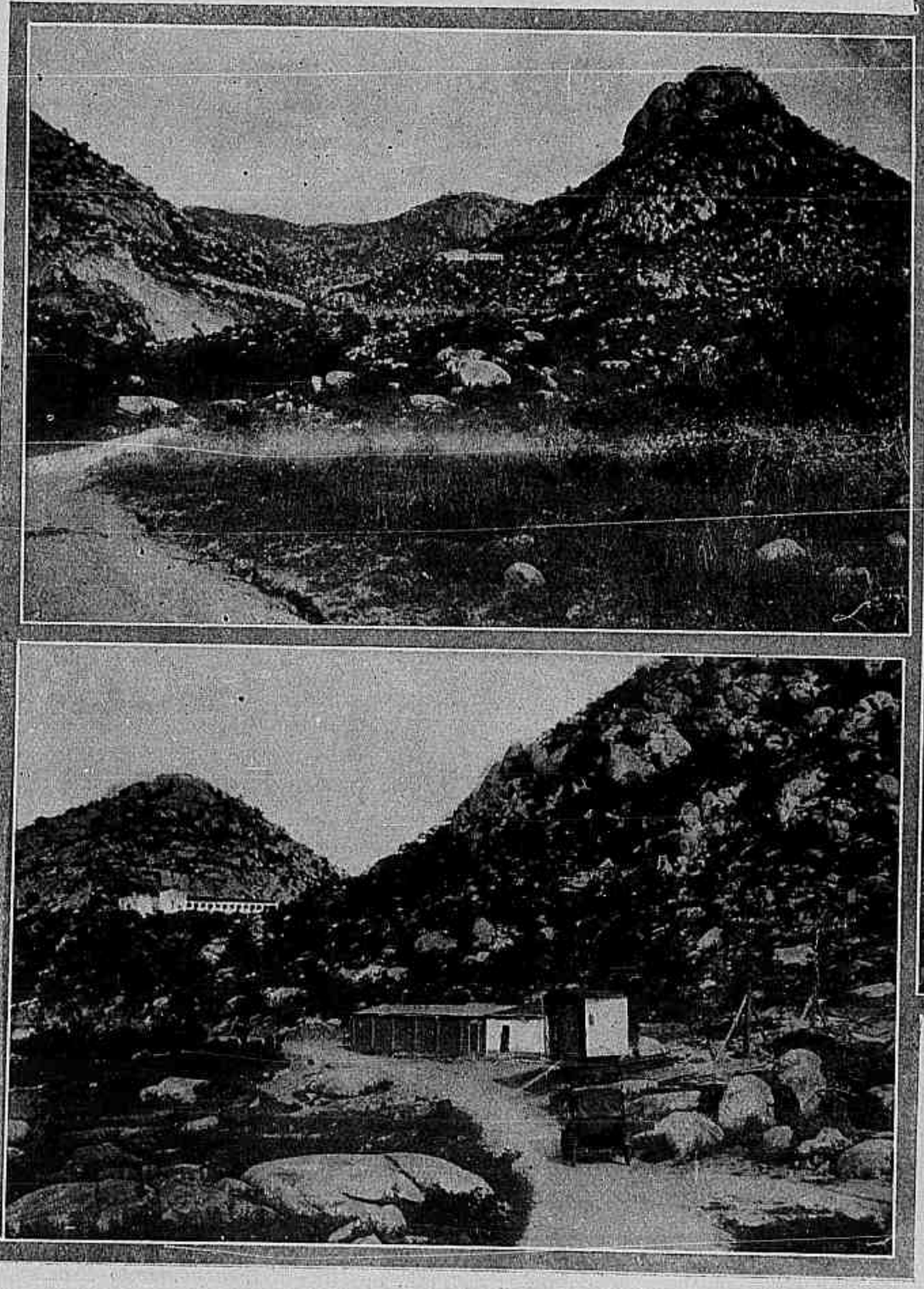
Por esses graphicos, feitos no Escriptorio da Inspectoria de Obras e por ella cedidos gentilmente, poderão os nossos leitores fazer idéa exacta do formidavel esforço dispendido para a realização da obra patriotica que ha de culminar entre as muitas executadas durante a brilhante administração do actual presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessoa.

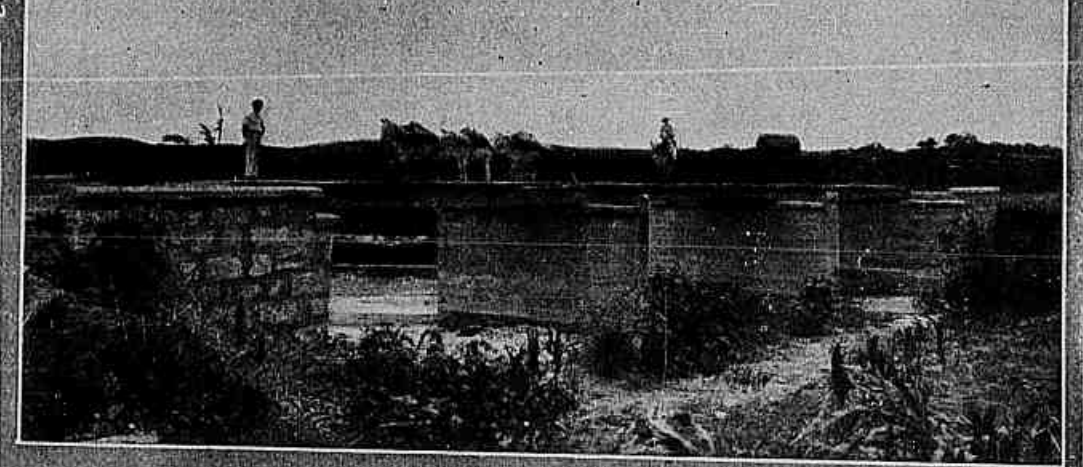
(*Continúa na edição de Outubro*).





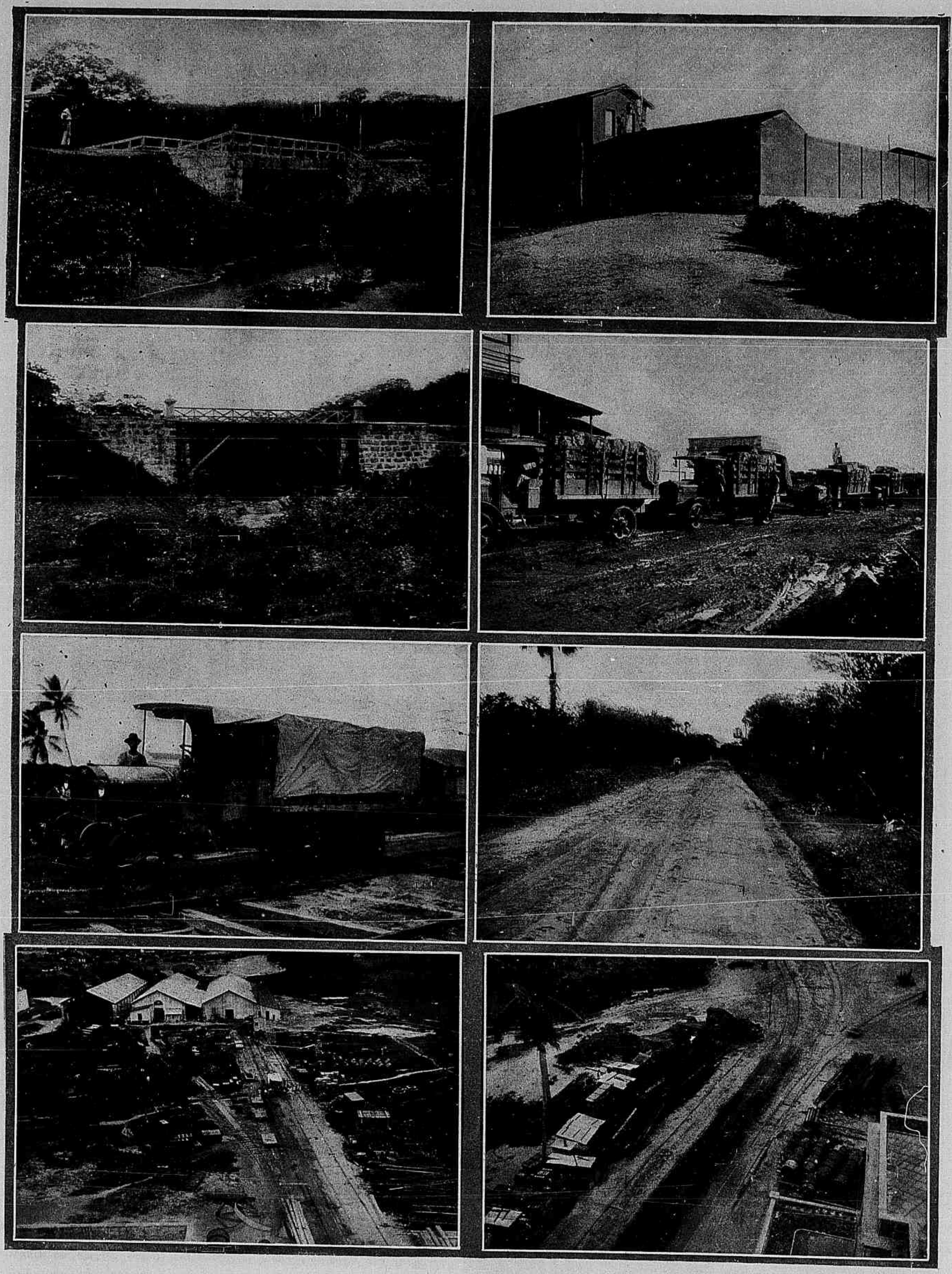
GARGALHEIRAS — A' direita, acampamento do pessoal operario; á esquerda, a meia encosta, a casa dos administradores. Facheiro (Cacto), um dos varios vegetaes da zona assolada pelas seccas que resistem á falta d'agua, servindo de alimentação para o gado.







OBRAS DE ARTE — Ponte de cimento armado sobre o leito do Rio Maniçoba, de curso ephemero, caudaloso no inverno e secco no verão. Garganta em que será estabelecida a barragem para o açude de Gargalheiras, represando as aguas do Rio Acauã. Typos de casas dos operarios empregados nas obras do açude de Gargalheiras. Outro aspecto do Gargalheiras, vendo-se a residencia dos engenheiros e armazens de deposito de material.



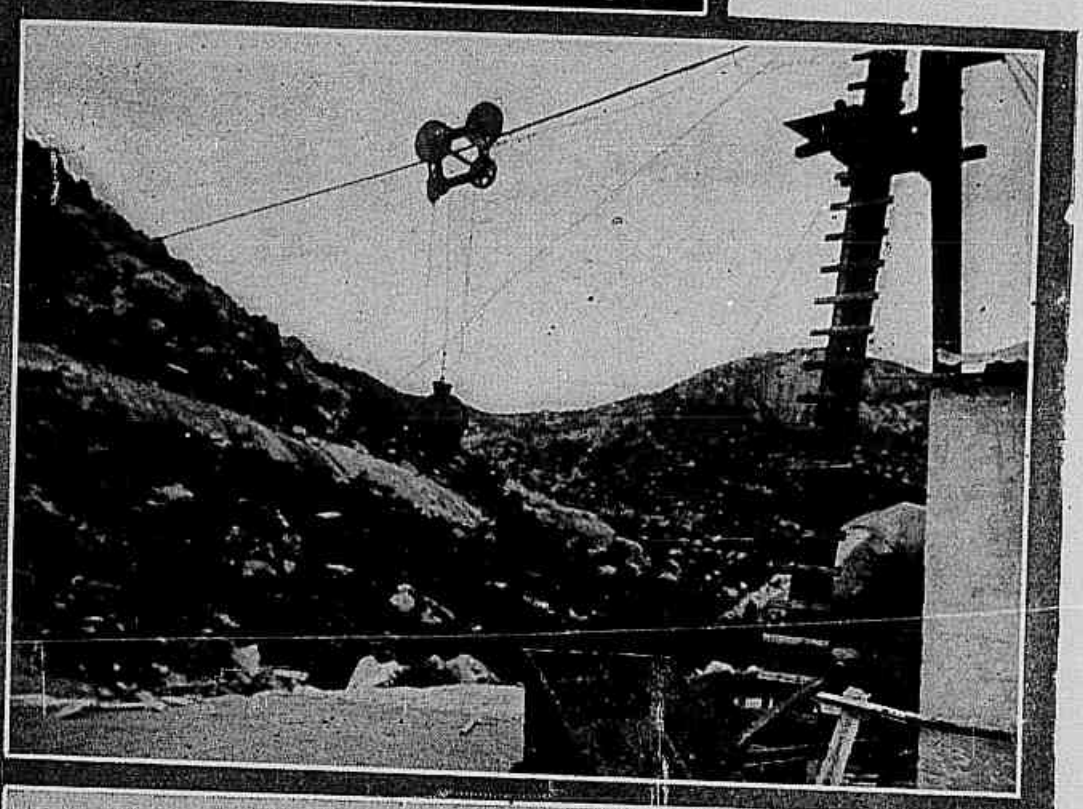
OBRAS DE ARTE — Um pontilhão na estrada de rodagem de Santa Cruz a Curraes Novos. Santa Cruz — Edificio em construcção para garage e residencia do engenheiro. Pontilhão construido na estrada de rodagem Santa Cruz a Curraes Novos. Caminhões de volta ao littoral transportando productos agricolas do sertão; algodão do Seridó. Typo de caminhões utilisado para o transporte de material. Uma das estradas construidas pela I. F. O. C. S. — Trecho entre Natal e Santa Cruz. Uma vista em conjuncto dos depositos em Natal. Material em deposito a margem da linha.

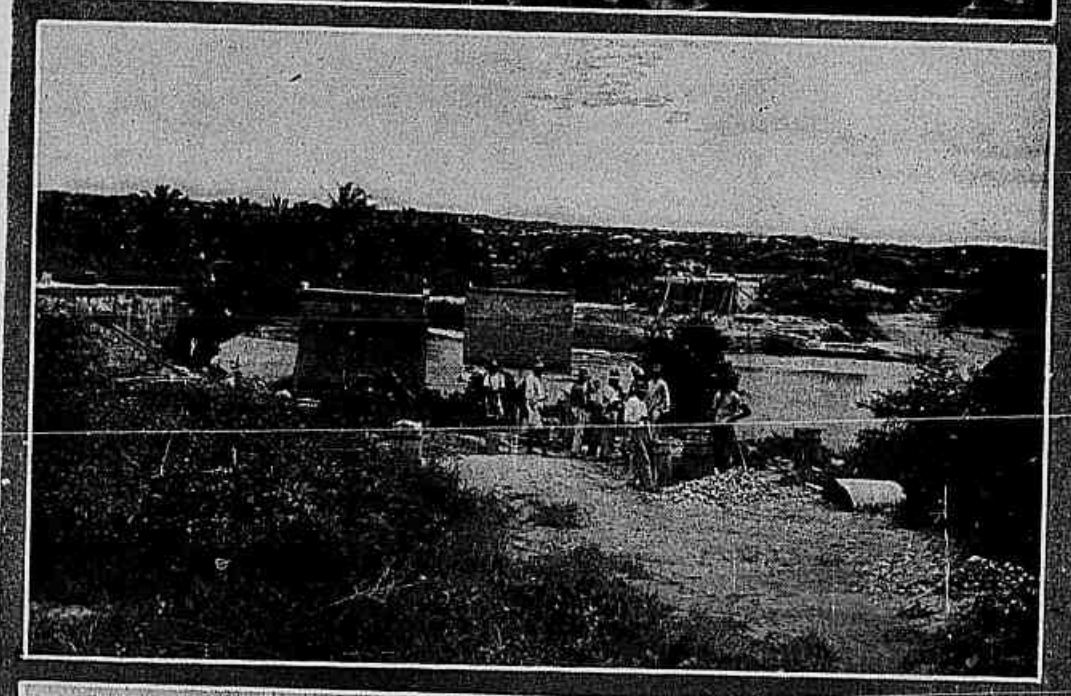
VISTA DE GARGALHEIRA — Estrada de accesso ao local da represa e estrada para Acary, no fundo. Um trecho do Rio Acanã, cujas aguas represará o açude Gargalheira. Cabo aereo para o transporte do material para a barragem.

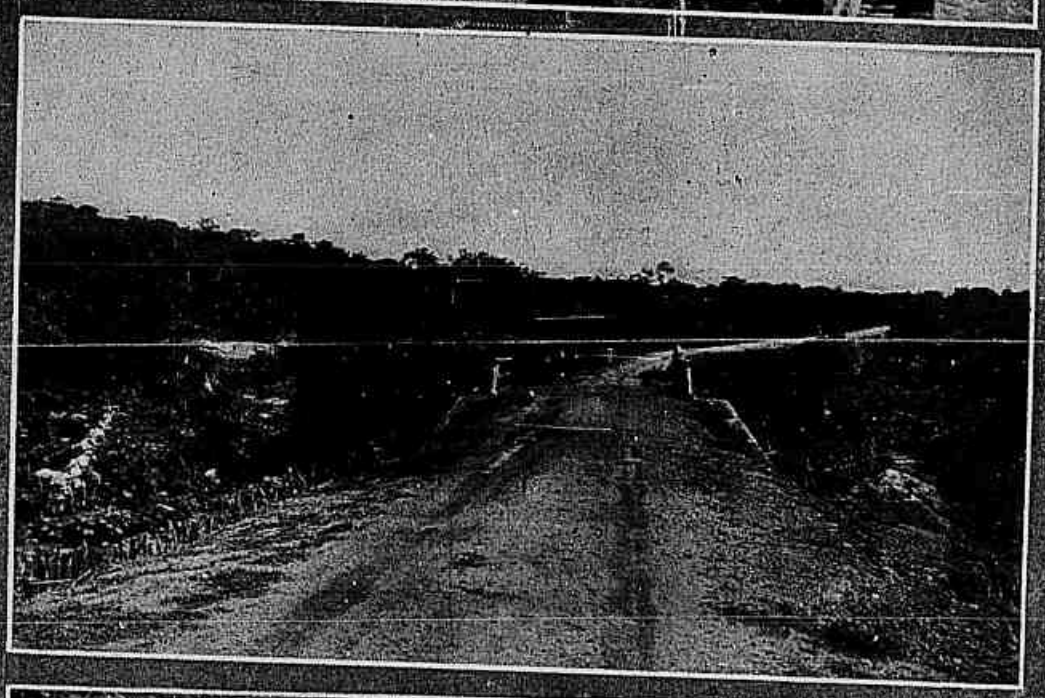


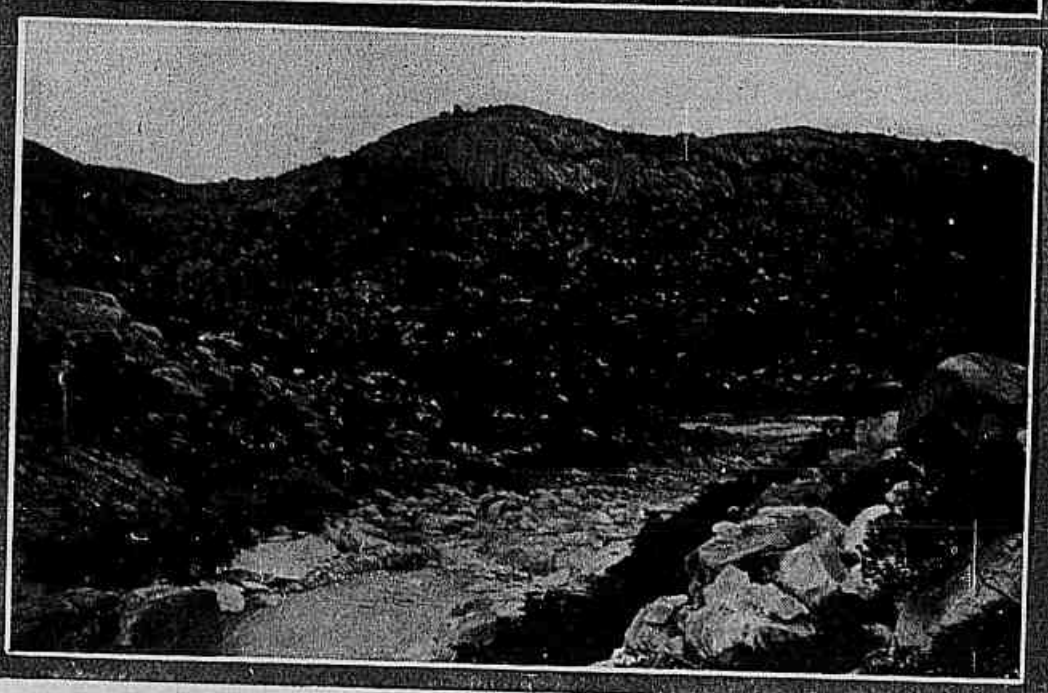
OBRAS DE ARTE — Ponte de cimento armado em contrucção sobre o leito do Rio Curraes Novos. Um trecho da estrada de rodagem de Santa Cruz a Curraes Novos.

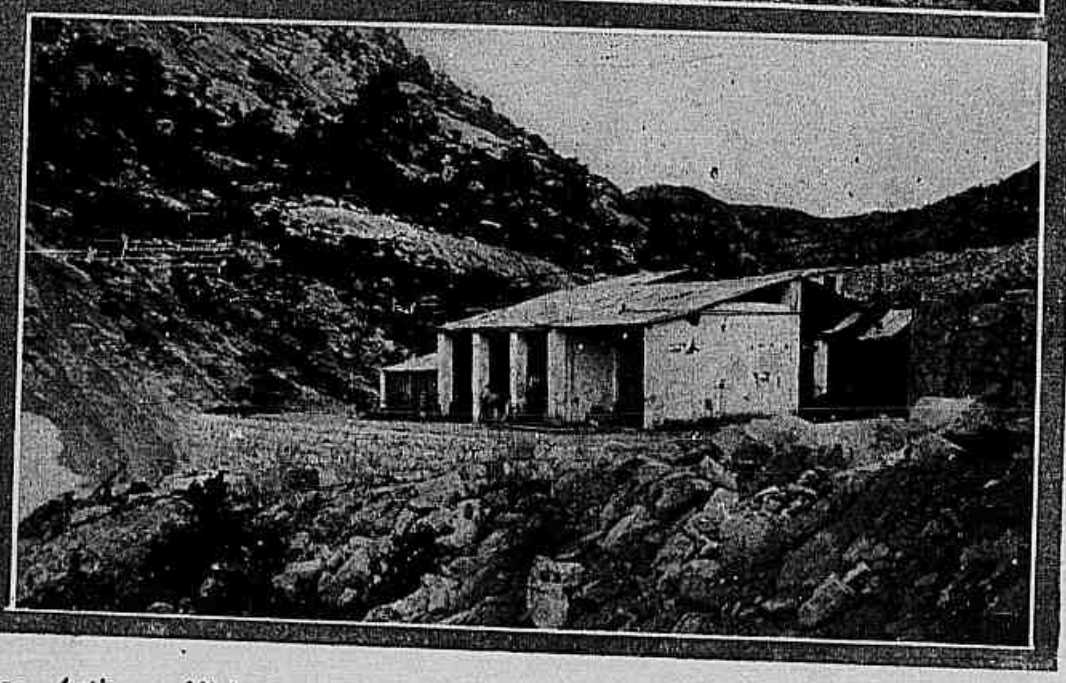




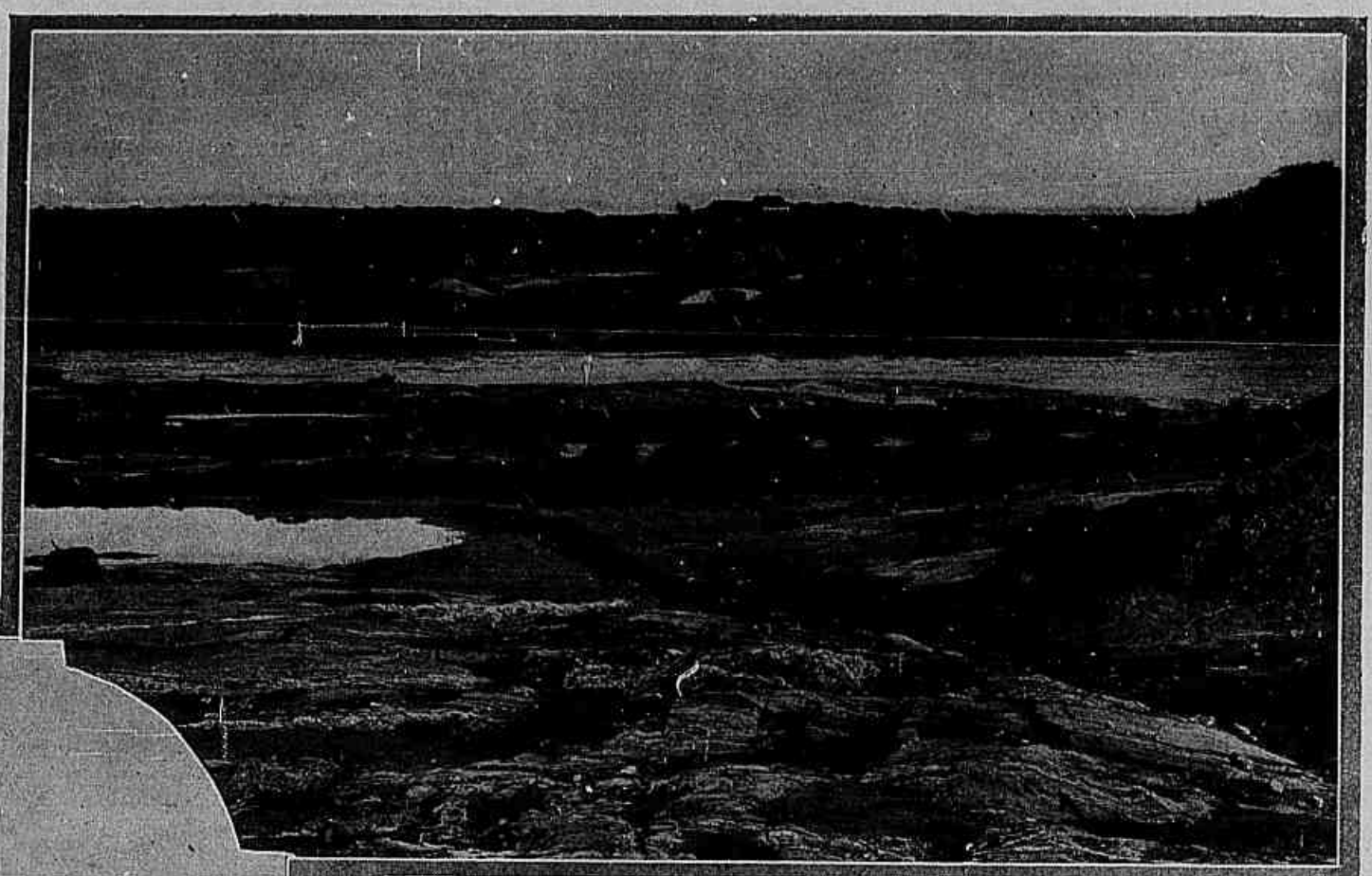








O leito do Rio Acauã, a descoberto por occasião das seccas. Antigas officinas de ferreiro no açude Gargalheira.

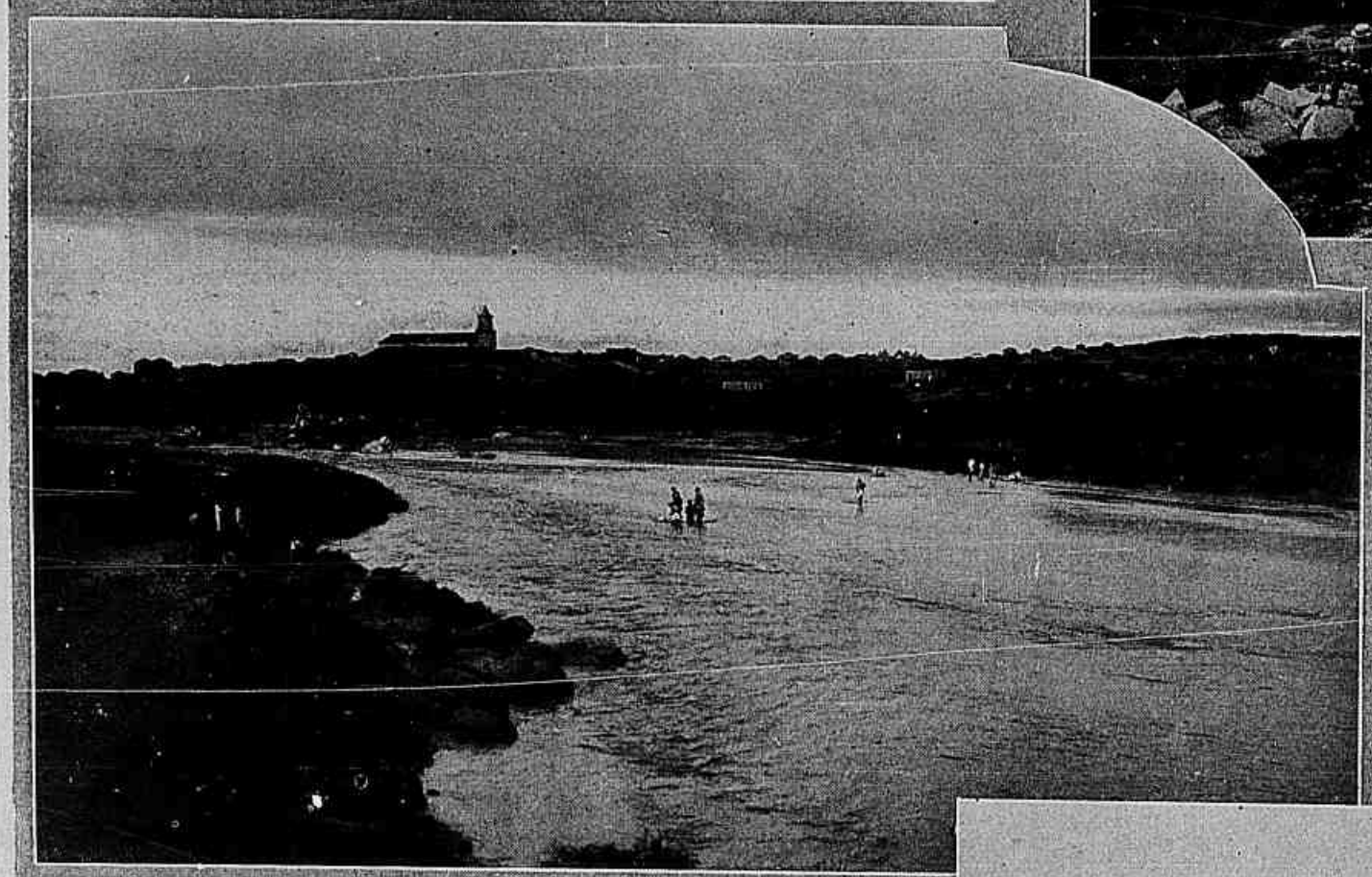


AÇUDE CRUZETA — Leito do Rio São José, no local da barragem; fundações e inicio da parede, na hombreira direita.

Um aterro e pontilhão sobre o Rio Jaguarema, na estrada de rodagem de Sapé a Mamanguape, agora construida. Um trecho da antiga estrada Sapé a Mamanguape, com um caminhão preso no atoleiro.





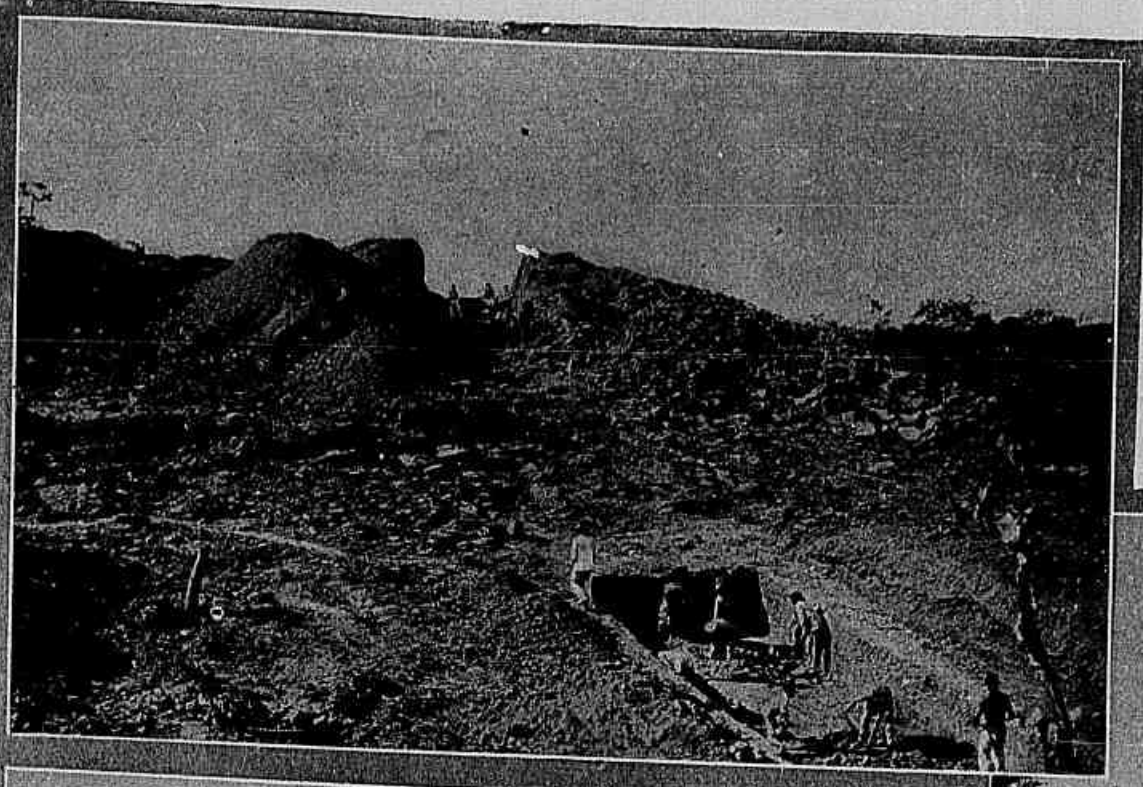


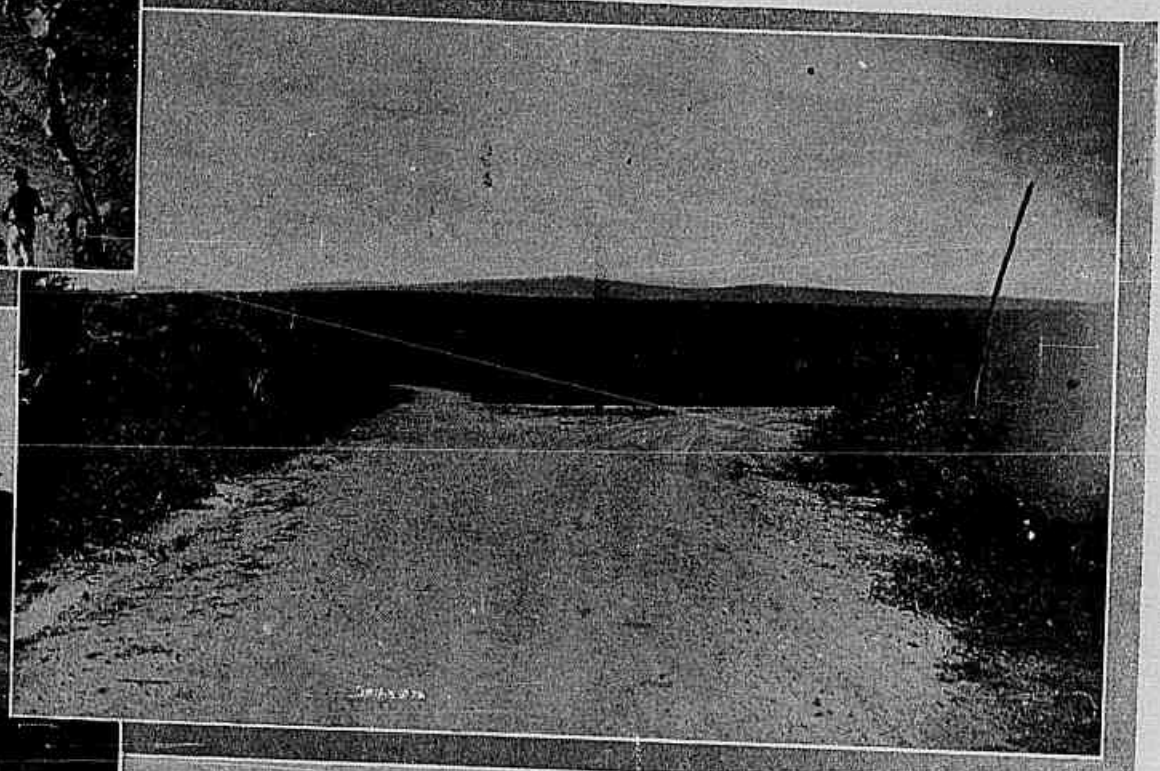
O Rio Curraes Novos em dia de inverno. Engenheiros atravessam o rio aos hombros de trabalhadores. Acampamento central do 2° Districto, no açude Cruzeta.



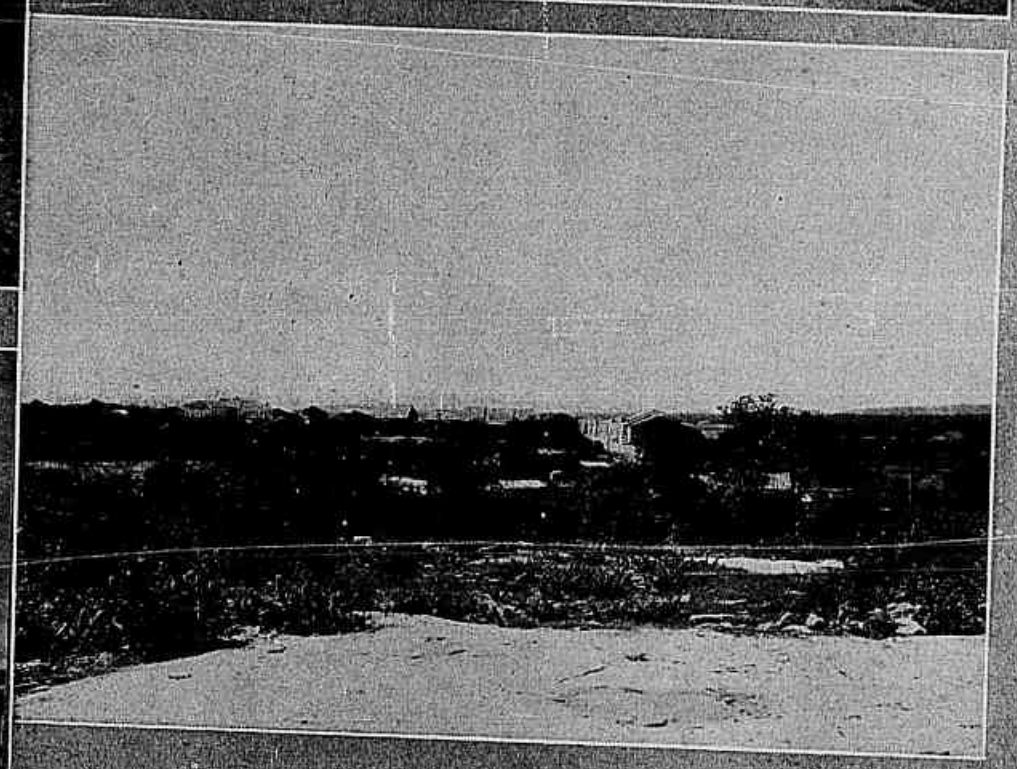
Estrada de rodagem de Parahyba a Pilar, reconstruida agora pela I. F. O. C. S.



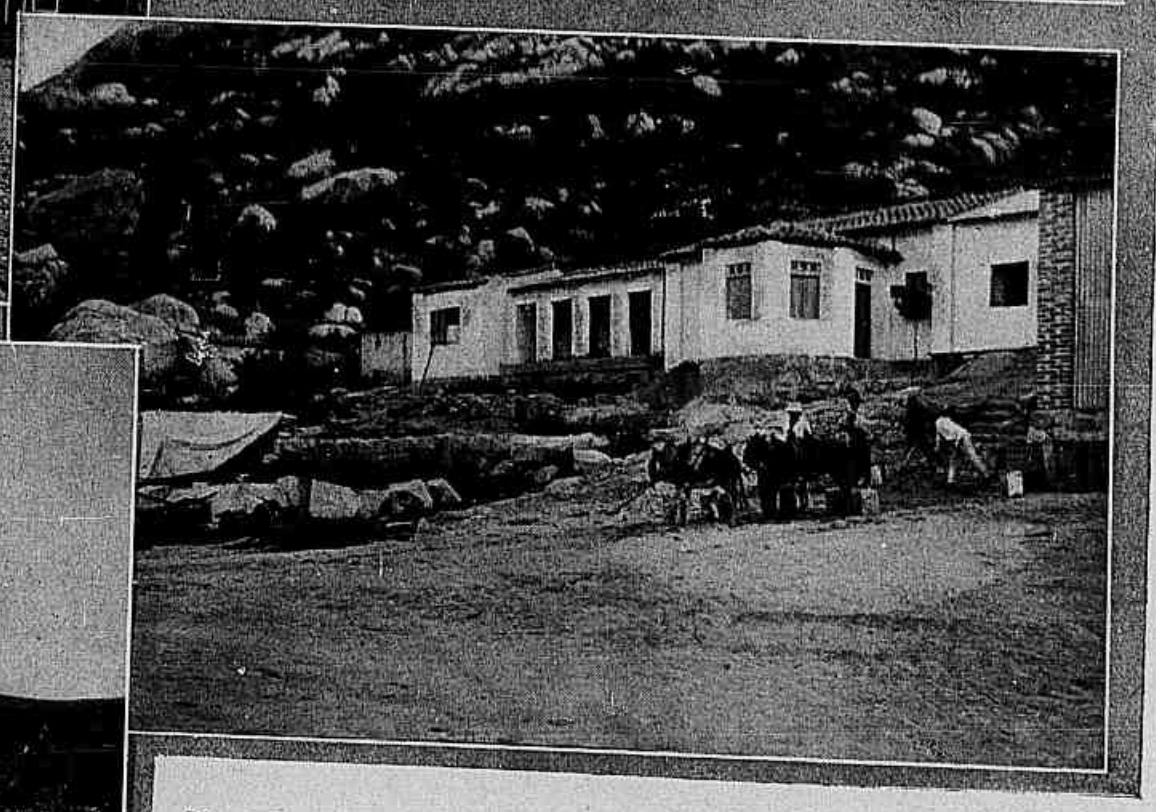












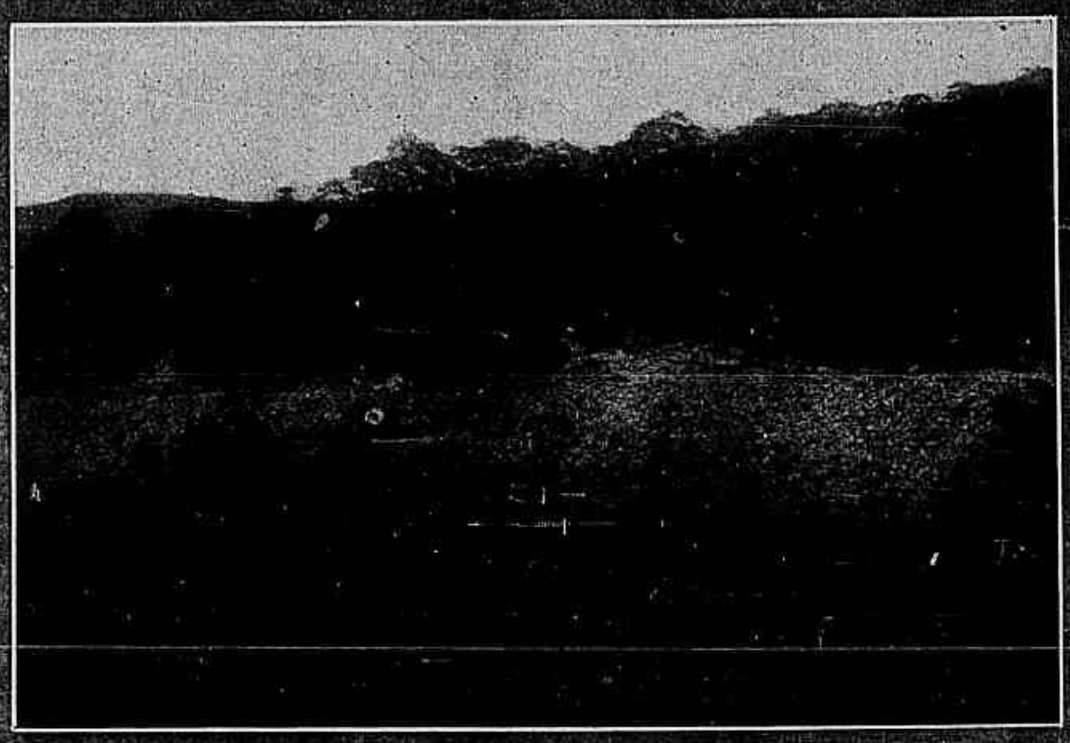


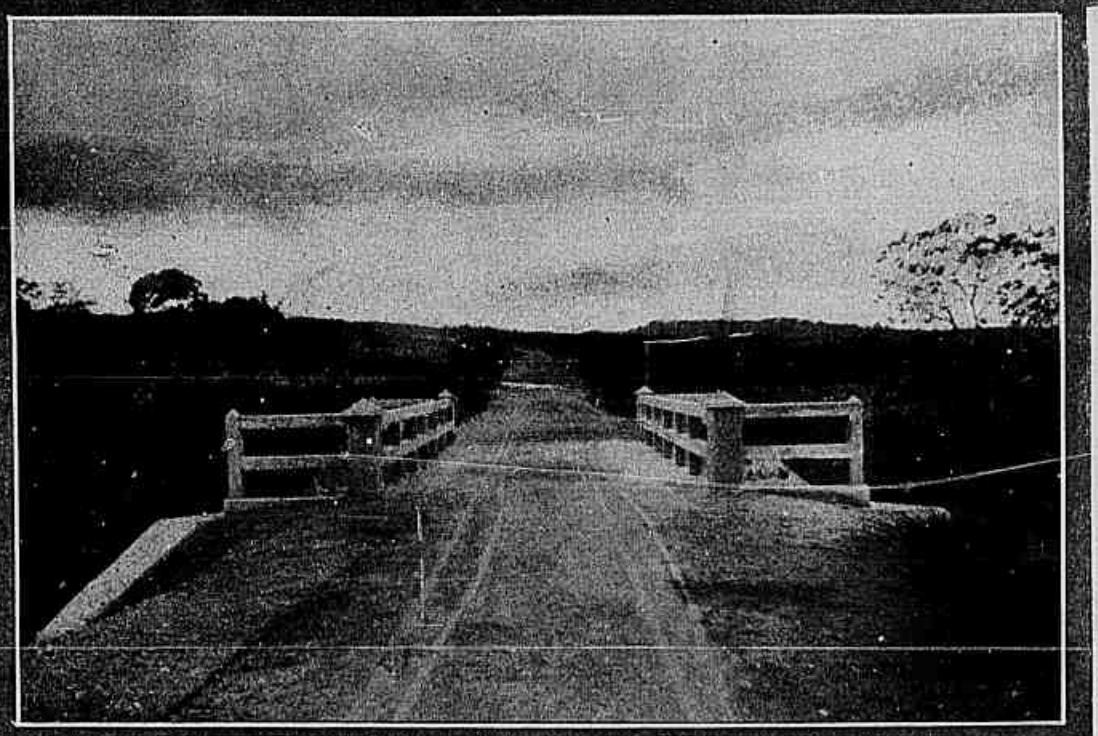
Em Fundamento. Trabalhos de um corte na rocha, para o leito da estrada de ferro Ceará Parahyba. — Trecho entre Pocinhos e Patos. — Pequeno açude em Fundamento, servindo a estrada de rodagem Campina Grande a Santa Luzia de Barragem. — Bifurcação da estrada de rodagem entre Campina Grande e Santa Luzia, de onde parte o ramal de Patos.

Uma vista de Joazeiro, Parahyba do Norte. — Soledade, no Estado da Parahyba. — Escriptorio da Commissão Technica, em Gargalheira. — Joazeiro, estrada de rodagem em construcção.

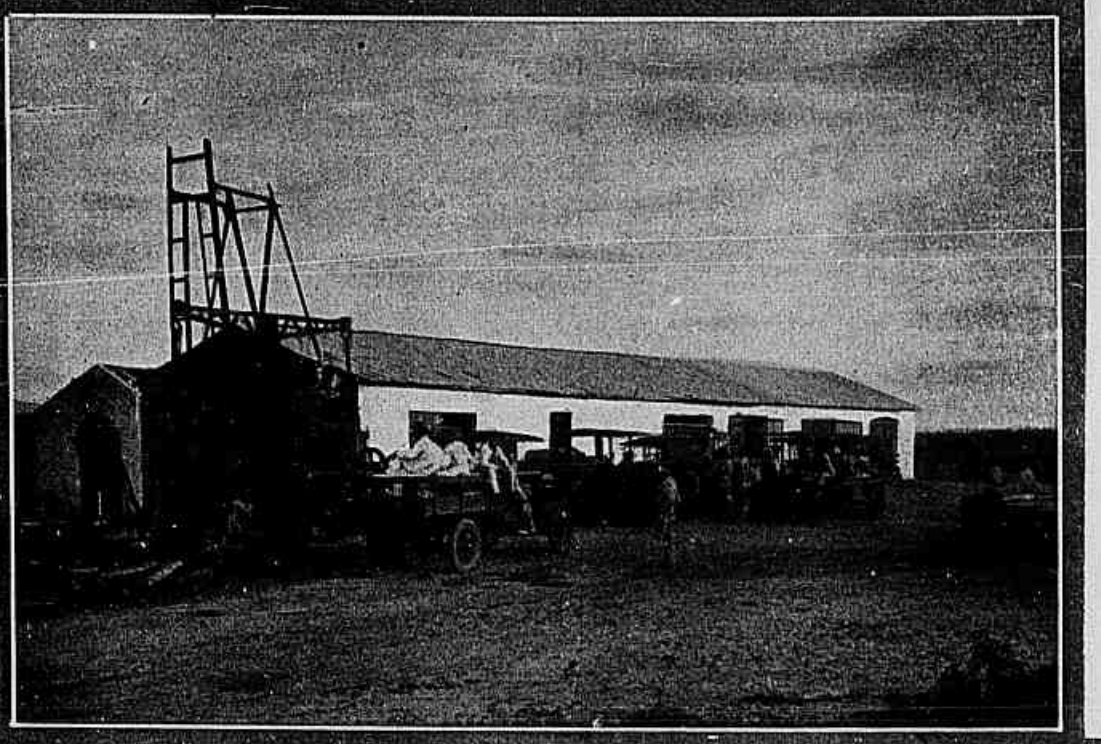








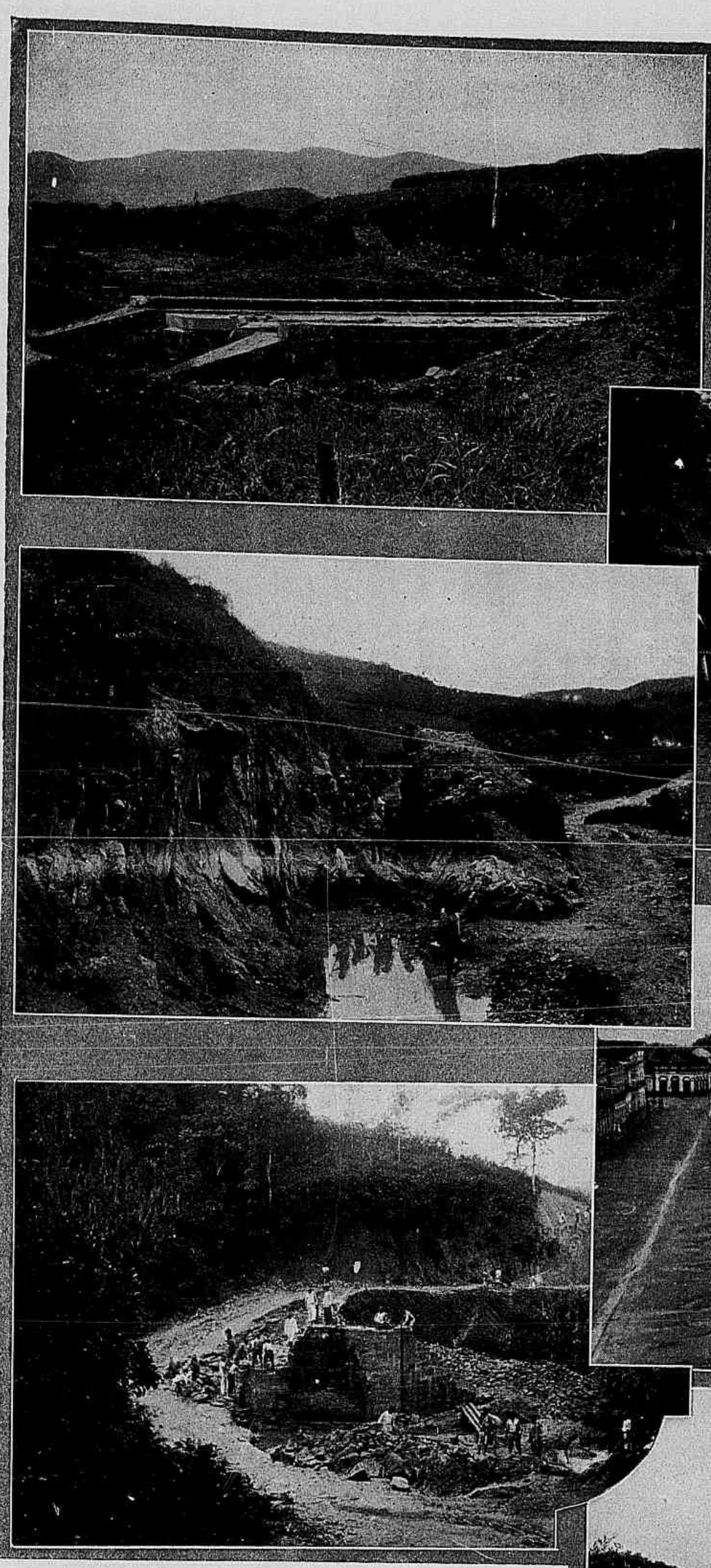








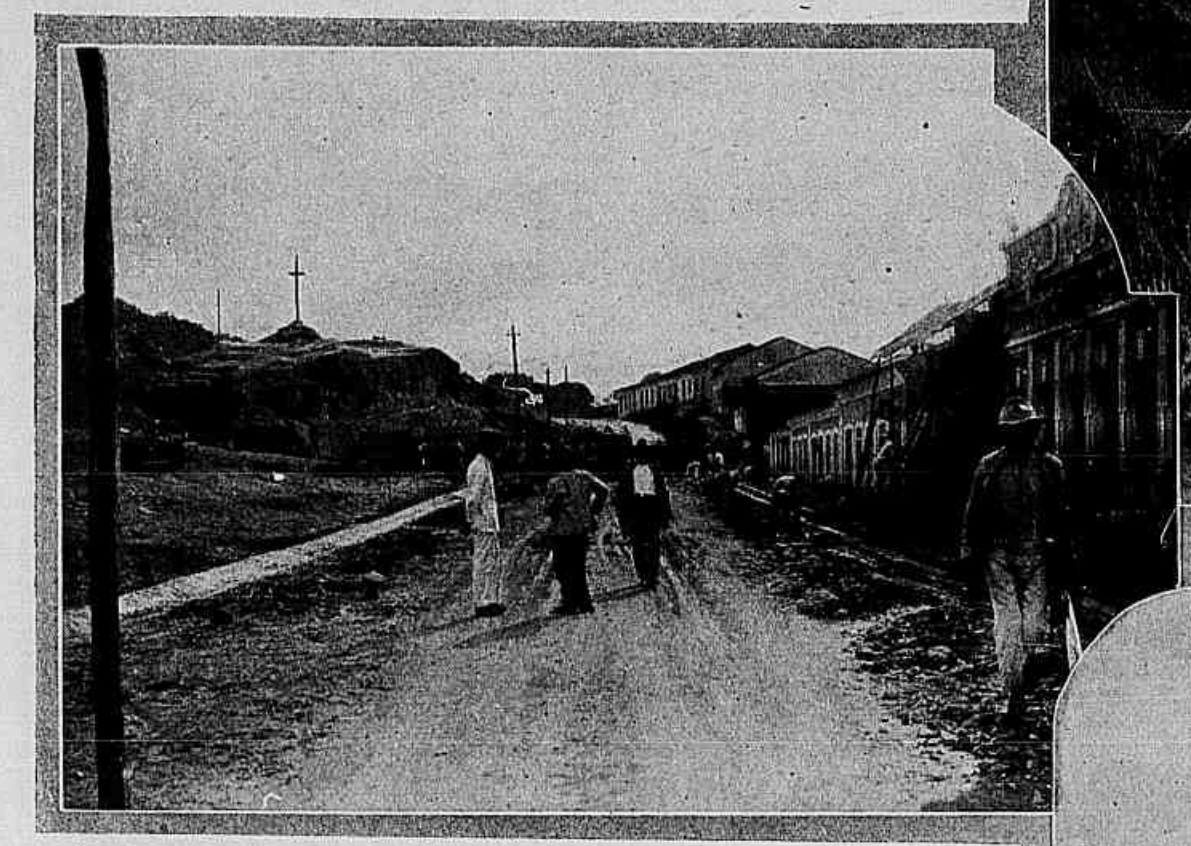
Preparo do material para a construcção da ponte sobre o rio Mamanguape. — Molungú, Cavas para as fundações dos pilares da ponte de cimento armado sobre o rio Mamanguape. — Estrada de rodagem entre Alagoa Grande e Areia. — Ponte de cimento armado sobre o rio São Salvador, na estrada de rodagem Sapé a Mamanguape. — Estrada de rodagem de Alagoa Grande a Areia. — Construcção de um boeiro. — Em Campina Grande, garage e officinas de concertos dos autos e caminhões. — Estrada de rodagem Alagoa Grande a Areia galgando a serra. — Bacia do açude Modocongó, proximo á cidade de Campina Grande.



OBRAS DE ARTE — Bociro em construcção na Estrada de Ferro Ceará Parahyba — trecho entre Alagoa Grande e Pocinhos. Obras de construcção da estrada de rodagem Alagoa Grande á Areia. Estrada de Ferro Ceará Parahyba — trecho em construcção entre Alagoa Grande e Pocinhos. Cidade de Areia, vista da parte sul.

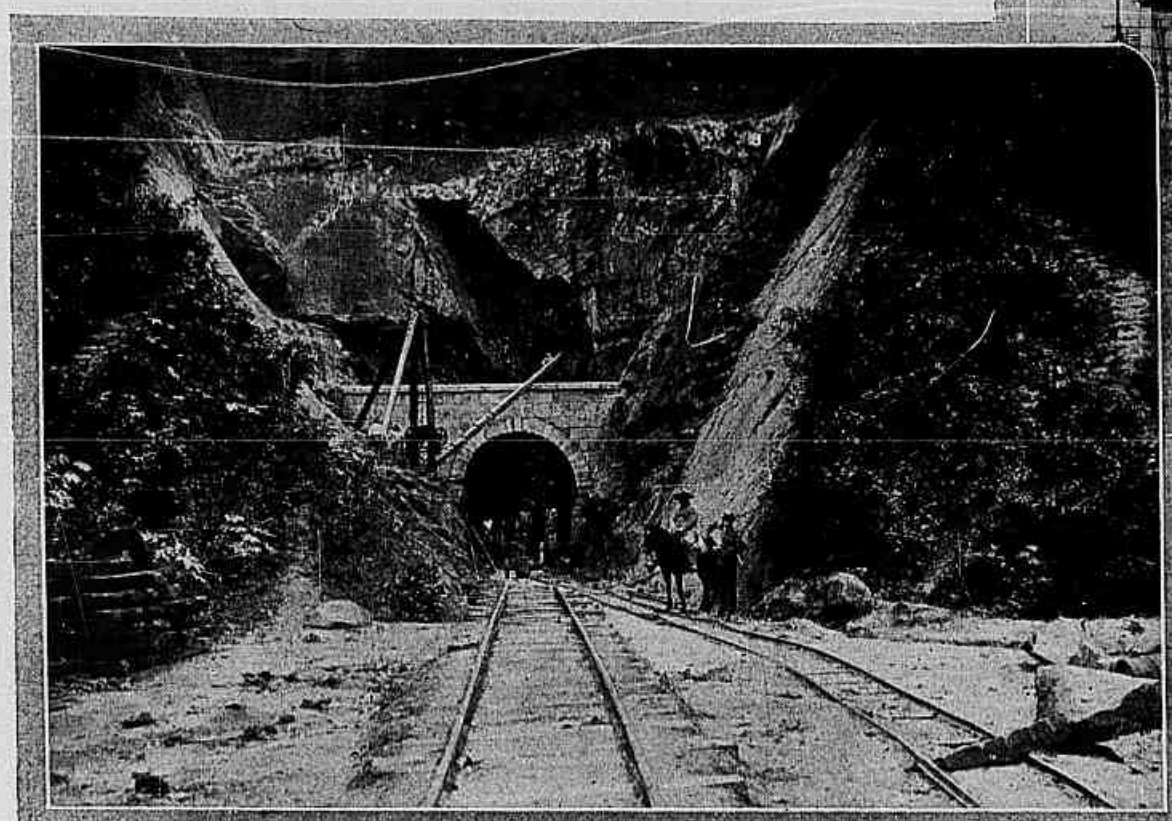
Construcção de um pontilhão sobre o Rio Laranjeiras, na estrada de rodagem de Alagoa Grande a Areia. Outro trecho da estrada de rodagem Alagoa Grande a Areia. Curvas no valle do Laranjeiras.

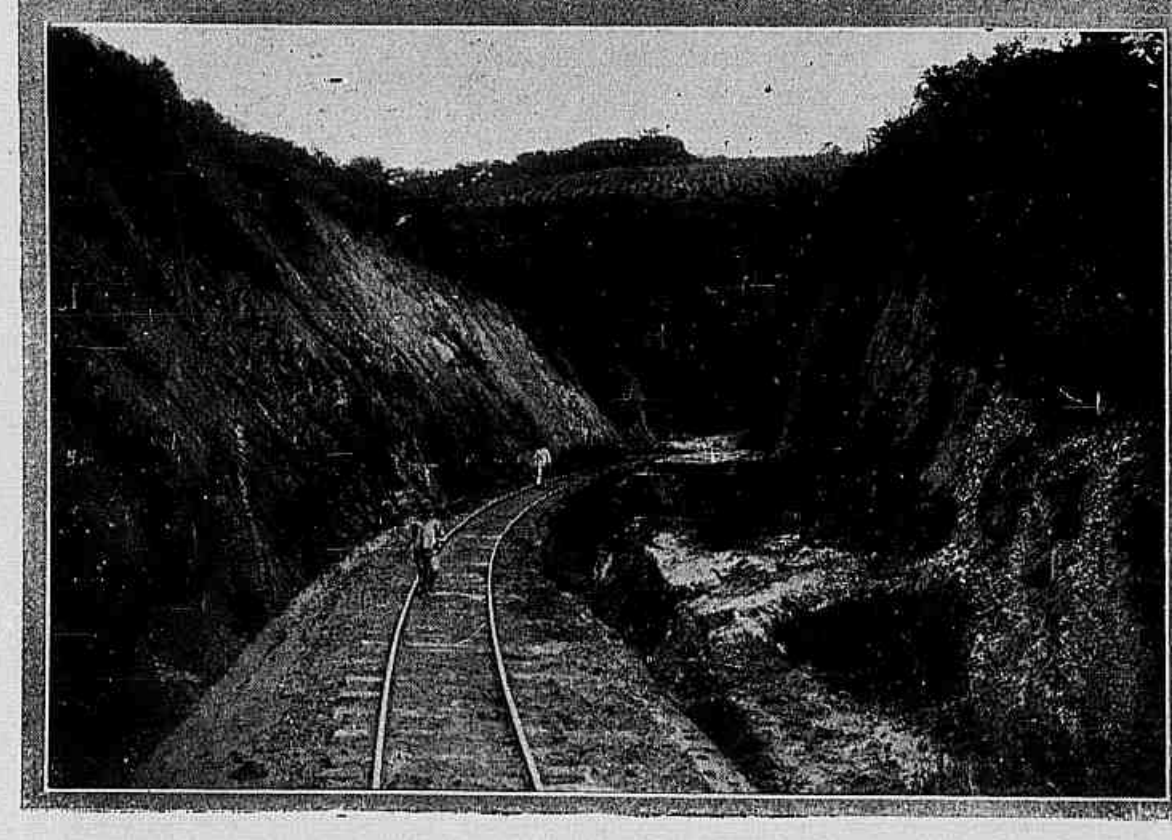
Bocca do tunnel da garganta da Viração, na Estrada de Ferro Picuhy. Obras de melhoramento da estrada de rodagem que atravessa a cidade de Bananeiras. Estação de Bananeiras, na Estrada de Ferro Picuhy.

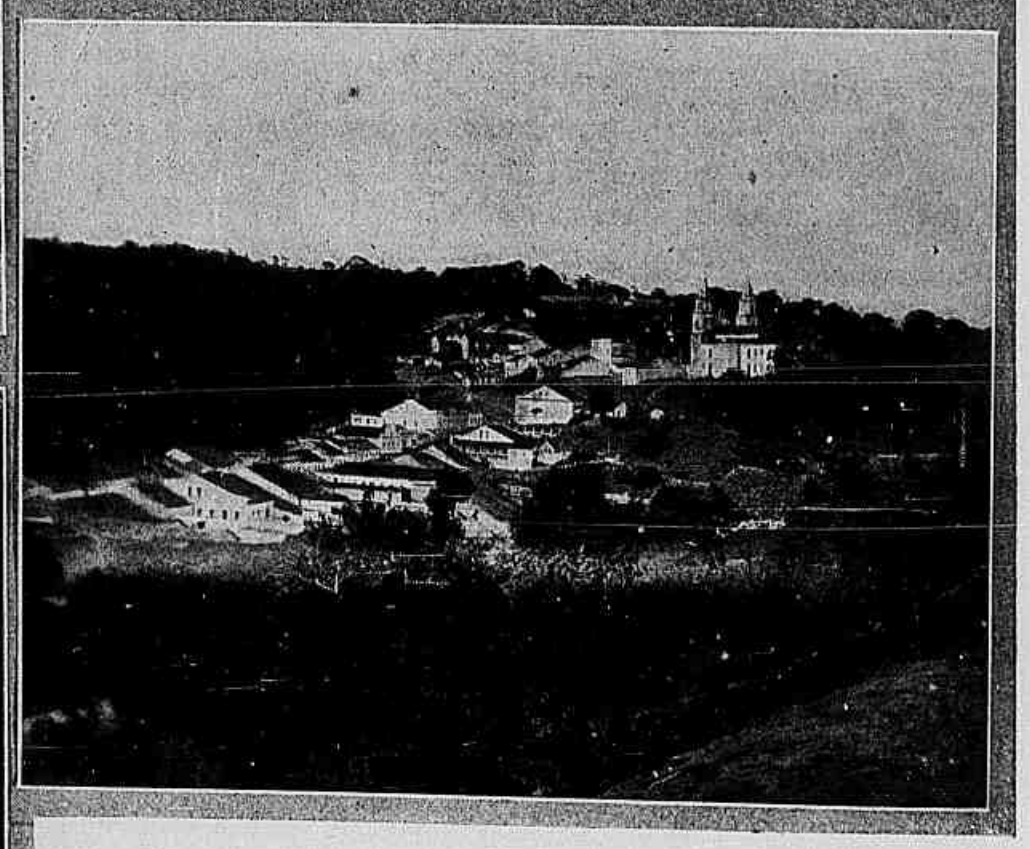












Sahida do tunnel da garganta da Viração, na Estrada de Ferro de Picuhy, Parahyba — Cidade de Bananeiras. Um corte na Estrada de Ferro Picuhy.

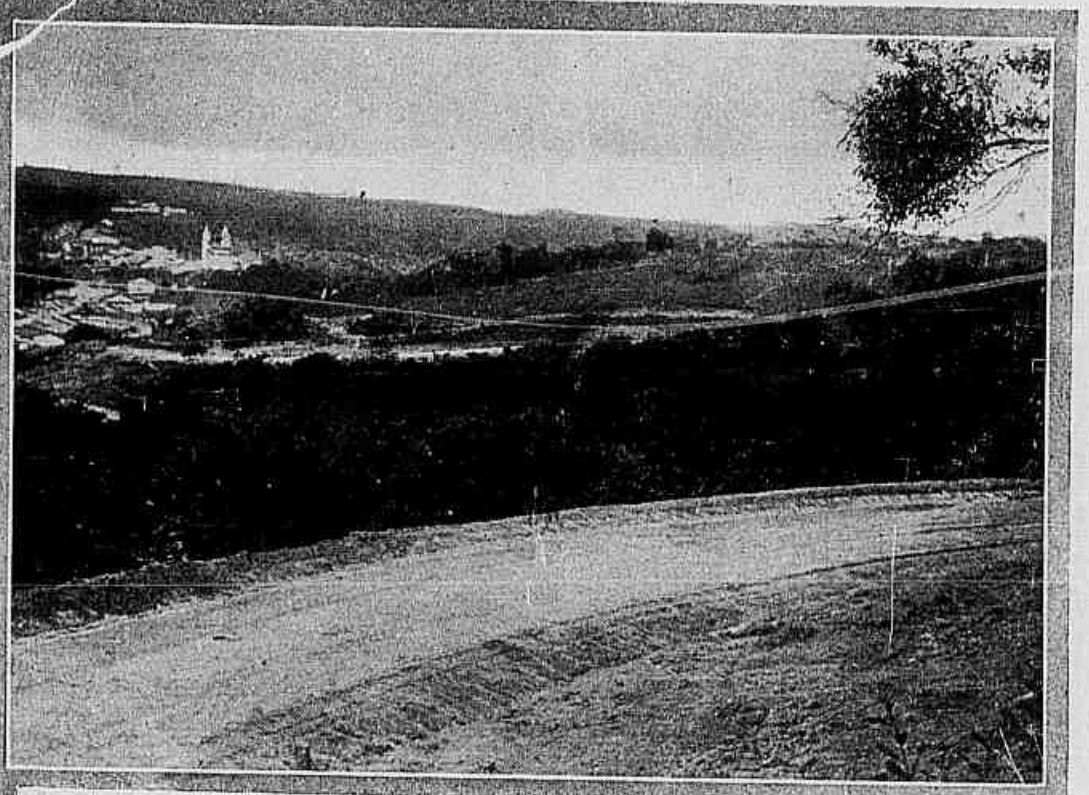
Em cima, á direita: trecho em construcção, da estrada de rodagem Bananeiras a Moreno. A' esquerda: uma paizagem do Nordeste, trecho da estrada de rodagem de Borborema a Serraria, vendo-se ao longe, desfeita no horizonte, a Villa de Borborema, de fundação recente.





Estrada de rodagem de Bananeiras a Moreno, vendo-se ao fundo a cidade de Bananeiras, na serra da Raiz, uma das mais pittorescas e futurosas cidades do Estado da Parahyba do Norte.





Um trecho da estrada de rodagem entre Borborema e Serraria.



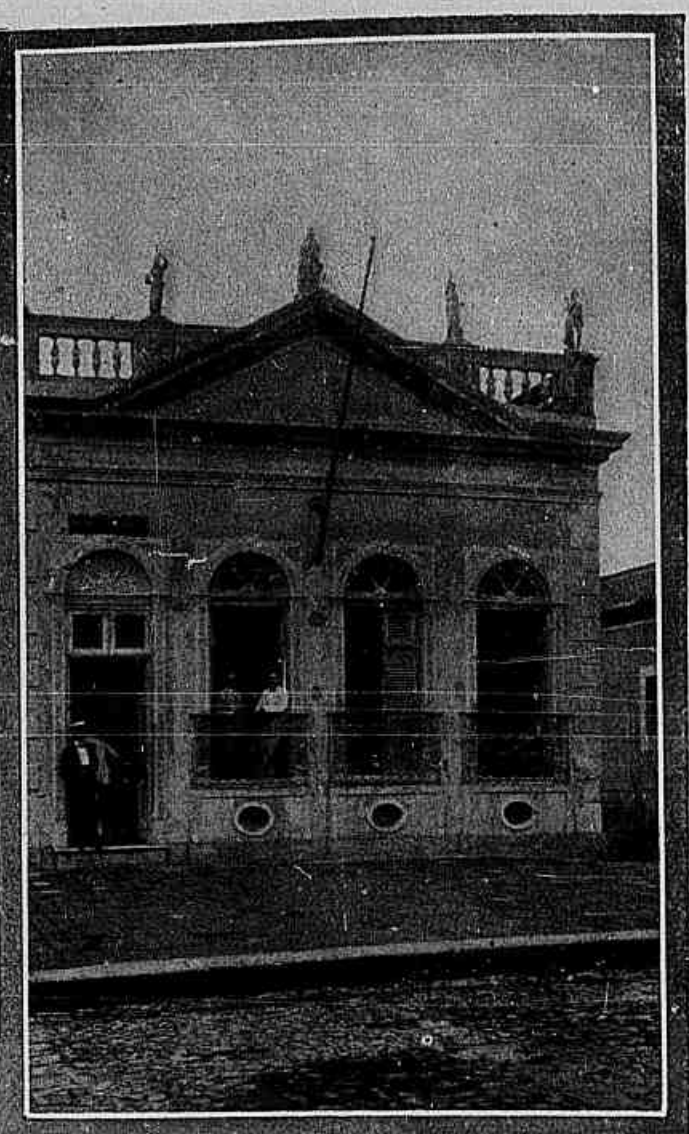
Vista de Serraria (Parahyba)



Trecho da estrada de rodagem entre a cidade de Bananeiras a Moreno.

Parahyba do Norte. Povoação do Sapé — Cidade da Parahyba, escriptorio central do quarto districto da Inspectoria Federal das Obras Contra as Seccas.



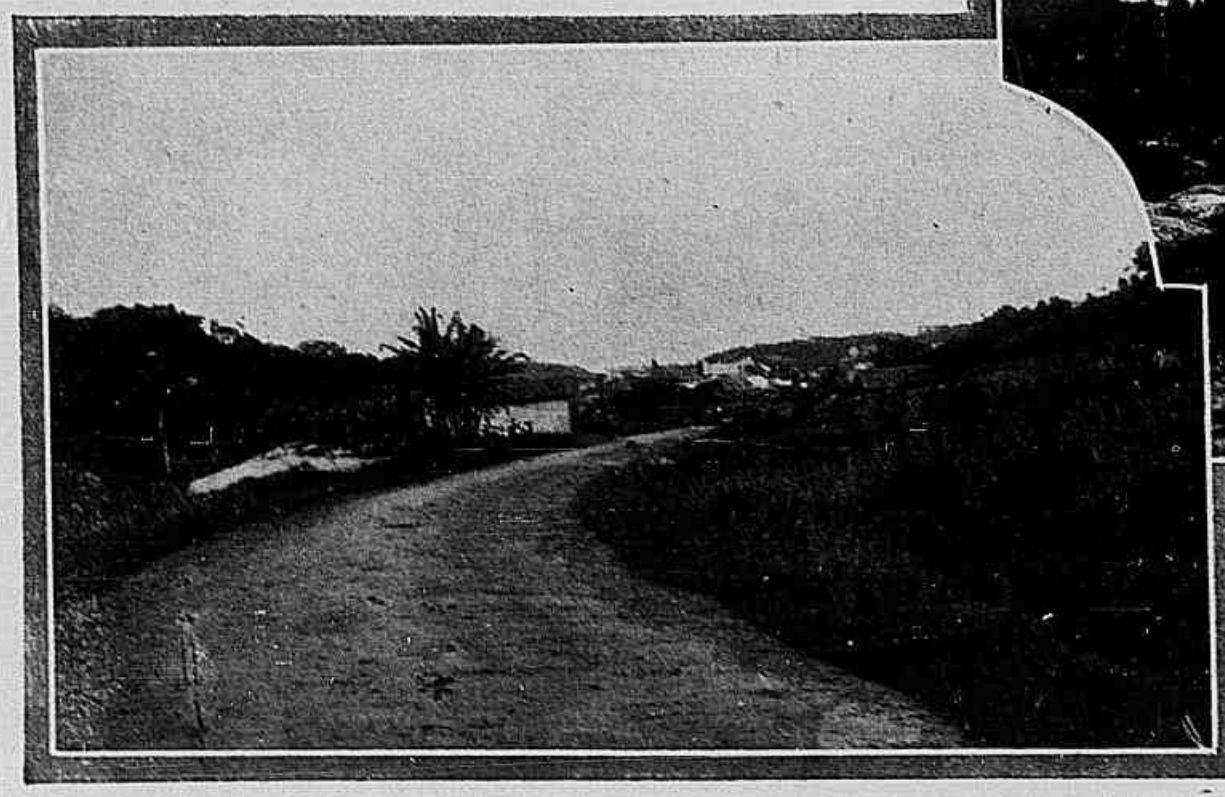




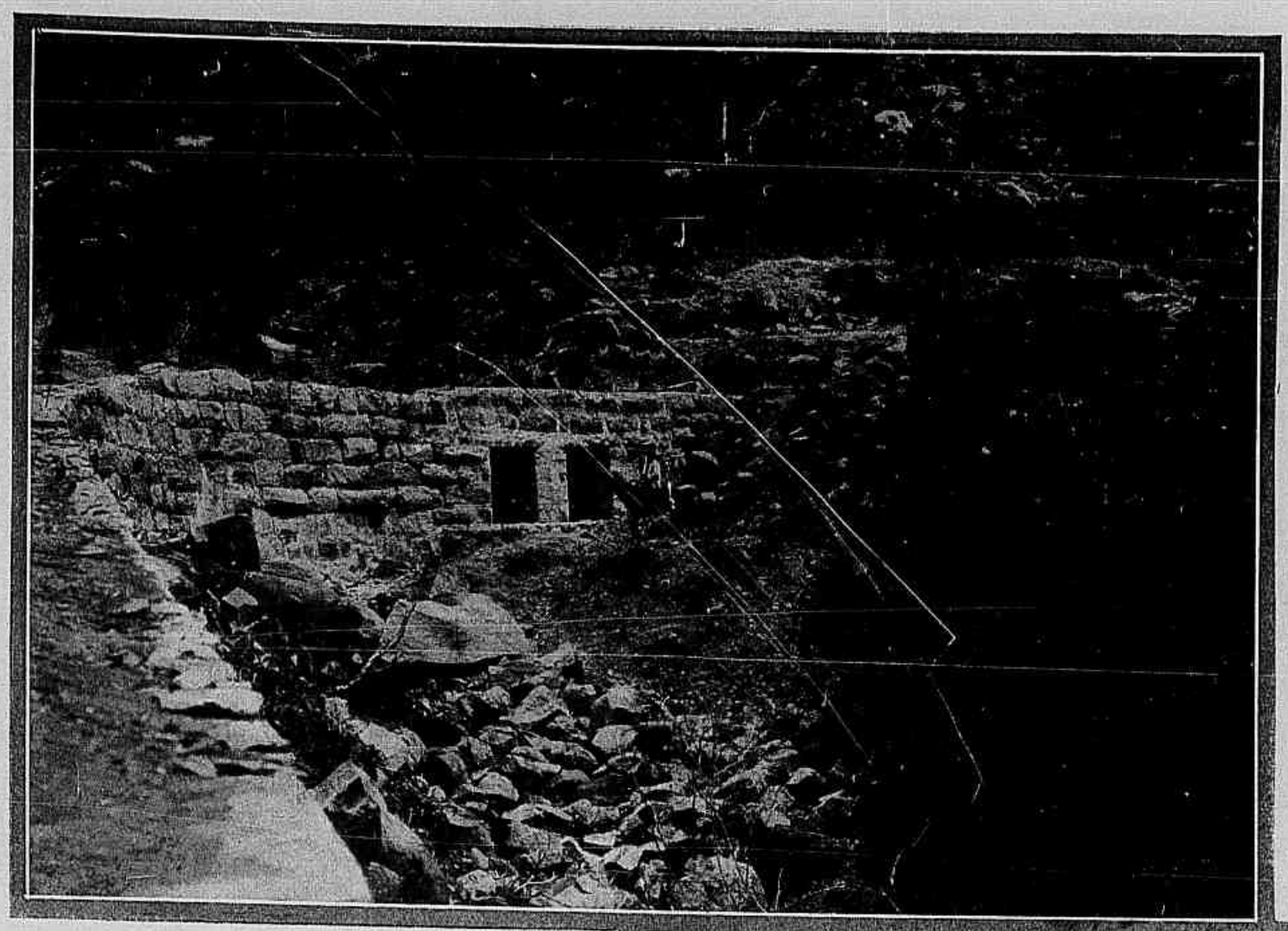


Bifurcação da estrada de rodagem de Borborema a Serraria, de onde parte o ramal de Pilões. — Estrada de rodagem de Itabayana a Barrado Natuba, proximo a Jatobá.





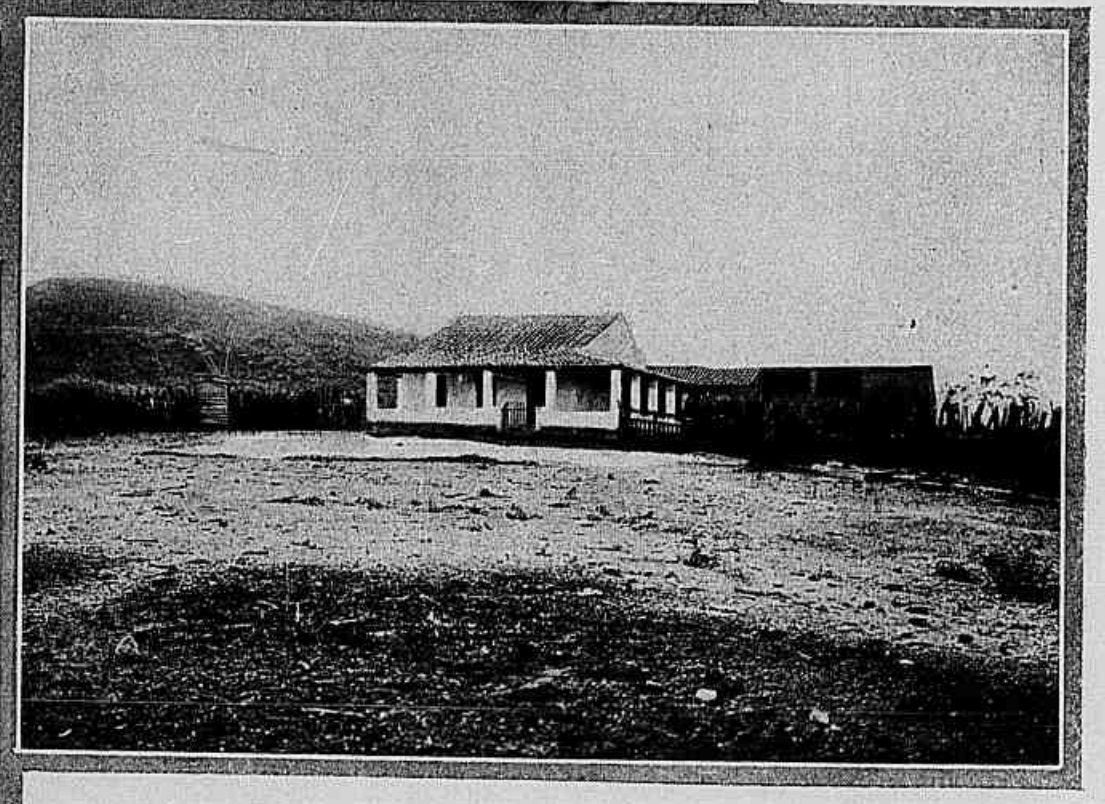
Um corte de rocha. — Em Jatobá. Um trecho da estrada de rodagem. Um trecho da estrada de rodagem de Borborema a Serraria, ao chegar áquella povoação.



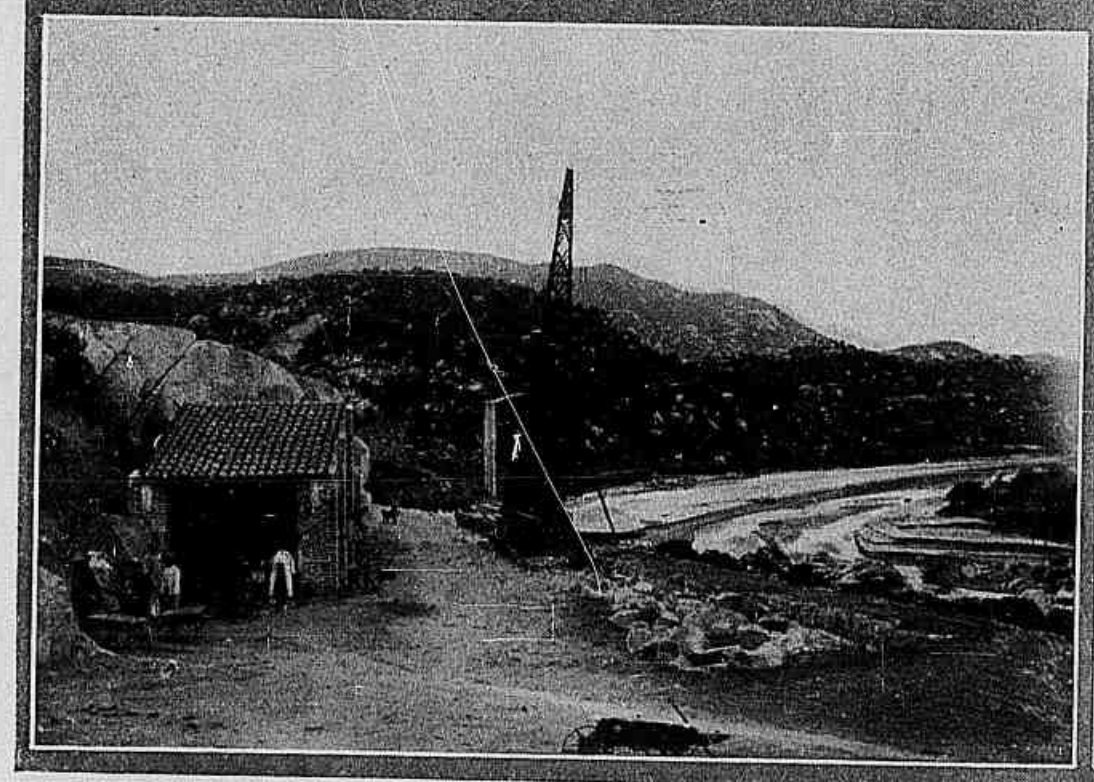
Em cima: trecho da estrada de rodagem que contorna a grande barragem do rio Acauã, (açude Gargalheiras), no Estado do Rio Grande do Norte — uma das muitas obras de arte demonstrativas das difficuldades, vencidas pela engenharia nacional.

No centro, á direita: Em Fundamento, localidade do Estado da Parahyba do Norte, no alto da magestosa serra da Borborema, em pleno sertão, de onde o Sr. Dr. Arrojado Lisboa, inspector federal das obras contra as seccas, dirige os serviços que lhe foram confiados pelo governo da Republica. Nesse ponto da grande cordilheira que se extende pelo norte do Brasil, o illustre engenheiro na sua humilde casinha trabalha em pról de alguns milhões de patricios para os quaes a fertilidade daquellas terras dentro em pouco será uma realidade.





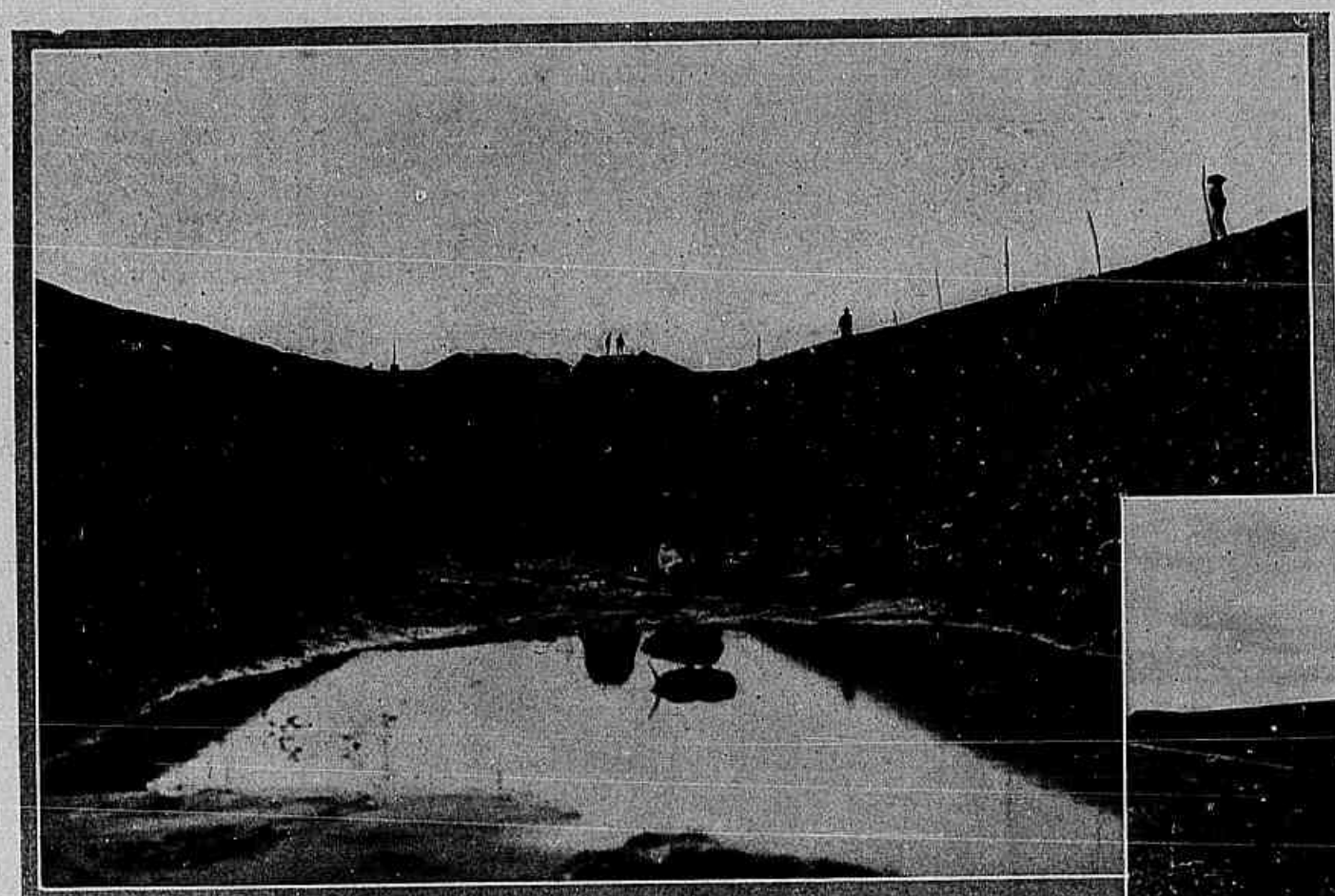
No centro, á esquerda: Serviços de aterro na estrada de rodagem de Santa Luzia a Campina Grande. (Parahyba do Norte)



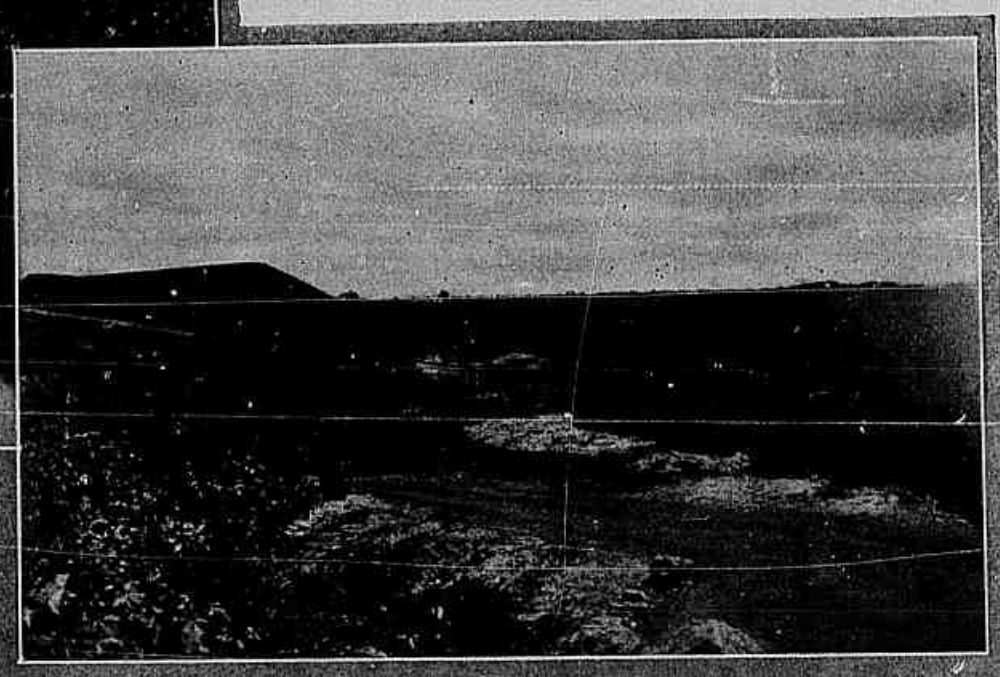
Açude Gargalheiras, no Estado do Rio Grande do Norte: guindaste para as obras da construcção do açude, já adiantadas, e que, além das vantagens materiaes, vão dar áquelle recanto uma belleza nova

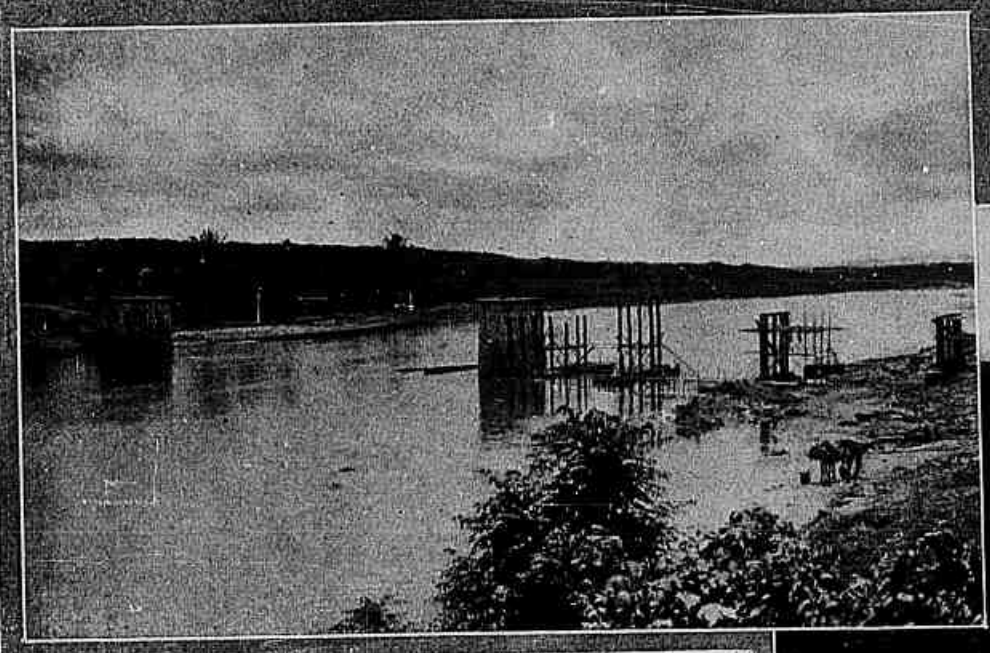


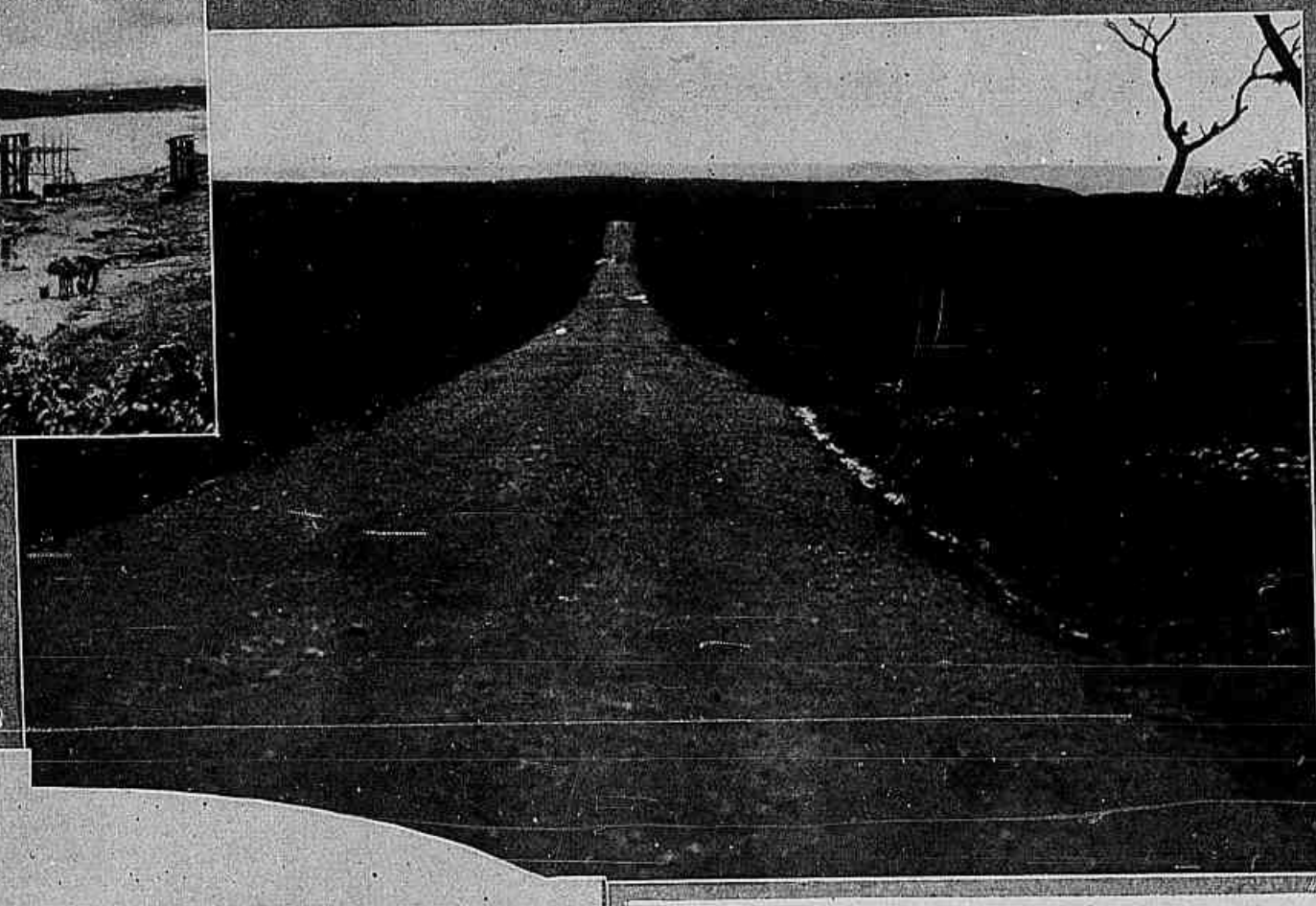
Obras iniciadas para a barragem do Rio Acauã, no Estado do Rio Grande do Norte, vendo-se ao centro do leito do rio o guindaste destinado ao transporte de blocos de granito.



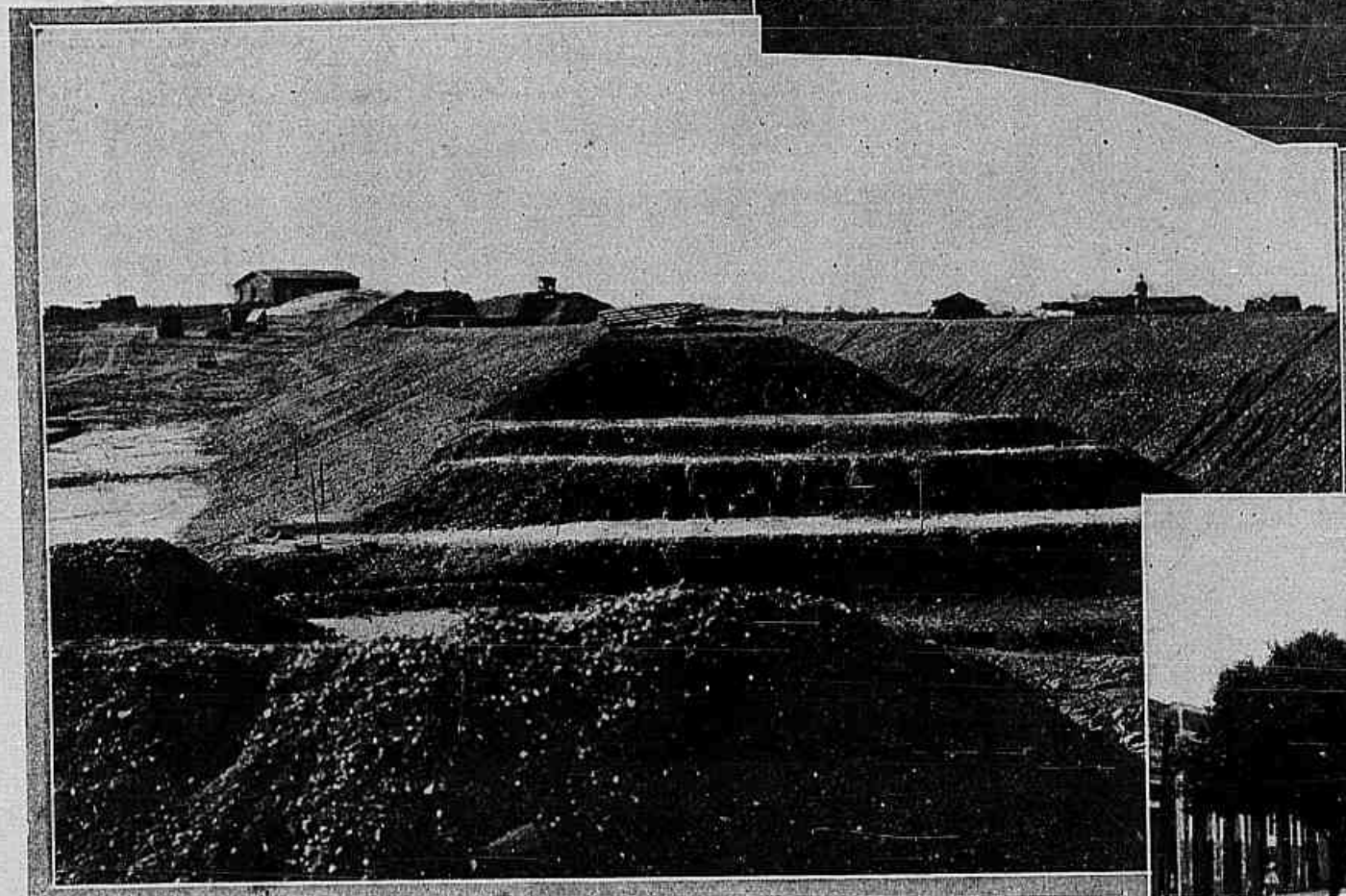
As Obras contra as Seccas no Estado do Rio Grande do Norte. Açude Cruzeta. Fundação da parede de terra. Açude Soledade. E. da Parahyba, em construcção. Barragem de terra.



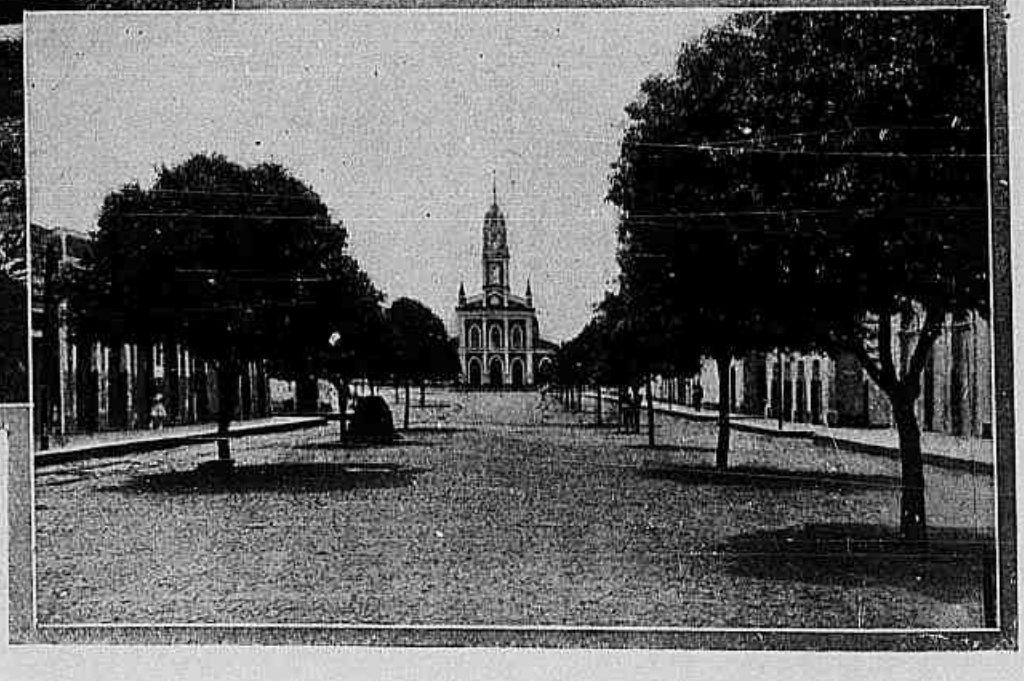




Ponte de cimento armado em construcção sobre o Rio Parahyba, em Itabayana. Estrada de rodagem no alto da Borborema; ao longe, o Seridó (Rio Grande do Norte).

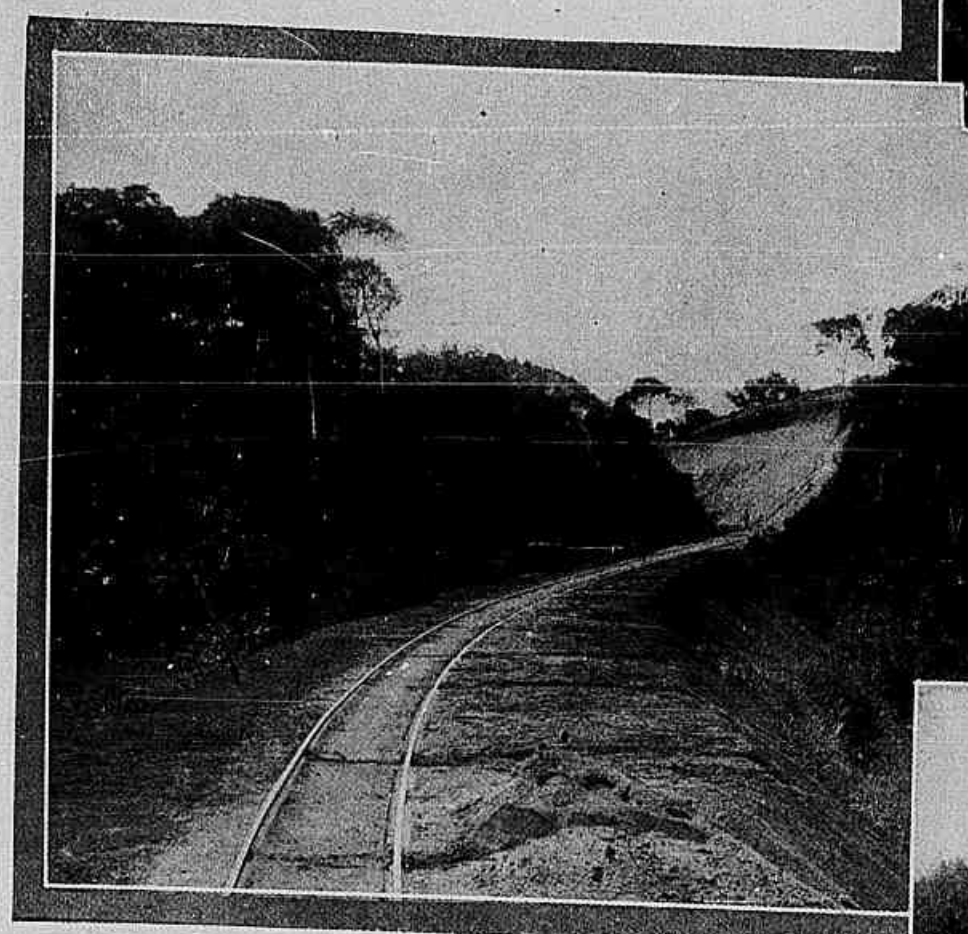


Açude Cruzeta (Rio Grande do Norte). — Progresso da ala de montante da hombreira esquerda.



Itabayana (Parahyba) — Rua Monsenhor Walfredo, vendo-se ao fundo a Igreja Matriz.

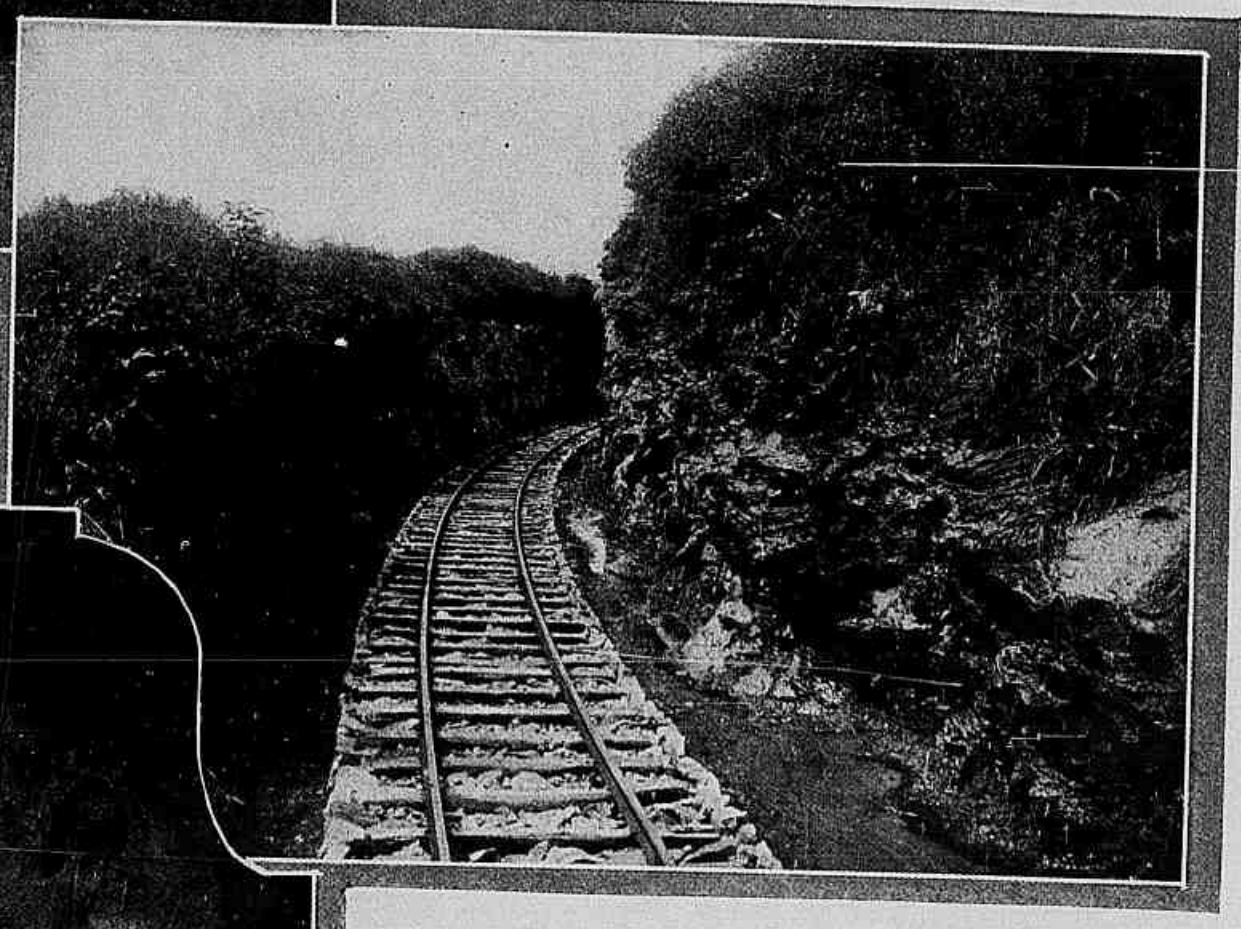
As obras contra as seccas, no Estado da Parahyba do Norte; trechos da Estrada de Ferro de Independencia a Picuhy, cujos serviços estão a cargo do Sr. Dr. João Holmes.



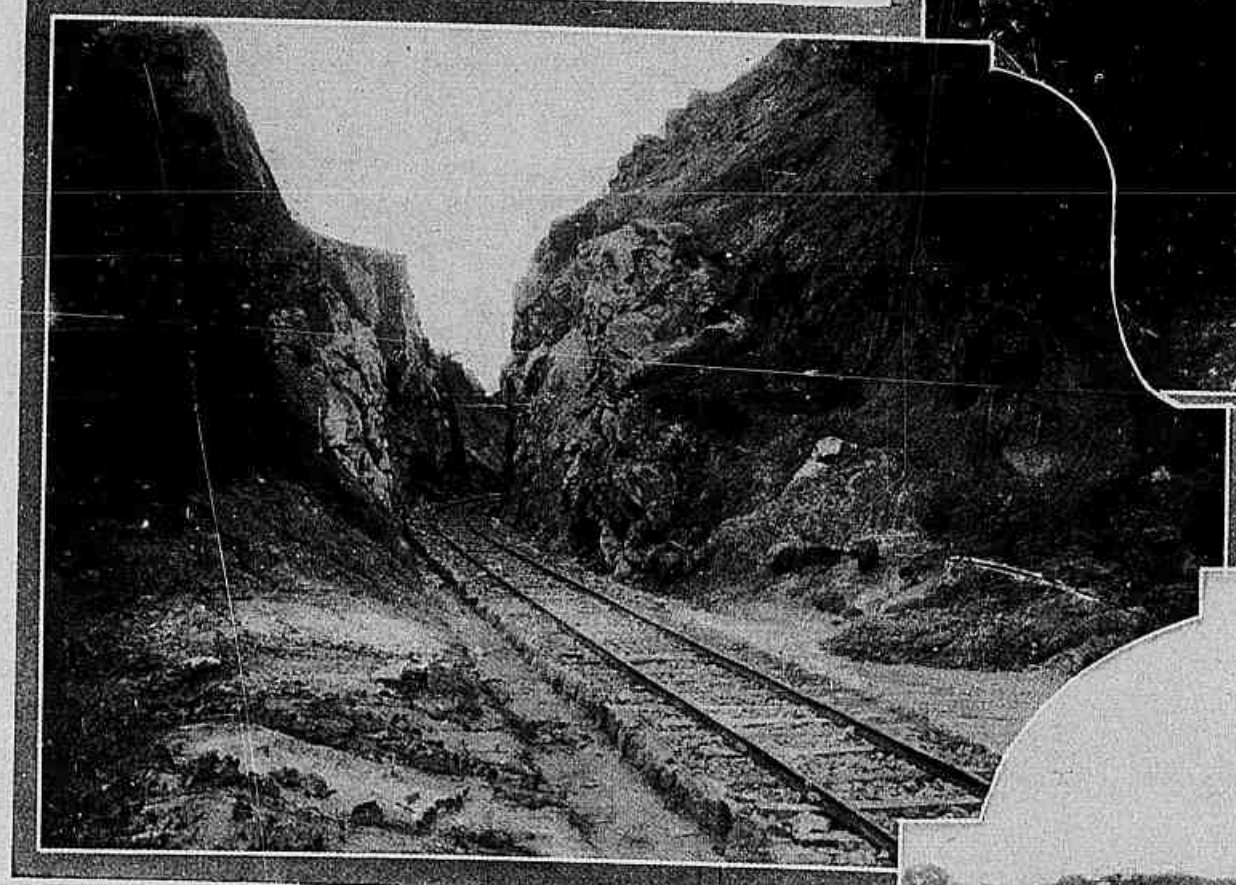
Aterro e córte no kilometro 289.



Córte no kilometro 286.

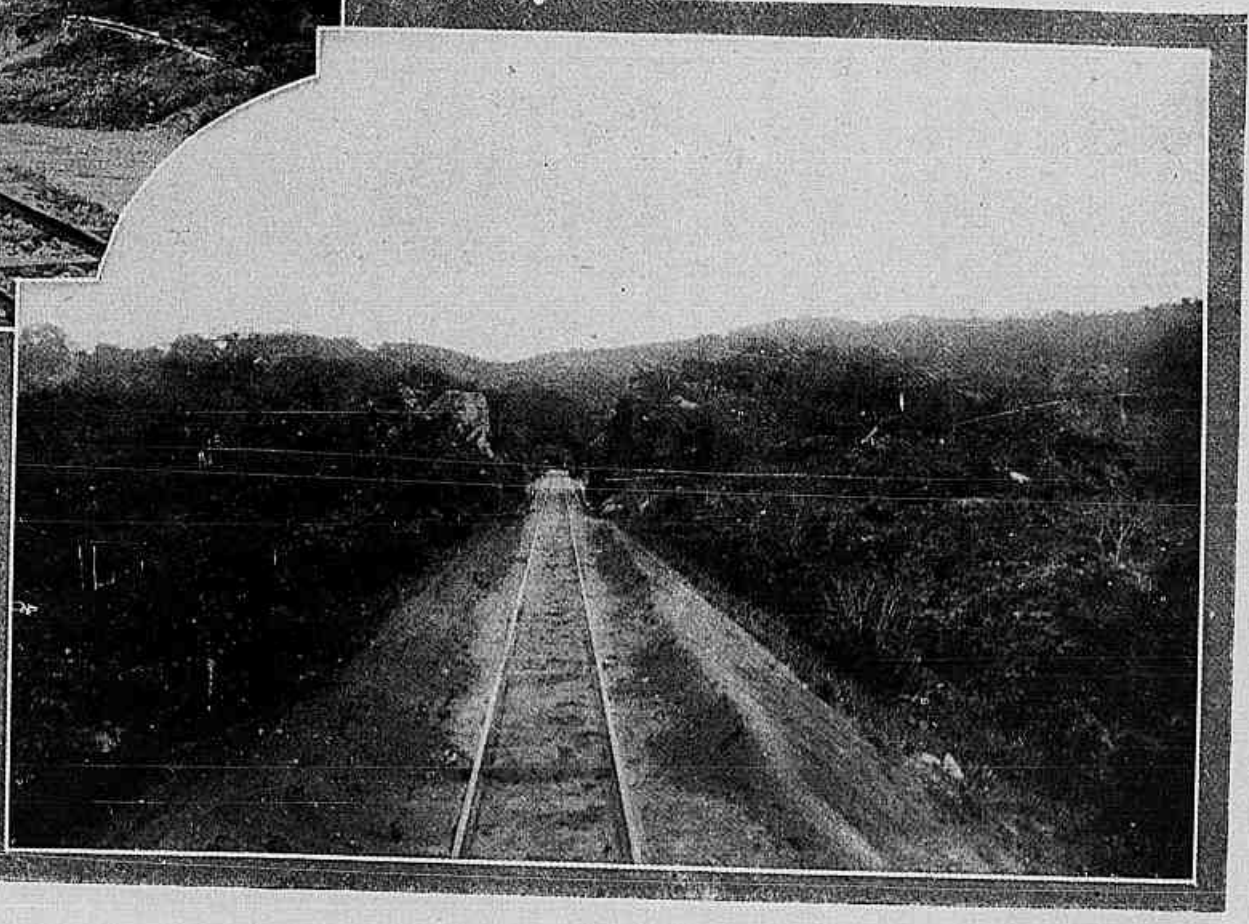


Córte na rocha e trecho lastrado



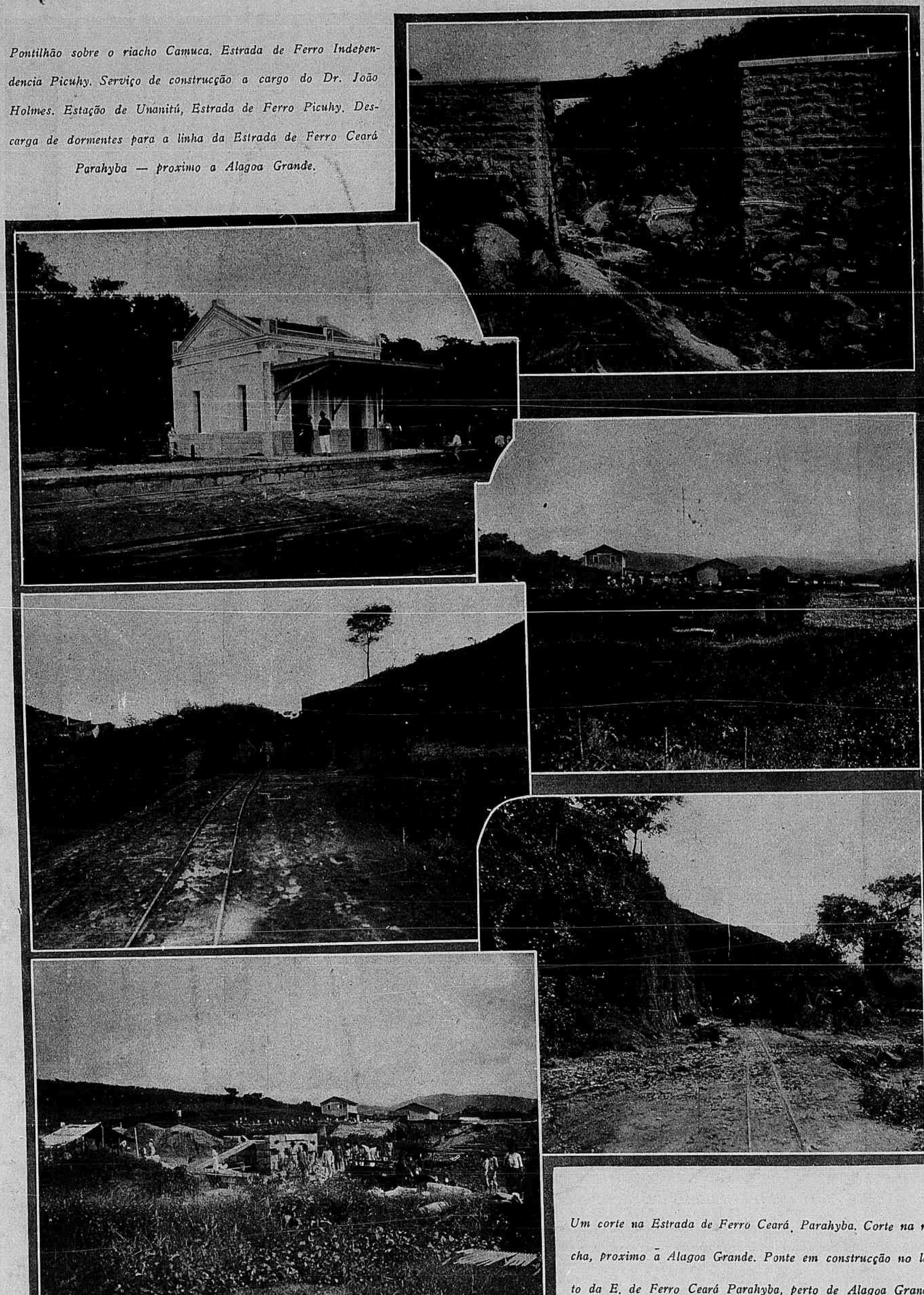
Outro córte na rocha e outro trecho lastrado.

Aterro e córte no kilometro 288.



As photographias mostram o esforço dispendido na construcção dessa via-ferrea que tantos serviços vae prestando a população do interior parahybano.

Pontilhão sobre o riacho Camuca. Estrada de Ferro Independencia Picuhy. Serviço de construcção a cargo do Dr. João Holmes. Estação de Unanitú, Estrada de Ferro Picuhy. Descarga de dormentes para a linha da Estrada de Ferro Ceará Parahyba — proximo a Alagoa Grande.



Um corte na Estrada de Ferro Ceará Parahyba. Corte na rocha, proximo a Alagoa Grande. Ponte em construcção no leito da E. de Ferro Ceará Parahyba, perto de Alagoa Grande.



O DESPERTAR DE ICARO

LUCILIO ALBUQUERQUE
ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES

MONUMENTO A OLAVO BILAC

PAULO

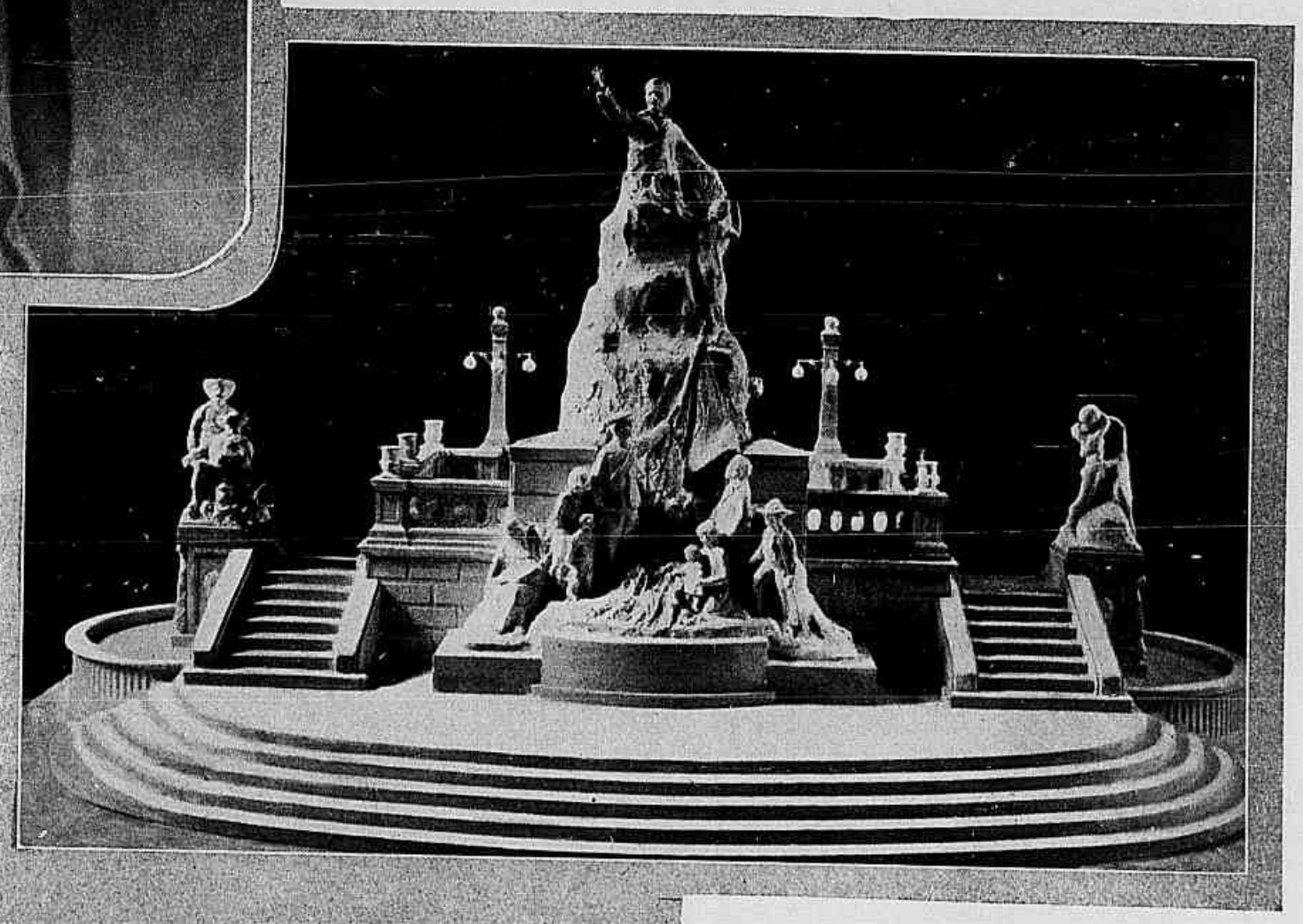


O ESCULPTOR WILLIAM ZADIG

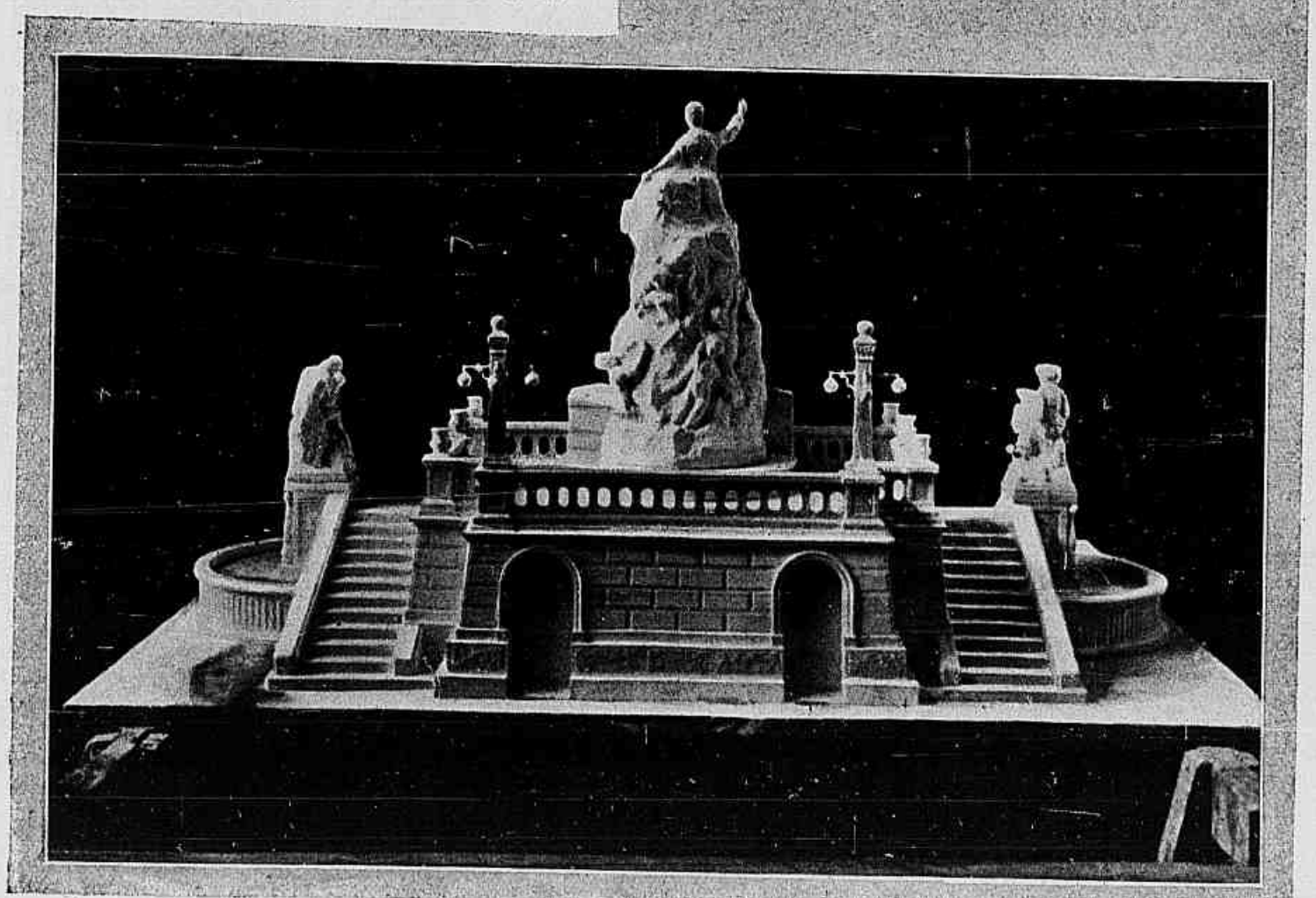
O termo da Avenida Paulista, á beira de risonho valle por onde flue, preguiçosamente, o Pacaembú, modesto contribuinte do magestoso Tieté, que lá ao longe, na campina sempre verde, rola as suas aguas de prata, apparecerá á vista deslumbrada do povo paulistano, no dia em que se fecha o primeiro seculo da nossa existencia independente, o monumento que o enthusiasmo dos moços academicos de S. Paulo resolveu consagrar á gloria de Bilac. A obra, pela sua belleza, é digna da cidade de que vae ser um dos mais impressionantes ornamentos e mais digna ainda da memoria do excelso poeta, cuja acção, como artista e patriota, foi cheia de brilho, formosura e benemerencia. Plasmou-a um esculptor de talento, W. Zadig, que, sueco de origem, reside, ha muitos annos, em S. Paulo, onde se alliou, pelo casamento, a distincta familia brasileira.

No topo de larga e alta escadaria ergue-se, abruptamente, escarpado rochedo, de onde brota o busto do poeta, naquella postura em que o vimos tantas vezes em vida, isto é, na postura de quem fala ás multidões. Mais abaixo, procurando galgar a rocha anfractuosa, destaca-se uma figura de mulher, symbolo da poesia, a qual estende para o poeta uma corôa de louros, emquanto que com a dextra vae escrevendo no rochedo a palavra "Patria", que recorda a mais absorvente, a mais elevada e terna preoccupação do grande vate.

No sopé da aspera eminencia, ha um grupo harmonioso de figuras, symbolisando o Brasil do presente e do futuro. Uma dellas representa um voluntario do Exercito, incarnado em bello typo de forte e viril corpulencia, o qual vem trazer a Bilac as oblatas dos seus companheiros, agradecendo ao poeta a venturosa campanha que elle iniciou em favor da regeneração militar do paiz. Outra figura, tambem energica, contempla, agradecidamente, o busto do admiravel tribuno. E' um operario, em blusa, de mangas arregaçadas, deixando ver os braços vigorosos e possantes, symbolo do Brasil laborioso e progressista, que teve em Bilac um dos seus mais altos representantes. Contrastando com esse typo de tão linda maturidade, avança a figura juvenil de um escoteiro como a obedecer, na sua marcha impetuosa e triumphante, as ordens de commando que do alto lhe transmitte o poeta. Adoça-se o quadro com uma effigie de mulher que, em joelhos, ante ramos e palmas accumuladas no chão, ampara uma creança que depõe flores ao pé do monumento. Exprimem essas imagens o agradecimento da mulher brasileira ao homem eminente que tanto se bateu pela educação da infancia, tendo sido um campeão infatigavel do ensino primario, da diffusão in-



A "MAQUETTE" VISTA DE FRENTE



O LADO DE TRAZ DA "MAQUETTE"



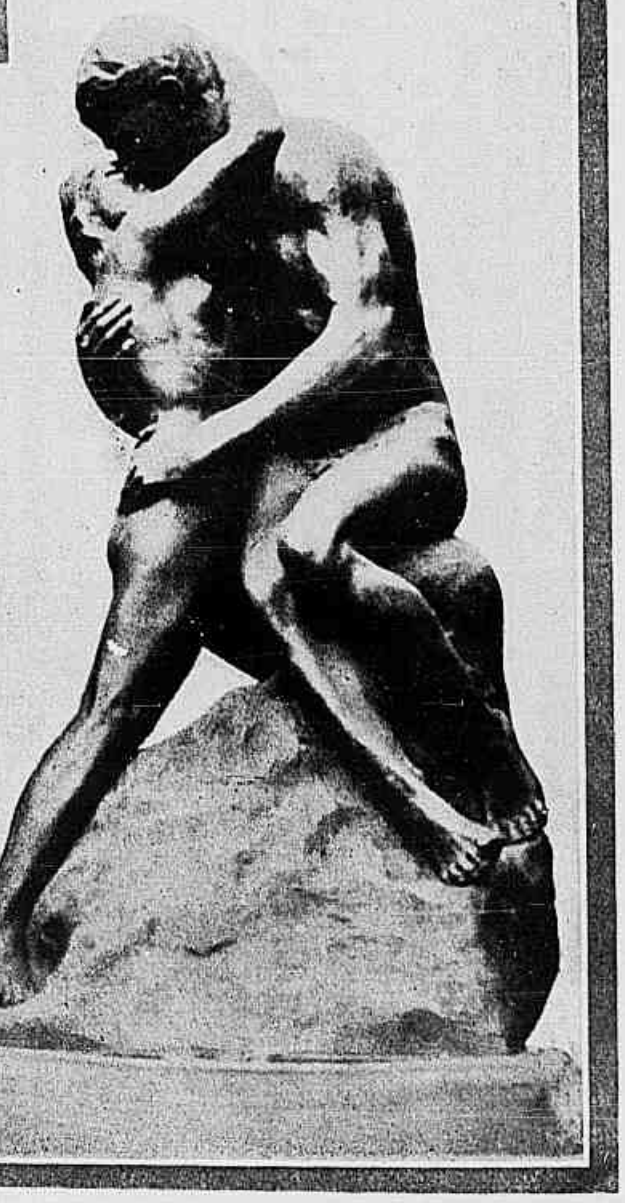
tensiva do alphabeto e dos bons principios de educação civica e moral em todos os recantos do territorio nacional. Mais abaixo, ao lado esquerdo, o venerando vulto de um homem pensativo absorve-se na leitura de um livro aberto sobre os seus joelhos: é o philosopho que se embevece no estudo e meditação de *Tarde,* a obra posthuma de Bilac. A serenidade, a profundeza dos versos parece que se transmitte ao imaginario leitor, porque toda a sua figura resumbra calma, tranquillidade, recolhimento.

Uma das paginas lyricas de mais intenso fulgor da obra poetica de Bilac é aquelle ardente *beijo eterno,* que o bardo reclamava para aplacamento do seu desejo infindo. Zadig concretisou num lindo grupo a idéa dessa composição. Um joven par, elle robusto e bello, ella formosa e fina, enlaça-se num beijo que parece durar *a vida inteira.* O transporte dos amantes é patente. Agitam-se elles numa vibração amorosa que commove e encanta. O *Caçador de Esmeraldas,* a mais empolgante pagina da moderna poesia épica brasileira, não podia deixar de apparecer numa obra destinada a perpetuar a memoria do seu extraordinario cantor. Lá está elle representado pelos vultos de dois antigos *bandeirantes,* vestidos de couro, armados de colubrinas,—um erecto, a sondar o horizonte com a vista ousada, affeita a varejar a escuridão das selvas, o outro curvado sobre o sólo, no minucioso exame de um blóco de pedra, onde se encravam as gemmas raras. Na face posterior da montanha agita-se em revoada uma multidão de seres femininos. E' a VIA LACTEA, desdobrando-se tumultuosamente, espaço em fóra, numa ancia indefinida e crescente, num fulgor indeciso e immenso, imagem desta inquietação universal, das almas, almas, symbolo surprehendente da constellação magnifica de sonetos que o poeta publicou sob aquelle nome suggestivo. E tal é, em rapido escorço, o monumento de Olavo Bilac. A concepção e execução da obra não podiam ser mais venturosas. Zadig provou uma vez mais que é um artista de talento, pois soube synthetisar maravilhosamente e exprimir com felicidade os traços principaes da carreira literaria e civica do grande vate. S. Paulo, que já tanto deve á acção intelligente e criteriosa do seu actual Prefeito, o eminente Sr. Dr. Firmiano Pinto, ficar-lhe-á a dever ainda o encanto que decorre do trabalho de Zadig. Pois é facto que o Sr. Dr. Firmiano Pinto procurou facilitar por todos os modos a erecção do monumento, offerenda magnifica do povo paulista á gloria do immortal poeta e patriota.









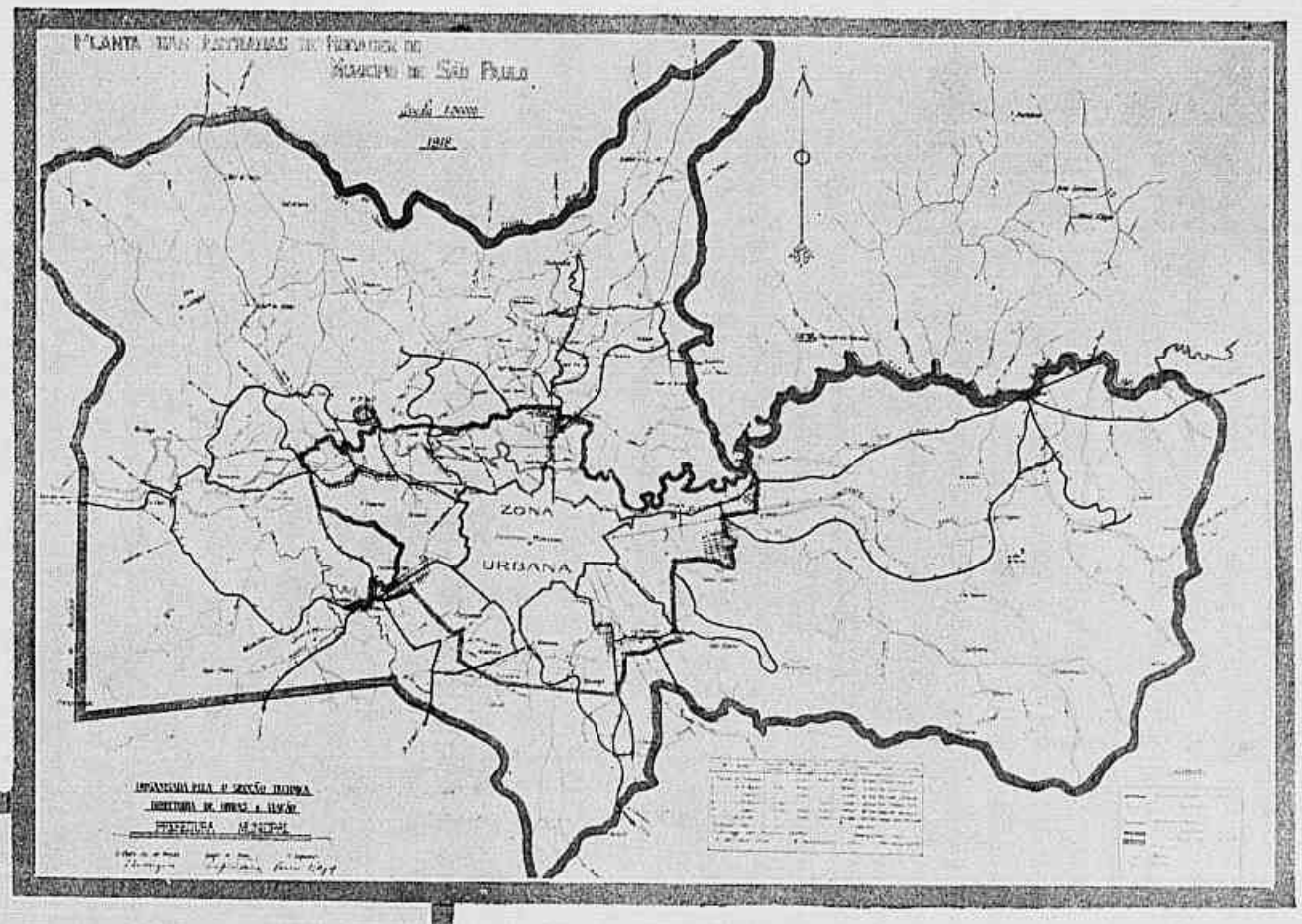
"DETALHES" DO MONUMENTO

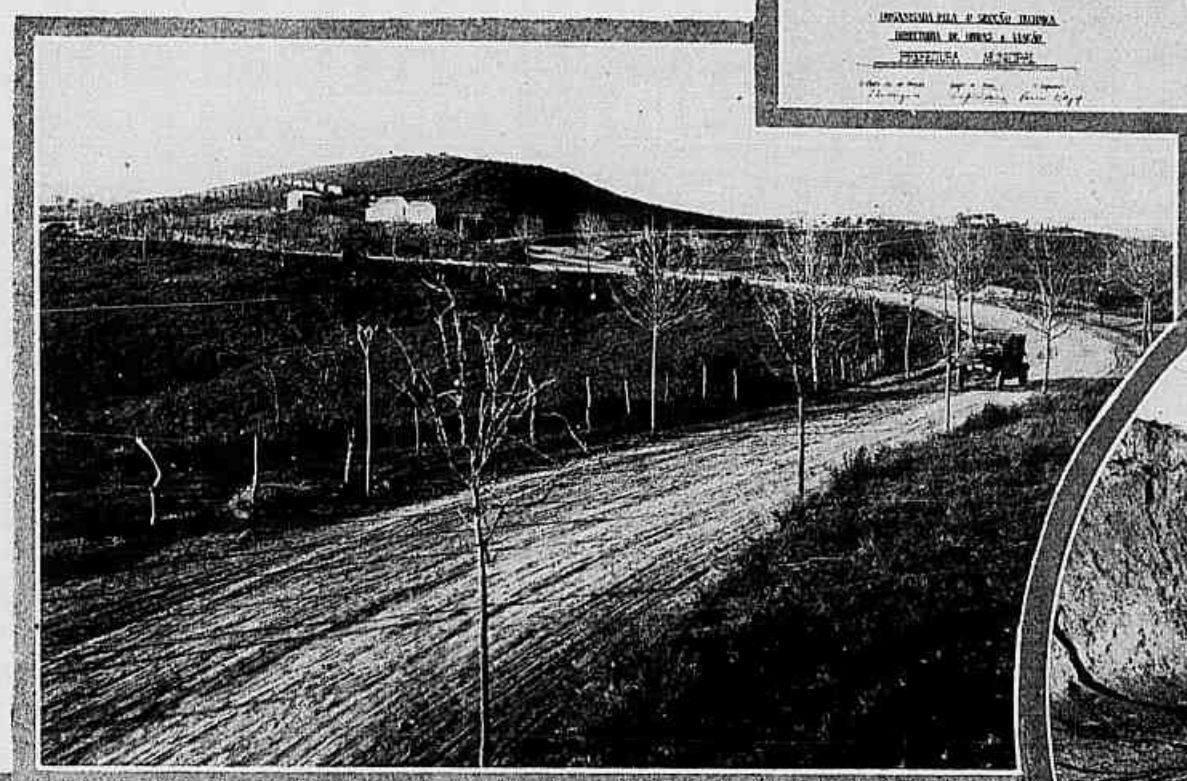
Estradas de Rodagem

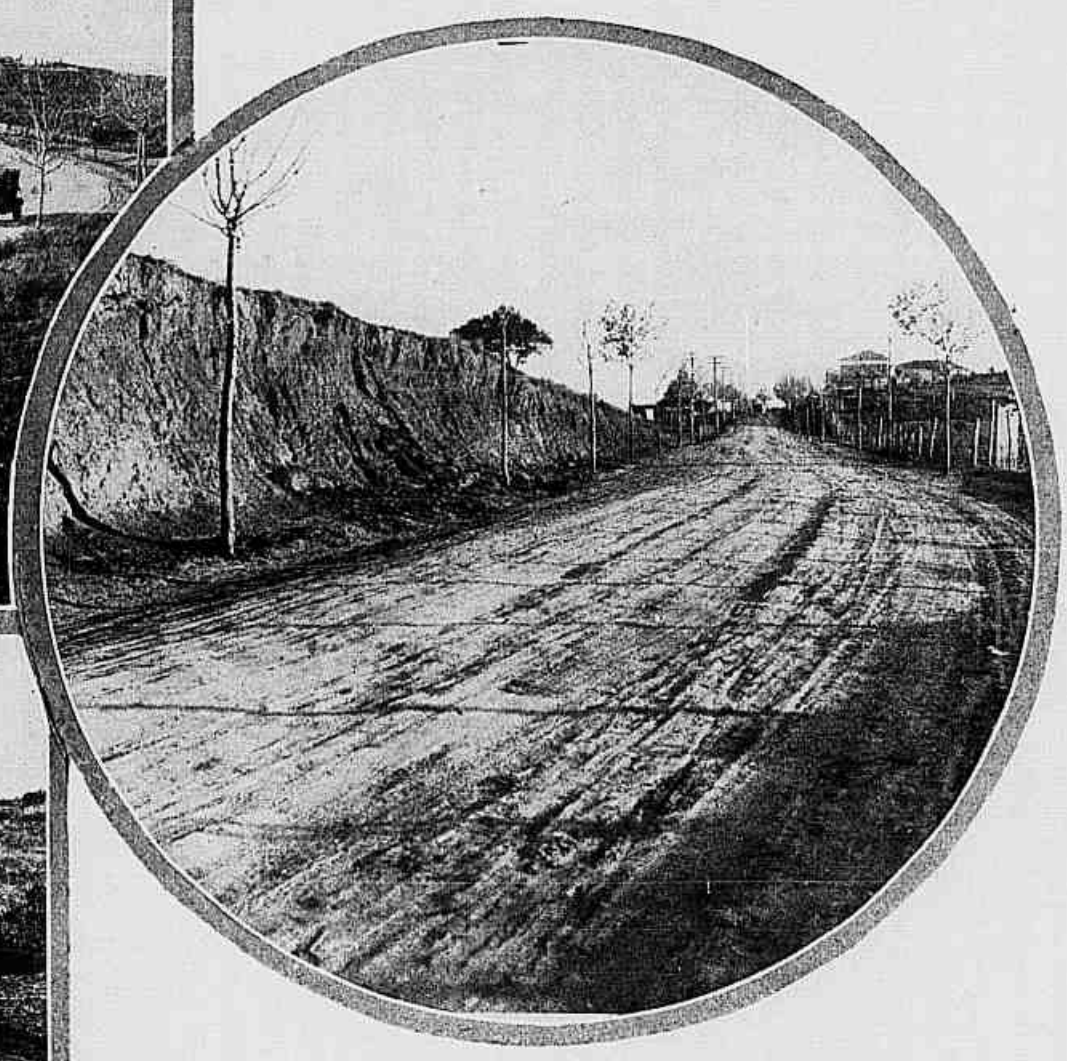
DESDE as mais remotas eras constituiram as questões de viação urbana e vicinal, importante preoccupação dos poderes municipaes paulistanos.

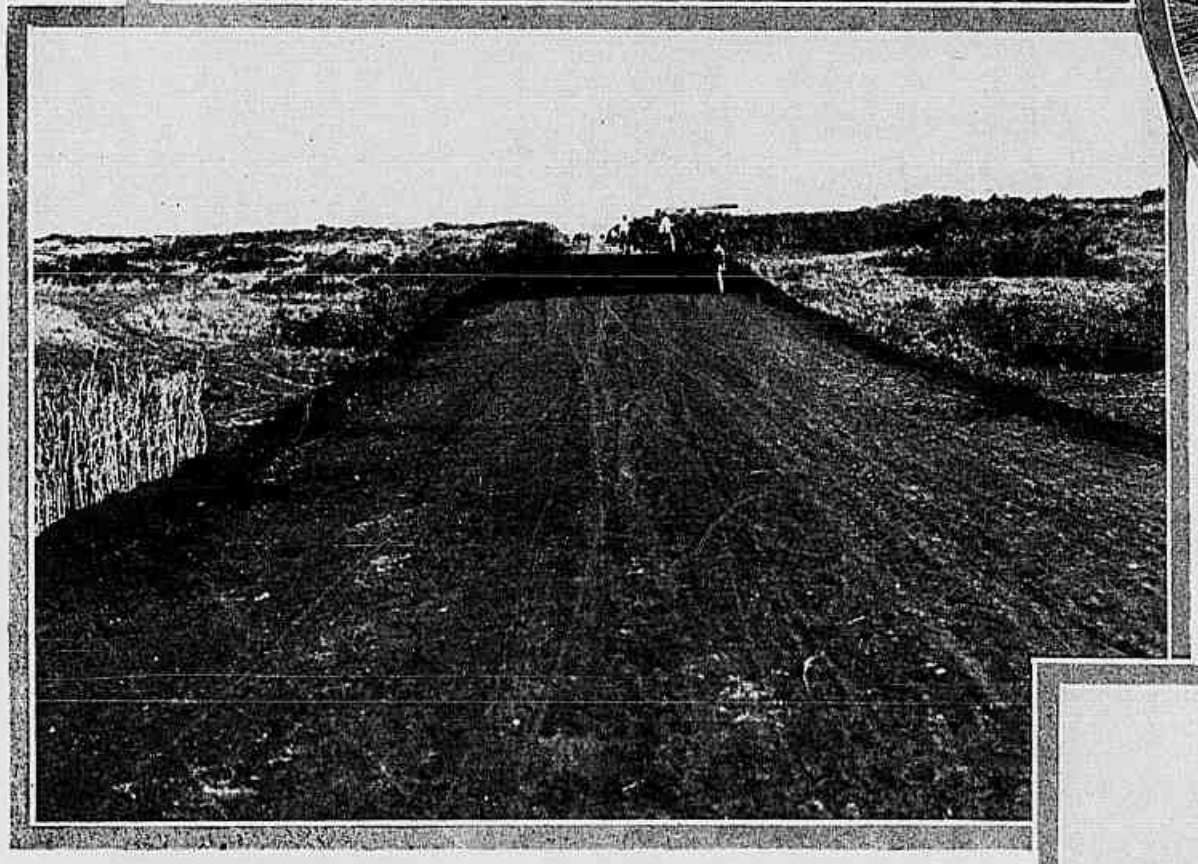
Os nossos intrepidos antepassados, lutando com as mais sérias difficuldades, jámais esmoreceram e levaram a termo grandes realisações para a época.

O primeiro constructor de estradas de rodagem em São Paulo foi Anchieta, chefiando uma turma de indios que, em 1553, rasgava uma estrada nova de São Vicente para o planalto de Piratininga. Por









ESTRADA DA CANTAREIRA, VENDO-SE O ENTRONCAMENTO COM A DE TUCURUVY. — OUTRO TRECHO DE MESMA ESTRADA. — ESTRADA SÃO PAULO - SÃO MIGUEL: MODIFICAÇÃO DE GRADE (VARIANTE DA PENHA). — PONTE SOBRE O TIETÉ, EM S. MIGUEL, MUNICIPIO DA CAPITAL).

ordem de Mem de Sá, durante muito tempo chamou-se tal estrada *Caminho do Padre José*.

Para dar uma idéa da alta conta em que tinham os Paulistanos a questão das estradas de rodagem ou caminhos, basta conhecer as medidas tomadas e a maneira como discutiam tal assumpto.

Diz Affonso Taunay, no *São Paulo nos primeiros annos*:

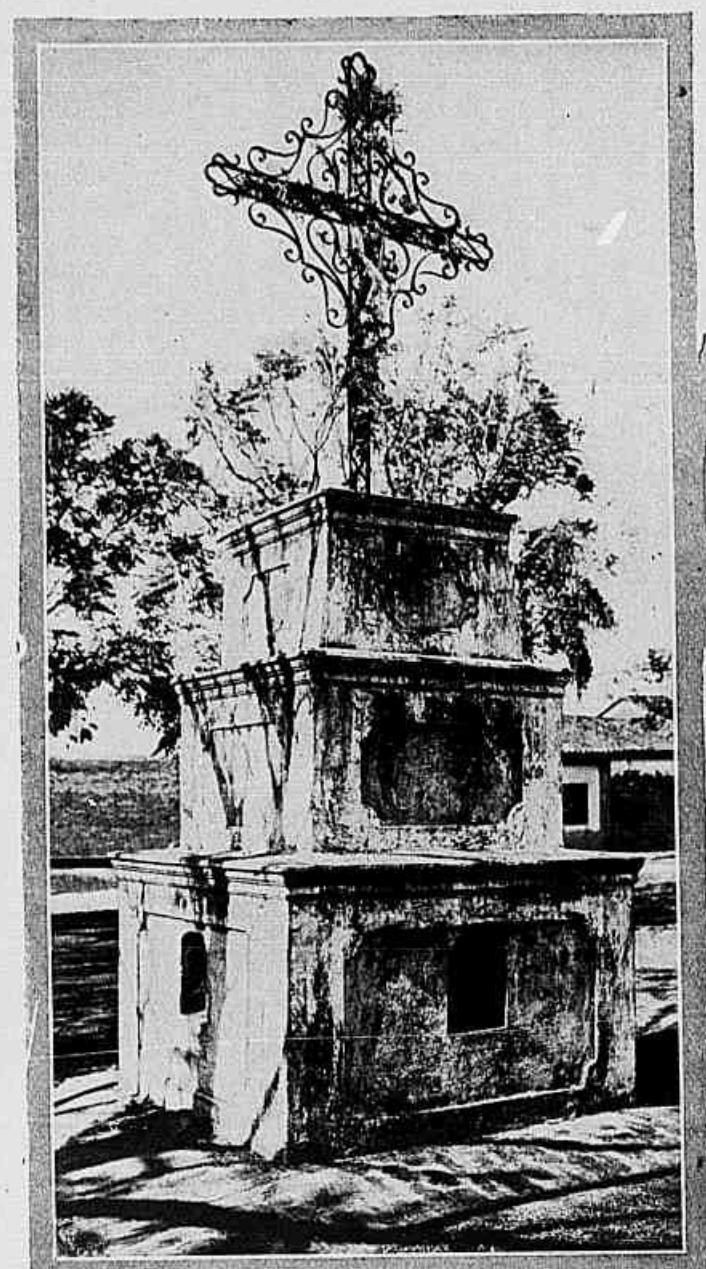
"Em 1597, desejando ir a S. Paulo, estudar a questão capital da mineração e da devasta dos sertões, escrevia Dom Francisco de Souza ás Camaras vicentinas, ordenando-lhes que tornassem transitavel o "Caminho do Mar".

Reunidos em ajuntamento Camara e povo de S. Paulo, a 19 de Outubro lia-se a carta de s. ex.:

Decidiu-se então "fazer-se dito caminho, pois era tanto proveito das villas da capitania."

Executadas fossem as obras "de mão commum", fazendo cada qual "o que lhe coubesse por sua repartição". Seria a estrada dividida "por braças, declarando os oradores estarem prestes a cumprir o que os senhores Officiaes por virtude de provisão fizessem."

Em março de 1598 renovava-se o ajuntamento para levar a bom termo as obras, decidindo-se que nessas se empregasse o "favor dos indios



SÃO MIGUEL: MAUSOLÉO EM-FRENTE DA VE-LHA IGREJINHA



A IGREJINHA DE SÃO MIGUEL

PORTA PRINCIPAL E NAVE DA IGREJA, VENDO-SE A PRIMITIVA INSCRIPÇÃO NA VERGA.



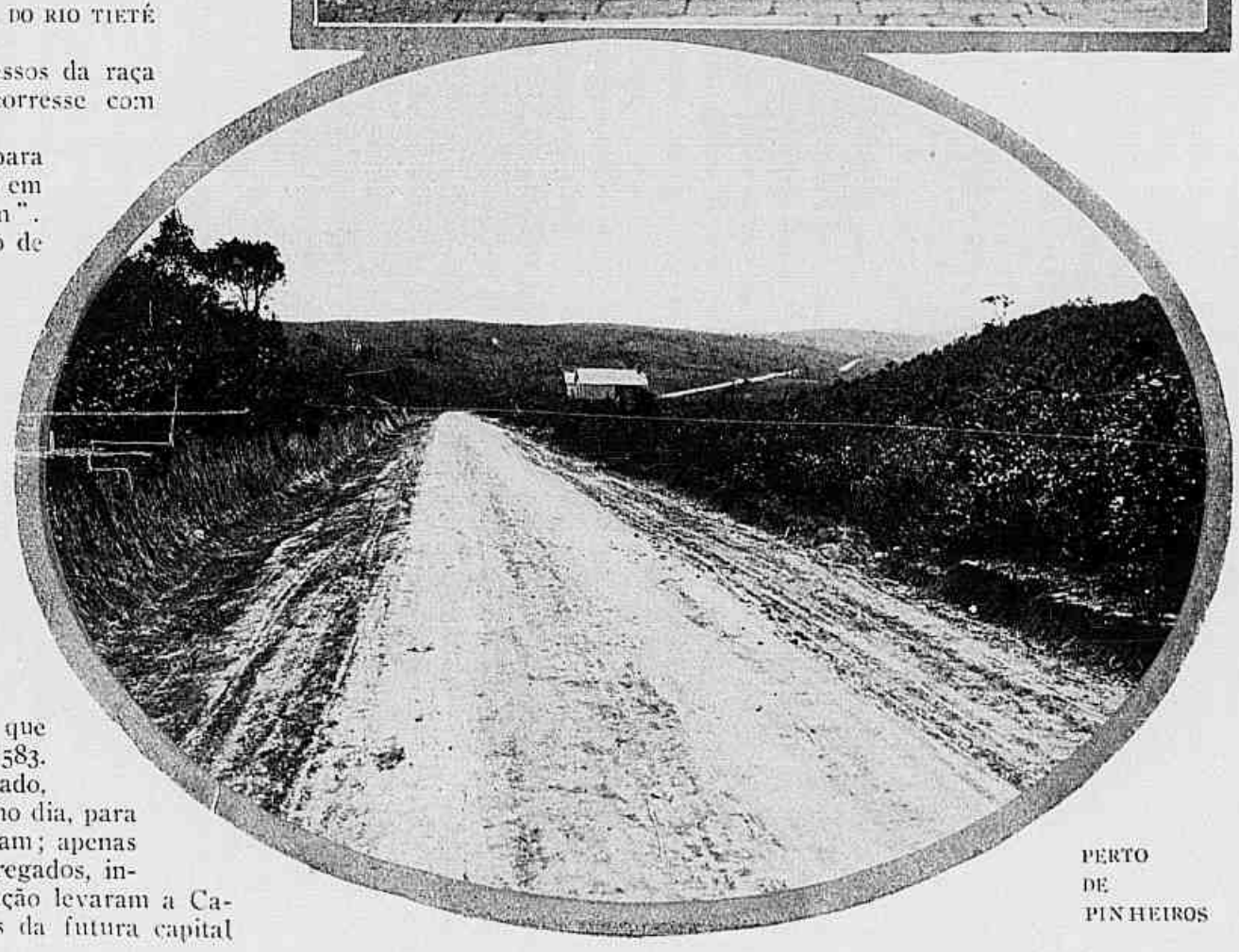
NA ESTRADA DE OSASCO: O SERVIÇO DE BALSAS PARA A TRAVESSIA DO RIO TIETÉ

christãos", o que ia admiravelmente de accordo com os processos da raça branca, entre parenthesis. Quem não tivesse escravos concorresse com "ajutorio e dinheiro e outras coisas para os indios".

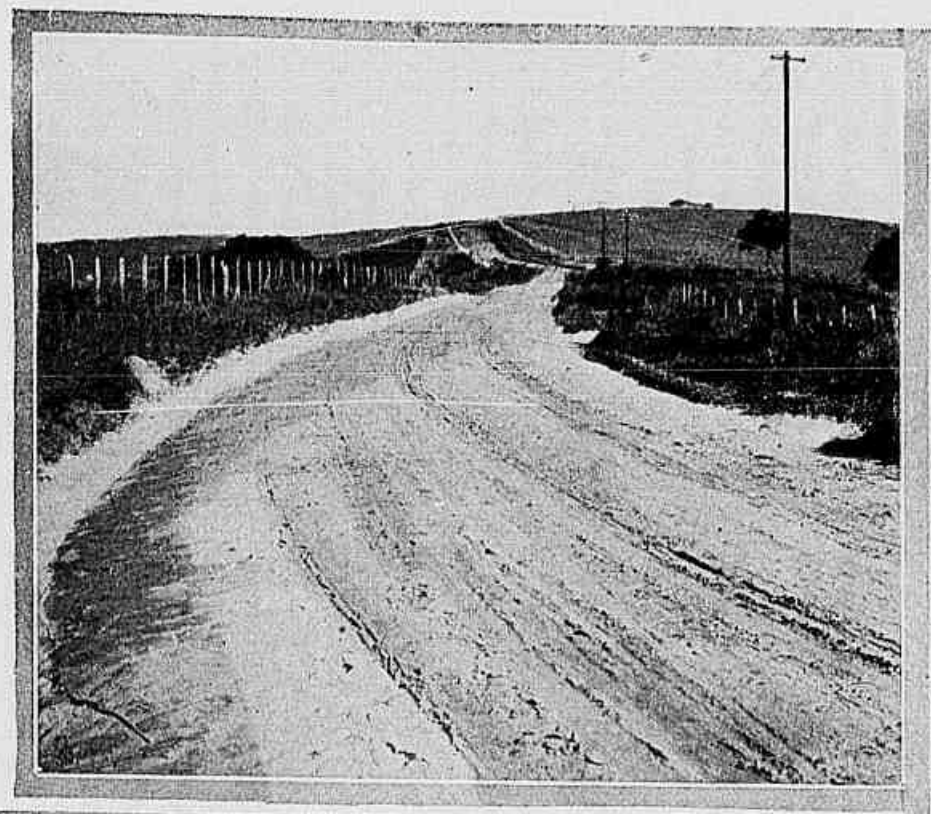
Rejeitou-se o alvitre de abertura de concorrencia publica para a execução das obras e decidiu-se que o serviço seria atacado em principios de Abril seguinte, pelo systema da "mão commum". Nesta mesma occasião, encarregou a Camara a Gaspar Colaço de "falar aos indios" requisitados para tal trabalho. A 14 de Novembro não chegára ainda o governador geral, reconhecendo a Municipalidade que alguns passos do "Caminho de Mar" estavam intransitaveis, o que aliás se explica perfeitamente: visto como jámais haviam sido feitos. Assim "se mandasse correr por cada morador que désse um escravo para isso, sob pena de multa de mil réis".

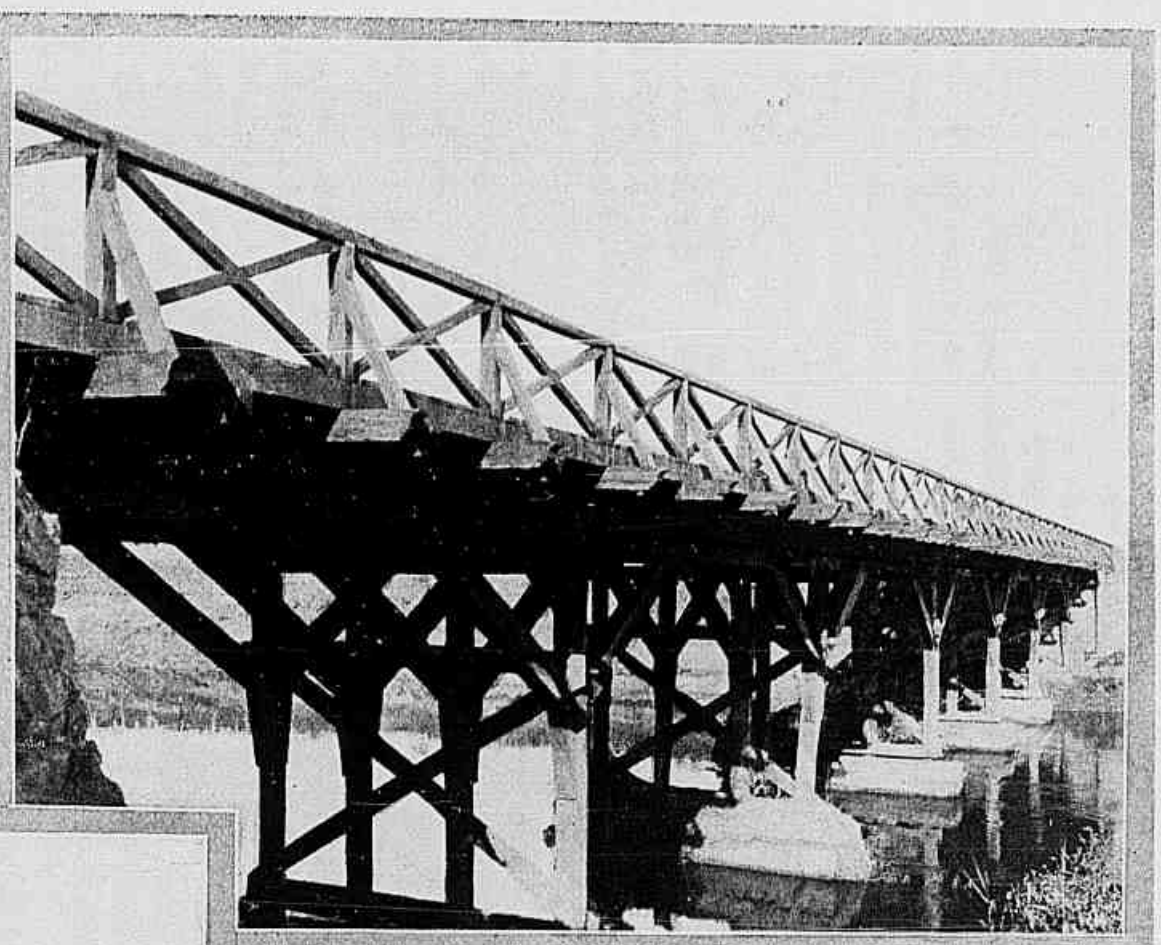
E' de suppor que embora melhorada continuasse a estrada a ser o que fôra; nem havia meio, com os recursos da época, de lhe darem uma feição carroçavel. O systema de requisição de serviços era então constantemente empregado para a conserva de caminhos e pontes. Em maio de 1579, lembrava o procurador Balthazar Gonçalves quanto havia necessidade de se fazerem "quaminhos e alimpar pontes". Fossem, portanto, intimados os moradores proprietarios de oito "peças", a fornecer duas, e dahi para baixo, uma para os serviços de utilidade publica. Cinco ou seis caminhos dos que a S. Paulo vinham ter estavam por fazer a 23 de Maio de 1583. Não era, aliás, trabalho de vulto o que reclamava o seu estado, pois dizia a Camara: "E' melhor que todas se façam no mesmo dia, para menor oppressão do povo." Vehiculos por elles não transitavam; apenas cavalleiros e pedestres; gado e comboios humanos, indios carregados, indo e vindo, de Santos ou para Santos. Estas questões de viação levaram a Camara a fazer então, á mais antiga discriminação dos bairros da futura capital



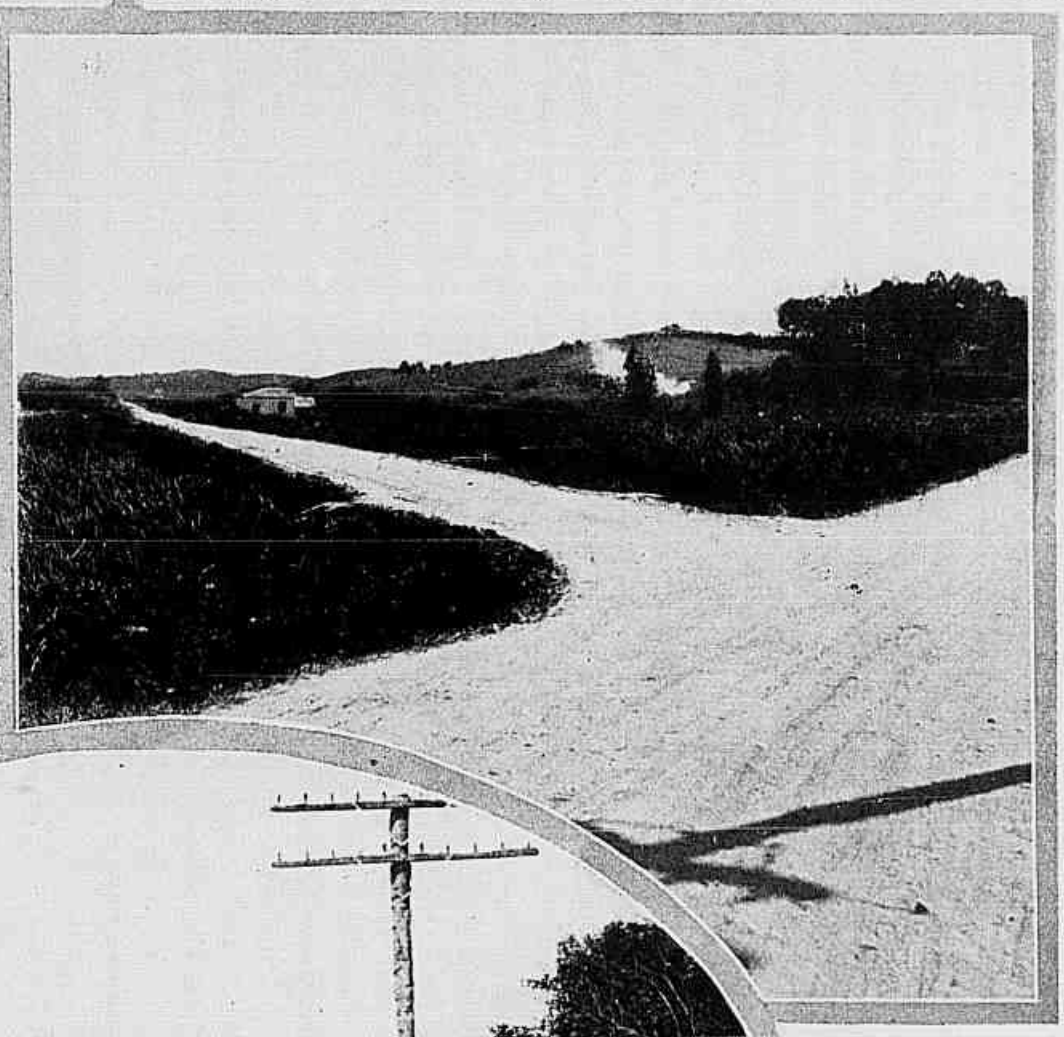


PERTO DE PINHEIROS







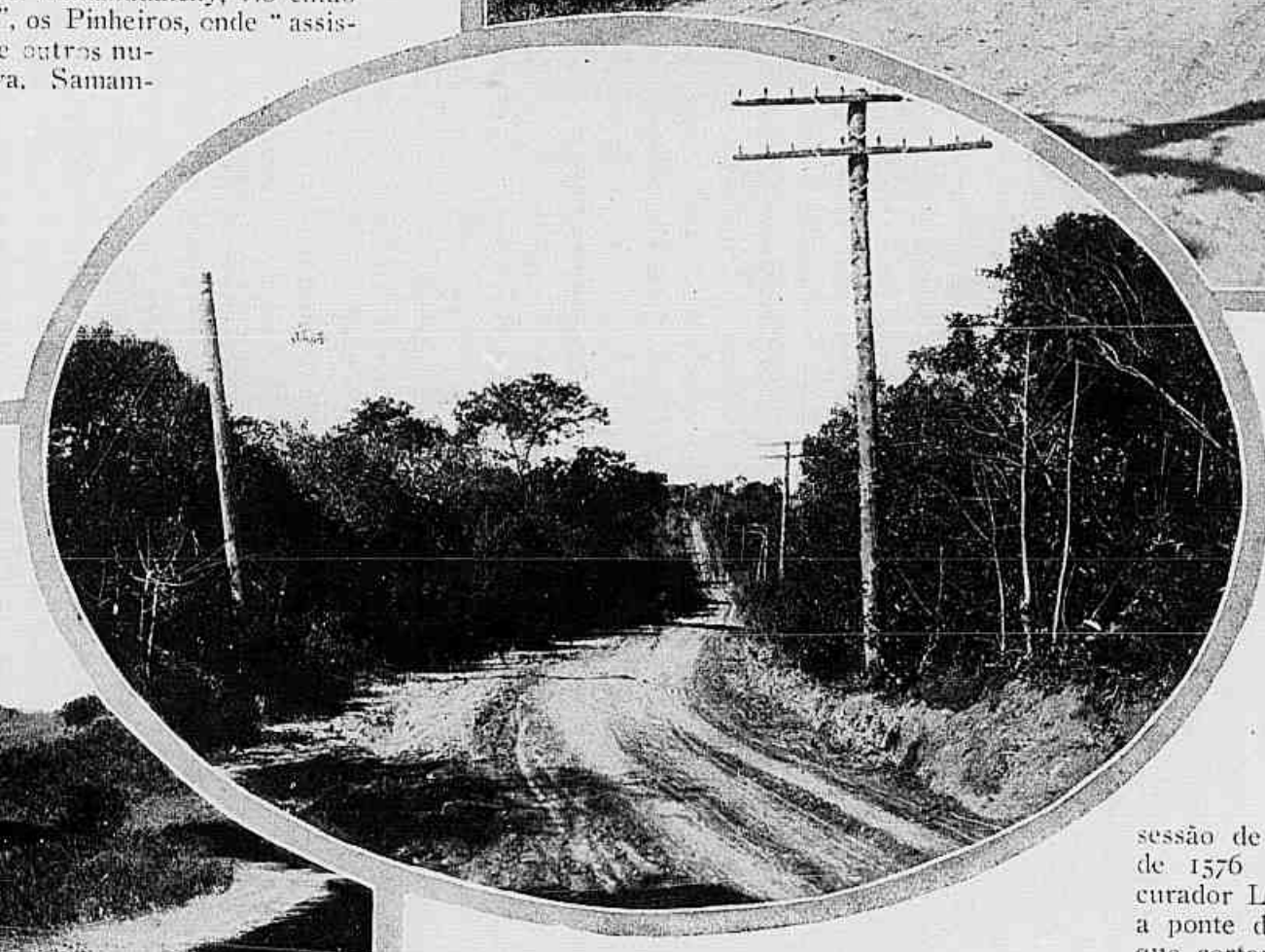


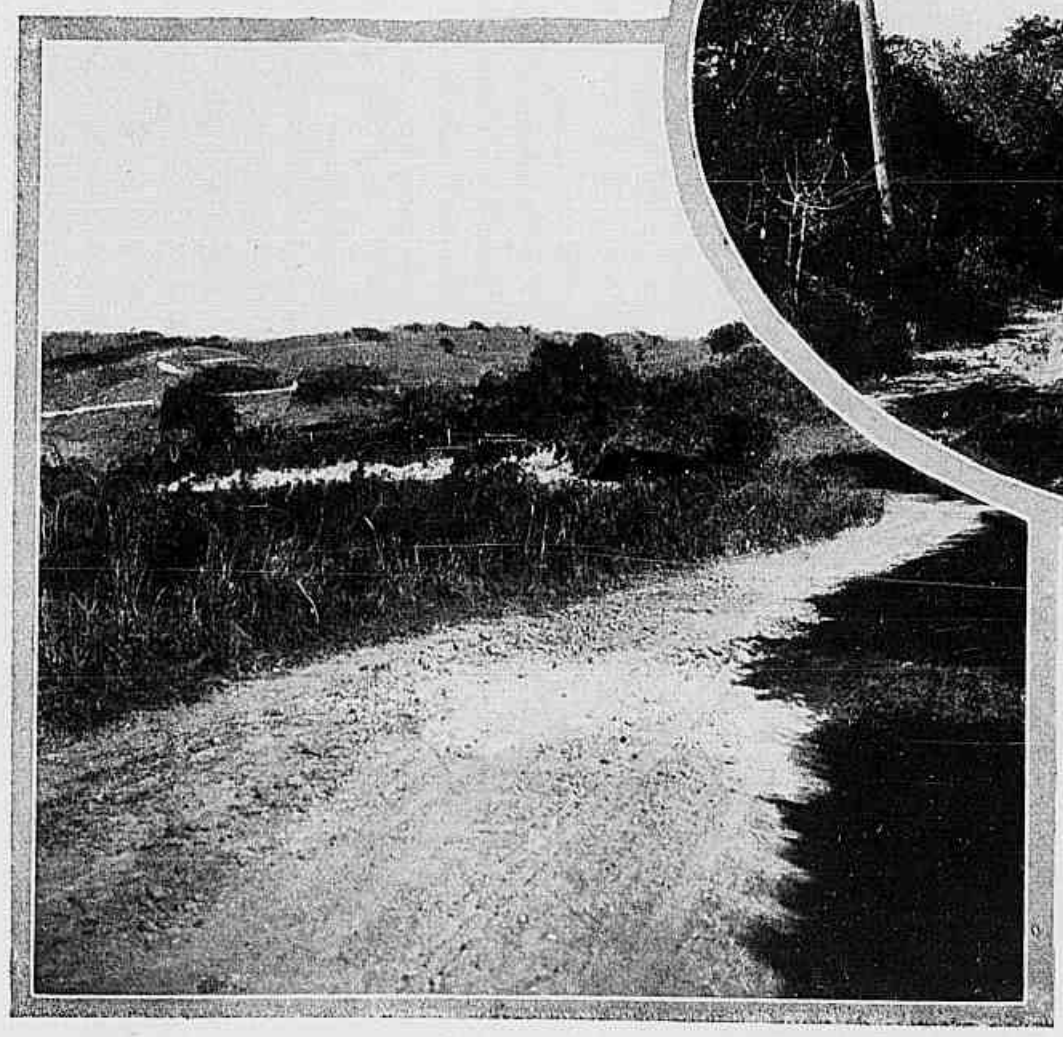
do sul: o "Hipirangua", cujos principaes moradores eram Antonio Proença e Domingos Luiz, o Carvoeiro, a "Ponte grãde da Tabatinguera", o que indica ser construida esta passagem sobre o Tamanduatehy, rio então muito mais volumoso que hoje, a "Birapoheira", os Pinheiros, onde "assistia o creso da época Affonso Sardinha, além de outros nucleos importantes como Pequery, Ambuaçava, Samambaitiba."

. . . . . .

"As toscas pontes lançadas sobre os ribeirões e os rios obrigavam a Camara e os moradores a continuos reparos, sobretudo a "Ponte Grande", cujo acabamento, dada a deficiencia de meios, parece ter custado não pequenos esforços."

Mais adeante, diz o mesmo escriptor: "Na





TRECHO DA ESTRADA A OSASCO. — PONTE DO ANASTACIO SOBRE O TIETÉ, EM OSASCO. — ESTRADA OSASCO - PIRITUBA. — EM BUTANTAN: ENTRONCAMENTO DA ESTRADA A OSASCO. — OUTROS TRECHOS.

sessão de 22 de Setembro de 1576 noticiava o procurador Lourenço Vaz que a ponte do Tamanduatehy, que cortava o rio, na varzea, estava para cahir. Mandassem suas mercês concertal-as.". Essa citação quue acabamos de fazer, bem mostra o espirito progressista dos habitantes da primitiva aldeola quinhentista. Se em tal época tomavam taes medidas, quaes não deveriam, pois, ser as providencias actuaes para conservação das estradas de rodagem existentes, para a restauração das velhas e para a construcção de novas, nesta São Paulo febricitante de progresso, cheia de vida e de movimento?

A resposta é facil: teriam de ser providencias sabias, grandes e decisivas.

Washington Luis o disse bem: "As gerações do presente não pódem desmerecer das do passado." E assim é, e assim será.

O Dr. Firmiano Pinto tem dispensado grande attenção para esse problema da administração municipal e, efficazmente auxiliado pela 4ª secção da Directoria de Obras da Prefeitura, resolveu plenamente a questão das vias de communicação suburbana e vicinal, dotando o municipio de optimas, uteis e bellissimas estradas de rodagem.

Sob a direcção technica dos engenheiros Lucio Rodrigues, Cassio Vidigal e Henrique Léfévre, as estradas de rodagem no municipio de São Paulo constituem uma das mais dignas realisações materiaes em beneficio da cidade, enriquecendo o seu patrimonio, e em favor do bem estar da collectividade, honrando a raça.

Nada mais opportuno do que a transcripção do topico da mensagem do Dr. Firmiano Pinto, prefeito, apresentada este anno, á Camara Municipal :

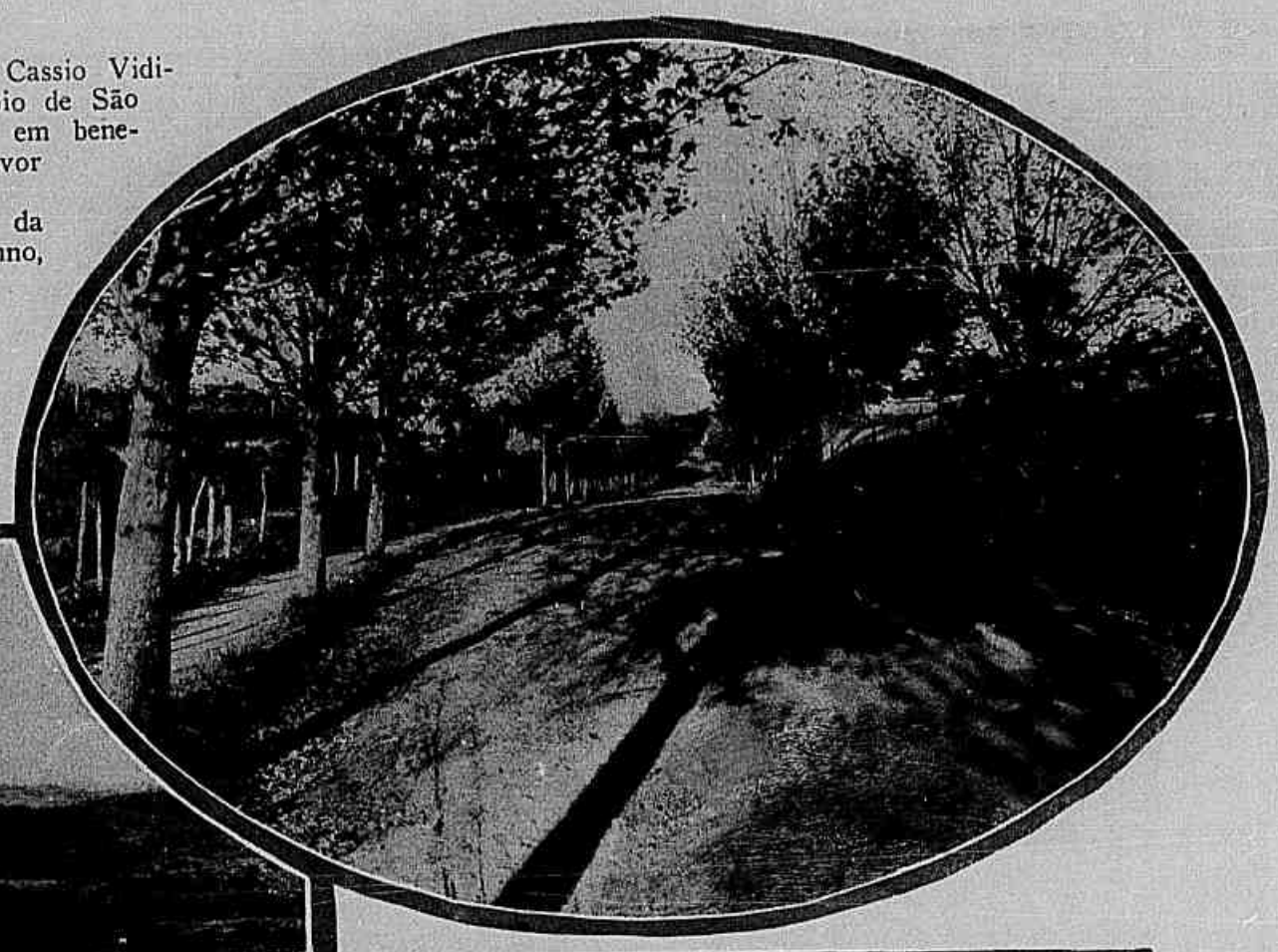
ESTRADAS DE RODAGEM

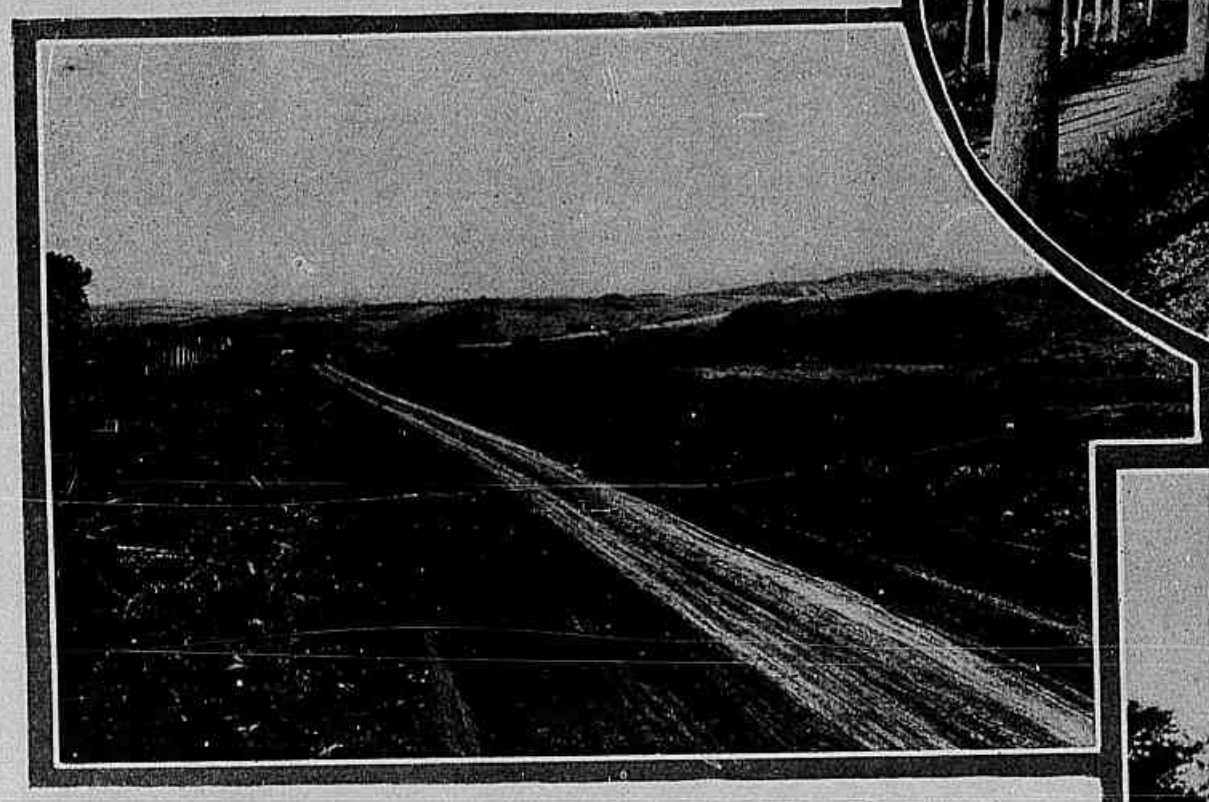
"O municipio possue, actualmente, estradas de rodagem, "numa extensão de 385.700 metros, que se acham em bom "estado de conservação.

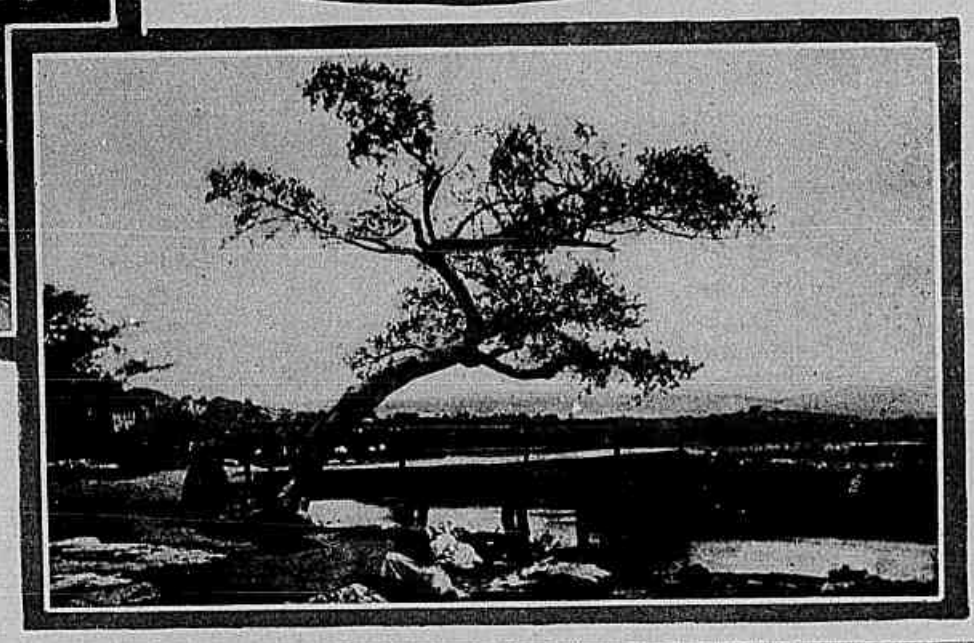
"São ellas denominadas por numeros e os seus lei- "tos são de diversas especies. Assim, temos as estradas nu- "meros 1, 2 , 3, 4, 5 e 6.

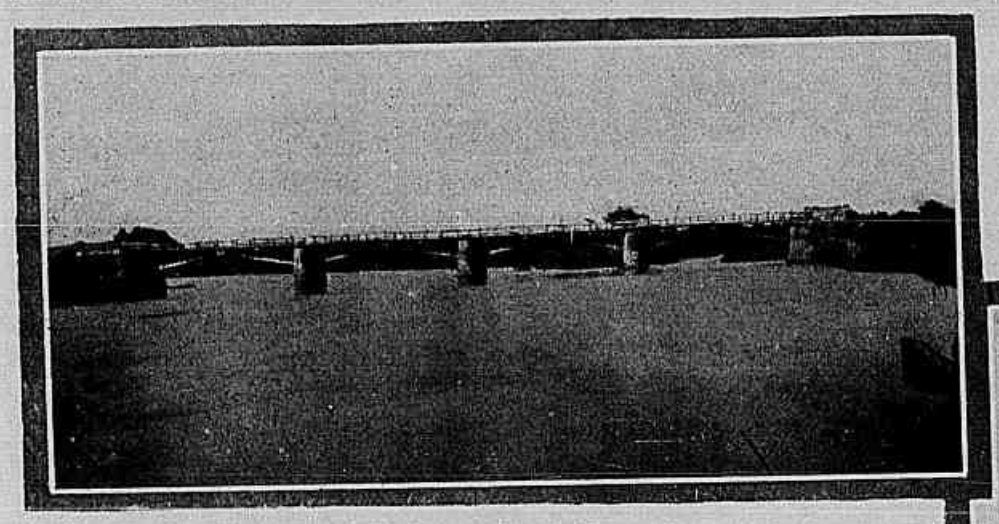
"A de numero 1 tem um percurso de 68.800 metros, "sendo 1.400 de parallelepipedos, 4.700 de macadam, 3.500 "de pedregulho e 59.200 de terra.

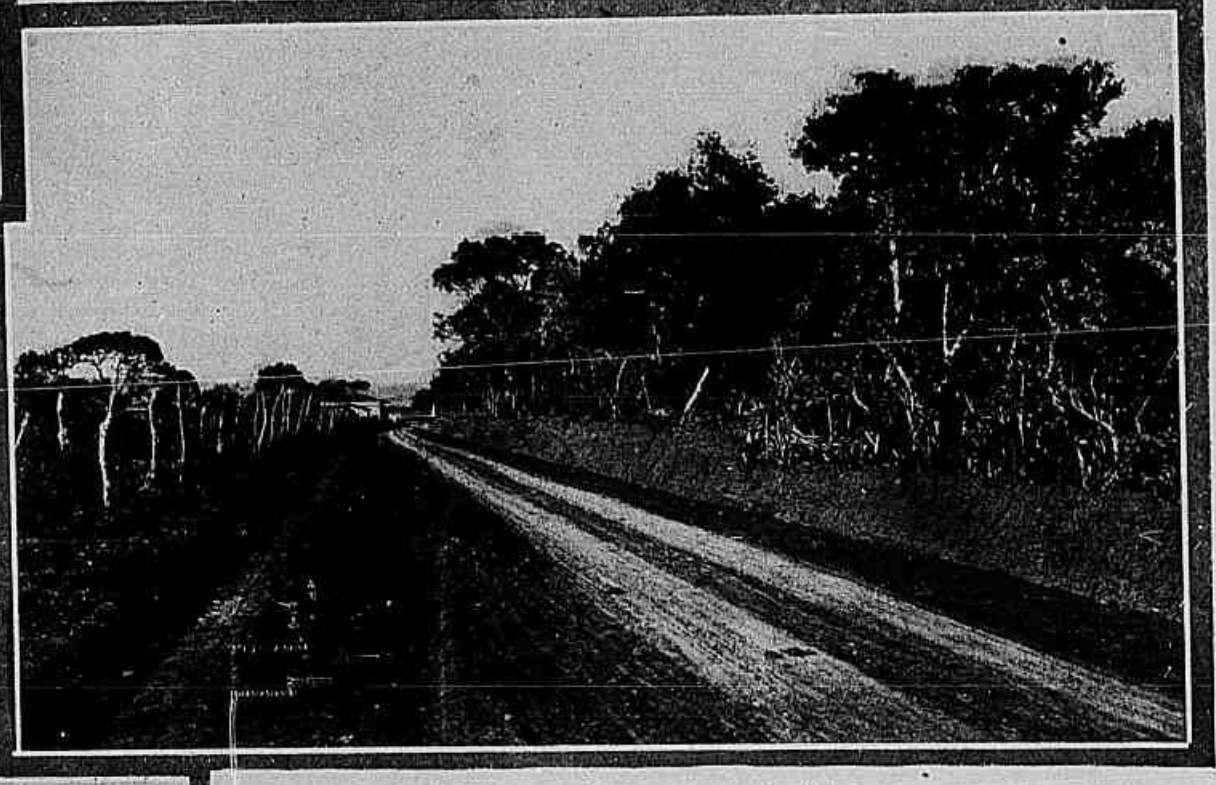
"A de numero 2, com a extensão de 80.000 me- "tros, tem 1.500 de parallelepipedos, 4.500 de macadam, "3.000 de pedregulho e 71.000 de terra.











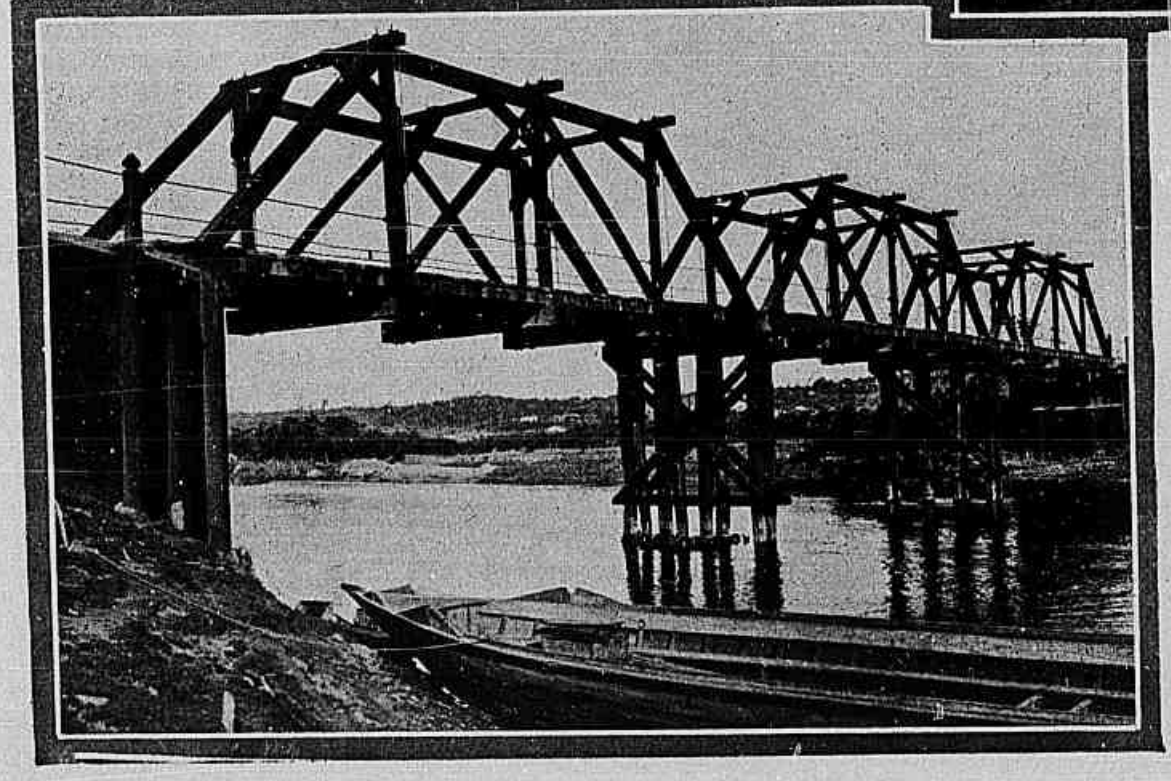
"A de numero 3, cujo trajecto é de 76.000 metros, tem 7.000 de "macadam e 69.000 de terra.

"A de numero 4, com 14.400 metros tem 1.300 de paral- "lelepipedos, 1.000 de macadam, 3.000 de pedregulho e 9.100 de "terra.

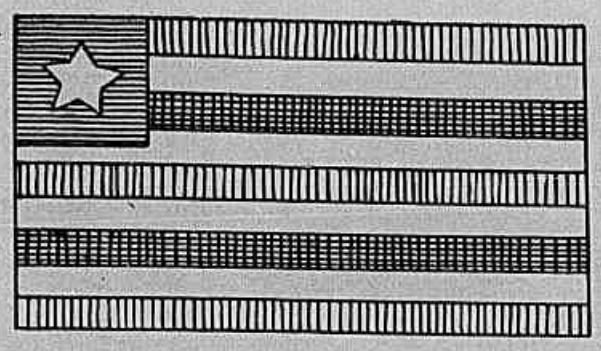
"A de numero 5, que percorre 30.700 metros, tem 1.600 "de parallelepipedos, 5.600 de macadam, 5.500 de pedregulho e "18.000 de terra.

"Finalmente a de n. 6, a maior de todas, pois tem ella "115.800 metros, com 6.000 de macadam, 6.000 de pedregulho e "104.800 de terra.

"Foram construidas duas pontes, ambas sobre o rio Tieté, "tendo custado a da Lapa 105:672$625, e a do bairro do Limão, "25:596$260."



TRECHO PITTORESCO DA ESTRADA SÃO PAULO-TREMEMBÉ. — ESTRADA SÃO PAULO-SÃO MIGUEL: TRECHO PROXIMO Á PRIMEIRA ALDEIA. — 1862. PONTE SOBRE O RIO TAMANDUATEHY, NA VARZEA DO CARMO. — 1887. PONTE GRANDE SOBRE O TIETÉ. — ESTRADA DE SÃO MIGUEL. — PONTE SOBRE O TIETÉ, DIVISA DOS MUNICIPIOS DA CAPITAL E GUARULHOS.



ESTADO DO MARANHÃO

QUANDO attingir a população maranhense, actualmente computada em 874.537 habitantes, um numero razoavelmente proporcional aos 96.000 kilometros quadrados do seu territorio, este será inquestionavelmente, uma das mais ricas zonas do paiz.

Preparam-lhe um largo futuro todas as condições naturaes. Innumeros rios, muitos dos quaes francamente navegaveis, cortam-n'o em direcções diversas. Ao longo da sua costa recortam-se numerosas bahias e ancoradouros. O clima, mais quente no littoral baixo, do que no sertão elevado, é ali amenizado pelas brisas marinhas.

Os invernos, de chuvas abundantes, fazem-n'o desconhecer quasi por completo as seccas do Nordeste. O sólo, de uma uberdade immensa divide-se em terras proprias para culturas variadas e campos apropriados á criação.

Cobrem-no florestas densas, e palmeiraes extensissimos. Ha ouro, cobre e shysto em abundancia, conforme verificações recentes.

Adensada a população e levadas a effeito medidas várias, umas ainda em projecto, outras já iniciadas, — e o Maranhão será um dos mais prosperos Estados da Federação.

Vejamos o que se tem feito e o que é preciso fazer.

Terra de gloriosas tradições mentaes, tão ricas que lhe conquistaram, sem favor, o cognome de Athenas Brasileira, justo é que principiemos pelo que ali se ha feito em pról da cultura do espirito. No Maranhão ha : uma faculdade de direito, uma escola de pharmacia, uma escola de bellas-artes, um lyceu, um curso de normalistas, uma escola-typo de ensino primario (a Escola Modelo Benedicto Leite), uma escola de aprendizes artifices, um aprendizado agricola, varios grupos escolares, e grande numero de escolas primarias isoladas e de institutos de ensino secundario, mantidos pelo Estado, pelos municipios e por particulares. Além da Bibliotheca Publica de S. Luiz ha, no interior do Estado, algumas pequenas bibliothecas, fundadas por municipios umas e por particulares outras. Conta tambem o Maranhão algumas associações de letras, das quaes a mais representativa é a Academia Maranhense, composta dos melhores elementos intellectuaes do Estado.

Para a riqueza publica a fonte que mais concorre é a agricultura. E os dois productos que mais a avolumam são o babassú e o algodão.

Aquelle, nativo, exporta-se em larga escala para o estrangeiro. Aproveitam-lhe a amendoa na fabricação de oleos, sabão, queijos, etc.

A casca é um optimo combustivel. O trabalho da extracção da amendoa, relativamente penoso



SR. DR. RAUL MACHADO, GOVERNADOR INTERINO DO ESTADO DO MARANHÃO.

muito minorado fica com a utilização da machina para isso apropriada e do invento do engenheiro Britto Passos. A colheita é facilima : basta apanhar os côcos no sólo, onde cahem dos grandes cachos, dada que seja a maturação. Chega a ser inacreditavel a quantidade de palmeiras babassú que ha no Maranhão e que resistem a tudo, ao fogo inclusive.



ESTATUA DE BENEDICTO LEITE, NA PRAÇA QUE TEM O NOME DESSE ESTADISTA, EM SÃO LUIZ DO MARANHÃO.

Não é de hoje que o algodão maranhense gosa de largo renome, pela extensão, alvura e resistencia da sua fibra. Cultiva-o a maioria dos municipios. Combatendo a rotina, funccionam uma inspectoria federal de algodão e um campo de demonstração de cultura, destinados á distribuição de sementes selleccionadas e immunisadas, á ministração do ensino de moderna cultura, etc.

Além disso, montou o Estado um serviço de prensagem aperfeiçoada para a feitura, verdadeiramente modelo, de fardos pequenos e de grande pêso, creando ainda uma sobre taxa para os algodões sujos.

O algodão maranhense é em parte exportado e em parte utilisado pelas nove fabricas de fiação e tecidos de algodão que ha no Estado.

Cultivam-se tambem a canna de assucar, a mandioca, o milho, o feijão, o gergelim, a mamona, etc.

A industria pastoril tende á melhora e ao desenvolvimento.

Fez-se ha pouco o recenseamento pecuario do Estado, que deu o resultado seguinte :

Bovinos..	1.018.618
Equinos	296.401
Asininos e muares	102.022
Suinos	712.588
Ovinos	155.790
Caprinos	393.201

Fundou e mantém o Estado o Posto de Selecção Luiz Pereira Barretto, destinado ao seleccionamento das raças nacionaes *caracú* e *junqueiro* ou *franqueiro* e á creação de um typo novo, o *caracú maranhense*, lanranja-branco.

Não é pequeno o commercio do Maranhão, como revelam os seguintes dados officiaes, relativos ao anno de 1920 :

Commercio interno — 814.555 vols., pesando 118.473.326 kilogrs., no valor de 20.885:220$638.

Importação inter-estadoal — 165.807 vols., pesando 9.369.133 kilogrs., no valor de 25.570:101$098.

Exportação inter-estadual — 139.212 vols., pesando 9.286.726 kilogrs., no valor de 14.316:185$439.

Importação inter-nacional (apenas um semestre) 91.990 vols., pesando 147.072 kilogrs., no valor de 2.188:528$776.

Exportação inter-nacional (o anno inteiro) — 317.480 vols., pesando 7.547.334 kilogrs., no valor de 3.095:377$850.

Faz-se o commercio maranhense por tres vias: maritima, fluvial e terrestre.

Navegam nas costas maranhenses, além dos paquetes do Lloyd Brasileiro, que servem, no Estado os portos de S. Luiz e Tutoya, varios outros, pertencentes a companhias e emprezas tanto nacionaes como estrangeiras. Innumeras embarcações a vela fazem a pequena cabotagem. Nos rios, trafegam os pequenos vapores de duas companhias locaes, lanchas e embarcações a vela e de reboque.

Conta o Estado uma importante via ferrea, de propriedade da União: a E. de F. de S. Luiz a Therezina, com mais de 400 kilometros de linha. Tem antigas estradas, que o governo procura augmentar e melhorar.



CONGRESSO DO MARANHÃO E BIBLIOTHECA PUBLICA — SÃO LUIZ.

Varios outros serviços estão, uns em projecto, outros em realização. Está o governo do Estado particularmente empenhado em fazer as obras do porto de S. Luiz, cuja construcção contractou com o Governo Federal. Empenha-se, além disso, em concluir na Capital a construcção dos esgotos e reformar por completo o serviço de aguas, que exige radical e immediata remodelação. Este serviço completará os de hygiene, já iniciados com optimos elementos: prophylaxia rural, filial do Instituto Oswaldo Cruz, hospitaes, raio X, exames chimicos e microscopicos, preparo de vaccinas de toda especie, etc.

Empenha-se igualmente o governo municipal de S. Luiz em completar o serviço de electrificação da cidade, substituindo os bonds de tracção animal e ampliando a illuminação particular, que em grande parte já é electrica, como a publica.

Soffreu, ha poucos mezes, o Maranhão uma perda irreparavel com o fallecimento do egregio maranhense Dr. Urbano Santos.



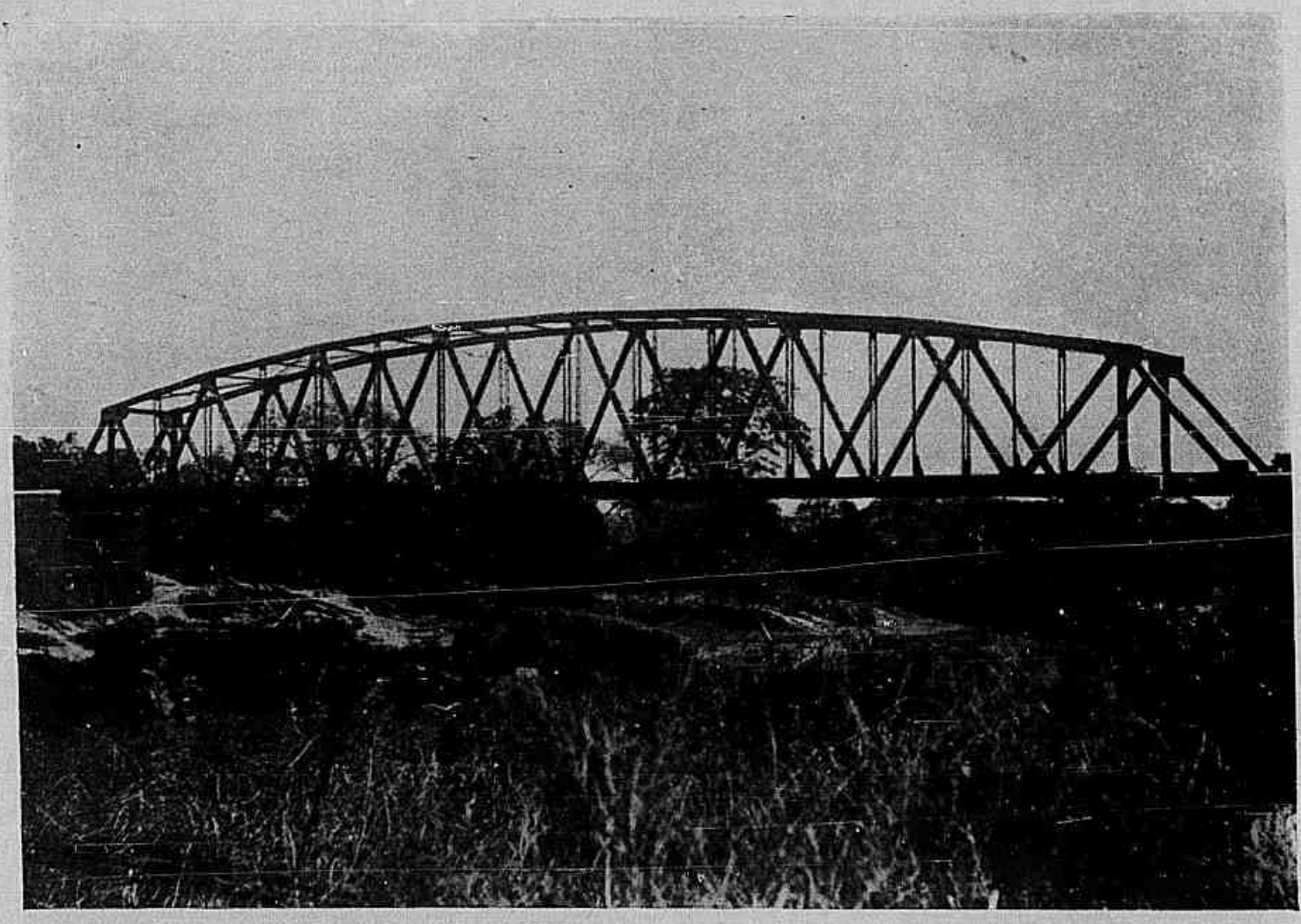
PRAÇA GONÇALVES DIAS, NA CAPITAL MARANHENSE

Tendo substituido na suprema chefia da politica maranhense o illustre e pranteado estadista Dr. Benedicto Leite, enveredou o Dr. Urbano Santos pelo mesmo caminho digno do seu inolvidavel antecessor, trabalhando, até ao sacrificio da propria existencia, pelo progresso da sua terra.

Não se póde dizer algo do engrandecimento do Maranhão sem relembrar os nomes desses dois notaveis brasileiros, que por elle abnegada e infatigavelmente se esforçaram.

Felizmente o Maranhão ainda tem filhos dos quaes muito póde esperar. Avulta, entre os mais distinctos, o nome do actual Presidente do Estado, Dr. Godofredo Vianna, jurista de renome, republicano sincero, politico de visão larga, cidadão honradissimo, homem que pela posse de multiplas e raras qualidades de espirito e de caracter, tem deante de si um largo futuro e abrirá, de certo, um risonho porvir para o Maranhão.

Está, entretanto, á testa da administração publica um homem, cujo passado e cujas qualidades de coração, muito o recommendam: — o Dr. Raul Machado, que não tem poupado nenhum sacrificio para, mesmo na interidade do elevado posto, deixar um traço inapagavel da sua passagem pelo governo. A direcção dos municipios, confiada aos cidadãos de maior realce local, obedece invariavelmente ás normas republicanas do Estado, embora alguns haja em luta com as difficuldades decorrentes das poucas rendas arrecadadas, dado que tambem no Maranhão os impostos são insignificantes em relação a outros Estados.



PONTE DE SETENTA METROS DE VÃO, SOBRE O RIO ITAPICURU', DA ESTRADA DE FERRO SÃO LUIZ A THEREZINA — A EXTENSÃO DA ESTRADA E' DE 450 KILOMETROS, LIGANDO A CAPITAL DO MARANHÃO A' DO PIAUHY, INTEIRAMENTE CONCLUIDA E EM TRAFEGO, FALTANDO APENAS TERMINAR A CONSTRUCÇÃO, JA' INICIADA, DAS DUAS PONTES, UMA SOBRE O CANAL DOS MOSQUITOS, DENOMINADA "BENEDICTO LEITE", LIGANDO A ILHA DE SÃO LUIZ AO CONTINENTE, E OUTRA SOBRE O RIO PARNAHYBA, CHAMADA "EPITACIO PESSÔA", COMMUNICANDO A VILLA MARANHENSE FLORES COM A CIDADE FRONTEIRA, THEREZINA, CAPITAL DO PIAUHY.

O Estado da Parahyba do Norte

COM a melhor das intenções e com intervallos que se vão fazendo sempre mais curtos, apparecem em jornaes, écoam em discursos, commentarios sobre a necessidade do intercambio sul-americano. Precisamos conhecer os outros povos do continente e precisamos que elles nos conheçam, — dizem acertadamente. Precisamos ligar-nos ás nações vizinhas, não só pelo commercio e por vagos telegrammas da imprensa. Temos que saber o que elles sentem, o que pensam; lêr os seus livros, ouvir a sua musica; vêr as expressões da arte de cada um... A historia e a paizagem da terra e da gente destas bandas do mundo, que fala um idioma bem proximo do nosso, deve interessar-nos mais do que até agora nos tem interessado, e isto para vantagens reciprocas, tanto materiaes como intellectuaes.

Longe de nós o intento de contrariar esses desejos; applaudimol-os, de todo o coração. Apenas... Apenas, antes de travar intimidades com paizes estrangeiros, seria conveniente fazer o intercambio cá em casa... Na verdade, nós não possuimos senão vagas noções chorographicas e anecdoticas dos Estados brasileiros. A intelligencia dos homens afastados do Rio, a actividade das creaturas que, por ahi fóra, levam para a frente o progresso da grande patria, não nos occupam demasiadamente a attenção... A cohesão nacional apparece como um milagre...

De entre os Estados que não vivem inteiramente ignorados, o da Parahyba do Norte, apezar de pequeno, é dos que maior sympathia contam no resto do paiz. Principalmente, nos ultimos tempos, a Parahyba tem estado, como se costuma dizer: em fóco. Foi ali que nasceu o homem que realisou, na chefia suprema da Nação, o ideal dos verdadeiros patriotas e que sáe da presidencia cercado de uma gratidão unanime, de uma integral admiração. Mais: o Estado da Parahyba do Norte conta, para guiar-lhe os destinos novos, com um punhado de intelligencias fortes e esclarecidas. O Sr. Dr. Solon Barbosa de Lucena, o actual presidente, dono de notavel cultura e de vontade energica, dia a dia adeanta o prestigio da sua terra, cercado de auxiliares cuja escolha já demonstra o alto descortino de S. Ex.

Acabamos de percorrer varios trechos do interior da Parahyba do Norte: Areia, Alagoa Grande, Borborema, Bananeiras, Campina, Santa Luzia, Joazeiro, Patos, Pombal, Souza, Cajazeiras, São João do Rio do Peixe, Mamanguape. Por toda a parte, encontrámos a gente activa, alegre no trabalho, com a nitida noção da vida de hoje, ao par de tudo, satisfeita do presente, confiante no futuro. As lindas paizagens, de clima quente, mas sempre lavado pelos ventos maritimos, servem de scenario a uma humanidade modelar. Não se vê ali o pessimismo. Ha um prazer tranquillo na existencia daquella gente. Das riquezas do solo, os principaes productos são o algodão e o assucar, sendo que em Bananeiras o café é excellentemente cultivado. Parahyba possue e exporta madeiras de construcção, marcenaria e tinturaria. O páo brasil é abundante em varios pontos do Estado, como a copahyba. Palmeiras dão elegancia ao terreno sem monotonia, onde cresce a macambira, que tanto ajuda a criação de gado. A pecuaria, pela sua importancia na exportação, merece os melhores cuidados dos poderes publicos. Tendo em vista protegel-a o mais possivel, o Sr. Dr. Solon de Lucena contratou com o engenheiro americano H. Frank Machner a construcção de dois silos, com capacidade de 52 toneladas cada um, nas zonas mais seccas do Estado, e o governo federal ordenou a construcção de outros. Sobre as estradas de rodagem, cujo valor excusamos de accentuar, eis o que disse o Sr. Presidente do Estado, na mensagem do anno passado:

"Entre as existentes conta-se a estrada central de Campina a Cajazeiras, prestes a concluir-se e já, em grande parte, aberta ao trafego de automoveis e caminhões. Por ellas teremos, em breve, Campina ligada directamente a Patos, Pombal, Souza e Cajazeiras. Dessa linha tronco parte o ramal já concluido até Cabaceiras, proseguindo d'ahi em estrada carroçavel, em demanda do municipio de Alagoa do Monteiro. Já se encontram tambem notavelmente adeantados os serviços da mesma linha a Santa Luzia. E', segundo me consta, plano da Inspectoria das Obras contra as Seccas ligar entre si, dentro em breve, os demais nucleos populosos do sertão, para o que já tem em outros pontos do Estado estabelecido novos departamentos de trabalho. De tudo isso é logico inferir que, em futuro proximo, outras serão as condições economicas da região sertaneja, pela facilidade e brevidade do transporte de passageiros, bem como dos principaes productos daquellas regiões. Além dessas, ha outras estradas em construcção nas caatingas e curiamataús, com real proveito para o intercambio commercial dessas regiões com a capital e o sertão."

Parahyba, que é um dos recantos do Brasil afamados pela cultura artistica e intellectual, logar onde a historia da arte nacional acha o seu ponto de partida, patria de Pedro Americo e que, hoje, entre os seus nomes illustres, póde orgulhar-se com o de Carlos Dias Fernandes, escriptor que honra a lingua portugueza, — Parahyba não se descuraria da instrucção publica. Esse ramo da administração mereceu carinhosa attenção dos ultimos governos. O Sr. Dr. Solon de Lucena, querendo tornar efficiente o funccionamento das escolas espalhadas em cidades, villas, povoações, suggeriu a idéa da creação de um corpo de fiscaes technicos, organizado de modo a chamar os professores ao estricto cumprimento do dever.

"Assim constituido, terá elle uma triplice missão: 1ª, trazer os professores attentos ao desempenho de suas funcções; 2ª, pôl-os em dia com os avanços da pedagogia; 3ª, ministrar ao governo, com segurança e exactidão, conhecimento das necessidades reaes das escolas do interior. Esta medida, posto que por si só não baste para dar ao ensino toda efficiencia que fôra para desejar, assegura-nos, comtudo, a certeza de que os professores têm, pelo menos, a constancia no trabalho, que é uma das maiores senão a maior virtude que se póde ter no magisterio Para os effeitos da fiscalisação deverá o Estado ser divido em cinco zonas, assim discriminadas: 1ª, Campina Grande, Ingá, Pilar, Itabayanna, Umbuzeiro, Pedras de Fogo, Espirito Santo, Santa Rita e Alagôa Grande; 2ª, Bananeiras, Picuhy, Araruna, Caiçara, Serraria, Guarabira, Mamanguape, Areia e Alagôa Nova; 3ª, Cabaceiras, Taperoá, S. João do Cariry, Alagôa do Monteiro e Soledade; 4ª, Patos, Conceição, Misericordia, Piancó, Princeza, Teixeira e Santa Luzia do Sabugy; 5ª, Cajazeiras, Souza, Pombal, S. João do Rio do Peixe, Brejo do Cruz, Catolé do Rocha e S. José de Piranhas. Cada um desses districtos deverá ter por séde a primeira localidade discriminada, cabendo ao director da Instrucção Publica a faculdade de mudar temporariamente a séde districtal, em se tratando da conveniencia do serviço de inspecção."

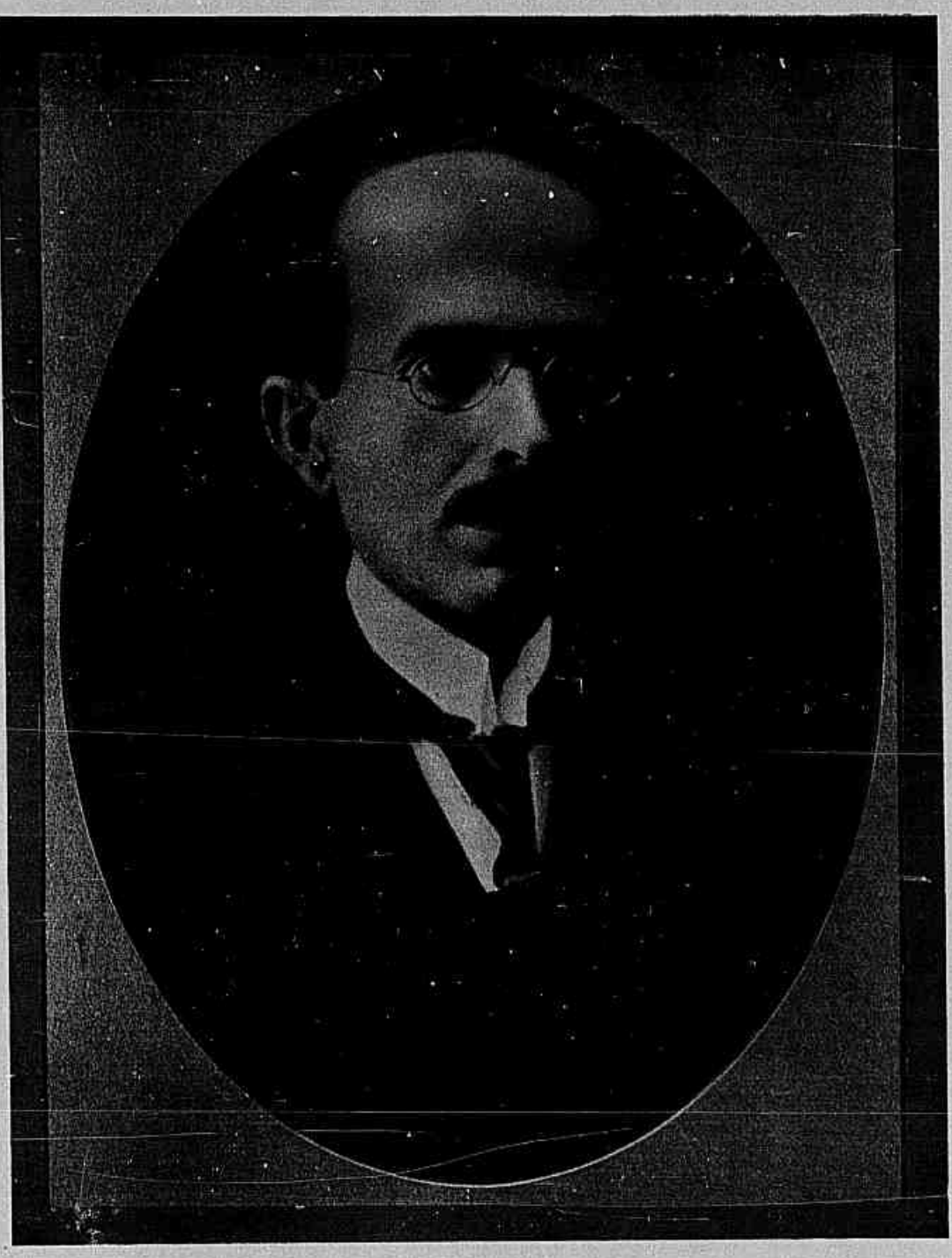
E' uma bella idéa do Dr. Solon de Lucena a creação, na capital, da escola domestica, "onde se preparem moças para os trabalhos do lar, uma escola de donas de casa, na qual se ensinem esses pequenos nadas de bom gosto e habilidade, que são as prendas caseiras, e um ou dois estabelecimentos para o aprendizado de pequenas industrias tentaveis com capital reduzido.

Esses estabelecimentos, praticamente organisados, poderão prestar excellentes serviços á nossa gente, iniciando os rapazes e moços nos segredos das industrias ruraes, da pomicultura, da avicultura, da apicultura, da piscicultura e de outras tantas occupações remuneradoras em que possam applicar, com resultado, o melhor de suas energias e o tempo que, em regra, despreoccupadamente malbaratam."

O Lyceu Parahybano merece de S. Ex. estes louvores:

"Com oitenta e nove annos de vida é aquelle instituto um dos fócos maximos de nossa cultura e uma das mais notaveis affirmações da mentalidade parahybana.

Delle tem sahido para a politica, para a administração e para as camaras grande numero de nossos homens representativos. Agora mesmo tem o Lyceu fóra de seu gremio seis professores em varios ramos do serviço publico.



SR. DR. SOLON BARBOSA DE LUCENA, PRESIDENTE DO ESTADO DA PARAHYBA DO NORTE.



SR DR. ALVARO DE CARVALHO, SECRETARIO GERAL DO ESTADO, ESPIRITO EMPREHENDEDOR, QUE MUITO TEM AJUDADO A ADMINISTRAÇÃO ACTUAL

Sob o ponto de vista administrativo é uma repartição modelar, que honraria qualquer Estado."

Na Escola Normal, que o Sr. presidente deseja menos livresca e mais profissional, assistimos a uma collação de gráo, festa offerecida ao VII Congresso de Geographia, installado no Theatro Santa Rosa, a 13 de Maio deste anno, sob o patrocinio dos Srs. Drs. Solon de Lucena, presidente de honra, e Flavio Maroja, presidente do Instituto Historico Parahybano. Teve uma nobre solemnidade a reunião inicial dessa assembléa. A's 8 horas da noite deu entrada no Theatro, o Sr. Dr. Solon de Lucena, presidente do Estado, acompanhado do seu assistente militar, capitão Elysio Sobreira.

Este foi com o Sr. conego Manuel Christovam, secretario do Arcebispado, para o camarote presidencial.

Erguido o panno do proscenio, estava o palco occupado pela luzida embaixada de intellectuaes, que nos mandaram os governos e instituições scientificas dos Estados já referidos.

A' mesa da presidencia sentaram-se os Exmos. Srs. Drs. Solon de Lucena, presidente do Estado; Flavio Marója, presidente do Instituto Historico e Geographico Parahybano; Dr. Alcides Bezerra, secretario do Instituto. Em cadeiras que estavam dispostas aos lados, em semi-circulo, estavam os seguintes congressistas: senador Diogo Vasconcellos, enviado especial do governo de Minas Geraes, Drs. Aurelio Pires e Roberto de Vasconcellos, das sociedades scientificas do mesmo Estado; Carlos Xavier, do governo e Instituto Historico do Espirito Santo; desembargador Botto de Menezes, do governo e Instituto Historico de Sergipe; Dr. Castro Azevedo, do governo e gremios de letras de Alagôas; Dr. Pedro Celso, do governo de Pernambuco; Dr. Mario Mello, do Instituto Archeologico, Academia de Letras, Instituto de Sciencias e Letras, e "Diario de Pernambuco"; Dr. Raposo Pinto, da Academia de Medicina, Escola de Pharmacia, "Jornal Pequeno" e Rodolpho Lima, do Gymnasio Pernambucano; Dr. Manuel Dantas, do governo do Rio Grande do Norte; Dr. Pompeu Sobrinho, do governo do Ceará, e Dr. Pedro Sozinho, do governo do Estado do Pará.

O Instituto Historico Parahybano e a imprensa estiveram representados nas seguintes pessoas: padre Dr. Pedro Anisio; Dr. Matheus de Oliveira; padre Nicodemus Neves, Dr. Carlos D. Fernandes, pela Liga da Defesa Nacional e pelo "Jornal do Commercio", do Recife; coronel Carlos C. de Alverga, Elyseu Maul e Paulo de Magalhães. Ao levantar-se o panno reboaram palmas em todo o recinto.

O Sr. Dr. Solon de Lucena, abrindo a sessão magna, proferiu o discurso inaugural, notavel pela erudição historica, sociologica e geographica.

Falaram ainda, sempre ouvidos com a maxima attenção e vivamente applaudidos, os Srs. Drs. Flavio Maroja, Aurelio Pires, delegado de Minas Geraes; Castro Azevedo, representante de Alagoas; Manuel Dantas, Carlos Xavier e Pedro Celso. A sessão terminou pouco antes da meia noite, deixando gratas impressões, proseguindo nos dias seguintes os trabalhos das commissões nomeadas e as homenagens aos congressistas.

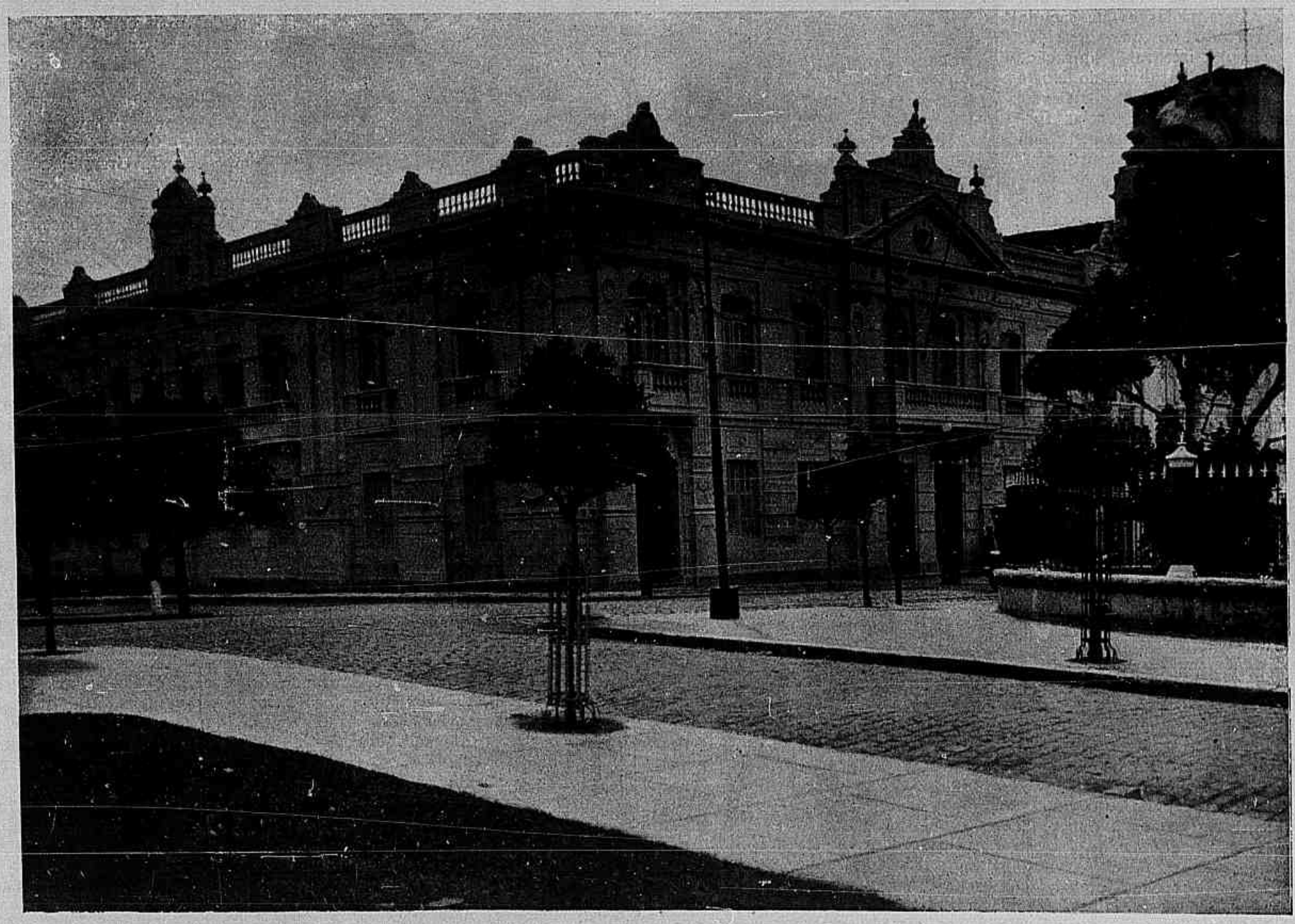


SR. DR. CARLOS DIAS FERNANDES, DIRECTOR D'"A UNIÃO", ORGAM OFFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO, — POETA E ROMANCISTA DOS MAIS ADMIRADOS

O Instituto Historico Geographico Parahybano é uma das mais notaveis corporações scientificas, a que o Estado presta justa e merecida assistencia. Possuindo vasta bibliotheca, collecções varias de objectos de grande valor historico e a mais completa documentação que se conhece sobre a historia da Parahyba, acha-se o Instituto em condições de prestar inestimaveis serviços a quem bem queira orientar-se em coisas do passado parahybano.

A saude publica tem sido uma das maiores preoccupações do governo do Dr. Solon de Lucena.

Aproveitando a estadia da commissão de prophylaxia rural na capital — são palavras de S. Ex. — "entrei em accordo com seu chefe, medico notavel por muitos titulos, para que elle installasse aqui o serviço de policia de fócos para combate aos collicidios. Com os recursos exiguos de que posso dispor, ajudando a commissão de prophylaxia rural, vou combatendo o impaludismo e outras endemias que assolam, de modo calamitoso, as nossas populações urbanas e ruraes. Ao passo que as medidas prophylacticas são postas em pratica na capital, irrompe o impaludismo no interior do Estado, na zona dos brejos e nas caatingas, sendo tanto mais para temer quanto grande é o descaso dos poderes municipaes por esses problemas, e maior a ignorancia, entre as populações ruraes, acerca das causas e vehiculos dos males que as dizimam. De modo que é sómente pela conjugação dos esforços do poder publico em sua tripli-

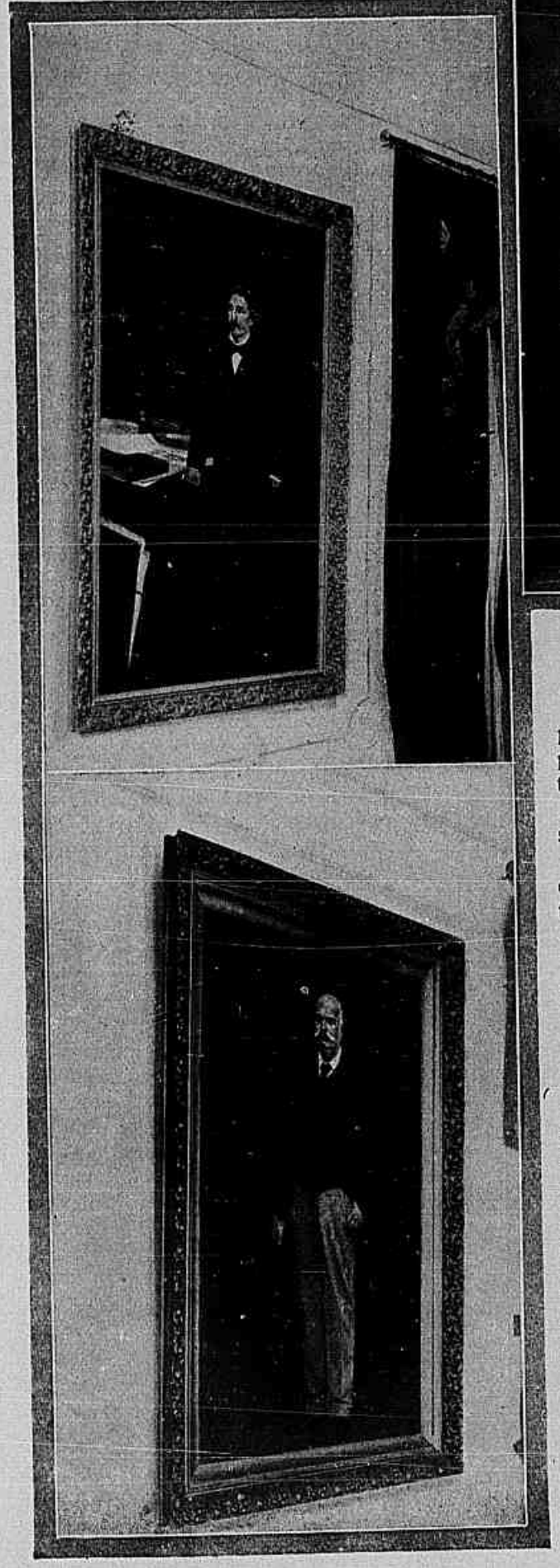


PALACIO DO GOVERNO DO ESTADO DA PARAHYBA DE NORTE

ce modalidade — federal, estadual e municipal — e pelo despertar do instincto de conservação no individuo, de maneira a interessal-o na guerra contra os propagadores das endemias, que se torna possivel a rehabilitação da physiologia precaria da maioria das nossas gentes. De par com a ancylostomiase e o impaludismo, caminha a syphilis, a mais funesta das entidades nosologicas, vultosamente assignalada entre as causas de grande numero de males que nos atormentam. Sem o vulto das outras, mais lenta nos seus effeitos lethaes, dissimulada no seu periodo inicial, mal conhecida a olhos inexpertos no periodo secundario, seus effeitos se fazem desastrosamente sentir na descendencia, onde se esboçam, em sua plenitude, os estigmas heredo-syphiliticos e outros phenomenos morbidos a que dão logar. Mal combatida entre povos mais adeantados, devido á desgraça inevitavel da prostituição clandestina, se opulenta em nossas cidades e aldeias, pelo desconhecimento das noções rudimentares de hygiene. Aos medicos e aos paes de familia cabe, em parte, o combate ao mal, pela disseminação das regras de hygiene e moralisacão intelligente da juventude. A reforma effectiva de nossa repartição de hygiene se impõe inillulivelmente ao governo, não reforma regulamentar, senão a dotação de um apparelhamento sufficiente ás necessidades mais prementes da saude publica. Nessa materia seria de notavel relevo a creação de um laboratorio de analyses chimicas e bromatologicas, onde se procedesse ao exame de quanto alimento falsificado a improbidade commercial impinge ao consumo de nossa população. Cabe aqui assignalar que, do reduzido numero de inspecções a generos alimenticios, vinte e tres apenas, procedidas nos armazens da Alfandega e em algumas casas commerciaes da praça, quasi todas foram fructuosas, tratando-se de generos considerados nocivos á saude publica. A mortalidade, em nossa capital, bem que não seja de modo a gerar sérias apprehensões, elevou-se, de primeiro de julho do anno proximo passado a 30 de Junho do corrente anno, ao coefficiente de 22,77 por mil habitantes, batendo o "record", nesse porfiado talar de vidas, a tuberculose. A mortalidade infantil, apezar da acção benemerita do "Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia" é ainda vultuosa. Duzentos e sessenta e um meninos finaram-se na primeira edade, tendo, como "causa mortis", affecções do apparelho digestivo consecutivas a alimentação impropria ou de má qualidade, fraqueza congenita, syphilis e outras molestias hereditarias."



SALÃO DE AUDIENCIAS. — SALÃO DE HONRA. — "JOSÉ PEREGRINO Á FRENTE DOS SEUS COMMANDADOS RECEBE CONSELHOS DE SEU VELHO PAE, XAVIER DE CARVALHO, PARA ABANDONAR A REVOLUÇÃO". QUADRO DE A. PARREIRAS.





ESCADARIA NOBRE DO PALACIO DO GOVERNO

Muito de proposito, trazemos para estas paginas trechos da mensagem do Presidente, para que bem se possa aquilatar do administrador que é o Dr. Solon de Lucena.

Sobre esgotos e prophylaxia rural transcrevemos:

"Reputo uma das maiores, senão a maior de nossas necessidades, o esgoto a esta capital. Sem elle parecem burlados todos os esforços no sentido de mantermos aqui um estado mediano de salubridade. E' a maior aspiração do meu governo e a obra que considero inadiavel, máograd o a situação precaria das finanças do Estado.

A commissão federal de Prophylaxia Rural tem-nos prestado relevantes serviços.

A percentagem das verminoses entre as populações dos bairros pobres desta capital, segundo se colhe do relatorio que me foi apresentado pelo Sr. Dr. Accacio Pires, é, na sua propria expressão, "elevadissima". Basta dizer que no bairro de Jaguaribe os portadores de vermes attingem 90,92 °|° entre os individuos examinados e bem poucos são os que não apresentam perturbações determinadas por essa nociva parasitagem.

Entre as verminoses mais



"VIDAL DE NEGREIROS" E "PAIZAGEM TROPICAL", QUADROS DE AURELIO DE FIGUEIREDO, PERTENCENTES Á GALERIA DO PALACIO DO GOVERNO DA PARAHYBA.

"PEDRO AMERICO" E "BARÃO DO RIO BRANCO", DE AURELIO DE FIGUEIREDO.



COLLAÇÃO DE GRÁO NA ESCOLA NORMAL.



TRABALHOS DAS ALUMNAS DA ESCOLA NORMAL

communs são merecedoras de menção especial a ascaridiose, a opilação e a eschistosomose.

Em Junho proximo passado, 80,80 °|°. dos exames accusavam a presença dos "ascaris lumbricoidis", em toda parte do mundo privilegio das crianças e aqui, florente em todos os organismos, desde os meninos aos velhos. Em seguida, vêm, no quadro geral dos doentes, os opilados; 32.65 °|°, dos examinados eram portadores dessa terrivel verminose. Depois da ascaridiose, da opilação e da eschistosomose vem o impaludismo, assolando da capital ao interior. A frequencia aos postos de prophylaxia rural situados nesta capital, em Guarabira e Areia, sóbe a uma somma consideravel de doentes, quasi todos impaludados e atacados de verminoses.

O saneamento da zona banhada pelos rios Gramame e Jaguaribe seria, ao nosso vêr, medida de grande alcance economico, tanto mais quanto é dali que nos vem quasi tudo de quanto se abastece a nossa capital, em genero tapioca, farinha, verduras, frutas, cereaes, aves domesticas e pequenas creações".

Sobre economia e finanças, escrevia S. Ex. o anno passado: "A situação economica do mundo e particularmente do Brasil havia de fatalmente reflectir-se na Parahyba. Favorecidos pelo vento de uma prosperidade accidental, determinada pela anormalidade da guerra européa, tomados da megalomania dos povos imprevidentes, pouco fizemos que fosse util sob o ponto de vista da producção, senão que gastamos, á céga, em coisas que viriam, logica e fatalmente, a seu tempo. Por iniciativa do Sr. Dr. Camillo de Hollanda, espalharam-se pelo Estado algumas duzias de machinas agricolas. Ao seu governo operoso devemos incontestavelmente esse pequeno impulso em materia de agricultura. Mas, sendo o melhor elemento da producção o homem de trabalho, não o temos convenientemente preparado, em nosso Estado, de modo que o nosso trabalhador, em regra, sobrio, vigoroso e resistente, quando a salvo das endemias reinantes, continúa, como ha cem annos, baldo de instrucção profissional. Passada a guerra eis que hoje, como após a da Seccessão, vemos desapparecer a fortuna que parecera eterna e a Parahyba voltar á situação de aperturas em que se debatera por largos annos.

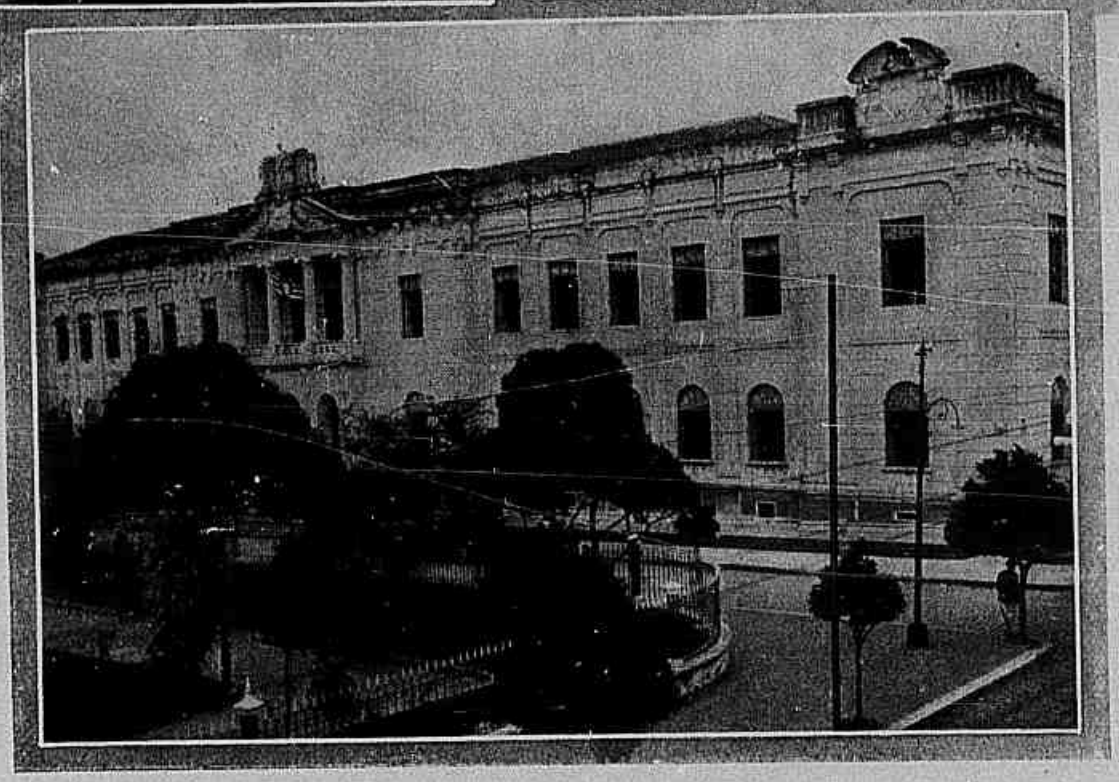
Não é que tenhamos retrogradado ou mesmo que nossas finanças hajam voltado ao nivel baixo a que desceram em 1908; mas, é que, diminuindo a procura dos productos do Estado e cahindo de subito a exportação, não se reduziram, comtudo, as despezas que avultaram com a creação de novos logares no funccionalismo publico, nem se elidiram as obrigações certas e inevitaveis dos compromissos assumidos pela administração passada. De 1908, até hoje, a receita do Estado tem vindo num ascender incessante, cheio de altas imprevistas e de quédas subitas.

De 1.876:501$265 naquelle anno, attingiu a 3.560:267$241, em 1914, subindo ainda em 1915, a 3.666:380$421, apezar da secca, para culminar em 1917, em . . . . 6.973:162$102, e baixar em 1919, a 5.221:020$544, rendendo, no quadriennio de 1916 a 1920, a somma de 24.351:984$329, e chegar, no primeiro semestre do corrente exercicio financeiro a 2.529:682$830. A nossa vida economica, pois, tem-se de algum modo intensificado, soffrendo, comtudo, a exportação, as oscillações naturaes a que está adstricta, nos Estados do nordeste, por causas climatericas e ainda pela procura, mais ou menos intensa, de nossos productos nos mercados europeus. Da exportação de 8.953.120 kilos de algodão, no valor official de 6.820:932$080, em 1913, ascendemos a 8.227.276 kilos, valendo 18.740:480$370, em 1919, para logo depois, cahirmos novamente em 1920, em 11.716.085 kilos, no valor total de 26.952:193$102. O anno financeiro de 1921 vem-se assignalando, precisamente, por essa tendencia accentuada de nossa producção a retomar a marcha normal que se fizera em linha ascendente de 1906 a 1914, quando nos colheu a febre de trabalho a que deu logar a guerra européa."

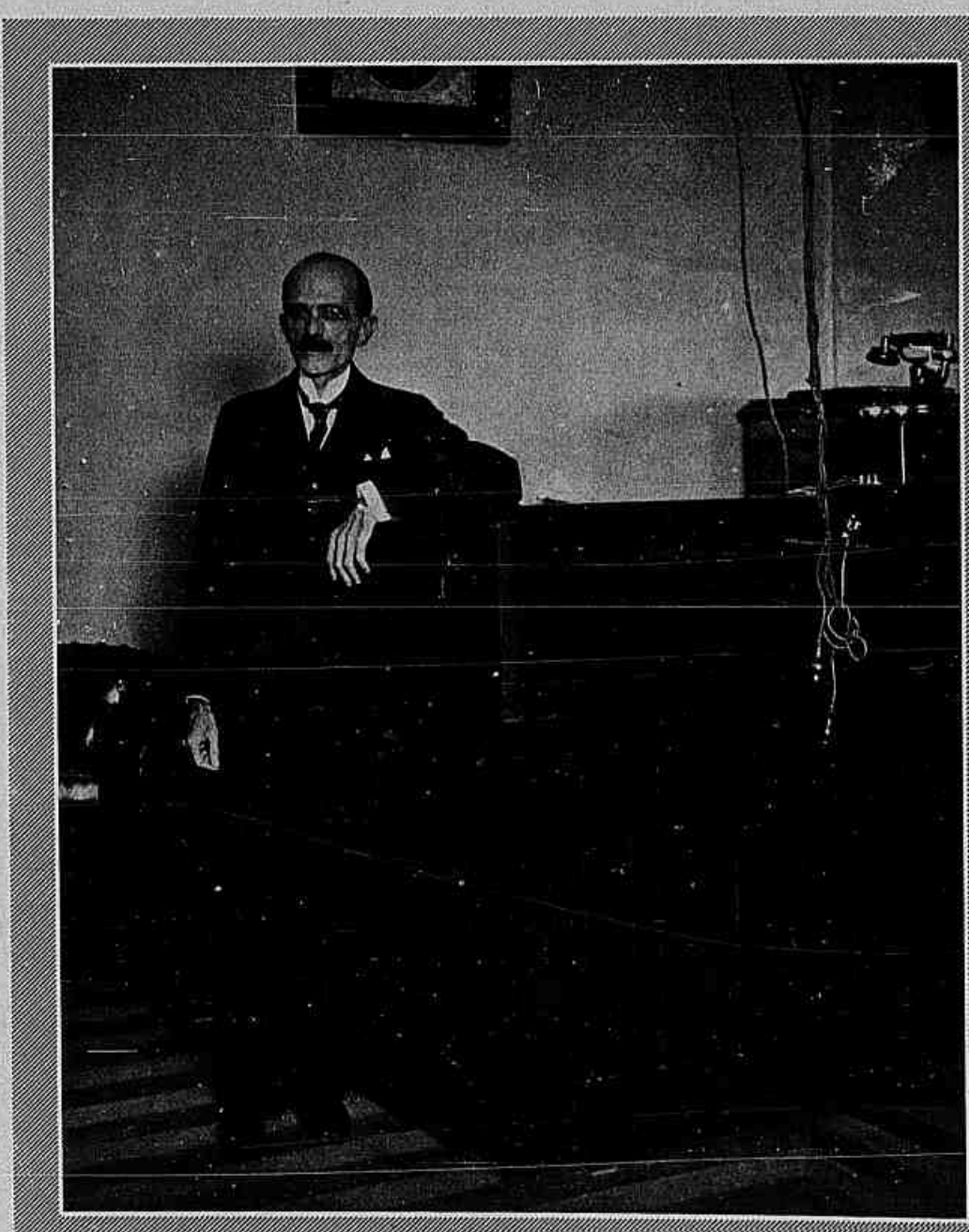
A imprensa official, da Parahyba do Norte, que o Sr. Dr. Solon de Lucena considera "uma das repartições mais necessarias ao Estado e mesmo vantajosa, sob o ponto de vista economico", tem como director o Sr. Carlos Dias Fernandes, e está sendo pouco e pouco remodelada.

Ali se imprimem trabalhos de valor dos intellectuaes conterraneos, sendo esse, o meio indirecto de que se têm valido os governos, desde a administração João Machado, para tornar conhecido em todo Brasil o surto mental das actuaes gerações parahybanas. E' ainda para notar que, junto á secção typographica, ha uma officina de pautação e encadernação, de modo a permittir á Imprensa Official, convenientemente reorganizada, fornecer material de expediente a todas as outras repartições, com avantajada economia para os cofres publicos.

As photographias que junto a estas notas publicamos, nesta edição, e as que publicaremos no proximo numero da "Illustração Brasileira", documentam a verdade de tudo que de bom e util vimos na pequena e linda faixa do Nordeste, de porvir promissor, conduzido como vae sendo pela sabedoria do seu presidente, um dos estadistas de maior valor do Brasil novo.



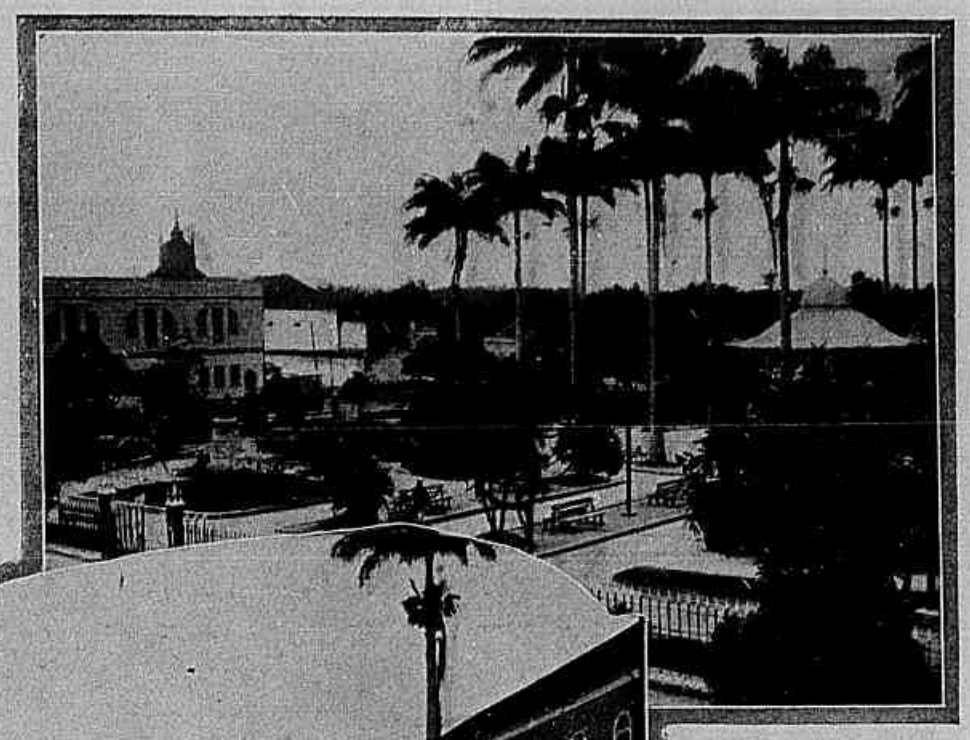
EDIFICIO DA ESCOLA NORMAL DA PARAHYBA

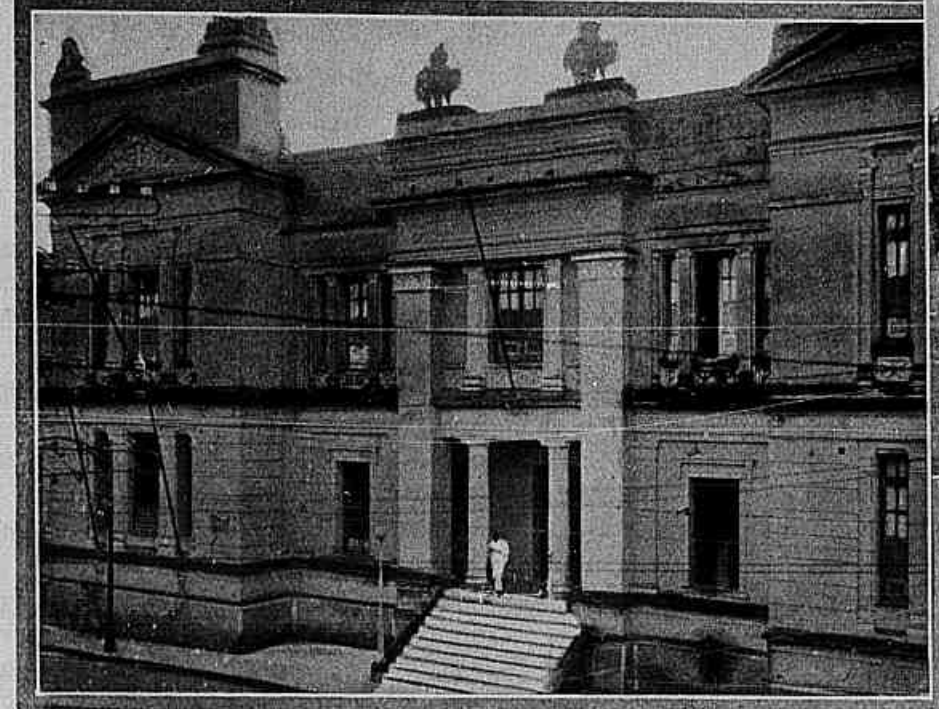


O SR. DR. SOLON DE LUCENA, NO SEU GABINETE DO PALACIO DO GOVERNO.



PRAÇA VENANCIO NEIVA. O JARDIM PUBLICO.

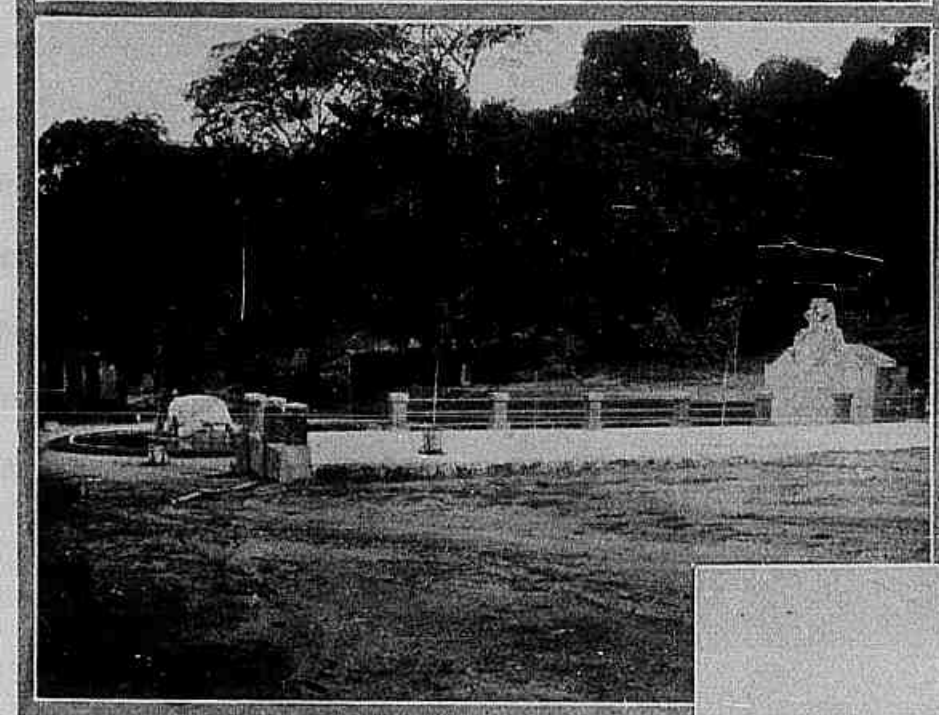






Á ESQUERDA: EDIFICIO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL. — Á DIREITA: PRAÇA ARISTIDES LOBO.



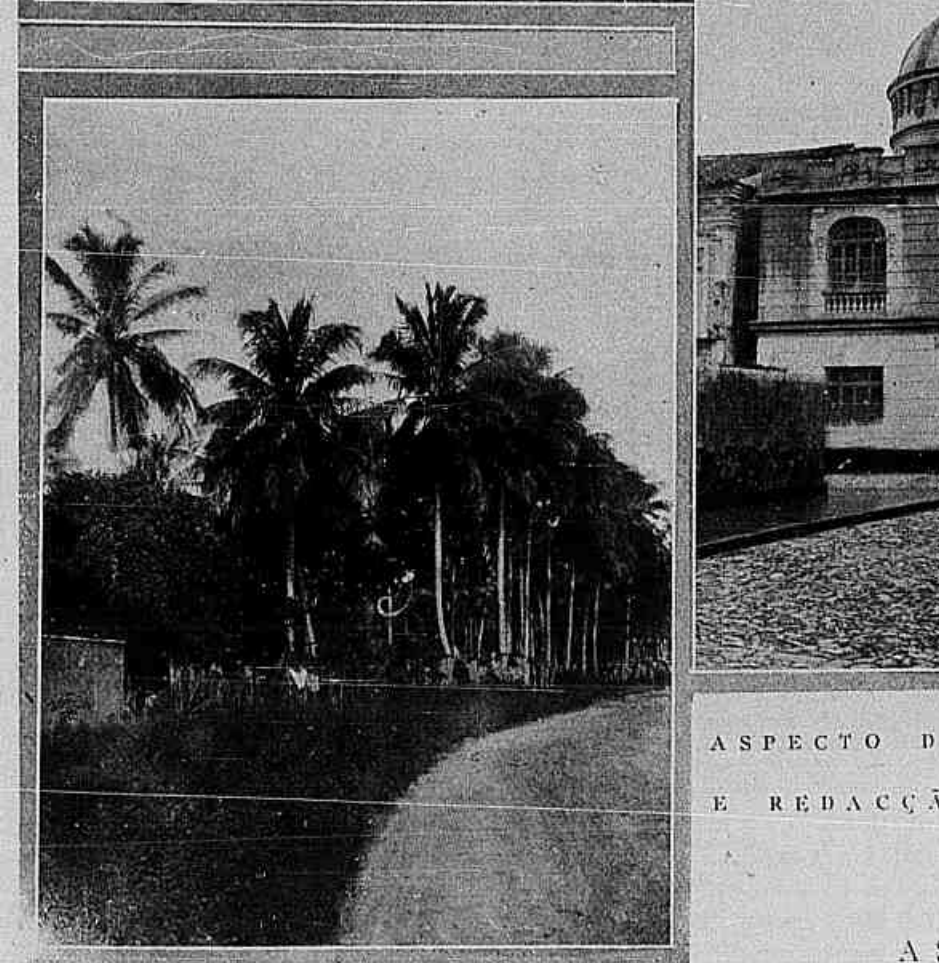




CAIXA D'AGUA.

Á ESQUERDA: PARQUE A. CAMARA.

RUA GENERAL OSORIO.







ASPECTO DE UM COQUEIRAL. — EDIFICIO DA IMPRENSA OFFICIAL E REDACÇÃO D'"A UNIÃO", DIRIGIDA PELO SR. DR. CARLOS DIAS FERNANDES. — USINA DA LUZ ELECTRICA.

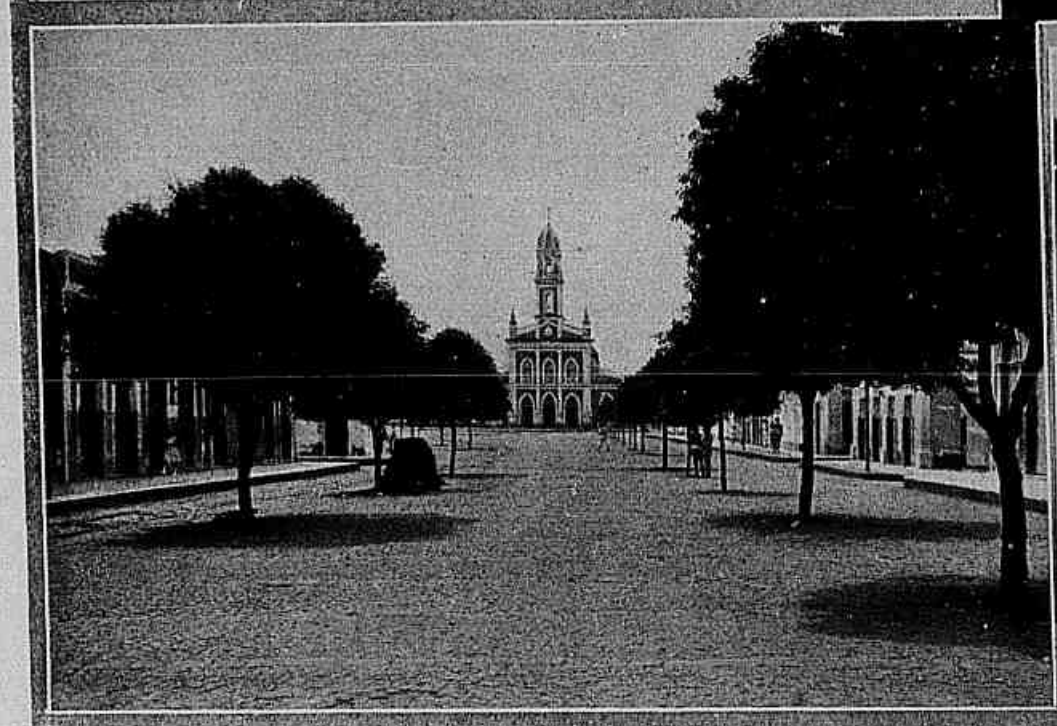
ASPECTOS DA CAPITAL PARAHYBANA

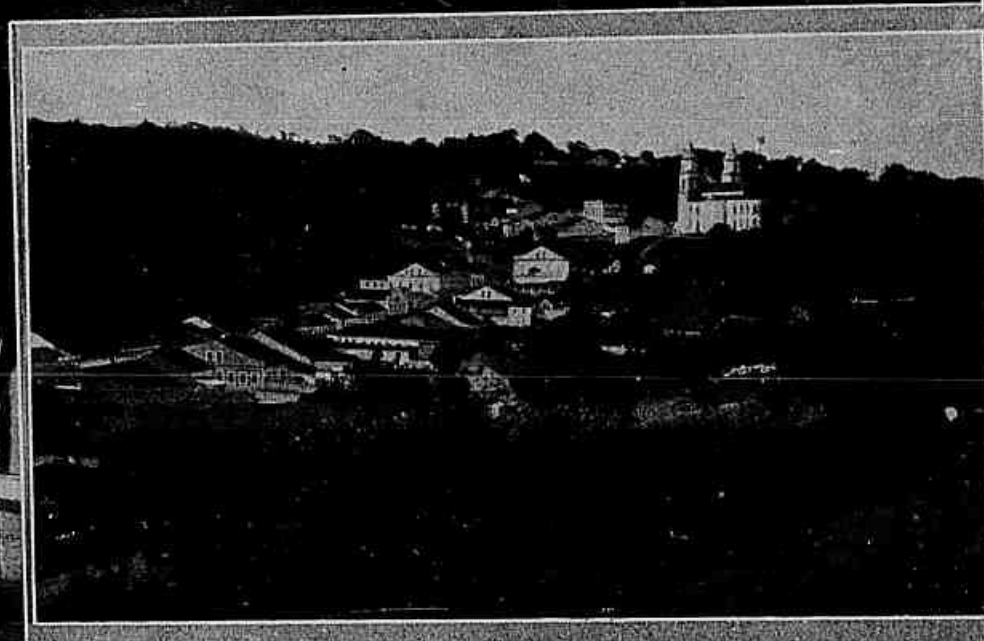








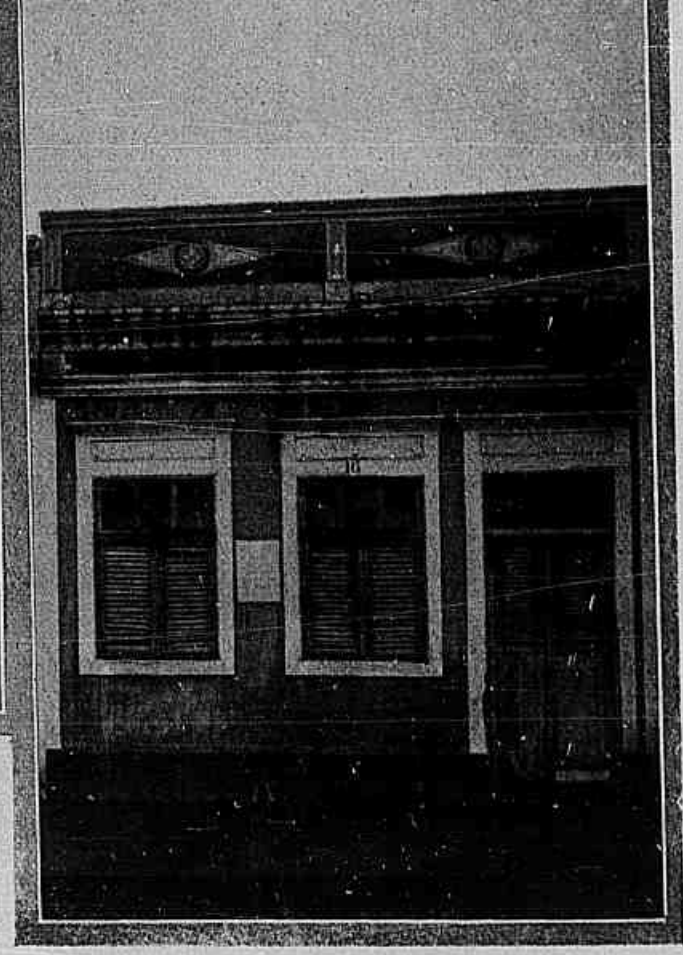


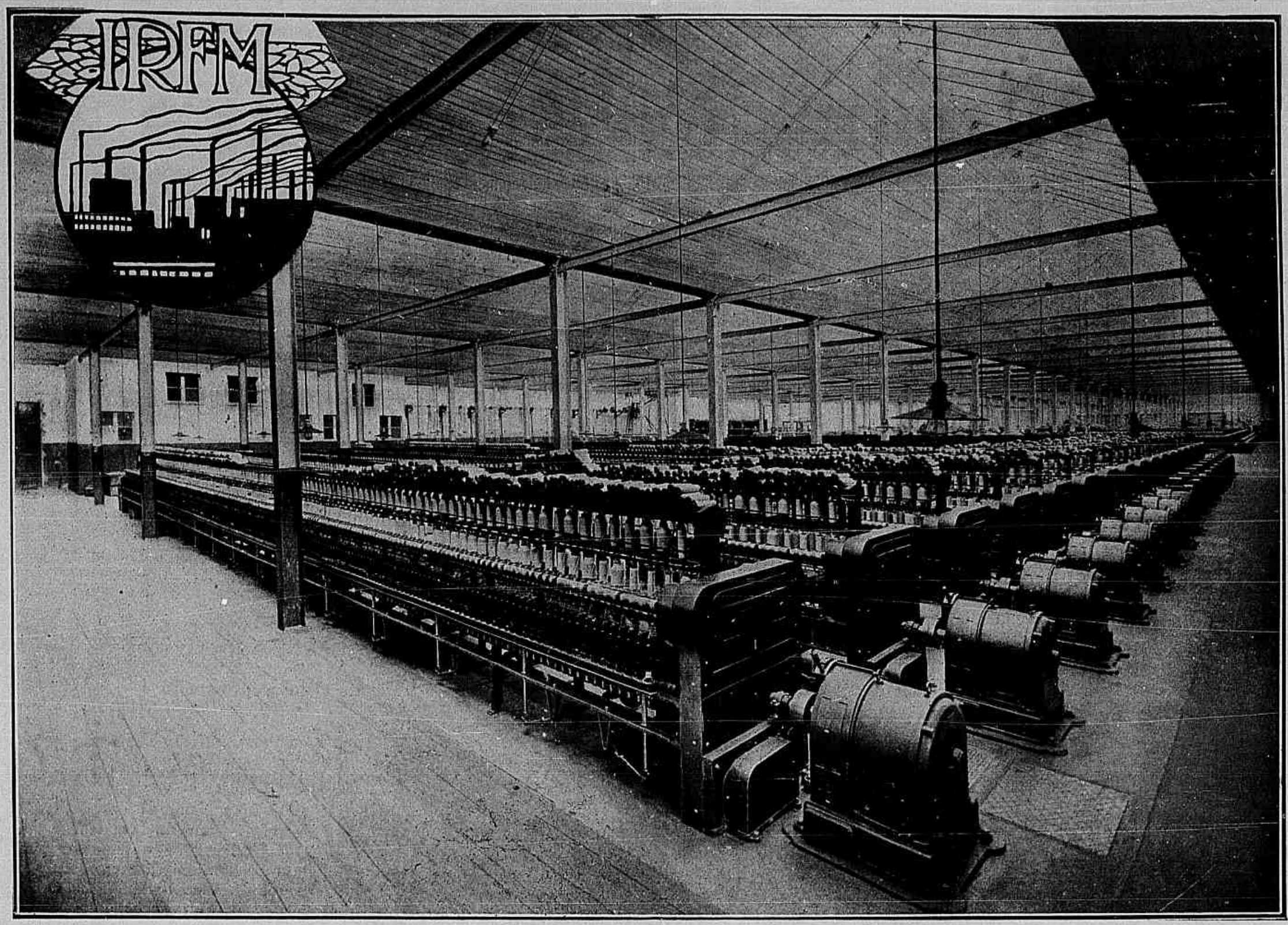


ESTADO DA PARAHYBA DO NORTE. — SANTA LUZIA (SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO) — CIDADE DE BANANEIRAS: OBRAS DE SANEAMENTO. — CIDADE DE AREIA. — POVOAÇÃO DE SAPÉ. — CIDADE DE ITABAYANNA: RUA MONSENHOR WALFREDO LEAL. — CIDADE DE BANANEIRAS.



ESTRADA DE RODAGEM DE BANANEIRAS A MORENO. — CASA ONDE NASCEU PEDRO AMERICO, NA CIDADE DE AREIA.





A GRANDE INDUSTRIA — "FABRICA BELÉMZINHO" — FIAÇÃO — I. R. F. MATARAZZO & C.

As novas Trichromias



ENDO o presente numero o primeiro da serie commemorativa do nosso Centenario, encontrarão os leitores uma feição inedita no feitio do nosso mensario. A moldura que ornamenta a capa, da autoria de J. Carlos, representa a estylisação de motivos genuinamente brasileiros, assim como todos os desenhos ornamentaes que illustram o texto, verdadeira escola de patriotismo. A sambabaia de linhas elegantes foi o ponto de partida do illustre artista. O *facho da civilisação,* empunhado pelo braço brasileiro, encontra-se ricamente adornado pelo mesmo motivo que joga estheticamente com o Cruzeiro do Sul. Todo esse bello conjunto emmoldura a effigie de D. Pedro, primeiro Imperador do Brasil; o quadro, pintado pelo artista Ubaldo, é um dos mais perfeitos retratos que se conhecem de D. Pedro I; o original pertence á Galeria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Afóra o grande valor historico da téla, existe o da indumentaria, o da heraldica e o artistico propriamente. No conjunto da obra ha harmonia e precisão de toque; o desenho é perfeito; naturalmente existem algumas durezas, cabiveis e provenientes da maneira predominante na época em que viveu o pintor. A cabeça do Imperador é expressiva e executada com maestria; a attitude marcial do retratado empresta ao todo da obra um aspecto sobrio e encantador, que garante ao artista um renome digno de respeito.

De Pedro Americo é a téla *Independencia ou morte,* que se acha no Museu do Ypiranga, no prospero Estado de S. Paulo. O que foi o grande acontecimento politico de 1822 encontra-se perfeitamente interpretado no quadro do pintor parahybano. Em tão complexo trabalho, mais uma vez o artista demonstrou as suas excepcionaes qualidades de pintor historico, condições emotivas e alto conhecimento do *metier*. O scenario empolga; o movimento e as attitudes traduzem um magnifico estado de alma do artista. O quadro de Pedro Americo é uma das mais bellas composições de arte contemporanea, um precioso documento que eleva de maneira condigna a pintura no Brasil. A paizagem rica, em que se desenrola a acção, empresta ao ambiente um valor altamente significavo, recorda o bucolismo de uma época grandiosa para todos os brasileiros. A' esquerda do observador, á margem do caminho, está o carreiro conduzindo os bois que tiram o chiante e pesado carro, genuinamente nosso; á direita, vê-se o rancho memoravel onde o principe almoçou no dia 7 de Setembro de 1822, ensombrado por vetusta arvore. João Manoel Pereira da Silva — 1817-1898 — na sua *Historia da Fundação do Imperio do Brasil*, evoca a pittoresca localidade com um sabor especial: — "Dirigiu-se o principe para o lado oriental da immensa planicie, que se estende sobre os altos pincaros das serras, onde pousa a cidade de S. Paulo. Desejava visitar o sitio da celebrada povoação de Piratininga, cuja historia primitiva lhe accendia a curiosidade. Ao appropinquar-se ao ribeiro Ypiranga assentou em descansar, descendo do cavallo e acolhendo-se á sombra das arvores que adornam as margens da agua estrepitosa e crystallina do pequeno riacho, rolando por cima de pedrinhas miudas e murmurando com ineffavel doçura". Pelas palavras do historiador, e pelo ambiente que o artista interpretou, percebe-se a opulencia do scenario que se desenrola em planos pelo horizonte immenso, quebrado por montes e nuvens que rolam pelo espaço... Pedro Americo, desenvolvendo o assumpto, contrariou o pensamento do critico, quando affirmou que: "A pintura não tem, como a literatura e a musica, a grande vantagem e poder de exhibir a successão dos acontecimentos". (Bethencourt da Silva — *Bosquejos artisticos*). Em *Independencia ou morte* o pintor realisou um verdadeiro milagre: reporta o observador ao preterito e ao mesmo tempo condul-o pelo futuro em fóra, numa sequencia ininterrupta de acontecimentos patrioticos !... O quadro é a epopéa do gesto do principe. A sua figura lá está, mascula, de braço erguido, empunhando a espada augusta a cortar o espaço como uma exclamação altaneira... O sequito que o acompanha imita-lhe a attitude; chapéos são erguidos e lenços flammulam. Na expressão das figuras lê-se enthusiasmo e no agrupamento em rythmo caracteristico, que o pintor resolveu com raro talento, com uma proficiencia digna unicamente dos illuminados; as condições estheticas que se evidenciam em tão formoso grupo são de molde a tornar o artista o mais perfeito interprete dos conceitos que o notavel mestre que é Mario Pilo, da *Universidade de Bologna,* externa em uma das suas bellas lições realisadas naquelle instituto: — "un eccezionale equilibrio di tutte le facoltá, di tutte le potenze del corpo e dello spirito, una impressionabilitá delicata, squisita,

Illustração Brasileira

REVISTA MENSAL

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM EM 1911

ORGAM OFFICIAL DA COMMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

Directores: ALVARO MOREYRA, J. CARLOS E EZEQUIEL UBATUBA

Rua do Ouvidor n. 164 — Rio de Janeiro

SUCCURSAL EM SÃO PAULO DIRIGIDA PELO DR. GASTÃO DOS SANTOS MOREIRA

Rua Direita n. 7 - Sobrado — Caixa Postal Q

As assignaturas, sómente annuaes, enviadas sob registo, começam em qualquer tempo.

Para o Brasil	30$000
Para o Estrangeiro	36$000

VENDA AVULSA:

No Rio	2$000
Nos Estados	2$500
Atrazados	3$000
Edições de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro deste, o exemplar	10$000

svariata, ricca di relazione, di richiami, di risonanze da senso a senso, e di memorie, d'imagine, di fantazie sempre vive, sempre vigile e alacri, sempre sotto mano ad ogni richiamo; una emotivitá mobile, elastica e varia, alla quale nessuna passione sia ignota, e che sappia balsare e rispondere ad ogni voce di gioia o di sdegno, d'amore o di pianto, d'invidia o di gelosia, di struggimento, di frenezia, d'entusiasmo, d'orgoglio, d'orrore;..."

Os demais detalhes da grande téla seguem o mesmo diapasão; as alimarias escorvam o terreno num tropel de enthusiasmo, rigorosamente desenhadas; nos menores detalhes percebe-se uma observação cuidada, um amor á verdade rigorosamente estudada; os accessorios caracteristicos das suas figuras são reaes e possue localisação propria. Estudiosos da indumentaria affirmam haver erro nos uniformes da guarda, o que positivamente não diminue o excepcional valor da obra, sob o ponto de vista pictorico. A perspectiva do quadro é notavel, os planos fogem, succedem-se maravilhosamente; a côr é sobria e prenhe de reaes propriedades, é limpa e não encobre manchas. Completando o trabalho, soube o pintor tirar grande partido de um detalhe, — para outros insignificante — a nesga de agua que se vê no primeiro plano, colorida, cheia de evocadoras recordações, é a agua do Ypiranga glorioso, que ainda hoje corre "rolando por cima de pedrinhas miudas e murmurando com ineffavel doçura."

Pedro Americo de Figueiredo e Mello era natural de Arêas, na Parahyba, nasceu a 29 de Abril de 1843 e falleceu a 7 de Outubro de 1905 em Florença. Vindo para o Rio le Janeiro em 1854, matriculou-se no Collegio Pelro II;em 1859, partiu para a Europa, frequentando a Academia de Bellas Artes de Paris, o Instituto de Physica de Ganot e a Universidade da Sorbonne. Foi deputado da Constituinte, professor da Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro, philosopho, scientista, orador, poeta e romancista. A *Galeria degli Uffizzi*, de Florença, possue o seu retrato, como homenagem ao seu grande valor. A sua producção foi prodigiosa, possuindo só a Escola de Bellas Artes nada menos de vinte quadros, sendo todos de grandes proporções e variada composição.

A outra téla que reproduzimos é de João Baptista Castagneto, e representa a praia de Santa Luzia em 1884, precisamente onde se ergue a nossa grande Exposição Internacional, commemorativa do primeiro Centenario da Independencia do Brasil. A individualidade de Castagneto é a mais curiosa que se conhece na historia da pintura brasileira; nunca teve mestres; sózinho aprendeu, tendo o mar por conselheiro. Seu pae era um lobo marinho, um identificado com as procellas do Mediterraneo; dahi, o temperamento de marinheiro que pautava as attitudes do pintor impressionavel. Sem preconceitos amou a natureza, fonte de todas as bellezas que interpretou; marinhista por excellencia, comprehendia á primeira vista a maneira de cortar um quadro, de pintar rapido as nuances fugitivas de um crepusculo, de uma madrugada ou o caprichoso dorso de uma onda de crista alva de espuma. A rapidez da sua technica era famosa; o seu temperamento maleavel de rebeldia e affecto emprestava-lhe um aspecto curioso, era como a sua palheta, incomprehensivel aos profanos, onde as côres se amontoavam umas sobre as outras, seccavam num malabarismo berrante... A sua alma era assim, era impenetravel como o mysterio da onda, que ora é placida e marulhenta, ora é impetuosa, cheia de arqueamentos fragorosos reboantes pelo espaço, alma de marujo feito artista... *Santa Luzia* é uma das mais bellas télas do pintor e pertence á Galeria da Escola de Bellas Artes; traduz perfeitamente o feitio da sua obra e da sua technica larga e solida. Observe o leitor a verdade do ambiente, a mancha e os planos que se succedem numa perspectiva rigorosa; observe sobretudo as ondas, veja com que verdade ellas se contorcem e se espraiam entre as pedras. João Baptista Castagneto, foi, — podemos dizer sem receio — o maior marinhista que o Brasil possuiu. Os seus quadros vêm atravessando os annos, sem que outros appareçam para empanar-lhes a belleza.

De José Corrêa de Lima é o quadro *Francisco Manoel e suas filhas*. Foi o pintor um dos mais sinceros do seu tempo; a sua producção não é numerosa, mas em compensação é dotada de um raro criterio. Corrêa de Lima iniciou os seus estudos em 1827, occupando sempre a vanguarda dos condiscipulos, pelo grande capricho e applicação. Em 1837 fez concurso para o logar de "Substituto" da cadeira de pintura historica, conquistando o primeiro logar; em 10 de Novembro do mesmo anno tomou posse do cargo e dezesete annos depois assumiu a cathedra, dando sempre os melhores resultados como professor. Nasceu em 1841 e falleceu em 1857.

Ao pincel de Lucilio de Albuquerque é devida a suggestiva composição *Despertar de Icaro*. E' o artista natural de Pernambuco e nasceu em 1880; fez os seus estudos na Escola Nacional de Bellas Artes com os professores Zeferino da Costa e Henrique Bernardelli. Em 1906 seguiu para Paris, no goso do premio de viagem conquistado com o quadro *Anchieta escrevendo o poema da Virgem na areia*. E' presentemente professor da Escola Nacional de Bellas Artes.

Despertar de Icaro é talvez o mais feliz quadro do pintor; o filho de Dedalo, jazendo por terra, com as azas partidas, contempla o avião que corta o horizonte com segurança... A obra de Lucilio de Albuquerque é toda assim: reflecte uma imaginação abundante, uma sensibilidade emotiva caracteristica; pertence o illustre artista a um grupo que vem honrando a nossa historia da pintura. A sua bagagem artistica é já bastante vasta; entre os seus melhores quadros estão *Despertar de Icaro, Paraiso restituido, Estudo de nú* e *Expedição á Lagund*, sendo este ultimo premiado com a grande medalha de ouro no Salão de Bellas Artes.

Entre outros premios possue a medalha de honra, a mais alta distincção que um artista póde almejar em nossa terra.

O Estado do Paraná

O territorio do Estado do Paraná comprehende uma superficie de 212.000 kilometros quadrados, com a população de 700.000 almas.

A sua situação e conformação geographica e geologica dão-lhe disposições especiaes de sólo e de clima.

Elevado por tres séries de cadeias de montanhas, que o atravessam em rumo approximado de Norte a Sul, nas suas encostas nascem os numerosos rios que o irrigam em toda sua extensão e vão produzir, nas partes mais baixas, as fecundantes alluviões.

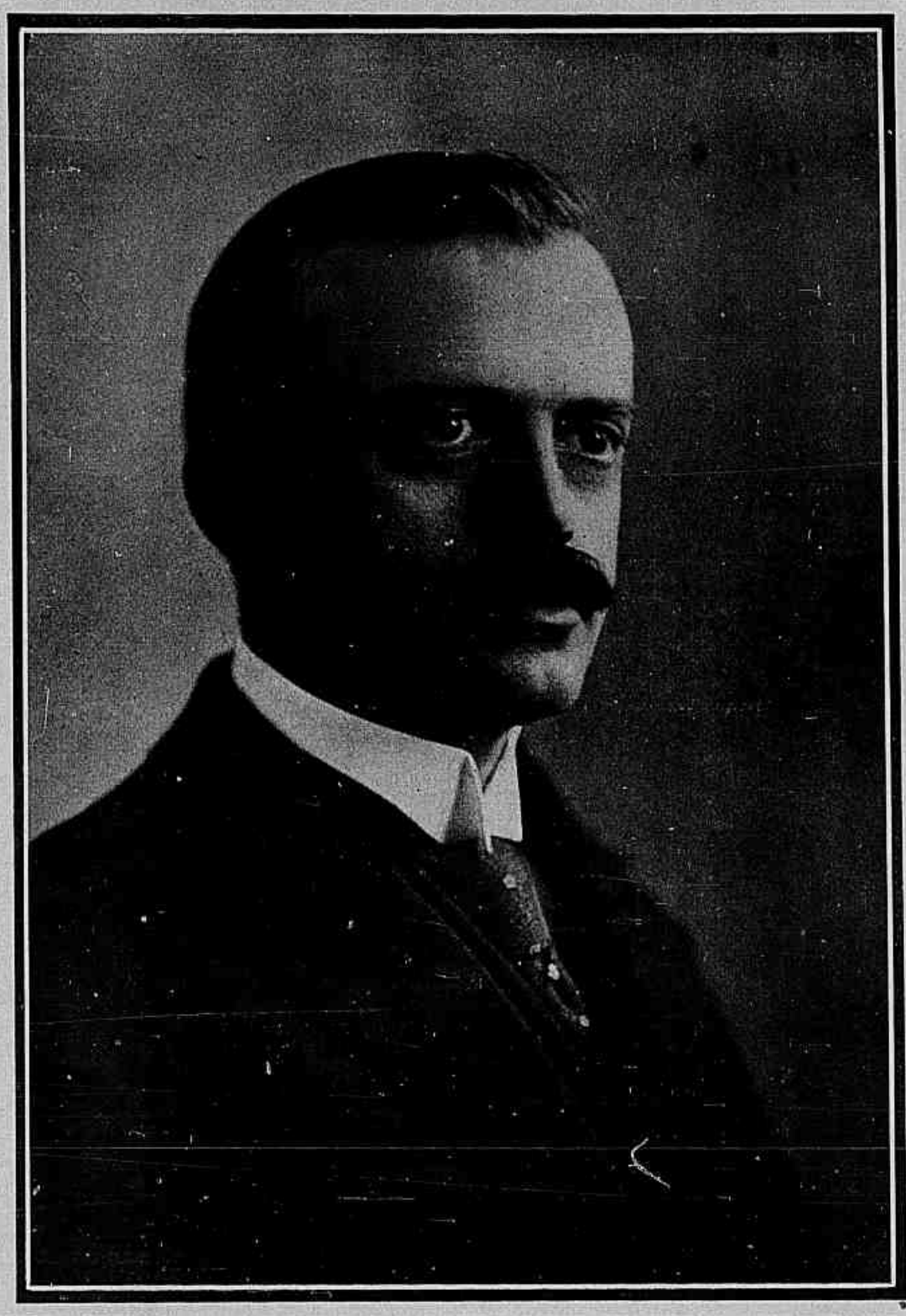
Na sua longa costa maritima encontram-se as amplas bahias de Paranaguá e Guaratuba.

A bahia de Paranaguá é uma das mais vastas e bellas do Brasil. Occupa uma area de 7.200 hectares e é semeada de ilhas habitadas.

O porto admitte o accesso a embarcações de 224 pés de calado e, com os melhoramentos projectados e já contractados, as condições da navegação e de carga e descarga vão melhorar sensivelmente.. As obras de melhoramentos serão realisadas no actual porto de D. Pedro, a 1 kilometro da cidade.

Margeando a bahia de Paranaguá contam-se os tres Municipios de Paranaguá, Antonina e Guarakessaba, cada qual com o seu porto franco ás embarcações que transpõem a barra.

A bahia de Guaratuba, actualmente pouco frequentada, é tambem muito ampla e profunda. Nella desaguam varios rios navegaveis, como o S. João, o Cubatão e outros que permittem franca navegação pelo interior da bahia. As Serras do Mar, a Serrinha e a Serra da Esperança, que atravessam o Estado em rumo de Norte a Sul, formam os tres planaltos centraes.



SR. DR. MUNHOZ DA ROCHA, PRESIDENTE DO ESTADO DO PARANÁ.

Ao primeiro planalto dá accesso a estrada de ferro do Paraná, que, partindo de Paranaguá, a 6m. de altitude, attinge, com o percurso de 110 kilometros, a altitude de 899 metros em Curityba ; o prolongamento da mesma estrada de ferro attinge o segundo planalto, com a altitude de 976 metros, na estação de Restinga Secca, no alto da Serrinha, a 117 kilometros de Curityba.

E' o planalto dos Campos Geraes.

Ao terceiro planalto, formado pela Serra da Esperança, com a altitude approximada de 1.080 metros, sobe a estrada de rodagem, que, tendo seu ponto inicial na cidade de Antonina, vae ás cidades de Guarapuava e Fóz do Iguassú, com o percurso total de 850 kilometros.

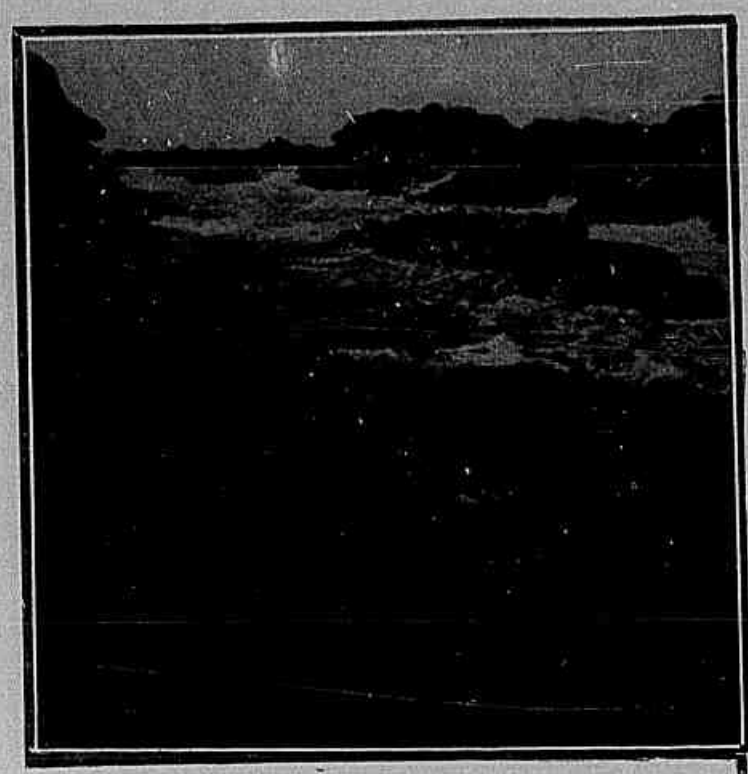
No planalto da Serra da Esperança ficam os famosos campos de Guarapuava.

Com tão vasta superficie e taes disposições physicas, o Estado do Paraná gosa de todos os climas e o seu territorio se presta ás mais variadas culturas.

Clima quente no littoral e no extremo Oeste, ali vicejam as plantas tropicaes ; nos planaltos centraes o clima é temperado e ameno, e as terras se prestam, particularmente, para cultura de cereaes e das plantas dos climas frios. O Estado é regado por muitos e grandes rios, alguns, como o Paraná, o Iguassú, o Paranapanema, o Tibagy, o Ivahy e o Pequiry, de longos percursos.

O rio Paraná é o escoadouro de todas as aguas que têm sua origem no interior do Estado.

São navegaveis em grandes extensões



TRECHO DE "SETE QUÉDAS".

o rio Iguassú, de Porto Amazonas a União da Victoria, o Paraná, de Porto Mendes, abaixo das Sete Quédas, até á Foz do Iguassú, no territorio do Estado e d'ahi até ao Rio da Prata, em territorio estrangeiro. São ainda em parte navegaveis os rios Ivahy, Tibagy e Paranapema.

O rio Paraná é tambem navegavel acima dos Saltos das *Sete Quédas,* até ao Porto Tybiriçá em São Paulo e fórma com os rios que banham o Sul de Matto Grosso uma vasta rêde fluvial navegavel em grande extensão.

Possue o Estado um vasto systema de estradas de rodagem, na extensão approximada de 8.000 kilometros, ligando entre si quasi todos os seus Municipios.

A principal dessas arterias, que constitue o tronco do systema, é a estrada de rodagem de Antonina á Foz do Iguassú, na extensão total de 850 kilometros, sendo



SALTO DA UNIÁO, NO IGUASSÚ.

130 kilometros, de Antonina a Serrinha, macadamisados.

Notam-se ainda as estradas de Curityba a Rio Negro, de União da Victoria a Clevelandia e outras.

A rêde de estrada de ferro em trafego tem a extensão total de 1.650 kilometros e liga as cidades de Paranaguá e Antonina, no littoral, á capital do Estado, passando pelas cidades e Municipios de Morretes, Curityba, Araucaria, e vae

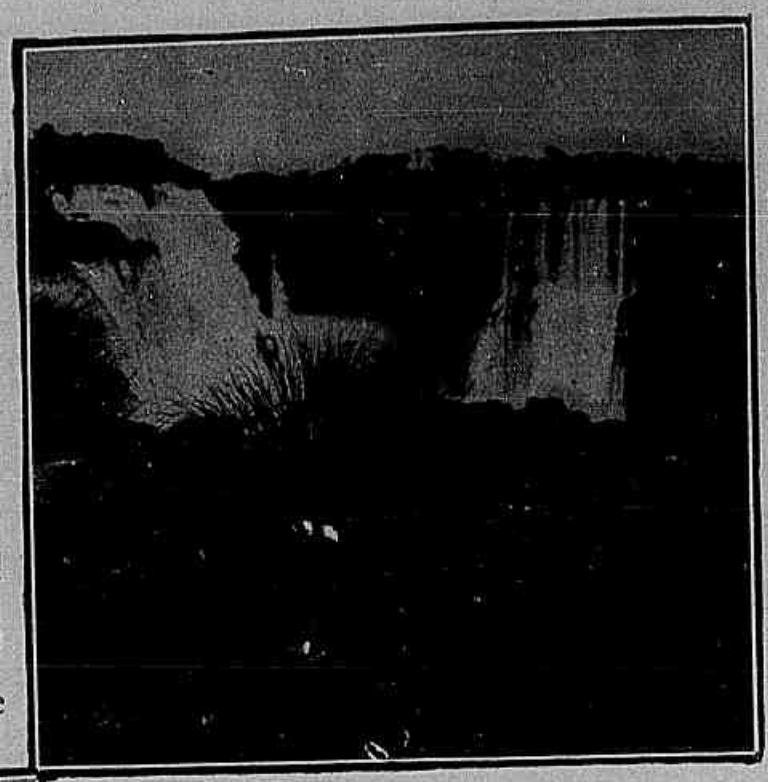


O SENADOR AFFONSO CAMARGO NA CRISTA DE IGUASSÚ, QUANDO, COMO PRESIDENTE DO ESTADO, INAUGUROU A ESTRADA DE ANTONINA Á FRONTEIRA BRASILEIRO-ARGENTINA.

á estação de Serrinha, para ahi se bifurcar em duas linhas, uma que vae a Ponta Grossa, passando pela cidade da Palmeira e outra que vae ao Rio Negro, passando pela cidade da Lapa.

Ponta Grossa é o ponto de cruzamento da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, que vae de Itararé a Marcellino Ramos, na fronteira do Rio Grande, passando por Jaguariahyva, Pirahy, Castro, Ponta Grossa, Entre Rios, Teixeira Soares, Iraty, Mallet e União da Victoria. Desta cidade parte o Ramal de S. Francisco, que vae a essa cidade Catharinense, passando pela cidade paranaense de Rio Negro.

Possuindo um clima invejavel e prestando-se o territorio do Estado ás mais variadas culturas, offerece o Paraná condições excepcionaes para a localização de



PANORAMA DE IGUASSÚ.

populações ruraes oriundas de outras regiões semelhantes.

A immigração europea, introduzida no Estado, fixou-se definitivamente no seu sólo, formando as populosas e prosperas colonias que circumdam a Capital e que fazem a prosperidade de muitos Municipios do interior.

Prudentopolis, para só citar uma, hoje a bella cidade, séde do prospero Municipio e do termo desse nome, fundada no governo do seu patrono, é um nucleo de mais de 10.000 almas.

A população colonial, localisada no Paraná, sóbe a mais de 150.000 individuos, perfeitamente adaptados ao meio e em franca prosperidade.

A producção agricola colonial é vultuosa e satisfaz as exigencias da vida de seus habitantes, sendo as sobras enviadas ao consumo das cidades e exportadas para



PAIZAGEM DE IGUASSÚ.



MARGENS DO RIO PARANÁ.

fóra do Estado. O agricultor nacional, porém, nada lhe fica a dever, e, se bem que sejam os seus processos agricolas mais rudimentares, não é inferior a sua contribuição para a vida do Estado.

Uma grande cultura está se formando no Norte do Estado, a qual, pelo seu desenvolvimento crescente, representa já um importante valor no balanço economico do Estado. E' a lavoura do café, em franca prosperidade nos Municipios de Jacarezinho, Platina e Ribeirão Claro.

Jacarezinho tinha em 1920 plantados 4.252.00 pés de café. Hoje a plantação deve exceder a 5.000.000 de pés, produzindo já, no anno de 1922, duzentas mil arrobas. A producção de Ribeirão Claro é tambem vultuosa. De Agosto de 1920 a Abril de 1921 exportou 49.000 saccas.

A lavoura de café de Platina desenvolve-se de anno para anno.

As terras dos tres Municipios são fertilissimas e a porcentagem de producção de café é mais elevada do que a das melhores terras roxas de São Paulo.

Existem nos tres Municipios extensões immensas de terras virgens cobertas de frondosas mattas, proprias para a cultura da preciosa rubiacea.

O Paraná será, pois, em breve futuro, um grande productor de café.

Mas a sua principal riqueza



UMA BALSA NO RIO CAVERNOSO.



HERVAES Á BEIRA DA ESTRADA DE ANTONINA A IGUASSÚ.

actual é a industria extractiva da herva matte e das madeiras.

A herva matte é a columna de ouro em que se apoia toda a construcção economica do Estado.

O valor da exportação geral do Estado, no exercicio de 1920--921, foi de 66.709:998$000.

Dessa importancia cabe :

A' herva matte	41.020:584$000
A' madeira	12.352:516$000
Ao gado	3.633:600$000
Ao café	3.462:627$000
A diversos productos . .	6.240:670$000

A herva matte é uma riqueza inestimavel, com que a natureza dotou o Paraná.

Nasce espontaneamente nas regiões das mattas dos planaltos e cobre vastas extensões de suas terras.

Planta maravilhosa, ella, podada de tres em tres annos, despoja-se de suas folhagens para se transformar no aromatico chá e torna a enfolhar-se, repetidamente, por muitos annos, alimentando o productor rural e derramando seus beneficios pelos quatro angulos do Estado.

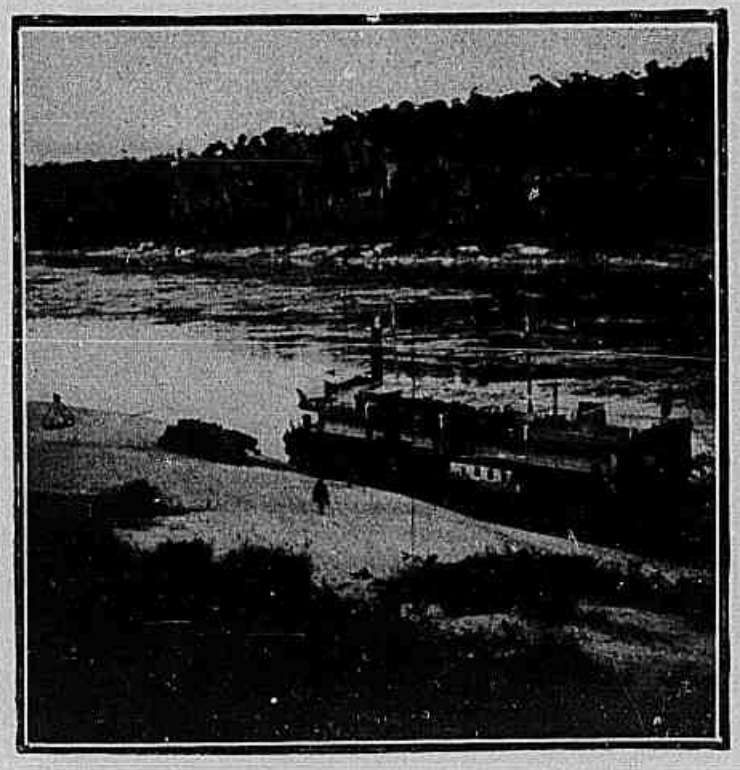
O matte é até hoje o principal factor da riqueza do Estado.

Basta recordar que elle alimenta centenas de milhares de productores do interior e vae, depois, exportado para o estrangeiro, contribuir com a maior parcella para o orçamento do Estado.

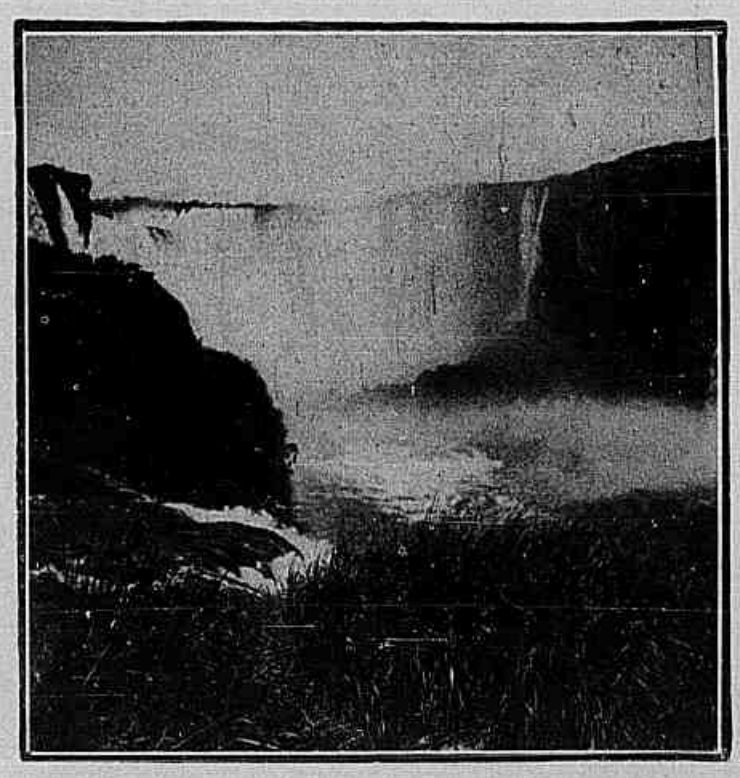
No exercicio de 1920-1921 a herva matte contribuiu com a somma de réis... 3.128:586$536 para o total de réis 11.862:778$948 em quanto montou a receita geral do Estado, naquelle exercicio.

A industria extractiva das madeiras cresce sempre, á medida que se desvendam, pelas linhas de estrada de ferro, novas mattas.

Ha ainda immensas florestas de essencias florestaes, principalmente o pinho, proprias para serrarias.



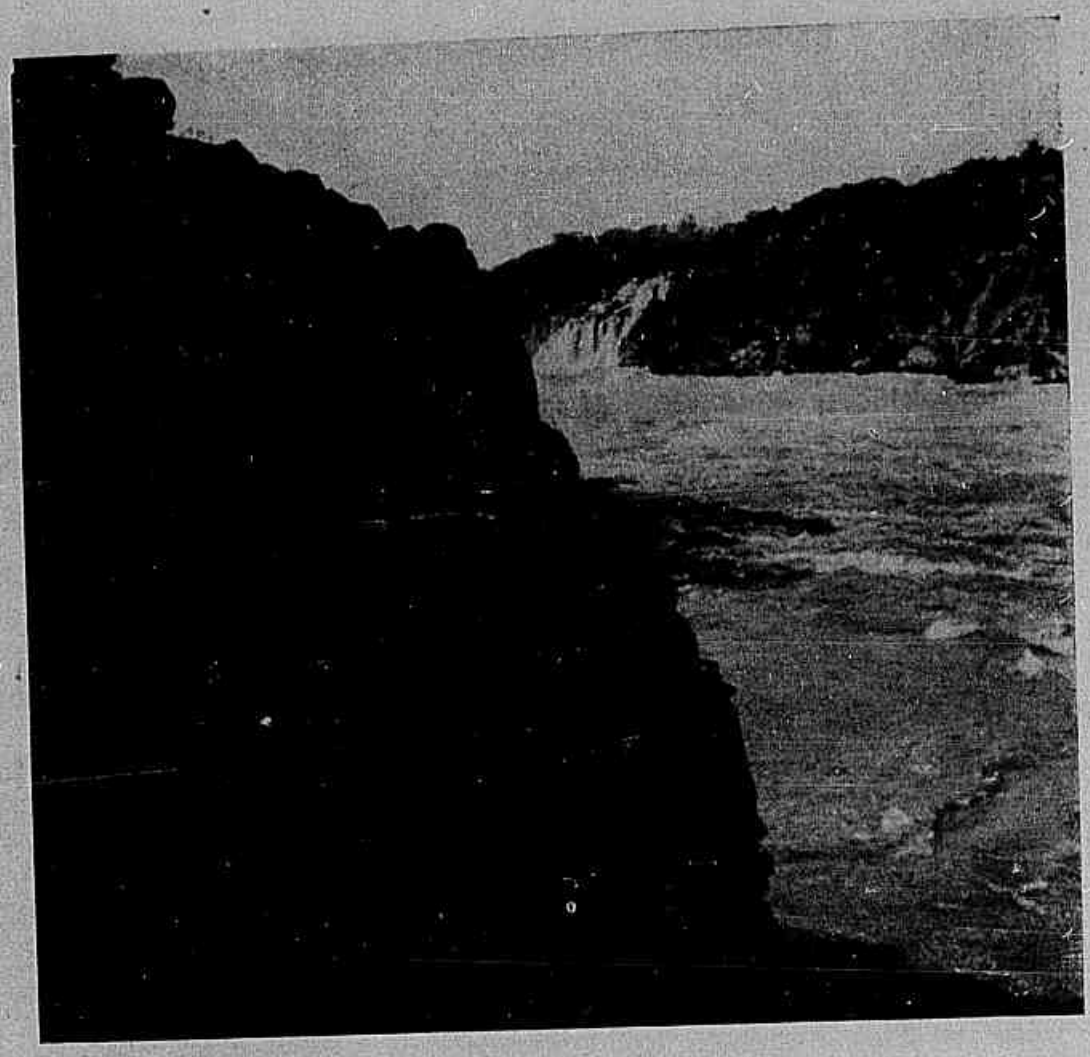
NAVEGAÇÃO DO RIO PARANÁ.



SETE QUÉDAS



SETE QUÉDAS.



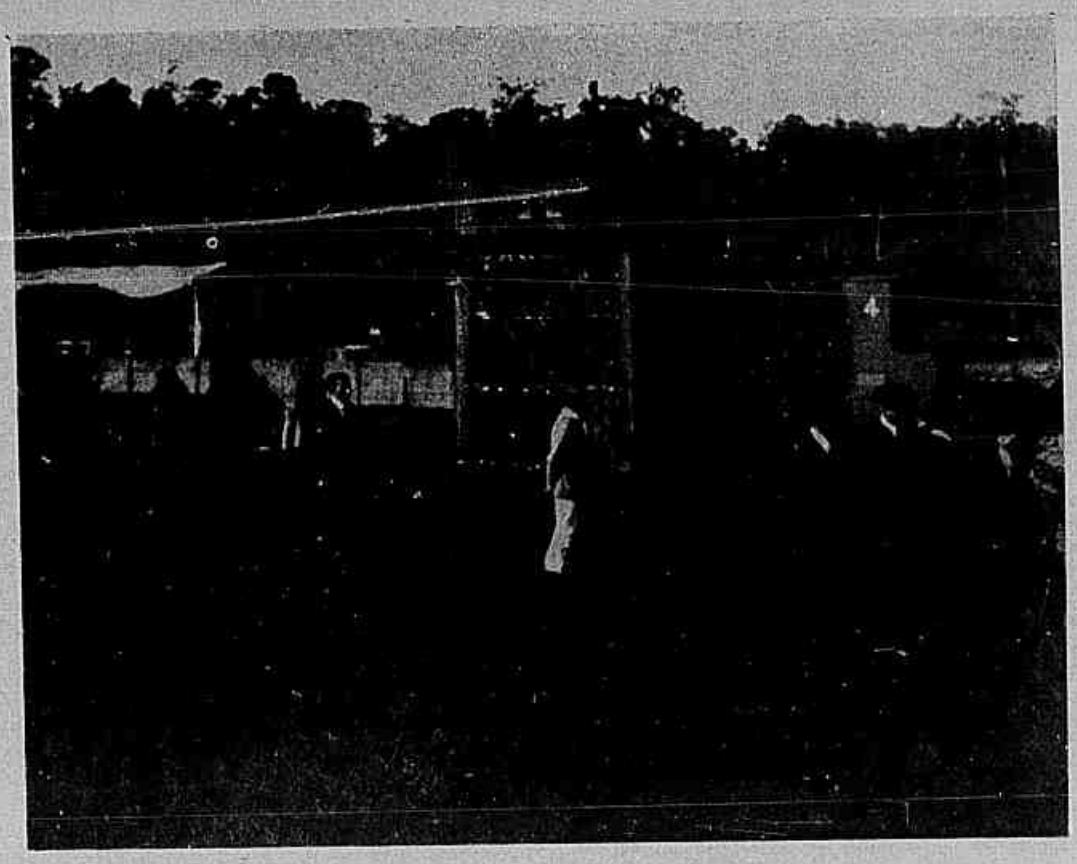
SETE QUÊDAS

A pecuaria tambem vae se desenvolvendo bastante.

Os campos paranaenses podem abrigar um rebanho muitas vezes maior do que o actual, com excellentes resultados productivos, desde que se melhorem as condições technicas da criação do gado.

Possue ainda o Paraná uma inestimavel riqueza: as suas grandes quédas d'agua. As cataractas de Guayra (Sete Quédas), no rio Paraná e as de *Santa Maria*, no Iguassú, além de uma infinidade de outras menores, podem fornecer um potencial poderoso, capaz de movimentar innumeras industrias.

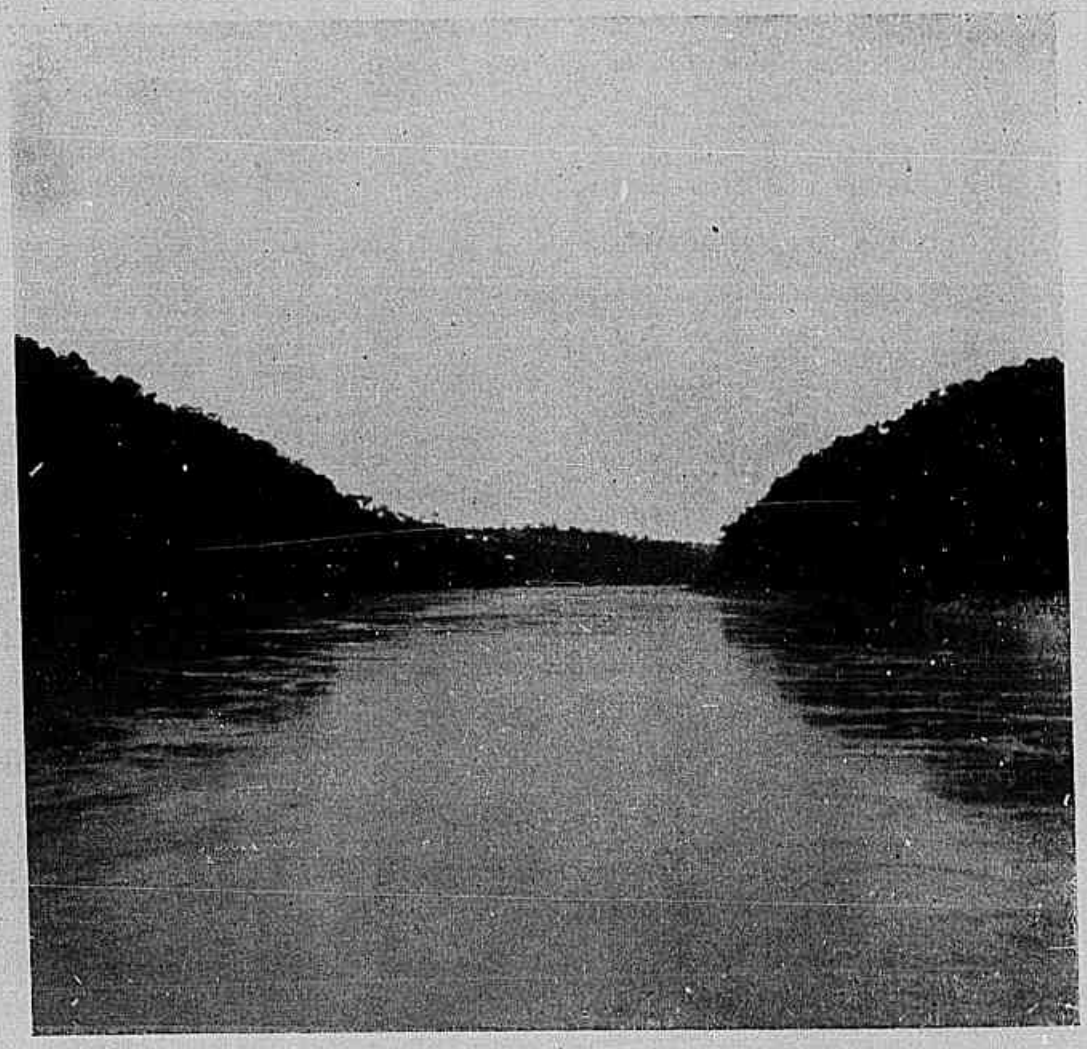
Em largos traços deixamos esboçadas as possibilidades do Paraná, Estado novo e de população ainda relativamente pequena, mas fadado a grandes surtos de progresso, em futuro proximo.



ESTRADA DE FERRO DE LARANJEIRAS AO BAIXO PARANÁ.



A CIDADE DE IGUASSÚ.



TRECHO DO RIO PARANÁ.

O Municipio de Campos

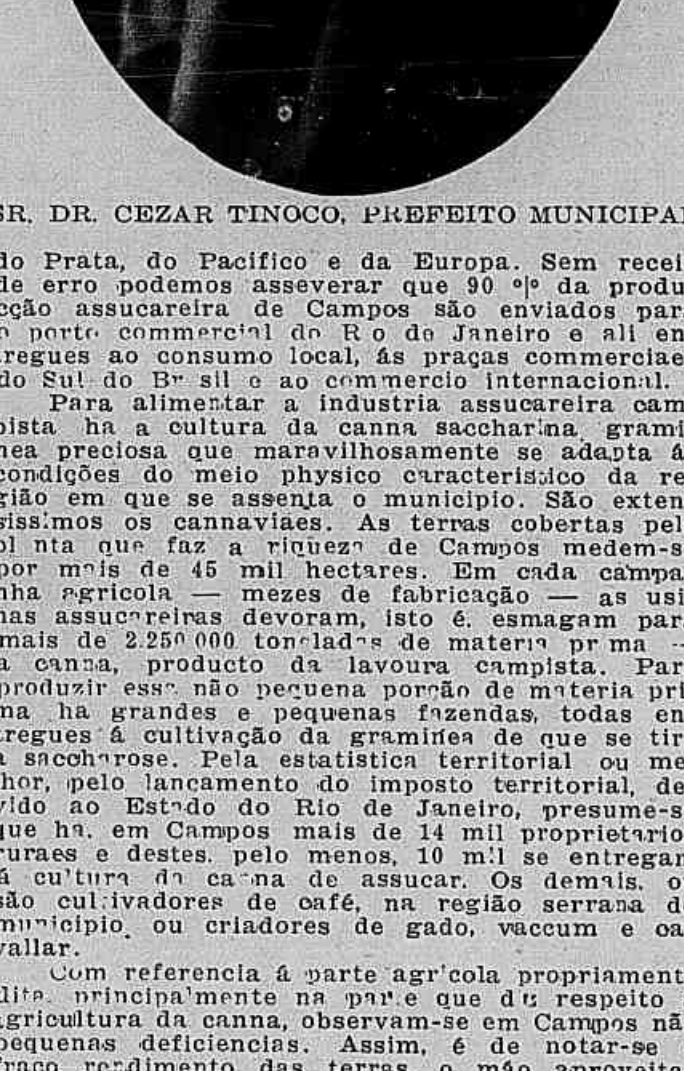
AO solemnisar o Brasil o seu primeiro seculo de Independencia politica, o seu primeiro seculo de vida autonoma, de existencia livre como nação soberana, o municipio de Campos dos Goytacazes tem a grata satisfação de apresentar aos leitores da "Illustração Brasileira" um rapido transumpto de seu valor como uma das mais importantes parcellas do todo socio-economico brasileiro.

Conhecido desde os mais remotos tempos, pois o inicio de sua colonisação coincide com o da colonisação do Brasil, o municipio de Campos é hoje, senão a mais prospera, pelo menos uma das mais extensas mais povoadas, mais ricas e mais adiantadas das municipalidades brasileiras.

O seu territorio cobre uma area igual a 5.400 kilometros quadrados, quasi todos planos, ferteis, abundantemente irrigados e magnificamente adaptados á toda a sorte de culturas proprias dos paizes quentes. Nem toda essa grande extensão territorial, em sua maioria constituida por terras lavradias accessiveis á relha das charrúas ou ás multiplas aivecas dos possantes tractores, se acha presentemente cultivada. Não obstante, o municipio de Campos, pela sua agricultura, pelos productos que tira de seu sólo fertil, inegualavel, prodigiosamente adaptado á cultura mecanica, é um municipio rico, activo, progressista e, o que mais vale, fadado a um grande porvir, a um grande centro de producção agro-pecuaria capaz de abastecer, por si só, os mais exigentes mercados.

Pelo censo agricola realisado em 1º de Setembro de 1920, o valor "minimo" da producção agricola campista excedeu de 100 mil contos. O capital invertido em terras, machinaria e benfeitorias agricolas, inclusive edificios e grandes fabricas de assucar, representa-se por cifra superior a 130 mil contos de réis. Nenhuma outra municipalidade fluminense exhibe cifras elevadas.

Ainda sob o aspecto de grande centro agricola, convém salientar a preponderancia da cultura da canna e o fabrico do assucar na vida economica do municipio de Campos. Dentro de seu territorio ha, presentemente, 26 usinas productoras de assucar, as quaes na campanha agricola de 1920 produziram 1.200.000 saccos de assucar, sejam 72.000 toneladas metricas. Em 1921, essa producção excedeu de 1.000.000 de saccos. Em 1922, a safra será igual ou um pouco inferior á de 1921. Concomitantemente com a fabricação de assucar as usinas campistas fabricam aguardente e alcool. Das 26 usinas campistas, algumas ha que se recommendam pela sua apparelhagem moderna e pela sua producção annual, como a de "Mineiros", a de "Santa Cruz", a de "Cupim", a de "Cambahyba", que fabricam por anno de 80.000 a 110.000 saccos. A época da fabricação começa geralmente em Junho e termina em Outubro. Do assucar fabricado em Campos, uma pequena parte fica no municipio para attender ás necessidades do mercado local, já de si importante; outra parte é exportada para os mercados vizinhos, cidades fluminenses espirito-santenses e mineiras. O grosso, porém, da exportação é remettido para o mercado do Rio de Janeiro e dahi embarcado para os Estados do Sul da Republica e para as nações do Prata, do Pacifico e da Europa. Sem receio de erro podemos asseverar que 90 °|° da producção assucareira de Campos são enviados para o porto commercial do Rio de Janeiro e ali entregues ao consumo local, ás praças commerciaes do Sul do Brasil e ao commercio internacional.



SR. DR. CEZAR TINOCO, PREFEITO MUNICIPAL

Para alimentar a industria assucareira campista ha a cultura da canna saccharina, graminea preciosa que maravilhosamente se adapta ás condições do meio physico caracteristico da região em que se assenta o municipio. São extensissimos os cannaviaes. As terras cobertas pela planta que faz a riqueza de Campos medem-se por mais de 45 mil hectares. Em cada campanha agricola — mezes de fabricação — as usinas assucareiras devoram, isto é, esmagam para mais de 2.250.000 toneladas de materia prima — a canna, producto da lavoura campista. Para produzir essa não pequena porção de materia prima ha grandes e pequenas fazendas, todas entregues á cultivação da graminea de que se tira a saccharose. Pela estatistica territorial ou melhor, pelo lancamento do imposto territorial, devido ao Estado do Rio de Janeiro, presume-se que ha, em Campos mais de 14 mil proprietarios ruraes e destes, pelo menos, 10 mil se entregam á cultura da canna de assucar. Os demais, ou são cultivadores de café, na região serrana do municipio, ou criadores de gado, vaccum e cavallar.

Com referencia á parte agricola propriamente dita, principalmente na parte que diz respeito á agricultura da canna, observam-se em Campos não pequenas deficiencias. Assim, é de notar-se o fraco rendimento das terras, o máo aproveitamento do sólo, a pratica ronceira e tradicional do trabalho verdadeiramente agricola. No trabalho das usinas tambem se notam imperfeições. A industria assucareira, que é chimica por excellencia, é tida em Campos como uma industria mecanica e estão á frente dellas como technicos os mecanicos e não os chimicos.

Para obviar esse inconveniente e, tambem, para auxiliar os lavradores e usineiros no seu desejo de aperfeiçoamento, o Governo Federal mantém no municipio uma Estação Geral de Experimentação, dirigida pelo Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, por intermedio de technicos competentes e capazes. São já notabilissimos os resultados alcançados por esse estabelecimento modelar. Sem nos referirmos aos resultados de ordem technica, de experimentação, observação e demonstração, basta dizer que a Estação já conseguiu grande numero de variedades de canna que, sem exigencias especiaes, produzem maior quantidade de kilos por unidade de superficie do que as variedades mais cultivadas em Campos. As cannas da Estação Experimental, á medida que provam a sua excellencia e valor economico, são largamente distribuidas aos lavradores que, de pouco em pouco, as vão cultivando e, assim, melhorando o rendimento cultural.

Como um dos grandes factores do progresso campista é necessario pôr em relevo a cifra de sua população e observal-a quer em sua quantidade quer em sua qualidade. Antes de qualquer outra consideração é conveniente lembrar que a população é genuinamente brasileira, integralmente nascida e criada nas uberrimas planicies da terra goytacaz. E' diminuto o numero de estrangeiros residentes em Campos e, numa cifra vizinha de 200 mil almas, contam-se menos de 10 mil estrangeiros.

Pelo recenseamento geral da população brasileira, effectuado em 1º de Setembro de 1920, a população de Campos era computada em 175.850 habitantes.

Desses 175.850 habitantes, a maior parte reside nos districtos ruraes do municipio; a população urbana orça por um quarto da população total, como se vê na seguinte distribuição:



SR. DR. LUIZ GUIMARÃES SOBRAL, PREFEITO ELEITO



SR. CORONEL JOÃO THOMAZ ROCHA FARIA, PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL

População — urbana, 38.348; rural, 137.502; total, 175.850.

A população urbana comprehende a população da cidade de Campos, séde do municipio, cujas caracteristicas estatisticas são: Numero de predios — habitados, 4.295; deshabitados, 516; em construcção 65; total, 4.876. Predios com 1 pavimento, 4.483; 2 pavimentos, 380; 3 pavimentos, 16; total 4.876. Propriedades: particular, 4.849; publica: União, 4; Estado 18; Municipio, 5; total, 4.876.

Essa estatistica predial se refere á data do recenseamento de 1920 (1 de Setembro). Presentemente a cidade de Campos conta com mais de 5.000 predios.

Area da cidade: 12 kilometros quadrados.

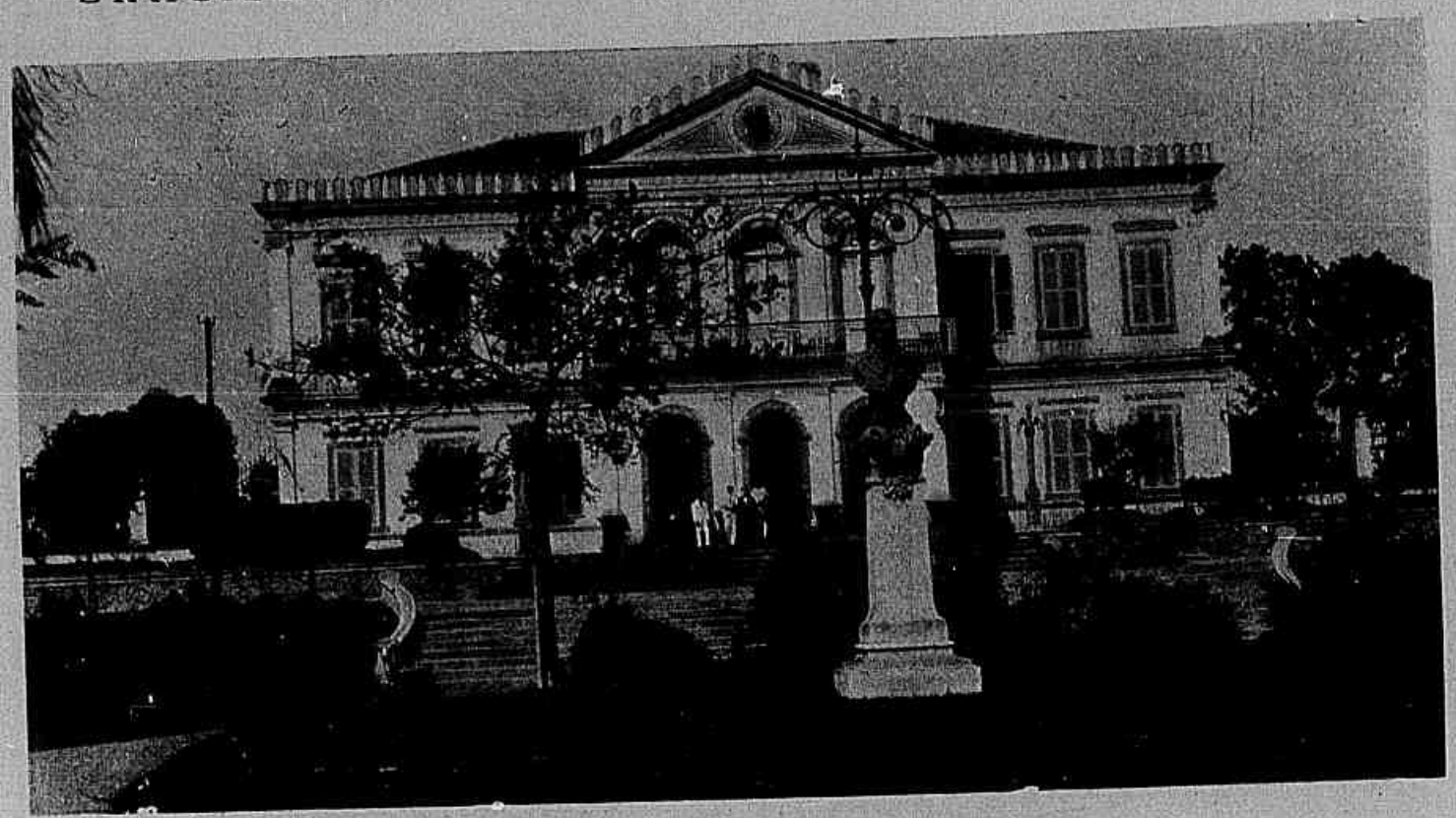
Densidade da população por k. q., 3.195 habitantes.

Densidade predial (predios habitados): 8,91.

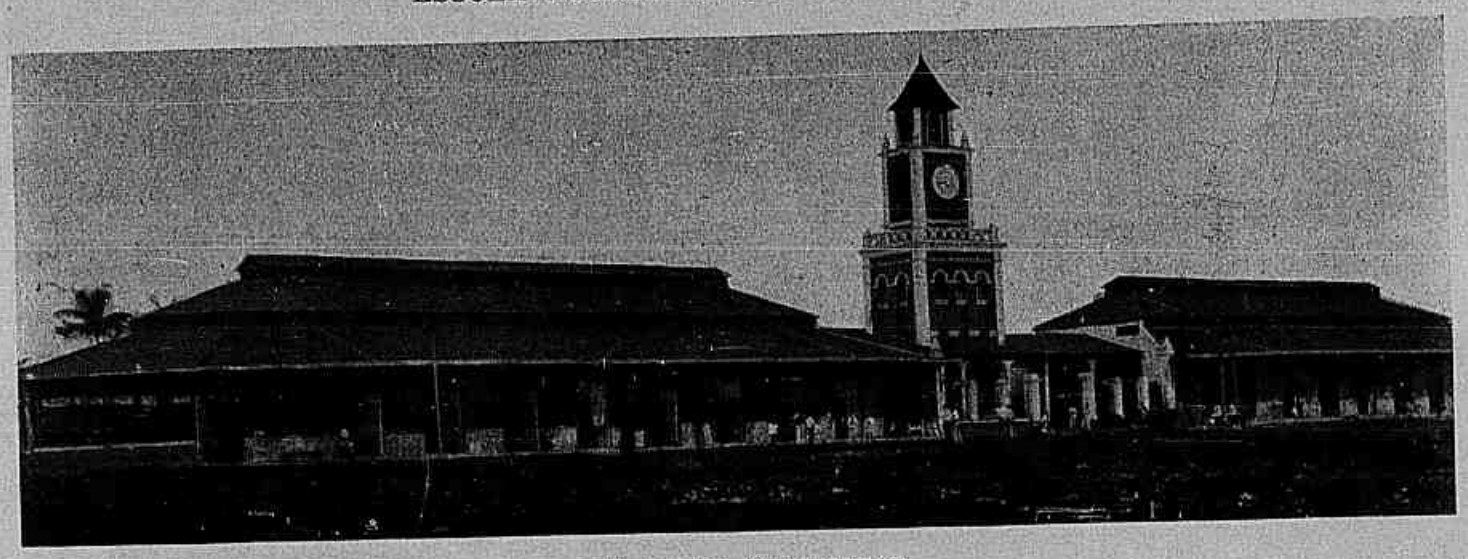
A cidade de Campos está em sua maior parte edificada á margem direita do rio Parahyba e a quarenta kilometros de sua foz no oceano Atlantico. Gosa de um



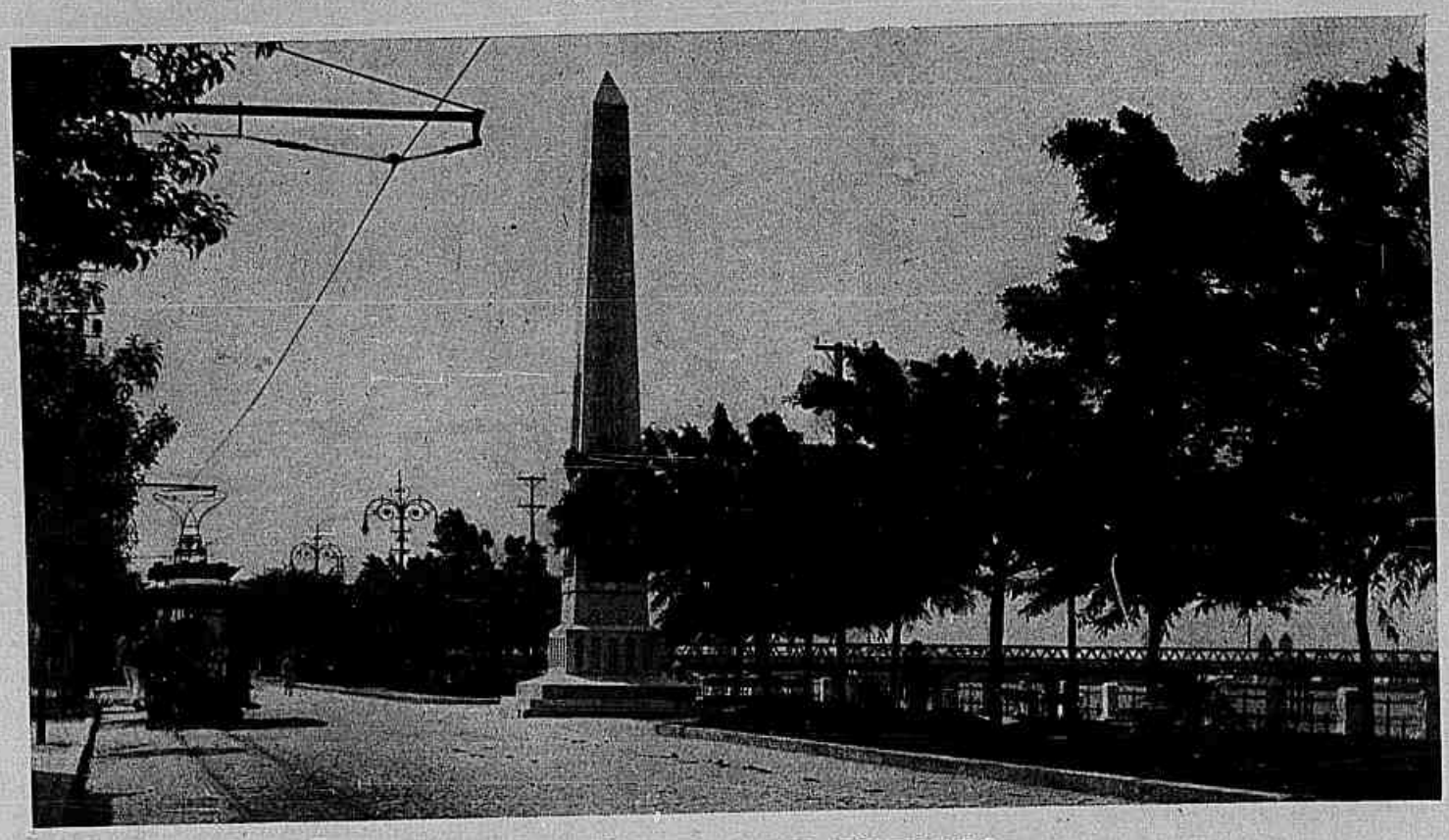
PARQUE NILO PEÇANHA, VENDO-SE A ESCOLA AO AR LIVRE WESCESLAU BRAZ



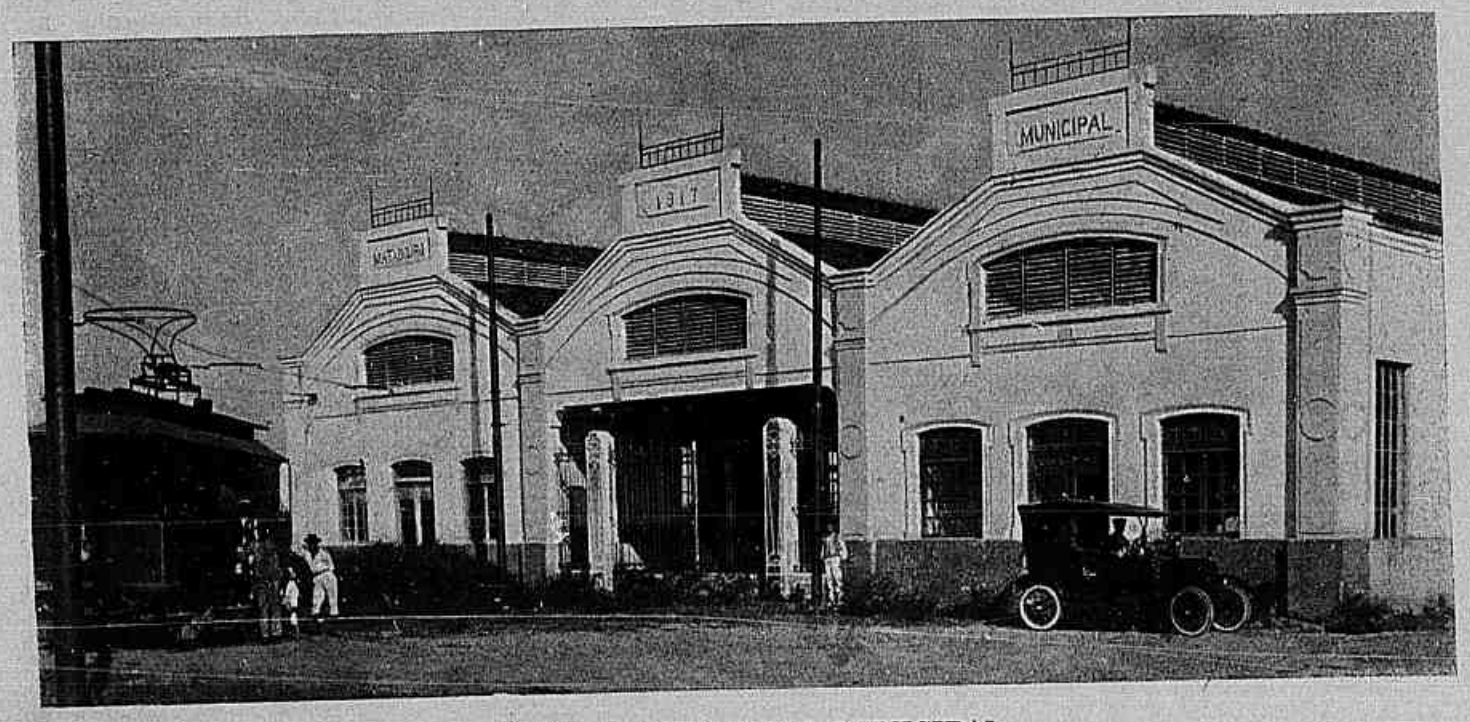
ESCOLA NORMAL BARÃO DO RIO BRANCO



MERCADO MUNICIPAL



AVENIDA QUINZE DE NOVEMBRO



MATADOURO MODELO MUNICIPAL

clima relativamente bom, possue bellos edificios, praças ajardinadas, ruas calçadas a parallelipipedos de granito e a mac-adam, servida de bondes electricos, illuminada á luz electrica com rêde de esgoto e agua potavel encanada. E' centro de intenso commercio, importador e exportador, ponto de entroncamento de varios ramaes ferro-viarios, séde de importantes estabelecimentos industriaes, fiação, metallurgia, bebidas, moveis, serrarias, etc. Instrucção altamente diffundida: escolas publicas, escolas particulares, lyceu de humanidades, escola normal, escola de aprendizes artifices, emfim com uma população escolar superior a 10 mil discentes. Possue a cidade de Campos cinco hospitaes, entre elles a Santa Casa de Misericordia, que abriga normalmente, mais de 2.000 enfermos, além da assistencia medico-pharmaceutica que presta a milhares de consulentes. As obras de saneamento e embellezamento estão em parte a cargo do Governo do Estado, que as vae realisando com proveito e utilidade. Por seu lado a Prefeitura Municipal se tem esforçado para fazer da cidade de Campos, não apenas uma cidade salubre, confortavel, commoda, dotada de todos os encantos de uma cdade moderna, mas um centro de cultura intensa, de trabalho remunerador, de actividade recompensada. Innumeros são em Campos, cidade, as associações de beneficencia, as organisações operarias, sociedades de mutualidade e seguro, associações scientificas como a Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia, na qual se filia a Liga Polytechnica de Hygiene e Eugenia, associações de classes, como a Associação dos Empregados no Commercio, que, além da assistencia medica, presta aos seus societarios a assistencia intellectual com o manter um curso nocturno onde se ensinam varias disciplinas do curso primario e secundario, indispensaveis á vida commercial. Ao par dessas associações ha ainda a Associação Commercial, a União dos Lavradores, o Syndicato Agricola de Campos a Sociedade Agro-Pecuaria de Campos, ogranisada segundo os dictames do cooperativismo economico e destinada ao melhoramento technico da actividade agraria campista, varias associações musicaes e grande numero de associações desportivas, algumas das quaes dignas de especial referencia como o Americano Football Club, o Goyt acaz F. C., Club Nautico Saldanha da Gama, Sport Club Rio Branco (regatas) e o Club de Natação e Regatas Campista. — os benemeritos encarregados da educação physica da mocidade.

Não nos esquecamos de dizer que, em Campos, a imprensa se faz representar condignamente. Entre os jornaes diarios convém apontar o "O Rio de Janeiro", a "Folha do Commercio", a "A Gazeta", a "Gazeta do Povo", o "Monitor Campista", o "Amigo do Povo" (jornal operario) e a "A Noticia", vespertino. Semanalmente se publicam: "Génesis", periodico illustrado, literario e artistico e "Novidades", jornal informativo, literario, sportivo, etc. A redacção desses jornaes em geral está confiada a jornalistas conscienciosos e capazes, devotados á profissão, dedicados ao progresso e ao renome campistas, optimos manejadores da penna e reputados directores da opinião publica. As emprezas jornalisticas são mais ou menos solidas, prosperas, independentes e algumas com existencia quasi secular, como o "Monitor Campista".

A população do municipio, que era, como já vimos, de 175.850 habitantes colloca esse municipio numa posição excellente não apenas em referencia aos demais municipios do Estado do Rio, mas tambem em referencia aos demais municipios do Brasil. Com exclusão de algumas capitaes como Belém, Recife, São Salvador, Capital Federal, São Paulo e Porto Alegre, — nenhum outro municipio ou districto brasileiro póde comparar-se a Campos quanto á cifra absoluta de sua população. Mesmo nos Estados mais prosperos e povoados do Brasil como São Paulo, Minas e Rio Grande de Sul, não ha um municipio cuja população seja superior á de Campos. A população total do Estado do Rio de Janeiro, sendo de 1.559.371 habitantes, a população campista representa desse todo a 9ª parte ou 11 2 o/o. A população de Nictheroy, que era de 86.238 almas em 1º de Setembro de 1920, representa menos da metade da população de Campos em igual data.

Para demonstrar-se o progresso da população campista, vejamos qual era essa população em annos anteriores a 1920.

Em 1872, isto é, pelo recenseamento de 1º de Agosto de 1872, Campos, municipio, tinha uma população de 79.307 habitantes. Vinte annos mais tarde, em 1º de Agosto de 1892, essa população era de 105.534, ou 26.227 de augmento absoluto, ou ainda, um augmento médio annual de 1.311 habitantes. Em 1º de Setembro de 1920, ou 28 annos depois do ultimo recenseamento, chega a 175.850, ou 70.316 de augmento absoluto, ou ainda, um augmento médio annual de 2.511. Assim, num periodo menor de 50 annos, a população campista passa de 79.307 a 175.850 ou perto de 100 mil habitantes mais. Convém aqui notar que esse augmento se fez á custa do crescimento intrinseco ou vegetativo isto é, foi o resultado do excesso de nascimentos sobre os obitos pois não se póde levar em linha de conta o augmento proveniente do excesso da immigração sobre a emigração, — phenomeno demographico pouco observado em Campos, para onde não ha nem jámais houve corrente immigratoria estabelecida.

O municipo de Campos em 1º de Janeiro de 1922, já tem uma população calculada em 184.000 e, dentro de quatro annos no maximo, terá uma população superior a 200.000 habitantes.

Pelos indices de mortalidade, nupcialidade e natalidade, facilmente se infere que a salubridade do municipio de Campos nada tem de differente da salubridade de outras regiões do Brasil, onde a vida humana encontra todas as condições para um perfeito desenvolvimento. Em Campos não ha endemias particulares á região e as que ahi se encontram são as mesmas que se notam em varias localidades do Brasil, sobretudo nas

regiões baixas do littoral atlantico, no valle dos cursos dagua, na orla das lagôas etc. A campanha, porém, contra as enfermidades communs a sitios taes faz-se em Campos intensamente e já são notaveis os resultados obtidos na luta contra o impaludismo, a ancylostomose, a ascaridiase, etc. Como poderoso auxiliar dos poderes publicos no saneamento intensivo e systematico do municipio de Campos, devemos apontar a Commissão Rockefeller, que, nesse municipio, como em muitos outros pontos do Brasil, tem prestado relevantissimo serviço. Em quatro annos de trabalho, a Commissão Rockefeller arrolou mais de metade da população campista, examinou mais de um quarto dessa população e distribuiu mais de 110 mil tratamentos. As obras de saneamento são cada vez mais intensas e, pelo que se observa desde já, é facil prever o completo triumpho da hygiene sobre as endemias que duramente flagellam os nossos centros ruraes.

Eis os indices de mortalidade, nupcialidade e natalidade verificados em Campos nos annos de 1918, 1919 e 1920:

		1918	1919	1920
Mortalidade	°|00	24.07	17,49	21,17
Nati-mortalidade	°|00	1.54	1,50	1,65
Nupcialidade	°|00	4,31	5.20	5.94
Natalidade	°|00	24,49	26,39	28,33

O valor economico do municipio de Campos melhor se póde observar atravez dos orçamentos da Prefeitura Municipal, isto é, das rendas ou receitas que a administração publica aufere proveniente de impostos e outras contribuições legaes. Acompanhemos desde 1900 até 1921 a variação das receitas da municipalidade campista:

RECEITA

1900	294:721$000
1901	457:763$000
1902	377:225$000
1903	367:156$000
1904	310:511$000
1905	308:332$000
1906	260:873$000
1907	285:005$000
1908	297:774$000
1909	280:505$000
1910	257:479$000
1911	318:940$000
1912	332:132$000
1913	417:589$000
1914	364:324$000
1915	466:594$000
1916	665:372$000
1917	1.082:274$000
1918	1.119:672$000
1919	1.126:095$000
1920	1.216:835$000
1921	1.187:380$000

Toda a receita annual da Prefeitura tem sido por ella applicada em melhoramentos locaes, em obras de utilidade geral, em subvenções ás casas de caridade, beneficencia e instrucção. Com o funccionalismo, a Prefeitura consome, annualmente, cerca de 14 - 16 °|° das rendas arrecadadas. Com a divida fundada, 10 °|°. E' quasi nulla a divida fluctuante do municipio, toda ella em via de extincção completa.

Um dos maiores cuidados da administração municipal campista tem sido a diffusão do ensino primario por todos os 16 districtos em que se divide o municipio. Para provar essa solicitude, damos abaixo a estatistica das escolas mantidas pela Prefeitura e referente ao anno escolar de 1920:

Numero de escolas, 52; alumnos matriculados, 2.929; frequencia média absoluta, 1.789; frequencia média relativa °|°, 61.1; dias lectivos, 270; aproveitamento maximo (dias), 243; aproveitamento minimo (dias), 15; numero de professores, 8; numero de professoras 44; verba orçamentaria, 56:000$000. Despeza: por alumno matriculado, 19$119; por alumno frequente, 42$879; por escola, 1:076$923.

Conjunctamente com as escolas estaduaes e particulares, as escolas municipaes concorrem mui efficazmente para que se erradique do municipio de Campos a pecha degradante do analphabetismo. A esse respeito é opportuno recordar que, em Campos, cidade e municipio, mais de 35 mil creanças recebem annualmente o ensino das primeiras lettras e os primeiros rudimentos de grammatica, arithmetica, geographia, historia patria, etc. Não queremos dizer que, com isso, está resolvido o problema do analphabetismo em Campos. Muita cousa ha ainda a fazer nesse sentido. Comtudo, os poderes publicos do municipio e do Estado não têm negado o seu concurso para a liquidação final do illiteratismo nas plagas campistas. Com um pouco mais de esforço e deligencia, de methodo e desejo firme de crear escolas e provel-as bem, é certo que os governos terão ministrado aos municipes campistas os elementos mais indispensaveis á sua prosperidade, — os beneficios da instrucção.

As grandes obras que em Campos se têm realisado á custa de muita tenacidade, energia e bem orientada decisão honram os campistas e muito os recommendam como um attestado do valor physico e moral de nossa raça. Tivesse o Brasil já estabelecida a sua organisação economica, sem a qual todo progresso é precario, toda a prosperidade aleatoria, e o municipio de Campos poderia ser apontado como o mais rico



TRECHO DA PRAÇA SÃO SALVADOR

e prospero do Brasil. A fertilidade da terra, a amenidade do clima e o valor do homem perfeitamente se casam, se associam, numa synergia notavel, para fazer de Campos um districto do trabalho, uma provincia da prosperidade o recanto mais caracteristico do que póde o brasileiro como productor, como organisador, como um lutador em pról dos grandes ideaes da humanidade, — a affluencia conseguida á sombra da Paz e do Trabalho. E se Campos ainda não attingiu esse vertice, esse ponto culminante na serrania das ambições justas e louvaveis, a anomalia se explica com o dizer-se que a nação brasileira, a mais nova no concerto das nações, ainda não assentou a sua economia, os factores de sua prosperidade em bases solidas, immutaveis, feitas por nós e para nós, brasileiros.

A lavoura de canna e a fabricação de assucar em Campos attestam a energia de animo, a resolução firme dos campistas, o amor á terra, na dedicação ao trabalho, na confiança que lhes inspira o futuro do Brasil. E' de ver-se a impavidez com que, elles sobranceiros, enfrentam as crises economicas, as oscillações do mercado, as agruras dos annos climatericos — tudo isso num meio onde nada ha organisado, onde a acção governamental se perde num oceano de ruinas, num ondear de interesses e casualidades que desnorteiam e abatem. Não obstante isso, os campistas dilatam as suas lavouras, montam usinas carissimas, invertem vultuosos capitaes na exploração das forças creadoras da terra, animam o commercio, activam todas as energias. Sejam compensadores os preços do assucar, e os havemos de ver em novos emprehendimentos, no aperfeiçoamento extensivo e intensivo de sua industria mater, a abrirem estradas, canaes, a dessecarem pantanos, a melhorarem as condições de seus auxiliares, — os operarios. Se os preços baixam, o enthusiasmo arrefece, porém não se extingue e é com mais admiração que os vemos mais dispostos á luta, á luta pela conservação do que crearam e souberam engrandecer. Na prosperidade, por mil e uma maneiras o fisco se lhes associa e com elles aufere pingues proventos. Na adversidade, os governos os abandonam, o credito bancario os deixa ao desamparo, as difficuldades impedem-lhes os movimentos. Nada, porém, os entibia. Reformam os seus projectos, esperam por melhores tempos e continuam no seu trabalho.

Houvesse no Brasil uma organisação economica, baseada na utilidade e indispensabilidade do credito agricola, fundada na orientação efficaz das correntes commerciaes, no conhecimento das exigencias dos mercados consumidores, e as crises economicas e consequentemente financeiras não abalariam tão fundamentalmente as classes productoras, arremeçando-as para situações precarissimas, senão de angustia manifesta, pelo menos de difficuldades evidentes. Apezar de tudo, Campos progride e progredirá sempre. Os progressos por elle realisados honram o Brasil e constituem para nossa raça um emblema de energia, de vontade, de proposito firme, de desejo intenso de honrar a nossa civilisação.

Nos humbraes do segundo seculo de autonomia politica, o Brasil e com elle Campos está na aurora de sua independencia economica. Para a primeira, Campos concorreu com seu sangue, seus ideaes, a palavra e a acção de seus filhos mais dilectos. Para a segunda, Campos concorrerá com o seu trabalho, a tenacidade de seus habitantes, a iniciativa indispensavel que tanto os distingue de seus irmãos fluminenses.



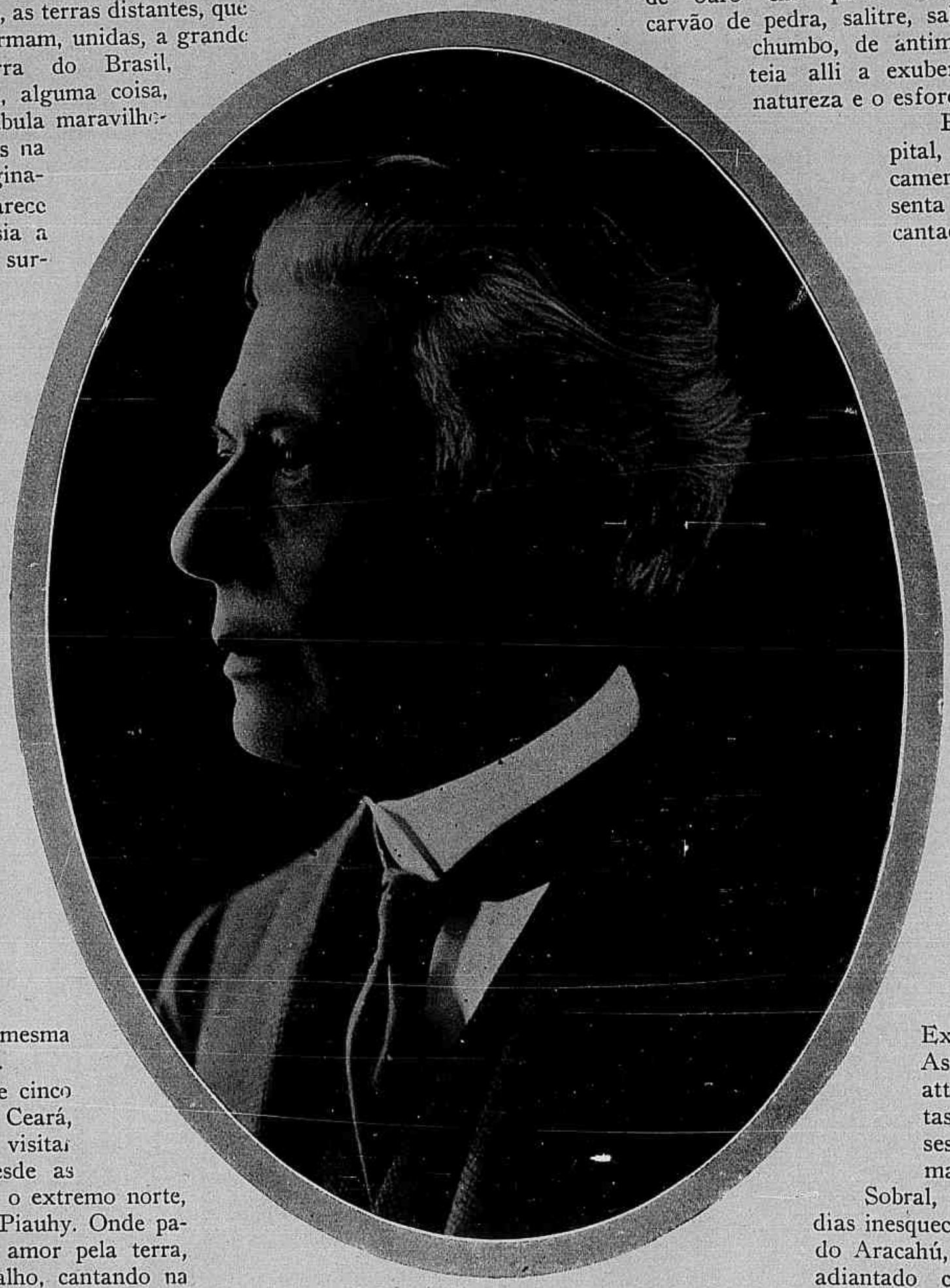
BOULEVARD DA IMPRENSA E RUA TREZE DE MAIO

O Estado do Ceará

PARA nós, creaturas da cidade immensa, tornadas cosmopolitas pela confusão em que vivemos, ouvindo os mais diversos idiomas, sentindo por todo o coração da humanidade, pensando em reflexo, falando em éco, — para nós, as terras distantes, que formam, unidas, a grande terra do Brasil, têm um vago de lenda, alguma coisa, suave e afastada, de fabula maravilhosa... Ellas existem menos na realidade do que na imaginação. Cada uma nos apparece conforme a nossa fantasia a delineia... E' sempre de surpresa, por isso, a primeira impressão que nos envolve, ao avistal-as como vivem na clara verdade dos seus destinos...

Foi com espanto que olhámos, de chegada, a terra do Ceará, a capital movimentada, o ambiente moderno, a actividade intelligente dos homens, a fina elegancia das mulheres. Depois, quando percorremos trechos longos do Estado, já na fascinação daquelle povo e daquella paizagem, a admiração das horas iniciaes pouco e pouco se foi incorporando ao orgulho de todo o brasileiro que constata, nos recantos da patria, o mesmo espirito de iniciativa, a mesma vontade de progredir.

Durante trinta e cinco dias, no interior do Ceará, tivemos occasião de visitar cidades e villas, desde as portas do Cariri até o extremo norte, nas vizinhanças do Piauhy. Onde paravamos, viamos o amor pela terra, sorrindo no trabalho, cantando na esperança... O sentimento da liberdade, que fez com que o Ceará monarchico fosse a primeira provincia emancipadora dos seus escravos, brilha na physionomia dos habitantes, das creanças aos velhos. Debaixo da luz ardente, a raça forte, altiva, quer viver ; — viverá. Em derredor, a creação do gado, as culturas de algodão, café, milho, feijão, canna de assucar e fumo mostram a riqueza, conseguida apezar das seccas periodicas, numa luta tenaz, sem fadiga, sem desfallecimento. Muitas madeiras de construcção : cedro, ipé, jacarandá, jatahy, páo ferro ; a arvore do cebo, o balsamo, jatobá, almiscar, oiticica, guiná, carnaúba, ipecacuanha, angelim ; fructas varias : atas, sapotys, mangas, cajús, e os vestigios de ouro em quasi todo o Estado, ferro, carvão de pedra, salitre, sal-gemma, minerios de chumbo, de antimonio, — tudo patenteia alli a exuberancia assombrosa da natureza e o esforço incansavel da gente.



SR. DR. JUSTINIANO DE SERPA, PRESIDENTE DO ESTADO DO CEARÁ.

Fortaleza, a linda capital, atravessada pittorescamente pelo Pajehú, apresenta um aspecto geral encantador, com uma população culta, industriosa ; com as suas ruas espaçosas, muito bem calçadas ; os edificios do centro commercial e as vivendas particulares denotando habitos de requinte ; o palacio do governo, do arcebispo, Casa da Camara, faculdade de direito, assembléa, alfandega, hospital de Misericordia, Cathedral, lyceu, instituto geographico, quartel de policia, estação central da estrada de ferro, quartel do exercito, o passeio, o mercado, o theatro José de Alencar. Nesse theatro, examinámos detidamente a Exposição Preparatoria, convencendo-nos de que o Ceará obterá destaque especial na Exposição do Centenario. As rendas vão ser um dos attractivos do certamen, feitas pelas mãos das cearenses, mãos de artistas anonymas, sem iguaes.

Sobral, onde passámos alguns dias inesqueciveis, á margem esquerda do Aracahú, bem construida, com adiantado commercio, fascina pela gentileza da sua sociedade.

Estivemos tambem em Guaramiranga, que é uma Petropolis pequenina ; lá se reunem, no tempo do verão, as familias mais representativas do alto mundo estadual. Canindé, á sombra da majestosa Cathedral, fica gravada na memoria, tranquilla recolhida, de uma doçura extatica.

Dos logares que percorremos, no Ceará, — o prolongamen-

to da estrada de ferro de Baturité para o Crato, os açudes Orôs, Poços dos Paus, Patú, Cedro, Acarape do Meio e Janguruçu ; as estradas de rodagem de Lavras a Cajazeiras, de Baturité a Russas, de Baturité a Guaramiranga, de Fortaleza a Maranguape, de Fortaleza a Soure, de Fortaleza a Sobral ; o trecho ferroviario de Soure a Araras ; Ibiapiana ; Ipú, junto á serra de Ibiapaba, banhada pelo riacho Ipuçaba ; São Benedicto, Santa Anna do Acarahú, Massape, Urnoca, — de todos esses pontos do Bello Estado trouxemos a melhor recordação, convencidos do futuro que está reservado a esse pedaço do Brasil, sob a direcção de homens da altura mental do Sr. Dr. Justiniano de Serpa e de seus illustres secretarios.



SR. DR. MANOEL LEIRIA DE ANDRADE, SECRETARIO DO INTERIOR DO GOVERNO DO CEARÁ, QUE TANTO TEM COOPERADO PARA TORNAR A GESTÃO DO SR. DR. JUSTINIANO DE SERPA A MAIS BRILHANTE NO REGIMEN REPUBLICANO.

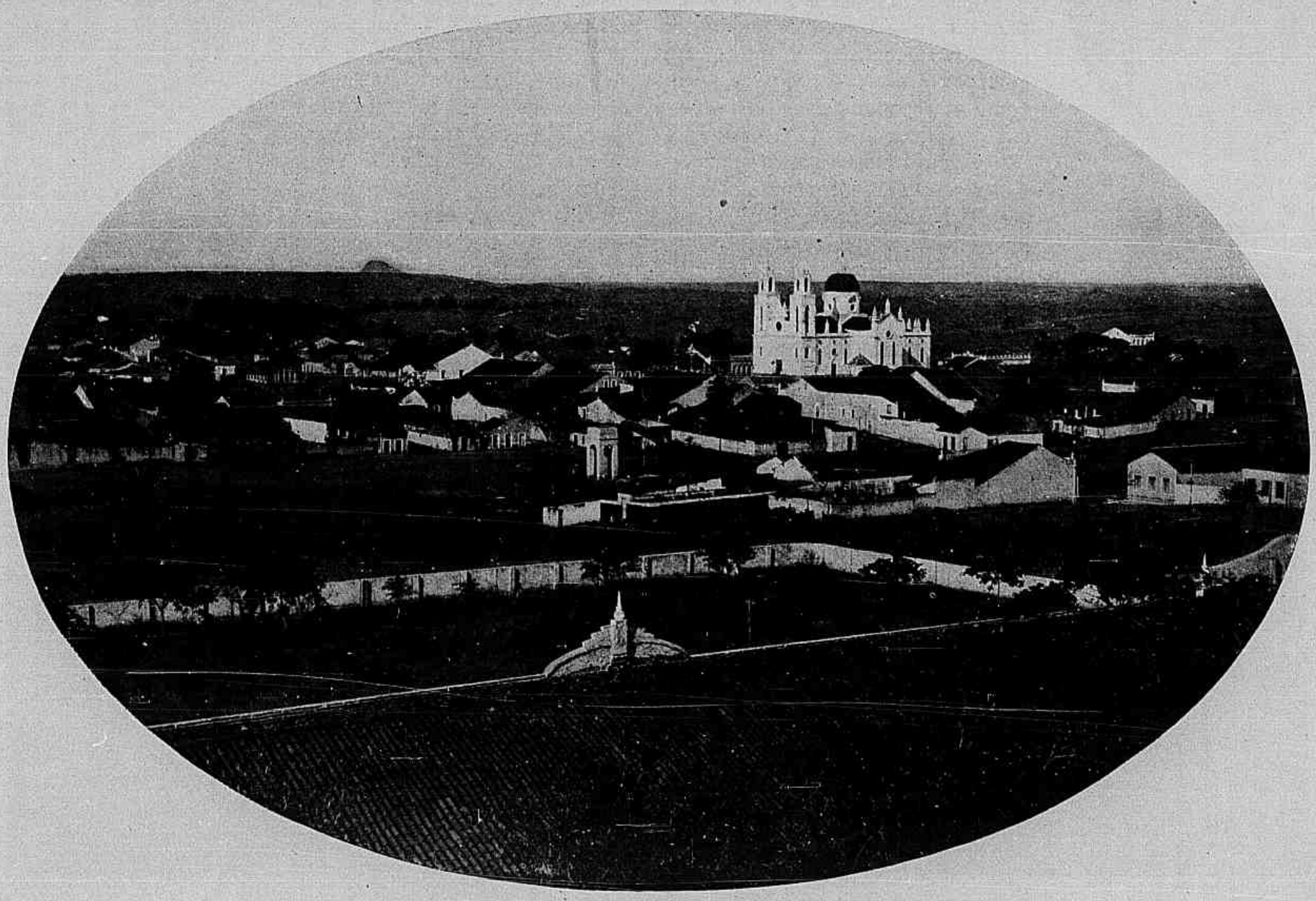
Fomos apresentados ao presidente do Ceará pelo Sr. Dr. José Paracampos, director de hygiene do Estado. S. Ex. recebeu-nos com captivante distincção. A palestra que o preclaro estadista manteve comnosco mais augmentou o nosso enthusiasmo por tudo que de bem pensavamos do seu governo. Uma das preoccupações maximas do actual chefe do governo cearense é a do ensino publico. Querendo reorganisal-o em moldes novos, querendo diffundil-o efficientemente, o Sr. Dr. Justiniano de Serpa convidou o Sr. Professor Bergstrom Lourenço Filho, professor paulista, lente de pedagogia da Escola Normal de Piracicaba, para dirigir a instrucção Publica do Estado. Na ultima mensagem á Assembléa Legislativa, a parte dedicada a esse magno assumpto poderia servir de guia esclarecedor para a desanalphabetisação, no paiz inteiro, dos milhares de patricios entregues á mais dolorosa ignorancia. Das palavras do Sr. Presidente transcrevemos as com que S. Ex. se refere á obrigatoriedade do ensino :

" De todas as medidas da reforma, uma ha, por cuja execução todos nos devemos empenhar, apaixonadamente — é a da obrigatoriedade do ensino ás creanças analphabetas, de sete a doze annos. Essa medida é, no tocante ao ensino primario, a espinha dorsal da reforma. E' preciso coagir o povo a procurar as escolas, onde o Estado as puder manter. Essa obrigatoriedade já existe nas nossas leis : o que a reforma accrescenta são os meios praticos de effectival-a, transformando-a, de preceito platonico, em disposição legal, seriamente cumprida. Dantes, ficava tudo no papel, por difficuldade de inspecção e de organisação. O que procurarei agora fazer é realizal-a. Para isso o cadastro escolar, a levantar-se, indicará, os paes esquecidos da obrigação de instruir os filhos ; e a fiscalisação local do ensino, com a creação das Ligas Municipaes, fará as notificações e imporá as penas da lei. Convém fazer salientar a importancia do estabelecimento dessas Ligas.



SR. DR. MANOEL THEOPHILO GASPAR DE OLIVEIRA, SECRETARIO DA FAZENDA DO GOVERNO DO CEARÁ, MEDICO DE LARGA CLINICA, QUE ABANDONOU POR UNS TEMPOS PARA EMPREGAR A SUA INTELLIGENCIA E O SEU TRABALHO AOS ALTOS INTERESSES DO SEU ESTADO NATAL.

Funccionando, como devem funccionar, adstrictas ás normas emanadas da Directoria Geral da Instrucção, ellas irão representar o verdadeiro systema nervoso do mesmo organismo, promptas na sua defesa, pois não lhes faltará mesmo o cerebro coordenador. Aliás, as difficuldades de todos os governos, quanto ao ensino, é o de não terem encontrado nunca esse apparelho de coordenação technico-administrativa, que deve manter a continuidade dos esforços de todas as administrações. A educação popular, problema complexo, apparelho caro,



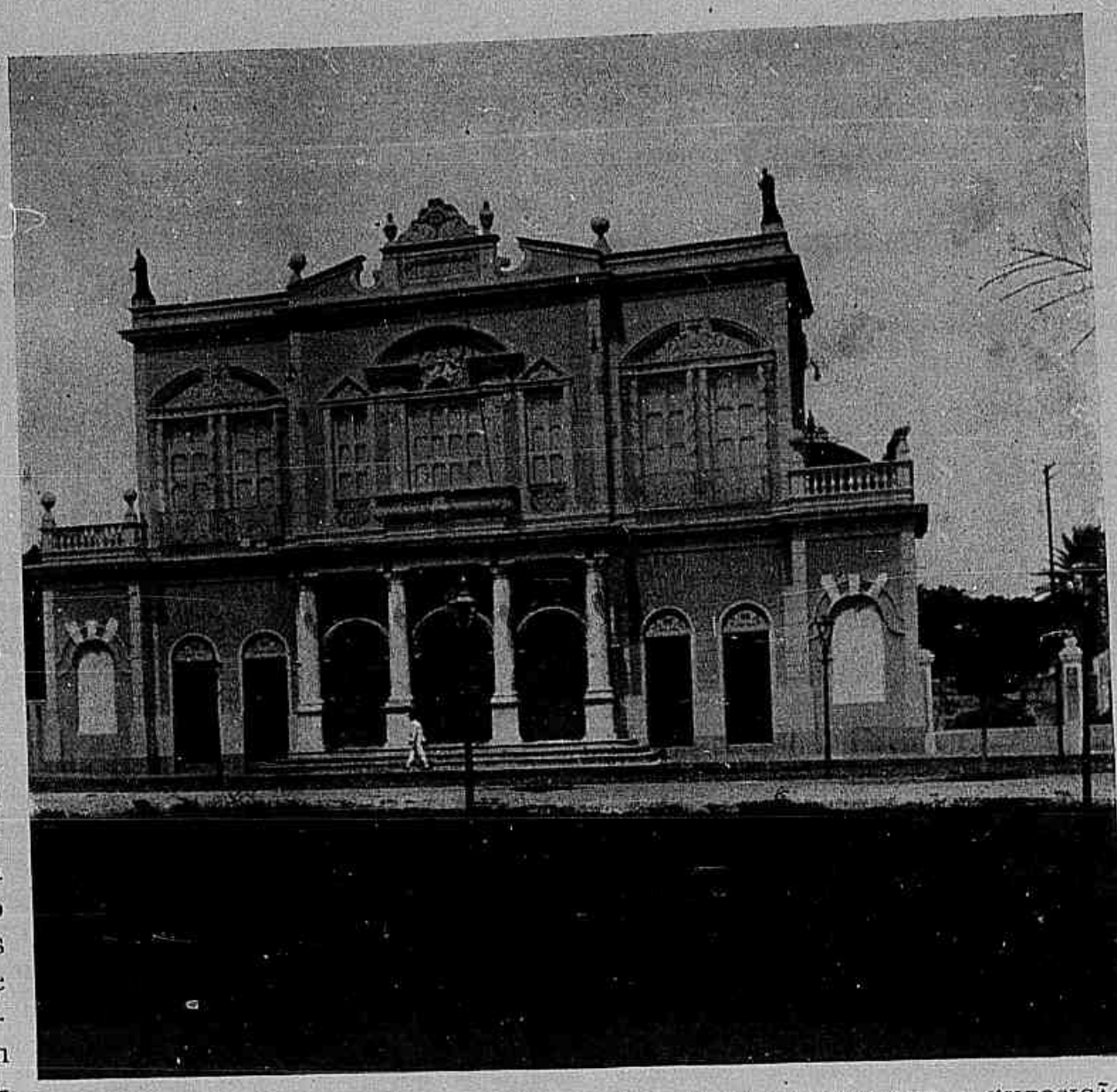
UM ASPECTO DE CANINDÉ, COM A SUA MAGESTOSA BASILICA, A MAIS BELLA DO ESTADO.

especialidade ainda pouco conhecida não já no Estado, mas no paiz, exige, mais que qualquer ramo publico do governo, uma continuidade de acção que acabe por dar novos habitos ao nosso povo, especialmente ao do interior, pouco affeito á escola."

E mais estas :

"As medidas relativas á reforma do ensino primario estão desde logo indicadas :

1 — urge levantar o cadastro ou o censo escolar, trabalho em que estão interessadas as Municipalidades de todo o Estado, e que, sob a orientação da Directoria do Ensino, devemos ter concluido ainda este anno ; a localização das escolas será pelos seus resultados corrigida, não se permittindo mais o provimento de cadeiras sem a verificação das necessidades publicas.



THEATRO JOSÉ DE ALENCAR, EM FORTALEZA, ONDE SE REALISOU A EXPOSIÇÃO PREPARATORIA DOS PRODUCTOS NATURAES E MANUFACTURADOS, COM OS QUAES O CEARÁ VAE CONCORRER AO GRANDE CERTAMEN DO CENTENARIO.



SR. DR. ANANIAS DE SERPA, DELEGADO DO CEARÁ NA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO.

2 — urge organizar, de facto, a inspecção escolar, que torne effectiva a obrigatoriedade das creanças analphabetas de 7 a 12 annos á frequencia ás escolas, bem como dar ao professorado a assistencia technica de que elle carece, o que será possivel alcançar com a organização das Ligas Municipaes do Ensino, com a reunião das cadeiras de cidades e villas, em Grupos e escolas reunidas, bem como a reorganização dos serviços da Directoria da Instrucção.

Reunidas as cadeiras das cidades e villas, sem maior onus para o Estado, muito estará feito pelo ensino, o que será defendido ainda para outras medidas que propomos quanto á epoca de nomeações, remoções e permutas.

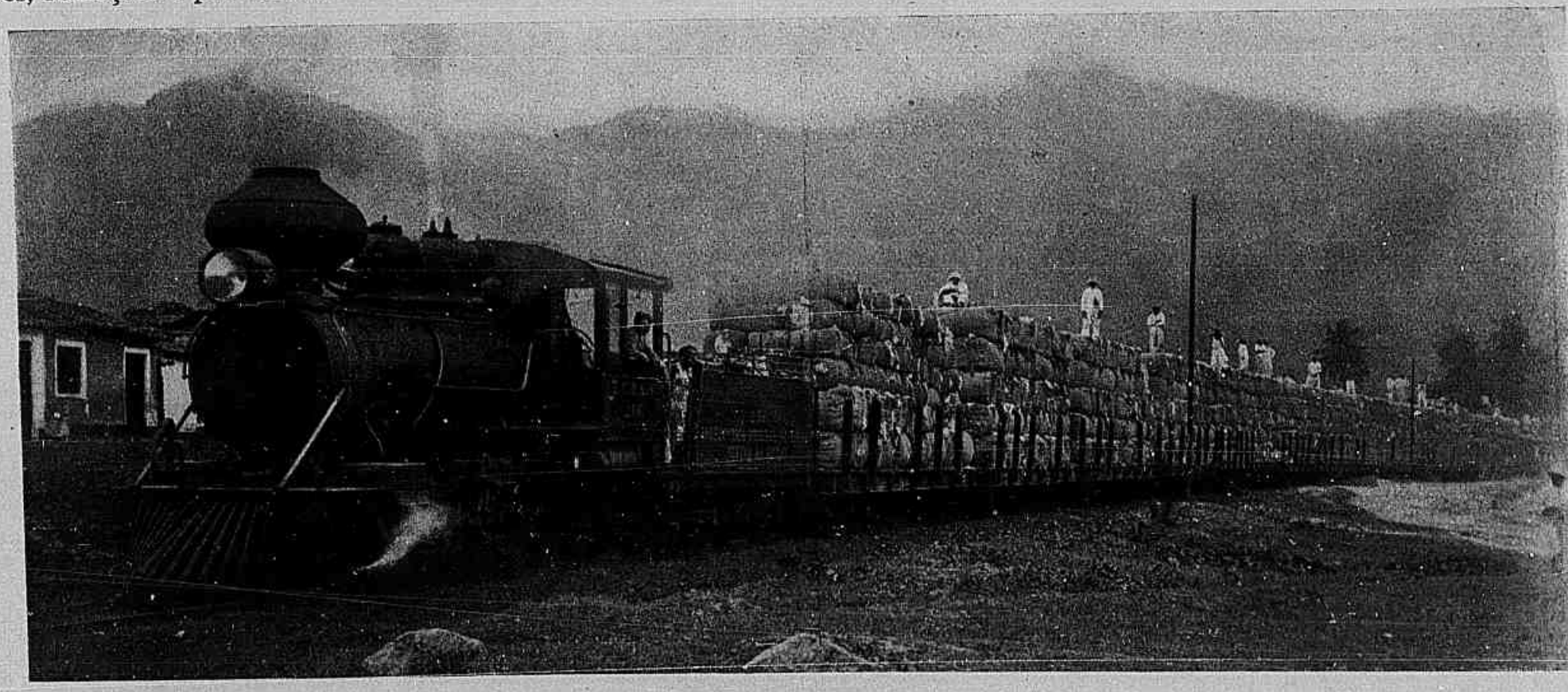
O estagio escolar fica modificado, nos Grupos, de 5 para 4 annos, porque a 5.ª classe não corresponde a uma necessidade do ensino primario entre nós, visto como só é procurada pelos alumnos que se destinam á Escola Normal. Em compensação, para os que a procuram para esse fim, creamos o Curso Complementar, annexo ao Normal, e com programma já coordenado ao dos seus estudos.

Todas as nomeações deverão ser feitas por concurso de notas, o que é permanente estimulo ao estudo dos normalistas, e respeito ao artigo 11 da Constituição.

Defende-se, assim, no momento, o curso primario. Mas a reforma não apresenta só o lado administrativo: apresenta o technico. E a reforma, neste ponto, para lançar raizes e produzir no futuro, precisa visar o curso normal. E' o mestre quem faz a escola. As normas administrativas, os ideaes technicos e os resultados sociaes esperados são, por certo, inseparaveis : a mais alta efficiencia de um moderno apparelho de ensino só pode ser o resultado da concorrencia dessas tres forças, bem encaminhadas. Mas umas e outras se applicam sobre as mesmas alavancas productoras : umas e outras necessitam e exigem os mesmos meios, acabando por appellar para o mesmo esquecido obreiro — o mestre-escola. O professor é a cellula viva do apparelho e carece de todos os cuidados a elle directamente dirigidos. E a Escola Normal é a "alma mater" de seu espirito e a



SR. DR. JOSÉ PARACAMPOS, DIRECTOR DE HYGIENE DO ESTADO.



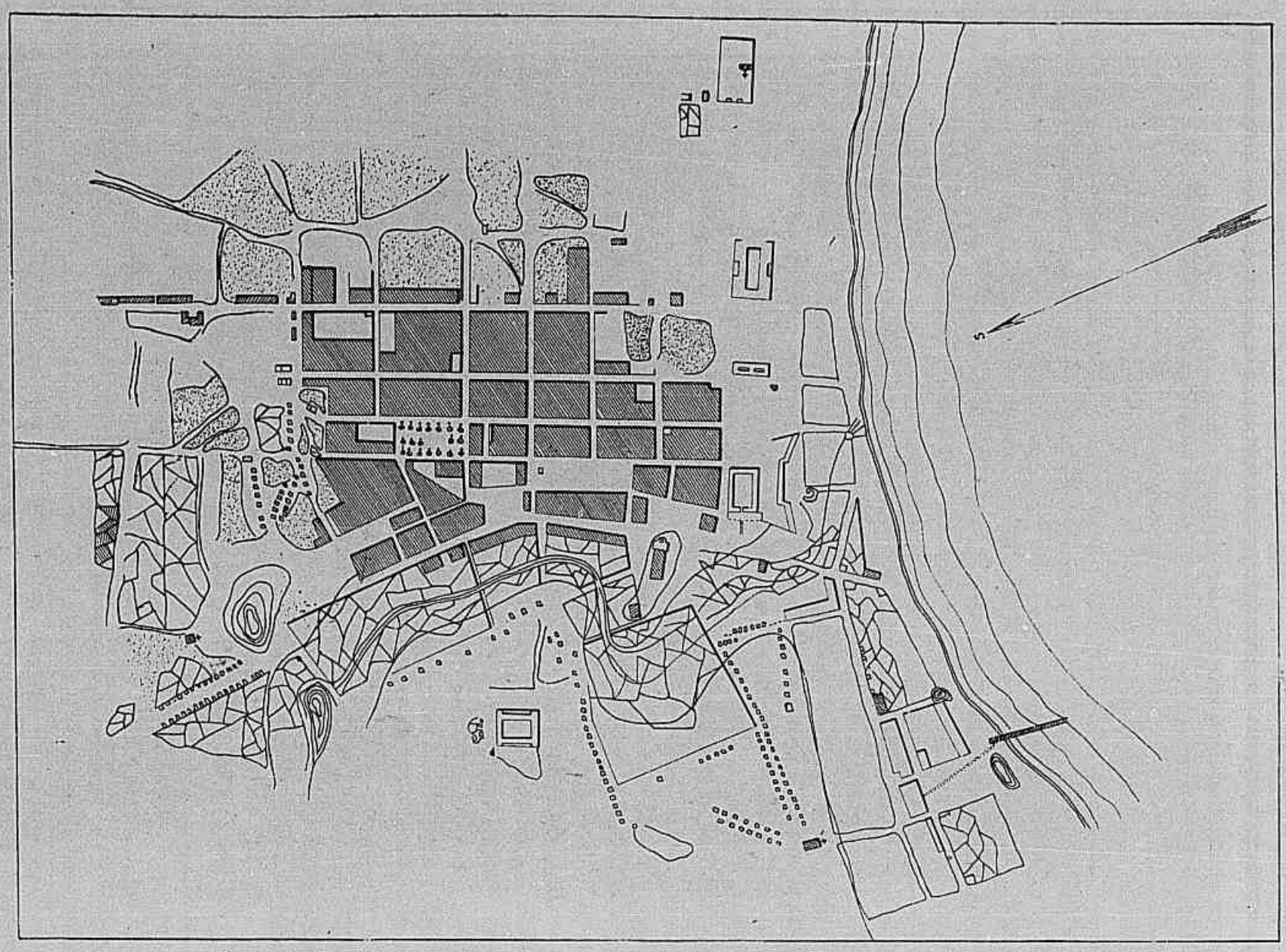
A PARTIDA DE UM TREM DE MARANGUAPE, CONDUZINDO 1.500 FARDOS COM 150.000 KILOS DE ALGODÃO EM PLUMA,

inspiradora da sua acção futura. Cumpre, portanto, que ella esteja á altura da nova organização e do novo espirito da educação primaria. A technica exige, com os exemplos do curso normal de toda a parte, prompta remodelação do curso normal, o que poderá ser feito ainda sem augmento de despezas. E essa remodelação deve attender principalmente a tres pontos :

1 — em corrigir a orientação literaria ou formalistica do programma, que, composto mais de sciencias abstractas, normativas ou descriptivas, orna o espirito, mas não o forma, não n'o desenvolve, não lhe dá os habitos de observação, de analyse e de raciocinio, como é possivel conseguir com um plano de estudos em que predominem as sciencias physico-naturaes ;

2 — em melhorar o ensino technico ou profissional, que é o que justifica a existencia do curso normal, augmentando nesse ensino o numero de aulas e orientando-o para a pratica no grupo modelo ;

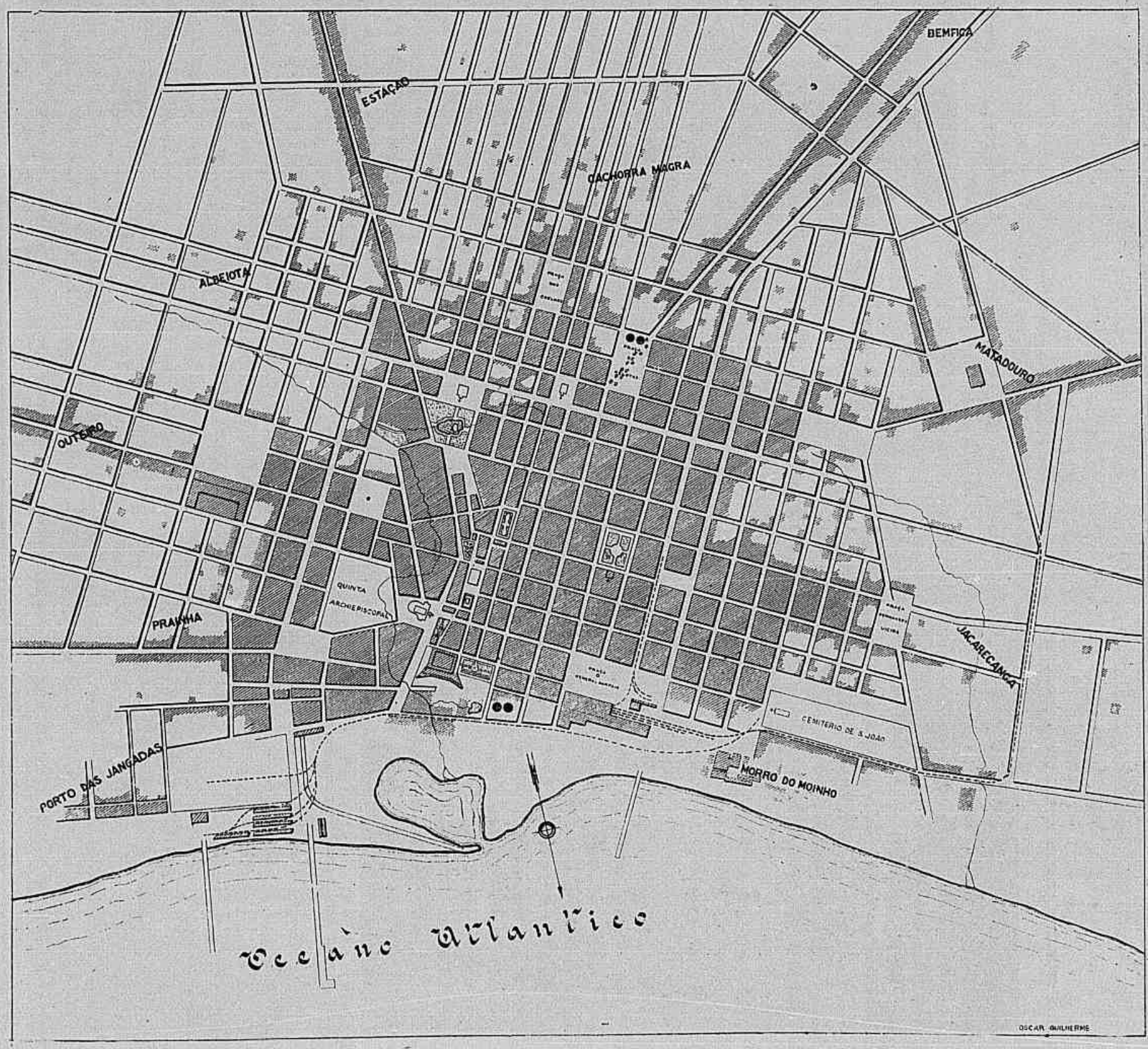
3 — em elevar um pouco o nivel do curso, creando entre elle e o curso primario, de 4 annos, o curso complementar.



PLANTA DE FORTALEZA, CAPITAL DO ESTADO DO CEARÁ, FEITA EM ABRIL DE 1859.

Attendidos esses pontos, como o procurei fazer, e attendidos outros aspectos esquecidos da educação integral do professor primario — o da educação physica e o da educação esthetica — teremos a Escola Normal do Ceará ao lado das melhores do paiz. Extingue-se uma das cadeiras de Portuguez, por demasiada, extingue-se a cadeira de Inglez, creando-se em compensação a de Physica e Chimica, autonoma da de Sciencias Naturaes e cream-se as aulas de Gymnastica e Musica, absolutamente necessarias. Para a melhora do ensino profissional, do ensino da difficil "arte de ensinar", funccionará o Grupo Modelo, perfeitamente apparelhado com material que já pedimos ao Estado de São Paulo, com programmas adaptados ao nosso meio e á nossa gente. Esse Grupo será o padrão a ser imitado pelos outros, e tudo nos indica que será um estabelecimento destinado a fazer epoca na historia do ensino do Ceará".

E essas palavras fecham luminosamente a noticia da nossa peregrinação feliz.



PLANTA DE FORTALEZA, NO ANNO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA.

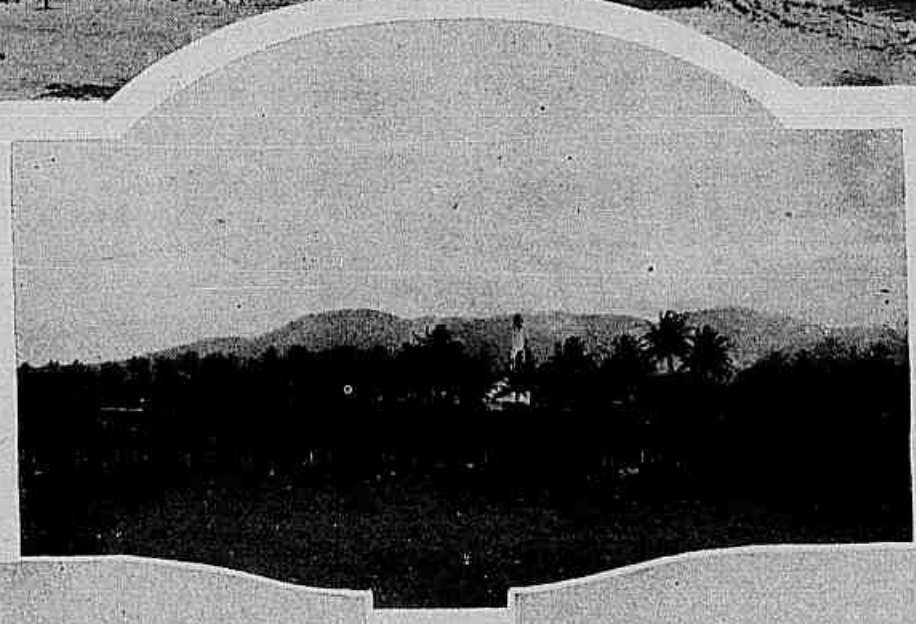


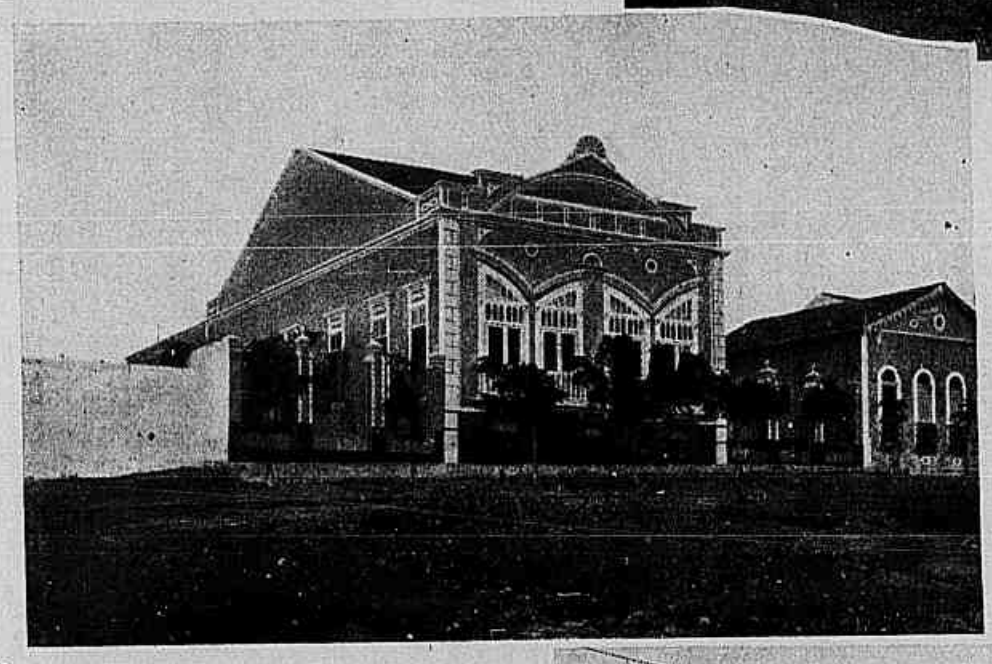
PRAÇA MARQUEZ DO HERVAL. RESIDENCIA PARTICULAR, EM BEMFICA.





UMA ESCOLA PARTICULAR "ALDEOTA" — ONDE RESIDE O SR. PRESIDENTE.

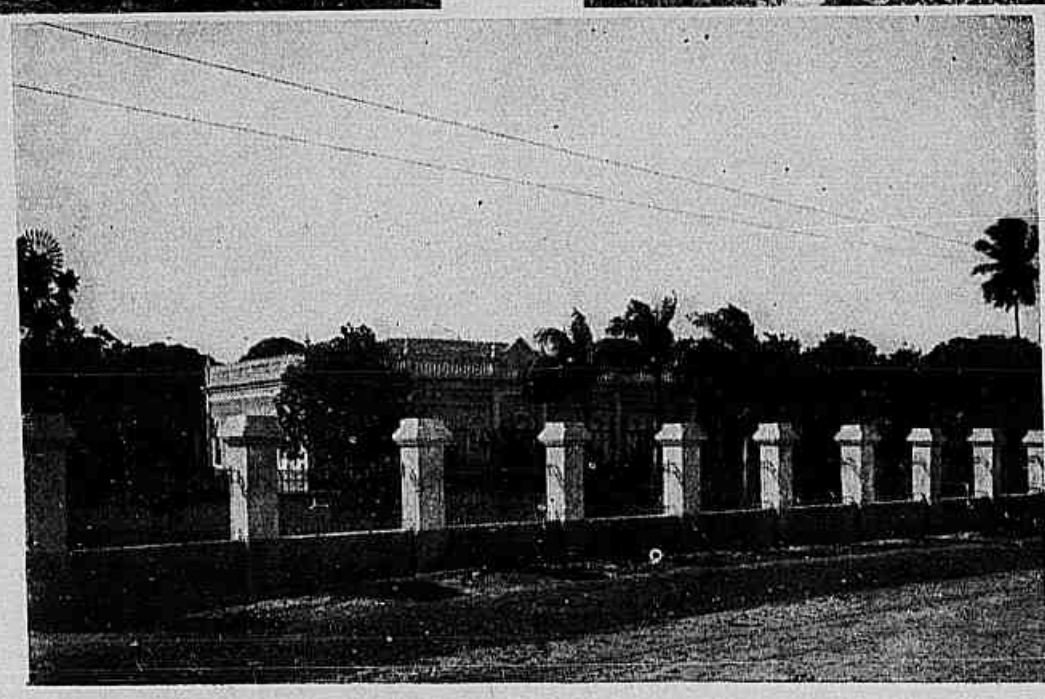




RESIDENCIA PARTICULAR, EM SOBRAL.



RESIDENCIA PARTICULAR, EM FORTALEZA.

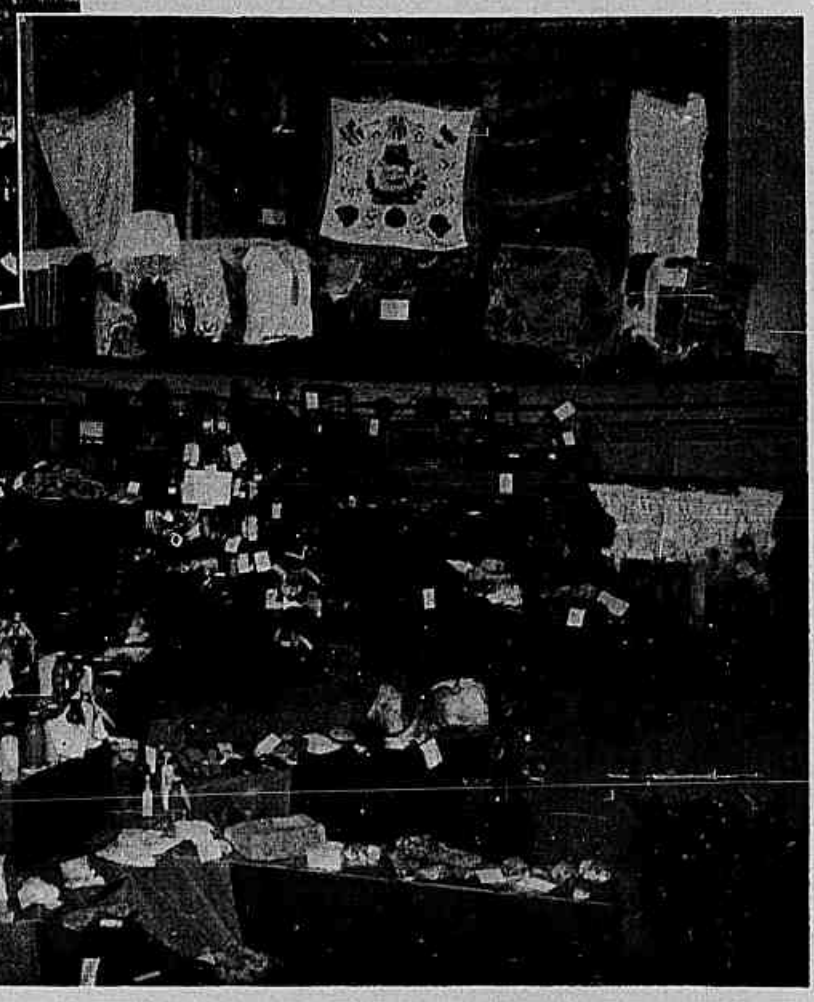


AO CENTRO: UMA USINA DE ASSUCAR, EM ACARAPE.

EM BAIXO: RESIDENCIA PARTICULAR, EM FORTALEZA.

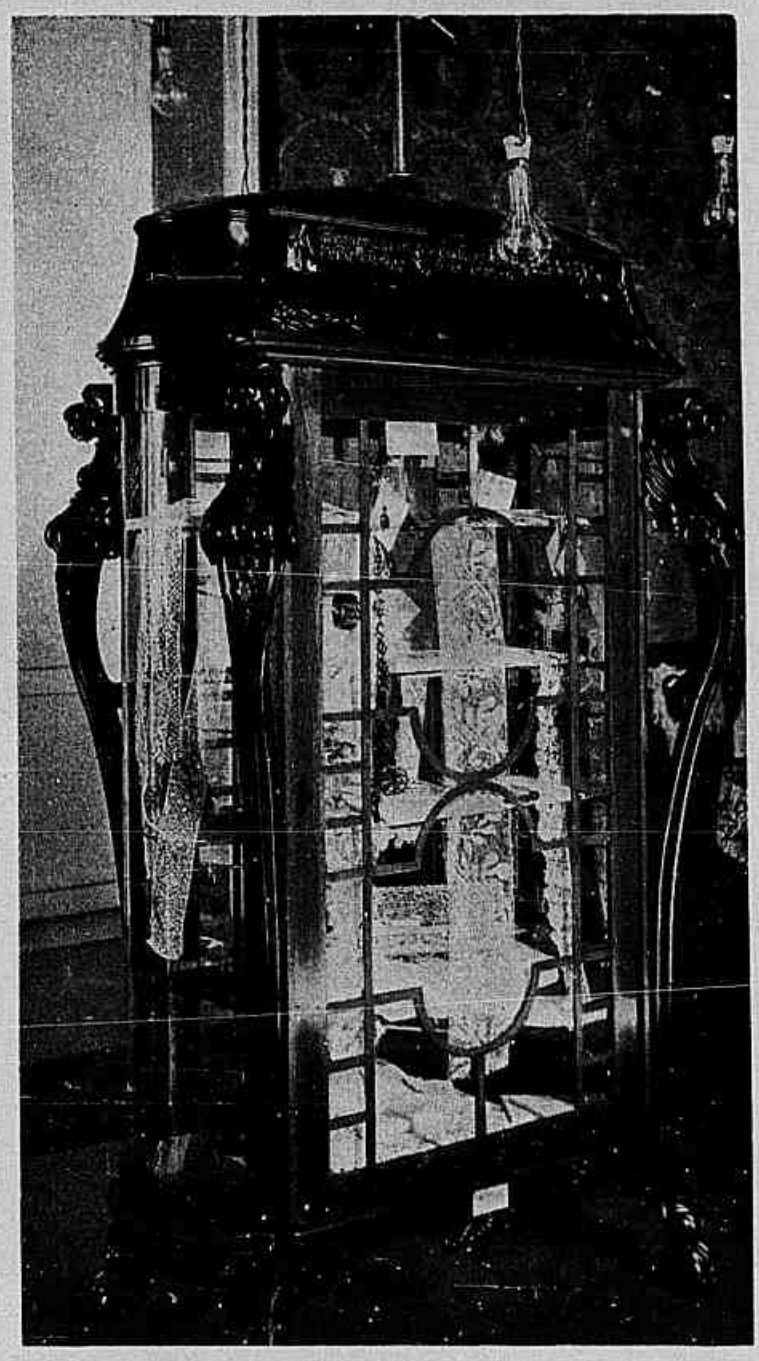


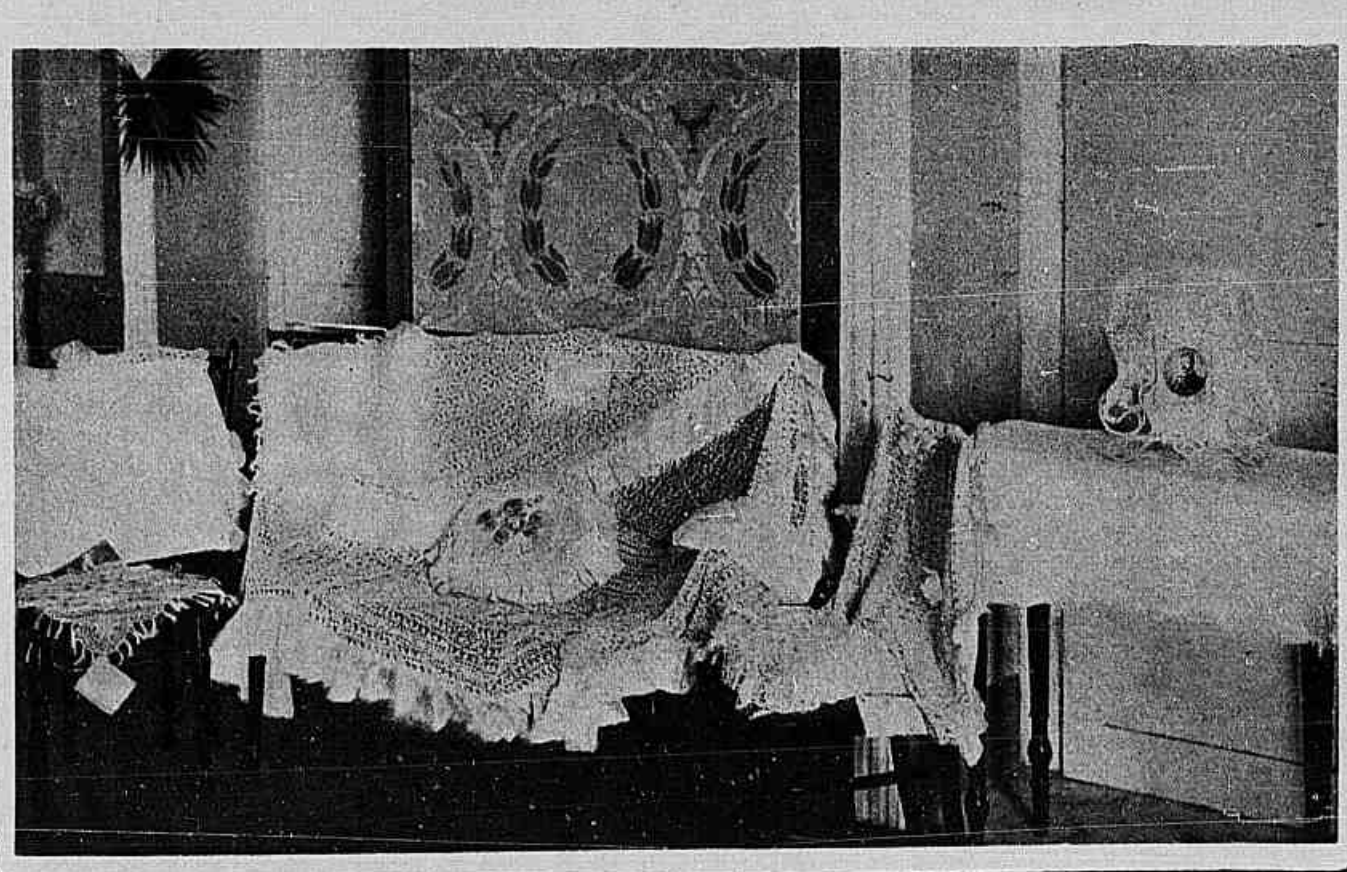
ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO PREPARATORIA, REALISADA NO THEATRO JOSÉ DE ALENCAR, EM FORTALEZA.



PRODUCTOS MINERAES DO ESTADO.







VITRINAS DAS RENDAS, TRABALHO DE DELICADEZA EXTREMA, UM DOS ENCANTOS DO BOM GOSTO CEARENSE.

O Estado do Espirito Santo

FUSTEL DE COULANGES, na *A Cidade Antiga* salienta que em certo tempo não houve na velha Grecia logar algum, por pequeno que fosse, que não empregasse a attenção em registrar e rememorar o que nella se passara.

E os gregos se glorificavam com taes ceremonias, pensando, como mais tarde o fez Emmanuel Kant, que os verdadeiros homens do presente são aquelles que têm o culto de respeito pelo passado. E estamos certos que, como na vetusta patria de Socrates, o Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, cultivando as suas tradições, revivendo feitos que nos toquem na fibra patriotica, entoando preces á religião do civismo, venha, cada vez mais, por em relevo as grandezas do berço de Domingos Martins, o heroe que soube, com o seu inenarravel civismo, morrer, tornando-se immortal.

O glorioso pedaço de terra brasileira, onde Maria Ortiz deu energicos exemplos de patrio amor, viverá sempre attento no passado!

Domingos Martins foi o glorioso martyr, que ha 104 annos soffreu a tyrannica e covarde autoridade do Sr. Conde de Arcos.

O valor do heroe brasileiro e a grandeza do movimento que elle dignificou com o seu denodo, para ser calculado, porquanto de medida não é susceptivel, seria bastante attender ás ultimas palavras do digno espirito-santense, quando, já algemado, de pés descalços e corda ao pescoço, aguardava o momento em que o seu sangue generoso ia desapparecer para saciar a prepotencia dos inimigos do Brasil: "Ide dizer ao vosso sultão que eu morro pela liberdade..."

E effectivamente, em nome da liberdade, foi que, ao lado dos mais finos espiritos de sua época, Domingos Martins explodiu em movimento revolucionario, o mais completo até então, nos arraiaes das idéas democraticas, fundando o primeiro governo republicano.

Não importam a interpretação calumniosa, os juizos infundados feitos sobre Domingos Martins.

Não importa a critica injusta com que eminentes vultos têm encarado a revolução de 1817, a unica revolução republicana que a denuncia não fez abortar.

Não importa a indifferença com que o emerito historiador Visconde de Porto Seguro a analysou, achando-a tão pouco sympathica que desejaria pol-a fóra do quadro. E' admiravel, realmente, que um publicista dos meritos do autor da Historia Geral do Imperio pensasse em passar a pagina, sem commentar, um movimento como o que se desenrolou em Pernambuco no governo de Caetano Pinto. Não foi, porém, o unico cochilo do mestre, de quem, refutando erros, disse Beaurepaire Rohan ser apenas um estropiador da Historia do Brasil.

Sem alistarmo-nos no numero dos aggressores de Varnhagem não podemos deixar de salientar a parcialidade e acrimonia com que olhou sempre para tudo quanto se passou na velha Capitania de Duarte Coelho. Basta attender-se a que o erudito historiador chegou a negar a autoria da Prosopopéa a Bento Teixeira Pinto, embora tivesse de vir, mais tarde, confessar o erro, quando esmagado pelos contendores que demonstraram pertencer áquelle distincto escriptor o titulo de patriarcha da literatura brasileira.

Pereira da Silva excedeu a Varnhagem na antipathia aos heróes do mais civicamente bello de todos os movimentos que florescem na historia da campanha republicana e encara Domingos Martins como um ambicioso, Domingos Theotonio um demagogo atrabiliario, Padre João Ribeiro um automato, José Luiz um pobre de espirito, ao passo que D. João VI um typo cheio de virtudes.

O que vale á memoria dos revolucionarios é que Pereira da Silva, com o seu systema improvisador, apenas logrou em historia um logar provisorio.

Nas suas obras, já disse o magno diplomata brasileiro no seu tempo, Joaquim Nabuco, não ha criterio; escrevia historia em viagem, em hoteis, nas escrivaninhas dos bancos e, naturalmente, com esses habitos nomades, não poderia recorrer a bibliothecas e archivos e nem siquer a livros de consulta.

E prova de sua falta de conhecimentos historicos deu-nos, conforme prova Maximiano Machado, na propria narração da Republica de 6 de Março. Fez partir a denuncia do ouvidor Antonio Ferreira, ter sido morto a espada o brigadeiro Rodrigues, dá o Padre Roma enterrado no Campo de S. Amaro, fala nos serviços de João Roberto e apresenta Domingos Martins como bahiano.

Ora, Antonio Ferreira não se chamava o delator, Padre Roma foi fuzilado na Bahia, ninguem existiu na revolução denominado João Roberto, nem brigadeiro houve com o nome de Rodrigues e o ministro do commercio do governo provisorio era espirito-santense.

Acima, porém, de Pereira da Silva Varnhagem, Roster ou qualquer escriptor do movimento de 1817, está Muniz Tavares, testemunha ocular dos acontecimentos e cuja obra publicada com reflexão meticulosa, 23 annos após a revolução, não soffreu contestação dos muitos contemporaneos dos factos que nelles tomaram parte como legalistas ou republicanos.

O fundamento, porém, de todas as diatribes assacadas, provém de Tollenare, cujas apreciações não podem, no tocante á revolução, merecer criterio:

a) porque, elle é o primeiro a confessar, penalisado, a ausencia de exactidão em suas notas;

b) porque detestava em principio as revoluções;

c) porque os francezes residentes em Pernambuco, ao inverso dos inglezes, se mostraram contrarios ao movimento;

d) porque, além disso, Tollenare sentiu-se melindrado com as medidas hostis tomadas contra seus conterraneos;

e) porque foi prejudicado em seus interesses commerciaes;

f) porque o seu brigue foi rejeitado para a exportação de familia da America do Norte;

g) porque escreveu no proprio dia da revolução sem a reflexão precisa.

E temos ainda uma razão poderosa; é o rancor de Tollenare que, francamente, sem dissimular, affirmava sua aversão por Domingos Martins, a ponto de preoccupar-se até com a elegancia delle que, no seu entender, a uma legua de distancia, cheirava a *sans culottes*.

Mas, ainda assim, lendo-se attentamente as "Notas Dominicaes", verifica-se que Tollenare põe as responsabilidades da revolução sobre o governador fugitivo, que dispunha de poderosa artilharia, ao passo que tinham apenas os rebeldes tres peças de campanha e um regimento. E nellas não se nega a coragem, o sangue frio, a discreção e a indifferença de Martins.

Um estudo, ligeiro mesmo, mas criterioso, será bastante para trazer á convicção do espirito imparcial a nobreza da revolução de 6 de Março, que não foi apenas uma aspiração local, mas oriunda de um accordo entre varios Estados, para um fim nacional.

Emissarios foram ao estrangeiro e seguiram para o norte e para o sul do paiz, destacando-se o Padre Alencar, no Ceará, o Padre José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, na Bahia, Kersler, na Inglaterra e Cabugá, nos Estados Unidos.

Pereira da Silva, inconsequente, como sempre, nega o caracter de um plano definido á revolução.

Que outra conspiração teve tanta unidade e elevação de vista? Que outro movimento teve tão ponderada elaboração?

Bateram-se os revoltosos com dinheiro proprio, por uma causa certa, mantendo o maximo respeito á ordem, á propriedade e ao lar, conseguiram mesmo a implantação do regimen republicano, embora com o percurso dos 74 dias que separam o 6 de Março do 20 de Maio de 1817.

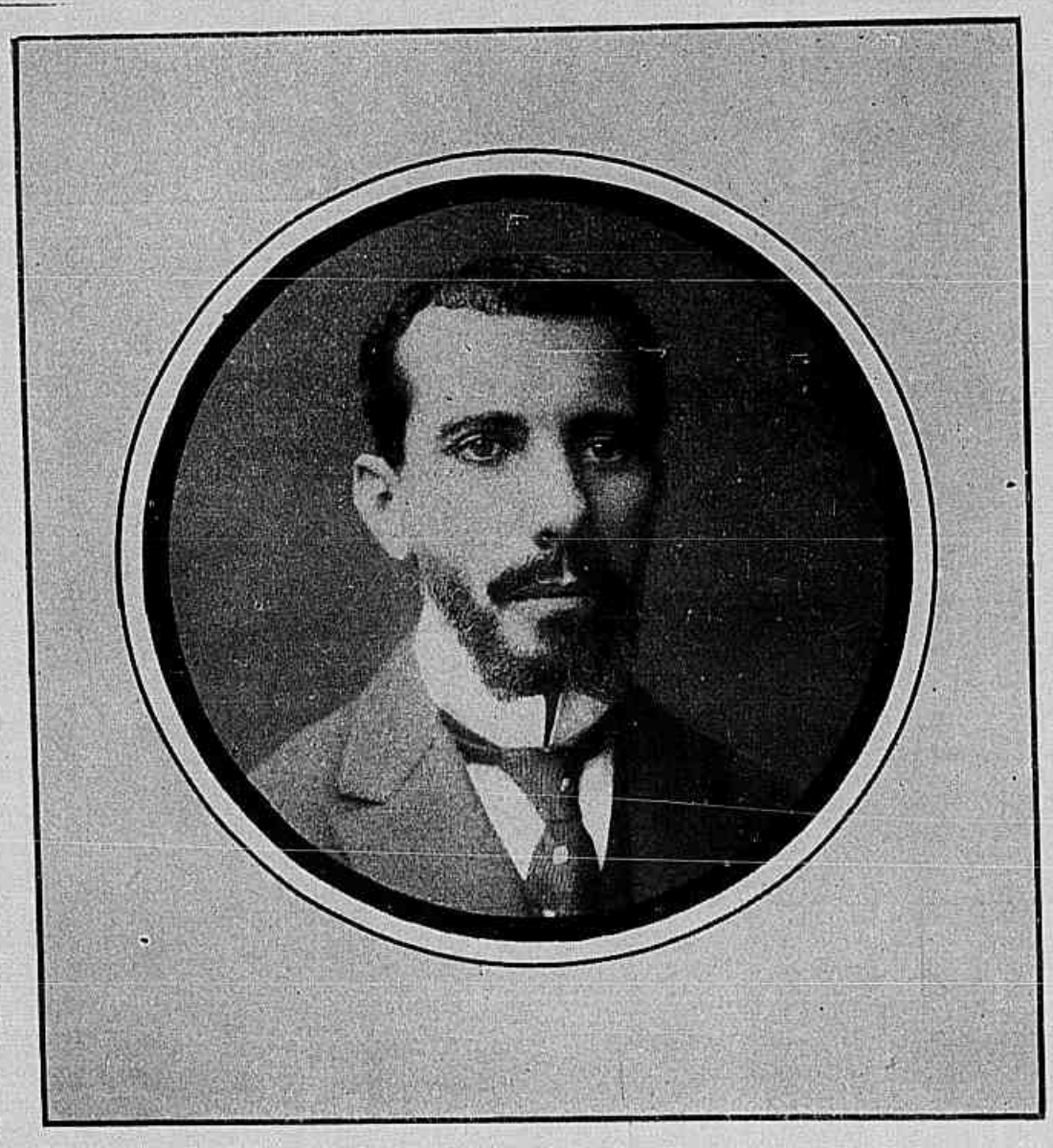
Eu não quero traçar o que foi a grande Odysséa de 6 de Março, a que faltou apenas o seu Homero.

Ao raiar, o seculo 19 encontrava a nossa patria curvada á mais ferrenha preponderancia do reino portuguez.

As idéas progressistas, prégadas em varias partes do Brasil, agitavam os animos dos brasileiros que procuravam espelhar-se na revolução dos Estados Unidos, na independencia das republicas hespanholas e, theoricamente, na tomada da Bastilha.

Em Pernambuco, sobretudo, as expansões patrioticas se faziam sentir. Os descendentes dos heróes da guerra batava se inflammavam na de 1710. Esta foi suffocada, é certo. Suffocadas não foram, porém, as idéas democraticas e o antagonismo reinante entre os brasileiros perseguidos, em seu proprio solo, e portuguezes perseguidores.

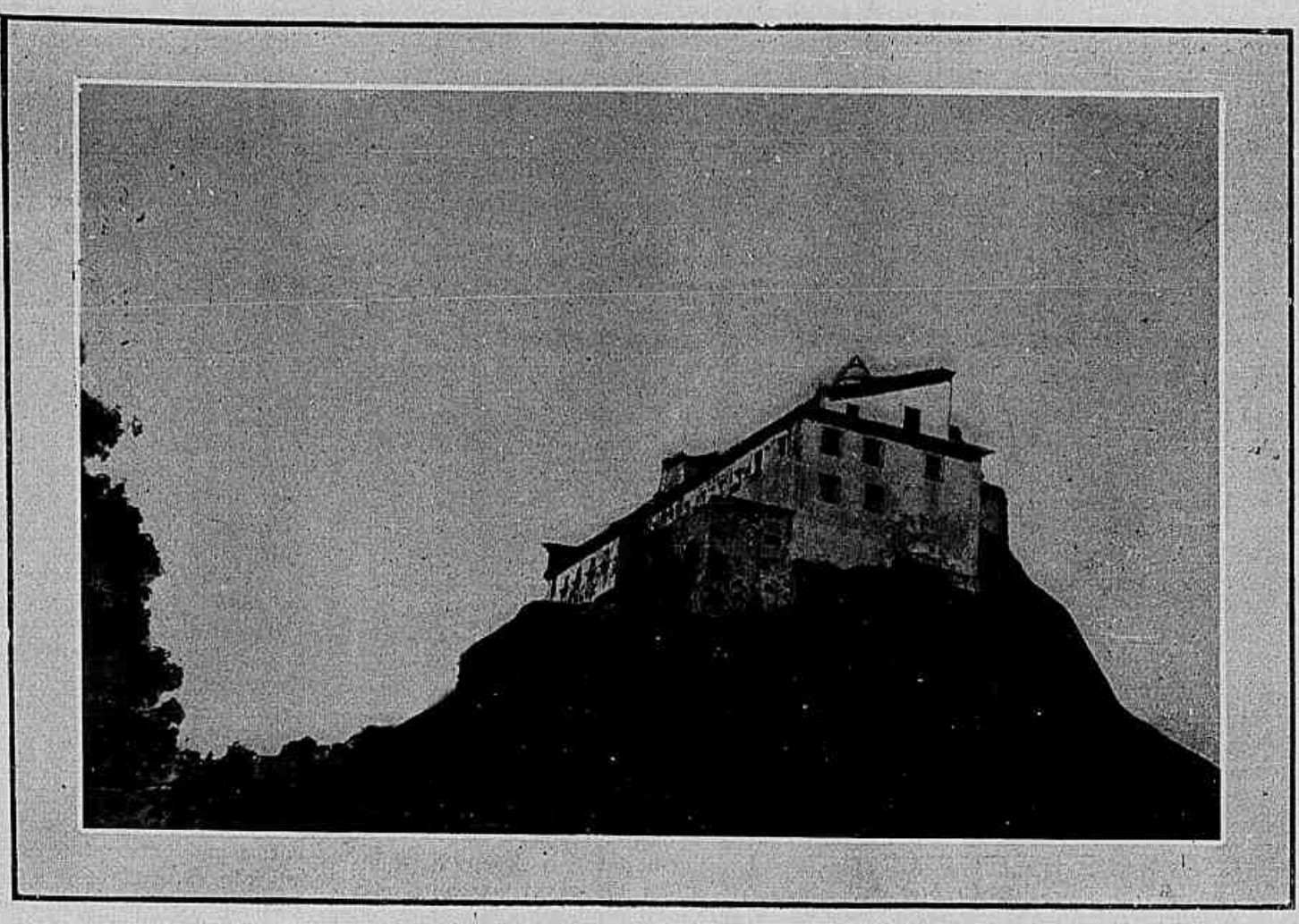
Pernambuco que, aliás, é o primeiro logar do Brasil na ordem topographica, onde tocam os europeus e os americanos septentrionaes, attrahiu os



CORONEL NESTOR GOMES, PRESIDENTE DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO

espiritos livres, já então mais ou menos cultivados, para o que grande fôra o serviço prestado pelo Bispo D. Azevedo Coutinho, com a creação do Seminario de Olinda.

O povo vibrava de indignação contra a metropole madrasta e rezam as tradições que uma conspiração se tramou em 1800, sob o protectorado de Napoleão, sendo por tal respeito aprisionado Francisco de Paula Cavalcanti. Governava Pernambuco, o fraco Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que não era um deshonesto, mas, indolente e sem energia, permittiu a fraude, e, commodamente administrando, deixou que os seus auxiliares exercessem o despotismo costumado, não dando ouvido ás queixas que lhe levavam os opprimidos, contra impostos exaggerados.



CONVENTO DA PENHA, EM VILLA VELHA

Por outro lado, ainda não havia desapparecido a rivalidade entre brasileiros e portuguezes, que fundamente ficára em Pernambuco, após a guerra dos Mascates.

Fundaram-se lojas maçonicas, areopagos importantes e varias sociedades nativistas.

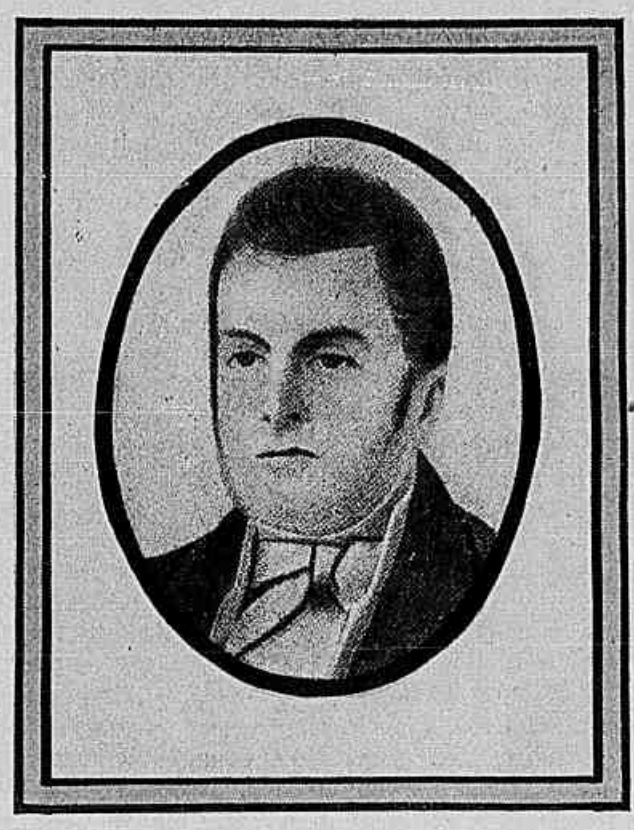
Arruda Camara organizou o areopago de Itambé, ao qual se juntaram o de Cabo e Paraizo.

O Governo Imperial tivera sciencia dos acontecimentos, mas o futuro Marquez da Praia Grande suppunha que os independentes se divertiam.

Estes, porém, trabalhavam, ao contrario do que ingenuamente acreditava o Governador de Pernambuco. E o labor mais efficaz se tornára desde 1814, quando viera residir no Recife Domingos Martins, ex-socio da importante firma londrina Dourado Dias & C., com a qual honradamente liquidára seus negocios, como gerente, em cuja qualidade, para proveito da empreza, viajára, fundando filiaes em Lisboa, Rio, Bahia, Maranhão e Ceará.

Era um grande espirito, illustrado com selecto convivio, brilhantemente educado na Inglaterra, cuja historia politica e administrativa estudára. Na velha Albion travára conhecimento com Hippolyto da Costa e estivera em intimo convivio com o General Francisco Miranda, que se batera na independencia americana e que lhe inflammára, muitas vezes, o seu já arraigado patriotismo.

Eloquente, rico, attrahente, em pouco tempo tornou-se popular o heroico filho de Itapemirim e alliando-se ao nucleo brilhante dos patriotas pernambucanos, soube com a sua facilidade de palavra augmentar os elementos existentes.



O MARTYR DOMINGOS JOSÉ MARTINS

Os animos estavam preparados para a explosão a 6 de Abril, quando um facto, talvez occasional: o espancamento de um soldado brasileiro do batalhão dos Henriques, serviu de pretexto, afim de precipital-a. A ordem do dia 4 de Março accelerou os acontecimentos e, em dez dias, a revolução dava aos patriotas a posse da capital.

As medidas tomadas haviam sido pelo ilhéo Carvalho Medeiros, alcunhado Carvalhinho, denunciadas ao ouvidor José da Cruz Ferrão e por este, ao Governador. Convocado, então, Conselho, do qual o unico brasileiro, o brigadeiro José Peres Campello, ficou excluido, foram condemnados á prisão Domingos Tenorio, José de Barros Lima, Pedro Pedroso, Souza Tenorio, José Mariano, padre João Ribeiro, Antonio Cruz e Domingos Martins.

Precipitada e violentamente foram detidos Domingos Martins e outros civis pelo Marechal José Roberto.

Quando, porém, o brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa foi desencarregar-se de effectuar a prisão dos militares, a começar por Domingos Theotonio, a situação mudou e, aos gritos de traição, Jose de Barros Lima, auxiliado por José Mariano, puxou da espada e cravou-a no peito do prepotente militar, travando-se então a maior confusão, no meio da qual foi morto o proprio tenente Manoel Alexandre Aquino, ajudante de ordens de Caetano Pinto.

Solto o glorioso martyr espirito-santense, pelo tenente Antonio Henriques, veiu acclamado pelos patriotas.

No auge do enthusiasmo, officiaes e soldados tiraram as armas reaes das barretinas e, a 6 de Março, após o brado energico de Pedro Pedroso, foi proclamada, pela primeira vez no Brasil, a republica federativa, sendo a 7, no edificio do erario, eleitos, dentre os mais dignos cidadãos, os cinco membros que deviam compor o governo provisorio.

O ministerio ecclesiastico recahiu no padre João Ribeiro Pessoa Montenegro, literato de merecimento e intelligencia esclarecida, e legitimo herdeiro das idéas scientificas e democraticas de Arruda Camara. O proprio Tollenare, considerando-o bom naturalista, dizia-o instruido e sem fortuna, sendo bastante philosopho para desprezal-a, porque, não tendo ambição, só respirava a liberdade, por amor da qual sómente agia.

Para ministro da Guerra, tendo a seu cargo o commando das tropas, foi escolhido o valente militar Domingos Theotonio Jorge Martins Pereira, espirito militarmente educado, que dera sempre as mais relevantes provas de sua bravura indomita.

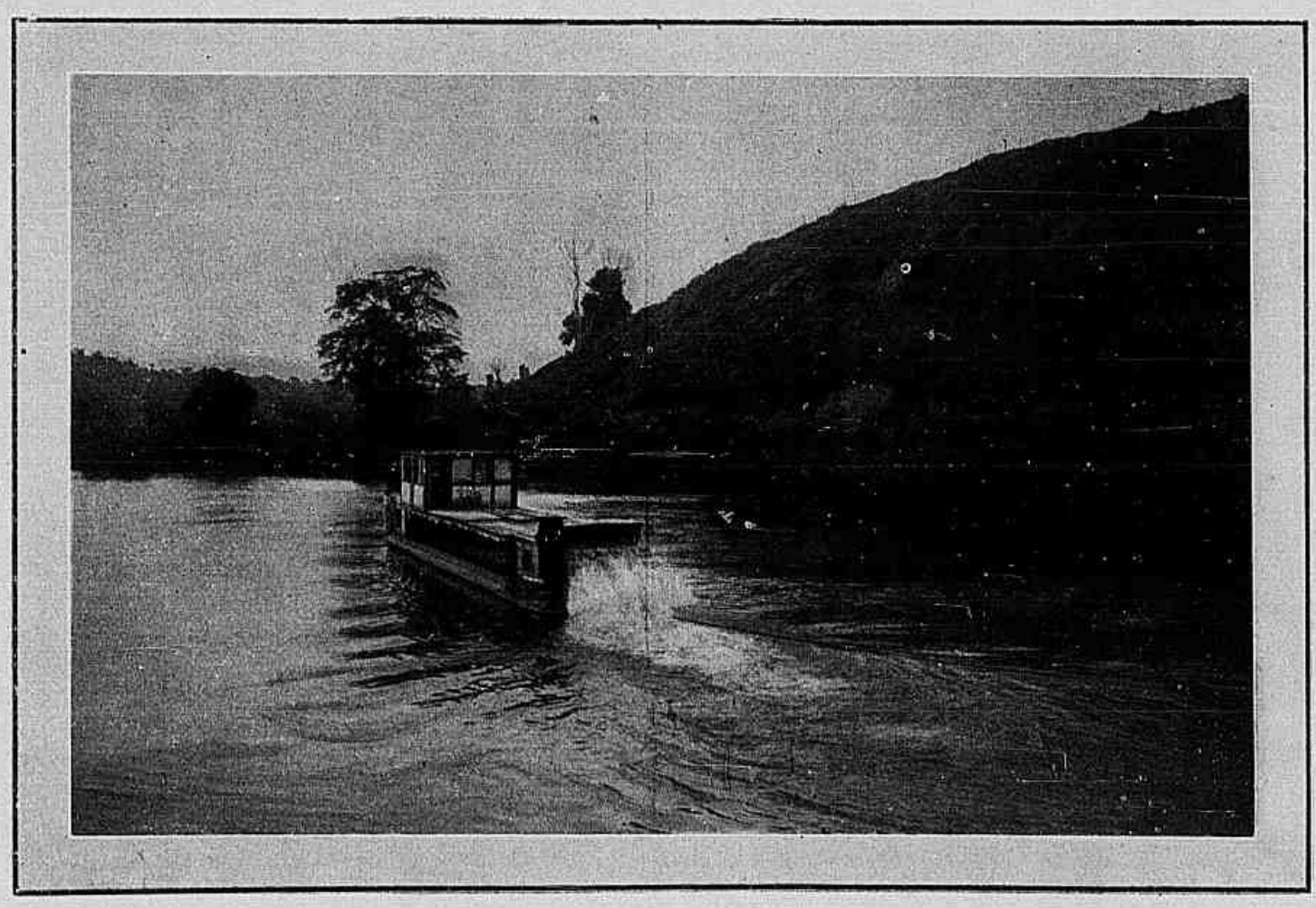
Coube a pasta da Agricultura a Manoel Corrêa de Araujo, culto e abastado fazendeiro, que, com honestidade e trabalho, conseguira impor-se á estima politica.

Para ministro da Magistratura foi eleito o celebre autor do *Preciso*, o talentoso advogado José Luiz de Mendonça, que era (é Tollenare quem diz), um jurisconsulto cheio de conceito e cuja presença attrahiria para o partido a gente de mais peso.

O ministro do Commercio foi Domingos Martins, que, além da competencia e operosidade, se distinguia pela sua probidade profissional, máo grado as accusações de commerciante fraudulentamente fallido, aliás oriundas de cartas do coronel Maler ao Conde de Richelieu.

Esqueciam-se os detratores de que, do mesmo modo que na gemma não lapidada o brilho se reflecte nas arestas, mostrando a pureza, assim, na conducta de homens como aquelle de quem tratamos, a pureza apparece mesmo através do pó da maledicencia e da inveja.

Os socios de Domingos e os encarregados da massa fallida foram os primeiros a provar, de modo inequivoco, a nobreza da correcção do ministro do governo republicano.



TRECHO DE NAVEGAÇÃO FLUVIAL DO ITAPEMIRIM

Continuou a secretariar a administração José Carlos Mayrink e, após, o padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, o celebre padre Miguelinho, que redigiu a brilhante proclamação em que, aliás, se salientou pelo sentimento de justiça e de generosidade.

Apezar dos predicados de intelligencia e de sensatez dos administradores, elles pediram luzes aos mais illustres e organisaram um conselho composto de vultos da notabilidade do philologo Moraes e Silva, que foi logo dispensado, de Gervasio Pires, o honrado pernambucano e de Antonio Carlos, o redactor das leis adoptadas, auxiliados ainda pelo Deão Bernardo Ferreira e Pereira Caldas.

Intimado pela commissão, á frente de José Luiz, capitulou o governador, sendo obrigado a sahir e, a 21 de Março, no Campo do Erario, solemnemente, ás 8 horas da manhã, procedeu-se á benção da bicolor bandeira, ceruleo-branca, sem insignias reaes.

O movimento da capital se dirigiu a todos os pontos de Pernambuco e se estendeu a Parahyba, Rio Grande, Ceará e Alagoas, cujos governos se submetteram ao do Recife, que conseguiu prender ao ouvidor Cruz Ferreira e ao juiz de fóra de Goyanna.

A contra-revolução de Alagoas tomou incremento e varios revezes atropellaram á republica que foi, afinal, victima das forças terrestres, sob Cogominho e do bloqueio do vice-almirante Rodrigo Lobo. As villas de Tracunhaem, Santo Antão e Pau d'Alho se declararam solidarias com o reino e a monarchia foi restaurada.

Ainda assim Domingos Theotonio, então dictador, assumiu o commando, Francisco de Paula dirigiu as forças de Ipojuca e Domingos Martins as de Serinhaem.

Apanhados de surpresa, refugiaram-se Martins e Souto em uma cabana de gentios.

Denunciado por uma india, o illustre filho de Francisco José Martins e Joanna Luiza Santa Clara Martins foi preso e, com outros, remettido, nos porões immundos do "Mercurio" e "Carrasco", para a Bahia onde, chegando a 9 de Junho, a 11 já a commissão militar, nomeada pelo Conde de Arcos, lavrara a sentença condemnando Martins *a morte natural cruelmente*.

De seus companheiros de Pernambuco, uns com as mãos cortadas e amarrados á cauda de cavallos, outros soffrendo os mais atrozes supplicios todos mostravam que acima de tudo estava a defesa da Patria.

Tres annos mais do que Christo ao ser crucificado tinha Domingos Martins, quando, na Bahia, a 12 de Junho de 17, no "Campo da Polvora" hoje dos "Martyres", de fronte erguida, olhar sereno, vê passar o funesto cortejo, o official a cavallo e o vermelho alcaide e calmamente recebe a palma do martyrio gritando, com escarneo, a celebre phrase que o seu confessor não deixara terminar

E assim, era victima da covarde perversidade do Conde de Arcos que, havendo jogado com a revolução pernambucana, nella encontrava uma porta aberta para penitenciar-se de seus crimes.

Foram tres os martyres do dia 12 e incursos todos nos § § 5 e 8, Tit. da Ord. L. 5° e gloriosamente condemnados nas penas do § 9° que os tornaram infames e hoje os tornaram heroes: Domingos Martins, José Luiz de Mendonça e o padre Miguelinho.

Ha 104 annos cahia o heroe no Campo da Polvora elevando-se porém, no Campo da Gloria.

E, ao contrario senso do *ave Cezar morituri te salutant* dos romanos, na arena do circo, os que ficaram é que batem palmas ao que morreu, a essa grande figura dominadora que para dar idéa de grandeza, será bastante a citação do nome.

E', por isso, que, nada mais existindo de sua fórma material o seu espirito ainda nos guia.

O Espirito Santo deve zelar pelas glorias desse illustre compatricio que aliás não foi o unico da familia. Seu irmão André Martins tambem prestou serviços ao movimento, sendo preso a primeiro de Junho de 17.

Francisco José Martins, tambem espirito-santense secretario de Domingos na expedição de Serinhaem, foi um denodado combatente na revolução de 17, tendo sido denunciado por Antonio da Silva Castro, Capitão-mór do Ceará, a quem escrevera convidando a fazer a revolta no Ceará.

E mais tarde ao lado de Frei Caneca, bateu-se no memoravel movimento de 24, que a historia registou com a denominação de Confederação do Equador.

Domingos Martins foi tambem um literato, um poeta de valor, como se poderá aquilatar pelos seus sonetos.

◇

Não preciso encarecer o valor da historia, maxime no tempo actual em que este ramo de conhecimento tomou até o titulo de sciencia, após as investigações dos Vicos e Novicows, perdendo o seu exclusivo caracteristico de chronica, para tomar o cunho philosophico, de modo a poder, não só conhecer o passado, como tambem perquirir as causas e consequencias dos acontecimentos.

Entre nós desde Hanstader, que, com a Historia de um Paiz situado no Novo Mundo, foi quem primeiro escreveu sobre Historia do Brasil, não falando aqui de Pedro Vaz Caminha, a nossa historia é mal conhecida, não obstante ter sido a sua necessidade reconhecida, mesmo officialmente, com a creação dos cargos de chronista das Indias, chronista mor do reino, chronista do Brasil, cargo que, em 1673 foi exercido por Diogo Gomes Carneiro e chronista do Imperio, cujo 1° serventuario foi Ignacio Accioly.

No Brasil, desde 1838, uma commissão da sociedade auxiliadora da Industria Nacional fundou o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, cujos serviços á Patria têm sido inestimaveis.

Em Pernambuco o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano é um vasto campo, onde se encontram elementos para o estudo do Brasil e especialmente daquelle heroico pedaço nortista do Brasil. . . . .

E hoje quasi todos os Estados possuem o seu Gremio Historico.

No Espirito Santo havia uma lacuna, ora preenchida com a fundação do seu Instituto Historico e Geographico.

Teremos dados para conhecer e amar melhor o Brasil de ejando a harmonia e o desenvolvimento que constituem o lemma de nossa bandeira e a opulencia da sua grandeza material, representada no auriverde do pavilhão, portador espiritual das nossas tradições gloriosas! Esta associação nos fará robustecer a consciencia do motivo por que devemos ter o culto a este pequeno Estado, onde as glorias passadas parece que se entrelaçam com a grandeza presente e fornecem elementos para confiarmos no mais ridente porvir.

Não é tão incolor como se suppõe a historia do Espirito. Santo

Se Pernambuco foi o berço do primeiro literato brasileiro, Bento Teixeira Pinto, pode-se, sem receio de contestação, affirmar tambem que o Espirito Santo serviu de ninho da literatura brasileira.

Aqui foram escriptas as primeiras obras de nossa literatura, do mesmo modo que um dos primeiros ensinamentos de civilisação com os esforços de José de Anchieta e Pedro Palacios.

Depois da abnegada obra de Leandro Nunes e Diogo Jacomo em 1549, tres grandes missionarios prestaram no Espirito Santo os mais assignalados serviços á civilisação brasileira; Affonso Braz, Pedro Palacios e José de Anchieta.

O primeiro iniciou o progresso de nossa capital e a construcção, pode-se dizer, da egreja de São Thiago e do palacio antigo hoje reconstruido, de accordo, com as modernas regras d'arte.

Affonso Braz, que fundou varias povoações espirito-santense, foi quem deu começo á catechese dos tupinambás e goytacazes, atirando-se a tão notavel trabalho desde 1551, quando chegou á terra de Vasco Coutinho.

Pedro Palacios, o primeiro missionario franciscano aqui vindo em 1558, depois de ter estado em Porto Seguro, foi o celebre constructor da ermida das Palmeiras, da ermida de São Francisco, onde a 2 de Maio de 1575 se finou concebendo a idéa da erecção desse maravilhoso monumento.

Francisco de Paula Sant'Anna, Frei Simão de São Boaventura legaram-nos trabalhos de valor, mas não deram á sciencia o incremento levado por Madre Deus e José de Anchieta.

José de Anchieta, cujos restos mortaes tivemos a fortuna de possuir e a cuja memoria o Espirito Santo tem a saldar uma grande divida, viveu para os indios e entre elles morreu em Reritigba, onde escreveu a biographia de um seu companheiro na "Brasilica Societatis Historia et vita clarorum Patrum quirin Brasiliae".

Não se póde dizer em duas palavras o trabalho extraordinario de Anchieta que no Espirito Santo fundou Povoações, Villas e Cidades.

Sylvio Roméro considera-o como o mais antigo literato brasileiro.

Deixando, porém, os illustres obreiros do nosso progresso, encontraremos, nascido mesmo nas florestas espirito-santenses, o valente chefe dos temiminós, o indio Ararigboia (Martim Affonso) que á frente dos seus 200 indios flecheiros, na tomada de Villegaignon, mandado a Estacio de Sá por Belchior Azevedo, prestou, em 1596, tão relevantes serviços, defendendo o nosso territorio da invasão franceza, que mereceu do monarcha o vestido de uso e o habito de Christo.

O nosso solo foi alvo de lutas varias em que o valor espirito-santense ficou registrado na historia.

O invasor Cavendish, pirata inglez, após o saque feito em Santos, São Vicente e Bahia, julgou opportuno vir tambem ao Espirito Santo, então, em 1591, governado por D. Luiz Grinaldo.

Uniram-se, porém, os nossos e entrincheirados em tranqueiras, defenderam-se energicamente contra os ataques do Capitão Morgan, que teve de abandonar o campo.

Na formidavel guerra batava, o Espirito Santo entrou tambem com o seu contingente de valor.

Foi daqui que, no Governo e com o auxilio de Francisco de Aguiar Coutinho, Salvador Correia de Sá e Benevides, poz em derrota Pieter Heyn, com sua esquadra de 8 navios, commandados pelo almirante Patrik que, desembarcando 300 homens, fortificou-se em varios pontos para os combates de 12 e 14 de Maio de 1620, em que perdeu 38 soldados e deixou 44 feridos!

Ainda no dia seguinte (a 15 de Maio) segundo affirma Britto Freire, a celebre Maria Ortiz, com a chaleira de agua a ferver, poz em debandada a força inimiga.

Tambem na guerra flamenga, notavel foi o feito de 25 de Outubro de 1640, na administração de Dias Guedes quando em Victoria fundeou a esquadra hollandeza commandada por João Roin.

A 26 o patacho com as 19 embarcações e os 600 homens commandados por João Dolki, ás ordens de Nieuland, conheceu a energia dos habitantes desta terra no combate do Porto dos Padres, onde foram vencidos.

André Couto, Domingos Carneiro e outros bravos a 28 de Outubro de 1640, no Porto dos Padres, lutaram contra a esquadra de 11 velas do Almirante João Delchi, matando-lhe 300 hollandezes.

Ainda em Villa Velha tentaram operar os invasores que foram derrotados pelos Capitães Adão Velho e Gaspar Saraiva.

Na revolução pernambucana de 1817 nós já conhecemos o valor de alguns espirito-santenses; a bemdita trindade dos 3 Martins, Francisco, André e especialmente Domingos, cuja gloria de ter sido o berço ainda querem roubar ao Espirito Santo.

Macedo, Tollenare, João Ribeiro, Fernandes Pinheiro, Varnhagem Pereira da Silva, Rangel Moreira e o proprio vulto magestoso de Ruy Barbosa dão-nos como bahiano e Larousse chega a dizel-o portuguez!

Que foi o Espirito Santo o seu berço constatam Dias Martins, Blahr, M. Moraes, Tavora, Studart existindo provas indiscutiveis de seu nascimento na velha cidade sulista.

Nas Côrtes Constituintes o Espirito Santo mandou o Dr. Ramos Santos, que foi um distincto professor em Coimbra.

Em 22, nas lutas da independencia, fez a antiga provincia sentir a sua acção.

Na Confederação do Equador, ao lado de Frei Caneca, batalhou Francisco Martins e na abdicação em 31 tomou parte o padre Marcellino Duarte.

No periodo da Republica do Piratinin — os soldados embarcados no Ururão, na celebre Abrilada, se insurgiram.

Na historia da liberdade dos escravos tem o Espirito Santo uma brilhante pagina, escrinta em 1840: é a insurreição do Queimado, cuja descripção se encontra elegante e eruditamente feita pelo nosso illustre patricio Dr. Affonso Claudio.

Varios escravos, entre os quaes se distinguiam João Pequeno, Domingos Carcunda, Elysiario e outros, em numero superior a 200 animados pelo padre Cisitella de Trento e Gregorio de Beneze se insurgiam. A conspiração foi debellada pelo alferes Varella em 2 dias. Vinte quatro escravos foram condemnados, alguns dos quaes a açoites e 5 a pena de morte, máo grado os esforços do abolicionista Dr. João Climaco.

Na propaganda republicana saliente foi a acção de varios espirito-santenses.

Patrioticos clubs se fundaram.

Em Victoria, Saldanha Marinho e em outros municipios diversas aggremições congeneres se organisaram.

Dos jornaes republicanos sobre-existe ainda o "Cachoeirano".

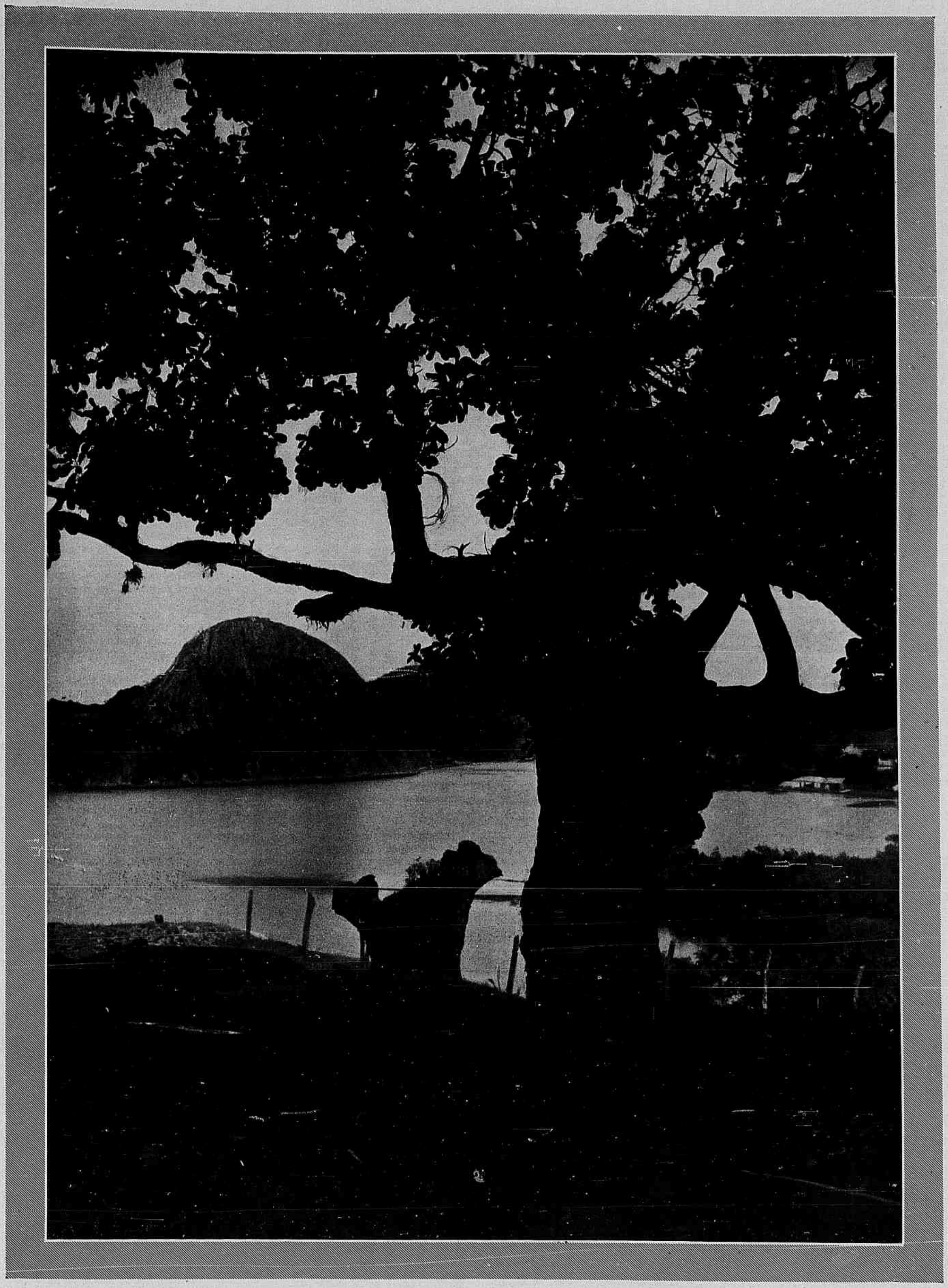
Filhos illustres nos não tem faltado.

O illustrado Dr. Affonso Claudio em uma bella obra sobre a literatura espirito-santense, mostra os trabalhos do padre Marcellino Ribeiro Gonçalves Fraga, padre João Climaco, Soido, Braz Rubim, José Marcellino, padre Antunes Siqueira e muitos outros, para não falarmos aqui senão dos mortos.

E por outro lado, vemos a grandeza de nossas mattas, a opulencia de nossas terras a riqueza de nosso sub-solo affrontando a cubiça estrangeira.

Mas para que tantas tradições e tantas riquezas não passem quasi obscuramente, precisamos tornar conhecidos o corpo e a alma do Espirito Santo, isto é a sua geographia e a sua historia na concepção do Compayré.

CARLOS XAVIER PAES BARRETO



ESTADO DO ESPIRITO SANTO — PAIZAGEM DA ILHA DA VICTORIA.

FORTIFICAÇÕES DO RIO DE JANEIRO



SUMMARIO: A defesa do Rio de Janeiro — Seus recursos primitivos — Fortificações dos Tamoyos — Alliança offensiva desses indios com os francezes — Attitude do elemento lusitano — A expedição naval de Mendo de Sá e a fundação de uma nova cidade — Data em que se cogitou de um plano de defesa fixa do Rio de Janeiro — O projecto do marquez do Lavradio —Idéas que surdiram com a chegada ao Brasil, da familia real portugueza — Consequencias militares da emancipação — Desastrosas medidas da regencia — De como concorreram ellas para o insuccesso da questão Christie, em 1863 — Palavras do marquez de Caxias e do visconde de Camamú — Ligeiro historico das nossas commissões de obras militares — Evolução da arte de fortificar, em nosso paiz — Das cahiçaras dos Tamoyos ás cupulas encouraçadas do Imbuhy — O que fizemos nesse largo periodo de quatrocentos annos — Começo de uma éra nova — O marechal Floriano e as commissões Müller de Campos e Muniz Freire — Medidas importantes que para logo se tomaram — Falta de unidade e constancia na execução dos planos projectados — Um projecto de 1822, ácerca da defesa do Rio de Janeiro — *Fortaleza de Santa Cruz*: Suas origens — Sua attitude, em face da esquadra de Duguay-Trouin — Seus melhoramentos em 1863 e 1894 — O que ali se fez, a partir desta ultima data — Idéas do ministro barão de Loreto — O papel desta fortaleza na revolta da armada — A sedição chefiada pelo sargento Silvino de Macedo, a 19 de Outubro de 1802 — Sua rendição ás forças do coronel Moreira Cesar — Planos do ministro marechal Medeiros Mallet — A revolta de Santa Cruz a 8 de Novembro de 1905 — Assassinato do major Digno Freire e do 2º tenente Fernandes Torres, em consequencia dessa revolta — Alguns vultos historicos que ali estiveram presos.

A defesa da barra e porto do Rio de Janeiro constituiu um dos primeiros problemas que para logo chamaram a attenção dos nossos colonisadores, que buscavam defender-se, não já dos Tamoyos, que habitavam estas cercanias, senão das tripulações dos navios, que, á aventura, cruzavam os nossos mares, nos primeiros decennios do seculo XVI.

Os Tamoyos costumavam rodear as suas tabas de grandes entrincheiramentos, chamados cahicaras, os quaes se estendiam da praia do Uruçúmirim (hoje Flamengo) á ilha do Governador (1).

Desde o descobrimento do Rio de Janeiro, (1-1-1502), até o reinado de D. João III, muito pouco se fez, com relação á defesa das terras conquistadas.

Sem nenhuma resistencia que lhe tolhesse a marcha, transpoz Villegaignon (1555) a barra desta cidade, daqui expulsando os portuguezes, já estabelecidos, apezar da animadversão que contra elles havia da parte da grande confederação dos Tamoyos. Os francezes associados ao elemento aborigene, dominaram a mais bella bahia do Brasil, por espaço de quatro annos.

Só em 1560 é que os lusitanos retomaram a ilha fortificada, que, ainda hoje, conserva o nome do almirante bretão. Mas a reconquista definitiva da porção de terra que devia, mais tarde ser a capital do Brasil, só se effectuou no dia 20 de Janeiro de 1567. Havia já dois dias, porém, que se achavam ancorados, na Praia Vermelha, cinco galeões e seis caravellas, conduzindo a gente do governador geral que, partindo da Bahia, viera em auxilio de seu sobrinho Estacio de Sá.

Este chamou a si o ataque decisivo aos entrincheiramentos do Uruçúmirim e outras fortificações levantadas pelos indigenas.

Mendo de Sá, agindo no mar, atacou os baluartes de Villegaignon. Não tardou que a victoria desse feito pendesse para o lado dos portuguezes. Como melhor sabe o leitor, Estacio de Sá falleceu, um mez depois, em virtude de ferimentos de flecha, recebidos na peleja. Oito mezes, após, Mendo de Sá regressou á Bahia, deixando o seu sobrinho Salvador Correia de Sá, como governador da nascente cidade do Rio de Janeiro (1567).

Nesta capital praticaram os portuguezes o que já haviam praticado no seculo XVI na primeira capital do Brasil, colonia cuja defesa organisaram, levantando paliçadas, entrincheiramentos, fortins e reductos com o objectivo de cobrirem a cidade recem-nascida contra a invasão estrangeira, á semelhança do que Duarte Coelho e Pero Lopes haviam feito, em Itamaracá e Iguarassú, de 1530 a 1532. O atrazo da fortificação do seculo XVI é um corollario do atrazo da artilharia do tempo. Com os melhoramentos introduzidos no seculo XVII, na arte de fortificar, veiu o traçado abaluartado. Os salientes são então apropriados á defesa obliqua. Tornou-se outro o valor das praças fortes, com o flanqueamento das linhas e cruzamento dos fogos. Ademais foram ellas reforçadas com os flancos duplos e triplices, tenalhos, reductos e outras obras subsidiarias.

Os portuguezes não se descuidaram, um só momento, da defesa do immenso littoral do Brasil. Ainda hoje, bebendo as lições do passado, procuramos melhorar o estado de defesa de muitos pontos da costa, que a perspicacia e previdencia dos lusos escolheram.

A grande fracção de orla maritima que vae de Cabo Frio ás praias do Rio Grande do Sul muito mereceu o amor e o cuidado dos portuguezes.

Região importantissima, já por suas proprias riquezas, já pelas suas relações de commercio, foi ella sempre cobiçada pelos aventureiros que por aqui andaram, no transcurso dos seculos XVI e XVII.

Os planos de fortificação do Rio de Janeiro só começaram a ter execução, quando foi das duas invasões francezas de 1710 e 1711, respectivamente de Du-Clerc e Duguay-Trouin. Póde-se dizer que é esse o verdadeiro ponto de partida da organisação da defesa fixa da capital do Brasil.

Essa defesa foi continuada pelos vice-reis, a partir de 1763, data em que mais se avolumaram os receios de um golpe de audacia da parte dos hespanhóes do Rio da Prata. Assim, pois, tanto os francezes como os castelhanos, concorreram efficazmente, para os progressos da defesa estavel da segunda capital da colonia.

O marquez do Lavradio incumbiu a commissão constituida pelo tenente-general Bohm, brigadeiro Funck e capitão Roscio de organisar um plano de defesa da cidade de S. Sebastião. O almirante Jorge Gaspar recebeu, ao mesmo tempo, a incumbencia de fechar a barra com uma frota de navios mercantes, dispostos em linha de batalha. Era a defesa fixa, conjugada com a defesa movel, solução que, actualmente, mais parece agradar aos nossos technicos de mar e terra. A chegada de D. João VI ao Brasil motivou, por igual, a construcção de novas fortificações no Rio de Janeiro. O mesmo se deu, logo após a proclamação da nossa independencia, visto que se temia que uma expedição portugueza, partindo de Lisboa, viesse ao nosso paiz, com a missão de prestar soccorros ás tropas retirantes do general Madeira. Para esse fim o governo do primeiro imperador designou o brigadeiro Antonio Elysiario para apresentar um projecto de melhoramentos das fortificações do Rio de Janeiro. Um decennio mais tarde, a Regencia, por medida de economia, mandou desarmar todas as nossas fortificações, fazendo recolher o seu armamento aos depositos e arsenaes de guerra do paiz. Alguns annos depois veiu a conhecida questão Christie (1863), que deu tambem logar a melhoramentos nas fortificações já existentes, e bem assim á construcção de outras.

Com a revolta da Armada muitas dellas se damnificaram, tanto aqui, no Rio, como em Santa Catharina. Com o intuito de reparal-as o marechal Floriano Peixoto, então na presidencia da Republica, pediu, em mensagem ao Congresso, o vultuoso credito de tres mil contos. O segundo reinado quasi nada fez pela defesa permanente do Brasil. De longe em longe, vê-se uma ou outra medida official a respeito.

Em seu relatorio, apresentado á Assembléa Geral Legislativa, em 1857, o então ministro da Guerra, marquez de Caxias, isto escreveu:

—"As nossas fortificações vão-se conservando, mediante reparações, de maior ou menor importancia, exigidas pelos estragos que occasiona infallivelmente a acção do tempo, reparações a que o governo tem occorrido, tanto quanto é possivel, com os recursos que tendes posto á sua disposição"

Em 1865 o titular da Guerra, visconde de Camamú, referindo-se ás obras de defesa do Imperio, dizia que o incidente com a legação ingleza (questão Christie) levara o governo a nomear uma commissão chefiada pelo brigadeiro Henrique de Beaurepaire Rohan, com o fim de organisar um plano geral de melhoramentos das fortificações da Côrte e adiacencias. A direcção das obras militares, desde 7 de Abril de 1808, se achava a cargo do Archivo Militar, cujo director era o commandante do corpo de engenheiros, e onde serviam os officiaes desse corpo, segundo o decreto da mesma data acima referida, decreto que ainda vigorara setenta annos depois.

Mais tarde em 9 de Junho de 1844, o governo imperial separou do Archivo a parte referente á execução das obras militares, no Rio de Janeiro, inclusive as fortalezas. Esse serviço foi commettido a um coronel de engenheiros e mais dois officiaes do mesmo corpo.

Em 1870 creou-se a repartição de obras militares da Côrte. Em Março de 1878 foi dissolvida essa repartição, passando os seus serviços novamente para o Archivo Militar, centro de todas as obras militares do paiz, sendo extinctas as directorias de obras militares nas provincias.

Como já disse, as nossas fortificações, nos seculos XVI, XVII e XVIII, acompanharam, mais ou menos, os progressos da artilharia, isto é, os meios de defesa, antes do meado do penultimo seculo. Dahi o não preencherem relação ao seculo XIX. Os elementos de ataque para logo sobrepujaram os de defesa, antes do meado do penultimo seculo. Dahi o não preencherem mais, actualmente as nossas obras de defesa fixa o fim a que se destinavam, cem ou duzentos annos atraz.

Só após o advento do novo regimen é que se pensou em substituir as nossas antigas fortificações de fórma polygonal, com reentrantes e salientes, frentes abaluartadas e canhoeiras trapezoidaes, por outras que estivessem mais de accôrdo com os modernos progressos da arte da guerra. Veiu tomar-lhes o logar a nova fortificação de fórma arredondada, provida de cupolas encouraçadas, mais propria a offerecer maior resistencia á poderosa artilharia do nosso tempo.

Em 20 de Abril de 1894 foi aberto o credito de tres mil contos, destinado a essa transformação e consequente acquisição de moderno ~~material~~ bellico.

A commissão para esse mistér nomeada pelo marechal Floriano era composta de oito officiaes e tinha por chefe o então coronel, hoje marechal reformado Alfredo Carlos Müller de Campos. Teve ella pouca vida. Os seus serviços para logo passaram para a Directoria de Obras Militares.

Em Novembro de 1895 foi nomeada uma outra commissão, incumbida de fortificar e defender todo o vasto littoral brasileiro. Escolheram-se então varios portos da nossa costa a serem fortificados.

Essa commissão apresentou ao governo, em Fevereiro de 1898, um projecto especial de defesa da cidade do Rio de Janeiro. Tinha ella por chefe o tenente-cororel Nicoláo Alexandre Muniz Freire.

Pelo espirito desse projecto era a defesa da capital da Republica dividida em duas partes: uma interna, outra externa. A segunda tinha por objectivo: "1º, evitar a approximação de uma esquadra que pretendesse bombardear a cidade; 2º, oppôr-se, tenazmente, ao forçamento da barra; 3º, proteger os movimentos de entrada e sahida da nossa esquadra; 4º, concorren-

temente com a defesa movel, fazer abortar qualquer tentativa de desembarque do inimigo". A parte interna visava, principalmente, este ultimo fim. A defesa externa compôr-se-ia de duas linhas: a primeira constituida pelas fortificações de *Itaipú* e *Imbuhy*, para o lado de léste da barra, e da ponta dos Dois Irmãos e peninsula de Copacabana, para o lado de sudoeste; e a segunda pelas fortalezas de *Santa Cruz*, *S. João* e *Lage*, dispostas em triangulo, á bocca da barra, a qual sommaria os seus esforços á primeira, desde que o inimigo entrasse na sua zona de acção.

Propoz ainda a commissão Muniz Freire a transformação das baterias casamatadas de *Santa Cruz*, e bem assim a construcção de cupolas encouraçadas e cutros melhoramentos para esta fortaleza e a de *S. João*, não o fazendo para a da *Lage*, por já estar sendo a mesma remodelada com todos os aperfeiçoamentos modernos.

Quanto ao forte da *Praia de Fóra*, estava elle sendo armado com artilharia nova.

Esse brilhante projecto não poude ser integralmente executado, tendo sido dissolvida a commissão que o elaborou. E' o que se vê do aviso do Ministerio da Guerra de 30 de Junho de 1898. Todos os trabalhos iniciados passaram, ainda uma vez, para outra repartição recentemente creada — a Direcção Geral de Engenharia.

◈ ◈ ◈

Em 1822 José Victorino dos Santos e Souza publicou uma interessante memoria: "Sobre a defesa militar da capital do Brasil e dos pontos que será bom fortificar, afim de a pôr ao abrigo de um desembarque repentino, acautelando o estabelecimento mais util, e o mais exposto de seus suburbios, de qualquer tentativa hostil de um inimigo vigilante e empreendedor". Essa memoria vem publicada no tomo XXVI, da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, anno de 1863.

"A' entrada da barra do Rio de Janeiro (diz Santos e Souza) existem fortalezas que a tornam respeitavel, e não é de presumir que os inimigos do Brasil, que, antecipadamente, se declararem taes, tentem insultar a capital pela dita barra (excepto por traição), porque se exporiam a sacrificar um grande numero de tropa e embarcações, sem terem a certeza de um feliz resultado: não digo se deva desprezar o ter as referidas fortalezas bem guarnecidas, e em bom estado de defesa; mas a opinião que se tem da sua força concorrerá tambem a não tentarem entrar pela barra. Tambem não ha probabilidade de fazerem um desembarque na costa que corre da fortaleza de *Santa Cruz* até Cabo Frio, por ficar ainda por vencer o passo da passagem da bahia e poderem ser cercados por terra, como ha pouco aconteceu com os Avilezes. Qual será, pois, a tentativa que poderão fazer os inimigos do Brasil, declarando-se abertamente contra esta capital, que, provavelmente, virá a ser o alvo de seus tiros, se não levarem a bem o que aqui se está fazendo, emquanto não forem conduzidos a principios razoaveis? O estabelecimento que elles mais terão a temer, e do qual certamente lhes resultará maior mal, e que mais procurarão destruir é, sem duvida, a fabrica de polvora estabelecida na proximidade do mar, junto á lagôa Rodrigo de Freitas, e é de sentir que um estabelecimento tão necessario e que tanto concorre para ser respeitada esta capital, e por consequencia todo o Brasil, esteja collocado em um ponto tão perigoso".

Attendendo á época em que foi escripta esta memoria, não é para extranhar o optimismo deste escriptor, ácerca das velhas e quasi imprestaveis fortificações que, em 1822, defendiam a entrada da capital do nascente imperio.

A revolta de 6 de Setembro de 1893 provou, á exuberancia, que nenhuma dellas foi capaz de evitar que navios revoltosos deixassem de transpôr a barra do Rio de Janeiro. Nesses dias de tormenta para a joven Republica, até vapores mercantes passaram, incolumes, diante de *Santa Cruz*, zombando dos seus canhões assestados!

FORTALEZA DE SANTA CRUZ

Foi levantada no pequeno promontorio que se destaca, á direita de quem entra a barra da capital da Republica. Domina o canal, podendo cruzar os seus fogos com os de *Copacabana*, *Imbuhy*, *Lage* e *S. João* (2).

A' intelligencia de Villegaignon não escapou a excellente posição de *Santa Cruz*, que soube militarmente aproveitar, ali construindo obras que, mais tarde, os portuguezes bem trataram de utilisar.

Salvador Correia ali ergueu uma fortificação de mais vulto, a qual denominou *Bateria de Nossa Senhora da Guia*.

Em 1596 essa obra de defesa impediu que a esquadra do almirante hollandez Wan-Noort entrasse a barra do Rio de Janeiro. Em 1612 essa fortificação dispunha de vinte boccas de fogo.

Diante dos fogos de *Santa Cruz* a esquadra aventureira de Duclerc teve que desistir de transpor a entrada do porto desta capital, indo effectuar desembarque mais ao sul, na praia de Guaratiba (1710).

Luiz XIV, desejoso de vingar-se da attitude tomada por Portugal contra a França, na guerra da successão da Hespanha, autorisou a subditos seus formassem companhias de corsarios para saltear as colonias portuguezas. Equiparam, pois, os armadores de Brest, com todo o segredo, uma esquadra composta de cinco navios grandes e uma balandra, destinada a invadir o Rio de Janeiro, e guarnecidos de mil e tantos homens de desembarque. Confiaram o commando dessa expedição a Carlos Frederico Duclerc, natural de Guadalupe, que, em principio de Agosto de 1710, passou pela altura de Cabo Frio e pelo meado do referido mez appareceu na barra do Rio de Janeiro, onde apresou uma sumaca que vinha da Bahia. Tendo a fortaleza de *Santa Cruz* atirado contra a balandra, que ia na dianteira, velejaram os francezes para a *Ilha Grande*, que bombardearam; como, porém, lhes oppuzesse resistencia o capitão de ordenanças João Gonçalves Vieira, tomaram agua e mantimentos, saquearam algumas fazendas, e rumando de novo, deram mostra de quererem desembarcar na Tijuca e na praia de Copacabana. Foram, afinal, no dia 11 de Setembro, descer a terra, em Guaratiba, donde, guiados por dois negros, que recolheram na *Ilha Grande*, seguiram por Camorim e Jacarépaguá, chegando ao Engenho Velho, na tarde do dia 18. (Padre Raphael Galanti, *Historia do Brasil*, tomo III, pags. 123 e 124).

Verdade é que, no anno seguinte, a frota de Duguay-Trouin transpoz, incolume, o canal de accesso ao porto desta capital. Tal se deu, porque, como sabe o leitor, a incuria sommada á incapacidade do governador Francisco de Castro Moraes fez que este, mezes antes, ordenasse o desartilhamento de *Santa Cruz*. Quem medianamente conheça a historia do Brasil não ignora o extranhavel proceder do então governador do Rio de Janeiro, em face da armada do aventureiro francez.

Os successores de Castro Moraes, especialmente os vice-reis, fizeram, quanto possivel, por dar ao Brasil obras de defesa do seu immenso territorio.

Destes merecem ser citados, pelo muito que fizeram, o conde da Cunha e o marquez do Lavradio. A provisão régia de 22 de Setembro de 1730 determinava que as fortalezas de *Santa Cruz* e *S. João* se mantivessem em completo estado de guerra. Essa provisão foi respeitada até 1831. Com o advento do governo regencial, nesse anno, foi ordenado o desarmamento geral das fortificações do Brasil. Quanto a *Santa Cruz*, o seu armamento reduziu-se á metade. O mais importante dos corollarios desse acto impensado da regencia foram os tristes acontecimentos sobrevindos com a questão Christie em 1863. Nesse anno, navios mercantes brasileiros foram apresados, diante das fortalezas da barra do Rio de Janeiro, pelo navio inglez *Harpy*, que os conduzia para a enseada de Palmas, na *Ilha Grande*.

O incidente de 1863 veiu, felizmente, abrir um pouco os olhos ao governo imperial, que impulsionou os melhoramentos da bateria da *Praia de Fóra*, cujo objectivo era bater a parte exterior da enseada, cruzando os seus fogos, á entrada do canal. Não foram esquecidas as obras do Pico, natural reducto de *Santa Cruz*, que em 1831 dispunha de 135 canhões, inclusive os 24 da *Praia de Fóra*.

◈ ◈ ◈

Vimos os melhoramentos que, em 1863, o governo julgou de bom alvitre introduzir, nas fortificações da barra da capital do Imperio. Com relação á *Santa Cruz*, em Julho do mesmo anno, teve começo a construcção de casamatas á Haxo sobre a antiga bateria descoberta, ao lume d'agua. O primeiro andar comportava vinte casamatas; o segundo, vinte e uma.

A cavalleiro desse segundo andar creou-se uma bateria á barbeta, destinada a canhões de mais grosso calibre.

O visconde de Camamú, ministro da Guerra em 1865, falando dos melhoramentos de *Santa Cruz*, disse que a *Bateria de Santa Thereza* estaria em breve concluida, achando-se já a parte principal da fortaleza com dezoito casamatas. Destinava-se essa parte a 51 canhões.

Todas as baterias, segundo o ministro, deveriam ter, ao todo: 85 canhões de grosso calibre e 15 menores, ficando 4 na torre da plataforma girante, para defendel-a de revez.

A 19 de Outubro de 1864, assentou-se a pedra fundamental da primeira casamata na *Bateria Dois de Dezembro*. Nesse mesmo anno foi arrazada a *Bateria 25 de Março*, afim de reforçarem-se-lhes as fundações. Orçaram-se essas obras em 450 contos.

Em 1865 já se achavam promptas 12 casamatas. Quanto á *Bateria Dois de Dezembro*, já contava ella 9 casamatas com canhoneiras encouraçadas, fechadas com portinholas de ferro.

Até 1870, sendo ministro da Guerra o barão de Muritiba, a *Commissão de Melhoramentos do Material do Exercito* já havia construido em *Santa Cruz* 41 casamatas e uma bateria, á barbeta, sobre as mesmas. Nesse anno estavam sendo concluidos dois pontilhões, que se destinavam a communicar a antiga *Bateria 25 de Março* com as casamatas do segundo andar.

Em 1871 o Arsenal de Guerra da Côrte começou a fornecer o novo material destinado ás fortificações da barra do Rio de Janeiro. As baterias não casamatadas continuavam armadas com artilharia de alma lisa, por não ser possivel dar-lhes, por emquanto, artilharia raiada.

Em Agosto de 1872 foram ali assentados dois canhões de 115 *Armstrong* e dois de 120 *Whitworth*, sendo os primeiros na *Bateria do Imperador*.

Em 1875 reconstruiu-se o antigo paiol, destruido por uma faisca electrica. Em 1877, na administração do marquez de Caxias, concluiram-se as obras do quartel, as quaes haviam sido iniciadas a 20 de Setembro de 1872, e orçadas em 134 contos. Nesse anno fizeram-se ali os reparos precisos nos estragos produzidos pela grande resaca de 77.

Em 1882, sendo ministro da Guerra o barão de Loreto, despendeu-se com *Santa Cruz* a pequena somma de 5:900$000. Esse titular, em seu relatorio á Assembléa Legislativa, occupa-se das fortificações e defesa fronteiriça do Imperio. Diz elle, textualmente: "Tem-se tratado, especialmente, de estudar e melhorar as fronteiras das provincias do Rio Grande do Sul e Paraná, e já foram apresentados ao governo os trabalhos e planos organisados por uma commissão de engenheiros militares, nomeada para esse fim. Em todas essas extensas e abertas fronteiras, a construcção, o armamento e a guarnição de fortificações para a sua completa defesa exigiria tão avultados dispendios e o emprego de tão numeroso pessoal, que o estado dos cofres publicos, nem o quadro do nosso Exercito (3) permittem que se cogite da realisação de tal idéa".

Todavia, opinava o barão de Loreto que, apezar do estado precario das finanças do paiz, poder-se-ia conseguir alguma cousa, já levantando fortificações nos pontos mais estrategicos da nossa costa, já fundando colonias militares, em localidades bem escolhidas na linha das fronteiras, ligando os pontos mais importantes pela viação-ferrea e pelo telegrapho, quer entre si, quer á capital do Imperio. Nessa época nomeou o governo uma commissão militar, chefiada pelo coronel Conrado Jacob Niemeyer, com o fim de organisar, urgentemente, uma carta estrategica do Rio Grande do Sul, nella assignalando os logares mais notaveis, no ponto de



vista da fortificação. Em 1887 installou-se em *Santa Cruz* a pharmacia e, em seguida, a enfermaria. A illuminação a petroleo foi substituida pelo gaz.

Em 1892 (19 de Janeiro) revoltou-se esta fortaleza, assumindo-lhe o commando o 2° sargento Silvino de Macedo. Affirmaram jornaes da época que o intuito da revolta era obrigar o marechal Floriano Peixoto, então na presidencia da Republica, a restituir o governo ao marechal Deodoro da Fonseca, contando os revoltosos com grande apoio nos elementos politicos da capital.

Silvino, aproveitando o momento de refeição das praças, na manhã de 19, cortou-lhes a sahida do refeitorio, fechando as portas deste. Collocando-se á frente de um grande numero de presos sentenciados, deu-lhes liberdade, apossando-se dos canhões e de todo o armamento portatil da fortaleza.

A da *Lage* foi compellida a adherir ao movimento, por estar sob os fogos de *Santa Cruz*. O governo federal promptamente abafou a sedição, enviando por terra, dois batalhões, sob o commando do coronel Moreira Cesar, que dominou o Pico, donde desceram a subjugar os insurrectos. Ao mesmo tempo era *Santa Cruz* bombardeada por alguns navios, ao mando do contra-almirante Custodio José de Mello, ministro da Marinha. Silvino, ferido no rosto, cahiu prisioneiro, tendo sido a revolta inteiramente abafada, no dia seguinte. O seu chefe, depois de alguns mezes de tratamento, no hospital da Ilha das Cobras, restabeleceu-se e empregou-se no *Diario Official*.

No anno immediato, sobrevindo a revolta da Armada, seguiu elle para Pernambuco. Sendo ali reconhecido e julgado perigoso, foi preso e fuzilado na *Imbiribeira*, logar que demora entre a Boa Viagem e a igreja da freguezia dos Afogados (4).

Em 1893: Carece de importancia a parte que esta fortaleza tomou na revolta de 6 de Setembro.

Juntamente com *S. João* e *Lage*, manteve-se fiel ao governo legal. *Villegaignon*, a principio neutra, passou-se para os rebeldes a 9 de Outubro.

Entretanto, muito fez o almirante Custodio de Mello, chefe da revolta, para que *Santa Cruz* e outras fortalezas adherissem á causa revolucionaria.

Durante o mez de Setembro essas obras de defesa foram hostilisadas pelo *Aquidaban*, *Javary*, *Trajano* e *Guanabara*.

A 10 de Outubro o coronel Pedro Alves, commandante de *Santa Cruz*, dirigiu o seguinte telegramma ao marechal Floriano Peixoto. "A esquadra rompeu fogo contra nós. De preferencia atiramos contra *Villegaignon* que nenhum damno nos causou. Os navios retiraram-se logo do centro de acção dos nossos fogos (*Javary*, *Trajano* e *Guanabara*), ficando apenas o *Aquidaban*, contido á boa distancia. Dos projectis dos navios alguns detonaram nesta praça, tendo nós apenas tres soldados feridos por estilhaços de granadas. São 6 horas da tarde e ainda mantemos o fogo, emquanto nos permittir a luz crepuscular".

A partir do dia 10 tornou-se mais frequente o bombardeio entre *Villegaignon* e as fortalezas de *Santa Cruz*, *S. João*, *Lage*, *Gragoatá*, *Pico* e as baterias mascaradas de *S. João*.

No dia 12, ainda de Outubro, alguns navios revoltosos transpuzeram, incolumes, a barra do Rio de Janeiro. Um delles foi o *Metéoro*, commandado pelo 1° tenente Monteiro de Barros.

Uma granada, partida de *Santa Cruz*, attingiu o seu convez, produzindo incendio.

A 1° de Dezembro o *Aquidaban*, navio capitanea, transpoz a referida barra, atirando contra *Santa Cruz* e *S. João*. A 12 do mesmo mez regressava elle á bahia de Guanabara, sem que o incommodassem as nossas fortalezas. Nove dias depois sahia barra fóra, pela segunda vez, indo juntar-se ao *Republica*, com o intuito de dar combate á esquadra legal, que se organisava, ao norte do paiz.

Em 1896 a Directoria de Obras Militares, a cargo do general Innocencio Galvão de Queiroz, ali executou alguns trabalhos como a rectificação da canalisação d'agua potavel, transformando as antigas cisternas em reservatorios. Estabeleceu a rêde de esgotos e construiu varios predios para morada de officiaes. Assentaram-se alguns canhões *Krupp* de C|15. Em tudo despendeu-se a somma de 380 contos.

Em 1900 o marechal Mallet, então na pasta da Guerra, com o seu notavel espirito organisativo e remodelador, era de parecer que *Santa Cruz* e outras fortificações coloniaes não mais podiam preencher os seus fins, nos nossos dias. Era de opinião que deviam ellas ser dotadas de melhoramentos indispensaveis, e tendentes a transformarem-nas, de modo radical

Em 1901 recebeu *Santa Cruz* o material para a installação electrica, tendo logar a respectiva inauguração, no anno seguinte.

Em 1905 (8 de Novembro) houve uma revolta nesta fortaleza. Segundo os jornaes cariocas, deu-lhes motivo a attitude do 2° tenente Pedro Fernandes Torres, que ali exercia as funcções de instructor das praças.

Disciplinador, por educação e por indole, accusavam-no de exigente, em demasia, para com os rudes soldados.

O que é certo é que, estando elle a instruir a guarnição, esta, por qualquer motivo, justo ou injusto, sublevou-se contra o referido official em cujo auxilio veiu prestes o major Digno Elysio da Silva Freire fiscal daquella praça de goerra. O major, para logo, foi victima da soldadesca desenfreada, que o assassinou. Sorte igual estava reservada ao tenente Fernandes Torres, que não tardou a pagar com a vida o crime de ser austero, no cumprimento de seus deveres. O governo fez abafar a insurreição, para ali enviando o 1° batalhão de infantaria, sob o commando do então coronel, hoje marechal reformado, Emygdio Dantas Barreto. *Santa Cruz* era commandada pelo coronel Pedro Ivo da Silva Henriques, ha poucos annos fallecido, no posto de general de divisão.

Em 1910 estava guarnecida pelo 1° batalhão de artilharia de posição, continuando a ser presidio de militares excluidos, sentenciados e para sentenciar.

Em 1911, o então ministro da Guerra, general Dantas Barreto, fazia sentir a necessidade de cessar a pratica de transformar-se essa fortaleza em presidio militar, por ser isso prejudicial aos interesses da instrucção e preparo do soldado.

No entender do ministro os sentenciados deveriam ser remettidos para a *Casa de Correcção* do Rio de Janeiro, onde poderiam dedicar-se a algum officio proveitoso. Nesse anno já a fortaleza dispunha de luz electrica, telephones, telegrapho e signaes semaphoricos. Havia o projceto de ligal-a, telephonicamente, á *Praia de Fóra* e á Capital Federal. O abastecimento d'agua era ainda feito em barcaças, que descarregavam para o reservatorio.

Em 1912 foi ligada, pelo telephone, ao forte do *Imbuhy* e ao Qartel-General da IV Região, em Nictheroy.

Em 1913: Revisão da canalisação d'agua, installação de uma bomba e de guindaste electrico.

Em 1915: Installação da estação radiographica.

Em 1916: Diz, em seu relatorio, o ministro da Guerra que os serviços de abastecimento d'agua ao forte de *Imbuhy* e á fortaleza de *Santa Cruz* foram feitos de accôrdo com o fornecimento obtido de Nictheroy. E' a ultima noticia official desta velha fortificação, que parece reclamar providencias, que a tornem capaz de hombrear com as modernas obras de defesa da *Lage*, *Imbuhy* e *Copacabana*.

Santa Cruz deve guardar entre as suas venerandas muralhas a lembrança de vultos notaveis que ali estiveram presos. Citarei, por exemplo, o caudilho uruguayo André Artigas, que lá falleceu, e que era irmão de D. José Artigas, um dos grandes representantes da caudilhagem platina; o general Fructuoso Rivera, que foi o primeiro presidente da Republica do Uruguay (a sua prisão data de 1851); o conego Januario da Cunha Barbosa, illustre homem de letras, e um dos fundadores do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro;* o coronel Bento Gonçalves, presidente da Republica de Piratinim; o marquez de Loulé, que foi amigo intimo de D. João VI; o almirante Eduardo Wandenkolk, primeiro ministro da Marinha da Republica.

Tambem foi ali recolhido preso o governador do Rio de Janeiro, Thomé Correia de Alvarenga, que substituiu, interinamente, no governo, a Salvador Correia de Sá e Benevides. Em virtude dos acontecimentos havidos no Pará, com a proclamação da Independencia, dali veiu preso e foi encarcerado em *Santa Cruz* o revolucionario Baptista de Campos, que, antes, em Belém, houvera sido amarrado á bocca de um canhão, por ordem de Greenfeld, amigo e auxiliar de Lord Cochrane.

Antes de partirem para a Europa, em consequencia dos acontecimentos de 12 de Novembro de 1823 (dissolução da Constituinte), estiveram presos em *Santa Cruz* José Bonifacio de Andrada e Silva e seus dois illustres irmãos Antonio Carlos e Martim Francisco (V. Annotações á biographia do conselheiro Vasconcellos Drummond, *Annaes da Bibliotheca Nacional*).

---

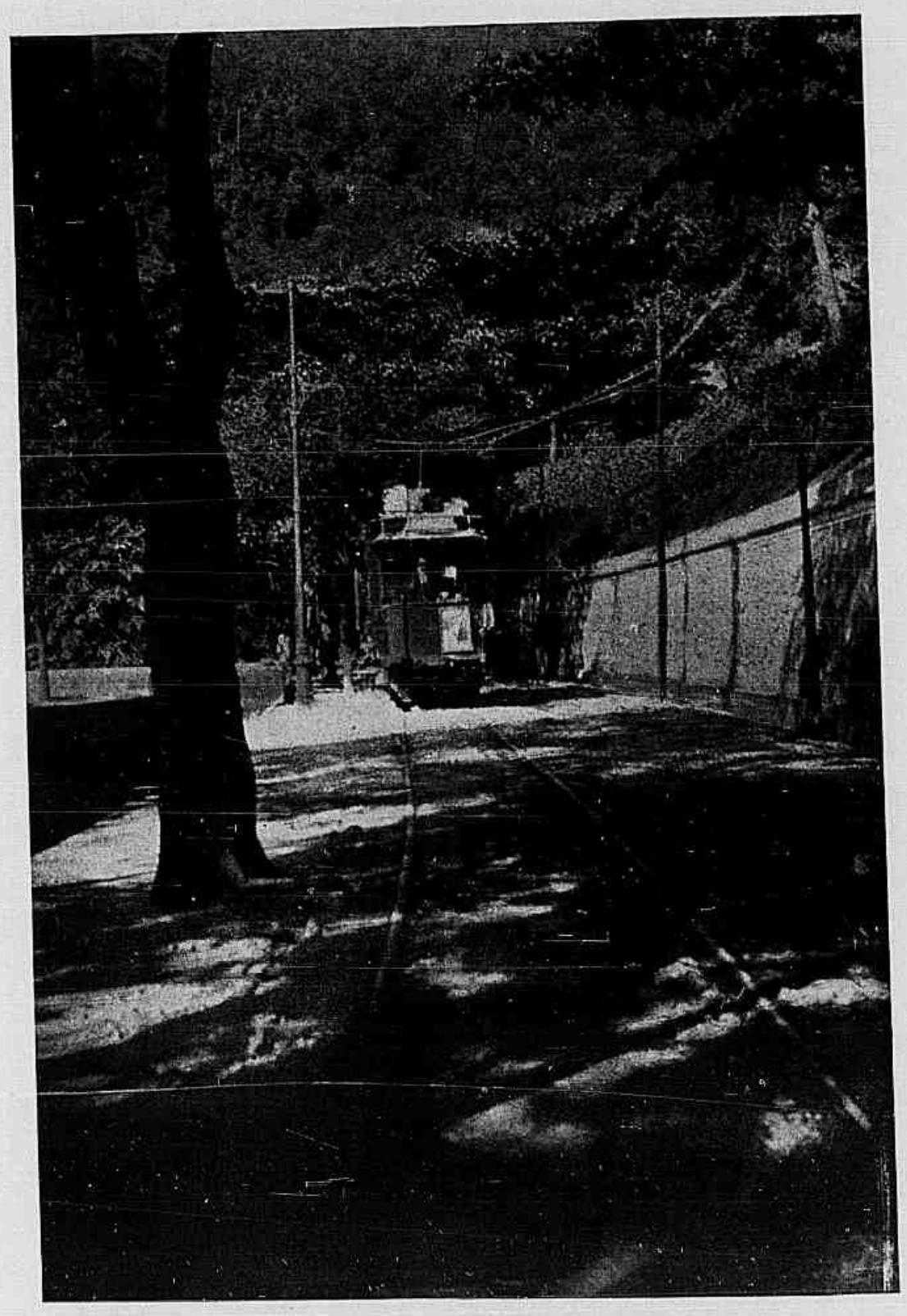
(1) Segundo Rocha Pitta e Raphael Galante, Uruçúmirim, era tambem a denominacão do forte construido pelos francezes, na praia do Flamengo, na fóz do ribeirão Carioca, que, a esse tempo, se lançava naquella praia, no local onde ora se ergue o Hotel Central, á esquina da rua Barão do Flamengo. Esse forte foi tomado por Mendo de Sá, que o mandou arrazar.

(2) Diz Saint Adolphe que Mendo de Sá, depois de haver expulso os francezes do Rio de Janeiro (1567), tendo encontrado no promontorio de Santa Cruz, algumas peças de artilharia, que Villegaignon ali deixára, aproveitou-se dellas para armar o forte que nesse local resolveu levantar, afim de melhor defender a cidade, o que levou a effeito. Esse forte foi sendo melhorado pelos successivos governadores do Rio de Janeiro.

(3) Tinha, a esse tempo, o effectivo de 11.369 pracas de pret.

(4) Vide *A execução de Silvino de Macedo*, pelo Dr. Vicente Ferrér.

■ ■ ■ ■



TERRA CARIOCA

A CAMINHO DO SYLVESTRE

A Geographia Physica, Politica e Economica do Estado de Minas Geraes

Memoria commemorativa do 1º Centenario da Independencia Patria

pelo Professor Dr. Nelson de Senna

(CONTINUAÇÃO)



S *Cartas Geraes* silenciam os nomes de innumeras serras importantes, que accidentam o territorio mineiro e nelle se projectam em differentes direcções, como esgalhamentos orographicos dessas citadas divisões do nosso fundamental systema orographico. Por exemplo, na secção da extrema meridional da Mantiqueira, no valle do Jaguary e Camanducaia, já MASSENA apontára as elevadas Serras do Ribeirão-Fundo, das Tres Orelhas, da Moribeca, de S. Domingos, dos Tres Irmãos, todas com altitude variavel de 1.200 a 1.800 metros, e que só nas folhas da "Commissão Geographica e de Limites entre São Paulo e Minas" temos visto traçadas ; assim tambem, no territorio januarense, em região opposta á primeira exemplificada, isto é, nas margens do S. Francisco (Norte de Minas), não são quasi que relembradas pelos nossos geographos as Serras do Bréjo, de S. Felippe, do Itacaramby, de Antonio Pereira, da Itapirassaba, das Aráras, etc.

— No valle do Jequitinhonha (Nordéste Mineiro e em territorio da vasta comarca de Arassuahy), nada se vê traçado em relação ás Serras da Chapada, do Rubin, do Oratorio, do Labyrintho, de S. Simão, do Piabanhas, do altissimo Morro do Cupim, das chapadas de S. Domingos, das Salinas e da "larga" do Catriangongo, da Ladeira da Tiririca, do espigão das Trinta Voltas, etc.

Espinhaça : — Tal nome foi dado pelo barão Guilherme von ESCHWEGE ao grupo dessas duas cadeias, que se originam, a primeira em S. Paulo perto de Bragança, e termina nas visinhanças de Queluz (Minas); a segunda, nas visinhanças de Ouro Preto, e vae terminar na Bahia, perto de Bomfim. Alludindo ao ponto culminante do systema orographico em nosso paiz, continúa aquelle autor :

" Os pontos mais altos do Brasil se acham na parte Sudéste, nas montanhas que cortam os Estados do Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo e Espirito Santo.

Por muito tempo acreditou-se que o Pico das *Agulhas Negras,* no *Itatiaya,* cuja altitude indicada por FRANKLIN MASSENA era de 2.994 metros, representava o ponto culminante do Brasil. Falava-se, entretanto, que em Goyaz havia uma serra onde se tinha descoberto um pico mais alto que o *Itatiaya*. Era o Pico dos *Pyrinêos,* cuja fama originada de uma medição de altitude inexacta, lhe dera o logar provavel de ponto culminante do territorio nacional. Isso era ensinado com reserva, pois dizia-se que era mister ainda averiguar a verdade a tal respeito.

Sabia-se que o Sr. Thomas Ward e o Padre Dr. Henrique R. des Genettes haviam medido a altitude dos Pyrinêos e achado, o primeiro 2.890 metros, e o segundo, 2.932 metros. Era possivel, porém, que houvessem errado e, por isto, talvez aquelle monte fosse mais alto que o *Itatiaya*.

A Commissão incumbida de estudar o planalto central afim de demarcar o local para a Capital Federal, prestou ao menos este serviço: — determinou com relativa exactidão a altitude do " Pico dos Pyrineus ", sendo então verificado ser elle muito mais baixo que o nosso Itatiaya e varios outros pontos altos mineiros — como o Itacolomy, Serra da Piedade, Caraça, Morro do Breu, etc.

A altitude dos *Pyrineus,* medida em 8 de Agosto de 1892, pela Commissão do Planalto Central, foi de 1.395 *metros.*

Desmoronou-se, assim, a fama dos celebres montes goyanos, que passaram a occupar, desde então, logar secundarissimo na orographia brasileira.

Ficou, todavia, o *Itatyaia* sem competidor para o seu " Pico das Aguilhas Negras ". Mas, accrescenta o Dr. Alvaro da Silveira:

" Em 1911, um trabalho, que tive de executar na " Serra do Carapáo ", fez-me descobrir o verdadeiro ponto culminante do Brasil, pelo menos á vista do que se sabe até o presente: — o *Pico da Bandeira,* cuja altitude medida por mim, com grande cuidado, é de 2.884 metros.

A altitude das *Agulhas Negras* é — se tomarmos a media de 4 determinações feitas por operadores differentes e em épocas diversas — de 2.821 metros ".

Essas determinações, a que o reputado engenheiro se referiu, são as seguintes:

Luiz Cruls	2.841	metros
Borges de Mello	2.809	"
Augusto de Vasconcellos	2.804	"
Alvaro da Silveira	2.830	"

Todavia o professor e engenheiro militar DR. EDUARDO TRINDADE, discutindo o assumpto (vide vol. VI, pags. 471-472 do *Annuario de Minas,* edição de 1918), escreveu a respeito um artigo, que, em summa, vem a se condensar nesta conclusão.

" O Pico do Itatyaia tem soffrido diversas medições barometricas, effectuadas por abalisados astronomos, geologos e geographos. Para não alongar a serie, citemos os mais reputados: GLASIOU dá para altitude desse cume 2.713 metros; ORVILLE-DERBY, 2.979 metros; MASSENA, 2.994 metros; e RECLUS, 3.000 metros.

Em 1898, o provecto astronomo LUIZ CRULS determinou aquella altitude, que é de 2.841 metros. A média desses cinco valores é egual a 2.905,6 ou 2.906 metros. O illustre Dr. Alvaro da Silveira encontrou para altitude do *Bandeira* 2.884 metros. Logo o *Itatiaya* tendo sobre aquelle a superioridade de 22 metros, continúa a ser " o pico mais alto do Brasil ".

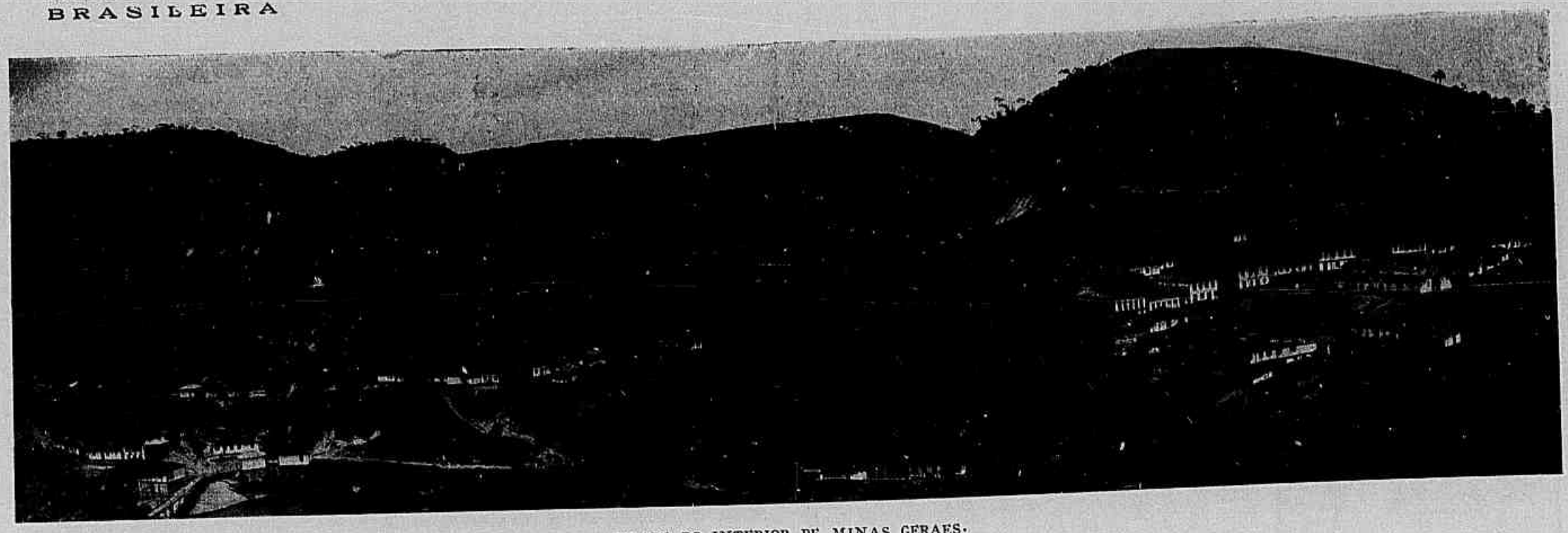
A esse mesmo Pico do Itatiaya (na Mantiqueira, e que interessa, pelo massiço em que se acha, aos territorios ali limitrophes dos tres Estados de Minas, Rio de Janeiro e S. Paulo) dá o professor DELGADO DE CARVALHO uma altitude de 3.180 metros, como se póde vêr á pag. 16 do seu livrinho — *Un Centre Economique au Brésil* (*L'Etat de Minas en 1908*). Em uma série de artigos no diario *O Minas Geraes* (Maio de 1913), sob a epigraphe " O Itatiaya e o Caparaó ", coube ainda ao referido professor ALVARO DA SILVEIRA accentuar que a sua primeira medição do "Pico da Bandeira" deu 2.856 metros e a segunda, a que precedeu, accusou 2.851, "valor que poderá ser tomado para representar a altitude daquelle Pico", que é um ponto de divisa entre os Estados de Minas Geraes e Espirito Santo.

Citando *Reclus,* anteriormente, vimos como elle faz referencia a uma primeira ascensão do inditoso professor hannoveriano WILHELM SCHWACKE (que era botanico, foi Director da Escola de Pharmacia de Ouro Preto e morreu ha annos, no Manicomio de Barbacena) ao massiço do Caparaó, de cuja flora alpestre teve a primasia de estudar alguns exemplares. E o professor Ragosino de Lima, seu discipulo andou tambem pela mesma alta região carangolense dos Campos de Caparaó, quando medico naquella zona, onde mais tarde falleceu, se não nos engana a memoria.

RELAÇÃO DAS ALTITUDES DE ALGUMAS MONTANHAS E LOCALIDADES MINEIRAS

(De 900 metros para cima, sobre o nivel do mar)

O Pico de Itatiaya (municipio de Ayuruoca), segundo Eliséeclus, está a	3.000	metros
O mesmo pico, seg. F. Masséna, a	2.994,5	"
O mesmo, seg. o Dr. Orville Derby, a	2.979	"
O mesmo, seg. o Barão Homem de Mello, a	2.914	"
O mesmo, seg. Luiz Cruls, a	2.841	"
O mesmo, seg. Glaziou e Alv. da Silveira, a	2.713	"
O Pico da Bandeira, (na Serra do Caparaó, a leste), segundo o Dr. Alvaro da Silveira, a	2.884	"
O Pico das Agulhas Negras (no massiço do Itatiaya), a	2.765	"
O Pico do Papagaio (mun. de Ayuruoca), ao sul, a	2.275	"
Pontão do Crystal (Caparaó), seg. Alv. da Silveira, a	2.798	"
Serra do Papagaio (Mantiqueira), seg. a Comm. Geog. de Minas, a	2.274	"
Sitio do Vasconcellos (Caparaó), seg. Alv. da Silveira, a	2.200	"
Morro do Bispo (Mantiqueira, sul de Minas), seg. a Comm. Geog. de Minas, a	2.195	"
Pedra do Sellado (Mantiqueira, divisas entre Minas e São Paulo), seg. a Comm. Geog. de S. Paulo, a	2.080	"
Morro do Ataque (Mantiqueira), seg. a Comm. Geog. de São Paulo, a	2.175	"
Pico do Itambé do Serro (Serra do Espinhaço, ao norte), seg. Alvaro da Silveira	2.044	"
Morro das Tres Orelhas (Mantiqueira, perto de Jaguary), seg. a Comm. Geog. de S. Paulo, a	2.025	"
Morro da Bocaina (Mantiqueira, divisas entre Minas e São Paulo), seg. Comm. Geog. de S. Paulo, a	2.025	"
Serra de Itajubá (sul de Minas), a	2.000	"
Serra de S. Francisco (Mantiqueira, nas divisas de Minas e S. Paulo), seg. Comm. Geog. de S. Paulo, a	2.000	"
Morro da Carapuça (Caraça), seg. E. Liais, a	1.955	"
Serra da Piedade (perto de Caeté), seg. E. Liais, a	1.783	"
Morro do Breu (Serra do Cipó), seg. Alvaro da Silveira, a	1.778	"
Serra da Ibitipóca (lombada da Serra, entre Barbacena e Lima Duarte), seg. Comm. Geogr. de Minas, a	1.762	"
Pico do Itacolomy (perto de Ouro Preto), seg. E. Liais, a	1.752	"
Serra do Batatal (perto de Capanema e Antonio Pereira), seg. Alvaro da Silveira, a	1.750	"
Pico dos Tres Irmãos (o mais alto, a doze kilometros de Ayuruoca), seg. Comm. Geogr. de Minas, a	1.733	"
Morro do Pião (Serra de Ibitipóca), seg. Comm. Geogr. de Minas, a	1.727	"
Morro do Chora (Mantiqueira), seg. Comm. Geogr. de Minas, a	1.724	"
Pedra Guarayúva (Mantiqueira, divisa entre Minas e São Paulo), seg. Comm. Geogr. de S. Paulo, a.	1.700	"
Morro da Capoeira Grande (Mantiqueira), seg. Comm. Geogr. de Minas, a	1.693	"
Morro da Verruguinha (Caraça), seg. Alvaro da Silveira, a	1.659	"
Pico de Poços de Caldas (Sul de Minas), seg. Comm. Geogr. de S. Paulo, a.	1.630	"
Morro da Mira (perto de Pacáu, na Mantiqueira), segundo a Comm. Geogr. de Minas, a	1.600	"
Serra de Caldas (perto da fazenda da Pedra), seg. Comm. Geogr. de S. Paulo, a	1.600	"
Pico da Itabira do Campo, seg. Alvaro da Silveira, a	1.573	"
Serra do Ouro Branco (no ponto mais alto a Oeste), segundo Alvaro da Silveira, a	1.570	"
Pico do Gavião (Serra de S. Thomé das Letras), segundo Comm. Geogr. de Minas, a	1.544	"
Serra da Treituba (contraforte da Mantiqueira), segundo Comm. Geog. de Minas, a.	1.542	"



CIDADE DO INTERIOR DE MINAS GERAES.

Pico do Itambé do Serro (seg. Th. Schylliter), a	2.025	metros
O mesmo Pico (avaliado, em 1817, por Spix e Martius, em 5.590 pés parisienses), o que corresponde a	1.870	"
O Pico do Itambé do Matto Dentro, seg. os engenheiros L. Baeta Neves e J. Barcellos de Carvalho, a	1.357	"
O Pico do Caraça (municipio de Santa Barbara), segundo E. Liais, a	1.858	"
A Villa de Pedra Branca (no Sul de Minas), segundo Franklin Masséna, a	1.710	"
O Pico do Itacolomy (em Ouro Preto), cuja altitude, foi assim avaliada:		
Por Gorceix, em	1.752	"
Por Eug. Pissis, em	1.754	"
Por Liais, em	1.7.6	"
Por Eschwege, em	1.743	"
Por Spix e Martius, em	1.500	"
A Serra do Picú (Sul de Minas, mun. de Pouso Alto), a	1.900	"
O Morro do Lopo (divisa de Minas e S. Paulo, na cadeia da Mantiqueira), a	1.655	"
A Serra ou planalto do Itambé do Serro (ao Norte), a	1.817	"
A Serra da Piedade (municipio de Caeté), seg. Gomide, a	1.783	"
A Serra de Ibitipóca, (mun. de Lima Duarte), a	1.762	"
O Pico do Brêo (na Serra do Cipó, entre S. Luzia e Conceição do Serro), a	1.750	"
A Serra da Trajtuba (ao Sul, entre Baependy e Lavras), a	1.542	"
A Garganta Santos Dumont (no planalto diamantino da Bandeirinha, ramal ferreo de Curralinho para Gerinda), a	1.400	"
A Serra da Moeda (mun. de Ouro Preto, Valle da Paraopeba), a	1.455	"
O Pico da Serra do Curral (em Bello Horizonte), a	1.390	"
O Pico de Itabira de Matto Dentro (na região Centro-norte), seg. Brunemann, a	1.386	"
A Estação de Henrique Hargreaves (no Trino, ramal ferreo de Ouro Preto), a	1.338	"
O Pico de Poços de Caldas, seg. Orv. Derby, a	1.600	"
A Serra de Itabira do Campo (avaliada a sua altura em 5.590 pés de Paris, por Aug. Saint-Hilaire), ou sejam	1.876	"
O mesmo Pico de Itabira (avaliado por Emm. Liais), em	1.651	"
O mesmo Pico, seg. Eugéne Pissis, está a	1.492	"
A Serra do Ouro Branco (mun. de Ouro Preto), seg. Alvaro da Silveira, a	1.570	"
A Serra da Piedade (mun. de Caeté):		
Segundo Emm. Liais, a	1.783	"
Segundo Eschwege, a	1.664	"
Segundo Eugéne Pissis, a	1.562	"
O Pico do Itambé do Serro (Norte de Minas), refere M. Apollo que está a	1.316	"
O Alto da Figueira (no ramal ferreo de Ouro Preto), a	1.362	"
A cid. de Ouro Preto (ant. Capital), seg. Eschwege, a	1.266	"
A Serra do Ribeirão Fundo (no mun. de Jaguary) a	1.200	"
A Garganta de João Ayres (E. F. Central, entre Sitio e Palmyra), a	1.115	"
A Serra do Itambé de Matto Dentro (mun. de Itabira), a	1.165	"
A Serra de Ibituruna, seg. o Dr. Pires de Almeida, a	1.100	"
A cidade de Caldas (ao sul, seg. Regnell), a	1.040	"
A cidade do Serro (seg. Spix e von Martius, a 3.200 pés), ou sejam	1.100	"
A cidade de Aguas Virtuosas do Lambary (ao Sul), a	900	"
A villa de Passa Quatro (ao Sul) a	915	"
A cidade de Barbacena (ao centro), seg. refere Corrêa d'Almeida, a	1.500	"
A cidade de Araxá (no Triangulo), segundo o eng. Arthur Guimarães, a	1.010	"
A cidade de Diamantina (ao Norte), seg. Eschwege, a	1.132	"
A cidade de Jacutinga (ao Sul), a	1.130	"
A cidade de Lima Duarte (na Ibitipóca, contraforte da Mantiqueira), a	1.180	"
A cidade de Muzambinho (ao Sul), a	1.080	"
A cidade de Bello Horizonte (ao centro), seg. Comm. Constr. da nova capital, a	920	"
A cidade de Piumhy, (a Oeste, cabeceira do S. Francisco), a	1.020	"
A cidade de Bom Successo (a Oeste), seg. a Comm. Geog. de Minas, e na zona dos abalos ou sismos, a	950	"
A cidade de Poços de Caldas (ao Sul), seg. Pedro Sanches, a	1.250	"
A villa de Cambuquira (ao Sul), seg. Bertrand, a	914	"
A cidade de Prados (a Oeste), segundo Comm. Geogr.	1.050	"
A cidade da Campanha (ao Sul), seg. Franklin Masséna, a	924	"
A cidade do Turvo (a Sudoeste) a	1.030	metros
A cidade de Queluz (seg. Massena), a	954	"
Villa Nova de Rezende (ao Sul), a	1.200	"
A cidade de Tiradentes, seg. Pires de Almeida, a	908	"
A Serra de Ibituruna do Rio das Mortes, segundo o mesmo, a	1.100	"
O Pico do Meio (na Serra do Curral d'El-Rey), a	1.360	"
A elevadissima povoação de São João da Chapada (ao Norte), a	1.400	"
A Serra de São José do Picú (ao Sul), a	1.448	"
O arraial de S. Sebastião de Mariana, a	1.115	"
A estação ferrea de João Ayres (na Mantiqueira), a	1.115	"
A Villa de Santa Rita da Extrema (ao Sul), a	1.080	"
A estação do Tunel (Rede Sul Mineira), a	1.082	"
A Garganta dos Mendes (Ramal Ferreo de Diamantina), a	1.205	"
Estação de Gouvêa (antiga Baraúnas), no mesmo ramal de Curralinho para Diamantina, a	1.187	"
Pico da Serra da Pasmarra (em frente a Baraúnas, cadeia do Espinhaço), a	1.285	"
A Garganta da Bandeirinha (Ramal de Diamantina), perto de Canudinhos, a	1.400	"
A estação de Riacho das Varas (Ramal de Diamantina), a	900	"
O arraial de Ibertioga (mun. de Barbacena), a	1.030	"
O arraial do Rio das Mortes (Oeste de Minas) a	945	"
O arraial do Pouso Alto do Serro (nos contrafortes do Espinhaço), a	1.107	"
Estação ferrea do Guinda (espigão do Espinhaço) a	1.378	"
Alto da Venda-Nova (suburbio de Diamantina) a	1.280	"
Riacho da Palha (parte mais baixa da cidade de Diamantina), segundo Catão Jardim, a	1.097	"
Alto da Grupiara (centro dessa cidade nortista), segundo Masséna, a	1.200	"
A Povoação de S. José do Toledo (ao Sul do Estado), a	1.140	"
A Cid. de Bom Successo (Oeste Mineiro), segundo Paulo Freitas, a	950	"
A Cid. de Caeté (segundo Masséna), a	943	"
A Cid. de Araguary (estação da Mogyana) a	980	"
A Cid. de Ayuruóca (segundo Comm. Geogr. de Minas) a	980	"
Estação de Hargreaves (Serra do Trino, E. F. Central), no Espinhaço, a	1.338	"
Estação de Rodrigo Silva (Ramal de Ouro Preto) a	1)278	"
Povoação de Tripuhy (mun. de Ouro Preto) a	1.071	"
Estação de Miguel Burnier (Ramal de Ouro Preto) a	1.126	"
Usina Wigg (na E. F. Central do Brasil) a	1.149	"
Alto da Figueira (no Ramal de Ouro Preto) a	1.362	"
Serra da Ibitipóca (no mun. de Lima Duarte), a	1.762	"
Serra do Ouro Branco (no Espinhaço), a	1.570	"
Villa Nova de Lima (no alto da localidade, onde está o grupo Escolar), a	940	"
Villa Nova de Rezende (Serra do Rio Claro), a	1.200	"
Serra da Virginia (Sul de Minas), a	1.240	"
Pico de Passa Quatro (Mantiqueira), a	1.955	"
Alto da Serra da Piedade (no adro da Capella), a	1.788	"
Ponto culminante da Serra da Canastra (Oeste), a	1.282	"
Garganta de João Ayres (segundo Homem de Mello), a	1.117	"
Pico do Imbú (perto de Passa Quatro), a	2.252	"
Pedra Sellada (a Leste do Itatiaya), a	1.540	"
Bocaina da Serra do Picú (mun. do Pouso Alto), a	1.237	"
Serra de Antonio Pereira (Ouro Preto), a	1.352	"
Pico da Itabira do Campo (segundo Homem de Mello), a	1.520	"
A Cid. de Barbacena (segundo Comm. Geogr. de Minas), a	1.500	"
A Cid. de Bello Horizonte (Capital do Estado), a	920	"
A Cid. de Diamantina (ao Norte), segundo Eschwege, a	1.132	"
A Cid. de Entre Rios (segundo Masséna e Aroeira), a	938	"
A Villa de Jacutinga (segundo Bol. da 1ª Exp. Nac.), a	1.130	"
A Cid. de Lavras (segundo Comm. Geogr. de Minas), a	903	"
A Cid. de Lima Duarte (segundo dita Commissão), a	1.080	"
A Cid. de Musambinho (na Praça da Matriz), a	1.080	"
A Cid. de Ouro Preto (segundo Antonio Olyntho), a	1.160	"
A Cid. de Piumby (no platô da Serra da Canastra), a	1.020	"
A Cid. de Poços de Caldas (segundo Pedro Sanches), a	1.250	"
A Cid. de Pouso Alto (no Sul de Minas), segundo Pires de Almeida, a	900	"
A Cid. de Prados (segundo Comm. Geogr. de Minas), a	1.050	"
A Cid. de Queluz de Minas (segundo Eschwege), a	954	"
A Cid. de Santa Luzia do Rio das Velhas (alto da cidade), segundo Igro Hollanda, a	900	"
A Cid. de S. Sebastião do Paraiso (Sul de Minas), a	925	"
A Cid. de Serro Frio (segundo Boletim da 1ª Exp. Nac de 1908), a	940	"

A Cid. de Tiradentes (no Rio das Mortes), segundo Comm. Geogr. de Minas)	900	metros
A Cid. do Turvo (segundo Comm. Geogr. de Minas), a	1.030	"
Villa Nova de Rezende (segundo Masséna), a	1.200	"
A Cid. de Grão Mogol (no Norte de Minas), a	948	"
A Cid. de Jaguary (segundo Boletim da Exp. Nacional de 1908), a	963	"
A Serra do Papa-Cobras (distr. de Cachoeira do Campo), contra-fortes do Espinhaço, a	1.337	"
A Serra do Curral (no Pico de Bello Horizonte), a	1.390	"
O Morro do Caxambú (mun. de Ouro Preto), a	920	"

IX — OS AGENTES PHYSICOS: CLIMA E TEMPERATURA DE MINAS

Na edição de 1909, publicava o 3º vol. do nosso *Annuario de Minas* estas informações, ainda opportunas, sobre o assumpto deste capitulo, e sob o titulo "Temperatura, Clima e Salubridade do Estado de Minas Geraes", (pags. 103-106) :

Bibliographia: Drs. Carlos Martins Costa, Henrique Morize, Affranio Peixoto, Carlos Chagas, Lemsario Penna, Catão Gomes Jardim, Frederico Mauricio Draehert, Alvaro da Silveira, Eduardo Menezes, Emilio Schnoor, Luiz Creusot, Antonio Felicio dos Santos, A. Ribeiro Gomes, Pires de Almeida, Azevedo Pimentel, Alberto Shirmer, Sampaio Ferraz, Paulo Viard, Borges Sampaio, Ferreira Pauino, etc., (para os casos de observação clinica e meteorologica).

Como bem assevera DELGADO DE CARVALHO (pag. 20 do seu citado opusculo *L'Etat de Minas*), 1906), sob o ponto de vista climaterico, os platos de Minas fazem parte da zona sub-tropical, caracterisados pela predominancia das chuvas, na primavera e no estio ou verão.

O senador THOMAZ POMPEU (*Comp. elem. de Geogr. Geral*, ed. de 1869, pag. 620), affirmava que "o clima de Minas em geral é saudavel, e para a parte meridional é assas brando e agradavel; mas alguns sitios são sujeitos a intermittentes e a elephantiasis".

Ouçam outros autores e todos proclamarão o bom clima de Minas:

"O clima do Estado de Minas é temperado, sobretudo na parte meridional, e em geral saudavel" (LACERDA e PINHEIRO, *Curso de Geographia*, ed. de 1895, pag. 307).

"A temperatura de Minas varia com as altitudes, tornando o seu clima variadissimo, geralmente temperado, fresco e saudavel, chegando mesmo a caair geada pelo inverno e algumas localidades; e, excepcionalmente, em certas epocas do anno, desenvolvem-se febres intermittentes, sezões e maleitas, nos terrenos baixos e alagadiços, e nas margens de alguns rios". (VILLA LOBOS, *Chorogr. do Brasil*, ed. de 1890, pag. 231).

"Em quasi toda a sua vasta extensão goza o Estado de Minas de um clima saudavel e ameno, igualmente propicio a cultura das plantas das zonas intertropicaes e das da temperada". (F. LENZ DE ARAUJO, *Geog. do Est. de Minas Geraes*, ed. de 1907, pag. 92).

◇

Minas Geraes occupa uma zona central média no Brasil, comprehendida entre 14° e 23° de Lat. Sul, portanto bem abaixo da zona equatorial do Norte do paiz e um pouco acima do tropico de Capricornio, embora seu territorio pertença na totalidade ao hemispherio austral de nosso planeta terraqueo.

As suas condições climatericas, de temperatura e distribuição de chuvas e ventos, a sua situação continental, se subordinam aquelle criterio de collocação natural, que os paralleios de latitude lhe assignalam, neste hemisphrio do sul do Globo. A extrema salubridade do clima mineiro resulta mesmo da altitude e das especiaes condições physicas do seu territorio aberto em grandes valles de montanhas, num planalto, todo exposto a mais constante viração.

Em regra, póde-se dar a Minas Geraes uma temperatura media de 18° a 21°, nas partes elevadas intermediarias das differentes zonas do seu territorio de 575.000 kms. 2.

Os indicios thermicos dessas zonas variam, entretanto.

As regiões elevadas do interior de Minas, em zona de campo, como Barbacena, Ouro Preto, Palmyra, Sitio, João Ayres, Bello Horizonte, Caraça, Itabira, Serro, Diamantina, Uberaba, Montes Claros, Grão Mogol, Pouso Alto, Maria da Fé, Cambuquira, Poços de Caldas, Pirumhy, Caldas, Campanha, Lavras, Prados, S. João d'El-Rey, etc., são pontos muito bem conhecidos do immenso plató do Brasil, sob o ponto de vista climatologico. Clima doce, temperado e dos mais agradaveis é o desses pontos descampados, onde a altitude, muitas vezes elevada, nelles corrige os effeitos da fraca latitude. Já no Nordéste de Minas, entretanto, em zona de florestas embora elevadas (mattas do rio Mucury e da serra dos Aymorés), o paiz é menos fresco e um tanto humido, ahi predominando as chuvas de Dezembro a Abril.

Nessa mesma região de N. E. (entre a bacia do Mucury e a Serra dos Aymores), fica, por exemplo, a cidade de Theophilo Ottoni, mesmo no centro da zona; e nella temos os coefficientes seguintes: pressão 735,46 millim. — humidade, 90,17 °|° — chuva, 1.727 millim. — temperatura média, 25°, 26 — maximo absoluto, 35°, 4 — minimo absoluto, 9°, 5.

E demais observa-se em Minas que, mesmo nas localidades de pequena *altitude*, ha sensivelmente menos humidade do que na correspondente zona do littoral, em Estados vizinhos (Rio, Espirito Santo e Bahia, notadamente). E para prova de que temos em algumas zonas de Minas um clima semelhante ao do Sul da Europa, basta este facto: o vigor das arvores frutiferas transplantadas do Velho Mundo e de paizes europeus (Portugal, Hespanha, França, Italia) para Minas Geraes, — onde o sabor das frutas colhidas iguala ao sabor dos pomos do meio dia da Europa.

Eis alguns exemplos: a nogueira dá-se admiravelmente, na cidade da Campanha; os damascos, a ameixa preta, a amendoeira, as maçãs, as peras, a rainha-Claudia, varios pecegos, uvas de vinho e de mesa, frutificam com vigor e abundancia, em Caldas, Caracol, Ayuruóca, Baependy, Passa-Quatro, Sylvestre Ferraz, Ibertioga, Barbacena, Lavras, São João del-Rey, Oliveira, Ouro Preto, Bello Horizonte, Caraça, Santa Barbara, Caethé, Itabira, Guanhães, Serro, Diamantina, Montes Claros, Grão Mogol, Piedade de Minas Novas, etc. Acontece até o caso extranho de que nas margens do fertil e quente valle do S. Francisco (Norte do Estado), as uvas carregam de cachos, em Julho e Dezembro (duas vezes por anno).

O trigo dá com abundancia na Serra da Piedade, no Rio Vermelho, no Peçanha, no Abaeté, e em varios outros logares do Oeste e Sul; Minas já chegou a exportar trigo, nos principios do seculo XIX. O viajante francez Saint Hilaire, em 1818-21, ainda viu bellos trigaes na provincia e comeu saboroso pão fabricado com farinha de trigo mineira, nas fazendas e povoações onde se hospedava.

Vamos referir algumas observações, de localidades mineiras, differentes em *altitude* e *longitude*, para se ter uma impressão mais particularisada do clima mineiro.

Pressão a 0° Juiz de Fóra (Sudoeste), 729 millim.; — Uberaba (extremo Oeste), 703 millim.; — São João d'El-Rei (Oeste), 687 millim.; — Diamantina (Norte), 662 millim.; etc.

Humidade relativa: São João d'El-Rey, 80, 90 °|°; Diamantina, 78, 85 °|°; Juiz de Fóra, 77, 23 °|°; Theophilo Ottoni (antiga Philadelphia), 90, 1; Uberaba, 72, 0; Barbacena, 69, 0; etc.

Quantidade de chuva: Uberaba, 1.884 millim.; Diamantina, 1.644 millim; Juiz de Fóra, 1.424 millim.; São João d'El-Rey, 1.371 millim.; Barbacena, 1.776 millim.; Theophilo Ottoni, 1.727 millim.; Queluz, 1.360 millim.; Lavras, 1.111 millim.; etc.

Temperatura media: Uberaba, 21°, 2; Juiz de Fóra, 20°, 76; São João d'El-Rey, 18°, 52; Diamantina, 18°,46; Queluz, 19°, 9; Lavras, 19°, 0; Oliveira, 18°, 6; Bello Horizonte, 22° 0.

Maximo absoluto: Uberaba, 38°; Juiz de Fóra, 36°, 3; São João d'El-Rey, 33°, 7; Bello Horizonte, 30°, 3; Diamantina, 25°, 2; Lavras, 30, 0; Barbacena, 28°, 8; etc.

Minimo absoluto: não é raro ver o thermometro descer abaixo de zero (0°), em alguns logares, nos mezes frios de Maio, Junho e Julho; a geada e a neve ás vezes cobrem os campos, nessa parte do anno (Guinda, Caxambú, Ibitipóca, Rodrigo Silva, Ouro Branco, Itabira e Cachoeira do Campo, Sipó, Passa-Quatro, Campanha, Piedade, Caraça, Ouro Preto, etc.), o que corrobora a justeza da comparação do clima de certas partes de Minas com o das regiões temperadas da Europa. No alto da Serra do Itatyaia e no Pontão do Carapáo a geada se conserva até em estado fibroso, na terra, durante dias.

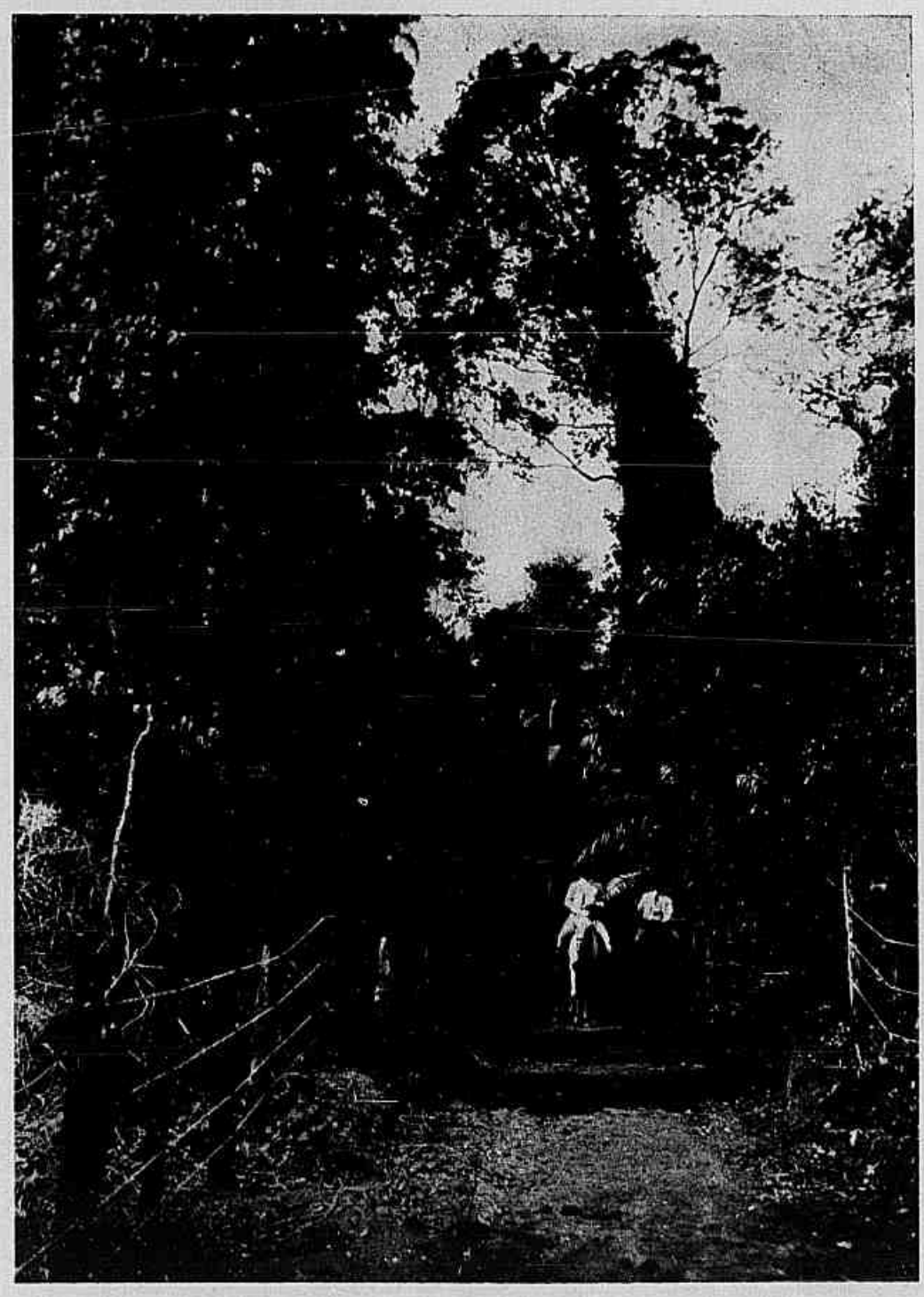
Eis o minimo absoluto de algumas localidades: em Diamantina, de 9°; em Juiz de Fóra, de 2°, 5; em São João d'El-Rey, de 0°, 5; em Bello Horizonte, de 3°; etc.

O quadro de localidades mineiras, que organisámos em 1907, com altitudes, latitudes e longitudes (vide *Annuario de Minas*, vol. II, de 1907, pags. 328-332), demonstra melhor este nosso asserto: — de que uma vasta região de Minas Geraes gosa de um clima dos mais doces deste continente e dos mais favoraveis ao homem civilisado. As nossas colonias de Nova-Baden, Rodrigo Silva, Jatobá, Carlos Prates, João Pinheiro, David Campista, Guidowal, Alvaro da Silveira, Francisco Sá, Dom Bosco, Wenceslão Braz, Joaquim Delphino, Pedro Toledo, Barreiro, Inconfidentes, Julio Bueno, Vaz de Mello, etc.; a Capital do Estado e as cidades de Juiz de Fóra, Uberaba, Theophilo Ottoni e outras, estão povoadas de europeus do Norte e Sul (allemães, belgas, italianos, portuguezes, hespanhóes, francezes, suissos, polacos, hollandezes e austriacos), que nellas se dão admiravelmente, o que é mais um facto corroborador do excellente clima mineiro.

◇

A temperatura do Estado de Minas diverge muito, devido ao grande contraste que apresenta o seu sólo: assim, nas margens do S. Francisco (desde o Oeste ao Norte), é approximadamente calculada, na média, em 24° C., subindo não raro até 35° ou 36°; e, durante o dia, nos mezes de Novembro a Fevereiro, o thermometro marca frequentemente 36° á sombra, emquanto que nos mezes mais frios de Maio a Julho, por exemplo, desce por vezes a 8° C., pela manhã, antes de nascer o sol.

Nessa região, a humidade do ar é escassa em grande parte do anno, o orvalho, raro, ainda mesmo na zona mais proxima do rio. A evaporação é co-



ESTRADA DE RODAGEM DA COLONIA CONSTANÇA, EM LEOPOLDINA, MINAS.

piosa nessa região e torna-se até excessiva nos mezes de Novembro a Fevereiro.

Ao passo que, na região da Matta, a Sudoeste (valles de Pomba e Parahyba, notadamente), o calor é fortissimo e estafante, já nos logares altos e elevados o frio é intenso, como acontece no municipio de Ouro Preto, onde o frio permanece quasi que o anno inteiro (principalmente no Pico do *Itacolomy*, por estar a uma altitude de 1.980 metros, sendo que a atmosphera é toda nebulosa nessa paragem, onde as brumas cobrem as cabeças das montanhas.

Já em outros logares o clima é sempre temperado e saudavel, como occorre nos municipios de Barbacena, Diamantina, Oliveira, Pouso Alegre, Poços, Caxambú, Caldas e outros, em zonas de campo, principalmente no Sul.

O Estado de Minas Geraes (diz o DR. CARLOS MARTINS COSTA) gosa de climas differentes e por isso apresenta os maiores contrastes em suas condições de salubridade. O seu territorio póde-se dividir a tal respeito em 4 regiões: *Matta* ou Serra abaixo; *Campo* ou Serra acima; *Sertão;* e catingas, nas margens do S. Francisco.

O clima da zona da *Matta* é quente e humido; o clima do *Sertão* septentrional e occidental, apezar de variavel, devido a sua situação, é um tanto insalubre na época das chuvas, mas geralmente saudavel na secca; e o clima do *Campo*, como São João d'El-Rey, Baependy, Pouso Alegre, Serro, Diamantina, é temperado e saudavel, emquanto o das margens dos rios S. Francisco, Velhas, Paraopeba, Paracatú, Urucuya, Parnahyba, Doce e margens de algumas lagôas (como a Preta, a Verde e outras), nas partes sujeitas a inundações periodicas, é quente e insalubre, devido ás febres palustres e sezões que ali se desenvolvem com o apodrecimento de materias organicas e estagnação de aguas favoraveis ao viveiro de myriades de mosquitos.

Falando do clima e salubridade do nosso paiz, em seu precioso trabalho consagrado ao Brasil e transladado á nossa lingua, sob o titulo — *O Brasil — a terra e o homem* (edição brasileira do Rio, em 1884), escreveu o erudito geographo allemão DR. JOHAM ED. WAPAEUS que o clima do interior do Brasil se divide em duas zonas, uma *pequena* ao Norte e outra *maior* ao Sul.

A parte do Sul apresenta o caracter de um clima continental, embora se observem nella muitas variações, devidas á diversidade da configuração dos terrenos; e nessa zona climaterica fica comprehendida a maior parte do territorio mineiro.

E' pouco conhecida ainda a média geral da temperatura, das chuvas e da direcção dos ventos, no interior do Brasil Central, e, por conseguinte, em Minas Geraes.

A temperatura média no valle do S. Francisco é de cerca de 29 gráos centigrados, chegando ás vezes a 36 gráos durante a parte mais quente do dia, sendo todavia as noites bastante frescas, o que é uma vantagem para o repouso do homem, nessa região calida.

Abaixo de sua confluencia com o Rio das Velhas, o thermometro desce a 15 gráos centigrados, nas margens desse Mediterraneo fluvial, que é o caudaloso S. Francisco.

E' ainda WAPAEUS quem, apoiado em CARL VON MARTIUS, declara que, ao Sul do Estado de Minas, na latitude de 20 gráos, a temperatura annual é de 25 gráos centigrados no verão e de 20 gráos no inverno, succedendo ás vezes haver calor ardentissimo e frio violento, em horas differentes do dia, o que é causa de subitos resfriamentos e molestias do apparelho respiratorio.

Em Queluz e Barbacena o thermometro tem descido, ás vezes, a 5 gráos abaixo de zero, emquanto que, na alta região de Caldas e outros pontos do Sul, mais baixas ainda têm sido as temperaturas observadas, como em 1918, quando por ali se verificaram a congelação da agua e a quéda abundante de neve, por toda a zona meridional mineira.

O grande investigador, frei GERMANO, missionario dominicano, encontrou em Uberaba, durante quatro annos de observações, a média de 21 gráos centigrados, sendo que o maximo até então observado fôra de 33° e o minimo de 2° abaixo de zero, segundo informára BORGES SAMPAIO.

Excepção feita dos municipios de Boa Vista do Tremedal, Rio Pardo, Salinas, Fortaleza, Grão Mogol e Arassuahy, no extremo Norte, são muito regulares as chuvas nos demais municipios do Estado; mas, naquelles, mais contiguos aos sertões meridionaes bahianos, tem-se manifestado o flagello das seccas periodicas, que perseguem os Estados do Nordeste Brasileiro. O clima do Estado é geralmente bom, com excepção dos municipios situados á margem do S. Francisco e de seus affluentes, bem como do Rio Pardo, Rio Doce e affluentes do Mucury, onde grassam febres paludosas; e, outr'ora, eram más as condições sanitarias de alguns municipios da zona da Matta, como fossem Ubá, Rio Branco, S. João Nepomuceno, S. José d'Além Parahyba, Cataguezes, Carangola, Leopoldina, Juiz de Fóra e S. Paulo do Muriahé, onde appareciam de vez em quando febres perniciosas e o "vomito negro" ou a febre amarella, hoje desapparecidas, depois dos trabalhos de saneamento dessas localidades da fertil bacia do Parahyba do Sul (valles do Pomba, Parahybuna, etc.).

Os afastamentos ou variação dos gráos de temperatura thermometrica, em Minas, não são excessivos; e dahi o apenas variarem as médias entre 17° e 22° para a generalidade do planalto. Num ou noutro ponto do territorio, registram-se temperaturas excepcionalmente altas, durante a época estival do anno (nas regiões da Matta, ribeirinhas ao Pomba, ao Parahyba, ao Muriahé e Carangola; nos valles da bacia oriental do Rio Doce; no extremo Oeste, ás margens do Paranahyba e alto S. Francisco, e no Sertão septentrional, no baixo Rio das Velhas, Paracatú e S. Francisco). Igualmente, as geadas e a baixa mais intensa da temperatura se têm observado mais pronunciadamente na região do Sul do Estado, em certas quadras de subito resfriamento atmospherico, como aconteceu em 1918, segundo já o referimos.



NO SERTÃO DE MINAS GERAES.

Quanto á *nosologia* e ao quadro clinico das endemias e enfermidades reinantes, diremos com a lição dos competentes que "em algumas localidades do sertão se manifestam doenças de caracter inflammatorio, atacando principalmente os orgãos respiratorios, o tubo digestivo e os ouvidos, apparecendo tambem as erysipelas, rheumatismos e raros casos de tuberculose pulmonar". O impaludismo e o "mal de Chagas" são, porém, o grande flagello do nosso povo rustico, em varios pontos do Oeste, Leste e Norte, onde as más condições hygienicas da habitação e da alimentação facilitam a obra devastadora dessas endemias tropicaes, na gente da roça e dos campos.

As febres typhoides já não são tão communs como as palustres e grassam nas regiões mais elevadas, emquanto que o impaludismo é mais frequente nos logares baixos, cobertos de mattas e nas margens de alguns rios, como se dá nos municipios do Aymorés, Caratinga, Manhuassú, S. Domingos do Prata, Ferros, Peçanha, Theophilo Ottoni, Piumby, Bambuhy, Abaeté, Bom Despacho, Indayá, Pitanguy, Curvello, Pirapora, Bocayuva, S. Francisco, Paracatu, Rio Pardo, etc.

As epidemias infantis mais communs em Minas são: o sarampo, a coqueluche, a varicella e a diphteria ou *croup* (esta mais frequente nos maiores centros urbanos). No valle do Rio Doce, por exemplo, além das molestias agudas do apparelho respiratorio, os habitantes costumam soffrer, depois da estação chuvosa, febres gastricas e biliosas. A respeito deste bello rio, entretanto, e em relação a seu clima, têm havido muitas calumnias.

Relembraremos aqui, por exemplo, um logar outr'ora reputado insalubre a Figueira; ora, o *Porto da Figueira* é muito saudavel e delle para baixo o Rio Doce já não é doentio, antes o seu clima é ameno, por causa de suas amplas margens, já descampadas pela ferrovia, já em grande extensão, com grande numero de moradores e posseiros, nos terrenos devolutos de uma e outra banda. E para provar que é uma lenda a insalubridade apregoada das margens do médio e baixo Rio Doce, o melhor argumento é este: ha mais de 100 annos que são conhecidos e têm nomes proprios, dados pelos primeiros exploradores e posseiros do sólo, todos os portos, saltos, ilhas, varadouros, capoeiras, canaes, praias e outros logares do Rio Doce. Disse o engenheiro EMILIO SCHNOOR, em um seu relatorio, que "as margens do Rio Doce têm reputação de insalubridade, completamente injustificada, sendo todo muito saudio, com excepção da pequena area, na barra do rio Cuyethé, em que existem grandes lagôas, e da parte inferior do seu curso" (esta ultima parte, aliás, já na região das lagôas, dentro do Estado do Espirito Santo). O clima é relativamente quente, porém salubre, na Figueira, no João Pinto, Derrubadinha e outros de beira rio, onde desde a foz do Piracicaba (meio da villa Antonio Dias) até a cidade de Aymorés (abaixo da Barra do Manhuassú) o povoamento se intensifica de anno para anno, com o surgir de estações, fazendas e povoados marginaes.

"A lenda da insalubridade do Rio Doce não póde, pois, ser sustentada", escreve o mesmo profissional no seu Relatorio cit., apresentado em 1904, á Directoria da *Companhia Victoria a Diamantina*. "Tudo que se acha dito deste rio é falsissimo": já o affirmava BASILIO C. DAEMON, em 1879, á pagina 470 do seu op. sobre a Prov. do Espirito Santo. "O Rio Doce é um inferno!", dizia-se no tempo em que A. DE SAINT-HILAIRE nelle navegou (1819); mas o proprio viajante francez contesta a fama injusta de que gosava o bello e opulento rio, saudavel a maior parte do anno.

Quanto ás margens do Rio S. Francisco e de quasi todos os seus affluentes são ellas doentias, não ha duvida, em varios pontos, principalmente nas barras ou embocaduras, em certo periodo do anno; e bem assim os logares proximos aos corregos e ribeirões de vaporosas correntezas, apparecendo as febres palustres, que revestem com muita frequencia o caracter pernicioso, logo depois que apodrecem nas margens os detrictos das enchentes. Tudo isso passará, porém, com os trabalhos do saneamento rural, com o esgotamento dos pantanos, a penetração de gente e colonos, que desbravem o sólo malsão e o tornem propicio, economicamente, ao homem.

"Em regra (diz outro autor), o clima do valle do grande Rio S. Francisco é quente e secco: nas épocas de vasante reinam febres palustres em certos pontos; a temperatura média da região septentrional do valle é de 27° centigrados; a humidade do ar é escassa em grande parte do anno e o orvalho é raro, mesmo proximo do leito".

No municipio de Montes Claros, como se dá em geral com o clima do sertao Norte-Mineiro, o clima é muito quente e secco (como diz um trabalho descriptivo do mun. pelo SR. DR. A. A. VELLOSO, publicado na Rev. do Arch. Publ. Mineiro, anno II). Quanto á salubridade, com excepção das vizinhanças de alguns rios (Verde, Jequitahy, etc.) e lagôas que transbordam na occasião das cheias, reinando as febres denominadas sezões, é em geral sadio o clima da comarca montes-clarense, uma das mais extensas da região septentrional de Minas.

Na região de Curvello, ha muitos surdos-mudos e (segundo informava em bem feita monographia o Rev. Sr. conego SEVERIANO DE CAMPOS ROCHA, em 1881) a maior parte dos naturaes deste municipio soffre este defeito no apparelho acustico, sendo de se notar que ali eram muito communs as uniões conjugaes entre parentes proximos, nas principaes familias.

Existia tambem, nesta região de Curvello, uma molestia endemica, que seus primitivos habitantes appellidaram *mal de engasgo*, o qual consiste (dizia o velho mineiro DR. ILDEFONSO GOMES, em 1851) em uma paralysia na pharynge, de modo que os que soffrem esta molestia não podem engulir os alimentos; cada bolo de comida é empurrado por alguns goles d'agua, tanto mais quanto é geral nessa zona sertaneja a alimentação de carne com farinha de mandioca, entre a gente rural.

Ao mesmo autor constava existir essa doença no Estado de Matto Grosso e outros pontos do Brasil Central, e ajuntava:

"Nada se sabe até a presente data quanto á natureza dessa singular paralysia, nem quanto ás causas e symptomatologia della". Uns, desse *mal de engasgo* encontraram casos nos sertões do Nordeste e Centro Brasileiros (desde Piauhy a Goyaz) os notaveis medicos DRS. BELISARIO PENNA e ARTHUR NEIVA, na excursão scientifica que ha poucos annos fizeram pos essas partes do nosso paiz.

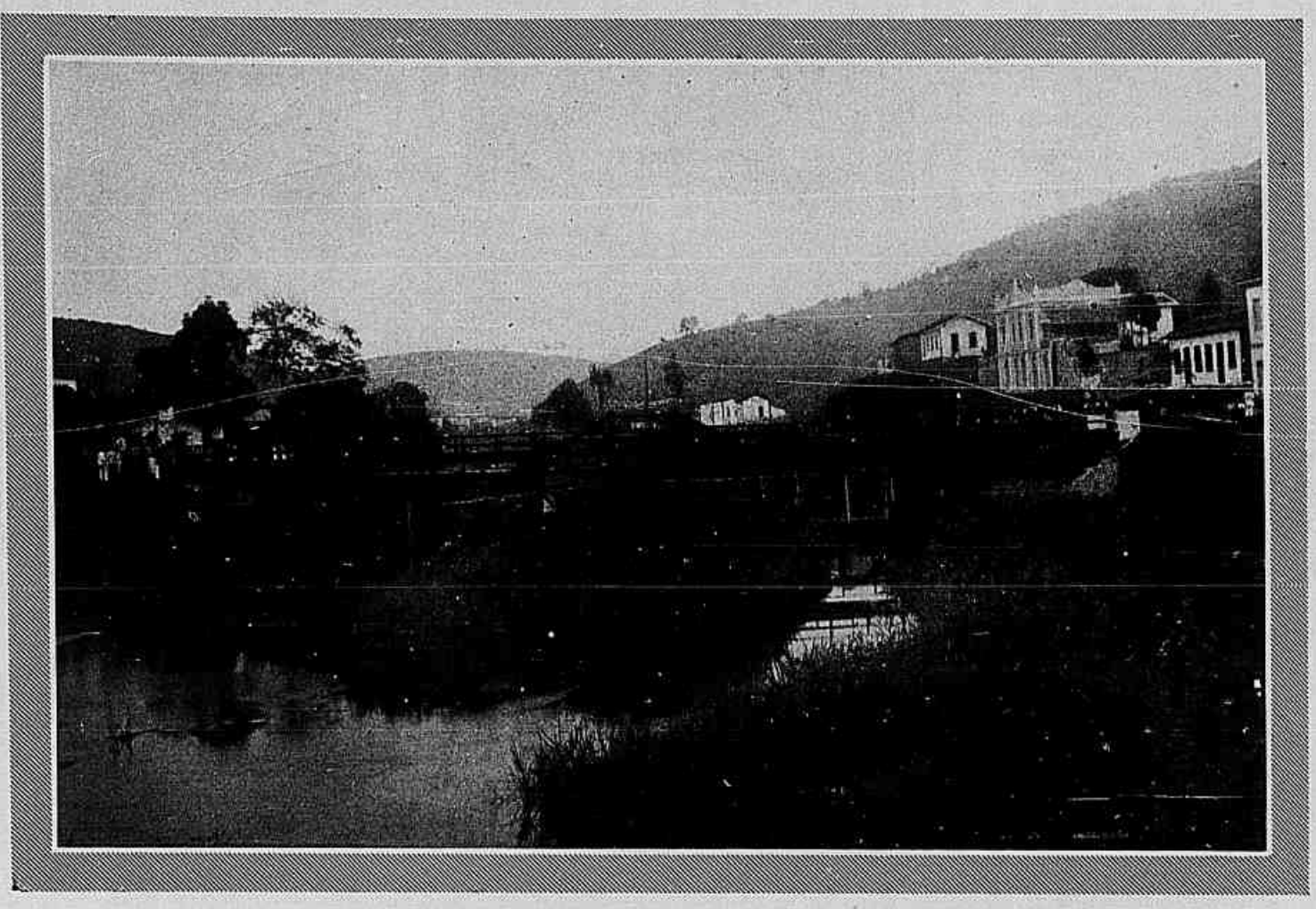
No baixo Rio das Velhas (municipios de Curvello, Pirapora, Diamantina e Bocayuva), nos Rios Jequitahy, Verde, Pardo, Urucuya e Paracatú, ao N. do Estado, grassam annualmente, as febres paludosas, nas occasiões da vasante, devido aos charcos e folhiço podre, nas margens, como já referimos, fundados nos informes de HALFELD, ED. DE MORAES, CARLOS OTTONI, CARLOS VERSIANI, A. AUG. VELLOSO, ANTONIO NEVES e outros conhecedores dessas regiões.

(Continúa)

O Municipio de Manhuassú

O seu desenvolvimento e o grande surto economico e administrativo

A villa de Manhuassú foi creada pela lei n. 2.407, de 5 de Novembro de 1877, com a séde em São Simão, sendo transferida para São Lourenço do Manhuassú, pela lei numero 2.557, de 3 de Janeiro de 1880. A eleição para a nova Camara foi feita neste mesmo anno, tendo os vereadores tomado posse, perante a Camara Municipal de Porto Novo, no dia 3 de Outubro daquelle anno. Comarca de primeira entrancia, a Leste do Estado, entre Carangola e Caratinga, está situada a Sueste do Estado de Minas, com os limites ao Norte pelas Comarcas de Abre Campo e Caratinga, a Leste por esta mesma Comarca e o Estado do Espirito Santo, ao Sul e Sueste pelo mencionado Estado pela linha divisoria das aguas dos rios do Manhuassú, José Pedro, dos do Guandú e Rio Pardo, ao Sudoeste e Oeste pelas Comarcas de Santa Luzia do Carangola e Abre Campo.



ASPECTO DE MANHUASSÚ. PONTE CORDOVIL COELHO, QUE LIGA A CIDADE AO BAIRRO DOS COQUEIROS, NUMA EXTENSÃO DE 40 METROS.

A futurosa cidade de Manhuassú está situada á margem do rio que lhe dá o nome e a 3 kilometros de distancia da Barra dos dois ribeirões São Luiz e Manhuassú, que são os principaes cabeceiros do grande affluente da margem direita do magestoso Rio Doce.

Está a poetica cidade edificada em pequenos oiteiros dependentes da serra que separa as vertentes directas do ribeirão do Jequitibá, e collocada a cerca de 700 metros mais ou menos do nivel do mar.

E' seu clima temperado, ameno e muitissimo salubre. A população desse futuroso municipio conta, pelo ultimo recenseamento, 82 mil habitantes, embora houvesse na sua confecção grandes falhas.

Nunca teve esse municipio a visita de molestias contagiosas, sendo que nem mesmo a "hespanhola" fez grande numero de victimas. A cidade de Manhuassú como Manhumirim e outras são illuminadas a luz electrica, sendo aquella servida por uma importante rêde de esgotos, e a sua população servida por excellente agua, que é fornecida de uma grande e forte nascente.

Tem o municipio 15 pharmacias, sendo que na cidade apenas se contam 3, que são as pharmacias Campos, Mario e Central. Tem a cidade dois bons hoteis, o dos Viajantes e o grande hotel França. sendo que ambos são dotados de excellentes accommodações.

No municipio contam-se 39 escolas, sendo 23 mantidas pelo Estado, com uma frequencia media de 60 alumnos, e 16 mantidas pelo municipio, com uma frequencia media de 40 alumnos, provando assim o grande amor e o zelo que se observam, pelo actual chefe do municipio, Dr. Cordovil Coelho.



QUADRO DOS VEREADORES Á CAMARA MUNICIPAL — PRESIDENTE, DR. CORDOVIL PINTO COELHO; VICE-PRESIDENTE, CAPITÃO JOSÉ PEDRO ALVES COSTA; SECRETARIO DAS SESSÕES, MAJOR CUSTODIO FURTADO DE MENDONÇA; VEREADORES: CAPITÃES JOÃO JOSÉ PACHECO, ANTONIO DE MIRANDA SETTE, SEBASTIÃO TEIXEIRA PINTO, JOVINO ALVES PEDRA, JOSÉ PERICELLIS MUNIZ E CORONEL MANOEL PEREIRA LIMA.

Tem o municipio seis medicos, nove advogados, cartorios de 1º e 2º officios, um cartorio de Paz, sendo que na séde dos districtos ha tambem o official do registro civil. Uma grande igreja, actualmente passando por uma radical reforma, se ostenta no alto da bellissima praça Arthur Bernardes, sendo que esta praça vae em breve ser transformada em um bello jardim publico. Os concertos e completa reforma que se observam no grande templo catholico devem-se ao estimado vigario José Maria Gonzalez. Tem o municipio 6 sociedades musicaes, sendo que na cidade se contam duas sociedades.

O municipio exporta madeira em grande escala, assim como café, suinos, aves, ovos, queijos e cereaes, sendo que destes se póde destacar o arroz, pela extraordinaria cultura do genero em todo o municipio.

O municipio de Manhuassú é banhado pelo rio Manhuassú e os seus affluentes, que são o rio Jequitibá, S. Simão, José Pedro e Pirapetinga. Divide-se em 11 districtos, que são: Manhumirim, Dores de José Pedro, Sant'Anna, São Simão, Sacramento, Santa Helena, Alegria, Santa Margarida, S. Luiz e S. João do Manhuassú. Divide-se o municipio com a comarca de Santa Luzia do Carangola, Abre Campo, Villa do José Pedro e o Estado do Espirito Santo.

Tem diversos jornaes o municipio, sendo que a *Cidade de Manhuassú* é o orgam official do mesmo, e outros como *O Democrata, O Manhuassú, A Estrella d'Alva* e o *São Lourenço*, sendo que este é orgam catholico.

Acham-se em construcção o bellissimo edificio para o Grupo Escolar e o Jardim Municipal na praça Dr. Arthur Bernardes, serviços que são custeados pelo municipio.

Foi votada em sessão ordinaria do mez de Março do corrente anno a verba necessaria para a construcção do edificio municipal, o qual, assim como o Jardim e o Grupo Escolar, serão inaugurados no fim deste anno.

A Camara Municipal está construindo uma estrada de rodagem

carroçavel, que vae da cidade de Manhuassú ás divisas de S. João de Matipó, de Abre Campo, com um percurso de 25 kilometros, já estando concluida uma grande parte, esperando o operoso Presidente da Camara, Dr. Cordovil José Coelho, inaugural-a em Outubro do corrente anno.

No quadro dos vereadores falta o vereador de S. João do Manhuassú, o Sr. Jacob Dornellas Netto, devido a ter sido recentemente creado aquelle districto, porquanto data do dia 24 de Fevereiro a sua installação.

No municipio existem grandes cachoeiras e esplendidas fazendas, não só de cultura de café, como de criadores, sendo preferida a raça zebú, pela facilidade com que se aclimata em todo o territorio mineiro.

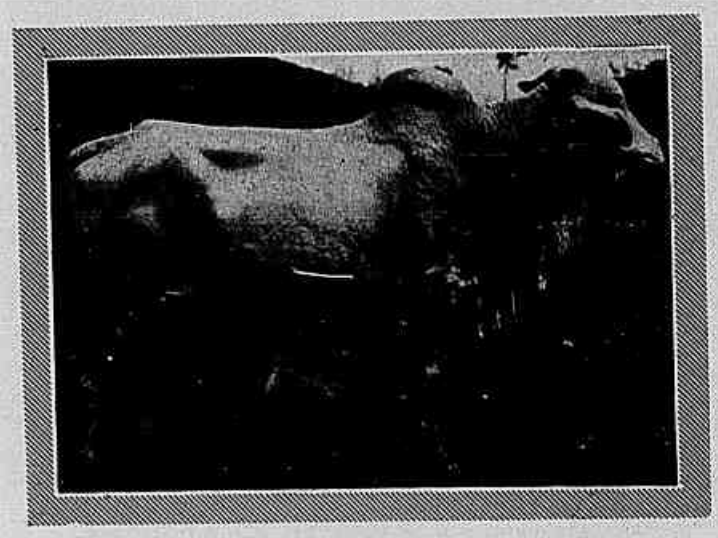
O commercio é bem desenvolvido, encontrando-se casas com grandes capitaes, que rivalisam com as melhores do Rio e de S. Paulo. Em Manhumirim e Manhuassú ha estabelecimentos que honram o Estado de Minas, pela intelligencia e cultura dos seus proprietarios.

A cidade é servida por uma regular linha telephonica, que, apezar de alguns defeitos, presta magnificos serviços á população.

Trechos do relatorio apresentado á Camara Municipal de Manhuassú pelo Dr. Cordovil Pinto Coelho:

RECEITA

A receita, orçada em 130:000$000, cresceu consideravelmente, pois foram arrecadados 187:710$397, sendo pela Collectoria Estadual 165:934$777 e pela



LIÉGE, COM 2 1|2 ANNOS DE IDADE, PERTENCENTE AO DR. CORDOVIL PINTO COELHO.

Collectoria Municipal 21:775$620, tendo havido um accrescimo de 53:840$700 — prova certa de que as medidas que tomámos para accrescimo de nossas rendas vão produzindo os effeitos mais salutares.

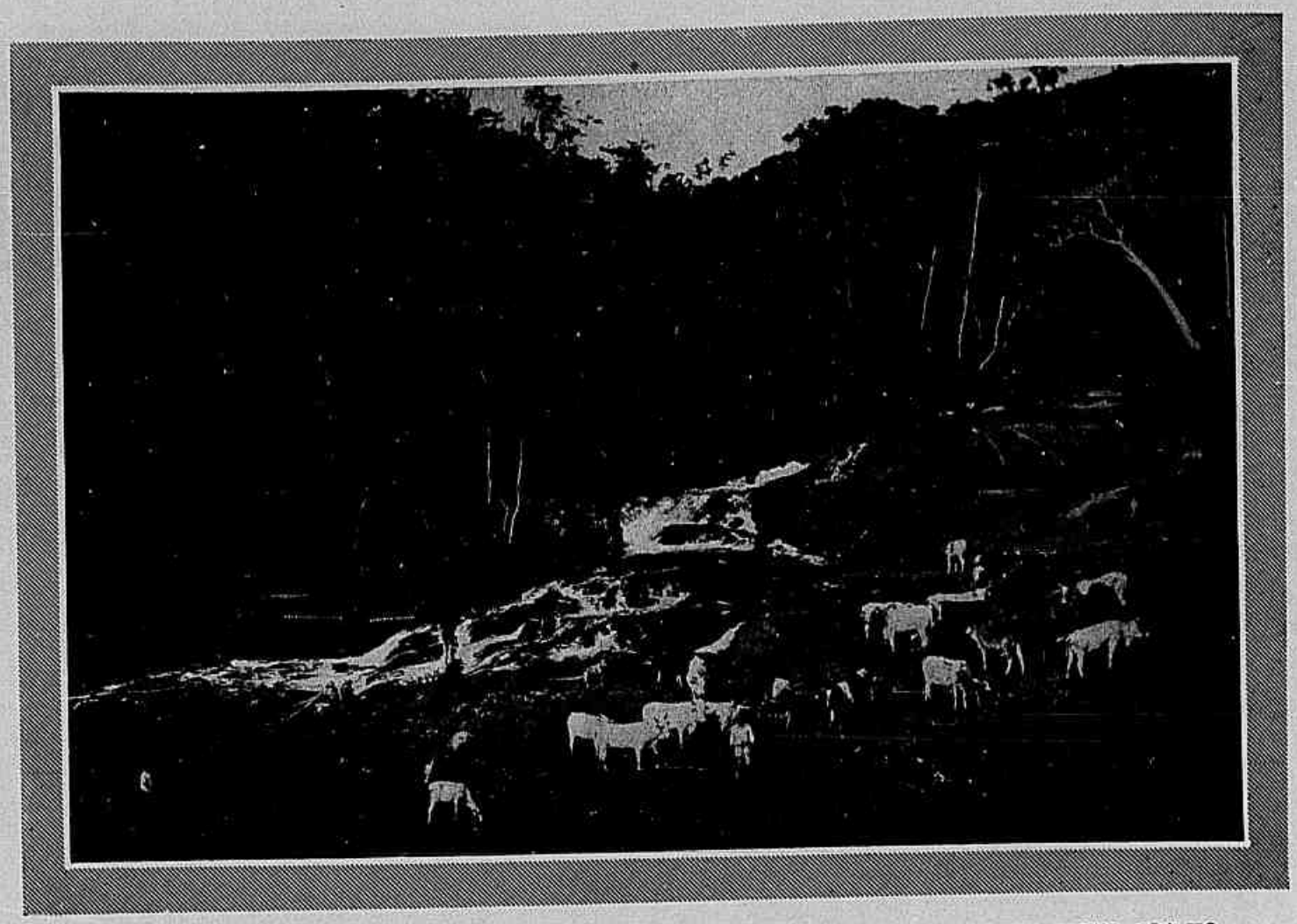
A boa fiscalisação nos lançamentos é a base principal da arrecadação, e foi pensando assim que nomeei tres lançadores de inteira confiança para fazerem o lançamento para 1922, e posso, desde já, vos affirmar que havemos de colher resultados almiraveis.

DESPEZA

Instrucção publica — Funccionaram durante o anno regularmente 4 escolas, deixando de funccionar a escola do Ribeirão Pirapetinga, por abandono da cadeira pelo respectivo professor. Para 1922 foram creadas mais 11 escolas, perfazendo o numero de 16, já estando installadas 10.

Foi despendida com a instrucção publica municipal a quantia de 2:460$000, não tendo sido applicada toda a verba orçamentaria porque foram suspensas algumas escolas, por falta de frequencia e de predio escolar. Frequentam as escolas municipaes 640 alumnos, mais ou menos, e este augmento de frequencia foi devido á creação e transferencia de escolas para centros mais populosos e ás installações mais apropriadas que fizemos das mesmas. A maior parte de minhas energias será despendida em beneficio da instrucção no municipio e penso que devemos empregar 20 °|° das rendas em prol da instrucção publica, porque concorremos para o progresso nosso, do Estado de Minas e do Brasil.

Divida passiva — Tenho grande satisfação em



VISTA DE UMA CACHOEIRA NA FAZENDA REALEZA, DE PROPRIEDADE DO DR. CORDOVIL PINTO COELHO.

poder dizer que a Camara de Manhuassú nada deve. Pagamos o resto dos compromissos assumidos pela passada administração, no valor de réis 9:004$900, que, como se vê, excedeu do orçamento de 2:004$900, tendo sido aberto credito para esse pagamento, de accordo com as leis.

Temos feito transacções com varias casas commerciaes do Rio, como sejam Fonseca, Almeida & C., Mello Sampaio & C., Machado & Raposo, etc., sendo o nosso credito illimitado.

Obras publicas — Despendemos com obras publicas, no exercicio que findou, a importancia de 84:674$356, sendo com o serviço de agua e esgotos na cidade 56:901$494; com pontes e concertos de pontes, 12:830$954; com estradas e concertos nas mesmas, 7:778$650; com agua em São Simão, réis 3:471$200; com acquisição de bois, correntes, etc., para o serviço da Camara, 1:210$000; predios escolares, 300$000; grupo escolar, 600$000, e outras verbas despendidas pela verba Obras Publicas, réis 1:582$058.

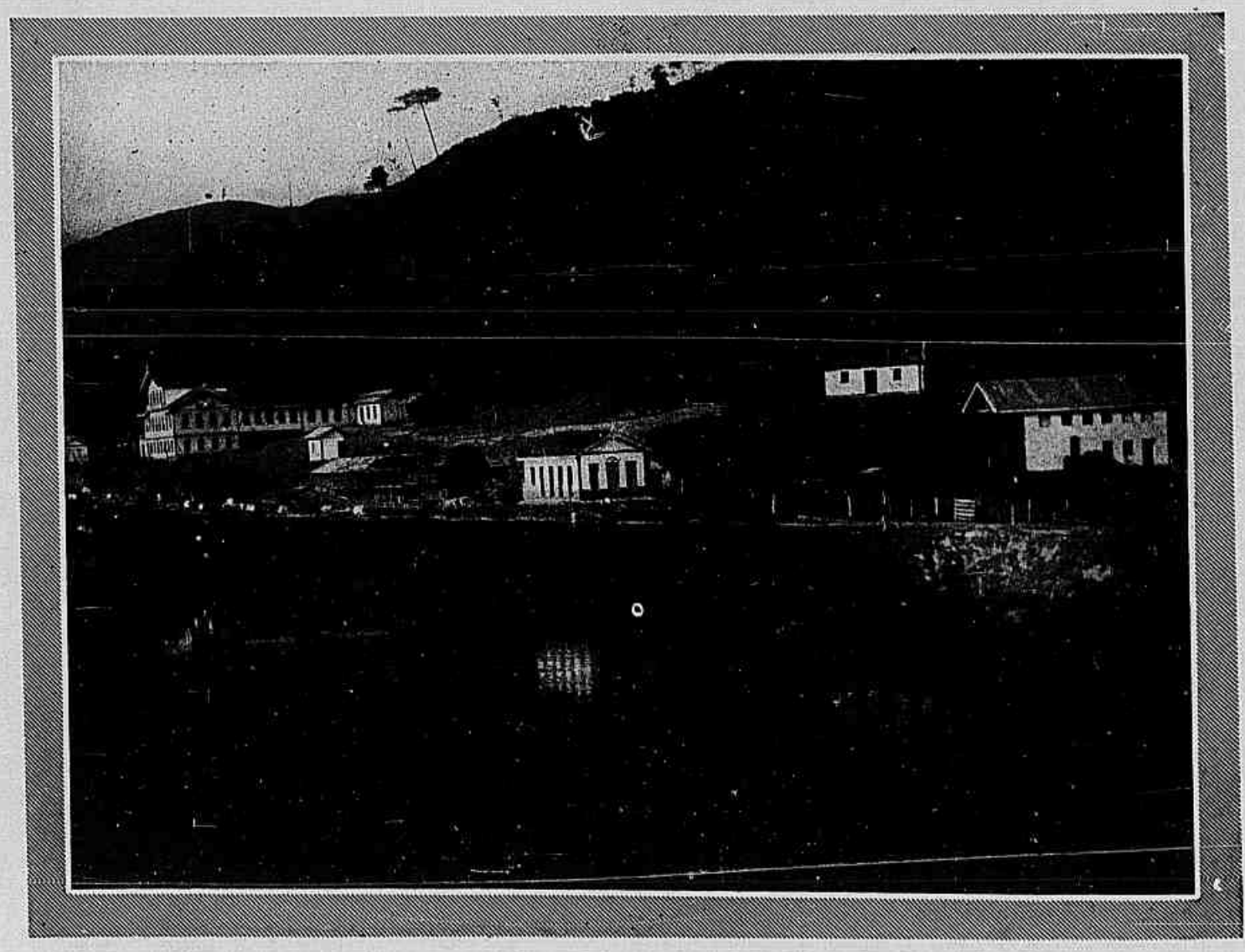
Outras verbas — As verbas vencimentos de funccionarios municipaes, auxilio a indigentes, illuminação publica da cidade, porcentagem a collectores, juros e amortisação do emprestimo municipal e diligencias policiaes foram empregadas de accordo com o orçamento municipal.

Conclusão

Arrecadamos em 1921	187:710$393
Despendemos	170:943$668
Houve um saldo de	16:776$729

que sommados com a quantia de 48:189$256, saldo de 1920, e 9:902$650, reposição de juros da parte não applicada do emprestimo municipal, dão réis 74:858$635, que se acham nos cofres municipaes e que passam para 1922.

O emprestimo municipal foi tomado em Janeiro de 1913. O Estado entregou ao municipio 58:186$753 para pagamentos da divida passiva, ficando de entregar o restante para abastecimento dagua' e esgoto na cidade, o que não aconteceu.



VISTA DA FAZENDA BELLA AURORA, PERTENCENTE AO MAJOR CUSTODIO FURTADO DE MENDONÇA, NO DISTRICTO DE SANT'ANNA, MUNICIPIO DE MANHUASSÚ.

VENEZUELA LITERARIA, CIENTIFICA É INDUSTRIAL,

por Diego Carbonell.

II

TODA ciencia es del resorte del la Historia; se dice, y asi es la verdad, que ésta es madre de todas las ciencias, por cuando sería la Historia quien asiste al nacimiento de las verdades o conquistas humanas y da fe de su decadencia o de sus progresos. Ya lo dijo Henri Berr: "La síntesis histórica debe ser la ciencia, la verdadera ciencia y la ciencia em su plenitud."

Ahora bien, para que la Historia pueda llamarse en rigor madre de las ciencias, requiérese que los hombres que la cultivan no sean contadores de incidentes, de los llamados "fénómenos singulares" por Rickert, pues eso constituye, como se sabe, una mínima parte de la ciencia histórica; es necesario que el historiador sea un hombre doctísimo, amplio, sin prejuicios y con suficiente firmeza y raciocinio para no alarmarse ante las miserias que en lotes más o menos monstruosos les toca tanto a las pequeñas como a las grandes naturalezas atormentadas; no basta ser un simple catalogador de las décadas. Desde este punto de vista, considerando la justicia más que los esfuerzos de los trabajadores, no han sido propiamente historiadores ni Tosta García, ni Landaeta Rosales ni mucho menos el académico señor Villanueva.

En cambio, no escasean en Venezuela los cultivadores del género tal como ahora se entiende la Historia, pese esto a mi antiguo maestro el doctor Eloy Guillermo González, quien siendo un historiador moderno, suele "interpretar" empleando vocablos opulentos cuando el asunto pide otra clase de interpretación. Dejaría de ser el mejor de nuestros oradores contemporáneos.

Al principio, en los pinitos de la vida republicana, propiamente no tuvimos historiadores sino sinceros apologistas: el colombiano Restrepo, hechura y ahijado del Libertador, era un escritor apologético; mucho daño nos ha hecho su historia por cuanto se hace difícil mirar con otras lentes en donde se emplearon las lentes con las cuales no se sabría distinguir a los dioses de los héroes ni a los héroes de los hombres. Análogos juicios debemos hacer de sus continuadores: Felipe Larrázabal con su *Vida del Libertador;* Juan Vicente González con su *Biografia de José Felix Ribas* y Eduardo Blanco com su campanuda *Venezuela heroica.* Detrás de ellos hay una germinación de disparatadores, entre los cuales más de un orador es para mandarlo al desierto... Felizmente, la talla humana de Bolívar es hasta opuesta a la sinceridad del ditirambo; la virilidad del Libertador, su grandeza heroica, resisten al más desapiadado análisis científico!... Esto, de fijo que lo tuvo en cuenta el doctor Luis Razetti, cuando propuso a la Academia Nacional de Medicina el que este ateneo "emprenda el estudio médico-psicológico de la personalidad de Bolívar y haga el análisis psiquiátrico de sus ideas y de sus actos".

Entre aquellos apologistas, solo el General O'Leary, según entiendo, hizo obra perdurable; fué nuestro auténtico Lucas el de las Actas, y hasta Juan el Evangelista, aunque era inglés el autor de las *Memorias.* A él debemos lo esencial en la narración heroica, tomada directamente de los documentos de a época trascendental a la cual pertencció el eminente irlandés: O'Leary oyó a los hombres y vivió con los héroes.

El Padre Blanco, venezolano, fué como O'Leary: un narrador que poseía un archivo original que Ramón Azpurúa editó íntegramente.

El primero de nuestros historiadores que haya pretendido, aunque sin mayor insistencia como que era un diletante, aplicar su ciencia múltiple, de médico, naturalista, geógrafo y etnólogo, a nuestra vida pretérita, fué Arístides Rojas, en cuyas *Leyendas* y *Orígenes* se encuentra un fomidable material para la reconstrucción de nuestros anales. Fué Rojas, por ejemplo, uno de los primeros en hablar del origen vasco de Simón Bolívar; y fué tambien quien llamó la atención acerca de los accidentes fóbicos y epileptoideos en el General José Antonio Páez.

Angel César Rivas, siendo sociólogo y erudito, ha sido un discípulo de Don Arístides aunque en su obra sobre los *Orígenes,* el señor Rivas es un historiador que se inspira en Taine. No abunda en la grcia que inspiró siempre a la pluma del caraqueño, ni mucho menos en la donosía con que labró su obra el sapientisimo Taine. Y se explica esto: Rojas fué, propiamente, un hijo intelectual de Alejandro de Humboldt, en tanto que Rivas lo es, severa y doctamente de Ferri, de Garófalo y de Tarde. Es uno de nuestros juristas eminentes, aunque es en Historia donde mayores aptitudes se le reconocen.

Eloy Guillermo González, sin que su pluma se preocupe con las anécdotas como solía la de Rojas, sí es un historiador que alguma vez, muchas veces, se extasía en el encanto de los vocablos y se deja fascinar por el alma de las palabras, aunque el señor González no desecha, en sus exposiciones de elocuencia épica, el alma de los hombres que es lo que en verdad interesa conocer. Sus obras *Al margen de la Epopeya, Dentro de la Cosiata* y la *Ración del boa,* son estudios cuidadosamente documentados, y el énfasis abunda tanto en ellas que no pocas páginas servirín para aderezar discursos patriótico. En sus conferencias de la Universidad Central, cuando el General Castro encomendóle le cátedra de los Anales Patrios, el señor González quiso aplicar las leyes de herencia en el estudio que hacía de nuestras costumbres. Es de lamentar que se extinguiera aquella cátedra que mucho prometía, por cuanto el profesor comprendiera al fin que sin ciencia la Historia es, a la verdad, el triste cementerio de que habla Taine. Me apresuro a declarar, después de conocer ciertas páginas de Gonzálés, que seria insólito suponer el que no se quiera para la gente del porvenir una alta dosis de amor a lo épico; y solo pudiera divulgarse semejante desafuero cuando el pensamiento sufre de "ataraxia" parroquial y en su estrechez pudiera admitir que, después de un siglo, se pudiera abrigar prejuicios contra la talla histórica del Libertador.

Esteban Gil Borges, que es uno de nuestros más brillantes internacionalistas, pudiera ser un historiador de alto alcance dada su extensa cultura sociológica. No tiene obra conocida, mas conserva anéditas muchas y hermosísimas notas sobre el origen del Derecho. Sin ser difuso, recarga ligeramente con frases evocadoras el texto de sus mejores composiciones. El dón de evocar hizo de su oración para ofrecer la estatua de Bolívar que el Gobierno Venezolano obsequió a la ciudad de Nueva York, una de las más bellas oraciones históricas que en el orden literario se hayan escrito entre nosotros.

Propiamente la ciencia histórica se inició con Lisandro Alvarado, cuando este sabio en muchas cosas humanas y divinas, escribió un somero estudio acerca de las *Neurosis de hombres célebres,* e inspirose, para escribirlo, en el método que siguió Lombroso que a la verdad es de Lelut y de Moreau. Alvarado como si no se hubiera dado exacta cuenta de la trascendencia de su trabajo, en el cual se exponen el tema de las convulsiones de Páez, la locura de Cagijal y los desequilibrios del Libertador; la lectura del citado trabajo da la impresion, por la época en que fué redactado, de un hombre que escribe un breve estudio de curiosidades. Y esto es asi, tan evidente, que Lisandro Alvarado siendo médico, linguista, etnólogo y humanista, ha publicado más tarde un voluminoso libro sobre la *Historia de la Revolución Federal,* y nadie podría sorprender en la obra sino a un metódico narrador que en poco o nada se ocupara de la ciencia para aplicarla a ese fenómeno de fermentación social y política que se llamó Federación Venezolana.

Arcaya, de Coro, ha sido todo lo contrario: poco después de Alvarado haber publicado su estudio sobre "neurosis", el doctor Pedro M. Arcaya publicó su hermosa monografia *Bolivar* a la cual seguió un estudio acerca de Páez. En ambos ensayos, Arcaya hace gala de su vasta erudición científica y se sorprende la tendencia a narrar inspirándose en Taine y en Lombroso. Ahora mismo, después de diez o más años, el sabio jurisconsulto no desdeña el método científico: recientemente, en 1920, editó en Caraças el primer volumen de su *Historia del Estado Falcón,* y en él se ocupa, previamente, con la distribución geográfica y los rasgos característicos de los aborígenes; en seguida estudia su clasificación etnológica, y advierte, como un sabio que es autoridad en esa confusión de los dialectos indios, que "el único criterio exacto para la clasificación es el del parentesco de las lenguas". Y cuando recuerda que algunos historiadores o etnólogos clasifican de acuerdo con ciertos rasgos físicos, declara muy en razón que "en cuanto al color de la piel, la estatura y la fisonomía, son muy semejantes entre sí todos los indios americanos..."

Cuatro venezolanos y un dinamarqués hanse distinguido como escrupulosos custodias de nuestra documentación histórica, si bien que nadie aventajó en este sentido al inolvidable Landaeta Rosales, que a la verdad no era un historiador: Christián Witzke siendo director de los Museos Nacionales y de la *Gaceta* de estos institutos, logró aumentar notablemente la riqueza material de nuesra historia; su memoria está arraigada cariñosamente en el alma de los venezolanos; el señor Vicente Lecuna ha sido el más cuidadoso guardián de los *Papeles de Bolívar,* cuyo es el título de un voluminoso libro en el cual publica documentos hasta ayer desconocidos y que se refieren, especialmente, a los parentes del Libertador; Manuel Segundo Sánchez es tambien un coleccionador que a esta virtud añade la paciencia y la erudición necesarias para redactar una obra de la trascendencia y méritos de la *Bibliografía Venezolanista,* editada en 1914; Tulio Febres Cordero posée, como Sánchez y como Lecuna, un rico tesoro de papeles, y es, además, un historiador que sabe evocar con grandeza en la exposición y justicia en las ideas; Bartolomé Tavera Acosta, en sus *Anales de Guayana,* sea quien tal vez haya ahondado con mejor firmeza en el problema histórico de Pilar, pasado por las armas, el 16 de octubre, a las cinco de la tarde, de 1817, por sus crímenes de lesa patria, conspiración y deserción", según la proclama de Bolívar.

La obra de más aliento en materia de historia nacional es la *Historia Constitucional de Venezuela,* por el doctor José Gil Fortoul. Se sorprende un plan moderna y el prejuicio fué aventado muy lejos. La obra se inicia con el dolor de la Colonia, y el autor tuvo la intención de continuarla hasta otra época dolorosa: la del General Castro, o Restaurador.

Son de Gil Fortoul la *Filosofía Constitucional* y *El Hombre y la Historia,* cuyos títulos dan cabal idea de las tendencias del autor. Esas tendencias fueron discutidas por el médico, poeta y filólogo Samuel Darío Maldonado, en el campo de la antropologia, y parece no haber salido bien librado Gil Fortoul, que con Vallenilla Lanz, Blanco Fombona y otros, es un pensador materialista, no en el sentido que a este vocablo diabólico asigna la ortodoxia cristiana, sino en el riguroso sentido de las ciencias naturales. Ya he dicho en otras páginas de esta exposición, que sin ser dogmático en materia de "monismo", el pensamiento venezolano, con pocas excepciones, sigue el derrotero señalado por la filosofía natural que teniendo reglas y leyes, usa de una disciplina tan amplia que propiamente es la filosofía del libre pensamiento.

Laureano Vallenilla Lanz es un ejemplo de esto: no come curas, porque siendo peligroso deglutirlos no es ni culto ni mucho menos civilizador; mas, Vallenilla Lanz define con tal libertad los temas históricos que estudia, que ciertamente no lo querrán por lo menos los clérigos de Colombia. Es un eminente pensador que desecha el prejuicio. Últimamente ha editado su tan discutido *Cesarismo Democrático* y las *Críticas de Sinceridad y Exactitud.* En ambos libros se trata de aplicar leyes y postulados sociobiológicos al fenómeno histórico, y sin ser un maestro en tales asuntos de biología, Vallenilla Lanz que es un pensador mui avisado y muy leído, resulta casi siempre feliz en la aplicacion de aquellas leyes. Es, entre nuestros historiadores, quien parece haber comprendido mejor las tendencias del maestro Renán.

Blanco Fombona ha transitado por todas las escuelas: tiene páginas que son de un evocador lírico; tiene estrofas que son versos de un poeta ardiente; tiene estudios que pertencen a um sicíologo y posée fragmentos que corresponden a un discipulo de Lombroso. el, como Alvarado y como Arcaya, aplicó tambien principios fisiológicos a la naturaleza excepcional del Libertador.

Su mejor obra de historia está dispersa en libros de otros o forma notas o prefacios en aquellos libros de nuestra epopeya que ya fueron definidos por la crítica y el patriotismo. Como crítico, su pluma ha sido ígnea cuando se trató de presentar los haberes immortales de Bolívar a más de un escritor argentino que desconociendo a Bolivar y a San Martín, leyó mal a Mitre o no entendió con ecuanimidad el esfuerzo del General del Sur cuando quiso estudiarlo en presencia de la magna labor del Caraqueño. De lamentar

es, sin embargo, que en estas enojosas comparaciones no haya habido la aquidad y serenidad que pide la gloria ya inconmovible de Bolívar y de San Martín.

Como se ve, Blanco Fombona no parecería un filósofo por cuanto la tolerancia no es de su predio. En cambio, otro Fombona sí parece transitar serenamente por los caminos de Peripato. No es que el joven Alberto Zérega Fombona quiera presentarse cual nuevo Aristóteles, sino que sus mejores aptitudes intelectuales, de viejo discípulo de la Sorbona, lo exhiben cual un profundo conocedor de los sistemas.

En unos "ensayos de Filosofía hispano-americana", publicados en la *Revue de l'Amérique Latine,* el señor Zérega Fombona, con una paciencia verdaderamente filosófica, hace la más cumplida apología del espiritualismo y de la metafísica. La idea del señor Zérega, su móvil principal ha sido el de difundir en lengua francesa el estado de la Filosofia en Suramérica. Y comienza con la obra del bonaerense José Ingenieros.

Según el joven Zérega, la labor filosófica de Ingenieros no es ni muy sólida ni muy brillante: en el torbellino de las ideas que agitan a la humanidad desde los días tenebrosos de un pasado remotísimo, yo no sabría decir en donde caben esos vocablos que se refieren a la solidez de tal o cual sistema filosófico.

En otra parte, el crítico venezolano advierte que la Filosofía hispanoamericana es naturalista; o más bien biológica. Y con un desdén de escolástico, el señor Zérega recuerda el "pitoyable monisme de Mr. Haeckel". Para Zérega, el argentino, como en general los pensadores suramericanos, no han comprendido la filosofia de Bergson, por cuanto ven en él a um dogmático siendo un espiritualista. Y con una indulgencia de sabio que habla desde sus profundas almenas coricalas, delata displicentemente el retardo en que se encuentra la Filosofía, aunque él abriga esperanzas; "y no se debe desesperar, al contrário, pues las nuevas ideas filosóficas llegan ya a la América latina..." Esperémoslas y tengamos fe en que ellas abrirán los ojos a Ingenieros y a tanto pobre diablo como habrá por allí.

No soy autoridad para defender o condenar las ideas del profesor argentino; ni querría serlo, pues siempre fui parco en aceptar las exageraciones de ciertos biólogos. Un ejemplo de esto es mi conferencia en la Academia Médica del Brasil. Pero si debo lamentar esa petulancia con que el señor Zérega se refiere "a la confusión filosófica que limita el horizonte intelectual de los hombres de ciencia en nuestros jóvens países..."

Entendámonos: para mí tengo, contra cierta afirmación de Díaz Rodríguez, en *Sangre Patricia,* que chez Alcan está de venta toda la sabiduría tanto de Zérega Fombona como del professor Ingenieros, y tan fácil será que esa erudición llegue a la Avenida de Mayo como a la rue Madame.La mejor prueba está en el propio texto del joven Zérega: Riley, Ribot, Hertz, Oswald, Spencer, Haeckel, Comte, Kant, Goblot, Bergson, Boutroux, Duhem, Milhaud, Renouvier, Rageot, Wundt, Séailles, Maritain, Rosny y otros más, han contribuido en la sagacísima exposición del joven pensador venezolano. Y todos, absolutamente todos, estan de venta chez Alcan...

A pesar de esta crítica más o menos desproporcionada, en Venezuela sí se han cultivado las escuelas filosoficas: Gil Fortoul, Esteban Gil Borges, el Padre Castro, el doctor Méndez y Mendoza, José Gregorio Hernández, Luis Razetti, Guillermo Delgado Palacios, Elías Toro y otros muchos han dado prueba de no ser tan estrecho el horizonte intelectual de donde surgió la idea. No los presento como originales; la originalidad es palabra vacía y sin sentido. Solo tiene alguno cuando se trata de la soberbia o del ensimismamiento.

La filosofía natural con que Gil Fortoul ampara sus exposiciones cientificas e históricas, arranca en el de los días memorables en que la Universidad Central difundía la doctrina del Evolucionismo, y en general los progresos de las ciencias naturales, gracias a la docta exposición del alemán Ernst y del venezolano Rafael Villavicencio.

A decir verdad, con Villavicencio y con el alemán Ernst, la Ciencia tomaba otro rumbo muy distinto al que le dieran Vargas y sus discipulos.

Vargas fué, propiamente, el fundador de los estudios médicos en Venezuela. Nació en el puerto de La Guayra y su mayor gloria consiste en haber sido un ciudadano ejemplar.

Se dirá que antes de él hubo cátedras de Medicina... Si, mas, distingamos, pues el mayorquino Lorenzo Campins Vallester, que fundó un curso de rudimentos de higiene, con elementos de fisiología y patología no era sino un curandero a quien no se podía exigir sino lo poquísimo que daba España en aquella época. Mal médico sería cuando se aventuró a pasar el océano en busca de fortuna. No es que fueran pésimos profesionales los que nos llegaban, pero ciertamente que Campins Vallester no era una lumbrera de su tiempo. A él se debe, sin embargo la fundación de aquella cátedra, a la cual debió llegar mediante la defensa de los aforismos hipocráticos hecha en la Capilla universitaria.

Sus colaboradores y continuadores de los primeros tiempos no fueron más aventajados. El primer médico graduado en la Universidad de Venezuela, o del Doctor Campins, fué Francisco Molina que sustituyó al mayorquino; a Molina reemplazó el doctor Felipe Tamariz. En 1815, el doctor José Joaquín Hernández, discípulo de Tamariz, leyó el curso de higiene; en tanto que un francés apellidado Bonneau hablaba de anatomía. Para esa época, según el biógrafo de Vargas, Don Laurcanno Villanueva, era nula la enseñanza de la cirugía, obstetricia, química, botánica y farmacia.

Debo hacer un paréntesis ante de continuar: el señor doctor Villanueva, que fué siempre un médico atrasadísimo, que ignoraba lo esencial de anatomía, fisiología y materia médica, ha pensado que en tiempos de Tamariz y de Francisco Molina se estudió regularmente porque aquellos buenos señores se ocupaban en hablar de fisiología, de higiene y de terapéutica... Mas, entiendo que sí cumplían con sus obligaciones, pero sin progresar entre sus manos la ciencia que ya era vigorosa en Francia, en Inglaterra y en la misma España. Fué a partir de 1819 cuando los venezolanos comenzamos a darnos exacta cuenta del atraso en que viviamos; fué entonces cuando José Joaquin Hernández, José Domingo Díaz y Carlos Arvelo se reunieron para tratar la grave cuestión de los textos...

José Joaquin Hernandez, el substituto de Tamariz, fué el curato protomédico; a él incumbía el tribunal de los médicos, cirujanos, boticarios, destiladores, algebristas y oculistas de Venezuela, según Villanueva.

Vargas llegó en el momento decisivo y trascendental. De Hernández al Doctor Vargas hay el Proto-medicato, especie de "tribunal médico encargado de todo lo relativo a la sanidad pública, y autorizado para regularizar el ejercicio de esta profesión." En el Proto-medicato, la persona que aspiraba al título de boticario debía ser "católico, caritativo, honesto, blanco, hijo legítimo y cumplidor de las práticas religiosas... y debia defender la pureza original de María Santísima."

Como se ve, no era muy alentadora la pedagogía y la generosidad universitaria... hasta que en 1827 Bolívar reemplazó el Proto-medicato por una Facultad de Medicina, y encargó al Doctor José Vargas de pulimentarla y hacerla digna de Caracas, de Venezuela, del Libertador... Desde entonces datan, propiamente, los anales de la Medicina Nacional.

Dos hechos que no escaparan al más corto de vista, se deducen de esta transformación: la exquisita selección que ponia en juego Bolívar cuando se trataba de conocer las aptitudes de los hombres, lo cual constituye una de las primeras causas de todos sus triunfos; y la voluntad incontrastable de Vargas cuando se dió a la tarea de hacer efectivo, y por modo brillante, la brillatisima plumada con que el Libertador acabó de un golpe con la enseñanza medioeval de la Universidad.

En una palabra, Bolivar vislumbró en Vargas lo que indudablemente fué genial en el maestro: su facultad de organizador y sabio. Vargas no representa en la evolución de la ciencia nacional la personalidad de la influencia política, sino el hombre necesario en aquel amanecer de la Medicina: él era filósofo y teólogo, era cirujano y sagacisimo anatómico; era clinico y notable naturalista cuyos estudios aprovechó el suiso De Candolle; sus trabajos de química y sus estudios de mineralogía son minuciosos, numerosos y sorprendentes; escribió textos y aún nos deleitamos los médicos venezolanos con sus lecciones de anatomía y de cirugia, en las cuales no se sabe qué admirar más, si el estilo severo y caudaloso del sabio, o las ideas y máximas morales del apóstol, porque eso fué Vargas: un apóstol, en el sentido de que dió a sus compatriotas todo el caudal de su ciencia y luchó sin descanso a fin de que los esfuerzos no pasaran con él: así, a medida que enseñaba, escribia y clasificaba, instituía premios para que sus discipulos cultivaran el amor a la obra grandiosa del perfeccionamiento científico. Obra suya fué la fundación de la Sociedad Médica de Caracas, por noviembre de 1827, entre cuyos fundadores estaban los mejores discípulos de Vargas. Pudiérase decir que él fué el alma de esta asociación a la cual dieron tambien brillo Carlo Arvelo, José Angel Alamo, Eliseo Acosta, José Joaquin Hernández, Antonio Parra, José Luis Cabrera, José Joaquin González y otros.

Como político, fué elevado, por circunstancias agenas a su voluntad y a sus ambiciones, a la Primera Magistratura. Allí, la Historia recogió un gesto suyo que por la singular manera como aconteció, servirá siempre de ejemplo digno de recordarse cuando el egoismo merma la dignidad de aquellos que siendo eminentes suelen cegarse ante la perspectiva de una posición áurea: el comandante Pedro Carujo, uno de los colaboradores de Santander, Arganil y otros para perpetrar el crimen frustrado en la memorable noche de setiembre, presentóse a la mansión presidencial el dia 8 de julio de 1835, y acariciando un par de pistolas asi encaróse al sabio, y este fué el diálogo entre éllos:

— Señor Doctor, usted sabe ya el pronunciamiento; evitemos los males tremendos que pueden sobrevenir... Los Gobiernos son de hecho!...

— Permítame usted, el Gobierno de Venezuela no es de hecho: la Nación se ha constituído legítimamente y establecido su Gobierno, hijo de un gran hecho nacional, y de la voluntad de todos, legítimamente expresada. El Gobierno de Venezuela es un Gobierno legítimo, nacional, de hecho y de derecho.

— El derecho, señor Doctor, viene del hecho; una revolución produjo el Gobierno que usted ha servido; esta producirá otro, que más tarde se llamará de derecho. La Nación acogerá esta causa como acogió aquella.

— Nó, tampoco puedo admitir esos principios; usted me habla de la voluntad futura de la Nación; yo le hablo de la presente. La que usted cita no tiene más autoridad que su palabra; la que yo obedezco está escrita: es la ley fundamental de la sociedad venezolana, dada por sus legítimos Representantes, con verdadera misión. Si el derecho viene después del hecho, ha de ser un hecho grande, nacional, en el estado primitivo de la Sociedad, y no el hecho tumultuario de una guarnición militar, que no puedo ni debo considerar sino tal como las leyes lo conocen y califican.

— Este será más tarde un hecho nacional. El mundo es de los valientes.

— Nó, el mundo es del hombre justo: es el hombre de bien, y no el valiente el que siempre ha vivido y vivirá feliz sobre la tierra, y seguro sobre su conciencia. Como Presidente Constitucional de la República, la defenderé en cuanto pueda, hasta el último extremo; y aunque siempre he estado dispuesto a devolver la autoridad que ejerzo, es a ella y no a una facción armada a quien puedo ceder la Silla de la Presidencia...

Carujo, condenado por la casuística, no atendía a razones de orden moral en el orden republicano; a la verdad, él siempre creyó que el mundo es de los sargentones... Y yo no sabría cómo negar esa peregrina afirmación de un bandido.

Vargas nos legó un esfuerzo perdurable, como su austeridad de médico y de maestro, pues la evolución que siguieron los estudios científicos ha sido digna de sus aspiraciones y desvelos.

Los discípulos protegieron su obra de fomentar una Patria, cultivando la Ciencia; fueron los continuadores de sus esfuerzos y ambiciones hombres de los valimientos morales de Eliseo Acosta, Guillermo Michelena, Elias Rodríguez, Calixto González, Nicanor Guardia, Ignacio Cardozo, José Manuel de los Ríos, uno de los espíritus que con más precisión delineara la figura apostólica del médico: José Manuel de los Ríos sostuvo, por cuenta propia, una revista en donde exponía cuestiones de medicina práctica; y asistió por muchísimos años la Clínica de niños pobres que en Caracas estableció con el Lic. D. Agustín Aveledo.

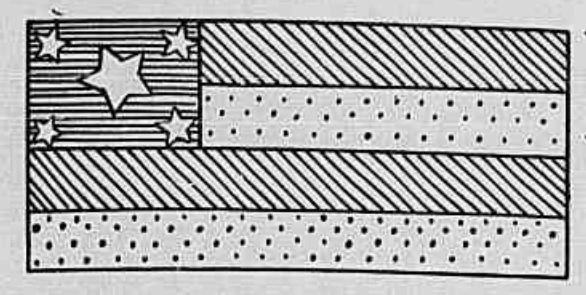
Ciertamente que si fuera yo a referirme in extenso a la obra y méritos de Vargas y sus discípulos, no bastaría el espacio de que dispongo para siquiera comentar bibliográficamente el esfuerzo del ilustre guaireño. Por otra parte, mi tendencia ha sido escribir una breve revista acerca del estado actual del pensamiento venezolano, y si he recordado someramente la obra maravillosa de Vargas, ha sido para protegerme a la sombra gloriosa de tan eminente personaje.

Sin entrar en detalles de historia que nos conducirían al mismo resultado, podríamos decir que la Sociedad Médica fundada por Vargas reencarnóse en del magistrado y la benéfica cultura del profesor Razetti.
una vida muy efímera, pues el 9 de junio de 1904 estableciόse la Academia Nacional de Medicina que definitivamente quedó constituída en la tarde del sábado 11 del mismo mes.

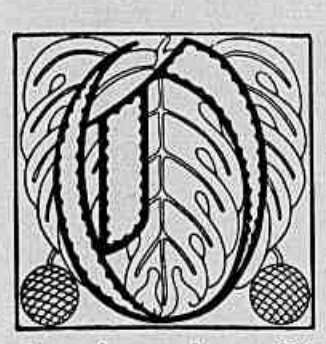
Claro está, la Academia fué creación del Congreso, o para concretar, fué obra predilecta del mal llamado Restaurador, o General Castro, y por tesonera petición del profesor Luis Razetti. La disposición presidencal y su Congreso, junto con el triunfo de Razetti, corrieron parejas, y Venezuela divisó en un mismo instante de la azarosa vida política de entonces la falsa civilidad del magistrado y la benéfica cultura del profesor Razetti.

A riesgo de que esta afirmación pareciese negativa a los tontos que me leyeren, es indudable que en los últimos veinte años los adelantos de los estudios médicos han sido dirigidos por Razetti; su actividad para que prospere la Ciencia ha sido infatigable en la prensa, en la tribuna universitaria o en su servicio de clínica: la Academia de Medicina ha sido su ahijada predilecta.

(Continúa no proximo numero)



ESTADO DE SERGIPE



Estado de Sergipe, territorialmente o menor da União, está situado entre 9°5' e 11°,28° de latitude meridional e 5°,3' e 6°,54' de longitude occidental, de referencia ao Rio de Janeiro.

Occupando, assim posição ao nordeste do Brasil, tem os seus limites : — ao norte com o Estado de Alagoas, de que se separa pela vasta caudal do rio S. Francisco ; ao sul e oeste com o Estado da Bahia, que lhe detem uma extensa faixa de territorio, sobre a qual está em aberto um litigio secular ; a léste, pelo Oceano Atlantico, banhando-lhe em toda a extensão as costas, geralmente planas.

Como limites antigos, authenticados por documentos irrecusaveis, conhecem-se os da Capitania, que foram soffrendo parcelladamente intempestivas modificações, sem base na lei ou justo criterio geographico. Consoante referem chronistas de então, "estendiam-se pela costa, desde a barra de S. Francisco até a ponta do Padrão exclusive, numa extensão de 50 leguas, ficando para a comarca da Bahia e jurisdicção de seu ouvidor a parte que restava, atravessando o mar salgado na entrada



SR. CORONEL DR. JOSÉ JOAQUIM PEREIRA LOBO, PRESIDENTE DO ESTADO DE SERGIPE.

da grande bahia, a encontrar dahi a doze leguas approximadamente a fôz do rio Jiquiriçá, onde se dividia com a Capitania dos Ilhéos. Isto quanto á parte do sul. Quanto ao occidente, o limite da Comarca de Sergipe ia dessa ponta, direcção ao oeste, contornando ao sul as nascentes do rio Itapicurú, inclusive Jacobina, a encontrar a linha divisoria do occidente, que era o rio S. Francisco."

Actualmente, esta questão esteve sujeita a arbitramento, que, sem causa justa, antes de qualquer pronunciamento da autoridade competente, foi denunciado pela Bahia, que retirou o compromisso anteriormente firmado pelo seu Governador com o Presidente de Sergipe. Sobre o assumpto tem este Estado baseado os seus direitos no trabalho do general Ivo do Prado, especialmente escripto para encaminhar com justiça a decisão da secular pendencia.

Costuma-se dizer que vigoram hoje as linhas provisoriamente traçadas no decreto de 1843, não obstante a sua flagrante mutilação.

Dada a incerteza, pelos factos expostos, da verdadeira área que lhe cabe em jurisdicção, estima-se que o Estado tenha de superficie 39.090 kilometros quadrados, contando-se approximadamente de littoral 167



ARACAJÚ — AVENIDA RIO BRANCO.



PALACIO DO GOVERNO — ARACAJÚ, SERGIPE — DECORAÇÃO INTERNA É DE APURADO GOSTO ARTISTICO.

kilometros, e de norte a sul 232 kilometros, com 205 de léste a ieste.

Fortes correntes emigratorias têm aberto um grande claro na população sergipana. Diversos são os nucleos numerosos de sergipanos em muitos pontos do Brasil.

A Amazonia, o sul da Bahia, o Estado de São Paulo, principalmente, constituem os mais importantes centros de attracção dos sergipanos, seduzidos acolá pela época florescente da borracha, ali pelos preços remuneradores da cultura do cacáu, aqui pela lavoura do café e mais os recursos immensos da industria e commercio do grande Estado sulino.

D'ahi o ter registrado o ultimo recenseamento federal um descrescimo de população, que era estimada em 579.000 habitantes, assim divididos pelos municipios :

Annapolis	35.000
Aquidaban	9.000
Aracajú	45.000
Arauá	8.000
Boquim	10.000
Campo do Britto	8.000
Campos	12.000
Capella	20.000
Christina	8.000
Divina Pastora	12.000
Espirito Santo	5.000
Estancia	35.000
Garará	12.000
Itabaiana	35.000
Itabaianinha	15.000
Itaporanga	12.000
Japaratuba	20.000
Lagarto	22.000
Laranjeiras	25.500
Maroim	24.500
N. S. das Dôres	15.000
Pacatuba	15.000
Porto da Folha	16.000



PEQUENO TRECHO DA CAPITAL DO ESTADO DE SERGIPE, APANHADO DO ALTO BORBOREMA. VÊ-SE A CATHEDRAL E AO LONGE A BARRA DOS COQUEIROS.



CIDADE DE S. CHRISTOVÃO — SERGIPE — O EX-PALACIO DA PRESIDENCIA ; O EX-PALACETE DA ASSEMBLÉA LEGISLATIVA ; A SANTA CASA DE MISERICORDIA.

Propriá	30.000
Riachão	9.500
Riachuelo	18.000
Rozario	20.000
Santa Luzia	8.000
S. Christovão	15.000
S. Paulo	15.000
Siriry	10.000
Soccorro	9.000
Santo Amaro	8.000
Villa Nova	12.000

Aspecto — Em geral o solo sergipano é de formação siluriana, e movimenta-se em pequenas elevações que vão culminar na serra de Itabaiana, com 880 metros de altura. O littoral é arenoso, de vez em vez entrecortado de dunas, que se consolidam sob uma vegetação rasteira e uniforme. Ao lado dos terrenos araveis, de humus fecundante, e nos quaes ainda hoje se ostentam virentes mattas, não obstante a desnudação, progressiva, destacam-se extensos taboleiros, perfeitamente adaptaveis á criação e mesmo á lavoura. A parte central, em que irrompe a

ossatura montanhosa, vem da *Serra Negra*, em ramificações sinuosas, apontando-se como eixo a serra de *Itabiaana*, e em sitios mais distantes a *Miaba*, de bellos contrafortes graniticos, lavados pelo Tororó, que se despenha do seu cume alcantilado, a *Comprida*, em cujo lombo arredondado se acamam, em bellas estratificações, fortes camadas de marmores, a *Cajahyba*, erguida no chapadão, e *Praça*, além de outras elevações, *Bôa-Vista*, *Ribeira*, *Guizango*, *Tabanga* e comoros e collinas, que se repartem pelo Estado, formando ondulações graciosas.

De permeio a essas elevações, que formam o systema orographico do Estado, sem ligações com as cordilheiras que se prendem ao plano geral do massiço central do Brasil, espraiam-se extensos vales uberrimos, em cujas terras se alimenta lavoura prospera, em que assenta predominantemente a economia de Sergipe. Assim o do *Cotinguiba*, o do *Japaratuba*, o do *Vasabarris*, o do *Piauhytinga* e o do *Paramopama*, que enfeixam os principaes. Notadamente o do Cotinguiba e o do Vasabarris, ostentam maiores camadas de alluvião, occupadas pelo plantio verdejante da canna de assucar. E' de notar, porém, que nenhum desses valles offerece tão largas perspectivas como o de Japaratuba, grandemente trabalhado e cada vez de terras mais ferazes.

A admiravel qualidade de seus terrenos e de outros nessa zona, e vizinhanças, vem das camadas cretaceas decompostas. E' por excellencia o terreno do *massapê*.

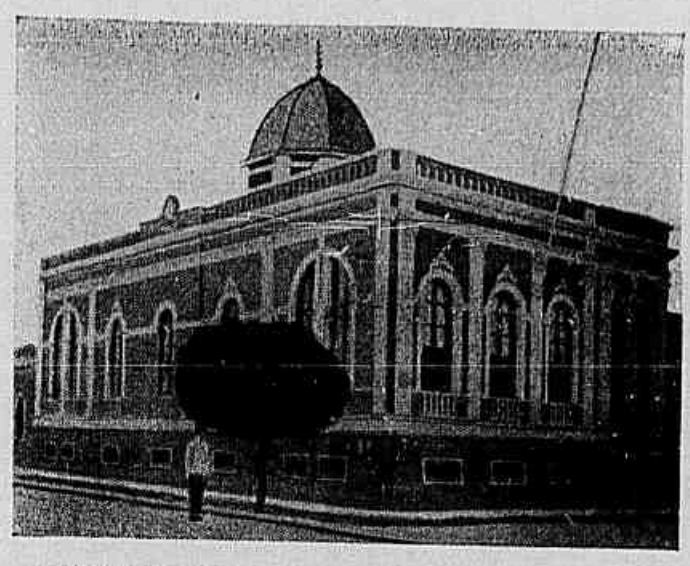
Rios — Do norte ao sul, o Estado apresenta uma bacia hydrographica, que se reparte em arterias mais ou menos parallelas, rumando para o littorial.

Desde o *S. Francisco*, limite natural ao norte, navegavel da Cachoeira de Paulo Affonso até á barra, até o *Rio Real*, de Cima, ou da Praia, ao sul, formando a actual divisa, importa pela usurpação bahiana, deslisam de permeio varios cursos de menor importancia, todos porém, de prestativa influencia no desenvolvimento da lavoura e industria sergipanas.

Releva assignalar pela sua extensão, desde a serra Itiuba, nos sertões bahianos, onde nasce, até o desaguadouro, á altura do 10º parallelo, o *Vasabarris*, que banha importantes muncipios. Depois o *Sergipe*, *Senigi* dos indigenas, vindo da serra Negra, para desaguar no Atlantico, tendo feito um percurso de 135 kilometros.

Segue-se-lhe o Cotinguiba, que vem das faldas da serra de Itabaiana e vae com o Sergipe formar o largo e volumoso estuario que banha a capital do Estado, tendo logo barra com o Oceano, depois de dezoito kilometros navegaveis.

O *Japaratuba*, é outra arteria preciosa



INTENDENCIA MUNICIPAL DE ARACAJÚ.

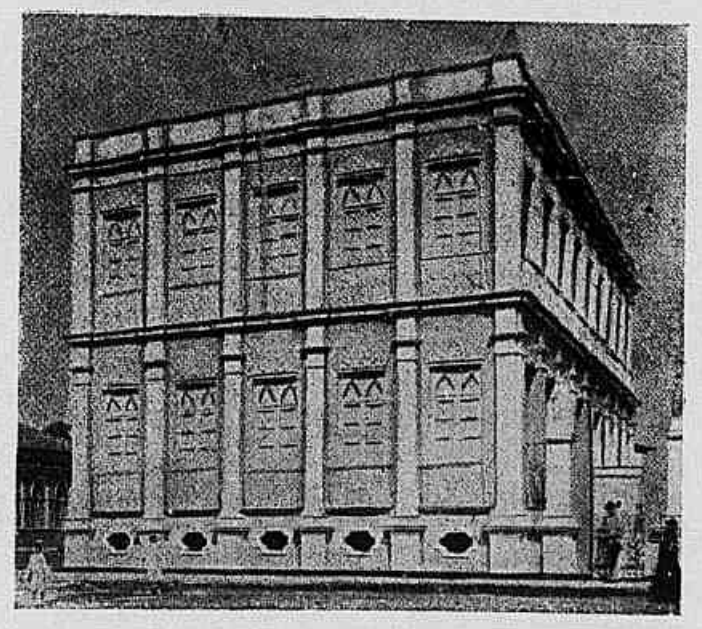
do Estado, por animar em largos tractos percorridos a industria assucareira. Em certos trechos está ficando obstruido, devido aos sedimentos transportados nas enchentes. Para o trabalho de desobstrucção pende do Senado Federal um projecto do deputado



MONUMENTO A IGNACIO JOAQUIM BARBOSA, FUNDADOR DA CIDADE DE ARACAJÚ.

Carvalho Neto, apresentado á Camara o anno passado, autorizando o Governo da União a entrar em accordo com o Estado, para a dragagem e limpeza daquelle rio. E' navegavel num extenso trecho.

O *Piauhy*, que vem da serra dos Palma-



TRIBUNAL DA RELAÇÃO DO ESTADO DE SERGIPE.

res, tem um curso accidentado ás vezes, correndo sobre lagedos, até espraiar-se nas terras complanadas que convizinham com a sua foz, na enseada do Mangue Secco. Fórma o porto da cidade da Estancia, sendo até ahi navegado por navios de grande calado e além, por embarcações menores.

O *Poxim*, descendo da serra de Itabaiana, se orienta rumo de nordeste até desembocar perto da barra de Aracajú, proximo ao delta ahi formado nos baixios arenosos.

O *Siriry*, corre entre os municipios do mesmo nome e o do Rosario, tendo origem nas proximidades da Capella e Dores. Vae lançar as suas aguas muito abaixo no Japaratuba. Taes as bacias principaes, que dão a physionomia geral da hydrographia sergipana. Outros rios serpenteam entre ellas, mas como tributarios, confundindo as suas correntes no volume das arterias maiores, acima noticiadas.

O accesso aos portos, na foz desses rios, se faz pelas barras, que, no geral, não dão facil passagem a navios de grande calado. Dellas, a principal, é a de Aracajú, formada pelo estuario do Cotinguiba, aprofundada de dez a doze pés nas marés baixas e dezeseis pés em preamar.

A do rio Real, tambem no Atlantico, é profunda, tornando-se, porém, pouco frequentada por causa dos baixios, que reclamam praticos habilitados.

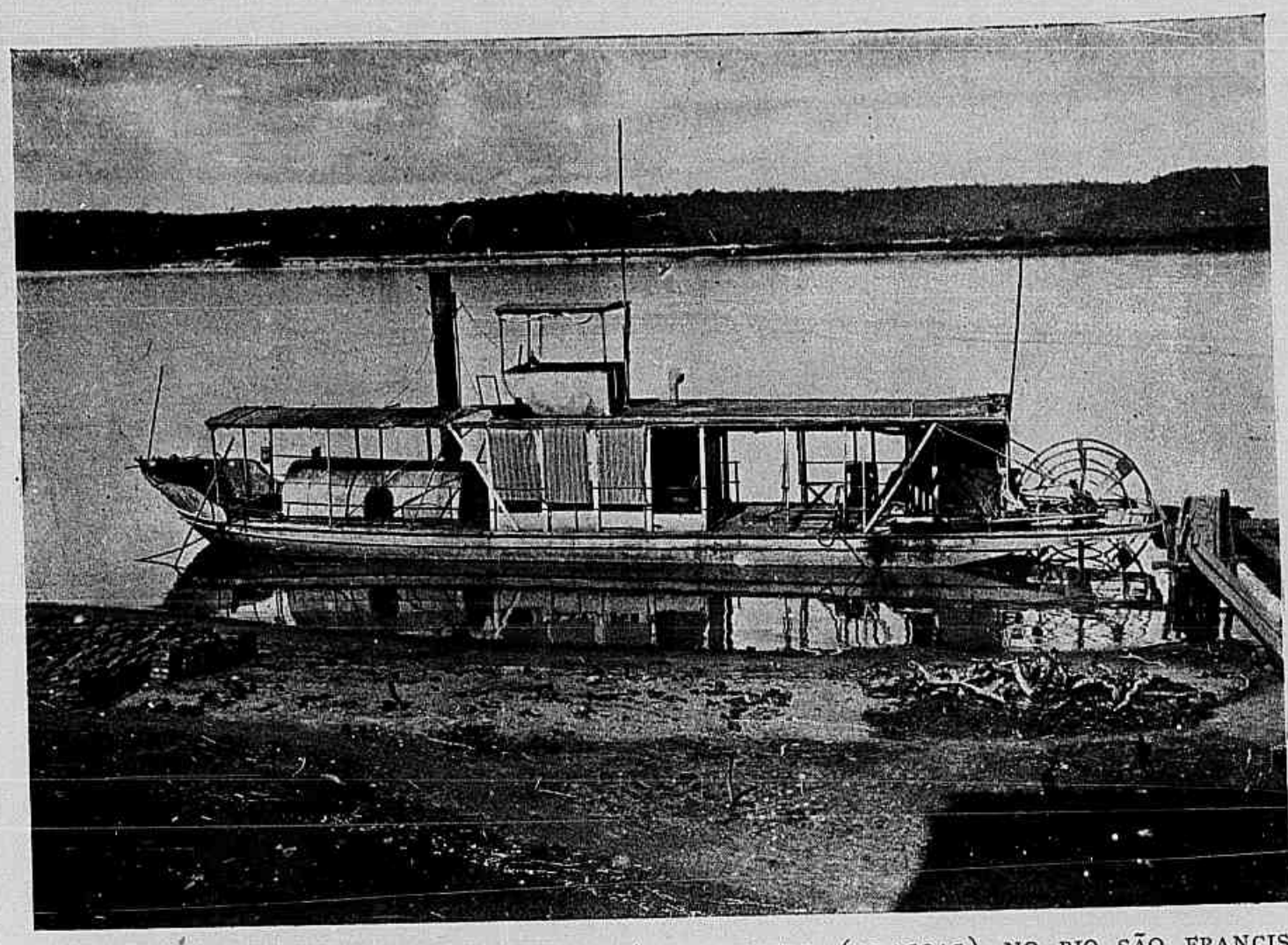
No S. Francisco está a geralmente conhecida por Barra de Penedo, cidade de Alagoas, situada em frente á Villa Nova, em Sergipe.

Não pende em importancia a do Vasabarris, que dá entrada ao porto de Pedreiras, junto á cidade de S. Christovão, antiga capital do Estado.

Sem importancia para a grande navegação, mas prestando-se ao movimento de barcas e canoas, conta-se, ainda, a barra do Pirambú, no rio Japaratuba. Ahi, regulando o movimento das aguas do rio, existe um canal, cujo serviço de limpeza e dragagem consome annualmente uma verba estadual, especialmente consagrada a este objectivo.

Sergipe tem um clima temperado, doce na estação invernosa, sem apresentar os rigores do frio. Nos mezes do verão, nunca se torna insupportavel o calor, sendo de notar que na zona sertaneja, na faixa occidental, as noites são frescas e agradabilissimas. Só em alguns trechos do littoral é, ás vezes, quente e humido, o que, porém, se compensa com a ventilação forte vinda do oceano.

Fronteira á capital do Estado está a ilha conhecida pela designação de *Barra dos Coqueiros*, arenosa e complanada, quasi ao nivel do mar. Tem doze kilometros a mais de extensão, sendo banhada pelo oceano, o Cotinguiba e o Pomonga, que a secciona.



A NAVEGAÇÃO ENTRE PROPRIÁ (SERGIPE) E PENEDO (ALAGOAS) NO RIO SÃO FRANCISCO.

Outras ilhas menores não merecem especial menção.

A do Arambipe, porém, na foz do São Francisco; Patatiba ou Ilha do Veiga, formada pelo rio Paramopama; S. Pedro, junto ao Porto da Folha, em S. Francisci, são de molde a despertar interesse, já pelo tamanho, como pela cultura intensa de seus terrenos.

Nos baixos, em que se abrem os valles, algumas lagôas chamam a attenção, communicando-se muitas dellas com os rios que as formam e aos quaes servem de reservatorio, accumulando aguas nas enchentes e despejando-as nas nascentes, de modo a regularem, mais ou menos, o nivel das correntes.

Assim, a Jabotiana, Catú, Vermelha, Cedro, Itacanema, Brejão, Tamanduá, Tubúa, Canoas, Brejo, Poço Azul, Grande, Inemby e outras menores.

Este, em breves traços, o aspecto physico do pequeno e prospero Estado, onde vive uma população laboriosa e intelligente.

Assim na lavoura, como na industria, não pequeno é o surto do seu desenvolvimento. Fauna e flora são riquissimas. Entre as culturas vegetaes mais preciosas, já em qualidade, já em quantidade, estão a canna de assucar, o algodão, o arroz, o côco e o fumo.

A primeira constitue o mais resistente esteio da arrecadação estadual, seguindo-se-lhe o algodão. Grande é o numero de usinas apropriadas, de duplo e triplice effeito, sendo em todo o paiz, Sergipe o terceiro productor de assucar.

Nos tecidos avulta a importancia de suas fabricas, nove emprezas bem installadas, produzindo fazendas do mais variegado e fino padrão, sendo grande a exportação.

Fabricas aperfeiçoadas para o preparo do couro e pelles, beneficiamento do arroz, do fumo e confecção de charutos, calçados, camisas, fabricação de ceramica, filtros, ladrilhos, mosaicos, oleos de côco, de ricino e de algodão, tudo isto forma do pequeno Estado um centro activo de trabalho industrial.

Outro tanto se póde dizer dos seus rebanhos, que emparelham com os melhores em qualidade e raça. E', hoje, uma das grandes riquezas sergipenses.

E' preciso não calar o grande commercio de madeiras, notadamente com o Estado da Bahia. Constituem as especies mais apreciadas ; arapiraca, araçá, angelim, biriba, buranhem, cedro, copahyba, jitahy, jequitibá, peroba, parahyba, potumujú, paudarco, sucupira, quiri, vinhatico, braúna, coração de negro, itapicurú, etc.

No reino mineral, além de jazidas de salitre na zona de Itabaiana, são conhecidos diversos minerios, alguns bem preciosos. Marmores, marquesitas, manganez, crystaes, pyrilho, chumbo, cobre e ferro são encontrados em muitos pontos do Estado.

Divide-se o Estado em 34 municipios. A organização judiciaria se faz em Comarcas. Termos e Districtos, providas as primeiras por juizes de direito, as segundas por juizes municipaes e os ultimos por juizes de paz.

A sua Constituição foi votada a 18 de Maio de 1892, tendo soffrido algumas reformas.

Exerce o Poder Executivo o presidente do Estado, eleito por quatro annos e suffragio directo.

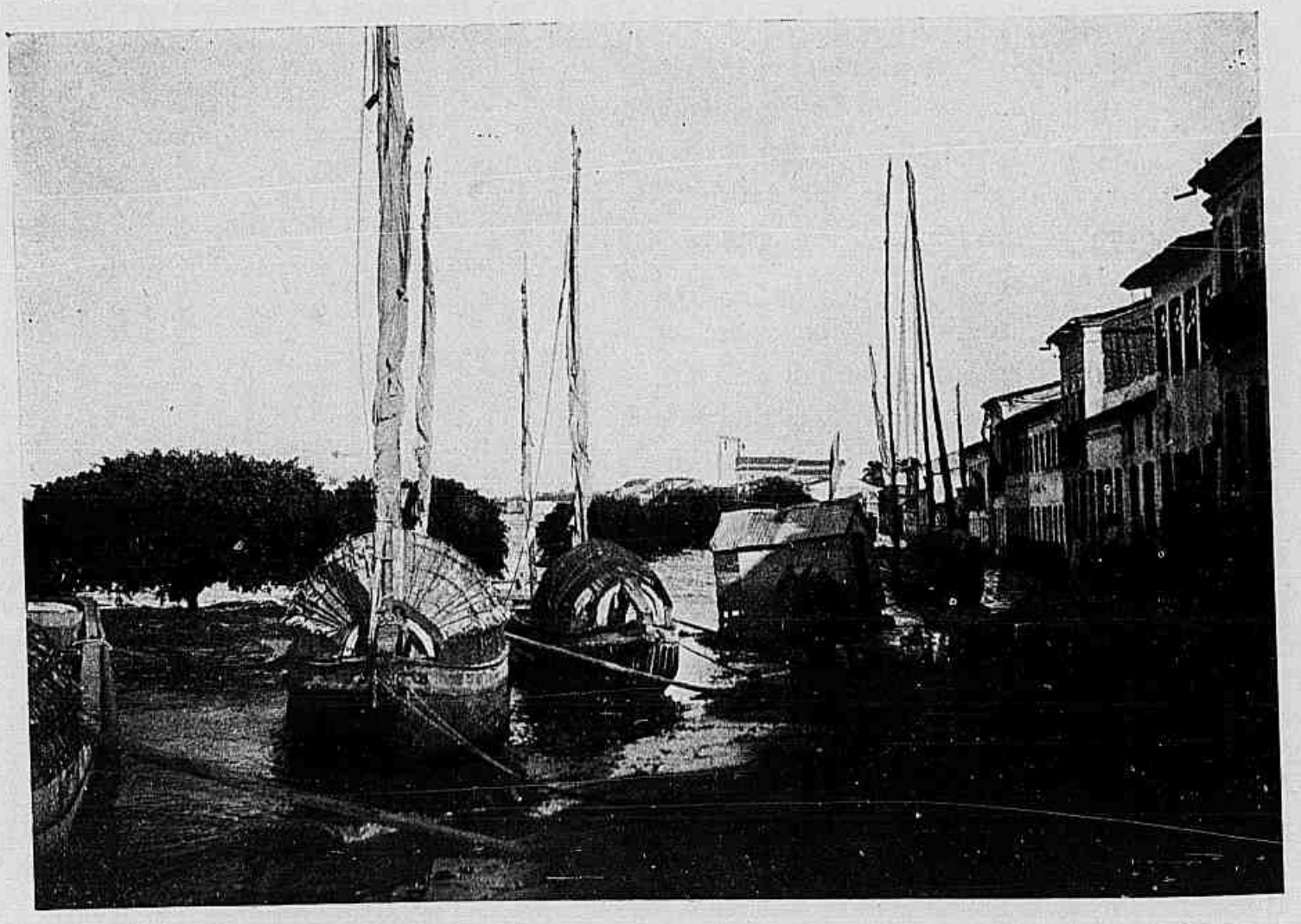
O Legislativo é representado por uma Assembléa, composta de 24 deputados, sendo de tres annos a legislatura.

O judiciario é exercido por um Tribunal da Relação, de cinco membros, com jurisdicção em todo o Estado; juizes de direito, com jurisdicção em comarcas; juizes municipaes, nos Termos; juizes de paz, nos districtos; e o Ministerio Publico, com o Procurador Geral, junto ao Tribunal, e Promotores nas Comarcas.

Sergipe tem uma instrucção publica modelar, sendo crescido o numero de suas escolas.

A instrucção primaria se ministra em escolas isoladas e grupos escolares, completando-se na Escola Complementar. Para a formação de professores existe uma Escola Normal.

O ensino secundario é feito em collegios particulares e no Atheneu Sergipense, que está equiparado ao Gymnasio Nacional.



MARGENS DO RIO S. FRANCISCO, NA CIDADE DE PROPRIÁ

OSCAR MACHADO

RUA DO OUVIDOR 101 E 103

JOALHEIRO

PHONE N. 2367



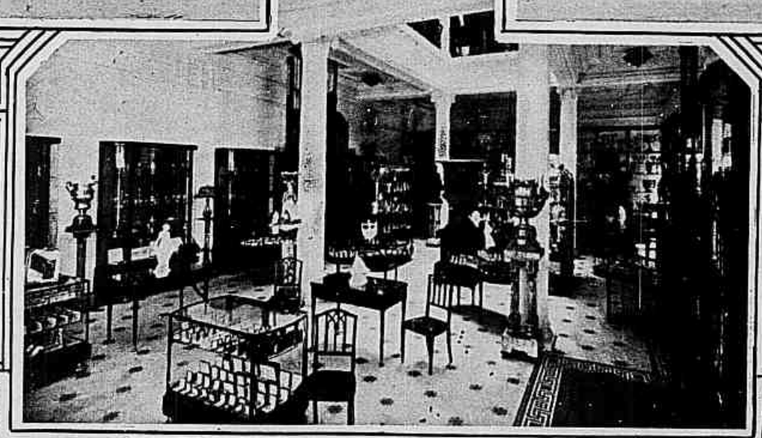
PEDRAS PRECIOSAS



OBJECTOS DE ARTE

Vitrines do lado da Rua do Ouvidor e entrada

3º pavimento Quadros de artistas celebres.



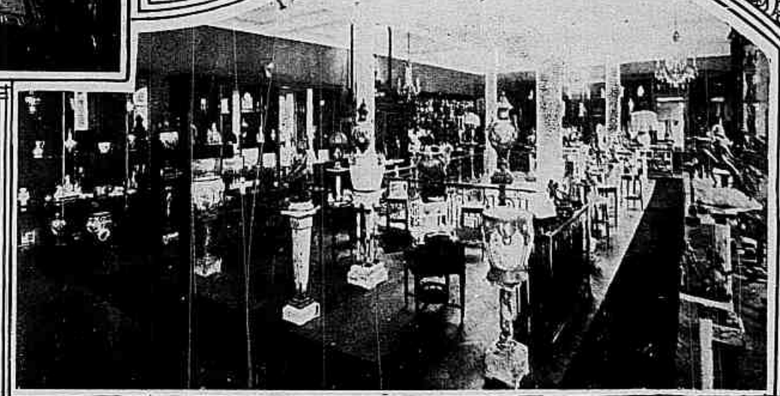
Objectos de arte e orfevrerie nº 2º pavimento.

RELOJOARIA



Interior do 1º pavimento

PRATARIAS



Cicero

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

M. E. MARVIN

Muito tem se desenvolvido a industria no Brasil nestes ultimos annos, e é um facto digno de nota o impulso que ella tomou durante a grande guerra, tempo em que varias fabricas com fins diversos, como de vidros, de pregos, de artigos de sêda, metallurgicos, de objectos de arte, etc., foram installados em nosso paiz.

Do progresso industrial de uma nação se calcula a importancia pelas emprezas que nella se fundam; e tanto mais vultuoso é o seu desenvolvimento economico, tanto mais prosperam as emprezas que são como a origem desse desenvolvimento.

No Brasil, entre as emprezas importantes, destaca-se, pelo seu valor real, a FABRICA DE PREGOS DE M. E. MARVIN, industrial de comprovado merito, bastante conceituado pelo alto commercio e pela sociedade do Rio de Janeiro.

A firma social. M. E. Marvin, composta dos socios M. E. Marvin e The Great Western Smelting & Refining Company, foi fundada em 1912, com o capital de Rs. 1.000.000$000, para o commercio de Metaes de toda a especie, importados e fabricados; e tal foi a sua actuação e o seu rapido desenvolvimento que, em pouco tempo, tornou-se a casa mais importante e mais poderosa, de nossa praça, nesse ramo de negocio.

Em 1920, porém, tendo o seu chefe Snr. Morris E. Marvin, resolvido dedicar-se á industria nacional, adquiriu a Fabrica de Pregos, existente á rua Menna Barreto, nº 72, em Botafogo, a qual passou por uma completa, e radical remodelação, quer externa, quer internamente onde todas as secções foram reformadas, novos e aperfeiçoados machinismos, foram installados, dispendendo a firma com a compra, remodelação, escriptorio, etc., a apreciavel somma de rs..... 3.000:000$000, sendo actualmente um estabelecimento installado e organisado a rigor, com todos os requesitos e exigencias de technica moderna, com excellente funccionamento e de efficientes resultados.

Conseguindo collocar a fabrica nessa invejavel situação, o Snr. M. E. Marvin deu inicio á organisação da firma MARVIN & COMPANHIA LIMITADA, sobre a qual nos referimos em outro local do presente numero, destinada a proseguir no antigo ramo de importação e fabricação de todas as classes de metaes.

A "FABRICA DE PREGOS DE M. E. MARVIN", é considerada como uma das principaes do Brasil quer quanto á quantidade do fabrico, quer quanto á qualidade dos productos fabricados: PREGOS COMMUNS ou PONTAS DE PARIS, TACHAS e PREGOS ESPECIAES DE FERRO, AÇO, COBRE e LATÃO. Além disso, acha-se tambem apparelhada para a fabricação de *Dobradiças de Aço, Latão e Bronze*.

O systema de operações adoptada, é o da distribuição dos productos da Fabrica, por meio de Representantes vendedores, e por intermedio do commercio atacadista e de revendedores.

Surtem-se nos principaes mercados dos Estados Unidos da America do Norte e da Europa, e vendem em todas as praças do Brasil.

Além disso, a Empreza não descura do bem estar e da felicidade de todos os seus mais directos e valiosos auxiliares, d'aquelles de cujo esforço e boa vontade, depende o progresso da industria que escolheu e que, com proficiencia desenvolve.

Assim, a "FABRICA DE PREGOS DE M. E. MARVIN", além do systema de *bonus* aos seus operarios, instituiu um completo serviço medico gratuito para os mesmos e extensivo ás suas familias, e outros auxilios materiaes e moraes que muito os confortam, compensando-lhes, por esse modo o trabalho e incitando-os á melhor actividade.

Temos a considerar ainda, a installação e a organisação da Fabrica que pode ser considerada como modelo, si levarmos em conta a magnifica disposição das machinas e as excellentes condições hygienicas da casa fartamente arejada e illuminada por luz natural, permittindo, assim, o mais completo bem estar aos seus auxiliares e operarios.

Todos esses requisitos muito contribuem para a consecução do fim almejado ou seja a bôa e perfeita fabricação dos seus productos que, é innegavel, são de primeira qualidade, razão pela qual, muito conhecidos e de dominio completo não só em nossa praça como nos demais do Brasil.

A direcção telegraphica da Fabrica, é — MARVIN — Rio de Janeiro. Usa os codigos "General Telegraph Code", "Bently's" e "Ribeiro".

Os seus banqueiros são: American Foreign Banking Corporation e The National City Bank of New-York.

A casa matriz é em Chicago, tem succursaes em New-York e nas principaes cidades

Os seus banqueiros são: American Foreign e filiaes na Bahia, Porto Alegre, Rio Grande, Juiz de Fóra, São Paulo e Pernambuco.

"ESTADO·DE·S. PAULO · SANTOS · GUARUJÁ"

GRANDE·HOTEL·DE·LA·PLAGE

Guarujá

HOTEL E ESCRIPTORIO

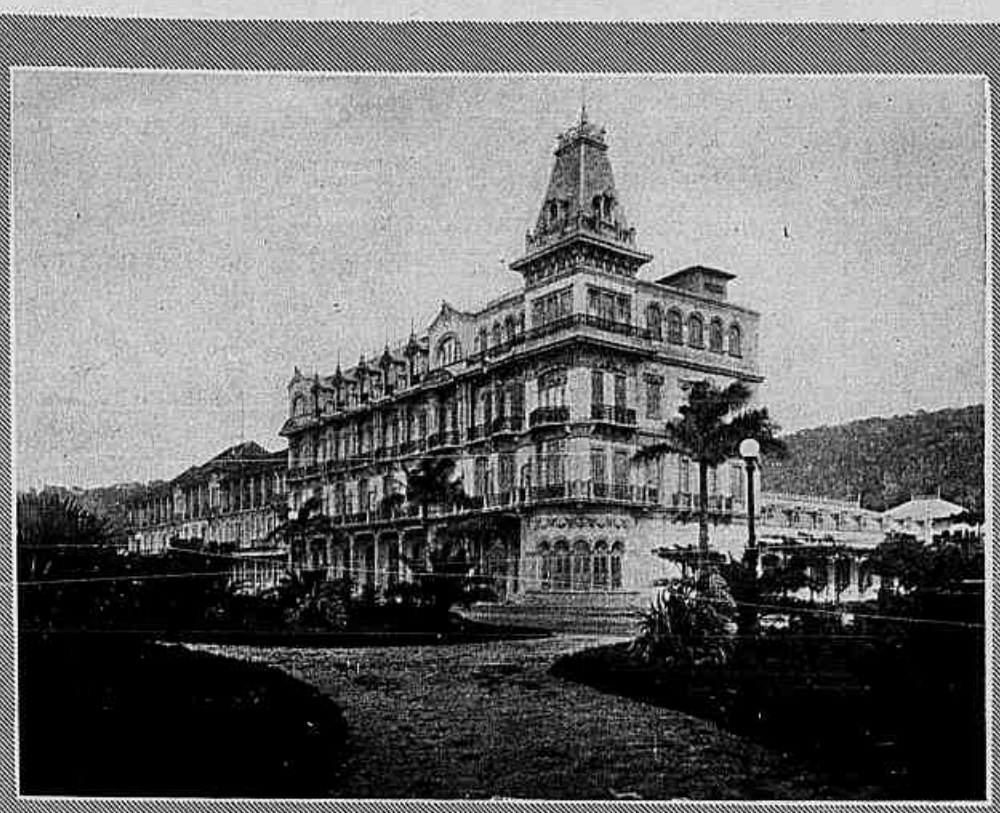
Telephone n. 1

——::——

Escriptorio da Companhia

Guarujá

Telephone n.° 7



Santos

PONTÃO DAS BARCAS

Telephone n. 1457

——::——

Agencia na Estação da
——— Ingleza ———

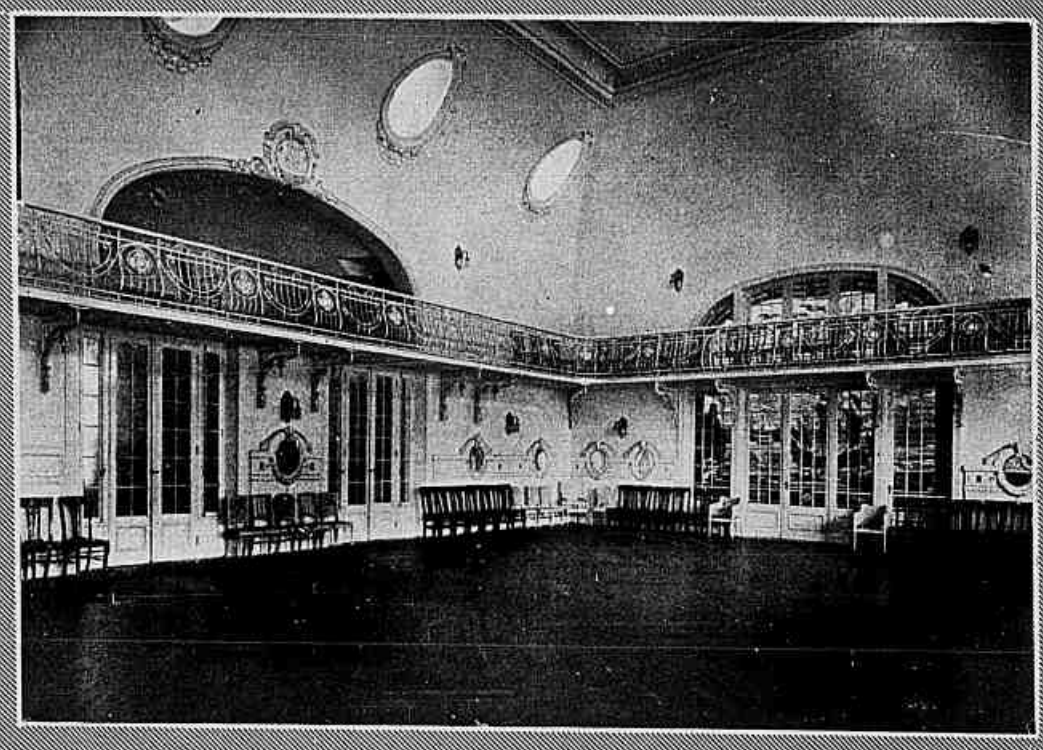
Telephone n.° 1089

——::——

CAIXA POSTAL C. G.



SALÃO DE REFEIÇÕES



SALÃO DE FESTAS

FACHADA DO HOTEL

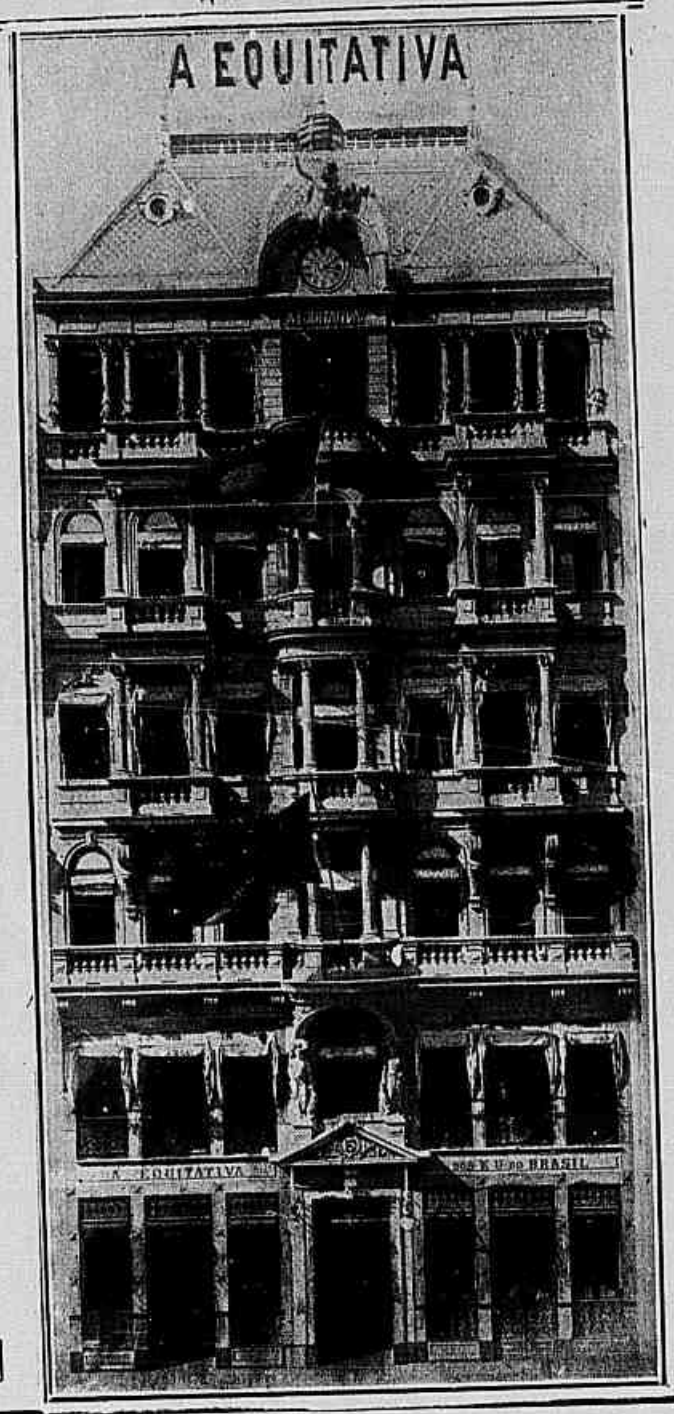
Guarujá

A PEROLA DAS PRAIAS DA AMERICA DO SUL, EM COMMUNICAÇÃO COM SANTOS, POR MEIO DE BARCAS A VAPOR E TRENS DE HORA EM HORA, HAVENDO TAMBEM UM SÓLIDO FERRY-BOAT NA PONTA DA PRAIA, EM SANTOS, PARA TRAVESSIA DE AUTOMO-

——— VEIS COM PASSAGEIROS ———

O GRANDE HOTEL DE LA PLAGE ACHA-SE SITUADO NO PRINCIPAL PONTO DA PRAIA DO GUARUJÁ, POSSUINDO SUMPTUOSOS APOSENTOS PARA OS SRS. HOSPEDES, E TENDO ANNEXO UM ESPAÇOSO CASINO, ASSIM COMO PARQUES DE RECREIO, JARDIM ZOOLOGICO E MAIS PONTOS DE DIVERSÕES EXIGIDOS EM UMA PERFEITA ESTAÇÃO BALNEARIA

"A Equitativa"



Das companhias brasileiras de seguros de vida, "A Equitativa" dos Estados Unidos do Brasil é, inquestionavelmente, uma das mais importantes e a mais popular.

Fundada em junho de 1896 pelo sr. Carlos Pereira Leal, ex-gerente da "Equitable Life Assurance Society" que deixou de funccionar no Brasil devido a uma resolução legislativa, e pelo dr. Azevedo Sodré, seu companheiro na "Equitable", foi a nova empresa apoiada pela Companhia Internacional de Commercio e Industria.

Pelo longo espaço de 26 annos occupou o sr. Pereira Leal o cargo de director-secretario da "A Equitativa", cargo em que sempre revelou o seu profundo conhecimento do ramo de negocio. Foi elle o fundador das agencias da possante empresa, em Portugal e na Hespanha, patenteando nessa commissão, ainda uma vez, as suas altas qualidades de intelligencia e a sua longa visão dos negocios. E' conhecidissimo e goza de justo conceito "A Equitativa". Os seus sorteios dispertam grande interesse em todas as classes sociaes. Até a presente data, foram sorteados 1.787 apolices no valor de 7.596:590$000 importancia paga em dinheiro, continuando as mesmas apolices em vigor.

As suas apolices offerecem mais vantagens que as da Divida Publica, porque constituem um capital fixo. São pagas directamente aos beneficiarios ou herdeiros, na falta dos segurados. Entram em sorteio 4 vezes annualmente. Mesmo depois de fallecido o segurado, sua apolice entra em tantos sorteios quantos comprehende o praso da vigencia da mesma.

Durante o periodo social de 1º de julho de 1920 a 30 de junho de 1921, a quantia com que a Sociedade beneficiou as viuvas, orphãos e os successores dos segurados, elevou-se a 1.021:976$700, tendo pago aos segurados que liquidaram em vida seus contractos e aos que foram sorteados, no mesmo periodo, a importancia de 2.473:633$840.

Ainda nesse periodo a Sociedade teve uma receita global de 9.890:003$456, que superou a do exercicio anterior em 1.315:386$239. Desde a sua fundação, esta importante e acreditada companhia, tem pago aos seus segurados a apreciavel somma de 39.656:926$837.

Bastam essas eloquentes cifras para demonstrar a situação invejavel de prosperidade em que se encontra "A Equitativa" que, por essa razão, alcançou a preferencia e a popularidade que desfructa.

Casa Allemã
FUNDADA EM 1883

Schädlich & Co.

SÃO PAULO
Endereço Telegraphico CASALLA
CAIXA POSTAL, 177

RIO DE JANEIRO
RUA CARIOCA, 27-29
SANTOS
CAMPINAS
JAHÚ
RIBEIRÃO PRETO

PIANOS
RONISCH
AUTO-PIANOS
SCHUMANN
AS DUAS MARCAS MUNDIAES

Murino Irmãos & Cia.

Casa Autopiano
Unicos Representantes

RUA DIREITA N. 10—Esquina
SÃO PAULO

Sociedade Anonyma
Fabrica Votorantim



Fabrica de Cimento **"Rodovalho"**
(Em Rodovalho)

Fabrica de Tecidos **"Votorantim"**
(Em Votorantim)

Cayeiras **"Itupararanga"**
(Em Itupararanga)

Fiação, Tecelagem, Alvejaria,

:: Tinturaria e Estamparia ::

Producção de Algodões,
Chitas, Morins e Brins.

Zephirs e Lenços
Flanellas etc.

Telephone Central 5727

Caixa Postal 127

End. Telegr. **"Niciopa"**
Codigos:
A. B. C. 5.ª Edição, Ribeiro

ESTA REVISTA

E' IMPRESSA
EM PAPEL
DA

AMERICAN PAPER EXPORTS, INC.

NEW YORK, U. S. A.

174 Fabricas

Producção diaria 9.000 toneladas

HAMMERMILL
BOND

Unicos Representantes para o Brasil

PAUL H. WILDE

RIO DE JANEIRO

9, Avenida Rio Branco, 9

3.° Andar - Sala 338

Telephone Norte, 3709



PHOTOGRAPHIA DA FACHADA

DIRECTORIA

DR. ANTONIO DE PADUA SALLES

PRESIDENTE

DR. CARLOS A. PEREIRA GUIMARÃES

VICE-PRESIDENTE

NUMA DE OLIVEIRA — ANTONIO PALMIERI

DIRECTORES-GERENTES

CRESO DE MIRANDA — ALFRED SPEERS

SUB-GERENTES

BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SÃO PAULO

CAPITAL REALISADO

Rs. 20.000:000$000

—[x]—

FUNDO DE RESERVA

Rs. 23.436:976$521

—[x]—

MATRIZ EM S. PAULO

Rua 15 de Novembro, 47

End. Telegraphico

"INDUSCOMIO"

—[x]—

FILIAES:

SANTOS

CAMPINAS

RIBEIRÃO PRETO

—BAURÚ—

SÃO CARLOS



BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO, VISTA INTERIOR

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

FERRAGENS, TINTAS, OLEOS, ETC.

ENDEREÇO TELEGRAPHICO "VIVAZ"
CODIGOS: RIBEIRO E BORGES
CAIXA POSTAL, 1666

TELEPHONES { ESCRIPTORIO N. 5068
ARMAZEM N. 2998 ::

Companhia Mercantil Brasileira

FERRAGENS FINAS, METAES, CUTELARIA

DEPOSITOS: ••••••••••••••••
RUA COMM. LEONARDO N. 17
RUA SANTO CHRISTO N. 87 ••

RUA SÃO BENTO N.os 14 e 16
RIO DE JANEIRO ••••••••••••

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

PARA O ESTOMAGO

Conservam a saúde prolongam a vida

O remedio natural, logico, ideal, para tratar e curar os males relacionados com a digestão, que a impedem ou a perturbam. Curam as colicas, as febres gastricas, o catarrho no estomago, os vomitos, a enxaqueca, as ardencias e palpitação excessiva no coração, inappetencia, insomnia, nervosidade, debilidade; emfim, curam a indigestão ou dyspepsia em todas e quaesquer fórmas e manifestações.

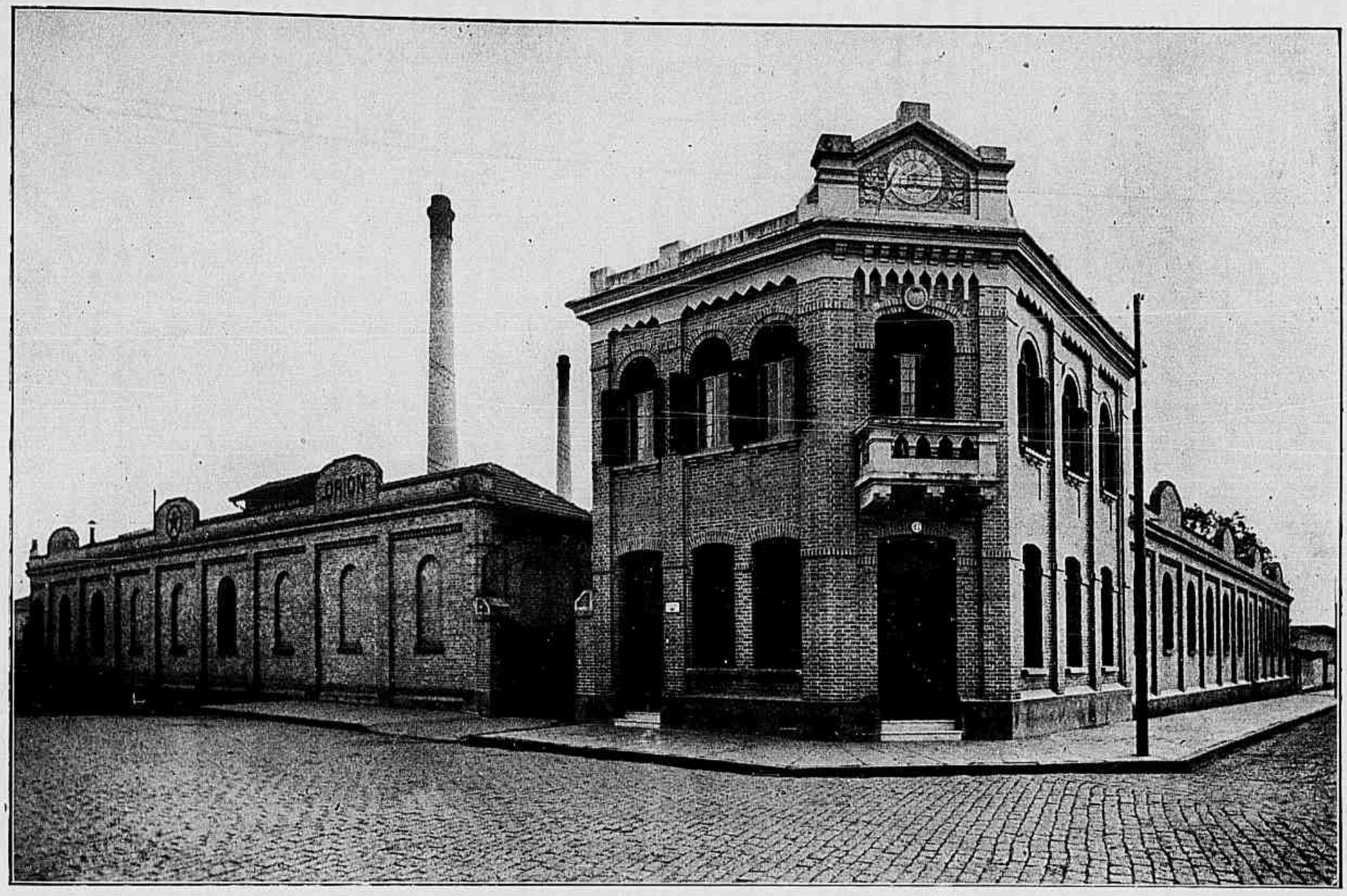
Duas depois de cada comida

Os Laxoconfeitos do Dr. Richards são o laxativo exacto que o systema necessita para curar as hemorrhoides causadas pela prisão de ventre descuidada e teimosa, e sobretudo, a prisão de ventre mesma, sem todavia perturbar, irritar, nem siquer debilitar no minimo o systema.

713 C.

"ORION"
J. Kriesbach & Cia
MARCA REGISTRADA
RUA JOAQUIM CARLOS, 83 BRAZ
S. PAULO

CAIXA POSTAL - BRAZ 50
— TELEPHONE BRAZ - 77
ENDER. TELEG. "ORION"
CODIGOS:
A. B. C. 5.A EDITION - RIBEIRO



FABRICA "ORION"

FUNDADA EM 1898

DE PENTES - BOTÕES - ADUBOS
PARA A LAVOURA ETC.

RUA JOAQUIM CARLOS, 83 (BRAZ) @ S. PAULO

FILIAL EM PELOTAS - Praça da Constituição, 82
RIO GRANDE DO SUL



AO EMPORIO TOSCANO

F.LLI BERTOLUCCI & C.IA LTDA.

CAIXA POSTAL 608
SÃO PAULO

FUNDADA EM 1889

RUA GENERAL CARNEIRO, 87 89

TELEPHONE CENTRAL 1166
SÃO PAULO

Secção de Roupas feitas para Homens

Variado sortimento em typos e cores, promptos nas medidas do n. 44 a 52

ALFAIATARIA DE 1.ª ORDEM PARA HOMENS
Grande sortimento de Cobertores de lã e de algodão

Especialidade em enxovaes para casamentos
:: Bellissimo sortimento de Acolchoados ::
Rico sortimento em vestidinhos para meninos

CHAPELARIA

CHAPEUS DE FELTRO E DE PALHA
ULTIMOS MODELOS
PREÇOS CONVENIENTISSIMOS

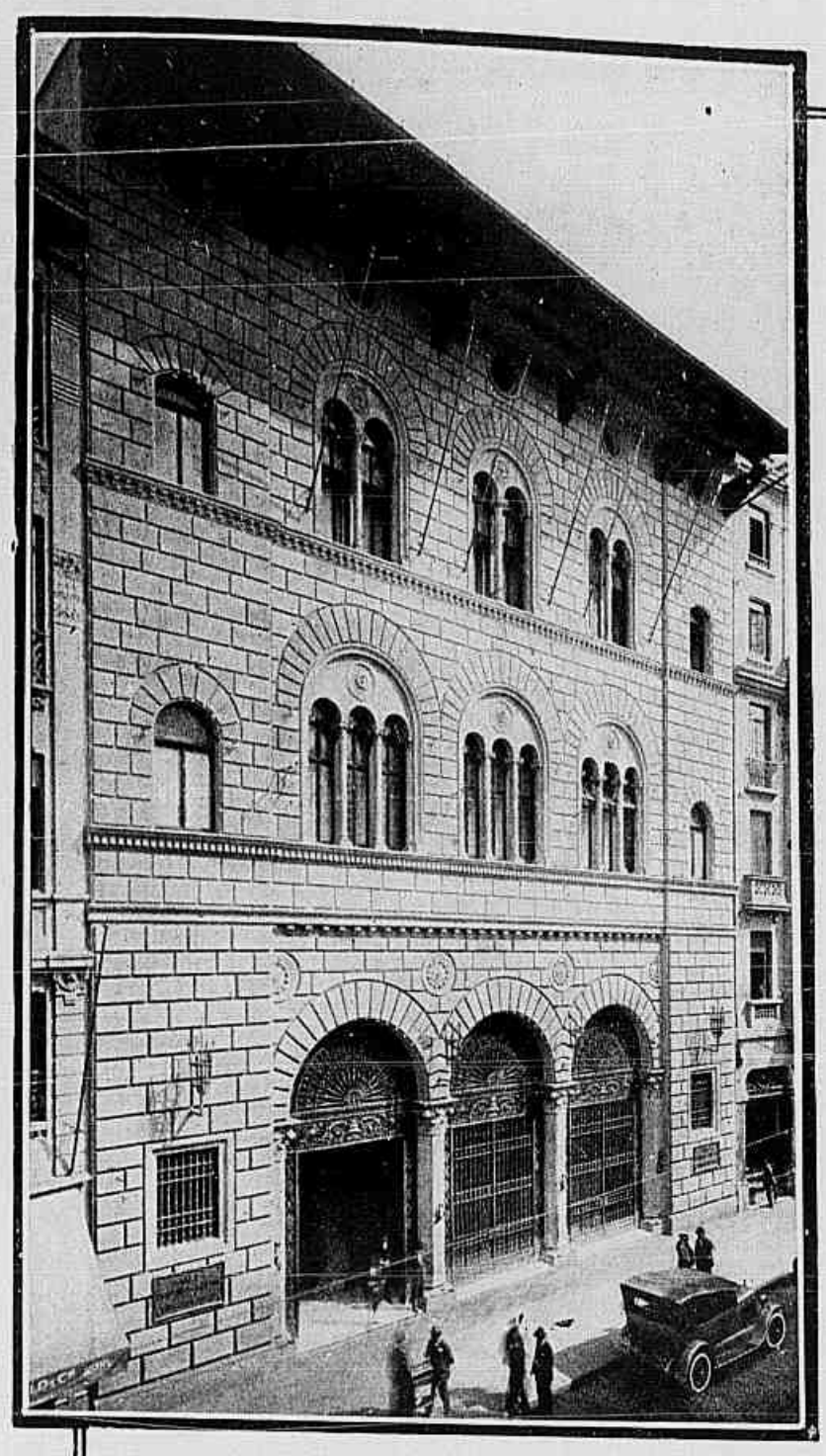
CAMISARIA

GRANDE SORTIMENTO DE CAMISAS PARA HOMENS, COLLARINHOS, GRAVATAS, SUSPENSORIOS, LIGAS, MEIAS, ETC.

SAPATARIA

Calçados "LASTING"

Especial fabricação da casa — O mais barato e o mais duravel



FACHADA DO EDIFICIO

BANCA
FRANCESE E ITALIANA
PER L'AMERICA DEL SUD

SOCIEDADE ANONYMA

Capital Frs. 50.000.000 — Fundo de reserva Frs. 31.000.000,00

DEPOSITOS (Filiaes no Brasil) Rs. 200.000:000$000

SÉDE CENTRAL: PARIS (12—Rue Halévy—12)



SALÃO DO PUBLICO

ARGENTINA: BUENOS AYRES — ROSARIO DE SANTA FE'.
CHILE: VALPARAIZO.
BRASIL: *Araraquara — Barretos — Botucatú — Caxias* — CURITYBA — *Espirito Santo do Pinhal — Jahú — Mocóca — Paranaguá — Ponta Grossa* — PORTO ALEGRE — RECIFE — *Ribeirão Preto* — RIO DE JANEIRO — RIO GRANDE — SANTOS — *São Carlos — São José do Rio Pardo* — SÃO PAULO — *Albuquerque Lins — Bebedouro — Chavantes — Monte Azul — Ourinhos — São Manoel — São Matheus.*

REPRESENTANTES DOS SEGUINTES INSTITUTOS BANCARIOS:

BANCA COMMERCIALE ITALIANA — *Milão.*
LONDON JOINT CITY & MIDLAND BANK LD. — *Londres.*
SOCIETÉ GÉNÉRALE POUR FAVORISER, ETC. — *Paris.*
BANQUE DE PARIS ET PAYS BAS — *Paris.*

Correspondente official do R. Thesouro Italiano e Thesouro Francez

Operações do Banco

CONTAS CORRENTES DISPONIVEIS E A PRAZO, EM MOEDA NACIONAL E ESTRANGEIRA — LETRAS POR DINHEIRO A PREMIO — DESCONTO E COBRANÇA DE TITULOS — SAQUES S|O ESTRANGEIRO — REMESSAS TELEGRAPHICAS — CARTAS DE CREDITO S|O ESTRANGEIRO — ADMINISTRAÇÃO; COMPRA E VENDA DE TITULOS — CAIXA DE SEGURANÇA PARA GUARDA DE JOIAS, DOCUMENTOS, OBJECTOS PRECIOSOS, ETC.

END. TELEGRAPHICO: ARGENTINA, CHILE, BRASIL: Sudameris — Francital

Rio de Janeiro

Rua da Alfandega, 47

Caixa Postal 1211



CAIXAS DE SEGURANÇA

S. Paulo

R. 15 de Novembro, 31

Caixa Postal 501



Comp. Grande Manufactura de Fumos e Cigarros „Castellões"

SUCCESSORA DE GONÇALVES & GUIMARÃES

CASA FUNDADA EM 1894

Escriptorio Central: Rua João Briccola N. 23 — S. Paulo

Fabricas:

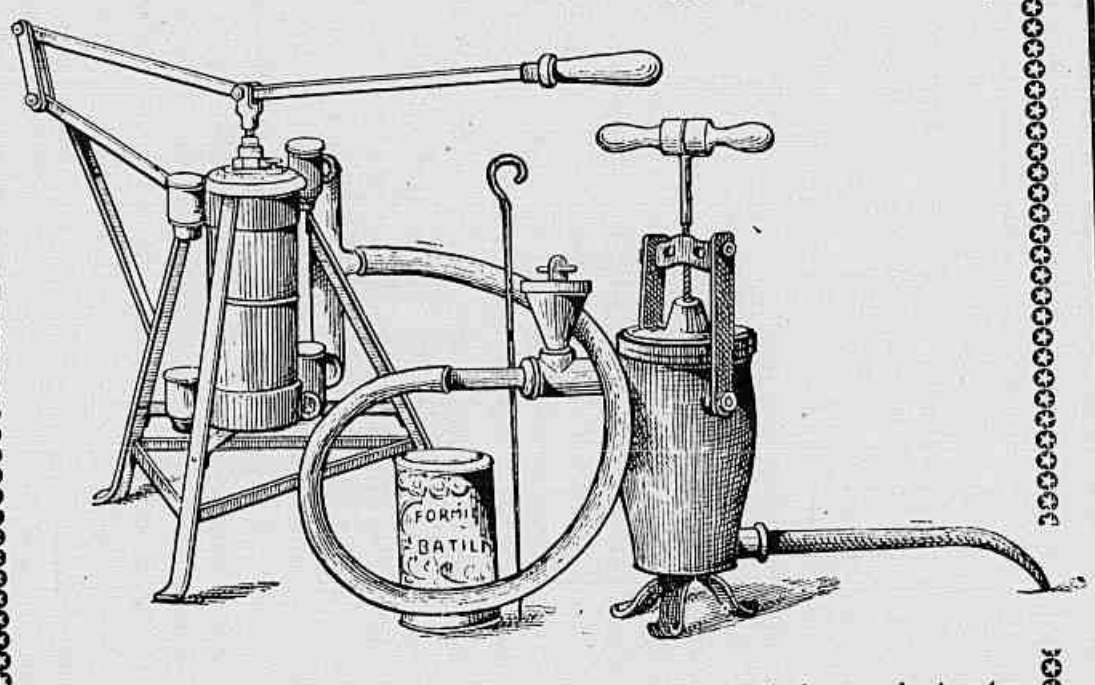
Ruas da Alegria N. 18-20 e Visconde do Parnahyba N. 205 a 213

Fabricante e proprietaria das afamadas marcas de CIGARROS:

"Castellões" - "Olga" - "37" - "Club" - "Goal" - "Luiz XV" e outras

Possue os melhores machinismos montados em predios proprios e construidos especialmente para este ramo de Industria.

Contra as Saúvas



A terrivel praga que é a saúva, tem desafiado successivamente dezenas de inventos para combatel-a e onde não entram os apparelhos e ingredientes BATAILLARD, pode-se dizer que não ha formigueiros extinctos.

Os apparelhos BATAILLARD, já premiados em diversas exposições e recommendados pelos departamentos agricolas de Minas e S. Paulo, - constituem, de facto, o que de melhor se inventou, até aqui, para combater o maior inimigo da lavoura. O pequeno capital empregado nos apparelhos BATAILLARD representará, em pouco tempo, quantias duplicadas que irão ter nos bolsos dos lavradores. Porque, livre da saúva, não ha cultura que não dê.

Os apparelhos BATAILLARD existem ha muitos annos, e a sua reputação não é feita á custa de reclame — *mas sim á custa de matar formigas de verdade. — São apparelhos simples e praticos.*

Escriptorio central em S. PAULO. Parque Anhangabahú n. 5 — Caixa Postal 521 — Telephone Central 1646.

AGENTES: Em Bello Horizonte, Sr. Lauro Gomes Vidal, Caixa 33 — Cidade de Olympia, Sr. Manoel Zanin — Rio de Janeiro, Casa Hortulania, Rua do Ouvidor, 77.

Companhia dos Armazens Geraes dos Estados de Minas e Rio

A' Avenida Rio Branco, 9 — 2º andar, acha-se installada essa importante e conceituada Companhia que se destina ao armazenamento de café, assucar e mais mercadorias.

O seu systema de armazenagem, é feito:

1º — Com deposito simples.

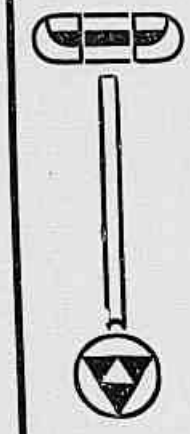
2º — Com emissão dos titulos representativos da mercadoria **"Warrants"**..

Além disso, a Companhia é especialista em **Machinas para rebeneficiamento** de café..

Usa o endereço telegraphico — **Armageral** — e tem Caixa Postal, 1557.

A Companhia dos Armazens Geraes já é bastante conhecida em nossa praça e tem se feito credôra da estima geral, não só pelo criterio e recta conducta dos seus dignos Directores, como pelos reaes serviços que presta ao nosso commercio.

Ferreira Irmão & C.ª L.da



São socios componentes dessa firma, os srs. Manoel Ferreira da Costa e Souza Irmão, Arlindo Ferreira Cardoso de Souza e Oswaldo Crespo Pereira de Souza.

Dedicam-se a Commissões, consignações e conta propria, para cujas operações dispõem do capital de 350:000$000.

A casa foi fundada ha mais de 60 annos, funcciona á rua 1º de Março, 4, e explora o negocio de **fructas, conservas** e **artigos de frigorifico.**

Surte-se nas praças da Europa, America do Norte e do Sul e Africa, e vendem n'esta capital e nos Estados.

A direcção telegraphica é — **Fructagel** — e os codigos usados, são: A. B. C., Ribeiro e Bentley's.

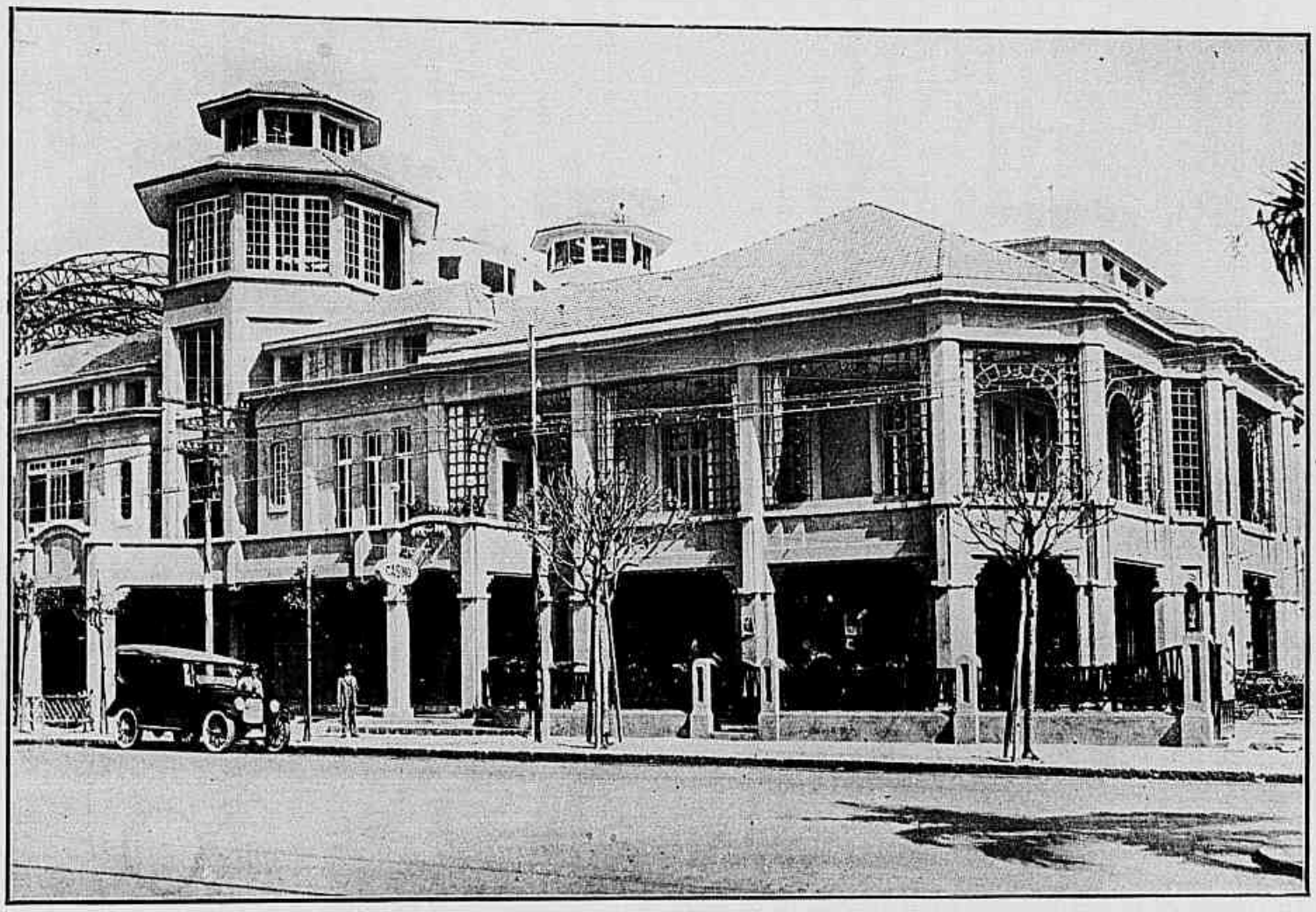
A casa está em magnificas condições, mercê do criterio e bôa orientação dos seus dignos dirigentes.

Theatro Casino Parque Balneario

V. Fernandes & Cia.

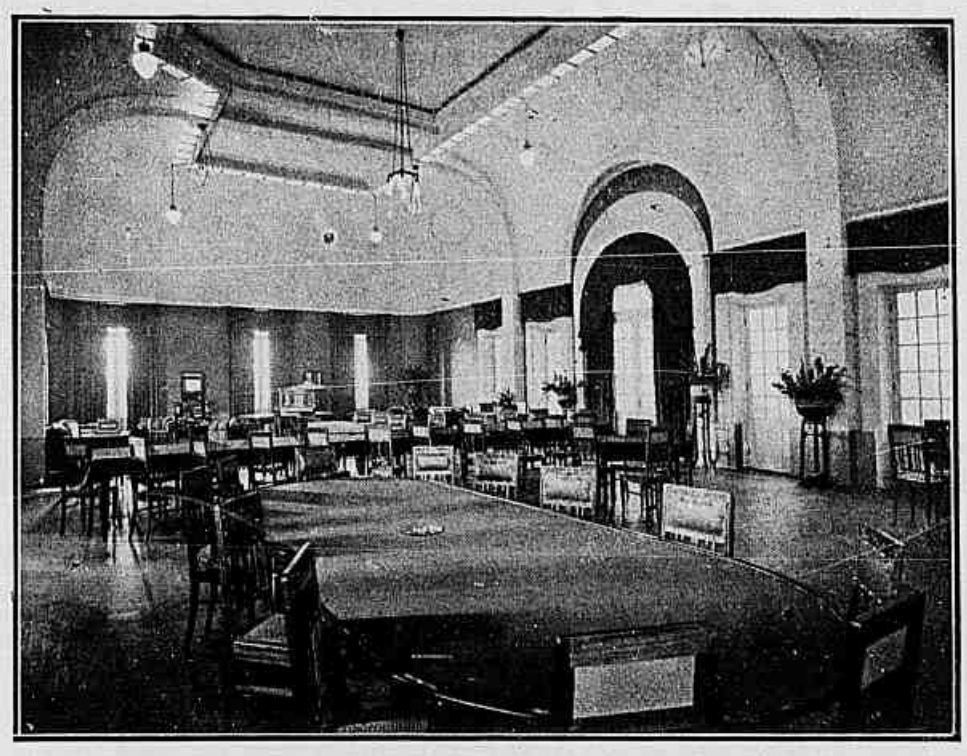
Avenida Anna Costa (Gonzaga) ℗ *Telephone 1625*

SANTOS



Fachada do Theatro Casino





Vistas do salão principal do Theatro Casino

O THEATRO CASINO PARQUE BALNEARIO acha-se installado no confortavel edificio recentemente construido na Avenida Anna Costa (Gonzaga) em frente ao HOTEL PARQUE BALNEARIO, onde os Snrs. frequentadores encontrarão uma sala de leitura de Revistas e jornaes Nacionaes e Extrangeiros, e optimo serviço de "buffet", durante o qual são executados Concertos, por uma excellente orchestra.

HENRIQUE & C.

A 6 de Abril de 1910, os srs. Henrique & Cia., habilissimos e acatados constructores especialistas em cimento armado, inauguraram, á rua Humaytá, 72, a fabrica de artigos em cimento armado, cujos principaes e muito recommendaveis, são: Fossas privilegiadas "Septicas e Biologicas Leblon" — "Fossas Liquifactoras" (privilegiadas e approvadas pela Directoria Geral da Saude Publica) — Manilhas de todos os diametros, até 1,00 — Caixas d'agua — Balaustres — Marcos kilometricos. Os srs. Henrique & Cia., com escriptorio no Rio de Janeiro, á rua 1.º de Março, 43, sobr. — Tel. 65 Norte, e usam o endereço telegraphico — **Enrico** — são fornecedores da Prefeitura Municipal do Districto Federal, e do Ministerio da Guerra, de Estradas de Ferro, de Camaras Municipaes, etc. Já installaram mais de 5.000 fossas em diversos Estados e nos suburbios do Districto Federal, destacando-se as installações feitas no Hospital Paula Candido, nos Quarteis da 1ª Companhia Ferro Viaria e 2.º Regimento de Artilharia, na Colonia de Vargem Alegre, e nas Estações da Estrada de Ferro Central do Brasil.



UMA VISTA DA FABRICA — Escriptorio e moradia de operarios á rua Humaytá N. 72

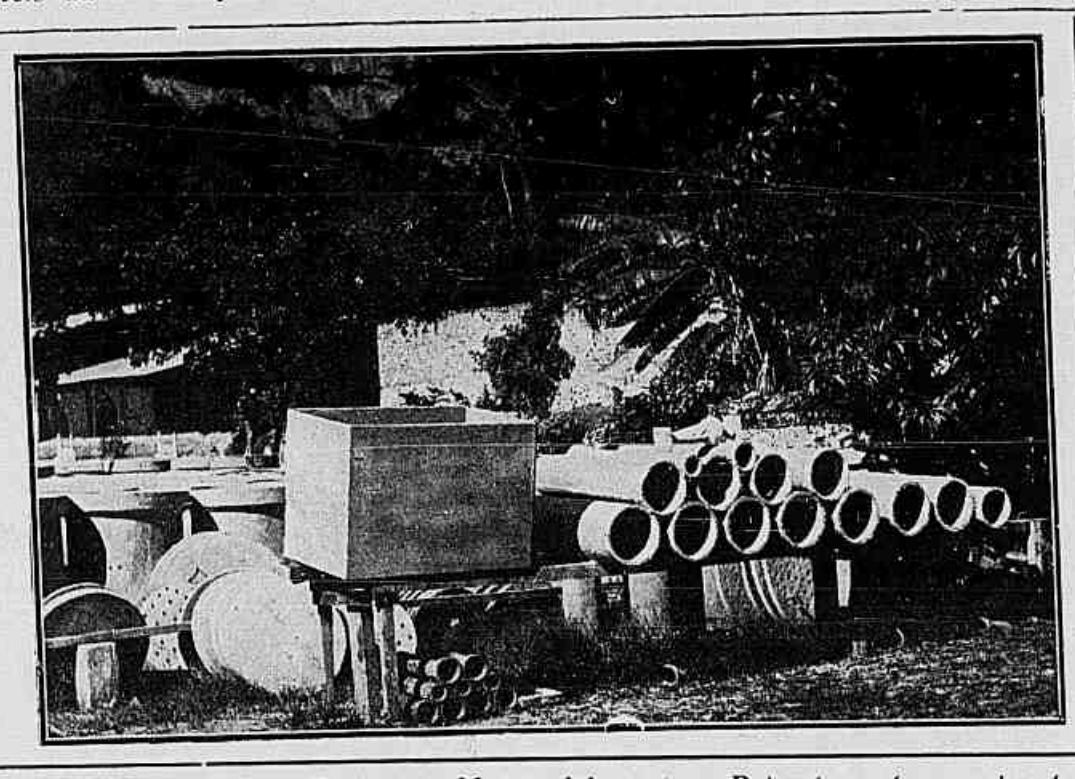
Depois de estudos feitos, principalmente na Inglaterra, o tratamento Biologico ou Bacteriologico das aguas de esgotos, foi acceito universalmente, como aquelle que mais efficazmente realisa o objectivo hygienico, qual o de tornar inoffensivo e innocuo o producto do esgoto.

Nas cidades onde não ha esgotos, onde todo o individuo é forçado a dar um destino ás materias fecaes de sua casa, só póde resolver o problema, com o uso da fossa hygienica. O estudo continuado das fossas, veio demonsttrar que era necessario inventar um apparelho pratico, solido e de facil comprehensão para que o povo podesse approveitar os beneficios de tão importante auxiliar da hygiene domestica. Foi com esse intuito que os srs. Henrique & Cia. construiram, sob a direcção scientifica da Directoria Geral da Saúde Publica, a fossa sanitaria que denominaram **Fossa Biologica Amovivel Leblon.**

E' um apparelho da maior solidez, todo de cimento armado, com excepção do chuveiro e do syphão. Compõe-se de tres tanques cylindricos que se communicam. Os dois primeiros, chamados tanques scepticos, recebem todo o liquido dos esgotos sendo ahi, pela acção dos microbios anacrobios (os que vivem sem estar em contacto com o ar) a materia solida dissolvida, ficando em suspensão no liquido, depois de uma demora necessaria nesses tanques.

Perfeitamente regulado pelas descargas do syphão o liquido passa para o terceiro tanque, o de filtração, onde os microbios acrobios (os que vivem em contacto com o ar) transformam a materia organica em materia mineral, tornando, portanto, esta materia perfeitamente innócua.

O chuveiro é destinado a distribuir melhor o liquido sobre o filtro. O filtro, composto de escorias de fornalhas, é supportado por uma grelha de cimento armado.



Caixas d'agua, Boeiros, Fossas Sanitarias, Marcos kilometricos, Balaustres, etc. em cimento armado.

A installação é facil, devendo haver o cuidado de bem nivelar o syphão, afim de que elle funccione regularmente.

O tanque filtrante deve ser assente, quando em terrenos arenosos ou permeaveis sobre um muro de pedra secca, para que o liquido possa se sumir. Quando duros e impermeaveis os terrenos o liquido será canalisado para um rio, ou valla, proximos.

Essas fossas são fabricadas de diversos tamanhos, para servir a maior ou menor numero de pessoas, e para grandes estabelecimentos são installladas baterias.

Na fabrica á rua Humaytá, 72, ha um apparelho em funccionamento, onde não só os interessados poderão vel-o, como tambem proceder a exames technicos sob o ponto de vista de sua efficacia sanitaria. As fossas, boeiros e demais artigos dos srs. Henrique & Cia., são fabricados por processo moderno e aperfeiçoado na technica, e teem dado os mais completos resultados, na pratica.

O movimento da fabrica é notavel e a sua situação é excellente, graças ao criterio, intelligencia e capacidade de trabalho dos srs. Henrique & Cia.

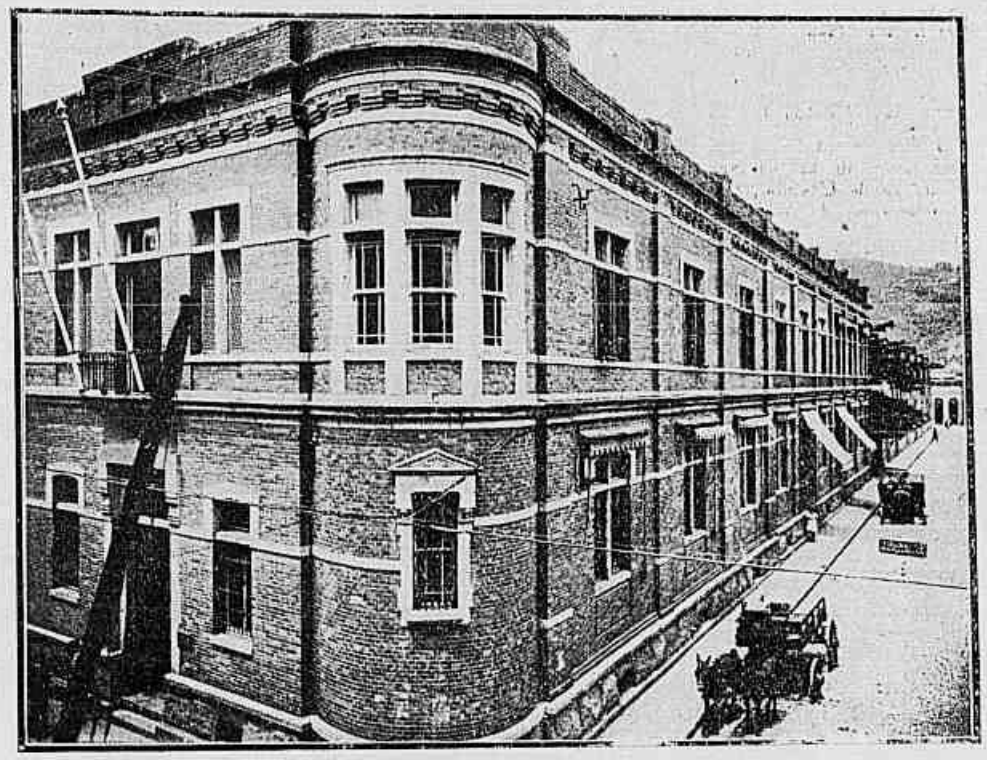
Brazilian Warrant Company Limited

Capital autorisado £ 2.000.000 -- Capital integralisado £ 1.500.000

Matriz: 20, King William Street - LONDON, E. C. 4

Filiaes:
SANTOS . . . . *Rua do Commercio, 71 - Telephone 121|2*
RIO DE JANEIRO . *Avenida Rio Branco, 9 - — 5992*
SÃO PAULO . . . *Rua de São Bento, 54 - — 433|4*

Adeantamentos sobre Café, Assucar, Cereaes, etc.



Edificio da Brasilian Warrant & C.



Armazem --- Comp. Paulista

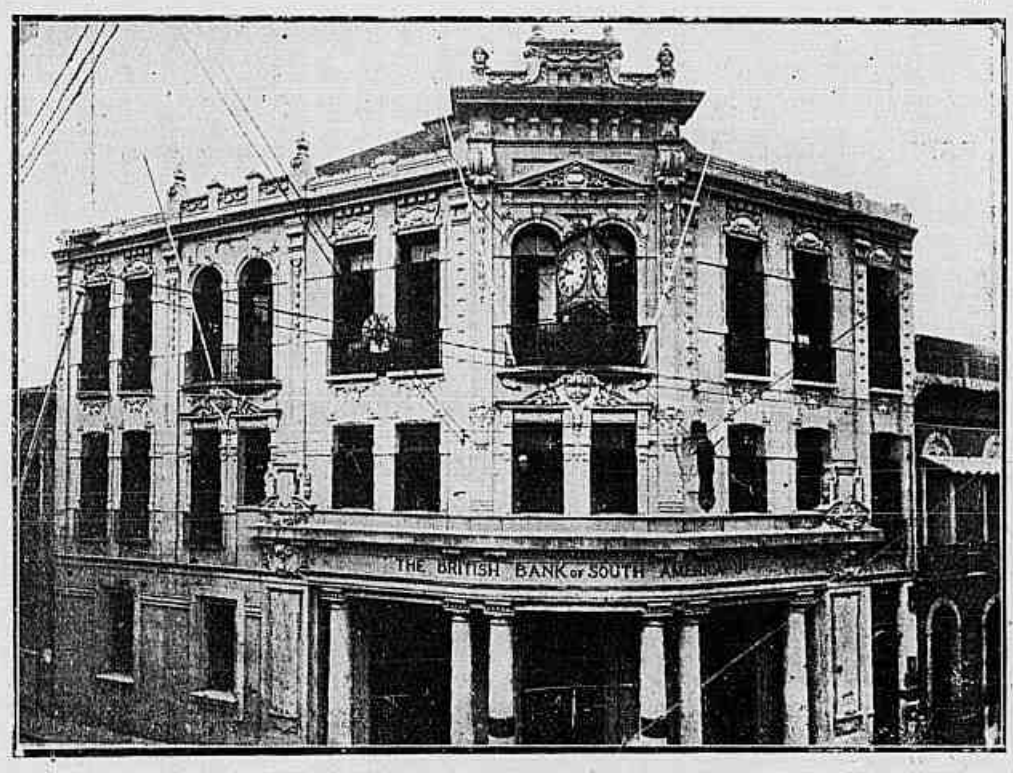
COMPANHIA PAULISTA DE ARMAZENS GERAES

Fundada em 1906 -- CAPITAL Rs. 1.000:000$000

Matriz: Rua do Commercio, 71 - SANTOS - Tel. 121 C.

Filiaes: SÃO PAULO e JAHU

A primeira Companhia de Armazens Geraes fundada no Brasil



Edificio da casa E. Johnston & C.

E. JOHNSTUN & Co. Ltd.

SANTOS - Rua Frei Gaspar, 24 (Sob.) - Telephone 174
RIO de JANEIRO - Avenida Rio Branco, 9

EXPORTADORES DE CAFÉ

Agentes da "Guardian Assurance Company Limited", "Rotterdam - Zuid Amerika Lijn" e "Wilhelmsen Steamship Line".

DRAGÉES BENGUE
AU MENTHOL
Indicações: Pharyngites, Laryngites, Tosse, Anginas, Bronchites.
Compão: Menthol, Borato de Soda, Cocaina.
Modo de Emprego: 8 à 10 Grageas por Dia.
Dr BENGUÉ-PARIS
47, Rue Blanche

Dr. Bengue, 47, Rue Blanche, Paris.
BAUME BENGUÉ
RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS
Venda em todas as Pharmacias

União Beneficente dos Militares
FUNDADA EM 1910

Presidente: Dr. Mario de Albuquerque Lima, Capitão de Fragata, Engenheiro Civil e Lente Cathedratico da Escola Naval.
Secretario: Sebastião Guillobel, Contra Almirante.
Thezoureiro: Dr. Alvaro Rohe, Engenheiro Civil.

— CONSELHO FISCAL —

Dr. Luiz da França Marques de Faria, Capitão de Fragata, Lente da Escola Naval.
Sr. Luiz Claudio de Castilho, Capitão Tenente.
Sr. Antonio de Azevedo Maia.

RUA BUENOS AIRES, 58, em edificio construido especialmente para a séde social

— TELEPHONES: —

PRESIDENTE: Norte 5675 - SECRETARIA: Norte 6116 - THESOURARIA: Norte 6115

EXPEDIENTE: 11 ás 16 horas

Emprestimos aos socios effectivos, com garantia de consignação em folha de pagamento

Recebe dos socios (de qualquer categoria) depositos em conta corrente, com caderneta, a juros de 6 o|o ao anno e a prazo fixo de 12 o|o ao anno.

BILHARES

A MAIOR FABRICA DA AMERICA DO SUL

SEMPRE EM STOCK BILHARES OS MAIS MODERNOS, E EM DIVERSOS ESTYLOS

ESPECIALIDADE EM TACOS DE LUXO

CASA BLOIS DE
SAVERIO BLOIS

RUA DOS GUSMÕES, 49 :-: SÃO PAULO

S. A. Garage Real

Telephones: Central 320 e 1386

Landaulets e Limouzines de Grande Luxo
para Casamentos, Theatros e Baptizados
Carros de força para excursões á Tijuca
Acceitam-se automoveis em estadia, em boxes
Attende-se a qualquer hora da noite

Rua Senador Dantas n. 115
(Proximo ao Theatro Lyrico) — RIO

OS PERIGOS da RUA



Expor a vida por uma causa justa, nobre e grande... vá lá!

Porém expol-a ao ridiculo da humanidade é uma cousa que não tem desculpa.

A pobre moça atravessa essas ruas, impregnadas de perigos, para levar á clientela de sua casa as tranças, cabelleiras, "chinós", que a preguiça e indolencia moderna puzeram em uso, como substituto dos encantos naturaes, inimitaveis, dos quaes deveria fazer uso absoluto.

As mulheres de hoje tratam os cabellos duma maneira indifferente e até desdem.

Conheço algumas que os cortam para, com mais commodidade, pôr postiços.

Mas que *horror!*

Como pretexto de que cahem ou de que os têm desiguaes, mettem-lhe a tesoura com o maior descaramento, para porem em seu lugar fementidas cabelleiras de pellos de defuntos.

E como seria facil ostentar os seus diademas imperiaes proprios, naturaes offerecidos pelo Creador!

Usando o maravilhoso tonico Tricofero de Barry, que é o reconstituinte mais extraordinario do cabello, o que lhe dá brilho e perfume, o que limpa o couro cabelludo, incita-o a crescer e desenvolver-se, mesmo nos craneos mais rebeldes, as mulheres andariam como deusas ostentando a principal, a mais attrahente das suas bellezas.

CIGARROS

Club

Jockey

C.IA SOUSA CRUZ

RIO DE JANEIRO



Encadernação, Typographia, Pautação, Douração, Fabrica de livros em branco - - - - - - - - - -

OFFICINAS E DEPOSITO:
RUA 7 DE ABRIL, 67
TELEPHONE CID. 1768

Casa Espindola
S. PAULO

GUSTAVO OLYNTHO & C.

Importadores de papeis das principaes Fabricas da Europa e da America do Sul

Objectos de Escriptorio e de Phantasia — Papelaria.

LOJA E ESCRIPTORIO:
RUA DIREITA, 14-A
CAIXA, 333 - TEL. CENTRAL 962
S. PAULO

CASA LEITÃO

GRANDES ARMAZENS DE MODAS, ARMARINHO, PERFUMARIAS, CALÇADOS, MOVEIS, ROUPAS, CONFECÇÕES PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Os socios Manoel da Silva Leitão, Fidelcino, Maximiano e Arthur da Silva Leitão, - constituem a firma social -

Leitão Irmãos & C.ia

Endereço Telegraphico, Santarita
Codigos usados, A. B. C. Ribeiro
Telephone Norte 767

LARGO DE SANTA RITA, 2
Rua Visconde de Inhauma
Municipal — Travessa de Santa Rita
Rio de Janeiro



COMP P-ODUCTOS CHIMICOS
"FABRICA BELEM"
S. PAULO — RIO

Hotel Terminus

SÃO PAULO

(Proximo á Estação da Luz)

250 apartamentos com banheiros



Grande Hall - Salões de Festas - Tee Room - American Bar -

Salão de Restaurante para 400 pessoas - Garage para 80 automoveis

- Apparelhos a vapor para desinfecção da roupa e bagagens dos Snrs. hospedes -

Lavanderia e Tinturaria - Frigorifico e Padaria etc.

Telephone em todos os quartos

LAMPADAS BRASILEIRAS

SÃO AS MAIS RESISTENTES E ECONOMICAS



S. PAULO
RIO DE JANEIRO
PORTO ALEGRE
BAHIA
RECIFE

„GENERAL ELECTRIC S. A."

Banco Italo-Belga



No relato que temos feito dos principaes estabelecimentos de credito que operam no Rio de Janeiro, era de justiça não esquecer o Banco Italo-Belga que é, inquestionavelmente, um dos mais activos entre os bancos extrangeiros que funccionam no Brasil.

Sociedade Anonyma, é o Italo-Belga filial da **Societá Generale de Belgique,** e tem o capital inteiramente realizado de Francos .... 50.000.000, e Francos 25.000.000 de reservas.

Sua séde social é em Anvers, 48, Place de Meir (Belgica) com filiaes em Paris, Rue de la Chaussée d'Autin, 62 e Londres, Old Broad Street E. C. 2.

Existem succursaes e agencias nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos e Campinas, Buenos Ayres, Montevidéo, Valparaizo, Santiago, e correspondentes em todas as principaes praças da America do Sul.

A succursal do Rio de Janeiro, está funccionando á rua da Quitanda, 125, installado com o maximo conforto, e onde a sua vasta clientella encontra todas as facilidades para bem ser servida e, sobretudo, a segurança absoluta para a guarda dos seus haveres.

O Banco Italo-Belga é correspondente official, na America do Sul, do **Thezouro Real Italiano** e da **Banque Nationale de Belgique,** e agente, tambem para a America do Sul, do **Credito Italiano**.

Funccionando ha poucos annos em nossa praça, a succursal do Italo-Belga, tem merceido a completa confiança do commercio e da industria a quem tem prestado, desde o seu inicio, os mais relevantes serviços, mercê da incansavel actividade e segura orientação do seu digno gerente, cavalheiro que com sua rectidão e sua perfeita cortezia, soube, não só se impor habilmente, como captar as sympathias da poderosa clientela do importante instituto bancario que dirige.

No Brasil, desde a succursal do Rio de Janeiro, que assumiu consideravel importancia, todas as outras estão em franco desenvolvimento e prosperidade.

O SILVESTRE



O Silvestre é, incontestavelmente, um dos pontos mais pittorescos do Rio de Janeiro. Situado em uma exhuberante floresta, á cerca de 300 metros acima do nivel do mar, delle se descortinam deslumbrantes panoramas da cidade e da nossa formosa Guanabara.

A mais pura e crystalina agua é lá encontrada a correr de uma torneira, para a qual se acha encaminhada directamente da sua nascente, no cume da montanha.

O trajecto para esse recanto do Rio, que tão bem tem impressionado aos forasteiros, é feito em bonds electricos da Companhia Ferro Carril Carioca, que tem a sua estação inicial no Largo da Carioca.

O preço da passagem é de 1$000, ida e volta e o intervallo das viagens é de 15 minutos nos domingos, feriados e santificados, sendo de meia hora nos dias uteis.

Pouco depois da partida, o bonde passa sobre o viaducto dos Arcos, obra antiquissima e tradiccional, que liga os morros de Santo Antonio e Santa Thereza e que foi levantado para servir á canalisação de agua para o chafariz do Largo da Carioca.

Durante todo o percurso, que é de 35 minutos, o passante tem a sua attenção presa aos mais bellos panoramas que se vão succedendo variadissimos, ora de um, ora de outro lado.

Do ponto denominado Lagoinha até chegar o Silvestre, o bonde trafega por uma floresta magestosa e de temperatura amenissima, terminando a linha junto á gare dos trens do Corcovado e bem proximo a um restaurant campestre.

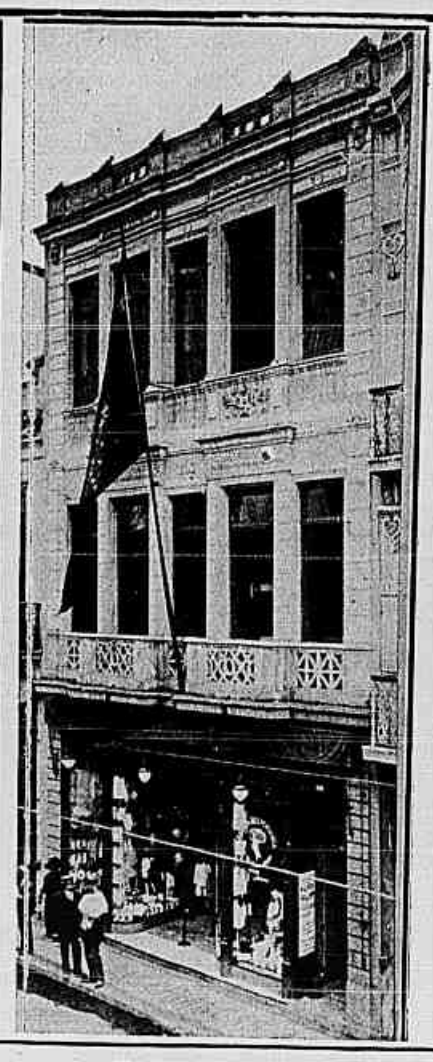
Ir ao Silvestre é conhecer um dos mais attrahentes recantos do Rio de Janeiro

Paraiso das Crianças

GRANDE :: CASA :: DE MODAS INFANTIS ::



Officinas e deposito, vend -se os srs. João e Jorge Paim da Camara



Fachada principal



Aspecto parcial da loja onde estão expostos varios modelos.

Muitos são os estabelecimentos commerciaes que entre nós, fazem grande alarde pela imprensa, das suas especialidades. No emtanto, raro é o que, na realidade, corresponde a essa verdadeira reclame yankee e não é demais confessar que difficilmente se encontra no Rio, casa que se dediquem exclusivamente ao ramo de negocio que delinearam explorar.

Esta observação que parece insignificante á primeira vista, é, entretanto, de grande importancia, pois, o consumidor nunca poderá ser satisfeito completamente, quando desejar adquirir tal ou qual mercadoria. Um estabelecimento de modas e armarinhos poderá cuidar com carinho de uma secção de roupas infantis? Está claro que não.

Assim observando, queremos salientar aqui a orientação que "Ao Paraiso das Crianças", deu o seu fundador e proprietario Sr. Manoel de Sá Couto, hoje socio commanditario do grande estabelecimento de roupas para crianças desde recemnascidos até doze annos.

Fundada em 1890, essa grande casa está hoje sob a direcção dos jovens commerciantes brasileiros João Paim da Camara e Jorge Paim da Camara, que como socios solidarios constituem a firma J. Paim & Cia. — Emprehendedores e intelligentes, os irmãos Paim da Camara conservando a orientação do seu antecessor, ampliaram consideravelmente o seu estabelecimento, podendo-se affirmar ser hoje a unica casa com exclusividade do artigo, tendo um grande stok onde sua clientella sem difficuldades, póde fazer suas acquisições e a preços modicos.

As suas grandes officinas e deposito se acham no pavimento superior do predio á rua 7 de Setembro 134, funccionando no seu vasto armazem, as vendas a varejo .

Ha a secção de exportação para o interior do Brasil a cargo de pessoal competente.

Suas officinas dirigidas por habeis contra-mestres, sendo a de menina dirigida por Senhora e a de menino dirigida por homens, onde se executa lindos modelos, e reproduzidos os que são recebidos de Paris, Londres, Berlim e New-York.

Mantem o "Paraizo das Crianças" um escriptorio em Paris, á rua d'Haute-Ville 34 o que muito concorre para a acquisição de lindos e variados modelos de roupas infantis da grande cidade parisiense — As photographias que illustram estas ligeiras linhas dirão melhor da grandeza do estabelecimento dirigido pelos esforçados commerciantes João e Jorge Paim da Camara.



Entrada principal e duas exposições internas



Uma ala do deposito

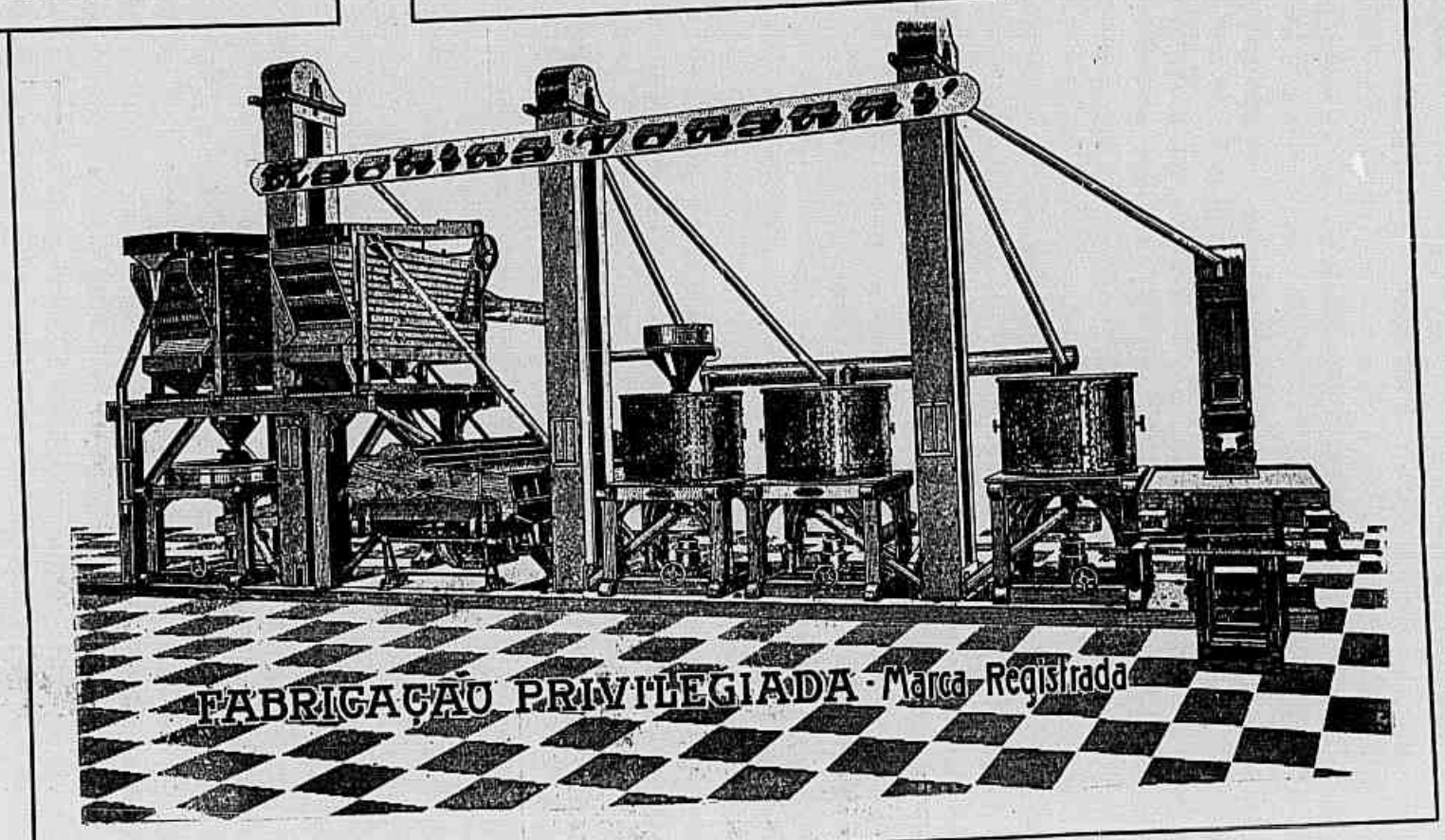
CARLOS TONANNI

CAIXA, 1686

— S. PAULO —

ARROZ

A PEDIDO ENVIA-SE CATALOGOS E ORÇAMENTOS DAS MACHINAS DE BENEFICIAR ARROZ "TONANNI"



Funccionam actualmente espalhados por todo o Brasil mais de 125 engenhos "TONANNI", todos collocados no curto espaço de quatro annos, sem calcular as centenares de peças avulsas, como: *descascadores, separadores de marinheiros, brunidores,* etc., que no mesmo espaço de tempo vendeu-se para ampliar machinas de outros fabricantes.

Construo tres typos de engenhos de feitio como o representado no cliché, ou seja: engenho com 1 *brunidor,* engenho com 2 *brunidores* e engenho com 3 *brunidores* com as capacidades respectivas de 25|35, 50|60 e 80|90 saccos de arroz limpo commercial em dez horas de trabalho continuo.

Grande Hotel Internacional

Praia José Menino :: SANTOS



Este esplendido hotel construido completamente na praia, acha-se em posição unica, com sahida directa para o mar.

Possúe confortaveis quartos bem arejados e com agua corrente, descortinando-se dos mesmos a entrada da barra de Santos.

Salão de refeições esplendidamente situado, com esmerado serviço de Restaurant. Vastos salões, jardins e mais accomodações especiaes para as Exmas. Familias.

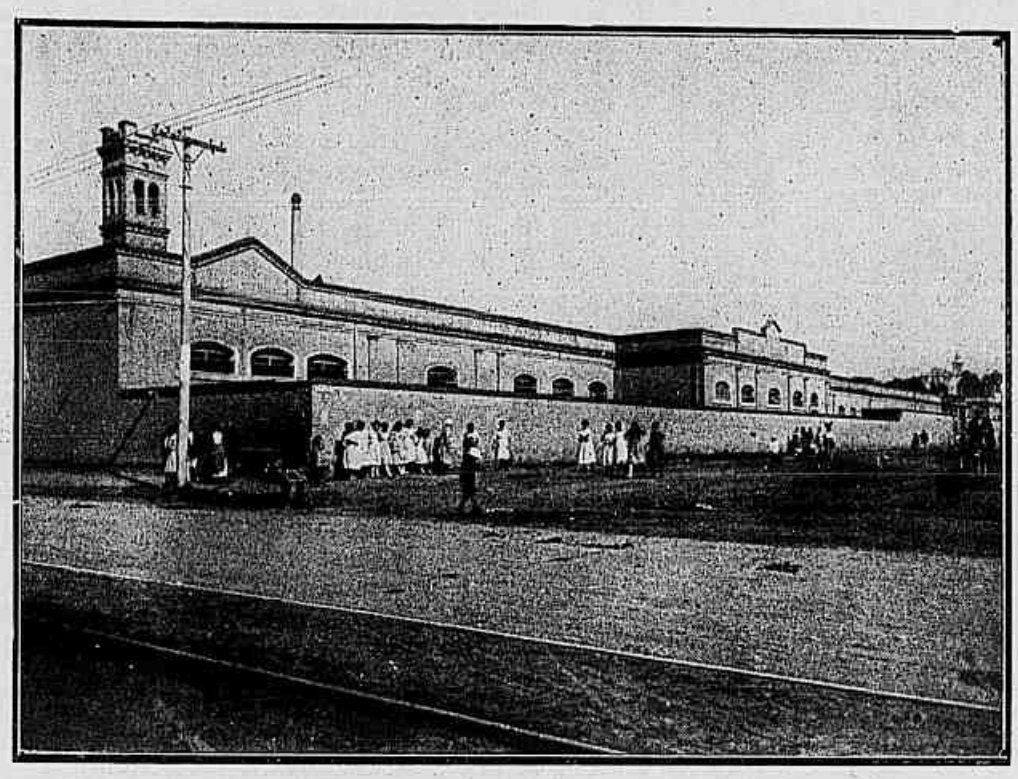
Ponto de estacionamento de bondes á porta, sendo que o bonde de N. 14 faz exclusivamente o serviço de passageiros entre o Hotel Internacional e a estação da São Paulo Railway Company e vice-versa.

MARTINI & BRUNO

Avenida Presidente Wilson n. 195 — Telephone, 1040

Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga

"JAFET"

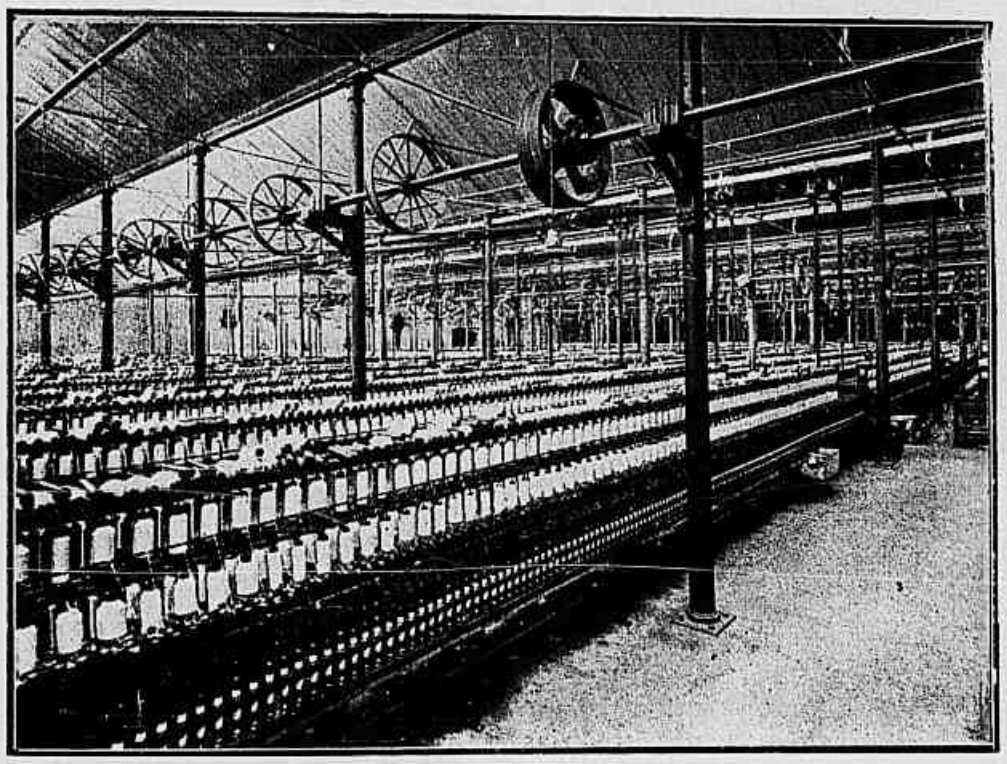


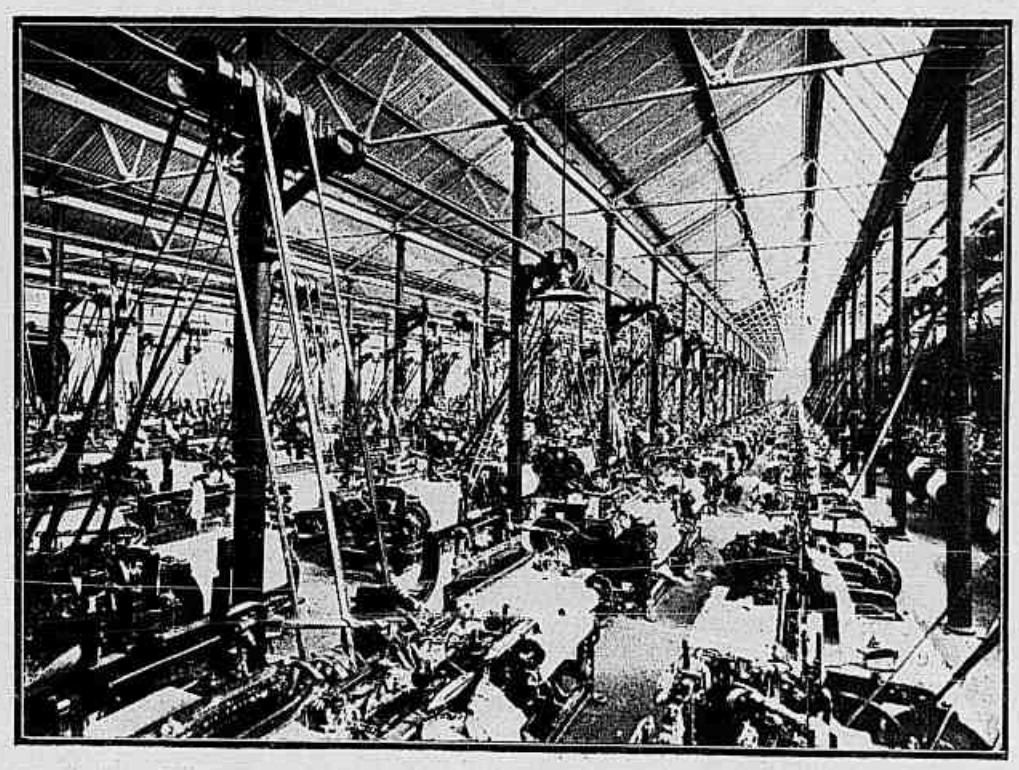
Sociedade Anonyma ——— **Capital realisado 5.000:000$000**

ESCRIPTORIO:

Rua Florencio de Abreu, 61-A :: TELEPHONE CENTRAL 1098

FABRICA: Telephone, 32 CAMBUCY





Endereço Telegraphico «JAFET»
CAIXA DO CORREIO, 660

S. PAULO :: Brasil

Banca Francese e Italiana per l'America del Sud

No anno de 1900 um grupo de capitalistas italianos chefiado pelo Comm. Giuseppe Puglisi, fundou, em São Paulo, um pequeno banco sob a denominação de Banco Commercial Italiano, com o capital de Rs. 2.000:000$000.

Em 1906, esse banco transformou-se no Banco Commercial Italo-Brasileiro, com o capital de Rs. 5.000:000$000 tendo, para isso, a Banca Commerciale Italiana de Milão, tomado um interesse preponderante, reforçando o Conselho de Administração e a Directoria com elementos enviados expressamente de Italia.



Em Abril de 1910, o Banco Commercial Italo-Brasileiro, com casa matriz em São Paulo, e filiaes no Rio de Janeiro, Santos, Ribeirão Preto, S. Carlos, Espirito Santo do Pinhal e Botucatú, foi por sua vez transformado no actual Banca Francese & Italiana per l'America del Sud, para cuja constituição contribuiram os accionistas do Banco Commercial Italo-Brasileiro, do Banca Commerciale Italiana de Milão, do Banque de Paris & Pays Bas, e da Societé Generale, de Paris.

O novo banco surgiu, então, com o capital de Frs. 25.000.000.^{oo} e Frs. 6.250.000.^{oo} de reserva, com casa matriz em Paris, e dispoz-se a desenvolver o programma de expansão para o qual, dada a feliz experiencia do Italo-Brasileiro, se julgava opportuno e necessario ampliar as bases e os meios materiaes da nova instituição.

De facto, ás sete filiaes acima juntaram-se, em 1911, as de Curityba e Ponta Grossa, pela absorpção, por parte da Banca Francese & Italiana, do Banco Commercial do Paraná. E tal foi o desenvolvimento da Banca Francese & Italiana que, desse anno ao de 1921, abriram-se as Agencias de Mococa, Jahú, S. José do Rio Pardo, Araraquara, Barretos, Bebedouro e Ourinhos, em São Paulo; Caxias, no Rio Grande do Sul, e Paranaguá, no Paraná. As succursaes de Porto Alegre e Rio Grande, no Rio Grande do Sul; de Recife, em Pernambuco.

Em vias de abertura, no menor tempo possivel, estão as filiaes de S. Manoel, Amparo, França, e Itapitininga, em S. Paulo, e Rio Negro, no Paraná; e as Agencias de S. Matheus, no Paraná, e Albuquerque Lins, Chavante e Monte Azul, em S. Paulo.

O programma de expansão ponderada e gradual que o Banco adoptou, tem tido na pratica ampla applicação, sujeita sempre á norma fundamental para a qual se quer que a actividade do Banco seja levada onde é reclamada e onde exigem as razões do seu desenvolvimento. Em recompensa, pois, deste elevado criterio, as suas innumeras ramificações nos Estados de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, têm dirigido para as succursaes do Rio de Janeiro, S. Paulo, Curityba e Porto Alegre tal volume de negocios que assegura ao Banco, nos respectivos centros, um dos primeiros logares, sinão o primero entre os institutos de credito extrangeiro, do Brasil.

E para dar uma ideia da situação actual do Banco Francez e Italiano, assim como dos progresos feitos nos ultimos 12 annos, basta dizer que, o ultimo balanço do Banco Commercial Italo-Brasileiro, em 31 de Março de 1910, (data em que começou a funccionar o Banco Francez e Italiano) accusava o movimento geral de Rs. 74.419:574$410, emquanto que o ultimo balanço, em 30 de Abril de 1922, das Filiaes no Brasil, demonstrava esse movimento geral accrescido de Rs. 667.214:892$100 ou sejam Rs. 741.634:466$510.

A situação, portanto da **Banca Francese & Italiana per l'America del Sud,** que funcciona á rua da Quitanda esquina da rua da Alfandega, é como se vê, de grandes progressos e de invejavel solidez.

Agencia Financial de Portugal



A **Agencia Financial de Portugal,** é um importante estabelecimento de credito garantido pelo Governo Portuguez. Funcciona á Rua General Camara, 5 (Edificio da Bolsa) e tem por fim:

— Recolher os fundos disponiveis dos Consulados estabelecidos nos Estados Unidos do Brasil.

— Pagar os juros da divida publica portugueza fundada e amortisavel.

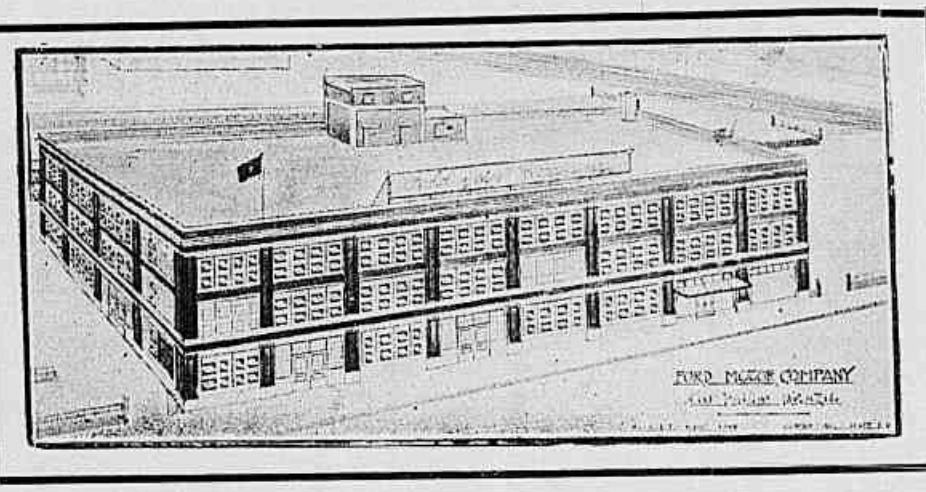
— Saccar sobre Portugal, principalmente sobre os Concelhos, afim de facilitar a remessa do dinheiro dos portuguezes residentes no Brasil.

— Pagar todos os encargos da praça portugueza no Brasil, e

— Aplicar o saldo existente conforme instrucção expressa do Governo Portuguez.

A Agencia tem prehenchido, com a mais louvavel correcção, os seus fins, e os serviços prestados ao Governo de Portugal, ao commercio dos dois paizes, e notadamente á colonia portugueza, são inestimaveis. Entregue, como está, á gestão criteriosa e competente do seu agente actual, o distincto e digno sr. Antonio da Costa Ivo, cavalheiro que tem sabido se impôr á estima geral, quer pelos seus actos administrativos, quer por sua esmerada cortezia, a Agencia, certamente, terá cada vez mais solida a sua situação.

SCOTT & URNER



A firma Scott & Urner é composta dos socios srs. Alexandre Scott e Jonas Paul Urner, com escriptorio a Avenida Rio Branco 109, nesta cidade, e á rua Boa Vista 11, em S. Paulo. Reputados architectos, se encarregam de construcções em geral e toda a sorte de trabalhos de engenharia, especialmente de construcções de armação de ferro para pontes e edificios, e em obras de cimento armado, com especialidade pelo systema "Flat Slat,' e são peritos em Frigorificos.

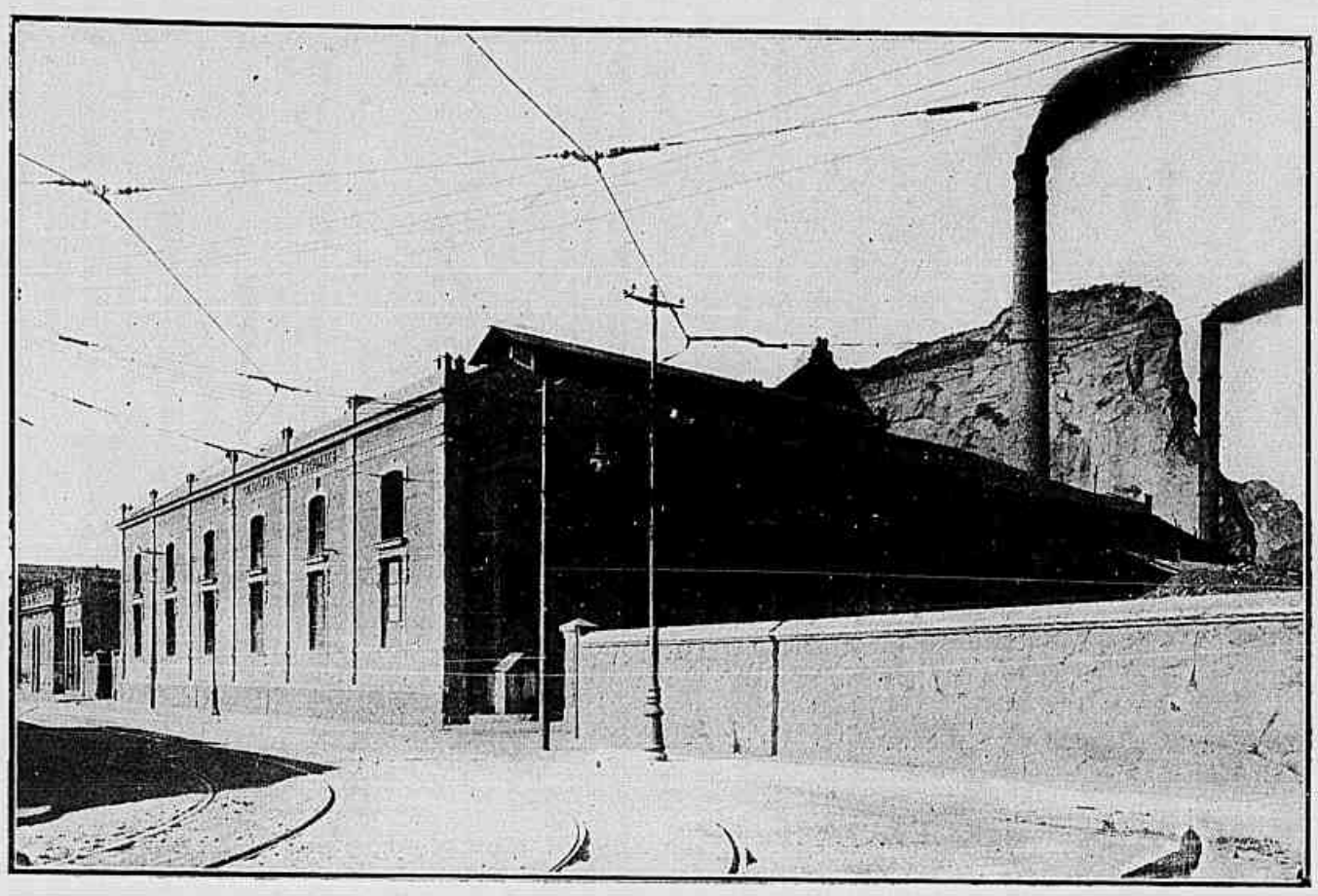
Teem executados varias obras no Rio de Janeiro, S. Paulo e Rio Grande do Sul, e actualmente estão construindo, em S. Paulo edificios destinados a escriptorios, para S. Exc. o Ministro do Exterior Dr. Azevedo Marques, extensão da Fabrica de Alpercatas, Nova Fabrica de Linhas para Coser, e no Rio de Janeiro, o Deposito da Standard Oil e nos pavilhões da Inglaterra e da Republica Argentina, na Exposição Nacional.

Citando somente essas importantes obras, fica bem patente a alta competencia dos srs. Scott & Urner.

O endereço telegraphico é **Scotturner**.— Rio, idem S. Paulo; usam o codigo **Bentley's complete phrase,** e tem por banqueiros o London and River Plate Bank, Ltd.

Companhia Usinas Nacionaes

Entre as grandes e poderosas emprezas existentes no Rio de Janeiro, a Companhia Usinas Nacionaes occupa, verdadeiramente, uma posição de alto destaque.



Fundada em 1911, com o capital de 1.500:000$000, tem em gyro annualmente, a elevada somma de 20.000:000$000.

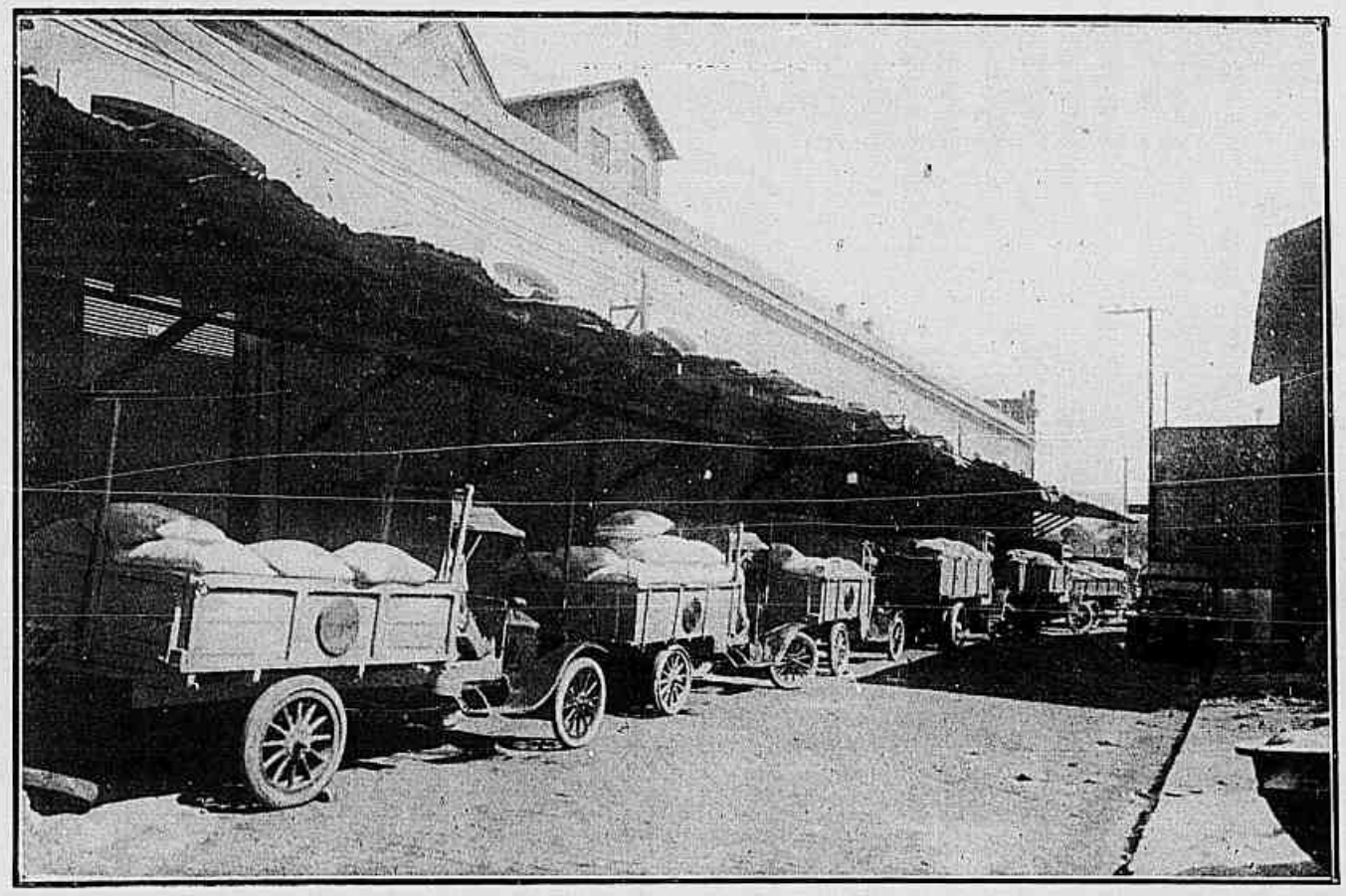
Seus directores, srs. João Duarte de Albuquerque, Victor M. M. dos Santos Pereira e Benjamim Augusto de Magalhães, são industriaes que gozam de elevado conceito no seio do nosso alto commercio, como elementos de acção em beneficio do seu progresso.

A Companhia alem do seu escriptorio central, á rua Coronel Pedro Alves, 319, dispõe, para o ramo que explora — **refinação de assucar** — de tres grandes fabricas, sendo uma nesta cidade á mesma rua, n. 317, outra em Nictheroy, na Travessa Carlos Gomes, 107 e a terceira, á rua Halfeld, 165 a 175 em Juiz de Fóra.

Surte-se em todos os mercados productores e ainda nesta capital, e vende, a dinheiro e a prazo, para todo o Paiz. A bôa qualidade dos seus productos, muitas vezes analysados em repartições officiaes, patentea sempre, conforme documentos publicados, uma superioridade absoluta sobre os productos dos seus concurrentes, merecendo registo especial as duas marcas: **"Americano"** — assucar crystallisado chimicamente puro, sobre o qual o illustre sr. dr. Julio Sohmann proferiu a sua opinião, classificando-o como "O producto de canna mais puro possivel".

"Perola" — assucar refinado que excede em pureza tudo quanto até hoje foi conseguido em refinagem de assucar de typo amorpho. O poder e a importancia das suas fabricas, notadamente a do Rio de Janeiro, collocam-na na situação de um dos maiores e mais prosperos estabelecimentos industriaes do Brasil. O balancete do anno passado, revela a orientação pratica da sua administração e evidencia o desenvolvimento continuo que tem tido a Companhia. As suas fabricas, installadas com um machinismo perfeito e moderno, teem uma grande capacidade de producção, permittindo-lhe satisfazer, de prompto, os pedidos de qualquer quantidade e valor que elles sejam. A Companhia é uma instituição nacional e é, portanto, com desvanecimento que aqui registamos o seu crescente progresso e que vemos o seu raio de acção dilatar-se por todo o Paiz. Administrada pelo processo da honradez absoluta, a **Usinas Nacionaes** cujos directores são nomes acatadissimos nos meios commercial e industrial, prospera sempre, para satisfação d'aquelles que acompanham com patriotico interesse a evolução das instituições nacionaes.

A sua direcção telegraphica é — Usinas — usa os codigos Ribeiro e Particular tendo por banqueiros, varios Bancos da nossa praça.



JOALHERIA
RELOJOARIA
ARTIGOS PARA PRESENTES

TROCADERO

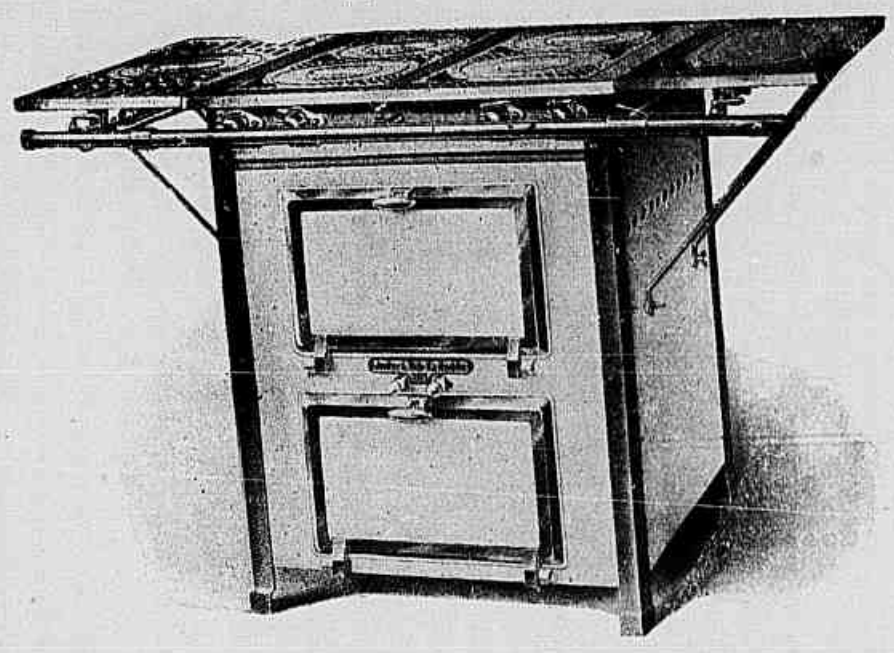
Moses & Balaguer

TELEPHONE C. 1418
AV. RIO BRANCO, 134
RIO DE JANEIRO

Fogões a Gaz Allemães

(DE JUNKER & RUH-KARLSRUHE)

Com os afamados queimadores economicos patenteados



Esmaltados de Branco, Nickelados, Elegantes e Solidos, Limpeza absoluta

— Universalmente conhecidos como OS MAIS ECONOMICOS ——

SABONETE SANITOL :: É O PREFERIDO PARA O BANHO E TOILETTE —

UNICOS DEPOSITARIOS:

OTTO SCHUBACK & C.

TELEPHONE NORTE 6773

Rua Theophilo Ottoni, 95 — RIO DE JANEIRO

O QUE HA DE MELHOR

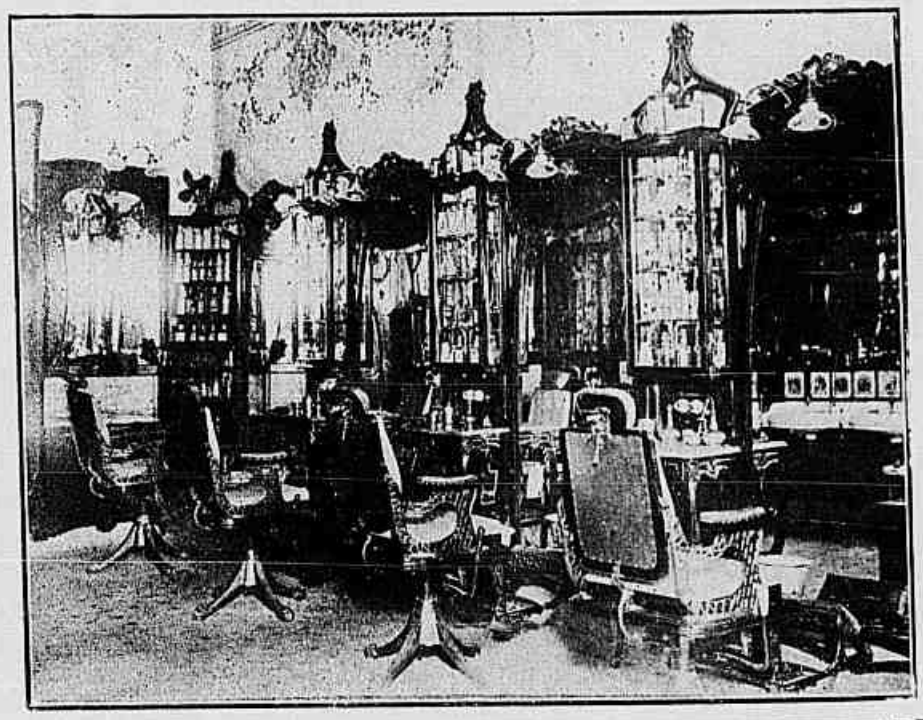


É A OPINIÃO DOS COMMERCIANTES QUE ZÉLAM EM SERVIR BEM A SUA FREGUEZIA.

FABRICA
DUAS ANCORAS

A. BEHMER & FILHOS
LARGO do THESOURO, 5. S. PAULO

Salão Smart



BARBE RO-CABEL E REIRO
PERFUMARIAS - GRAVATAS

A. Fadigas

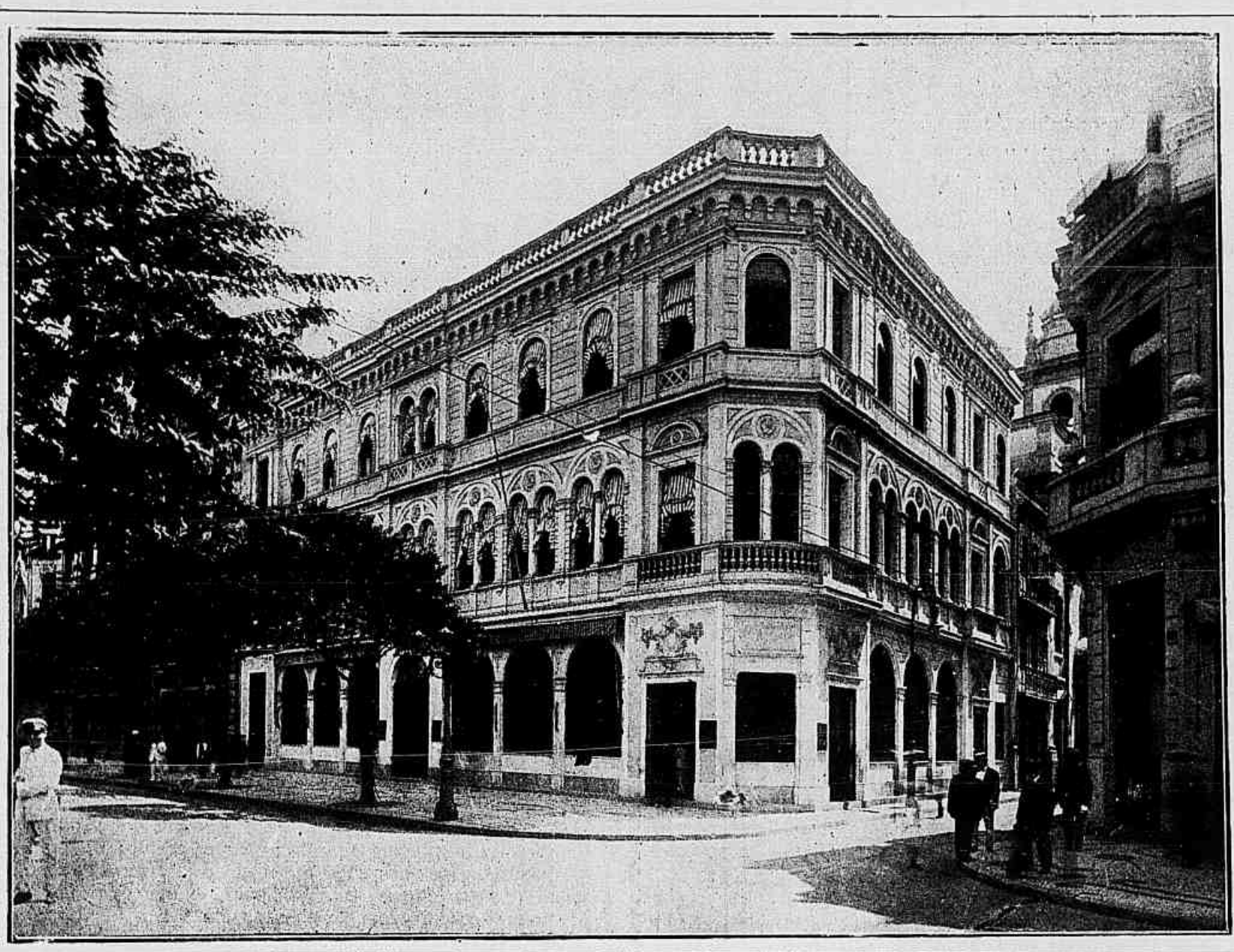
Rua Gonçalves Dias, 16
Rio — Telephone C. 4184

The National City Bank of New York

Entre as importantes instituições bancarias que funccionam no Rio de Janeiro, merece menção especial, The National City Bank of New-York, fundado em 1812, em New-York, onde tem sua casa matriz, dispondo do capital de $40.000.000.^{00}$ e $50.419.651.^{56}$ de reserva e lucros.

Suas filiaes no Brasil, estão installadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e agencia em Santos e tem filiaes e correspondentes em todas as principaes cidades do mundo.

Emitte cartas de credito ao portador, abre creditos aos importadores e exportadores, facilita informações commerciaes e credito aos viajantes e, além de se achar preparado para attender a toda e qualquer transacção bancaria, opera em contas correntes, descontos, emissões de lettras, contas correntes limitadas, contas em moedas extrangeiras, cobranças de titulos, emissão de cheques e lettras sobre o extrangeiro, pagamentos telegraphicos, abertura de credito, compra e venda de titulos, e faz todas as demais operações bancarias, nas suas varias modalidades.



A filial do Rio de Janeiro, que se acha digna e confortavelmente installada á Avenida Rio Branco, 83 foi inaugurada em 1915, e os negocios que no curto espaço de tempo de funccionamento, tem ella feito entre nós, são uma segura garantia de melhor exito para o futuro.

O City Bank é, sem contestação, um dos mais poderosos estabelecimentos de credito dos Estados Unidos da America do Norte e, a sua filial occupa entre os demais congeneres apparelhos, no Rio de Janeiro, uma situação verdadeiramente excepcional, podendo ser considerada como thermometro da vida financeira da grande republica americana.

A irradiação de estabelecimentos bancarios extrangeiros, no Brasil, ha algumas decadas atraz, era diminuta, e, Conty, escrevendo sobre a situação bançaria brasileira, ha 35 annos, fazia notar — serem raros os bancos, o papel de cheque internamente, de lettra de cambio e das differentes acções industriaes ou outras, muito reduzido; possuia o Brasil, uma quantidade minima de papel moeda, e seu commercio exterior já consideravel se cifrava por 400 mil contos, mas seus meios de escambo não attingiam a 200 mil contos.

Hoje, decorridos esses 35 annos, o accrescimo de transacções, entre nós, é collosal, a prosperidade economica é um facto, graças aos estabelecimentos bancarios extrangeiros que nos teem prestado inestimaveis serviços.

The National City Bank, n'esse terreno, é um dos mais valosos elementos e, pelo movimento que tem tido, quer no Rio de Janeiro, quer nas outras agencias e filiaes, no Brasil, tem-se já a medida da expansão que cada vez mais logrará obter.

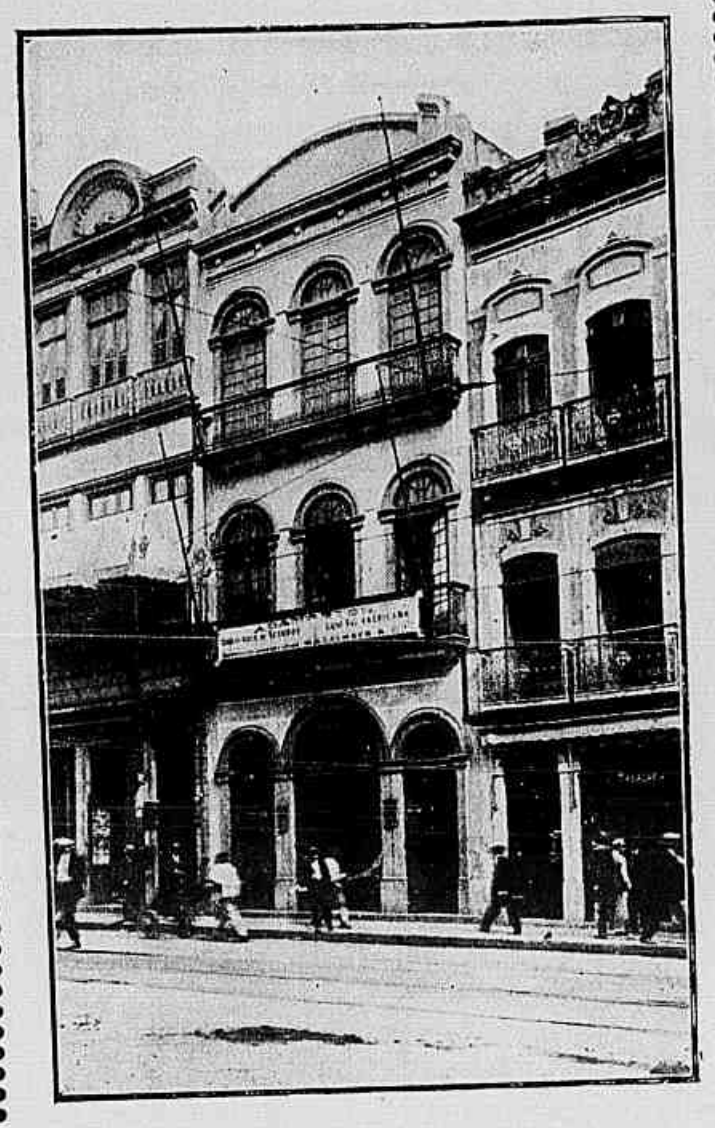
Magalhães & C.ia

Compõe-se a firma Magalhães & C.ª, dos socios solidarios Raymundo Pereira de Magalhães, Pedro Bacellar de Sá, Carlos de Aguiar Costa Pinto, Affonso Soledade, Heliodoro da Nova Monteiro e Elysio Pereira de Magalhães, e do socio commanditario José Pereira Soares,, e exerce o commercio de commissões, consignações e conta propria, desde 1900, á rua 1.º de Março, 51.

Tem o capital registado de Rs. ..... 10.000:000$000 e opera em compra e venda de mercadorias para o que dispõe de vasta clientela. Surte-se nas principaes praças do mundo e vende nas mesmas e em todas as do Brasil.

Os srs. Magalhães & C.ª, são agentes geraes, para o Brasil, da Companhia de Seguros Luso Sul Americano "Adamastor' e agentes da Companhia de Seguros "Interesse Publico' da Bahia onde tem a casa matriz dispondo de uma filial em São Paulo, á rua Alvares Penteado, 87, com Caixa Postal, 256, e endereço telegraphico — **Spaldouro** —

A direcção telegraphica da firma é — **Riodouro** — usa os codigos "Ribeiro", "A. B. C. 5.th Edition', "Lieber's" "Bentley's "Mascotte" e "Borges", e possue uma agencia em New-York, a Wall Street, 67.



Os componentes da firma Magalhães & C.ª, são elementos de escol do alto commercio de nossa praça e que a honram pelo criterio e intelligencia com que n'ella exercem a sua profissão. São homens praticos, operosos e emprehendedores e conduzem pela larga estrada do progresso os negocios da firma que, desde o seu inicio, soube se impôr á confiança e estima geraes. N'essa casa sabe-se bem prehencher o tempo com o trabalho intelligente, methodico, proprio da profissão, e d'ahi a sua constante prosperidade, pois, bem comprehendem os seus dirigentes as sabias palavras de Emerson: "O erro que arruina os homens e os Estados, é o trabalho dispersivo — o habito de se desviarem do fim principal para dar golpes parciaes, aqui e alli. Nada está acima de nós si é cousa que está na directriz da nossa vida; nada é grande e desejavel si não está no nosso caminho. Despendamos com as cousas que nos concernem e supprimamos as que não nos dizem respeito'.

Taylor Instrument Companies

ROCHESTER, N. Y. E. U. A. DO NORTE



Facsimile of *Tycos* Fever Thermometer Certificate

Os maiores fabricantes de Instrumentos scientificos, para clinica e industria. Mais informações poderão ser obtidas em todas as importantes casas de cirurgia e clinica nas principaes cidades do Brazil, ou escrevendo para — — — Caixa Postal, 978 - RIO DE JANEIRO — — —

Engenho "STAMATO"

Lavradores de boa fé, notem bem antes de comprarem, imformem primeiro, para a sua economia e tranquillidade de espirito

A propaganda sem base, de um apparelho, não faz a sua superioridade, mas sim as provas colhidas na lavoura e na opinião do publico, como se dá com o **"Engenho Stamato"**, pois, o Sr. Raphael Stamato, inventor do engenho sem engrenagem, com a pratica e experiencia de 17 annos, chegou a conclusão de que os engenhos antigos de engrenagens, além de serem muito duros, em absoluto não são resistentes, pelo simples facto: as engrenagens não se conservam sempre iguaes e o cylindro central faz maior força que os lateraes e com essa desigualdade não é possivel acompanharem a mesma marcha; por exemplo: ao receber a canna, os cylindros são obrigados a seguir o mesmo movimento, formando pelo attrito da canna uma só peça, e por qualquer differença as engrenagens não podem funccionar em regra, e, atrazando a sua marcha, o engenho se torna pesado, a ponto de obrigar o animal a esforçar-se dando continuos arrancos e num desses arrancos a quebra é certa.

No entanto, reflectindo bem, com os afamados **"ENGENHOS STAMATO"** não ha prejuizos, pois que, são fabricados em São Paulo e a sua simplicidade constitue uma grande economia, por não terem engrenagens, vira-bagaço e nem eixos fundidos nos cylindros; os eixos são independentes e presos convenientemente e os cylindros lateraes, com a entrada da canna, giram ao redor dos eixos, tornando-se solidos, leves, e com facilidade qualquer pessôa poderá tirar ou collacal-os quando achar conveniente. Os **"Engenhos Stamato"** movidos a animal trabalham simples e duplos, isto é, de um ou dois lados, tendo salvaguarda para evitar desastres e estão ao alcance de qualquer lavrador. Temos engenhos sempre promptos de qualquer tamanho, para força animal, hydraulica, a vapor e a electricidade. Os N.os 1, 2 e 3 transportam-se com facilidade a lombo de animaes.

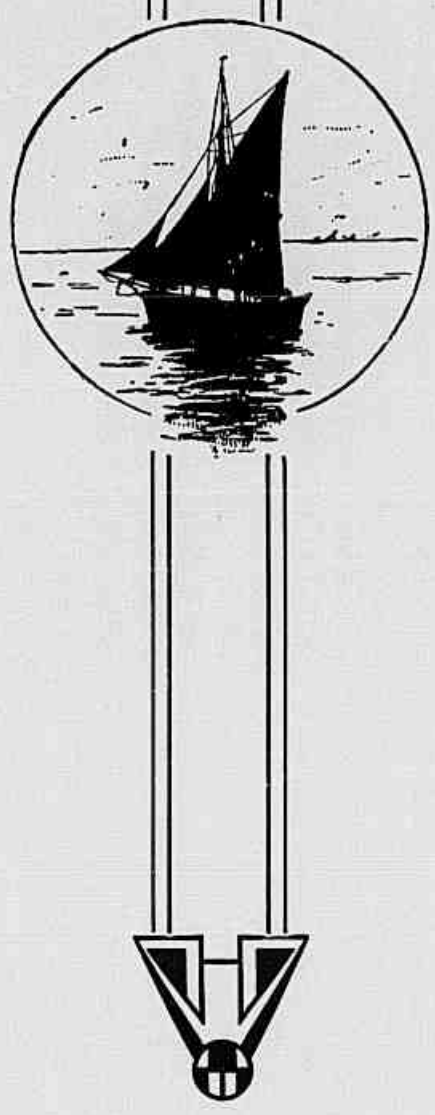
Os **"Engenhos Stamato"** são privilegiados e premiados em diversas exposições com 10 medalhas. Pelo seu grande progresso, constituiu-se a

Companhia Industrial "ENGENHO STAMATO"

que funcciona com as officinas mechanica e fundição á R. S.ta ROSA e R. DO GAZOMETRO, 17. Qualquer pedido, por carta ou telegramma, será immediatamente attendido. **Caixa Postal, 429.**

End. Telegr.: STAMATO - São Paulo





FELICE BISLERI & CIA.
MILÃO (ITALIA)

CONCESSIONARIOS
PAGANINI VILLANI S. A.
MILÃO

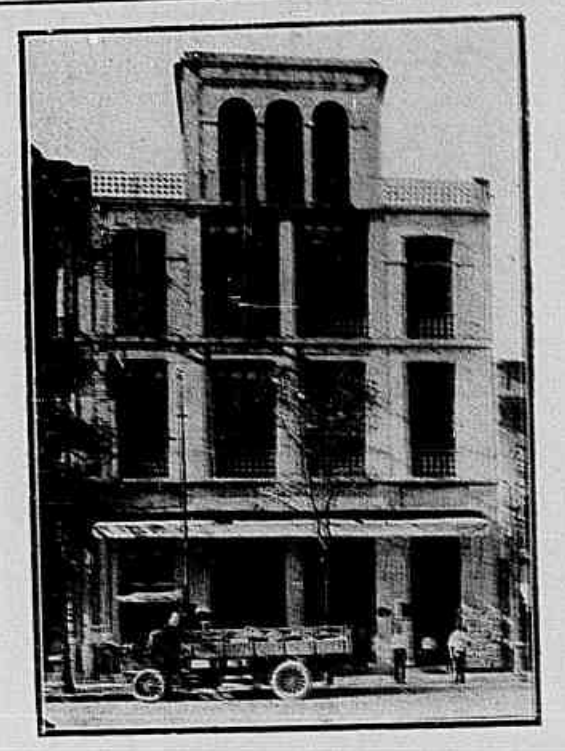
REPRESENTANTE
EMILIO AJROLDI

S. PAULO
Rua Quintino Bocayuva, 4
Caixa Postal, 907
Tel. Central, 2008

RIO
Rua Gonçalves Dias, 30
Caixa Postal, 2171
Tel. Central, 2714

End. Teleg. "SICVOLO"

FERRAZ, IRMÃO & C.



A firma Ferraz Irmão & Cª., constituida pelos srs. Antonio Pereira Ferraz, Francisco Pereira Ferraz, Manoel Alves Ferraz de Magalhães, Julio Gomes Corrêa Irmão, José Maria Dias e Joaquim Antonio Soares, é uma das mais conhecidas e conceituadas do Rio de Janeiro. Situada á rua Conselheiro Saraiva, 24 e 26 dedica-se a Commissões, sendo, porém, o seu maior ramo de negocio o de Estiva em geral.

Foi fundada pelo antigo socio sr. Francisco Lopes Ferraz, em 1860, sendo de mil contos de réis o seu capital social.

As suas transacções são feitas a dinheiro, surtindo-se a casa nas principaes praças da Inglaterra, França, Hespanha, Estados Unidos da America do Norte, e em todas as brasileiras. As suas vendas se estendem por todo o Brasil.

Esta firma tem tomado um incremento notavel, revestindo os seus negocios de absoluta seriedade, razão pela qual goza de illimitado credito em nossa praça.

A sua direcção telegraphica é — Ferraz — usa os codigos A. I. Code Used, e Ribeiro; trabalha com os London Bank, River Plate, British, City e Banco do Brasil.

LEE & VILLELA



Os distinctos e conceituados commerciantes, Srs. William E. Lee e Julio V. Villela, são os socios componentes da firma Lee & Villela, desta praça, com escriptorio de commissões consignações e conta propria, á rua Visconde de Inhaúma, 84.

Tendo a casa matriz em S. Paulo, á rua Florencio de Abreu, 8 (Caixa Postal, 420) ainda conta a firma com uma filial em Santos, á rua do Commercio, 25 (Caixa Postal 48).

A casa foi fundada em 1902 com o capital de 1.500:000$000; faz compras, á vista, nas praças da Europa, Estados Unidos e Brasil, e vende em todas as do Brasil para o que, dispõe de viajantes e agentes em todos os Estados.

Devido ao prestigio e conceito de que goza em nossa praça e na de S. Paulo, a firma Lee & Villela que está sempre em crescente prosperidade, graças á acção intelligente de seus dirigentes, é uma das mais importantes e tem transacções com todos os Bancos estabelecidos no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

A direcção telegrafica é: "BASONTA"

e os codigos usados são: "A.B.C." 5. e 6. edições, — "General Code", "Bentley's", "Lieber's", "Ribeiro", "Borges" e particulares.

Edison Vieira

5.º Tabellião Interino

São Paulo

Rua Wencesláu Braz, 4
:: Telephone Central, 1038 ::

Dr. Fernando de Almeida Nobre

10.º Tabellião de Notas da Comarca da Capital de S. Paulo

Rua Wenceslau Braz 10 e 10-A
(Antiga Travessa da Sé)

Telephone N. 4173
São Paulo

Ceramica São Caetano Limitada

CAPITAL INTEGRALISADO 1.000:000$000

GRANDE FABRICA DE:

Material systema marselhez:

Telhas, meias telhas e cumieiras.

Ladrilhos de 20x20, 14x14 e hexagonaes. Rodapés proprios para ladrilhos de 20x20, 14x14 e hexagonaes. Ladrilhos sulcados de 20x20, com 9 quadros grandes, ou 64 quadros pequenos. Ladrilhos de 14x14 corrugados (alpiste).

Material refractario em geral

Tijolos aluminosos, siliciosos e de silicia pura, supportando, respectivamente, 1.400, 1.700 e 1.800 C.

Executa-se toda e qualquer peça de material refractario, sob medida, modelo ou desenho, e fornece-se terra propria para assentamento do material refractario de nossa fabricação.

FABRICAS EM SÃO CAETANO (S. P. R.) — Estado de S. Paulo

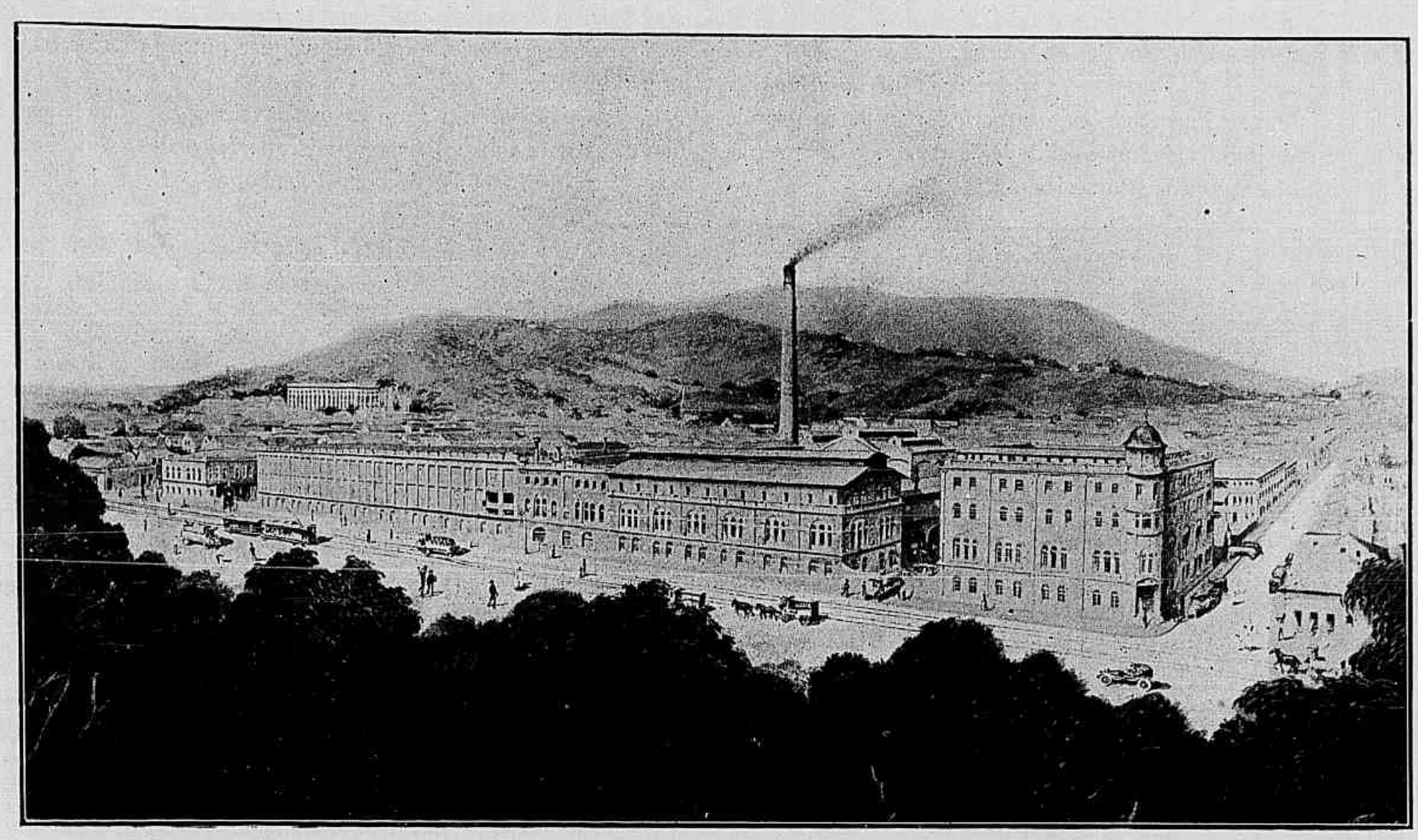
Escriptorio Central e Séde: — Rua da Boa Vista, 11-1º andar

Telephone 3429 Central — End. Telegraphico: ACIMAREC

SÃO PAULO — BRASIL



Companhia Cervejaria Brahma



A COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA, sociedade anonyma brasileira, tem a sua fabrica, fundada em 1893, á Rua Marquez de Sapucahy n. 200, com um capital realisado de Rs. 10.000:000$000, onde explora a fabricação de cerveja, bebidas sem alcool, gelo e acido carbonico liquefeito.

Os seus productos, alta e largamente apreciados em todo o Brasil e no estrangeiro, são manufacturados nas suas vastas installações, que occupam actualmente uma área de cerca de 21.000 metros quadrados, com uma fachada de 250 metros, muito proximas do centro commercial da Cidade.

O desenvolvimento sempre crescente dos seus negocios e a procura cada vez maior dos seus producto, têm exigido constantemente a installação de novos machinismos, apparelhos, accessorios e o consequente augmento dos seus edificios.

As grandes e possante installações mechanicas da fabrica foram fornecidas pelas fabricas mais importantes da Europa e Estados Unidos, têm uma força total de 1.000 H. P. A capacidade das machinas frigorificas é de 1.000.000 de calorias por hora. A força electrica é fornecida pela Ligth & Power Co., possuindo a Companhia tambem dynamos proprios para a producção de força e luz.

As adegas de fermentação e de deposito, cujas dimensões ultrapassam as de qualquer outra cervejaria do Brasil tem capacidade para 60.000 Hectolitros de cerveja, em seus tanques de aluminio, aço e carvalho.

A construcção e installação das adegas foram executadas segundo os preceitos da mais rigorosa hygiene moderna, com ventilação aérea circular, electrica. A agua empregada tanto na fabricação dos productos como na lavagem das garrafas, é filtrada na grande installação para esse fim construida, um modelo no genero.

As modernas installações para esterilisação da cerveja, têm capacidade para 190.000 garrafas diarias e a fabrica de gaz carbonico para 1.000 kilos diarios e os grandes geradores de gelo para 100.000 kilos diarios.

Ha na fabricação officinas para geladeiras, mezas e cadeiras e para o transporte dos seus productos, dispõe a fabrica de numerosos autocaminhões, carroças e para mais de 400 animaes.

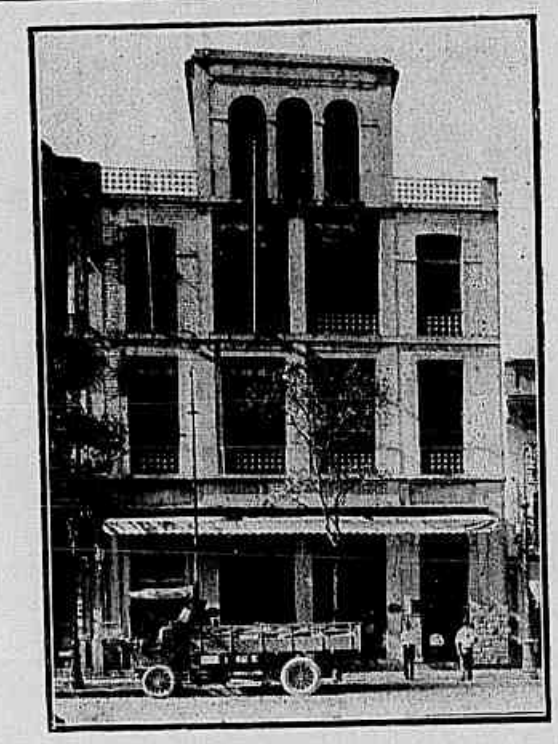
A Companhia possue fabricas de gelo na Bahia e em Santos, além de uma importante fabrica de cerveja em S. Paulo.

Os productos da Companhia impuzeram-se nos mercados brasileiros pela excellencia do seu sabor e aspecto e pelo escrupulo da sua fabricação, com materia prima de superior qualidade, para cujo fim a Companhia possue laboratorios montados com todos os aperfeiçoamentos da sciencia moderna.

Em favor do desenvolvimento e do aperfeiçoamento da sua industria não tem a Companhia poupado esforços nem capitaes, conseguindo assim fabricar typos de cerveja capazes de competir vantajosamente com os melhores do mundo.

O apreço e a decidida preferencia do publico tem compensado os sacrificios feitos, consagrando as cervejas da Brahma como as melhores consumidas em todo o paiz.

FERRAZ, IRMÃO & C.



A firma Ferraz Irmão & Cª., constituida pelos srs. Antonio Pereira Ferraz, Francisco Pereira Ferraz, Manoel Alves Ferraz de Magalhães, Julio Gomes Corrêa Irmão, José Maria Dias e Joaquim Antonio Soares, é uma das mais conhecidas e conceituadas do Rio de Janeiro. Situada á rua Conselheiro Saraiva, 24 e 26 dedica-se a Commissões, sendo, porém, o seu maior ramo de negocio o de Estiva em geral.

Foi fundada pelo antigo socio sr. Francisco Lopes Ferraz, em 1860, sendo de mil contos de réis o seu capital social.

As suas transacções são feitas a dinheiro, surtindo-se a casa nas principaes praças da Inglaterra, França, Hespanha, Estados Unidos da America do Norte, e em todas as brasileiras. As suas vendas se estendem por todo o Brasil.

Esta firma tem tomado um incremento notavel, revestindo os seus negocios de absoluta seriedade, razão pela qual goza de illimitado credito em nossa praça.

A sua direcção telegraphica é — Ferraz — usa os codigos A. I. Code Used, e Ribeiro; trabalha com os London Bank, River Plate, British, City e Banco do Brasil.

LEE & VILLELA



Os distinctos e conceituados commerciantes, Srs. William E. Lee e Julio V. Villela, são os socios componentes da firma Lee & Villela, desta praça, com escriptorio de commissões consignações e conta propria, á rua Visconde de Inhaúma, 84.

Tendo a casa matriz em S. Paulo, á rua Florencio de Abreu, 8 (Caixa Postal, 420) ainda conta a firma com uma filial em Santos, á rua do Commercio, 25 (Caixa Postal 48).

A casa foi fundada em 1902 com o capital de 1.500:000$000; faz compras, á vista, nas praças da Europa, Estados Unidos e Brasil, e vende em todas as do Brasil para o que, dispõe de viajantes e agentes em todos os Estados.

Devido ao prestigio e conceito de que goza em nossa praça e na de S. Paulo, a firma Lee & Villela que está sempre em crescente prosperidade, graças á acção intelligente de seus dirigentes, é uma das mais importantes e tem transacções com todos os Bancos estabelecidos no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

A direcção telegrafica é: "BASONTA"

e os codigos usados são: "A.B.C." 5. e 6. edições, —— "General Code", "Bentley's", "Lieber's", "Ribeiro", "Borges" e particulares. ——

Edison Vieira

5.º Tabellião Interino

Rua Wencesláu Braz, 4

São Paulo :: *Telephone Central, 1038* ::

Ceramica São Caetano Limitada

CAPITAL INTEGRALISADO 1.000:000$000

GRANDE FABRICA DE:

Material systema marselhez:

Telhas, meias telhas e cumieiras.

Ladrilhos de 20x20, 14x14 e hexagonaes. Rodapés proprios para ladrilhos de 20x20, 14x14 e hexagonaes. Ladrilhos sulcados de 20x20, com 9 quadros grandes, ou 64 quadros pequenos. Ladrilhos de 14x14 corrugados (alpiste).

Material refractario em geral

Tijolos aluminosos, siliciosos e de silicia pura, supportando, respectivamente, 1.400, 1.700 e 1.800 C.

Executa-se toda e qualquer peça de material refractario, sob medida, modelo ou desenho, e fornece-se terra propria para assentamento do material refractario de nossa fabricação.

FABRICAS EM SÃO CAETANO (S. P. R.) — Estado de S. Paulo

Escriptorio Central e Séde: — Rua da Boa Vista, 11-1º andar

Telephone 3429 Central — End. Telegraphico: ACIMAREC

SÃO PAULO — BRASIL

Dr. Fernando de Almeida Nobre

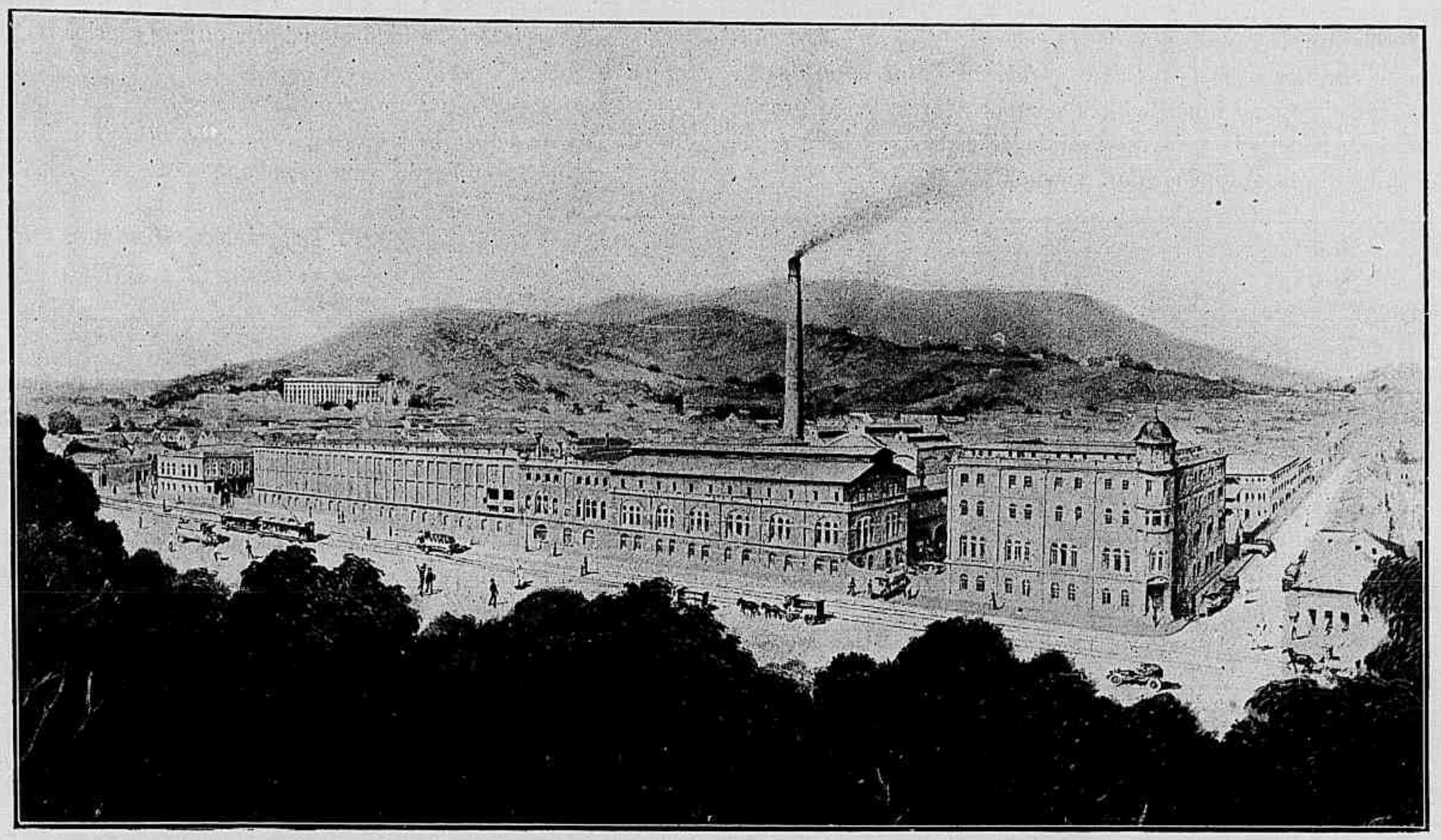
10.º Tabellião de Notas da Comarca da Capital de S. Paulo

Rua Wencesláu Braz 10 e 10-A
(Antiga Travessa da Sé)

Telephone N. 4173
São Paulo



Companhia Cervejaria Brahma



A COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA, sociedade anonyma brasileira, tem a sua fabrica, fundada em 1893, á Rua Marquez de Sapucahy n. 200, com um capital realisado de Rs. 10.000:000$000, onde explora a fabricação de cerveja, bebidas sem alcool, gelo e acido carbonico liquefeito.

Os seus productos, alta e largamente apreciados em todo o Brasil e no estrangeiro, são manufacturados nas suas vastas installações, que occupam actualmente uma área de cerca de 21.000 metros quadrados, com uma fachada de 250 metros, muito proximas do centro commercial da Cidade.

O desenvolvimento sempre crescente dos seus negocios e a procura cada vez maior dos seus producto, têm exigido constantemente a installação de novos machinismos, apparelhos, accessorios e o consequente augmento dos seus edificios.

As grandes e possante installações mechanicas da fabrica foram fornecidas pelas fabricas mais importantes da Europa e Estados Unidos, têm uma força total de 1.000 H. P. A capacidade das machinas frigorificas é de 1.000.000 de calorias por hora. A força electrica é fornecida pela Ligth & Power Co., possuindo a Companhia tambem dynamos proprios para a producção de força e luz.

As adegas de fermentação e de deposito, cujas dimensões ultrapassam as de qualquer outra cervejaria do Brasil tem capacidade para 60.000 Hectolitros de cerveja, em seus tanques de aluminio, aço e carvalho.

A construcção e installação das adegas foram executadas segundo os preceitos da mais rigorosa hygiene moderna, com ventilação aérea circular, electrica. A agua empregada tanto na fabricação dos productos como na lavagem das garrafas, é filtrada na grande installação para esse fim construida, um modelo no genero.

As modernas installações para esterilisação da cerveja, têm capacidade para 190.000 garrafas diarias e a fabrica de gaz carbonico para 1.000 kilos diarios e os grandes geradores de gelo para 100.000 kilos diarios.

Ha na fabricação officinas para geladeiras, mezas e cadeiras e para o transporte dos seus productos, dispõe a fabrica de numerosos autocaminhões, carroças e para mais de 400 animaes.

A Companhia possue fabricas de gelo na Bahia e em Santos, além de uma importante fabrica de cerveja em S. Paulo.

Os productos da Companhia impuzeram-se nos mercados brasileiros pela excellencia do seu sabor e aspecto e pelo escrupulo da sua fabricação, com materia prima de superior qualidade, para cujo fim a Companhia possue laboratorios montados com todos os aperfeiçoamentos da sciencia moderna.

Em favor do desenvolvimento e do aperfeiçoamento da sua industria não tem a Companhia poupado esforços nem capitaes, conseguindo assim fabricar typos de cerveja capazes de competir vantajosamente com os melhores do mundo.

O apreço e a decidida preferencia do publico tem compensado os sacrificios feitos, consagrando as cervejas da Brahma como as melhores consumidas em todo o paiz.

VILLAS BOAS & C.

A importante firma Villas-Bôas & Cª., é composta dos socios srs. Carlos Ferreira Villas-Bôas, Carlos Tavares da Costa, Domingos Ferreira Moutinho e Antonio da Silva Duarte, nomes muito conhecidos e acatados em nossa praça.

Fundada em 1874, dispõe do capital de 1.500:000$000, cifra que dá a medida do valor do estabelecimento.

Exploram o commercio de *Papelaria, typographia, lythographia, encadernação, pautação e fabricação de enveloppes.*

Além disso, são importadores e exportadores, tendo grande deposito de papeis de todas as qualidades e de diversos e reputados fabricantes européos e americanos.

O estabelecimento muito amplo e installado com todo o conforto, funcciona á rua Sete de Setembro, 219 a 225 — Tel. Central, 832 e dispõe de secções especiaes de *artigos para desenho, pintura, engenharia, escolas, artes decorativas,* etc., e grande manufactura de *livros em branco e impressos, papeis almassos, commercial e de cartas; enveloppes e papel de luto; artigos de escriptorio,* e todo e qualquer outro proprios do genero de negocio.

As Officinas e a Fabrica de Enveloppes e Papel de Luto, montadas com apparelhos os mais aperfeiçoados, funccionam á rua Silva Jardim, 33 e 35 com Telephone — Central 5334.



End. Telegraphico Villas Boas
Codigos: A. B. C. e RIBEIRO

A casa dos srs. Villas-Boas & C. é no genero, uma das mais conhecidas no Rio de Janeiro, quer pela excellencia dos artigos que n'ella são vendidos, quer pelos trabalhos de typographia, lytographia, encadernação, etc. que acreditados se tornam pela presteza, asseio e gosto artistico com que são executados.

Banco do Rio de Janeiro

O Banco do Rio de Janeiro é uma sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, fundada em Fevereiro de 1917, e que tem a sua séde installada em edificio proprio, á rua da Alfandega, 26.

Com o capital social de dez mil contos ..... (10.000:000$000) opera em descontos, cobranças, cauções, contas correntes, contas correntes limitadas, cobrança de titulos, em todo o serviço bancario, emfim, excepto cambio.

Sua actuação não só no Districto Federal, como no Estado do Rio de Janeiro, vem se desdobrando desde o anno de sua fundação, contando já com filiaes em Cabo-Frio, Miracema, Cordeiro, Valença e em outras cidades desse Estado, mantendo, além disso, agentes e correspondentes nas principaes praças do paiz.

O Banco do Rio de Janeiro, muito deve a situação de prosperidade em que se acha á sua Directoria, mormente ao seu director-presidente, o sr. dr. Jayme de Vasconcellos, nome acatado não só na praça como a sociedade do Rio de Janeiro e que, com perfeita orientação e comprovada intelligencia, tudo tem feito em beneficio do progresso d'esse acreditado estabelecimento bancario.



DR. JAYME DE VASCONCELLOS
Director-Presidente do Banco do Rio de Janeiro

Contando apenas cinco annos de existencia, já goza de alto conceito, pois, é hoje uma casa de credito que corresponde amplamente á confiança que n'ella é depositada, mercê do criterio dos seus administradores.

Tão segura tem sido a marcha progressiva dos seus negocios que, no anno passado, isto é, quatro annos depois do inicio do seu funccionamento, a sua directoria viu, com satisfação, terminada a construcção do edificio proprio, no qual está installado o banco com todo o conforto e commodidade.

O Banco do Rio de Janeiro adopta o endereço telegraphico — BANRIJA — e usa todos os codigos conhecidos.



ROYAL-STORE

MODAS

CONFECÇÕES

LIMGERIE

ROUPAS - CAMA E MEZA

RENDAS - TECIDOS
SEDAS - CHAPÉOS
ARMARINHO - MEIAS
BOLÇAS - CARTEIRAS
MIUDEZAS

MORINS - CRETONES

PANNOS E ATOALHADOS

TAPEÇARIAS

187 - RUA DO OUVIDOR - 189

RIO ✉ TELEPHONE N. 6717

WALCKIERS & ASSUMPÇÃO

Compõem a firma Walckiers & Assumpção, os Snrs. George Henry Leon Walckiers e Adhemar Barbosa Ferreira de Assumpção.

Dedicaram-se ao ramo de Representações nacionaes e extrangeiras e acham-se installados com todo o conforto e commodidade, á Avenida Rio Branco, 9, Casa Mauá.

Gyram com o capital de cincoenta contos (50:000$000) que o seu credito, o criterio e a bôa orientação com que estão agindo, certamente, elevarão a muito mais.

A firma teve inicio a 1º de Junho do corrente anno, suppre-se nas praças de New-York, Berlim, Londres, e Genova e vende no Rio de Janeiro, São Paulo e Santos.



Sr. George H. L. Walckiers

Comquanto de recente formação, apenas com tres mezes de funccionamento, a firma tem já vultuosas transacções e prospera nos seus negocios, dirigidos com tino e prudencia, como representantes de diversos importantes casas nacionaes, americanas, allemães, inglezas e italianas, e está tendo um rapido desenvolvimento, que comprova as bôas relações e a competencia de seus activos chefes.

Um dos principaes factores que actuam em beneficio da prosperidade dos srs. Walckiers & Assumpção, é o perfeito conhecimento que teem da vida commercial e dos seus segredos.

Não são apressados nem descançados. Comprehendem que ser preciso não perder tempo, não é recommendar pressa, e sim aconselhar a execução regular de todas as cousas, com methodo, ordem e perseverança; é ficar indifferente ás vózes que nos chamam para caminho diverso d'aquelle que traçamos. E' ser fiel ao fim ambicionado para vel-o realizado.

Ao influxo d'essas normas, vão esses intelligentes negociantes tendo a satisfação de ver a marcha dos seus negocios progredindo sensivelmente, e coroados, portanto, os seus esforços de trabalhadores dignos e honrados, além de bemquistos e conceituados no seio do alto commercio da nossa praça.

Dotados de uma grande força de vontade, seguem o caminho recto dos que abraçam a carreira commercial sem usarem de especulação.



Sr. Adhemar B. F. de Assumpção

O especulador e o homem de negocios seguem caminhos oppostos, disse Carnegie; e os srs. Walckiers & Assumpção, o provam. São homens de negocios, dignos d'essa classificação.

N'essa linha de conducta, estão formando seu nome commercial, vencendo e prosperando.

Usam a direcção telegraphica — *Walsum* — adoptam os codigos ABC, 5ª Edição e Bentley's; por banqueiros teem relações com o Banco do Rio de Janeiro e com o American Foreign Banking Corporation.



VIDA
SAUDE
FORÇA
E
MOCIDADE
só se adquire com o

Biotonico Fontoura

O GRANDE RECONSTITUINTE CONSAGRADO
PELOS MEDICOS MAIS NOTAVEIS DO BRASIL

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITARIOS:

Plinio Cavalcanti & Cia.

Rua da Alfandega, 147 :-: RIO DE JANEIRO

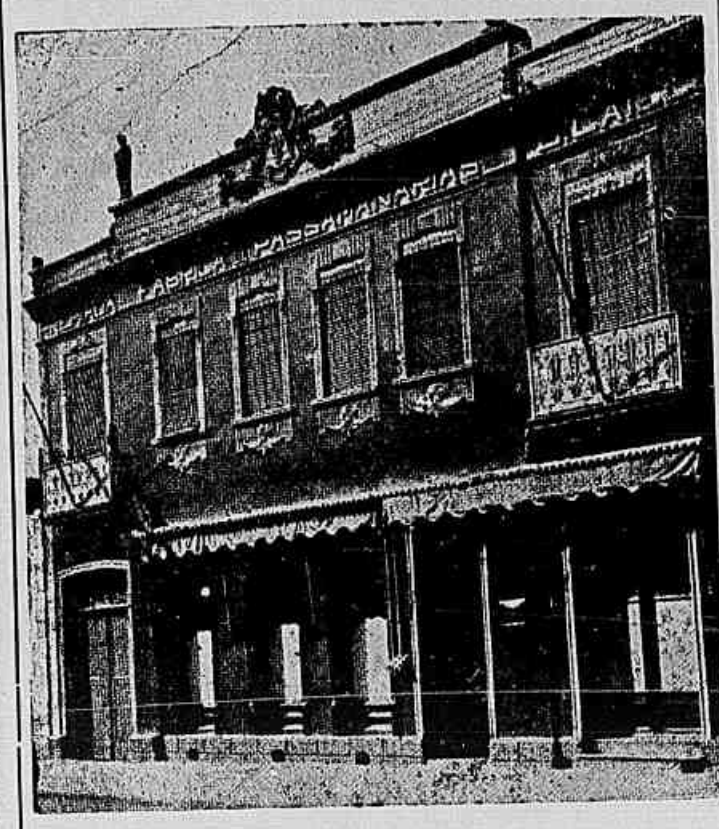
Premiada Fabrica de Passamanarias

Tinturaria a Vapor

G. CAIELLI

R. General Couto Magalhães, 32
Tel Cid. 5874 - End. Teleg CAIELLI

SÃO PAULO



Especialidade na fabricação dos seguintes artigos:

para **Moda**
Borlas, Pingentes, Alamares, Grelot, etc.

para **Tapeçarias**
Franjas, Enbruçadeiras, Rosetas, etc.

para **Guarda-Chuvas**
Borlas de seda e fia, etc.

para **Chapéos**
Cordãozinhos de seda e mercerizado etc.

para **Calçados**
Laços. Atacadores, Pompons, Cordões, etc.

para **Carnaval**
Pompons, Botões, Franjas, etc.

para **Almofadas**
Borlas, Chenilas, Cordão fróco, etc.

para **Chambre**
Cordonnetras, Alamares, Tranças, etc.

para **Carros e Automoveis**
Cachos, Bastos. Borlas, Oliveias, etc.

para **Militares**
Barbicachos, Topes, Cordonneiros etc.

para **Igrejas**
Franjas de seda, douradas e prateadas, etc.

Representantes: — **Rio de Janeiro**, Lepanto Giorgi-Caixa Postal, 2122; **Porto Alegre**, Armando Fernandes Ribeiro-Rua Vigario José Ignacio, 48; **Bahi**, F. Ferreira d'Almeida-Caixa Postal, 232; **Pelotas**, Menotti Gentilini-Rua 7 de Abril, 715. **VIAJANTE** para os Estados do Norte, A. C. de Carvalho Santos.

COMPANHIA
Nacional de Armazens Geraes

A **Companhia Nacional de Armazens Geraes,** foi fundada em Setembro de 1911, com o capital social de Rs. 388:000$000, tendo em giro annualmente a mesma importancia e dispondo de Rs. 35:911$000 de fundos de reserva. Os seus directores actuaes, são os srs. Coronel Alfredo Braga — presidente, e Dr. Leopoldo Teixeira Leite — thesoureiro, dois nomes bastante conhecidos e conceituados, não só pelo commercio, como pela sociedade do Rio de Janeiro.

O escriptorio geral acha-se installado á rua General Camara, 21 e os armazens estão situados á Praia de S. Christovão, 218 e 220.

Esses armazens, conforme a illustração junto, são de construcção moderna, vastos e fartamente arejados dispondo, para cargas e descargas de mercadorias, de possantes guindastes montados sobre uma ponte ampla e solida.



Armazens da Companhia Nacional de Armazens Geraes, á Praia de S. Christovão 218|20

O systema de operações da Companhia, é o estabelecido no Decreto n. 1.102, de 21 de Novembro de 1903. Recebe, para armazenamento, toda e qualquer quantidade de mercadoria.

A Companhia, mercê do criterio e segura orientação dos seus activos e competentes directores, está em constante progresso. No seu ultimo relatorio de 30 de junho de 1922, foi registado o dividendo de 20 °|° ao anno pondo, assim, em evidencia, a situação de prosperidade em que ella se acha, deixando prever, portanto, o futuro que lhe está assegurado.

RODOLPHO HESS & C.

Uma firma como a dos srs. Rodolpho Hess & Cia., que, dentro de poucos annos attingirá a seu meio seculo de existencia, tem nesse facto o seu maior e mais eloquente elogio.

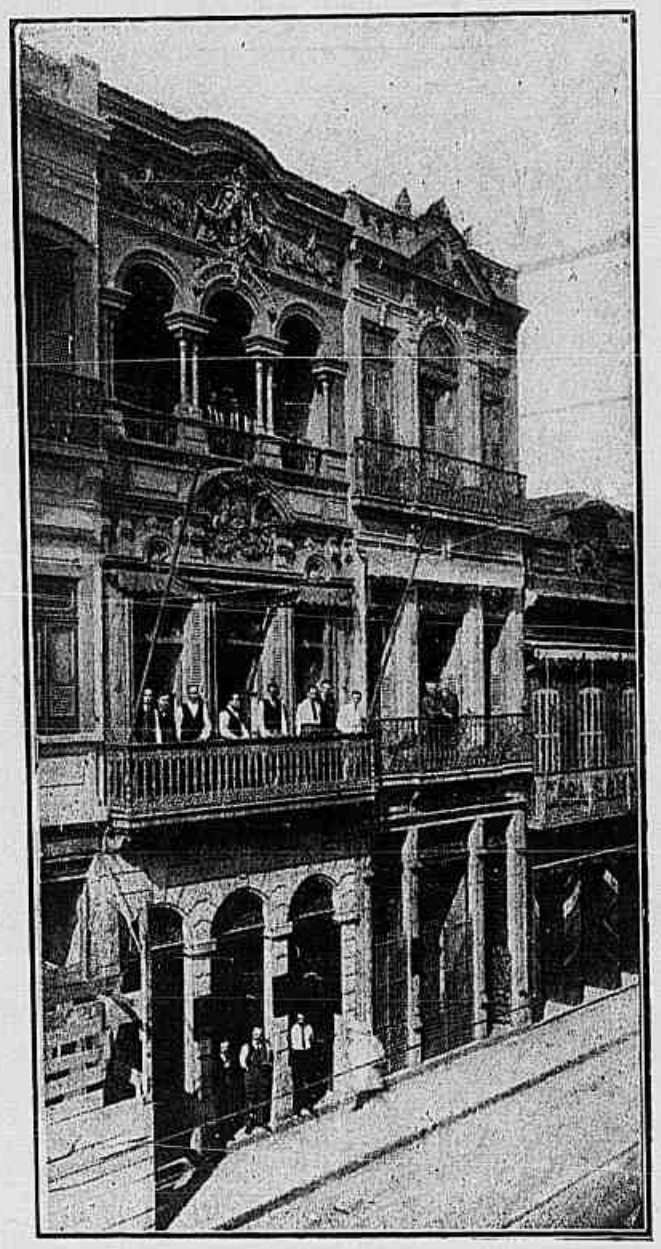
Foi fundada em 1876 e explora o commercio de Drogaria e accessorios para Pharmacias, para o que dispõe do capital de Rs. 1.000:000$000, tendo em giro annualmente Rs. 2.000:000$000.



RODOLPHO HESS

São seus socios, os srs. Rodolpho Hess e Camille Ianssen, dois nomes respeitaveis e altamente destinguidos em nosso meio commercial, pois, representam trabalho, honradez e força de vontade sem limites.

O titulo da casa é "Drogaria Casa Huber" e funcciona ás ruas Sete de Setembro 61 e 63, e Quitanda, 23. Surte-se nas praças



européas, norte-americanas e brasileiras, e vende em todo o Brasil.

Estabelecimento de primeira ordem sendo, no genero, um dos mais importantes e conceituados do Brasil, tem sempre em grande stock toda a sorte de drogas, medicamentos, productos pharmaceuticos de todos os



CAMILLE JANSSEN

fabricantes nacionaes e extrangeiros, accessorios para pharmacia, etc., etc.

Adoptando os srs. Rodolpho Hess & Cia., o processo da honradez absoluta na administração e nas transacções da casa, teem tido esses illustres commerciantes a satisfação e o orgulho de vel-a em situação invejavel.

A direcção da firma é — **Hess** — Rio de Janeiro. Usam os codigos **Ribeiro** e **Borges,** e se utilisam dos serviços de todos os Bancos estabelecidos.

MARVIN & CIA. LTD.

Um dos mais competentes e cultos commerciantes extrangeiros que exercem a sua actividade no Brasil, é sem duvida, o Snr. MORRIS E. MARVIN, operoso cidadão norte-americano que allia aos seus vastos conhecimentos de verdadeiro industrial, as mais lidimas qualidades de un fino gentleman.

Em outro local da presente edição, tivemos ensejo de tratar da individualidade do Snr. Morris E. Marvin como industrial chefe da importante "FABRICA DE PREGOS DE M. E. MARVIN", cujos productos satisfazem perfeitamente as exigencias da sua vasta clientela e honram a fabricação nacional.

Agora nos occuparemos do seu nome como membro de valor do nosso alto commercio, isto é, como chefe da firma MARVIN & COMPANHIA LIMITADA, que por elle foi organisada depois de ter se dedicado á industria nacional, com a compra que fez da Fabrica de Pregos existente á rua Menna Barreto nº 72, Botafogo, a qual passou para a propriedade de M. E. Marvin, firma que outr'ora se occupava do ramo de negocio da actual MARVIN & COMPANHIA LIMITADA.

Assim, o Snr. Morris E. Marvin fundou, em 1921, esta firma em substituição áquella, e d'ella fazem parte como socios o seu irmão Snr. Myron Marvin, e o seu cunhado, Srn. Samuel Goldstein, proseguindo a firma MARVIN & COMPANHIA LIMITADA nos negocios de todas as classes e qualidades de metaes, importação e fabricação dos mesmos.

Estabelecida em nossa praça, á rua Camerino ns. 83 a 87, tem o capital realizado de Rs. 1.000:000$000.

São consideraveis e variadas as transacções da firma que se dedica ao commercio de IMPORTAÇÃO DE METAES, *especialmente copre, latão, zinco, aluminio, antimonio,* etc.; *materias primas para as industrias mechanicas; refinação e fundição de metaes de anti-fricção,* e *metaes para typographia, linotypia,* etc.

O seu systema de operações é o de vendas por atacado e revendedores, e fornecimento a industriaes.

Surte-se nos principaes mercados norte-americanos e europeus, e vende em todas as praças do Brasil, possuindo filiaes em Bahia, S. Paulo, Porto Alegre e Rio Grande.

Os srs. MARVIN & COMPANHIA LIMITADA, são productores dos mais afamados metaes de anti-fricção, bem como metaes para typographia, linotypia, etc., fabricados no Brasil, e como tal, são os maiores stockistas de cobre, zinco, latão e seus derivados.

Alem disso e para o completo exito dessa producção, são possuidores de diversas patentes brasileiras sobre ligas especiaes para esses metaes.

Como importadores, a actuação da casa MARVIN & COMPANHIA LIMITADA, é das mais efficientes, sendo que, o negocio de metaes em geral, como exerce a firma, fal-o em taes proporção, que o commercio a ella deve beneficios os mais assignalados.

As emprezas industriaes mechanicas, os proprietarios de typographias, linotypias, etc., contam na firma MARVIN & COMPANHIA LIMITADA, os mais valiosos factores do progresso dos seus negocios, e a teem em alta estima, quer pelo criterio e segurança com que se desobriga dos seus compromissos, quer pela solicitude e rectidão com que executa os pedidos recebidos.

Por outro lado, os chefes da firma em questão, são de uma operosidade sem limites, gozando de notoria sympathia nos meios commercial e industrial, dos quaes, aliás, são figuras das mais acatadas.

Todas essas razões contribuem fartamente para a segura marcha progressiva da casa que, contando, podemos dizer, apenas um anno de funccionamento, já tem um nome feito e um grande futuro garantido, graças ás victorias obtidas nesse curto prazo de actuação em nossa praça onde chegou a um invejavel gráo de prosperidade, justa recompensa aos grandes esforços dos seus dirigentes, notadamente do seu chefe Snr. Morris E. Marvin.

E pelo conceito que gozam pessoalmente e pela idoneidade da propria firma, os Snrs. MARVIN & COMPANHIA LIMITADA, gozam tambem de justos e merecidos creditos na praça do Rio de Janeiro como nas dos Estados Unidos da America do Norte, o que facilita as vultuosas transacções que teem realizado.

Eis em rapidas linhas a situação de prosperidade, o gráo de adiantamento, e o alto valor e poder de tão importante firma que honra sobremaneira, o commercio brasileiro.

A sua direcção telegraphica é — METAL — Rio de Janeiro. Usam os codigos "General Telegraph Code", "Western Union", "Bentley's" e "Ribeiro", e se utilizam dos serviços do American Foreign Banking Corporation, e National City Bank os New York.

São Paulo Railway Company



ESTAÇÃO INICIAL DA S. P. R. EM SANTOS

Poucos annos depois de inventada a locomotiva a vapor, começaram no Brazil os projectos de ligar a Capital do paiz ás principaes provincias do sul e centraes.

Já em 1835 o Padre Diogo Antonio Feijó promulgava, como regente do Imperio, o decreto legislativo que auctorizou o Governo a conceder privilegio para a construcção de estradas de ferro que se dirigissem da Côrte para as capitaes de Minas Geraes, Bahia e Rio Grande do Sul, esta ultima, como é natural, passando por São Paulo, seu trajecto forçado.

O Governo provincial de São Paulo, por sua vez, decretou uma lei em 1836, e logo outra mais ampla em 1838, auctorizando a construcção de uma ou mais estradas de ferro que, partindo de Santos, se dirigissem a Campinas, Piracicaba, Itú ou Porto Feliz, bem como do mesmo ponto inicial para Mogy das Cruzes.

Nenhuma das primeiras tentativas conseguiu lograr qualquer exito, devido á falta de animo, natural naquella época, em empreender construcções de tal magnitude como estradas de ferro, sem uma segurança de renda para os capitaes que nellas fossem empregados.

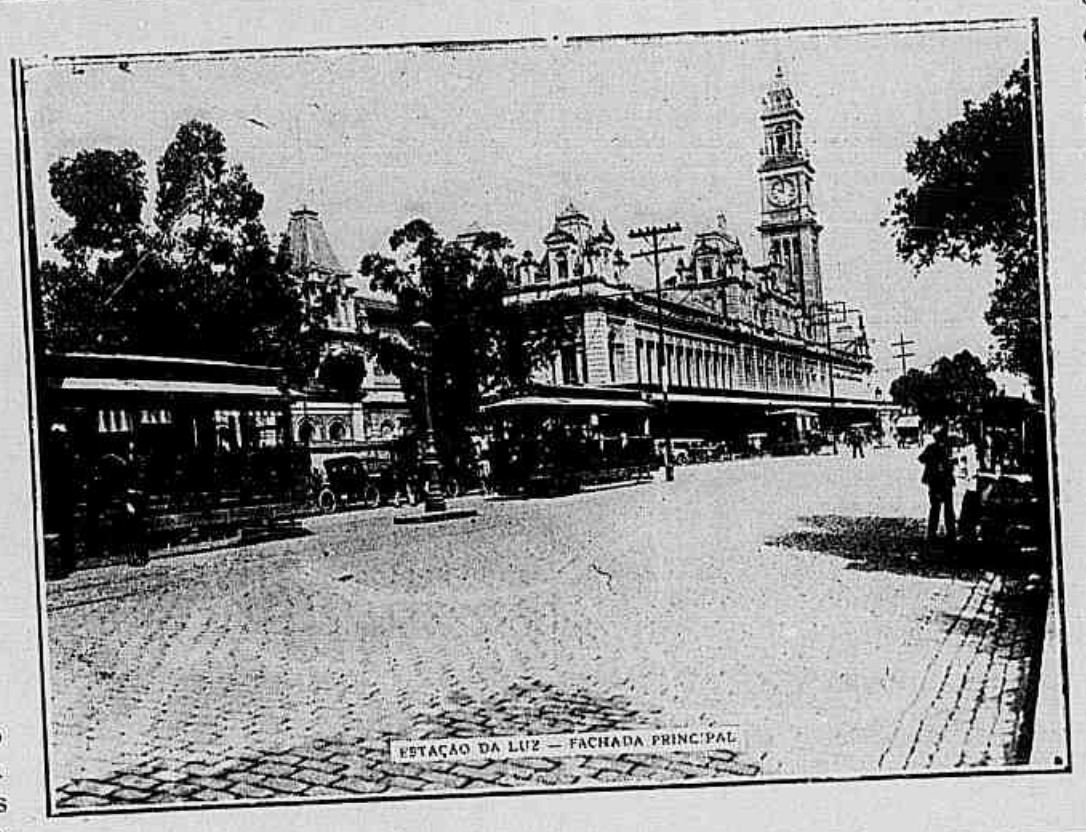
Finalmente, pelo decreto n 1759 de 26 de Abril de 1856, o Governo Imperial concedeu a companhia que incorporassem o Barão de Mauá, o Marquez de Monte Alegre e o Conselheiro João Antonio Pimenta Bueno, privilegiado por 90 annos para exploração de uma estrada de ferro que, passando pela capital de São Paulo, ligasse Santos á então villa de Jundiahy.

Desta vez o projecto se tornou viavel, porquanto a concessão era feita com a garantia de juros de 7% sobre o capital empregado, sendo 3% pagos pelo Governo Geral e 2% pelo provincial. Mas, por poucos annos se tornou effectiva a garantia, pois a estrada começou logo a dar rendimento proprio, tendo a companhia ingleza reembolsado, com grande lucro para o Governo, as quantias recebidas, até que, em 1889, a Companhia desistiu da mesma garantia de juros.

A construcção da estrada de ferro foi iniciada em 24 de Novembro de 1860, tendo sido, depois de diversas inaugurações parciaes, aberta ao trafego toda a linha de Santos a Jundiahy, com 139 kilometros, em 16 de Fevereiro de 1867. Apesar da Estrada de Ferro D. Pedro II ter sido iniciada em 1855, no Rio de Janeiro, em demanda da antiga povoação de Cachoeira na provincia de São Paulo, as locomotivas da São Paulo Railway ainda foram as primeiras a funccionar em territorio paulista. O que significa esse empreendimento está bem patenteado pela magnifica rêde ferroviaria que immediatamente se lhe seguiu e que constituiu, indubitavelmente, a alavanca mestre na propulsão do excepcional e grandioso progresso do Estado de São Paulo, o qual, em poucas decadas, já conta para mais de 6700 kilometros de vias ferreas. Como se sabe esse progresso tem se reflectido de maneira muito sensivel nos estados visinhos, como corollario do desenvolvimento das vias de communicação paulistas, que penetram por muitos ramaes nesses estados.

O trecho mais difficil de vencer, na construcção da estrada de ferro de Santos a Jundiahy, foi a Serra do Mar, cuja differença de nivel de quasi 800 metros teve de ser vencida por meio de planos inclinados accionados por machinas fixas, antes só applicados a estradas de trafego diminuto e destinadas a fins exclusivamente de turismo. Havia, por isso, mesmo, entre as pessôas mais auctorizadas no assumpto uma certa descrença no successo do systema adoptado, aliás o mais economico devido á excepcional natureza do terreno. E notavel que, cerca de quarenta annos mais tarde, quando a Companhia apresentou ao Governo diversas alternativas para vencer a mesma Serra por meio da linha de simples adherencia, ainda o Governo deu preferencia ao systema de cabos, accionados por machinas fixas, comtudo, com os melhoramentos conhecidos na occasião.

Os primitivos planos inclinados ainda existem em condições de funccionar, mas, como a sua capacidade estava em vias de ser attingida, de 1897 a 1900 foram construidos os Novos Planos Inclinados, que fazem actualmente com bastante margem todo o serviço de cargas e passageiros procedentes ou destinados a Santos. A principal differença entre os antigos e os novos planos inclinados é que o cabo deste é sem fim, funccionando com uma corrêa, no qual os brekes engatam por meio de dispositivos especiaes. Igualmente, nos antigos planos os brekes não tinham outra funcção senão de amparar e refrear, os trens, ao passo que nos novos, sendo combinados com uma locomotiva, fazem tambem o serviço de manobra nos pateos e patamares de partida ou chegada.



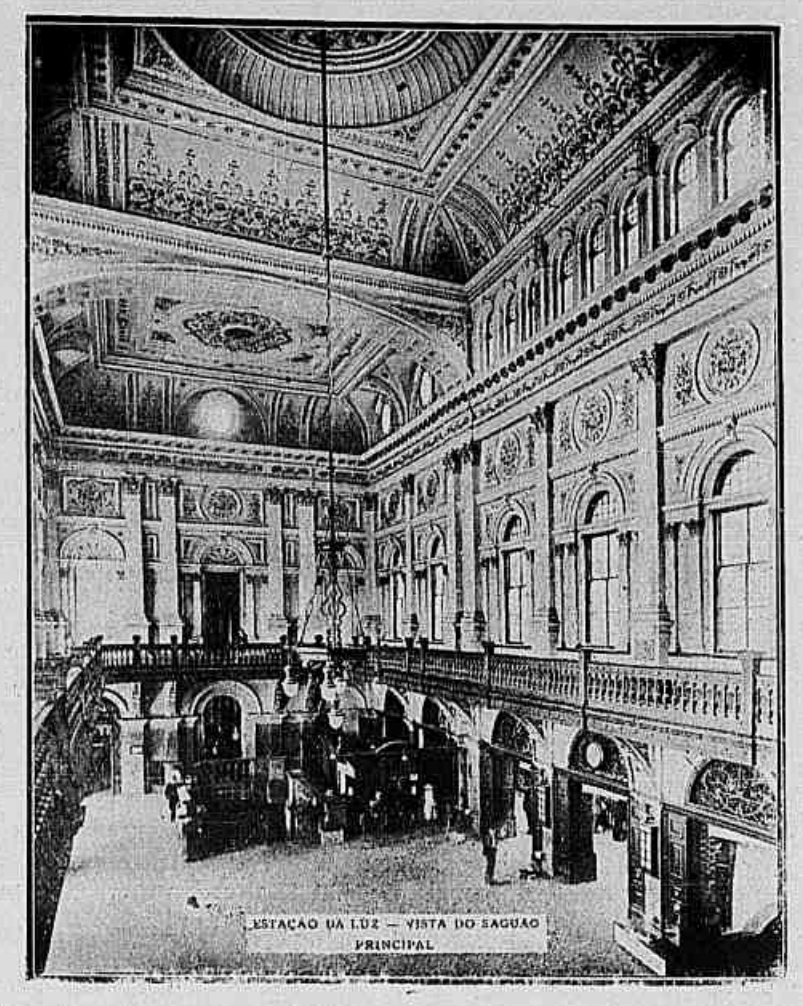
ESTAÇÃO DA LUZ — FACHADA PRINCIPAL



VIADUCTOS DA GROTA FUNDA — NOVOS E ANTIGOS PLANOS INCLINADOS

São Paulo Railway Company

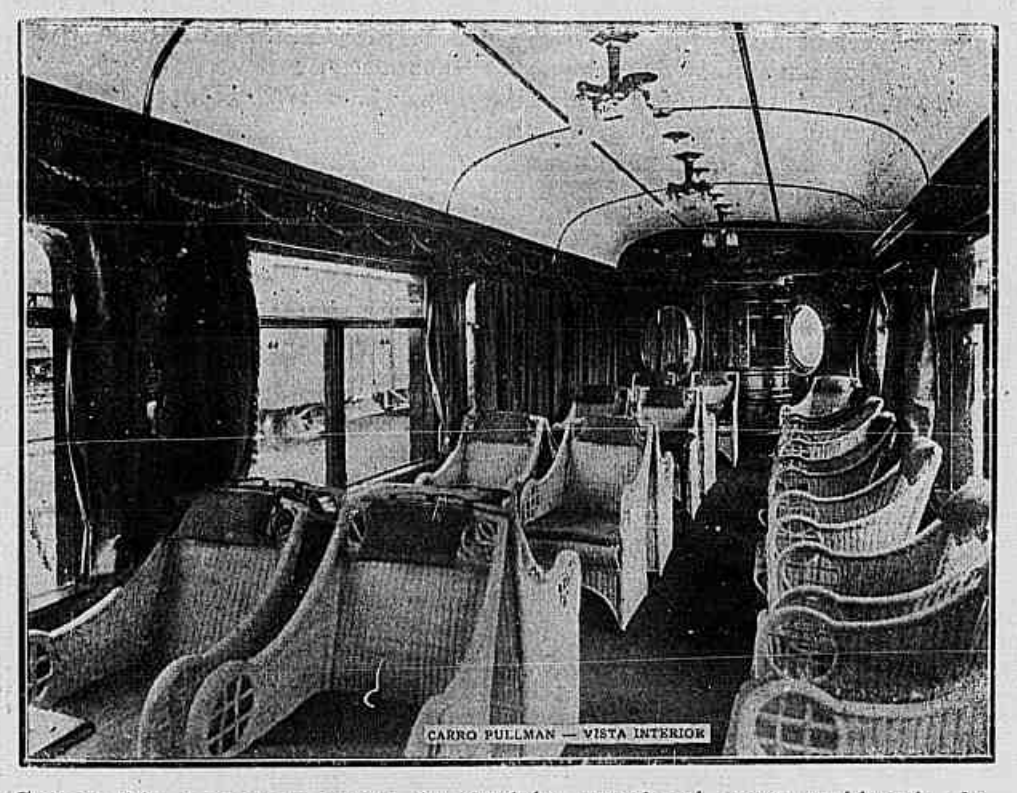
Na expectativa de que o progresso formidavel do Estado de São Paulo e dos outros seus visinhos, possa pôr á prova a maxima capacidade dos dois planos inclinados reunidos, a Companhia tem estudos feitos desde 1913 para electrificar a linha velha da Serra, a



ESTAÇÃO DA LUZ — VISTA DO SAGUÃO PRINCIPAL

qual ficará assim com capacidade superior á dos actuaes novos planos.

Na mesma occasião em que se construiu a nova linha na Serra, foi tambem duplicada toda a linha de Santos a Jundiahy e construidos edificios novos para todas as estações, edificios esses que até hoje são os melhores que se conhecem, em igualdade de condições, em todo o Estado, sendo que, apesar do grande crescimento do trafego na zona de São Paulo Railway, quasi todas ainda dão vasão ampla ao serviço apresentado. Ao lado das estações possúe a



CARRO PULLMAN — VISTA INTERIOR

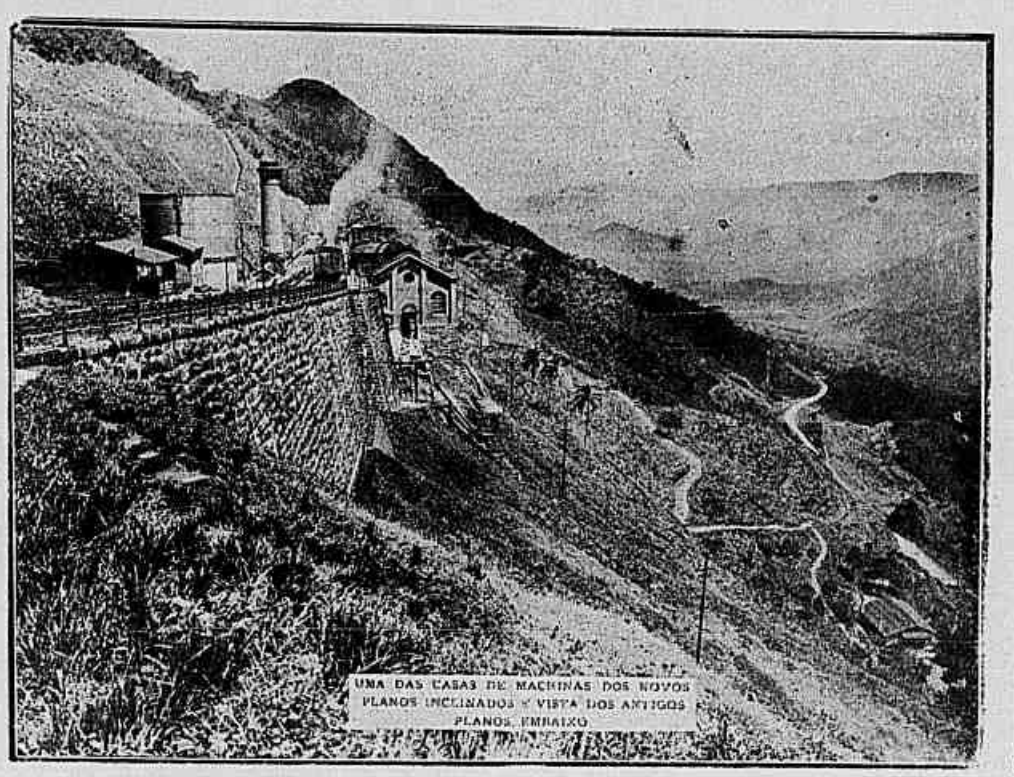
Companhia pequenas casas de modelo agradavel, para residencia do pessoal respectivo.

A estação da Luz, de que damos uma photographia é a séde da administração da estrada no Brazil, e o edificio, na época em que foi inaugurado, era o melhor e o mais sumptuoso da America do Sul, sendo que hoje, depois de construida a do Retiro, em Buenos Ayres, ainda occupa o segundo logar.

A' estação da Luz chegam, e partem os trens rapidos e nocturnos do Rio de Janeiro além dos trens procedentes de Santos e do interior, que, por intermedio da estrada de ferro da Companhia Paulista e suas tributarias, dão communicação com os pontos mais afastados do Estado de São Paulo, bem como o sul de Minas e com Matto Grosso.

A São Paulo Railway Company é concessionaria tambem de uma linha de bitola de um metro, com 108 kilometros de extensão, a qual, partindo de Campo Limpo, na linha tronco, serve as florescentes cidades de Atibaia, Piracaia e Bragança e vae até Vargem, nas raias do Estado de Minas Geraes.

Os carros de passageiros, da Companhia, tanto de primeira como de segunda classe, só são rivalizados pelos da Companhia Paulis-

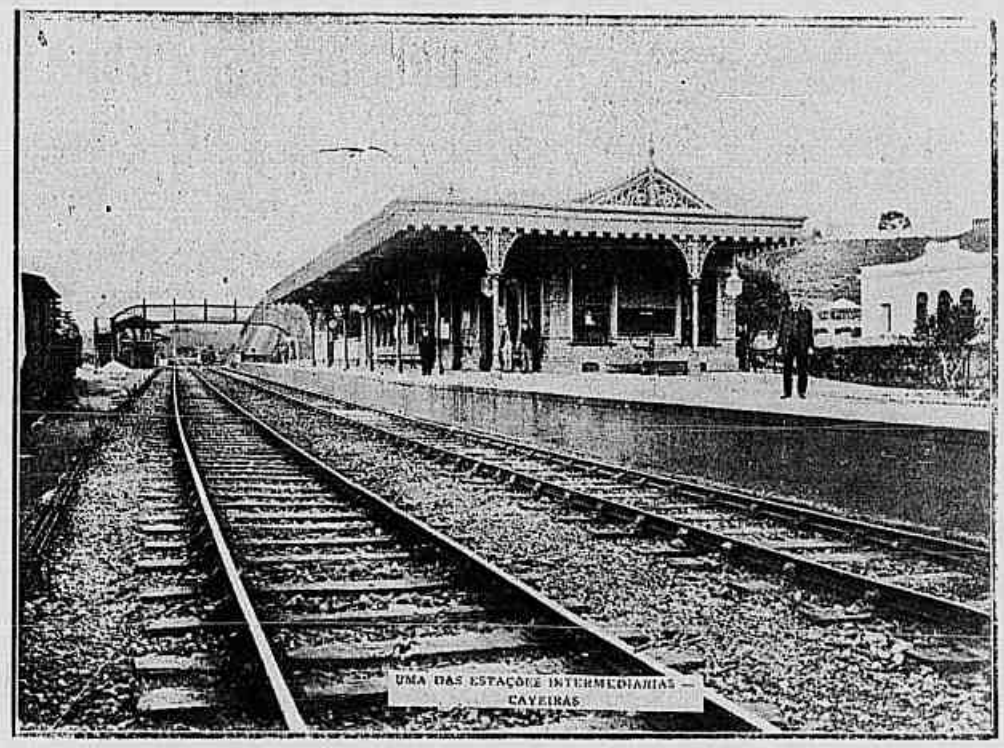


UMA DAS CASAS DE MACHINAS DOS NOVOS PLANOS INCLINADOS E VISTA DOS ANTIGOS PLANOS, EMBAIXO.

ta, que tem trafego mutuo com a São Paulo Railway, circulando o material rodante de uma indifferentemente nas linhas da outra.

Os carros de luxo, de que damos um aspecto interno, recentemente inaugurados no trafego entre São Paulo e Santos, são dos melhores que circulam hoje em dia, proporcionando agradavel conforto durante a viagem, mediante uma taxa muito modica.

Ha actualmente 9 trens diarios entre São Paulo e Santos e 10 de Santos para São Paulo, sendo que aos feriados ha mais um trem em cada sentido. Alguns desses trens, conforme a hora em que correm, levam carro-restaurante entre Alto da Serra e São Paulo e outros têm carro de luxo e buffet entre São Paulo e Santos. Tanto nos restaurantes como nos buffets, os viajantes encontram um ser-



UMA DAS ESTAÇÕES INTERMEDIARIAS — CAYEIRAS

viço de primeira ordem, como nas melhores estradas de ferro.

A direcção dos negocios da companhia está confiada a uma Directorai composta de homens adeantados, muito conhecidos nos meios financeiros e ferroviarios de Londres, os quaes, dentro do curto prazo que exercem o mandato já têm introduzido não poucos melhoramentos nos serviços, certamente devido em grande parte tambem á iniciativa do operoso superintendente no Brazil, sr. Cel. Eric A. Johnston, que aqui já goza de grande sympathia.

O presidente da companhia, sr. Conde Bessborough, esteve no Brazil no fim do anno passado, tendo aqui feito grandes amizades. Os demais directores srs. Oliver Bury, Cel. Charles E. Johnston, General Guy Lubbock e Sir Maurice de Bunsen já têm estado no Brazil e conhecem bem as necessidades da empreza que dirigem.

Wilson, Sons & Co. Ltd.



A Sociedade Anonyma, Wilson, Sons & Cª., Ltd., funcciona á Avenida Rio Branco, 37 e dedica-se á importação de carvão de pedra e de mercadorias em geral. São agentes das importantes companhias de navegação **The Booth Steamship Cº., White Star Line, Osaka Shosen Kaisha** — e agentes geraes da Companhia Ingleza de Seguros **"Alliance"**.

A casa foi fundada em 1875, em Londres, onde tem a sua matriz, e as suas filiaes em Madeira, Las Palmas, S. Vicente C. V., Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santos, Porto Alegre, Montevidéo, La Plata, Buenos Ayres, Rosario e Bahia Blanca, demonstram o vastissimo campo das suas operações.

Wilson, Sons & Cª., de nossa praça, teem sempre em stock: Materiaes para construcções, tintas e oleos, drogas, bebidas finas, ferragens, ferro guza, machinas a gaz e a oleo, creolina, metaes, azulejos e ladrilhos, etc., etc. Acceitam **pedidos para importação de mercadorias extrangeiras á commissão.**

A sua direcção telegraphica é — Angelicus — e usa os codigos Scott's Code 10ª ed., Bentley's, A. B. C. 5ª ed., Ribeiro e Particular. Muito sensivel é o lucro do Brasil com o auxilio das emprezas extrangeiras, e Wilson, Sons & Cº., — verdadeiro colosso mercantil — são elementos dignos da confiança e do alto apreço de que gozam.



TINTA 'SARDINHA"

Entre os muitos fabricantes de tintas, o principal estabelecimento que existe no Brasil, é sem nenhuma contestação, a Empreza Industrial de Tintas "Sardinha", installada no bello edificio da rua do Senado, 218, Rio de Janeiro, fundada pelo activo e estimado industrial sr. J. A. Sardinha e hoje de propriedade dos filhos, seus herdeiros, dr. José da Cruz Sardinha e Orlando da Cruz Sardinha, sob a firma J. A. Sardinha, succcessores.

Os principaes artigos produzidos pela Empreza, e que possuem justo e solido renome no Brasil e no extrangeiro, são: Tintas, para escrever e para carimbos, gomma liquida, lacres de varias côres e qualidades, tintas de côr para escrever e para desenho, vernizes de varias especies, a optima tinta-esmalte "Lacol", o esplendido liquido para limpar metaes, "Zaz-Traz", etc.

No nosso paiz não ha logar onde não sejam conhecidos e preferidos os productos da Fabrica "Sardinha", e em todos os Estados é muito grande o seu consumo; para o extrangeiro, especialmente, Argentina, Uruguay e Paraguay, já é avultada a exportação desses productos.

A Fabrica de Tintas "Sardinha" merece o justo conceito de que goza, e honra sobremaneira a industria nacional.



Deutsch Suedamerikanische Bank A. G.

(Banco Germanico da America do Sul)

Endereço Telegraphico: CENTRAMERO
Caixa Postal, 56
Telephone Norte 3863

O **Deutsch-Suedmerikanische Bank**, entre varias filiaes, conta a do Rio de Janeiro, que serve a sua larga clientela e está em franca prosperidade mercê de bôa gerencia e solido credito.

Com casa matriz em Berlim e succursaes em Hamburgo, Madrid, Buenos Ayres, Valparaiso, Santiago (Chile), Mexico, Torreón (Mexico), etc., tem a sua filial nesta cidade, á rua 1º de Março, 57, esquina da rua da Alfandega, dedicando-se a todas as operações bancarias especialmente: — Descontos, cobranças de letras, sobre todas as cidades do Brasil, documentos, coupons, dividendos, emissões de cartas de credito, transferencias telegraphicas e por carta para todas as principaes praças do mundo, saques sobre as principaes cidades do universo. Recebe dinheiro e abona juros em: **Conta Corrente de movimento 3 % Conta Corrente Limitada 4 %** por **Depositos a prazo fixo,** as seguintes taxas:

A prazo fixo de 1 mez . 4 %
A prazo fixo de 2 mezes 4 ½ %
A prazo fixo de 3 mezes 5 %
A prazo fixo de 6 mezes 6 %
A prazo fixo de 12 mezes 6 ½ %

por **Depositos a prazo indeferido com avizo previo:**
de 30 dias 4 ½ % de 60 dias 5 % de 90 dias 6 %

O Banco é representante do Dredsner Bank, de Berlim, e de todas as filiaes do mesmo.

Banco Commercial dos Varegistas

O Banco Commercial dos Varegistas foi fundado em 29 de janeiro de 1921, com o capital de 1.000:000$000, e tem actualmente á sua frente, como presidente o sr. dr. Arthur Pinto da Rocha e o sr. Antonio Barcellos Borges como thesoureiro.

Acha-se installado á rua da Alfandega, 42 e tem agentes, e correspondentes nas principaes praças do paiz.



DR. PINTO DA ROCHA

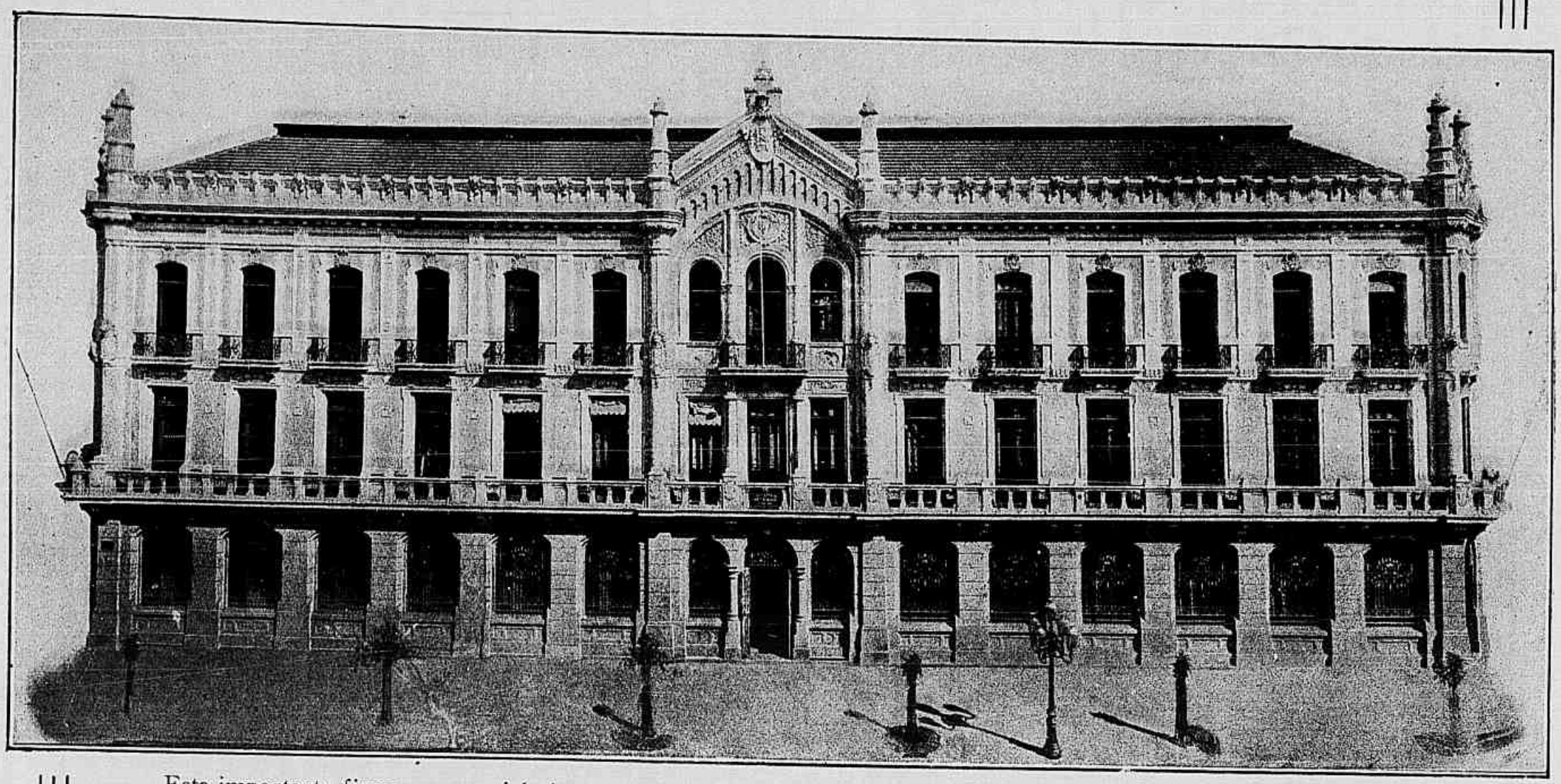
Opera em contas correntes, descontos, contas correntes limitadas, emissão de cheques e lettras sobre o extrangeiro, pagamentos telegraphicos, abertura de creditos, compra e venda de titulos, cobranças e todas as demais transacções bancarias.

O seu endereço telegraphico é — BANCOVARE'.

Não tendo ainda dois annos de actuação em nossa praça, já conseguiu assumir importancia digna de registo, sendo o volume dos seus negocios cada vez maior, graças á competencia e á bôa orientação dos directores acima citados, dois nomes acatados na praça e na sociedade do Rio de Janeiro.

Segura tem sido a sua marcha progressiva e maiores prosperidades, de certo logrará para o futuro.

HERM. STOLTZ & Co.



Esta importante firma commercial, de nossa praça, foi fundada, em 1863, pelos srs. Brandes, Kramer & Cº, que negociavam como importadores de artigos de toda a sorte.

Nessa época o sr. Hermann Stoltz entrou para a casa e em 1873 já occupava a posição de socio, tendo, por perto de 10 annos gerido, sob sua propria responsabilidade, os negocios da firma.

Em 1883, por extincção da firma fundadora, esse homem, que sempre revelou extraordinario tino commercial, adquiriu a exclusiva propriedade do estabelecimento, surgindo então a firma Herm. Stoltz & Cº. que de prompto se impoz em nosso meio commercial.

Por esse tempo, tendo o sr. Stoltz, em Hamburgo, uma agencia compradora encarregada da compra dos artigos e dos embarques para o Brasil, já fazia a casa um enorme commercio de afretamento, fretando nada menos de 80 a 90 navios á vela para transporte, de porto a porto, de grandes quantidades de productos.

Os seus diversos ramos de negocios estão organisados pelas secções seguintes:

A de importação — para toda a sorte de artigos do velho e novo mundo.

A technica — installações completas para minas, machinismos para qualquer fabrica, trens completos para estradas de ferro e apparelhos para a lavoura em geral, assim como de aereoplanos do ultimo modelo.

A maritima — como agente geral do Norddeutscher Lloyd, Bremen, desde 1876, e das Companhias "Aktien Gesellschaft Hugo Stinnes" e "Artus" Dauziger Reederei.

A de seguros — como agentes e representante das mais importantes companhias de seguros maritimos e terrestres da Europa.

A de productos do paiz — recebendo toda a especie de generos nacionaes, de todas as procedencias, em consignação e conta propria.

Esta secção possue uma completa installação para beneficiamento e enlatamento de manteigas de que faz grande commercio para o norte do Brasil.

A de fumos e charutos — como representantes e coproprietarios das grandes plantações em S. Felix, (Bahia) de fumos e fabricação de charutos Stender & Cº.

A de industria — com a Companhia Federal de Fundição, da qual são os maiores accionistas.

Herm. Stoltz & Cº., são agentes no Brasil, de A. Borsig (Berlim) locomotivas e material para estradas de ferro, havendo já fornecido essas machinas e outros materiaes á Estrada de F. C. do Brasil e outras vias ferreas nacionaes.

Como representantes de importantes estaleiros, encarregam-se da construcção de navios e lanchas de qualquer classe e poder para as marinhas de guerra e mercante.

Devido ao progresso da casa, em 1893, foram creadas filiaes em S. Paulo e Pernambuco e uma agencia compradora em New-York.

O seu edificio, nesta cidade, á Avenida Rio Branco, 66|74, é uma verdadeira colmeia em actividade e constitue, como architectura, um trabalho notavel, digno da situação em que se encontra a firma.

O sr. Herm. Stoltz dirige actualmente os negocios da casa, em Hamburgo, sendo no Rio a gerencia exercida pelo seu filho sr. Rodolpho Hans Stoltz e pelo sr. Carl Hermann Runge, ambos socios.

Eis em poucas linhas o valor e a importancia da firma Herm. Stoltz & Cº.

Banco Allemão Transatlantico

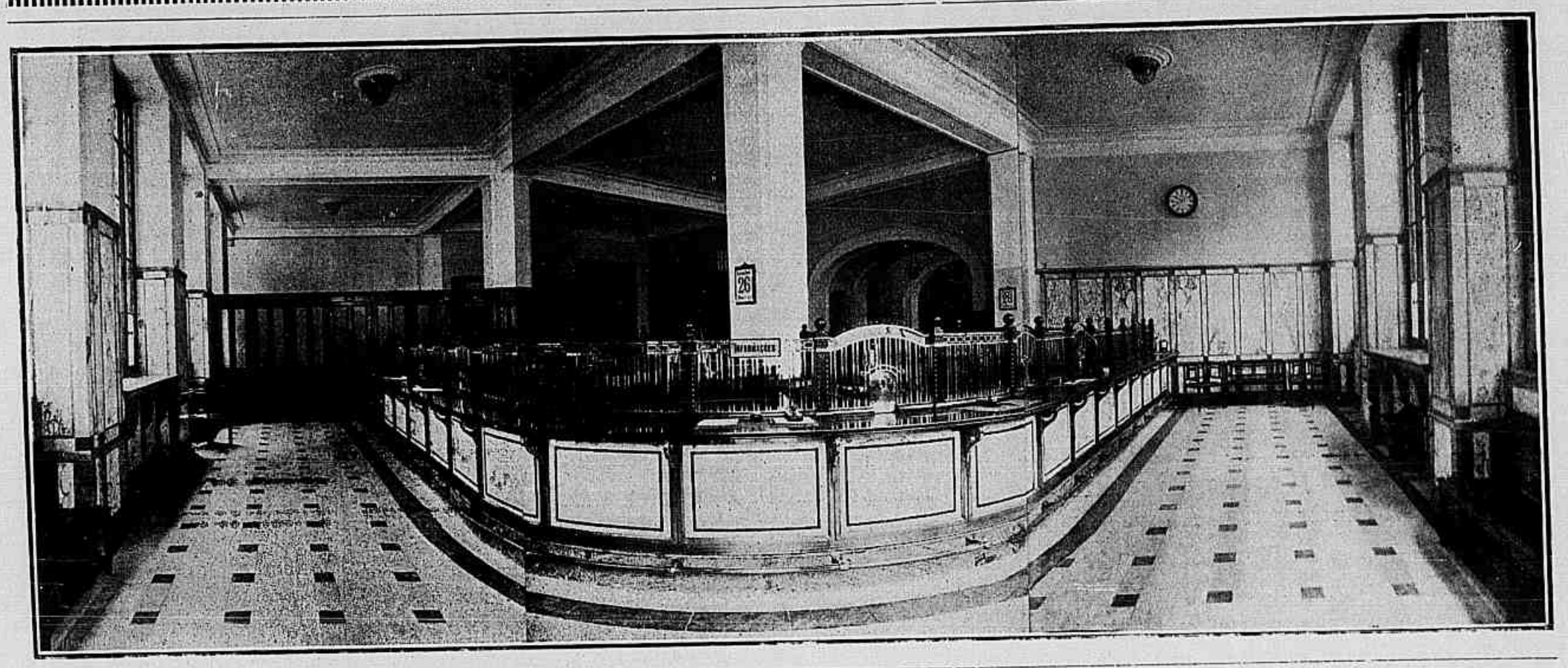
O Banco Allemão Transatlantico, que funcciona á Avenida Rio Branco, 79 e 81 em bello e sumptuoso edificio, dispondo de uma installação que constitue a ultima palavra no genero, é um dos mais importantes e acreditados entre os demais estabelecimentos bancarios extrangeiros, de nossa praça.

Tem o capital realizado no valor de Marcos 50.000.000, e Marcos 10.000.000 de fundo de reserva.

cartas de credito e pagamentos por telegrammas e cartas sobre todas as praças do mundo.

A sua direcção telegraphica é — Bancoleman — e usa os codigos ABC 5th e ABC 5th improved, ABC 6th, Bentley's Code, Lieber's Code (5 letters) Ribeiro, Borges e Mascotte.

O Banco Allemão Transatlantico, é o representante não



A casa matriz, é o *Deutsche Ueberseeische Bank,* Berlin, fundado em 1886, e tem installadas as seguintes filiaes:

No Brasil: Além dos do Rio de Janeiro, as de São Paulo, á rua Alvares Penteado, 42; Santos, rua 15 de Novembro, 98 e 100, e Curityba, rua Marechal Floriano Peixoto, 5.

Na Republica Argentina: Buenos Ayres, Bahia Blanca, Cordoba, Mendoza, Rosario de Santa Fé e Tucuman.

Bolivia: La Paz e Oruro.

Chile: Valparaizo, Antofogasta, Concepcion, Iquique, Santiago, Temuco e Valdivia.

Perú: Lima, Arequipe e Callao.

Hespanha: Barcelona, e Madrid.

Uruguay: Montevidéo.

Faz todas as operações bancarias nas suas varias modalidades, especialmente: Cobranças de lettras, documentos, coupons, dividendos, etc. Recebimento de dinheiro em conta corrente de movimento, a prazo fixo e indeferido. Emissão de

só do Deutsche Bank, de Berlim, com capital e reservas de mais de 2.000.000.000 de Marcos, como de todas as filiaes do mesmo. A irradiação dos estabelecimentos de credito extrangeiros no Brasil, tem prestado ao nosso commercio, industria e a todo o paiz, emfim, os mais relevantes e inestimaveis serviços. Entre elles é innegavel a actuação dessa poderosa instituição bancaria que se chama Banco Alllemão Transatlantico.

Pelo movimento desse Banco, quer na cidade do Rio de Janeiro, quer nas outras do Brasil onde tem filiaes, pode-se calcular a medida da sua expansão que cada vez mais se accentua.

Percorrer as varias secções da sua filial, n'esta praça, nas horas do expediente, é ter a impressão nitida da sua importancia; e ao seu digno e competente gerente, deve o Banco o gráo de prosperidade em que ella se acha, actualmente, em situação de destaque, conceituada e preferida por uma vasta clientela.

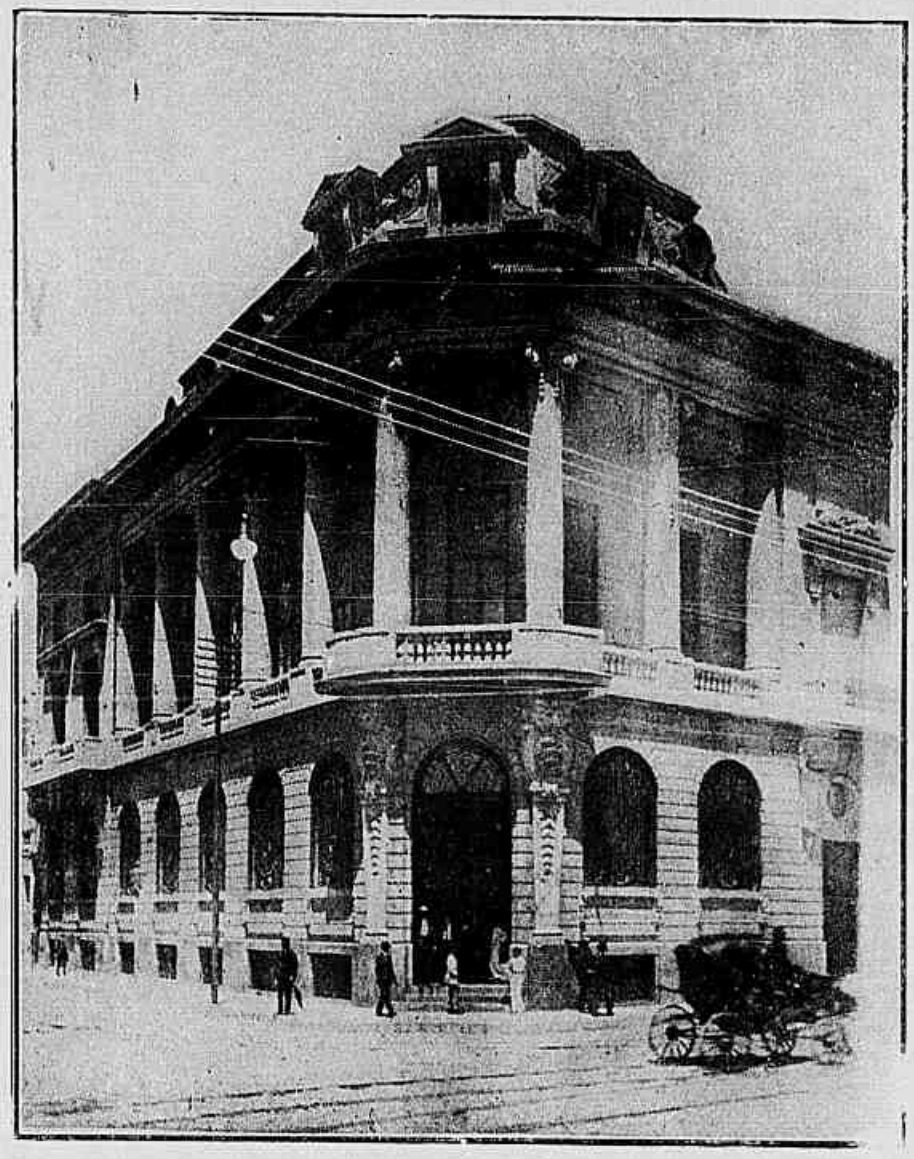
BANCO PELOTENSE



Fundado a 5 de Fevereiro de 1906 em Pelotas, tem o Banco Pelotense vasta e proficua acção na praça do Rio Grande do Sul, em todo o paiz e no exterior.

São seus directores, os srs. Coronel Alberto R. Rosa, Plotino Amaro Duarte e dr. José Julio de Albuquerque Barros.

O Banco tem o capital subscripto de Rs. 30.000:000$000, capital realizado, Rs. 15.000:000$000 e a realizar, Rs. 15.000:000. Fundo de reserva até 30 de Junho de 1922, Rs. 14.003:284$860. Os seus depositos, nessa data, attingiram a Rs.: 142.950:583$740, o que demonstra o gráu de confiança que inspira ao publico, e em caixa ainda nessa data, Rs.: 34.593:059$070. O capital inicial em 1906, foi de Rs. 3.000:000$000, tendo sido augmentado, á medida que as operações se foram dilatando, successivamente, para 5, 10, 15 e 30.000:000$000. Este importante estabelecimento nacional de credito, acha-se perfeitamente habilitado para operar, como opera, em contas correntes, depositos a praso fixo, com aviso, limitados, etc.; cobrança de lettras sobre o paiz e o extrangeiro, juros e dividendos de titulos de renda, etc.; guarda em deposito titulos, testamentos e outros valores; emprestimos em conta corrente sob caução; adiantamentos sobre mercadorias warrantadas e outros valores; descontos, pagamentos dentro é fóra do paiz; compra e venda de cambiaes, effectuando todas as operações de cambio, etc.



Edificio da Matriz do Banco Pelotense, em Pelotas

Transacciona com todas as principaes praças do Paiz e do exterior, e mantêm vasta rêde de filiaes e agencias nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Geraes e Districto Federal, e correspondentes nas principaes cidades do mundo.

A filial do Rio de Janeiro, que funcciona actualmente á rua da Quitanda, n. 113, serve a sua larga clientela e está em franca prosperidade mercê de optima gerencia e solido credito; as cifras do seu balancete do ultimo mez, mostram a confiança de que goza o importante estabelecimento bancario que, acaba de adquirir o predio á rua da Quitanda esquina da Buenos Ayres, para demolir e no local construir o seu edificio proprio. A direcção telegraphica é — **Pelban** — para todas a suas casas. Usa os codigos A. B. C. 5 thr. Ed., Lieber's, Bentley's, Peterson's (Pibeo) e Western. Tem banqueiros e correspondentes em todas as partes do mundo. O Banco Pelotense é o Agente Financeiro do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.



José Urrutigaray, gerente do Banco Pelotense.



João Baptista Pereira, gerente do Banco Pelotense.

The London & River Plate Bank Limited

A Inglaterra é o paiz que possue uma das mais perfeitas sinão a mais admiravel organisação bancaria, pois, os seus financistas sempre entenderam que, o alto mundo dos negocios é o bancario, e o banco é o guarda dos metaes preciosos, dos titulos, dos valores; é quem faz a economia do transporte do ouro e da prata pela compra e emissão de lettras, de cheques, de todas as operações de troca, emfim.

Desconta documentos commerciaes, faz adiantamentos, tem em resumo, uma funcção dilatada e poderosa, na multiplicação dos valores, na circulação em geral.

Londres é o principal centro financeiro do universo e o Banco de Inglaterra firma-se na conversibilidade de seus bilhetes em ouro.

Uma lettra sobre Londres é o meio de troca internacional reconhecido por todo o mundo.

Os bancos inglezes teem preponderancia nos mercados monetario, bancario e cambial do mundo.

No Brasil funccionam filiaes de alguns desses importantes estabelecimentos bancarios, e entre elles, The London & River Plate Bank, Limited, cuja irradiação é das maiores.

Fundado em Londres em 1862, com o capital autorisado de £ 4.000.000 e o subscripto de £ 3.000.000, tem o seu capital realisado de £ 2.040.000 e seu fundo de reserva de £ 2.100.000.

Tem nessa cidade a sua casa matriz, á Princes Street, 7, (London E. C. 2), e Agencias em Manchester, Cross Street, 86 e em Bradford, Hustlergats, 43.



Filiaes em: Paris, rue du Helder 9; Antuerpia, Place de Meir, 22; Lisbôa, rua Aurea, 32 e New-York, Wall Street, 51.

No Brasil tem filiaes, no Rio de Janeiro, S. Paulo, Santos, Curityba, Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Victoria, Bahia, Pernambuco, Maceió, Pará e Manáos.

Na Republica Argentina, em Buenos Ayres, Rosario, Bahia Blanca, Tucuman, Mendoza, Paraná, Concordia e Cordoba.

No Chile, em Santiago, Valparaizo e Antofogasta.

No Uruguay, em Montevidéo, e agencias em Paysandú, Salto e Rivera.

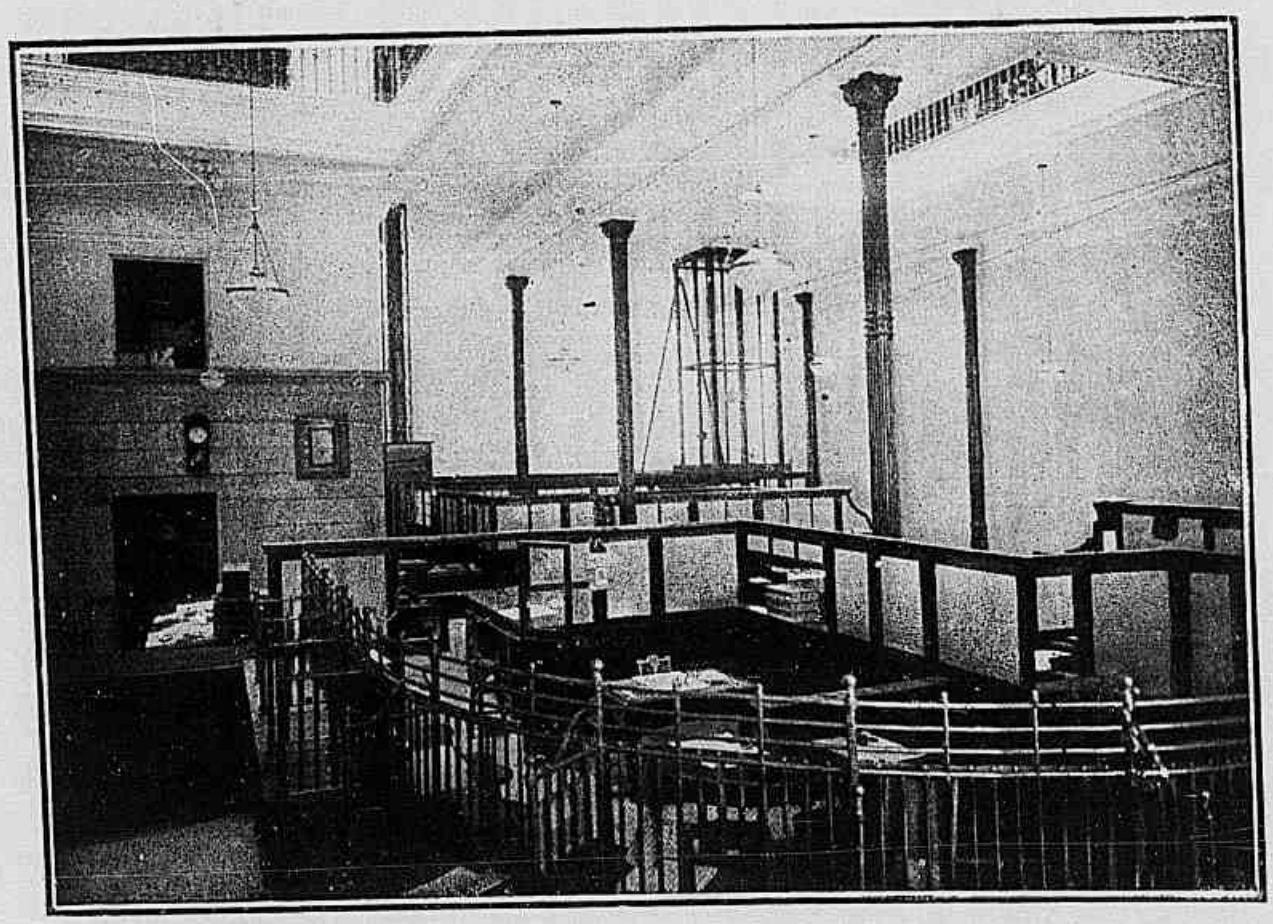
No Paraguay, em Assumpção e na Colombia, em Bogotá e Medellin.

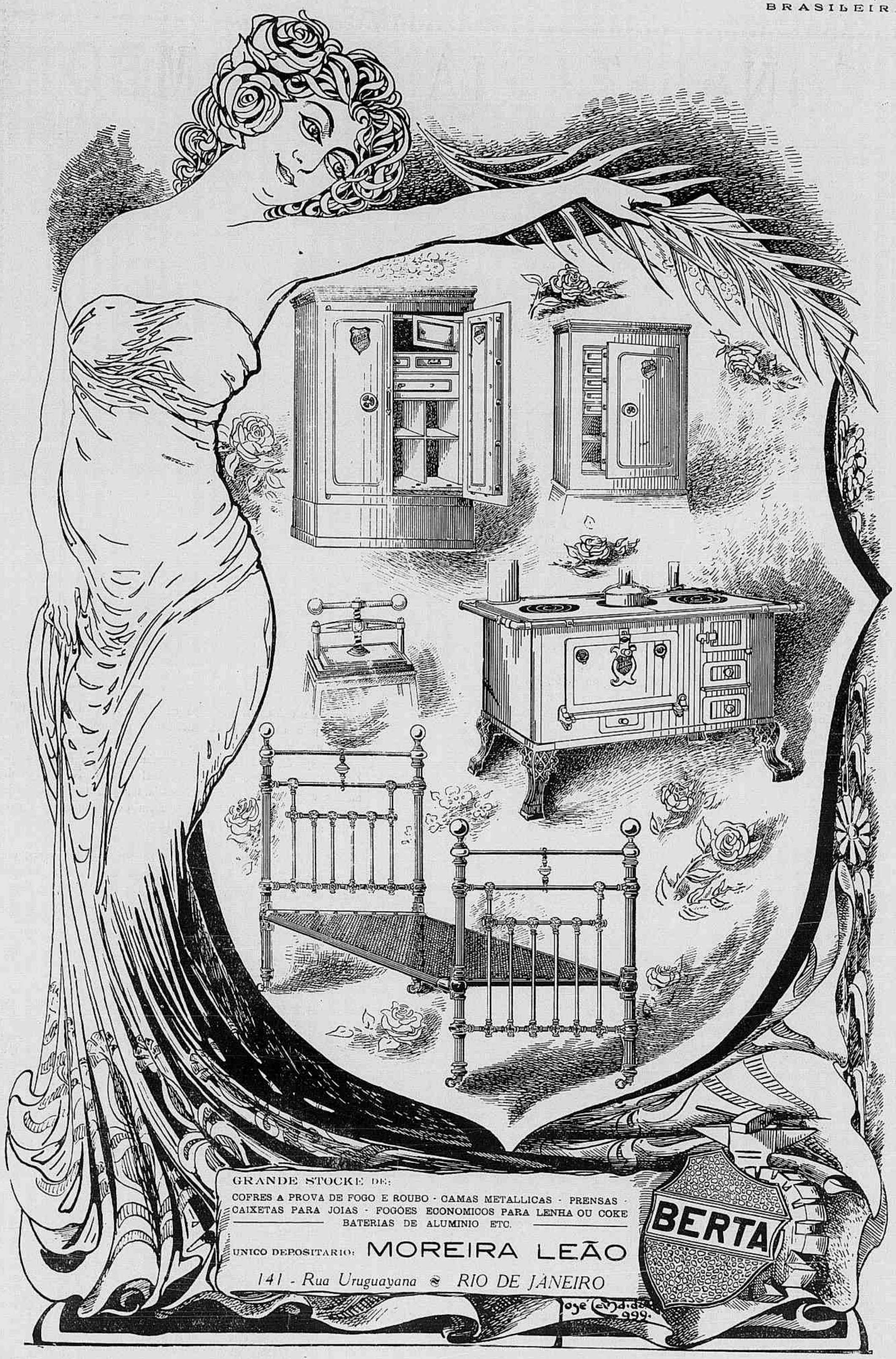
Além disso, tem agentes e representantes em todas as principaes cidade do mundo.

The London & River Plate Bank, é filiado ao Lloyds Bank, Ltd, com o qual tambem é filiado The National Bank of Scotland, Ltd., com mais de 1750 filiaes.

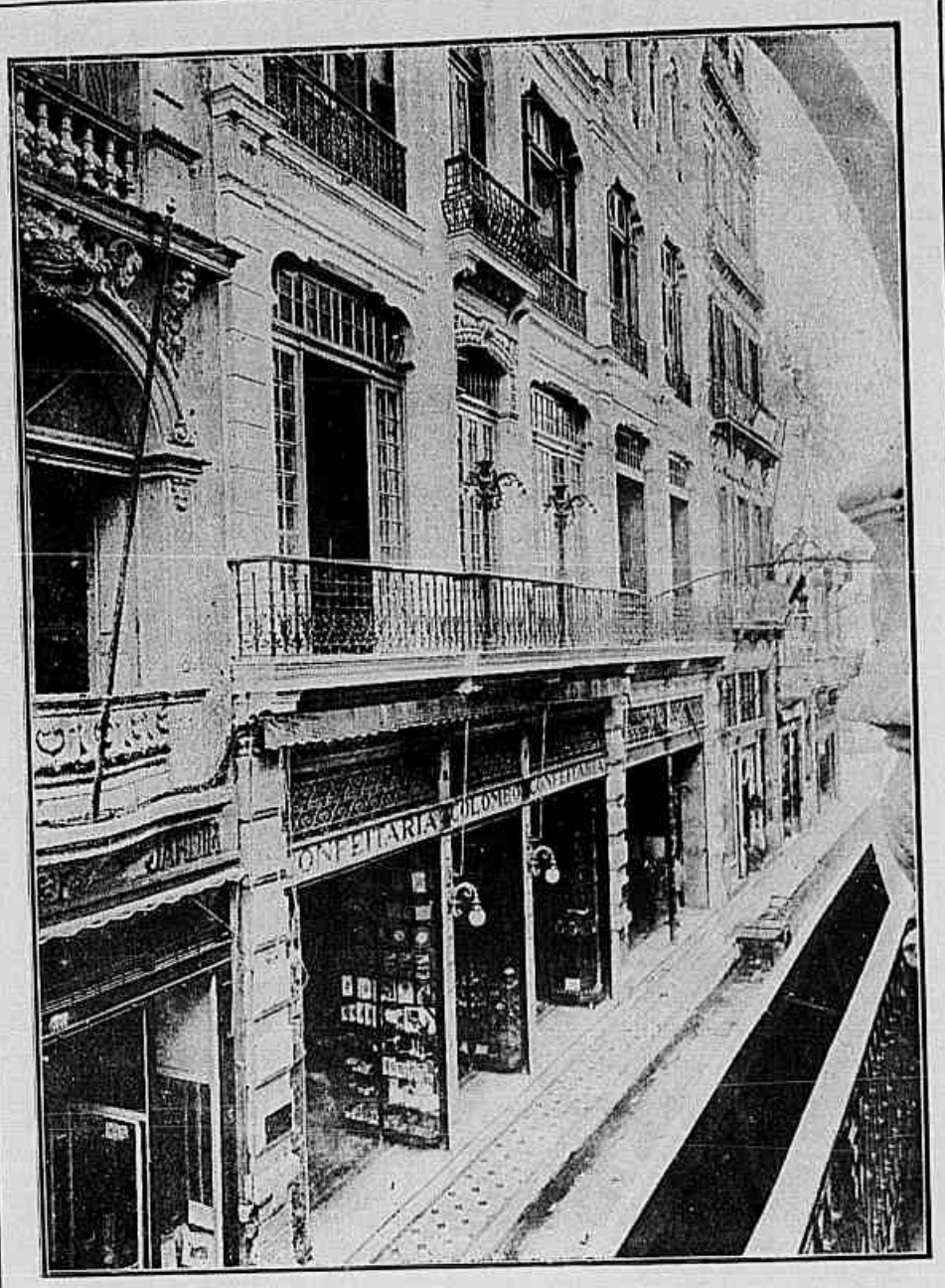
A filial do Rio de Janeiro funcciona á rua da Alfandega, 29 e 31. As cifras do seu balancete do mez findo, mostram a confiança de que goza o importante e solido estabelecimento bancario, sendo certo que o publico recorre a qualquer banco inglez como sendo um prolongamento da solidez dos da Inglaterra. E' o maior elogio do genio financeiro da raça.

The London & River Plate Bank, Limited, é considerado como um dos mais acreditados, institutos bancarios da Capital Federal.




GRANDE STOCKE DE:
COFRES A PROVA DE FOGO E ROUBO - CAMAS METALLICAS - PRENSAS -
CAIXETAS PARA JOIAS - FOGÕES ECONOMICOS PARA LENHA OU COKE
BATERIAS DE ALUMINIO ETC.
UNICO DEPOSITARIO: MOREIRA LEÃO
141 - Rua Uruguayana ≈ RIO DE JANEIRO
BERTA

CONFEITARIA COLOMBO



Desde 17 de Setembro de 1894, data da sua abertura, que *a Confeitaria Colombo* é o melhor, o mais bello e o mais luxuoso estabelecimento, no genero, no Rio de Janeiro. Fundada por Manoel José Lebrão e Joaquim Borges Meirelles, constituiram elles a firma Meirelles & Lebrão. Ao cabo de tres annos retirou-se o Sr. Borges Meirelles, surgindo então a firma Lebrão & Cia. que, admiravelmente, desenvolveu os negocios da casa, creando-lhe, annexo. o grande armazem de comestiveis.

Coube ao Sr. Lebrão orientar e dirigir a Confeitaria e o armazem, e tão bem se houve, annos em fóra, que uma e outro, rapido, se impuzeram á confiança publica. Começou, por esse tempo, o fabrico da marmelada "Colombo", cujo exito foi logo assignalado .

Transferindo, o Sr. Lebrão, essa fabricação para a rua S. Jorge, deu maior espaço ás installações da Confeitaria do excellente "bar". Mais tarde adquiriu terreno á rua Treze de Maio, onde construiu a sua "Fabrica Colombo" e para onde mudou os serviços montados á rua S. Jorge.

Essa Fabrica é, imquestionavelmente, o mais aperfeiçoado, o melhor e mais hygienico estabelecimento n'esse genero que a cidade possue.

Montada assim a sua Fabrica, o Sr. Lebrão poude alargar a sua industria: em larga escala, fabrica a marmelada, a goiabada,, pecegada, laranjada, geléas de morangos, abacaxis, as magnificas tablettes crystalizadas, feitas de massa de diversas fructas, ou resumindo, os melhores doces, sob as formas as mais saborosas e as mais hygienicas.

Em 1912, remodelou a *Confeitaria Colombo,* transformando-a no luxuoso e confortavel estabelecimento que tanto honra a nossa capital e tem merecido os mais francos elogios dos extrangeiros notaveis que o teem visitado.

Em 1913, teve o Sr. Manoel Lebrão um gesto, revelador do seu cavalheirismo pouco commum e prova da maior liberalidade: dividiu os seus negocios, reservando-se a *Fabrica Colombo, e passando* aos seus antigos interessados, Antonio Ribeiro França, Antonio Francisco Corrêa e Eloy José Jorge, a *"Confeitaria Colombo"*, hoje, propriedade destes, sob a firma França & Cia. Assim, os prestimosos auxiliares de vinte e quatro annos de trabalho, tiveram a merecida recompensa. As tradições da querida Confeitaria estão, pois, mais que mantidas. Os seus actuaes proprietarios imprimem ás transacções rigorosa seriedade e escrupulo; e quanto ao pessoal, conservam os auxiliares antigos, melhorando-lhes a situação; com elles dividem grande parte dos lucros, e prestam-lhe todo o auxilio moral e material, o que motiva a dedicação de todos aos negocios da casa. Pela disciplina, pela ordem, pelo respeito e acatamento ao publico, a *Confeitaria Colombo é modelo na cidade*.



França & Cia. são dignos continuadores da obra magnifica do seu ex-chefe e amigo Manoel Lebrão. No intuito de melhor corresponderem á preferencia que lhe tem dispensado o publico do Rio de Janeiro, acabam de inaugurar no primeiro andar, depois de custosas transformações no edificio, o rico salão de chá e de banquetes.

Vasto, sumptuoso, mobiliado e ornado, rigorosamente, em estylo Luiz XVI, é forçoso reconhecer constituir a inauguração desse belle salão, um facto notavel na vida da sociedade carioca, elegante e culta, que alli encontra ao par da urbanidade de um pessoal competente, attencioso e educado, a extrema commodidade, o maximo conforto, o luxo, a decoração esmerada, em uma palavra, o mais fino e requintado gosto artistico.

E' o mais rico salão de chá que o Rio de Janeiro, possue. Todo elle é aprimorado, é arte, é riqueza, e de qualquer ponto que se o veja, desperta verdadeiro sentimento de admiração.

Ao lado, tambem inaugurado, encontra-se a sala de espera igualmente primorosa e obdecendo ao mesmo formoso estylo Luiz XVI; confortavel, dispondo de todos os requesitos para que os convidados possam disfructar momentos agradaveis de palestras elegantes.

A Confeitaria Colombo com as suas admiraveis installações da parte terrea, com o rico salão de *lunchs,* e o sumptuoso salão de chá e banquetes, e a linda sala de espera do primeiro andar, é um estabelecimento perfeito no genero, o primeiro da America do Sul e quiçá; da Europa.

Os milhares de illustres visitantes extrangeiros que occorrem á nossa maravilhosa cidade, neste momento em que commemoramos o Centenario da nossa Independencia, verificarão que além do Governo do Brasil, os particulares tambem muito se esforçaram para o brilho dessa commemoração, e entre esses, os Srs. França & Cia., com o seu sumptuoso estabelecimento que tanto honra a nossa Capital.

DIRECTORIA

Dr. Erasmo de Assumpção
Presidente

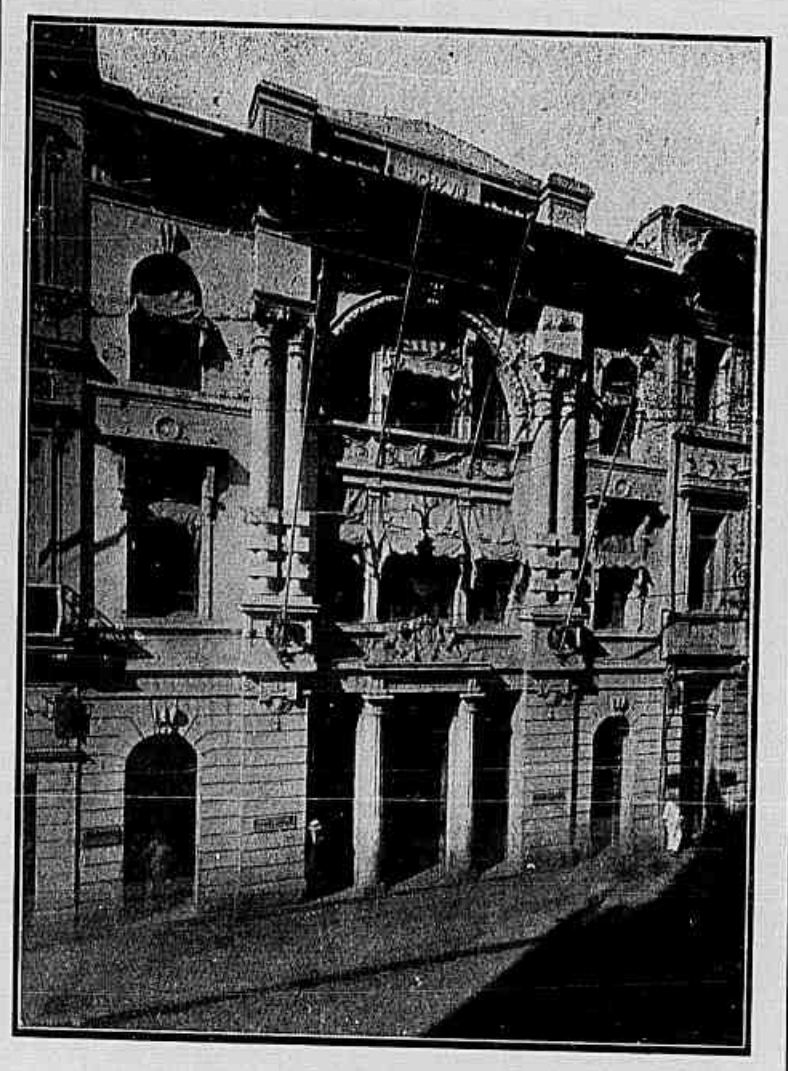
Dr. Paulo de Souza Queirós
Vice-Presidente

Dr. Constantino G. Fraga
Director-Secretario

T. B. Muir
Superintendente

Dr. Luiz Augusto Teixeira de Assumpção
Gerente Interino

A. Caputo
2.o Sub-Gerente



FACHADA

Endereço Telegraphico:
"COMMERCIAL"

CAIXA POSTAL:
— 955 —

TELEPHONE:
CENTRAL 5341

Rede particular ligando para todas as dependencias

Rua 15 de Novembro, 38

BANCO COMMERCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

FUNDADO EM 1912

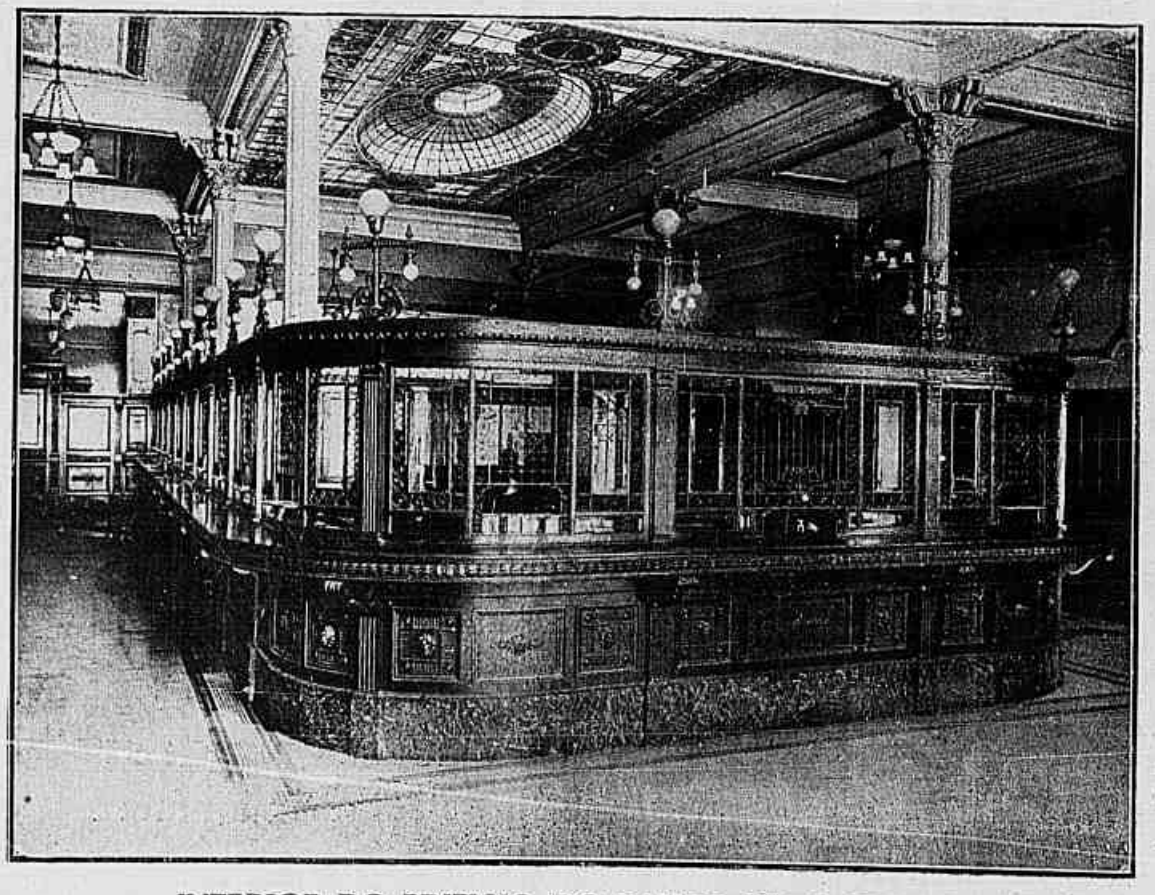
CAPITAL . . . . RS. 30.000:000$000
FUNDO DE RESERVA . RS. 10.500:000$000

REALISA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Correspondentes em todas as cidades do Interior e no Extrangeiro

FILIAES

ARARAQUARA
AVARE'
BAURU'
BEBEDOURO
BOTUCATU'
BRAGANÇA
CAMPINAS
CATANDUVA
FRANCA
ITAPETININGA
ITAPOLIS
ITU'
TAQUARITINGA



INTERIOR DO EDIFICIO DO BANCO EM S. PAULO

FILIAES

MOGY-MIRIM
MONTE ALTO
PIRACICABA
OLYMPIA
RIO PRETO
SANTA ADELIA
S. CRUZ DO RIO PARDO
SANTOS
SÃO CARLOS
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
SÃO MANOEL
TAUBATE'

DUPLOZON

é a agua oxygenada cuja preparação e feita com o mais meticuloso cuidado, tirando-se todas as impurezas, como o acido oxalico, etc.

Usa-se para qualquer molestia de pelle; para todos os accidentes que careçam de um seguro antiseptico. E soberano na desinfecção da bocca e não ha inflammação de garganta que lhe resista.

Unico depositario — Ambrosio Lameiro
RUA S. PEDRO 133. RIO DE JANEIRO

O EMPLASTRO POROSO EXCELSIOR



cuidadosamente preparado e sempre novo, destaca-se na medicina, como o mais puro, perfeito e efficaz para extinguir qualquer Dor. Estimula a circulação, desfazendo rapidamente toda reunião nociva, quer de sangue quer de catharro.

Unico depositario - Ambrosio Lameiro
Rua S. Pedro 133 — Rio de Janeiro



Banco Hollandez
da
America do Sul

Rua Buenos Ayres
N. 11 e 13

Entre as importantes instituições bancarias que funccionam no Rio de Janeiro, é digna de menção especial a succursal do Banco Hollandez, fundado a 28 de Março de 1914, em Amsterdam, onde tem sua casa matriz.

Além dessa succursal, á rua Buenos Ayres, 11 e 13, conta o Banco com as de S. Paulo, Santos, Buenos Ayres, Valparaiso, Santiago do Chile e Hamburgo.

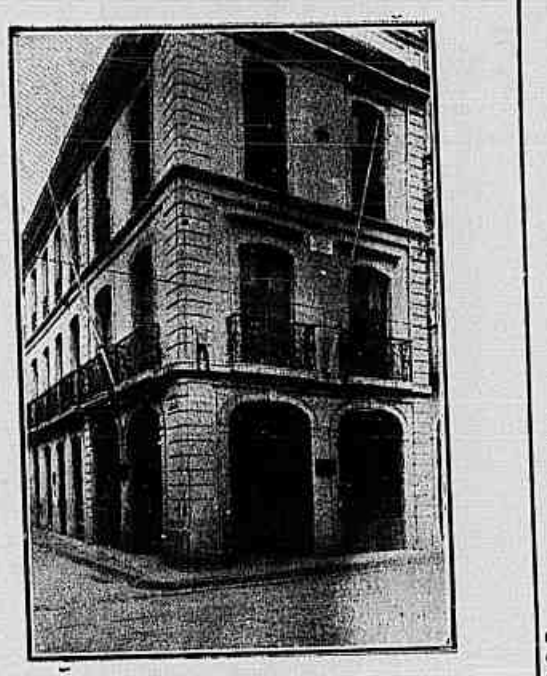
O seu capital emittido e completamente realizado, é de ..... 25.000.000 de florins, correspondendo ao cambio de hoje em moeda nacional a m|m Rs. 70.000:000$000, e as reservas de 5.100.000 florins, ou Rs. 14.280:000$000.

Encarrega-se de todas as operações bancarias em geral, como transferencias postaes e telegraphicas para o interior e exterior, cobranças, guarda e administração de titulos de particulares, abre contas correntes com juros de 4 % ao anno, depositos a prazo fixo nas melhores condições da praça, etc.

Os negocios que, no curto espaço de tempo em que funcciona no Brasil, o Banco tem feito, são uma segura garantia de melhor exito, ainda, para o futuro.

E assim se justifica a preferencia dispensada ao Banco Hollandez, e o alto conceito em que é tido, mercé do criterio e bôa orientação do seu digno e competente gerente.

THE YOKOHAMA SPECIE BANK, LTD.



Uma das instituições bancarias mais importantes e poderosas de todo o universo, é The Yokohama Specie Bank, Ltd., com séde na grande cidade de Yokohama, no Japão.

Dispondo de grandes recursos financeiros, tem o capital declarado e realisado de cem milhões fundo de reserva de sessenta milhões de yens.

Possue succursaes, filiaes e agencias em toda a parte do mundo.

A sua actuação no nosso paiz vem se desdobrando desde 1919, data da installação, em nossa praça, da sua filial perfeitamente habilitada para operar em contas correntes, descontos, emissão de cheques e lettras sobre o estrangeiro, pagamentos telegraphicos, cartas de credito compra e venda de titulos, contas correntes limitadas, e toda a especie, emfim, de transacções bancarias.

A filial, do Rio de Janeiro, funcciona magnificamente installada, á rua da Candelaria, 23. As cifras do balancete do ultimo mez, mostram a confiança de que goza o solido estabelecimento bancario que, no curto espaço de 3 annos soube, graças ao criterio com que effectua as suas operações, se impôr em nosso meio financeiro.

Sua direcção telegraphica, é — **Speciebank** — e usa os codigos **Bentley's, Pibco e Ribeiro.**

Laboratorios de Robert & Carrière, Paris

STANNOXYL	Contra Furunculose e doenças associadas.
GÉODYL	Tratamento da Tuberculose.
OLEO CINZENTO	40 % e 50 %, indolor.
PHLYCTOL	Contra queimaduras.
ERGENAPOL	Doenças especificas.
ERCIDINE	Anti-grippe Especifico.
IODOLEOL	Evita iodismo.

CURATIVOS DE LISTER, CANULAS DE VIDRO, PORTA TOPICOS, ETC.

Expostos no Pavilhão Francez

Unicos representantes eimportadores no Brasil
Millet, Roux & Cia.

LABORATORIO DE BIOCHIMICA MEDICA, PARIS
SULFARSÉNOL

Para tratamento da syphilis em todos periodos, preventivo das complicações de blenorrhagia. Arsenosensiveis, creanças e velhos. Solução estavel. Garantia absoluta de legitimidade. Injecções sub-cutaneas. intramusculares e endovenosas, sem dôr, não contendo analgesico. Sem endurecimento.

Exposto no Pavilhão Francez

Unicos representantes eimportadores no Brasil
Millet, Roux & Cia.

CALCILINE — Poderoso recalsificador e remineralisador.
GASTRO-SODINE — Enfermidades do estomago, intestinos e figado.
Unicos representantes eimportadores no Brasil
Millet, Roux & Cia.

AGULHAS DE PLATINA, SERINGAS e SONDAS de todos tamanhos e THERMOMETROS marca "EMER". — FERROS CIRURGICOS de Collin, Gentile e Luer.

Rua da Quitanda, 3 — Caixa Postal, 1865
—:— RIO DE JANEIRO —:—



Companhia São Paulo e Minas de Armazens Geraes

Capital Rs. 800:000$000

Fundo de reserva Rs. 542:843$750

SÈDE: — SANTOS

ESCRIPTÓRIO, Rua 15 de Novembro N. 88 :-: CORRESPONDENCIA, Caixa 481

End. Telegr.: PAULOMINAS — Telephone Central 1.307

ARMAZENS PROPRIOS:

RUAS: — General Camara, 439 :: Dr. Cockrane, 19 e 21 e Xavier da Silveira Ns. 126 e 128

"A 'COMPANHIA SÃO PAULO E MINAS DE ARMAZENS GERAES'" fundada em 15 de Março de 1919, na cidade de Santos, emitte WARRANSTS e extrahe "RECIBOS DE DEPOSITOS" facilitando assim ao commercio legitimo todo o genero de operações commerciaes. Os seus serviços modelares constituem justo orgulho da praça de Santos. Possue machinismos aperfeiçoados e os mais modernos; machina de rebeneficio de café, de empilhação, de ligar, de ensaccar, de pesar e de costurar. Os serviços de ensaques e de pesagem são absolutamente garantidos, assim como a rapidez dos mesmos. Organisação modelar a da 'COMPANHIA SÃO PAULO E MINAS DE ARMAZENS GERAES" satisfará a toda a sua enorme clientela com todas as vantagens.. Os seus "WARRANTS" são descontados em qualquer Banco. A "COMPANHIA SÃO PAULO E MINAS DE ARMAZENS GERAES" foi fundada exclusivamente para servir as classes productoras e constitue, indubitavelmente, uma garantia para o lavrador e para o commerciante. Assim sendo todos devem preferir A "COMPANHIA SÃO PAULO E MINAS DE ARMAZENS GERAES"..

TABELLA FIXA PARA CAFE' DO INTERIOR: — 900 réis por sacco de café, com armazenagem e seguro por seis mezes, incluidas todas as despezas.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES: — A "COMPANHIA SÃO PAULO E MINAS DE ARMAZENS GERAES" possue uma secção especialmente destinada á responder a todas as consultas e negocios nas praças de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro.

"DIRECTORIA"

Dr. Pelagio Teixeira Marques — Director-Presidente.
Dr. Celso da Silveira Rezende — " Vice-Presidente.
Luiz de Paula França — " Superintendente..
Adolpho Mayer — " Secretario.

FABRICA "S. JORGE".

OLEADOS

Tel. 2194 Braz — Caixa Postal 202

OLEADOS de todas as especies.
PANNO-COURO para moveis,
automoveis e carneiras

Azevedo, Ferreira & C.

PANNO CHAGRIN E PANNO PRETO

Brilhante e opaco para livros

Endereço Telegraphico "OLEADOS"

Cods. A. B. C. 5.ª Ed. e Ribeiro.

RUA VISCONDE DE ABAETÉ, 13

SÃO PAULO

Remington

Modelo 1922



O modelo 1922 da machina de escrever REMINGTON reune o maior numero de aperfeiçoamentos praticos, produzindo, com menor esforço, maior quantidade e melhor qualidade de trabalho, augmentando desta forma a capacidade dos dactylographos.

O comprador duma REMINGTON não faz uma experiencia, mas adquire uma machina que já firmou pelo seu merito uma reputação universal.

Queira dar-nos o ensejo de explicar-lhe praticamente as suas vantagens.

CASA PRATT

RUA DO OUVIDOR, 125 — RIO DE JANEIRO

LARGO DA SÉ — S. PAULO

Filiaes ou Agencias nas Principaes cidades

Companhia Paulista de Lanificio

"FABRICA KOWARICK"

Fabrica de Tecidos — Estação de S. Bernardo

ESTADO DE S. PAULO
BRAZIL

ESCRIPTORIO EM S. PAULO:

11, Rua Alvares Penteado, 11 (Sobrado)

CAIXA DO CORREIO, 66

Endereço Telegraphico: BERKO - SÃO PAULO

TELEPHONE, 1776 - CENTRAL

Filial - RIO DE JANEIRO - RUA URUGUAYANA, 131

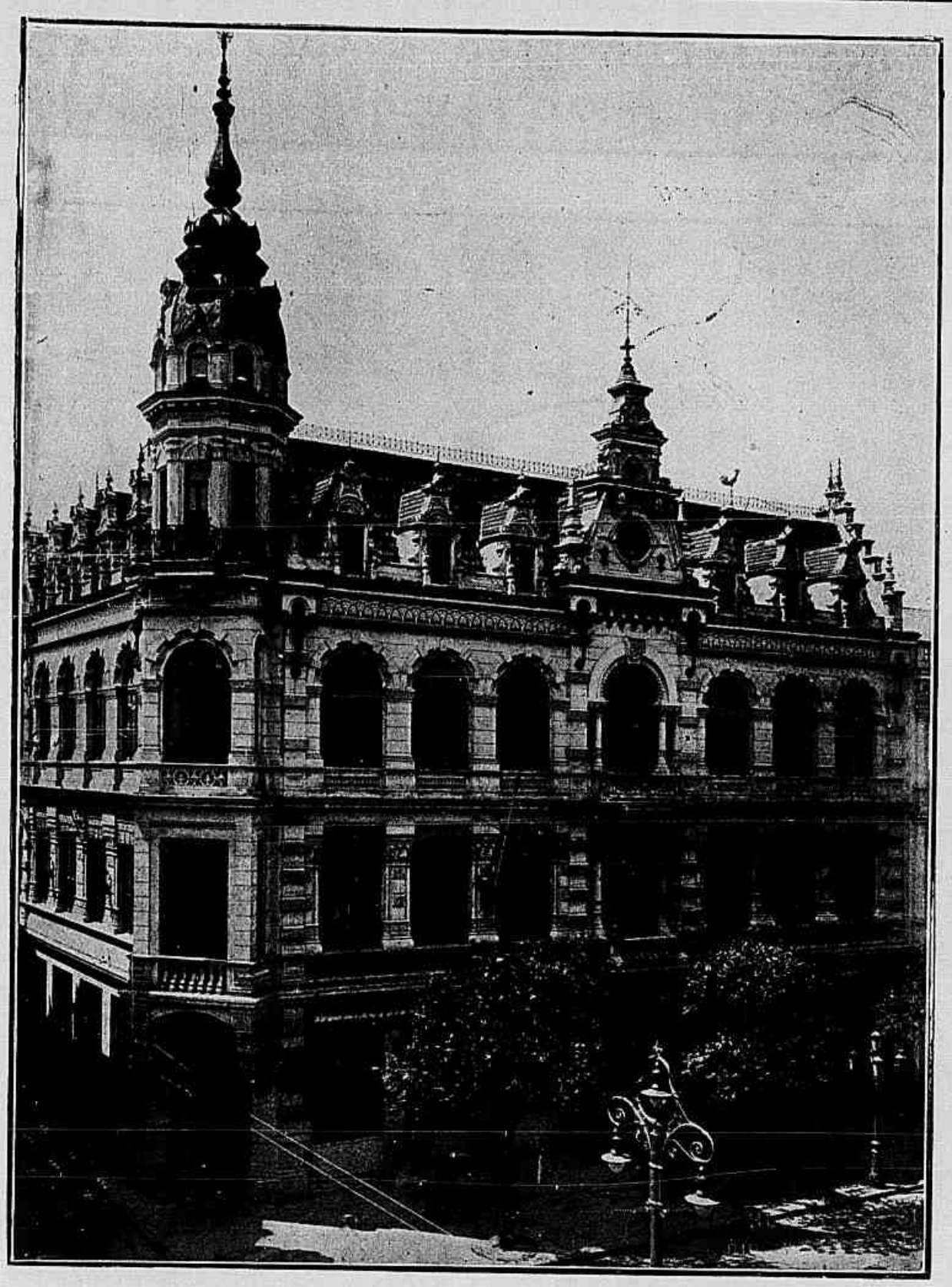
Caixa do Correio, 391 - Endereço Telegraphico: MANRICK

TELEPHONE, 3955

THEODOR WILLE & C.IA

Rio de Janeiro

SANTOS E
S. PAULO



Compõe-se a firma THEODOR WILLE & Cia., dos socios srs.: Theodor Wille (Hamburg), Georg Georgius (São Paulo) e Otto Uebele (Santos).

Exercem a sua actividade nas cidades: *Rio de Janeiro*, Avenida Rio Branco, 79|81 (escriptorio) e Avenida Venezuela 174|192 (armazem), *S. Paulo*, Largo do Ouvidor, 2 (escriptorio) e Rua Domingos Paiva — Braz (armazem) e *Santos*, Rua Santo Antonio 47|49 (escriptorio e armazem).

A fundação da casa data de 1844 em Santos e de 1851 no Rio de Janeiro, 78 annos, portanto, que lhe têm garantido a mais completa reputação, pois, os componentes da firma são elementos de alto conceito no meio commercial brasileiro, dispondo de capitaes e de relações de importancia real.

Com o capital social de 5 mil contos e capital em gyro annualmente de 200 mil contos; exploram a Exportação, Importação Navegação e Seguros, fazendo as suas operações por conta propria e de terceiros.

Surtem-se em todos as praças do Brasil, Europa e America do Norte, e vendem em todo o Brasil, Europa, America do Norte e Africa.

São agentes das companhias de navegação: "Hamburg Suedamerikaniche Dampfschiffahrts Gesellschaff", "Hamburg Amerika Linie" e serviço combinado desta companhia com a "United American Lines Inc.", e representantes da companhia de seguros: "Nord Deutsche Versicherungs Gesellschaft", de Hamburg; das fabricas de locomotivas de "Henschel & Sohn", G. M. B. H., "Bayerische Huettenwarke", Allemanha; e das industrias nacionaes: Cia. Brasileira de Metallurgia, Tubos de ferro fundido e accessorios; pelo systema privilegiado "Sensans Arens"; Carneiros Jordão, bombas automaticas e outras machinas; Balanças "Mercedes "e fogões a gaz "Zenith"; Fabrica Metallurgica "Santa Izabel"; Fabrica de Parafusos, artigos de metal branco e artefactos de precisão "Fapap"; Fabrica de Botões "Santa Cruz"; J. Castro & Cia., fabrica de colchetes, etc.; Malharia "N. S. da Conceição" Fabrica de meias; da Marca "Sal Brilhante", sal de Cadiz, etc. Adoptam o endereço telegraphico—*Wille*—usam todos os codigos e trabalham com todos os Bancos estabelecidos.

E' como se vê, grande e efficaz a actividade dos srs. Theodor Wille & Cia. que, nos seus quasi 80 annos de actuação commercial, souberam impor a confiança de que justamente gozam e, assim, se fazem credores de alta estima, pois, collaboram com a maxima força de vontade e extrema perseverança, para o engrandecimento do commercio e da nossa nacionalidade.

Na variedade dos seus negocios, os srs. Theodor Wille & Cia., nos fazem lembrar alguns conceitos de um grande economista contemporaneo.

"O homem que vence é um energico, ávido de acção, procurando todos os motivos para crear, produzir, comprar e vender. Tem a febre dos negocios, e para elle nenhuma emoção sobrepuja a que experimenta, quando está no ponto de realisar uma grande e difficil operação, de organisar qualquer poderosa empreza, em que suas qualidades de organisador se affirmem e consolidem a sua reputação".

Acção, esforço, energia, são os caracteristicos dos componentes da importante e acatada firma Theodor Wille & Cia., de nossa praça.

Casas Pernambucanas

FAZENDAS

Arthur Lundgren & Cia. Ltda.

SÃO PAULO

FAZENDAS

Araguary

Uberaba

Conquista

Barretos

Franca

Olympia

Bebedouro

Rio Preto

Catanduva

S. Adelia

Jaboticabal

Taquaritinga

Itapolis

Passos

S. Sebastião do Paraiso

Rib. Preto

Mococa

S. Rita

Palmeiras

Piras

sununga

Lemc

Araras

Limeira

E. S. do Pinhal

Itapira

Socorro

Amparo

Bariry

S. Carlos

Ribeirão Bonito

Jahú

Bauru

Assis

Botucatú

Piracicaba

S. C. Rio Pardo

Ourinhos

Chavantes

Avaré

Campinas

Bragança

Guaratinguetá

Jundiahy

Lapa

Rua S. Bento
Nº 68 B.

R. Mar. Deodoro
6

Tatuhy

Sorocaba

Itapetininga

S. Paulo Braz
Av. Rangel Pestana 172-172 A.-174

Faxina

Itararé

Santos

Estado de S. Paulo
NO

MATRIZ:

Rua Florencio d'Abreu, 85-A e 87

SÃO PAULO

TELEPH. - CENTRAL 3349

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

IMPORTADORES DE

Materiaes para toda a classe de construcções e para Estradas de Ferro; Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro, Aço (em grosso), Oleos, Cimentos, Asphalto. Tubos para abastecimento d'agua, Tintas, Vernizes, etc., etc.

FABRICANTES DE

Machinas para Café e para Lavoura; de material Ceramico e Sanitario; de Pregos, Parafusos, Rebites; de Enxadas e Machados. Fundição de Ferro e de Bronze. :: ::

GRANDE FABRICA DE OLEOS E SABÕES

Oleos de Ricino (medicinal e industrial), de Coco, de Gergelim, de Algodão (inverno e verão), Aromatol, (para luz), de Linhaça; Azeite doce marca "Cysne" (para salada). -- Sabões de diversas qualidades.

GRANDE SERRARIA Á VAPOR ≡ LAMINAÇÃO DE FERRO DE TODAS AS BITOLAS

CONSTRUCTORES E EMPREITEIROS

GRANDE FORNO DE AÇO "SIEMENS = MARTIN"

MATRIZ:

Rua 15 de Novembro, 36

Caixa Postal n. 51.
Endereço Telegraphico "MECHANICA"
SÃO PAULO

FILIAES:

No Rio de Janeiro:
AVENIDA RIO BRANCO, 108
Telephone: Norte 4678
Caixa n. 1534
Endereço Telegraphico JAVASCO.

Em Santos:
RUA SANTO ANTONIO, 108 e 110
Caixa n. 129

Em Londres:
BROAD STREET HOUSE
NEW BROAD STREET
LONDON E. C.

Em Nova York:
66, BEAVER STREET



As Creanças de Escola

deveriam ser robustas, de :: boas côres, cheias de :: brincadeiras e vitalidade.

Emulsão de Scott

é incomparavel na sua pureza e bondade.

Comprae-a para os seus filhos.



Leopold Strass

A' Avenida Rio Branco, 109-2º andar, acha-se estabelecido o sr. **Leopold Strass,** nome bastante conhecido e acatado em nossa praça.

Explora o negocio de **Linhos e Pedras preciosas** (com especialidade diamantes brutos), metaes em obras d'arte de fino gosto artistico, prata portugueza, etc.

Surte-se nos Estados do Brasil, principalmente em Matto-Grosso, Bahia, Minas Geraes e Goyaz, e venda no Rio, em São Paulo, Santos, etc., e para as praças da Europa.

Os linhos que importa directamente da **Irlanda** e da **Belgica,** são finissimos, de excellente qualidade e de diversos typos, servindo para todas as applicações, como roupas de cama, de uso, etc.

Ainda mantem, o sr. Leopold Strass, uma secção de lapidação de pedras preciosas, para o que dispõe de um perfeito e habil lapidario, podendo acceitar qualquer quantidade de pedras para serem, assim, trabalhadas.

Os seus negocios acham-se em franca prosperidade, mercê da longa pratica e do absoluto conhecimento que tem o sr. Strass desses ramos de negocios.

A direcção telegraphica é — **Belgica** — usa o codigo **Lieber's,** e por banqueiros tem todos os estabelecidos.

Méghe & Cº

Entre as casas do alto commercio de nossa praça, a dos srs. **Méghe & Cª.,** á rua da Alfandega, 93, é inquestionavelmente uma das mais importantes e, sobretudo, das mais conhecidas e conceituadas. Da firma social fazem parte os srs. **Paul Méghe,** principal socio e chefe da casa, **Joaquim A. Soares da Cunha** e **Joseph A. Neviére** que, com honradez e perseverança, souberam eleval-a á invejavel situação de prosperidade em que se encontra.

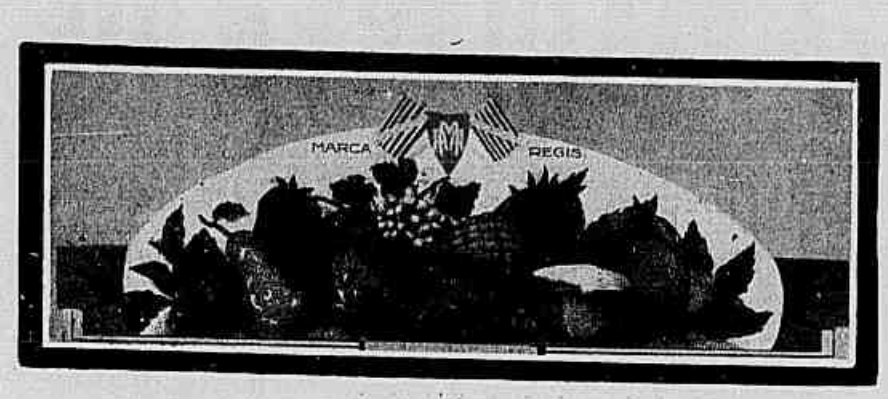
Dispondo, por capital, da apreciavel somma de 1.480:000$000, fazem activo commercio de importação e exportação de Fazendas em geral, Modas e artigos de Armarinho para o que, mantêm as melhores relações com as principaes praças da Europa, podendo, assim, surtir a sua numerosa clientela espalhada em todas as praças brasileiras.

O endereço telegraphico da firma é — **Gemonier** — usam o codigo **Ribeiro,** teem por banqueiros a **Banque Française et Italienne pour l'Amerique du Sud,** e telephone 2056 Norte.

Os dirigentes do estabelecimento são homens praticos dotados de grande força de vontade, que cooperam proveitosamente para o progresso do commercio brasileiro.

A SUL AMERICA

GRANDE FABRICA
— DE —
CONSERVAS ALIMENTICIAS



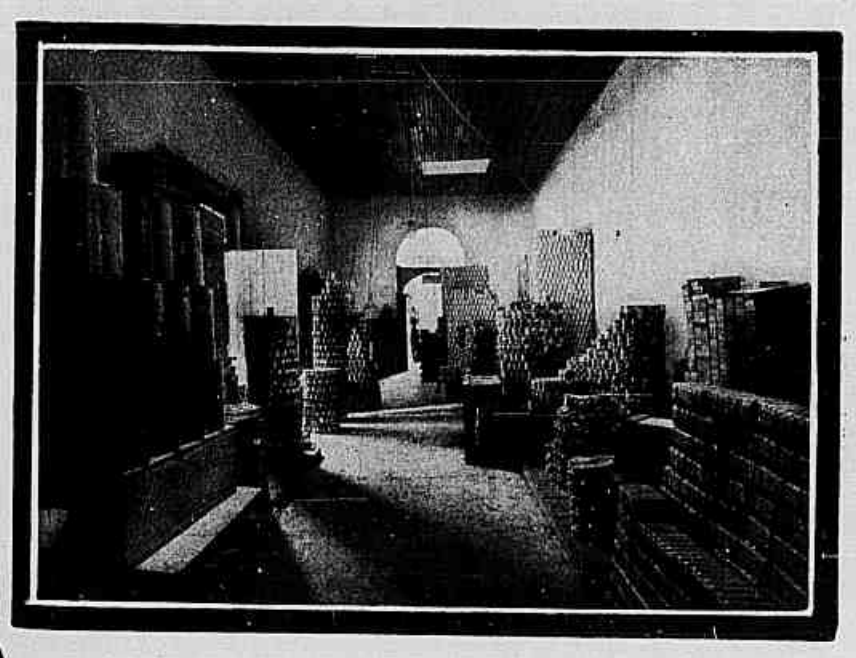
A. A. Macedo



Fachada da Fabrica

MARMELADA, GOIABADA, LARANJADA, BANANADA, COCADA, PECEGADA, ETC.

Fructas de todas as qualidades, em calda e massas.



Deposito e Escriptorio

PRODUÇÃO DIARIA

50

MIL KILOS

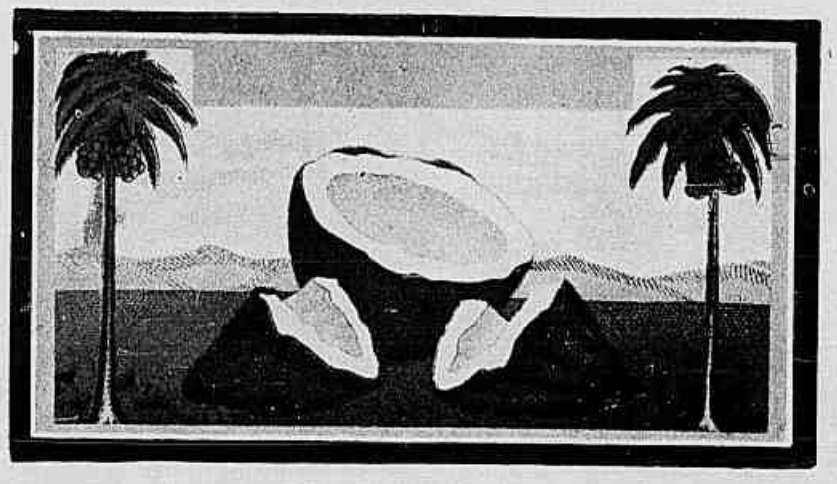
DIPLOMA DE HONRA

— DO —

Instituto Agricola Brasileiro



A. A. MACEDO — Proprietario



Os productos da

"A Sul America"

foram analysados e aprovados pela Saude Publica do Rio de Janeiro.



Secção de Funilaria

Fabrica:

Rua Eduardo Chaves n. 5

—

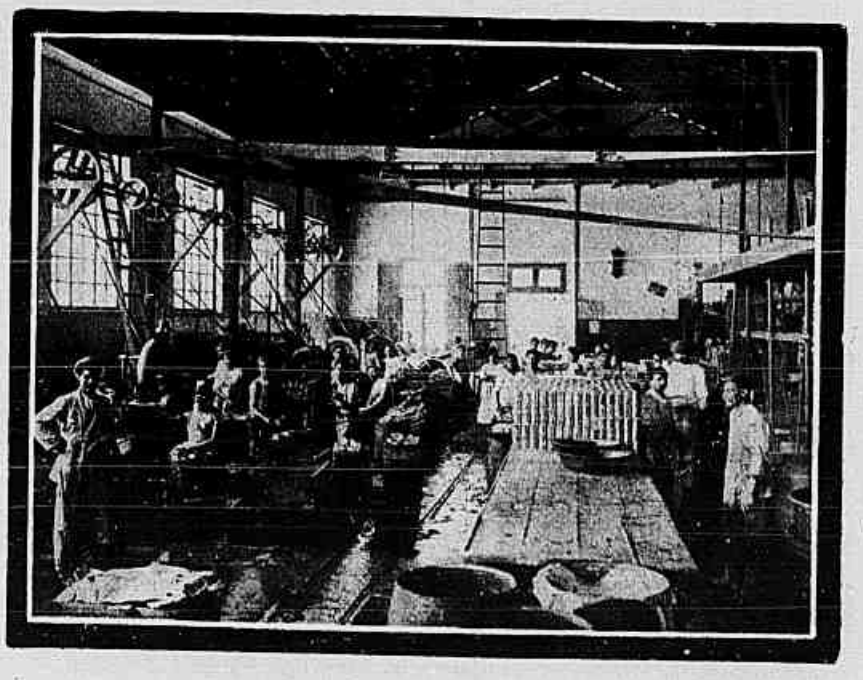
Escriptorio e deposito:

Avenida Tiradentes n. 174

—

Telephone cidade, 2925

S. PAULO



Secção da Fabrica

COMPANHIA PAULISTA DE SEGUROS

MARITIMOS, TERRESTRES E DE VIDA

FUNDADA EM 1906

Capital realizado.	Rs. 2.000:000$000
Deposito no Thesouro Nacional. . .	" 400:000$000
Reservas em 31—12—1921	" 2.320:341$591
Haveres em 31—12—1921	" 4.557:158$253

Desde o inicio até 31 de Dezembro de 1921, realizou contractos de seguros no valor de Rs. 3.349.727:794$894

NO MESMO PERIODO PAGOU SINISTROS
NO VALOR DE. . . . . RS. 2.978:971$057

AGENCIAS EM:

Rio de Janeiro :-: :-:

Santos e Campinas

SÉDE:

Rua S. Bento, 35 (Sob.)

CAIXA POSTAL N. 709
Endereço Teleg.: PAULICO

S. PAULO

GIORGI, PICOSSE & C.IA

AVENIDA RANGEL PESTANA, 210 -- S. PAULO

BRASIL



FABRICANTES DE:

Manteiga de Coco "BRASIL"

Oleo de Palma

Oleo de Ricino "CYSNE"

Oleos Vegetaes para Industrias

MALTAGEM DE CEVADA
COLLA DE PEIXE
GRAXA "VELOZ"
PALITOS, SABÃO
ROLHAS METALLICAS

Secção de Machinas e
artigos para escriptorio

Moveis de Aço .. .. YAWMAN & ERBE
Moveis de Madeira ..
Machinas de calcular BARRETT
Machinas de escrever CONTINENTAL
Machinas de cheques SENTINEL

ASSUMPÇÃO & C.º
RUA BOA VISTA, 9
Caixa Postal: 1625 — SÃO PAULO

VEEDOL - O lubrificante que resiste ao calor
Tide Water Oil Co.

CONDOR .. .. Correias para machinas.
FUCHS & LANG .. Tintas finas para typographia e litographia.
KERATOL .. .. O verdadeiro substituto do couro.
HAZARD .. .. .. Tintas preparadas para todos os fins

Fabrica "Santa Thereza"

Lonas "CARMITA" para embarcações, para toldos, para automoveis
Encerados completos para vagões, para carroças, para terreiros de café, etc.

O AUTO "IDEAL"
AVENIDA SÃO JOÃO, 24
SECÇÃO DE AUTOMOVEIS E ACCESSORIOS

Automoveis . CUNNINGHAM
.. . JORDAN
.. . CHALMERS
.. . MAXWELL
Caminhões . GARFORD
.. . MAXWELL
Pneumaticos . MICHELIN

RAUL SENRA



Em 1902, para o commercio de representações de fabricas nacionaes e estrangeiras, foi fundada, á rua General Camara, 25, a firma Raul Senra & C.ª, que, tendo passado por diversas alterações, é hoje de inteira propriedade do sr. RAUL DE MELLO SENRA, e gira sob a firma RAUL SENRA, successora das anteriores e dedicando-se exclusivamente a commissões, consignações e conta propria, com especialidade em productos naturaes do Brazil, como, entre outros: cêras de carnaúba, de abelhas, borrachas em geral, sementes oleosas, castanhas de cajú e do Pará, oleos de toda a especie, couros e pelles, fibras em geral, painas, crinas animal e vegetal, algodão em rama, favas de cumarú e puxury, jarina (marfim vegetal), salsaparrilha, ipeca, polvilho, colla de peixe, queijos de coalho e do sertão, solas, vaquetas atanadas, rêdes, cordas, pennas de êmas e de garças, etc., etc.

Essa importante casa tem a sua séde matriz á rua Visconde de Inhaúma, 63, com fundos para a rua Theophilo Ottoni, 46, Rio de Janeiro, e filiaes: Rua Libero Badaró, 201, Sao Paulo, Calle Bolivar, 756, Buenos Ayres. Em Montevidéo, representante sr. Carlos Aguiar, Calle 25 de Agosto, 406|408.

No segundo pavimento da casa matriz, o sr. Raul Senra mantem uma bem montada officina para beneficiamento de artefactos de palha de carnaúba: chapéos enformados e desenformados, esteiras, bolsas, vassouras, etc.

Devido á prodigiosa actividade do seu proprietario, a casa tem prosperado extraordinariamente nestes ultimos tempos, subindo o seu capital a uma avultada somma sufficiente ás grandes operações commerciaes que vem desenvolvendo, não só nas praças brasileiras e dos demais paizes sul-americanos, como nas da Europa e dos Estados Unidos da America do Norte, por intermedio dos seus representantes.

O sr. Raul Senra que é brasileiro nato, no louvavel intuito de propagar no estrangeiro os productos naturaes do Brasil, mantem grandes stocks não só na casa matriz, como nas filiaes acima citadas, dispondo seus representantes dos mais completos mostruarios.

A casa Raul Senra é, nesse ramo de negocio, talvez a unica, e por essa razão, de enorme movimento em nossa praça e, pelo seu interessante aspecto de grande e persistente propagadora dos productos naturaes do nosso paiz — e nisso consiste a sua verdadeira e assombrosa riqueza — presta ao Brasil um patriotico e inestimavel serviço, ou seja, a base solida para a nacionalisação, intelligente e criteriosa, do commercio brasileiro.

RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
BUENOS AYRES
MONTEVIDEO



A primeira victoria conquistada pelo homem na lucta contra a dôr, foi quando se descobriram os Salicilatos. Dahi em diante seus triumphos augmentaram com a descoberta da Aspirina, até finalmente vencer definitivamente graças a descoberta da **CAFIASPIRINA** (ou sejam os comprimidos Bayer de Aspirina e Cafeina, identificados com a Cruz Bayer) visto ser a sua acção superior á de todos os analgésicos conhecidos. As dôres de dentes, cabeça, garganta e ouvidos, como os resfriamentos, influenza, grippe, nevralgias etc., são inimigos que pódem atacar a sua saúde de um momento para outro. A arma mais segura, rapida e infallivel para combater esses inimigos é pois a **CAFIASPIRINA**. Use-a e os vencerá.

BAYER

Metalurgia em Geral

PROPRIEDADE DO
Dr. Antonio Sampaio Peixoto



ESPECIALIDADE NA FABRICAÇÃO DE BOTÕES DE PRESSÃO, MOLAS, ALFINETES, ETC.
SECÇÃO DE NICKELAÇÃO, PRATEAÇÃO, OXIDAÇÃO E DOURAÇÃO

Telephone Central 4734 - Endereço Telegraphico: "FAMA"

São Paulo — Rua Barão Duprat N. 3-A — São Paulo

"BERTOLLI"

AZEITE
d'Oliveira purissimo

Analysado pelo
Laboratorio Bromatologico do
Rio de Janeiro sob n. 1478

Exposição de Saint Louis (E. U. A.) 1904
MEDALHA DE OURO

Exposição de Milano 1906
GRANDE PREMIO

Exposição de Torino 1911
FORA DE CONCURSO MEMBRO
DA JURIA

Exposição de Genova 1914
GRANDE PREMIO

F. BERTOLLI
Exportadores
LUCCA (Italia) — NICE (França)

Filiaes:
NEW-YORK :::
BUENOS AIRES SÃO PAULO

Confeitaria Fasoli

Alfredo Pellegrini & C.

Rua Direita, 5 - Tel. Central 279
S. PAULO

Luxuosa baixella para banquetes
CHA'
CHOCOLATE
LEITE
Doces finos - Gateaux artisticos - Licores

VINHOS e CHAMPAGNE
- das melhores marcas -

Grande variedade de sorvetes

ORCHESTRA DIARIAMENTE
Das 14 1|2 ás 18 Horas
Das 20 ás 23 1|2 »

Ponto chic das familias Paulistanas



UNICO Pó de Arroz que realmente satisfaz a toda a Senhora. A prova é a sua grande acceitação.

Vende-se nas principaes casas

AMBRA
SÃO PAULO

Perfumaria Ambra

SÃO PAULO

Rua Quintino Bocayuva, 4

CAIXA, 1417

AMBRA S. PAULO

Agua de Colonia
Formula original

O Perfume da Aristocracia

Reconhecido por todos como a melhor Agua de Colonia, o que nunca deve faltar na sua mesa de toilette.

Fabrica de Sedas "SANTA HELENA"

SOCIEDADE ANONYMA

Entre as fabricas que honram a industria da seda no Brasil, a de **"Santa Helena"** occupa um logar proeminente. Sociedade anonyma com o capital de 2.400:000$000, foi fundada em 1909, e é impulsionada por homens de acção e de reconhecida capacidade.

Os productos manufacturados n'essa fabrica, cuja séde é em Petropolis, são sobejamente conhecidos no paiz, quer pela excellente fabricação, quer pelo preço modico, e a maioria dos conhecedores do artigo, o prefere ao extrangeiro. D'ahi o grande incremento que a fabrica tem tomado, augmentando sempre a sua enorme freguezia, o que prova, de modo insophismavel, a optima qualidade dos seus productos, os quaes rivalisam com os melhores importados do exterior.

Trabalha com varios bancos, especialmente com o London and River Plate Bank, sendo o seu credito bastante vasto, pois, os nomes que figuram em sua razão social são solida garantia para a segurança absoluta das mais amplas transacções.

No escriptorio e deposito da empreza, á **rua da Alfandega, 25,** n'esta cidade, podem ser examinados os seus excellentes artigos.

A Sociedade surte-se na Europa e nos Estados Unidos, vende em todas as praças do Brasil.

A direcção telegraphica — **"Argones"**, e Caixa Postal 177.

•• HAUPT & C. ••

Os srs. **Haupt & Cª.**, são estabelecidos no Rio de Janeiro, á rua de São Pedro, 50 com o commercio de Importação e Exportação.

Da firma social fazem parte os srs. **Herman Haupt** e **Joseph Drecker,** dois nomes muito conhecidos e conceituados no alto commercio desta capital.

A casa foi fundada em 1823, ha 99 annos, portanto; e uma firma que tem a extrema satisfação de, dentro de um anno commemorar o primeiro centenario da fundação do seu estabelecimento commercial, é facto que constitue, por si só, a prova eloquentissima da solidez e da confiança illimitada de que goza, e involve o maior e o melhor elogio e o mais seguro conceito que d'ella se possa fazer.

O systema de administrar e de operar é a base da prosperidade em todas as emprezas commerciaes. Ordem e methodo, são os dois mais poderosos auxiliares do trabalho.

Os srs. **Haupt & Cª.** devotaram-se a esses preceitos e os praticando com perseverança tiveram o orgulho de ser considerados nos circulos do commercio e da industria brasileira, como membros cultos e operosos.

Administrada pelo processo da honradez absoluta, a casa **Haupt & Cª.** se impoz no Rio de Janeiro, onde é bastante conhecida e conceituada.

Em S. Paulo e Porto Alegre, em cujas praças tem filiaes, segura é a marcha progressiva dos negocios da firma.

Surtem-se principalmente na Allemanha e vendem em todo o Brasil.

O endereço telegraphico, é — Haupt — Rio de Janeiro.

DROGARIA E PERFUMARIA BRAULIO

Drogas puras, Productos chimicos e pharmaceulicos, Perfumarias finas, artigos de toilette e objectos para presentes

BRAULIO & COMP.
RUA S. BENTO N. 22
CAIXA POSTAL, 594
SÃO PAULO

MARIO W. TEBYRIÇÁ

A' Avenida Rio Branco, 109 — 3º andar, acha-se estabelecido com escriptorio de Representações, o sr. Mario Tebyriça, cavalheiro muito conhecido e acreditado em nossa praça pelas suas finas qualidades moraes, quér de homem particular, quer de commerciante.

Entre as firmas das quaes é representante o sr. Mario Tebyriça, destaca-se a importante **The Berger Mfg. Cº., Canton, Ohio, E. U. A.,** fabricantes e exportadores dos seguintes artigos: Chapas de aço doce e metal **Toncan.** Bociros ACME para estradas de ferro e de rodagem. Tectos de metal estampado. Metal deployé. Esteira RIBPLEX para cimento armado. Calhas, conductores, etc. para telhados. Telhas corrugadas. Archivos e prateleiras de aço. Escaninhos metallicos. Silos para forragem. Vigotamento de aço prensado, etc., etc., todos de primeira e excellente qualidade.

A direcção telegraphica do sr. Mario Tebyriçá, é — Berloy — usa o General Code, e tem por banqueiro o American Foreign Banking Corporation.

Companhia Armazens Geraes de S. Paulo

SOCIEDADE ANONYMA CONSTITUIDA POR ESCRIPTURA PUBLICA DE 29 DE NOVEMBRO DE 1919

Instituição fundada especialmente para a defesa da producção nacional e amparo ao commercio legitimo

CAPITAL	. . . . .	RS. 5.000:000$000
CAPITAL REALISADO	. . . .	" 3.000:000$000
FUNDO DE RESERVA	. . . .	" 43:539$770

Directoria — **Presidente - Dr. Antonio Carlos Assumpção**
Director Superintendente - João Telles da Silva Lobo
Director - Samuel de Toledo

Gerencia — **Gerente - Isaltino Costa**
Sub-Gerente - Carlos Machado

Armasenamento de mercadorias contra recibos ou conhecimentos de deposito e "warrants". As mercadorias, quando em wagões completos devem ser despachadas para o DESVIO BANDEIRANTES - S. PAULO.

ARMAZENS Alameda Barão do Rio Branco, 83 — ESCRIPTORIO CENTRAL Rua de São Bento, 14

Caixa Postal, 1862 :-: Telephone central, 1782 :-: Endereço Telegraphico COARGE

SÃO PAULO

Despachem seus Cafés para os :

Armazens Geraes Belgas

SANTOS

Da Compagnie des Magasins Generaux & Entrepots Libres D'Anvers :-:

Fundada em Antuerpia em 1884

Capital	frs.	2.462,500,00
Fundo de Reserva	frs.	3.000.000,00
Capital transferido para o Brazil	Rs.	1.000:000$000

GRANDES Machinas de: Pilhas, Rebeneficio e Brunição

Sobre as mercadorias depositadas em seus armazens, emitte

R/ DEPOSITO & WARRANT

CAFÉ DO INTERIOR:

RECEBE E COBRA 900 RÉIS POR SACCO, FIXO POR 6 MEZES :: ::

Peçam tabellas e informações a Caixa Postal 171

SANTOS

ESCRIPTORIO:

Rua Santo Antonio, 41 - 43

COMPANHIA ENSACCADORA E REBENEFICIADORA DE CAFE'

FUNDADA EM SANTOS, EM 1911

Capital,. . . . . Rs. 500:000$000
Fundo de Reserva, Rs. 137:363$936

SECÇÃO COMMISSARIA--WARRANT

:: Recebe café e outras mercadorias ::

ADIANTA DINHEIRO: de 50 % a 70 % sobre o valor e qualidade dos cafés recebidos a sua consignação, permittindo saques a vista, Cobra 3 % nas vendas. Despeza ensaque, carreto, etc, 900 réis fixo por sacco.

Dá o LUCRO DO SACCO aos fazendeiros e compradores do Interior. :-: :-: :-: :-. :-:

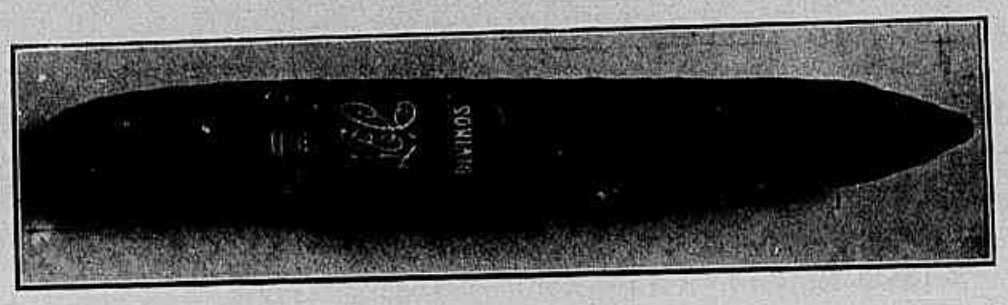
Informações: CAIXA POSTAL, 161

ESCRIPTORIO:

Rua Santo Antonio, 41-43 - SANTOS

Cezares - Cremes

Divinos - Royal Derby



OS CHARUTOS

Nasser — *"NASSER"* — *Conchas*

São insuperaveis

CIGARRILHAS, PRENSADOS,
CULEBRAS.

End. Telegraphico
"NASSER"

Telephone 4583
Central

N. NASSER & C.

Importadores de casemiras inglezas
e fumos extrangeiros Fabricantes
dos afamados charutos "NASSER"

CODES:
A B C 5TH Edition
A B C 5TH Edition (Improved)
BENTLEY - RIBEIRO

Caixa Postal 1248

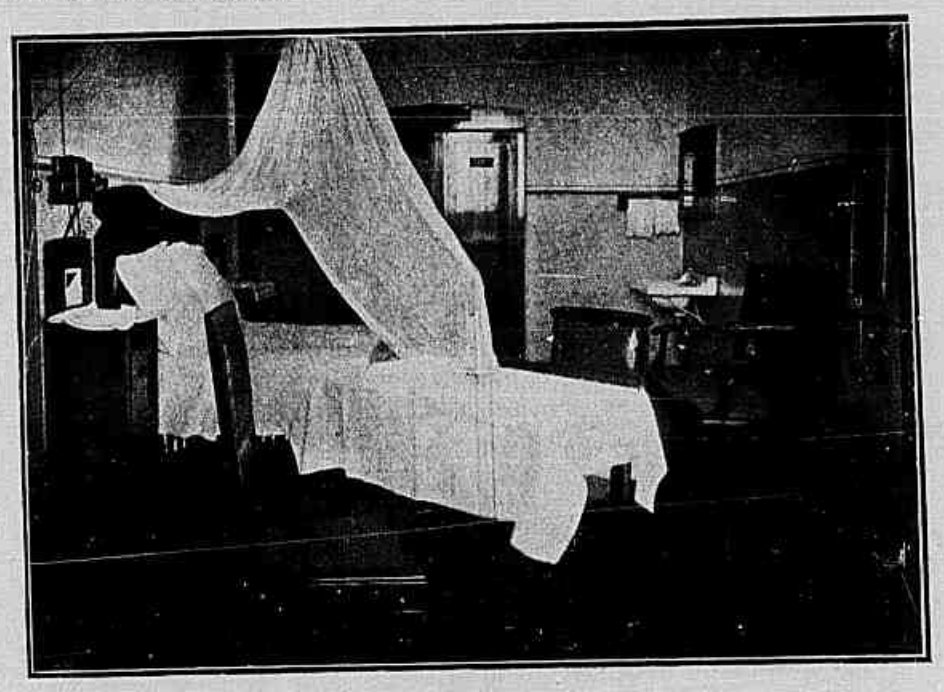
Rua Florencio de Abreu, 38

S. PAULO
BRASIL

HOTEL
dos Bandeirantes

Praia do Gonzaga N. 5
SANTOS

Telephone: Central 2800
com ligação interna
com todas as dependencias
CAIXA POSTAL 101
ELEVADOR



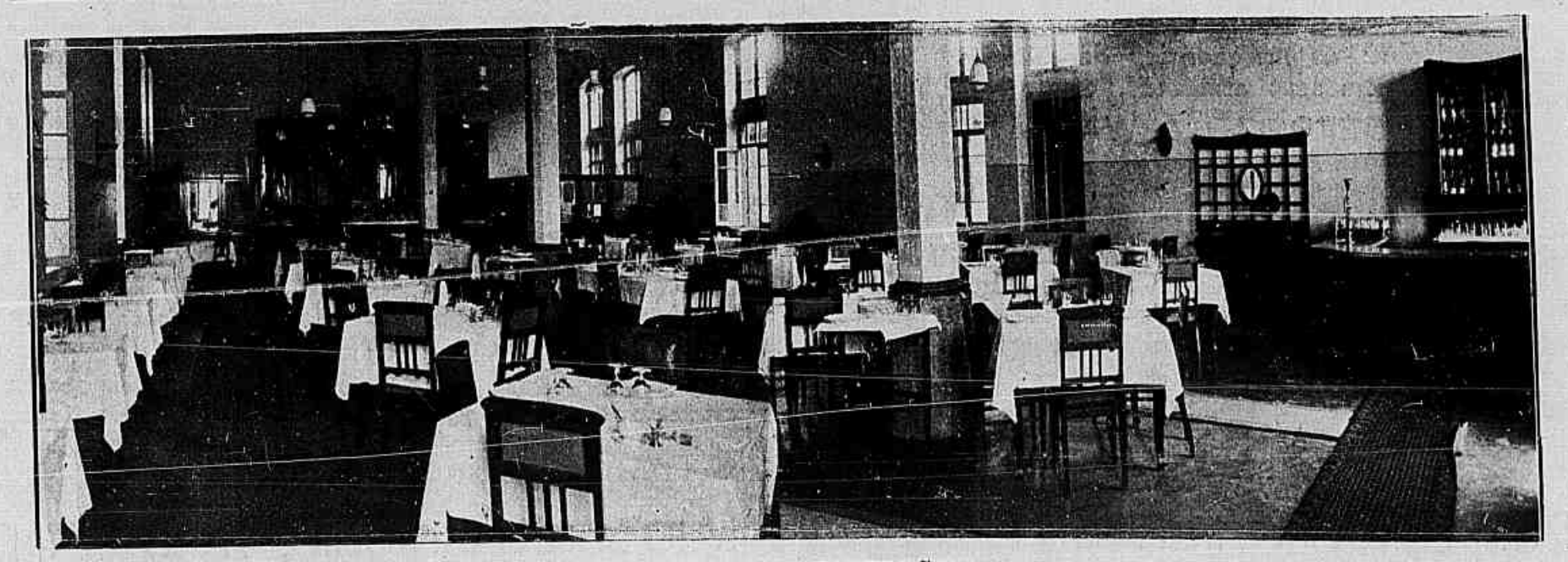
DORMITORIO

Predio construido para Hotel,
em cimento armado;
obedecendo todas as
exigencias sanitarias.

VASTA SALA
DE REFEIÇÕES
com explendida vista para o mar.

Agua corrente e Telephones
em todos os quartos.

Excellente serviço de
RESTAURANT



SALÃO DE REFEIÇÕES

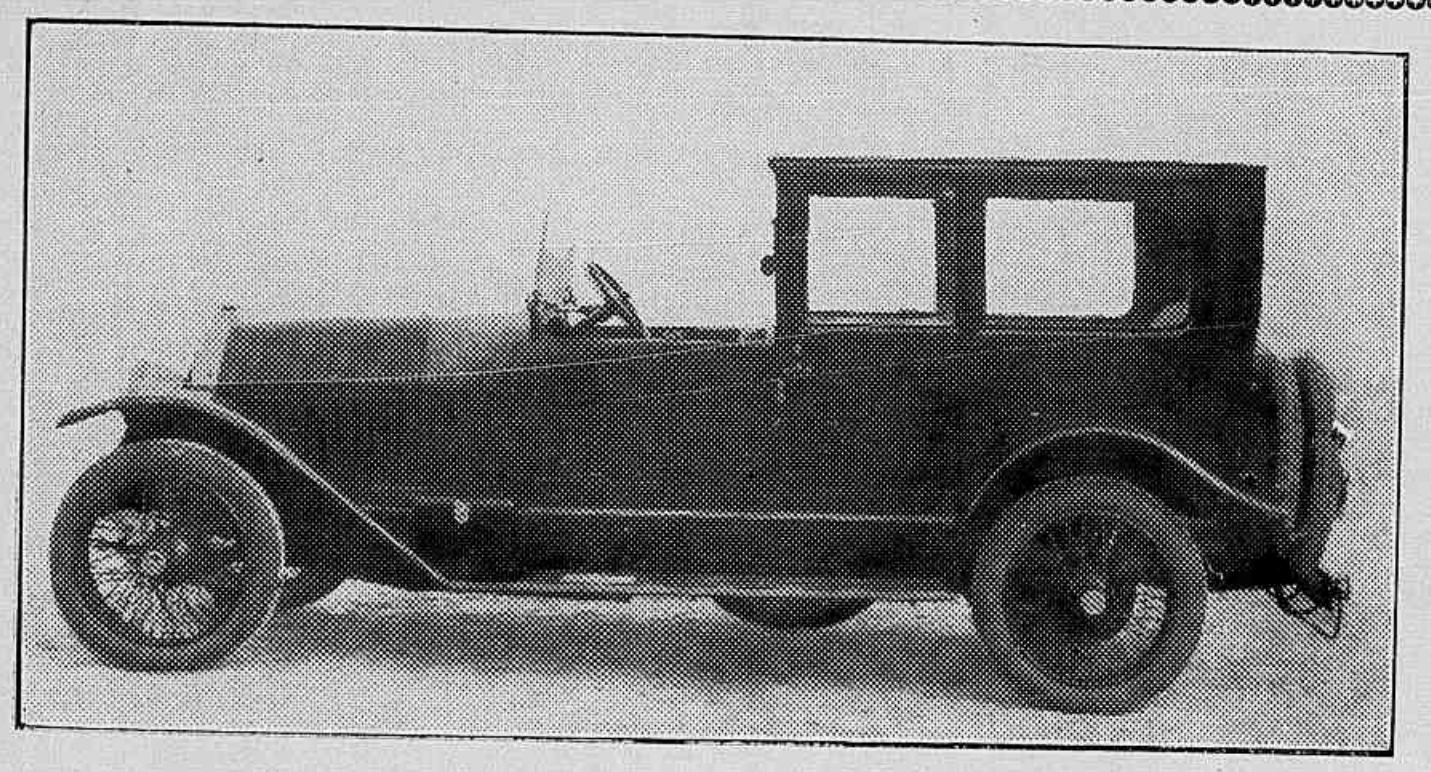
Companhia Constructora em Cimento Armado

Rio de Janeiro — São Paulo — Recife — Maceió



Hotel Gloria — Rio de Janeiro

Construcções em Concreto Armado



Colombo Gamberini & C.ª

Officina Garage "Lancia"

RIO DE JANEIRO

Rua Evaristo da Veiga 63

TEL. 3989 - CENTRAL

Representantes dos afamados Automoveis Auto-Caminhões LANCIA.

Representantes dos Automoveis, Motocycles, Bicyclettes BIANCHI.

Fabricantes de Parafusos de qualquer especie, engrenagens, peças para automoveis e machinas em geral.

NEGOCIANTES DE AUTOMOVEIS, AUTO-CAMINHÕES, PNEUS, LUBRIFICANTES E DEMAIS ACCESSORIOS.

"LANCIA"

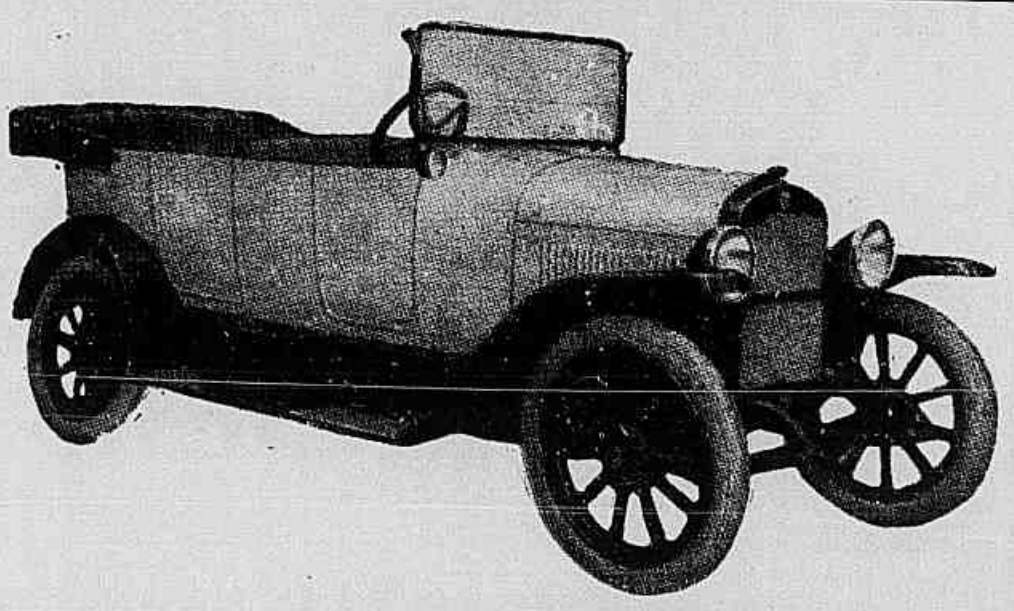
Modelos de

4	cilyndros	20 HP
4	"	35 HP
8	"	35 HP

CARROSSERIES ULTIMAS CREAÇÕES

"LANCIA"

A SOLIDEZ, a perfeição do seu acabamento, e a regularidade do seu funccionamento, justificam a preferencia que lhe é dispensada.



Automoveis
Motocycles
Bicyclettes

BIANCHI

Durabilidade
Conforto
Economia

Fabricade Parafuso

Officinas mecanicas apparelhadas para a fabricação de qualquer peça para automoveis e autos caminhões e engrenagens de qualquer especie e feitio

Esposiçao: Aven. Mem de Sá, 77 - Depos.: Rua Evaristo da Veiga. 63

ENDEREÇO TELEGRAPHICO "COLOMBERINI,,



Os melhores e
os mais baratos

MOBILIARIOS,
TAPEÇARIAS E
DECORAÇÕES
SÃO OS DA

ASA MUNES

65 - Rua da Carioca - 67 ——— RIO

VIA
Colon

ALL AMERICA CABLES

VIA
All America

All America Cables Incorporated

DIRECT SUBMARINE CABLES COMMUNICATION WITH ALL PARTS OF THE WORLD.

RIO DE JANEIRO: Corner Rodrigo Silva and Sete de Setembro
SANTOS: Rua 15 de Novembro 175
BUENOS AIRES: Calle S. Martin 95
MONTEVIDEO: Calles Zaballa y 5 de Mayo

Mark your cablegrams VIA COLON and file the offices of the company or at any office of the National Telegraphs in other Cities.

Routing Directions Transmitted Free



CASA BEVILACQUA

PRIMEIRA CASA EDITORA DO BRAZIL
FUNDADA EM 1846

PIANOS, MUSICA E INSTRUMENTOS
≡ Pianos Allemães ≡

MUSICAS DE TODAS AS EDIÇÕES
= NACIONAES E EXTRANGEIRAS

Novidades musicaes semanalmente

E. Bevilacqua & Cia.

Rua Direita, 17 :-: São Paulo
Casa matriz no Rio de Janeiro

Material Electrico

SIEMENS

para installações de Força e Luz

SECÇÃO ESPECIAL PARA ELECTRO-THERAPEUTICA

Telegraphia e Telephonia

Radio-Telegraphia Systema TELEFUNKEN

Companhia Brasileira de Electricidade

Siemens - Schuckertwerke

Rio de Janeiro

29, Rua Buenos Ayres, 29

Caixa, 630 - Telephone 5347 e 5348

Filiaes: São Paulo, Porto-Alegre, Bello Orizonte, Bahia e Pernambuco. :: :: :: :: ::

THE ATLANTIC REFINING = COMPANY OF BRAZIL =

AGENCIAS EM TODO O BRAZIL

AVENIDA RIO BRANCO 9

= Petroleo e seus productos =

Nova Gasolina Atlantic

Especialmente destinada ao clima do Brazil ::

A mais economica, melhor acondicionada. Trabalho uniforme dos motores, sahida facil, cylindros limpos.

Experimentem esta nova marca

Entregas rapidas em qualquer parte da cidade



UM PHARMACEUTICO ATAREFADO

— Tiiirriiin!

— Numero, faz favor.

— Central 7777.

— Está occupado.

— Mas, senhorita, é a quarta vez que peço ligação!...

— Está occupado...

— Não é possivel que um pharmaceutico leve o santo dia preso ao telephonio...

— Entretanto só a Senhora já quiz falar com elle 4 vezes...

— E que lhe importa isso?!...

— A mim, nada...

— Allô Olhe!... Não corte...

— Que deseja?

— Não poderia encarregar-se de um recado para esse pharmaceutico, assim que o deixarem livre essas sanguesugas que o prendem ao apparelho?

— Talvez... embora já imagine...

— E que é que você pensa?

— Que será a senhora uma dessas... sanguesugas...

— O que é que diz?!...

— ...como as outras que teem deixado recado para esse requestado pharmaceutico...

— Ouça. Aqui não ha maldade, ouviu?

— Perfeitamente... Mas não posso continuar falando que é prohibido...

— Não com o seu... reserva naval?

— Senhorita... Senhora... eu não tenho.

— Bom. Foi para rir. Ouça. Parece que é impossivel falar-se com o pharmaceutico...

— Com os quatro sete, central...

— Isso mesmo.

— Ora, desde que elle encheu a vitrine com os vidrinhos das Pilulas de Reuter, foi como se expuzesse mel ás moscas... O telephone não dá vasão aos pedidos...

— Realmente?

— Certamente, porque essas Pilulas de Reuter são as mais efficazes que se podem tomar para conservar a saude e, segundo as moças formosas, as melhores para conservar a pelle fresca e sem espinhas.

— Isso mesmo já me disseram e era por isso...

— Sim.

— ...que eu queria telephonar... Mas faça-me o favor de pedir a esse pharmaceutico que me mande, hoje, sem falta, meia duzia de vidrinhos, á rua...

— Pois não. Não é preciso dizer que eu conheço o endereço.

— Então, muito agradecida. Não vá esquecer, hein?!...

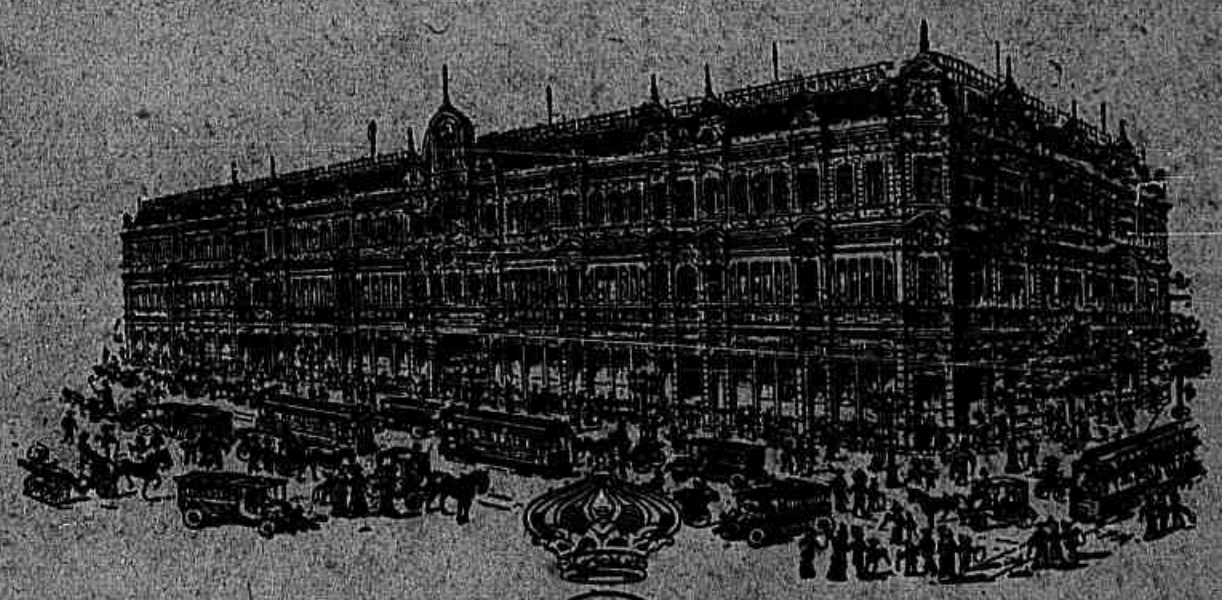
— Sim, senhora.

— Obrigada.

— Tiiirrriiiin!...

As pessôas que actualmente affluem ao Rio de Janeiro, muitas d'ellas com uma longa lista de compras a effectuar, não as deveriam realizar sem visitar o **PARC ROYAL**, a grande casa brasileira que ha meio seculo se vem especialisando na arte de vestir o publico com Elegancia e Economia.

Ahi encontrarão os Snrs. Compradores os maiores sortimentos de artigos de todo o genero, e poderão negociar abrigados pelas mais solidas garantias, e com todas as conveniencias que lhes podem ser offerecidas---principaes entre estas a de encontrarem num só estabelecimento tudo de que precisam, e de obterem todas as facilidades que a casa lhes fornece, para a remessa do que comprarem a qualquer ponto que desejem.



Parc Royal

A Maior e a Melhor Casa do Brasil